

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

ANDRÉ FELIPE CÂNDIDO DA SILVA

**A TRAJETÓRIA CIENTÍFICA DE HENRIQUE DA ROCHA LIMA E AS
RELAÇÕES BRASIL-ALEMANHA (1901-1956)**

Rio de Janeiro
2011

ANDRÉ FELIPE CÂNDIDO DA SILVA

**A TRAJETÓRIA CIENTÍFICA DE HENRIQUE DA ROCHA LIMA E AS
RELAÇÕES BRASIL-ALEMANHA (1901-1956)**

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Larry Benchimol
Coorientadora: Profa. Dra. Magali Romero Sá

Rio de Janeiro
2011

S586t Silva, André Felipe Cândido da.

A trajetória de Henrique da Rocha Lima e as relações Brasil-Alemanha (1901-1956) / André Felipe Cândido da Silva. – Rio de Janeiro : s.n., 2011.

839 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2011.

1. História da medicina 2. Medicina Tropical 3. Cooperação internacional. 4. Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo. 5. Lima, Henrique da Rocha, 1879-1956. 6. Brasil. 7. Alemanha.

CDD 610.9

ANDRÉ FELIPE CÂNDIDO DA SILVA

**A TRAJETÓRIA CIENTÍFICA DE HENRIQUE DA ROCHA LIMA E AS
RELAÇÕES BRASIL-ALEMANHA (1901-1956)**

Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jaime Larry Benchimol (PPGHCS / COC / Fiocruz) - Orientador

Profa. Dra. Magali Romero Sá (PPGHCS / COC / Fiocruz) – Coorientadora

Prof. Dr. Silvio Marcus de Souza Correa (UFSC)

Prof. Dr. Marcos Cueto (Universidad Peruana Cayetano Heredia/Instituto de Estudios Peruanos / Fiocruz)

Prof. Dr. Gilberto Hochman (PPGHCS / COC / Fiocruz)

Profa. Dra. Simone Petraglia Kropf (PPGHCS / COC / Fiocruz)

SUPLENTES:

Prof. Dr. Flávio Coelho Edler (PPGHCS / COC / Fiocruz)

Prof. Dr. Hugo Rogélio Suppo (UERJ)

Rio de Janeiro

2011

Dedicatória

A minha mãe, com todo o amor que houver nessa vida

AGRADECIMENTOS

Mesmo na solidão da escrivania, sentimo-nos acompanhados daqueles que nos incentivam, apóiam e cobram e a tese é resultado de um itinerário no qual se pode contar em grande medida com o auxílio direto ou indireto daqueles com quem convivemos nesse período. Pelo compartilhamento das alegrias e tristezas, angústias e expectativas, sou grato a todos aqueles com quem convivi nesses anos: familiares, amigos, colegas, professores, funcionários. Muitos passaram, nem todos ficaram, mas a todos eu devo meu “muito obrigado” por terem, seja lá de que maneira, contribuído para que pudesse passar por esse ritual de passagem. Dessa forma, me redimo de antemão dos lapsos que sempre ocorrem na hora dos agradecimentos.

Agradeço a CAPES, cujo financiamento durante todos esses anos possibilitou a realização dessa tese e pelo custeio das passagens à Alemanha. Agradeço ao DAAD pela bolsa de doutorado-sanduíche, que tornou possível refazer o percurso de meu personagem, um século depois, e me beneficiar dos arquivos e bibliotecas alemães. Devo registrar meu agradecimento à Rebeca Mendonça, do escritório do DAAD no Rio, sempre solícita e prestativa nas informações e recomendações. Agradeço de modo especial a Maria Salgado, do DAAD em Bonn, que presta, a nós, bolsistas brasileiros, toda sorte de auxílio, de forma gentil e amável, amenizando muito a insegurança da “aventura” de estudar na Alemanha.

Agradeço ao meu orientador, Jaime Benchimol, que me acompanha desde o tempo do mestrado, pela confiança e estímulo, pela amizade, pelos ensinamentos e pela inspiração como modelo de competência e seriedade no trabalho intelectual. Agradeço acima de tudo pelo respeito e apoio na minha escolha e desenvolvimento do tema de pesquisa. Quando lhe sugeri apresentar como projeto de doutorado um estudo da trajetória de Rocha Lima, impôs como condição que eu aprendesse o idioma alemão. Engoli a seco, titubeei (titubearia outras vezes), mas resolvi aceitar o desafio, no qual ele sempre se mostrou confiante. E foi dessa maneira que pude, pelo menos, incorporar um idioma, por mais que ainda tenha muito que aprender dele. Agradeço também pelo apoio na forma do projeto que garantiu a tradução de volume significativo de fontes, quando elas ainda representavam para mim apenas um

amontoado de consoantes arranjadas em períodos nos quais eu jurava que o autor havia esquecido a pontuação. Agradeço ainda pelo estímulo e apoio para o doutorado-sanduíche, que certamente foi a experiência mais radical e valiosa que pude adquirir até agora em minha trajetória acadêmica.

A Magali Romero Sá, que veio a se tornar minha co-orientadora, a cuja energia e entusiasmo não é possível ficar indiferente, agradeço também pelo apoio e confiança irrestritos, a empolgação pelos alemães, o companheirismo, o estímulo constante, a amizade, a alegria da convivência. Agradeço por ter me apresentado um horizonte novo de problemáticas de estudo, que veio a se tornar o meu próprio horizonte, e que baliza minhas expectativas de projetos futuros. Também devo agradecer-lá pelo incentivo e apoio para o doutorado-sanduíche, a atenção e carinho com que acompanhou e auxiliou todos os passos, tornando essa etapa bem menos difícil do que seria sem sua contribuição.

A Stefan Wulf, que supervisionou meu trabalho na Alemanha, agradeço por ter tornado viável o estágio de doutorado sanduíche naquele país, pelo auxílio sempre prestado com disposição, paciência e boa-vontade. Sua ajuda foi crucial para me encorajar a ir em frente. Agradeço pelo carinho e atenção com que também contribuiu para meu aprendizado do alemão, pela paciência e generosidade com que leu meus e-mails, ouviu minhas conversas no meu idioma sofrível e corrigiu meus textos. Também agradeço pelos bons momentos em Berlim, agradecimentos que se estendem à sua esposa, Ulrike. Agradeço ao professor Dr. Ulrich Mücke, por ter aceitado orientar a pesquisa, passo fundamental para que a proposta fosse encaminhada e aceita pelo DAAD. Sou muito grato pela maneira amável com que me recebeu em seu seminário, pelas discussões e excelentes comentários que fez ao projeto, os quais me levaram a rever caminhos e problematizar questões. Também agradeço ao professor Dr. Stefan Rinke, que também me recebeu de forma bastante simpática em seu seminário de América Latina, em Berlim. A Sören Brinkmann por ter viabilizado nosso contato e pelos poucos, mas marcantes momentos compartilhados, pelos quais também agradeço a Oksana.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, ao qual me incorporei como estudante de mestrado e que desde então figurou como habitat perfeito para minha formação anfíbia de “biólogo-historiador”, permitindo-me redescobrir a microbiologia nos velhos alfarrábios, e a história, nos germes, pragas e doenças. Agradeço não apenas à coordenação de Simone e Magali, e à anterior, de Maria Rachel e Lorelai Kury, mas também a Maria Cláudia e Paulo, pela atenção solícita no

atendimento de nossas demandas em todos esses anos. Aproveitando que estamos ali pelos corredores da Casa, registro meus mais sinceros agradecimentos a todos os professores do Programa, que desde o mestrado venho tendo aulas, discutindo textos e mantendo contato. Gostaria de agradecer em especial ao Flávio, Lorelai, Robert, Nara, Luiz Otávio, Ângela e Luiz Antônio. Ao Gilberto e Simone por também se disporem a estar na banca; a Gilberto pelas críticas e sugestões na banca de qualificação, pelo interesse que me despertou pela história da saúde pública, o primeiro curso que me fez sentir que estava no lugar certo, pela carta de recomendação para o doutorado sanduíche, pelos debates e apoio ao longo desses anos, à Simone, pela inspiração acadêmica, também pelos debates “eletrizantes” e ricos, pelo apoio, pela convivência alegre e bem-disposta. Agradeço a Nísia e Dominichi pelas discussões nas disciplinas, principalmente naquelas em que pudemos por um ano debater nossos projetos, rever nossas hipóteses e caminhos de pesquisa, privilegiados pela experiência de duas pesquisadoras “de calibre”. A Dominichi agradeço não apenas pela professora que nos hipnotiza com a empolgação, verve e domínio nos debates da historiografia, mas pela amiga leal, companheira, meiga, sincera e íntegra. Os anos de desenvolvimento desse trabalho foram também os de consolidação dessa amizade, que posso dizer ser das maiores que eu tenho, e que é uma dádiva e um privilégio, porque discutir “ciência internacional” num carrinho de cachorro-quente em Botafogo, depois do cinema, é coisa que só se faz por carinho e amizade. À amiga, que me ensinou que bambu enverga, mas não quebra, e foi envergando pra lá e pra cá, ao ritmo das ventanias, que foi possível concluir essa tese. Agradeço também ao Ricardo, pelo apoio, carinho e pela recepção amável em sua casa.

Agradeço aos professores Dr. Marcos Cueto e Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa, por aceitarem participar da banca. Meus agradecimentos ao professor Dr. René Ernaini Gertz, pela participação na banca de qualificação e pelos comentários e sugestões.

Agradeço aos meus professores da graduação, na UERJ e na UFRJ, que me apresentaram os caminhos da história e da ciência dos “infinitamente pequenos”. Agradeço minha orientadora de iniciação científica da UFRJ, Profa. Eliana Barreto Bergter pelo estímulo. Agradeço ao grande professor Manoel Salgado, em homenagem póstuma, pela inspiração de amor pela docência, pelas aulas espetaculares no sentido exato do termo, pelo interesse pelas coisas da Alemanha, que ele também contribuiu para despertar, e pelo apoio para o doutorado-sanduíche. Ao professor Dr. André Campos, que já durante a graduação me apresentou o campo da história da saúde pública. À professora Dra. Márcia Gonçalves, agradeço pela disciplina sobre biografias e escrita da história, ao professor Dr. Hugo Suppo,

através do qual pude ter um panorama do complexo campo das relações internacionais e por ter me possibilitado o acesso à obra clássica de Brigitte Schroeder-Güdehus, sobre as relações científicas internacionais. Também manifesto minha gratidão por ter aceitado ser membro suplente da banca. Agradeço ainda ao Prof. Dr. José Augusto Pádua por ter me apresentado o instigante domínio da história ambiental. Ainda que o presente trabalho não esteja inserido nesse ramo da historiografia, pude tomar contato com discussões que ampliaram consideravelmente minha visão.

Aos professores do Goethe-Institut do Rio, que com competência, didática e dedicação fizeram da “missão” de aprender o alemão uma tarefa bem menos árdua. Osvaldo, Daniele, Susana, Helenice, Ebal, Aldo e Gil, muito obrigado! Com a ajuda deles, pude descortinar um mundo novo, de palavras grandes e lógicas diferentes.

A todos os funcionários de arquivos e bibliotecas percorridos nesses anos, agradeço pelo atendimento e pela solicitude dispensada por grande parte, viabilizando dessa forma o acesso a fontes e bibliografia que subsidiaram o trabalho. Registro aqui a enorme gratidão que devo a Márcia Maria Rebouças, diretora e idealizadora do Centro de Memória do Instituto Biológico de São Paulo, que me franqueou o acesso irrestrito ao acervo documental de Rocha Lima desde quando era apenas um acúmulo desordenado de papéis, concedendo-me toda sorte de facilidades. Sem sua disponibilidade, apoio e confiança esse trabalho não teria sido possível. Agradeço ainda pela amizade, carinho e apoio irrestritos, pelo exemplo de garra e determinação. Meus agradecimentos estendem-se ao Instituto Biológico de São Paulo como instituição, a casa na qual Rocha Lima desenvolveu grande parte da sua trajetória e deixou seu legado na forma de seu arquivo pessoal, mas também na constituição do patrimônio científico que entre triunfos e percalços mantém-se até hoje. Agradeço ao seu diretor, Antonio Batista Filho, pelo reconhecimento da importância de se preservar a memória institucional e os vestígios da atividade científica do passado, reconhecimento traduzido no apoio e iniciativas que redundaram na criação do Centro de Memória. Agradeço a Nayte, Silvana, Simone, Eli e todos os demais funcionários com quem estabeleci contato durante as incursões ao arquivo. Manifesto minha gratidão pela maneira amável com que sempre me receberam, fazendo com que me sentisse “em casa”.

Agradeço aos funcionários da biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz. A Wanda pelo carinho, solicitude e convivência desde os tempos do mestrado, pela maneira prestativa com que sempre atendeu meus pedidos e ao incentivo. Agradeço aos funcionários do arquivo da

Casa de Oswaldo Cruz, principalmente Jean e Rose, da sala de consulta, pelo bom atendimento que me dispensaram durante minhas pesquisas. Pela mesma razão agradeço a Rose, do Arquivo Histórico do Itamaraty, que com toda boa-vontade movimentou-se para viabilizar minhas pesquisas antes da viagem à Alemanha. Aos funcionários da biblioteca da Academia Nacional de Medicina, também agradeço pela solicitude e boa-vontade.

A Martina-Christine Koschwitz e Irene Michael, da biblioteca e arquivo do Instituto Bernhard Nocht de Medicina Tropical, “casa” de Rocha Lima em Hamburgo, agradeço pelo modo gentil, amável e prestativo com que me receberam, apresentando-me o arquivo e franqueando o acesso à coleção de separatas científicas acomodadas no insalubre sótão do Instituto. Agradeço ainda a Rolf Horstmann, diretor do *Tropeninstitut*, pelo apoio à pesquisa na forma de recomendação ao DAAD. Agradeço ao Professor Justus Schottelius, pela calorosa recepção, conversas, interesse pela pesquisa e pela maneira amável com que me recebeu em sua residência, pelo qual também agradeço à sua esposa, Heidi.

Aos funcionários da *Staatsbibliothek Hamburg*, *Staatsbibliothek Berlin*, *Staatsarchiv Hamburg*, *Geheimes Staatsarchiv*, *Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes* e *Bundesarchiv*, os três últimos em Berlim, agradeço pelo atendimento, pela paciência e gentileza com que muitos se dispuseram a explicar o sistema de consultas e entender minhas solicitações no meu alemão “meia-boca”.

Nós, historiadores, gostamos de dizer que as fontes não falam. Pois grande parte das utilizadas neste trabalho, não só falaram, como o fizeram pela voz firme e doce que por vinte anos anunciou os destinos e procedimentos de segurança nos vôos da Varig. Ter uma tradutora como Miriam Junghans não é apenas ter um trabalho de altíssimo nível: é também aprender muito! Ter uma amiga como Miriam, é contar com convivência de alto astral, energia, carinho, generosidade, companheirismo e inteligência. A ela agradeço não só por tudo isso, como também pelas contribuições para o aprendizado do alemão, pela correção das “lições de casa”, pelas incontáveis mãozinhas até o último momento da confecção desse trabalho e pelo grande apoio em todos esses anos. As tardes que passamos traduzindo muitas das cartas que utilizei nesse trabalho certamente estiveram entre os momentos mais agradáveis do desenvolvimento da tese.

Agradeço a todos os colegas do Programa de Pós-Graduação da Casa de Oswaldo Cruz com que venho estabelecendo contato desde o mestrado. Ao grande amigo desde aqueles

verdes anos, Vanderlei, agradeço pelo companheirismo, pela convivência próxima do período no Rio, pelo estímulo, confiança, pelo exemplo de dedicação e integridade e pelas incontáveis ajudas de toda ordem. Compartilhamos durante esse tempo nossas angústias, expectativas, tensões, alegrias e infortúnios. Agradeço ainda a Letícia, Érico, Jaqueline, Juliana Juju, Márcio e Maria Letícia, pela convivência e amizade, pelo apoio e incentivo. A Letícia e Érico e também a Vanderlei agradeço ainda pela disposição sempre prestativa com que me ajudaram, remetendo material para a tese, quando eu a preparava, isolado nos contrafortes da Mantiqueira. Agradeço a Josi e Fernanda pelos bons tempos de convivência em Santa Tereza, Lapa e arredores. Ao amigo Mário, que desde o curso intensivo de alemão tornou-se companhia constante nessa jornada, agradeço pelo auxílio prestimoso, amizade, apoio, pelos bons tempos de Berlim, pelas informações e dicas práticas que sempre me transmitiu, evitando que os trâmites do doutorado-sanduíche e a viagem a Alemanha se tornassem ainda mais complicados. A Fabi também agradeço pelos momentos compartilhados no curso de alemão e pelo estímulo sempre alegre. Agradeço a Maria Regina e ao Rodrigo pela convivência, apoio, companheirismo e estímulo. A Méri Frotscher, agradeço pelo período curto, mas bastante agradável que convivemos em Berlim e pelo apoio e debates. A Rita de Cássia Marques, agradeço por ter disponibilizado as cartas de Hugo Werneck e Rocha Lima, fundamentais para a confecção deste trabalho.

Agradeço ao Edson e Zeca, bons amigos com quem convivi durante parte significativa do doutorado, pelos bons momentos, pelo convívio, amizade e apoio. A Alexandre e Marcelo agradeço também pelos bons momentos, pelas saídas, praias, jogadas de baralho, acolhidas e pelo carinho que sempre demonstraram nesses anos. Agradeço ao Marcos, companhia constante nessa reta final do trabalho, pela amizade, companhia e apoio. Ao Pedro e a Liane, agradeço pela amizade de longa data. A Kêmily e Helena, cuja proximidade pudemos retomar um pouquinho no período de confecção desse trabalho, agradeço pelo apoio e carinho. A querida Rita, que me deu tanta força no momento da escrita .

A toda a minha família, agradeço pelo apoio, respeito e incentivo que tive todos esses anos em minhas escolhas, nem sempre muito ortodoxas, pelo amor, pela compreensão, principalmente nesse último período, em que lidaram com minha ansiedade, ausência e tudo o mais que acompanha a redação de uma tese. A Alexandre, Regina, Lupe, José Renato, Maria Isabel e Maristela, muito obrigado. Agradeço à Carla e Pedro que, além do apoio, carinho e compreensão, me receberam em quase todas as minhas idas a São Paulo de forma sempre amável e atenciosa e me incentivaram bastante por ocasião da viagem à Alemanha. A minha

mãe, que sempre me estimulou e também respeitou minhas escolhas, fazendo de tudo para que elas se tornassem viáveis, não questionando, nem impondo barreiras, mas aceitando-as mesmo quando envolveram o sofrimento da distância. Seu amor, apoio, tolerância e carinho irrestritos, principalmente na última fase de preparação do trabalho, foram cruciais para que eu pudesse levá-lo a termo, senão o próprio combustível de todos esses anos. Enfim, a todos, muito obrigado!

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------|-----------|
| INTRODUÇÃO | 22 |
|-------------------------|-----------|

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1- HENRIQUE DA ROCHA LIMA, O INSTITUTO DE MANGUINHOS E AS RELAÇÕES TEUTO-BRASILEIRAS..... | 53 |
|---|-----------|

| | |
|--|-----|
| 1.1.A formação de Rocha Lima..... | 54 |
| 1.2. Rocha Lima em Berlim (1901-1903)..... | 66 |
| 1.3. Rocha Lima, Manguinhos, e a reforma urbana e sanitária do Rio de Janeiro..... | 81 |
| 1.4. A expedição de Otto e Neumann e o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo: as relações germano-brasileiras no quadro da medicina tropical..... | 88 |
| 1.5. Rocha Lima, Manguinhos e o carbúnculo sintomático..... | 96 |
| 1.6. A segunda viagem de Rocha Lima à Alemanha (1906-7)..... | 102 |
| 1.7. Rocha Lima e a Exposição de Higiene em Berlim..... | 119 |
| 1.8. A ciência alemã em Manguinhos: Prowazek, Giemsa, Hartmann e Dürck no Instituto Oswaldo Cruz..... | 133 |
| 1.9. Rocha Lima, a ruptura com Oswaldo Cruz e o “sultanato” de Manguinhos..... | 141 |
| 1.10. Rocha Lima como intermediário das relações médicas Brasil-Alemanha antes da Primeira Guerra..... | 158 |
| 1.11.Rocha Lima como propagandista da Alemanha em guerra..... | 163 |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 2 - ROCHA LIMA NO INSTITUTO DE DOENÇAS MARÍTIMAS E TROPICAIS DE HAMBURGO (1909-1914)..... | 173 |
|---|------------|

| | |
|--|-----|
| 2.1. As primeiras atividades..... | 174 |
| 2. 2. Rocha Lima e a anatomia patológica da febre amarela..... | 177 |

| | |
|---|-----|
| 2.3. Rocha Lima e os estudos sobre a doença de Chagas no <i>Tropeninstitut</i> | 228 |
| 2.4. Rocha Lima, a histoplasmose e a linfantige epizoótica..... | 242 |
| 2.5. Rocha Lima e a Verruga Peruana/ Doença de Carrión no <i>Tropeninstitut</i> | 246 |
| 2.6. Rocha Lima e os clamidozoários..... | 266 |
| 2.7. Rocha Lima e os estudos sobre malária..... | 273 |

CAPÍTULO 3 – A MEDICINA NO FRONT: ROCHA LIMA, O TIFO EXANTEMÁTICO E AS RIQUÉTSIAS.....280

| | |
|--|-----|
| 3.1. O tifo exantemático como problema científico: a busca pelo agente etiológico. | 282 |
| 3.2. As pesquisas de Charles Nicolle e do “grupo de Túnis”..... | 286 |
| 3.3. O tabardillo ou tifo exantemático mexicano e as pesquisas de Ricketts e Wilder..... | 291 |
| 3.4. As Guerras Balcânicas e as pesquisas de Prowazek e Hegler na Sérvia (1912-14) | 302 |
| 3.5. O <i>Tropeninstitut</i> e a medicina alemã no front | 310 |
| 3.6. O tifo na Primeira Guerra Mundial e a atuação de Rocha Lima e Prowazek em Cottbus (1914-5) | 314 |
| 3.7. Rocha Lima, Hilda Sikora e as investigações com piolhos em Hamburgo: o “achado fundamental” | 321 |
| 3.8. Delimitando terreno numa batalha renhida | 325 |
| 3.9. A “gaiola de Sikora” e a infecção experimental de piolhos..... | 327 |
| 3.10. O Congresso de Patologia de Guerra em Berlim (1916)..... | 330 |
| 3.11. Rocha Lima, o Congresso de Varsóvia, a <i>Rickettsia prowazeki</i> e a controvérsia com Hans Töpfer..... | 333 |
| 3.12. As trincheiras de Rocha Lima em defesa da <i>Rickettsia prowazeki</i> | 342 |
| 3.13. Nova doença e novas controvérsias: a febre das trincheiras e a <i>Rickettsia pediculi-quintana</i> | 350 |
| 3.14. Rocha Lima, os experimentos de imunização e a tentativa de produção de vacina e soro contra o tifo..... | 359 |
| 3.15. A <i>Rickettsia prowazeki</i> entre críticos e apoiadores..... | 365 |

| | |
|---|-----|
| 3.16 - A Comissão norte-americana à Polônia, Simeon Wolbach e a <i>Rickettsia prowazeki</i> | 376 |
| 3.17 - A consolidação da <i>Rickettsia prowazeki</i> como agente etiológico do tifo..... | 380 |
| 3.18 - Rocha Lima e o tifo exantemático de São Paulo (1929)..... | 384 |
| 3.19 - As riquetsias como categorias de microrganismos..... | 391 |
| 3.20 - Rocha Lima, o tifo e as riquetsias – memória e história..... | 397 |

CAPÍTULO 4 – O “CIENTISTA-DIPLOMATA”: ROCHA LIMA E AS RELAÇÕES CIENTÍFICAS NO PÓS-PRIMEIRA GUERRA (1919-1927).....405

| | |
|---|-----|
| 4.1 “A aniquilação dos vencidos”: o Tratado de Versalhes, o <i>Tropeninstitut</i> e a <i>Kulturpolitik</i> em Hamburgo..... | 406 |
| 4.2. A <i>Revista Médica de Hamburgo</i> : Por entre as páginas da <i>Kulturpolitik</i> na América Latina..... | 415 |
| 4.3. A viagem de Rocha Lima ao Brasil em 1920..... | 418 |
| 4.4. Rocha Lima, as relações teuto-brasileiras e a propaganda francesa em 1920..... | 423 |
| 4.5. Rocha Lima e a <i>Kulturpolitik</i> : a visita de Fedor Krause ao Brasil (1920)..... | 431 |
| 4.6 A viagem de Rocha Lima ao Brasil em 1922: o Instituto Brasileiro de Microbiologia..... | 437 |
| 4.7. A ciência alemã no Brasil do Centenário: Rocha Lima, Fritz Munk e a <i>Kulturpolitik</i> (1922)..... | 440 |
| 4.8. Rocha Lima e os estudos em dermatologia..... | 451 |
| 4.9. Rocha Lima entre crises e acomodações..... | 456 |
| 4.10. Rocha Lima e a Exposição Missionária em Roma (1925)..... | 460 |
| 4.11. A visita de Rocha Lima ao professor Gennaro Mondaini (1925)..... | 465 |
| 4.12. Os 25 anos do <i>Tropeninstitut</i> e o Primeiro Congresso Internacional de Malária (1925)..... | 468 |
| 4.13. A viagem de Carlos Chagas à Alemanha (1925)..... | 471 |
| 4.14. A visita de Miguel Couto à Alemanha (1925-6)..... | 477 |
| 4.15. A viagem de Rocha Lima ao Brasil (1926)..... | 484 |
| 4.16. Rocha Lima, a crise diplomática de março de 1926 e a propaganda cultural na imprensa..... | 489 |

| | |
|---|-----|
| 4.17. As atividades de Rocha Lima no Instituto Oswaldo Cruz em 1926..... | 500 |
| 4.18. Rocha Lima e a recepção da expedição Meteor (1926)..... | 506 |
| 4.19. Rocha Lima e os novos “pontos de apoio” da <i>Kulturpolitik</i> : a Fundação Juliano Moreira e o Instituto Brasileiro de Ciências..... | 509 |
| 4.20. O relatório da viagem ao Brasil ou como fazer propaganda cultural..... | 516 |
| 4.21. Rocha Lima, as relações teuto-brasileiras e a “missão Jakob”..... | 531 |

CAPÍTULO 5 – UM CIENTISTA GERMÂNICO EM SOLO BANDEIRANTE: ROCHA LIMA, O INSTITUTO BIOLÓGICO E AS RELAÇÕES TEUTO-BRASILEIRAS (1927-1937).....

| | |
|--|-----|
| 5.1. Rocha Lima, a decisão de ficar no Brasil e a criação do Instituto Biológico..... | 542 |
| 5.2. Rocha Lima e as primeiras atividades em São Paulo..... | 556 |
| 5.3. Um substituto para Rocha Lima?..... | 563 |
| 5.4. A <i>Kulturpolitik</i> em novas bases institucionais: Rocha Lima, a <i>Revista Médica Germano-Ibero-Americana</i> e o intercâmbio Brasil-Alemanha..... | 568 |
| 5.5. Rocha Lima e o Centenário da Academia Nacional de Medicina..... | 576 |
| 5.6. Rocha Lima e a participação de Nocht no Centro Internacional de Leprologia..... | 582 |
| 5.7. Iniciativas malogradas e bem-sucedidas: a vinda de Martin Mayer ao Brasil e o Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura (1929-1931)..... | 586 |
| 5.8. Crise pessoal, institucional e social: Rocha Lima num período de turbulências (1929-1932)..... | 597 |
| 5.9. Entre as pragas agrícolas e as pragas da burocracia: Rocha Lima na direção do Instituto Biológico (1933-1937)..... | 615 |
| 5.10. Crises aqui, crise acolá: a Alemanha em contexto de turbulências..... | 624 |
| 5.11. Rocha Lima e a Alemanha nazista..... | 631 |
| 5.12. Rocha Lima e o intercâmbio Brasil-Alemanha em tempos de regimes autoritários..... | 650 |
| 5.13. Rocha Lima, o intercâmbio teuto-brasileiro e a institucionalização do ensino superior em São Paulo..... | 660 |
| 5.14. Raça e anseios colonialistas no Terceiro Reich: Rocha Lima e a expedição Giemsa-Nauck ao Espírito Santo (1936)..... | 670 |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 6: SOB A SOMBRA DA ÁGUIA ALEMÃ: A ÚLTIMA FASE DA TRAJETÓRIA DE ROCHA LIMA..... | 680 |
| 6.1. A Academia Médica Germano-Ibero-Americana e a viagem de Rocha Lima à Alemanha em 1937-8..... | 681 |
| 6.2. Política internacional, relações teuto-brasileiras e a Segunda Guerra em “mangas de camisa”..... | 696 |
| 6.3. Rocha Lima e a Alemanha no pós-Guerra..... | 714 |
| 6.4. O <i>Tropeninstitut</i> em ruínas: Rocha Lima, Ernst Nauck e as relações Brasil-Alemanha após a Segunda Guerra..... | 728 |
| 6.5. A última viagem de Rocha Lima à Alemanha (1952)..... | 737 |
| 6.6. Rocha Lima, a medalha Nocht e a viagem de Nauck ao Brasil (1954)..... | 740 |
| 6.7. Rocha Lima no Instituto Biológico de São Paulo: a continuação de uma batalha..... | 747 |
| 6.8. A viagem de Rocha Lima aos Estados Unidos (1945)..... | 763 |
| 6.9. Rocha Lima e o recrudescimento das pragas e doenças no apagar das luzes de sua gestão no Instituto Biológico..... | 767 |
| 6.10. Rocha Lima, a política local e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência..... | 771 |
| 6.11. Rocha Lima o Instituto Pinheiros e as últimas iniciativas do “diplomata da ciência”..... | 779 |
| 6.12. “Exilado em sua própria terra”: a produção de uma memória..... | 786 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 792 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 801 |
| ANEXO-IMAGENS..... | 832 |

RESUMO

O presente trabalho aborda a trajetória de Henrique da Rocha Lima (1879-1956), médico brasileiro que ganhou projeção internacional ao desenvolver prolífica atividade científica no Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, entre 1909 e 1927. Rocha Lima fez parte da primeira geração de pesquisadores recrutados por Oswaldo Cruz para a formação de um instituto de medicina experimental em Manguinhos. No também chamado *Tropeninstitut*, ele pesquisou doenças como a febre amarela, na qual descreveu as lesões hepáticas empregadas no diagnóstico necroscópico, a doença de Chagas, histoplasmose, doença de Carrión, malária e blastomicoses. Mas foi no estudo do tifo exantemático, que grassou em severas epidemias durante a Primeira Guerra, que alcançou sua maior realização, descrevendo o agente causador da doença e identificando uma nova categoria de microrganismos, as riquetsias. Lastreado pelo prestígio obtido em ambos os lados do Atlântico e pela rede de contatos por ele tecida, Rocha Lima pôde atuar como um dos mais destacados promotores das relações científicas Brasil-Alemanha na primeira metade do século XX. Depois de retornar ao Brasil em 1928, dedicou-se à consolidação do recém-fundado Instituto Biológico de São Paulo no cenário científico, cuja direção ocupou de 1933 a 1949. O itinerário profissional de Rocha Lima lança luz sobre as densas relações nas quais fluíram idéias, pessoas e objetos, através da correspondência pública e privada, das publicações e congressos, da remessa de material biológico e do intercâmbio de estudantes e pesquisadores. Trajetórias e reputações de pessoas e instituições foram legitimadas através desse movimento, como mostra a carreira incomum de Rocha Lima, um sul-americano, que construiu sua identidade científica de forma bem-sucedida no Velho Mundo, seguindo na contramão do fluxo habitual daqueles anos.

Palavras-chave: Rocha Lima, relações Brasil-Alemanha, medicina tropical, Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, diplomacia cultural, tifo exantemático, riquetsias, Instituto Biológico

SUMMARY

This work addresses the trajectory of Henrique da Rocha Lima (1879-1956), a Brazilian doctor, who conquered international prominence by developing prolific scientific researches at the Institute of Maritime and Tropical Diseases in Hamburg between 1909 and 1927. Rocha Lima belonged to the first generation of researchers enlisted by Oswaldo Cruz for the formation of an institute for experimental medicine in Manguinhos. In so called *Hamburger Tropeninstitut*, Rocha Lima investigated many diseases like Yellow Fever, in which he described the liver's lesions employed in the autopsy diagnosis, Chaga's Disease, Histoplasmosis, Carrion's Disease, Malaria, and Blastomycosis. His greatest scientific contribution, however, was the discovery of the pathogen of the Typhus Fever, a disease that raged in severe epidemics during the First World War, and the identification of a new type of micro-organisms, the rickettsiae. Backed by the prestige, which he obtained on both sides of the Atlantic, and by the contacts' networks that he woven, Rocha Lima could act as one of the foremost promoters of the scientific relations Brazil-Germany in the first half of the twentieth century. After returning to Brazil in 1928, he was engaged in the consolidation of scientific research at the newly created Biological Institute of Sao Paulo, whose direction he occupied from 1933 to 1949. The scientific life of Rocha Lima shed light over the density of the relations above mentioned, through which circulated people, ideas and objects. Such exchange may be observed through public and private correspondence, scientific publications, conferences, and the exchange of biological material, students and researchers. Careers and reputations of persons and institutions in both sides of Atlantic were legitimated through this movement, as it is showed by the untypical Rocha Lima's scientific life, a scientist that, instead of going from Europe other USA to South America, as usual in that years, decided to take the inverse route.

Keywords: Rocha Lima, Brazil-Germany relations, tropical medicine, Institute for Tropical and Maritime Diseases, cultural diplomacy, Typhus Fever, rickettsiae, Biological Institute.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Doktorarbeit befasst sich mit der Laufbahn von brasilianischen Arzt Henrique da Rocha Lima (1879-1956), wer internationalen Ruf durch seine Wissenschaftstätigkeit zwischen 1909 und 1927 bei Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten in Hamburg errang. Rocha Lima gehörte zu der ersten Generation von jungen Ärzten, die Oswaldo Cruz anwarb, um sein Institut für Medizinsforschung in Manguinhos, Rio de Janeiro, zu etablieren. Bei Hamburger Tropeninstitut beschäftigte Rocha Lima mit Krankheiten wie Histoplasmosis, Carrión-Krankheit, Chagas-Krankheit, Malaria, Blastomykosen und Gelbfieber, wobei er die für nekroskopische Diagnose angestellte Leberläsionen beschrieb. Aber er wurde sich weltweit bekannt dank seiner Untersuchungen über Fleckfieber, dessen Erreger er während des Ersten Weltkrieges entdeckte. Durch diese richtungsweisende Forchung identifizierte er eine neue Kategorie von Mikroorganismen, die Rickettsien. Mit dem in den beiden Seiten von Atlantik geschaffenen Ansehen und sein umfangreiches Wissenschaftsnetz konnte Rocha Lima als einer der bedeutendsten Förderer der wissenschaftlichen Beziehungen Brasilien-Deutschland in der ersten Hälfte des 20.Jahrhunderts tätig sein. Nach seiner Rückkehr nach Brasilien 1928 widmete er sich der Bildung und Konsolidierung des neu gegründeten Biologischen Institutes in São Paulo, deren Leitung er von 1933 bis 1949 besetzte. Die Laufbahn von Rocha Lima beleuchtet die enge deutsch-brasilianischen Beziehungen, in denen Ideen, Personen und Objekten flossen. Diese Anknüpfung geschah durch öffentliche und private Korrespondenz, wissenschaftlichen Veröffentlichungen und Kongresse, Übersendung von biologischen Materialien und Austausch von Studenten und Forschern. Auf beiden Seiten des Atlantiks legitimierte diese Bewegung die Karrieren von Wissenschaftlern und Institutionen, wie die ungewöhnliche Laufbahn von Rocha Lima, ein Südamerikaner, der erfolgreich professionell in Europa sich etablierte.

Schlüsselwörter: Rocha Lima, Deutsch-Brasilien Beziehungen, Tropenmedizin, Hamburger Tropeninstitut, Fleckfieber, Rickettsien, Biologischen Institute von São Paulo.

LISTA DE SIGLAS

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz.

CMIBSP – Centro de Memória do Instituto Biológico de São Paulo.

StA HH – Staatsarchiv Hamburg.

PAAA – Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes.

GstA – Geheimes Staatsarchiv Preußischer Kulturbesitz.

BArch – Bundesarchiv Berlin

INTRODUÇÃO

Na ex-capital da República Federal da Alemanha, reúnem-se numa tarde ensolarada do outono de 2010, cinquenta e dois doutorandos brasileiros, em geral, na faixa dos 23 aos 35 anos, entre os quais me incluo. Fomos contemplados com um estipêndio para realizarmos integral ou parcialmente nossas pesquisas de doutorado em universidades e institutos alemães. O benefício foi concedido pelo programa oferecido por convênio de duas agências brasileiras – CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas) – com uma alemã – o DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst* – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico). O objetivo do programa, de acordo com documento oficial, é “a formação de pesquisadores e docentes de alto nível e a consolidação da cooperação científica entre os dois países”.¹ O encontro ocorre no início de nossas temporadas de estudo. O mês de abril é quando se inicia o semestre de verão nas escolas superiores alemãs. Assistimos naquela tarde à palestra de uma brasileira que vive na Alemanha há 18 anos. De modo bastante performático, interativo e dinâmico, ela aborda, num alemão fluente, aquilo que chama de “competência intercultural” – o conhecimento e domínio dos códigos culturais do “outro”, os quais aponta como fundamentais para o êxito da estadia dos estudantes, que compõem sua audiência. A palestrante confronta o que seriam os comportamentos e parâmetros da cultura germânica com aqueles que caracterizariam nossa realidade “luso-brasileira”. A vivência em ambas formações sócio-culturais é que lhe autoriza a preconizar as estratégias necessárias para driblar possíveis “dissonâncias” que possam eventualmente surgir no diálogo transcultural. Ela descreve casos concretos de sua própria experiência, ou hipotéticos, mas calcados na realidade que já enfrentávamos ou enfrentaríamos com nossos orientadores, professores, colegas, vizinhos, funcionários, etc. A impessoalidade, reserva e formalismo são apresentados como ingredientes importantes dos códigos de conduta de nossa rotina acadêmica em solo germânico. Deveríamos observá-los –

¹ Programa Conjunto de Bolsas de Doutorado na República Federal da Alemanha 2010/2011 DAAD-CAPES-CNPq

prossigue a palestrante - a fim de evitarmos frustrações e mal-entendidos, que poderiam comprometer nossa vivência naquele país novo para mim, como também para grande parte de meus colegas.

Do quadro traçado pela palestrante, deduz-se que nosso êxito ou fracasso depende, em grande medida, da maneira com que lidaremos com essas barreiras culturais, entre as quais o idioma talvez represente a mais desafiadora. Mas não só. Elas se erguem por toda a parte. O esforço de compreender e ser compreendido no idioma local soma-se àquele de entender como funciona o transporte público, a maneira de separar corretamente o lixo, o sistema de matrículas na universidade e usos dos arquivos e bibliotecas, do sistema de saúde, todos são procedimentos que encerram uma lógica própria e muitas vezes impenetrável ao primeiro contato. A familiaridade adquirida no dia-a-dia é que garantirá uma adaptação bem-sucedida. Rudes, frios, pontuais, eficientes, formais, liberais, metódicos, trabalhadores, “ambientalmente corretos”, são alguns dos estereótipos que muitos de nós trazemos em nosso imaginário sobre os indivíduos daquela sociedade que agora nos acolhe, e que serão abandonados ou reforçados de acordo com nossas vivências, e a persistência ou facilidade com que faremos um ou outro. Enquanto a palestrante discorre sobre o “ser e estar como brasileiro na Alemanha”, lanço os olhos para a bela e fria tarde que ilumina o entorno do recinto e reflito sobre Henrique da Rocha Lima, o personagem que é o tema do estudo que me leva a refazer, pouco mais de cem anos depois, o percurso que consagrou sua trajetória.

Com apenas 21 anos, recém-formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ele dirigiu-se em 1901 à Alemanha para completar seus estudos. Maravilhado com o que testemunhou em termos de atividade científica e cultura, retornou cinco anos depois e, mais uma vez, em 1909, quando então permaneceu por cerca de dezoito anos. Nesse período, destacou-se como pesquisador de uma renomada instituição de pesquisa biomédica, o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo (*Institut für Schiffs-und Tropenkrankheiten*). Integrou-se plenamente à comunidade acadêmica alemã e conquistou prestígio entre seus pares. A associação com o país reconhecido à época como uma liderança na pesquisa médica internacional, conferiu projeção à sua reputação profissional. Foi em busca de novos vestígios desse perfil intrigante de “homem de ciência” - atípico no Brasil daquele tempo - e de novos elementos que me permitissem compreender carreira tão complexa, que havia me candidatado à bolsa de doutorado-sanduíche do programa CNPq-CAPES-DAAD, em 2009. Seguindo as pegadas deste personagem, sujeito e objeto do conhecimento se entrecruzaram numa relação distanciada pelo tempo. Uma das partes se fez

presente apenas na forma de vestígios, fragmentos a partir dos quais a outra procurou reconstruir seu percurso na ambiência científica e cultural da primeira metade do século passado. O presente trabalho é o resultado desse esforço.

Mas a que tipo de inferências me levaram as divagações daquela tarde em Bonn? Diante do enorme desafio que parecia ser a tarefa de conhecer, compreender e lidar com contexto cultural tão diverso, não pude deixar de apreciar o talento de Rocha Lima, que certamente foi muito bem-sucedido naquele esforço há cerca de cem anos atrás. O fato de ele ter logrado conquistar reconhecimento numa comunidade acadêmica bem menos permeável à assimilação de estrangeiros do que a dos dias de hoje, tornou ainda mais intrigante a tarefa de compreender os elementos que garantiram aquele êxito. A envergadura de sua produção intelectual em microbiologia, patologia e medicina tropical, e a rede de relações por ele tecida, asseguraram sua plena inserção à comunidade médico-científica alemã, posição quase única na história de vida de cientistas brasileiros daquele tempo, e a partir da qual ele pôde contribuir decisivamente para a aproximação intelectual entre os dois países. É no âmbito deste mesmo esforço de aproximação, que dei prosseguimento aos meus estudos, aproximadamente cem anos depois de Rocha Lima ter se dedicado a incentivar tais relações.

O distanciamento temporal acena para sentidos bastante diferenciados, não só da cooperação científica entre os dois países, mas da própria experiência do confronto cultural como brasileiro na Alemanha. Ele compromete as tentativas de comparação, menos pela extensão dessa distância – aproximadamente um século –, mas por se referir a um período específico: o “breve século XX”, marcado por rupturas e traumas no cenário da civilização ocidental, cujas causas e efeitos manifestaram-se diretamente na tessitura da sociedade alemã. Conforme aponta Norbert Elias (1997), nenhum “habitus” nacional foi tão descontínuo. Se no tempo em que Rocha Lima aterrissou em solo germânico, o “habitus” alemão foi marcado pelas ambições de grandeza de um império de formação tardia, o da nossa contemporaneidade configurou-se a partir dos traumas do passado nazista e da divisão do país, apenas recentemente revogada.

Certamente os “estranhamentos” de cem anos depois não foram menores. A descrição irônica dos hábitos germânicos feita por Rocha Lima ao amigo Hugo Werneck, quando chega em Berlim em 1901, soou com alguma familiaridade. E os percalços que ele enfrentou com o idioma germânico trouxeram tremendo alívio. Se a identidade alemã refletia naquele tempo o ambiente militarista da sociedade guilhermina, e a bandeira negra, branca e vermelha, os

valores hegemônicos da aristocracia prussiana, bem menos evidentes são os significados da mesma cem anos depois. Na Alemanha pós-reunificada, pude perceber que a questão do significado de ser alemão está longe de suscitar respostas consoantes. Pelo contrário, desperta muitas controvérsias de forte repercussão política, num país em que se sentem com muita força os desafios da integração da população estrangeira e do afastamento da ameaça da extrema direita. Testemunhei o candente debate deflagrado pelo episódio Thilo Sarrazin,² através do qual notei que esses desafios do presente e as respostas dadas a ele remetem de forma bastante clara ao perturbador passado recente. No quadro internacional, a Alemanha, que no início do século XX, era um império que buscava seu lugar ao sol, agora procura legitimar seu papel de liderança na atualmente problemática zona do Euro, o que desperta no espaço público controvérsias igualmente intensas.

Por outro lado, o Brasil, embora não tenha passado por rupturas tão drásticas na primeira metade do século XX, ocupa no concerto internacional posição bem mais destacada do que há cem anos atrás. Com nossas potencialidades, desafios e entraves, figuramos nesse início do século XXI como uma das forças mais promissoras. Precisamos nos esforçar bem menos do que Rocha Lima para provar que “não somos macacos”, para empregar expressão que ele utiliza quando de sua primeira viagem à Alemanha. Se àquela época Oswaldo Cruz contornava as resistências dos grupos locais em relação à ciência, ensaiando os primeiros passos para a implementação de uma instituição científica de ponta, agora contamos com um sistema modelar de pós-graduação e mecanismos azeitados de financiamento da atividade científica, não obstante suas deficiências e desafios. O programa das agências de coordenação da pós-graduação e de fomento às ciências – CAPES e CNPq – com o DAAD, é uma expressão disso. Demonstra que também as relações científicas com o estrangeiro foram submetidas a procedimentos mais institucionalizados, além de apontar para o acento na internacionalização como chave para o desenvolvimento das ciências. Sem dúvida estamos mais próximos do ideal de internacionalismo defendido por Rocha Lima e por toda uma

² Thilo Sarrazin, político do Partido Social-Democrata (SPD), publicou em agosto de 2010 o livro “*Deutschland schafft sich ab*” (algo como a Alemanha se suprime), no qual dirigiu pesadas críticas à forma pela qual a Alemanha conduzia sua política imigratória e de integração cultural dos estrangeiros. Nele afirmou que os estrangeiros, basicamente os turcos e árabes, representavam um ônus para o sistema de seguridade social alemão, para o qual contribuiriam muito pouco. Além disso, o crescimento vegetativo acentuado, representaria uma ameaça à Alemanha, que no futuro tornar-se-ia um país de maioria muçulmana e de menor potencial cultural em virtude do baixo nível educacional daquela população. O livro causou enorme polêmica, que se estendeu por meses a fio, dominando a imprensa local. Os críticos acusaram Sarrazin de lançar mão de teses racistas, o que culminou na sua expulsão do SPD e do Banco Federal da Alemanha (*Deutsche Bundesbank*). A obra tornou-se logo um best-seller. Devo confessar que não li o livro. Tive acesso às “teses” de Sarrazin apenas pelas resenhas, comentários e debates nos jornais e na TV.

geração de homens de ciência que lhe foi contemporânea, a qual procurou firmar a atividade científica como prática profissional, dotando-a de linguagem e fóruns específicos, e adequando o conhecimento localmente produzido a uma gramática internacionalmente compartilhada.³

Esse aspecto remete aos distintos significados assumidos pela cooperação científica transnacional no período de Rocha Lima e hoje. Eles também estão referidos aos traumas do “breve século XX”. A participação ativa das ciências nos mecanismos de dominação imperialista, nos conflitos bélicos, sua instrumentalização em favor de ideologias totalitárias e movimentos chauvinistas, e contribuição na deflagração de genocídios e na confecção de armas de destruição em massa, rasgaram o véu sagrado, que no começo daquele século fazia das mesmas o cimento de uma ordem mundial, que seria pautada pela paz e compreensão mútua. Mesmo depois de ter provado da maçã do Éden e perdido a inocência, essa mesma ideologia de internacionalismo foi revivida a partir dos escombros da Segunda Guerra. No início do século passado, Rocha Lima e seus contemporâneos foram capturados pelos nacionalismos exacerbados, que tingiram os esforços de cooperação científica transnacional, fazendo o internacionalismo figurar muito mais como um horizonte de expectativas.

O período no qual transcorreu a trajetória profissional de Rocha Lima, eleito como as balizas temporais do presente estudo - 1901, ano de sua formação na Faculdade de Medicina e da primeira viagem à Alemanha – e 1956 – ano em que morreu, foi aquele em que ocorreram modificações fundamentais na fisionomia da atividade científica no Brasil. Das instituições públicas de pesquisa biomédica e agrícola às universidades e à SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), CAPES e CNPQ, as ciências ganharam status profissional e bases institucionais mais sólidas. Esse trabalho tem como objetivo mostrar de que forma nosso personagem modelou sua identidade profissional nesse contexto em mudança, e o modo como também atuou sobre ele. A excepcionalidade da trajetória de Rocha Lima, que no contrafluxo das tendências da ciência internacional do seu tempo, logrou desenvolver sua carreira científica num dos principais centros de pesquisa e ensino do Velho Mundo, representa um desvio aparente das normas, mas que só é possível num “contexto histórico que o justifica” (Levi, 1996, p. 176).

³ Sobre a discussão contemporânea a Rocha Lima acerca da especialização da atividade científica e distinção do beletrismo ver Sá, 2006.

Meu interesse pela trajetória de Rocha Lima foi despertado quando ainda desenvolvia estudo no mestrado sobre a broca-do-café, praga que ameaçou pôr de joelhos a pujança material do centro mais dinâmico da economia brasileira nos anos 1920 (Silva, 2006). As pesquisas me conduziram ao Instituto Biológico de São Paulo, criado em 1927 como desdobramento da comissão científica formada para combater aquela praga. Em meio às enormes pilhas de papéis abrigadas numa sala e reunidas por alguns quadros da instituição, dos quais destacamos Márcia Maria Rebouças, foi possível observar o grande volume da documentação concernente a Rocha Lima, que embora não se encontrasse à época organizada, distinguia-se das demais por ser em grande parte vazada em alemão. Em projeto de pesquisa do qual participei depois do mestrado, sobre a história da medicina tropical no Instituto Oswaldo Cruz (1908-1940),⁴ tive maior conhecimento do papel das relações científicas com a Alemanha para a conformação desse campo da medicina experimental no Brasil. A literatura sobre o IOC, tanto memorialística quanto historiográfica, já salientara a importância dos laços de Rocha Lima com a Alemanha para a constituição do patrimônio científico da instituição, no que se refere principalmente ao seu reconhecimento internacional e conseqüente legitimidade junto à opinião pública brasileira (Aragão 1950; Fonseca Filho, 1976; Stepan, 1976; Benchimol, 1990; Benchimol & Teixeira, 1993).

A pesquisa aprofundada da trajetória de Rocha Lima a partir, basicamente, de sua documentação pessoal, e que resultou no presente trabalho, demonstrou a densidade de suas relações com parceiros internacionais e a projeção por ele conquistada na sociedade de seu tempo, tanto a brasileira quanto a alemã. Com base nisso, a tese trata de demonstrar o papel de Rocha Lima como o mais destacado promotor das relações científicas Brasil-Alemanha na primeira metade do século XX. Afirmando que ele se tornou personagem fundamental das principais iniciativas de intercâmbio médico-científico. Além disso, pretendo comprovar que foi um dos mais bem-sucedidos médicos brasileiros de seu tempo em termos de legitimação internacional da trajetória profissional. As questões científicas com as quais se envolveu, o pertencimento institucional e a abrangência da rede de sociabilidade intelectual por ele tecida, garantiram o reconhecimento pelos pares no estrangeiro, para o qual foi fundamental a associação a uma das lideranças internacionais no âmbito da pesquisa biomédica: o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo. Cumpre determinar as estratégias mobilizadas para conquistar essa projeção.

⁴ Trata-se do projeto “Teorias Europeias e Ciências Biomédicas no Brasil: a medicina tropical em Manguinhos (1908-1940)”, coordenado por Magali Romero Sá.

Antes de sublinhar as questões que pretendo desenvolver com o estudo da trajetória de Rocha Lima, e os arsenais metodológico e documental com os quais procurarei reconstruí-la, cumpre uma apresentação sumária de seu itinerário, com a finalidade de situar o leitor. Depois disso, tornar-se-á mais fácil enumerar os aspectos que serão enfatizados. Todo estudo de viés biográfico – seja uma biografia no sentido lato do termo, seja uma biografia intelectual ou científica – envolve sempre escolhas por parte do autor. O perfil do biografado que emerge dos fragmentos que servem de base à narrativa não consiste num decalque. Diz mais sobre as idiossincrasias do biógrafo e os constrangimentos de tempo e lugar. Procurarei deixar bem claras as escolhas, as ênfases, bem como as lacunas e os silêncios do presente estudo.

Henrique da Rocha Lima: notas biográficas

Henrique da Rocha Lima nasceu no Rio de Janeiro em 24 de novembro de 1879. Era filho de renomado clínico dos tempos do Império, Henrique Carlos da Rocha Lima, e de Hermizilia Cássia da Rocha Lima. Ingressou na Faculdade de Medicina num momento em que ainda se sentia, com muita força, os efeitos da reforma do ensino médico instituída em 1880. Esta buscou adequar o currículo e o perfil da principal escola médica do país a uma formação na qual pesquisa e ensino teórico e prático se combinassem segundo o modelo estabelecido na Alemanha (Edler, 1992). Além disso, a formação de Rocha Lima se deu sob o impacto das novas teorias biomédicas da microbiologia e medicina tropical, disciplinas em que a Alemanha, ao lado da França, assumia a vanguarda internacional.

Uma vez concluído o curso de medicina, em 1901, Rocha Lima viajou para a Alemanha para fazer especialização em clínica. Muito embora naquele começo de século a França fosse o destino mais comum dos jovens oriundos das elites brasileiras, a Alemanha atraía cada vez mais estudantes em virtude do modelo de ensino e pesquisa, cultivado nas universidades e institutos, responsável por garantir a proeminência da ciência germânica no circuito internacional. Antes disso, Rocha Lima travou contato com Oswaldo Cruz, recém-chegado do Instituto Pasteur de Paris, onde adquirira familiaridade com as concepções e práticas concernentes à ciência dos germes. À época ele supervisionava os trabalhos técnicos de produção da vacina anti-pestosa fabricada no Instituto Soroterápico, estabelecido na

fazenda de Manguinhos, no subúrbio do Rio de Janeiro.⁵ Em 1902, assumiu o cargo de diretor geral, quando convidou Rocha Lima para ocupar o posto de chefe de serviço, convite prontamente aceito, dado o interesse despertado pela microbiologia e anatomia patológica praticadas nos laboratórios alemães. Ele havia freqüentado desde 1901 os cursos de higiene e microbiologia oferecidos por Martin Ficker, no Instituto de Higiene de Berlim, e os de anatomia patológica, de Johannes Orth, ministrados no Instituto Patológico do Hospital Charité.

Enquanto Oswaldo Cruz assumiu, a partir de 1903, a condução da campanha sanitária no Rio de Janeiro, Rocha Lima ficou responsável pela formação dos estudantes de medicina que afluíam ao Instituto para desenvolver suas teses de doutoramento nos laboratórios onde se praticava a medicina experimental, relacionada a micróbios e a animais transmissores de doenças. Ele estruturou cursos ainda informais de bacteriologia, anatomia patológica e zoologia médica, e ajudou a formar a coleção de culturas bacterianas e cortes histopatológicos a partir de exemplares que trouxera da Alemanha (Benchimol, 1990; Benchimol & Teixeira, 1993). Em 1904, deu início às pesquisas sobre anatomia patológica da febre amarela, através das quais chegaria, oito anos depois, à caracterização das lesões hepáticas que considerou típicas da doença e de valor para o diagnóstico necroscópico. Seus enunciados só seriam plenamente aceitos e confirmados com o retorno da epidemia no Rio de Janeiro, nos anos de 1928-9. Em 1905, realizou estudos que contribuíram para o desenvolvimento da vacina contra o carbúnculo sintomático ou peste da manqueira. A comercialização desta garantiu por longos anos a autonomia financeira do Instituto de Manguinhos em relação ao orçamento do Ministério da Justiça e Negócios Interiores ao qual a instituição estava subordinada. Em 1906, Rocha Lima retornou à Alemanha para completar sua especialização em anatomia patológica com Hermann Dürck, no Instituto de Patologia anexo ao Hospital de Munique. Lá, desempenhou papel chave na preparação dos materiais e trabalhos exibidos pelo Instituto de Manguinhos no XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia, e na Exposição de Higiene, que ocorreram em Berlim, em 1907 (Benchimol, 1990; Cukierman, 2001). O Brasil foi premiado na Exposição, e o Instituto ganhou reconhecimento internacional. Ao regressar ao Brasil, Oswaldo Cruz foi recepcionado como herói, o que contribuiu muito para que fosse aprovado, no Congresso Nacional, o projeto de lei que transformava o Instituto Soroterápico

⁵ O Instituto Soroterápico de Manguinhos foi criado pelo governo federal em 1899 para a fabricação de soro e vacina antipestosos, que deveriam prevenir a introdução, no Rio de Janeiro, da epidemia de peste bubônica que já havia sido diagnosticada em Santos. Ver a esse respeito, Benchimol, 1990.

num Instituto de Patologia Experimental, rebatizado de Instituto Oswaldo Cruz em 1908 (Benchimol, 1990).

A participação de Manguinhos na Exposição de Berlim fortaleceu os laços entre os cientistas deste Instituto e os alemães. Entre 1907 e 1908, foram enviados para a Alemanha os pesquisadores Antônio Cardoso Fontes, Alcides Godoy e Henrique Aragão. Por sua vez, o Instituto Oswaldo Cruz recebeu dois pesquisadores do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo: Stanislas von Prowazek, protozoologista, e Gustav Giemsa, químico. No ano seguinte, veio outro protozoologista, Max Hartmann, do Instituto de Moléstias Infecciosas de Berlim, e o patologista Hermann Dürck, professor de Rocha Lima na Alemanha (Benchimol, 1990). A força dos laços com a ciência alemã é evidenciada pelo fato de as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, cujo primeiro número foi lançado em 1909, serem publicadas em português e alemão. Nesse mesmo ano, Rocha Lima retornou à Alemanha, tendo sido convidado por Dürck para ocupar o cargo de assistente-chefe do Instituto de Anatomia Patológica da Universidade de Jena. O afastamento provocou a ruptura com Oswaldo Cruz e o desligamento de Manguinhos (Benchimol & Teixeira, 1993). Após permanecer por apenas oito meses em Jena, transferiu-se para o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo (*Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten*), a convite de Prowazek. O também chamado *Tropeninstitut* havia sido criado para zelar pela higiene dos navios e portos, evitando, ao mesmo tempo, a introdução de doenças na Alemanha. Além disso, era responsável pela formação dos médicos coloniais que atuavam nas possessões da África, Ásia e Pacífico (Wulf, 1994; Eckart, 1990; 1997; Mannweiler, 1998; Brahm, 2002).

Rocha Lima permaneceu no *Tropeninstitut* até 1927, período em que desenvolveu a fase mais prolífica de sua produção científica. Deu continuidade aos estudos sobre a anatomia patológica da febre amarela, completando a caracterização do quadro histopatológico da doença, e pesquisou a histopatologia da doença de Chagas. Ainda do ponto de vista da anatomia patológica, investigou a formação dos nódulos da verruga peruana, demonstrando a origem intracelular do patógeno e caracterizando estruturas típicas, que hoje recebem seu nome. Investigou o agente causador da chamada histoplasmose, comprovando que era um patógeno de natureza fúngica, e não um protozoário, como havia defendido Samuel Darling. Em 1914, foi destacado para estudar, junto com Prowazek, a epidemia de tifo exantemático que irrompeu em Constantinopla. Surpreendidos pela deflagração da Primeira Guerra ao retornarem a Hamburgo, os dois foram logo em seguida nomeados para combater a mesma doença que grassava num campo de prisioneiros russos, em Cottbus, a cem quilômetros de

Berlim. Prowazek morreu vítima da doença. Rocha Lima deu continuidade às pesquisas que o levaram à descrição do agente etiológico – a *Rickettsia prowazeki*. Ele enfrentou resistências à aceitação da função patogênica desse germe, que sofria a concorrência de vários outros microrganismos incriminados como agente causador. Ainda durante a Guerra, estudou na Polônia epidemia da doença referida como febre dos cinco dias (denominada pelos ingleses febre das trincheiras). Investigou o agente etiológico dessa entidade mórbida, que era bastante semelhante ao causador do tifo. Breve a *R. prowazeki* abriu caminho para a descrição de uma série de germes análogos, justificando a criação de uma nova categoria de microorganismos, as chamadas riquetsias. A identificação do agente do tifo e das riquetsias consistiram nas principais contribuições científicas de nosso personagem, avultando seu prestígio e reconhecimento no cenário acadêmico alemão e internacional.

Com a derrota na Guerra e o Tratado de Versalhes, o Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo teve sua existência ameaçada, e passou por severa crise financeira. A perda das colônias prevista pelo Tratado de Paz solapou as bases que asseguravam até então a legitimidade da instituição (Wulf, 1994). No mesmo ano em que era assinado o Tratado de Versalhes, foi criada a Universidade de Hamburgo, na qual Rocha Lima foi nomeado *Privatdozent* de moléstias exóticas. A estratégia do diretor do *Tropeninstitut*, Bernhard Nocht, para driblar a crise, foi aliar o programa de pesquisas à política cultural externa (*Kulturpolitik*), que ganhou força, uma vez que era um dos únicos domínios que não estava sujeito às restrições de Versalhes. A América Latina foi o endereço preferencial desse esforço. Em 1920, Nocht e o diretor do Hospital Eppendorf, Ludolph Brauer, criaram a *Revista Médica de Hamburgo*, publicação que divulgava em espanhol e, em menor medida, em português, os avanços da medicina alemã (Sá & Silva, 2010). Rocha Lima fez parte do corpo de colaboradores e, a partir, de 1923, do corpo editorial, sendo responsável por facilitar a participação de brasileiros, a publicação dos artigos em português, e resenhas das revistas médicas locais. Ainda em 1920, viajou ao Brasil com o objetivo de acerrar-se das condições concernentes ao convite feito por Arthur Neiva, para assumir a direção do Instituto Butantan. O convite não deu certo, mas Rocha Lima aproveitou a ocasião para reatar os laços da comunidade médica brasileira com a Alemanha ajudando a promover a visita do neurocirurgião de Berlim Fedor Krause. Dois anos depois, o pesquisador do *Tropeninstitut* veio novamente ao país, desta vez acompanhado do amigo Fritz Munk, com quem havia estreitado contato na Polônia durante as pesquisas do tifo exantemático e da febre das trincheiras. Veio para fundar, junto com Henrique Aragão, Arthur Moses e Parreiras Horta, o

Instituto Brasileiro de Microbiologia, instituição privada dedicada à produção e comercialização de produtos biológicos. Ele e Munk percorreram várias instituições científicas e sociedades médicas, novamente divulgando a ciência e cultura alemãs. Em 1926, permaneceu por cinco meses no Brasil, em viagem de caráter oficial. Desta vez propôs medidas mais concretas para o estreitamento das relações culturais entre Brasil e Alemanha, chegando a sugerir um acordo de cooperação de Manguinhos com o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo. O objetivo era neutralizar a forte propaganda cultural francesa. Em consequência das movimentações que fez junto aos círculos médicos locais, retornou, um ano depois, para colaborar com o neurologista Alfons Jakob, que em 1928 deu curso de anatomia patológica do sistema nervoso no Rio de Janeiro. Convidado pelo antigo companheiro de Manguinhos, Arthur Neiva, para fazer parte do Instituto Biológico de São Paulo, por ele criado àquele ano em São Paulo, Rocha Lima decidiu permanecer definitivamente no Brasil.

A partir de 1933, quando passou a ocupar a direção geral daquela instituição destinada à defesa sanitária da agricultura e pecuária paulistas, Rocha Lima dedicou-se à sua consolidação no cenário científico brasileiro e internacional. Seguiu o figurino privilegiado por Oswaldo Cruz em Manguinhos, de associação do conhecimento científico com as aplicações e demandas de segmentos sociais. Nem por isso deixou de dar continuidade aos esforços de promoção da ciência e cultura germânicas. Em 1930, participou da fundação do Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura, que tinha por objetivo coordenar as ações de intercâmbio cultural e científico entre os dois países. Instituiu cursos de alemão para os jovens pesquisadores do Biológico, e trouxe cientistas alemães para uma temporada de estudos na instituição. Além de participar das iniciativas que redundaram na criação da Universidade de São Paulo, em 1934, Rocha Lima influenciou na nomeação dos professores alemães que compuseram seu corpo docente. Em 1936, apoiou a expedição ao Brasil de seus colegas do *Tropeninstitut*, Ernst Nauck e Gustav Giemsa, que vieram para observar as colônias alemãs do Espírito Santo a fim de determinar seu comportamento do ponto de vista médico, racial e cultural.

Em 1937, Rocha Lima viajou à Alemanha, onde foi recepcionado de forma atenciosa pelas autoridades nazistas. Em janeiro de 1938, ele recebeu de Adolf Hitler o prêmio da Ordem da Águia Alemã, destinado a condecorar os que haviam contribuído para a “grandeza germânica”. A recepção do prêmio deu ensejo a suposições sobre sua postura política, contribuindo para lançar uma sombra sobre sua memória. Em 1945, viajou aos Estados

Unidos a convite do governo norte-americano. Testemunhou o retorno das tropas vitoriosas na Segunda Guerra e acompanhou, com ressentimento, a precária situação em que se encontrou a Alemanha depois do conflito. Ao completar setenta anos em 1949, teve de deixar a direção do Instituto Biológico. Assumiu, nesse mesmo ano, a direção científica do Instituto Pinheiros, de caráter privado, dedicado à fabricação de produtos biológicos. Mesmo depois da Segunda Guerra, manteve os laços com os amigos e colegas alemães. Intermediou a participação da delegação alemã no Congresso Internacional de Microbiologia, em 1950, o primeiro no qual os alemães puderam participar depois da Guerra. Retornou à Alemanha em 1952, quando recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Hamburgo. Em 1954, articulou a vinda de Ernst Nauck ao Brasil, que assumiu a direção do *Tropeninstitut* depois da guerra e procurou reforçar as relações com cientistas e instituições estrangeiros. Morreu em 1956, em São Paulo.

Memória, historiografia e arsenal analítico

Um dos *Leitmotiven* da ampla produção memorialística que aborda a trajetória de Henrique da Rocha Lima, ressalta o “silêncio que ronda sua importância científica até mesmo dentro de seu próprio país” (Revista Médicos 1998, p. 51) (Bier, 1979; Falcão, 1966, 1967; Guimarães, 1968; Moraes, 1968; Rebouças, 2005, 2009; Reis, 1956a, 1956b, 1976; Rocha e Silva, 1956; Revista Médicos, 1998; Vieira, 2000). Muito embora essa dimensão do silêncio deva ser contemporizada, pois é destacada em escritos memorialísticos que tendem a hiperdimensionar o vulto de seus personagens, não existe qualquer trabalho historiográfico sobre a trajetória de Henrique da Rocha Lima. Sackmann (1980) contextualiza as pesquisas dele que culminaram na descrição do agente etiológico do tifo exantemático, mas restringe-se a esse momento de sua ampla vida científica. Os estudos que tratam da trajetória de instituições científicas nas quais Rocha Lima atuou, como os de Nancy Stepan (1976) e de Jaime Benchimol (1990), sobre o Instituto Oswaldo Cruz, e o de Maria Alice Rosa Ribeiro (1997), sobre o Instituto Biológico de São Paulo, destacam seu papel na formação e consolidação das respectivas instituições, função que exerceu de forma mais destacada na segunda, que dirigiu durante dezesseis anos. Em estudo comparado dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan, Benchimol & Teixeira (1993) lançam luz sobre a saída de Rocha Lima de Manguinhos, a ruptura com Oswaldo Cruz e as intrigas e disputas que marcaram a instituição, uma vez submetida a critérios mais formais de hierarquia e organização. Recentemente,

Cukierman (2007) deu grande destaque à sua função como elo de ligação de Manguinhos com a ciência internacional, “em sua vertente germânica”. Os trabalhos concernentes ao Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo (Wulf 1994; Mannweiler, 1998; Brahm, 2002) também mencionam a atuação do pesquisador brasileiro naquela instituição. Enquanto Wulf (1994) e Brahm (2002) destacam a importância de sua ligação com o Brasil para a promoção das relações entre os dois países no âmbito da diplomacia cultural e do intercâmbio científico, Mannweiler (1998) descreve de forma bastante minuciosa as contribuições científicas do personagem durante o período em que viveu em Hamburgo.

De certa forma, a nova mirada que vem animando a historiografia das ciências no Brasil desde os anos de 1980 apenas recentemente vêm dando maior destaque às trajetórias individuais de personagens que se dedicaram à prática científica no país. Revendo os marcos teóricos e cronológicos que balizaram as análises seminais de autores como Fernando Azevedo (1994) e Simon Schwartzman (1979), essa historiografia lançou luz sobre uma ampla rede de instituições científicas voltadas ao cultivo das ciências desde a colônia e o império (Domingues, 1995; Ferreira, 1996; Figueirôa, 1997, 1998; Lopes, 1997; Benchimol, 1999; Dantes, 2001; Heizer, 2001, 2010; Sá, 2006; Almeida & Vergara, 2008). Encarando a atividade científica como prática sócio-cultural, cuja lógica de produção, circulação e legitimação está referida a fatores locais que se consubstanciam na forma de instituições, tal historiografia identifica estas como espaços fundamentais de análise (Figueirôa, 1997, 1998; Dantes, 2001).

Uma das pioneiras na abertura dessas novas searas historiográficas vem chamando a atenção para a necessidade de aprofundarmos a análise da vida e trajetória de “nossos cientistas tropicais” (Figueirôa 1995, 2007). Permanece válida a exortação de Jaime Benchimol (1995), em abertura de número especial de *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, segundo a qual, “como historiadores, que exercemos nosso ofício numa instituição de pesquisa médica e biológica já nos demos conta (...) de que há muita escavação biográfica por fazer no território das ciências e da saúde no Brasil”. Alguns trabalhos sobre trajetórias de cientistas têm demonstrado resultados apreciáveis na nossa historiografia das ciências. Entre eles, cabe destacar o amplo trabalho de edição comentada da produção científica de Adolpho Lutz, por Benchimol & Sá (2005-7), a coletânea organizada por Lima & Sá (2008) sobre Roquete Pinto e o de Marcius Vinicius de Freitas (2002) sobre Charles Frederick Hartt, para ficar apenas em alguns exemplos.

Esta ênfase segue tendência da historiografia social, que já há alguns anos têm procurado reabilitar o papel do indivíduo na análise historiográfica. A preocupação em resgatar a dimensão do “vivido”, do cotidiano e das experiências subjetivas, fez com que o indivíduo fosse revalorizado como categoria analítica, depois de ter sido obscurecido por uma “história social”, que privilegiou as estruturas e as tendências de longa e média duração (Rojas, 2000; Schmidt, 2000; Borges, 2005; Panchón, 2005). O descontentamento com o modelo explicativo da história social, exatamente quando ele parecia mostrar seu vigor máximo, foi um dos pressupostos para o tão propalado retorno do biográfico (Revel 1998, p. 18). Entre o final dos anos 1970 e começo dos 1980, a aceleração do ritmo de mudança pôs em cheque os grandes paradigmas norteadores das ciências sociais, pondo em reticências qualquer projeto de compreensão globalizante do mundo social (Idem, p. 19). Uma das propostas analíticas que emergiu a partir da insatisfação com o modelo explicativo da história social, e que foi fundamental para a retomada da biografia na escrita da história, foi a chamada micro-história (Levi 1996, p. 134-5). O destino individual, principalmente dos homens comuns, passou a ser valorizado como um meio de enriquecer a análise da sociedade, numa dimensão em que a mudança de escala implica numa alteração do próprio estatuto do objeto do conhecimento (Revel 1998, p. 20). Como assinala Revel (1998, p. 20), abordar um objeto na perspectiva da micro-história, “significa mudar a sua forma e sua trama”. Nessa perspectiva, o indivíduo aparece na tessitura de suas relações, e não como categoria antagônica ao social. Demonstra-se, dessa forma, as múltiplas possibilidades de experiências, cujo caráter-limite é rico por apontar as contradições, os “furos” do sistema social normativo (Levi 1992, p. 154-5). As variáveis da análise social tornam-se “mais numerosas, mais complexas e também mais móveis” (Revel 1998, p. 23). De acordo com Sabina Loriga (1998, p. 246-7), trata-se, nessa chave analítica, de “utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas”. A margem de manobra dos indivíduos é vista como uma instância limitada pelos constrangimentos históricos, de modo que a idéia de contexto figura como “campo de possibilidades historicamente determinadas” (Guinzburg 1989, p. 183). Cabe ao historiador “reconstituir um espaço dos possíveis” (Revel 1998, p. 26).

Na historiografia das ciências, tecnologia e medicina (Pickstone, 2011), os escritos biográficos comprometidos em erigir mitos através de narrativas laudatórias e hagiográficas encontraram fértil terreno de desenvolvimento (Figueirôa, 1995; Marín 2005, p. 151). A

caracterização do cientista como gênio solitário, imune às contingências de tempo e lugar, e como paladino em busca da verdade e do saber, serviu aos propósitos de legitimar projetos nacionalistas de ciência, de reforçar o papel desta como modo superior de conhecimento ou de catalisar a identidade de grupos que procuraram validar sua ação no espaço público à sombra de um vulto mitificado (Britto, 1995; Figueirôa 1995; Geison, 2002). Na contramão dessa historiografia, os estudos históricos sobre a ciência, impulsionados pela obra de Thomas Kuhn “A estrutura das revoluções científicas”, de 1962, passaram a enfatizar a atividade científica como prática eminentemente sócio-cognitiva, que se realiza no âmbito de coletivos que comungam de certos pressupostos no âmbito dos quais os fatos científicos adquirem significado. Dessa forma, colocaram-se criticamente em relação à tradição de biografias hagiográficas.

As biografias de cientistas inspiradas pelos estudos sociais das ciências passaram a recorrer à análise de trajetórias individuais, como ferramentas para investigar os recursos culturais da ciência, a construção do conhecimento científico e a maneira como este se relaciona com a identidade de seus praticantes (Porter 2006, p. 315; Nye 2006, p. 324). Nas palavras de Mendelsohn: “como atividade social, a ciência é claramente um produto da história e dos processos que ocorreram no tempo e no espaço, envolvendo seres humanos. Esses atores tiveram vidas não somente na ciência, mas nas sociedades mais amplas das quais eles eram membros” (*apud* Figueirôa 2001, p. 243). Historiadores que recentemente têm refletido sobre o gênero biográfico vêm demonstrando que falar de vidas de cientistas é, também, falar sobre ciência, no modo como se estrutura e se integra à cultura e sociedade (Terral, 2006). O cientista não é produto apenas de seu treinamento numa disciplina e consequente aquisição de um modo particular de ver o mundo, mas também das circunstâncias, relações e expectativas experimentadas durante a vida. É um indivíduo que busca se posicionar dentro de um campo de possibilidades historicamente definidas e, portanto, lança mão de estratégias, numa complexa paisagem que combina concepções de ciência, estruturas de instituições e arranjos políticos. Nesse sentido, abordar a trajetória individual de cientistas significa, como afirma Mary Jo Nye (2006), fazer “história da ciência por outros meios”.

O estudo aqui apresentado sobre Henrique da Rocha Lima não se trata de uma biografia no sentido clássico do termo, mas a apresentação de sua trajetória científica. Elementos de sua vida pessoal também estão presentes, na medida em que as dimensões pública e privada muitas vezes não se distinguiram de forma estanque nas fontes consultadas.

Devido à amplitude de sua trajetória e densidade de relações estabelecidas por ele com seus pares, bem documentadas em seu arquivo pessoal, optei por privilegiar aqui seu papel como promotor das relações científicas entre o Brasil e a Alemanha. Não só por ser um aspecto que particularmente me despertou maior interesse, mas também porque a meu ver é o que traz contribuições mais originais para a historiografia, e que aparece como o traço mais persistente da ampla e multifacetada carreira que abrange mais de meio século. Não pude deixar de tratar de sua produção científica propriamente dita: as questões as quais se dedicou, os diálogos e controvérsias com seus pares, as estratégias de legitimação de seus enunciados e a circulação e repercussão dos mesmos em seu tempo. Afinal de contas, foi com base nesses diálogos e nos resultados auferidos na bancada de laboratório e divulgados nos periódicos médicos, que ele conquistou reconhecimento e prestígio. Considero que ele procurou ganhar projeção entre a comunidade acadêmica alemã, seguindo os rigores do trabalho científico, da técnica acurada e da exatidão, não só no emprego dos procedimentos técnicos, como também na formulação de suas inferências. Esta consistiu numa das estratégias adotadas por ele para obter capital simbólico entre seus pares. Uma terceira faceta da vida profissional de Rocha Lima que não pôde ser suficientemente tratada nesse trabalho, é a do seu perfil como administrador científico. Durante a gestão no Instituto Biológico de São Paulo, entre 1933 e 1949, a instituição firmou-se no cenário científico nacional e internacional, não obstante o conturbado contexto político e econômico, que impôs desafios à sua manutenção. De que maneira o percurso pregresso e as experiências e percepções daí obtidas sobredeterminaram seu perfil de administrador científico, é questão que ficarei devendo ao leitor. Por outro lado, um aspecto que surpreendentemente ganhou vulto no contato com as fontes, principalmente com a correspondência, foi a aptidão de Rocha Lima como observador atento de seu tempo. Ele acompanhou e comentou com argúcia muitos dos eventos que agitaram a política internacional na primeira metade do século XX, principalmente aqueles que envolveram a Alemanha, no cerne de grande parte das tensões do período.

Muito embora o trabalho siga uma ordem cronológica, que somente algumas vezes é abandonada em favor de uma organização mais clara, procurei evitar o risco imaneente à análise de trajetórias individuais, que é o de enquadrar a vida narrada num relato unidirecional, teleológico e unívoco. Como um meio de me precaver desse risco, apego-me à concepção de trajetória, tal como definida pelo próprio autor que chamou atenção para ele, Pierre Bourdieu (1996, p. 189): como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando

sujeito a incessantes transformações”. Uma regra metodológica particularmente valiosa para evitar cair numa representação simplificada do indivíduo em estudo consiste em problematizar suas escolhas e – para usar novamente as palavras de Jacques Revel (1998, p. 26) – “reconstituir um espaço dos possíveis”. Seguindo essa premissa, trata-se aqui de demonstrar as opções disponíveis a Rocha Lima e os fatores que determinaram com que optasse seguir determinado percurso e não outros.

A especificidade da trajetória de Rocha Lima consiste, como já mencionado, no fato dele ter desenvolvido-a entre duas formações sociais bastante distintas e de ter procurado ligá-las através do intercâmbio científico. Por ter constituído sua identidade profissional em âmbito transnacional, nosso personagem evidencia e problematiza uma série de aspectos concernentes à atividade científica no seu tempo. Em consonância com os apontamentos acima mencionados, o caráter extraordinário de sua carreira ajuda a compreender traços do que seria o suposto “padrão comum” dos homens de ciência no Brasil que foram seus contemporâneos. Confirma, dessa forma, a afirmação de Sabina Loriga (1998, p. 248), segundo a qual, as vidas que “se afastam da média levam talvez a refletir melhor sobre o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social”. Desenvolvendo a carreira num país reconhecido como vanguarda científica, Rocha Lima, ao mesmo tempo em que representou as potencialidades da ciência produzida no Brasil, desnudou, de forma dramática, as tensões entre a ânsia de reconhecer a existência de uma ciência do ‘centro’, “a única capaz de legitimar seus esforços”, e, ao mesmo tempo, de “relativizar a sua importância” (Löwy, 2006). Ou, nas palavras de Mariza Corrêa (1998), o dilema de cientistas que estavam no “vaivém constante entre a afirmação de nossa especificidade e a confirmação da ciência europeia como parâmetro teórico que permitia (ou não) validá-la.”

Uma análise da trajetória de Rocha Lima impõe ainda o enfrentamento da questão sobre a forma de integração do Brasil ao panorama da ciência mundializada. O modelo de centro-periferia, corolário das teorias da dependência que vigoraram principalmente nos anos 1970, tem sido alvo de críticas constantes por parte da historiografia dos últimos anos. O modelo difusionista formulado por George Basalla (1967), que prevê a existência de três fases para a implantação da ciência nos países não-europeus – uma primeira, na qual inexistem comunidades científicas locais, sendo os territórios submetidos à pesquisa por estrangeiros; uma segunda, chamada colonial, na qual se estabelecem coletivos locais dedicados à ciência, mas que não produzem nada de original, ficando dependentes da ciência forânea e uma

terceira, de países autônomos na produção da ciência – tem igualmente recebido críticas de historiadores da ciência.⁶ Questiona-se a unidirecionalidade desses modelos, seu eurocentrismo, a perspectiva progressista e teleológica e a desconsideração dos parâmetros de tempo e espaço. A historiografia das ciências do Brasil e de demais países latino-americanos tem procurado enfatizar o caráter ativo e criativo dos atores locais na seleção e adaptação das idéias e modelos às realidades sociais às quais são transplantados, a circularidade dos mesmos e a relação dialética nesse processo de diálogo transcultural. As ciências, dessa forma, “aclimatam-se” à paisagem local.⁷ Cabe compreender qual foi o papel do fluxo de pessoas – estudantes e cientistas – como “vetores” dessa circularidade, e a maneira pela qual a “miscigenação” da ciência moderna com sistemas de conhecimento tradicionais na América Latina – no meu caso, no Brasil - resultou numa tradição científica “específica e complexa”, como retratado pelos estudos enfiados sob a rubrica Ciência & Impérios (Petitjean, 1996, p. 26).

Orientada por esses novos pressupostos que questionam a validade do modelo difusionista e enfatizam os caracteres que conformam a ciência em seu entorno sócio-cultural, a historiografia recente das ciências no Brasil vem retratando o papel de eventos, como a migração de estudantes brasileiros às instituições da Europa e Estados Unidos, sua participação em associações disciplinares estrangeiras, contribuições em periódicos e congressos internacionais e intercâmbio de material, para a sedimentação de tradições científicas. Dessa forma, os estudos em história da medicina e das ciências da vida feitos nos últimos anos mostram que o Brasil não estava à margem da ciência internacional. Na passagem do século XIX para o XX, vinha reforçando sua inserção nessa cartografia, graças à publicação, em periódicos estrangeiros, de trabalhos realizados no Brasil por investigadores cuja formação transcorreria, em parte ou integralmente, em centros de ensino europeus, sobretudo franceses e alemães. A repercussão internacional de trabalhos veiculados em francês ou alemão, já no Brasil, o fortalecimento das instituições nativas voltadas para a pesquisa biomédica e a saúde pública, a troca crescente de materiais biológicos e outros dados relevantes para a ciência forânea, vinham adensando a rede de relações do Brasil com a comunidade internacional – ou talvez devêssemos usar o plural, as comunidades, a fim de ressaltar as rivalidades nacionais e os “abismos” que ainda segmentavam a rede por onde fluíam os conhecimentos e no âmbito das quais eram sacramentadas as reputações científicas.

⁶ Entre elas cabe ressaltar as feitas por MacLeod (1987, 1988, 1989).

⁷ Para um panorama geral dessa historiografia, suas temáticas e abordagens ver Saldaña, 2000.

Se por um lado essa historiografia aponta a importância da circulação de idéias e do intercâmbio e adaptação de modelos institucionais exógenos, por outro ainda não deu o devido destaque ao papel de indivíduos que atuaram como “intermediários culturais” e animadores das relações científicas internacionais. Isso deriva, por um lado, da própria escassez de estudos que abordam trajetórias científicas individuais, que apenas mais recentemente vem sendo sanada. Personagens que como Rocha Lima configuraram sua identidade científica em dimensão transnacional, nos demonstram que os esforços de transcender as barreiras locais não são uma consequência inexorável da atividade científica, mas de escolhas políticas e deliberadas de atores em coordenadas específicas de tempo e espaço. O internacionalismo foi a moldura que em grande medida impeliu e legitimou a prática das ciências sobre fronteiras. Mas como nos adverte Crawford (1988), ele interessamos mais como manifestação prática do que como referência a um ethos universalista.

O fato de Rocha Lima ter atuado durante longos períodos no Brasil e na Alemanha levanta ainda a questão acerca do seu pertencimento, “habitus” e suas lealdades em termos de nacionalidade. Muito embora ele se forme como uma bricolagem de elementos culturais diversos, figurando muito mais como um produto híbrido, e tenha vestido distintos “figurinos” de acordo com o cenário no qual perfilou, defendendo que ele constituiu-se como um cientista de ethos germânico. Os biógrafos mencionam a postura germanizada, “mal-interpretada” como arrogância e prepotência e o estilo da escrita, mesmo em português, com períodos longos e ordens invertidas (Reis, 1956 b, p. 7-8). O colega do *Tropeninstitut*, Fritz Weyer (1966), destaca, por sua vez, o alemão sem nenhum sotaque, elemento ao qual ele próprio atribui o fato de ser bem recebido por um dos corifeus da ciência germânica, Paul Uhlenhuth, antes mesmo de mudar-se para lá. Um detalhe que poderia parecer insignificante confirma esse esforço de “auto-modelagem” segundo o figurino germânico: o bigode, que em clássica foto no Instituto de Manguinhos segue o modelo “Kaiser” – aquele, com as pontas levantadas para cima - dá lugar, nos anos 1930, ao formato usado por Adolf Hitler. Essa é apenas uma expressão de um personagem que nem sempre de forma consciente, adequou sua “*Weltanschauung*” – para usar um termo germânico de uso corrente nas ciências sociais – ou “*Denkstil*” – o “estilo de pensamento” formulado por Ludwik Fleck – aos pressupostos da *Kultur* alemã, compreendida aqui como expressão típica e profundamente arraigada da formação social germânica, tal como demonstra Norbert Elias (1993, 1997).

Se por um lado esse duplo pertencimento deu lugar a tensões e ambigüidades, não necessariamente acarretou conflitos em termos de lealdade. Giralda Seyferth demonstra que,

no caso dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, foi comum a lealdade à nova pátria e à de origem. As ambivalências e dilemas de Rocha Lima corresponderam às de outros personagens que como ele transgrediram fronteiras de nacionalidade na prática das ciências. Para recrutar parceiros no exterior, fomentar políticas bilaterais de cooperação ou tomar parte em organizações multilaterais ou associações científicas internacionais, eles tiveram de acionar diferentes estratégias, acomodar interesses, e muitas vezes adequá-los às demandas da política externa. A chave da cooperação científica quase nunca foi o consenso, mas sim a capacidade dos cientistas nela envolvidos de traduzir, negociar, debater e simplificar idéias e interesses, estabelecendo um diálogo “bilíngüe” (Hatchen, 2006, p. 159). A “tradução” de interesses e o êxito das tentativas de integração a comunidades científicas domésticas em nome de projetos forâneos requerem a habilidade de indivíduos em saber explorar a dubiedade. Serve de inspiração metodológica nesse sentido o estudo de Steven Palmer (2004) sobre Louis Schapiro, agente da Fundação Rockefeller, cuja capacidade de negociar e se integrar à comunidade médica e política costa-riquenha foi fundamental para o êxito das campanhas de educação sanitária contra a ancilostomíase. Segundo Palmer, Schapiro foi um “agente duplo, na medida em que promovia os interesses da ‘medicina imperial’ mas, até onde podia, agia em concordância com aqueles setores da classe política do país anfitrião que considerava progressistas” (Palmer 2004, p. 230). Embora não fosse um agente em nome da “medicina imperial”, Rocha Lima atuou igualmente como esse “agente duplo”, procurando, a um só tempo, atender aos interesses de ambas as partes as quais se sentia ligado, mas sempre buscando viabilizá-los de acordo com sua própria agenda científica.

Isso nos leva a enquadrá-lo como um “ator transnacional”, remetendo-nos aos pressupostos dessa onda historiográfica que vêm ganhando fôlego desde pelo menos as duas últimas décadas, que é a chamada “história transnacional” (Rinke, 1996; Conrad, 2004; Charle, Schriewer & Wagner, 2004; Charle, 2006; Werner & Zimmermann, 2006; Budde, Conrad & Janz, 2006; Iriye, 2009). Ela traz perspectivas interessantes para pensar não só o já referido processo de integração do Brasil a uma “cultura global”, como também a prática das ciências “sobre-fronteiras”. Além de problematizar o “nacional” como categoria de análise, ela leva em conta a multiplicidade de atores que tomaram parte no processo de transferência, através do qual fluíram pessoas, idéias, projetos, objetos e tecnologias. Abordar o intercâmbio cultural a partir das relações transnacionais significa explorar aspectos mais amplos da história social e cultural das formações sociais envolvidas nessa interação e o impacto desta para as mesmas. Muitas das iniciativas de interação sócio-cultural ocorreram ao largo das

instâncias oficiais, embora pudessem eventualmente dialogar com estas, mas sempre perseguindo seus próprios interesses. Aliás, conforme aponta Stefan Rinke (1996, p. 36), esta é uma das características dos atores transnacionais: eles seguem seus interesses de forma independente, os quais podem coincidir ou não com a agenda proposta pelo Estado, como também podem até mesmo contrariá-la. Por conta disso, as ações desses atores não se dão de forma coordenada, e os resultados obtidos não necessariamente correspondem aos interesses que eles perseguiram (Idem, p. 36). Lançando mão dessa perspectiva, Rinke (1996) pôde deslindar a rica dinâmica das relações da Alemanha com a América Latina em seus aspectos culturais, políticos, econômicos, diplomáticos e militares durante a República de Weimar, um período que havia ficado à sombra exatamente pelo recuo do Estado no fomento daquelas relações.

Nessa mesma chave serão analisadas as relações germano-brasileiras no período de Rocha Lima. Menos do que traçar um histórico dessas relações, cabe considerá-las na extensão em que afetaram ou foram o quadro de referência das ações do personagem. Ele atuou, basicamente, no âmbito do que poderíamos chamar diplomacia cultural, que abrangeu as ciências e as artes como subgrupos das relações exteriores, e que ganhou força no século XX, sendo configurada a partir dos nacionalismos e imperialismo, assomando-se com a guerra total (David-Fox, 2006). Já na virada do século XIX para o XX, as ciências haviam se integrado mais à política externa das nações. No contexto da corrida imperialista, as metrópoles que disputavam a hegemonia mundial haviam passado a usar as ciências, suas aplicações e outros bens culturais, como nunca se tinha feito antes, nas estratégias de política externa destinadas a fomentar relações econômicas, modificar correlações de força em termos de domínio, influência ou prestígio, ou para angariar o apoio de aliados num possível enfrentamento por possessões coloniais. A América Latina foi um dos teatros das lutas por influência entre as potências européias e a nova força imperialista, os Estados Unidos, sendo alvo da ação de organismos criados nas metrópoles para promover as relações intelectuais e difundir a cultura do país de origem (Petitjean, 1996, p. 31).

Ao mesmo tempo em que o estudo da trajetória de Rocha Lima lança luz sobre o intercâmbio científico do Brasil com o mundo germânico, aspecto que ainda conta com número escasso de estudos por parte de nossa historiografia das ciências, contribui para o campo das relações teuto-brasileiras. Este é dominado por grande quantidade de trabalhos que tratam da imigração e suas decorrências em termos do impacto da mesma na formação cultural brasileira, na constituição de grupos e identidades regionais, e suas consequências

políticas, econômicas, culturais e diplomáticas (Oberacker Jr, 1968; Seyferth 1982, 1993; 1994, 1999, 2000; Gertz, 1987, 1991; Magalhães, 1993; Müller, 1994, 1998; Correa, 2001; Michahelles, 2003). Outros trabalhos abordam o intercâmbio comercial e as relações bilaterais no âmbito político e diplomático (Hilton, 1977; Gaudig e Veit, 1997; Santos, 1997; Menezes, 1997, 2005; Seyferth, 1999b; Gak, 2006; Weizenmann, 2008).⁸ No presente estudo, veremos que as ações de intercâmbio científico promovidas por Rocha Lima não se relacionaram com a numerosa presença de alemães e seus descendentes no sul do país ou mesmo no sudeste, ou com as políticas de manutenção da chamada “germanidade” (*Deutschtum*). Veremos que no relatório em que sistematizou suas propostas de aproximação intelectual, chamou atenção para o fato de que “lusobrasileiros” – categoria genérica empregada em oposição aos “teuto-brasileiros” – representavam “pontos de apoio” muito mais eficientes para as ações de propaganda cultural do que estes. O envolvimento de Rocha Lima no fomento às relações científicas Brasil-Alemanha traz à tona uma constelação de atores e instituições não diretamente referidos ao afluxo imigratório e à população teuta que já vivia no país. Certamente há interfaces, que aqui não puderam ser suficientemente exploradas, mas não foram de grande relevância na trajetória de nosso personagem.

Com base nesses pressupostos, pretende-se aqui reconstruir o itinerário profissional de Henrique da Rocha Lima naquilo que ele teve de singular em relação ao de seus contemporâneos em ambos os lados do Atlântico. Ele nos conduz à complexa urdidura das relações científicas internacionais, e nos demonstra como o pesquisador construiu sua reputação científica aliando formações culturais distintas e em certa medida até antagônicas. Revela ainda a dinâmica de circulação e validação de modelos e ferramentas conceituais que atravessaram o oceano através da correspondência pública e privada, publicações científicas, espécimes e fluxo de pessoas. Demonstra a maneira com que esse movimento se articulou aos objetivos e interesses das relações bilaterais – no caso, entre o Brasil e a Alemanha. A prolífica produção científica, de reconhecido valor no âmbito da microbiologia, patologia e medicina tropical, aponta como as doenças infecciosas – principalmente as chamadas

⁸ A literatura sobre as relações teuto-brasileiras, principalmente a que aborda a imigração e as populações de origem alemã no Brasil, é extremamente vasta e complexa. Devo admitir que não me familiarizei com esses trabalhos, desconhecendo principalmente seus resultados mais recentes. As referências aqui citadas aludem apenas a alguns trabalhos sobre o tema que considerei representativos e com os quais tive contato mais próximo. Eles utilizam abordagem heterogêneas e muitas vezes apontam para resultados discordantes entre si. Muito embora a atuação de Rocha Lima não estivesse diretamente referida à questão da imigração e de seus desdobramentos, tendo ele próprio se abstraído de discuti-la mais pormenorizadamente, não há como contornar o fato de que era um aspecto fundamental das relações Brasil-Alemanha em suas múltiplas dimensões.

“tropicais” – assumiram suas configurações, sendo “emolduradas” nesse processo de afluxo transnacional. Cumpre agora comentar as fontes empregadas na confecção do perfil científico de nosso personagem.

O personagem a partir das fontes

Já comentei que um dos primeiros eventos que despertaram meu interesse sobre Rocha Lima foi o contato com seu acervo no Instituto Biológico de São Paulo, ao qual tive acesso durante pesquisa de mestrado sobre a campanha paulista contra a broca dos cafeeiros (Silva, 2006). À época foi possível notar que ele reunia tanto documentos pessoais quanto profissionais. Uma das principais responsáveis por manter esse acervo até os dias de hoje, a pesquisadora Márcia Maria Rebouças, relatou-me em conversa informal que havia recolhido grande parte daquelas fontes num armário que se encontrava na seção de anatomia patológica. A admiração por Rocha Lima e o zelo com que cultivava sua memória fizeram com que mantivesse aquele enorme volume de papéis abrigado numa sala. Graças à gestão “esclarecida” do diretor do Biológico, Antonio Batista Filho, cujo trato com os vestígios do passado infelizmente ainda não é uma regra em nossas instituições de pesquisa, e apoiado com recursos da FAPESP, Rebouças articulou as iniciativas que redundaram na criação, em 2007, do Centro de Memória do Instituto Biológico de São Paulo. A documentação foi acondicionada em pastas, parte dela organizada e as instalações de parte do edifício *Art-Deco* da Vila Mariana foram adaptadas às exigências de um arquivo e centro de consulta.

O percurso desse fundo arquivístico é um dado que não é de importância menor. Sua acumulação pelo titular e o destino dado a ele posteriormente consistem, eles próprios, num processo que alude à auto-percepção do indivíduo, à maneira pela qual ele quis representar seu itinerário à posteridade e legar uma “escrita de si” (Gomes, 2004), bem como os meandros através dos quais essa memória foi mediada, apropriada e transmitida. Abundante literatura problematiza os aspectos de constituição sociológica dos arquivos pessoais e as cautelas que o historiador deve observar ao lidar com eles. De acordo com Pollak, eles são “evidências das transições da vida humana” (*apud* Venancio 2003, p. 17) e possuem características que os singularizam enquanto fontes para os estudos históricos. A identidade do acervo documental é dada pelo nome do titular que o gerou, consistindo essa identidade na lógica que dá organicidade aos documentos acumulados (Idem, p. 18). De forma alguma ela pressupõe uma

homogeneidade, mas sim aponta para o fracionamento e multiplicidade dos sujeitos históricos, cuja única estabilidade consiste na “falácia do nome próprio” (Bourdieu 1996). Os arquivos pessoais, enquanto composições da memória de seus titulares, registram “seu lugar particular na pluralidade dos acontecimentos históricos” (Venâncio 2003, p. 19). Consistem numa escrita que envolve omissões e destaques, eloquências e silêncios, uma vez que derivam de uma “manipulação da existência” engendrada no próprio ato de colecionar (Idem, p. 18).

Essas colocações mostram-se ainda mais pertinentes quando se tem em conta o fato de que houve uma clara intencionalidade de Rocha Lima no ato de acumular os registros de sua vida pessoal e profissional. Além das cartas numeradas e arranjadas em ordem alfabética, aparentemente por ele próprio, ele alude em documento sobre as controvérsias envolvendo a revolução de 1932 e a saída de Neiva do Biológico, às “provas” que mantém em seu arquivo. Numa das pastas onde guardou cuidadosamente manuscritos do tempo de Manguinhos lê-se, com sua marcante caligrafia “Arquivo Rocha Lima”. Esse projeto de legar à posteridade a memória de sua trajetória intelectual passou por diversas mediações. Tudo indica que grande parte da documentação que se encontra no Instituto Biológico foi entregue por sua companheira, Lygia Costa. Parte do arquivo seguiu com ela para o Rio de Janeiro, para onde mudou-se depois da morte de Rocha Lima. A esposa do filho de Lygia, ainda viva, relatou a Rebouças que destruiu a documentação que se encontrava na casa, localizada na Gávea, a qual incluía muitas fotos. A correspondência com Oswaldo Cruz foi entregue pela própria Lygia à Fundação Oswaldo Cruz em 1972, conforme testemunha documento do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz. Hoje compõe parte do Fundo Oswaldo Cruz – Série Correspondência. Toda a correspondência passiva e ativa também foi consultada para a tese.

As correspondências consistem no tipo de fonte predominante no conjunto documental de Rocha Lima. O uso frequente desses vestígios documentais nos estudos históricos também tem suscitado reflexões por parte da historiografia (Galvão & Gotlib, 2000; Venancio, 2003; Gomes, 2004; Lemos, 2004; Gontijo, 2006). Em sintonia com as advertências acerca da sedução representada pelos acervos pessoais e escritos “íntimos” e dos riscos que eles encerram, tais reflexões vêm chamando atenção para o “efeito de verdade” produzido por esse tipo de texto, que por ser composto em “mangas de camisa” – para usar expressão consagrada de Monteiro Lobato – revelaria uma essência mais verdadeira do sujeito histórico. Ao mesmo tempo em que consiste num espaço de encontro “físico e afetivo” (Gomes, 2004), a carta representa o “vestígio de uma realidade complexa (...) [que] absorve uma infinita diversidade

de práticas e de registros” (Dauphin *apud* Venâncio 2003). Ela figura também como uma estratégia de afirmação da identidade pessoal, que confere estabilidade ao indivíduo moderno, múltiplo e fragmentado. Além disso, é um instrumento de construção de redes de sociabilidade intelectual e vínculos “que possibilitam a conquista e a manutenção de posições sociais, profissionais ou afetivas” (Gomes, 2004).

A correspondência depositada no acervo de Rocha Lima destaca-se pela abundância e heterogeneidade. É mais densa em determinados períodos de sua trajetória do que em outros. A maior parte dela está vazada em alemão, mas também inclui cartas em inglês, francês e espanhol. Ela testemunha a envergadura da rede estabelecida pelo pesquisador brasileiro com seus pares e inclui grandes expoentes da medicina experimental de seu tempo. Somente uma parte dessa correspondência pôde ser utilizada no presente estudo. Privilegiei as cartas em alemão devido ao interesse em enfatizar suas estratégias de inserção na comunidade acadêmica germânica e na promoção das relações Brasil-Alemanha. Decifrá-las, no início, só foi possível devido ao projeto submetido pelo meu orientador ao CNPq, cuja verba possibilitou a tradução. Somente depois de cerca de dois anos de curso de alemão, pude me atarracar com as declinações, verbos separáveis, estrutura gramatical complexa e totalmente diversa do português e períodos que não raro ocupavam uma página inteira. Esse esforço limitou bastante o volume de cartas que pôde ser lido e utilizado na tese. Dei preferência, também, às correspondências mantidas por mais tempo e com maior regularidade. Como previsto, foram aquelas que trocou com os colegas e amigos mais próximos. Destaca-se, nesse sentido, o amplo volume daquela que manteve com o médico alemão Fritz Munk. A análise de seu conteúdo revelou que Munk foi aquele com quem teve maior intimidade. As cartas estenderam-se até a morte deste. Da correspondência consultada, é a única que emprega o tratamento informal “Du”, ao invés do protocolar e formal “Sie”. A profundidade da amizade levou a que Munk aprendesse português e cultivasse admiração pelo Brasil. Amigos de Rocha Lima passaram a pertencer também a seu círculo de sociabilidade. Esteve duas vezes no país e tornou-se o principal parceiro de nosso personagem no engajamento em favor das relações teuto-brasileiras. As cartas tratam das ocupações profissionais cotidianas, recomendações de pessoas, assuntos familiares e financeiros e complexas e profundas análises do contexto sócio-político em âmbito nacional e internacional. É a partir delas que foi possível notar a argúcia de Rocha Lima na observação dos eventos contemporâneos, um traço mencionado reiteradas vezes por Munk.

Privilegiei também as correspondências com os colegas do *Tropeninstitut* – Bernhard Nocht, Peter Mühlens e Martin Mayer. A trocada com este último é a segunda maior em volume. Infelizmente parte dela não pôde ser analisada devido à caligrafia praticamente ilegível do pesquisador alemão. Além das correspondências, o acervo de Rocha Lima encerra recortes de jornais, fotografias, manuscritos, esboços, gravuras científicas, anotações de experimentos, cartões, recibos, cadernos de anotações de aula, separatas científicas, certificados e diplomas, programas de cursos, folders de indústrias médicas, etc.⁹ Reafirmo que parte significativa desse material não pôde ser utilizada na tese, em virtude do volume e da limitação de tempo e espaço. Outras facetas do personagem certamente se destacariam na análise desses vestígios de sua vida.

A dimensão do acervo pessoal de Rocha Lima não elimina silêncios e lacunas. Alguns deles puderam ser sanados através da consulta a outros acervos – privados e públicos – cada qual com sua lógica própria de acumulação e “escrita”. A correspondência com o amigo dos tempos da Faculdade de Medicina, Hugo Werneck, depositada no arquivo da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, e disponibilizada por Rita de Cássia Marques, revelou-se um conjunto documental bastante precioso, que permitiu reconstruir com minúcias os primeiros passos e impressões de Rocha Lima na Alemanha. Já mencionei as cartas trocadas com Oswaldo Cruz, sob a guarda do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz. As cartas com Arthur Neiva encontram-se no fundo pessoal deste, sob a guarda do Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea (CPDOC) na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Algumas cartas foram também localizadas no arquivo histórico do Instituto de Medicina Tropical Bernhard Nocht, em Hamburgo, e no Arquivo da Cidade de Hamburgo (*Staatsarchiv Hamburg*). Outros materiais concernentes à sua trajetória na cidade hanseática também foram localizados nesses arquivos. A robusta coleção de separatas científicas acomodada no sótão do *Tropeninstitut* permitiu recuperar não só alguns trabalhos de Rocha Lima, como o de contemporâneos com os quais dialogou e que dedicaram-se às mesmas problemáticas científicas que ele.

No Arquivo Político do Ministério das Relações Exteriores, em Berlim (*Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes*) localizei volume apreciável de fontes sobre o intercâmbio científico Brasil-Alemanha, principalmente no período dos anos 1920 e 1930. Há documentação expressiva registrando as movimentações de Rocha Lima nesse sentido, muito

⁹ Uma relação parcial da composição do acervo de Rocha Lima está em Rebouças *et al.* 2009.

mais do que no arquivo correspondente no Brasil – o do Itamaraty. No *Geheimes Staatsarchiv der Preußischen Kulturbesitz* consultei documentos concernentes ao Instituto Ibero-Americano de Berlim e à Academia Médica Germano Ibero-Americana, que intermediou o intercâmbio médico da Alemanha com a América Latina durante o nacional-socialismo. A Academia ficou responsável por ciceronear Rocha Lima durante sua viagem à Alemanha em 1937. Intermediou o convite para que participasse da reunião do Partido Nazista em Nuremberg e da recepção de Hitler a Mussolini. A documentação do *Politisches Archiv* também lançou luz sobre a viagem sobre a qual há poucos registros no arquivo pessoal do personagem. Infelizmente a pressão dos prazos não permitiu que as fontes coletadas em ambos arquivos pudessem ser exploradas em toda sua amplitude.

Evidentemente as fontes do fundo pessoal de Rocha Lima representam o principal conjunto documental que subsidia a tese. Por conta disso, esta foi confeccionada “nas tramas do feitiço”. Procurei tensionar as percepções e “leituras” do personagem acerca de sua própria trajetória, não apenas recorrendo a outros registros documentais e/ou bibliográficos, mas também analisando as múltiplas variáveis que determinaram suas escolhas, intenções e ações. Menos do que buscar um Rocha Lima “mais verdadeiro” por trás de seus escritos íntimos e privados, o objetivo foi muito mais considerar – nas palavras de Ângela de Castro Gomes (2004, p. 15) – “exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa.” Cabe agora apresentar ao leitor a estrutura da tese e as questões trabalhadas em cada parte dela.

A trajetória de Rocha Lima em capítulos

No primeiro capítulo, “Rocha Lima, o Instituto de Manguinhos e as relações teuto-brasileiras”, trato brevemente da formação de Rocha Lima, os primeiros contatos com Oswaldo Cruz e a viagem à Alemanha, em 1901. Reconstruo o percurso dele pelas instituições germânicas, as primeiras impressões e os dilemas da opção pela clínica ou pela medicina experimental. Em seguida, abordo a campanha sanitária de Oswaldo Cruz, destacando as ações contra a febre amarela, que puseram Manguinhos na cartografia da ciência internacional. O perfil da campanha na capital brasileira chamou a atenção dos pesquisadores do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, praticamente contemporâneo do então Instituto Soroterápico. Descrevo rapidamente a expedição feita por Hans Erich Moritz Otto e Rudolf Otto Neumann ao Rio de Janeiro em 1904, aproveitando o

ensejo para apresentar a instituição na qual futuramente atuaria nosso personagem. Os estudos de Rocha Lima sobre o carbúnculo sintomático, que culminaram no desenvolvimento da vacina que garantiria a autonomia financeira do Instituto Oswaldo Cruz, são em seguida analisados. Trato da segunda viagem de nosso personagem à Alemanha, os estudos em anatomia patológica com Hermann Dürck e seu engajamento em favor da participação brasileira na XIV Exposição de Higiene de Berlim em 1907. Demonstro a contribuição fundamental dele para o sucesso de Oswaldo Cruz e sua “entourage”, a qual considero o principal episódio de promoção dos laços de Manguinhos com a ciência germânica naquele período. As estadias de Prowazek, Giemsa, Hartmann e Dürck na instituição brasileira nos anos seguintes são apresentadas como corolário daquela iniciativa. Analiso a ida à Alemanha em 1909, a ruptura que ela provocou com Oswaldo Cruz e as ingerências sobre a dinâmica interna do Instituto. Como consequência das ligações que manteve com o Brasil depois da incorporação definitiva ao *Tropeninstitut*, abordo as iniciativas de nomeação de dois professores – um alemão e um austríaco – para escolas médicas brasileiras. Por fim, descrevo seus esforços em favor de uma representação favorável à Alemanha acerca do andamento da Primeira Guerra, um modo de influenciar os alinhamentos da sociedade brasileira em favor das potências centrais.

O segundo capítulo, “Rocha Lima no Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo” compreende a atuação do pesquisador brasileiro naquela instituição entre 1909 e 1914. Ele consiste basicamente na produção científica do personagem, que se adensou nesse período: os estudos sobre a anatomia patológica da febre amarela, da doença de Chagas, as pesquisas sobre o agente etiológico da histoplasmose e linfangite epizoótica, sobre a histopatologia da verruga peruana/ doença de Carrión e estudos sobre a malária. Extrapolo os marcos temporais acima mencionados, na medida em que procuro analisar os desdobramentos desses estudos nos anos seguintes. Optei por concentrá-los aqui por finalidade didática. Basicamente os enunciados sobre a histopatologia da febre amarela e da verruga peruana repercutiram nos anos posteriores, fomentando ainda nos anos 1920 e 1930, novos diálogos e controvérsias. Demonstro que a combinação entre a microbiologia e a anatomia patológica consistiram na marca da produção científica de Rocha Lima. Através do estudo minucioso das lesões provocadas nos tecidos pelos agentes patológicos, ele conquistou legitimidade e reconhecimento entre seus pares alemães. Considero que a participação do cientista na edição dos mais reputados manuais médicos germânicos consiste num demonstrativo da projeção que

ele conquistou no estudo das distintas questões às quais se dedicou e da força das redes de sociabilidade intelectual que ele teceu.

O terceiro capítulo “A Medicina no Front: Rocha Lima, o tifo exantemático e as riquetsias” descreve o percurso das pesquisas de Rocha Lima rumo àquela que foi a contribuição científica que sacramentou sua reputação entre os pares: a identificação do agente etiológico do tifo exantemático e de uma nova categoria de microrganismos – as riquetsias. O capítulo traça um panorama dos estudos sobre aquela doença e contextualiza a atuação do personagem no cenário da Primeira Guerra Mundial, na qual os cânones e práticas da bacteriologia assumiram destaque na luta contra as doenças que grassavam entre as tropas. Aponto que a descrição da *Rickettsia prowazeki* foi um processo bastante acidentado, envolvendo muitas controvérsias, recuos e dilemas. Destaco as estratégias empregadas por Rocha Lima na validação de seus enunciados, vistos com ceticismo pela comunidade médica. A estabilização dos mesmos envolveu a contribuição de outros personagens em outros contextos geográficos e institucionais. Depois de aceito o patógeno incriminado por ele, viu seu papel na descrição do mesmo minimizado ou contestado. A luta pelo reconhecimento de sua “obra princeps” estendeu-se até o fim de sua trajetória e deixou ressentimentos que o fizeram denunciar as tendências e assimetrias que configuram a ciência internacional.

Em “O cientista-diplomata: Rocha Lima e as relações científicas no pós-Primeira Guerra”, quarto capítulo da tese, reconstruo o cenário da ciência alemã depois da assinatura do Tratado de Versalhes e seus efeitos sobre o Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo e sobre nosso personagem. Com a manutenção do Instituto ameaçada, Bernhard Nocht e demais quadros do *Tropeninstitut* reforçaram suas ligações com a *Kulturpolitik*, que figurou como uma das poucas estratégias de política externa livres das restrições do Tratado de Paz. Através dela, procuraram contornar o isolamento da ciência alemã, promovê-la entre os círculos estrangeiros, recrutar estudantes e abrir caminho para o comércio e a indústria, de modo a atrair o patrocínio para suas atividades seriamente comprometidas pela debacle econômica. Trato das duas viagens que Rocha Lima fez ao Brasil, em 1920 e 1922, e as iniciativas que tomou em favor da ciência alemã. O capítulo inclui ainda os estudos que realizou sobre as dermatoses tropicais, entre as quais destacaram-se as blastomicoses. Em seguida, é descrito seu papel na organização da Seção de Medicina Tropical da Exposição Missionária de Roma, que ocorreu em 1925, e a participação numa autêntica “missão diplomática” pró-germânica: a tentativa de influenciar as decisões de um membro do Instituto Colonial Internacional em favor dos interesses alemães em suas ex-colônias. A estadia de seis meses no Brasil em 1926

é descrita como o ponto alto do engajamento de nosso personagem no incentivo às relações teuto-brasileiras e da política cultural alemã. Reconstruo seu percurso, as atividades no Instituto Oswaldo Cruz e aquelas referentes à *Kulturpolitik*. Analiso o relatório desta viagem entregue às autoridades diplomáticas de Berlim como uma estratégia empregada pelo pesquisador para ganhar reconhecimento da sua função como “diplomata da ciência” e auferir não só o prestígio daí advindo, como o apoio concreto que o Ministério das Relações Exteriores reservava aos que cooperavam com sua política externa. Como produto direto das iniciativas tomadas em 1926, analiso a “missão Jakob-Rocha Lima”, na qual o neurologista Alfons Jakob ofereceu cursos de anatomia patológica do sistema nervoso. Trato ainda do acordo proposto a Bernhard Nocht de cooperação entre Manguinhos e o *Tropeninstitut*, que asseguraria a atuação de nosso personagem nas duas instituições.

O quinto capítulo, “Um cientista germânico em solo bandeirante: Rocha Lima, o Instituto Biológico e as relações teuto-brasileiras” discorre sobre a trajetória do personagem depois do retorno ao Brasil. Analiso as complexas motivações que o levaram a deixar Hamburgo e a integrar o recém-fundado Instituto Biológico de São Paulo. Trato de suas atividades como diretor da sub-divisão animal e, a partir de 1933, como diretor-geral. Destaco a continuidade das iniciativas orientadas pela *Kulturpolitik*. Com base na correspondência, abordo as turbulências pessoais que enfrentou nesse período e as análises nela registradas, tanto sobre os efeitos da depressão sobre as sociedades brasileira e alemã, como sobre a tomada do poder pelos nazistas. Sublinho a influência de Rocha Lima na nomeação de cientistas alemães como professores da recém-criada Universidade de São Paulo e as tentativas dele e de alguns colegas de acomodar os pesquisadores de origem judia expulsos de seus postos de trabalho. Por fim, reconstruo a expedição, em 1936, dos pesquisadores de Hamburgo Ernst Nauck e Gustav Giemsa às colônias alemãs do Espírito Santo, para a qual contaram com o apoio do colega brasileiro.

O sexto e último capítulo “Rocha Lima sob a sombra da águia alemã” inicia-se com a criação da Academia Médica Germano Ibero-Americana, em 1935, e seu papel na viagem de Rocha Lima à Alemanha em 1937. Acompanho seu percurso pelas instituições alemãs e trato da premiação recebida do governo nazista em janeiro de 1938. Novamente apoiado na correspondência pessoal, analiso a postura do personagem em relação à política externa brasileira e alemã e ao nazismo, na véspera e durante a Segunda Guerra. Comprovo que ele torceu pela vitória das tropas de Adolf Hitler e viu com extrema má-vontade a aproximação gradual do governo de Vargas em direção aos Estados Unidos. Na mesma linha de análise,

acompanho as percepções dele e dos colegas sobre a Alemanha no pós-Guerra e as iniciativas de auxílio aos amigos em dificuldades devido às precárias condições do período. A situação do Instituto Tropical de Hamburgo, os esforços de Ernst Nauck para soerguê-lo e as contribuições de Rocha Lima nesse sentido são descritos a seguir. Destaco a participação da delegação alemã no Congresso Internacional de Microbiologia, em 1950, e a viagem de Nauck ao Brasil, em 1954. A última viagem do brasileiro à Alemanha em 1952 é também reconstruída neste capítulo. Abordo o prosseguimento das atividades de Rocha Lima como diretor do Instituto Biológico a partir de 1938 até sua aposentadoria, em 1949, após a qual assumiu a direção do Instituto Pinheiros. Trato ainda da viagem aos Estados Unidos e Canadá, em 1945, e das investidas crescentes dos norte-americanos no Brasil, presentes também no Instituto Biológico. Abordo as ingerências administrativas de Adhemar de Barros e a influência de Rocha Lima na criação da SBPC, em 1948. Por fim, trato de sua morte, em 1956 e da produção memorialística sobre o personagem. Discorro e problematizo a dimensão do “silenciamento” que essa literatura enfatiza e que é atribuída por alguns à identificação com o governo alemão e ao prêmio recebido do Terceiro Reich.

CAPÍTULO 1: ROCHA LIMA, O INSTITUTO DE MANGUINHOS E AS RELAÇÕES BRASIL-ALEMANHA (1901-19)

Várias embarcações vieram recepcionar aquela maior, que trazia a bordo Oswaldo Cruz. O porto do Rio de Janeiro estava repleto de populares e representantes das agremiações médicas. A atmosfera era de entusiasmo. A imprensa havia noticiado em tom triunfante a chegada do sanitarista. A mesma que há alguns anos o criticara duramente devido à decretação da obrigatoriedade da vacina antivariólica. Agora, no entanto, ele era recebido como herói nacional. O motivo de tanto júbilo era a premiação conquistada pelo Brasil no XIV Congresso de Higiene e Demografia, que ocorrera em Berlim em setembro de 1907. Em retribuição aos louros obtidos no Velho Mundo, o Congresso Nacional aprovou no fim daquele mesmo ano o projeto que previa a transformação do Instituto Soroterápico Federal num de medicina experimental, depois da concepção original ter passado por várias modificações e ter quase naufragado no Legislativo (Benchimol, 1990). Uma vez aprovado, tornou viável o estabelecimento, na capital brasileira, de um instituto de pesquisas médicas aos moldes do que ele conhecera no Velho Mundo. A legitimidade obtida no estrangeiro não só ajudou a vencer as resistências que haviam à implementação de uma instituição científica em moldes amplos, como também serviu de comprovação às elites da “*Belle Époque*”, de que, afinal, o Brasil tomava parte no concerto das nações civilizadas, incorporando o ingrediente encarado como a pedra de toque da modernidade – a ciência.

O homenageado não estava muito afeito a comemorações e mesuras. Sofria intimamente de uma “neurastenia”, termo de uso corrente à época e que empregara em sua correspondência para designar o estado de apatia e desânimo em que se encontrava. Sabia que o mérito do sucesso em Berlim devia-se principalmente às articulações de seu colaborador mais próximo – Henrique da Rocha Lima – conforme admitira em carta a João Pedroso quando ainda estava na Alemanha: “O Rocha Lima, com as excelentes relações que tem aqui, obteve-nos os melhores lugares e fez uma propaganda lenta pela palavra (...) assim foi ganha a batalha, cujos louros competem a Rocha Lima e Vasconcelos...” (*apud* Cukierman 2001, p. 582). E aludiu à injustiça por conquistar o mérito: “E eu, em tudo isso, representei o papel de

‘medalhão’, colhendo os frutos sazoados e saborosos da sementeira feita por aqueles cujos nomes foram esquecidos” (Idem, p. 582).

Devido à importância da premiação para o desenvolvimento do Instituto de Manguinhos, os esforços de Rocha Lima que redundaram naquele êxito, consistiram numa das grandes contribuições que faria à ciência brasileira. Foi também uma das primeiras. Dali em diante, seus laços com a ciência alemã tornar-se-iam ainda mais estreitos. A ponto dele migrar para a Alemanha, adquirindo ali reputação internacional. Neste capítulo abordaremos o início de sua trajetória científica, da Faculdade de Medicina até os primeiros anos da Grande Guerra, já em Hamburgo.

1.1. A formação de Rocha Lima

Henrique da Rocha Lima nasceu no Rio de Janeiro em 24 de novembro de 1879, filho de Henrique Carlos da Rocha Lima e Hermizilia Cássia Rocha Lima. Era neto dos barões da Saúde, pertencendo a família de raízes nobiliárquicas e de muitas posses, a crer no inventário depositado em seu arquivo pessoal. Não investiguei a fundo os antecedentes familiares do personagem. Sabe-se, no entanto, que seu pai era um reputado clínico do Império, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Fora um dos fundadores da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, instituição fundada em 1881 por um grupo liderado por Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, com o objetivo de articular educação e assistência médica, servindo, ao mesmo tempo, como entidade filantrópica (Sanglard & Ferreira, 2010). Era custeada com recursos cedidos pelo governo imperial e pelos sócios benfeitores. O prestígio de Henrique Carlos da Rocha Lima pode ser aferido a partir dos demais médicos que compuseram os quadros da Policlínica: enquanto ele ocupou o serviço de pneumocardiopatologia, Julio Rodrigues de Moura e Francisco Borges de Souza Dantas assumiram o de Patologia Intertropical, Domingos de Almeida Martins Costa e João Carlos Teixeira Brandão o de Moléstias do Sistema Nervoso, Pedro Severiano de Magalhães o de Clínica Cirúrgica, José Cardoso de Moura Brasil o de Oftalmologia, José Rodrigues dos Santos e Carlos Pires Ramos o de Ginecologia, Cipriano Barbosa Bettamio o de Otologia, Laringologia e Rinologia, Antonio José Pereira da Silva Araújo o de Moléstias Sifilíticas e da Pele e Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo o de Moléstias de Crianças.

Nosso personagem estudou no colégio Progresso, no Rio de Janeiro, e depois frequentou, em Petrópolis, o São Vicente de Paula e o colégio Brasil-Alemão. Nestes dois últimos, foi colega do renomado historiador Afonso d'Escagnolle Taunay. Taunay conta que Rocha Lima passava os verões na casa dos seus avós, os barões da Saúde, em Petrópolis (Taunay, 1940, p. XXVIII). Conta também que o colega se destacava nos torneios de classe devido à boa memória, fazendo com que um dos professores previsse nele um grande latinista. É curioso o fato do futuro cientista ter estudado no Colégio Brasil-Alemão em Petrópolis, fundado por imigrantes alemães naquela cidade de forte presença germânica. Viria daí a germanofilia que o caracterizaria durante sua trajetória ou era um elemento já presente na família dos Rocha Lima? O sobrenome remete à origem portuguesa, mas o nome Henrique, que o pai faria questão de transmitir aos dois filhos (o irmão se chamava Carlos Henrique da Rocha Lima), é de origem teuta. Apenas pesquisas mais aprofundadas poderiam revelar se haviam ascendentes germânicos na família. De qualquer forma, nosso personagem foi submetido já criança a um ambiente com forte presença alemã e é bastante provável que tenha tomado os primeiros contatos com o idioma já no colégio.

Rocha Lima ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, certamente inspirado pelo pai. Ela consistia numa das opções para os que pretendiam ter formação superior, ao lado dos cursos de direito e engenharia, oferecidos pela Escola Militar e pela Politécnica. A escola médica do Rio era, junto com a de Salvador, a mais antiga, tendo sido criada ainda em 1808, quando Dom João VI e sua corte migraram para o Brasil. Quando Rocha Lima ingressou nela, ainda se faziam sentir com força os efeitos da ampla reforma do ensino médico introduzida na direção do Visconde de Sabóia (1881-1889). O objetivo da reforma foi assegurar maior liberdade na definição dos currículos e atividades, e mais autonomia em relação às instâncias administrativas do império, cujo caráter centralizador refreava o movimento dos professores em favor da modernização do ensino. Pretendeu ainda imprimir ao seu currículo um perfil prático-experimental. Aquele oferecido na Corte brasileira foi considerado muito teórico por segmentos da elite médica. Além disso, as instalações da Faculdade foram vistas como precárias e obsoletas para oferecer uma formação orientada pelos preceitos da chamada medicina experimental (Edler, 1992). Influenciados pelos ventos reformistas de matriz liberal e cientificista que varreram o Brasil a partir de 1870, aquela geração de médicos visava sintonizar o ensino da faculdade do Rio de Janeiro com as novas teorias que sacudiam o pensamento médico naqueles anos e que gravitavam em torno da bacteriologia, fisiologia e patologia.

Uma comissão que incluía o próprio Sabóia, viajara à Europa em 1872 para observar os perfis de ensino cultivados nos centros considerados como vanguardas da medicina. Domingos José Freire Júnior, catedrático de química orgânica da Faculdade de Medicina do Rio, e um dos próceres da reforma do ensino médico, também visitou aqueles centros cinco anos depois. Ele enviou seis relatórios à congregação da Faculdade, nos quais registrou as detalhadas observações colhidas não só em universidades e demais estabelecimentos de ensino, como também em hospitais, clubes, agremiações científicas e bibliotecas (Benchimol 1999, p. 28-9). Freire considerou as universidades, instituições hospitalares e laboratórios de Berlim e Viena os modelos mais avançados de ensino superior (Idem, p. 29). Naqueles anos, o perfil germânico de ensino se afirmava como o mais adequado ao cultivo das ciências, fazendo da capital alemã a Meca dos que aspiravam fazer ou completar seus estudos em medicina. Até então, Paris ocupara essa posição, mas o modelo centralizador francês da era napoleônica não favoreceu o desenvolvimento da ciência experimental e do ensino prático realizados em laboratório. Em linhas gerais, o modelo alemão associava a atividade docente com a de pesquisa, realizada nos institutos anexos às universidades ou fora delas. Ambas as tarefas eram concentradas nas mãos dos professores catedráticos, que dominavam o rígido sistema hierárquico, reinando sobre a plêiade de assistentes, preparadores, estudantes e demais subordinados. O figurino alemão atraía não só pelo estímulo à atividade científica e a vinculação desta no ensino, mas pelas estreitas relações que a mesma estabelecia com a indústria. Esse aspecto não passou despercebido a Domingos Freire, que acompanhou com particular interesse a força que a química alemã adquiria (*Idem*), tornando-se o carro-chefe das transformações que davam origem à formação do complexo acadêmico-industrial germânico.

Na prática, a implementação do modelo germânico ao ensino médico brasileiro sofreu uma série de restrições, menos por defasagens ou deformações, mas pelo próprio caráter dessa transferência de modelos institucionais. Eles requerem adaptações ao contexto no qual são aplicados, e muitas vezes trazem consigo problemas que são ignorados pelos seus defensores. Mas foi o modelo germânico que deu o tom da reforma instituída nos anos de 1880 durante a direção do visconde de Sabóia (Edler, 1992). Ela instituiu o fim da presença obrigatória nas aulas, extinguiu a sabatina, determinou a obrigatoriedade das provas práticas e liberou a frequência de mulheres nos cursos. Passou a exigir de médicos estrangeiros testes de habilitação para o exercício da medicina e previu ampla modificação do currículo. Clínica médica e cirúrgica foram desdobradas em duas cadeiras, e foram criadas as de psiquiatria,

histologia teórica e prática, anatomia e fisiologia patológicas, oftalmologia, moléstias cutâneas e sífilíticas, além de sete cursos livres que foram autorizados (Edler, 1992; Benchimol 1999, p. 30-1). Os laboratórios foram reformados e ampliados e novos foram construídos. Além do laboratório de fisiologia, que foi reequipado, a escola passou a contar com os de química orgânica e biológica, física e higiene. Dois anfiteatros passaram a constituir as instalações da escola e a biblioteca foi abastecida com assinaturas de periódicos estrangeiros. O corpo docente também sofreu modificações, com a introdução das novas categorias de preparadores de laboratórios, assistentes e internos das clínicas e, mais tarde, de professores adjuntos (Benchimol 1999, p. 33).

A despeito das limitações da reforma, ela trouxe modificações bastante importantes. Seus idealizadores procuraram, por meio dela, favorecer o espírito científico entre os estudantes e professores, que poderiam contar com um ambiente mais propício a observações e estudos originais no campo da pesquisa médica. Os adeptos da medicina experimental defendiam que os avanços no conhecimento das doenças só eram possíveis aliando a observação clínica aos estudos de laboratório. A ambiência intelectual, marcada pela efervescência de idéias, como o positivismo e o darwinismo social e os resultados concretos na compreensão e equacionamento de doenças, abriram caminho para essa reorientação do pensamento médico. A bacteriologia foi uma das frentes mais dinâmicas nesse contexto. Ela não só estabeleceu uma nova maneira de encarar as doenças infecciosas, como também trouxe novas armas e promessas de solução para o enfrentamento das mesmas. A partir de seus estudos sobre a fermentação, Louis Pasteur correlacionara a causa de doenças infecciosas aos microrganismos, estendendo tal correlação às patologias veterinárias e humanas. Baseado nessas pesquisas, preconizou a introdução de práticas de esterilização e assepsia, que balizariam a higiene e saúde pública nos anos seguintes. Na Inglaterra, Joseph Lister revolucionou a cirurgia, aplicando a ela os mesmos princípios. Na década de 1880, Pasteur dedicou-se à observação da raiva, contra a qual desenvolveu, em 1886 uma vacina, depois de ter desenvolvido imunizantes contra o cólera das galinhas e do antraz, obtidos por meio da atenuação dos patógenos. As vacinas representariam uma das principais ferramentas para a prevenção e tratamento das doenças infecciosas, fomentando o otimismo na possibilidade de

controlá-las. O desenvolvimento da vacina contra a raiva garantiu os subsídios que redundaram na criação do Instituto Pasteur, em Paris, em 1888.¹⁰

Na Alemanha, a ciência dos germes encontrou solo fértil de desenvolvimento. Lá, seu principal representante foi Robert Koch, que em 1876 descreveu o agente causador do antraz, em 1882 o da tuberculose e no ano seguinte, o do cólera. Ele estabeleceu, em 1884, os critérios que deveriam ser observados para a comprovação de um micróbio como agente patogênico, e desenvolveu técnicas, como o meio de cultura sólido e a fotomicrografia, que alavancaram o avanço da bacteriologia médica (Gradmann, 2010). A década de 1880 seria a idade de ouro da ciência dos micróbios, com a descrição dos patógenos da gonorréia, da febre tifóide, da tuberculose, do cólera, da difteria e do tétano (Berger 2007, p. 41). Os estudos das doenças infecciosas orientadas pelo paradigma bacteriológico trouxeram a reboque avanços na compreensão dos fenômenos da imunidade. Enquanto na França, Metchnikoff identificava determinados tipos celulares como os principais elementos da defesa orgânica, na Alemanha o mesmo fenômeno foi atribuído a compostos que estariam presentes no sangue e demais líquidos do corpo. No Instituto de Doenças Infecciosas, fundado por Robert Koch, Emil von Behring e Paul Ehrlich realizaram os estudos que redundaram no desenvolvimento da anti-toxina diftérica, que se tornou uma das maiores conquistas da terapêutica da época, por combater a doença que causava índices altíssimos de mortalidade infantil. A chamada “soroterapia”, levada adiante por Behring e seus colaboradores, figurava promissora para o combate às doenças infecciosas. Logo, seria também desenvolvido o soro antitetânico. Ehrlich, por sua vez, dedicou-se ao aprofundamento dos estudos da imunidade, através dos quais lançou a teoria das cadeias laterais¹¹ e, logo em seguida, a primeira teoria de formação dos anticorpos, conceito cunhado por ele em 1891. A observação de efeitos do soro de convalescentes e da reação do organismo sobre os patógenos levou à identificação de fenômenos como a bacteriólise, descrita por Richard Pfeiffer, processo no qual o envolvimento dos anticorpos seria comprovado mais tarde.

Médicos brasileiros acompanharam de perto esse turbilhão de novos conhecimentos no campo da medicina. Os avanços na bacteriologia e o desenvolvimento de novas terapias

¹⁰ Sobre a “revolução pasteuriana” na França, ver Latour, 1993. Sobre a trajetória de Pasteur, com foco nos experimentos que redundaram na vacina anti-rábica e a na desconstrução do “mito”, ver Geison, 2002.

¹¹ De acordo com a teoria das cadeias laterais, as células possuíam, além de receptores para captar alimentos, aqueles para captação de componentes químicos, como corantes e medicamentos, idéia-chave no desenvolvimento da quimioterapia.

foram apropriados e aplicados no estudo e combate das doenças infecciosas no Brasil, principalmente daquelas que se manifestaram em violentos surtos epidêmicos no último quartel do século XIX. Elas incidiram num contexto já bastante convulsionado pela abolição da escravatura e introdução do trabalho livre, pelo afluxo de mão-de-obra estrangeira, pela dinamização dos meios de transporte e crescimento urbano e pela instauração do novo regime político e as turbulências deflagradas por ele. Na Corte imperial e depois, capital federal, os surtos de febre amarela tornaram-se, desde 1850, um fenômeno frequente. “Ano de mangas, ano de febre amarela”, refere-se Benchimol (1999) à expressão empregada pelos cariocas, que entre temor e resignação, reforçavam a correlação das epidemias com as estações quentes e úmidas. A doença estigmatizava o Rio de Janeiro como estigma cidade pestilenta, reclamando a atenção das autoridades sanitárias, que procuraram meios de mitigar seus efeitos com medidas baseadas nos controversos conhecimentos que havia sobre ela. Não é de surpreender que no Brasil as discussões e estudos orientados pela nova ciência dos germes tenham gravitado em torno do “mal amarílico”, conforme demonstra Benchimol (1999). Ela fez alguns adeptos e outros tantos adversários, contribuindo para eletrizar ainda mais um cenário marcado por renhidas controvérsias e disputas pessoais e institucionais.

Em meio a esse processo “denso e conflitivo” (Benchimol 2000, p. 269), destacaram-se os primeiros “caçadores de micróbios”, entre os quais ganhou notabilidade o já referido Domingos Freire Júnior e seu principal adversário, João Baptista de Lacerda, fisiologista do Museu Nacional. O primeiro chegou a desenvolver um imunizante empregado na profilaxia contra a doença, produzido a partir do germe que ele incriminou como patógeno – o fungo polimórfico *Criptococcus xantogenicus*. Naqueles anos de 1880 e 1890, houve uma profusão de teorias etiológicas e desacordo em relação aos métodos mais eficientes de profilaxia e combate da febre amarela. Essa polifonia de atores e concepções ligava-se às indefinições que também haviam no cenário internacional em torno de uma doença que parecia não se enquadrar nos moldes previstos pelo figurino pasteuriano. Rearranjos conceituais que ocorriam no âmbito da própria teoria dos germes acomodavam de forma precária novos elos que vinham se somar às já complexas interrelações estabelecidas entre micróbios, o meio ambiente circundante e o hospedeiro humano (Idem, Benchimol, 2001). A identificação de agentes patogênicos em pessoas saudáveis consistiu num dos primeiros abalos do modelo que equacionava a presença de micróbios às doenças. Outras categorias de microrganismos além dos “bacilos”, considerados nos anos de 1880 os patógenos “clássicos”, passaram a ser incriminados como agentes etiológicos. Em 1880, o médico da armada francesa Charles Louis

Alphonse Laveran apontou o protozoário encontrado no sangue de soldados argelinos como agente da malária. Seu “hematozoário” sofreu resistências no campo médico, mais inclinado a endossar os bacilos apontados por Klebs e Crudelli. Em torno dos debates sobre o modo de transmissão do hematozoário de Laveran, demarcou-se, a partir das balizas da microbiologia, a especialidade que o médico inglês Patrick Manson referiu-se pela primeira vez em 1897 como “medicina tropical” (Worboys, 1993, 1996). Esta não inaugurava os estudos sobre a patologia dos trópicos, mas ressignificava a maneira de encarar as doenças vistas como específicas das latitudes intertropicais. Em 1879, Manson havia demonstrado o papel dos mosquitos do gênero *Culex* na transmissão da filariose. Em 1893, o norte-americano Theobald Smith comprovou a transmissão da febre do Texas por carrapatos e em 1896, David Bruce a da tripanossomíase americana (doença do sono) pela mosca tsé-tsé. Seguindo esse modelo, Ronald Ross elucidou, em 1898, a transmissão da malária aviária também pelos mosquitos *Culex*. No ano seguinte, os italianos Giovanni Baptista Grassi, Amico Bignami e Giuseppe Bastinelli demonstraram a transmissão da malária humana por mosquitos do gênero *Anopheles*. Assentavam-se, dessa forma, as bases cognitivas que sustentariam o edifício conceitual da nova especialidade médica chamada medicina tropical, tributária, mas ao mesmo tempo, distinta, da microbiologia de Pasteur e Koch.¹² Ela ganhava fóruns institucionais principalmente nas potências coloniais européias, devido à importância que o estudo e combate das doenças prevalescentes nas colônias e protetorados assumiam para o “imperialismo construtivo” daquele tempo. Devido às semelhanças com a malária, logo desconfiou-se que a transmissão da febre amarela também obedecesse ao padrão do “parasito-vetor”. O médico cubano Juan Carlos Finlay formulara, em 1881, a hipótese da transmissão pelo mosquito *Stegomyia fasciata*, mas ela ficou no limbo até ser revalidada, vinte anos depois, pela comissão médico-militar norte-americana em Havana, conforme veremos adiante.

Essas teorias circularam nos circuitos internacionais através das publicações especializadas e congressos médicos e sanitários, que tornaram-se bastante frequentes nas últimas décadas do século XIX. Elas impactaram no meio médico brasileiro, que apropriou-se criativa e seletivamente desses enunciados, com o propósito de afirmar suas posições no campo de forças em que se esgrimiam teorias, reputações intelectuais e institucionais e disputas por reconhecimento. Surpreende a profusão de teorias e a riqueza de debates que

¹² Sobre as relações da medicina tropical com a bacteriologia ver Farley, 1992 e Worboys, 1997.

segmentaram o campo médico brasileiro naqueles anos. Alinhados com o que se entendia à época como a mais legítima ciência, os atores que perfilaram naquele contexto demonstraram sofisticação na elaboração de suas teorias e atualização com o que ocorria nas convencionadas matrizes do pensamento médico internacional. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro acolheu as correntes vanguardistas da ciência médica. Seus representantes participaram ativamente dos debates que então se travaram sobre as patologias locais. No entanto, as conquistas e potencialidades da chamada medicina experimental impactaram na formação de Rocha Lima e seus contemporâneos, muito mais pelas perspectivas que apontava do que como prática efetiva.

As mudanças operadas pelas reformas de 1880 haviam modificado bastante o perfil de ensino, mas ainda prevaleciam as aulas expositivas, temperadas com os artifícios de retórica, além do predomínio que havia da clínica em relação aos outros domínios da prática médica. Os avanços da medicina germânica se insinuavam nos debates de segmentos da comunidade médica brasileira, mas nas faculdades locais eram praticamente desconhecidos os reputados manuais médicos alemães, conforme diagnosticou o brasileiro de origem suíça Adolpho Lutz, em relato sobre o ensino da medicina no Rio de Janeiro (Benchimol 2003, p. 20-1). Na época em que os futuros pesquisadores da primeira geração de Manguinhos frequentavam as preleções na Faculdade de Medicina (eles foram quase todos contemporâneos), pontificavam ali catedráticos de grande prestígio. Um dos mais destacados foi Francisco de Castro, que magnetizava os alunos com as deduções baseadas na larga experiência de observação clínica. Rocha Lima (1952, p. 29) alude à admiração que nutria por Castro nos tempos de estudante, ao qual se refere como “o cognominado ‘divino mestre’, de quem eu era interno e discípulo, empolgado pelo brilho invulgar de sua erudição.” Carlos Chagas, contemporâneo de Rocha Lima na Faculdade, também se refere com admiração a Francisco de Castro, que considera, ao lado de Torres Homem, o fundador da “escola clínica”; “escola da observação minuciosa, do estudo aprofundado do sintoma em todas as suas modalidades, da interpretação do fato mórbido baseado na análise demorada de todos os elementos de indução”. Mas a esta escola teria faltado “prestigiar na clínica o laboratório, ou melhor, prestigiar a clínica com os recursos soberanos da experimentação” (*apud* Kropf 2006, p. 35-6). Cumpre ressaltar que Castro era fluente em alemão, ensinando o idioma na Escola Superior de Guerra,

acompanhava os avanços da medicina germânica, como se pode constatar no seu “Tratado de Clínica Propedêutica”, e divulgava suas teorias na Faculdade de Medicina.¹³

Não obstante a familiaridade de professores da Faculdade de Medicina com as concepções da microbiologia e medicina tropical, como Miguel Couto e Francisco Fajardo (este chegou a propor, em 1901, a criação de uma cátedra desta última), elas encontraram maior guarida em espaços institucionais exteriores aos diretamente envolvidos com o ensino médico. Em 1892, fora criado, no Rio de Janeiro, o Instituto Bacteriológico Federal, dirigido por Domingos Freire. Em São Paulo, que se firmava como centro dinâmico da economia agroexportadora, foi criada instituição análoga, de mesmo nome, assumida por Adolpho Lutz. Na capital federal, a ciência dos germes ligou-se ao nome do jovem médico Oswaldo Cruz, que, em 1892, defendeu tese na Faculdade de Medicina “A veiculação dos micróbios pela água” e entre 1896 e 1899 especializou-se no Instituto Pasteur de Paris.

Já no final de sua trajetória Rocha Lima narrou o encontro com Oswaldo Cruz e a convivência com ele nos primórdios de Manguinhos (Rocha Lima, 1952). Conta que a primeira vez que o encontrou foi em 1900, na Rua do Ouvidor, “levado por inata propensão para investigações de laboratório” (Idem, p. 27). Na ocasião, “tive a oportunidade de conhecer o jovem médico, que diziam ser um estudioso, único entre nós entendido em microbiologia”, relata (Idem, p. 28). Ele reforça aqui o caráter de excepcionalidade de Oswaldo Cruz, conferida pelo domínio e familiaridade que tinha com a ciência dos germes. Conforme demonstra literatura sobre a medicina experimental brasileira no século XIX (Edler 1992, 1998; Ferreira, 1996; Benchimol, 1999; Peard, 1999), Oswaldo Cruz não era o único e nem o primeiro a representar nos trópicos a ciência de Koch e Pasteur. Antes dele, houve pelo menos uma geração que ocupou-se com as teorias referidas à etiologia das doenças por microrganismos e enfrentamento das mesmas por meio de soros e vacinas. Já aludimos nos parágrafos anteriores, à força e dinamismo dos médicos brasileiros, atualizados com os mais recentes enunciados relativos aos micróbios e sua transmissão e aos meios de combatê-los. Não houve uma solução de continuidade entre esses predecessores e a geração de Oswaldo

¹³ Francisco de Castro nasceu em Salvador em 1857. Iniciou o curso de medicina na capital baiana, mas o concluiu na Faculdade do Rio de Janeiro em 1879. No mesmo ano assumiu as cadeiras de patologia geral, fisiologia e de patologia interna até 1891, quando tornou-se catedrático de clínica propedêutica, na qual permaneceu até sua morte, em 1901. Tornou-se diretor da Diretoria Sanitária do Rio de Janeiro e do Instituto Sanitário Federal, criado em 1894 a partir da fusão da Diretoria com o Laboratório de Bacteriologia. Além de médico, foi escritor e poeta, sendo nomeado para a 11ª cadeira da Academia Brasileira de Letras (In Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências e da Saúde no Brasil (1832-1930), disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/castfran.htm>. Acesso em 23/05/2011.

Cruz, mas certamente esta inseriu-se num ambiente na qual a busca de soluções originais para o enfrentamento das doenças prevalentes no Brasil já vinha sendo orientada pelos novos preceitos da medicina experimental. A ênfase na ruptura que teria sido representada por Oswaldo Cruz foi muito mais uma estratégia discursiva de Rocha Lima e dos demais discípulos, que ao se filiarem a esse suposto marco de origem, fazendo tábula rasa do desenvolvimento anterior da medicina científica brasileira, colocavam-se como os mais legítimos repositórios da nova tradição. Kropf (2009) demonstra bem isso, ao analisar o caso de Carlos Chagas, no qual sem dúvida essa filiação foi feita de forma muito mais evidente e enfática, até porque, ele ocupou efetivamente as posições institucionais e, por extensão, simbólicas, que haviam sido ocupadas pelo “mestre”. Nas palavras da autora:

Esta filiação (...) constituía bem mais do que um vínculo teórico ou institucional. Ela era uma importante estratégia de afirmação e legitimação de sua identidade como alguém, que, sendo discípulo de uma escola renovadora, apresentava-se por sua vez como sujeito decisivo na construção e reprodução deste processo de transformação (Kropf 2006, p. 46)

No caso de Rocha Lima, a identificação à “escola de Manguinhos” e ao legado de Oswaldo Cruz não foi tão pronunciada, devido à ruptura, sobre a qual falaremos adiante, com o “patrono” daquele coletivo, e ao fato de desenvolver grande parte de sua trajetória no estrangeiro. Mas, conforme aponta mais uma vez Simone Kropf (2006, p. 47), o fato de que havia uma caudalosa tradição de estudos experimentais anteriores à Oswaldo Cruz “não implica em desconsiderar que tais cientistas foram, de fato, expressões de algo novo, na medida em que eles se viram e foram reconhecidos como tais.” Mas para além das meras percepções dos atores, o grupo de médicos do qual fazia parte Oswaldo Cruz passou a seguir, a partir dos anos de 1890, programas de pesquisa diferentes daqueles seguidos pela geração de Domingos Freire. Realizando seus estudos inicialmente em laboratórios muitas vezes montados com recursos próprios, como era o caso de Oswaldo Cruz, aqueles médicos lograram conferir à medicina dos germes, dos parasitas e dos vetores bases institucionais de caráter mais permanente, (Benchimol, 1999).

Oswaldo Cruz formou junto com os médicos da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, Salles Guerra, Silva Araújo, Werneck Machado e Alfredo Porto, o “grupo dos cinco germanistas”, assim designados pelo esforço que envidaram para aprender alemão, “idioma dos textos mais avançados de medicina da época” (Idem, p. 414). Salles Guerra havia

proposto o nome de Oswaldo Cruz para organizar um laboratório de análises clínicas anexo à clínica de moléstias internas, chefiada por ele, e à de Silva Araújo, que se ocupava com a sífilis. É provável que a Policlínica tenha sido o canal através do qual Rocha Lima estabeleceria contato com Oswaldo Cruz. Como vimos, seu pai era um dos médicos que atuavam ali. Também é possível que Salles Guerra tenha sido o elo que o ligou ao bacteriologista.

Em 1899, ano anterior ao encontro com Rocha Lima, Oswaldo Cruz havia sido destacado para confirmar o diagnóstico de peste bubônica que Adolpho Lutz e Vital Brasil, também pesquisador do Instituto Bacteriológico de São Paulo, haviam estabelecido ao surto epidêmico que grassara no porto de Santos. A dificuldade de obtenção do soro e vacina antipestosos levou o governo paulista a instalar, na fazenda Butantã, um instituto para produção daqueles imunoterápicos, cuja direção foi entregue a Vital Brasil. Decisão semelhante foi tomada pelo prefeito do Rio de Janeiro, que determinou que o instituto seria instalado na região de Manguinhos, onde havia um antigo incinerador de lixo (Benchimol, 1990; Benchimol & Teixeira, 1993). O nome da região devia-se ao fato de se tratar de área pantanosa, cujos arredores eram periodicamente invadidos pelas marés e com vegetação e fauna típicas dos mangues nas partes baixas. A direção do instituto foi entregue ao Barão de Pedro Afonso, que já dirigia o Instituto Vacínico Municipal, responsável pela produção da vacina antivariólica. Oswaldo Cruz assumiu a direção técnica, cargo que ocupava quando estabeleceu contato com Rocha Lima. Este narra a primeira impressão que teve do microbiologista:

Não foi muito favorável a primeira impressão em mim despertada, pois sua figura um tanto estranha, sua longa sobrecasaca preta e sua cartola de forma inusitada, os seus abundantes cabelos ligeiramente grisalhos e bigodes alevantados, junto ao ar circunspecto, se atritaram um pouco com a aversão, que me é própria, por qualquer aparência esdrúxula, despertando suspeita de intencionalmente calculada (Rocha Lima 1952, p. 28)

Diante do interesse despertado por Rocha Lima pelos estudos experimentais, Oswaldo Cruz convidou-o para frequentar seu laboratório em Manguinhos, instalado na casa do engenheiro que havia construído o forno incinerador. As instalações eram bastante precárias. O pessoal que trabalhava no Instituto incluía, além de Oswaldo Cruz, o bacteriologista do Serviço de Saúde do Exército Ismael da Rocha, o assistente do Instituto Vacínico, Henrique

Figueiredo de Vasconcelos, e o estudante de medicina Ezequiel Caetano Dias (Aragão 1950). O acesso ao local era feito através de uma composição, que partia da estação Francisco Xavier e ia até a parada do Amorim, de onde serventes esperavam os médicos com cavalos. Quem perdesse a saída do trem tinha que fazer o percurso de quatro quilômetros a pé, conforme testemunha Henrique Aragão (1950) “muitas vezes sob um sol ardente, ou então debaixo de impiedosa chuva, arrostando ainda à chegada os olhares pouco satisfeitos do Diretor que era a pontualidade personificada.” Enquanto Oswaldo Cruz e Ezequiel Dias cuidavam da preparação do soro antipestoso, Ismael da Rocha e Figueiredo de Vasconcelos dedicavam-se à fabricação da vacina.

Muito embora tivesse partido do governo municipal a iniciativa de constituição daquele centro de produção de soro e vacina, ele logo foi transferido para a órbita federal, passando a se chamar Instituto Soroterápico Federal. Rocha Lima frequentou-o por apenas poucos meses. Ele estava no último ano do curso de medicina e preparava a tese de doutoramento. Relato das tarefas com as quais ele se ocupou naquele período revelam que desde o início as atividades desenvolvidas em Manguinhos não se restringiram à produção de imunizantes, mas já insinuavam pretensões de constituir-se ali um instituto de pesquisas dedicado ao estudo dos micróbios e vetores. De acordo com Rocha Lima (1952), realizavam-se exames microscópicos do sangue em busca de parasitas e investigações de insetos transmissores de doenças. Na caça de potenciais vetores, faziam excursões “nas imediações paludosas” dos laboratórios, situados nas colinas que dominavam a paisagem local. Ele conta ainda que uma das primeiras contribuições que faria às pesquisas de Manguinhos foi o desenho de uma asa de mosquito identificado por Oswaldo Cruz. Descrições de novas espécies de dípteros consistiram nas primeiras levas de publicações veiculadas no *Brasil-Médico*, estampadas com a rubrica “Trabalhos do Instituto de Manguinhos”, ao lado daquelas sobre o soro antipestoso. Ao dedicar-se à coleta e classificação de espécies locais de mosquitos, Oswaldo Cruz integrava os esforços que já vinham sendo feitos por Adolpho Lutz e Francisco Fajardo. Conforme demonstra Benchimol & Sá (2006), Lutz era um dos pontos nodais da rede armada pelos britânicos e coordenada pelo entomologista Frederick von Theobald, de catalogação das espécies de mosquitos e o mapeamento de possíveis transmissores de moléstias humanas.

“Vivi assim nesse ambiente de trabalho, o sonho juvenil de pesquisa em laboratório, que minha fantasia tanto acariciava...”, afirma Rocha Lima (1952, p. 29) em relação às tarefas às quais se dedicava em Manguinhos. Disse que ali “nasceu silencioso o desejo de afastar-me

do muito auspicioso caminho da clínica”. Mas, pragmático, decidiu por ora renunciar à “fantasia”, pois – afirma em seu escrito memorialístico – a opção pelo trabalho em laboratório não figurava promissora. A modéstia das instalações do Instituto Soroterápico tolhiam qualquer ambição no sentido de seguir carreira na medicina experimental. Concluiu o curso de medicina em 1901, com tese de doutoramento sobre propedêutica: “Esplenomegalia das infecções agudas”. Logo em seguida, embarcou para Berlim, onde pretendia completar os estudos em clínica seguindo os passos do pai.

1.2. Rocha Lima em Berlim (1901-1903)

A opção de Rocha Lima por Berlim como local de estudos não foi algo que fugiu dos padrões. No período da “Belle Époque” carioca, era comum que os filhos das elites estudassem ou aperfeiçoassem seus estudos na Europa, de onde provinham os modelos que balizavam as concepções de civilização e progresso. A França consistiu na principal matriz cultural para as elites brasileiras, cujos descendentes aprendiam desde a infância o idioma francês. Não surpreende que Paris fosse o principal destino para onde mandavam seus filhos estudarem. Mas com o célere desenvolvimento industrial e científico da Alemanha, logo Berlim passou a rivalizar com a capital francesa na atração de estudantes.

O motivo que atraiu Rocha Lima à capital alemã foram as potencialidades de estudos em medicina. Desde a fundação do Reich em 1870, Berlim adquirira crescente importância em virtude do crescimento industrial e do prestígio científico de suas instituições médicas. A medicina havia contribuído bastante para o crescimento da cidade, criando com ela uma relação orgânica. O *Preußische Medizinalordnung* (sistema médico prussiano), criado por Rudolf Virchow para assistência de saúde da população, era visto como exemplar. A partir de 1846, ele passara a ensinar na Universidade de Berlim. Por meio de seus trabalhos e publicações, sedimentou as bases da moderna patologia, ao postular que o fundamento dos processos patológicos estavam na célula. Advogou a observação microscópica como a principal ferramenta para análise das modificações mórbidas. Desse modo, formou escola, cujos membros e sucessores pontificaram principalmente no Hospital Charité. A tradicional instituição hospitalar estava ligada desde o início do século XIX à Universidade de Berlim. Ali atuaram muitos dos professores que conferiam prestígio internacional à medicina alemã.

No Charité floresceu prolífica escola de fisiologia, cuja tradição remontava a Hermann L. F. Helmholtz e Emil Du Bois-Reymonds. A cirurgia também teve ali renomados representantes.¹⁴ No começo do século XX a reputação dos bacteriologistas alemães projetava internacionalmente a pesquisa médica do país.

Rocha Lima chegou em Berlim no auge do seu florescimento como capital do império de Guilherme II. Das largas e elegantes avenidas, que imitavam as boulevards parisienses e pretendiam superá-las em grandeza e elegância, às construções monumentais, tudo acenava para as pretensões de supremacia do Kaiser. Desde que tornou-se a capital do Reich Alemão, a outrora acanhada capital da Prússia foi modificada para assumir uma fisionomia digna do império que buscava “um lugar ao sol”. O crescimento da cidade foi rápido, alavancado pelo súbito avanço industrial que atraiu para ali populações das mais diferentes origens, tornando-a um dos principais centros da manufatura alemã. Ela reuniu em si todas as contradições que a modernidade industrial trouxe consigo, abrigando a burguesia que emergiu com o processo de modernização, a aristocracia junker e as classes operárias, que se aglomeraram nas precárias e insalubres habitações coletivas dos bairros mais distantes.

Naquele começo de século, Berlim tornara-se o protótipo da cidade grande. Em 1900 contava com quase dois milhões de habitantes. Ela manifestava o ideal de capital da alta tecnologia, que distinguia o setor de ponta da indústria alemã. O primeiro bonde elétrico do mundo começara a circular em 1881 em Lichterfelde. Desde 1896, a cidade começou a contar com uma rede de metrô. Apesar do sistema altamente desenvolvimento de transportes, o trânsito de automóveis era um dos mais intensos da Europa. A cidade expressava ainda em suas ruas o caráter militarista do Reich. Soldados trajando os uniformes da guarda imperial podiam ser vistos por toda parte. A admiração e identificação do povo alemão com imperador podia ser notada pela predominância entre os homens dos bigodes com as pontas viradas para a cima, aprontados nos elegantes barbeiros da parte oeste da cidade.

Em setembro de 1901, depois de ter passado uns dias em Hamburgo e já estabelecido em Berlim, Rocha Lima registrou as primeiras impressões da capital alemã ao amigo e colega da Faculdade de Medicina Hugo Werneck.¹⁵ Descreveu a admiração que sentiu na forma

¹⁴ Sobre a história do Charité e um panorama da medicina em Berlim a partir do renomado hospital, ver Jaeckel, 1999 e Bleker & Hess, 2010.

¹⁵ Hugo Werneck nasceu em 28 de setembro de 1878, filho de renomado médico e político Francisco Furquim Werneck. Formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1901. Antes mesmo de

irônica que já lhe era característica. Vale a longa citação como demonstrativo do seu entusiasmo naquele momento:

Há um mês que estou no país dos bárbaros de cabelos vermelhos, como chamam os chineses a este povo atrasado, bem mais atrasado do que o nosso, pois ainda não adotaram muitas das nossas maneiras de viver. Imagina que as leis aqui são cumpridas, e que para a fiscalização disto há uma polícia; e quando um soldado de polícia diz uma coisa qualquer a um cidadão, por melhor trajado que esteja, este é tão tolo, que imediatamente cumpre a ordem e nem tem a idéia de perguntar ao policial se ele não sabe com quem está falando, que ele (cidadão) não é qualquer vagabundo, etc e outras respostas que o nosso progresso introduziu. O policial, que não é nenhum letrado, nem Dr. em direito, é pessoa tão importante, que nem cumprimenta os oficiais, aqui, onde um oficial é um graúdo, no entanto, chegando-se a um destes figurões, e pedindo uma indicação, eles tiram do bolso um livro de informações e procuram o que se pede, sem fazer cara feia ou ares de importância. Também aqui não é muito difícil manter a ordem, pois esta gente nem mesmo sob a ação do álcool faz rolo, o alemão na chuva dorme ou canta mas não provoca ninguém. É uma gente tão pouco esperta que em vez de irem pela rua ou calçada, cada um por onde tem vontade, vão todos sempre pelo lado direito. Nos bondes também se pode apreciar este povo ou por outra a diferença entre ele e o nosso, pois quando o bonde pára em um ponto há muita gente esperando e os lugares são poucos, pois esta gente em vez de avançar e empurrar os outros, espera que as pessoas que tem de descer desçam, para depois entrar, acontece sempre entrar então gente demais, mas o condutor convida estes a saírem o que eles fazem sem resmungar ou dizer que o dinheiro deles é tão bom como o dos outros, etc, os que ficam recebem todos sem exceção o recibo da passagem e ninguém diz que é desaforo, ou que não é fiscal da companhia; coitados! Que atraso! Quando é que o nosso povinho se sujeitaria a coisas tão deprimentes !? (...)Aqui ha tempos quebrou um banco, e os banqueiros em vez de gozar a liberdade que os seus semelhantes gozam entre nós, foram trancafiados e dois outros suicidaram-se. Que tirania! Não têm noção da liberdade!! Passemos aos soldados, que são como o resto do povo muito certos, pois em vez de marcharem do modo o mais cômodo, vão todos duros e fazem tudo ao mesmo tempo, quando um encosta o pé direito no chão todos estão fazendo a mesma coisa, enfim parecem bonecos de corda principalmente quando o official comanda qualquer evolução, como por exemplo quando manda descansar as armas, ouve-se um só barulho que é o de todas as espingardas batendo no chão ao mesmo tempo – qualquer soldado aqui dá-se o luxo de andar mais limpo do que qualquer dos nossos oficiais. Os oficiais, então, são de uma elegancia extraordinária. (Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 01.09.1901)

formado, já freqüentava a Santa Casa de Misericórdia e trabalhava na Casa de Saúde Catta Preta, criada por seu pai junto com outros dois médicos. Atuou como interno no Hospital de Jurujuba e na Maternidade de Laranjeiras, onde adquiriu familiaridade com sua especialidade, a ginecologia. Devido à tuberculose, mudou-se para Belo Horizonte em 1906, depois de ter passado um período num sanatório na Suíça. Estabeleceu clínica e ganhou notabilidade local como “médico de senhoras”. Em 1908 assumiu a direção da Santa Casa de Misericórdia da capital mineira, na qual implementou uma série de medidas de modernização e otimização do atendimento médico à população. Coordenou a instalação de um pavilhão para doenças ginecológicas e outro para isolamento de tuberculosos. Participou da comissão e das discussões que redundaram na criação da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, em 1911, assumindo a cadeira de clínica ginecológica e obstetrícia. Em 1916 liderou a campanha que levou à criação da Maternidade Hilda Brandão. Entre 1925 e 1927 dirigiu a Faculdade de Medicina e participou das articulações que levaram à fundação da Universidade de Minas Gerais, criada por lei de 7 de setembro de 1927. Criou também um sanatório para tratamento de tuberculosos, cuja construção foi concluída em 1929. Werneck também fez incursões na política: foi vereador de Belo Horizonte entre 1916 e 1930 e em 1934 elegeu-se deputado estadual. Morreu no ano seguinte. (Miragliaia, 2009). Sobre a trajetória de Hugo Werneck como ginecologista e seu papel no estabelecimento da especialidade ver Marques, 2005.

Recorrendo à ironia e à inversão, Rocha Lima qualificava a cultura alemã por aquilo que ela apresentava em contraponto à brasileira. Dessa forma, estavam implícitos em seus elogios disfarçados de censura, as críticas e reservas que tinha em relação aos hábitos do seu país natal. Nota-se que os proverbiais espíritos de ordem, cidadania e senso coletivos são as principais características que ele admira no povo alemão e a ausência dos mesmos o maior motivo de crítica à cultura brasileira. “Eles são o verdadeiro oposto dos nossos males (...), pois entre nós não há o menor espírito de ordem, o menor respeito às leis e às autoridades (...) todos se julgam superiores aos outros, nenhum indivíduo se contenta em mandar na sua esfera...” comentou com o amigo. Aqui ele alude ao elemento que via como garantidor de toda aquela ordem: o senso de hierarquia. Este tornara-se um traço bastante característico do “habitus” de uma sociedade forjada pelas experiências de beligerância e, portanto, perpassada pelas características da ordem militar: “Aqui (...) o policial manda na rua, no bonde é o condutor que vale mais, no café é o dono da casa, enfim, em cada lugar há um indivíduo que é superior e os outros respeitam-no, embora sejam na sociedade em geral mais elevadamente colocados”.¹⁶

Nos primeiros dias Rocha Lima disse que achou Berlim “detestável”. Só chovia, seu único conhecido estava triste pela morte do pai e ele estava angustiado pela falta de notícias da família. Outro fator que contribuiu para acentuar o isolamento foi a dificuldade com a língua. “O alemão é uma língua dos diabos, eu achava difícil quando lá estava, agora ainda acho mais difícil”, admitiu a Werneck. Fazia aulas todos os dias, mas tinha a impressão de ainda não possuir nenhuma familiaridade com o idioma. “Admiro-me como alguns patrícios chegam aqui e tomam logo cursos, em poucos meses dizem que sabem alemão; pois eu nem esperanças tenho de vir a sabê-lo direito”, comentou. O aludido conhecido, Rodrigues, estava há um ano em Berlim, era bastante estudioso e ainda não falava muito bem. Havia ido ao teatro, mas não entendeu patavina. “Para mim o mais difícil não é falar, pois só digo o que sei, mas quando digo uma coisa que estudei com todo o cuidado, o sujeito me responde uma porção de coisas que eu não entendo, é que eu fico furioso.” Nosso personagem sofria o primeiro choque cultural e linguístico com a Alemanha. É surpreendente deparar-se com Rocha Lima tão inseguro, sabendo que anos depois ele tornar-se-ia um dos mais destacados promotores das relações germano-brasileiras exatamente em virtude do domínio que vai adquirir não só do idioma alemão, mas também do *modus operandi* daquela cultura.

¹⁶ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 01.09.1901. Arquivo da Faculdade de Medicina –UFMG.

Quando Rocha Lima chegou em Berlim, a bacteriologia era uma das disciplinas hegemônicas no âmbito do pensamento médico. Seu principal mentor, Robert Koch, a havia transformado na principal orientação da higiene do Império Guilhermino. Representantes de sua “escola” ocupavam postos-chave da saúde pública e dos institutos de higiene autônomos ou ligados às universidades. Ele próprio estava desde 1876 à frente da Saúde Pública do Reich (*Kaiser Gesundheitsamt*). Os já referidos resultados obtidos no equacionamento das doenças infecciosas garantiram o apoio das instâncias oficiais à nova especialidade médica. O autoritário Estado alemão beneficiara largamente as medidas de intervenção no espaço público preconizadas pela ciência dos germes. As metáforas beligerantes empregadas pelos discípulos de Koch no combate às doenças refletiram a atmosfera militarista da Alemanha guilhermina (Berger, 2007). Além disso, Guilherme II era um entusiasta da ciência e de suas aplicações, as quais concebia como uma das molas propulsoras da modernização do seu império e instrumento de conquista de prestígio internacional. Nesse contexto, Koch logrou tecer a rede de apoio para a sua ciência, reforçando seus laços com a medicina militar e acadêmica. Conquistou a adesão do todo-poderoso oficial do ministério da cultura Friedrich Althoff, que conduzia com mãos de ferro a política científica do Reich. Ele acompanhava as nomeações nas universidades e articulava o apoio do imperador e das indústrias para projetos e cientistas que considerava promissores. Graças a esses fortes aliados, Koch, que em 1885 fora nomeado professor de higiene da Universidade de Berlim, conseguiu obter seu próprio centro de pesquisas, o Instituto de Doenças Infecciosas, criado em 1891. Ele reuniu se os principais representantes da ciência de Koch, que no começo do século XX já não se restringia à identificação de agentes patogênicos e desenvolvimento de novas técnicas, mas incluía densas pesquisas sobre os fenômenos da imunidade e de poderosas armas terapêuticas desenvolvidas a partir deles.

Atraído pela bacteriologia já durante os meses que frequentou em Manguinhos, Rocha Lima procurou adquirir maior familiaridade com aquela ciência em Berlim, onde pontificavam muitos de seus renomados representantes, muito embora seu objetivo inicial fosse seguir pela clínica cirúrgica. Esta foi uma tensão que o acompanhou durante todo esse primeiro período na Alemanha. Era um dilema entre o prazer que sentia em estudar os infinitamente pequenos e o pragmatismo de conseguir uma posição profissional. A clínica figurava mais promissora em termos de dinheiro e prestígio do que a bacteriologia, mas sentia enorme entusiasmo por esta. O amigo e correspondente Hugo Werneck havia optado pela clínica: mantinha um consultório de ginecologia na capital federal. Por via das dúvidas, nosso

personagem resolveu frequentar cursos em ambos os domínios da prática médica, postergando a decisão e ampliando seu espectro de possibilidades futuras.

Quando Rocha Lima chegou em Berlim, as instituições públicas ainda estavam de férias. Conforme relatou a Oswaldo Cruz, procurou o laboratório particular de um tal C.S. Engel, com quem adquiriu lições em bacteriologia e um trabalho em microscopia e química clínica. Durante 4 horas por dia, praticou o mais que pôde os métodos de coloração mais utilizados e as pesquisas clínicas e microscópicas da urina e suco gástrico. “O meu professor parece entender do ofício, mas para quem estava habituado a ver o que se fazia em Manguinhos, a técnica dele não agrada por não ser tão rigorosa”, confidenciou a Oswaldo Cruz.¹⁷ Agradeceu por ter aprendido com ele de forma meticulosa os procedimentos concernentes à ciência dos germes. O rigor da técnica foi um dos aspectos que os “discípulos de Manguinhos” destacaram como fator decisivo para o reconhecimento dos trabalhos da instituição brasileira. Rocha Lima demonstra segurança nesse sentido, e ao mesmo tempo, procura afirmar a percepção de que as práticas e realizações do Brasil eram perfeitamente condizentes com aquilo que era feito no Velho Mundo: “... acho que não é pouco poder separar o joio do trigo e não tomar por gênero de primeira qualidade uma coisa só por ter rótulo em alemão”.¹⁸ Em outubro, ele frequentou um curso de bacteriologia, no Instituto de Higiene de Berlim, e outro de protozoologia. Pretendia tomar cursos no Instituto de Doenças Infecciosas com dois assistentes de Robert Koch, mas não encontrou vagas. Um deles sugeriu-lhe que procurasse o instituto na próxima primavera (março de 1902).

Ao mesmo tempo em que frequentou os cursos de microbiologia, Rocha Lima também tomou os de clínica cirúrgica, conforme relatou a Hugo Werneck. Durante um mês frequentou um, no qual disse ter visto número de casos correspondente a um curso de seis meses no Rio. Em janeiro de 1902, frequentou a clínica de Carl Jakob Adolf Christian Gerhard,¹⁹ que desde 1885 ocupava a segunda cadeira de clínica médica no Hospital Charité. Gerhardt era considerado um dos pais da pediatria, tendo escrito um manual “*Handbuch der Kinderkrankheiten*”, visto como um texto basilar dessa especialidade médica. Morreria naquele mesmo ano de 1902.

¹⁷Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 19.10.1901. BR RJCOOC OC-COR-CI-11 (Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, Fundo Oswaldo Cruz, Série Correspondência, Subsérie Correspondência Científica – Correspondência com Rocha Lima).

¹⁸ *Idem*

¹⁹ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 22.01.1902.

Rocha Lima ficou vivamente impressionado com a medicina acadêmica alemã e usou do mesmo tom irônico para elogiá-la naquilo que ela apresentava de oposto à brasileira:

Passemos dos militares aos médicos. Também o atraso é notável, pois em vez de decomparem os outros pelos jornais, estudam muito e respeitam muito os que já subiram. Quando seria muito mais fácil, em vez de perder tempo com os estudos, aproveitasse-o em desmoralizar e deprimir aqueles que estão em cima, mas aqui nem passa pela idéia de nenhum médico ir para as ruas mais frequentadas falar mal da vida pública e privada daqueles que lhe são professores. O estudante aqui venera o seu mestre, aqueles então que se dedicam a uma especialidade com um dado mestre olha para este como para um semi-deus.²⁰

No entanto, Rocha Lima admitiu que sentia admiração por alguns grupos da comunidade médica do Rio, que mesmo a convivência com os professores alemães internacionalmente renomados não havia esmaecido. “Tanto mais quanto se deve considerar o meio, pois é sem dúvida mais fácil ser um sábio aqui do que um médico bem preparado no Rio. A facilidade de estudar aqui é incrível”, comentou com Werneck.²¹ E mais adiante, quando já entregue às graças da medicina experimental: “Tu não tens a menor idéia do que seja a vida de um homem de ciência em um meio científico”²²

Entre novembro e dezembro de 1901, Rocha Lima frequentou o curso de bacteriologia oferecido por Phillip Martin Ficker, no Instituto de Higiene de Berlim. Ficker era conhecido principalmente por ter desenvolvido um método simplificado do diagnóstico de Gruber-Widal, empregado na detecção da febre tifóide.²³ Além disso, aperfeiçoara métodos de coloração e cultura bacterianas, ocupando-se posteriormente com estudos em imunologia. Obtivera treinamento na ciência dos germes durante seus estudos em medicina como

²⁰ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 01.09.1901.

²¹ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 29.10.1901.

²² Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 06.07.1902.

²³ Martin Ficker nasceu em Sohland no Spree em 17 de novembro de 1868. Formou-se em medicina pela Universidade de Bresslau, onde foi assistente de Karl Flüggés no Instituto de Higiene. Dedicou-se à época ao ramo da pesquisa bacteriológica do ar. Entre 1896 e 1901 foi assistente de F. Hoffmann no Instituto de Higiene de Leipzig, onde defendeu livre-docência em 1898 sobre o tema “Sobre o tempo de vida e morte de germes patogênicos”. Em 1902 tornou-se diretor de departamento do Instituto de Higiene da Universidade de Berlim e no ano seguinte foi nomeado professor de higiene desta universidade. Publicou com seus professores Max Rubner e Gruber entre os anos de 1911-1923 o “Manual de Higiene”. Em 1913 foi nomeado diretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo. Em virtude da Guerra, retornou em 1917 à Alemanha, quando assumiu o posto de diretor de departamento na Sociedade Kaiser Wilhelm, ocasião na qual realizou estudos sobre a toxina do antraz. Retornou a São Paulo em 1923, onde fundou um laboratório de bacteriologia que permaneceu ligado à Sociedade Kaiser Wilhelm, sendo elevado à categoria de estação microbiológica da Sociedade Kaiser Wilhelm. Permaneceu aí até sua morte, em 22 de novembro de 1950. Durante esse período realizou pesquisas sobre a lepra. Jusat, H. In *Neue Deutsche Biographie*, Bd. 5. Berlin: Duncker & Humdlot, p. 134-5, 1961.

assistente de Carl Flügge, célebre por ter estudado e aperfeiçoado, na Alemanha, a aplicação dos métodos da microbiologia na higiene, tendo fundado a *Zeitschrift für Hygiene* (Revista de Higiene).

Rocha Lima considerou o curso de Ficker “muito superior a todos os outros”, pela “competência do professor” – destacou - mas também pelo fato de durar o dia todo, consistindo numa parte teórica e outra prática. Qualificou Ficker como “muito amável” e passou a trabalhar com ele de forma bastante próxima. Tanta simpatia fez com que desistisse do lugar no Instituto Robert Koch. Julgou mais conveniente permanecer no Instituto de Higiene, onde já tinha contato com os assistentes.²⁴ Anos depois, Ficker enumeraria as qualidades do brasileiro como aluno:

Descobrimos logo um aluno predestinado, ao qual era pouco o que um professor poderia acrescentar. Dotado de uma viva capacidade de apreensão e de um agudo espírito de observação, ao qual nada escapava, mostrava ainda Rocha Lima uma assiduidade incansável e uma inabalável energia sempre que se tratava de encarar e resolver qualquer problema. Caracterizava-o além disso um forte espírito crítico (...) Dotado de fina habilidade manual, acrescentava prazer estético ao de observar-lhe no trabalho experimental o manejo da alça de platina, do microscópio, do micrótomo ou dos tubos de cultura (Ficker, 1940)

Afora as medidas da ocasião – a citação acima é de um texto em homenagem pelos 60 anos de nosso personagem- Rocha Lima esforçava-se para adquirir naqueles cursos a maior bagagem possível. Indiferente do campo médico em que fosse atuar, atuar, sabia que um treinamento com os figurões da medicina alemã trazia um diferencial para a decolagem de sua carreira profissional. Além do mais, a maior parte dos cursos custava dinheiro, e não era pouco, conforme comentou em mais de uma ocasião com Hugo Werneck.²⁵ A dedicação quase integral aos estudos satisfez Rocha Lima. Não sobrou-lhe muito tempo para lazer, além das idas ao teatro para assistir o “Siegfried”, de Wagner, pelo qual tornou-se fanático, e algumas corridas de obstáculos. Até aos domingos ia para o laboratório supervisionar as culturas.²⁶

²⁴ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 27.12.1901.

²⁵ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 01.09.1901 e de 06.02.1902.

²⁶ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 06.07.1902.

Nos meses seguintes Rocha Lima permaneceu frequentando o Instituto de Higiene, mesmo depois de terminado o curso com Ficker. Expressivo da proximidade desenvolvida entre mestre e aluno é o fato deles irem juntos a um baile popular. “Isto entre nós seria um escândalo, mas aqui os sábios são homens como os outros. Quando fallo em sabio refiro-me, por modéstia, apenas ao meu mestre...”, comentou com Werneck.²⁷ Àquelas alturas, nosso personagem já estava seduzido quase por completo à bacteriologia, desistindo, por ora, de seguir a clínica, vimos que uma decisão que foi bastante conflituosa. A idéia de que a medicina experimental não prometia muito prestígio e dinheiro o afligia bastante. “É assim que levo o dia aqui, a trabalhar em coisas que nunca hão de me dar um tostão para bono, mas nem por isso é esse trabalho menos entusiástico, embora certo de que a consequência disso é andar às moscas no Rio de Janeiro...”, escreveu a Werneck em abril de 1902.²⁸ E um mês depois: “Julgo-me o mais feliz dos mortais, não penso em clínica, consegui arredar do meu espírito a idéia de que há um futuro e de que este é andar pelas ruas da amargura do Rio de Janeiro, de modo que só me ocupo do presente...”²⁹ Mas em seu cálculo, o entusiasmo pela vida microscópica compensava a incerteza profissional: “A minha paixão pelas coisas microscópicas não mais encontrou obstáculos, e é dando pasto a ela que passo o dia inteiro entre o microscópio e os vidros de materiais corantes”.³⁰ Dois meses depois, tornaria a se incomodar com a estreiteza de perspectivas estreitas que via na medicina experimental. Resolveu desfrutar momentaneamente do prazer que tinha em aprofundar seus conhecimentos sobre a bacteriologia e patologia. Se refletisse muito, “concluiria que anatomia patológica e bacteriologia não adiantam nada e que o que vale é um ramo prático da medicina (...) Se estou certo ou errado, só o futuro dirá”, escreveu a Werneck em julho de 1902.³¹

Tanta insegurança fez com que pouco depois Rocha Lima tomasse novamente cursos em clínica. “Tu sabes que ciência cabulosa é a clínica, pois imagine isto em alemão, em que cada porcaria tem um nome comprido e esculhambado como os trezentos diabos”, afirmou sobre os estudos que estava fazendo em meados de setembro de 1902. “Em breve serei um clínico de fazer inveja ao Ferreira dos Santos”, disparou em alusão ao prestígio gozado pelo renomado clínico carioca. Contou com o incentivo de Werneck e de Azevedo Sodré,³² que o

²⁷ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 30.12.1902. Grifos no original.

²⁸ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 02.04.1902.

²⁹ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 13.05.1902.

³⁰ *Idem*

³¹ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 06.07.1902

³² Nascido em Maricá em 13 de fevereiro de 1864, Antônio Augusto de Azevedo Sodré era uma das grandes lideranças médicas no começo do século XX. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1885

visitou em Berlim. Passaria a pensar apenas no material que deveria adquirir para o consultório. Depois viria a questão do local. “Sempre é tempo de se virar médico operador e parteiro, especialista das moléstias médicas e cirúrgicas do homem e da mulher”, arrematou, esperançoso, ao amigo Werneck.³³ Parecia finalmente ter se entregado à tentação de obter um posto profissional mais seguro, ao invés de percorrer os caminhos erráticos e insondáveis da medicina experimental, conforme depreende-se de carta a Werneck de novembro de 1902:

...passo à ultima carta em que me falas em preamar de clinica. Viva! Gosto d’isto, pelo que vejo o diabo não é tão feio como se o pinta, e os tempos andam... redondos, tive vontade de mandar a bacteriologia ir com a anatomia-pathologica ao diabo e atracar-me com um livro de clínica e assistir a estas enfim, deixar de maluquices e pensar seriamente na vida³⁴

Esta citação é bastante representativa da maneira como Rocha Lima concebia à época a medicina experimental. De certo modo, ela reflete a concepção de segmentos da sociedade brasileira daquele tempo. Nosso personagem confronta uma atividade que via como emblemática da profissão médica, e que por isso deveria ser considerada “séria” – a clínica – à outra que encarava como uma prática diletante, com poucas perspectivas de alocação profissional no Brasil – “a bacteriologia, a anatomia patológica e outras merdas”. Desculpe-me o leitor, mas são as palavras dele, que desse modo deprecia suas próprias inclinações pessoais quase num gesto de expiação por não ter inclinação pelo que seria o lado sério de sua profissão. Idealizava a especialidade do amigo Werneck como “a bela e rendosa ciência de ajudar o próximo a nascer”.³⁵

“Mas quem torto nasce, nunca se endireita e eu em materia de clínica irei sensivelmente mais burro do que vim, o que não impede (...) que resolva (...) ser especialista em oculística, ginecologia ou psiquiatria, ou em todas, que é o melhor”, revelou a Werneck.³⁶ Os últimos quatro meses que ficaria na Alemanha iria aproveitar “a vida ideal, feliz e tranquila que aqui tenho tido, e saborear, aos poucos, estes tempos que nunca voltarão”. Isso

e tornou-se interno de clínica de doenças cutâneas e sifilíticas em 1889 e, no ano seguinte, preparador de terapêutica experimental. Em 1894 tornou-se catedrático de patologia interna da mesma faculdade na qual havia se formado. Foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e diretor-fundador de O Brazil-Medico, uma das principais publicações médicas da primeira metade do século XX. Sodré faleceu em Petrópolis em 1929. In Biblioteca Virtual Adolpho Lutz (Disponível em <http://homolog.bvsalut.coc.fiocruz.br/html/correspondencia/azevedo.htm>).

³³ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 23.09.1902.

³⁴ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 12.11.1902

³⁵ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 02.04.1902.

³⁶ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 12.11.1902.

significava dedicar-se sem culpas à medicina experimental, que naquele momento (novembro de 1902) incluía não apenas as incursões ao Instituto de Higiene, como também cursos de anatomia patológica com o sucessor de Virchow na Universidade de Berlim, Johannes Orth. A intenção original de Rocha Lima era “beber na fonte” da anatomia patológica, frequentando o serviço da cadeira do próprio Virchow. Mas foi surpreendido pela morte do célebre patologista, substituído por Orth. Isso teria “entornado o caldinho que há muito andava a preparar”.³⁷

Aparentemente o objetivo de frequentar cursos em anatomia patológica já estava previsto no programa de estudos por Rocha Lima. Nos meses de março e abril de 1902, ele já frequentara curso sobre aquela especialidade paralelamente às incursões no Instituto de Higiene. Aprendeu os processos fundamentais da histologia patológica. “...Vi uma imensidade de órgãos, cada qual com uma lesão mais desconhecida para mim, vi tanta coisa que não sei o que guardar, pois cada dia vinham pelo menos umas vinte bandejas cheias de órgãos”, narrou a Werneck.³⁸ Frequentou ainda outro curso da mesma disciplina com um professor judeu, ao qual não menciona o nome. Qualificou-o como um “verdadeiro conto do vigário”. Tratava-se de um curso de doenças da pele e órgãos genitais. “Trazia o freguês uns frasquinhos com uns cortes muito mal feitos, e levava a querer ensinar-me os métodos de exames histopatológicos”. E descreveu o ambiente do curso em termos nada lisonjeiros: “Devo de passagem dizer que o laboratório, assim como a sala de consulta e operação e de lições deste judeu é a coisa mais suja e indecente que se pode imaginar”. Para além da procedência ou não da observação, há uma certa sugestão de anti-semitismo, reforçado por referência anterior que fez na carta. “Estou anti-semita”, alude num tom meio galhofeiro, a um traço impregnado na ambiência da Alemanha Guilhermina. De certo modo, é como se ele fosse tão característico daquela sociedade, que teria o incorporado de forma quase espontânea, osmótica.³⁹

Frustrado com a idéia de não ser mais possível aprender a anatomia patológica com um de seus “pais fundadores”, Rocha Lima sentiu-se pouco atraído pela disposição que supôs que Orth daria à disciplina no cargo recém-assumido.⁴⁰ Surpreendeu-se, considerando-o, na qualificação que fez a Werneck, um professor “excelente”,⁴¹:

³⁷ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 20.08.1902.

³⁸ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 02.04.1902.

³⁹ Sobre o anti-semitismo na Alemanha do “Segundo Reich” ver Benz, 2002.

⁴⁰ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 20.08.1902.

⁴¹ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 12.11.1902.

O Orth faz um curso de anatomopatologia como nunca aqui tive, sem dúvida muito superior aos dos assistentes do Virchow (que já são também professores de cabelos brancos), que faziam quase todos os cursos no tempo deste. O Orth pode não ser um Virchow, mas é um professor de mão cheia, incansável e de grande preparo.⁴²

Caracterizou-o, ainda como “um homem que sabe muito, mas tem uma cara muito amarrada, e sisudo.”⁴³ Orth não era um patologista novato. Como os demais ex-assistentes de Virchow, já devia ter seus cabelos brancos. Tinha 55 anos quando assumiu a cadeira da Universidade de Berlim. “Aqui para a gente chegar a professor é preciso bater a vida inteira na mesma coisa, e cada um tem a sua especialidade”, esclareceu o Rocha Lima a Werneck,⁴⁴ que como ele, vivenciava um processo de especialização médica recente e ainda em curso. Pois Orth havia “batido” desde 1878 no Instituto de Patologia da Universidade de Göttingen. Quando ainda era assistente de Virchow, em 1875, registrara na autópsia de um recém-nascido com icterícia, intensa coloração amarela do gânglio basal, hipocampo, ventrículo e parte do cerebelo. Em 1903, Christian Georg Schmorl ampliaria a escala de observações, comprovando o fenômeno descrito por Orth ao qual denominou *kernicterus* (icterícia do gânglio basal, também chamada encefalopatia bilirrubínica). No período em que ensinou em Göttingen, Orth abordou a patologia de uma série de doenças infecciosas, como infecções bacterianas renais e dos pulmões. Se antes Virchow ministrava a patologia no pequeno teatro anatômico, Orth pôde utilizar o novo instituto de anatomia patológica construído no Charité (Munk 1954, p. 37).

Discurso feito por Orth, em 1904, na Academia Imperador Guilherme de Formação de Médicos Militares, evidencia a concepção de Orth sobre a anatomia patológica e o “estado da arte” da disciplina na época da formação de Rocha Lima (Orth, 1904). Trata-se de um discurso de reafirmação do lugar da anatomia patológica no pensamento médico, num contexto de hegemonia da bacteriologia, e da atualização das concepções de Rudolf Virchow, de quem Orth fora o primeiro assistente. É sabido que Virchow manteve-se bastante cético e hesitante em relação ao modelo etiológico proposto pela ciência de Koch (Schippergers 1994, p. 64; Prüll, 1995 Berger, 2007, p. 38). A idéia de uma causa externa das doenças não harmonizava com a ênfase posta pela patologia de Virchow na dinâmica interna dos processos mórbidos. A postura de Orth foi mais conciliatória que a de seu antecessor: ele reclamava o

⁴² Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 19.11.1902.

⁴³ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 30.12.1902.

⁴⁴ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 19.11.1902.

lugar que julgava devido à anatomia patológica, evidenciando seu papel fundamental para a bacteriologia. “Anatomia patológica e bacteriologia não são opostas, mas ciências inseparáveis uma da outra. Todo moderno anátomo-patologista deve possuir conhecimentos profundos das bactérias”, afirmou Orth (1904, p. 22). Ressaltou que apenas o conhecimento dos processos patológicos permitira correlacionar as bactérias às respectivas doenças nas quais estavam envolvidas. O papel etiológico daqueles microrganismos fora estabelecido – argumentou Orth – graças à comprovação histológica da sua presença no organismo e o perfil particular de sua distribuição no mesmo. Para o professor do Charité, ambas ciências partiam de um mesmo ponto: investigações de ordem basicamente morfológica. O primado da bacteriologia – na visão de Orth bastante contestável– valeria apenas para o caso das doenças infecciosas. O discurso do patologista alemão procurava reconciliar a anatomia patológica não apenas com a bacteriologia, talvez uma de suas principais oponentes, mas também com a fisiologia, a cirurgia e a prática clínica. Sugeriu uma agenda para o ensino da sua disciplina, que deveria enfatizar sua dimensão prática no cotidiano da medicina (Orth, 1904). Procurava, dessa forma, reabilitar aquela que havia ocupado posição de destaque no pensamento médico oitocentista.⁴⁵

A tentativa de Orth de acomodar a anatomia patológica com a bacteriologia certamente favoreceu Rocha Lima, que moldava sua identidade científica na intersecção das duas ciências. Para Martin Ficker, este foi seu traço distintivo e grande vantagem, num período em que ambos os campos ensaiavam os primeiros passos na tentativa de uma abordagem conjunta dos fenômenos da morbidade (Ficker 1940, p. xii). Rocha Lima foi ainda beneficiado por especializar-se em patologia num país associado a uma rica tradição estabelecida por Virchow e seus discípulos. Em relação à bacteriologia, já vimos como o solo germânico oferecera, ao lado do francês, um dos terrenos mais férteis para seu desenvolvimento (Gradmann, 2005; Berger, 2007).

Entusiasmado por aquelas ciências e pelo desenvolvimento acadêmico na Alemanha, Rocha Lima procurou aproveitar o máximo que pode. Frequentou as aulas de Orth com assiduidade e pontualidade. Sua rotina nos últimos meses em que permaneceu na Alemanha foi corrida e cansativa, conforme queixou-se a Hugo Werneck. Foi completamente tomada pelos estudos, que consistiam nos cursos de Orth, nas idas diárias ao Instituto de Higiene e na

⁴⁵ Sobre o desenvolvimento da anatomia patológica e o papel de Virchow em sua conformação ver Prüll & Woodward, 1998, Schipperges, 1994, Johach, 2008.

prática da análise clínica. A insegurança profissional de quem intuía, como vimos, que apenas a medicina experimental não assegurava um posto vantajoso de trabalho, fez com que procurasse maximizar as possibilidades. Havia conseguido uma maneira de conjugar minimamente o prazer do ofício com as suas “injunções práticas”: no Instituto de Patologia, onde tomava o curso de Orth, passou a praticar análises histológicas voltadas à clínica. Ficava das 10 da manhã às 2 da tarde no instituto do Charité, dirigindo-se depois ao Instituto de Higiene, no qual permanecia até 7 ou 8 horas. À noite e nos fins de semana, quando também se dedicava aos estudos, não lhe restava ânimo de ir ao teatro ou à ópera.⁴⁶ “Enfim, vivo embrenhado nos mistérios da ciência pura e só saio dela para de quando em vez gozar as delícias da arte ou as impressões do fino esporte” relatou a Werneck.⁴⁷ Queria aproveitar o máximo possível, pois o retorno ao Brasil se avizinhava. “Isto tudo em breve se acaba, e daqui a quatro meses estarei com uma mão atrás e outra adiante, sem ter o que fazer e sem dinheiro”, compartilhou aflito, com o amigo, a incerteza no futuro. “Não posso absolutamente prever o que será a minha vida, e estou pronto para tudo, conto com a pior das sortes, quando aí chegar é que poderei ver para que lado devo tentar fortuna”, emendou. Havia acertado um laboratório de análises clínicas em sociedade com Antônio Austregésilo.⁴⁸

O fim daquela angústia e incerteza viria na carta que recebeu de Oswaldo Cruz em 17 de dezembro de 1902, que há tempos não escrevia. Justificou a “ausência” pela vida atribulada que levava. Ela trazia em suas linhas o convite que direcionaria a trajetória de Rocha Lima para os rumos que ele considerava mais incertos e menos promissores. O médico brasileiro ocupava agora a posição de diretor do Instituto Soroterápico Federal. Desavenças com o Barão de Pedro Afonso fizeram com que este pedisse demissão do cargo (Benchimol, 1990; Fernandes, 1999). Vendo a possibilidade de ampliar as finalidades do Instituto, que deveria dedicar-se às “questões tropicais”, convidou Rocha Lima para assumir o posto de chefe de serviço:

Bem entendido, logo veio-me à mente o nome do meu bom amigo, mas acanha-me em fazer tal consulta a esse respeito, por causa da exiguidade dos vencimentos, mormente em

⁴⁶ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 12.11.1902.

⁴⁷ *Idem*.

⁴⁸ *Idem*. Antônio Austregésilo Rodrigues Lima é um personagem que aparecerá em outros momentos dessa narrativa. Nasceu em Recife em 21 de abril de 1876 e formou-se em 1899 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apresentando a tese “Estudo clínico sobre o delírio”. Notabilizou-se pelos estudos no campo da neurologia e psiquiatria, tendo sido o primeiro a ocupar a cadeira de neurologia, criada em 1912. Além das obras científicas, Austregésilo destacou-se pela atividade literária, tendo presidido a Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro em 1960.

tratando-se duma colaboração como a sua, 300#000 mensais. Verdade é que talvez para o futuro possamos conseguir qualquer coisa de melhor, mas por ora é assim mesmo d'um nada e incerto é a única colocação que poderei dispor. Mas o desejo de trabalhar a seu lado é tão grande, que vencendo meu justificado acanhamento, venho pedir sua opinião a respeito, na qual peço não seja em consideração a sua pessoa, a que acato no mais alto grau. Se por um acaso puder aceitar em conseguindo o que desejo e se meu bom amigo quiser voltar a Manguinhos, será para mim a realização de um dos sonhos que mais acaricio (...) peço-lhe obsequio, caso aceite, de vir o mais breve possível trazer-nos sua preciosa colaboração, agradecendo-lhe, ao mesmo tempo, o obséquio que vai prestar-me.⁴⁹

Nas recordações que escreveu sobre os primeiros contatos com Oswaldo Cruz, Rocha Lima escreve que não aceitou de pronto o convite, pois pretendia dar continuidade aos estudos na Alemanha. “As razões que apresenta são tão poderosas e cabais que vou suspender a reforma que pretendia propor, até a sua chegada. Assim, de viva voz, combinaremos acerca de sua colocação em nosso Instituto, o que constitui, para mim, a realização de um de meus mais ardentes desejos” teria escrito Oswaldo Cruz em resposta a Rocha Lima (Rocha Lima 1952, p. 30). Desse período em diante, o futuro colaborador de Manguinhos concentrar-se-ia nos estudos em laboratório (Idem, p. 30).

No penúltimo dia do ano de 1902, Rocha Lima escreveu a Hugo Werneck carta na qual fez um balanço “dos trabalhos feitos à ciência adquirida”:

Se os lucros, relativamente à minha burrice do começo do ano, não são pequenos, relativamente ao que ainda falta ganhar, são invisíveis mesmo ao microscópio. Quanto à parte monetária são como sabes, os lucros, grandes, mas com sinal – [negativo]... O mais prático é considerar isto como capital que se está acumulando e a felicidade do homem está no encarar tudo pelo melhor lado, e quando este não existe, inventar-se.⁵⁰

Rocha Lima embarcou de volta ao Brasil em 08 de abril de 1903. Por solicitação de Oswaldo Cruz,⁵¹ trazia na bagagem coleção de culturas bacterianas e preparados histológicos, que consistiriam no “núcleo original de Manguinhos” (Benchimol, 1990). “Continuo com a mesma maluquice de estudar anatomia patológica e bacteriologia, e a ter enorme curiosidade

⁴⁹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 17.12.1901.

⁵⁰ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 30.12.1902.

⁵¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 17.12.1902. Oswaldo Cruz também havia pedido a Rocha Lima que obtivesse no Instituto Pasteur, caso fosse a Paris, culturas de bacilos da difteria para preparação do soro anti-diftérico, mas ele não foi.

em ver em que dará tudo isto” escreveu a Werneck um mês antes de partir.⁵² Certamente atravessou o Atlântico entre a empolgação esperançosa e a preocupação pelas incertezas. As iniciativas de estabelecimento de instituições e carreiras no âmbito da medicina experimental eram até então rarefeitas; mais bem-sucedidas em São Paulo que no Rio de Janeiro. Mas a nova conjuntura política e econômica que conferiria nova fisionomia à capital federal também favoreceria o cultivo da pesquisa médica.

1.3. Rocha Lima, Manguinhos, e a reforma urbana e sanitária do Rio de Janeiro

A chegada de Rocha Lima ao Rio de Janeiro coincidiu com o início das obras de remodelação urbana da capital federal, uma das prioridades do governo de Rodrigues Alves, empossado em dezembro de 1902. O saneamento financeiro conseguido através da renegociação da dívida externa, feita pelo seu antecessor, e o crescimento da receita das exportações, robustecidas principalmente pelo boom da borracha, garantiram relativa tranquilidade econômica ao governo daquele representante da burguesia cafeeira paulista. Dessa forma, ele pode levar adiante a reforma na qual pretendia adequar a cidade às exigências de circulação da produção, e reformular sua imagem, de modo a poder atuar como “vitrine” do país civilizado que as elites urbanas aspiravam apresentar ao exterior (Benchimol, 1992; Azevedo, 2003). Junto com a reforma urbana, o governo de Rodrigues Alves previa ampla reforma sanitária, planejada com o objetivo de exterminar as doenças que grassavam no espaço urbano. A mais ameaçadora delas era a febre amarela, devido à alta mortalidade, que afetava particularmente os estrangeiros. Constituía a principal mácula na reputação da capital brasileira, comprometendo o comércio internacional e a atração da mão-de-obra estrangeira, reclamada pela lavoura e do capital necessário para os projetos de modernização. A situação sanitária do Rio de Janeiro tornara-se particularmente dramática em virtude do crescimento populacional e consequente agravamento dos problemas sociais e sanitários. Fluxos migratórios de estrangeiros e nacionais haviam adensado o contingente populacional da capital, atraídos pelas possibilidades de trabalho na manufatura e no serviço público. A mesma desvalorização da moeda, que assegurava os rendimentos das classes agroexportadoras, e que estimulava, em contrapartida, certo desenvolvimento industrial, onerava as populações urbanas, que dependiam em quase tudo de produtos importados. Sua

⁵² Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 03.04.1903.

situação tornava-se dessa forma ainda mais precária. Famílias inteiras coabitavam habitações coletivas, em péssimas condições de higiene, tornando-as presa fácil de doenças endêmicas e epidêmicas. Desde a segunda metade do século XIX, os higienistas já haviam apontado os riscos sanitários dos cortiços e estalagens que se concentravam principalmente no centro da cidade, tido como a região mais insalubre e cuja conformação de ruelas e becos era um dos principais obstáculos para a circulação de mercadorias e pessoas (Benchimol, 1992, 2003; Chalhoub, 1996; Azevedo, 2002)

O engenheiro Francisco Pereira Passos foi nomeado por Rodrigues Alves prefeito do Rio de Janeiro, com poderes discricionários, para levar adiante as obras de remodelação urbana e embelezamento, dignas de uma capital orientada pelos ditames do progresso e da civilização. A reforma sanitária foi entregue a Oswaldo Cruz, nomeado diretor geral de Saúde Pública em 23 de março de 1903, poucos meses antes de Rocha Lima retornar ao Brasil. Três principais doenças foram eleitas como alvos de sua ação: a varíola, a peste bubônica e a febre amarela. O combate à primeira basear-se-ia numa ampla campanha de vacinação em massa, e o da peste bubônica, no controle do vetor, o rato. Benchimol (2001) chama atenção para o fato de que enquanto Pereira Passos e os oficiais do poder municipal e federal legitimavam suas medidas com base nos preceitos da higiene tradicional – alargamento de ruas, dessecamento de pântanos, arrasamento de morros, etc. – Oswaldo Cruz lançava mão de uma abordagem mais restrita, na qual direcionava armas específicas contra cada uma das doenças que pretendia combater. Contra a febre amarela, orientou sua campanha pelo combate ao mosquito *Stegomyia fasciata* (atual *Aedes aegypti*), comprovado em 1901 pela comissão médico-militar norte-americana em Havana como o vetor da doença. Em fevereiro daquele ano, fora realizada ampla campanha na capital cubana dirigida pelo general William Gorgas e concentrada no combate ao mosquito.

Os estudos feitos pela comissão chefiada pelo médico norte-americano Walter Reed demonstraram a hipótese lançada em 1880 pelo cubano Juan Carlos Finlay, de que o *Stegomyia* era o transmissor da doença. Finlay sugerira que ele atuava apenas como transmissor mecânico. Já os norte-americanos, orientados pelo modelo conceitual estabelecido no caso da malária, indicaram-no como hospedeiro intermediário, ou seja, aquele no qual ocorre uma etapa do ciclo de desenvolvimento do patógeno. Em relação à febre amarela, este ainda não era conhecido, mas em prosseguimento às analogias com a malária, houve especulações no sentido de que ele também fosse um protozoário. Um dos germes candidatos que gozou de grande notabilidade naqueles anos foi o bacilo incriminado pelo italiano

Giuseppe Sanarelli. Ele chegou a realizar testes no Brasil, onde seu micróbio gozou de grande aceitação. Um dos seus defensores iniciais foi Adolpho Lutz (Benchimol & Sá, 2005). Curioso observar que Rocha Lima estava na Alemanha e registrou a recepção, por Martin Ficker, de culturas do bacilo de Sanarelli enviado pelo médico suíço-brasileiro. Àquelas alturas, ele já estava bastante cético da função patogênica daquele germe. Nosso personagem chegou a analisar algumas culturas, mas não manifestou opinião sobre seu envolvimento na etiologia do mal amarílico.⁵³

A recepção da “teoria havanesa” no meio médico brasileiro foi controvertida (Benchimol, 1999, 2001). O antecessor de Oswaldo Cruz na Diretoria Geral de Saúde Pública, Nuno de Andrade, aceitava o papel do mosquito como transmissor, mas contestava sua exclusividade no processo. Acreditava, por isso, que as medidas de combate ao vetor deveriam se somar ao receituário já seguido pelos higienistas. A teoria havanesa não estava plenamente estabelecida. Conforme afirma Benchimol (2001), por não se conhecer o germe, ela estava exposta “a outras dúvidas perturbadoras”. Em São Paulo, Adolpho Lutz e Emílio Ribas realizaram, entre fins de 1902 e começo de 1903, experimentos análogos aos empreendidos pelos norte-americanos em Cuba. Concluíram de seus resultados que apenas o mosquito era capaz de transmitir o agente da febre amarela. Já em 1901, Ribas havia realizado campanha no interior de São Paulo orientada pelo combate ao vetor.⁵⁴

Interessada em verificar a teoria havanesa a fim de deter os surtos de febre amarela que irrompiam na colônia do Senegal, uma comissão francesa constituída por Paul-Louis Simond, Émile Marchoux e A. Tourelli Salimbeni desembarcou no Rio de Janeiro em novembro de 1901 (Benchimol, 2001; Löwy, 2006). Foram acomodados no Hospital São Sebastião, onde realizaram amplo programa de pesquisas, que incluía “estudo microscópico do sangue dos doentes, anátomo-patologia e clínica da febre amarela, estudo da biologia e parasitologia do *S. fasciata*”, além de pesquisas sobre a infecção experimental de animais com sangue de pacientes, sobre o cultivo do agente patogênico e ensaios de soroterapia e vacinação. Permaneceram no Rio de Janeiro até março de 1905, trabalhando em estreito contato com os médicos brasileiros e acompanhando a campanha liderada por Oswaldo Cruz (Benchimol & Sá 2005, p. 196-7).

⁵³ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 19.11.1902.

⁵⁴ Sobre a trajetória de Emílio Ribas e seu engajamento nas pesquisas e combate da febre amarela ver Almeida, 2003.

Controvérsias entre os “unitaristas” – que defendiam a transmissão pelo mosquito – e aqueles, que como Nuno de Andrade advogavam a existência de outros veículos de transmissão, marcaram o V Congresso Brasileiro de Higiene e Cirurgia que ocorreu no Rio de Janeiro em 1903. Apesar do desacordo, Oswaldo Cruz deu seguimento à campanha anti-malfica, baseada na destruição do vetor. Contra a forma alada aplicou a fumigação com piretro e gás sulfuroso, medidas realizadas paralelamente ao isolamento dos doentes. Seguindo o modelo militarizado adotado por Gorgas em Havana, orientou amplo esquadrinhamento do espaço urbano, dividido em 10 seções, cada qual supervisionada por um inspetor, subordinado à administração central. O Serviço de Profilaxia contra a Febre Amarela, criado em 1903, consistia basicamente dos chamados “mata-mosquitos”, dedicados à aplicação das medidas acima citadas, e dos funcionários ocupados com a formulação dos mapas e estatísticas epidemiológicas. Muitos estudantes de medicina fizeram parte do serviço (Benchimol, 2001; Löwy, 2006).

Recém-chegado ao Rio de Janeiro, Rocha Lima certamente se surpreendeu com a celeridade com que sua cidade natal transforma-se num imenso canteiro de obras e com a extensão das medidas da campanha sanitária de Oswaldo Cruz. Os escritos e a historiografia sobre Manguinhos ressaltam o papel que nosso personagem teve no prosseguimento dos trabalhos científicos do Instituto enquanto seu diretor orientava as medidas da reforma higiênica da capital federal (Stepan 1976; Benchimol, 1990; Benchimol & Teixeira, 1993). Henrique Figueiredo de Vasconcelos supervisionava a produção de soros e vacinas e dividia com Rocha Lima os trabalhos administrativos. Além das coleções de culturas bacterianas e preparados histopatológicos, Rocha Lima trouxe da Alemanha a expertise técnica, fundamental para o bom andamento dos trabalhos em bacteriologia. É importante ressaltar que esta era uma ciência de caráter eminentemente prático e “artesanal”, que envolvia o treinamento nos delicados procedimentos de cultivo, coloração, preparação de esfregaços, observação microscópica, dosagem de soros, inoculação de animais, etc. O mesmo pode ser dito em relação à patologia. O fato de ter obtido esse treinamento numa das “fontes” nas quais haviam sido formulados aqueles procedimentos, certamente investia Rocha Lima de grande legitimidade frente aos demais colegas e a Oswaldo Cruz. Ele afirma que sua relação com este assumiu “o caráter de uma íntima colaboração” (Rocha Lima 1952, p. 30). Dessa forma, teria estabelecido com o mestre uma relação horizontal, na qual a hierarquia cedia lugar ao livre intercâmbio de idéias e opiniões:

Oswaldo Cruz (...) logo me colocou consigo em nível de igualdade no que dizia respeito à troca de pensamentos, aceitando e estimulando a mais absoluta franqueza, a máxima liberdade de expressão e de linguagem ao discutirmos tanto os problemas técnicos, científicos e humanos, com que deparávamos no caminho de nossas cogitações, como também os político-administrativos em torno de sua difícil e árdua tarefa sanitária (Rocha Lima 1952, p. 30)

O tom da correspondência entre os dois nos anos seguintes confirma de certa forma a fala de Rocha Lima. Veremos que em certos momentos Oswaldo Cruz chegou a confidenciar com ele considerações sobre os colaboradores de Manguinhos. De acordo com o testemunho de nosso personagem, as refregas que sofria na condução da campanha sanitária também eram tema de suas conversas (Rocha Lima, 1952). Em relação à campanha contra a febre amarela, Oswaldo Cruz contara com apoio expressivo das instâncias oficiais. A problemática do combate ao vetor não era estranha ao presidente da República, que autorizara, quando governador de São Paulo, as experiências feitas por Ribas e Lutz e as campanhas orientadas por aquela abordagem. Lei específica votada pelo Congresso Nacional aprovou ainda em 1903 recursos destinados à aparelhagem para a campanha antiamarílica e pagamento dos inspetores sanitários (Löwy 2006, p. 87). Os deputados foram bem menos benevolentes na apreciação do projeto enviado por Oswaldo Cruz, de transformação do Instituto Soroterápico num centro de pesquisas voltado ao estudo das doenças infecciosas prevalentes no país, com autonomia administrativa e financeira (Stepan 1976, p. 91). O apoio dos poderes públicos para a reforma sanitária não era extensivo aos planos que o sanitarista acalentava para seu instituto.

Mesmo assim, a ocupação do principal posto da saúde pública federal beneficiou bastante Manguinhos. Henrique Aragão (1950), um dos que frequentavam o instituto àquela época, testemunha a rápida transformação das condições de trabalho. Segundo ele, passaram a contar com uma lancha, que os levava até o cais próximo dali, e com uma série de facilidades para as pesquisas: “microscópio, micrótomo, estufas, substâncias químicas, corantes, vidraria”, além de animais de experimento, “que nos chegavam, quando necessários, como por milagres, adquiridos no Rio, em Buenos Aires, Hamburgo e Nova York.” A biblioteca também passou a receber livros e revistas nacionais e estrangeiros, sendo necessário um pavilhão para abrigar o acervo em franco crescimento (Aragão, 1950). Logo depois teriam início as obras destinadas à construção da nova sede, projeto encomendado ao arquiteto Luiz de Moraes Júnior, e que seguiria o estilo mourisco, conferindo-lhe certo tom de exotismo.

Além do portentoso edifício, que rivalizaria com as imponentes fachadas erguidas junto à nova Avenida Central, foram projetadas uma série de outras construções, como as cavalariças e o pavilhão da peste. “Manguinhos, tão tranquilo, transformou-se numa rumorejante colméia com os seus 300 e tantos trabalhadores, numeroso maquinário e chegar constante de material pesado, que obrigou a construção de nova ponte...” nos conta mais uma vez Henrique Aragão. Os recursos para tão ambiciosa obra vinham das “sobras remanescentes” do orçamento da Diretoria Geral de Saúde Pública (Benchimol, 1990; Benchimol & Teixeira, 1993; Cukierman, 2007).

Naqueles anos, a equipe que atuava em Manguinhos também cresceu. Estudantes da Faculdade de Medicina procuravam o instituto para realizar os estudos que resultariam em suas teses de doutoramento. Entre eles estava Carlos Chagas, que por intermédio de Francisco Fajardo, dirigiu-se até ali em 1902 para completar sua tese “Estudos hematológicos no impaludismo”. No ano seguinte, entrou o já mencionado Henrique Aragão.⁵⁵ Posteriormente ingressariam, também “pelo caminho da tese”, Parreiras Horta, Arthur Moses, Borges da Costa, Jesuino Maciel, Marques Lisboa, MacDowell, Aben-Athar, Aleixo de Vasconcelos, Waldemar Schiller, Oscar de Araújo, Octávio Machado (Rocha Lima 1952, p. 31). Destes, somente alguns permaneceram. A variedade dos temas estudados acenava para o ecletismo que vinha assumindo o programa de pesquisas do Instituto. O Serviço de Profilaxia da Febre Amarela tornou-se outra fonte de colaboradores, através do qual chegaram Alcides Godoy e Arthur Neiva. Na ausência de Oswaldo Cruz, Rocha Lima assumiu o papel de introduzir informalmente os neófitos nas artes da bacteriologia (Aragão 1950; Benchimol & Teixeira 1993). Arthur Neiva lembraria anos depois o papel do colega nessa tarefa:

Ainda bem me recordo o dia em que começamos o grupo Coli-typho, de que ninguém tinha tratado ainda no Instituto. Fui eu o primeiro a fazer o Endo, o Drigalsky e o Petruchsky, coisas nunca dantes cogitadas em Manguinhos, o que obrigou o Aragão (...) acompanhar, na medida do possível, à distância, o curso que você me dava. Fui eu o primeiro a fazer no

⁵⁵ Henrique Aragão nasceu em Niterói em 21 de dezembro de 1879, estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na qual diplomou-se em 1904. Passou a frequentar Manguinhos ainda como estudante em 1903, sendo logo em seguida nomeado assistente. Ali permaneceu durante toda sua prolífica trajetória científica, a partir de 1919 como chefe de serviço e entre 1942 e 1949 como diretor. Aposentou-se no ano seguinte, vindo a falecer em 26 de fevereiro de 1956. A vasta produção científica de Aragão inclui a elucidação do ciclo de vida do halterídio do pombo, o desenvolvimento de vacina contra a espirilose das galinhas, estudos sobre os carrapatos ixodídeos, sobre a varíola, pesquisas fundamentais sobre a febre amarela realizadas durante o surto de 1928 e sobre o vírus do mixoma do coelho, empregado no controle contra esse animal que havia se tornado uma praga na Austrália.

Brasil, sob sua orientação, soros aglutinantes naquele célebre bode chamado Campos Sales, recorda-se ainda?⁵⁶

Em relato a Oswaldo Cruz sobre o andamento dos trabalhos em sua ausência, Rocha Lima aludiu à chegada de Neiva: “Há duas semanas que começou a trabalhar aqui o Dr. Neiva, o que me tem tomado bastante tempo, mas uma vez encaminhado não mais me atrapalhará, pois é rapaz inteligente e muito trabalhador.”⁵⁷

Enquanto em Manguinhos as instalações materiais, a pauta de produção, o corpo de colaboradores e as atividades de pesquisa dilatavam-se, trazendo satisfação para Oswaldo Cruz, no plano da campanha sanitária ele sofria pesadas críticas. Censurava-se o caráter truculento das medidas adotadas, num cenário já bastante convulsionado e sensibilizado pelas ordens de despejo, pela intervenção no espaço privado e pelas iniciativas igualmente autoritárias de obrigatoriedade de novas “usanças”, destinadas a inaugurar uma ética de uso do espaço urbano mais adequada àquela privilegiada pela burguesia européia “civilizada”. O clima piorou com a decretação da lei de vacinação obrigatória contra a varíola, apresentada por Oswaldo Cruz ao Congresso Nacional em junho de 1904. Ela gerou debates acalorados no parlamento e nas ruas, nas quais os ânimos populares foram insuflados por líderes ligados à Igreja Positivista, opositores políticos pertencentes ao exército, ou de orientação monarquista. A aprovação da lei, em 31 de outubro, e sua divulgação pela imprensa, deflagraram intensa amotinação popular, à qual se juntou uma revolta de militares na Academia da Praia Vermelha. A imprensa veiculou críticas severas a Oswaldo Cruz e ao autoritarismo das intervenções sanitárias. O episódio da revolta da Vacina foi um fenômeno complexo, de causas imediatas e outras mais profundas, arraigadas no cotidiano e imaginário das classes populares e, por conta disso, foi fruto de muitas análises – algumas delas conflitantes – por parte de nossa historiografia (Sevcenko, 1993; Carvalho 1996; Chalhoub, 1996; Benchimol, 2003).

A revolta pôs a pique a obrigatoriedade da vacina e a varíola cobrou seu preço quatro anos depois. Se nesse plano a campanha de Oswaldo Cruz sofreu revés, ele foi sufocado pelo sucesso no combate à febre amarela, a qual foi transformada num símbolo da vitória da ciência contra a doença e o atraso. Veio coroar de êxito a capital recém-embelezada, cujos

⁵⁶ Carta de Arthur Neiva a Rocha Lima de 29.12.1927. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

⁵⁷ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz s.d.

caminhos para o concerto das nações civilizadas não mais estariam impedidos pela mácula da mais temida das epidemias. A taxa de mortalidade pela doença, que em 1903 foi de 584 pessoas, caiu no ano seguinte para 48, tornou a subir em 1905 para 289, e depois, entrou em curva descendente: 42 mortos, em 1906, 39 em 1907, 4, em 1908 e, no ano seguinte, foi considerada oficialmente extinta da capital federal (Löwy 2006, p. 92). O sucesso consagrou a reputação nacional e internacional de Oswaldo Cruz, transformado em ícone das potencialidades da ciência dos germes e dos vetores no combate às doenças infecciosas. Antes mesmo de anunciar o extermínio da doença, a campanha, que já era acompanhada *in visu* pelos franceses, chamou a atenção dos alemães, que tomaram o rumo do Brasil com o objetivo de também observá-la de perto. A expedição de Rudolf Otto e Otto Neumann ao Brasil, em 1904, foi certamente o primeiro capítulo expressivo da aproximação científica germano-brasileira no âmbito da medicina tropical. Consistiu no entrelaçamento da rede, através da qual fluíam espécimes, idéias e pessoas e no âmbito da qual nosso personagem construiu sua reputação científica. Aproveitemos a ocasião para conhecer o contexto de criação e consolidação do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, que se tornou a segunda guarida institucional de Rocha Lima.

1.4. A expedição de Otto e Neumann e o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo: as relações germano-brasileiras no quadro da medicina tropical

Hans Erich Moritz Otto e Rudolf Otto Neumann chegaram ao Brasil em 10 de fevereiro de 1904, no auge da campanha de Oswaldo Cruz, e aqui permaneceram até 04 de julho do mesmo ano. À época da expedição, ambos eram ligados ao Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo (*Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten*), fundado em outubro de 1900, quase ao mesmo tempo que o Instituto de Manguinhos (Wulf, 1994; Mannweiler, 1998; Brahm, 2002). Sua criação estava inserida no processo de institucionalização da especialidade médica designada medicina tropical, que dedicava-se ao estudo das doenças consideradas específicas dos trópicos. Aquele processo, como já mencionamos anteriormente, estava ligado à preocupação em garantir a viabilidade dos empreendimentos coloniais das potências imperialistas, através da manutenção da salubridade das populações estabelecidas nas colônias. Na Inglaterra havia sido criada, em 1898, a Liverpool School of Tropical Medicine e um ano depois, a London School of Tropical Medicine. Na França, filiais do Instituto Pasteur estabeleceram-se nas colônias. O Instituto de

Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo foi criado, ao mesmo tempo, pelo Senado de Hamburgo e pelo Departamento Colonial do *Auswärtiges Amt*, o Ministério das Relações Exteriores alemão. Essa dupla inserção administrativa ligou- às duas instâncias que marcariam a trajetória da nova instituição em sua esfera de atividades nos anos seguintes: a política colonial de Guilherme II, na qual a salubridade das populações estabelecidas nos trópicos figurava como questão fundamental, a manutenção da sanidade do porto de Hamburgo - um dos maiores pontos de entrada e saída de mercadorias e pessoas da Europa - e a supervisão da chamada “higiene naval”. Nesse sentido, o instituto deveria zelar pela saúde dos marinheiros e evitar a entrada em território alemão daquelas doenças consideradas “exóticas”. O *Tropeninstitut*, nascia assim, sob o signo da lealdade à administração imperial, em Berlim e à local, em Hamburgo (Brahm, 2002).

De forma semelhante aos casos de Manguinhos e do Butantã, o envolvimento das autoridades locais na criação do Instituto de Hamburgo estava ligado à experiência de um surto epidêmico: a famosa epidemia de cólera que grassou na cidade hanseática em 1892. Não cabe aqui detalhar o decurso desta epidemia, o que já foi feito magistralmente por Richard Evans (1987). Robert Koch foi destacado para realizar estudos sobre a doença, fazendo uma série de observações epidemiológicas relacionadas ao vibrião colérico. Um de seus ex-alunos, o médico da marinha Bernhard Nocht (1857-1945), assumiu durante a epidemia a direção de uma das estações de controle instaladas na região do rio Elba.⁵⁸ A nomeação de Nocht para aquele posto estava relacionada à experiência com o cólera que ele havia adquirido quando esteve no sudeste da Ásia como médico da marinha alemã. A tarefa do médico da estação de controle consistia em inspecionar navios e barcos, com o fim de evitar a entrada de pessoas contaminadas na cidade. Em 1893, Nocht foi nomeado pelo Senado de Hamburgo médico do porto (*Hafenarzt*), que exercia as funções de higiene e de assistência médica. Para isso, foi estabelecido, em 1895, no Hospital Saint Georg, um dispensário com 25 leitos para o atendimento de marinheiros. Planejava-se a construção de um hospital específico para essa

⁵⁸ Bernhard Nocht nasceu em Landeshut, na Silésia. Estudou medicina no Instituto Médico-Cirúrgico Friedrich-Wilhelm, também conhecido como Pepinière e depois um ano no Hospital Charité, doutorando-se em 1892. Em 1883 ingressou na Marinha Imperial como médico, ano no qual embarcou como médico de bordo para o sudeste da Ásia e Mediterrâneo. Entre 1887 e 1890 trabalhou com Koch no Instituto de Higiene da Universidade de Berlim e em 1892, por ocasião da epidemia de cólera, assumiu a direção da estação de controle em Hamburgo. Nomeado médico do porto de Hamburgo (*Hafenarztes*), saiu da marinha, concentrando-se no desenvolvimento do serviço de higiene naval e de um sistema de monitoramento de epidemias. Em 1898 tornou-se membro do conselho do departamento de imigração e em 1900 foi nomeado médico distrital de Hamburgo (*Physikus*), mesmo ano em que foi nomeado diretor do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais e do Hospital dos Marinheiros anexo a ele. Em 1901 seria nomeado membro do conselho de saúde de Hamburgo e do Colegiado Médico da cidade hanseática (Mannweiler 1998, p. 230-1; Wulf, 1999).

finalidade, o que só veio a se concretizar quando foi criado o *Tropeninstitut* (Mannweiler 1998, p. 10-1).

Já em meados da década de 1890, Nocht preocupou-se com o aperfeiçoamento dos conhecimentos médicos acerca das doenças ditas “exóticas”. Não havia uma especialidade dedicada a elas. Em 1897, o médico alemão Carl Mense (1861-1938) fundou o *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene* e já no primeiro volume fez coro com Nocht, também reivindicando o aprofundamento dos conhecimentos e treinamento dos médicos nas doenças reconhecidas como específicas das regiões tropicais. Em viagem feita às Índias Holandesas, África e sudeste asiático, entre 1884 e 1888, Mense observou doenças como malária, beribéri e doença do sono, sobre as quais nada sabia. Nocht manifestou ao Colegiado Médico de Hamburgo o interesse em oferecer, no Hospital dos Marinheiros, depois que estivesse concluído, cursos de preparação para médicos que fossem se dedicar à higiene naval e tropical. Em Berlim, Robert Koch articulava iniciativa semelhante. Depois das viagens à África, convencera-se da necessidade de formar especialistas na profilaxia e terapêutica das doenças que grassavam nos trópicos. Defendeu a criação de um instituto especializado, ligado à Universidade de Berlim, que dedicar-se-ia, não apenas à formação de novos especialistas e tratamento dos doentes, como também à obtenção de material de estudo, que deveria ser remetido diretamente de Hamburgo à capital alemã. Devido à importância prática que assumiria no âmbito da higiene das colônias, deveria subordinar-se ao Departamento Colonial do *Auswärtiges Amt*. Nocht e demais representantes da cidade de Hamburgo reuniram-se em Berlim com oficiais do Departamento Colonial. Ele destacou a importância de Hamburgo como porta de entrada e saída de pessoas e, por consequência, de doenças e como principal entreposto comercial da Alemanha com o além-mar. Apresentou o número de pacientes que chegavam ao porto hanseático, com doenças como malária e beribéri, apontando para a necessidade de transportá-los de imediato para um hospital especializado, junto ao qual deveria haver um instituto para estudo das mesmas. Interessado em evitar a contaminação de pessoas ligadas ao comércio ultramarítimo e a introdução de doenças epidêmicas (a experiência com o cólera fora traumática), o Senado de Hamburgo ofereceu os recursos para a construção do que seria o Hospital dos Marinheiros e do instituto especializado em doenças marítimas e tropicais. (Wulf 1994, p. 2; Mannweiler 1998, p. 12-4; Brahm 2002, p. 13-4). Os oficiais do Departamento Colonial aceitaram a oferta de Hamburgo, mas, ao mesmo tempo, deixaram claro em sua resolução a influência que Berlim deveria exercer sobre o novo instituto. Contribuiria com um subsídio anual e a manutenção de dois diretores de

departamento.⁵⁹ Uma vez concluída a construção do *Tropeninstitut*, o Reich nomeou Friedrich Fülleborn⁶⁰ e Gustav Giemsa⁶¹ como diretores de departamento. A direção foi entregue a Nocht, a quem coube a tarefa de recrutar os demais pesquisadores, coordenar a montagem do Instituto e estabelecer um programa de pesquisas que atendesse aos interesses da medicina naval e colonial representados, respectivamente, pelo Senado de Hamburgo e pelo Reich. Menos do que opostas, tais dimensões foram complementares (Brahm 2002, p. 15).

O novo instituto foi acomodado em anexo ao Hospital dos Marinheiros, defronte ao porto de Hamburgo. Entrou em funcionamento em outubro de 1900, mas apenas a partir de fevereiro de 1901, os pacientes puderam ser admitidos. A capacidade inicial do hospital era de 54 leitos (Mannweiler 1998, p. 22). A equipe de colaboradores do *Tropeninstitut* consistiu ao todo de 24 pessoas. Além de Nocht, Giemsa e Fülleborn, a equipe de pesquisadores incluiu Heinrich Ollwig, Hans Moritz Otto e Peter Mühlens.⁶² O objetivo do *Tropeninstitut* era o ensino, pesquisa e tratamento das doenças “exóticas”, entre as quais a malária ocupou o primeiro plano, predominando entre os pacientes do Hospital dos Marinheiros. Por conta disso, foram realizados estudos de longos anos sobre as propriedades e métodos de aplicação da quinina, tema de investigação do próprio Nocht, que pesquisou as relações entre o

⁵⁹ O diretor do Departamento Colonial do *Auswärtiges Amt*, von Buchka, tentou garantir uma influência direta no *Tropeninstitut* através da nomeação de um comissário do Reich, mas o Senado de Hamburgo recusou (Mannweiler 1998, p. 14).

⁶⁰ Friedrich Fülleborn nasceu em 1866 em Weichsel. Formou-se em medicina na Universidade de Berlim, doutorando-se em 1895, ao mesmo tempo em que frequentou aulas de história natural e antropologia. Em 1894 foi voluntário no Instituto Anatômico de Hans Virchow. Viajou no mesmo ano para a América do Norte, para realizar investigações em zoologia. Em 1896 partiu para a África Oriental, onde atuou como médico tropical. Entre 1898 e 1900 viajou para Malawi para novamente fazer estudos em zoologia, mas também em etnologia. No ano seguinte ingressou no Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, onde atuou como helmintologista, assumindo sua direção em 1930, que ocupou até sua morte, em 1933. Durante suas viagens, Fülleborn colecionou grande número de material de ensino e estudo. Destacou-se no estudo de parasitas, da clínica, epidemiologia e tratamento de infecções por helmintos e no desenvolvimento de novos métodos de diagnóstico dessas doenças. Concentrou-se na pesquisa das filarias e microfilárias e na evolução da migração de larvas de nematódeos no hospedeiro (Mannweiler 1998, p. 221-2).

⁶¹ Gustav Giemsa nasceu em 1867 em Blechhamer, na Silésia Superior. Estudou farmácia na Universidade de Leipzig, na qual formou-se em 1894. A partir de 1895 atuou como farmacêutico e químico a serviço do governo do Reich. Entre 1898 e 1899 completou seus estudos em Leipzig e Berlim em química, mineralogia e bacteriologia e higiene. Em 1900 foi incorporado ao recém-criado Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, no qual assumiu o departamento de química. Ficou responsável pela produção de reagentes, corantes e meios de cultura que não eram comercializáveis. Permaneceu por seis meses no Instituto Oswaldo Cruz entre 1908 e 1909. Serviu na guerra e em 1919 tornou-se professor de quimioterapia na Universidade de Hamburgo. Em 1924, tornou-se membro do comitê da Liga das Nações para estudo da questão da quinina. Aposentou-se em 1933. Em 1936 viajou para o Brasil, acompanhado de Ernst Nauck, para realizar pesquisas sobre o caráter racial e a adaptação das populações de origem alemã nas colônias do Espírito Santo. Morreu em 1948. Destacou-se pelo desenvolvimento do método de coloração dos parasitos e tecidos, um aperfeiçoamento do método de Romanowsky e pelos estudos sobre a quinina (Mannweiler 1998, p. 223-4).

⁶² Heinrich Ollwig, médico dos protetorados e assistente para ensino, foi membro do Instituto até 1909. Hans Moritz Otto, médico da marinha, permaneceu até 1906. Mühlens, da Marinha Imperial, atuou como voluntário entre 1901 e 1902 no Hospital dos Marinheiros (Mannweiler 1998, p. 25).

alcalóide e a chamada febre hemoglobinúrica. Giemsa dedicou-se ao aperfeiçoamento da coloração de Romanowsky, empregada na visualização de parasitas, que resultou, em 1905, na comunicação de método de coloração batizado com seu nome. Os cursos de formação de médicos tropicais, preparados desde 1900, e já oferecidos em janeiro de 1901, demandaram grandes esforços dos pesquisadores. Friedrich Fülleborn cuidou da obtenção de material para demonstração nas aulas que tinham caráter mais prático que teórico. Em suas expedições científicas, preocupou-se em conseguir volume expressivo desse material, que deveria constituir as coleções científicas da nova instituição. Aos poucos, o curso sofreu ampliações, em termos de duração e de escopo (Mannweiler, 1998).

O perfil do *Tropeninstitut* foi moldado pela ambiência da cidade de Hamburgo. A intensa atividade portuária, representada pelas migrações e pelo ativo comércio ultramarítimo, projetou as casas comerciais e companhias de armadores e navegação como grupos de interesses econômicos. As densas relações com o ultramar fizeram com que os estudos sobre o estrangeiro ganhassem relevo no âmbito das atividades científicas ali praticadas. Nessa constelação, surgiria, em 1907, o Instituto Colonial de Hamburgo (Ruppenthal, 2007). As relações da cidade hanseática com a América Latina vinham desde a época em que as ex-colônias ibéricas tornaram-se independentes. Cabe lembrar que o pacto de comércio do Brasil com as cidades hanseáticas é de 1827. Hamburgo foi também um dos principais pontos de partida das avultadas levas de emigrantes que se dirigiram ao Brasil. Na conjugação de interesses privados com as instâncias envolvidas nesse intercâmbio transnacional é que ocorreu a expedição de Otto e Neumann.

A expedição foi financiada, em sua maior parte, pela “*Verein der am Caffeehandel beteiligten Firmen*” (Associação de Firms ligadas ao comércio cafeicultor) e pelas duas maiores companhias de armação de Hamburgo: a *Hamburg-Amerikanische Packetfahrt-Actien-Gesellschaft* (Hapag/ Hamburg-Amerika Linie) e a *Hamburg-Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft* (Hamburg-Süd). Também participaram dos custos as firmas *Johannes Schuback & Sohne*, o *Brasilianische Bank für Deutschland*, a fundação beneficente *Johann Peter Averhoff* e a *Theodor Wille & Co.*, casa de exportação de café que tinha forte presença no Brasil, inclusive com uma sucursal em Santos (Brahm 2002, p. 20-1; 2003). O interesse da maior parte dessas firmas pela febre amarela estava ligado ao ônus que ela representava para seu comércio, não apenas em função do obstáculo das quarentenas para o comércio ultramarítimo, mas também pela ameaçava a seus representantes no Brasil. Era sabida a maior vulnerabilidade dos europeus à doença. Segundo Bernhard Nocht, era a mais

temida pelos marinheiros. Em 1891, a *Hamburg-Süd* havia perdido 85 funcionários em consequência do mal amarfílico, também referido como “tifo americano”. Por conta disso, a companhia adquiriu, no ano seguinte, uma ilha em frente ao Porto de Santos, livre da moléstia, na qual os marinheiros eram deixados em um lazareto, ficando o serviço de carga e descarga por conta dos nativos, menos susceptíveis a ela (Brahm 2002, p. 20).

Como já mencionado, a expedição tinha por objetivo, realizar estudos sobre a febre amarela, e observar de perto a campanha de Oswaldo Cruz. Este recebeu Otto e Neumann no porto do Rio, em 06 de março de 1904. Eles foram entrevistados pela imprensa local e apresentados ao sanitarista pelo encarregado de negócios da legação alemã no Brasil. Foram acomodados com seus aparato de pesquisa no Hospital São Sebastião, onde os franceses da missão Pasteur encontravam-se em fase de conclusão de seus estudos . Conforme registrou Neumann em seu diário, analisado por Flelix Brahm (2002), a interação com os franceses a princípio foi reservada, mas depois desenvolveu-se bem. Otto e Neumann visitaram diferentes instituições sanitárias em companhia de médicos brasileiros. Estiveram inclusive em Manguinhos, onde certamente estabeleceram contato com Rocha Lima.

Com base nas observações realizadas, Otto e Neumann corroboraram no relatório de viagens o papel do mosquito *Stegomyia fasciata* como único meio de transmissão da febre amarela. Deixaram em aberto se outras espécies também podiam desempenhar essa função. A princípio tiveram dificuldades em obter mosquitos, que àquela época do ano não apareciam em grande número. Mas conseguiram alguns exemplares com médicos brasileiros e com o serviço de profilaxia da febre amarela. Transportaram cerca de 30 espécimes para Hamburgo, onde puderam mantê-los em condições apropriadas, graças às numerosas observações feitas sobre seu ciclo de vida, alimentação, reprodução e biologia em geral. De acordo com Heitor Fróes da Fonseca, em visita ao *Tropeninstitut* em 1925, ainda era possível ver criações do inseto que descendiam daquela primeira leva.⁶³ Além das próprias observações, os apontamentos de Otto e Neumann basearam-se largamente nos enunciados de Frederick von Theobald reunidos em sua ampla monografia sobre os culicídeos.

Menos conclusivas que as informações sobre o transmissor, foram aquelas obtidas sobre o patógeno. Os pesquisadores alemães seguiram no encalço dos diferentes germes apontados como agente etiológico da febre amarela, mesmo que grande parte deles já tivesse

⁶³ “Cartas da Allemanha”, *Brasil-Médico*, p. 375, 1925.

sido refutada por Georg Sternberg (Otto & Neumann, 1906). Consideraram plausível a hipótese defendida por Fritz Schaudinn⁶⁴ de que o agente da febre amarela pertencia à categoria dos espiroquetas – à época classificados entre os protozoários – que abrangia o causador da sífilis.⁶⁵ Com a expectativa de avançar nos estudos sobre o agente causador, Otto e Neumann trouxeram consigo um potente instrumento - um ultramicroscópio, da primeira leva dos fabricados pela firma Zeiss. Além das dificuldades iniciais de manipulação do aparelho, ele funcionava à base da luz solar, de modo que nuvens ou o céu encoberto comprometiam a observação. Chegaram a vislumbrar estruturas móveis encontradas no sangue e no líquor, mas as mesmas foram constatadas em indivíduos acometidos por outras doenças. Assim, concluíram que não tinham nenhuma relação com a febre amarela. As observações “ultra-microscópicas” valeram mais por invalidar a correlação de qualquer estrutura microbiana visível – bacilo, espirilo, tripanossoma, etc – com a febre amarela, pois não lhes passaria despercebido com a possante ferramenta (Otto & Neumann, 1906).

As observações e resultados de Otto e Neumann, foram comprometidas pelo fato deles não encontrarem muitos pacientes. Apenas 24 deram entrada no Hospital São Sebastião no período em que lá permaneceram. Destes, apenas 3 não haviam passado do 3º dia da doença, após o qual, de acordo com a experiência, o agente infeccioso não podia mais ser isolado do sangue (Idem).

Félix Brahm (2002) demonstra, que além das tarefas concernentes à pesquisa da febre amarela, Otto e Neumann foram encarregados pelos seus financiadores de fazer observações sobre a higiene marítima e outros aspectos relacionados direta ou indiretamente ao comércio transatlântico. Em São Paulo, visitaram plantações de café para analisar suas condições de

⁶⁴ Fritz Schaudinn nasceu em 1871 em Roeseningken, na Prússia oriental, estudou ciências naturais, com ênfase em zoologia, na Universidade de Berlim, na qual formou-se em 1894. Nesse ano tornou-se assistente do Instituto de Zoologia da Universidade de Berlim. Em 1898 participou de uma expedição ao Ártico, na qual colecionou rico material biológico. Em 1901 foi designado para organizar uma seção de protozoários parasitas no Departamento de Saúde do Império (*Kaiserliche Gesundheitsamt*). Durante três anos atuou na estação zoológica do aquário de Berlim em Rovigno/ Istrien, onde dedicou-se ao estudo aprofundado de protozoários. Estudou as formas de multiplicação do parasita da malária e descreveu uma nova espécie de ameba patogênica ao homem, a *Entamoeba histolytica*, diferenciando-a da *E. coli*. Retornou em 1904 ao Departamento de Saúde em Berlim para assumir o recém-montado laboratório de protozoologia, quando descreveu o agente patogênico da sífilis, classificando-o entre uma categoria específica de organismos – os espiroquetas. Licenciou-se em 01 de julho para ajudar a organizar no Tropeninstitut uma comissão para estudar a doença do sono na África Oriental alemã. Nocht o convenceu a assumir naquele instituto um cargo fixo, no qual ficaria encarregado de dirigir um laboratório de protozoologia. Ali continuou seus trabalhos sobre espiroquetas, mas morreu prematuramente em 22 de junho de 1906, deixando ampla produção no campo dos estudos sobre os protozoários, que teria influência crucial na conformação da moderna protozoologia alemã (Mannweiler 1998, p. 237-8).

⁶⁵ Sobre a hipótese de Schaudinn em relação à febre amarela ver Benchimol & Sá, 2005 e Benchimol, 2009.

higiene e, em Santos, estiveram no “lazareto” construído pela *Hamburg-Süd* na ilha das Palmas. No Rio, informaram-se sobre as condições de higiene de frigoríficos, sobre o comércio de diferentes produtos e sobre medidas sanitárias adotadas nos portos, como por exemplo, aquelas relacionadas ao abastecimento de água e de víveres para os navios, bem como os hospitais nos quais os marinheiros eram internados (Brahm 2002, p. 27-8). As considerações sobre os brasileiros registradas por Neumann em seu diário não foram nada abonadoras. Ele repisa velhos estereótipos presentes desde os viajantes novecentistas, sobre a indolência dos brasileiros, tornados lânguidos pelo clima quente e úmido. Se por um lado referiram-se a Oswaldo Cruz como “homem de grande instrução científica, raciocínio prático e capacidade de organização”, por outro destacaram que essas mesmas qualidades eram raras de se encontrar entre os demais brasileiros (Idem, p. 24).

As observações científicas sobre a febre amarela, ao lado daquelas sobre a campanha sanitária de Oswaldo Cruz, foram bastante divulgadas na literatura alemã. Um relatório foi publicado no *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene* (Otto & Neumann, 1904) e uma descrição das condições gerais de higiene no Brasil no *Hygienische Rundschau* (Otto & Neumann, 1904b). Uma monografia, mais extensa, foi lançada dois anos depois (Otto & Neumann, 1906). Quando Rocha Lima esteve na Alemanha em 1906, o renomado higienista e bacteriologista alemão Wilhelm Kolle (1868-1935) criticou as publicações de Otto e Neumann por serem redundantes, o que teria causado má impressão entre os alemães.⁶⁶

As estratégias de campanha adotadas por Oswaldo Cruz seriam depois implementadas por Richard Otto, na colônia alemã do Togo, uma demonstração de que os conhecimentos sobre as doenças ditas tropicais e os meios de combatê-las fluíam em distintas direções, assumindo franco caráter transnacional (Brahm 2002, p. 28).

Depois da expedição de Otto e Neumann, as relações da medicina brasileira com o *Tropeninstitut* tornaram-se mais densas. Publicações locais foram com frequência resenhadas nos “Archiv”.⁶⁷ Antes de tratarmos dos outros aspectos e eventos concernentes a estas relações, vamos prosseguir no rastro de nosso personagem em Manguinhos.

⁶⁶ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.09.1906.

⁶⁷ Pesquisei os “Archiv” entre 1900 e 1928 e pude perceber a frequência com que os trabalhos brasileiros apareciam na seção de resenhas do Instituto, sobre as diferentes disciplinas que compõem a medicina tropical. Escreveram na revista Francisco Fajardo, Ernst Wolfgang von Bassewitz, Antônio Austregésilo, Jorge Clarke Bleyer, entre outros.

1.5. Rocha Lima, Manguinhos e o carbúnculo sintomático.

Quando a comissão francesa formada pelos pesquisadores do Instituto Pasteur, Paul-Louis Simond, Émile Marchoux e Alexandre Salimbeni, começou a direcionar seus estudos para os experimentos de imunização, deixando disponíveis cadáveres para investigações, Rocha Lima começou a realizar necrópsias em suspeitos de febre amarela. Trabalhou no Hospital de Isolamento São Sebastião, a partir de meados de 1904, observando uma série de cadáveres. O diagnóstico anátomo-patológico figurava essencial no contexto em que se acreditava ser o apagar das luzes dos surtos epidêmicos. Rocha Lima afirma que já naquele período pôde distinguir alterações histopatológicas no fígado que considerou características da febre amarela, inclusive tomando-as como critério distintivo para o diagnóstico post-mortem (Rocha Lima, 1926, 1937). Conforme veremos no capítulo seguinte, publicaria sobre aqueles achados anos depois, quando já estava na Alemanha.

Em Manguinhos, permaneceu com a função de instruir informalmente os jovens médicos que para lá afluíam para completar suas teses e supervisionar o trabalho científico e administrativo na ausência de Oswaldo Cruz. A confiança que este depositava em Rocha Lima quando se ausentava pode ser aferida de carta escrita em outubro de 1905, quando encontrava-se no nordeste por encargo da diretoria de Saúde Pública. Nela comentou sobre as observações e coletas de espécimes feitas durante o percurso, e perguntou sobre o andamento dos trabalhos do Instituto:

Em que pé está a questão da vacina contra o carbúnculo sintomático? Estou curioso por saber notícias detalhadas do que se tem feito e de que a respeito resolveu nosso Godoy. Convém apressar. O Aragão tem continuado com a questão da varíola? E você, já terminou o tal artigo sobre a peste? Precisamos dar algum andamento às publicações do Instituto. Vê se você consegue do Aragão o que eu não pude conseguir: um resumo da tese para ser publicado em qualquer jornal europeu.⁶⁸

Em resposta, Rocha Lima informou que continuava em curso o serviço de verificação de casos de peste, sendo realizadas autópsias e aplicado o método diagnóstico utilizado por eles. Ele prosseguia os estudos anátomo-patológicos sobre aquela doença e sobre o bacilo do

⁶⁸BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 16.10.1905.

carbúnculo. Informou as atividades de Aragão e Godoy e a chegada de Neiva, sobre a qual já nos referimos.⁶⁹

Nas cartas dá para notar a ampliação do escopo do programa de pesquisas e da pauta de produção, que acontecia em paralelo à expansão das instalações. Isso tudo à revelia dos trâmites formais (relativos ao orçamento regular), por fora dos quais chegavam os abundantes recursos para as obras e o trabalho científico. Uma das fórmulas responsáveis por consolidar a instituição naqueles primeiros anos, de modo a contornar sua fragilidade “formal”, foi o atendimento às demandas apresentadas pelas instâncias políticas e econômicas. Elas estavam associadas principalmente às obras do projeto de modernização republicana, destinado a adequar a infra-estrutura do país às exigências da circulação de mercadorias e pessoas prevista pelo capitalismo internacional. A malária, principal ameaça ao prosseguimento daquelas obras, demandou a expertise de médicos versados no receituário das medidas de combate, as quais envolviam conhecimentos sobre o agente causador e os vetores. Através dela, Oswaldo Cruz pode fortalecer em grande medida os laços do seu instituto com os “clientes” – para usar a feliz expressão de Nancy Stepan (1976) - que demandavam as aplicações práticas dos conhecimentos ali produzidos.

Em 1905, Cândido Gafrée, que havia obtido junto com Eduardo Guinle, a concessão das obras de modernização do porto de Santos, pediu que Oswaldo Cruz lhe sugerisse um médico para controlar o surto de malária comprometia as obras de construção da hidrelétrica de Itatinga, ao pé da Serra do Mar (Kropf 2006; Sanglard 2008; Benchimol & Silva 2008). Oswaldo Cruz designou Carlos Chagas, que como vimos havia completado sua tese de doutoramento em Manguinhos, mas que resolvera seguir o caminho da clínica, indo trabalhar no Hospital de Isolamento de Jurujuba (Chagas Filho, 1993; Kropf, 2006). Depois de atentas observações epidemiológicas e adaptação das fórmulas disponíveis de profilaxia, Chagas logrou deter a epidemia de impaludismo em poucos meses, basicamente por meio de medidas como a administração profilática da quinina, intervenções em valas e pântanos e isolamento dos trabalhadores em pavilhões telados (Benchimol & Silva, 2008).

A profilaxia da malária foi uma das frentes que fortaleceu os laços do Instituto de Manguinhos com seus “clientes”, contribuiu para a decolagem dos estudos em protozoologia, entomologia e epidemiologia da doença e impulsionou a expansão das fronteiras geográficas

⁶⁹ BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz s.d.

do instituto.⁷⁰ Grande parte das célebres expedições realizadas por Manguinhos naqueles anos estaria ligada àquela doença. Uma outra frente revelou-se fundamental para a consolidação do Instituto naqueles anos e nessa Rocha Lima teve participação direta: as pesquisas e desenvolvimento de métodos de profilaxia e tratamento de doenças veterinárias, dentre os quais o principal foi a vacina contra o carbúnculo sintomático. A doença também chamada “peste da manqueira” há tempos grassava de forma fatal entre os rebanhos de diversas partes do Brasil. João Batista de Lacerda, pesquisador que atuava no Laboratório de Fisiologia do Museu Nacional, havia identificado o agente etiológico da epizootia (*Clostridium chauvei*) e desenvolvera uma vacina, baseada naquela produzida por Arloing, Cornevin e Thomas, cuja eficácia era controvertida, tanto entre os pesquisadores quanto entre os produtores (Rocha Lima 1906, p. 4; Benchimol, 1990; Benchimol & Teixeira, 1993, p. 21).⁷¹ A manqueira causava muitos prejuízos entre os pecuaristas mineiros, de modo que havia uma “demanda promissora” para o imunizante (Benchimol & Teixeira 1993, p. 21). Segundo Rocha Lima (1906, p. 4), “Carlos Chagas teve a feliz idéia de colocar o Instituto em relações com o Dr. Villaça, que, com a maior proficiência, preparou e remeteu para o Rio o material necessário para o exame bacteriológico.” Hermenegildo Villaça era um proprietário de fazenda de gado de Juiz de Fora, que contribuiu bastante para os estudos que redundaram no desenvolvimento da vacina anti-carbunculosa.

A tarefa de desenvolver em Manguinhos uma vacina, cuja praticidade, conforme afirma Rocha Lima, envolvia inocuidade, eficácia, constância da substância empregada, fácil manejo e baixo preço, esbarrou em dificuldades. A primeira delas foi o isolamento do patógeno, sua obtenção em cultura pura e a reprodução da doença em animais. Se esse era um procedimento padrão da bacteriologia, no caso do carbúnculo ele era dificultado pelo fato de que alguns micróbios eram bastante semelhantes ao agente patogênico e cresciam mais do que ele em cultura. O bacilo do edema maligno era a principal causa de dificuldade, devido à grande semelhança que tinha com o germe da manqueira. Com material retirado de animal morto não conseguiram realizar o cultivo, mas de animal vivo puderam isolar e cultivar o

⁷⁰ Sobre as expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz e seu impacto em termos médicos, sociais e culturais, sobretudo para o debate sobre a identidade nacional na época, ver Albuquerque *et. al.* 1991; Lima, 1999.

⁷¹ De acordo com Rocha Lima (1906, p. 4), a “vacina de Lacerda” consistia no produto da trituração de músculos do animal acometido pelo carbúnculo, atenuado pelo calor. Ele afirma que ela não foi preparada em Manguinhos devido à dificuldade em obter substância homogênea resultante daquele processo, pelo fato do produto não provir de uma cultura pura, mas de material de animal doente, contendo contaminantes, pelo caráter da solução obtida, que obstruía a agulha no momento da imunização e por demandar a aplicação de duas doses, uma mais fraca e outra mais forte.

bacilo do carbúnculo, capaz de reproduzir a doença em bezerros (Rocha Lima 1906, p. 4-5). A contribuição de Rocha Lima consistiu exatamente em conseguir isolar as colônias anaeróbias (sem presença de oxigênio) do material infeccioso. Ele entregou-as a Alcides Godoy, que deu prosseguimento aos estudos.

Havia uma outra vacina contra o carbúnculo, mas diferentemente da de Lacerda, era líquida, e preparada a partir de cultura feita com sangue, ou seja, continha menos contaminantes do que aquela. As culturas em caldo simples eram atenuadas pelo calor. Os resultados da aplicação desse imunizante eram controversos. Os germes isolados em Manguinhos não eram cultivados nos meios bacterianos habituais. Foi aí que veio a inovação de Godoy: ele utilizou um meio de cultura de caldo glicosado, adicionado de soro de cavalo, e viu que os germes aí crescidos eram inócuos para animais de laboratório e para os bezerros. Somente mais tarde, Godoy viria a demonstrar que a glicose era a principal responsável pela atenuação do patógeno. Imunizaram uma série de animais com as culturas atenuadas e inocularam depois material comprovadamente virulento. Foi constatado que nenhum dos animais sucumbiu à dose-desafio. Era preciso saber se o efeito imunizante era permanente e qual o grau de inocuidade da vacina. Até então, os testes haviam sido realizados em reses de bezerros doadas a Manguinhos para os estudos. Eles deveriam ser repetidos em maior escala e em campo. A vacina foi aplicada em 65 bezerros da fazenda de Hermenegildo Villaça, em Juiz de Fora, sendo comprovado seu efeito protetor e a durabilidade do mesmo. Tendo em mira corroborar a eficácia da vacina de Manguinhos, Oswaldo Cruz destacou, em 1906, Rocha Lima e Carlos Chagas, para irem até Juiz de Fora. Começaram os trabalhos em 23 de abril de 1906. Dois dias depois, Rocha Lima comunicou ao diretor de Manguinhos, que na fazenda vizinha à de Villaça, pertencente a um tal Paletta, 6 dos 26 bezerros imunizados haviam sido vitimados pela manqueira e 3 ou 4 estavam doentes, quase morrendo.⁷² Realizou autópsias para esclarecer o enigma, pois tratavam-se de animais semelhantes e de vacina produzida a partir do mesmo procedimento de cultura e atenuação.⁷³ “Nada podia ser mais inesperado”, escreveu dois dias depois nosso personagem, aturdido. Em todos os demais casos a vacina havia se mostrado inócua, mesmo quando utilizado material virulento em dose pouco abaixo da mortal. Sugeriu que se aprofundassem os estudos. Propôs ainda, que por “boa política”,

⁷²BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 23.04.1906.

⁷³ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 25.04.1906.

Manguinhos indenizasse Villaça com 10 bezerros, pois eles haviam garantido aos fazendeiros a inocuidade do imunizante.⁷⁴

Uma das soluções encontradas por Rocha Lima para garantir uma imunização segura do gado foi seguir o método aconselhado pela maioria dos autores: a soro-vacinação (Rocha Lima 1906, p. 7). Consistia em pré-imunizar o animal com soro, no qual os anticorpos já estavam formados, e depois administrar a vacina. Em Manguinhos, o soro já havia sido produzido pela inoculação de cavalos com uma cepa virulenta do patógeno do carbúnculo. O emprego exclusivo da soroterapia na doença era inviável por produzir apenas imunidade de curta duração, requerendo constantes aplicações (Idem, p. 5). Rocha Lima discutiu com Oswaldo Cruz as questões que deveriam ser resolvidas para a soro-vacinação: observar a proporção em que soro e vacina deveriam ser empregados, averiguar a dose mortal ou patogênica da vacina para determinar a quantidade de soro que a neutralizava, e conhecer a maneira pela qual o soro atuava sobre o imunoterápico.⁷⁵

Pelos inconvenientes acima mencionados, nosso personagem sugeriu que se continuassem os estudos para obter uma vacina completamente inócua deveriam ser continuados. A toxicidade poderia estar na parte líquida, especulou. Uma análise do meio de cultura empregado elucidaria, talvez, a toxicidade de uma leva da vacina, considerando que era o único fator diferencial em relação à leva que se mostrara inócua. Organizou um amplo plano de estudos, que enviou a Oswaldo Cruz, para ele “criticar, suprimir, aumentar, corrigir, melhorar ou substituir”.⁷⁶ Foram feitas, então, análises do meio de cultura quanto à proporção de albumina, glicose e outros componentes. Puderam constatar que a segunda leva da vacina, que apresentou falhas em seu efeito imunizante, de fato mostrava culturas com características distintas da primeira, completamente inócua. Dessa forma, puderam aperfeiçoar o método de preparação a fim de garantir um imunoterápico seguro. A “nova” vacina desenvolvida e aperfeiçoada por Alcides Godoy mostrou inocuidade dez vezes maior que a anterior, de modo que convinha ampliar a profilaxia baseada unicamente nela.

No artigo publicado em que me baseio para reconstruir o histórico do desenvolvimento da vacina contra a manqueira, Rocha Lima narra que 260 bezerros já haviam sido vacinados, “sem que apresentassem a menor reação local, mesmo quando inoculados com dose muitas

⁷⁴ BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 27.04.1906.

⁷⁵ BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.05.1906.

⁷⁶ *Idem*

vezes superior à geralmente empregada, e feita a injeção no ponto de eleição da moléstia, os músculos do quadril” (Rocha Lima 1906, p. 9-10). Em meio a todo esse otimismo, um dos bezerros caiu doente 36 horas depois da vacinação e morreu. “Foi esta a primeira notícia que tive ao chegar aqui, pode imaginar o calafrio que senti e o mal estar que de mim se apoderou e só agora vai diminuindo...” escreveu Rocha Lima a Oswaldo Cruz. Para ele, o pior era o “lado moral” da questão. Usando “toda a diplomacia possível” – relatou –, afirmara que o animal já se encontrava doente, “sustentando isso com todos os argumentos possíveis, a fim de não desacreditar a vacina que sempre chamamos de inócua”.⁷⁷ Foi esta a versão que apresentou ao proprietário do bezerro morto e oficialmente, em conferência feita na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (Rocha Lima 1906, p. 10). Mas tanto na conferência, quanto na carta a Oswaldo Cruz, manifestou otimismo na vacina e em sua aplicação em larga escala. “Acredito, pois, que não há objetivos para tristezas ou desânimo; ao contrário, é preciso avançar com coragem...”, escreveu ao diretor de Manguinhos. Seu otimismo se concretizou: encontrava-se na Alemanha, no último dia de 1906, quando Oswaldo Cruz lhe relatou que Alcides Godoy e José Gomes de Faria haviam constatado que era a glicose o fator que atenuava o germe do carbúnculo. “Já conseguiram firmar a morfologia da vacina”, noticiou.⁷⁸ A vacina contra a peste da manqueira foi patenteada por Alcides Godoy em 24 de novembro de 1908. Ele doou os vencimentos da patente para o Instituto, os quais deveriam ser aplicados no fomento da atividade científica.

A verba obtida pela comercialização do imunizante ao Ministério da Agricultura e demais órgãos estatais, bem como aos criadores – a “verba da manqueira” –, garantiu a autonomia financeira de Manguinhos pelos anos seguintes (Stepan, 1976; Benchimol, 1990). Este foi um ponto fundamental para a manutenção das atividades científicas, já que um dos principais motivos pelos quais as instituições públicas de pesquisa pereciam era a falta de continuidade do apoio do Estado na forma de recursos financeiros. Como este representava à época praticamente a única fonte de financiamento da atividade científica, as instituições ficavam à mercê dos governos, cujo apoio geralmente era conseguido através das relações de compadrio dos pesquisadores com os homens públicos. Com o fluxo direto da verba da vacina, os recursos para as pesquisas em Manguinhos não precisariam passar pelos intrincados trâmites burocráticos do Estado. Ficava livre, por exemplo, dos pareceres votados

⁷⁷ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 30.05.1906.

⁷⁸ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 31.12.1906.

pelo Congresso Nacional para liberação das verbas. Salários de funcionários e gastos com parte das obras puderam ser custeados com a “verba da manqueira” (Benchimol, 1990).

1.6. A segunda viagem de Rocha Lima à Alemanha (1906-7)

Em julho de 1906, Rocha Lima partiu novamente à Alemanha com a finalidade, desta vez, de completar seus estudos em anatomia patológica. Um dos motivos que impulsionaram essa viagem foi a intenção de analisar seções histopatológicas de doenças infecciosas e aprofundar as investigações sobre as lesões hepáticas da febre amarela. Desconfiava que elas pudessem ser patognomônicas – ou seja, características da doença, podendo ser empregadas no diagnóstico da mesma; no caso, no diagnóstico necroscópico.

Antes de chegar a seu destino, Rocha Lima passou por Londres. Procurou Frederick von Theobald, no Museu de História Natural, para entregar um mosquito remetido por Oswaldo Cruz e explicações solicitadas por ele.⁷⁹ Não encontrando Theobald, falou com seu assistente responsável pela seção de mosquitos. Por orientação de Oswaldo Cruz propôs o intercâmbio de espécies, mas o assistente afirmou que, apesar de dispostos, havia dificuldades devido à grande quantidade de remessas provenientes do mundo todo. Conforme demonstram Benchimol & Sá (2005), Theobald coordenava o esforço de catalogação de espécies de mosquitos de todo o mundo, um empreendimento que envolvia colaboradores de vários países. Os autores demonstram que Lutz foi um dos parceiros mais ativos do entomologista britânico, com quem intercambiou espécimes e conhecimentos. Oswaldo Cruz, que também participava desse esforço, trocando insetos e informações com Lutz e descrevendo novas espécies, queria participar diretamente da rede armada pelos cientistas britânicos. O intercâmbio transatlântico de culicídeos consistia à época numa das facetas mais internacionalizadas das pesquisas em medicina tropical. O conhecimento sobre aquela família de insetos de recente importância médica demandava esforços e conhecimentos de locais. A agenda da medicina tropical tinha nesse aspecto uma clara contrapartida local, pois a definição da epidemiologia da malária, por exemplo, requeria necessariamente o conhecimento das espécies de mosquitos que ocorriam na região afetada e seus hábitos biológicos. No caso da febre amarela, permanecia nebulosa a questão da transmissão exclusiva pelo *Stegomyia fasciata*. Rocha Lima manifestou a Oswaldo Cruz a opinião de que

⁷⁹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 28.07.1906.

seria mais prático alguém de Manguinhos passar uma temporada de estudos no Museu Britânico e ali colecionar exemplares. Lamentou na carta não poder conhecer Londres, “que até agora só me impressionou pelo movimento colossal de veículos e pela suntuosidade dos hotéis e outros estabelecimentos.” Não perdeu a oportunidade de dar vazão à sua grande paixão – a ópera – e assistir a *Bohème* cantada por Caruso, Melba e Scoti, a qual considerou “sem comentários”.⁸⁰

Em Paris teve nova oportunidade de assistir a uma ópera, desta vez no suntuoso edifício da Opera, que o entusiasmou, “apesar da inferioridade na interpretação dos mestres cantores”. Achou muito agradável passear pela capital francesa, embora considerasse suas ruas inferiores às de Berlim. A mesma atitude quase esnobe mostrou em relação ao Instituto Pasteur, que achou igual a todos os demais, ficando impressionado apenas com o túmulo de Pasteur e “o culto quase religioso que fazem à sua grande memória” e ao fato de que meio dia e meia não havia gente trabalhando, emendou com certo sarcasmo. De Paris dirigiu-se a Berlim, onde encontrou o ex-professor Martin Ficker, que lhe mostrou as instalações do novo Instituto de Higiene, convidando-o para inaugurar a seção de peste. Mostrou-lhe fotografias de Manguinhos e amostras de soro e vacina. “É um bom elemento para tornar conhecido o nosso Instituto”, escreveu a Oswaldo Cruz.⁸¹ Apresentava aqui a tônica do que seria aquela estadia na Alemanha – o “reclame de Manguinhos”, ou seja, o esforço em divulgar entre os pesquisadores alemães a instituição brasileira e as atividades ali desenvolvidas, com a finalidade de fortalecer sua internacionalidade. Destaca-se aqui uma convicção comum a ambos os personagens e que tornar-se-á mais clara à medida em seguirmos os rastros de Rocha Lima nesse percurso. Da mesma carta, depreende-se que os objetivos de estudo não se restringiam à anatomia patológica, mas incluíam outros aspectos da microbiologia e imunologia. Não havia um roteiro pre-fixado, nem objetivos claramente definidos. O aprofundamento numa ou noutra especialidade da medicina experimental estava mais ligado à disponibilidade de um representante de prestígio. Iria a Munique, onde pretendia passar um tempo com o patologista Hermann Dürck (1869-1941). Se não pudesse trabalhar com ele, voltaria a Berlim onde estavam dois assistentes de Ehrlich. Não ia ser possível estudar protozoários – informou a Oswaldo Cruz -, pois um dos principais especialistas em seu estudo, Stanislas von Prowazek, sobre o qual falaremos mais adiante, não se encontrava na

⁸⁰ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 28.07.1906.

⁸¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 08.08.1906.

Alemanha.⁸² Nosso personagem construía sua identidade científica em referência ao prestígio dos mais reputados nomes da ciência alemã nas suas respectivas especialidades. Sabia da legitimidade que a associação com eles conferia à identidade profissional.

Rocha Lima optara estudar anatomia patológica com Hermann Dürck devido ao renome que este adquirira no estudo da patogênese de doenças infecciosas e tropicais. Publicara entre 1900 e 1903 três volumes do “Atlas de Histologia Patológica”, e dedicara-se ao estudo minucioso da etiologia e histopatologia da pneumonia, da peste e do beribéri.⁸³ Dürck havia estudado a peste e o beribéri em expedições à Índia e Sumatra. Registrara as graves lesões degenerativas observadas no sistema nervoso periférico de pacientes com beribéri, estudo no qual contaria com a colaboração de Rocha Lima (Dhom 2001, p. 280).

Antes de começar os estudos com Dürck, Rocha Lima fez um périplo por algumas instituições, e aproveitou para desfrutar um pouco da arte. Esteve por 15 dias em Bayreuth, principal centro da ópera wagneriana que ele tanto admirava. Em Munique, onde não conseguiu encontrar Dürck, visitou o Instituto de Higiene.⁸⁴ O olhar de Rocha Lima estava claramente orientado pelo objetivo de captar os detalhes na organização física das instituições, suas atribuições, organograma e métodos de pesquisa e produção dos imunobiológicos. A intenção era registrar aquilo que poderia ser útil para Manguinhos, que encontrava-se naquele momento na formação de sua estrutura material e perfil institucional. Em carta a Oswaldo Cruz, Rocha Lima relatou que no Instituto de Higiene de Munique faziam-se pesquisas bacteriológicas públicas e privadas. “Nada de interessante vi”, relatou. Em sua opinião o Instituto era velho e não tinha nada de aproveitável.⁸⁵ Passou quatro dias em Bonn e dirigiu-se dali para Berna, onde visitou o Instituto Suíço de Soroterapia no qual atuava o já mencionado Wilhelm Kolle. Kolle foi um dos discípulos de Koch, havendo se destacado no estudo dos fenômenos da imunidade. Foi um dos formuladores da idéia de que a cada doença correspondia um material infeccioso específico, e descreveu a capacidade do organismo de se

⁸² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 08.08.1906.

⁸³ Hermann Dürck nasceu em Munique em 11 de fevereiro de 1869. Estudou com o reputado patologista Böllinger, em Munique e H. Chiari, em Praga. Doutorou-se em Munique, em 1892, e habilitou-se em anatomia e bacteriologia, em 1897. Em 1902, tornou-se professor extraordinário nessa especialidade. Em 1909, ocupou a direção do Instituto de Patologia da Universidade de Jena. Dois anos depois, retornou à Munique, onde assumiu a direção do Instituto Patológico, anexo ao Hospital Isar. Em 1919, tornou-se professor honorário da Universidade de Munique. Além dos aqui mencionados estudos sobre a histopatologia da peste e beribéri, aprofundou as investigações sobre a histopatologia do sistema nervoso. Descreveu no sistema nervoso de pacientes com malária, uma formação granulomatosa batizada com seu nome. Gruber, G. B. Hermann Dürck. In *Neue Deutsche Biographie*, p. 163.

⁸⁴ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.09.1906.

⁸⁵ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.09.1906.

tornar imune pela assimilação do patógeno.⁸⁶ No Instituto de Doenças Infecciosas em Berlim, produziu, com Richard Pfeiffer, um método de imunização contra o cólera e a febre tifóide, que teria sua eficácia demonstrada durante a Primeira Guerra. Estudara, com Koch, a peste bovina na África do Sul, doença contra a qual desenvolveu um método de imunização, junto com Turner. Havia sido recém-nomeado diretor do Instituto de Soroterapia (1906) (Laubenheimer, 1935).

Rocha Lima relatou a Oswaldo Cruz que foi muito bem recebido por Kolle, o que atribuiu à facilidade com o idioma alemão. Descreveu ao diretor de Manguinhos a organização do Instituto de Berna, vinculado ao mesmo tempo ao governo, à universidade e a instâncias privadas e observou com atenção as seções dedicadas à produção dos soros e vacinas. Informou minuciosamente a forma de preparo, sempre comparando com aquela empregada em Manguinhos. Em muitos casos, considerou as instalações e procedimentos da instituição do Rio superiores aos de Berna. Aquilo que via de interessante e mais adequado, sugeriu que copiassem, como os livrinhos e álbuns de divulgação que observou tanto em Berna, como no Instituto Pasteur de Paris. Indicou a maneira mais conveniente de confeccioná-los, com uma edição em francês e outra em alemão, com fotografias e descrições didáticas. “Isto causa boa impressão aqui”, assegurou, desde que se tratasse de algo bem feito e “não daqueles péssimos álbuns, sem o menor esclarecimento, com os títulos em português que ninguém entende”. Dispôs-se a cuidar da impressão e tradução para o alemão. No Instituto, Rocha Lima discutiu longamente com Kolle sobre os métodos de combate à febre

⁸⁶ Wilhem Kolle nasceu em Lerbach, em 02 de novembro de 1868. Ingressou, em 1893, no Instituto de Doenças Infecciosas criado por Robert Koch, onde estabeleceu estreitas relações com Emil von Behring e Richard Pfeiffer. Estudou, com Koch, a peste bovina na África do Sul, por incumbência do governo inglês. Em 1900, convocado pelo governo egípcio para combater a mesma epizootia, realizou os estudos que levaram, junto com Turner, ao desenvolvimento de um método imunizante contra doença. Atuou na Primeira Guerra como médico de tropas, higienista (*Körperhygieniker*) e conselheiro de higiene (*beratender Hygieniker*). O método de imunização desenvolvido junto com Pfeiffer contra a febre tifóide e o cólera foram uma das principais armas do exército alemão contra essas doenças. Em 1917, sucedeu Paul Ehrlich na direção do Instituto Estatal de Terapia Experimental e do Instituto de Pesquisa “Georg-Speyer-Haus”, ambos em Frankfurt a.M. Datam desse período seus trabalhos sobre peste, cólera, toxinas e antixonas na difteria, disenteria, antraz, estudos sobre imunidade na sífilis e sobre a tuberculose e a tuberculina. Na quimioterapia, desenvolveu derivados do salvarsan, e na imunoterapia, destacou-se pelo método de imunização contra a difteria, usando vacina inativada com formol. Destacou-se, ainda, como higienista, prestando grandes serviços à organização sanitária do exército, e foi um dos responsáveis por sistematizar em manuais os conhecimentos da recente ciência da bacteriologia e imunologia. Entre 1902 e 1904, veio a lume o Manual de Microrganismos Patogênicos (*Handbuch der pathogenen Mikroorganismen*), que editou com August Wassermann. O mesmo manual editaria, entre 1927 e 1931, com Rudolf Kraus e Paul Uhlenhuth, o qual teve 3 edições. O Manual de Bacteriologia Experimental e Doenças infecciosas (*Lehrbuch der experimentellen Bakteriologie und Infektionskrankheiten*), editado com Hetsch, teve 7 edições e foi traduzido para 5 idiomas. Com Ziegler escreveu o Manual da Terapia com Salvarsan (*Handbuch der Salvarsantherapie*). Faleceu em Wiesbaden, em 1935. Laubenheimer, 1935 e “Deutsche Ärzte”, In *Die Woche*, n. 26, p. 776-7, 1932.

amarela na capital brasileira e sobre o soro-antipestoso, contra o qual o bacteriologista alemão mantinha-se cético, em virtude dos resultados negativos obtidos na Índia. Ele sugeriu que publicassem nos jornais alemães sobre o método de produção do imunizante desenvolvido em Manguinhos. O mais proveitoso da visita, na visão de Rocha Lima, foi a possibilidade de divulgar entre Kolle e seus colaboradores, aquilo que vinham fazendo na instituição brasileira e que segundo ele, era praticamente desconhecido.⁸⁷

De volta a Munique, Rocha Lima procurou novamente Dürck no Instituto de Patologia. Ao propor a ele um curso de histopatologia, o alemão negou, alegando falta de tempo. Convenceu-o a demonstrar conhecimentos básicos sobre o assunto e o mero interesse de que alguém o orientasse no estudo de suas peças. Dali em diante, teve início uma intensa jornada de trabalho, que começava de manhã e acabava só pela noite, quando finalmente Dürck podia ver com ele alguns preparados e ditar protocolos. O patologista concedeu-lhe todas as facilidades, inclusive o acesso a qualquer hora ao museu de patologia. “O Dürck excedeu à minha expectativa, pois até agora só o Ficker me tem agradado tanto”, confessou a Oswaldo Cruz.⁸⁸ Contou ainda a este que o alemão estava a estudar a histopatologia do beribéri e possuía uma coleção de peças anátomo-patológicas da peste, que gozavam de grande reputação ali, mas que considerou inferiores às de Manguinhos.

A relação com Dürck progrediu gradual e continuamente. Em carta de outubro de 1906, Rocha Lima escreveu a Oswaldo Cruz que estava cada vez mais satisfeito com o professor.⁸⁹ O patologista colocou à sua disposição a coleção de 14 mil preparados para estudo. As facilidades concedidas por Dürck tornaram-se fonte de enorme dilema, pois o brasileiro tinha vontade de ir a Berlim para aperfeiçoar os conhecimentos em bacteriologia. Em Munique, havia poucas possibilidades de aprender essa disciplina, não permitindo um estudo integrado dos dois ramos da pesquisa médica. A vantagem da capital da Baviera em relação a Berlim era que na primeira podia adquirir treinamento mais consistente na anatomia patológica “porque não há lá, senão o Orth que valha o Dürck, e o Orth é velho e pouco acessível, ao passo que o Dürck é moço e se mostra interessado por mim, tem uma segurança admirável no que diz e faz, tem enorme coleção de preparados (dele, particular).” Angustiado com a dúvida, pediu a opinião de Oswaldo Cruz: “O que lhe parece melhor para

⁸⁷ Ainda em Berna visitou a Escola de Veterinária e o Instituto Patológico da Universidade Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.09.1906.

⁸⁸ BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.09.1906

⁸⁹ BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 05.10.1906.

Manguinhos? Que me firme e aprofunde em anatomia patológica, o que farei aqui, ou que aprenda um pouco de cada coisa?⁹⁰

Antes mesmo de receber resposta do Rio, Rocha Lima decidiu obter um aperfeiçoamento mais sólido em anatomia patológica do que conhecimentos superficiais em diferentes assuntos. “Passar três anos a desejar Berlim para cair em Munique não é propriamente o que se chama ter sorte”, comentou com Oswaldo Cruz. Reclamou por diversas vezes do caráter pacato da capital bávara em relação à do Reich.⁹¹ Ali não tinha as opções abundantes de diversão que encontrava em Berlim. Mesmo assim, ficou satisfeito com a escolha. Confessou ao superior que ela foi em grande medida determinada pelo interesse com que Dürck e os colegas viram seus preparados de febre amarela. O patologista chegou a convidá-lo a escrever um trabalho num periódico alemão sobre a histopatologia daquela doença, mas ele sentiu-se inseguro. A oportunidade de compartilhar seus preparados e conhecimentos com Dürck e os demais colegas consistiria num “reclame mais sólido para Manguinhos do que histórias e figuras.”⁹² Oswaldo Cruz considerou a decisão de Rocha Lima acertada. Incentivou-o a publicar o trabalho, o qual sugeriu registrar como colaboração entre os dois institutos.⁹³ Ao que tudo indica tal trabalho não veio a lume.

À medida em que conquistou a confiança de Dürck, Rocha Lima integrou-se à vida do instituto e obteve privilégios. Os avanços foram sendo obtidos à custa de muito trabalho. Ele assumiu o serviço chamado “*Einlauf*” (algo como ‘entrada’, ‘correio’), que consistia na análise de todo o material enviado ao instituto. Firmava o diagnóstico, verificado por Dürck, e fazia preparados daquilo que havia de mais interessante para a instituição e para sua coleção. Era um trabalho bastante dispendioso, mas que viu como o mais compensador de tudo que realizava ali.⁹⁴ Também fazia autópsias dos casos mais interessantes em companhia de dois colegas alemães. Aos sábados, assistia as aulas do renomado Böllinger. Ao mesmo tempo em que o aprofundamento na anátomo-patologia encantou Rocha Lima, deixou-o aflito, em face da vastidão e complexidade da disciplina. “...Tendo todos os elementos para aprender cada vez mais, sei cada vez menos, cada vez me parece mais difícil a tal anatomia patológica, cada vez tenho menos esperanças de passar de um sofrível cortador de parafina (...) Acho que

⁹⁰ *Idem*

⁹¹ BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 03.12.1906.

⁹² BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 23.10.1906.

⁹³ BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 21.11.1906.

⁹⁴ BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 03.12.1906.

tenho miofragia cerebral...” confessou, amargurado, a Oswaldo Cruz.⁹⁵ A dificuldade fez com que estabelecesse como objetivo aprendê-la a qualquer custo, mas o fato de ter um prazo limitado vinha de encontro às suas ambições, tornando-se uma fonte de angústia:

Quanto aos meus trabalhos, se não fora a impossibilidade de fazer tudo o que desejo e precisava, o que me ataca os nervos, diria que estou satisfeitíssimo. Principalmente com o serviço do “*Einlauf*”, que tomei a meu cargo, estou encantado e apenas sinto ser a anatomia patológica tão difícil e tão vasta, e o meu tempo curto, porque do contrário levaria um cabedal sólido e precioso.⁹⁶

Aprender anatomia patológica, obter material de pesquisa e ensino para Manguinhos e aprofundar as investigações sobre a histopatologia da febre amarela, tornaram-se as três prioridades que Rocha Lima firmou para sua estadia em Munique. Não foi por acaso que o interesse demonstrado por Dürck pela febre amarela foi um dos motivos pelos quais decidiu permanecer com ele, ao invés de transferir-se para Berlim. Ele relatou a Oswaldo Cruz, com indisfarçado orgulho, a satisfação quando Dürck exibiu seus preparados numa conferência sobre Doenças Tropicais. Ficou igualmente satisfeito por ele ter feito circular amostras de *Stegomyia* preparadas por Neiva e acondicionadas em recipientes com etiquetas de Manguinhos, lidas por todos. Toda vez que o alemão falava sobre estudos e profilaxia da febre amarela – acrescentou – referia-se ao Brasil.⁹⁷ A campanha de Oswaldo Cruz havia colocado o país na vanguarda dos estudos sobre a doença na ciência internacional. Ficava cada vez mais evidente ao sanitarista e a nosso personagem, que era o domínio desses conhecimentos que franquearia o acesso aos fóruns estrangeiros.

Rocha Lima conquistou a confiança de Dürck, a ponto de este convidá-lo para trabalhar junto com ele no único lugar que havia em sua sala, e que normalmente era ocupado pelo assistente. Além de estudar os casos mais interessantes que apareciam no Instituto, assessorou o patologista nos estudos sobre o beribéri. Participou também das chamadas “*Referat-Stunden*”, que seriam os momentos de discussão sobre os trabalhos, em que cada um comunicava a Dürck ou Böllinger aquilo que havia observado nos casos analisados. “É agradável de sentir a naturalidade, seriedade, franqueza e cortesia que em tudo isto reina”,

⁹⁵ *Idem*

⁹⁶ BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 19.12.1906.

⁹⁷ *Idem*

comentou com Oswaldo Cruz.⁹⁸ Mesmo com toda a sobrecarga de trabalho, viu como extremamente vantajosa a possibilidade de poder aprender através dos casos, ao invés de estudar coleções feitas por outras pessoas. Considerou ainda uma regalia poder consultar Dürck a qualquer momento.⁹⁹ Voltaria ao Brasil com a satisfação de não ter as mesmas dúvidas e com mais auto-confiança.¹⁰⁰

Se inicialmente as relações de Rocha Lima com Dürck, diferentemente de Ficker, eram estritamente científicas, seis meses depois ele pôde relatar que elas também haviam extrapolado aquele âmbito, tendo ambos se tornado “bons companheiros.”¹⁰¹ Passou a nutrir admiração pessoal pelo professor: “Ele mostra-se cada vez mais camarada e facilita-me tudo. É de uma franqueza que cativa, de modo que estou a par de quase todos os negócios públicos dele.¹⁰² Já havia obtido as chaves do Instituto Patológico, podendo sair e chegar quando quisesse,¹⁰³ e passou a auxiliar os estudantes no curso de histopatologia oferecido pelo alemão.¹⁰⁴ Na mesma sala que ele, nosso personagem também conquistou um posto privilegiado de observação da vida acadêmica alemã. Pode notar o prestígio que Dürck gozava na Baviera e sua versatilidade científica. Além da anatomia patológica, era consultado sobre bacteriologia, higiene e medicina legal.¹⁰⁵

Foi por conta da expertise em medicina forense, que Dürck fora convidado a ir a Berlim em novembro de 1906, viagem na qual foi acompanhado de Rocha Lima. Ambos visitaram na ocasião o instituto dirigido por Paul Uhlenhuth, uma autoridade naquele ramo da medicina devido, entre outras coisas, ao método de diferenciação por ele estabelecido entre o sangue humano e o animal. Dürck iria tomar cursos sobre técnicas de diagnóstico forense de manchas de sangue. No instituto, o brasileiro novamente ajustou o olhar às instalações materiais e métodos de pesquisa e produção, com vistas a registrar o que havia de aproveitável para Manguinhos. Ficou impressionado com as dimensões e organização da instituição visitada. “Isto que tem o nome modesto de ‘*Bacteriologische Abteilung*’ (Departamento de Bacteriologia) é um dos maiores e mais bem montados institutos que tenho visto, custando a construção cerca de 2 milhões de marcos e tudo tendo uma verba para

⁹⁸ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 21.01.1907.

⁹⁹ *Idem*

¹⁰⁰ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 21.01.1907 e de 10.05.1907.

¹⁰¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 10.05.1907.

¹⁰² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.03.1907.

¹⁰³ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 05.04.1907.

¹⁰⁴ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 10.05.1907.

¹⁰⁵ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.03.1907.

custeio de cerca de 300 mil marcos anuais.”¹⁰⁶Foi ali que registrou com maior nível de detalhes as observações. As cadeiras, mesas, assoalho, caldeiras, aparelhos de compressão de ar, esterilização, iluminação, disposição das janelas, dos cômodos, tudo foi objeto de análise e comentário. Viu preparados de tuberculose humana e bovina e acompanhou os trabalhos de Neufeld e Hühne sobre bacteriolisinas e opsoninas. Obteve algumas culturas que enviou a Manguinhos. Ele e Dürck frequentaram o curso oferecido por Uhlenhuth, que na sua avaliação: “embora não me trouxesse nada de essencialmente novo foi muito interessante e proveitoso.”¹⁰⁷ Ainda na apreciação sobre o curso frequentado em Berlim, disse nosso personagem:

Tive assim, ocasião de travar relações com todos e mostrar que não somos macacos, tomando sempre parte nas discussões e fazendo sempre objeções, que felizmente sempre aceitas deram-me duas espécies de satisfação - uma íntima, vendo que com os nossos estudos não estamos atrasados; outra menos modesta, de fazer reclame de Manguinhos desde as pequenas questões de técnica até às altas questões de imunidade.¹⁰⁸

Esse comentário toca num aspecto que perpassou toda a viagem de Rocha Lima, e que seria constitutivo de sua identidade científica. Ao completar sua formação naquele que era reconhecido como um dos principais centros da pesquisa médica internacional, exacerbou-se nele a tensão que compartilhava com toda uma geração de cientistas no Brasil, dedicados a fazer da ciência uma atividade profissional, dotada de linguagem e fóruns próprios, e compartilhando de uma gramática internacionalmente pactuada. Era o dilema daqueles hesitantes “entre a vontade de ‘civilizar o Brasil’ pela transposição dos novos conhecimentos científicos e tecnológicos ocidentais e a vontade de desenvolver uma aproximação científica original, entre o reconhecimento da existência de uma ciência do ‘centro’, a única capaz de legitimar seus esforços (...) e a aspiração a relativizar a sua importância” (Löwy 2006, p. 18). Em Rocha Lima, essa tensão deu lugar a uma atitude auto-afirmativa, como a que vemos nessas linhas, própria de quem precisava o tempo todo comprovar que não pertencia a uma realidade social retrógrada. Conforme enfatiza Cukierman (2007), era assegurando-se no rigor da técnica e no domínio das questões científicas, que Rocha Lima e os demais pesquisadores de Manguinhos reforçariam seu “poder de fogo”. Paradoxalmente, Rocha Lima pôde constatar

¹⁰⁶ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.11.1906.

¹⁰⁷ *Idem*

¹⁰⁸ *Idem*

que o mito tinha pés de barro. Nesse aspecto, a afirmação da excelência da ciência produzida no subúrbio carioca não provinha meramente desse “complexo de vira-lata”, para usar o termo consagrado por Nelson Rodrigues. Alimentou-se, também, da convicção gradualmente construída nesse confronto com o que via na Alemanha, de que estavam par a par com o que se fazia ali; em alguns casos até mais avançados. Rocha Lima percorria o fio da navalha entre o nativismo estreito e o deslumbramento caipira.

No caso de nosso personagem, essa tensão era elevada à enésima potência, pelo fato dele procurar obter reconhecimento entre os que se viam e eram vistos como vanguarda científica e cultural. A ciência figurava como ingrediente fundamental naquela construção auto-referida a que se chamava civilização, conforme demonstra Norbert Elias (1994). Ainda que em solo alemão essa auto-compreensão tivesse adquirido cores próprias. Não raro, tal convicção traduzia-se cotidianamente em atitudes de arrogância. Na expectativa de Rocha Lima essa postura seria ainda mais pronunciadas entre os luminares da ciência germânica, conforme se depreende do comentário que fez em relação a Wilhelm Kolle: “O Kolle recebeu-me o mais gentilmente possível (...) enfim, sem o ar de pouco caso que é comum nesses homens quando tratam com brasileiros e que tive ocasião de observar mesmo com patrícios nossos ilustres.”¹⁰⁹ O “reclame de Manguinhos” - a divulgação de que a ciência de ponta estava estabelecida em solo tupiniquim e produzia resultados e inovações a olhos vistos - servia para neutralizar esse senso de superioridade traduzido em arrogância e indiferentismo por aquilo que vinha do Brasil.

Além do Instituto de Uhlenhuth, Rocha Lima visitou ainda o Instituto Patológico, no qual Kaiserling, o reputado patologista que desenvolvera método de conservação de peças histológicas batizado com seu nome, atuava como primeiro secretário. Mais uma vez, submeteu as instalações materiais à sua vista atenciosa e ávida por novidades que pudessem ser empregadas em Manguinhos. Destacou uma caldeira, que distribuía água quente por todo o edifício, e uma grande instalação para refrigeração de cadáveres. A primeira seria implantada nas novas instalações da instituição carioca, conforme descreve Henrique Aragão em suas memórias sobre o instituto (Aragão, 1950). Alguns dos aparelhos, Rocha Lima pôde encomendar na Casa Lautenschläger, além de livros. Em outras duas casas de equipamentos científicos, pediu que enviassem os catálogos para o Rio. Queria estar a par de todas as inovações tecnológicas da medicina experimental, pois sabiam que a vanguarda nas pesquisas

¹⁰⁹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.09.1906.

estava relacionada à posse e manejo daquele aparato. Em relação aos institutos visitados, nosso personagem mostrou-se estupefato com as instalações físicas e tecnologia:

Resumindo agora, uma impressão geral da visita aos diversos estabelecimentos, posso dizer que os alemães são tão pródigos nas novas construções, que aquilo que eu chamava jacintada sua em Manguinhos, hoje parecem-me indispensáveis e às vezes demasiado modesto. Principalmente em conforto, comodidade e espaço esta gente nada poupa.¹¹⁰

“Jacintada”, conforme nos esclarece Cukierman (2007, p. 107), era um gracejo que os rapazes de Manguinhos faziam com Oswaldo Cruz, em referência a Jacinto, personagem de *A cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz. Segundo o autor, a “vontade civilizatória’ seria o traço de identidade entre Oswaldo Cruz e Jacinto, vontade suportada pela confiança irrestrita no conhecimento gerado pela ciência e materializado em um sem-número de artefatos despejados sobre o planeta” (Idem, p. 107). Depois de concluídas as obras monumentais que tinham lugar na colina de Manguinhos, talvez Rocha Lima não mais repetisse aquele diagnóstico. As novas instalações impressionariam não só pela suntuosidade e o exotismo, como também pela alta tecnologia empregada.

Em Berlim, Rocha Lima encontrou-se novamente com Ficker, o qual “se mostra amigo e interessado por tudo que eu faço”, relatou a Oswaldo Cruz. O ex-professor convidou-o a inaugurar a seção de peste do Instituto de Higiene e para fazer sinopses no *Centralblatt für Bakteriologie* – o mais reputado periódico alemão na ciência de Koch e Pasteur - dos artigos científicos publicados no Brasil. Pediu que Oswaldo Cruz lhe remetesse lâminas de malária, pelos quais o higienista alemão tinha enorme interesse. Na capital alemã, Rocha Lima encontrou ainda outros seis estudantes brasileiros de medicina, que estavam lá para completar seus estudos e visitou Capanema, que trabalhava no Hospital de Lichterfelde e de quem tornara-se amigo ainda na primeira viagem à Alemanha.¹¹¹

No feriado de Páscoa de 1907, Rocha Lima aproveitou para conhecer o instituto dirigido por Paul Ehrlich em Frankfurt. Originalmente, o instituto dedicado à pesquisa e testes sorológicos havia sido estabelecido em Steglitz, no subúrbio de Berlim, mas fora transferido para Frankfurt am Main, graças às articulações de Friedrich Althoff, de quem Ehrlich era protegido, com o prefeito da cidade. No ano anterior à visita do pesquisador brasileiro,

¹¹⁰BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.11.1906.

¹¹¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.11.1906.

Ehrlich havia obtido um grande triunfo: a viúva do banqueiro Georg Speyer cedeu um edifício e verba considerável para ele realizar suas pesquisas. Nascia, assim, a “Georg Speyer Haus”, na qual o alemão de origem judia realizaria seus mais destacados estudos, trabalhando em estreita relação com a indústria (Stern 2004, p. 32-3). Rocha Lima descreveu Ehrlich como “um velho muito simples e extraordinariamente simpático e amável”. Afirmou a Oswaldo Cruz que ele ficou vivamente interessado pelos trabalhos de Manguinhos. Um dos colaboradores de Ehrlich demonstrou-lhe o método de dosagem de soros, uma das especialidades do Instituto. A técnica – afirmou Rocha Lima – era muito simples. “Cada vez me convenço mais que nada temos a aprender nestes assuntos. Isto justifica a minha permanência na anatomia patológica” escreveu a Oswaldo Cruz.¹¹²

Oswaldo Cruz manteve Rocha Lima a par de tudo aquilo que ocorria em Manguinhos. Aqueles anos de 1906 e 1907 seriam bastante dinâmicos em termos da constituição do arcabouço científico do instituto. Das linhas trocadas entre eles, confirma-se a idéia de que a relação de nosso personagem com o sanitarista tinha caráter diferente da estabelecida com os outros. Uma das evidências mais expressivas disso é o desabafo que Oswaldo Cruz faz sobre o tensionamento das relações entre seus colaboradores, cuja causa atribuiu a Henrique Aragão:

...o Aragão, com o gênio que tem, ultimamente afetado de uma hipertrofia profunda do “eu” e com uma ilimitada confiança nos próprios conhecimentos e mais absoluto desprezo pelo que fazem os outros companheiros de trabalho, tem-lhes tomado a vida, anteriormente tão feliz, em um verdadeiro martírio. Começou pelo Godoy, estendeu-se ultimamente ao Neiva e agora chegou ao Vasconcelos, de modo que as relações internas do Instituto, por mais que eu procure aplinar as dificuldades, tornam-se cada vez mais tensas e tudo porque a vaidade de Aragão e o menoscabo de que faz alarde, por tudo quanto os colegas fazem tornam a conjuntura atual difícil de ser mantida. Imagina você em que estado de espírito devo estar à vista de tais fatos.¹¹³

Rocha Lima declarou-se surpreso e triste com a discórdia entre os colegas do Instituto. Mais admirado por ser Aragão o motivo das diferenças, “porquanto embora não me tenha escapado a convicção do próprio mérito, que este colega aliás justamente tem, nunca percebi nele tendência a deprimir ou menoscabar os outros companheiros; pelo contrário, achei-o

¹¹² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 29.05.1907.

¹¹³ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 21.11.1906.

sempre justo, razoável e sobretudo cortês.” Justificou que não estava o defendendo, pois, apesar das boas relações com ele, “é dele de entre os colegas de Manguinhos que eu tenho recebido menos provas de afeto ou consideração”, observou. Procurava apenas dar “opiniões imparciais” a Oswaldo Cruz, favorecido pelo fato de que observava as relações entre os “rapazes” de Manguinhos “de lado” e não “de cima”.¹¹⁴

O mérito que, aos olhos de Rocha Lima, Aragão “justamente” possuía estava ligado ao fato de que ele dedicava-se a problemáticas científicas de grande visibilidade e às quais traria contribuições importantes. Ele havia estudado a espirilose das galinhas e sua transmissão por carrapatos da espécie *Arga*. Além de tornar-se mais tarde um dos maiores especialistas no Brasil nesse grupo de artrópodes, Aragão aperfeiçoaria, já em 1907, a vacina contra a espirilose, inativando-a com fenol (Aragão, 1950), conforme Oswaldo Cruz comunicou a Rocha Lima em carta.¹¹⁵ Segundo este, havia enorme interesse na Alemanha por aquele tipo de estudo. Pediu que remetessem “argas” para Ficker e Uhlenhuth¹¹⁶ e cortes do baço de galinhas com espiroquetose.¹¹⁷ Chegou a sugerir como “souvenir” da Exposição de Higiene aos institutos, uma caixa com os aracnídeos.¹¹⁸ Por diversas vezes, solicitou que Aragão lhe enviasse alguns relatos de seu trabalho sobre a espirilose e as argas.¹¹⁹

Em fins de janeiro de 1907, Oswaldo Cruz comentou que Aragão estava completamente absorvido pelo estudo que fazia sobre a transmissão do halterídio do pombo. Tratava-se de um parasita cujo ciclo apresentava analogias com o do parasita da malária e de outras doenças, e sobre o qual conhecia-se apenas as formas que ocorriam no interior das hemácias (Fonseca Filho 1976, p. 68; Benchimol & Teixeira 1993, p. 21). Quase três meses depois, o diretor de Manguinhos noticiaria: “Aragão parece ter chegado ao menos em parte à solução da questão da transmissão do halterídio do pombo por uma lynchia”. Havia publicado nota preliminar no *Brasil Médico*.¹²⁰ Na realidade, a transmissão do parasita havia sido demonstrada pelos irmãos Sergent. Conforme nos esclarece Lobato Paraense (1955), Aragão investigava inicialmente a ocorrência das formas de hemoproteus e tripanossomas, que Fritz Schaudinn atribuía a formas alternantes de um mesmo organismo nas aves. Não encontrou

¹¹⁴ *Idem*

¹¹⁵ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 30.04.1907.

¹¹⁶ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 19.12.1906.

¹¹⁷ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 09.01.1907.

¹¹⁸ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 20.03.1907.

¹¹⁹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 09.01.1907.

¹²⁰ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 17.04.1907.

evidências das hipóteses de Schaudinn, que segundo Paraense, reinavam com força devido à influência dele entre os protozoologistas alemães e o domínio que estes possuíam naquela disciplina. Prosseguindo nas investigações, Aragão elucidou a ocorrência de uma multiplicação esquizogônica – forma típica de divisão de alguns protozoários – nas células pulmonares, antes dos parasitas invadirem os glóbulos vermelhos. Esse fato teve enormes implicações, pois pela primeira vez comprovava-se a ocorrência da esquizogonia de um parasito do sangue em células de tecidos (Paraense 1955, p. 413). Abria-se, dessa forma, um novo conceito na protozoologia no que se referia ao ciclo evolutivo daquela categoria de protozoários. Segundo Fonseca Filho (1976, p. 69), “nova noção e novo conceito que, transpostos para o caso das malárias do Homem, seriam férteis em consequência”.

Além dos trabalhos de Aragão, Oswaldo Cruz comentou com Rocha Lima os estudos entomológicos feitos por Carlos Chagas e Arthur Neiva, focados na investigação de espécies de anofelinas relacionadas à transmissão da malária. O diretor de Manguinhos manifestou expectativa nesse sentido com a tese de Antônio Peryassú sobre as espécies de mosquitos ocorrentes no Brasil.¹²¹ Conforme já mencionado, a profilaxia e combate da malária foi uma instância bastante importante para os estudos de Manguinhos no domínio da protozoologia, da entomologia médica e para a demonstração da utilidade prática dos conhecimentos produzidos na instituição. Em carta a Rocha Lima, Oswaldo Cruz saudou com entusiasmo a incumbência dada pelo “distintíssimo” engenheiro Sampaio Correia, inspetor de Obras Públicas, de combate ao impaludismo nas obras de captação dos mananciais do rio Xerém, na baixada fluminense. “Vai ser um trabalho lindíssimo e um excelente campo de observação”, comentou em correspondência. “A zona é insalubérrima e nela grassam as formas tropical e terçã”, emendou.¹²² Já havia percorrido a região e estabelecido um plano de trabalho, cuja realização entregou a Chagas e Neiva.¹²³ Na mesma carta, comentou que o novo governador do Acre havia solicitado um nome para fazer a profilaxia do impaludismo naquele território. Além das vantagens do ponto de vista científico, a tarefa traria enorme vantagem material ao seu executor, afirmou a Rocha Lima.¹²⁴ Três meses depois, comunicou que Chagas seguia para o “prolongamento” da Estrada de Ferro Central do Brasil, também para fazer a profilaxia do

¹²¹ Sobre o significado da tese de Peryassú para as pesquisas da época em sistemática dos culicídeos ver Benchimol & Sá, 2006

¹²² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 20.02.1907.

¹²³ Sobre os resultados da campanha de Neiva e Chagas em Xerém, ver Benchimol & Silva, 2008.

¹²⁴ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 20.02.1907.

impaludismo. As obras encontravam-se paralisadas em Pirapora, na região do Rio das Velhas (Kropf, 2006; Benchimol & Silva, 2008).

Conforme comentam Benchimol & Teixeira (1993, p. 23-4), dilatavam-se as fronteiras geográficas e cognitivas de Manguinhos. Em 1906, foram criadas duas filiais do instituto: uma no Maranhão, onde Cardoso Fontes fora enviado para combater a peste, sendo chamado, na ocasião, para organizar a saúde pública no estado; e outra, em Belo Horizonte, por solicitação do governador de Minas, que tinha interesse no estudo das doenças que acometiam o gado. A expansão do programa de pesquisas, das instalações materiais, da equipe de colaboradores e da área de abrangência das atividades, permanecia sem bases legais. Confiante no apoio que havia obtido dos poderes públicos na campanha sanitária, e com os bons resultados demonstrados por esta, Oswaldo Cruz decidiu rerepresentar o projeto de transformação do Instituto Soroterápico num de medicina experimental, aos moldes das instituições européias, mais especificamente, do Instituto Pasteur de Paris (Stepan 1976, p. 96-7; Benchimol, 1990). A pesquisa das patologias humanas e animais – e agora, também vegetais – seria a tônica da instituição, modificando as atribuições originais, centradas na produção.

O projeto, orçado em valores bastante altos para a época, provocou discussões e polêmica no Congresso Nacional. Em agosto de 1906, Oswaldo Cruz informou a Rocha Lima: “Nossos negócios caminham com lentidão desanimadora; muitas promessas, muita boa vontade, porém nada no terreno da prática.” E queixou-se: “A Comissão de Saúde da Câmara aqui esteve; ficou encantada, satisfeitíssima, achou que pedíamos pouco, mas até hoje ainda não formulou parecer sobre o projeto porque... ainda não consultou o Penna!”¹²⁵ Referia-se a Afonso Penna, recém-empossado como sucessor de Rodrigues Alves. O percurso claudicante do projeto no legislativo seria alvo de várias queixas na correspondência de Oswaldo Cruz com Rocha Lima. O entusiasmo com que noticiava os avanços nas pesquisas acima referidos contrastava com o desânimo e ceticismo com que acompanhava a tramitação do projeto. Quase um mês depois, tratou novamente do assunto: “...nossa Manguinhos, que à falta de incenso e lôas, jaz na pasta da Comissão de Saúde, da qual não tenho esperanças de exumá-lo. Paciência! Trabalhem, porque ainda não conheço coisa alguma que possa resistir ao trabalho sério, pertinaz e útil.”¹²⁶ Uma das objeções levantadas contra o projeto foi do

¹²⁵ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 23.08.1906.

¹²⁶ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 09.09.1906

senador, Érico Coelho, que, segundo Oswaldo Cruz, voltou-se “contra o ‘tropical’ de Manguinhos”. Certamente representava as resistências que segmentos das elites e da comunidade médica local tinham contra a idéia de uma medicina ou patologia tropical, que em sua visão reforçava velhos estigmas relacionados às regiões de climas quentes. A idéia de trópicos e a carga de sentido que ela trazia consigo não se adequariam ao figurino do progresso e da civilização tal como representado pela capital recém-remodelada. Muito embora o projeto não previsse a designação “medicina tropical”, seu programa estava direcionado ao estudo de doenças locais, que enquadravam-se naquelas concebidas pelo modelo mansoniano. “Imagina se nossa Manguinhos poderá terçar armas com tão ‘hábil’adversário. Creio que seremos vítimas de nossos amigos ursos”, comentou Oswaldo Cruz acerca da refutação do senador.

Para Rocha Lima, os ataques sofridos pelo projeto de Manguinhos eram sintomas de um “meio imoral”, e causavam-lhe “acessos de indignação e revolta”. “A maior satisfação que sinto em estar aqui é justamente devida ao afastamento desse pântano, e a contemplação de uma terra em que o caminho reto, quase impossível entre nós, é a via mais segura.”¹²⁷ Nosso personagem distanciava-se do meio que via como “imoral”, sentindo-se seguro por estar num lugar que considerava a antítese daquele. Aludia a uma imagem que seria recorrente na confrontação das tradições luso-brasileira e germânica: a reta, em distinção à “curva”; a objetividade, planejamento e a característica de “ser direto”, contraposta às manhas, dribles e tergiversações. Seria a ética do trabalho, elemento que estava no cerne da reafirmação de uma identidade alemã em confronto com a luso-brasileira, que permitiria superar os entraves do meio e enfim, conquistar o ambicionado apoio à atividade científica. “Haveriam de vencer”, torcia Rocha Lima, desde que seguida a máxima do mestre “Nada resiste ao trabalho.”¹²⁸

“É preciso que Manguinhos domine cientificamente na nossa medicina” apontou Rocha Lima a Oswaldo Cruz. Somente assim poderia vencer as resistências à sua consolidação. Sugeriu que ele estabelecesse no centro da cidade um escritório e um pequeno laboratório para diagnósticos clínicos. Dessa forma, não apenas aumentar-se-iam a “influência e consideração” do Instituto, como também seria possível obter material de estudo.¹²⁹

¹²⁷BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 05.10.1906.

¹²⁸ *Idem*

¹²⁹BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 19.12.1906.

Uma lufada de otimismo soprou sobre Oswaldo Cruz quando o projeto foi aprovado na Câmara e encaminhado ao Senado: “Nosso projeto de Manguinhos passou em brancas nuvens na Câmara, sem discussão e com votações unânimes. Chegou, porém, tarde ao Senado, de modo que só para o ano poderia ser tratado” escreveu a Rocha Lima em 31 de dezembro de 1906. Enviou junto com a carta recorte do *Diário Oficial*, para que ele visse como a concepção inicial do Instituto havia sido modificada. Quinze dias depois, informou sobre os trâmites, ainda com um laivo de esperança: “O nosso projeto quase que passou no Senado: em 2 dias teve as 2 discussões e votação unânime! Se houvesse mais 1 dia de sessão te-lo-íamos aprovado. Esperemos pois!”¹³⁰ Rocha Lima apreciou a nova versão do projeto apresentada ao Senado. Já seria uma “grande conquista” aprová-lo, embora o achasse inferior à concepção original.¹³¹ Mas ele foi ainda mais desfigurado na câmara alta do parlamento. Em fins de maio de 1907, Oswaldo Cruz noticiou que “novos obstáculos” atrasavam a passagem do projeto no Senado. “Querem transformá-lo [o Instituto de Manguinhos] em estabelecimento de ensino com alteração das verbas - enfim, o diabo.” Junto com os demais desafios que enfrentava na saúde pública - surto de febre amarela que havia aparecido na Tijuca, proveniente de Niterói, a luta para pôr em ação um plano de combate à tuberculose e a tentativa de reforma do serviço de higiene - , os obstáculos para aprovação do Instituto de Medicina Experimental provocaram em Oswaldo Cruz um estado de “acabrunhamento do espírito”, conforme qualificou seu ânimo para Rocha Lima.¹³²

Além dos ataques e deformações ao projeto original de Manguinhos, a posse dos terrenos adjacentes ao instituto foi questionada no Senado. Originalmente, como vimos, havia ali um incinerador de lixo, que pertencia à prefeitura. Defendia-se que fossem desapropriados em favor desta (Cukierman 2007, p. 336).

Com o projeto empacado no Senado e o risco do Instituto ser desapropriado, Oswaldo Cruz dirigiu-se em comissão à Alemanha, para participar da XIV Exposição de Higiene em Berlim. Como vimos no começo do capítulo, graças à premiação lá obtida foi que o projeto de criação do Instituto de Medicina Experimental foi finalmente aprovado. Vamos a seguir, analisar o intrincado processo dos preparativos da participação brasileira nesse evento e o papel crucial desempenhado por Rocha Lima.

¹³⁰BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 15.01.1907.

¹³¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 21.01.1907.

¹³²BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 29.05.1907.

1.7. Rocha Lima e a Exposição de Higiene em Berlim

Na primeira carta que mandou a Oswaldo Cruz da Alemanha na segunda viagem, Rocha Lima mencionou a ocorrência de uma exposição e congresso internacionais de higiene, previstos para acontecer em 1907: “Acredito que será uma boa ocasião de tornar conhecido o que aí se faz, e com o Ficker posso obter bom e bastante lugar; mais tarde escreverei a respeito.” Pediu que o diretor de Manguinhos refletisse sobre o assunto e lhe transmisse as idéias que surgissem, “para que embora longe, continue a tornar parte, ainda que como sempre insignificante, no desenvolvimento e orientação do nosso Manguinhos”.¹³³ “Estuda a questão da Exposição de Berlim, da qual talvez, possamos comparecer”, foi a resposta de Oswaldo Cruz um mês depois.¹³⁴

Nos meses seguintes Rocha Lima engajar-se-ia na tentativa de viabilizar a participação brasileira na Exposição. Sua atenção aos mínimos detalhes, revela um perfeccionista inveterado, com senso extremamente crítico, inclusive no que se refere à dimensão estética. Por outro lado, colocou-se na função de “tradutor”, ficando responsável por adequar os temas e materiais a serem expostos à “linguagem” da ciência alemã. Assumiu a prerrogativa de arbitrar sobre aquilo que conviria ou não expor e que repercutiria entre os visitantes e, principalmente, entre os membros da comissão julgadora. O conhecimento que tinha do ambiente científico alemão e de muitos dos membros da organização do evento legitimava-o nessa função, que envolveu tarefas bastante trabalhosas e rendeu não poucos desconfortos, próprios de quem se viu na iminência de ter de “traduzir” dois mundos de lógicas bastante distintas: de um lado, os alemães, com a obsessão por planejamento, antecedência, prazos e regras, e de outro os brasileiros, com as tergiversações e adiamentos fundados naquela convicção íntima “de que no final tudo dá certo”. E deu, mesmo que às custas do bom estado psíquico de nosso personagem, que chegou às beiras da histeria.

Sugeri que, ao invés de muitas fotografias e descrições, apresentassem quadros simples, com os aparelhos usados na campanha contra a febre amarela, que elucidassem o processo de produção do soro antipestoso, maquetes das enfermarias e serviços de expurgo e exposição dos produtos do Instituto. Opondo-se frontalmente ao gosto pessoal de Oswaldo Cruz, sugeri que não apresentassem maquete de Manguinhos, “pois a esta gente, aquele

¹³³BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 08.08.1906.

¹³⁴BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 09.09.1906.

excesso de enfeites e ornamentos causa uma impressão pouco científica e um tanto ridícula, pois, referem-se logo sorrindo ao muito dinheiro que deve haver no Brasil. Se fosse possível fazer o Instituto com um aspecto menos esquisito!”¹³⁵

Em novembro de 1907, quando esteve em Berlim, Rocha Lima comentou com Ficker sobre a possibilidade de Manguinhos e da Diretoria de Saúde Pública – reunidos na pessoa de Oswaldo Cruz – tomarem parte no congresso e na exposição de higiene. Entusiasmado, o bacteriologista alemão – “espontaneamente”, de acordo com nosso personagem – escreveu ao secretário do evento para que ele convidasse os dois órgãos brasileiros. “Sei que poucos foram os convites feitos o que dá mais valor aos nossos”, informou.¹³⁶ Em seguida dissertou longamente sobre os termos nos quais deveria ser aceito o convite e analisou a questão sob três aspectos: as possíveis vantagens em tomar parte no evento, o que deveria ser feito, e o que chamou de “considerações psicológicas”. Em relação ao primeiro, disparou: “Acredito que só há vantagem e então grande, se tomando a coisa ao sério, apresentarmos-nos em condições de rivalizar com os outros países. Para ficar como um qualquer modesto país atrasado, é inútil gastar tempo e dinheiro.” Acreditava que eles reuniam elementos capazes de garantir sucesso, mas além deles, era preciso e “indispensável” – advertiu – “que, ao que temos, demos uma forma apresentável e de acordo com o fim a que se destina. Para isto é preciso antes de tudo ‘dinheiro’ para transporte, instalações, confecção de modelos figuras, etc.” Ademais, seria preciso escolher bem os assuntos abordados. Colocou à disposição as observações colhidas do meio germânico. Ouvira do próprio secretário da exposição, que desejavam poucas coisas, que fossem novidades e expostas de forma sumária. Três questões seriam dignas de ser apresentadas, sugeriu Rocha Lima: a febre amarela, Manguinhos e a coleção anátomo-patológica da febre amarela e peste. Descreveu como deveria ser organizado o material sobre a profilaxia anti-amarílica: quadros, maquete de uma casa cortada ao meio para demonstrar o serviço de expurgo, mapas assinalando os quadros, colunas, mostrando a evolução do serviço, uma boa imagem do *Stegomyia*, dizeres em alemão, etc. Dispôs-se a mandar fazer os modelos a partir de fotografias e desenhos. “Acho que não pode aparecer melhor ocasião para chamar atenção para o Brasil, de um modo honroso para nós”, salientou. A coleção de anatomia patológica deveria ser acondicionada em frascos adequados, pois seria mais um elemento de destaque da participação brasileira: “Aqui todos se interessam muito por anatomia patológica, e depois, a febre amarela é completamente desconhecida e de peste, a

¹³⁵BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 05.10.1906.

¹³⁶ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.11.1906.

melhor coleção é a do Dürck, que é muito inferior à nossa”, justificou. E por fim expôs Rocha Lima as “considerações psicológicas”, que chamam atenção pela franqueza:

Eu conheço bem a psicologia do nosso meio. Será mesmo por patriotismo, desejo de aproveitar uma boa ocasião de salientar o Brasil e Manguinhos, convicção de que estas questões agora ainda na atualidade breve perderão o interesse, que eu me interesso e procuro interessá-lo nesta questão? Ou um sentimento egoísta é a mola que impulsiona este interesse? Não será, porque, devido às relações e outras facilidades que aqui tenho, e daí a evidente conveniência de, por causa da exposição, demorar-me eu mais tempo aqui do que pretendia, não será por isso que afeto tanto patriotismo? Estou neste caso, como o Senhor, com a organização de Manguinhos. Mesmo a opinião do Ficker é suspeita, porque pode ser o desejo que ele tem da minha companhia, as boas relações de amizade etc. que o levam a se interessar por nosso comparecimento. Enfim, mais uma vez, procurando seguir o seu exemplo: *thue recht und scheue niemand*’ (aja corretamente e não temas a ninguém). Em todo o caso, sempre fica qualquer coisa de desagradável e amargoso em tudo isto, e o meu desejo é que aí no Rio achem tudo isto desnecessário. Julgo de toda a conveniência uma resolução definitiva sobre o assunto, e insisto especialmente, no fato do governo ou Manguinhos ou a saúde, fornecer os meios necessários, evitando as expressões bem conhecidas entre nós ‘Vamos ver o que se pode fazer’ ou ‘Há de se arranjar’. Neste caso, ou tudo ou nada.¹³⁷

Rocha Lima tinha consciência da importância da Exposição como vitrine do que vinha sendo feito em Manguinhos e como porta de acesso à ciência internacional. Sabia que a chave para esse acesso era o domínio das questões locais - os conhecimentos sobre a febre amarela e seu combate no Rio de Janeiro -, os quais deveriam ser arranjados numa disposição consoante com as conveniências desses fóruns internacionais e veiculados no “idioma franco” daquele período, que era o alemão. Aos olhos de Rocha Lima, as boas relações estabelecidas com os luminares da ciência germânica tornavam aquela constelação praticamente única. Mas para fazer jus a ela, seria necessário inaugurar uma nova ética, pautada pelo interesse público e na qual todos os esforços deveriam ser envidados. É bastante pertinente a interpretação de Cukierman (2007) sobre essa mesma carta:

Mergulhados em um aparato de Estado invadido por interesses particularistas, porém construído para disfarçá-los sob a retórica benemerente do interesse público, aqueles cientistas buscavam estabelecer alguma forma de decoro, tentando resgatar para o serviço

¹³⁷ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.11.1906.

público a idéia da impessoalidade tão cara às burocracias estatais do mundo ‘civilizado’ (...) tentavam renegociar fronteiras entre o altruísmo do bem público e o egoísmo das vontades individuais, pautados por um senso ético um tanto difusamente estatuído pelo provérbio – agir direito e não temer a ninguém -, insinuado como lema de rigorosa obediência a padrões éticos e morais, embora não explicitados, com clareza, quais seriam, afinal, os referenciais a que tratavam de se submeter (Cukierman 2007, p. 321).

Rocha Lima justificou na carta posterior a franqueza, como sendo: “ditada pela minha natureza, pelo caráter um tanto íntimo que costumam ter as nossas conversas.”¹³⁸ E acrescentou: “O senhor não fará a injustiça de acreditar que com isso procuro engrandecer-me ou aumentar os meus méritos diante dos seus olhos”. Tais considerações advinham exatamente pela impressão “de ter sido excessivamente franco.” Fazia tudo em nome de Manguinhos.¹³⁹

O cerco começou a se fechar sobre Rocha Lima, quando os envolvidos na organização da Exposição cobraram-lhe mais do que um aceno de intenções. Em 09 de janeiro de 1907, ele escreveu a Oswaldo Cruz: “O Ficker perguntou-me a resposta que daríamos sobre o convite para a Exposição de Higiene, porque resta ainda muito pouco lugar. Eu disse que nada sabia a respeito.”¹⁴⁰ Quase uma semana depois, Oswaldo Cruz respondeu que em Manguinhos todos se moviam para apresentar os trabalhos no Congresso de Berlim: Godoy abordaria a questão da dosagem do soro, Figueiredo Vasconcelos o combate à peste, Aragão os novos processos de imunização, Chagas e Neiva os insetos transmissores de doenças, José Gomes de Faria os bacilos do grupo paratifo e ele o combate à febre amarela. Preparavam-se também para a exposição, arranjando as fotos, maquetes e os produtos a serem apresentados.¹⁴¹ Rocha Lima comunicou então a Berlim o provável comparecimento do Brasil no evento. Tornava-se urgente uma resposta oficial encaminhada diretamente aos organizadores, e a informação do espaço que precisariam, avisou a Oswaldo Cruz.¹⁴² Estava prevista a ida deste à Alemanha, para tratar mais de perto da organização. O próprio Ficker escreveu ao brasileiro, pedindo informações sobre os detalhes da sua viagem para poder acolhê-lo.¹⁴³

¹³⁸ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 21.01.1907

¹³⁹ *Idem*

¹⁴⁰ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 09.01.1907.

¹⁴¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 15.01.1907.

¹⁴² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 21.01.1907.

¹⁴³ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Martin Ficker a Oswaldo Cruz s.d.

Em 30 de janeiro, Oswaldo Cruz confirmou a participação brasileira na Exposição. Pediu que Rocha Lima indicasse o espaço a ser reservado e perguntou a quem deveria informar a resposta oficial.¹⁴⁴ Em resposta, Rocha Lima demonstrou contrariedade e inquietação com o andamento do processo:

Tenho presente a sua carta de 30 de janeiro, a qual me surpreendeu pela pergunta que me faz se deve responder ao Rubner, pois pensei que a resposta oficial já tivesse chegado a Berlim, à vista das cartas que nesse sentido lhe escrevi. Insisti, de acordo com as palavras do convite, em que mandasse dizer o espaço necessário para nós, pois não sei o que pretende expor, nem tenho autorização para fazer qualquer comunicação oficial. O mais que me foi possível fazer, foi escrever uma carta particular ao Dr. Hoffmann dizendo que era muito provável que comparecêssemos, e que me mandasse dizer até quando devia chegar a resposta oficial, para em caso de urgência telegrafar; a resposta demorou e quando aqui chegou, calculei que, à vista das minhas cartas, a tal sua resposta já estaria em caminho e não valia portanto a pena telegrafar. À vista de sua carta, sou obrigado a passar um telegrama pedindo que com urgência responda oficialmente e diga o espaço que precisa. Não será para admirar que o pouco espaço que restava, tenha diminuído com o tempo. Se em suas cartas me tivesse dito o que resolveu expor, qual das minhas idéias achou aproveitável, enfim, qualquer coisa sobre o assunto, eu poderia de novo em carta particular ao Hoffmann fazer reservar algum lugar; mas não posso escrever sem base alguma.¹⁴⁵

Diante da incerteza, resolveu ir a Berlim falar pessoalmente com Hoffmann – médico militar da Academia Imperador Guilherme de Formação de Médicos Militares (*Kaiser Wilhelms-Akademie für das militärärztliche Bildungswesen*) – que fazia parte do comitê de organização da Exposição. Ficou sabendo, através dele, que estavam tendo problemas de espaço devido ao grande número de participantes e pedidos. Restaria aos brasileiros uma área de 3 metros de parede com uma mesa de um metro de largura. Insistiu para que tivessem pelo menos cinco metros, o que seria possível – consentiu Hoffmann – desde que descrevessem oficialmente e de forma detalhada tudo que seria exposto. “Imagine em que apuros estou eu metido, sem ter a menor idéia do que é possível fazer quanto a quadros, fotografias ou estatísticas. Lamento que nada me tenha escrito sobre o assunto”, queixou-se a Oswaldo Cruz. Inventaria alguma coisa e comunicaria ao superior. E como forma de pressioná-lo a agilizar os passos, informou que os outros convidados já haviam comunicados em detalhes o material a

¹⁴⁴BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 30.01.1907.

¹⁴⁵BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 02.02.1907.

ser exposto, tendo, por isso, obtido lugares melhores. “Há porém já quase 6 meses que lhe escrevi sobre o assunto...”, escreveu, reforçando a responsabilidade de Oswaldo Cruz pelo atraso e indefinições. Pediu que lhe definisse o que seria apresentado, e deu algumas sugestões diante das novas limitações de espaço. “...Não imagina como esta incerteza e falta de instruções me aflige, pois embora esteja convencido de que não poupo esforços para que não façamos má figura, não posso me consolar com isso, pois desejo sinceramente que façamos coisa capaz”, desabafou. Admitiu que estava com “os nervos irritados.”¹⁴⁶

Ficker e Rubner também estavam envolvidos na organização da Exposição e prometeram conseguir os cinco metros, mas fizeram a mesma exigência de Hoffmann: os brasileiros teriam que detalhar por escrito o que seria exposto. Com o auxílio de Capanema, que como vimos, atuava num hospital em Berlim, e tinha maior domínio do alemão, Rocha Lima escreveu a comunicação à secretaria da Exposição. Enviou a Oswaldo Cruz e pediu que ele desse seu parecer, “não com um simples ‘está bom’, mas dizendo o que pretende trazer.” A confecção dos modelos deveria ser feita com a máxima antecedência, bem como a inscrição no Congresso, que ocorreria junto com a Exposição. Propôs que o diretor de Manguinhos fosse o quanto antes para a Alemanha para dedicar-se às tarefas de organização. Tudo para evitar fazer “uma má figura” e para que ele não “ficasse no ar”.¹⁴⁷

A situação de Oswaldo Cruz no Brasil não era confortável. Ele lutava com a falta de posicionamento e lentidão das instâncias burocráticas, das quais dependia para assumir qualquer postura oficial: “Quanto à Exposição de Higiene, apesar das misérias que me estão fazendo, havemos de levá-la a efeito, por isso peço pedir espaço e manda-me dizer qual será ele e se puder manda uma planta das salas”, escrevera em 20 de fevereiro. Logo que fosse autorizado pelo ministro da Justiça, mandaria uma resposta oficial.¹⁴⁸ Ficou posicionado entre a morosidade das autoridades e a pressão de Rocha Lima, que em cartas “biliosas”, como ele as qualificou, cobrava atitude e definições do superior. Compreendia o desconforto de seu colaborador, que tinha que negociar diretamente com os alemães: “Você tem toda a razão de zangar-se por não ter eu ainda feito comunicação de aceitar ou não o convite.” E justificou: “Mas o que quer você? Só consegui uma resposta do Ministro à vista do seu telegrama, para o que foi preciso, ainda, um grande exercício.” Informou o que pretendiam levar à Exposição e deixou nas mãos de Rocha Lima conseguir o maior espaço possível. Em virtude dos serviços

¹⁴⁶BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 07.03.1907.

¹⁴⁷BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 08.03.1907.

¹⁴⁸BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 20.02.1907.

que organizava de combate à tuberculose, só poderia deixar o Brasil em julho de 1907,¹⁴⁹ acentuando, com isso, a apreensão de nosso personagem, que esperava ter em breve a companhia de Oswaldo Cruz para auxiliá-lo.¹⁵⁰

Com a consciência mais uma vez incomodada por ter, talvez, “extrapolado os limites”, Rocha Lima novamente justificou a forma veemente com que cobrara atitude de Oswaldo Cruz:

Pelas minhas cartas terá talvez julgado que me senti embaraçado ou atrapalhado para agir quando foi necessário, e que por isso me tenha irritado. Creia que tudo é devido ao desejo que tenho não de dizer mais tarde: fiz tudo o que era possível, mas de que façamos boa figura. Se fosse uma questão em que apenas a minha responsabilidade estivesse em jogo, eu estaria tranquilo. Mas o caso é outro, e sou obrigado a ser impertinente, malcriado e cacete.¹⁵¹

Chegou a pedir desculpas na carta seguinte: “... vejo que em uma das minhas impertinentes missivas cheguei a ser grosseiro na expressão, o que muito lamento e peço acreditar que foi má escolha de termos ou excesso de concisão.”¹⁵² Justificou mais uma vez a atitude, pelo temor que tinha de um insucesso do Brasil na Exposição, e pediu que Oswaldo Cruz, afinal, resolvesse o que apresentariam para que pudessem começar a trabalhar. Um mês depois, tornou a pedir desculpas pelas “asperezas e impertinências do velho inverno”. Podia notar que Oswaldo Cruz fazia de tudo para que a participação no evento em Berlim fosse bem-sucedida, salientou.¹⁵³ Ele, por fim, providenciou o material que deveria ser impresso na Alemanha – quadros, maquetes e preparados – ,a fim de evitar que fizessem “uma figura muito triste na Exposição”.¹⁵⁴

A apreensão de Rocha Lima na Alemanha tornava-se mais aguda, com a falta de instruções precisas sobre o que deveria ser exposto. Precisava confirmar a comunicação encaminhada à secretaria do Congresso, ou modificá-la no que Oswaldo Cruz achasse necessário. “Em minha última carta repeti que era necessário que o senhor definitivamente visse o que é possível expor (...) infelizmente apenas me mandou um complacente e amável

¹⁴⁹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 12.03.1907.

¹⁵⁰ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 20.03.1907.

¹⁵¹ *Idem*

¹⁵² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 05.04.1907.

¹⁵³ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 10.05.1907.

¹⁵⁴ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 30.04.1907.

‘acho boas suas idéias.’”¹⁵⁵ Continuava de mãos atadas por não saber exatamente como proceder. Se a comunicação fosse impressa, discriminando determinados objetos, e estes não fossem expostos seria um vexame, “principalmente com a tendência natural dos europeus em nos ligar pouca importância.”¹⁵⁶ Mais uma vez, falava o complexo de marginalizado, que movia nosso personagem a procurar fazer tudo da melhor forma possível. Não podiam vacilar e corroborar o senso de superioridade europeu, que condicionaria o olhar dos visitantes, mas apresentar um quadro perfeitamente disposto da ciência praticada nos trópicos. Por fim, Oswaldo Cruz enviou a lista de objetos que iriam expor.¹⁵⁷ Rocha Lima dirigiu-se a Berlim, para negociar novos prazos com Rubner e Hoffmann.¹⁵⁸ Em Hamburgo e Frankfurt, onde esteve durante as “férias” de Páscoa, convenceu-se do interesse que a profilaxia da febre amarela despertaria.¹⁵⁹

Em julho de 1907, Oswaldo Cruz dirigiu-se à Europa. Antes de chegar a Berlim, passou uns dias em Paris. Um incidente pessoal tornou mais turbulento o período que antecedeu a Exposição: a mãe de Rocha Lima caiu doente, com gânglios tumorais na região da língua, a qual poderia ter de extirpar. Ela dirigiu-se à Alemanha junto com Oswaldo Cruz para ser operada. Por sugestão de Dürck, a cirurgia foi feita em Munique. Rocha Lima chegou a ir até Berlim para averiguar se as condições de tratamento eram mais vantajosas, mas acabou decidindo pela capital bávara, pela confiança que sentiu no cirurgião de lá, amigo de Dürck.¹⁶⁰ Oswaldo Cruz manifestou bastante preocupação. Das linhas trocadas sobre o assunto, depreende-se que os vínculos dele com a família de Rocha Lima eram bem estreitos.¹⁶¹ A operação, feita em agosto de 1907 correu bem, depois da doença ter causado muita apreensão a nosso personagem.¹⁶²

Rocha Lima ficou contrariado por não poder auxiliar Oswaldo Cruz mais diretamente. Nem por isso, descuidou do andamento dos trabalhos em Berlim. Sugeriu que eles se encontrassem na capital alemã junto com Moraes, o arquiteto que projetara os edifícios de Manguinhos. Estava ainda bastante apreensivo com a possibilidade dos letreiros não ficarem prontos de última hora. O próprio secretário da Exposição admirava-se de ainda não terem

¹⁵⁵ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 16.05.1907.

¹⁵⁶ *Idem*

¹⁵⁷ *Idem.*

¹⁵⁸ *Idem*

¹⁵⁹ *Idem*

¹⁶⁰ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 19.08.1907.

¹⁶¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 20.08.1907 e de 30.08.1907.

¹⁶² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 21.08.1907 e de 22.08.1907.

encomendado ao carpinteiro responsável a confecção das mesas e cadeiras. Isso poderia prejudicar o sucesso, escreveu Rocha Lima já de Berlim, o qual via como muito provável. Não se tratava de uma mera opinião: Hoffmann havia lhe dito que o projeto apresentado pelos brasileiros agradara bastante a Rubner. Dürck, por sua vez, havia gostado imensamente dos mosquitos, e pedira para fotografá-los depois.¹⁶³ Ainda que não estivesse diretamente envolvido no evento, era uma opinião representativa daquele coletivo ao qual teriam de persuadir da excelência das atividades científicas e sanitárias realizadas no Brasil. Oswaldo Cruz estava menos confiante do êxito.¹⁶⁴ Chegou em Berlim na última semana de agosto, onde cuidaria dos últimos detalhes. Depois de ver tudo mais bem encaminhado, mudou de juízo: “Nossos lugares são os melhores possíveis e talvez consigamos não fazer má figura” escreveu a Rocha Lima.¹⁶⁵

O Congresso trouxe mais um motivo de indisposição de Rocha Lima com Oswaldo Cruz, provocada muito mais pela hipersensibilidade do primeiro. O diretor de Manguinhos comunicara ao colaborador, já bem próximo do evento, a relação dos trabalhos a serem apresentados: Vasconcelos abordaria a epidemiologia da peste, Aragão a evolução do halterídio do pombo e espirilose das galinhas, Cardoso Fontes o estudo clínico do bacilo da tuberculose, Chagas e Neiva os mosquitos transmissores da malária no Brasil e a profilaxia da doença e ele a profilaxia da febre amarela no Rio. “Vê se você apresenta algum trabalho. Talvez o carbúnculo sintomático.”¹⁶⁶

Em resposta, Rocha Lima ponderou que, devido ao excesso de comunicações para o Congresso, muitas talvez não fossem lidas nem publicadas. Em relação à sugestão de Oswaldo Cruz, considerou-a como uma espécie de censura implícita e reagiu partindo desse pressuposto:

Quanto ao meu trabalho o seu desejo contém uma censura que eu já esperava, que eu mesmo me faço, mas de cuja justiça eu ainda não estou bem convencido, se é que se toma por base os interesses de Manguinhos e não o fogo de artifícios aliás necessário, mas que não deve na minha opinião ser o fim principal. Se em vez de ter aceitado o convite do Dürck para auxiliá-lo, tivesse ficado com os demais estranhos ao Instituto, no meu lugar de trabalho, poderia, levando vida regalada e descansada, ter publicado não um, mas dois ou três trabalhos, e

¹⁶³ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 22.08.1907.

¹⁶⁴ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 23.08.1907.

¹⁶⁵ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 30.08.1907.

¹⁶⁶ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 20.08.1907.

agora poder-me-ia julgar uma pessoa muito mais importante do que sou, assim como teria, ao invés de censura, elogios. Tudo isto eu compreendo perfeitamente, acho que é questão do ponto de vista em que cada um se coloca. Errei tendo aceito o convite do Dürck, mas desperdicei o meu tempo em procurar corresponder a esse convite. A minha falta é apenas a consequência lógica do erro cometido. A intenção foi, porém, boa. Prometo-lhe corrigir-me para o futuro. Em todo o caso, eu quisera que fosse essa a única censura que eu mesmo me faço, porque então não viveria no íntimo descontentamento comigo próprio, que há muito me irrita e atormenta.¹⁶⁷

Oswaldo Cruz garantiu que da parte dele não havia nenhuma censura, tendo sempre concordado com a orientação dada por Rocha Lima a seus estudos.¹⁶⁸ Fica bastante evidente nas linhas acima que tratava-se da censura que fazia a si próprio, temperada com o ressentimento de não ter nada para apresentar no Congresso. A reação desproporcional de nosso personagem alude à inquietação que tinha por ter decidido aprofundar seus estudos em anatomia patológica em Munique. Havia adquirido treinamento técnico e conhecimentos na disciplina, mas a maneira tangível de se avaliar a produção científica era a produção de novos fatos e a divulgação dos mesmos em congressos e publicações. Confrontado com a gama de novos resultados apresentados pelos colegas de Manguinhos, passou a considerar aquela escolha equivocada.

No período que antecedeu a abertura da Exposição, Oswaldo Cruz, além de cuidar dos últimos detalhes, aproveitou para estabelecer contato com os cientistas, “falando mal o alemão”. Foi convidado oficialmente para assistir a uma parada militar, que pode ver bem próximo do Kaiser. Logo vieram se juntar a ele os outros membros da comissão brasileira: Bruno Chaves, da saúde pública, Abreu Fialho, Oscar de Souza e Salles Guerra.¹⁶⁹ Com a mãe já em processo de restabelecimento, Rocha Lima chegou em Berlim no começo de setembro, depois de ter adiado a viagem por três vezes.¹⁷⁰

O Congresso inciou-se em 23 de setembro de 1907. No dia seguinte, Oswaldo Cruz comunicou à esposa as notícias do evento: “O Congresso foi aberto ontem. Tem sido uma verdadeira amolação de festas. Nossa exposição tem causado um verdadeiro sucesso. Todos dizem que julgavam que no Brasil nunca se poderia trabalhar do modo por que o fazemos.”

¹⁶⁷BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 22.08.1907.

¹⁶⁸BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 24.08.1907.

¹⁶⁹BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 02.09.1907.

¹⁷⁰BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 03.09.1907, cartões de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 04.09.1907 e de 10.09.1907.

(Oswaldo Cruz a Miloca *apud* Cukierman 2007, p. 330). Na mesma carta, ressaltou que estavam sendo muito bem tratados por Rubner e Ficker. Das doze seções nas quais estava dividida a Exposição, o Brasil apresentou-se em três: a de Bacteriologia Geral, Doenças Contagiosas e Vacinação Profilática, a de Construção de Hospitais e Desinfecção e, por fim a de Estatísticas de Higiene, de Doenças e de Mortalidade.¹⁷¹ O Brasil era o único participante da América do Sul. Segundo Rocha Lima, a frequência fora enorme. Num domingo haviam passado pelo evento cerca de 2 mil pessoas e nos outros dias o número não havia sido muito menor.¹⁷²

A delegação brasileira foi premiada com a medalha de ouro, entregue pela imperatriz alemã. A Exposição prolongou-se até meados de outubro. Antes mesmo de ser concluída, Oswaldo Cruz deixou Berlim, meio “à francesa”.¹⁷³ Encarregou Rocha Lima de dispor do material como bem entendesse. Relacionou os nomes dos médicos e autoridades do Brasil que deveriam receber o folheto confeccionado para o evento.¹⁷⁴ Depois deste ser encerrado, Rocha Lima cuidou da encomenda de equipamentos de laboratório para Manguinhos, para encadernação de livros, etc. Generoso, Oswaldo Cruz lhe deu carta branca para adquirir tudo que visse e gostasse, inclusive uma autoclave que havia considerado cara.¹⁷⁵ A premiação em Berlim confirmara que trilhavam o caminho da “boa ciência”, não devendo poupar recursos para adquirir aparato científico de ponta. Não é improvável que o atendimento às “vontades” de Rocha Lima também fosse uma forma de gratidão ao empenho quase missionário com que se dedicara ao êxito do Brasil na Exposição. Como gratidão, este presenteou Ficker, que de tão entusiasmado com o material brasileiro, decidiu fazer uma seção do país no museu do Instituto de Higiene.¹⁷⁶

Mas preocupações novamente trazidas pela saúde da mãe logo vieram se juntar à satisfação de Rocha Lima pela premiação em Berlim: quando ela parecia estar bem, depois de ter passado pela operação, reapareceram os gânglios tumorais.¹⁷⁷ Decidiu, com a anuência de Oswaldo Cruz,¹⁷⁸ que seria melhor não submetê-la a outra cirurgia. Ficou indeciso se voltaria

¹⁷¹ . Katalog der Hygiene-Ausstellung Berlin 1907.

¹⁷² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 12.10.1907.

¹⁷³ *Idem*

¹⁷⁴ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 13.10.1907.

¹⁷⁵ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Cartas de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 12.10.1907, de 26.10.1907 de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 13.10.1907.

¹⁷⁶ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 26.10.1907, de 27.10.1907

¹⁷⁷ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 23.10.1907.

¹⁷⁸ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 26.10.1907.

com ela ao Rio, ou permaneceria na Alemanha. Tinha medo dela não resistir à viagem. Uma outra questão se interpôs: a posição de Rocha Lima em Manguinhos, uma vez que teria de ficar por tempo indeterminado cuidando da mãe. Pediu a Oswaldo Cruz que, “pondo de lado todas as nossas relações particulares” e no caso de não ser possível obter uma licença sem vencimentos, o exonerasse do cargo, pois perderia “os seus encantos desde que eu me tenha de sentir na posição de um favorecido pela sua bondade.” E justificou a atitude com base em imperativos morais:

Isto pode ser chamado de orgulho ou imbecilidade, o nome pouco importa (...) O fato é que no meu íntimo, tal como ele é constituído atualmente, o pretender possuir e cultivar alguma qualidade do Cirano, constitui a causa principal da minha tranquilidade moral assim como o principal estímulo para as minhas ações. Estou convencido que serei menos infeliz lutando com as misérias e dificuldades da vida (...) do que gozando o bem estar de uma boa colocação em que sou conservado por favor.¹⁷⁹

Garantindo que se posicionava na qualidade de diretor de Manguinhos, Oswaldo Cruz escreveu que o colaborador não precisava se incomodar com o prolongamento da estadia na Europa, ainda mais que ele próprio fora destacado em missão oficial para percorrer outros países. Para tranquilizar Rocha Lima e demovê-lo da idéia de se demitir, afirmou que a permanência dele no Instituto era “indispensável para seu progresso” e um serviço ao país. Sabia que para ele não haveria dificuldades em se estabelecer na Europa e conquistar ali uma posição. O que o Brasil havia feito por ele ao lhe permitir completar seus estudos na Europa já fora mais que recompensado, assegurou. O êxito em Berlim era prova disso, de modo que não seria nenhum favor mantê-lo Instituto. Oficialmente, sua permanência na Europa estava justificada. Nomeou-o para acompanhar Salles Guerra numa comissão à Roma a fim de evitar comentários “maledicentes”.¹⁸⁰

As considerações generosas de Oswaldo Cruz foram recebidas por Rocha Lima como “a maior recompensa que eu poderia almejar para os fracos esforços que no cumprir do meu dever tenho empregado”. Na tentativa de apresentar as coisas pelo lado “oficial”, predominara o “amigo generoso”. Mas causava-lhe profunda “irritação, mal-estar e desgosto” a idéia do diretor de Manguinhos ser censurado ou acusado de qualquer coisa por sua causa, ainda que pela maledicência. Queria manter os laços com ele livres de interferências, “principalmente de

¹⁷⁹ *Idem.*

¹⁸⁰ *Idem.*

qualquer favor em matéria de serviço público”.¹⁸¹ “Acho que você está pior do que eu no que se refere à neurastenia” respondeu Oswaldo Cruz. A participação de Rocha Lima na comissão a Roma seria um ganho. “Fique com sua consciência sossegada e não me venha a falar em coisas que não me agradam a respeito de sua posição em Manguinhos”, escreveu, dando por encerrada a questão.¹⁸² Depreende-se daí o valor que Oswaldo Cruz dava à permanência de Rocha Lima em Manguinhos, muito embora fosse pouquíssimo provável que aceitasse sua demissão sabendo das circunstâncias que obrigavam-no a permanecer na Europa.

Rocha Lima foi à Roma em companhia de Salles Guerra. As fontes não deixam claras as circunstâncias da viagem. Depois de retornar, encontrou-se num dilema bastante difícil e que lhe causou tremendo desconforto psíquico. Do isolamento do pensamento “e da luta entre eles, surgiu uma série de idéias fixas, uma filosofia arqui-pessimista, caracterizada por uma indiferença por tudo que ao mundo possa ser bom e estimulante”, escreveu a Oswaldo Cruz em dezembro de 1907.¹⁸³ Temia que esse estado se tornasse um “aniquilamento do pouco de aproveitável que pudesse existir em mim”. “Só vejo um remédio capaz de ser eficaz: Manguinhos”, concluiu. O motivo dessa melancolia era o impasse em relação à mãe. Ela não demandava mais cuidados especiais, nem corria qualquer perigo. Estava perto de retornar ao Brasil. Rocha Lima não sabia se a acompanharia na data que ela obstinadamente queria partir – e nesse caso prejudicaria meses de trabalho que ficariam inconcluídos – ou partia depois. Perguntava-se o que podia acontecer até chegarem ao Rio. Temia que, já em Paris, quando não haveria mais possibilidade de retorno, o tumor voltasse a crescer. Não via outro jeito, senão ficar ali “no estado mais lastimável d’alma”. Sua presença ou ausência não alteraria o destino “horrendo”. “Ao desprezo pelo mundo, junta-se agora o desprezo por mim mesmo”, escreveu. Foi uma resolução dolorosa, admitiu a Oswaldo Cruz. Ficou em Munique e em janeiro de 1908, tomou o vapor rumo ao Brasil. Em 12 de janeiro encontrava-se em mares de Portugal, quando escreveu novamente a Oswaldo Cruz.¹⁸⁴

O estado de Oswaldo Cruz depois da Exposição também foi de grande abalo psíquico. Encontrava-se em meio a uma “debacle física e moral”, conforme noticiara a Rocha Lima já em outubro de 1907.¹⁸⁵ Depois de Berlim, ficara 15 dias em Paris tentando se recuperar da

¹⁸¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 28.10.1907.

¹⁸² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 29.10.1907.

¹⁸³ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 18.12.1907.

¹⁸⁴ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 12.01.1908.

¹⁸⁵ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 26.10.1907.

“neurastenia”. Antes de rumar para o Brasil, decidira fazer um périplo por vários países do mundo. Foi nesse estado depressivo, que foi recebido de forma apoteótica no porto do Rio de Janeiro, conforme vimos no começo deste capítulo.¹⁸⁶

O êxito em Berlim garantiu a aprovação do projeto que transformava o Instituto Soroterápico no Instituto de Medicina Experimental, também designado, a partir de março de 1908, Instituto Oswaldo Cruz (Benchimol 1990; Benchimol & Teixeira, 1993). O projeto sancionado pelo presidente Afonso Penna em dezembro de 1907 oficializava as atribuições que já eram realizadas na prática, dando ênfase à dimensão da pesquisa, que incluía o estudo de doenças humanas, veterinárias e vegetais. Ao prever a oferta de cursos para formação de médicos na medicina experimental, o perfil de Manguinhos correspondia àquele do Instituto Pasteur de Paris, fundamentado no ensino, produção e pesquisa (Benchimol, 1990). O Instituto Oswaldo Cruz ficava diretamente subordinado ao Ministério da Justiça, ganhando estatuto legal correspondente à Diretoria Geral de Saúde Pública. Dessa forma tinha assegurada sua autonomia e a continuidade de seu perfil de atividades, uma vez que não ficava submetido às mudanças de gestão na diretoria. Além da autonomia administrativa, o novo estatuto garantia a Manguinhos autonomia financeira, através da liberação da comercialização dos produtos ali desenvolvidos. Como vimos, a renda da vacina da Manqueira, patenteada por Alcides Godoy, mas cujos rendimentos ele transferira ao Instituto, garantiria o financiamento de uma série de benefícios que se esquivariam dos trâmites burocráticos. O regulamento previa a criação de uma revista científica – as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* – e a contratação de pesquisadores. No organograma, o Instituto contaria com um diretor, nomeado pelo presidente da república - cargo entregue a Oswaldo Cruz - , dois chefes de serviço - Rocha Lima e Figueiredo de Vasconcellos, por serem os colaboradores mais antigos - e seis assistentes – Cardoso Fontes, Arthur Neiva, Alcides Godoy, Carlos Chagas, Henrique Aragão e Ezequiel Dias. Com a “verba da manqueira” foram contratados Gaspar Vianna, Astrogildo Machado e Adolpho Lutz. Manguinhos lucraria enormemente com a incorporação deste que sem dúvida era à época o mais abalizado especialista no campo da medicina tropical. Sua ampla produção científica incluía trabalhos no campo da entomologia médica, bacteriologia, protozoologia, zoologia, etc, assegurando-lhe estreitas relações com cientistas estrangeiros, principalmente com os alemães (Benchimol & Sá 2005-2007).

¹⁸⁶ *Idem*

A expansão do programa de pesquisas, da pauta de produção e do escopo de atividades do Instituto prosseguiu em novas bases institucionais. Se por um lado Oswaldo Cruz reforçou, nos anos seguintes, através dos estudos, dos produtos comercializados e das atividades de profilaxia, as relações com os “clientes” que consumiam aqueles “bens”, por outro prosseguiu dando acento à internacionalização (Stepan 1976, p. 102). Esses dois aspectos eram complementares e interdependentes, como eram interdependentes as esferas que constituíam o arcabouço institucional. Retro-alimentavam-se: campanhas sanitárias e rotinas de produção geravam novos conhecimentos científicos; pesquisas orientadas pela mera especulação científica originavam novas aplicações. Atividades destinadas a atender as demandas internas, reforçar os laços com esses “clientes” e atrelar os destinos daquele projeto institucional aos da Nação, também repercutiam nos fóruns internacionais, enquanto que os êxitos obtidos no cenário estrangeiro, rendiam dividendos em termos de legitimidade perante à sociedade e autoridades locais. O caso de Berlim mostrara bem isso. Foi uma expressão do intercâmbio científico germano-brasileiro, que teria continuidade em Manguinhos nos anos seguintes.

Reforçando os laços com a ciência germânica, Henrique Aragão aperfeiçoou seus estudos em zoologia em Munique, com Goldschmidt, considerado um dos pioneiros da genética moderna. Alcides Godoy, por sua vez, estudou na Alemanha com Ostwald, um dos criadores da físico-química (Fonseca Filho 1976). No sentido oposto vieram para o Brasil nos anos seguintes quatro renomados pesquisadores alemães: Stanislas von Prowazek, Gustav Giemsa, Max Hartmann e Hermann Dürck.

1.8. A ciência alemã em Manguinhos: Prowazek, Giemsa, Hartmann e Dürck no Instituto Oswaldo Cruz

Segundo Salles Guerra (1940, p. 370), os visitantes em Berlim puderam admirar pela primeira vez no estande brasileiro “peças anatomopatológicas de moléstias desconhecidas de muitos, insetos hematófagos, preparações microscópicas, a representação completa de ciclos evolutivos completos de protozoários que conheciam apenas de leitura...” Certamente os cientistas que passavam por ali e se interessavam interagiam com os presentes. É bem provável que foi numa dessas ocasiões que Oswaldo Cruz convidou para passar uma temporada em Manguinhos Stanislas von Prowazek e Gustav Giemsa, respectivamente,

diretores do departamento de protozoologia e química do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo,.

O convite previa a realização de pesquisas com os colaboradores do Instituto Oswaldo Cruz, a divulgação dos resultados nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* e a oferta de cursos. O governo brasileiro assumiu os encargos da viagem e o pagamento dos vencimentos dos pesquisadores durante a estadia, prevista para durar seis meses (Benchimol, 1990).

É difícil de ser reconstruída através das fontes a estadia de Giemsa e Prowazek em Manguinhos. Mais difícil ainda é acompanhar os passos de nosso personagem nesse período, no qual a correspondência é extremamente rarefeita, para não dizer, nula. Por conta disso, ele retrocede ao segundo plano em nossa narrativa, cedendo lugar aos pesquisadores alemães no Rio de Janeiro. Ele estava ali, interagindo com eles, no que foi favorecido pelo domínio do idioma alemão. Aparentemente não trabalhou estreitamente com nenhum dos “hóspedes”.

Ambos eram nomes internacionalmente prestigiados em suas respectivas especialidades. O de Giemsa já corria mundo, designando a solução que ele aperfeiçoara para coloração dos protozoários do sangue, mas que também mostrou-se útil na visualização de outros microrganismos e de componentes de tecidos. Não menos célebre era Prowazek. Confirmação disso é o já mencionado fato de que Rocha Lima deixou de tomar cursos em protozoologia em 1906 porque à época Prowazek não se encontrava na Alemanha.¹⁸⁷ Ele indicou para Oswaldo Cruz a importância de aprofundar os estudos nessa disciplina, que considerava imprescindível para Manguinhos,¹⁸⁸ ao lado do estudo dos “cogumelos patogênicos”, sobre os quais eram “demasiadamente ignorantes”.¹⁸⁹

Prowazek sucedera no Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo aquele que era considerado um dos fundadores da moderna protozoologia, Fritz Schaudinn, que morreu logo depois de ser nomeado diretor de departamento daquela instituição. Apesar da morte precoce (com 35 anos), Schaudinn legara, além da descrição do patógeno da sífilis (sua realização mais célebre), uma série de trabalhos concernentes, por exemplo, ao ciclo de vida dos plasmódios no mosquito e no sangue. A curiosidade pelos protozoários retrocedia de pelo

¹⁸⁷ “Para estudar protozoários não ha ninguem aqui, o Prowazek foi para a Batavia”, escreveu Rocha Lima a Oswaldo Cruz. BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 08.08.1906.

¹⁸⁸ “É preciso que venha um aprofundar-se em protozoários. Mas onde? Outro em zoologia...” BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 29.05.1907.

¹⁸⁹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 21.01.1907.

menos dois séculos de observação daqueles seres no microscópio. Mas com a comprovação do envolvimento deles em patologias humanas, animais e vegetais, o conhecimento do seu ciclo de vida adquiriu importância prática e conferiu-lhes maior visibilidade. A chamada protozoologia consistiu, ao lado da zoologia médica, entomologia e helmintologia, num dos campos basilares da medicina tropical, tal como estabelecida pelo programa de Patrick Manson. Protozoários estavam envolvidos na etiologia das duas doenças que mais comprometiam os empreendimentos coloniais nos trópicos – a malária e a tripanossomíase africana, ou doença do sono. Mas, de acordo com Benchimol & Teixeira (1993, p. 27-8), a protozoologia não consistia uma disciplina com fronteiras bem definidas. Era muito mais “um campo polimórfico de investigação, que requeria o concurso de diversas disciplinas, com seus respectivos arsenais metodológicos e conceituais” (Idem, p. 28).

Diretamente filiado à “escola” de Schaudinn, de quem fora assistente entre 1903 e 1904, em Rovigno, Prowazek acumulava quantidade expressiva de trabalhos quando chegou em Manguinhos. Iniciara com Schaudinn estudos evolutivos dos tripanossomas, sobre os quais apontou a existência de diferenciação sexual e de uma evolução no hospedeiro transmissor. Confirmou esses achados acompanhando o ciclo do *Trypanosoma lewisi* no rato e no piolho. Estudou flagelados no intestino das moscas, distinguindo o ciclo de vida das herpetomonas do das leptomonas e das critídias (tipos de protozoários semelhantes aos tripanossomas); estudou a morfologia de parasitas intestinais, descrevendo novas espécies de amebas; identificou o encistamento e processos autogâmicos em *Trichomonas intestinalis*; relatou a ação patogênica de novas espécies de flagelados do gênero *Cyathomatrix* no homem e comprovou, com Schaudinn, a ocorrência dos cistos em *Giardia lamblia* e parte de sua evolução. Seguindo a corrente de estudos dos espiroquetas aberta por este, descreveu novas espécies desses seres, correlacionando-os à uma espécie de úlcera tropical e outras patologias..¹⁹⁰

Além desses estudos, Prowazek havia se notabilizado pela observação de inclusões intracitoplasmáticas no tracoma, as quais correlacionou à causa da doença. As mesmas formações observara na chamada “vacina”, o material infeccioso empregado na imunização da varíola. Discutia-se à época se a patologia branda causada pela “vacina” tratava-se de doença distinta ou de uma forma atenuada da varíola. Para Prowazek, aquelas inclusões eram produtos de reação da célula. Ele havia conseguido, durante expedição feita com Neisser,

¹⁹⁰ StAHH 352-8/9 BNI 6. Biographien Prowazek.

observar tais estruturas na conjuntiva de macacos inoculados com secreção de pacientes com tracoma. Formações semelhantes haviam sido apontadas por outros autores em doenças como escalartina, raiva e peste bovina. A característica comum entre elas era a constituição de inclusões com pequenos grânulos em seu interior, que durante o seu desenvolvimento “empurravam” o núcleo da célula na qual se encontravam. Além disso, eram capazes de atravessar os filtros bacterianos (Mannweiler 1998, p. 153-5).

As pesquisas que Prowazek realizou em Manguinhos relacionaram-se a esse tema. A estadia dele coincidiu com um violento surto de varíola, que irrompeu no Rio de Janeiro em 1908. Junto com Henrique Aragão, ele prosseguiu as observações que já vinha realizando sobre essa doença. Submeteram material infeccioso à filtração coloidal com uma técnica na qual se formava uma camada de ágar no filtro. Notaram que o material retido era capaz de infectar a córnea de coelhos, com o aparecimento dos chamados corpúsculos de Guarnieri, típicos da varíola (Prowazek & Aragão, 1909). Flagraram estruturas na forma de diplococos, de tamanho mais reduzido do que o das menores bactérias conhecidas. Como provinham de material virulento, que havia passado pelo filtro de Berkefeld, ou seja, não podia conter nenhuma outra forma microbiana conhecida, e eram capazes de infectar a córnea de coelhos, consideraram-nas o agente patogênico da varíola (Prowazek & Aragão, 1909). Os primeiros resultados foram divulgados no Semanário Médico de Munique (*Münchener Medizinischen Wochenschrift*), e depois, veiculados no segundo número das *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, de 1909, em português e alemão. O periódico de Manguinhos traria artigos nos dois idiomas até a irrupção da Primeira Guerra, em 1914. Dessa forma, procurou-se conferir maior circulação aos resultados ali obtidos.

A “descoberta” de Prowazek e Aragão causou grande sensação à época. Em 9 de julho de 1909, Oswaldo Cruz anunciou-a à Academia Nacional de Medicina (Benchimol & Teixeira 1993, p. 34). Segundo Benchimol & Teixeira (1993, p. 35), em 01 de julho de 1909 os jornais dariam grande destaque à partida de Prowazek e Aragão à Alemanha, onde continuariam os experimentos para confirmar seus achados.

Além das pesquisas sobre a varíola, Prowazek dedicou-se ao estudo do *Spirochaeta gallinarum*, agente da espirilose das galinhas. Ele observou quase diariamente carrapatos infectados pelo germe, nos quais pode surpreender seu ciclo evolutivo que se processava no chamado “lacunoma intato” e nas glândulas salivares. Concluiu que o carrapato desempenhava o papel de hospedeiro intermediário, ou seja, aquele em que se processa parte

do ciclo de vida do patógeno, não sendo um mero transmissor, como afirmavam outros autores (Prowazek, 1909). Em outros trabalho, publicado nas *Memórias*, Prowazek tratou do dimorfismo em infusórios ciliados, protozoários que em sua maioria eram de vida livre (Prowazek, 1909). O resultado dos estudos sistemáticos sobre os protozoários encontrados nas cercanias de Manguinhos feitos com Aragão foi publicado nas “Memórias” em 1910 (Prowazek, 1910). De acordo com Aragão (1950) e Fonseca Filho (1976), essa foi uma das principais contribuições duradouras da permanência de Prowazek: o estudo dos protozoários de vida livre, feitos primeiramente com Aragão e depois continuados por Aristides Marques da Cunha, que identificou uma série de novas espécies, concentrando-se naquelas que viviam em água doce. José Gomes de Faria dedicar-se-ia aos protozoários de vida marinha. Em consequência desses estudos, Oswaldo Cruz mandou construir um aquário em Manguinhos. Depois de sua morte, ele deu lugar a uma estação de hidrobiologia, construída na Ilha do Pinheiro, próxima ao Instituto (Aragão, 1950). Em 1912, Gustav Giemsa viria novamente a Manguinhos para estudar, com Alcides Godoy e Cardoso Fontes, parasitas de peixes e protozoários que formavam o plâncton da Baía de Guanabara (Benchimol & Teixeira, 1993, p. 29).

Prowazek acompanhou ainda Arthur Neiva numa expedição científica à região que compreendia parte dos estados de São Paulo e do Mato Grosso (Borgmeier, 1940). Parte do relatório dessa excursão encontra-se no acervo histórico do *Tropeninstitut*. Nele, Prowazek descreve, maravilhado, o percurso que fizeram de São Paulo, até a embocadura do Tietê. Observou a malária em Bauru, reparando que ali a chamada forma tropical tinha evolução mais branda do que a terçã. Destacou ainda a ocorrência de ulcerações nas mãos e nos pés da população local, correlacionadas a um protozoário análogo aos tripanossomas. Tratava-se da leishmaniose também chamada “úlceras de Bauru”. De Miguel Calmon em diante, seguiram o Tietê de barco e atravessaram a fronteira de São Paulo com o Mato Grosso. Caminharam pela floresta, que Prowazek se refere de forma entusiasmada. Ele chegou a pesquisar protozoários em alguns animais silvestres. Em cinco dias chegaram à Itapura, um povoado que retrata como decadente, onde grassavam a malária e a ancilostomíase. Desse trecho do relatório, infelizmente incompleto, confirma-se a tão ressaltada cultura científica de Prowazek. Ele demonstra conhecimento bastante amplo de botânica e história natural.¹⁹¹

¹⁹¹ Arquivo Histórico do BNI – Akte 2-8, Reiseberichte. Kongresse: ohne Datum, Stanislas von Prowazek: Zur Mundung des Tieté, 8 páginas.

Menos claras são as atividades as quais se dedicou Gustav Giemsa durante sua estadia em Manguinhos. Apenas um trabalho seu, feito em colaboração com Alcides Godoy, foi publicado nas “Memórias.” Trata da ultrafiltração, método que havia sido há pouco aperfeiçoado por Bechhold, e a aplicação dele para a concentração do soro anti-diftérico produzido no Instituto (Giemsa & Godoy, 1909).

Outro colaborador do *Tropeninstitut* veio se juntar por um curto período a Giemsa e Prowazek em Manguinhos: Ernst Rodenwaldt, médico militar que havia recém-voltado do Togo, na África, sendo incorporado ao corpo de pesquisadores da instituição hanseática.¹⁹² Conforme registra em suas memórias (Rodenwaldt, 1957), ele licenciou-se por dois meses para vir à costa do Brasil como médico de um navio da *Hamburg-Südamerikanischen Dampfschiffahrtsgesellschaft*. Conseguiu o posto graças à intermediação de um colega do *Tropeninstitut* que tinha boas relações com a companhia de navegação (Idem, p. 53). Rodenwaldt conta que sua primeira visita ao chegar ao Rio de Janeiro foi a Oswaldo Cruz. Sua chegada coincidiu com a terrível epidemia de varíola que grassava na cidade. Ele caracterizou Manguinhos como um Instituto que dispunha de todos os mais modernos aparatos científicos da época. Sua equipe – prossegue – havia se formado na Europa e trabalhava com “devotamento apaixonado”. Ele embarcou na lancha rumo a Manguinhos às 6 da manhã, e tomou café junto com os pesquisadores sob as árvores do Instituto. Relata um diálogo entre Oswaldo Cruz e Prowazek que retrata bem as dissonâncias que surgem por ocasião do intercâmbio entre falantes de diferentes idiomas e culturas. Oswaldo Cruz teria perguntado ao protozoologista: “*Lieben Sie Bier?*” (O senhor “ama” cerveja?), ao que respondeu Prowazek gracejando: “*Ich liebe Frauen*” (Eu amo mulheres!) (Idem, p. 55). “Amar”, um verbo que nós latinos empregamos comumente para expressar o gosto pronunciado por alguma coisa, no idioma alemão tem a acepção mais rigorosa de “amor”,

¹⁹² Ernst Robert Karl Rodenwaldt nasceu em Berlim em 5 de agosto de 1878, estudou medicina na Academia Imperador Guilherme de Formação Médico-Militar que concluiu em 1904. Integrou-se ao Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo em 1908, mesmo ano em que foi aprovado no exame médico e no qual veio a lume sua primeira publicação sobre malária. Em 1910 mudou-se com a família para o Tofo, onde permaneceu até 1913. Lá engajou-se no combate da varíola e malária. Atuou como higienista durante a Primeira Guerra, na Turquia. Ainda durante a Guerra realizou observações geomorfológicas com Hein Zeiss, que resultaram em “Estudos sobre malária em Wilajet Aidin”, publicado em 1918. Habilitou-se em 1919 em Heidelberg com estudo sobre a resistência dos plasmódios à malária. Entre 1921 e 1934 atuou nas Índias Holandesas. Os estudos realizados nessa época firmaram-no como um dos mais reputados epidemiologistas no campo da malária. Em 1934 ocupou a cadeira de higiene em Kiel, mas no mesmo ano mudou-se para Heidelberg, onde assumiu a cátedra da mesma disciplina. Ness período ocupou-se principalmente com os estudos sobre higiene racial. Tornou a participar da Segunda Guerra como médico militar, na qual engajou-se principalmente no combate à malária. Após o fim da Guerra foi apreendido pelos ingleses, mas libertado em 1946. Assumiu novamente seu posto em Heidelberg em 1948, depois do processo de desnazificação. Aposentou-se em 1951. Em 1952 fundou centro de pesquisas em geomedicina, na Academia de Ciências de Heidelberg. Faleceu em 1967 (Kiminus, 2001).

sendo que a predileção ou gosto extremado por algo são expressos de outra forma. No Rio, Rodenwaldt visitou ainda a Floresta da Tijuca e o Corcovado, dirigindo-se depois a Santos e São Paulo (Idem, p. 56-8)

No período em que Prowazek permaneceu em Manguinhos, Chagas havia encontrado, durante as obras de profilaxia da malária no norte de Minas, um tripanossoma numa espécie de inseto sugador conhecido popularmente como “barbeiro”. Conforme demonstra Sá (2005, p. 314), Prowazek comunicou na Alemanha que formas do tripanossoma observado por Chagas eram bastante semelhantes aos hemosporídios intracelulares, no tocante à esquizogonia e ao período de vida intracelular, além de não apresentar formas móveis de reprodução. Chagas publicou nos *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene* a ocorrência de dois tripanossomas o *Trypanosoma minasense*, que ele havia encontrado em macacos e o *Trypanosoma cruzi*, nova espécie constatada no intestino dos barbeiros (Idem, p. 314). Conforme ele próprio afirmara, os estudos do ciclo de vida da nova espécie de tripanossoma haviam ocorrido sob supervisão de Prowazek. Depois que retornou à Alemanha, este publicou um estudo sistematizando os conhecimentos sobre os tripanossomas. Referiu-se ao trabalho do pesquisador de Manguinhos como uma evidência de que aqueles protozoários desenvolviam-se nos vetores, questão controversa à época, muito embora o trabalho do pesquisador do Instituto de Doenças Infecciosas de Berlim Friedrich Karl Kleine defendesse isso para o caso da doença do sono (Idem, p. 315). Em abril de 1909 Chagas fecharia o ciclo do novo tripanossoma, ao surpreendê-lo no sangue de uma criança encontrada no mesmo local onde flagrara barbeiros infectados. Apontou-o como patógeno de uma doença, cujo desenho clínico e epidemiologia conformar-se-iam, nos anos seguintes, entre avanços e recuos, dilemas e controvérsias, conforme demonstra Kropf (2006). Designada “doença de Chagas”, ela tornar-se-ia a principal conquista de Manguinhos e assumiria significados estreitamente relacionados com as propostas de intervenção de seus pesquisadores no espaço público (Idem).

Em meio às turbulências trazidas pela nova “descoberta”, chegou em Manguinhos o protozoologista alemão Max Hartmann, ligado, como Prowazek, à Fritz Schaudinn. Hartmann era pesquisador do Instituto de Doenças Infecciosas de Berlim, dirigido por Koch.¹⁹³ Havia

¹⁹³ Max Hartmann nasceu em 1876. Formou-se em ciências naturais na Universidade de Munique, onde doutorou-se em 1901. Entre 1902 e 1905 foi *Privatdozent* no Instituto de Zoologia da Universidade de Giessen. Em 1903 apresentou tese de livre-docência sobre os modos de reprodução dos organismos, uma demonstração do que seria a tônica de sua produção científica – as teorias da sexualidade. Por influência de Fritz Schaudinn,

assumido, junto com Prowazek, a direção do *Archiv für Protistenkunde* (Arquivo de Protozoologia), criado por Schaudinn. Em Manguinhos, Hartmann trabalhou de forma bastante próxima com Chagas. Estudaram juntos flagelados encontrados nas fezes de uma tartaruga, investigação que levou à identificação de uma nova espécie de ameba, a qual o alemão denominou *Entamoeba testudinis* (Hartmann, 1910). Fizeram ainda amplo inventário dos flagelados que encontraram em frascos de água doce originários dos pântanos de Manguinhos. O estudo daqueles protozoários tinha em mira comprovar o sistema classificatório que Hartmann havia estabelecido com Prowazek, bem como algumas concepções defendidas por Schaudinn, como a da duplicidade nuclear das células desses microrganismos (Hartmann & Chagas, 1910). Em meio à multidão de flagelados analisados, encontraram uma ameba que apresentou uma forma muito peculiar de divisão nuclear, sendo objeto de outra publicação nas “Memórias” (Hartmann & Chagas, 1910b).

As concepções da “escola de protozoologia” de Schaudinn, representada por Prowazek e Hartmann, impactaram no modo pelo qual Chagas descreveu o ciclo de vida do tripanossoma envolvido na nova patologia humana. Conforme demonstra Kropf (2006), uma das confirmações disso é a interpretação que ele deu às formas encontradas no pulmão de animais infectados – considerou-as como estágios da divisão esquizogônica do parasita, uma característica que confirmava a hipótese de Schaudinn da estreita relação entre os tripanossomas e os hemosporídios. O *Trypanossoma cruzi* reforçava a sugestão de Hartmann, de alocação dessas duas categorias de protozoários sob uma nova ordem – a *Binucleatta* (Kropf 2006, p. 96).

Em 1912, foi a vez do ex-professor de Rocha Lima, Hermann Dürck, vir a Manguinhos para organizar o serviço de anatomopatologia ligado ao Hospital que seria criado junto ao Instituto. Permaneceu ali durante seis meses, estadia que também não deixou muitos registros nas fontes consultadas. Segundo Fonseca Filho (1976), Dürck não exerceria influência significativa na conformação da patologia em Manguinhos. Àquelas alturas, Rocha

transferiu-se em 1905 para o Instituto de Doenças Infecciosas de Berlim, no qual implantou o departamento de protozoologia. Esse mesmo departamento ele assumiu em 1914 no Instituto de Biologia Imperador Guilherme (*Kaiser-Wilhelm Gesellschaft Institut für Biologie*), em Dahlem, Berlim. Tornou-se diretor do instituto entre 1933 e 1955. A importância de Hartmann para a biologia consiste principalmente em suas contribuições para a compreensão dos mecanismos envolvidos na reprodução e as teorias de sexualidade dos seres. Seus estudos sobre protozoários estavam relacionados a esse aspecto. Considerava mais simples o estudo desses mecanismos em organismos unicelulares. Voltou-se contra o vitalismo e o puro mecanicismo e defendeu a aplicação do pensamento causal na biologia. Faleceu em 1962. (Dolezal, H. M. Max Hartmann. In *Neue Deutsche Biographie*, 8. Band. Berlin: Duncker & Humblot, 1969.

Lima já ganhava renome no estrangeiro. Em 1909, partiu para a Alemanha, inicialmente para ocupar o cargo de assistente de Dürck no Instituto de PAto. O afastamento de Manguinhos e questões envolvendo a prorrogação da licença e o sucessor da vaga deixada por ele provocaram a ruptura com Oswaldo Cruz. Ressentido com a atitude deste, continuou acompanhando atento os conflitos envolvendo os ex-colegas e a complexa correlação de forças que operou novos realinhamentos, relacionados, entre outras coisas, à hierarquia sacramentada pelo novo regulamento do instituto.

1.9. Rocha Lima, a ruptura com Oswaldo Cruz e o “sultanato” de Manguinhos

Assume-se que a ida de Rocha Lima para a Alemanha em 1909 tenha sido motivada pelo convite feito pelo ex-professor Hermann Dürck para assumir o cargo de assistente-chefe do Instituto de Patologia da Universidade de Jena, na qual havia sido recém-nomeado catedrático. Mas carta enviada a ele por Oswaldo Cruz em junho de 1909 sugere que esse convite surgiu quando ele já estava lá. “Acabo de receber um cartão postal seu, datado de Jena, e em que você tem a gentileza de me comunicar estar aí exercendo as funções de primeiro assistente do Instituto Patológico da Universidade.”¹⁹⁴ Depreende-se, daí, que o cargo em Jena não foi o motivo do afastamento, ou que Rocha Lima só tenha divulgado mais tarde o fato de tê-lo assumido. Oswaldo Cruz felicitou o colaborador pela conquista e disse estar ainda mais contente pelo fato dele ter aceito o cargo apenas por prazo determinado, “o que me faz ter a esperança de ter o prazer de vê-lo de novo entre nós, o que para todos nós seria motivo de grande satisfação”, acrescentou.¹⁹⁵

A licença concedida a Rocha Lima previa seu afastamento até meados de 1910. Ele permaneceu em Jena até setembro de 1909, quando então, por indicação de Prowazek, foi convidado para organizar no Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, a seção de patologia. É bem provável que o convite tenha ocorrido ainda no período em que o protozoologista estava no Instituto Oswaldo Cruz. As circunstâncias concernentes a esse convite são obscuras. É possível que ele tenha sido motivado pelo fato de nosso personagem ser especializado em anatomia patológica e familiarizado com o idioma alemão e com a ciência germânica. Sabe-se que Rocha Lima dirigiu seção própria na instituição alemã, voltada exatamente àquele ramo de investigação. Nenhum dos quadros que à época atuavam

¹⁹⁴ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 01.06.1909.

¹⁹⁵ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 01.06.1909.

no instituto possuía expertise em anatomia patológica. Havia um esforço em expandir o escopo de estudos através da incorporação de especialistas em diferentes áreas da medicina experimental. Não foi possível saber se o convite feito ao pesquisador brasileiro previa sua permanência no Instituto, ou apenas uma temporada de estudos. A segunda hipótese parece mais provável.

A escassa e lacunar correspondência de Oswaldo Cruz e Rocha Lima entre meados de 1909 e começo de 1910 sugerem um estremecimento na relação entre os dois. Em carta de janeiro de 1910, já em Hamburgo, o segundo agradeceu os votos de congratulação recebidos em seu aniversário, em 24 de novembro último:

Tenho o prazer de lhe comunicar que eles já se vão realizando e que a realidade tem sempre ultrapassado as minhas mais róseas esperanças, de modo que permaneço na convicção de ter acertado, embora sempre admita a possibilidade de me transformar com o tempo e com a idade. Não tem esta porém por fim importuná-lo com considerações sobre o meu modo de pensar, de sentir ou de agir, visto como sou infelizmente obrigado a admitir que nem seis anos de trabalho e convívio bastam para me permitir o direito de ter certa delicadeza de sentimentos e muito menos o de ter a franqueza de externar aquela sendo ousadia e esta desaforo. Muito antes tem esta humildade carta o fim de lhe desejar um ano cheio de alegria, saúde e felicidade...¹⁹⁶

O “prezado Dr. Oswaldo” cedia lugar ao “Ilustríssimo Senhor Doutor Oswaldo”, expressão do tom mais protocolar que Rocha Lima imprimia à correspondência. Seria uma reação ao fato de Oswaldo Cruz, em sua interpretação, ter “cada vez mais transformado o tom amigável em estilo primeiramente oficial e seco”, conforme afirmou nosso personagem em carta a Arthur Neiva?¹⁹⁷ Na sequência da carta com Oswaldo Cruz, ele expressou a satisfação que tinha com “as boas notícias dos progressos e dos trabalhos de Manguinhos.” Na missiva de junho de 1909, Oswaldo Cruz havia lhe comunicado a descoberta de uma nova doença humana por Chagas, que seria publicada nos *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*.¹⁹⁸ Nosso personagem disse ainda estar satisfeito com a saída do sanitarista da diretoria de Saúde Pública. O fato de ter deixado em seu lugar Figueiredo de Vasconcelos – prosseguiu – havia amainado entre os alemães o temor de que a febre amarela voltasse. Transmitiu as

¹⁹⁶ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 06.01.1910.

¹⁹⁷ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 28.10.1910. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

¹⁹⁸ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 06.01.1910.

considerações feitas por Prowazek sobre trabalhos de José Gomes de Faria e Arthur Moses, os pedidos dele por novas remessas de barbeiro e perguntas de Rodenwaldt, sobre artigos referentes à distribuição e tipos de ancilóstoma no Brasil e de Fülleborn, sobre as malhas utilizadas na profilaxia da febre amarela e os hábitos domiciliares do *Stegomyia*. A outra pergunta que dirigiu a Oswaldo Cruz dizia respeito aos trabalhos de Chagas e era meio capciosa: queria saber - “se não for segredo”, salientou – quantos tripanossomas o colega havia observado e em quantos indivíduos. Justificou-a pelo objetivo de “desmanchar algumas dúvidas aqui ouvidas”.¹⁹⁹ Antecipava, dessa forma, críticas e questionamentos relativos à descoberta de Chagas, que atribuía aos alemães, mas que bem podiam também ser suas.

Em carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de março de 1910, as tensões aparecem de forma mais clara, relacionadas à renovação da licença do primeiro e ao que interpretou como sinais de animosidade:

Junto remeto os dois requerimentos que julgo estarem de acordo com as praxes e com o seu modo de pensar. Só lamento e lamento imensamente, que quando pela primeira vez lhe pedi a minha exoneração não m'a tenha querido dar, e que desde então, ao lado dessa generosidade, me tenha excluído da sua intimidade, da intimidade do Instituto, até das suas resoluções concernentes a meu serviço, terminando por me retirar o único auxiliar que eu tinha, deixando vago o lugar dele, manifestações evidentes de desconsideração para quem conhece a sua costumeira gentileza. Estou certo que não faltará quem julgue tudo isto bem pago com a garantia de um emprego de 1:200\$. Eu infelizmente preferiria mil vezes que me tivesse demitido imediatamente, mas que conservasse ao menos aparentemente a simpatia e consideração que até então me dispensara, sentimentos esses que eu prezava acima de tudo, como só se preza os dos raríssimos indivíduos que se pode estimar e admirar completamente.²⁰⁰

Em explicação feita posteriormente a Arthur Neiva, Rocha Lima esclareceu que, ao se aproximar o prazo de expiração da última licença e sem Oswaldo Cruz se manifestar acerca de sua renovação, passando a empregar o já referido estilo “oficial e seco”, decidira pedir exoneração do cargo, “não se julgando com direito de ter prorrogado a licença”, termos que teria empregado no requerimento ao diretor de Manguinhos. Acompanhemos o esclarecimento feito *a posteriori* pelo nosso personagem:

¹⁹⁹ *Idem*

²⁰⁰BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 02.03.1910.

Se fosse um esquecimento do Oswaldo, esse requerimento permitia uma nova licença, e se fosse desejo de que eu deixasse o lugar, também o requerimento servia. Oito ou quinze dias depois (eu já havia escrito demasiado tarde para que se não dissesse que eu insistira) recebi uma carta do Oswaldo e em que entre outras coisas dizia-me sem mais: ‘já é tempo de renovar a sua licença’. Era tarde e como de fato eu não tinha intenção de voltar (estou aqui instalado com contrato (casa) de 3 anos) e não está de acordo com a minha natureza representar comédias hipócritas para disso tirar proveito, escrevi francamente ao Oswaldo dizendo que já havia requerido a demissão e que não podia agora requerer o contrário. Creio que assim que o meu requerimento chegou ao Rio, foi levado ao ministro, de modo que se a resposta à carta de Oswaldo fosse no sentido de revogar o pedido de demissão, ela já estaria dada.²⁰¹

A correspondência depositada no arquivo pessoal de Oswaldo Cruz não inclui algumas das cartas referidas por Rocha Lima a Neiva. Na missiva de 2 de março de 1910, em sequência às linhas acima citadas, nosso personagem trata de um trabalho sobre febre amarela, no qual indaga a Oswaldo Cruz sobre a conveniência de publicá-lo numa revista alemã ou nas “Memórias.” Em seguida, tece algumas considerações sobre esta, com vistas a otimizar sua circulação e reconhecimento. Observou que ele e outros cientistas alemães tinham a impressão de uma circulação limitada. Muitos haviam recebido apenas o primeiro número, além de ver como uma grande falta não remeter exemplares para a redação de revistas internacionais, como os “*Archiv*” e os “*Bulletin*” do Instituto Pasteur. Apontou também como falha o fato de não distribuírem separatas, sendo “supérfluo insistir sobre o papel que representam nas relações científicas individuais.”²⁰² Em carta escrita nove dias depois (11 de março) em resposta a uma de Oswaldo Cruz de 09 de março (não localizada), trata apenas de questões referentes às consultas dos colegas alemães e de uma medalha do sanitarista brasileiro que teria sido distribuída a alguns pesquisadores alemães, sem identificação, tendo originado mal-entendidos.²⁰³ Não há nenhuma menção ao pedido de prorrogação ou extensão da licença. A última carta desse período que se encontra no arquivo é uma de Oswaldo Cruz, de 29 de março de 1910, no qual ele comunica ter recebido os requerimentos do pedido de exoneração: “De acordo com seus desejos encaminhei os referidos papéis e junto lhe envio o decreto em que é feita sua vontade. Excusado dizer-lhe que o Instituto continua sempre à sua disposição e que faço votos para que aí encontre a

²⁰¹ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 28.07.1910. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²⁰² BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 02.03.1910.

²⁰³ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 11.03.1910.

felicidade que almeja.” Em relação ao trabalho sobre a febre amarela, afirmou apenas que ele seguisse seus interesses pessoais e científicos. Sobre as memórias, reconheceu que apresentavam, “não as qualidades, mas a série de inconvenientes que nos fez a gentileza de assinalar”. E saudou-o como o “colega atenciosamente obdo. Gonçalves Cruz.”²⁰⁴

O tom empregado por Oswaldo Cruz é protocolar e de evidente distanciamento. Na carta em que esclareceu a Neiva as razões do rompimento e da decisão de permanecer na Alemanha, Rocha Lima atribui a tensão ao fato de “escrever daqui muitas verdades ao Oswaldo, procurando chamar a atenção dele para o bem estar moral de quem, o admirando e auxiliando com prazer, não abdica do direito de ter individualidade e brio.” Dessa forma, “passou o Oswaldo a ser para mim o Dr. Gonçalves Cruz”, emendou²⁰⁵ Nas duas cartas de março de 1910 que se encontram no arquivo, as únicas “verdades” ditas por Rocha Lima são aquelas alusivas às “Memórias” e a contrariedade com aquilo que interpretou como sinais de afastamento e ressentimento, expressas no trecho supracitado. Na versão de nosso personagem, o fato de Oswaldo Cruz não receber bem as críticas que lhe vinha fazendo seriam a principal razão do progressivo esfriamento das relações entre eles:

Não podendo citar nomes e não querendo parecer arvorar-me em intérprete de qualquer grupo, procurei em cartas sucessivas ao Oswaldo, como fatos passados comigo como o meio em Manguinhos já não oferecia o conforto moral de outras épocas, e como ele (Oswaldo) também já se ia transformando à custa do incenso, a ponto de quase encarar como um crime a franqueza que tive de sustentar os verdadeiros motivos da minha vinda para cá, e de passar a me tratar com o muito conhecido sorriso amabilíssimo de superior indiferença, de me afastar de todas as questões do Instituto, até daquelas que me interessavam de perto, de me afastar da casa dele para onde eu era anteriormente frequentes vezes convidado, de me tirar o único auxiliar, deixando vago o lugar, enfim de uma série de pequenos fatos que demonstram provas de desconsideração, a quem cometeu o grande crime de ter escrúpulos de pedir uma licença, de o prevenir com seis meses de antecedência das intenções que tinha e dos motivos reais delas.²⁰⁶

Como os relatos sobre essa ruptura nos são conhecidos apenas de uma parte e como a documentação desse período é lacunar, faltando as cartas que Oswaldo Cruz enviou a Rocha

²⁰⁴BR RJCOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 29.03.1910.

²⁰⁵ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 28.07.1910. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²⁰⁶ Carta de Rocha Lima a Neiva, Faria e Moses. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

Lima por quase um ano (de 01 de junho de 1909 a 29 de março de 1910), só podemos aproximar-nos dos reais motivos que a causaram através de hipóteses. Benchimol & Teixeira (1993, p. 35-8) lançam algumas suposições interessantes a esse respeito:

Teria Oswaldo Cruz forçado a vacância do cargo para que fosse ocupada por assistente que considerava mais apto? Teriam pactuado isso antes da partida de Rocha Lima? Teria este, de algum modo, postergado sua demissão como trunfo para indicar o sucessor de sua preferência? (Idem, p. 37).

Nessa leitura, o nó górdio da desavença seria o concurso relativo à sucessão de Rocha Lima. Os mesmos autores sugerem ainda que a contrariedade de Oswaldo Cruz teria surgido já com o pedido de licença feito por Rocha Lima, com seis meses de antecedência, ou seja, “quando terminava o contrato de Prowazek e Giemsa, no momento crucial da descoberta de Chagas”. Os autores identificam o motivo do desgosto “por [Oswaldo Cruz] achar que seu lugar-tenente não devia abandonar o barco em momento tão importante” (Idem, p. 36). É bem possível que o diretor de Manguinhos tenha ficado, de fato, contrariado com o afastamento de Rocha Lima exatamente quando procurava conjugar os esforços de seus subordinados na estabilização da descoberta de Chagas. A expertise dele na anatomia patológica figurava essencial para a confirmação do desenho clínico da doença e sua aceitação como nova entidade nosológica.

Apesar desse possível ressentimento, Oswaldo Cruz manteve o tom cordial na carta de junho de 1909, pois tinha como certo o retorno de seu colaborador, que levava em alta conta. O tom da carta em que comunica aceitar a exoneração de Rocha Lima sugere a contrariedade com que o fazia. Por outro lado, não deixava dúvidas de que a intenção era pôr um termo nas estreitas relações cultivadas até então. A Rocha Lima não passou despercebida a intenção da atitude: “A minha exoneração me foi por ele comunicada em termos oficiais. Sobre a minha atividade em Manguinhos, nem uma palavra. Fui despedido como um Jaó qualquer... Um ano antes a minha demissão me era negada.”²⁰⁷ Nosso personagem afirmou a Neiva que teria sido mais cômodo e “agradável” que permanecesse como chefe de serviço licenciado, “do que estar aqui empregado em uma terra estranha.”²⁰⁸ “Mas, para isso, era preciso sacrificar o ‘panache’ e viver cultivando as boas graças de quem tudo pode e manda”, acrescentou logo

²⁰⁷ Carta de Rocha Lima a Neiva, Faria e Moses. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²⁰⁸ Carta de Rocha Lima a Neiva de 28.07.1910. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

em seguida. Essa fala alude a aspecto já referido por Benchimol & Teixeira (1993, p. 39), sobre o fator conjuntural responsável pelo estremecimento das relações de Oswaldo Cruz e Rocha Lima: “a clivagem profunda entre dois períodos da história de Manguinhos”, delimitada pelo novo regulamento institucional. Este conferiu caráter formal à hierarquia que já existia anteriormente, mas que era contrabalançada – defendem os mesmos autores (Idem, p. 33) – por uma divisão igualitária de trabalho, pela falta de especializações, pelo fato de quase todos terem a mesma idade (Stepan (1976) também chama atenção para esse fato) e pela coesão catalisada pela luta contra os adversários e pela precariedade material. Numa das cartas a Neiva, Moses e Faria, Rocha Lima alude a esse período idílico, em que teria reinado a mais perfeita harmonia:

Como me lembro com saudade sempre crescente daquelas tardes e noites, quando extinto o rebuliço do Instituto, palestrávamos em pequeno grupo de indivíduos capazes de sentir os sentimentos uns dos outros, principalmente no assunto principal de nossas conversas: o nosso Instituto.²⁰⁹

Uma das críticas de Rocha Lima a Oswaldo Cruz teria sido exatamente a introdução, pelo novo regulamento, de desníveis hierárquicos, como o posto de chefe de serviço, que ganhava mais que os assistentes e desfrutava de uma série de regalias: “Além disso, fiz ver lhe quão ridícula é a posição do chefe de serviço em Manguinhos, ganhando mais do que os outros sem ter uma só atribuição, uma só razão de existir.”²¹⁰ Quando Oswaldo Cruz estava na diretoria de Saúde Pública, Rocha Lima acompanhava mais de perto os trabalhos em Manguinhos, e tinha maior espaço de manobra em relação às decisões do instituto. Na medida em que agora o sanitarista ocupar-se-ia exclusivamente do seu “jardim de infância da ciência”, aquela “dualidade de lideranças” (Benchimol & Teixeira, 1993, p. 38) daria lugar a posições mais bem definidas e confronto de opiniões, que, na visão de Rocha Lima, levaria de qualquer forma à ruptura:

Se eu lá estivesse em uma ocasião destas, eu, devido à minha proximidade do Oswaldo seria obrigado a me afastar dele e a qualquer agrupamento que me unisse, não faltaria quem me atribísse o desejo de chefiar grupo ou me dar importância organizando oposição em que eu representasse o glorioso papel de ‘chefete’ (pela idade e título fiduciário [chefe de serviço])²¹¹

²⁰⁹ Carta de Rocha Lima a Neiva, Faria e Moses. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²¹⁰ *Idem*

²¹¹ *Idem*

Rocha Lima alude aqui a alinhamentos de grupo que demonstram a profundidade da clivagem que cindiu a comunidade de Manguinhos, aspecto que introduzida naquele meio. Ela tornou-se mais clara no concurso feito para a vaga deixada por ele. Quando foi estabelecido o novo regulamento, a ocupação dos cargos de chefe de serviço por este e por Figueiredo de Vasconcelos foi aceita como algo “natural”, em vista do maior tempo de trabalho no Instituto. Com uma vaga aberta abriu-se a disputa do cargo, que seria preenchido através de concurso. O critério estabelecido por Oswaldo Cruz baseava-se na avaliação da quantidade e qualidade dos trabalhos publicados, parâmetro com o qual Rocha Lima não concordava:

Quão imoral e prejudicial seria a escolha de trabalhos publicados como critério para um julgamento esforçou-se até o Prowazek em demonstrar ao Oswaldo, principalmente pelas consequências de ordem moral em relação aos demais membros do Instituto. Mas, infelizmente, é um fator nulo para o Oswaldo o moral de quem lhe é subordinado (...) Onde é que já se viu a idéia de fazer uma classificação oficial de méritos individuais em um meio de indivíduos destinados a trabalhar juntos? Haverá um meio melhor de produzir desunião e descontentamento? Se ao menos fosse um meio de escolha justo, um meio mais perfeito, mais objetivo ainda haveria uma desculpa. Mas um processo, no qual mesmo com a máxima seriedade é completamente impossível haver equidade, pela diversidade dos assuntos e pela manifesta incapacidade de uns julgadores em muitos dos assuntos julgados, não tem justificativa alguma (...) Acho um despropósito e uma injustiça querer fazer-se uma classificação por méritos científicos. Quem pode provar que o Aragão, o Chagas, o Neiva ou o Godoy no domínio das especialidades, seja cientificamente superior ou inferior uns aos outros? (...) Não se pode exigir que quem ocupa de sistemática zoológica descubra a cura do câncer ou a quadratura do círculo. Por outro lado, a soma de trabalhos publicados em um Instituto que acaba de se organizar e no serviço material do qual muitos e muitos meses ou até anos de trabalho foram anônima e esterilmente sacrificados, e onde a distribuição desse serviço é completamente desigual e inconstante, é o maior absurdo que se pode imaginar.²¹²

De acordo com as regras de Oswaldo Cruz, cada um avaliaria o trabalho do outro. Benchimol & Teixeira (1993, p. 39-43) relatam detalhadamente o processo que acabou por elevar Chagas à posição de chefe de serviço, sacramentando, dessa forma, a preferência do diretor de Manguinhos. Para Rocha Lima, que preferia que o cargo ficasse nas mãos de Aragão, o concurso revelara a debilidade moral de Oswaldo Cruz. “Se alguém me dissesse

²¹² *Idem*

que o Oswaldo seria capaz de fazer uma eleição como a atual eu nem responderia: sorriria com desprezo, tal a confiança na robustez moral dele que eu depositava”, escreveu a Neiva, Moses e Faria. Argumentou a eles que sua indignação não era pela escolha de Chagas em detrimento de Aragão, mas a “hipocrisia e jesuitismo.” “A vontade do Oswaldo, mesmo não pronunciada, venceria forçosamente”, afirmou. Concordou até que a escolha de Chagas “corresponda, do melhor modo, aos interesses do Instituto, mas a maneira por que foi feita é de tal forma deprimente, que por grande que fosse a vantagem, ter-se-ia anulado.”²¹³ Em sua opinião, ela poderia ter sido feita “com superioridade e justiça”, de modo a não dar margem a nenhuma refutação. Via como enorme injustiça não levar em conta o valor daqueles que haviam ajudado a erguer o Instituto, sem levar vantagem alguma com isso:

...há maior imoralidade do que anular o valor do trabalho insano e anônimo de quem como o Aragão em época de organização do Instituto, durante a transformação da fábrica de soro em um Instituto científico, sacrificou um esforço colossal nessa obra? Em 1903, quando o Oswaldo deixou o Instituto só havia ali quem soubesse preparar soro e contar glóbulos de sangue. Era toda a ciência do Instituto. Terá o Oswaldo o poder milagroso de sozinho, vindo durante algumas horas conversar e ver as obras do Instituto, transformar a fábrica de soro em um meio científico de primeira ordem? Ou para isso contribuiu eficazmente um pequeno grupo de indivíduos dedicados e trabalhadores, que em vez de se encarceirarem em uma especialidade e procurarem publicar o máximo de trabalhos possível como nos Institutos já organizados, despenderam todo o esforço em desenvolver o núcleo científico do Instituto em todos os sentidos? Não é que eu faça questão da minha parte, estou escrevendo a amigos, mas é que a parte do Aragão, que a meu ver é muito grande, não pode sem grandes injustiças ser anulada.

Os critérios propostos por Rocha Lima, como bem advertem Benchimol & Teixeira (1993, p. 43), não estavam livres de contradições e nem eram tão justos quanto ele defendia. Por capacidade científica ele só incluía o Aragão, Neiva e Chagas. Fontes era excluído “sem comentários”, Godoy porque era “apaixonado e irritadiço”. Contra Aragão, depunha o seu gênio forte, contra Chagas, “os horizontes mundanos do provincial, a preocupação de ser boa pessoa”, contra Neiva, o fato de atuar mais como zoólogo, podendo desfigurar o perfil de Manguinhos, transmutando-o num instituto de zoologia.

²¹³ *Idem*

Ao defender a nomeação de Aragão nas cartas escritas a Arthur Moses, Arthur Neiva e Gomes de Faria, Rocha Lima procurou aglutinar em torno de si aqueles que se opunham a um certo aulicismo que identificava nos que gravitavam ao redor de Oswaldo Cruz e Chagas – Cardoso Fontes, Figueiredo de Vasconcelos, Ezequiel Dias e Alcides Godoy aglutinar em torno de si aqueles (Benchimol & Teixeira 1993, p. 38). Não obstante estar “muito bem” em Hamburgo, tendo dado “o passo mais acertado” de sua vida e ter tomado “a resolução mais feliz”, ele queria manter a influência sobre a dinâmica interna de Manguinhos. Pediu a seus “aliados” para ser mantido a par de tudo, “pois tudo aí me interessa extraordinariamente”. Não deixou de preconizar-lhes o modo de conduta que considerava ideal para enfrentar a “oligarquia” de Oswaldo Cruz e seu séquito: “a resistência passiva”. Paradoxalmente, sugeriu que evitassem a formação de grupos: “Qualquer grupo tomaria forma de oposição, porque quem não é incondicional é inimigo. Além disso, o Oswaldo tem grandes tendências autocráticas e tem ao seu lado a maioria dos efetivos. Tudo isto tornaria inútil o esforço de um pequeno grupo”.²¹⁴ Aragão, que ainda estava na Alemanha mas estava para retornar ao Rio, compartilhava dessa forma de pensar e adotaria a postura “de evitar todo e qualquer atrito, de não discutir princípios e de ter apenas pelo Instituto o interesse que um bom empregado público tem pelas suas funções”. Nosso personagem aduziu o episódio de sua demissão e da sucessão em Manguinhos como reveladores do verdadeiro caráter do meio no qual atuavam. “As desilusões que eu tenho tido, vocês nunca terão, porque com a minha saída, tiveram oportunidade de tomar o pulso ao meio, e agora o que têm a fazer é manobrar cuidadosamente nele, para evitar atritos e aborrecimentos”, asseverou.

Segundo Rocha Lima, os conflitos em Manguinhos e seu controverso afastamento do Instituto foram objetos de boatos que atravessaram o oceano. Um amigo, alheio à instituição, teria lhe dito que era alvo de severas críticas dos antigos assistentes. Outro lhe contara que no Rio alguns atribuíam sua ida à Europa a uma suposta briga com Neiva. As notícias corriam, e ele queria tomar pé de tudo o que ocorria em Manguinhos. Pediu que Neiva o inteirasse de uma suposta questão que tivera com Oswaldo Cruz a respeito da viagem que planejava fazer aos Estados Unidos. “Estimaria saber o que houve. Soube também que as suas relações com o atualmente todo poderoso Godoy não são cordiais. Não sei, porém, dos detalhes.”

Rocha Lima procurou demonstrar aos ex-colegas a dimensão de seu ressentimento com Oswaldo Cruz. Colocou-se na posição de tremendo injustiçado. A decepção que havia

²¹⁴ *Idem*

tido com o mestre teria sido “um dos maiores desgostos” da sua vida. “Eu tenho, porém, esperanças, que o Oswaldo, tendo conseguido encaminhar o Chagas, volte a ser tolerante, e se preocupe mais com todos, de modo que ao menos em parte o bem estar e a confiança se regenerem”, escreveu a eles. Ao fazer valer a sua versão dos fatos, Rocha Lima procurava desfazer a impressão de que havia “abandonado o barco” e neutralizar qualquer campanha contrária da qual fosse alvo em Manguinhos. É provável que por trás dessa atitude, houvesse também certo ressentimento em relação à posição privilegiada que Chagas passava a ocupar no âmbito afetivo do “mestre”, principalmente depois da descoberta. O favoritismo manifestado no concurso teria sido apenas uma das facetas disso. Na carta em que encaminhou a Oswaldo Cruz seu pedido de exoneração, correlacionou a postura de indiferença adotada por ele a ambições por seu cargo: “Estou certo que não faltará quem julgue tudo isto bem pago com a garantia de um emprego de 1:200\$”, comentara. Tempos depois, relatou a Neiva episódio envolvendo Chagas e Moraes, que havia recém-voltado de Hamburgo, onde passara uma temporada com ele. Segundo Rocha Lima, Chagas teria perguntado a Moraes, se este tinha algo contra sua pessoa, uma vez que havia estado com o ex-colaborador de Manguinhos. Depois do arquiteto responder que não haviam tratado de sua pessoa, teria dito: “Ele pensa que eu quero o lugar dele, mas em caso algum quero o lugar deixado pelo sr. Dr. Rocha Lima”. O episódio teria se passado antes do concurso de 1910. Ao fim do relato desse episódio, acrescenta Rocha Lima: “sem comentários”.²¹⁵ Deduz-se, daí, que circulava a idéia de que Oswaldo Cruz teria articulado para que a vaga de chefe de serviço caísse nas mãos de Chagas.

O destaque assumido por Chagas com a descrição da nova tripanossomíase humana também serviu para desestabilizar aquele coletivo, no qual a competitividade e a vaidade não eram componentes estranhos. Com ela, concentraram-se os esforços na consolidação dos enunciados que rendiam louros ao “descobridor”, ainda que Oswaldo Cruz colocasse a “descoberta” como emblema de um projeto institucional (Kropf, 2006). Na apreciação dos trabalhos para o concurso de 1910, Rocha Lima procurou minorar os méritos de Chagas pela descrição da nova doença:

Será mais difícil saber que a filária, que o tripanossoma ou que o mosquito é novo? (...)

Embora se aceite como fato provado que a descoberta de um agente patogênico é

²¹⁵ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 29.04.1911. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

forçosamente um grande benefício para a humanidade, parece-me nisso há mais sorte do que mérito, desde que se trata de ver por processos comuns uma coisa que o acaso nos coloca diante dos olhos.²¹⁶

Neiva foi um dos que contribuíram para sedimentar a descoberta de Chagas, ficando responsável por aprofundar os estudos sobre o inseto transmissor, cuja biologia eram pouco conhecidas. Foi para os Estados Unidos, onde trabalhou com os renomados entomologistas Leland Ossian Howard, Harrison Gray Dyar e Frederick Knab (Benchimol & Sá 2006, p. 128). De lá partiu para a Europa, onde visitou museus de história natural. Esteve também em Hamburgo. Ao ser informado por ele, de que prosseguia em Manguinhos a campanha contra seu nome, Rocha Lima comentou:

não acho isso absolutamente desagradável, pelo contrário, é um bom sinal. Traz-me a certeza de que teria neles os amigos mais entusiasticamente dedicados no dia em que por acaso tivesse influência ou força, principalmente sobre a distribuição de alguma verba do tesouro.²¹⁷

Rocha Lima mencionou de forma irônica a Exposição de Higiene de Dresden, prevista para ocorrer em meados de 1911 e da qual Manguinhos participaria: “Há aqui agora uma exposição de tapetes, creio que Manguinhos exporá o ‘Roulant’ de patente e tirará com certeza mais uma medalha.”²¹⁸ Na Exposição Internacional de Higiene e Demografia de Dresden, a participação brasileira incluiu os trabalhos de Prowazek e Aragão sobre a varíola, campanha contra a febre amarela realizada por Oswaldo Cruz em Belém, coleções de Lutz e Neiva, trabalhos de Cardoso Fontes sobre tuberculose e o principal chamariz que foi a Doença de Chagas. Um filme foi exibido, provocando entusiasmo entre os presentes (Benchimol & Teixeira 1993, p. 45-6).

Figueiredo de Vasconcelos escreveu a Rocha Lima de Dresden em maio de 1911. Oswaldo Cruz havia partido para o Pará, a pedido de João Pedroso. Estavam ele, Moraes e Cardoso Fontes na cidade alemã. Pediu que o pesquisador do *Tropeninstitut* o procurasse no Pavilhão Brasileiro caso fosse à Exposição de Higiene.²¹⁹ Dias antes da Exposição fechar, em

²¹⁶ Carta de Rocha Lima a Neiva, Moses e Faria. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²¹⁷ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 29.04.1911. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²¹⁸ *Idem*

²¹⁹ Carta de Figueiredo de Vasconcelos a Rocha Lima de 31.05.1911, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

outubro de 1911, informou a Rocha Lima que passaria um dia em Hamburgo. Seu interesse era visitar um forno incinerador de lixo.²²⁰ Rocha Lima providenciou a visita e o ciceroneou na cidade hanseática.²²¹ Enquanto ele providenciou para Vasconcelos carrapatos infectados e culturas solicitadas por Oswaldo Cruz, o pesquisador de Manguinhos forneceu ao ex-colega cobaias infectadas com tripanossomas.²²² Veremos no próximo capítulo que foi por meio delas que nosso personagem realizaria, junto com Martin Mayer, as pesquisas sobre a doença de Chagas. Cardoso Fontes foi buscar os carrapatos e culturas em Hamburgo, já em fins de dezembro de 1911. Vasconcelos pediu que Rocha Lima mostrasse a ele o processo de conservação dos insetos a fim de que pudessem aplicar o mesmo método em Manguinhos.²²³ Técnicas e conhecimentos fluíam no vaivém de pesquisadores entre o porto de Hamburgo e do Rio.

Conforme relatou a Neiva, o assunto com Vasconcelos e Fontes girou em torno de Manguinhos. Com o segundo, tomou um café em companhia de Giemsa, mas que logo os deixou visto não ser possível uma conversa entre eles devido ao idioma. Descreveu então, as impressões que colheu dos colegas, que como vimos, estavam no “campo oposto” ao do seus “aliados” (Neiva, Aragão, Moses e Faria):

A impressão que me ficou foi uma mistura de tristeza e asco. A aversão que eu infelizmente sinto pelo nosso meio cresceu enormemente (...) Uma coisa verifiquei: os membros da corte celeste não estão absolutamente mais contentes com o estado de coisas no sultanato (como diz o Fontes) de Manguinhos, do que nós outros (...) a atmosfera de desconfiança, a falta de bem estar e conforto moral, não é só uma consequência da forma absoluta de governo, como eu até agora supunha, mas sim a única arma de que este se serve para ligar em torno de si cada um dos vassallos, enquanto que entre estes, ao mesmo tempo, são colocados, secretamente, os germes da discórdia. Hoje tenho motivo insuspeito para não julgar pouco provável a explicação que você me deu do ódio que o Chagas me têm, sem que para isso possa eu nem suspeitar a razão, devido a nunca ter havido nada entre nós (...) até agora eu sempre apontava como o maior defeito do Oswaldo a despreocupação dele relativamente ao conforto moral do Instituto (...) Hoje, sou obrigado a acreditar que não era despreocupação que havia, mas sim intenção de ser o único querido, estimado e respeitado (...) O revoltante é vir a saber muitos anos depois que uma intriga é ligada a outra por interpretações falsas por

²²⁰ Carta de Figueiredo de Vasconcelos a Rocha Lima de 10.10.1911, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²²¹ Carta de Figueiredo de Vasconcelos a Rocha Lima s.d. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²²² Carta de Figueiredo de Vasconcelos a Rocha Lima s.d. e de 03.09.1911. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²²³ Carta de Figueiredo de Vasconcelos a Rocha Lima de 06.12.1911. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

ela geradas. A sensação que se tem ao pensar ou falar sobre isto é a de uma asfixia da alma contra a qual não há ar puro nem mesmo oxigênio que possa remediar. O prazer de estar aqui cresce sempre nessas ocasiões...²²⁴

Neiva qualificou as conversas de Rocha Lima com Vasconcelos e Fontes como “expansão e fraqueza das confidências”.²²⁵ Ele sentiu ameaçada a reação de oposição ao “sultanato de Manguinhos”, vendo na aproximação de Rocha Lima com duas das “odaliscas” um risco de migração do aliado para o campo oposto. As intrigas minavam as relações entre os pesquisadores de Manguinhos e seu dissidente procurava, agora, garantir sua esfera de influência naquela dinâmica. Rocha Lima protestou contra o que qualificou como “interpretação errada e injusta” de suas conversas com Vasconcelos e Fontes. Não teria havido nenhuma confidência, assim como não havia motivo para cortar relações com eles, que o teriam distinguido “com maior ou menor desafeição desde que eu deixei o Instituto ou muito antes disso, com os quais eu porém nunca tive atritos graves, nem recebi deles ofensa alguma.”²²⁶ E complementou: “Pois não considero uma ofensa o fato de me negarem agora mérito e capacidade, de depreciarem os meus serviços ao Instituto e de apagarem todos os vestígios de minha atividade longa e dedicada.” O que mais o incomodava – prosseguiu – era a tendência de colocarem-no como inimigo de Manguinhos e de Oswaldo Cruz, exatamente ele que procurava “invariavelmente afirmar e propalar a excelência dessa instituição e os títulos de benemerência desse homem.” As intrigas e a campanha de que era vítima seria uma confirmação das suas idéias de degradação moral da vida no instituto e de seu “sistema”, análogo “à vida em uma corte da Idade Média”. Interpretou a atitude de hostilidade do séquito de Oswaldo Cruz como uma demonstração de dedicação ao “rei”, de modo a evitar o retorno do “inimigo” e “defendendo o Rei e a Pátria e atacando quem anteriormente ocupava uma parte das boas graças reais.” Nosso personagem relatou trechos das conversas com Fontes e Vasconcelos, nos quais procurou confirmar a postura de Oswaldo Cruz de “dividir para reinar”, dessa forma fomentando a intriga e desunião entre seus colaboradores. “É para mim uma satisfação íntima cada vez que vejo confirmado o meu modo de pensar e um conforto o sentir que o procedi bem. É esse conforto íntimo o meu maior gozo”, confessou. A atitude que adotaria a partir de agora seria de indiferença, demonstrando, através da cortesia no convívio

²²⁴ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 21.12.1911. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²²⁵ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 24.03.1911 e de 17.09.1911. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²²⁶ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 17.09.1912. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

com os seus detratores, que havia deixado passar as injustiças. Evitar tocar no assunto “Manguinhos” – justificou a Neiva – é que seria demonstração de fraqueza de caráter. Apesar das críticas e interpretações equivocadas das conversas com os dois colegas, agradeceu-lhe pela franqueza “uma das poucas provas de amizade que se pode dar”, complementou.²²⁷

Quando escreveu a Neiva essas linhas, este encontrava-se quase no fim da expedição que fazia desde janeiro daquele ano (1912) em companhia de Belisário Penna, percorrendo os estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás. A expedição havia sido encarregada de fazer investigações para a Inspetoria de Obras contra as Secas. Da parte de Manguinhos, tinha como missão realizar um amplo inventário nosográfico do interior do país, colecionar espécimes e averiguar a incidência da Doença de Chagas. Rocha Lima demonstrou interesse em saber das impressões e “peripécias” da viagem. “Até já sonhei uma noite que os índios o tinham comido, embora eu esteja convencido que não são os selvagens os piores e mais perigosos habitantes de nossa bela terra” comentou com sarcasmo.²²⁸ A divulgação do relatório de viagem de Neiva e Penna em 1916, deflagraria um intenso debate, aquecido pelo ambiente nacionalista do período, em torno da necessidade de sanear os “sertões”, implementando, para tal, uma reforma da organização de saúde da República (Lima & Hochman, 1996, 2004; Lima, 1999; Sá, 2009). A expedição de Neiva e Penna foi a mais emblemática de uma série de outras, como a de Chagas à Amazônia, de Adolpho Lutz e Astrogildo Machado à região do Rio São Francisco, que seriam realizadas pelos pesquisadores de Manguinhos. Elas denotam a expansão das fronteiras simbólicas do instituto, que de maneira análoga aos institutos europeus, de onde saíam expedições para explorar as possessões coloniais, embrenharam-se pela hinterlândia brasileira com vistas a investigar as correlações entre populações humanas, doenças, parasitas e vetores (Benchimol & Sá, 2006).

De acordo com carta de Rocha Lima a Neiva, de setembro de 1912, havia acabado de retornar do Brasil o médico militar que atuava no *Tropeninstitut* Viktor Schilling.²²⁹ Ele

²²⁷ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 17.09.1912. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²²⁸ *Idem*

²²⁹ Viktor Schilling nasceu em Torgau em 28 de agosto de 1883, estudou medicina na Academia Médico-Militar Kaiser Friedrich Wilhelm, onde diplomou-se em 1908, doutorando-se no ano seguinte no Hospital Charité. Entre 1910 e 1913 atuou como médico militar no Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo. Entre 1913 e 1914 formou-se como higienista do exército em Hannover e de abril de 1914 a 1920 atuou como médico do Estado Maior na primeira cadeira de clínica medica da Universidade de Berlim, dirigida por Wilhelm His. Durante a Primeira Guerra foi higienista militar na Galécia, Síria e Rússia. Filiou-se ao Partido Nazista e tornou-

esteve em São Paulo, onde provavelmente deve ter passado pelo Butantã e/ ou Bacteriológico e no Rio, onde esteve no Instituto Oswaldo Cruz. “Schilling (...) traz da atividade do Instituto e da amabilidade dos seus membros a melhor impressão possível (...) menos lisonjeiramente para nós, são julgadas as impressões da opulência e luxo oriental de Manguinhos...” escreveu. Também levou consigo, segundo nosso personagem, más impressões acerca do funcionalismo público, cuja venalidade era sempre o tom das conversas com brasileiros. Ele, que era militar, também não teria apreciado “o garbo das nossas tropas, em uma parada que assistiu na Bahia”.²³⁰

A correspondência com Neiva prolongou-se, descontínua, até o retorno de Rocha Lima ao Brasil. A “política manguinhense” não ocupou mais a atenção que havia lhe dado no período imediatamente posterior ao afastamento do Instituto. Com o tempo, as intrigas, alianças e oposições em Manguinhos parecem ter dado lugar às preocupações com a própria vida em Hamburgo e no *Tropeninstitut*. Ele e o colega tratariam nas vésperas da Grande Guerra, principalmente da política internacional, assunto pelo qual nosso personagem tinha grande fascínio. O último contato com Oswaldo Cruz foi através de uma carta de 20 de janeiro, no qual este agradece pelo discurso que Rocha Lima havia feito por ocasião da inauguração da nova sede do *Tropeninstitut*. Justifica que estava em Londres e devido à irrupção da Guerra não fora possível enviar correspondência à Alemanha. Agradeceu-lhe por representar Manguinhos e pelas “generosas referências feitas a meu nome”.²³¹ O tom é polido e com a cordialidade de colegas distantes. Dois anos depois, em 11 de fevereiro de 1917, Oswaldo Cruz faleceu. Rocha Lima escreveu o necrológio no *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene* (Rocha Lima, 1917). Nele, ressaltou as qualidades de líder e realizações no combate à febre amarela, mas principalmente na criação e desenvolvimento de Manguinhos. Destacou o papel dos discípulos, na tarefa de manter depois da morte do “mestre” suas qualidades como “dirigente incomparável” e de repercutir seu “grande espírito” (Idem, p. 237). Filiava-se,

se diretor substituto em 1933 da primeira cadeira da clínica da Universidade de Berlim. Em 1934 assumiu a direção da clínica de medicina interna em Münster. Foi membro do senado científico do serviço sanitário do exército e dirigiu de 1938 a 1941 o laboratório de transfusão sanguínea na Academia Militar em Berlim. Tornou-se em 1941 catedrático em Rostock, dirigindo a clínica da universidade de 1941 a 1946 e de 1948 até sua aposentaria em 1957. Faleceu em 1960, em Rostock, tendo sido condecorado pela ex-República Democrática Alemã. A principal contribuição de Schilling gira em torno da hematologia. Estudou a morfologia e número de células sanguíneas, bem como o papel das mesmas no quadro das doenças infecciosas, principalmente no que concernia ao diagnóstico. Correlacionou as doenças tropicais com as respectivas alterações do quadro sanguíneo causadas por elas (Mannweiler 1998, p. 199-200).

²³⁰ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 17.09.1912. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

²³¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Oswaldo Cruz a Rocha Lima de 20.01.1915.

dessa forma, à “escola” experimental estabelecida por Oswaldo Cruz, tomando de empréstimo o prestígio e reconhecimento que ele gozava também entre os pesquisadores alemães, sobretudo entre os médicos tropicais.

“...Apesar da aprendizagem inicial e posterior amadurecimento na Alemanha, sempre me considerei um seu discípulo” escreveria nosso personagem muitos anos depois (Rocha Lima 1952, p. 45) na revista *Anhembi*, coordenada pelo amigo Paulo Duarte, depois de ter ocupado por dezesseis anos a direção do Instituto Biológico. Descreveu o perfil de Oswaldo Cruz e o período de convivência com ele em Manguinhos. Com as tensões e conflitos pacificados pelo tempo, e sob o registro afetivo e seletivo da memória, projetou no “mestre” a imagem do que reconhecia como o guia ideal. Procurou aproximar sua trajetória à dele, ao comparar as lutas deflagradas em favor do Biológico com aquelas travadas pelo sanitarista no começo do século XX. Documentou com trechos da correspondência a “íntima colaboração” que havia tido com ele, bem como “o espírito e cordialidade desse convívio”. O cotidiano dos primórdios de Manguinhos retratado em suas linhas é marcado pela harmonia, pelo trabalho científico rigoroso e pela resistência obstinada do “mestre” à incompreensão e desmandos das elites políticas. Por outro lado, reconheceu no apoio “ilustrado” de Rodrigues Alves, o elemento que lhe propiciou realizar seu projeto institucional de “cultivar a ciência em alto nível”. Para Rocha Lima, Oswaldo Cruz e Manguinhos representam um marco na produção de ciência original no Brasil, que teria deixado de apenas copiar aquilo que vinha do estrangeiro. Constituem o ponto de partida de uma ciência baseada na pesquisa e experimentação e não fundamentada na “erudição livresca”, como a que teria lhe antecedido. Dessa forma faz tábula rasa do passado, assinalando uma ruptura e a criação de uma nova tradição da qual é o autêntico depositário.

Mesmo nesse quadro idealizado de Manguinhos, Rocha Lima não deixou de assinalar indiretamente a ruptura com Oswaldo Cruz: “As nossas reminiscências aqui consignadas, referem-se apenas ao Oswaldo Cruz dos tempos heróicos de Manguinhos, isto é, daquela primeira década da sua escola em formação”, salienta (Rocha Lima 1952, p. 52). Ao mesmo tempo em que apontou “alguma modificação às admiráveis feições da personalidade de Oswaldo Cruz, como houve quem o afirmasse”, isentou-se de declarar isso diretamente. Alegou não estar-se mais em Manguinhos quando ele colheu os “êxitos alcançados transformados em crescente prestígio pessoal” (Idem, p. 52). Assinalou que havia lhe prevenido do “perigo da intoxicação pelo incenso.” Justificou a saída do Instituto por ter sabido que os dias de Oswaldo Cruz estavam contados. Do contrário, jamais teria o deixado,

separação que lhe teria causado “intenso pesar pelo desgosto que com isso devia causar ao sempre bondoso amigo e mestre”. Não precisa o que queria dizer com a afirmação de que sabia que Oswaldo Cruz estava com os dias contados. Trata-se, certamente, de legitimar uma justificativa a posteriori do ato que poderia ser lido como o de um desertor. E concluiu:

Ao descer o pano sobre saudosas recordações de uma época criada e simbolizada por um homem extraordinário de nosso país, permanece pairando em torno delas a viva, intensa e imorredoura lembrança daquele Oswaldo Cruz amigo e mestre, moço e vigoroso dos heróicos primórdios de Manguinhos, que um posterior afastamento de longos anos, até sua morte, permitiu conservar livre de contaminação por qualquer contingência humana e que, guardada por quase meio século envolta em carinhoso silêncio, se mantém até hoje em estado de imaculada pureza e permanente frescura (Rocha Lima 1952, p. 55).

No período do “afastamento de longos anos”, Rocha Lima construiu sua individualidade científica, distante, mas, ao mesmo tempo, trazendo a marca de Manguinhos e de seu criador. Sua produção científica nos primeiros anos em Hamburgo estaria estreitamente relacionada com o programa de pesquisas da instituição carioca. Antes de tratarmos especificamente desse aspecto de sua trajetória, cumpre analisarmos as ações de Rocha Lima como intermediário e representante da ciência brasileira na Alemanha. Através da rede de relações que ele aos poucos foi tecendo com os colegas alemães, pôde atuar como “embaixador” dedicado a fazer a ponte entre suas duas “pátrias” – a científica e a de origem.

1.10. Rocha Lima como intermediário das relações médicas Brasil-Alemanha antes da Primeira Guerra

O amigo e correspondente dos primeiros tempos de Berlim, Hugo Werneck, mudou-se para Belo Horizonte em 1906, devido à tuberculose. Acreditava-se que o clima da capital mineira ajudasse no restabelecimento dos pacientes (Miraglia 2009, p. 25). Ali, ele breve obteria fama como um dos pioneiros na clínica ginecológica, ou como especialista em “moléstia das senhoras” (Marques, 2005). Atuava na Santa Casa de Misericórdia, quando dirigiu-se a Rocha Lima, em 1910, pedindo-lhe que arranjasse um anátomo-patologista para trabalhar naquele hospital. De acordo com perfil biográfico de Miraglia (2009, p. 62), Werneck “tinha grande admiração pela medicina alemã, pioneira no campo da obstetrícia”. A autora afirma que ele mantinha contato com vários amigos que moravam na Alemanha,

informava-se dos avanços da pesquisa médica germânica e importava de lá equipamentos hospitalares. Em 1917, no auge da agitação anti-germânica, ele atuou em defesa das freiras alemãs que havia contratado para trabalhar na Santa Casa e de padres também alemães que dirigiam o Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Ainda segundo a autora, isso valeu a Werneck a pecha de germanófilo, aspecto registrado por Pedro Nava em suas memórias (Idem, p. 61-2).

No natal de 1910, o pesquisador do *Tropeninstitut* escreveu ao amigo: “Já debes estar impaciente com a demora na questão do anátomo-patologista. Em breve escrever-te-ei detalhadamente. A coisa é mais difícil do que parece. Estou em trato com o terceiro e último dos aceitáveis. Creio que este é bom...”²³² O “terceiro e último dos aceitáveis” tratava-se do vienense Walter Habermfeld. Este exigia que sua esposa, também médica, também fosse contratada como sua auxiliar e usufruísse dos mesmos benefícios que ele, como moradia e alimentação gratuitas. Em abril de 1911, o pesquisador brasileiro firmou contrato com o casal austríaco, que desembarcou no Brasil em maio. Ele informou a Werneck que havia transmitido ao recém-contratado todas as recomendações, considerando, pois, sua tarefa concluída. “Creia que a fiz com muito prazer e sem o mínimo sacrifício, até mesmo com um certo entusiasmo natural, pois sempre tenho e tive grande prazer na medida das minhas forças, para aperfeiçoar as coisas no Brasil” escreveu. Porém, pediu para o amigo não culpá-lo, se Habermfeld não correspondesse às suas expectativas, pois o conhecia apenas através de cartas e recomendações. Sublinhou que não era fácil encontrar uma pessoa completamente apropriada “para um lugar como esse”.²³³

Werneck movimentou-se para cuidar da recepção do novo patologista no Rio de Janeiro, “para que ele comece a ter boa impressão na nossa terra”, acrescentou.²³⁴ Devido ao extravio da carta na qual Rocha Lima comunicava a partida do vienense, as coisas não saíram como planejado.²³⁵ O juízo que Werneck fez sobre Habermfeld não foi muito favorável. Em sua opinião, conhecia bem a anatomia patológica, mas não dominava da mesma forma os demais assuntos, não figurando como “o homem ideal de que precisava.” “Como todo estrangeiro, quer ser superior a tudo e a todos e faz de nosso país o pior dos conceitos”.²³⁶ Ao que tudo

²³² Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 25.12.1910.

²³³ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 12.04.1911.

²³⁴ Carta de Hugo Werneck a Rocha Lima s.d.

²³⁵ Carta de Hugo Werneck a Rocha Lima de 03.05.1911.

²³⁶ Carta de Hugo Werneck a Rocha Lima s.d.

indica, Haberfeld ficou satisfeito com o novo posto. Em novembro de 1911, Werneck comunicou a Rocha Lima que o austríaco pretendia reformar o contrato. Já havia pedido para vir um piano da Europa e mandado fazer novas roupas,²³⁷ um sinal de que pretendia prolongar sua estadia no Brasil, senão ficar aqui de forma permanente.

Em março de 1912 Haberfeld foi contratado como professor de anatomia e histologia patológicas da recém-criada Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Werneck o substituiu no serviço de patologia da Santa Casa por Octavio de Magalhães, que havia frequentado Manguinhos e lhe fora indicado por Oswaldo Cruz. Ele confessou a Rocha Lima que estava satisfeito com a troca: “Entre o *bluffista* e indisciplinado vienense e o nosso patricio não há termo de comparação.”²³⁸ Apesar da maneira pouco lisonjeira com que via o austríaco, manifestou-se satisfeito com o serviço dele e da esposa. De qualquer forma – escreveu ao amigo em Hamburgo – estava adquirindo maior experiência no traquejo com os alemães, “que aqui no Brasil, de forma alguma devem ser tratados de igual para igual, sabem obedecer, mas precisam sentir sempre uma autoridade superior”,²³⁹ afirmou, em referência à uma proverbial característica atribuída aos indivíduos de origem germânica. Deduz-se de carta de Werneck de fevereiro de 1913, que o parecer levou Rocha Lima a defender de forma entusiasmada os alemães e seu modo de proceder. Disse discordar dos argumentos dele sobre as características daquele povo, mas acreditava que o Brasil lucraria muito de suas virtudes. “Mas na generalidade os alemães de importação, estes que vêm aqui como para uma colônia lidar com povos bárbaros, a conduta não poderá ser outra”, escreveu Werneck em defesa de seu ponto de vista.²⁴⁰ Quanto a Haberfeld, relatou, que além de professor contratado da nova escola médica, exercia a clínica e vendia as amostras que recebia das indústrias farmacêuticas alemãs. Ao referir-se ao vienense como “o judeu Haberfeld” Werneck reforçava a associação que, presente no imaginário sobre o povo judeu, com a ganância e avaréza. Os estereótipos figuram como um recurso bastante utilizado pelo médico na formação de seus juízos sobre o “outro” com o qual agora convivia.

Em 1916, Walter Haberfeld transferiu-se para a Faculdade de Medicina de São Paulo, criada em 1912, onde também ocupou a cadeira de anatomia patológica. Quase paralelamente

²³⁷ Carta de Hugo Werneck a Rocha Lima de 14.11.1911.

²³⁸ Carta de Hugo Werneck a Rocha Lima de 24.11.1912. “Bluff” era a expressão proveniente da língua inglesa que, aportuguesada, daria origem a “blefe”. “Bluffista” corresponderia, dessa forma, a “blefador”, aquele que blefa, ou, mais especificamente, a ardisoso.

²³⁹ *Idem.*

²⁴⁰ Carta de Hugo Werneck a Rocha Lima de 07.02.1913.

à contratação dele, Rocha Lima foi mobilizado para intermediar a de outro anátomo-patologista, para a Faculdade de Medicina da Bahia. O pedido foi feito pelo médico baiano Manuel Pirajá da Silva em fevereiro de 1912, quando encontrava-se em Berlim. Eles já haviam estabelecido contato quando Pirajá visitou o *Tropeninstitut* entre março e junho de 1911. Salientava que um especialista em anatomia patológica, “ainda que não fosse dos mais reputados”, prestaria um grande serviço à escola médica de Salvador.²⁴¹ Em agosto de 1912, o próprio diretor desta, Augusto Vianna, escreveu a Rocha Lima. Esclareceu as exigências e condições do convite. Não poderiam pagar mais de 1000 marcos. Arcariam com os custos da viagem e o contrato deveria durar de 6 meses a 2 anos, podendo ser prorrogado. O contratado poderia ministrar cursos particulares para complementar a renda. Suas atribuições incluiriam organizar um museu da patologia, fazer as autópsias, dar aulas a professores da Faculdade e fornecer os preparados obtidos para coleção. Deveria falar o francês. “Não é ainda o alemão muito bem conhecido entre nós”, sublinhou Vianna. “De referência à competência, confio em absoluto na escolha de V. Excia (...) bastando sua indicação como o melhor atestado que pode trazer o escolhido”, escreveu, outorgando plenos poderes ao pesquisador do *Tropeninstitut*, para contratar o professor, desde que observadas as condições indicadas.²⁴²

De carta de Augusto Vianna de 03 de dezembro de 1912, depreende-se que Rocha Lima estava encontrando enormes dificuldades para encontrar o profissional desejado. Um dos fatores complicadores era o salário, porque Vianna aumentou a oferta para 1.500 marcos. Os 2 mil sugeridos pelo pesquisador do *Tropeninstitut* não poderiam ser pagos.²⁴³ Mais uma vez, o diretor da escola médica de Salvador esclareceu as condições ligadas ao exercício do cargo e deixou ao critério de Rocha Lima a resolução dos detalhes. Em 21 de maio, desembarcou em Salvador o professor apontado por nosso personagem: John Miller. No dia seguinte, Vianna escreveu ao colega de Hamburgo, comunicando que já havia lavrado contrato com o novo professor de anatomia patológica.²⁴⁴ Ele foi cercado de todas as atenções por Pirajá da Silva, a quem Rocha Lima havia encarregado de acessar o patologista alemão. Acomodou-lhe numa pensão alemã de Salvador. Conforme comunicou, logo iniciou o serviço de autópsias e as demonstrações práticas. Foi colocado a seu dispor um laboratório para cursos privados que ofereceria nos dias que não trabalhasse na escola. Ainda de acordo com Pirajá da Silva, a impressão despertada por Miller entre os membros da congregação da

²⁴¹ Carta de Manuel Pirajá da Silva a Rocha Lima de 19.02.1912. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²⁴² Carta de Augusto Vianna a Rocha Lima de 30.08.1912. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²⁴³ Carta de Augusto Vianna a Rocha Lima de 03.12.1912. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²⁴⁴ Carta de Augusto Vianna a Rocha Lima de 22.05.1913. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

Faculdade fora positiva. Prometeu que atenderia ao desejo do colega de servir como um “guia” para o recém-chegado.²⁴⁵

Miller permaneceu em Salvador até outubro de 1913. No relato sobre a estadia dele, Pirajá da Silva informou a Rocha Lima que o patologista fora cercado de todas as facilidades na Faculdade de Medicina. Em contrapartida, aproveitou tanto quanto pode a curta missão. Do ponto de vista científico, ele havia correspondido às expectativas, tendo feito muitas autópsias e deixado mais de duzentas peças anátomo-patológicas para a coleção. Além disso, ministrara três cursos privados. O hóspede chegou a contrair malária em Itaparica, felizmente uma terçã benigna. Na avaliação de Pirajá da Silva, ele ficou satisfeito com a estadia, tendo falado em prorrogá-la. Já o médico baiano, nem tanto. Depois de ter prestado todos os serviços a Miller, “não teve ele para comigo a elevação moral e o reconhecimento que eram de esperar num cientista”, censurou. “Revelou-se eivado de sentimentos mesquinhos e de uma ingratidão a toda prova, causando estranheza aos nossos colegas”, emendou.²⁴⁶

Apesar de não termos reconstruído o percurso de Habermeld e Miller no Brasil, os diálogos por eles estabelecidos e o impacto local de sua atuação profissional, a vinda deles consiste numa das primeiras ações tomadas por Rocha Lima, já como pesquisador do *Tropeninstitut*, na promoção da aproximação do Brasil com a Alemanha. Ele encarou como um dever cívico a tarefa de auxiliar os colegas brasileiros na contratação de profissionais alemães. Esse tipo de ação envolvia uma série de contratempos e desconfortos, pois tinha de acomodar interesses de ambas as partes e traduzí-los de modo a dar um bom termo à negociação. Nos dois casos em questão, a contratação de pesquisadores alemães envolveu conflitos com as instâncias locais.

No sentido oposto, o reputado pediatra brasileiro Antônio Fernandes Figueira²⁴⁷ dirigiu-se a Rocha Lima, também no ano de 1912, pedindo que ele o auxiliasse na resolução

²⁴⁵ Carta de Manuel Pirajá da Silva a Rocha Lima de 27.05.1913. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²⁴⁶ Carta de Manuel Pirajá da Silva a Rocha Lima de 17.10.1913. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²⁴⁷ Nascido no Rio de Janeiro em 13 de junho de 1863, ingressou na Faculdade de Medicina da então capital federal em 1880. Trabalhou como clínico em Lage de Muriaé, no interior do estado do Rio, depois em Simão Pereira, próximo a Juiz de Fora. Nesse período publicou seu primeiro livro sobre pediatria, especialidade na qual ganharia projeção. Em 1895 publicou “Diagnóstico das cardiopatias infantis” e em 1900, “Elementos de semiologia infantil”, publicado em francês, que lhe conferiu prestígio internacional. Quando Oswaldo Cruz assumiu a direção da saúde pública, assumiu a enfermaria de crianças do Hospital São Sebastião. Em 1909 tornou-se diretor da Policlínica de Crianças da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, a qual breve transformou numa escola de pediatria. Dirigiu por dezessete anos a Sociedade Brasileira de Pediatria, criada em 1910. A convite de Carlos Chagas assumiu, em 1921, a chefia da Inspeção de Higiene Infantil do Departamento Nacional de Saúde Pública. Na sua gestão foi erigido o Abrigo-Hospital Arthur Bernardes, atual Instituto

de questão científica à qual se dedicava à época. Ele não conhecia pessoalmente o pesquisador do *Tropeninstitut*. Encontrava-se em Berlim em junho de 1912. Havia levado preparados de pacientes com escorbuto e com a chamada doença de Möller-Barlow, caracterizada por perda de peso e dores ósseas. Figueira queria defender sua prioridade na comprovação de que esta síndrome na realidade era apenas uma manifestação do escorbuto, não se justificando sua existência autônoma.²⁴⁸ Como não tinha habilidades em histologia patológica, pediu que Rocha Lima observasse os preparados e indicasse um especialista que pudesse fazer o mesmo em Berlim. Pediu ainda que ele, “graças às suas relações e posição”²⁴⁹, obtivesse junto aos dois principais conhecedores do assunto, Fraenkel e Schmorl, preparados para comparar com os seus. Queria comprovar que o escorbuto era o mesmo em qualquer idade, Figueira procurou comprovar que o fator alimentar não era o único responsável pela doença. Ele apresentou de forma minuciosa seus argumentos a Rocha Lima. Afirmou que os resultados sobre esse aspecto não eram conclusivos.²⁵⁰ Procurou mobilizar o colega, apelando para seu sentimento nacionalista. “Nos próprios ‘Archiv’ verá como tenho necessidade de reclamar para nossa terra a prioridade nesta questão”.²⁵¹

Ao ser mobilizado para atender às demandas de seus compatriotas, nosso personagem mantinha os vínculos com seu país de origem. Vamos agora analisar seu papel como intermediário entre esses dois mundos, num contexto em que a ligação entre eles foi comprometida por um conflito inaudito: a Primeira Guerra Mundial.

1.11. Rocha Lima como propagandista da Alemanha em guerra

Conforme veremos no terceiro capítulo, a Primeira Guerra Mundial ofereceu as circunstâncias nas quais Rocha Lima realizaria sua principal contribuição científica e se integraria de forma mais orgânica à comunidade médica alemã. Cabe aqui analisarmos apenas seu engajamento como defensor de uma visão pró-germânica do conflito junto à sociedade brasileira, num momento em que a disputa por opiniões e versões revelou-se tão acirrada quanto aquela que se travava nas trincheiras.

Fernandes Figueira. Faleceu em 1928. “Fernandes Figueira” In Sociedade Brasileira de Pediatria, disponível em http://www.sbp.com.br/show_item.cfm?id_categoria=74&id_detalhe=1275&tipo=D, Acesso em 28/05.2011.

²⁴⁸ Cartas de Fernandes Figueira a Rocha Lima de 12.06.1912 e 08.08.1912. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²⁴⁹ Carta de Fernandes Figueira a Rocha Lima de 08.08.1912. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²⁵⁰ Carta de Fernandes Figueira a Rocha Lima de 13.08.1912. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

²⁵¹ *Idem*

As declarações de Guerra no começo de agosto de 1914 surpreenderam Rocha Lima e Prowazek no retorno de Constantinopla, para onde haviam sido destacados para estudar surto de tifo. Novamente em Hamburgo, o primeiro passou a escrever cartas a amigos brasileiros, que foram publicadas no *Jornal do Commercio*. Entre agosto e setembro, textos semanais de sua autoria estamparam as páginas do jornal, visando neutralizar as concepções germanóforas divulgadas pela propaganda francesa e inglesa. Qualificou esta como “campanha de inverdades, intrigas e calúnias”, motivadas pela inveja, ressentimento e preocupação com o rápido progresso da Alemanha.”²⁵² França, Inglaterra e Rússia teriam por objetivo conseguir, através da força, aquilo que não haviam atingido em tempos de paz, que era impedir aquela marcha de desenvolvimento. De acordo com Rocha Lima, foi dele próprio a iniciativa de publicar aqueles textos na imprensa. Não foi possível apurar se houve incentivo de alguma organização envolvida com a propaganda germânica, como organizações teuto-brasileiras.

Nosso personagem justificou seu engajamento naquela tarefa pela necessidade de contrabalançar a hegemonia das visões divulgadas pelas propagandas francesa e inglesa, que tinham grande penetração na sociedade letrada brasileira. Segundo ele, os laços com a cultura francesa impunham-se desde a infância. Citou ele próprio como exemplo. Dessa forma, os brasileiros tornavam-se submetidos a uma visão da Guerra refratada pela ótica dos aliados e, portanto, contrária à Alemanha. O ódio “artificial” instilado pelos franceses contra este país, fruto do ressentimento com a derrota em 1870, argumentou Rocha Lima, era algo que vinha sendo cultivado antes mesmo da deflagração da Guerra. O desconhecimento que seus compatriotas tinham da língua, organização, ideologia e *modus operandi* da sociedade e cultura alemãs, facilitava a recepção às idéias preconceituosas divulgadas pela propaganda francesa. “A atmosfera intelectual do nosso país é, incontestavelmente, um produto quase puro da literatura francesa (...) A nossa literatura e nossa imprensa refletem constantemente idéias francesas”, escreveu na carta de 06 de dezembro de 1914.²⁵³ Num contexto de conflito, “nossa alma está sempre pronta a vibrar em uníssono com a alma francesa”, acrescentou. Ao dominar a imprensa de quase todo o mundo, a França era favorecida na divulgação de suas versões dos fatos, que segundo o cientista, eram completamente adulteradas, criando “lendas odiosas em torno de acontecimentos justificáveis”. Um dos objetivos dessa propaganda, era “impressionar os povos vassallos semi-selvagens ou excitar as classes mais baixas do próprio país”. Recorria ao nativismo dos brasileiros para apontar que apenas o acesso a diferentes

²⁵² De Hamburgo, 20.08.1914. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁵³ De Hamburgo 06. 12.1914. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

visões da Guerra poderia romper a “vassalagem” intelectual do país em relação aos franceses. A tarefa de escrever aos brasileiros foi, então, legitimada pelo objetivo de fornecer uma versão “verdadeira” do decurso da guerra e das motivações que impeliam as tropas, permitindo que seus patrícios formassem por si um juízo “que não seja exclusivamente baseado nas notícias que os inimigos da Alemanha nos fornecem.” “Censure-se, condene-se e combata-se uma tal política, mas não se repitam imputações caluniosas dos agitadores da plebe intelectual do mundo”, exortou aos leitores, incentivando interpretações independentes das privilegiadas pelos franceses.²⁵⁴ Ele disse perceber uma tendência a escolherem o Brasil como “objeto de demonstração da influência dos Aliados sobre a América do Sul.”²⁵⁵ Considerava esta uma posição muito desabonadora para seu país, que era assim reduzido à servidão intelectual. “O meu desejo é unicamente que a campanha anti-alemã, se vitoriosa, tenha ao menos um nível elevado e digno de nossa pátria”, asseverou.²⁵⁶

Nos textos divulgados por Rocha Lima, a Alemanha aparece como vítima dos arranjos de poder das demais potências européias, tendo sido “arrastada” à Guerra pela aliança com o Império Austro-Húngaro. Em sua visão, a Inglaterra aproveitou a oportunidade que há muito esperava para aniquilar o império que despontava como seu principal oponente e desafiador. A responsabilidade pelo conflito recaía portanto nas mãos dos ingleses e russos, que conscientes do sistema de alianças, decidiram mesmo assim mobilizar suas tropas em auxílio à Sérvia. A política européia era catalisada, de acordo com o cientista, pelo princípio do “*Delenda est germania*” – do extermínio da Alemanha – fomentado pela França, Inglaterra e Rússia. A primeira, motivada pelo sentimento revanchista, a segunda pelas ambições de hegemonia e, a terceira, pelo objetivo de dominar o estreito de Dardanelos. “A estrada comum que conduz ao fim almejado passa por Berlim”, escreveu.²⁵⁷ A manutenção da paz não teria dependido, portanto, das manobras do Kaiser, como faria crer a propaganda aliada. Na aceção de Rocha Lima, a maior culpada era a Rússia, país de “povo inculto”, no qual “vidas, liberdades e haveres só tem valor entre as classes dominantes.”²⁵⁸

Ao contrário do que se divulgava – argumentou o brasileiro – o povo alemão não era belicoso, mas sim pacífico. Haveriam apenas se juntado ao seu governo mediante a ameaça de

²⁵⁴ *Idem.*

²⁵⁵ *Idem.*

²⁵⁶ *Idem.*

²⁵⁷ De Hamburgo, 20.08.1914 e de 07.09.1914. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁵⁸ De Hamburgo, 20.08.1914. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

que sua pátria fosse destruída e humilhada. A Guerra não era artifício do imperador e de sua “camarilha militarizada”, que a teriam imposto aos demais segmentos da sociedade alemã, mas resultado do sacrifício coletivo de um povo que decidira pegar em armas, plenamente confiantes na capacidade de liderança dos seus superiores. A confiança mútua entre a sociedade e seu governo e o senso de dever dos alemães seriam traços, que somados à “alta força moral” dos militares, garantiriam a força do Reich no enfrentamento de seus adversários.

Como evidência de que não era a Alemanha que havia levado a Europa à Guerra, Rocha Lima apontou que o povo alemão, “habitado a medir friamente os prós e os contras das questões que o interessam”, era consciente da superioridade numérica e militar de seus oponentes. Eles estariam também conscientes de que nenhuma vantagem poderiam obter do conflito. A única ambição que poderiam ter - o aumento de suas possessões coloniais - seria impedida pela Inglaterra, que contava com força naval superior.

Rocha Lima apontou repetidas vezes para uma diferença nos métodos de divulgação das informações da Guerra. Enquanto a França trombetaria vitórias, ridicularizaria o inimigo e distorceria o andamento das operações militares a seu favor, a Alemanha limitar-se-ia a comunicados simples, sóbrios e diretos, mas sempre pautados pela exatidão, mesmo quando sofria revezes no campo de batalha. A consequência disso seria que o povo alemão confiaria nas comunicações oficiais do seu governo, enquanto a imprensa seguia-os à risca, reinando dessa forma uma “intensa monotonia” no noticiário da Guerra. O pesquisador do *Tropeninstitut* procurou contrariar ainda a idéia de que o exército alemão encontrava-se em estado de fadiga e extenuado e de que as “reservas” encontravam-se no final. Pelo contrário – argumentou ele – número cada vez mais avultado de membros da sociedade civil alistavam-se nas tropas. A força moral do povo alemão, alvo de elogios entusiasmados por parte do autor, garantia a superioridade das tropas de Guilherme II, mesmo estando em número bastante inferior ao das tropas da Entente. Reiteradas vezes, Rocha Lima sublinhou o fato de os alemães, não apenas estarem em menor número, mas também de lutarem em diversas frentes – contra os franceses, belgas e ingleses, de um lado e contra os russos, de outro. “Não é assombrosa a energia e bravura com que este povo se bate contra o mundo quase que inteiro?”, questionou.²⁵⁹ Destacou também o fato dos adversários da Alemanha empregarem nos esforços de guerra tropas de negros, índios e demais povos submetidos ao jugo colonial

²⁵⁹ De Hamburgo, 06.12.1914. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

das potências européias aliadas.²⁶⁰ Esse foi um aspecto explorado pela propaganda alemã como meio de desmoralizar a França e seus aliados. É o tema de um texto distribuído pela legação alemã no Brasil, que compôs a biblioteca de Oswaldo Cruz.²⁶¹ Evidência aduzida por Rocha Lima da capacidade de luta e resistência dos alemães seria o fato deles conseguirem manter seu território livre das operações de Guerra, batalhando apenas em território inimigo.²⁶²

Um ponto nevrálgico que teve de ser enfrentado por Rocha Lima foi o da divulgação de supostos atos de barbárie perpetrados pelos alemães contra a população belga. Segundo ele, relatórios dos próprios oficiais franceses registravam os bons procedimentos de conduta dos soldados alemães no teatro de guerra. Ele procurou convencer que a Bélgica não fora mera vítima da invasão alemã, mas há tempos vinha se preparando para o conflito como “aliado secreto da França”.²⁶³ Algumas crueldades que teriam sido cometidas pelos soldados alemães, como o assassinato de médicos e enfermeiros e corte de orelhas de feridos, foram desmentidas por ele. Enquanto os alemães procederiam corretamente no campo de batalha – prosseguiu – os franceses e belgas adotariam métodos traiçoeiros, como o saque das regiões conquistadas e a utilização de franco-atiradores escondidos entre a população civil. O único método que restaria aos alemães como “punição exemplar” seria a destruição dos bairros ou cidades de onde provinham os ataques.²⁶⁴

A questão das supostas barbáries cometidas pelos alemães na Bélgica, intensamente exploradas pela propaganda francesa, rendeu polêmica com o renomado catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Bruno Álvares da Silva Lobo. Ele escreveu de Paris, em 29 de janeiro de 1915, carta divulgada pela imprensa brasileira com título “A todas as senhoras brasileiras, sobretudo às que têm filhos!”²⁶⁵ Bruno Lobo dirigia-se diretamente à Rocha Lima na referida carta. Uma vez que o “ilustrado colega” havia, em artigos sucessivos no *Jornal do Commercio*, procurado “atenuar as violências a barbaridades cometidas pelos soldados e oficiais do Kaiser”, pedia sua opinião, “e ao mesmo tempo, o obséquio de tornar

²⁶⁰ De Hamburgo, 18.09.1914. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁶¹ “O emprego, contrário ao Direito Internacional, de tropas de cor, não civilizadas, no Theatro euorpeu da Grande Guerra, por parte da Inglaterra e da França” – Tradução. Ministério das Relações Exteriores, Berlim, 1915. Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz – Coleção Oswaldo Cruz, F. 752.

²⁶² De Hamburgo, 06.12.1914. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁶³ De Hamburgo, 18.09.1914. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁶⁴ De Hamburgo, 05.10.1914. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁶⁵ Lobo, Bruno. “A todas as senhoras brasileiras, sobretudo as que têm filhos”, *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro* de 24 de Fevereiro de 1915. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

conhecido dos intelectuais alemães tão aviltante proceder”. E pôs-se a enumerar, em seguida, as atrocidades perpetradas pelos militares alemães na Bélgica e norte da França. Além dos saques, o professor relatou violações de mulheres, que teriam sido obrigadas a ter relações com os soldados. “As mulheres, na sua maioria, nada puderam fazer. Submeteram-se à escravidão e foram vítimas das mais revoltantes brutalidades”, afirmou Lobo. De acordo com ele, muitas delas ficaram grávidas, enquanto outras fugiram. Algumas foram raptadas para atuar como serviçais e as crianças, para servir como reféns. A grande preocupação era com as consequências da gravidez indesejada: “Que fazer? Deixar que no seu ventre se desenvolva o fruto de tão grande infâmia? E os maridos? Qual a situação do filho tão irregularmente gerado? (...) Devem tais mães deixar nascer os intrusos? E o pai? E a herança dos maus instintos do seu gerador?”, indagou. Estava fora de questão o aborto, desaconselhado por qualquer indivíduo “bem formado e normalmente constituído.” De forma provocativa, Lobo solicitou que Rocha Lima consultasse os intelectuais alemães acerca do problema.

A reprodução do texto de Bruno Lobo no jornal *O Imparcial* foi enviada a Rocha Lima por J. Kastrup, do Rio de Janeiro, que em carta afirmou que o médico devia sofrer de “desarranjo mental”. Ele não era do círculo de relações do cientista: “Queira desculpar a liberdade, mas o assunto é de tal gravidade para a reputação da Alemanha inteira, que eu não posso deixar de solicitar seu suporte”. Perguntou quando ele responderia ao colega e qual seria o teor da réplica.²⁶⁶ De Santa Catarina, Emilio Strauch também enviou ao nosso personagem cópia do artigo de Bruno Lobo. Não pertencia à rede de seus conhecidos, mas sentira imenso orgulho – afirmou – quando esteve em Hamburgo em 1913, e viu o nome do cientista “em relevo”. Sentiu-se no dever de enviar o artigo no qual seu nome aparecia, de modo a poder responder aos ataques do professor da Faculdade de Medicina.²⁶⁷

Meses depois, o *Diario Allemão* publicou em primeira página a resposta de Rocha Lima, com o título “O catedrático da calúnia”.²⁶⁸ Segundo ele, a carta de Bruno Lobo era uma das circulares que a França espalhava por todo o mundo “como a expressão da alma dos fracos, procurando na comiserção dos outros, na piedade dos fortes, o valimento que às suas armas falta, para enfrentar as colunas disciplinadas e fortes, que marcham serenas sob os obuzes da calúnia e a metralha miserável da intriga infamante.” A estratégia da propaganda,

²⁶⁶ Carta de J. Kastrup a Rocha Lima de 23.02.1915. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁶⁷ Carta de Emilio Strauch a Rocha Lima de 29.03.1915. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁶⁸ Rocha Lima, H. da “O cathedratico da calumnia”, *Diario Allemão* (Suplemento em portuguez do Deutsche Zeitung de São Paulo), 09.05.1915. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

da qual a carta de Bruno Lobo deveria ser considerada como exemplar, foi caracterizada pelo pesquisador como reação à “bravura” , “heroísmo” e resistência que os alemães vinham demonstrando nos combates. Acuados, os franceses e seus aliados carregariam nas tintas em sua campanha de difamação e calúnia. “Encurralados nas trincheiras”, restaria-lhes espalhar pelo mundo “o clamor das suas lástimas”. “É a propaganda do medo, é o grito apavorado de quem se defende de trás de uma tocaia e tenta, quando vê perdido, conquistar o auxílio de quem passa, chorando-lhe aos ouvidos e ao coração”. Procuravam agora – prosseguiu – apelar para a sensibilidade feminina. Em contrapartida, a Alemanha manteria a calma, concentrando-se nas operações militares. “A esperança da vitória continua a encher a alma dos seus soldados e o cérebro dos seus generais”, emendou, não obstante estar submetida ao ataque em todos os seus flancos.²⁶⁹

Rocha Lima afirmou que a Guerra tratava-se de um cataclisma étnico, que opunha a “alma latina” à “alma germânica”. Era impossível manter-se neutro perante o embate, argumentou: “Só os chimpanzés e os gorilas da África podem continuar a sua vida vegetativa sem um grito de horror e um olhar interessado. Do interesse do olhar, aos poucos, nasce a preferência”. Sublinhou que a sua, a princípio, havia sido pela França, em virtude da identidade cultural latina. Mas diante da interferência da Inglaterra, motivada por desígnios “cúpidos” e da Rússia “bárbara”, inclinou-se em favor da Alemanha. Ainda mais vendo a França, “democrática e liberal”, “beijar sem repugnância”, as faces da Rússia autocrática. Sugeriu como tremenda covardia o consórcio de nações que atacavam a Alemanha: “Na rua, quando eu passo e vejo alguém atacado por seis ou oito, não me aproveito igualmente para lhe cuspir à cara (...), paro, defendo e auxilio ao que luta só”.²⁷⁰

Em adendo à resposta de Rocha Lima, o *Diario Allemão* exaltou sua lógica e tom de segurança nos textos veiculados no *Jornal do Commercio*. Em semelhança aos textos de outros, como Oliveira Lima e Visconde de São Boaventura, o de Rocha Lima era documentado, baseado em dados. Em contrapartida, a carta de Bruno Lobo seria marcada pela “falta assombrosa de critério (...) do lobo injusto que à ovelha acusa, sem base e sem razão, pelo critério exclusivo do apetite de uma predileção”. O autor ressalta que não havia nenhum dado que pudesse comprovar os supostos atos de barbárie alemã. Tratar-se-iam de calúnias divulgadas pelos aliados, que dominavam o telégrafo. Por outro lado, seriam bem atestadas as

²⁶⁹ *Idem.*

²⁷⁰ *Idem.*

barbáries cometidas por estes, de isolar a população alemã, matando-a de fome, e a sugestão dada pelo senador francês Martin e acatada por Bruno Lobo e Érico Coelho, de provocar o aborto das mulheres que estavam grávidas de soldados alemães. Isto sim – concluiu o texto – “não é um grave insulto aos vossos corações; que alguém, catedrático ou não, apele para os vossos sentimentos para que patrocineis o aborto e o massacre de inocentes?”²⁷¹

Se por um lado o posicionamento público de Rocha Lima provocou controvérsia com Bruno Lobo e certamente despertou a antipatia em muitos de seus “patrícios”, por outro recebeu apoio. A Câmara de Comércio Teuto-Brasileira (*Deutsch-Brasilianischer Handelsverband*) agradeceu à Rocha Lima pelas “oportunas expressões” e colocou seus serviços à disposição do cientista.²⁷² Em janeiro de 1915, a tradutora para o português do “*Hamburger Nachrichten*” (Notícias de Hamburgo), a brasileira Lilia Emil, que vivia em Hamburgo, elogiou as colocações do pesquisador do *Tropeninstitut* e colocou o jornal à disposição para “expandir suas idéias”.²⁷³

Alguns brasileiros que, como Rocha Lima, não tinham ascendência germânica, compartilharam de suas idéias referentes ao papel da Alemanha na Guerra. O médico Raul de Almeida Magalhães, com quem havia estabelecido contato nos tempos de Manguinhos, escreveu-lhe em julho de 1915, exultante com a possível tomada de Varsóvia pelas tropas do Kaiser. “Os triunfos alemães têm desapontado alguns imbecis, que ainda supunham que as avalanches russas pudessem chegar até Berlim e que os cossacos pudessem amarrar seus cavalos nas tílias da Unten-den-Linden”, escreveu. Informou, ainda, que a reação por parte dos simpáticos à Alemanha havia crescido, tendo sido fundada uma Liga Pró-Germânica. Por outro lado, os jornais amplificavam o mote do “perigo alemão” no sul do país, recrudescendo as desconfianças dos brasileiros em relação às intenções do Reich.²⁷⁴ Quando recebeu aquelas linhas, nosso personagem estava mergulhado nas pesquisas sobre o tifo exantemático, conforme veremos no próximo capítulo. Ele havia contraído a doença, que matou o colega Prowazek, distanciando-se, por conta disso, do envolvimento mais direto na propaganda pró-alemã.

²⁷¹ *Idem.* Sobre o imaginário sobre o “perigo alemão” no sul do país e a postura das comunidades teuto-brasileiras ver Gertz, 1991.

²⁷² Carta da Câmara de Comércio Teuto-Brasileira a Rocha Lima de 23.12.1914. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁷³ Carta de Lilia Emil a Rocha Lima de 26.01.1915. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁷⁴ Carta de Raul de Almeida Magalhães a Rocha Lima de 26.07.1915. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Em agosto de 1915, Rocha Lima, publicou “Um ano de Guerra”, no qual fez um balanço do conflito, que refletiu o otimismo reinante entre os alemães: “É indescritível a sensação elevada de conforto moral de quem tem a felicidade de compreender e sentir a atmosfera de dedicação sem limites, de heroísmo estóico, de caridade sublime e desconfiança serena que há um ano e meio se respira na tão caluniada Alemanha”.²⁷⁵ No texto fez algumas retificações, que sugerem que as críticas tiveram dimensão bem maior do que da controvérsia acima mencionada. Salientou que jamais afirmara que a Alemanha venceria ou deveria vencer a Guerra, nem havia tentado convencer da vantagem dessa vitória. Tampouco teria preconizado maior simpatia por aquele país do que pelos seus inimigos. Mas reforçou a profunda admiração que sentia por aquele povo de “virtudes cívicas inexcedíveis”. Ela se impunha – argumentou – como um fato objetivo, em consequência da “lógica dos fatos”. Ao contrário da maior parte dos brasileiros, afirmou conhecer com profundidade a mentalidade e modo de proceder dos alemães, “devido à uma longa permanência neste país, à qualidade de suas relações e à natureza de sua profissão”, justificou. As informações que tinha da guerra provinham de fontes seguras – amigos, colegas, pessoas que haviam estado no front, feridos, além do fato de ter estado durante 6 meses num campo de prisioneiros russos. Desmentiu o fato de que havia censura às informações estrangeiras. Pelo contrário – contestou – “em nenhum país beligerante se facilita tanto a informação do povo sobre os acontecimentos da guerra como na Alemanha.”²⁷⁶ O povo alemão acreditava mais nos comunicados oficiais de seu governo porque eram os que se mostravam mais exatos, complementou.

Este foi o último informe de Guerra de Rocha Lima. Em 1916, os esforços de divulgação e validação de seus achados concernentes à etiologia do tifo praticamente monopolizaram seu tempo e atenção. Gradualmente, o conflito passou a desenrolar-se em favor da França e seus aliados. Essa tendência firmou-se de vez com a entrada dos Estados Unidos na Guerra, em 1917. Acompanhando o “vizinho do norte”, logo depois o Brasil também declararia Guerra às potências centrais. Empresas alemãs, populações e associações teuto-brasileiras sofreram uma série de hostilidades.²⁷⁷ A disposição anti-alemã deu o tom do noticiário da imprensa, também ganhando força as tendências nacionalistas. A famosa “lista negra” decretada pelos ingleses comprometeu o funcionamento de firmas alemãs e teuto-brasileiras, sendo também interrompido o ativo comércio cafeeiro destinado ao Reich. Nesse

²⁷⁵ “Um ano de Guerra na Alemanha”, texto datilografado, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁷⁶ *Idem.*

²⁷⁷ Sobre o impacto da Guerra no Brasil e os conflitos que ela ensejou, ver Luebke, 1987.

período Rocha Lima encontrava-se novamente na Polônia, onde dedicava-se às pesquisas sobre uma outra doença associada à Guerra – a chamada febre das trincheiras. Acompanharemos no terceiro capítulo a participação de nosso personagem no conflito mundial de uma outra perspectiva – a dos esforços médicos destinados a manter a saúde das tropas – a qual garantiu sua efetiva integração na comunidade acadêmica germânica. Antes disso, abordaremos no próximo suas pesquisas desenvolvidas como colaborador do *Tropeninstitut*, as estratégias de validação de seus enunciados, os diálogos e controvérsias travados e o papel de suas contribuições para sua reputação científica na Alemanha e no exterior.

CAPÍTULO 2: ROCHA LIMA NO INSTITUTO DE DOENÇAS MARÍTIMAS E TROPICAIS DE HAMBURGO (1909-1914)

Como foi mencionado no capítulo anterior, Rocha Lima atendeu ao convite do ex-professor Hermann Dürck para ocupar o cargo de assistente do Instituto de Patologia da Universidade de Jena, pedindo, inicialmente, apenas uma licença de afastamento do Instituto de Manguinhos. As fontes consultadas não permitiram esclarecer as circunstâncias do convite. São igualmente reticentes em relação às atividades desenvolvidas por nosso personagem no curto período em que permaneceu em Jena. Até mesmo a data de sua partida é obscura. Algumas referências da memorialística médica falam em 8 meses (s.n. 1940, p. 18; Falcão, 1966, p. 56, 1967, p. 356). O protocolo lavrado pelo Senado e Colegiado Médico de Hamburgo fixa em 15 de setembro de 1909 a incorporação de Rocha Lima ao *Tropeninstitut* como pesquisador assistente.²⁷⁸ Dessa forma, parece bastante correta a suposição que ele tenha embarcado para a Alemanha em janeiro de 1909.

Vimos que Rocha Lima foi incorporado ao Instituto de Hamburgo por esforço de Prowazek, com quem teve contato em Manguinhos. Vimos ainda, que a decisão de aceitar o convite de Prowazek e, por consequência, de ficar na Alemanha permanentemente, ocasionou a ruptura com Oswaldo Cruz. Além disso, demonstramos que mesmo assim, ele manteve o contato com os antigos colegas de Manguinhos, procurando influenciar na dinâmica interna do Instituto. Analisemos agora sua atuação no *Tropeninstitut* até a Primeira Guerra Mundial: as problemáticas científicas as quais se dedicou, os diálogos e controvérsias por ele travados e as estratégias de integração à comunidade médico-científica alemã.

²⁷⁸ StA HH 111-1 Senat CI VII. Lit Qb 8b Vol. 15 Fasc. 13 Auszug aus dem Protokoll des Medizinalkollegiums. 111te Sitzung, Hamburg, 12.02.1914

2.1. As primeiras atividades

“Eu já me acho instalado na minha nova morada, realizando, assim, um sonho dourado, e no Instituto me vou sentido cada vez melhor”, comunicou Rocha Lima a Oswaldo Cruz em janeiro de 1910.²⁷⁹ A carta, escrita um pouco antes deles romperem relações, transmitia algumas sugestões de Prowazek a artigo de Arthur Moses e José Gomes de Faria e fazia algumas considerações sobre as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, remetidas ao *Tropeninstitut*. Ele relatou na mesma carta que ocupava-se à época com estudos sobre “hemolisinas relativas à febre hemoglobinúrica”.²⁸⁰ Este era um quadro associado à malária, que consistia na excreção de uma urina escura, em virtude da liberação de hemoglobina acarretada pela ruptura de grandes quantidades de hemácias. Bernhard Nocht o correlacionara à utilização da quinina. Aparentemente, os estudos do pesquisador brasileiro sobre esse tema não foram levados a termo, pois nenhuma publicação veio a lume.

Conforme vimos, o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo atendeu, a um só tempo, aos interesses de grupos ligados à cidade hanseática, sendo subordinado ao Senado local, e àqueles perseguidos pela política colonial de Guilherme II. Para o Departamento Colonial do Reich, o estudo e combate das doenças, nas colônias alemãs, e a formação de médicos para atuar nos trópicos foram questões prioritárias na criação de um instituto de medicina tropical. Por conta disso, a maior parte das expedições científicas realizadas nos primeiros anos foram direcionadas para o continente africano (Brahm 2002, p. 5).

Folheando o *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene* (Arquivo de Higiene Marítima e Tropical), que tornou-se praticamente o periódico oficial do *Tropeninstitut*, é possível notar que as primeiras atividades a que Rocha Lima se dedicou no novo posto relacionaram-se à saúde das colônias e protetorados. Ele fez análises anátomo-patológicas de preparados enviados por médicos atuantes nas possessões alemãs. No volume treze daquela revista veio a lume os primeiros resultados das pesquisas feitas no material remetido pelo cirurgião colonial Dr. Assmy, de Chungking, localizado na Baía de Kiachau, província de Shandong, China, protetorado alemão desde 1898 (Rocha Lima, 1909). Diagnosticou como fibroma inflamado

²⁷⁹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11. Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 06.01.1910.

²⁸⁰ *Idem*

um tumor originário do pulso, e como carcinoma do epitélio liso, a úlcera genital de um sacerdote taoísta. Num tumor da língua de um chinês, constatou endotelioma linfático (Idem). Em 1911, foram veiculados no mesmo periódico resultados de novas análises. Investigou dois tumores de um paciente que havia falecido de doença análoga à influenza. Com base no quadro histopatológico, sugeriu ser mais provável tratar-se da doença à época designada “Febre Papatacia”, hoje mais conhecida como “Febre dos Flebotomíneos” (Rocha Lima, 1911). Os resultados do material enviado pelo conselheiro médico E. Girschner, atuante em Ponape - uma das ilhas que compunham o arquipélago chamado “Ilhas Carolina”, possessão alemã no Oceano Pacífico - acusaram como melanossarcoma o tumor retirado do calcanhar de um nativo (Rocha Lima, 1911b). Também foi analisado material remetido pelos médico colonial Geisler, que trabalhava em Neu-Langenburg, pelo “Oberarzt” (Médico-sênior) Bastels, de Kilimantinde, ambos estabelecidos na África Oriental Alemã (atual território da Tanzânia), e por Ernst Rodenwalt, que enviara preparados do Togo. Mas a parte mais expressiva dos exames foi de amostras de tecidos e lesões, a maioria de tumores, enviadas por Eckert, que atuou nos Camarões (Rocha Lima 1911c, 1911d, 1911e, 1911f).

É curioso observar que parte não desprezível das análises de Rocha Lima foram feitas em material originário de nativos, como homens e mulheres da tribo Bulu ou Mtumbi, estabelecidas nos Camarões, ou mesmo no já referido caso do nativo das Ilhas Carolinas. A historiografia da medicina tropical nos aponta que o interesse primário dessa especialidade médica no âmbito do colonialismo novecentista foi assegurar a sanidade das populações européias estabelecidas nas possessões coloniais. Epidemias ou endemias que grassavam entre as populações nativas – mostra-nos essa mesma historiografia - foram alvo de preocupação das autoridades sanitárias, apenas na medida em que representavam risco para o pessoal envolvido na administração e defesa das colônias. Não por acaso, medidas como a segregação das populações locais das européias foram preconizadas com frequência no caso de doenças como a malária e a tripanossomíase africana, ou Doença do Sono. No caso da medicina tropical alemã não foi muito diferente. Wolfgang Eckart (1997) nos dá uma pista esclarecedora das circunstâncias que levaram médicos a remeter ao *Tropeninstitut* material patológico de nativos, que, aparentemente, não tinha nenhuma relação com as doenças mais temidas pelos europeus. Segundo o historiador alemão, desde 1907, com a nomeação de Bernhard Dernburg como primeiro secretário do Departamento Colonial do Reich, ganhou ênfase a abordagem que colocou os nativos no centro dos interesses da política imperial e, por extensão, da medicina tropical. Eles passaram a ser considerados o fator de maior peso nas

engrenagens que moviam a economia imperialista. Como os europeus não conseguiriam, no curto prazo, se aclimataram de forma duradoura nos trópicos – defendeu o médico-geral do Reich no Togo e Camarões, Ludwig Külz – as populações nativas deveriam ser encaradas, não apenas como produtoras de insumos para a economia alemã e consumidoras de mercadorias industrializadas, mas também como “fontes para a provisão de trabalho de todos os empreendimentos europeus” (Külz 1910 *apud* Eckart 1997, p. 59).

Por outro lado, havia o interesse puramente científico na empreitada. Médicos que lidavam com as doenças referidas como “exóticas” eram animados por um espírito catalográfico, em grande medida tributário da tradição naturalista, que foi um dos mananciais da nova disciplina médica voltada para os trópicos. A nosologia das possessões alemãs da África, Ásia e Oceania chegava ao Instituto de Hamburgo na forma de pequenos blocos conservados em parafina ou em sublimado, ou ainda como “trapos de tecido”. Submetidos à análise histopatológica, davam uma amostragem dos fenômenos clínicos que, provavelmente, não haviam sido decifrados pelos médicos locais, e que talvez por isso merecessem um olhar mais acurado. No começo do século XX, não eram poucos os enigmas a serem desvendados no complexo terreno da patologia tropical: manifestações clínicas que aludiam a doenças obscuras, o estudo taxonômico e ecológico dos vetores e hospedeiros intermediários e as intrincadas tramas e dinâmicas sociais e ambientais que prendiam estes aos patógenos e populações humanas. A competição entre as potências imperialistas também no campo científico, animada pelo nacionalismo inflamado daquele período, impulsionou os médicos tropicais a buscar novos elementos capazes de render créditos à ciência de seus respectivos países.

Em meio às remessas dos médicos das possessões alemãs, vieram do Togo dois casos suspeitos de febre amarela. A partir destes, Rocha Lima pôde dar continuidade, em Hamburgo, aos estudos sobre a anatomia patológica daquela doença, iniciados em Manguinhos. Como vimos, ela era bastante identificada à comunidade médica brasileira, em virtude das relações históricas com a capital do país e dos estudos e campanhas que consagraram Oswaldo Cruz e seu instituto. Na decolagem de sua trajetória científica em solo alemão, nosso personagem recorreu a um tema reconhecido internacionalmente como marca de excelência da sua comunidade de origem. A identificação dele com a febre amarela, evidencia-se na já referida carta a Oswaldo Cruz, na qual ele trata de suas primeiras atividades no *Tropeninstitut*. Nela, relata que havia sido encarregado da doença no curso de moléstias tropicais, “sobre o qual fiz uma lição de três horas depois de estudar longa e

aprofundadamente o assunto. Lamentei não ter umas vistas cinematográficas dos serviços de expurgo, que fariam um belo sucesso”, escreveu.²⁸¹ Aproveitara algumas fotos da expedição de Otto e Neumann para ilustrar a campanha que havia trazido prestígio e reconhecimento a Oswaldo Cruz e à ciência praticada no Brasil. Ao prosseguir os estudos sobre a patologia da febre amarela, nosso personagem reforçava a consciência incutida em Manguinhos, de que o conhecimento sobre problemas locais era o passaporte que franquearia o acesso às redes da ciência internacional

2.2. Rocha Lima e a anatomia patológica da febre amarela

No capítulo anterior, vimos que a febre amarela foi um dos principais elos das relações estabelecidas por Manguinhos com a medicina tropical do *Tropeninstitut*. Vimos também que Rocha Lima iniciou, ainda durante a campanha feita por Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, investigações anátomo-patológicas no Hospital de Isolamento São Sebastião. O acesso àquele hospital, garantido pelo então diretor de saúde pública, permitiu que examinasse com cuidado os 38 últimos casos mortais da doença, ao lado de outros tantos suspeitos ou de diagnóstico duvidoso (Rocha Lima 1926). Naquele momento, como ressalta Rocha Lima, a confirmação segura da morte por febre amarela serviria para atestar a eficiência da campanha orquestrada desde 1903 pelo diretor de Manguinhos. Ele afirma também, que somente em 1905, depois que a comissão do Instituto Pasteur deixou o Rio de Janeiro, é que foi possível dar início às autópsias nos cadáveres até então direcionados para as pesquisas dos franceses (Idem, 1937).

O diagnóstico *post-mortem* dos primeiros casos suspeitos de região considerada indene era fundamental para o acionamento dos dispositivos sanitários de circunscrição e combate da epidemia. Num contexto epidêmico, bastava “descortinar um cadáver amarelado com sangue dessecado na comissura labial, para se poder quase garantir que se trata de febre amarela”, afirma nosso personagem. Os membros da comissão do Instituto Pasteur afirmavam que a alteração da constituição e aparência do fígado, ao lado da coloração da pele, eram suficientes para firmar o diagnóstico pós-mortal. Os alemães Hans Moritz Otto e Richard Otto Neumann, do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, confirmaram essa proposição. Rocha Lima defendeu que isto poderia valer em contextos de epidemia, mas não para o diagnóstico de

²⁸¹ BR RJCOOC OC-COR-CI-11 Carta de Rocha Lima a Oswaldo Cruz de 06.01.1910.

casos isolados, nem para garantir a erradicação de todos os focos da doença (Rocha Lima 1912, 1912b, 1926, 1937).

No Hospital de Isolamento São Sebastião, Rocha Lima pôde examinar vítimas das mais diversas doenças, muitas das quais apresentavam quadros clínicos e patológicos bastante semelhantes ao mal amarelado. Notou que alterações na coloração do fígado, marcantes na febre amarela, eram comuns a muitos outros quadros, assim como a icterícia e a chamada degeneração gordurosa hepática (Idem, p. 2). A maior parte dos autores defendia que esta última constituía a principal característica anátomo-patológica da doença. A chamada esteatose hepática consistia na presença anormal no citoplasma das células – predominantemente nos hepatócitos – de depósitos de gordura que formavam vacúolos de diferentes tamanhos, em decorrência da alteração no metabolismo dos lipídeos. Na obra de referência de Miguel Couto e Azevedo Sodré, escrita em francês e traduzida, em 1901, para o alemão, “*Das Gelbfieber*” (A Febre Amarela), a degeneração gordurosa foi considerada a lesão patognomônica da febre amarela, ou seja, aquela específica a ponto de servir para diagnosticar retrospectivamente a doença.²⁸² A mesma opinião foi defendida pelos pesquisadores da comissão francesa no robusto relatório sobre os estudos feitos no Rio de Janeiro entre 1904 e 1905.

Na série de autópsias que realizou entre 1905 e 1906, Rocha Lima notou um conjunto de modificações no fígado, que se mostraram específicas dos casos de febre amarela, e que por isso, poderiam ser empregadas no diagnóstico diferencial da doença. Apenas este excluiria a presença de outras perturbações orgânicas, como febre hemoglobinúria, intoxicação por fósforo, diferentes formas de icterícia - em particular a icterícia hemorrágica, identificada mais tarde como Doença de Weil - e outras doenças infecciosas. “Somente uma investigação mais exata do processo anatômico e a pesquisa comparada de sua extensão poderiam, talvez, ao lado de minuciosos estudos citológicos no local das principais lesões hepáticas, oferecer melhor perspectiva de sucesso”, assegurou nosso personagem (Rocha Lima, 1912b).

Em pesquisa na literatura, Rocha Lima não encontrou referências às lesões hepáticas que constataria nos exames anátomo-patológicos. Segundo ele, a maior parte dos trabalhos fazia coro com a opinião defendida por Miguel Couto e Azevedo Sodré. Seidelin, por

²⁸² A obra de Miguel Couto e Azevedo Sodré foi traduzida para o alemão por Max Kahane para fazer parte da enciclopédia de Karl W. H. Nothangel (Benchimol, 2001)

exemplo, concluíra de suas experiências que “em muitos casos, a metamorfose da gordura é praticamente a única alteração de alguma importância”, muito embora também admitisse a relevância da “necrobiose, hiperemia e infiltração celular”, sem detalhar a divisão e disposição dos focos necróticos (Chiari 1925, p. 377). Mesmo assim, Rocha Lima considerou as lesões por ele encontradas um critério seguro para o diagnóstico dos últimos casos de febre amarela. Nos relatos retrospectivos nos quais nos baseamos, justifica não ter publicado nada sobre o assunto à época, devido à falta de experiência em anatomia patológica e porque preferiu esperar para comparar seus resultados com material histopatológico originário de outras regiões e concernentes a outras doenças (Rocha Lima 1926, 1937).

No Instituto Patológico de Munique, onde esteve em 1906-7, Rocha Lima analisou peças anátomo-patológicas do fígado de mais de 40 amarelentos e de vítimas de doenças, como peste bubônica, tifo exantemático, malária, febre hemoglobinúria, varíola, septicemia, calazar, doença do sono, febre recorrente, disenteria e histoplasmose (Rocha Lima 1912b). No *Tropeninstitut*, teve acesso a peças de casos de febre amarela remetidas pelos médicos coloniais da África, e coletadas em expedições, entre as quais a principal havia sido a de Hans Moritz Otto, ao Togo, em 1905 (Brahm 2002). Mas foi a partir da autópsia de dois casos remetidos exatamente dessa possessão alemã, que o pesquisador brasileiro pôde confirmar a ocorrência regular das alterações hepáticas por ele observadas no Rio de Janeiro, e a validade das mesmas no diagnóstico pós-mortal da doença.

Na 4ª reunião da Sociedade Alemã de Medicina Tropical, ocorrida entre os dias 17 e 20 de setembro de 1911, e na 15ª, da Sociedade Alemã de Patologia, reunida entre os dias 15 e 17 de abril de 1912, apresentou os resultados de suas investigações (Rocha Lima 1912, 1912b). Nelas, defendeu o valor das lesões histopatológicas do fígado no diagnóstico necroscópico, já que nem o diagnóstico clínico, nem o sorológico constituíam critérios seguros. Além disso, advertiu que as informações da literatura sobre os caracteres macroscópicos relacionados à doença – icterícia generalizada, manchas difusas de cor violeta, fígado amarelado, inchaço e adiposidade da musculatura cardíaca e parênquima renal e hiperemia de órgãos como o intestino – permitiam, no máximo, uma diferenciação de um grupo de afecções mais ou menos próximas da febre amarela, mas nunca um diagnóstico confiável (Rocha Lima 1912, 1912b).

No aspecto macroscópico, Rocha Lima confirmou a icterícia generalizada e sempre presente, concentrada na parte anterior do peito, no rosto e na garganta. Descreveu a cor mais

clara do fígado e a presença de gotas de gordura em quase todos os tecidos acometidos. No trato digestivo, flagrou a ocorrência de sangramentos, a coloração acinzentada assumida pela mucosa do estômago e a dilatação de vasos preenchidos com sangue. Notou que o coração do amarelento apresentava consistência mais flácida e com coloração vermelho-amarronzada, como de barro. O endocárdio aparentava icterícia, ao passo que as fibras musculares mostravam-se degeneradas, com vacúolos no interior das células. Além da coloração mais clara, o fígado apresentava a aparência de um órgão anêmico e gorduroso, geralmente hipertrofiado e com consistência elástica, nunca flácida (Rocha Lima 1912b). Foi neste órgão que identificou as lesões que considerou típicas da doença.

Em linhas gerais, o pesquisador brasileiro constatou que as lesões necróticas na febre amarela concentravam-se, com maior frequência e densidade, na zona intermediária do lóbulo hepático, e não na central ou periférica.²⁸³ Segundo ele, com apenas uma lupa já era possível notar uma zona amarelada na periferia do lóbulo, e uma central, vermelho-rosada, no meio da qual se distinguia uma “ilha amarela”. Com a coloração por hematoxilina-eosina, a mais empregada na investigação histológica, e pelo sudão, notou que ao invés da cor e aparência homogêneas das células hepáticas normais, era possível distinguir as três zonas acima referidas – uma mais ampla, quase sempre a intermediária; uma periférica, geralmente separada da primeira de forma bastante nítida, e uma central, que geralmente consistia de poucas células. Viu que o aspecto diferencial destas zonas devia-se à composição e arranjo específicos de células em cada uma delas. Enquanto as regiões central e periférica apresentavam tamanho e aparência semelhantes, a intermediária mostrava um aspecto diferenciado, por concentrar as lesões necróticas. Diferentemente do que ocorria em outras doenças, a necrose ali observada tinha um aspecto “salpicado”, já que era constituída por diferentes tipos celulares. Um deles consistia em células pouco atrofiadas, que assumiam formas arredondadas, com o núcleo completamente destruído ou modificado e o protoplasma corado de vermelho pela Hematoxilina-Eosina, indício de que havia assumido composição completamente acidófila, além do aspecto granuloso. Rocha Lima considerou estas as verdadeiras células necróticas, as quais se misturavam com tipos celulares de aspecto

²⁸³ Os lóbulos hepáticos são unidades formadas pelos hepatócitos, que se dispõem em placas de uma só camada orientadas radialmente. Entre os hepatócitos insinuam-se capilares denominados sinusóides, que são separados dos primeiros apenas por uma fina camada de fibras reticulares. No centro do lóbulo há uma veia denominada centro-lobular. Eles são delimitados por uma massa de tecido conjuntivo rica em dutos biliares. O lóbulo contém ainda o chamado espaço-porta, formado pelo duto biliar, por um ramo da artéria hepática e pela veia portal hepática. Em algumas porções do fígado, os lóbulos se tocam, constituindo uma continuidade do parênquima hepático, em outras são separados por vasos e pelo tecido conjuntivo.

rendilhado devido ao acúmulo de gordura no citoplasma, mas que mantinham o núcleo normal, inclusive com intensa atividade. Ao apontar isso, ele contrariava a maioria dos autores, que considerava as células com degenerações gordurosas como os principais produtos das alterações provocadas pelo “vírus” amarelíco. Em 1890, o norte-americano M. T. Councilman já havia distinguido os hepatócitos necrosados como células coradas de vermelho pela Eosina, com contornos nítidos, refringentes, e constituídas por uma substância hialina com numerosos vacúolos. Ele denominou tais estruturas como “corpos hialinos” (hialinbodies), sendo também referidas como “corpúsculos de Councilman”. Rocha Lima aludiu ao trabalho do norte-americano em palestra à Sociedade Alemã de Patologia, em 1912 (Rocha Lima 1912b, p. 172), o que não o livrou de controvérsias deflagradas anos depois, acerca de sua prioridade naqueles estudos, conforme veremos adiante.

Com base nas diferenças morfológicas entre as células necróticas e aquelas com inclusões abundantes de gordura, formulou a hipótese de que uma suposta toxina liberada durante a infecção amarelíca atingia os hepatócitos. Alguns – propôs ele – sofriam uma transformação no seu protoplasma, que tornava-se granular, com conseqüente modificação de suas afinidades químicas, enquanto outros tinham comprometido apenas o metabolismo de lipídeos (Rocha Lima 1912b). Ainda no protoplasma das células necrosadas, que se mostrava mais compacto e escuro que o das normais, destacou a presença de grânulos uniformemente distribuídos, corados de negro ou amarelo, de acordo com o método de coloração empregado. Nestas e nos demais tipos celulares, presentes em todas as regiões do fígado, também identificou pigmentos de gordura, diferentes dos vacúolos lipídicos vistos nas células acometidas pela esteatose (Idem).

Enquanto na maioria das lesões provocadas por outras doenças ou intoxicações, os componentes necrosados formavam focos homogêneos no fígado em meio ao tecido normal, na febre amarela Rocha Lima notou que as células necróticas encontravam-se dispersas entre as células cheias de gordura e as normais. Elas se diferenciavam não apenas pela coloração peculiar e modificações ou perda do núcleo, como também por apresentarem um formato arredondado, por se fragmentarem ou se desprenderem. Mas como o arcabouço de sustentação constituído pelo tecido conjuntivo e vascular mantinha-se intacto – observou– tais células ficavam retidas na localização original, de modo que a posição das necroses no lóbulo hepático servia para distinguir a infecção amarelíca:

Estas necroses isoladas, estas necroses salpicadas, são mais numerosas na zona chamada intermediária, à periportal [periférica] e à central, de modo que frequentemente se forma uma zona muitas vezes até extremamente larga de necrose, ocupando todo o lóbulo hepático com exceção de uma pequena faixa ao redor da veia central e dos espaços interlobulares (Rocha Lima, 1926).

Rocha Lima salientou que o aspecto diferencial da porção intermediária do lóbulo hepático devia-se à prevalência numérica das células necróticas, e não a uma diferença no grau de alteração provocado. Quando as lesões do fígado não ocorriam de forma tão extensa, devido à morte rápida pela vulnerabilidade do rim ou dos centros nervosos, encontravam-se apenas algumas células necróticas esparsas, mas sempre localizadas preferencialmente na posição intermédia dos lóbulos. Assim como o arcabouço de sustentação do tecido, os capilares sanguíneos que se insinuavam entre os hepatócitos conservavam sua fisionomia normal. Dessa forma, na infecção por febre amarela, diferentemente de outras afecções, era consideravelmente mantido o ordenamento radial do lóbulo hepático, formando como se fossem “colunas” de hepatócitos que partiam da veia centro-lobular. Rocha Lima notou que podiam ocorrer alterações vasculares na zona lobular intermediária, a mais comprometida pela necrose. O espaço vazio deixado pelas células necrosadas atrofiadas ou desintegradas era preenchido na região dos capilares com plasma, leucócitos, mas principalmente por glóbulos vermelhos, que abandonavam os vasos por diapedese.²⁸⁴ Os vasos nessa área estavam quase sempre preenchidos com sangue. Ele ressaltou que essa hiperemia nas zonas intermediárias conferia ao fígado do amarelento uma aparência bastante característica, quando observado ao microscópio (Rocha Lima, 1912b).

De acordo com Rocha Lima, o tecido conjuntivo portal – aquele que circunda e estrutura a região portal, na qual se localiza a veia porta-hepática e os dutos biliares – mantinha-se praticamente inalterado na febre amarela, apenas com pequenas infiltrações celulares. O epitélio dos dutos biliares apresentavam, apesar da aparência normal, depósitos de gordura no protoplasma, geralmente em forma de uma grande esfera isolada. Em geral, o pesquisador brasileiro encontrou com bastante frequência células em mitose, o que o levou a sugerir que a regeneração hepática ocorria através dessa forma de divisão celular, não desencadeando processo de cirrose. Suas observações contribuíram ainda para aduzir

²⁸⁴ Diapedese é o processo de migração celular dos capilares sanguíneos para o tecido, que elas alcançam atravessando as paredes vasculares. É geralmente associado à inflamação, sendo o meio pelo qual as células de defesa são atraídas ao local afetado, onde destroem os agentes invasores.

fundamentos anatômicos para o mecanismo que levava à icterícia. Ele notou que nas zonas do lóbulo hepático menos acometidas pela necrose havia abertura de dutos biliares e formação de uma espécie de canal, ao lado do espaço linfático perivascular. Considerou a hipótese de que aqueles vasos eram interrompidos nas zonas mais afetadas, havendo ali um esvaziamento de seu conteúdo, a bÍlis (Rocha Lima, 1912b).

Muito embora defendesse o valor diagnóstico das lesões encontradas na febre amarela, Rocha Lima teve cautela, na reunião da Sociedade Alemã de Medicina Tropical em Dresden, em afirmar sua especificidade de forma categórica: “Naturalmente eu não pretendo afirmar que o quadro que nós aqui temos esteja relacionado com fenômenos totalmente específicos e patognomônicos, porque nem toda doença foi investigada de forma tão exata nesse aspecto”, ponderou (Rocha Lima 1912b, p. 198). Considerou possível que modificações hepáticas semelhantes ocorressem em casos isolados, ou que não estivessem presentes em algumas vítimas da febre amarela, sobretudo as que haviam sofrido um ataque fulminante da doença. “O que eu posso dizer, é que até agora eu não pude encontrar, nem na literatura, nem nas centenas de fígados por mim pesquisados, as modificações com a disposição típica que constatei na febre amarela”, declarou (Idem, p. 198).

Otto, provavelmente Hans Moritz Otto, bastante familiarizado com aquela doença, observou na reunião da Sociedade Alemã de Medicina Tropical, que os resultados de Rocha Lima explicavam de forma satisfatória o surgimento da icterícia na infecção, foco de controvérsias entre os pesquisadores. Comentou ainda, que poderiam ser aplicados no diagnóstico, desde que este não fosse baseado apenas no quadro histológico do fígado. Em sua opinião, o diagnóstico macroscópico mantinha seu valor numa série de casos, ao passo que outros elementos, como a dilatação do baço e a comprovação dos respectivos patógenos, serviam como critérios de exclusão de outras doenças, como septicemia e formas de malária, como a febre hemoglobinúria. Em réplica, Rocha Lima reforçou as modificações histológicas como meio mais seguro de diagnóstico em necrópsias. “Mas nem afirmei que estas seriam sempre infalíveis, nem recomendei apenas a pesquisa microscópica de cortes do fígado, o que estaria em contradição com nossas experiências gerais” – declarou (Rocha Lima 1912). Além disso, nem sempre os parasitas podiam ser isolados e a dilatação do baço não ocorria na septicemia de forma marcante, podendo também estar presente na febre amarela em decorrência de infecções secundárias, redargüiu (Rocha Lima 1912b, p. 198-9).

Na reunião da Sociedade Alemã de Patologia, Rocha Lima também apresentou as alterações provocadas pela infecção amarílica nos rins, menos constantes e características do que aquelas encontradas no fígado. Consistiam na formação de concrementos calcários nos canais renais. Cilindros hialinos e células epiteliais dos vasos renais eram “empurrados” para o lumen destes. Além disso, notou a presença de gotículas de gordura nas células de vários componentes daquele órgão (Rocha Lima 1912b). Assim como ocorrera na reunião da Sociedade Alemã de Medicina Tropical, nosso personagem procurou, no certame dos patologistas em Estrasburgo, demonstrar os limites dos seus achados, precavendo-se de eventuais críticas. O esforço de tentar firmar o diagnóstico necroscópico da febre amarela de forma mais segura não deveria ser confundido – relativizou – “com a crença numa certeza absoluta do mesmo” (Rocha Lima 1912a, p. 180). Não se deveria esperar de processos degenerativos, causados por uma toxemia, certeza maior no diagnóstico do que aquela fornecida pela pesquisa bacteriológica e sorológica. Sob certas condições, o diagnóstico histopatológico poderia ser igualmente “infrutífero, incerto ou ambíguo” (Idem, p. 180). Novamente, declarou não ter segurança em afirmar se as modificações apresentadas poderiam ocorrer em outras doenças. Defendeu apenas que nunca havia encontrado aquele tipo de necrose na zona intermediária dos lóbulos em nenhuma outra enfermidade. Nisso, porém, foi contestado por alguns presentes. Um deles (v. Gierke) aludiu a quadro semelhante no fígado de um soldado, ao qual classificou como atrofia hepática aguda. Perguntou se casos de acometimento análogo daquele órgão seriam também observados na Alemanha, pondo em cheque, de forma sub-reptícia, a especificidade das lesões descritas pelo brasileiro, uma vez que a febre amarela sabidamente não ocorria em território germânico. Outro (B. Fischer) afirmou ter observado necrose semelhante, também concentrada nas zonas intermediárias do lóbulo hepático, em casos de peritonite e apendicite. Um terceiro (Prym) também declarou ter encontrado o mesmo quadro histológico em apendicite gangrenosa. Mais direto, concluiu: “Os achados no fígado, por si só, não são patognomônicos para a febre amarela” (Rocha Lima 1912, p. 181). Em réplica Rocha Lima rebateu:

Eu não afirmei que a necrose intermediária do lóbulo hepático é patognomônica para a febre amarela (...) eu próprio encontrei-a em alguns casos de outras doenças. Destaquei muito mais a regularidade das modificações e particularmente os detalhes histológicos, que sugerem um efeito peculiar da toxina amarílica e que eu nunca encontrei em outras doenças” (Idem, p. 181-2).

Pelos questionamentos dá para notar que os resultados do pesquisador do *Tropeninstitut* foram recebidos com ceticismo. Ele próprio sugere isso, ao afirmar que teve de esperar anos até que seus enunciados fossem submetidos à verificação, tanto pelos médicos tropicais, como pelos patologistas (Rocha Lima 1937, p. 499). Diz ainda:

Minha afirmação de que é possível estabelecer, a partir de modificações difusas de uma grande glândula e da combinação de finos detalhes histológicos, o diagnóstico diferencial anátomo-patológico de uma doença epidêmica, de caráter geral e sem localização orgânica particular, parece ter soado no círculo dos patologistas como algo muito inabitual e estranho (Rocha Lima 1937).

Chiari (1925) refere-se às objeções, frieza e indiferença enfrentadas pelos achados de Rocha Lima, aspecto reafirmado por Otto Bier, que atribui o ceticismo aos seguintes elementos:

tinha em seu desfavor pelo menos 3 fatores ponderáveis: era um sul-americano jovem (contava então com 32 anos), presumivelmente ainda pouco experiente e que procurava derrubar um dogma, ao criar uma síndrome anatomopatológica característica de uma doença já tão bem estudada como a febre amarela

Miguel Couto encontrava-se em Berlim quando recebeu o trabalho do ex-aluno sobre a febre amarela, refutando seus próprios achados:

Vi, sobretudo pela sua esplêndida memória sobre a anatomia patológica da febre amarela, que estamos em desacordo em mais de um ponto; mas isto não fica assim, porque quando chegar ao Rio, a pedido do Jornal ajustarei as nossas contas, em artigos provavelmente assinados: ‘a alma de Torres Homem’²⁸⁵

Rocha Lima afirma que até meados dos anos 1920 sua caracterização do quadro histopatológico da febre amarela permaneceu numa espécie de limbo. No relatório da comissão norte-americana à América do Sul chefiada por Richard Strong em 1913, há uma breve menção ao trabalho do pesquisador brasileiro, inclusive com a reprodução de uma estampa das lesões hepáticas por ele descritas (Strong *et al*, 1915). Nosso personagem atribuiu esse “gap” à pouca “inclinação às pesquisas anátomo-patológicas dos médicos que se ocupavam com a febre amarela nos trópicos”, e ao fato de que o extermínio da doença, em

²⁸⁵ Carta de Miguel Couto a Rocha Lima de 05.11.1912.

muitos locais, acarretou maior escassez de material de estudo (Rocha Lima 1937). Ademais, os rumos das pesquisas em busca do agente causador pareciam tornar desnecessário “o caminho difícil e por muitos temido e evitado da anatomia patológica para a verificação post-mortal da febre amarela” (Rocha Lima 1926, p. 5). Porém, declaração do oficial da Rockefeller, Henry Rose Carter, relativiza o suposto ocaso dos enunciados de nosso personagem. Em correspondência de 1924 ao diretor da Junta Sanitária Internacional, Frederick F. Russel, Carter afirma que, em 1916, quando esteve no Nordeste brasileiro, Rocha Lima era citado continuamente “como se não tivesse havido nenhum outro patologista a investigar a febre amarela” (*apud* Benchimol 2009, p. 277). Cumpre ressaltar que o norte-americano reportou isso como evidência da desconsideração de outras influências estrangeiras nos meios onde preponderava a germânica: “Estou inclinado a pensar que, onde quer que se encontre a influência alemã forte na América do Sul (científica ou de outra natureza), tender-se a considerar os trabalhos realizados por qualquer outro povo dignos de pouco respeito” (*Idem*). Em carta de 11 de outubro de 1923, o mesmo Carter considerou Rocha Lima “suspeito”, em virtude das estreitas relações com os pesquisadores alemães (Löwy 2006, p. 190).

É interessante essa percepção sobre nosso personagem registrada pelos norte-americanos nos anos 1920. No ambiente de competição que caracterizou a luta por nichos de influência cultural e científica no meio brasileiro, a ligação dele com a Alemanha foi vista como fonte de desconfianças. Conforme veremos adiante, ela cederia lugar, no final daquela década, à estreita cooperação com ele e à apropriação de seus enunciados para o esquadramento epidemiológico da febre amarela no Brasil. Mas antes disso, o patologista brasileiro manteve contato com um dos principais personagens da Fundação Rockefeller no contexto dos estudos e campanhas contra aquela doença: Hydeio Noguchi, que em 1918 defendeu ter encontrado seu agente causador.²⁸⁶ O espiroqueta *Leptospira icteroides* foi isolado naquele ano em Guayaquil pelo pesquisador de origem japonesa, ligado ao Instituto de Pesquisas Médicas da Fundação Rockefeller. Ele esteve lá como bacteriologista da

²⁸⁶ Noguchi nasceu em 1876 em Inawashiro, no Japão. Formou-se em medicina em 1897 na Faculdade de Medicina de Tóquio. Em 1900 foi para os Estados Unidos, onde trabalhou como assistente de Simon Flexner, pesquisando venenos animais e soros neutralizantes. Em 1904 passou a fazer parte do Instituto de Pesquisas Médicas da Fundação Rockefeller, dirigido por Flexner. Notabilizou-se principalmente pelos estudos sobre o espiroqueta causador da sífilis. Tornou-se um dos principais especialistas nas pesquisas sobre os chamados espiroquetas. Aperfeiçoou o método diagnóstico daquela doença e identificou o patógeno no sistema nervoso de pacientes que apresentavam sintomas como a paralisia progressiva. Destacou-se também pelos estudos sobre outras como a febre amarela e a Doença de Carrión como veremos neste trabalho. Sobre Noguchi ver Benchimol (2009).

comissão enviada pela agência norte-americana, para estudo e combate da febre amarela. A cidade equatoriana era um conhecido foco endêmico da doença. Conforme afirmou o próprio Noguchi, há pelo menos dez anos ele se ocupava com a pesquisa dos espiroquetas. Ele havia desenvolvido novos métodos de cultivo desses seres e identificado novas espécies, além de ter comprovado a presença do agente causador da sífilis, o espiroqueta *Treponema palidum*, em tecidos do cérebro (Noguchi 1920; Benchimol 2001, 2009). Alguns pesquisadores como William Gorgas e Simon Flexner consideraram a hipótese de que o agente causador da febre amarela estivesse entre tais microrganismos, idéia já sugerida, anos atrás, pelo descobridor do patógeno da sífilis Fritz Schaudinn. Em 1917, os pesquisadores japoneses Inada e Ido haviam correlacionado a icterícia hemorrágica, referida como Doença de Weil, a um espiroqueta ao qual Noguchi agrupou em novo gênero, designado por ele *Leptospira*. No ano seguinte, em Guayaquil, isolou germe semelhante de pacientes com febre amarela e realizou numerosos experimentos animais, com o propósito de comprovar se aquele era o agente causador da doença ou um micróbio idêntico ao patógeno da Doença de Weil. Em fins de 1918, denominou o suposto agente etiológico da febre amarela *Leptospira icteroides* e o da Doença de Weil, *Leptospira icterohaemorrhagiae* (Benchimol 2001, 2009).

Nos anos seguintes, Noguchi publicou uma série de artigos nos quais defendeu ter obtido culturas puras da *Leptospira icteroides* e a reprodução, em cobaias inoculadas com o microrganismo, dos sintomas e lesões observados na febre amarela em humanos. Afirmou, ainda, que o espiroqueta possuía as mesmas propriedades associadas ao “vírus amarílico”, vírus compreendido aqui como agente patogênico genérico, ainda desconhecido: era destruído por aquecimento a 50°, não era retido pelos filtros bacterianos capazes de deter as menores bactérias conhecidas, e não podia ser visualizado no microscópio comum, apenas em campo escuro. O suposto patógeno mostrou-se capaz de reproduzir quadro análogo à febre amarela, não apenas em cobaias, como também em cachorros e macacos, podendo também ser transmitido através de mosquitos infectados (Löwy 2006, p. 155). Noguchi reportou ainda ter demonstrado reação imunológica específica do soro de convalescentes de diferentes procedências com o presumido patógeno. Ainda por meio de reações imunológicas, afirmou ter comprovado a distinção entre a *Leptospira icteroides* e a *L. icterohaemorrhagiae*, muito embora, segundo Benchimol (2001), os resultados fossem inconsistentes, abastecendo as críticas à especificidade da primeira na febre amarela. Defendeu o valor do teste de fixação do complemento no diagnóstico dos casos suspeitos, e o valor curativo de uma vacina e soro desenvolvidos a partir do espiroqueta (Idem).

O patógeno reivindicado por Noguchi e os imunoterápicos por ele desenvolvidos foram aceitos de forma entusiasmada pelos oficiais da Fundação Rockefeller, principalmente pelo diretor do instituto de pesquisa médica, Simon Flexner. Segundo Benchimol (2001), outros “personagens de peso na comunidade científica internacional” encamparam os seus enunciados. O soro e vacina e o método diagnóstico elaborados por ele foram empregados nas campanhas anti-amarílicas da agência norte-americana na América Latina no decorrer dos anos 1920. Houve quem contestasse a função etiológica da *L. icteroides* e a eficácia dos imunoterápicos desenvolvidos a partir dela. Alguns médicos latino-americanos questionaram a etiologia bacteriana de uma doença transmitida por mosquitos (Löwy 2006, p. 156). Outros defendiam a identidade da *L. icteroides* com a *L. icterohaemorrhagiae*. No Congresso de Medicina Tropical que teve lugar em Kingston, na Jamaica, em 1924, o espiroqueta descrito por Noguchi foi alvo de debates candentes. Um dos principais contendores foi o professor de bacteriologia da Universidade de Havana, Aristides Agramonte (Benchimol 2009, p. 314). O meio médico cubano havia sido em geral particularmente refratário ao germe incriminado por Noguchi.

Com o propósito de neutralizar os críticos e dar seguimento às pesquisas, Noguchi veio ao Brasil em novembro de 1923, onde a febre amarela grassava com particular intensidade em alguns estados do nordeste. Naquele ano, a Fundação Rockefeller firmara acordo de cooperação com o Departamento Nacional de Saúde Pública para o combate à doença no norte e nordeste brasileiro. Os oficiais da agência norte-americana acreditavam que os portos daquela região consistiam num dos focos-chave, ao lado de Guayaquil, no Equador, e Manaus. A teoria dos focos-chave estabelecia que a epidemia de febre amarela requeria a presença do mosquito transmissor e de pessoas não-imunes na população. Como a exposição à doença conferia imunidade duradoura, a manutenção de surtos epidêmicos só podia ocorrer em locais onde havia entrada constante de indivíduos não-imunes. Por isso ela estaria restrita aos grandes portos da costa, considerados “sementeiras” (*seedbeds*), pois eram pontos de chegada de grande número de imigrantes. A Bahia consistia num dos cinco focos-chave que, segundo os oficiais da Rockefeller, ainda persistiam na América Latina. Acreditava-se que a eliminação da febre amarela nesses locais por si só bastaria para sua erradicação no sub-contidente (Farley, 2004, p. 89-90; Löwy, 2006, p. 127-8). Elaborada por Henry Carter em 1914, a teoria dos focos-chave orientou as campanhas anti-amarílicas realizadas pela Fundação Rockefeller nos anos posteriores.

Durante a permanência no Brasil Noguchi prosseguiu as investigações sobre a *Leptospira icteroides*. Demonstrou a ocorrência do espiroqueta aos pesquisadores brasileiros e as reações específicas com o soro de convalescentes. Em janeiro de 1924, isolou cepas do suposto patógeno de vítimas de febre amarela da cidade de Vila Bela das Palmeiras, no interior da Bahia. Fez experimentos para testar a patogenicidade das mesmas, através de inoculações em animais de experimento e realizou testes imunológicos. Queria confirmar se eram capazes de provocar em animais de laboratório as mesmas mudanças anátomo-patológicas descritas em humanos. Em 1923, o patologista Thomas G. Perrin respondera afirmativamente àquela questão no caso das cobaias. Segundo ele, as lesões produzidas no fígado daqueles animais pela inoculação da *Leptospira icteroides* eram distintas, apenas em grau, daquelas acarretadas pela *L. icterohaemorrhagiae*, não podendo ser utilizadas como argumento contrário à função patogênica da primeira (Benchimol 2009, p. 243). Em carta a Rocha Lima, Miguel Couto manifestou opinião diferente:

Apesar de toda a minha simpatia pelo Noguchi ainda não pude evadir do espírito umas tantas dúvidas; as lesões descritas não são idênticas às da febre amarela e por mais procurado ainda não se deixou ver entre os nossos amarementos o espiroqueta; ora, concordo que para descobri-lo só um Noguchi, mas para verificá-lo até o seu Manoel do laboratório. Talvez seja melhor expor a teoria com todos os seus fundamentos, sem tomar partido²⁸⁷

Couto fez comentário semelhante a Sebastião Barroso, um dos que manifestaram publicamente seu ceticismo em relação ao papel etiológico da leptospira de Noguchi. Afirmou: “Pelo menos as lesões anátomo-patológicas são muito diferentes daquelas que eu fiquei cansado de ver quando por aqui existia a febre amarela” (apud Benchimol 2009, p. 243).

Para reforçar as evidências em favor do germe reivindicado como patógeno, Noguchi remeteu a Rocha Lima, em dezembro de 1924, seções dos rins de macacos-prego inoculados com o suposto patógeno, os quais haviam apresentado todos os sintomas típicos da febre amarela humana.²⁸⁸ Em carta posterior, informou que os preparados histológicos haviam sido processados por Henry Müller, o assistente que o acompanhava no Brasil. Admitiu que não era um especialista em anatomia patológica, preferindo deixar os estudos naquele domínio a

²⁸⁷ Carta de Miguel Couto a Rocha Lima de 04.08.1923. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁸⁸ Carta de Hideyio Noguchi a Rocha Lima de 02.12.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

“outros mais competentes que eu próprio”, justificou.²⁸⁹ Esclareceu que havia inoculado o primata com duas cepas do espiroqueta isoladas no interior da Bahia,²⁹⁰ com as quais Rocha Lima já havia trabalhado. Friedrich Fülleborn, que esteve nos Estados Unidos em 1923, havia trazido a Hamburgo amostras do laboratório de Noguchi. Segundo nosso personagem, era a única que havia na Alemanha.²⁹¹ Pirajá da Silva também lhe enviara exemplares das cepas isoladas de Palmeiras, mas elas não resistiram. Em carta, nosso personagem comunicou não ter encontrado os espiroquetas em *Stegomyias* – vetor da febre amarela – que haviam sugado cobaias infectadas.²⁹²

Noguchi recorreu à expertise de Rocha Lima no campo da anatomia patológica da febre amarela para constatar se o macaco havia, de fato, contraído a doença. O diagnóstico anátomo-patológico consistia num meio seguro de apontar o sucesso da infecção. O único relato de infecção bem-sucedida em macacos, conseguido pelo inglês Thomas, não havia tido muita repercussão. A susceptibilidade de animais ao vírus amarílico, que não o homem, era questão bastante controvertida, sendo em geral encarada com ceticismo. Noguchi chegou a inocular várias espécies de macacos com as cepas de Palmeiras, com alguns resultados sugestivos, mas não conclusivos (Benchimol 2009, p. 268). Mas por que ele enviou amostras do rim de macacos, se era no fígado que Rocha Lima havia identificado as lesões típicas, capazes de firmar o diagnóstico necroscópico? É bem provável que isto se devesse à divulgação recente dos estudos do médico alemão Wilhelm H. Hoffmann (1875-1950), que atuava em Havana desde o fim da Primeira Guerra.²⁹³

Em 1924, Hoffmann publicara os primeiros resultados das pesquisa anátomo-patológicas realizadas no Hospital Las Animas, na capital cubana. Ele aludira à formação de depósitos calcários nos rins de amareltos, os quais considerou elementos de maior valor diagnóstico que os demais achados histopatológicos. Descartou as modificações histológicas

²⁸⁹ Carta de Hideyio Noguchi a Rocha Lima de 17.02.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁹⁰ Carta de Hideyio Noguchi a Rocha Lima de 02.12.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁹¹ Carta de Rocha Lima a Hideyio Noguchi de 21.01.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁹² *Idem*.

²⁹³ Wilhelm Hoffmann nasceu em Wismar, Alemanha em 1875. Formou-se em medicina pela Universidade de Berlim e trabalhou no Instituto de Patologia de Breslau e por muitos anos de Instituto de Doenças Infecciosas Robert Koch. Como médico da marinha alemã realizou uma série de viagens na Índia e África. Participou durante a Primeira Guerra como conselheiro higienista na região do Mar Negro. Com o fim do conflito emigrou para Cuba, onde assumiu a convite de Juan Guiteras Gener o departamento de anatomia patológica do Hospital Las Animas, em Havana, onde morreu em 1950. Realizou uma série de estudos sobre anatomia, epidemiologia e diagnóstico da febre amarela, tendo identificado os focos endêmicos da doença na África e América Central e do Sul. Wilhelm Hoffmann in Biblioteca Virtual Adolpho Lutz, Disponível em: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/correspondencia/hoffmann.htm>. Acesso em 09/03/2011.

do fígado, considerando o diagnóstico, a partir delas, “procedimento pouco promissor, porque as modificações hepáticas, apesar de serem bastante graves, não são específicas, e há uma série de outras causas que poderiam causar tais distúrbios no tecido hepático”, declarou. Afirmou: “Em nenhum único caso entre 30 eu observei a distribuição regular das células necróticas limitadas unicamente à zona intermediária do ácino hepático” (Hoffmann 1924b). Defendeu ainda que as alterações histológicas hepáticas na febre amarela eram análogas às observadas na Doença de Weil (Hoffmann 1925). Mas em 1928, como fez questão de salientar Rocha Lima, Hoffmann não apenas reconheceu que “a pesquisa histológica do fígado constitui o recurso mais fácil e seguro para a comprovação da febre amarela”, como também a localização preferencial do processo necrótico na zona intermediária do lóbulo hepático e a diferença deste em relação à Doença de Weil (Rocha Lima 1937).

A principal fonte de conflito de Rocha Lima com Hoffmann referiu-se às formações calcárias nos rins, que este defendia ter visto pela primeira vez, ignorando as referências a elas feitas pelo médico brasileiro em 1912 (Hoffmann 1924). Em carta a Noguchi, Rocha Lima ressaltou esse fato: “No que diz respeito ao achado de cal nos rins, recentemente publicado em toda parte por Hoffmann, eu não o considero nem característico, nem constante e nem novo. Porque o mesmo já foi descrito por mim no meu primeiro trabalho há 13 anos”²⁹⁴. Noguchi concordou, reconhecendo tanto a prioridade de Rocha Lima, como a inespecificidade das lesões renais. Mas afirmou ter chegado às mesmas conclusões de Hoffmann, de que as alterações necróticas encontradas em animais pareciam idênticas, nos caracteres essenciais, às aquelas identificadas no homem, apenas menos pronunciadas. Tanto no fígado como nos rins, o pesquisador da Rockefeller defendia ter encontrado a esperada degeneração gordurosa e graus variados de modificações por necrose.²⁹⁵ No entanto, ele estava subvertendo as conclusões de Hoffmann, pois este desqualificara a função patogênica da *Leptospira icteroides* com base nos achados histopatológicos de cobaias infectadas com o germe. Afirmou nunca ter encontrado nos animais de experimento as lesões necróticas e degeneração gordurosa do fígado. Até porque, o alemão fazia coro com os demais médicos cubanos na desconfiança em relação ao patógeno de Noguchi. Em correspondência a Adolpho Lutz de

²⁹⁴ Carta de Rocha Lima a Hideyio Noguchi de 21.01.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁹⁵ Carta de Hideyio Noguchi a Rocha Lima de 17.02.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

1922, Hoffmann já manifesta esse ceticismo: “estou pouco inclinado a acreditar, que esta [a *Leptospira icteroides*] seja o agente etiológico da febre amarela”, escreveu.²⁹⁶

Do outro lado do Atlântico, mais precisamente, do laboratório de Rocha Lima, o assistente do Instituto de Patologia de Viena Hermann Chiari também contestou a função etiológica da *Leptospira icteroides* com base nos achados anátomo-patológicos. Em 1925 ele realizou uma temporada no *Tropeninstitut*. As evidências apresentadas por Noguchi sobre esse aspecto não eram suficientes – argumentou Chiari - para comprovar o papel do espiroqueta como agente causador (Chiari, 1925). A “necrose intermediária” identificada numa cobaia e reproduzida em gravura, não tinha o aspecto salpicado que ela assumia na febre amarela. Já a degeneração gordurosa, mencionada pelo pesquisador da Rockefeller, não era característica consistente o suficiente para depor em favor da leptospira. No entanto, deixou em aberto se as alterações histopatológicas observadas em animais correspondiam àquelas em humanos. Em algumas doenças, inclusive naquelas causadas por espiroquetas, isso não ocorria, ressaltou Chiari (Idem).

Chiari realizou investigações anátomo-patológicas de 34 casos de febre amarela, com graus variados de intensidade. Seus estudos podem ser considerados o marco da retomada e reavaliação dos enunciados do pesquisador brasileiro sobre o tema. Em linhas gerais, corroborou o quadro descrito por ele no que se refere ao perfil das alterações necróticas do lóbulo hepático (Idem). De acordo com o grau de comprometimento deste, dividiu os casos encontrados em 3 grupos. No primeiro, identificou a divisão típica descrita por Rocha Lima, com a zona intermediária do lóbulo ocupada predominantemente por células necróticas coradas de vermelho pela eosina, intercaladas com aquelas infiltradas com gordura no seu citoplasma. No segundo grupo, distinguiu maior difusão das células necróticas em meio às gordurosas, alcançando até a fronteira do lóbulo. Por conta disso, notou que a divisão deste era menos nítida e a infiltração de células como leucócitos e macrófagos muito maior que nos casos do grupo 1. O terceiro grupo, que abrangia apenas 4 dos 34 casos pesquisados, apresentou degeneração gordurosa muito mais pronunciada e número de células necróticas bem mais reduzido que nos demais grupos. Seguindo hipótese proposta pelo pesquisador brasileiro, Chiari correlacionou os diferentes perfis das modificações patológicas ao grau de efeito da toxina amarílica e às resistências dos indivíduos a ela. Se as alterações no grupo 1

²⁹⁶ Carta de Wilhelm Hoffmann a Adolph Lutz de 08.10.1922. Biblioteca Virtual Adolpho Lutz. Disponível em <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/co/imagens/08.10.1922-Hoffmann.pdf>. Acesso em 14/03/2011.

apontavam para o efeito mais nocivo da toxina, as do grupo 2 sugeriam maior capacidade de resistência do organismo, e as do grupo 3, uma menor intensidade da infecção (Idem). O pesquisador vienense sugeriu ainda que os danos observados no fígado e o perfil peculiar da necrose ali identificado estavam ligados ao suprimento sanguíneo do órgão, indicando que o agente infeccioso da febre amarela se difundia pela corrente sanguínea (Idem).

Se Noguchi recorreu à expertise e autoridade de Rocha Lima no campo da anatomia patológica para obter evidências em favor de seu patógeno, o pesquisador brasileiro aproveitou por sua vez a ocasião para solicitar ao colega amostras de material biológico de casos de febre amarela e a comunicação de quaisquer novos achados. Como se encontrava na Bahia, o pesquisador da Rockefeller estava na fonte de material para estudos. Rocha Lima enviou a Noguchi preparados de fígados de amareletos com as lesões hepáticas por ele observadas. Queria saber se ele havia tomado em consideração a necrose peculiar dos lóbulos hepáticos, descrita por ele nos Anais da Sociedade Alemã de Patologia, e se encontrara no material humano pesquisado “achados divergentes dos meus”, indagou.²⁹⁷

Noguchi confirmou a Rocha Lima que tinha conhecimento das “valiosas contribuições para nosso conhecimento da patologia da febre amarela, tendo lido repetidamente o notável artigo no *Verhandlungen der Deutschen Pathologischen Gesellschaft*”²⁹⁸ e que constatara em suas pesquisas, que “a necrose intermediária dos lóbulos hepáticos descrita por você é uma daquelas que se distinguem de forma mais característica nas lesões de febre amarela”.²⁹⁹ Em abril de 1925, remeteu a Hamburgo seções histológicas do fígado de 3 casos de febre amarela, vitimados em epidemia recente de Salvador.³⁰⁰ Ele também enviou o relatório dos experimentos feitos no Brasil, bem como o soro e vacina desenvolvidos a partir do espiroqueta, acompanhados das respectivas estatísticas concernentes à aplicação dos mesmos. Manifestou-se disposto a enviar mais material, caso Rocha Lima desejasse.³⁰¹ Declarou ao colega ter sido um “grande privilégio encontrar as eminentes autoridades médicas do seu maravilhoso país durante minha recente viagem. Eu sempre lembrarei do Brasil com a mais profunda afeição”.³⁰²

²⁹⁷ Idem

²⁹⁸ Carta de Hideyio Noguchi a Rocha Lima de 17.02.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

²⁹⁹ Idem.

³⁰⁰ Carta de Hideyio Noguchi a Rocha Lima de 1.04.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁰¹ Carta de Hideyio Noguchi a Rocha Lima de 02.12.1924 Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁰² Carta de Hideyio Noguchi a Rocha Lima de 17.02.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

O Brasil que serviu de cenário para a acolhida entusiasmada de Noguchi e seus enunciados em 1923-4, não obstante as críticas, também foi onde, dois anos depois, os trabalhos de Rocha Lima sobre a febre amarela seriam revisitados. Em 1926, ele permaneceu por seis meses no Instituto Oswaldo Cruz, onde realizou palestras e deu prosseguimento aos estudos que vinha realizando em Hamburgo.³⁰³ Em relatório ao Ministério das Relações Exteriores de 1926, afirmou que seu laboratório havia se tornado “o centro da vida científica do instituto” (Rocha Lima, 1926). Durante o período em que esteve em Manguinhos, foram relatados casos de febre amarela em algumas localidades de Minas Gerais, a 24 horas do Rio de Janeiro, onde desde 1907 a doença fora considerada extinta (Farley, 2004, p. 96). Como vimos, desde 1923 a Fundação Rockefeller e o Departamento Nacional de Saúde Pública, criado em 1920, realizavam o combate àquela moléstia. Enquanto a agência norte-americana conduzia a campanha em nove portos do nordeste do país, a Comissão Federal da Febre Amarela, formada pelo governo brasileiro, punha em ação as medidas sanitárias no sul e sudeste. Ao contrário da estratégia adotada pelos brasileiros desde a campanha de Oswaldo Cruz, de combate ao vetor na fase adulta, através da fumigação, os norte-americanos focaram a destruição das larvas, com a utilização de peixes larvófagos, aplicação de óleo em coleções d’água e eliminação dos criadouros (Benchimol 2001; Farley, 2004; Löwy, 2006).

Os casos de febre amarela constatados em Minas Gerais vieram fortalecer as hipóteses defendidas principalmente por médicos brasileiros, que contestavam a abordagem norte-americana e a teoria dos focos-chave. Figuras como Teixeira e Carlos Seidl defendiam que a febre amarela podia se manter “silenciosa” entre dois surtos epidêmicos, manifestando-se de forma assintomática em certos indivíduos, principalmente em crianças. Rocha Lima era da mesma opinião, como veremos. Dessa forma, haveria pontos no interior do país, nos quais a doença permanecia endêmica, não bastando, portanto, a erradicação dos focos-chave para a sua eliminação do território brasileiro. Pesquisadores norte-americanos, como Carter, opunham-se abertamente a essa hipótese (Löwy 2006, p. 128). Os casos de febre amarela registrados no período em que Rocha Lima esteve em Manguinhos constituíram as primeiras evidências contrárias à teoria dos focos-chave e das “sementeiras”, pois era praticamente impossível que os surtos tivessem se originado do litoral. A estadia de nosso personagem no Rio de Janeiro em 1926 coincidiu com o auge da refrega de alguns médicos brasileiros com os oficiais da Rockefeller. Sebastião Barroso (diretor do Serviço de Saúde Pública da Bahia) e

³⁰³ O significado dessa viagem para o engajamento de Rocha Lima em favor da política cultural alemã no Brasil será tratado no capítulo 4.

Maurício de Medeiros, por exemplo, denunciaram a permanência da doença na forma endêmica, no interior do país, enquanto os especialistas norte-americanos apontavam para o êxito da campanha antiamarílica, garantindo que em breve a moléstia poderia ser considerada extinta no Brasil. Naquele momento, outra hipótese científica defendida pelos pesquisadores da Rockefeller começava a ser solapada – não apenas médicos latino-americanos, como também dos Estados Unidos, passaram a questionar de forma mais persistente a função etiológica da *Leptospira icteroides* de Noguchi. Em 1926, os norte-americanos Max Theiler e Andrew Sellards, da Universidade de Harvard, declararam que aquele espiroqueta era idêntico ao agente da Doença de Weil. Um ano depois, Sellards e Gay comprovaram que nenhuma das duas espécies de leptospira eram capazes de sobreviver no mosquito transmissor (Löwy 2006, p. 136). Os holandeses Wilhelm Schüffner e Achmad Mochtar também defenderam, com base na imunidade cruzada, a identidade entre a *L. icteroides* e *L. icterohaemorrhagiae*. A cepa com a qual trabalharam fora doada por Rocha Lima, tendo sido isolada por Le Blanc, em 1921, em Vera Cruz. Eles chegaram a propor que talvez a febre amarela e a Doença de Weil se tratassem de manifestações distintas de uma mesma entidade mórbida, opinião não compartilhada por autores “como Rocha Lima, Muller, Blaisdell, Dürck. Rocha Lima está inclinado a considerar a necrose do fígado – necrose que é de máxima importância na Doença de Weil – como característica da febre amarela” (*apud* Benchimol 2009, p. 317).

Com as limitações práticas de detecção da leptospira de Noguchi e o questionamento da sua função etiológica, o diagnóstico anátomo-patológico figurou “como processo ainda mais rápido e seguro”, lembrou prontamente Rocha Lima (1926, p. 5). O diagnóstico etiológico, “que a muitos parece ser o único caminho seguro e fácil para o diagnóstico de moléstias infecciosas” – afirmava o pesquisador brasileiro (Idem) - aos poucos mostrou-se incapaz de corresponder às expectativas. A pesquisa do espiroqueta em cadáveres de amareletos quase invariavelmente dava resultados negativos. Rocha Lima viu aspecto importante de sua produção científica sendo novamente valorizado, depois de ter ficado à sombra. Aproveitou as circunstâncias favoráveis para colocar seus enunciados novamente em circulação e divulgá-los entre a comunidade médica brasileira, da qual apenas pequena parte era familiarizada com o idioma alemão. Em 1926, pronunciou conferência na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro sobre as lesões histopatológicas da febre amarela. Há seis anos, quando esteve no Brasil, fora nomeado membro daquela agremiação, na qual

declarou “se sentir em casa”.³⁰⁴ Apresentou o histórico das pesquisas, desde o início, no Hospital de Isolamento São Sebastião e caracterizou as lesões necróticas do fígado amarelento, com projeção de slides e exibição de preparados. Publicou a conferência em *A Folha Médica*, de 01 de agosto de 1926 (Rocha Lima, 1926), a qual também foi divulgada na imprensa leiga.

As circunstâncias no Brasil representaram um primeiro passo na revalorização dos achados de Rocha Lima e aplicação dos mesmos no diagnóstico necroscópico. Conforme demonstra Benchimol (2009), a retomada de seus enunciados teve estreita relação com as pesquisas que os membros da segunda comissão de febre amarela da Fundação Rockefeller realizavam, desde 1925, na costa ocidental africana. Eles haviam se estabelecido em Lagos, capital da Nigéria, de onde coordenavam as campanhas, e estudos destinados a elucidar “as características e epidemiologia na África Ocidental, sua relação com a febre amarela do hemisfério ocidental, isolar o agente causal; descobrir o método de transmissão e identificar as áreas em que a doença estava constantemente presente” (Benchimol 2009, p. 331). Tentaram isolar e cultivar a *Leptospira icteroides* e encontrar um animal suscetível à infecção pela febre amarela africana. Animais como camundongos, cobaias e ratos haviam se mostrado refratários à doença. Os integrantes da comissão da Rockefeller Adrian Stockes e Johannes Bauer testaram uma série de espécies de macacos com o sangue de pacientes, mas o *Rhesus* foi o que apresentou resultados mais promissores. No entanto revelou-se extremamente difícil avaliar a infecção experimental nos primatas. As tentativas de isolar a *Leptospira icteroides* nos animais aparentemente doentes renderam seguidos fracassos. Também faltavam meios mais seguros para diagnosticar a febre amarela em humanos, principalmente nos casos menos graves (Idem, p. 336). O quadro anátomo-patológico figurou como meio mais seguro de confirmar a infecção bem-sucedida. O patologista da Universidade de Toronto, Oscar Klotz, recebeu amostras de tecidos de humanos e primatas para identificar as lesões histopatológicas típicas (Idem, p. 337).

Enquanto na costa ocidental africana os oficiais da Rockefeller enfrentavam uma série de incertezas e impasses, no Brasil, trombeteavam o controle da febre amarela. Em fins de 1926, o presidente Arthur Bernardes divulgou o fim da doença no litoral brasileiro. Os serviços da agência norte-americana poderiam ser dispensados para o próximo ano (Löwy

³⁰⁴ Sociedade de Medicina e Cirurgia – A sessão de hontem, dedicada ao professor Rocha Lima. *O Jornal*, 07/07/1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

2006). Os testes de Pfeiffer, método diagnóstico estabelecido por Noguchi, permaneceram sendo empregados naquela que foi considerada a reta final rumo à erradicação da febre amarela no território brasileiro. Os norte-americanos começaram a desfazer a infra-estrutura estabelecida ali e alguns funcionários foram encaminhados para a África, onde a doença grassava endemicamente em regiões como o sudoeste da Nigéria. Um dos métodos de vigilância epidemiológica lá praticados consistia na aplicação, em macacos, de mosquitos coletados numa determinada localidade. Caso adoecessem, era sinal de que a doença grassava no local. Em meados de 1927 aumentaram no Brasil as suspeitas sobre a eficiência do teste imunológico de Noguchi. William Connor, que assumiu a condução da campanha antiamarílica, em janeiro daquele ano, começou a suspeitar que a Doença de Weil estaria sendo diagnosticada na Bahia como febre amarela. No contexto de diagnósticos incertos em ambos lados do Atlântico, conforme aponta Benchimol (2009, p. 359), a anatomia patológica “ganhou enorme importância para decidir retrospectivamente os casos suspeitos de febre amarela”. Rocha Lima chegou a receber, em Hamburgo, amostras enviadas pelo médico brasileiro Barros Barreto para confirmar os laudos dos patologistas da Rockefeller (Idem, p. 359). Em março de 1927, seu artigo de 1912 sobre as modificações anátomo-patológicas na febre amarela apresentado foi traduzido para o inglês por dr. Muench, e distribuído a toda a equipe da Fundação Rockefeller no Brasil. Benchimol (2009, p. 359) sugere que também tenha sido distribuído aos oficiais que se encontravam na África.

Os estudos feitos na costa africana assumiram maior dinamismo na segunda metade de 1927. O diagnóstico histopatológico foi a ferramenta utilizada na confirmação da infecção dos macacos. A partir de agosto de 1927, Paul Hudson dedicou-se ao estudo da histologia normal dos animais para avaliar as modificações patológicas nos tecidos. Os esforços foram coroados de êxito e em fins de 1927, ele Adrian Stockes e Johannes Bauer publicaram relato confirmando a transmissão bem-sucedida da febre amarela ao macaco *Rhesus*, tanto pelo sangue de pacientes, como pela picada do *Aedes aegypti*. Demonstraram ser possível manter o “vírus” através da passagem de macaco a macaco, e comprovaram, ainda, que a doença era causada por um vírus filtrável, capaz de ser transmitido pelo mosquito vetor. No ano seguinte, Bauer reportou a transmissão da febre amarela pelos mosquitos *Aedes luteocephalus*, *Aedes apicoannulatus* e *Eretmapodites chrysogaster*, quebrando o dogma, até então vigente, da transmissão exclusiva pelo *Aedes aegypti* (Benchimol 2009, p. 360).

Os estudos no continente africano representaram o golpe de misericórdia na *Leptospira icteroides* de Noguchi e na crença no poder terapêutico de sua vacina e soro

curativo. As diversas tentativas de isolar o espiroqueta, tanto em pacientes, como em macacos, haviam fracassado. O germe também não foi encontrado no corpo de Stokes, que foi vitimado pela febre amarela. As sucessivas falhas no isolamento e cultivo da *L. icteroides*, na África, vieram ao encontro das objeções manifestadas por Gay e Sellards, que, como vimos, defendiam a identidade daquele organismo com o agente da Doença de Weil e a incapacidade do *Aedes aegypti* de transmitir as duas espécies. Em novembro de 1927, o próprio Noguchi desembarcou na costa africana numa tentativa de salvar seus enunciados. Em junho daquele ano, esclarecera em carta a Rocha Lima o motivo das sucessivas tentativas malogradas de cultivo do seu espiroqueta. Poderiam haver linhagens diferentes da *L. icteroides*, algumas das quais seriam resistentes ao cultivo, sugeriu. De qualquer forma, o isolamento de uma cepa no Brasil – afirmou – “já significa uma boa coisa”. “Na minha opinião, no cultivo desses organismos deveria ser colocado peso maior nos experimentos positivos que nos negativos”, concluiu.³⁰⁵ Ao contrário do que afirma a maioria dos biógrafos, Benchimol (2009) demonstra que o moral de Noguchi ainda estava bastante alto quando chegou na África, não obstante as diversas evidências contrárias ao seu patógeno. Chegou a realizar uma série de experimentos com macacos, mas não conseguiu comprovar a função etiológica da *Leptospira icteroides* na febre amarela. Morreu vítima da doença em 21 de maio de 1928.

A teoria etiológica de Noguchi ainda não havia naufragado por completo no meio médico brasileiro, quando ocorreu, em 15 de janeiro de 1928, em Salvador, o IV Congresso Brasileiro de Higiene. Rocha Lima encontrava-se no Brasil para colaborar com o curso de anatomia patológica do sistema nervoso oferecido pelo neurologista alemão, Alfons Jakob, conforme veremos no capítulo 4. Ele participou do certame, no qual abordou o valor diagnóstico das lesões hepáticas que havia descrito na febre amarela. Depois de apresentar, de forma didática, o perfil das alterações anátomo-patológicas provocadas por esta doença, tratou da *Leptospira icteroides*. Sugeriu a identidade desta com o agente da icterícia hemorrágica, também conhecida como Doença de Weil, mas considerou “absurda” a hipótese da identidade dessa doença com a febre amarela. “As lesões do fígado são completamente diferentes”, advertiu. Certificou que a análise do material que o próprio Noguchi lhe enviara de Salvador e do interior da Bahia apontara para infecções pelo vírus amarelíco. “Portanto, se há um erro do professor Noguchi, é preciso antes, procurar não só a certeza do diagnóstico, mas também a

³⁰⁵ Carta de Hideyio Noguchi a Rocha Lima de 23.06.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

real confirmação de uma outra hipótese”, ponderou. A “outra hipótese” à qual se referia era a de que a leptospira fosse, na realidade, uma infecção secundária. Sobre a confirmação anátomo-patológica da infecção animal, Rocha Lima advertiu que a presença da degeneração gordurosa não constituía evidência segura. Tampouco – prosseguiu - a ausência das lesões típicas encontradas no homem contrariavam o diagnóstico por febre amarela, pois as mesmas podiam variar nas diferentes espécies de mamíferos. Cumpre ressaltar que, no mesmo congresso, os pesquisadores de Manguinhos Olympio da Fonseca Filho e Aristides Marques da Cunha apresentaram trabalho refutando os resultados de Noguchi. Segundo o primeiro (Fonseca Filho, 1974), enfrentaram duras contestações, entre as quais, a de Henrique Aragão, que teria chegado a afirmar: “Tenho toda a certeza de que o eminente sábio japonês responderá a todas as objeções que lhe têm sido feitas. Pessoalmente estou absolutamente convencido da exatidão dos trabalhos de Noguchi...” (*apud* Fonseca Filho 1974, p. 51).

Em abril de 1928, Rocha Lima encontrava-se no Instituto Oswaldo Cruz, quando recebeu amostras do fígado de uma jovem do Sergipe, suspeita de ter sido vítima da febre amarela. No ano anterior, os dirigentes da Rockefeller haviam declarado a doença como praticamente extinta. Durante 11 meses nenhum novo caso foi relatado. Caso o mesmo se repetisse, na primeira metade de 1928, os oficiais norte-americanos iriam declarar a doença oficialmente exterminada no Brasil (Löwy, p. 159). Porém a confirmação da morte por febre amarela da jovem sergipana, diagnosticada por Rocha Lima, e, logo depois, do caso de um soldado recém-chegado ao Rio de Janeiro, pôs por terra o otimismo propalado pelos agentes da Rockefeller e endossado por alguns médicos e políticos brasileiros. No mês seguinte, vários outros casos foram confirmados, e, em junho, a doença já havia assumido proporções epidêmicas na capital federal, onde era considerada extinta desde 1907. Dali em diante, o diagnóstico anátomo-patológico estabelecido por nosso personagem foi plenamente revalorizado como ferramenta mais segura na determinação da epidemiologia da febre amarela.

William Connor chegou a questionar a importância dos novos casos, afirmando que se tratava de um caso isolado, proveniente de uma região onde se desconhecia a ocorrência da doença. De acordo com a teoria dos focos-chave, ela não se manifestava fora dos centros urbanos. Connor questionou a validade do diagnóstico histopatológico, sintoma de divergências dos especialistas norte-americanos com os brasileiros na maneira de conceber a doença. Enquanto estes privilegiavam a abordagem clínica e patológica no acompanhamento e diagnóstico diferencial dos casos individuais, os primeiros encaravam-na como questão de

saúde pública, passível de soluções metódicas e racionais. Mas com a confirmação contínua de novos casos, na segunda metade de maio de 1928, a posição de Connor tornou-se insustentável (Löwy 2006, p. 161).

O reaparecimento da febre amarela no Rio de Janeiro ocorreu de forma praticamente simultânea à divulgação dos resultados das pesquisas dos norte-americanos na África, que operaram transformações e reorientações no perfil dos estudos. Benchimol (2009) afirma que eles inauguraram um “boom” nos estudos experimentais da febre amarela, que alcançaram grande dinamismo no Instituto Oswaldo Cruz. Henrique Aragão foi um dos primeiros a seguir o percurso de investigações aberto pela divulgação dos estudos de Stockes, Bauer e Hudson em 1928. Rocha Lima juntou-se a ele nos estudos sobre o “vírus” amarílico, concentrando-se na observação das alterações anátomo-patológicas encontradas em macacos infectados. Um dos objetivos daquelas pesquisas foi verificar a susceptibilidade de outras espécies de primatas à infecção pela febre amarela e a identidade entre o “vírus” na África e na América. Os pesquisadores de Manguinhos confirmaram a susceptibilidade do macaco *Rhesus* e *cynomolgus* ao vírus brasileiro. Henrique Aragão, Costa Cruz e outros analisaram as suas propriedades e meios mais adequados de cultivá-lo. Aragão produziu uma vacina a partir de tecidos do fígado e baço de macacos, inativados com fenol e formalina. Segundo Benchimol (2001), entre janeiro e abril de 1929 ela chegou a ser aplicada em cerca de 25 mil pessoas. O entomologista Ângelo da Costa Lima procurou outras formas de transmissão pelo *Aedes aegypti* além da picada, chegando a demonstrar a alta infecciosidade das fezes do mosquito (Idem).

O patologista Carlos Magarinos Torres, por sua vez, realizou estudos anátomo-patológicos, através dos quais confirmou o perfil das alterações descritas por Rocha Lima no fígado, como a localização preferencial das necroses na porção intermédia do lóbulo hepático.³⁰⁶ O principal avanço das pesquisas de Torres foi, no entanto, a identificação de inclusões intranucleares acidofílicas, observadas em quase todas as células hepáticas. Ele

³⁰⁶ Carlos Bastos Magarinos Torres nasceu no Rio de Janeiro em 1891, onde formou-se pela Faculdade de Medicina em 1918. Ingressou no Instituto Oswaldo Cruz em 1913 para integrar a Comissão de Profilaxia e Assistência Médica da Doença de Chagas, em Minas Gerais. Em 1918 foi contratado como pesquisador assistente do instituto e no ano seguinte como efetivo. Frequentou entre 1918 e 1923 o curso de anatomia patológica oferecido pelo patologista norte-americano Bowmann Crowell, com quem trabalhou como assistente. Realizou viagens de estudo para Estados Unidos, Canadá e Inglaterra. A partir de 1942 atuou como chefe da divisão de Patologia do Instituto Oswaldo Cruz, cargo no qual permaneceu até a aposentadoria, em 1962. Sua vasta produção científica versa sobre a anatomia patológica da febre amarela, doença de Chagas, varíola, e doenças veterinárias. Foi o primeiro a descrever um caso de toxoplasmose congênita na literatura. Morreu no Rio de Janeiro em 1984 (Coura, 1984).

notou que elas prevaleciam nos estágios mais recentes da infecção. Encontrou-as no fígado de macacos *Rhesus* inoculados, tanto com o vírus africano, quanto com o brasileiro, e comparou-as com inclusões intranucleares observadas em outras viroses, como a herpes, a varicela e o vírus III do coelho. Dessa forma, contribuiu para legitimar a etiologia viral da febre amarela, pois tais inclusões eram típicas daquelas produzidas por vírus (Benchimol 2001). Mas Torres não determinou se as tais inclusões eram de natureza puramente degenerativa - produzidas pelas células em resposta à infecção -, ou se eram compostas, ao menos parcialmente, pelo acúmulo do vírus (Torres 1929). Ele sugeriu algumas diferenças entre o vírus do continente africano e brasileiro através das análises anátomo-patológicas. Apontou diferenças no perfil das inclusões intranucleares, as quais atribuiu, de forma hipotética, a diferenças na virulência e adaptação das duas linhagens ao macaco *Rhesus* (Idem).

Enquanto as pesquisas decolavam em Manguinhos, o diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, Clementino Fraga, pôs em ação medidas “clássicas” de combate à febre amarela, como fumigação com inseticidas e isolamento de doentes, recorrendo à mesma orientação militarizada adotada anos atrás por Oswaldo Cruz. Em outubro de 1928, a redução no número de mortos levou Fraga a declarar o fim da epidemia, mas em dezembro este número logo tornou a subir (Löwy 2006, p. 161-2). Naquele mesmo mês, Rocha Lima escreveu ao colega do *Tropeninstitut* Martin Mayer, comentando, com satisfação, a confirmação de seus achados:

Como talvez eu já tenho comunicado ao Senhor, no decorrer da epidemia de febre amarela eu tive a satisfação de testemunhar, aqui, o reconhecimento geral da importância de meus trabalhos sobre essa doença. Antes, eles haviam permanecido praticamente desconhecidos, em consequência do desinteresse geral pela anatomia patológica, e também, pelo interesse relativamente reduzido pelas doenças tropicais. O Professor Sodré, do Rio de Janeiro, escreveu há pouco tempo um capítulo para um manual francês, sem fazer qualquer menção aos meus achados.³⁰⁷

Alguns dias depois de ter enviado a carta supracitada a Mayer, Rocha Lima escreveu ao colega Max Kuczynski, ligado ao Instituto de Patologia de Berlim.³⁰⁸ Kuczynski

³⁰⁷ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 02.12.1928. Fundo Rocha Lima.

³⁰⁸ Max Hans Kuczynski nasceu em Berlim, em 1880. Graduou-se, em 1913, em Ciências Naturais na Universidade de Rostock, especializando-se em parasitologia. Na Primeira Guerra, dedicou-se aos estudos sobre o tifo exantemático e febre das trincheiras. Em 1919, formou-se doutor em medicina na Universidade de Berlim,

defendera, há pouco, ter descoberto um germe que considerou como patógeno da febre amarela. A descrição do microrganismo que batizou como *Bacillus hepatodystrophicans* veio a lume em artigo publicado com a assistente Bianca Hohenadel, no *Semanário Clínico (Klinische Wochenschrift)*.³⁰⁹ Rocha Lima e Kuczynski haviam estabelecido contato quando nosso personagem desenvolvia suas pesquisas sobre o tifo exantemático e a febre das trincheiras, entre os anos de 1914 e 1918. Junto com Jungmann, Kuczynski afirmara, em 1917, ter encontrado o agente etiológico da doença referida pelos alemães como Febre dos Cinco Dias ou Febre da Volínia. Além disso, relatou ter conseguido cultivar em sacos de colóide e na cavidade peritoneal de cobaias, o germe apontado por Rocha Lima como agente patogênico do tifo. Chegou a realizar temporada de estudos no laboratório do renomado pesquisador Rudolf Weigl, ocasião na qual contraiu febre maculosa das Montanhas Rochosas. Em 1927, comunicou novamente o cultivo do causador do tifo, ao qual atribuiu um complexo ciclo de vida envolvendo diferentes formas de desenvolvimento.³¹⁰

Junto aos cumprimentos pelo ano de 1929, que se aproximava, Rocha Lima congratulou Kuczynski pelo restabelecimento da febre amarela. Ele também declarou-se satisfeito pela confirmação de seus achados histopatológicos, “depois que eles consistiram no fundamento microscópico para a identificação da infecção experimental de macacos produzida pelos norte-americanos”, acrescentou.³¹¹ O objetivo da carta era pedir culturas do suposto agente causador da febre amarela isolado pelo colega. O pesquisador brasileiro afirmou ter sido informado da identificação do patógeno pelo patologista berlinense por correspondência de colegas e através de um jornal alemão. Desejava confirmar os achados “de significado extraordinário para nosso meio científico e para o Brasil” e torná-los

onde atuou no Instituto de Patologia. De 1923 a 1924, foi professor-convidado de patologia no Instituto de Medicina da Universidade de Omsk, na Rússia. Até 1925, realizou várias expedições a Ásia Central (União Soviética, Mongólia e China) para realizar estudos sobre as populações nômades do ponto de vista da geografia médica. Nos anos seguintes fez expedições ao norte da África e Brasil para estudar doenças como a febre amarela. Em 1933, teve de deixar a Alemanha em virtude da origem judaica. Emigrou para o Peru, onde, em 1936, ingressou no Instituto de Medicina Social da Universidade de San Marcos. Entre 1938 e 1944, fez pesquisas na região amazônica, onde atuou sobretudo no combate à lepra. De 1944 a 1948, investigou doenças na região dos Andes. Com o golpe militar de Manuel Odria, foi preso, nesse ano, devido a suposta inclinação socialista. Morreu no Peru, em 1967. Kuczynski, que em 1936 mudou seu nome para Maxime Kuczynski-Godard, foi conhecido principalmente por seus estudos em “patologia cultural” ou “patologia étnica”, campo de investigação no qual procurou compreender as interrelações das doenças com o contexto cultural, social e geográfico. Sobre a trajetória de Max Kuczynski, com ênfase nos estudos sobre a “patologia étnica” ver Knipper 2005, 2009. Sobre suas perspectivas em medicina social ver Cueto, 2001 e sobre as investigações acerca da Lepra ver Cueto, 2004. A estadia de Kuczynski no Brasil e seus estudos sobre a febre amarela foram analisados por Sá, no prelo.

³⁰⁹ Carta de Rocha Lima a Max Kuczynski de 15.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³¹⁰ Tais estudos serão objeto do próximo capítulo.

³¹¹ Carta de Rocha Lima a Max Kuczynski de 15.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

conhecidos entre os pesquisadores brasileiros. Pediu ainda as publicações sobre o microrganismo, ao que faria não apenas em favor a ele, pessoalmente, “mas também a meu Instituto, onde espero ainda recebê-lo como convidado”, concluiu.³¹²

Há alguns meses Kuczynski se movimentava para continuar, no Brasil, os estudos que havia iniciado no continente africano. O reaparecimento da febre amarela na capital brasileira representava excelente oportunidade para ele prosseguir suas pesquisas e confirmar o papel patogênico de seu bacilo. Ele mobilizou o jovem médico brasileiro, que realizava temporada de estudos em seu laboratório, Eduardo MacClure, para atuar junto às autoridades diplomáticas em Berlim. MacClure viajara à Alemanha com cartas de recomendação de Rocha Lima endereçadas ao renomado patologista Otto Lubarsch e ao seu amigo Fritz Munk, sobre o qual falaremos mais adiante. Na carta a Munk, esclareceu que MacClure era o primeiro filho de uma dama por ele “muito estimada desde a infância”.³¹³ Em carta de fevereiro de 1929, MacClure informou ao brasileiro que havia sido muito bem recebido no instituto (provavelmente o Instituto de Patologia da Universidade de Berlim) e que estabelecera boas relações com os professores, principalmente com Kuczynski.³¹⁴

Em outubro de 1928, MacClure enviou à legação brasileira um relatório apresentando os trabalhos de Kuczynski, que causaram boa impressão entre os diplomatas. Eles encaminharam, então, cópias do relatório para o Palácio do Itamaraty, no Rio de Janeiro, para Clementino Fraga e para o presidente da Academia Nacional de Medicina, Miguel Couto (Sá, no prelo). Segundo Sá (no prelo), o milionário e filantropo Guilherme Guinle, que desde o início do século XX investia parte de sua fortuna no financiamento de atividades científicas e artísticas, dispôs-se, depois de sondado pelo Itamaraty, a custear as despesas da viagem de Kuczynski e seu assistente. O diretor do Instituto Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, também mobilizado por intermédio dos círculos diplomáticos, disponibilizou ao médico alemão um local de trabalho em Manguinhos e providenciou a importação de grande número de macacos *Rhesus* para seus estudos (Idem).

³¹² Carta de Rocha Lima a Max Kuczynski de 15.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³¹³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 15.09.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³¹⁴ Carta de Eduardo MacClure a Rocha Lima de 05.02.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

O ex-pesquisador de Manguinhos, Arthur Moses, confidenciou mais tarde a Fred Soper,³¹⁵ que a movimentação de Kuczynski junto às autoridades diplomáticas estava relacionada a interesses comerciais. Soper atuava, desde o início dos anos 1920, como oficial da Fundação Rockefeller no Brasil e acompanhou de perto as pesquisas realizadas em Manguinhos durante a epidemia de 1928-9 e a campanha do Departamento Nacional de Saúde Pública conduzida por Clementino Fraga. Em seu diário, o norte-americano registrou que Moses lhe informara de uma tentativa feita “antes de Guinle” de conseguir a aquisição, pelo governo, da vacina desenvolvida por Kuczynski a partir do suposto patógeno inativado.³¹⁶ Abordado por representantes da Legação Alemã no Rio de Janeiro, o governo respondeu que apenas aceitaria testar a vacina se o médico alemão enviasse uma porção por navio. Os oficiais da Legação teriam tentado impedir a vinda de Kuczynski através de canais diplomáticos, com medo de resultados desagradáveis, mas o Ministério das Relações Exteriores defendeu que nenhuma ação oficial deveria ser tomada em discussões científicas (Soper 28.06.1929).

Em fins de janeiro de 1929, Kuczynski enviou a Rocha Lima duas separatas de sua primeira comunicação sobre o patógeno da febre amarela, acompanhadas de uma carta. Nela, afirmou que desde então, havia concluído a infecção de mosquitos com o bacilo e aperfeiçoado as técnicas de cultivo do mesmo. Informou ter conseguido, através de passagens do germe em cultura, obter cepas de alta virulência, capazes de serem transmitidas por mosquitos a macacos, 13 ou até mais dias depois da picada. Relataria mais sobre isso no próximo mês. Informou ter testado métodos de vacinação, capazes de garantir proteção segura. Esperava ser possível testar o valor imunizante dos diferentes procedimentos, mas, por ora, não tinha como apresentar estatísticas, devido, entre outras coisas, à falta de animais. Kuczynski aludiu a resultados muito bons obtidos com vírus nas mais altas dosagens. No

³¹⁵ Fred Soper nasceu em Hutchinson, Kansas, em 13 de dezembro em 1893. Formou-se em medicina na Universidade de Kansas e doutorou-se na Escola de Saúde Pública John Hopkins. Integrou-se à Divisão Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller em 1920 e engajou-se no combate à ancilostomose no Brasil e Paraguai entre 1920 e 1927. De 1927 a 1942 foi diretor regional da Divisão Internacional de Saúde, no Rio de Janeiro, participando ativamente do controle da febre amarela e malária. Atuou no combate ao tifo durante a Segunda Guerra no norte da África e na Itália. Dirigiu por três vezes a Organização Pan-Americana de Saúde, entre 1947 e 1959. Foi um dos articuladores do Programa de Erradicação Global da Malária, depois de ter dirigido campanhas emblemáticas contra a doença, contra aquela contra o *Anopheles gambiae*, no Brasil, em 1938-9. Morreu em fevereiro de 1977.

³¹⁶ O diário de Soper está disponível em: <http://profiles.nlm.nih.gov/VV/Views/Exhibit/documents/campaign.html> Devo à Magali Romero Sá a sugestão por essa interessante fonte histórica, a qual utiliza na reconstrução da estadia de Max Kuczynski no Brasil (Ver Sá, no prelo). Devido às estreitas relações do norte-americano com nosso personagem, pude encontrar referências bastante interessantes a respeito deste no diário.

entanto, justificou que os estudos haviam sido financiados com recursos privados, sob a condição de que o pesquisador só remetesse culturas, depois de bem adiantados ou praticamente concluídos os testes. “O senhor compreenderá bem, quando gentilmente pensar sobre isso e se recordar, quão difícil foi e ainda é a realização desses experimentos em nossa pobre Alemanha e em nossos pobres institutos” – alegou. Garantiu que Rocha Lima logo teria em mãos culturas do bacilo, as quais asseverou ser de fácil obtenção a partir de material infeccioso. Também prometeu que logo mandaria fotos dos meios de cultura e relatos mais minuciosos dos trabalhos experimentais, a fim informá-lo o mais rápido possível.³¹⁷

Em 17 de fevereiro de 1929, Rocha Lima recebeu o trabalho de Kuczynski, que ainda estava sendo impresso na editora Springer.³¹⁸ Em carta, o patologista do Charité informou que breve seguiria uma coleção de blocos histopatológicos de fígados de animais infectados com o *Bacillus hepato-dystrophicans* pelo legado alemão no Rio, Hubert Knipping, e por vapor. Ele atualizou o colega brasileiro sobre os últimos resultados: declarou-se satisfeito com a vacinação com culturas atenuadas do germe e considerou garantida sua aplicação em grande escala. O próprio Eduardo MacClure foi imunizado com o imunoterápico, ainda que “por força”, como nos informa Kuczynski. Este declarou, ainda, ter aperfeiçoado o método de cultivo, tendo obtido cinco “vírus de passagem”, e otimizado os procedimentos de dosagem e preparação das culturas para obtenção da vacina. “O Senhor se convencerá extraordinariamente da facilidade com que se cultiva o vírus e com que se pode trabalhar com ele”, assegurou. Solicitou a Rocha Lima, que ele não apenas se limitasse aos “destacados estudos anatômicos”, mas que também contribuísse para exterminar a “tenebrosa doença” através da vacinação. Consciente do prestígio e da boa inserção do ex-colaborador do *Tropeninstitut* entre a comunidade médica brasileira, Kuczynski viu nele um potencial aliado para o teste de aplicação do imunoterápico, desenvolvido a partir do suposto patógeno.³¹⁹

Exatamente um mês depois (17 de março de 1929) o cientista brasileiro recebeu telégrafo de Kuczynski, informando sobre a remessa de vacina para ele testar. Ele comunicou dispor de grande quantidade de culturas para testes em larga escala. O efeito curativo do imunizante já havia sido testado em quatro pessoas – complementou. Veio o recado, mas não as amostras. Em 12 de abril, Rocha Lima advertiu “estar perdida a oportunidade para

³¹⁷ Carta de Max Kuczynski a Rocha Lima de 27.01.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³¹⁸ Carta de Max Kuczynski a Rocha Lima de 17.02.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³¹⁹ *Idem.*

verificação prática [da vacina], porque a epidemia de febre amarela no Rio aparentemente já ultrapassou seu ápice, e, provavelmente, retrocederá em breve”.³²⁰ De fato, os 87 casos notificados em abril caíram para nove, em maio, um em junho, nenhum em julho, dois em agosto e mais nenhum, até o fim de 1929 (Löwy 2006, p. 164). Ele aludiu ao grande ceticismo que acompanhava as novas descobertas no campo da febre amarela, em particular, as bacteriológicas. “Acreditei que estaria em favor do interesse da ciência alemã pensar em maiores fornecimentos da vacina, apenas depois de cuidadosa verificação do valor imunizante sob as condições naturais do Rio”, justificou nosso personagem. Caso o imunobiológico se revelasse eficaz, naturalmente solicitar-se-iam maiores quantidades; caso contrário “seria muito lamentável”. Esperava que em breve os norte-americanos que trabalhavam na África confirmassem o patógeno reivindicado por ele e a eficácia da vacina produzida a partir do mesmo.³²¹

Rocha Lima tentou se informar sobre a recepção da “descoberta” de Kuczynski na Alemanha. Em carta de 08 de fevereiro de 1929, já interpelara o colega do *Tropeninstitut* Martin Mayer: “O que se pensa aí sobre a descoberta de Kuczynski sobre a febre amarela?”³²² Depois de ter recebido notícias mais detalhadas sobre as investigações dele, nas cartas acima mencionadas e através da publicação recebida, nosso personagem comentou ter sabido que os resultados do patologista seriam verificados no Instituto Tropical de Hamburgo. “Impressiona-me que nenhum dos amigos daí tenha me escrito uma única palavra sobre a descoberta de Kuczynski” – acrescentou.³²³ Insinuava com isso o ceticismo que julgava predominar entre os ex-colegas de Hamburgo. Também consultou o amigo Fritz Munk sobre a posição da comunidade médica de Berlim em relação às descobertas do patologista do Charité.³²⁴ Nosso personagem queria ver confirmadas suas impressões que tornou conhecidas a Martin Mayer:

Eu não tive nenhuma boa impressão de sua descrição [de Kuczynski]. Tomara que eu me engane. O senhor ouviu alguma coisa concernente a qualquer confirmação de suas descobertas sobre o cultivo e métodos terapêuticos no tifo exantemático e na febre maculosa? Tanto na Rússia como na América elas já teriam sido confirmadas. Eu não posso entender o porquê dele apresentar como prova da transmissão bem-sucedida da febre

³²⁰ Carta de Rocha Lima a Max Kuczynski de 12.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³²¹ *Idem*.

³²² Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 08.02.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³²³ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 02.03.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³²⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 16.03.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

amarela a macacos uma forma de necrose central do lóbulo hepático que não pertence ao quadro patológico da doença.³²⁵

As reservas de Rocha Lima em relação aos enunciados de Kuczynski estavam relacionadas às desconfianças inerentes ao anúncio de uma bactéria como agente causador da febre amarela, num momento em que ainda era recente o naufrágio da teoria etiológica de Noguchi, e no qual as pesquisas no continente africano apontavam para um agente ultramicroscópico. Ao mesmo tempo, elas pareciam estar também fundadas nas desconfianças acerca do suposto cultivo do patógeno do tifo e da febre maculosa, campo em que nosso personagem havia se tornado expert, conforme veremos no próximo capítulo. Confirmação disso encontramos no diário de Fred Soper. Quando esteve no Instituto Oswaldo Cruz, em abril de 1929, Soper soube por Rocha Lima que Kuczynski havia se recusado a colocar em discussão conferência apresentada sobre o tifo em Berlim. O pesquisador brasileiro também informou ao oficial da Rockefeller, que ele havia se recusado a remeter-lhe culturas do suposto patógeno da febre amarela, afirmando considerar desnecessário, devido à facilidade com que se poderia replicar o germe com os métodos por ele desenvolvidos.³²⁶ Ainda em abril de 1929, Rocha Lima comentou com Johannes Bauer, que se encontrava então na África: “Kuczynski ainda não enviou nenhuma cultura e afirmou que nada seria mais fácil para um bacteriologista competente, do que ele próprio cultivar o bacilo da Febre Amarela. Não posso ocultar meu ceticismo. Gostaria muito de ouvir a sua opinião sobre isso”.³²⁷

Quase um mês depois, em 20 de maio de 1929, Soper visitou Rocha Lima no Instituto Biológico de São Paulo, onde assumira a direção do Departamento de Patologia Animal. Nosso personagem manifestou mais uma vez suas desconfianças em relação a Kuczynski e seus trabalhos. Narrou o caso de um colaborador seu que enviara a Berlim para trabalhar com ele e obter culturas do microrganismo do tifo que ele teria cultivado. O assistente retornou a Hamburgo sem as amostras, “mas com a convicção de que o trabalho de Kuczynski sobre o tifo não tinha nenhum valor”. Além disso, segundo Soper, ele ressaltou o fato de que nenhum norte-americano, que trabalhava com febre maculosa das Montanhas Rochosas, havia confirmado o agente patogênico apontado pelo patologista do Charité. Em relação à febre amarela, as lesões histopatológicas encontradas em animais inoculados com o *Bacillus hepato-*

³²⁵ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 02.03.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³²⁶ Diário de Soper 22.04.1929. The Fred L. Soper Papers, Diary 1 May -27 July 1929. <http://profiles.nlm.nih.gov/ps/access/VVBBLF.pdf>

³²⁷ Carta de Rocha Lima a Johannes Bauer de 08.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

dystrophicans – prosseguiu nosso personagem – não tinham nenhuma relação com aquelas descritas por ele. Ainda de acordo com Soper: “Rocha Lima lamenta que, no final, isto não deixará de causar uma má impressão no cenário internacional, e poderá, até mesmo, provocar uma fissura entre os pesquisadores brasileiros” (Diário de Soper, 20.05.1929, p. 19).

O ceticismo de Rocha Lima foi compartilhado pelos demais pesquisadores de Manguinhos. Soper registrou em seu diário: “[Chagas] não coloca nenhuma fé no homem”. O diretor de Manguinhos teria enfatizado que Kuczynski trabalharia sob a tutela científica do Instituto Oswaldo Cruz, e que ele controlaria a publicação de qualquer resultado (Diário de Soper 19.04.1929). O patologista de Manguinhos, Oswino Penna, sobre o qual falaremos um pouco mais adiante, confidenciou a Soper, que acreditava que Chagas havia viajado à Europa apenas para evitar estar no instituto durante a estadia do patologista de Berlim (Soper, 1929, 05.06.1929).

Em 24 de maio de 1929, o navio de Kuczynski atracou no porto do Rio de Janeiro. Conforme narra Sá (no prelo), ele foi recebido no desembarque por representantes do governo federal e por quadros do Instituto Oswaldo Cruz, do Departamento Nacional de Saúde Pública e da Academia Nacional de Medicina. No dia seguinte, encontrou-se com o presidente Washington Luís no Palácio do Catete. A imprensa local fez cobertura atenciosa e entusiasmada da chegada do patologista, ao qual se referiram com reverência. Um dia antes, Rocha Lima enviou carta dando as boas-vindas ao hóspede de Manguinhos e lamentando não poder estar presente:

Permito-me manifestar-lhe minha mais sincera esperança de que lhe seja possível confirmar de forma definitiva suas descobertas e aprofundá-las. Com elas, o senhor prestará o mais alto serviço à humanidade, ao país e ao prestígio da ciência alemã. Eu lamento muito não poder, por ora, estar no Rio de Janeiro, onde minhas relações e conhecimento do meio me permitiriam ajudar-lhe com conselhos (...) eu teria com prazer preparado-lhe o terreno se o senhor tivesse me mandado a tempo material de demonstração para isso. Tomara que o senhor consiga, sem dificuldades e rapidamente, fornecer provas tão precisas e persuasivas da autenticidade de suas descobertas, de modo a tornar qualquer ajuda desnecessária.³²⁸

Sob o manto da cordialidade – a *Höflichkeit* alemã – melhor traduzida como polidez, para não confundirmos com aquela que Sérgio Buarque de Holanda tomou como

³²⁸ Carta de Rocha Lima a Max Kuczynski de 23.05.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

característica da formação cultural ibérica no Brasil, é possível notar que Rocha Lima também tentava se esquivar de Kuczynski. Em resposta, este informou ao brasileiro ter sido recebido de forma muito amável pelos colegas.³²⁹ Disse que logo todas as dificuldades estariam superadas, abrindo caminho para as pesquisas no Instituto Oswaldo Cruz, onde esperava receber “valiosas impressões e inspirações”, mas também contribuir com o benefício da sua experiência. Sugeriu que Rocha Lima tomasse parte nas pesquisas, já que “uma missão tão grande como a febre amarela, exige a cooperação de muitos pesquisadores.” Propôs que trabalhasse com a infecção de mosquitos, aspecto sobre o qual pretendia trazer dados definitivos. “De qualquer modo, eu espero e gostaria muito de pedir-lhe para me garantir seu sincero apoio. Nós já percorremos por muitas vezes caminhos paralelos” - apelou Kuczynski.³³⁰

O pedido insistente de Rocha Lima por culturas do *Bacillus hepato-dystrophicans* deu lugar a certo desentendimento entre os dois pesquisadores. Para aplacar o que classificou como “mal-entendido”, reafirmou “o mais sincero desejo de juntar minhas forças com as do senhor na pesquisa da febre amarela”. Em resposta, o brasileiro justificou jamais ter considerado a possibilidade de participar das pesquisas do colega, devido às tarefas assumidas em São Paulo. Prosseguiu:

Meu único empenho é hoje, como sempre, aplainar os caminhos a todo alemão, e em particular àqueles eminentes colegas, com a finalidade de garantir o rápido sucesso e reconhecimento dos mesmos no Brasil. Os pontos de contato de nossos campos de trabalho, e minha particular apreciação de sua capacidade, bem como o ceticismo geral concernente a descobertas bacteriológicas, foram o motivo pelo qual eu fui levado a pedir-lhe material de demonstração, na intenção de preparar-lhe melhor o ambiente.³³¹

É o diário de Soper que, mais uma vez, nos aponta as tensões subjacentes à estadia de Kuczynski no Instituto Oswaldo Cruz. Em suas anotações, registrou que o hóspede ignorava completamente os resultados das pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores locais. Henrique Aragão ficara particularmente irritado com a proposta de Kuczynski de determinar a identidade ou não do “vírus” africano e brasileiro, e pelo orgulho com o qual ele disse ter

³²⁹ Carta de Max Kuczynski a Rocha Lima de 27.05.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³³⁰ *Idem.*

³³¹ Carta de Rocha Lima a Max Kuczynski de 30.05.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

conseguido infectar *Macacus cynomolgus*, uma das principais conquistas do pesquisador de Manguinhos no ano anterior, divulgada em inglês, francês e alemão (Soper 25. e 28.05.1929).

Novo motivo de tensão foi a palestra de Kuczynski na Academia Nacional de Medicina, em junho de 1929. Na longa preleção proferida em francês, ele apresentou fotos da cultura do germe apontado como causador da febre amarela e quadros de alterações histopatológicas. Disse que as lesões anatômicas não eram importantes para o diagnóstico da doença, uma vez que observara muitos macacos que haviam morrido, sem apresentar as modificações características no fígado. Isso, num momento em que as lesões hepáticas descritas por Rocha Lima consistiam na principal ferramenta de diagnóstico retrospectivo. A conferência de Kuczynski foi recebida com frieza pela audiência. De acordo com Soper, ele sentiu a hostilidade manifestada pelos pares e que só cresceu a partir dali (Soper 20.06.1929; Sá, no prelo).

No congresso que ocorreu paralelamente às comemorações do centenário da Academia Nacional de Medicina, ambos realizados entre 30 de junho e 07 de julho de 1929, a febre amarela foi um dos temas de debate.³³² Rocha Lima apresentou seu trabalho sobre a anatomia patológica da doença. Defendeu sua prioridade na descrição, tanto do quadro hepático, quanto renal, inclusive no reconhecimento dos grânulos calcáreos que Wilhelm Hoffman afirmava ter observado primeiro. Também alegou prioridade na caracterização das inclusões intranucleares descritas por Magarinos Torres. No dia seguinte, Kuczynski abordou seu suposto agente causador da febre amarela. Durante a discussão de sua palestra, Rocha Lima apontou para a necessidade imediata dele distribuir culturas para que outros pesquisadores pudessem confirmar aqueles resultados. Lutz, que presidia a sessão, tratou de questões sobre a infecção acidental contraída pelo patologista alemão e seu assistente. Henrique Aragão também salientou a necessidade de compartilhar as culturas do suposto patógeno. O diretor do Instituto Butantã, Afrânio do Amaral, pediu culturas para realizar testes, mas Kuczynski propôs que enviasse um técnico que aprenderia em cinco ou seis dias as técnicas especiais requerentes para o cultivo de seu bacilo (Soper 05.07.1929).

Diante da aparente recusa do alemão Kuczynski em entregar aos colegas brasileiros amostras do *Bacillus hepato-dystrophicans*, Rocha Lima escreveu-lhe carta que impressiona

³³² As ligações do evento com os esforços de Rocha Lima em favor da propaganda cultural pró-alemã serão objeto de análise no capítulo 5.

pela maneira direta com que trata das resistências a seus enunciados.³³³ Nosso personagem colocou-se na posição de tradutor que visava interpretar ao estrangeiro a mentalidade da vida científica local, que ele não conhecia de forma profunda. Abordou, de forma clara e sincera, o que aparentemente seria evidente aos que se dedicavam à pesquisa científica. Da carta redigida em 20 de julho de 1929, é possível depreender que estavam circulando fofocas, algumas das quais plantadas pelo próprio Kuczynski, de que ele estaria sendo vítima de boicote e perseguição pelos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz. Confirmação disso, encontramos no diário de Soper, que registra as movimentações do pesquisador de Berlim para transferir-se para o instituto da Rockefeller, em Nova Iorque, ou para o laboratório mantido pela Fundação, na Bahia.

O objetivo de Rocha Lima foi convencer Kuczynski da necessidade iminente de submeter seus enunciados à verificação pelos demais pesquisadores: “Com isso acredito cumprir meu dever como professor alemão e com cada colega brasileiro, que sempre bem-intencionado em relação ao senhor, engaja-se pelas coisas e cientistas alemães, sem temer esforço nem prejuízo próprio”.³³⁴ Mais uma vez, salientou ter se oferecido como intermediário capaz de afastar eventuais obstáculos representados pelo desconhecimento das circunstâncias brasileiras “e remover desconfianças e insatisfação tanto ao senhor como aos seus anfitriões”, acrescentou. A postura de indiferença assumida por Kuczynski em relação à ciência local acionou a defesa de nosso personagem, que nessas circunstâncias sentia-se organicamente ligado aos seus compatriotas. O menosprezo do estrangeiro fez com que vestisse a farda de cores nacionais:

Embora dificilmente possamos avaliar o mundo científico brasileiro e seus grandes institutos do ponto de vista de um professor alemão, para nós desconhecido, podemos estar certos, de que a impressão que nos provocou e nos deixou, na área científica, poderá alcançar e influenciar mais rapidamente toda região a oeste do Reno, os maiores institutos da Alemanha e além, do que se viesse da Europa ou da Ásia. Mesmo uma leve crítica feita por nós, que levantasse dúvidas sobre os métodos de trabalho de um cientista, seria suficiente para que o mesmo, por exemplo, fosse prontamente recusado pelo Instituto Rockefeller. O meu empenho, no sentido de facilitar-lhe um reconhecimento, se possível, triunfal; os meus esforços para afastar as dificuldades colocadas no seu caminho, claramente por desconhecer as verdadeiras circunstâncias, poderiam fazer com que os resultados de um trabalho de

³³³ Carta de Rocha Lima a Max Kuczynski de 20.07.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³³⁴ *Idem.*

pesquisa – e não apenas sobre a febre amarela –, fossem reconhecidos mais rápida e amplamente no mundo científico; o que seria de interesse para a ciência alemã e, por isso, não lhe deveria ser indiferente³³⁵

Era bastante óbvio – prosseguiu Rocha Lima – que a descoberta do patógeno de uma doença estudada, “não há um, mas há muitos anos”, pelos pesquisadores locais, provocasse desconfiança. Nos institutos onde estes trabalhavam, destacou, “as técnicas bacteriológicas tanto em relação à habilidade, quanto à exatidão, não precisam temer comparação com os melhores institutos do mundo”. A insinuação de uma “metodologia bacteriana misteriosa, difícil de ser apreendida”, tal como Kuczynski havia sugerido a Afrânio do Amaral, só poderia dar lugar à mais alta desconfiança. Somente depois que pesquisadores sérios confirmassem o cultivo do suposto patógeno de forma independente, e comprovassem a infecção experimental pelo mesmo, é que poderia ganhar reconhecimento geral. Rocha Lima salientou ainda que o colega dispunha de condições excelentes de trabalho, num grande instituto, com espaço e material abundantes a seu dispor, além de todas as demais facilidades proporcionadas por Alcides Godoy, que substituíra Chagas durante a viagem deste à Europa. Além disso, tinha ao seu redor pesquisadores experientes no campo da febre amarela e a disponibilidade de animais de experimento, ingredientes com os quais poderia acompanhar e influenciar pessoalmente na verificação dos seus resultados. “Eu tenho a impressão de que o senhor não poderia trabalhar em nenhum lugar sob melhores condições. Por isso é incompreensível a todos a sua insatisfação”, acrescentou.³³⁶

A atitude de Kuczynski de encarar a postura dos colegas de Manguinhos como hostilidade pessoal e a seus trabalhos, advertiu Rocha Lima, só podia ser vista como pretexto para uma temida verificação dos resultados. O brasileiro garantiu não haver inveja por parte dos colegas, mas sim, “uma disposição esperançosa e sincera de reconhecer sua descoberta, depois da imprescindível verificação, a qual o senhor não encontraria maior em seu próprio país.” Encarar o ceticismo como inveja e preconceito, corresponderia a abandonar o terreno científico “e entrar no da crença fanática, o que faria impossível ao senhor qualquer intercâmbio de idéias que não fossem dignas de júbilo”. Em conclusão, Rocha Lima reiterou a necessidade de submeter as culturas ao cotejamento de outros pesquisadores, em favor do “triunfo da ciência alemã”, em nome da qual se colocava como legítimo representante.

³³⁵ *Idem*

³³⁶ *Idem*

Uma semana depois, Kuczynski garantiu a Rocha Lima que em cerca de 12 dias ele receberia amostras da cultura do seu bacilo, que já havia enviado a outros institutos. Quanto aos colegas, afirmou que aqueles que quisessem seguir suas experiências, deveriam recorrer a seu livro. Escreveu ainda: “Eu cometo alguns erros. Talvez o maior deles é amar demais o meu trabalho (...) Sempre saudarei quando se desenvolver, das afirmações e contradições, algo que se aproxime da verdade”.³³⁷ Logo depois, enviou duas remessas de culturas do suposto patógeno a Carlos Chagas, que já se encontrava de volta, mas elas estavam aparentemente mortas. O teatro da prova foi executado pelo bacteriologista João da Costa Cruz, que à época desenvolvia método de diagnóstico imunológico da febre amarela.

Em 26 de setembro de 1929, Costa Cruz apresentou à Sociedade de Biologia, sediada no Instituto Oswaldo Cruz, os resultados de seus experimentos: demonstrou as características morfológicas do *Bacillus hepato-dystrophicans*, do meio de cultura no qual se desenvolvia, e propriedades como filtrabilidade e antigenicidade. Concluiu que se tratava de um germe próximo ao agente da difteria, o qual não apresentava qualquer relação etiológica com a febre amarela (Sá, no prelo). Kuczynski não acatou as conclusões do colega de Manguinhos. Depois de não ter conseguido prosseguir seus experimentos em Nova York, deixou o Brasil em 18 de outubro de 1929 rumo à Europa. Parou em Londres, onde passou um mês no laboratório de Edward Hindle, no Wellcome Bureau of Scientific Research. Tentou convencer os colegas ingleses da função patogênica do seu bacilo, tema de reunião da *Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene*, de janeiro de 1930. Tal como ocorrera no Brasil, não encontrou aceitação da comunidade médica britânica (Idem). O prosseguimento dos estudos experimentais no início dos anos 1930, e a confirmação da natureza viral da febre amarela, invalidaram de forma definitiva o agente patogênico reivindicado por Kuczynski.

Tudo indica que Kuczynski partiu tarde do Brasil. Em fins de junho de 1929, Fred Soper escreveu em seu diário que a vontade geral era de que ele concluísse seu trabalho e deixasse o país “sem que ocorra qualquer incidente desagradável” (Soper 28.06.1929). Em carta a Martin Mayer, de 04 de setembro de 1929, Rocha Lima também declarou: “Em todo caso, eu acredito que todos, tanto alemães quanto brasileiros, ficariam felizes se ele [Kuczynski] sumisse o mais rápido possível.” Em sua avaliação, a estadia de Kuczynski não serviu para promover os interesses da ciência alemã, entre outras coisas, porque muitos o

³³⁷ Carta de Max Kuczynski a Rocha Lima de 27.07.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

tomaram como polônês.³³⁸ A Nocht, relatou que o patologista do Charité partiu do Rio “à francesa”, despedindo-se apenas nos últimos minutos de alguns pesquisadores de Manguinhos.³³⁹

Na já mencionada carta a Kuczynski de 20 de julho de 1929, na qual Rocha Lima procurou “esclarecer” os motivos da resistência em relação ao patógeno reivindicado pelo alemão, ele chamou atenção para o fato de que em Manguinhos havia, ao lado de pesquisadores de primeira classe:

...alguns fofoqueiros parasitas do grande nome de Oswaldo Cruz, que procuram levar uma existência ociosa à sombra da tradição por nós constituída, e dissimular a própria esterilidade pela diminuição das realizações de outros, nos corredores, e salas e refeitórios (...) Esses preguiçosos, mandriões (*Müssiggänger*) dirigem-se preferencialmente contra brasileiros, e até mesmo contra os próprios colegas do Instituto, tão logo estes despertem atenção para si por meio de realizações positivas. O fato de até mesmo eu, ser impiedosamente vilipendiado, eu que não apenas dei aos alicerces do Instituto de Manguinhos toda a vibração de minha juventude e, há 25 anos, não perco nenhuma oportunidade de destacar, defender e tornar conhecido esse instituto, poderia mostrar-lhe suficientemente, que o senhor não deve colocar o menor valor a fofocas espalhadas por aí³⁴⁰

Nesse trecho, Rocha Lima parecia mais interessado em expressar fúria e descontentamento do que propriamente em aconselhar Kuczynski. Tal fúria, devia-se à publicação, por dois patologistas de Manguinhos, Oswino Penna e Carlos Burle de Figueiredo, de artigo na *Folha Médica*, de 15 de julho de 1929, ou seja, poucos dias antes da referida carta a Kuczynski. Nele, refutavam o quadro histopatológico descrito pelo colega e sua prioridade na identificação das células necróticas encontradas no fígado amarelento. Atribuíram esta a Councilman, que em 1891 publicara trabalho, no qual identificava as células necróticas do lóbulo hepático como corpos hialinos de característica acidofílica. Afirmavam, que desde então, nada fora contestado ou acrescentado ao que escrevera o norte-americano. Denominaram “lesão Rocha Lima”, a degeneração gordurosa localizada na porção intermediária do lóbulo hepático, mas ressaltaram que não se tratava de modificação característica e exclusiva da febre amarela, nem havia sido identificada pelo patologista brasileiro pela primeira vez. Penna e Figueiredo designaram “lesões Councilman” às células

³³⁸ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 04.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³³⁹ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 05.12.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁴⁰ Carta de Rocha Lima a Max Kuczynski de 20.07.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

necróticas com o citoplasma avermelhado, e defenderam seu valor no diagnóstico necroscópico da doença. Também conferiram a Councilman a prioridade na descrição dos depósitos calcários encontrados nos rins. (Penna & Figueiredo, 1929) .

O trabalho de Councilman chegou às mãos dos pesquisadores de Manguinhos por meio dos oficiais da Rockefeller. Penna havia procurado o escritório da agência no Rio, ao saber, por meio do relatório de Sternberg, das pesquisas anátomo-patológicas feitas pelo norte-americano. “Em honra à ciência brasileira”, como é registrado no início do artigo, achou por bem chamar atenção para o fato de que aqueles resultados antecederiam os de Rocha Lima em 20 anos. Conforme registra em seu diário, Soper sentiu-se desconfortável, pois não queria que seus conhecidos pensassem que estava estimulando a publicação de Penna e Figueiredo para difamar a ciência brasileira em favor de um compatriota. Contactou Aragão e pediu que este explicasse a Rocha Lima a situação (Soper, 17.07.1929).

Rocha Lima publicou “Refutação do artigo de O. Penna e B. Figueiredo na Folha Médica” na revista *Scientia Medica* (Rocha Lima, 1929). Recorreu à chancela da tradição de Manguinhos, enobrecida pela figura mitificada de Oswaldo Cruz, para reparar o que retratou como difamação daquele legado:

Só muito a contragosto e com sincero pesar, que sem dúvida será partilhado por todos os que ajudaram a formar os alicerces científicos e a tradição do Instituto de Manguinhos, me vejo obrigado a desfazer uma profunda injustiça, o que, se não tivesse partido ela do nosso grande Instituto Oswaldo Cruz, seria, em vez de dolorosa contingência, antes uma feliz oportunidade de poder defender, ao mesmo tempo, o fruto de um grande trabalho meu, os direitos e méritos incontestáveis do então Instituto de Manguinhos e a parte pelo menos digna de respeito e muito respeitada no estrangeiro com que o Brasil contribuiu no tempo de Oswaldo Cruz para o conhecimento da patologia dessa moléstia (Rocha Lima, 1929)

Defendeu, em primeiro lugar, a validade de seus achados, confirmados pelos patologistas durante a epidemia que grassou no Rio em 1928. Em seguida afirmou que não tinha conhecimento do trabalho de Councilman à época em que iniciou os estudos anátomo-patológicos da febre amarela em Manguinhos, ainda durante a campanha de Oswaldo Cruz. Só tomaria contato com o trabalho do norte-americano anos depois, quando encontrou-o numa biblioteca em Berlim, mencionando-o repetidas vezes em sua comunicação à Sociedade Alemã de Patologia, em 1912, redargüiu. Se cabia a alguém o mérito de ter resgatado aquele trabalho, era a ele, que o fizera há 17 anos. Escreveu ter confirmado o perfil das células

necrosadas de Councilman, mas ao invés da perda de granulações identificada por este, chamara atenção para uma alteração profunda da composição granulosa das células necróticas. Rocha Lima apontou ainda para deturpações na interpretação dos enunciados de Councilman: este não teria atribuído valor patognomônico (ou seja, capaz de estabelecer o diagnóstico por febre amarela) às lesões por ele encontradas, não teria feito qualquer menção aos cilindros calcários observados nos rins e – contrariamente ao que escreviam Penna e Figueiredo –, não havia defendido que a necrose coincidia com a degeneração gordurosa. Em defesa de seus próprios enunciados, ressaltou que não fazia nenhum sentido desmembrar os componentes de um quadro histológico, quando defendera que seu perfil característico era conferido exatamente pela noção de conjunto. Sustentou, ainda, que não considerava a degeneração gordurosa como fenômeno decorrente da necrose, nem afirmara que ela se concentrava na porção média do lóbulo hepático. Suas contribuições na caracterização das alterações provocadas pela febre amarela – prosseguiu – incluíam não apenas a identificação das células necróticas, também descritas por Councilman, mas também a constatação da conservação do tecido de sustentação do fígado, das alterações nucleares e nucleolares nas células não acometidas por necrose, da patogenia da icterícia e do processo de regeneração do tecido hepático. Nenhum desses elementos fora mencionado pelo norte-americano, acrescentou. E concluiu: “Creio ter esclarecido suficientemente a questão, para quem queira procurar a verdade, e não voltarei por isso ao assunto, que julgo esgotado.” (Rocha Lima, 1929).

Contrariando sua própria afirmação, Rocha Lima voltou ao assunto em “Complemento pessoal à refutação científica”, publicada na *Sciencia Medica* (Rocha Lima, 1929b). Qualificou como absurdas as tentativas de contestação de suas pesquisas sobre a febre amarela, por não serem contribuições brasileiras:

Isso obriga também a admitir que haja entre nós quem seja capaz de afirmar que não são brasileiras as óperas de Carlos Gomes porque foram concebidas, escritas, editadas e primeiro apresentadas na Itália, onde vivia o grande compositor campineiro e que ainda menos brasileiros são os feitos grandiosos de Santos Dumont porque foram exclusivamente realizados e demonstrados no estrangeiro, onde reside (Rocha Lima, 1929b).

Para defender o caráter nacional de suas contribuições, Rocha Lima ressaltou sua postura nacionalista, não obstante ter vivido no estrangeiro, como as personalidades acima citadas. “Creio ter assim melhor servido à causa da nossa terra, do que se aqui tivesse vivido

como estéril pensionista do tesouro, ou então a defender cada fruto do meu trabalho contra a praga da esterilidade agressiva e destruidora”, justificou (Idem). Nas diversas sociedades científicas européias nas quais apresentara seu trabalho, sempre como brasileiro – continuou – “guardarão na memória bem mais facilmente o nome do meu país do que o meu individual”. Em conclusão, apontou para a necessidade de se cultivar no Brasil o espírito de colaboração, ao invés do “espírito pequeno e esterilizante da diminuição do trabalho alheio para satisfação pessoal” (Idem).

Em correspondência com Mayer, o patologista brasileiro comentou o ataque a seu trabalho por “dois colaboradores preguiçosos e insignificantes do Instituto Oswaldo Cruz”. Afirmou tratar-se de uma “adulteração tendenciosa” e “atrevimento”, sendo ambos advertidos pelos próprios colegas do instituto. Confidenciou ao ex-colega que alguns consideravam as refutações de Penna e Figueiredo como motivadas pelo ciúme e inveja que predominava no Instituto Oswaldo Cruz em relação ao Instituto Biológico recém-fundado por Arthur Neiva em São Paulo. Segundo Rocha Lima, o renome rapidamente conquistado pela instituição paulista contrastaria com o declínio cada vez maior do prestígio da instituição carioca, em consequência “da completa indiferença científica de Chagas”, de quem Neiva era inimigo declarado.³⁴¹

Na mesma carta, nosso personagem indagou a Mayer: “O que me diz do descaramento e ousadia de Hoffmann?”. Referia-se ao fato de Hoffmann reivindicar para si a prioridade na descrição dos cilindros calcáreos nos rins, e descrever, agora as modificações hepáticas na febre amarela como as mais importantes, depois de tê-las considerado insignificantes. Ele alude ainda a publicações do médico alemão sem qualquer referência a seus achados e ao fato dele ter ilustrado, com um quadro dele, capítulo sobre febre amarela no Manual de Kolle & Wassermann, sem citar a procedência e sem qualquer referência às suas pesquisas.³⁴² Também comentou o fato com Fred Soper, na viagem que fez em outubro de 1929, a Salvador, para onde fora convidado, pela Fundação Rockefeller, para visitar o laboratório de febre amarela mantido ali pela agência.³⁴³ Segundo Soper, Rocha Lima informou-lhe que

³⁴¹ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 04.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. Tornaremos a tratar dessa carta quando abordarmos a criação do Instituto Biológico, no capítulo 5.

³⁴² *Idem.*

³⁴³ O Laboratório de Febre Amarela foi inaugurado pela Fundação Rockefeller em Salvador em junho de 1928 e mantido até 1937, mas desde 1934 parte das atividades foi desenvolvida num hospital no Rio de Janeiro. A partir de 1937 os serviços do laboratório de Salvador e do Rio de Janeiro passaram a se concentrar em prédio

Hoffmann era um ex-médico do exército, que havia se estabelecido em Cuba, onde cuidava de construir sua própria reputação através de artigos numerosos sobre febre amarela. O brasileiro teria acrescentado ainda, que Hoffmann fizera grande barulho sobre seus achados histopatológicos nos rins, descritos por ele há anos, além de reproduzir um quadro seu em manual, sem conferir o devido crédito (Soper 02.10.1929).

Rocha Lima permaneceu por cerca de 20 dias na capital baiana junto com sua assistente, Else Seiler. Ali, realizou uma série de análises histopatológicas de casos suspeitos de febre amarela. Em seguida, partiu para o Recife, onde participou do Congresso de Higiene, apresentando palestra sobre a Verruga Peruana, assunto que abordaremos mais adiante. A projeção de Rocha Lima como uma das principais autoridades no campo da patologia da febre amarela fez com que suas relações com a Fundação Rockefeller se tornassem mais estreitas. Consciente das oportunidades que isso abria em termos de possibilidades de trabalho e pesquisa, começou a aprender inglês (Soper 26.08.1929). Em carta a Johannes Bauer, comunicara que este podia lhe escrever naquele idioma: “Leio com prazer cartas em inglês, principalmente do senhor.”³⁴⁴ Da missiva com Bauer, é possível depreender que nosso personagem estabeleceu boas relações com os oficiais da Rockefeller em ambos os lados do Atlântico. Ele manteve Bauer a par do decurso da epidemia de febre amarela e do progresso das pesquisas, dos resultados de suas próprias investigações, enviou seus trabalhos e recebeu amostras de tecidos enviadas por Paul Hudson, que como vimos, conduzia as análises histopatológicas na costa africana. Essa proximidade, no entanto, não estava livre de conflitos, como nos permite vislumbrar a mesma carta. Nela manifestou “desagrado e pesar pela omissão de minhas pesquisas nos trabalhos do Senhor Hudson.” Reclamou por Hudson colocá-lo entre uma série de outros autores que nada haviam assinalado a respeito da necrose salpicada na porção intermediária do lóbulo hepático. “É ainda mais lamentável, quando ele deixa de mencionar meus trabalhos, sobre os quais se baseiam as pesquisas histopatológicas atuais”, emendou.³⁴⁵

Postura diferente assumiria Fred Soper, que se tornou personagem crucial no combate à febre amarela realizado pela Rockefeller no Brasil, nos anos de 1930 e 1940. Ele contribuiu para que os achados de Rocha Lima sobre a doença adquirissem visibilidade ainda maior. Em

construído no terreno do Instituto Oswaldo Cruz com fundos do governo brasileiro e da agência norte-americana (Benchimol 2001).

³⁴⁴ Carta de Rocha Lima a Johannes Bauer de 20.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁴⁵ Carta de Rocha Lima a Johannes Bauer de 20.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

junho de 1930, assumiu a inspetoria do Serviço de Profilaxia da Febre Amarela, depois da agência ter estabelecido contrato com o governo brasileiro no ano anterior. Através deste, ela obteve controle das medidas de combate em quase todo o território. A epidemia de 1929, no Rio, declarada extinta no fim daquele ano, reforçara a eficácia da campanha encetada pela Rockefeller, uma vez que nenhum caso fora notificado nas cidades portuárias do norte do Brasil, onde havia se encarregado de controlar a doença através da eliminação dos mosquitos. Por outro lado, a mesma epidemia pôs por terra a teoria dos focos-chave, defendida pelos norte-americanos. Paulatinamente, eles tiveram de reconhecer que a doença se difundia pelo interior do país, tornando sua erradicação mais difícil do que se supunha a princípio. Tratava-se, agora, de desenvolver estratégias eficazes de combate à doença e de meios para mapear sua incidência. Com esse objetivo, Soper realizou uma ampla reorganização do serviço. Dividiu o território brasileiro em zonas, determinadas de acordo com o grau de visibilidade da febre amarela e estabeleceu complexa engrenagem, destinada a operar “medidas de vigilância sanitária baseadas na ciência e medidas de ordem administrativa e policial” (Löwy 2006, p. 168).

Duas ferramentas foram fundamentais para a visualização da incidência da febre amarela no território brasileiro. Um deles foi o chamado “teste de proteção”, que consistia na inoculação do soro suspeito num animal de laboratório, que em seguida era inoculado com material virulento: se resistisse, a infecção era considerada positiva, pois o animal teria adquirido os anticorpos desenvolvidos pelo paciente. A técnica desenvolvida em 1930 por Max Theiler, de inoculação intracerebral de camundongos com o vírus amarílico possibilitou a aplicação daquele método diagnóstico em grande escala (Benchimol 2001). A outra ferramenta foi o diagnóstico anátomo-patológico a partir das lesões hepáticas descritas por nosso personagem. Este foi amplamente empregado durante a epidemia de 1928 e 1929, sendo fundamental para a elucidação de casos suspeitos. Segundo Benchimol (2001), o chefe do serviço de febre amarela do estado do Rio, Décio Parreiras, chegou a coordenar o treinamento de leigos para realização das necrópsias do fígado. Porém, a aplicação generalizada do diagnóstico necroscópico esbarrava na falta de pessoal especializado e nas resistências que havia, principalmente no interior do país, à violação dos cadáveres (Idem). Para retirar porção do fígado sem precisar abrir os cadáveres, foi desenvolvido um artefato denominado “viscerótomo”, patenteado por Soper em agosto de 1930. No ano seguinte uma série de postos de viscerotomia foram estabelecidos no país, de onde eram remetidos fragmentos do fígado para análise nos laboratórios de Salvador e do Rio. Somente o

diagnóstico histopatológico definia se era um caso fatal de febre amarela. O viscerótomo chegou a despertar a atenção de pesquisadores alemães. Ainda em 1953, João Falcão, que frequentava o curso de doenças tropicais do *Tropeninstitut*, transmitiu a Rocha Lima o pedido de Ernst Nauck, que assumira a direção da instituição depois da 2ª Guerra, de aquisição de algumas peças do instrumento para um colega de Bonn.³⁴⁶

As necrópsias de porções do fígado e as provas de imunidade se tornaram, segundo Benchimol (2001), “as bússolas do grande inquérito epidemiológico que se prolongou até 1937”. Milhares de amostras de fígado foram enviadas para análise nos laboratórios da Rockefeller. Ao lado dos testes de imunidade a viscerotomia comprovou que a febre amarela ocorria em área muito maior do que se supunha (Idem). Em 1932, foi detectada a ocorrência da doença em Santa Teresa no Vale do Canaã, estado do Espírito Santo, onde não existia o *Aedes aegypti*. Por meio do exame histopatológico, dos testes de imunidade e de complexas deduções epidemiológicas, Soper e pesquisadores brasileiros elucidaram o enigma que levou à descrição da chamada febre amarela silvestre, transmitida por outras espécies de mosquito e mantida em reservatórios animais, principalmente macacos da floresta. Conforme aponta Benchimol (2001), as observações concernentes a essa forma da doença impuseram revisões sobre os conceitos que até então fundamentavam sua epidemiologia. Além disso, inauguraram complexo programa de pesquisas, que envolveu patologistas, entomólogos e zoólogos, dedicados a estabelecer o ciclo natural do vírus entre os mosquitos da floresta e animais selvagens (Benchimol 2001, Löwy 2006, p. 173). A descrição da forma silvestre da febre amarela alterou a percepção da doença, encarada, a partir de então, como predominante entre animais selvagens e que apenas incidentalmente acometia o homem. Além disso, enfraqueceu a esperança de que pudesse ser facilmente erradicada no continente americano, além de reconfigurar o mapa epidemiológico que gradualmente se esboçou entre os anos de 1930 e 1937 (Benchimol 2001).

Com apoio do governo de Getúlio Vargas, a Fundação Rockefeller prosseguiu nos anos, 1930 e 1940, à ampla campanha contra a febre amarela e às pesquisas epidemiológicas. Em 1934, anunciaram a erradicação do *Aedes aegypti* nas grandes cidades. A partir de 1937, puderam contar com o auxílio de uma vacina como arma na profilaxia.³⁴⁷ Com a viscerotomia, o diagnóstico histopatológico tornou-se rotina e o perfil das alterações hepáticas

³⁴⁶ Carta de João Falcão a Rocha Lima de 07.08.1953. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁴⁷ Sobre o histórico de desenvolvimento da vacina ver Benchimol, 2001 e Löwy 2006, cap. 6.

descritas por Rocha Lima tornou-se uma das “caixas-pretas” que fundamentaram as ações de mapeamento epidemiológico da doença. O reconhecimento de Soper da importância prática das lesões hepáticas não se deu apenas no apoio à aplicação do diagnóstico necroscópico, mas também na reafirmação da prioridade do pesquisador brasileiro na descrição das mesmas. Em 1935, na Conferência de Febre Amarela da Liga das Nações, em Johannesburgo, acentuou o valor diagnóstico do quadro histopatológico, a importância do mesmo para o mapeamento epidemiológico e o mérito de Rocha Lima pela descrição pioneira das lesões hepáticas típicas. Um ano depois, o sucessor de Rocha Lima na direção da seção de Patologia e Vírus do *Tropeninstitut*, Ernst Nauck, reiterou o reconhecimento dos enunciados do ex-colega em reunião da Sociedade Alemã de Medicina Tropical (Rocha Lima, 1937).

Rocha Lima tornou-se um estreito colaborador dos oficiais da Rockefeller no desenvolvimento das ações de combate da febre amarela. O arquivo pessoal registra remessas de peças histopatológicas para análise. A expertise de nosso personagem foi demandada para a confirmação retrospectiva de casos cruciais para o mapeamento epidemiológico. Em fevereiro de 1930, por exemplo, ele recebeu da Bahia amostras de fígados de macacos mortos durante os experimentos. Foram remetidas por Nelson Davis.³⁴⁸ Alguns vestígios apontam para o intercâmbio de informações entre o pesquisador brasileiro e os norte-americanos sobre especialistas em patologia. Um desses indícios, é a carta de 1942, de J. A. Kerr, que substituiu Fred Soper em curta viagem aos Estados Unidos. Kerr confessou a Rocha Lima, em carta confidencial, que o trabalho feito por Madureira Pará sobre as lesões hepáticas da febre amarela era excelente, mas o mesmo não podia dizer de seu caráter e sociabilidade, únicas palavras escritas em português, de modo a não deixar dúvidas. Apesar da dedicação ao serviço, Madureira Pará - afirmou Kerr - tinha tendência de querer fazer as coisas “de um modo extravagante”. “Me dói escrever isso, porque nós sempre desejamos colocar nossos bons homens em boas posições em outros institutos e, especialmente, queremos evitar ser acusados de tomar tudo para nós mesmos.”³⁴⁹

Em 1937, por ocasião das festividades de 80 anos de Bernhard Nocht, Rocha Lima apresentou conferência, na qual fez considerações retrospectivas do desenvolvimento do diagnóstico histopatológico da febre amarela (Rocha Lima, 1937). Narrou o percurso das investigações que disse representarem “não apenas meus primeiros passos na pesquisa

³⁴⁸ Carta de Nelson Davis a Rocha Lima de 14.02.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁴⁹ Carta de J. A. Kerr a Rocha Lima de 01.07.1942. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

científica, como também me levaram à descoberta de um novo caminho para diagnóstico de uma epidemia já estudada por muitos pesquisadores” (Idem). Justificou tratar desse assunto pelo fato de seus resultados permanecerem desconsiderados por quase 20 anos. A autenticidade dos achados nunca havia sido colocada em questão – ressaltou – mas sua importância prática como critério diagnóstico só alcançaram reconhecimento geral depois de muitos anos. Ele abordou o início das pesquisas, quando a literatura predominante considerava como alteração fundamental na febre amarela a degeneração gordurosa do fígado, o trabalho de Councilman e o resgate do mesmo por ele, quando em 1912 apresentou aos patologistas alemães a caracterização completa do quadro histopatológico. Ao contrário do que haviam argumentado em 1930 os patologistas norte-americanos Klotz e Belt (1930), de que as células necróticas hialinas (corpúsculos de Councilman) consistiam no principal elemento para o diagnóstico necroscópico, Rocha Lima redarguiu que o quadro histopatológico descrito por ele baseava-se num conjunto que reunia diferentes características isoladas. Era o reconhecimento desse quadro “complexo, nem sempre completo ou destacado de forma clara, mas por vezes apenas sugerido ou até mesmo bastante deformado”, que estabelecia-se o diagnóstico. Salientou que isso requeria treinamento e habilidades, chamando atenção para a necessidade de se formarem especialistas no assunto (Rocha Lima, 1937).

Rocha Lima atualizou os achados mais recentes dos oficiais da Rockefeller no Brasil, como a identificação da febre amarela silvestre e o reconhecimento de formas assintomáticas da infecção. Realçou, com indisfarçável orgulho, que o critério histopatológico “representa o fundamento da pesquisa epidemiológica e das medidas de combate” (Idem). O recrudescimento de epidemias em diferentes localidades do Brasil no final dos anos 1920 – prosseguiu – havia trazido a plena confirmação de seus resultados. Estes permaneciam ainda válidos, sem sofrer qualquer modificação desde 1912, afora as inclusões descritas por Magarinos Torres em 1928, “único enriquecimento significativo de nossos conhecimentos” (Idem). Atribuiu o ocaso de seus enunciados ao desinteresse pela anatomia patológica nos países tropicais, ao combate bem-sucedido da febre amarela em diversas localidades, dificultando a obtenção de material de estudo, e à convicção de que a doença em breve seria exterminada, tornando-se assunto de valor apenas histórico. Em contrapartida, afirmou: “Nada esclarece a repetida reprodução incorreta de meus resultados”. Denunciou os “plageadores de citações curtas”, que segundo ele, deturpavam o caráter dos achados. Não perdeu a oportunidade de criticar entre os próprios colegas alemães Wilhelm Hoffmann, a quem acusou

de silenciar suas contribuições na patologia da febre amarela e de se apropriar de sua prioridade na descrição das formações calcárias renais (Rocha Lima, 1937).

As pesquisas de Rocha Lima sobre a febre amarela tornaram-no uma autoridade nos estudos sobre a doença, que não era tão bem conhecida dos médicos alemães. Em 1914 foi convidado para escrever capítulo “O grupo da Febre Amarela e doenças afins” no “*Handbuch der pathogenen Protozoen*” (Manual de Protozoários Patogênicos), editado por Stanislas von Prowazek” (Rocha Lima, 1914).

Antes de analisarmos rapidamente os enunciados veiculados nesse trabalho, cumpre destacar aqui um dos aspectos do perfil científico de Rocha Lima: o de escritor de manuais médicos. Ele participou da composição de dezesseis compêndios concernentes às diferentes problemáticas às quais se dedicou no decorrer de sua trajetória. Entre eles, contam-se os mais renomados livros-texto da pesquisa médica alemã da época. Havia na Alemanha uma forte tendência de reunir e sintetizar os conhecimentos recentes sobre determinados assuntos e especialidades médicas, em manuais que em geral tiveram várias edições e que nas primeiras décadas do século XX foram uma das alavancas do reconhecimento e prestígio internacional da ciência germânica. Conforme aponta Ludwik Fleck (1986), nos manuais os enunciados científicos são apresentados na forma de afirmativas mais categóricas do que as proposições de caráter provisório dos artigos divulgados em periódicos. Eles são componentes fundamentais para os que pretendem se iniciar nos cânones de um determinado coletivo de pensamento e para fortalecer as bases sobre as quais este se sustenta. Por conta disso, escrever um manual envolvia, obviamente, conhecimento aprofundado do assunto e, ao mesmo tempo, capacidade de sintetizar os avanços mais atuais no tema. O autor tinha de ser uma autoridade na questão abordada, geralmente fundamentada em suas próprias contribuições para a edificação daquele corpo de conhecimentos. A chancela dessa autoridade é que garantia a confiança, reputação e circulação dos textos. O convite para participar dessas publicações estava relacionado não apenas à reconhecida projeção do pesquisador no tema, mas também à rede de relações na qual ele estava inserido. Daí, podemos concluir que Rocha Lima conseguiu firmar-se na Alemanha como autoridade reconhecida, tanto nos estudos sobre a febre amarela, como nos demais assuntos por ele pesquisados, conforme veremos a seguir. Além disso, a participação na redação dos compêndios testemunha o grau de articulação que ele conquistou com a comunidade acadêmica alemã, fazendo parte da rede que incluía os grandes nomes dos respectivos campos disciplinares em que atuou, a saber, a microbiologia, patologia, dermatologia e medicina tropical. Ao redigir alguns desses manuais com colegas

brasileiros, Rocha Lima contribuiu para o estreitamento das relações entre as suas duas “pátrias” – a de origem e a “científica” - outro aspecto fundamental de sua trajetória ao qual conferimos grande realce no presente trabalho.

No “Manual de Protozoários Patogênicos” de 1914, Rocha Lima tratou, além da febre amarela, da febre papatácia, da dengue, da doença referida como “tsutsugamushi”, manifestação análoga ao tifo exantemático, identificada no Japão, do próprio tifo e da febre maculosa. Ele justificou o agrupamento dessas doenças pelo fato de que os conhecimentos sobre os patógenos de todas elas eram ainda bastante incompletos, mas pareciam estar mais relacionados entre si do que com os demais microrganismos. Embora os conhecimentos da época não justificassem a criação de uma categoria sistemática específica – prosseguiu – a reunião daquelas patologias num grupo comum poderia ser de utilidade para a melhor compreensão das mesmas (Rocha Lima, 1914). Todas eram transmitidas, de forma aparentemente exclusiva, por um hospedeiro intermediário, e compartilhavam a característica de serem causadas por agentes que não podiam ser facilmente reconhecidos com os meios disponíveis de investigação. O tipo de transmissão aludia a patógenos do tipo protozoários, o que justificava a inclusão das doenças naquele manual (Idem).

No que concerne à febre amarela, Rocha Lima caracterizou sua evolução clínica, forma de transmissão, os experimentos de infecção em humanos com sangue e o soro de pacientes e através da picada de mosquitos, discutiu a possibilidade de existência de portadores sadios do vírus e os microrganismos incriminados como agentes patogênicos. Com base numa série de resultados, apontou para a hipótese do agente se tratar de um vírus filtrável e para aquela que advogava que era um protozoário, uma vez que o vetor só podia transmitir a doença algum tempo depois de ter ingerido o sangue virulento (os resultados indicavam um período de 12 dias) (Idem). Ainda baseado nos conhecimentos da época, defendeu que o único meio de transmissão do agente infeccioso parecia ser a picada do mosquito, sendo o *Stegomyia calopus* (*Aedes aegypti*), a única espécie aparentemente envolvida naquele processo. Em favor disso, aduziu o fato da profilaxia contra o inseto consistir no único meio eficiente de controle e eliminação da doença. Apresentou ainda as características morfológicas e hábitos de vida do vetor. Em relação à imunidade legada pela doença, Rocha Lima mostrou-se sintonizado com aquilo que vinha sendo defendido pelos colegas brasileiros. Advogou a existência de infecções leves ou assintomáticas, principalmente entre crianças, as quais conferiam imunidade em regiões onde a doença prevalecia, sendo também responsável pela manifestação da mesma na forma endêmica (Idem). Curiosamente, Rocha Lima

mencionou ligeiramente a anatomia patológica da infecção. Afirmou apenas que em casos fatais onde a autópsia revelava icterícia e sangramento no estômago e duodeno, lesões encontradas no fígado podiam ser observadas, estabelecendo dessa forma o diagnóstico necroscópico (Idem).

Em edição de 1920 do mesmo “Manual de Protozoários Patogênicos” Rocha Lima tornou a tratar da febre amarela (Rocha Lima, 1920). O manual foi editado desta vez por Wilhelm Nöller, que sucedeu Prowazek na direção da seção de protozoologia do *Tropeninstitut*, depois que ele morreu, em 1915, vítima do tifo exantemático. Rocha Lima ocupou-se quase exclusivamente da *Leptospira icteroides* de Noguchi. Descreveu as características morfológicas do espiroqueta e os experimentos em cobaias com culturas do mesmo. Tratou ainda dos experimentos de imunização feitos pelo pesquisador japonês e os métodos de cultura e visualização do suposto patógeno. O pesquisador brasileiro reafirmou que o vírus se mantinha endêmico por meio de casos leves ou de manifestação atípica, que ocorreriam principalmente em crianças, conferindo-lhes imunidade duradoura. Defendeu isso, baseado no fato de que aparentemente não ocorriam portadores sadios, enquanto que a transmissão hereditária do agente infeccioso do mosquito à prole parecia ser um fenômeno excepcional, não justificando a manutenção do “vírus” por esse caminho (Idem).

Em 1929, Rocha Lima escreveu novo capítulo sobre a febre amarela, agora em cooperação com Miguel Couto, num dos mais prestigiados manuais alemães de medicina tropical, o de Carl Mense, *Handbuch der Tropenkrankheiten* (Manual de Doenças Tropicais) (Rocha Lima & Couto, 1929). Seria segunda vez que colaborava com o prestigiado médico brasileiro, que era uma autoridade nos estudos sobre a febre amarela. Em correspondência de 1923, depreende-se que eles escreveram juntos capítulo sobre a doença no manual do italiano Nicola Pende, que se tornou mais conhecido pelos estudos no campo da endocrinologia, da biotipologia e da antropologia criminal, tendo sido um dos principais defensores das concepções raciológicas que tiveram grande divulgação no regime de Mussolini.³⁵⁰ Na referida carta, Couto propôs a divisão do trabalho na redação do capítulo: ele escreveria sobre sintomatologia, diagnóstico, prognóstico e tratamento, enquanto Rocha Lima abordaria o histórico, a etiologia e anatomia patológica.

³⁵⁰ Carta de Miguel Couto a Rocha Lima de 04.08.1923. Couto refere-se apenas ao “manual de Pende” Trata-se, provavelmente de “Endocrinologia, Patologia e Clinica degli organi a secrezione interna”, publicado pela editora Vollandi entre 1923 e 1924. Devo confessar que não tive acesso ao capítulo escrito pelos dois médicos brasileiros, não podendo, infelizmente, tratar aqui do caráter do mesmo.

Carl Mense, era considerado, como vimos, um dos “fundadores” da moderna medicina tropical alemã. Ele havia criado, em 1897, o *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, que dirigiu até 1916, e publicado, em 1902, dois volumes de *Tropische Gesundheitslehre und Heilkunde* (Teorias sobre a saúde e terapêutica tropical, e em 1905, a primeira edição do *Handbuch der Tropenkrankheiten* (Brethauer, 2001). Ao lado do manual de Botto Scheube, *Die Krankheiten der warmen Länder* (Doenças dos países quentes), o de Mense tornou-se a principal referência para os médicos interessados em se familiarizar com a especialidade médica.

A partir da correspondência de Rocha Lima com Mense e com a editora responsável pelo Manual, a *Johann Ambrosius Barth*, de Leipzig, deduz-se que a confecção do capítulo sobre a febre amarela foi bastante trabalhosa. Miguel Couto escreveu apenas a parte referente à clínica, as demais foram escritas por ele. A entrega do capítulo atrasou bastante e nosso personagem foi constantemente cobrado por isso. Em junho de 1928, informou a Mense que o texto teria de ser refeito, devido às mudanças no panorama das pesquisas sobre a febre amarela: “o colapso da *Leptospira*, a morte de Noguchi e a irrupção da epidemia no Rio de Janeiro, 25 anos depois dela ter sido considerada extinta”.³⁵¹ Dois meses depois, declarou: “Espero agora que o nosso capítulo tenha se tornado a mais moderna e completa compilação do estado atual de nossos conhecimentos sobre a febre amarela”.³⁵²

Ainda em 1929, publicou outro capítulo sobre a doença no “Nova Clínica Alemã” (*Neue Deutsche Klinik*) editado por Klemperer (Rocha Lima, 1929c). Neste, enfatizou o decurso da doença e os sintomas. Chamou atenção para a dificuldade de estabelecer um diagnóstico clínico diferencial, mesmo nos casos típicos. Naqueles atípicos, ou de manifestação leve, era praticamente impossível, mesmo aos clínicos mais familiarizados com a doença, afirmou. Apesar da distribuição geográfica restrita, destacou a febre amarela como a mais perigosa doença tropical, que ainda apresentava muitos enigmas a serem elucidados e da qual poderiam ser retirados valiosos conhecimentos (Idem). Tratou da etiologia e dos resultados recém-obtidos pelos norte-americanos na costa ocidental da África. Deu ênfase a seus achados como critério mais seguro no diagnóstico de casos fatais, e na certificação da transmissão experimental a macacos. Abordou as formas de transmissão, caracterizou o vetor, métodos de tratamento e imunidade. Tornou a enfatizar a importância dos casos brandos ou

³⁵¹ Carta de Rocha Lima a Carl Mense de 25.06.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁵² Carta de Rocha Lima a Carl Mense de 24.08.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

quase assintomáticos, e da infecção das crianças como chave de explicação para a prevalência da doença em áreas endêmicas. Chegou a mencionar a possibilidade de um reservatório animal, mas “faltam pontos de apoio nesse sentido”, destacou (Idem).

As pesquisas de Rocha Lima sobre a histopatologia da febre amarela foram a sua segunda maior contribuição científica, precedida pela elucidação da etiologia do tifo e descrição das riquetsias. Entre os alemães, ele obteve reconhecimento como autoridade nos estudos da doença, que havia sido uma das marcas de distinção da comunidade médica brasileira desde o último quartel do século XIX, como demonstra Benchimol (1996) no caso de Domingos Freire. Os enunciados de nosso personagem estiveram estreitamente ligados às grandes problemáticas da época. O ocaso e a reapropriação dos seus achados relacionaram-se à ascensão e naufrágio de teorias etiológicas e epidemiológicas, que configuraram perfis diferenciados da doença. A retomada e revalorização do valor diagnóstico das lesões hepáticas ocorreram paralelamente ao ressurgimento do mal amarílico na agenda da saúde pública brasileira, que contrariou certezas arraigadas e impôs novos desafios. O principal deles consistiu no esforço de mapear a incidência da doença no território nacional. Ao lado dos testes de imunidade, o diagnóstico necroscópico foi a ferramenta-chave nesse empreendimento. Esse processo coincidiu com o retorno de Rocha Lima ao Brasil, contribuindo para sua reintegração à comunidade médica local. Sua produção científica permitiu-lhe alinhar-se aos problemas concretos enfrentados pela saúde pública naquele momento.

Analisaremos, agora, a participação de nosso personagem nas pesquisas sobre a nova entidade mórbida, que atuou, como demonstra Simone Kropf (2009), como emblema das ambições e projetos de setores importantes da comunidade médico-científica brasileira. Apesar de geograficamente distante de Manguinhos e do sertão de Minas, mas ao mesmo tempo compartilhando dos anseios e tensões dos seus compatriotas, ele uniu-se ao esforço encetado pelos ex-colegas e orquestrado por Oswaldo Cruz, de estabilização dos enunciados concernentes à tripanossomíase recém-descrita por Carlos Chagas. Dessa forma, integrou-se mais uma vez às redes da ciência alemã tratando de questão científica relacionada ao seu país de origem.

2.3. Rocha Lima e os estudos sobre a doença de Chagas no *Tropeninstitut*

O *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene* foi o primeiro veículo de divulgação dos fatos relacionados à tripanossomíase americana. Da comunicação preliminar, até o relato completo dos eventos que correlacionaram a nova espécie de tripanossoma a um quadro clínico, caracterizado principalmente pelo bócio e transmitido ao homem por um inseto pouco conhecido, o periódico tornou a “doença do Brasil” (Kropf, 2009) conhecida da comunidade médico-científica germânica.

Nos anos seguintes a 1909, data do primeiro comunicado no *Archiv*, outros fatos contribuíram para conferir contornos mais nítidos à nova doença. Ela havia se tornado a marca de distinção de um coletivo empenhado em se legitimar no cenário científico local e internacional e, desse modo, auferir créditos para o Instituto de Manguinhos (Benchimol & Teixeira 1993, Kropf, 2006). Em 1910, a Academia Brasileira de Medicina abriu uma vaga extraordinária para acomodar Chagas como membro titular. Na ocasião ele apresentou quadro mais detalhado da doença, diferenciando 5 formas clínicas. Distinguiu as formas cardíaca e nervosa, mas enfatizou as perturbações da tireóide e a ocorrência do bócio como principais manifestações patológicas, ocasionadas pela presença do parasito naquela glândula. Conforme demonstra Kropf (2006), o desenho clínico proposto por Chagas naquele momento balizou as trilhas percorridas nas investigações feitas nos anos seguintes por ele e por outros pesquisadores. Gaspar Vianna, que ingressou em Manguinhos em 1909 para dar continuidade às pesquisas anátomo-patológicas interrompidas com a saída de Rocha Lima, realizou análises histopatológicas em vítimas da doença e animais de laboratório (Vianna, 1911; Benchimol & Teixeira, 1993, p. 55; Kropf 2006, p. 116). Os achados de Vianna, sobre os quais falaremos a seguir, ajudaram a estabilizar a caracterização clínica proposta por Chagas. Ao localizar o parasito e as lesões nos tecidos cardíacos, nervosos e das glândulas, Vianna contribuiu para sustentar a importância dos sintomas associados a esses órgãos (Kropf 2006, p. 115-116).

Como vimos, a nova entidade mórbida descrita por Chagas foi a estrela da participação brasileira no Congresso de Higiene de Dresden em 1911. A Alemanha figurou mais uma vez como cenário importante para a legitimação internacional de um fato científico, que simbolizava, como demonstra Kropf (2008), o projeto cognitivo, social e político de Oswaldo Cruz e de seu instituto. Em 24 de junho de 1912, Chagas recebeu o Prêmio Schaudinn, estabelecido pelo Instituto de Hamburgo em homenagem ao célebre protozoologista Fritz Schaudinn. A condecoração distinguia a cada 4 anos o melhor trabalho

em protozoologia, um campo que se estabelecia no entrecruzamento de vários domínios da pesquisa biológica, e que, por isso mesmo, não tinha contornos disciplinares muito bem definidos (Benchimol & Teixeira 1993, p. 28). No entanto, a correlação de protozoários a patologias como malária, disenteria, doença do sono e leishmaniose havia conferido grande visibilidade àquela área do conhecimento.

Não é preciso muito esforço para notar que o *Tropeninstitut* foi a instituição mais importante para o reconhecimento da doença de Chagas entre a comunidade médica alemã. Isto deveu-se não apenas ao fato desta estar referida à especialidade daquele instituto - a medicina tropical -, mas também, em virtude das densas relações mantidas com a ciência brasileira, mais particularmente, com Manguinhos. Rocha Lima contribuiu para esse processo, ao divulgar a doença através das suas pesquisas sobre o tema. Benchimol & Teixeira (1993, p. 47) afirmam que, dessa forma, ele resolveu seguir “na direção em que sopravam os ventos.” É bastante provável que nosso personagem tenha, de fato, resolvido dedicar-se aos estudos da nova tripanossomíase humana, com o interesse de “pegar carona” no prestígio auferido por Chagas e o Instituto Oswaldo Cruz. Não obstante os conflitos e ressentimentos com os ex-colegas e, em particular, com o próprio Oswaldo Cruz, ele trazia em sua identidade científica, a marca de origem daquele coletivo.

Em 1912, veio a lume no mesmo *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene* trabalho de Rocha Lima escrito em parceria com o colega Martin Mayer (Rocha Lima & Mayer, 1912). Mayer já era bastante familiarizado com os tripanossomas. Ele havia participado com G. Keysselitz de expedição científica à África Oriental Alemã, em 1907-8, para pesquisa da doença do sono e vacinação antivariólica (Mannweiler 1998). Nos “*Archiv*”, ele resenhou, com frequência, artigos relacionados ao assunto. O trabalho dele com Rocha Lima fora originalmente apresentado, em 5 de abril de 1912, em palestra da Sociedade Alemã de Medicina Tropical (*Deutsche Tropenmedizinischen Gesellschaft*). Os resultados foram obtidos a partir de pesquisas feitas com cepa do patógeno da “tripanossomíase brasileira”, *Schizotrypanum cruzi*, enviada a Hamburgo por Oswaldo Cruz. Rocha Lima e Mayer constataram que o parasita apresentava fraca virulência em cobaias, onde aparecia cerca de 8 a 14 dias depois da inoculação no sangue periférico e em seguida sumia. Viram que camundongos podiam ser infectados pelo gotejamento de suspensões do patógeno na mucosa bucal, mas não na pele íntegra, ou seja, sem nenhum ferimento. No início, os roedores apresentaram os parasitas no sangue somente depois de 13 dias, mas a passagem sucessiva entre os animais abreviou esse período para 6 dias. Os dois pesquisadores também

transmitiram a infecção a 3 macacos, que morreram depois de 4 semanas (Rocha Lima & Mayer 1912, p. 90).

Rocha Lima e Mayer reportaram a observação no sangue dos animais de experimento de “curtas formas de tripanossomas com protoplasma azul e núcleo arredondado, e formas delgadas, pálidas, com protoplasma avermelhado e núcleo espesso em forma de fita” (Idem, p. 91). Sugeriram que tal dimorfismo pudesse aludir à diferença de gêneros e não, como Chagas havia proposto, ao fato de que as formas alongadas seriam estágios mais jovens do parasita. É curioso observar, que muito embora se refiram a este como *Schizotrypanum cruzi*, os autores tenham manifestado reserva em relação à forma de divisão – esquizogonia - que serviu de base para esta denominação. Chagas havia considerado formas parasitárias encontradas no pulmão de macacos experimentalmente infectados como estágios constitutivos da forma de divisão denominada esquizogônica, da qual resultavam oito parasitas. Em autópsias, ele e Vianna afirmaram ter encontrado estruturas idênticas no pulmão de vítimas da doença. Como os tripanossomas até então conhecidos multiplicavam-se apenas por divisão binária, Chagas, com apoio de Hartmann e Prowazek, alocara o parasita encontrado num novo gênero, ao qual denominou *Schizotrypanum* (Kropf 2006, p. 96).

Tanto Hartmann quanto Gaspar Vianna haviam encontrado formas de multiplicação semelhantes a leishmânias, as quais Rocha Lima e Mayer comprovaram nos órgãos de cobaias e macacos infectados em laboratório. Elas resultavam do arredondamento do corpo celular do parasita e da perda do flagelo e da membrana ondulante. Vianna encontrara grandes acúmulos dessas formas parasitárias nos tecidos, principalmente nas fibras musculares, onde formavam uma espécie de “ninho”. Ele havia demonstrado que, diferentemente de outros tripanossomas, o agente da doença de Chagas multiplicava-se não no sangue, no qual permanecia por curto tempo, mas nos tecidos, onde desencadeava processos inflamatórios que destruíam as células e componentes tissulares. Tais formações foram consideradas formas típicas da nova tripanossomíase, sendo referidas como “forma Gaspar Vianna”. Como estava entre os que aceitavam a ocorrência da divisão esquizogônica, Vianna admitiu que as formas de leishmânia alojadas nos tecidos resultavam desse tipo de processo. Mas para Rocha Lima e Mayer (1912), ainda estava por vir uma publicação detalhada desses resultados.

Na análise histopatológica de três macacos Rhesus infectados, Rocha Lima e Mayer encontraram as formas arredondadas do *Schizotrypanum* no coração, gânglios linfáticos, músculos esqueléticos, medula espinhal, musculatura lisa da parede intestinal e em tecidos

subcutâneos. Em cobaias, encontraram-nas também nos tecidos conjuntivo e adiposo, na musculatura lisa e estriada do coração, nos pulmões e gânglios linfáticos. Observaram em fibras musculares estruturas alongadas, com flagelos bastante curtos, de aparência semelhante a formas parasitárias denominadas promastigotas, estágios evolutivos de leishmânias. Entre as formas arredondadas, distinguiram um certo dimorfismo, e constataram que se multiplicavam com bastante rapidez, por divisão binária, após a qual podiam formar acúmulos semelhantes a cistos. No tecido adiposo, flagraram parasitas que se enfileiravam em série na orla do protoplasma de células gordurosas. Já na medula óssea, viram que se localizavam principalmente no tecido conjuntivo (Idem, 1912).

Com base nas observações histopatológicas, Rocha Lima e Mayer (1912) defenderam que os acúmulos de parasitas no interior das células não necessariamente as danificavam. Eles não haviam encontrado nenhuma modificação significativa na fisionomia delas. Viram que apenas nos locais onde parte dos parasitas se achava destruída, havia focos de inflamação e degeneração do tecido circundante. Sugeriram que tais fenômenos deviam-se à liberação de substâncias tóxicas após a destruição dos microrganismos. Os dois autores descreveram o processo de transformação das formas arredondadas do *Schizotrypanum* em tripanossomas: o flagelo que se originava do denominado rizoplasto enrolava-se em torno da estrutura circular, que pela gradativa distensão e dobramento parcial assumia a forma de um tripanossoma. Mas segundo eles, o processo mais frequente de metamorfose consistia no surgimento de flagelados do tipo critídia, a partir dos quais transformavam-se em tripanossomas pela migração da estrutura chamada blefaroplasto, da frente ou da lateral, para a região anterior ao núcleo. Depois de “prontos”, os tripanossomas ganhavam novamente a circulação sanguínea. Viram que essa metamorfose ocorria de forma praticamente simultânea nos “ninhos” de parasitas, sendo extremamente raro o achado de aglomerados nos quais apenas uma parte havia se convertido (Idem).

Rocha Lima aprofundou as investigações histopatológicas, que foram tema de sua comunicação no Congresso da Sociedade Alemã de Patologia, que ocorreu em Estrasburgo entre 15 e 17 de abril de 1912 (Rocha Lima, 1912c). Como vimos, Gaspar Vianna já havia apresentado os achados considerados decisivos para a elucidação da forma de ação do parasito na tripanossomíase americana. Tanto nos casos crônicos quanto nos agudos, afirmara ter encontrado um quadro patológico que “varia de intensidade de uma forma a outra, mas não se modifica qualitativamente” (Vianna 1911, p. 277). Nas mais de 10 autópsias de vítimas da doença e em macacos e cobaias, constatou que o coração era o local preferido do

Schizotrypanum. Ali, ele causava lesões em todos os tipos de tecidos. Observou que os patógenos se aninhavam entre as fibras musculares cardíacas, onde podiam formar cistos parasitários de grande volume. Mas notou que algumas fibras lesadas pelo invasor não apresentavam alteração significativa na sua arquitetura – as estriações longitudinais e transversais permaneciam normais. Outras células, no entanto, haviam se mostrado completamente destruídas. Algumas delas, bastante degeneradas, não acusavam a presença do parasita. Em células com poucos microrganismos, viu que estes destruíam localmente as fibrilas. Mas foi nos locais onde ocorrera rompimento de membrana, que Vianna encontrou processo mais ativo de destruição. No tecido conjuntivo, relatou a presença de focos inflamatórios, com a presença de células de defesa, algumas das quais apresentavam parasitas fagocitados. Havia também zonas de infiltração sem os germes (Idem).

Segundo Vianna (1911, p. 281-2), os músculos estriados, assim como o coração, eram bastante atingidos pelo patógeno da tripanossomíase. Ele observou que as células musculares apresentavam número variado de parasitas, que na parte central da fibra formavam grandes acúmulos em forma de fuso, sem modificar o contorno da mesma, e mantendo a estriação. Onde havia destruição das fibrilas – constatou o pesquisador – estas eram substituídas por substância hialina. Mas não flagrou nas fibras parasitadas nenhuma alteração que indicasse reação da célula contra o *Schizotrypanum*. Noutras, relatou a ocorrência de reação inflamatória na região vizinha, a qual atribuiu à liberação do parasita nos interstícios das fibras, rompidas depois do desenvolvimento do mesmo em tripanossomas. Ali, viu protozoários livres e dentro de células de defesa. No sistema nervoso, Vianna reportou a ocorrência de lesões vasculares e nas meninges. Identificou focos inflamatórios em quase toda a “substância nervosa” e infiltrações de leucócitos perto dos vasos. Reconheceu parasitas na forma arredondada, mas sem a ocorrência de inflamação. Identificou, também, reações inflamatórias sem a presença de parasitas. Nas glândulas encontrou muitas alterações, principalmente na tireóide, onde constatou pontos inflamatórios abundantes no tecido conjuntivo, esclerose, diminuição de vesículas, entre outras lesões degenerativas que vieram ao encontro da centralidade atribuída por Chagas aos distúrbios tireoidianos. Na cápsula supra-renal, notou aumento de volume, lesões de células glandulares e focos inflamatórios. No testículo de cobaias, verificou o acometimento dos tubos seminiais e das glândulas espermiáticas pelo parasita (Idem).

Em linhas gerais, os resultados das análises histopatológicas de Rocha Lima confirmaram os achados de Vianna. Mas ao contrário deste, e do próprio Chagas, não deu

muito crédito à correlação entre a tripanossomíase e a hipertrofia da tireóide e, por conta disso, concentrou suas investigações em outros órgãos e tecidos. “Chagas afirmou ter identificado a etiologia do bócio, que há muito tempo se sabe ser endêmico naquela região [onde foi constatada a doença]. Uma comprovação satisfatória desta afirmação ainda está por vir”, delacrou (Rocha Lima 1912c, p. 455).

Diferentemente de Vianna, Rocha Lima não fez suas observações em cadáveres de pacientes, mas em macacos inoculados em laboratório com material infeccioso de cobaia enviada por Oswaldo Cruz. Como o colega de Manguinhos, constatou que a musculatura estriada consistia na localização preferida do parasita. Além deste, o tecido adiposo figurou como “local mais constante de multiplicação” (Idem). Colônias de parasitas foram surpreendidas por ele em grande quantidade no tecido conjuntivo frouxo e no denso. Como se baseava na necrópsia de animais experimentalmente infectados, não podia extrapolar esses achados para humanos. “Vianna, o único encarregado até agora da histopatologia da esquizotripanose” – ressaltou - não havia relatado praticamente nada sobre a multiplicação nesses dois tipos de tecidos (adiposo e conjuntivo frouxo e denso), uma falta que nosso personagem apontou não apenas no caso da Doença de Chagas, mas como uma tendência geral na histopatologia das parasitoses (Rocha Lima & Mayer, 1914). Chamou atenção, por exemplo, para a falta de referências na literatura sobre as lesões anátomo-patológicas causadas pelo agente do calazar naqueles tecidos (Rocha Lima, 1912c).

Rocha Lima apontou também a escassez de informações mais precisas sobre a frequência das lesões encontradas por Vianna no sistema nervoso. Em suas investigações, constatou-as “com bastante raridade, e insignificantes”. Também afirmou não ter verificado as multiplicações do parasita nos testículos e cápsulas supra-renais descritas pelo patologista brasileiro. Em contrapartida, encontrou colônias do protozoário nos gânglios, medula óssea, baço e na musculatura lisa do estômago, as quais não haviam sido mencionadas pelo colega. Um aspecto indicado por Gaspar Vianna, mas bastante reforçado por Rocha Lima, foi o da não-coincidência entre a multiplicação dos parasitas nas células, as modificações observadas nestas e as lesões diretamente relacionadas ao decurso clínico da doença. Tal como o colega de Manguinhos, ele relatou a ocorrência de células inalteradas em sua aparência e função, mas carregadas de parasitas, e de lesões não relacionadas à presença e multiplicação dos patógenos. Negou, ainda, a correlação das modificações celulares e patológicas com o estágio de desenvolvimento do *Schizotrypanum* nas respectivas células:

Apesar da abundante multiplicação do parasita em diferentes células, estas muitas vezes não apresentam, assim como o tecido que as circunda, nenhum sinal de degeneração, ou qualquer modificação que aponte para uma reação. Em outros lugares, encontra-se, em colônias esparsas, degeneração mais ou menos forte das células acometidas. Que se trata de dois estágios diferentes de um mesmo processo, pode-se afirmar no máximo para uma parte dos casos, porque muitas células podem conter enormes quantidades de parasitas na última fase de seu desenvolvimento, sem estar, com isso, modificadas, enquanto outras, em contrapartida, podem estar atrofiadas, apesar de estarem colonizadas com poucos parasitas que ainda não completaram seu ciclo evolutivo. Por outro lado, vê-se com frequência o tecido intersticial penetrar no espaço deixado pelos parasitas, sem que as células vizinhas pareçam lesadas (Rocha Lima, 1912c).

Tanto na musculatura estriada cardíaca quanto no músculo esquelético, Rocha Lima comprovou a formação de cistos em forma de fuso descritos por Vianna. No entanto, ressaltou que não se tratavam de cistos verdadeiros, mas sim de parasitas que se colocavam entre as fibrilas musculares, pressionando-as umas contra as outras (Idem). Viu que, mesmo assim, as fibras mantinham seu calibre. As do músculo cardíaco, mantinham-se quase completamente inalteradas. Apenas em locais isolados notou a destruição de alguns componentes e o depósito de substância hialina em torno do parasita. Regiões vazias, outrora ocupadas por tripanossomas, mostraram-se invadidas por leucócitos, fibroblastos e células de defesa, contendo no seu interior patógenos fagocitados. Se por um lado, a musculatura cardíaca mostrou-se mais resistente que a esquelética, por outro nosso personagem observou, no coração, maior frequência de focos inflamatórios causados pelo patógeno no espaço intersticial. Este, era invadido por células brancas do sangue, havendo intumescência do tecido conjuntivo local. Em locais com grande número de fibras musculares parasitadas, esses fenômenos intersticiais foram observados com menor frequência. Comparada à musculatura cardíaca, a esquelética demonstrou o mesmo perfil histopatológico, apenas com menor invasão pelo tecido conjuntivo nas regiões infectadas. Já a musculatura lisa, não apresentou, como na estriada, a ocorrência dos ninhos de parasitas semelhantes a cistos. Ali se enfileiravam um ao lado do outro, “como as contas de um rosário” (Idem).

No tecido adiposo, Rocha Lima notou que as células toleravam bem a multiplicação do *Schizotrypanum*, uma vez que apresentavam-se, em geral, completamente normais. No conjuntivo, ele pôde constatar com pouca frequência as formas de multiplicação semelhantes às leishmânias. Na medula óssea, não verificou nada de anormal, e nos gânglios linfáticos, apenas multiplicação esporádica de parasitas e alteração na composição das células, fatores responsáveis por conferir a estes órgãos coloração amarronzada ou vermelha escura. Também não encontrou na tireóide nenhuma alteração significativa, mesmo num dos macacos com

intensos fenômenos degenerativos e colonização massiva de parasitas no músculo e tecido adiposo adjacentes à glândula. Daí concluiu, com cautela:

Naturalmente, esses achados negativos não podem valer como prova contra a afirmação de Chagas, segundo a qual, nada é mais seguro na patologia da esquizotripanose do que sua relação etiológica com o bócio endêmico. Devemos supor, que ele e Vianna logo conseguirão comprovar essa hipótese através de outras provas, mas por ora, a comprovação definitiva desta ainda não foi fornecida pelos achados até agora apresentados. (Rocha Lima, 1912c)

Em 1914, Rocha Lima e Mayer apresentaram em volume especial do *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, trabalho mais abrangente das pesquisas sobre a “tripanossomíase humana brasileira” (Rocha Lima & Mayer, 1914). No ano anterior, como os próprios autores mencionam, observou-se que a suposta multiplicação esquizogônica descrita por Chagas no pulmão, tratava-se, na realidade, de um outro parasita. Henrique Aragão constataria em ratos, cobaias e coelhos comprovadamente livres de tripanossomas, as mesmas estruturas consideradas formas esquizogônicas. Como bem lembram Benchimol & Teixeira (1993, p. 54), antes disso Antônio Carini, diretor do Instituto Pasteur de São Paulo, relatou a presença das mesmas formas parasitárias em ratos infectados com *Trypanosoma lewisi*. Foi o casal Delanoe, do Instituto Pasteur de Paris, que comprovou que elas pertenciam ao parasita do gênero *Pneumocystis*, denominando-os *Pneumocystis carinii* (Idem, p. 54).

Entre os novos resultados, Rocha Lima e Mayer apresentaram as conclusões de experimentos de imunização de camundongos e coelhos com o soro de ratos. Este não apresentou nenhum efeito protetor, nem foi capaz de retardar a morte quando administrado a animais fortemente infectados. Os testes de fixação do complemento, realizados com extratos de órgãos de animais acometidos, tampouco foram satisfatórios. Em 1913, César Guerreiro e Astrogildo Machado haviam conseguido desenvolver um método de diagnóstico sorológico da Doença de Chagas, que consistia na fixação do complemento, utilizando, como antígeno, extrato do baço de cães infectados pelo parasita (Benchimol & Teixeira, 1993, p. 56; Kropf 2006, p. 154).

Baseados na análise de esfregaços de sangue de animais contaminados, e no exame anátomo-patológico, Rocha Lima e Mayer apresentaram uma descrição mais detalhada do ciclo de desenvolvimento do *Schizotrypanum cruzi* no organismo vertebrado. Constataram que as formas esféricas de divisão presentes nos tecidos podiam ser maiores ou menores, sendo as últimas compreendidas como estágios de transição para a metamorfose em tripanossomas. A favor disso depunha o fato de que as estruturas menores eram encontradas

com mais frequência nos ninhos de parasitas maiores e mais desenvolvidos. Notaram, ainda, que tais acúmulos continham em geral praticamente todos os parasitas no mesmo estágio evolutivo, o que sugeria que a metamorfose das formas de leishmânia para tripanossomas ocorria de forma simultânea (Rocha Lima & Mayer, 1914).

Rocha Lima e Mayer também aprofundaram as investigações anátomo-patológicas. Em necrópsia de três macacos experimentalmente infectados, comprovaram a ocorrência das lesões constatadas pelo primeiro nas pesquisas anteriores. Nas lesões da musculatura cardíaca, investigaram, com mais precisão, fenômenos inflamatórios que ocorriam nos interstícios das fibras musculares. Ali havia atrofia de algumas dessas células e a ocorrência de diferentes tipos celulares, inclusive das sanguíneas, muitas das quais contendo parasitas em seu interior. Notaram que focos inflamatórios intensos difundiam-se por toda a musculatura cardíaca, mas eram mais pronunciados na camada interna dos ventrículos. Sugeriram que tais focos originavam-se da colonização dos parasitas nas fibras, mas atribuíram os fenômenos degenerativos ao processo de inflamação, já que em células bastante colonizadas, onde não ocorria esse evento, havia rápido restabelecimento das condições normais. Quadro semelhante foi observado na musculatura da coxa, peitoral e abdomen de macacos. Nesta última, verificaram maior extensão das lesões degenerativas do que nos demais conjuntos musculares. No baço, constataram grande presença de sangue e na medula óssea, muitos parasitas, presentes no interior de diferentes tipos celulares. Assim como nas pesquisas histopatológicas anteriores, apenas excepcionalmente encontraram patógenos no sistema nervoso central. Os mesmos estavam ausentes nos rins, pâncreas, glândulas salivares, tireóide, pulmões e testículos, nos quais também não observaram nenhuma alteração morfológica. Num dos macacos, averiguaram, que além da enorme hipertrofia do baço, e inchaço dos gânglios linfáticos, o tecido adiposo foi o principal foco das lesões. Na maioria das células gordurosas, a estrutura não era mais reconhecível. Em cobaias e camundongos identificaram as mesmas danificações teciduais observadas em macacos (Idem).

A partir das evidências anátomo-patológicas, Rocha Lima voltou a advertir, no trabalho com Mayer, para a necessidade de se ter cautela na correlação entre modificações celulares, lesões teciduais e fenômenos clínicos. Estaria ele indiretamente se referindo a

Chagas e Gaspar Vianna, que como demonstra Kropf (2006, p. 149-151) basearam-se largamente nos achados histopatológicos para traçar o desenho clínico da tripanossomíase?³⁵³

Parece-nos particularmente importante a constatação de que a maioria das células pode suportar a penetração do parasita e sua multiplicação em seu interior sem sinal de reação ou degeneração. Isso merece ser melhor destacado, já que se percebe na literatura a tendência de se colocar a colonização pelo parasita e as modificações anatômicas como conceitos de mesmo valor, e partindo desse pressuposto, considerar os sintomas clínicos daí resultantes como suficientemente desvelados, quando montes de parasitas podem ser comprovados nos respectivos órgãos. É improvável, que perturbações na função de um dos muitos órgãos, que reúnem vários elementos de mesmo valor, encontrem sua explicação no acometimento de alguns desses elementos, que não apresentam modificações perceptíveis. Mesmo no sistema nervoso central, onde a individualização das funções exerce um papel extraordinariamente maior do que nos outros órgãos, e onde se poderia esperar que os muitos sintomas isolados correspondessem de forma mais fiel à colonização dos parasitas, a experiência clínica ensina, que na tripanossomíase brasileira os fenômenos nervosos quase sempre são simetricamente bilaterais ou de natureza geral, o que depõe contra uma importância demasiadamente grande ao acometimento de células isoladas (Rocha Lima & Mayer, 1914).

Além de examinar a morfologia, ciclo de vida e modificações patológicas relacionadas ao *Schizotrypanum*, Rocha Lima e Mayer realizaram estudos sobre o artrópode vetor. Como a princípio não dispunham de barbeiros, tentaram infectar o percevejo *Acanthia lectularia*, os culicídeos *Stegomyia calopus* e *Culex pipiens* e o carrapato *Ornithodoros moubata*. Émile Brumpt, que desde 1912 organizava o departamento de parasitologia da recém-criada Faculdade de Medicina de São Paulo, e que se dedicava ao estudo do *Schizotrypanum cruzi* nos hospedeiros vertebrados e invertebrados, havia realizado experimentos com a espécie de percevejo acima mencionada. Constatou que o inseto apresentava o desenvolvimento do parasita tal como nos barbeiros. Além de comprovarem isso, Rocha Lima e Mayer conseguiram, assim como o parasitologista francês, infecções leves em quase 100% dos artrópodes. Em contrapartida, não encontraram formas flageladas parasitando espontaneamente o trato gastrintestinal do inseto. Nos infectados experimentalmente, observaram formas análogas às encontradas por Chagas no barbeiro, as quais se mostraram capazes de provocar a infecção em cobaias, quando inoculadas por via sub-cutânea. Mas fracassaram todas as tentativas de contaminação dos camundongos pela picada dos percevejos. Nos culicídeos, os tripanossomas foram rapidamente destruídos, mas no carrapato, os pesquisadores do *Tropeninstitut* constataram uma infecção tão leve como a que

³⁵³ Kropf (2006, p. 149) afirma: Para ele [Chagas], a nova entidade era marcada por uma ‘uniformidade de conjunto’, resultante da ‘unidade etiológica e da consequente uniformidade de processos patogênicos’, típicas das doenças infecciosas (...) Apesar das diferenças, suas manifestações clínicas derivavam-se todas da ação exercida pelo *T. cruzi* em sua localização nos sistemas orgânicos.”

ocorria nos percevejos. Mas diferentemente destes, os carrapatos se mostraram sempre infecciosos, capazes de manter por tempo duradouro numerosos flagelados no trato intestinal. Rocha Lima e Mayer demonstraram a infecção de cobaias pela picada desses aracnídeos. Como eles sugavam animais por mais tempo que os percevejos, os autores sustentaram que eles poderiam ser transmissores eventuais da tripanossomíase americana (Rocha Lima & Mayer, 1914). A infecção experimental do carrapato foi objeto de publicação posterior de Mayer, que verificou que a espécie em questão podia conservar em si o parasita por até 5 anos, reforçando seu papel como possível transmissor eventual da doença (Mayer, 1918).

Rocha Lima e Mayer só puderam realizar infecções em barbeiros, depois de terem obtido um exemplar trazido a Hamburgo pelo médico baiano Manuel Augusto Pirajá da Silva, que lá chegou em outubro de 1911 para frequentar o curso de Doenças Tropicais do *Tropeninstitut*. A ninfa livre de parasitas foi mantida em temperatura ambiente e posta para sugar camundongos sadios. Eles não conseguiram infectar animais de laboratório com suspensões do inseto esmagado, mas flagraram parasitas nas suas fezes. Observaram formas de critídia como as descritas por Chagas, e de tripanossomas um pouco maiores que as formas sanguíneas. Verificaram que os flagelados das fezes eram infecciosos, quando inoculados subcutaneamente nos animais. Eles testaram também a capacidade infectiva dos vetores. Num camundongo, conseguiram transmitir a infecção com apenas uma sugada do barbeiro, a qual sugeriram ter ocorrido pelas fezes, o que já vinha sendo analisado por Brumpt. Foi o parasitologista francês que elucidou esse modo de transmissão, confirmado por Arthur Neiva e Emanuel Dias (Kropf 2006, p. 154). Depois de completada a metamorfose, o barbeiro começou a colocar ovos, nos quais nunca encontraram parasitas (Rocha Lima & Mayer, 1914).

Os colaboradores do *Tropeninstitut* também testaram o potencial terapêutico de diferentes compostos contra o *Tripanossoma cruzi*. Experimentaram a quinina, Trypanrot, tártaro emético, fucsina e Jodkali, sem obter resultados satisfatórios. O Atoxyl, que já vinha sendo ensaiado na terapêutica da Doença do Sono, provocou uma leve melhora em macacos, mas não apresentou nenhum efeito em camundongos. O Tryposafrol, desenvolvido por Brieger e Krause, teve efeito favorável sobre a doença nesses animais, mas depois de vários meses de tratamento, eles observaram a ocorrência de recidivas (Idem).

Na edição do *Handbuch der pathogenen Protozoen* (Manual de Protozoários Patogênicos), editado por Prowazek, que veio a lume em 1920, Mayer escreveu capítulo sobre

o *Schizotrypanum cruzi*. Ele atualizou os conhecimentos disponíveis sobre o parasita, inclusive a demonstração da esquizogonia no pulmão como estruturas pertencentes a outro microrganismo e a confirmação das formas de multiplicação descritas por Max Hartmann e Gaspar Vianna. Refutou a teoria recentemente apresentada pelo primeiro, de que parasitas de células epiteliais do pulmão eram livres de blefaroplasto, tal como ocorria na esquizogonia do *Haemoproteus*. Com isso, justificava o agrupamento do agente da doença de Chagas na Ordem Binucleata (Mayer, 1920). Também atualizou os novos conhecimentos e teorias sobre a doença, entre os quais incluiu os achados e afirmações de Rudolph Kraus e seus colaboradores, na Argentina. Em trabalho feito em parceria com Maggio e Rosenbuch, Kraus havia constatado a ausência do *Trypanossoma cruzi* em pacientes com bócio, provenientes de regiões onde essa manifestação era endêmica e apresentava barbeiros infectados. Eles também não haviam encontrado o parasita em pacientes com outros sintomas incluídos por Chagas no desenho clínico da doença, como as manifestações nervosas e a idiotia. Defenderam, então, que tanto a tireoidite quanto os sintomas nervosos não se deviam à infecção por *T. cruzi*, mas correspondiam às formas clínicas de hipotireoidismo que se observava na Europa (Kropf 2006, p. 158). Estas afirmações detonaram em 1916 a primeira grande controvérsia relativa à doença de Chagas, que antecedeu outras deflagradas por médicos brasileiros.

Como vimos, Mayer e Rocha Lima também manifestaram ceticismo em relação ao sintoma encarado por Chagas como a principal marca da tripanossomíase – o “selo da doença” -, nas palavras de Miguel Pereira e Miguel Couto (Kropf, 2006, p. 123). No Manual de Prowazek, Mayer voltou a expressar, com cautela, os resultados experimentais nos quais, “para nossa surpresa, sempre encontramos em nossos animais de experimento a tireóide não modificada, mesmo num macaco bastante infectado e com intensos fenômenos degenerativos nos tecidos” (Mayer, 1920).

Mesmo depois de retornar ao Brasil, Rocha Lima contribuiu para a divulgação da Doença de Chagas em idioma alemão. Em 1929, na 3ª edição do Manual de Doenças Tropicais (*Handbuch der Tropenkrankheiten*), de Carl Mense, colaborou no capítulo sobre a tripanossomíase brasileira, escrito com Chagas e Eurico Villela (Chagas, Villela & Rocha Lima 1929). Pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, Villela foi um estreito colaborador de Chagas, trazendo contribuições fundamentais para o estudo e caracterização das alterações cardíacas associadas à doença (Kropf, 2006).

De forma semelhante ao que ocorrera no capítulo sobre a febre amarela, a preparação daquele sobre a Doença de Chagas envolveu uma série de contratempos. A editora responsável pelo manual de Mense, a *Johann Ambrosius Barth*, enviou diversas cartas cobrando a entrega do capítulo e das revisões.³⁵⁴ Conforme depreende-se da correspondência com o próprio Mense, Rocha Lima justificou o atraso pela demora de Chagas em entregar a parte referente à profilaxia e terapêutica. Informou ter pedido várias vezes ao colega quando estivera no Brasil. Caso Chagas não enviasse, ele próprio escreveria, muito embora tivesse se encarregado só da parte concernente à anatomia patológica.³⁵⁵ Antes, havia pedido um adiamento dos prazos. Justificou que no Instituto Oswaldo Cruz, onde estaria em alguns meses, teria melhores condições de escrever sobre aquela doença.³⁵⁶ Rocha Lima assumiu toda a intermediação entre o parceiro brasileiro e o editor. Teve, por exemplo, de pedir a Chagas esclarecimentos sobre uma sigla no quadro de um eletrocardiograma, e de transmitir a Mense o desejo do colega brasileiro de incluir o nome de seu colaborador, Eurico Villela.³⁵⁷ Em contrapartida, nosso personagem negou-se a fazer quaisquer modificações na parte escrita pelo diretor de Manguinhos. Ofereceu-se para transmitir as sugestões ao colega, uma vez que era dele a responsabilidade pelo texto. Em consulta ao entomologista do *Tropeninstitut* Erich Martini, Rocha Lima checkou inclusive se barbeiro podia ser traduzido para o alemão como “*Wanze*” (percevejo).³⁵⁸ O processo de escrita, revisão, esclarecimentos, traduções, remessa de textos e obtenção de figuras consumiu mais de dois anos.

A função de intermediador entre o editor e os parceiros rendeu situações constrangedoras. A legenda de um quadro de página inteira, que ilustrava todas as fases do ciclo de desenvolvimento do *Trypanosoma cruzi*, fora modificada sem consulta a Rocha Lima, que havia assumido a tradução dos textos explicativos. As figuras haviam sido compiladas de diferentes publicações de Chagas, e algumas delas haviam sido intencionalmente suprimidas por este, depois de estudos posteriores revelarem equívocos na descrição de algumas fases de desenvolvimento do parasita. “Constitui um grande prejuízo para Chagas, que agora apareça num tratado seu este erro, demonstrado em toda parte e reconhecido por ele próprio, e para mim cria uma situação extremamente constrangedora em

³⁵⁴ Cartas da editora Johann Ambrosius Barth a Rocha Lima de 30.01.1926, 07.12.1926, 22.12.1926, de 07.02.1927, de 30.05.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁵⁵ Carta de Rocha Lima a Carl Mense de 11.06.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁵⁶ Carta de Rocha Lima a Carl Mense de 13.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁵⁷ Cartas de Rocha Lima a Carl Mense de 22.08.1928 e de 01.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁵⁸ Carta de Rocha Lima a Carl Mense de 24.06.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

relação a ele”, desabafou. ³⁵⁹ Tantos contratempos fizeram com que numa das cartas se despedisse de Mense, “com o desejo de que as infelicidades com o manual agora cessem”. ³⁶⁰

O capítulo publicado no manual de Mense retrata a dimensão do trabalho envolvido em sua confecção. Ele dá um panorama completo da tripanossomíase americana tal como compreendida em 1929: história, distribuição geográfica, etiologia, formas do parasita em humanos e animais de experimento, transmissão e epidemiologia, diagnóstico etiológico, formas clínicas, as relações com o bócio endêmico no Brasil, os sintomas nervosos, prognóstico, diagnóstico, tratamento, anatomia patológica (a única parte redigida por Rocha Lima) e profilaxia. A parte clínica ocupou grande espaço e nela, a Doença de Chagas foi retratada, basicamente, como uma patologia cardíaca. As perturbações das funções cardíacas foram detalhadamente descritas, sendo identificadas como consequência direta da multiplicação do parasita nas fibras musculares do músculo cardíaco e das lesões daí decorrentes. Foi feita toda uma tipologia dos diferentes tipos de arritmias e demais disfunções. As manifestações nervosas também mereceram grande destaque. Comprometimentos no desenvolvimento da criança, manifestado em quadros de infantilismo, cretinismo e idiotia, foram os quadros mais enfatizados, ilustrado com várias fotos de crianças apresentando tais sintomas. Perturbações psíquicas, motoras e da linguagem foram descritas como fenômenos bastante comuns em crianças de regiões onde a doença era endêmica (Chagas, Villela & Rocha Lima, 1929).

Na parte referente à anatomia patológica, Rocha Lima deu destaque às lesões identificadas por ele e reiterou algumas concepções suas contrárias à opinião de outros autores. Reforçou, por exemplo, a idéia de que a colonização da célula pelo parasita não acarretava a degeneração desta, não havendo, desse modo, uma correlação direta e necessária entre o achado do microrganismo no tecido e os danos nele observados. A presença de tripanossomas no tecido era independente da ocorrência de lesões, reações locais ou fenômenos degenerativos, reiterou. Tais transtornos advinham muito mais – argumentou – da inflamação focal em diferentes órgãos, principalmente coração e sistema nervoso. Somente em locais onde o próprio parasita se encontrava danificado pelo sistema imune, eram observados focos inflamatórios, o que levou Rocha Lima a defender novamente que as lesões causadas pelo agente da doença de Chagas deviam-se muito mais a uma substância tóxica

³⁵⁹ Carta de Rocha Lima a Carl Mense de 19.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁶⁰ Carta de Rocha Lima a Carl Mense de 24.06.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

liberada em sua destruição e transportada pela circulação sanguínea (Chagas, Villela & Rocha Lima 1929, p. 712-3). De resto, ele confirmou o quadro que já havia descrito em 1912, das modificações principais observadas na musculatura cardíaca e esquelética e no tecido nervoso.

Assim como a participação direta e indireta de Prowazek nos eventos que levaram à identificação do *Trypanosoma cruzi* e à descrição da doença de Chagas, os trabalhos de Rocha Lima e Mayer fizeram com que esta se inscrevesse na agenda de pesquisas do *Tropeninstitut*. Em discurso de recepção a Chagas e Aloísio de Castro, por ocasião do retorno do 1º Congresso Médico Pan-americano de 1916, quando o primeiro defendeu seus enunciados das objeções de Kraus e parceiros, Miguel Pereira afirmou: “em nome da ciência alemã, houve forte investida (...) querendo reduzir a doença que descobristes a um pequeno acervo de formas agudas, produzidos por parasita de discreta virulência” (*apud* Benchimol & Teixeira 1993, p. 59). Naquele contexto de nacionalismo exacerbado, Pereira, um fiel aliado de Chagas, identificou na ciência alemã, estrangeira, a fonte dos ataques à doença simbolizada como grande conquista da pesquisa médica brasileira. Mas essa mesma ciência alemã, como já pudemos notar aqui, contribuiu em grande medida para a circulação, reconhecimento e estabilização dos enunciados de Chagas. No que se refere ao Instituto de Hamburgo, além dos trabalhos acima mencionados, houve a condecoração com a medalha Schaudinn e a recepção do pesquisador na cidade hanseática em 1925, quando não só as proposições relativas à doença, como também a própria figura pública do seu “descobridor” encontravam-se sob fogo cruzado no Brasil. Pesquisadores do *Tropeninstitut* também contribuíram para dilatar as fronteiras do território de incidência da doença, comprovando que a mesma não se tratava do “mal de Lassance”, como afirmavam os críticos, mas de uma moléstia de distribuição mais ampla. Em 1924, Peter Mühlens identificou-a no norte argentino. Em 1933, o chefe do departamento de protozoologia Eduard Reichenow, noticiaria sua ocorrência na Guatemala (Reichenow, 1933).

2.4. Rocha Lima, a histoplasnose e a linfangite epizoótica

Material de estudos das quatro partes do mundo davam entrada no *Tropeninstitut*. Manifestações patológicas desconhecidas e correlacionadas a realidades geográficas distintas eram submetidas à análise dos especialistas. Vimos que Rocha Lima foi o responsável pelo

exame das peças histopatológicas. Entre aquelas que chegou em suas mãos em 1912, encontrava-se o material deixado no Instituto pelo renomado médico norte-americano, Samuel Taylor Darling.³⁶¹ Darling realizara uma série de investigações no Panamá durante a construção do canal. Fez mais de 4 mil autópsias entre os operários, através das quais conquistou amplo conhecimento das doenças ditas tropicais (Chaves-Carballo, 2007). Entre os casos investigados, deparou-se com uma infecção disseminada no sistema retículo-endotelial de um trabalhador vindo da Martinica. Os pulmões estavam repletos de granulomas tão numerosos, que apresentavam quadro semelhante ao da tuberculose. Em esfregaços das lesões dos pulmões, fígado, baço e medula óssea, Darling flagrou a intensa invasão de células do retículo endotelial por organismos esféricos ou ovais. Em 1906, encontrou em outro trabalhador da Martinica, lesões e organismos semelhantes. Os mesmos foram também identificados num chinês que vivia no Panamá. Todos os três pacientes haviam manifestado sintomas de febre irregular, caquexia e esplenomegalia, que divergiam dos padrões observados nos acometidos pela malária e febre amarela. Eles apresentaram erupções cutâneas e ulcerações na face, ânus, trato gastrintestinal e linfonodos, baço e pulmões. Darling dedicou-se a estudar sistematicamente a histopatologia desses quadros mórbidos e aprofundou as investigações sobre o microrganismo esférico, circundado por uma cápsula. Incriminou-os como agentes de uma nova doença, denominando-os *Histoplasma capsulatum*, causadores da “histoplasmose” ou “doença de Darling”, como também ficou conhecida (Daniel & Baum, 2002; Chaves-Carballo, 2007). Devido à semelhança com formas de leishmânias, ele classificou o novo patógeno entre os protozoários, afirmando ter identificado formas flageladas semelhantes às daqueles organismos que haviam sido desvendados em 1903 (Rocha Lima, 1912d).

³⁶¹ Samuel Taylor Darling nasceu em Harrison, Nova Jersey, em 6 de abril de 1872. Estudou medicina na escola de medicina e cirurgia de Baltimore. Ainda como estudante trabalhou como assistente do diretor do Instituto Pasteur do Hospital de Baltimore, Nathaniel Keirle, adquirindo experiência em bacteriologia e patologia. Em 1905 tornou-se interna do Hospital Ancon, no Panamá, depois participando da campanha sanitária conduzida por William Gorgas nas obras de construção do canal do Panamá. Foi nomeado chefe do Comitê de Saúde da Comissão do Canal. Nesse período realizou importantes investigações sobre as doenças que grassavam no local, como a histoplasmose e malária. Introduziu o conceito de controle “espécie-específico” desta última doença, no qual os esforços sanitários deveriam ser direcionados às espécies de vetor responsáveis pela transmissão no local de incidência. Darling publicou mais de 70 artigos nessa fase em que trabalhou no Panamá. Juntou-se ao Comitê Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller em 1915, sendo designado para liderar uma campanha contra a ancilostomíase no extremo oriente. Estudou ancilostomíase e malária pelos três anos seguintes na Malásia, Java e Fiji. Em seguida foi destacado para organizar o Instituto de Higiene que a Rockefeller estabelecia em São Paulo e uma estação de pesquisas em malária na Geórgia, sul dos Estados Unidos. Fez parte da comissão de Malária da Liga das Nações, viajando para Egito, Palestina e Síria. Ao retornar da Palestina a Síria, em 1925, sofreu um acidente, falecendo com 52 anos de idade. Sobre Samuel Darling ver Chaves-Carballo, 2007.

O envolvimento de Rocha Lima nos estudos sobre a histoplasmose correlacionaram-se com aqueles de uma outra doença, esta veterinária. Em 1911, Manteufel, médico militar que atuava na África Oriental, enviou ao *Tropeninstitut* pedaços de tecido e esfregaços provenientes de um cavalo vítima da chamada linfangite epizoótica. Ela acometia principalmente animais do grupo dos perissodáctilos, que incluem o asno, a zebra, cavalo e rinoceronte, mas também podia eventualmente ser transmitida a pessoas. A etiologia daquela doença era questão controversa à época. Rivolta havia incriminado como patógeno o fungo ao qual denominou *Cryptococcus farciminosus*. Mas, devido às semelhanças com a leishmânia, alguns autores passaram a defender que o agente tratava-se, na realidade, de um protozoário. A analogia baseava-se principalmente na forma e na posição que os organismos ocupavam dentro das células fagocíticas. A similitude morfológica estendia-se à observação de uma estrutura que esses autores interpretaram como blefaroplastos, características dos protozoários e cuja posição na célula consistia num dos critérios para classificação daqueles seres (Rocha Lima, 1913).

Tendo em mãos amostras do agente da linfangite epizoótica, da histoplasmose e de leishmânias, Rocha Lima dedicou-se a analisar tais organismos de forma comparada, tendo em mira contribuir para a resolução da controvertida questão taxonômica. Conforme salientou num dos trabalhos, a problemática assumia significado prático, uma vez que autores franceses haviam relatado o sucesso do tratamento da linfangite epizoótica, não só em cavalos, como em humanos, com o salvarsan, agente originalmente desenvolvido contra a sífilis (Rocha Lima, 1913). Comprovado o parentesco do agente daquela doença com o da histoplasmose, talvez esta também pudesse ser tratada com o medicamento. Revendo a literatura, e baseado em suas próprias observações, Rocha Lima procurou demonstrar que o agente da linfangite era um fungo do grupo das leveduras. A morfologia correspondia à desses seres, que ao contrário dos protozoários, eram corados pelo método de Gram. Alguns autores – argumentou – haviam observado o processo de brotamento, forma de reprodução característica das leveduras. A resistência aos agentes químicos, como solução ácida e básica, também assemelhava-se àquela observada nesses microrganismos. Menos conclusivos eram os resultados obtidos nos experimentos de cultivo. Alguns autores relatavam não ter conseguido cultivar nenhum organismo, outros notificavam culturas bem-sucedidas. Estas caracterizavam-se, na maior parte das vezes, pela lentidão do crescimento em meios de cultivo. Mas para o pesquisador brasileiro, isso não refutava a natureza fúngica do patógeno. Outra evidência em favor da classificação do agente da linfangite entre os fungos eram as

reações imunológicas. Na chamada reação de fixação do complemento, o microrganismo reagia com antígenos de outros fungos, mas não com os de bactérias e protozoários. A investigação anátomo-patológica e microbiológica não sustentava uma analogia com o calazar ou o chamado “botão do oriente”, formas de manifestação da leishmaniose. Baseado nesses indícios, Rocha Lima concluiu que o patógeno da linfangite tratava-se de uma levedura, não havendo nenhum fato sólido que sustentasse sua classificação entre os protozoários (Rocha Lima 1912d, 1913).

O mesmo raciocínio foi aplicado pelo pesquisador do *Tropeninstitut* no caso da histoplasmose. Darling sustentara a analogia desta com a leishmaniose, com base nas semelhanças morfológicas entre os agentes das duas doenças, endossadas por Ronald Ross, e na analogia do quadro histopatológico. O decurso clínico e os nódulos pulmonares corresponderiam àqueles observados no calazar. Rocha Lima defendeu que não só seus achados sobre aquela doença, como informações fornecidas pelo próprio Darling, comprovavam que a histoplasmose era, na realidade, uma blastomicose, devendo seu agente etiológico ser classificado entre os fungos. Sugeriu que as formas flageladas encontradas por Darling baseavam-se numa interpretação equivocada dos achados microscópicos, embora não afirmasse isso frontalmente, em respeito à “autoridade” do norte-americano (Rocha Lima 1913, p. 245). Além disso, ele refutou outros dois elementos que sustentavam a analogia morfológica: a presença de uma estrutura corada pelo método de Romanovsky, interpretada como sendo de natureza nuclear, e a posição dentro dos fagócitos. Demonstrou que na observação a fresco, o histoplasma apresentava morfologia bastante semelhante ao agente da linfangite. Como este, também assumia coloração de Gram, que como vimos, não era uma propriedade dos protozoários. Ao contrário do que afirmava o norte-americano, apontou que a substância que compunha a referida “estrutura” não era de natureza nuclear, devido às suas propriedades de coloração, que não correspondiam às do tipo de material encontrado no núcleo. Diferentemente das leishmânias, essa estrutura demonstrava uma grande variedade de formas. Ademais, as propriedades de coloração do histoplasma – continuou Rocha Lima – não se modificavam nem mesmo 24 horas depois da sua morte, uma característica que assinalava a natureza fúngica do microrganismo. O quadro histopatológico associado à histoplasmose – focos inflamatórios nos pulmões, fígado e baço, formação de granulomas, degeneração hialina ou decomposição necrótica do tecido conjuntivo e acúmulo dos parasitas dentro dos fagócitos e nos espaços intercelulares – não correspondia àquele observado no calazar. Estavam

completamente de acordo com as alterações identificadas nas chamadas “blastomicoses” (Idem, p. 247), categorias de doenças fúngicas sobre as quais falaremos no quarto capítulo.

Dessa forma, Rocha Lima comprovou que os agentes da histoplasmose e da linfangite epizoótica tratavam-se, na realidade, de fungos. Com essa contribuição, inscreveu seu nome no histórico de ambas as doenças. Na época ignorava-se a extensão da histoplasmose. Acreditava-se que era uma doença extremamente rara (Davies 2003, p. 782). Em 1926, W. A. Riley e C. J. Watson fizeram autópsias de uma série de casos provenientes dos Estados Unidos. Demonbreun comprovou, em 1934, que o patógeno era de natureza fúngica, revalorizando os enunciados de Rocha Lima. Ele identificou como uma das propriedades do microrganismo o dimorfismo termal, ou seja, a capacidade de apresentar diferentes formas – de micélio ou de levedura – de acordo com a temperatura e o meio no qual se encontrava (Idem, p. 782).

O conhecimento adquirido nos estudos sobre a histoplasmose e linfangite abriu caminho para que Rocha Lima aprofundasse, quase dez anos depois, as pesquisas sobre as chamadas dermatomicoses, conforme veremos no quarto capítulo. Dessa forma dilatou a angular de sua produção científica, que passou a abranger os fungos e a dermatologia. De forma quase simultânea às pesquisas sobre a histoplasmose, realizou outras investigações que confirmaram a tendência de se firmar como autoridade no campo das patologias de manifestação cutânea. Elas também concerniram a uma doença “exótica”, cujas pápulas no rosto e corpo contribuíam para reforçar o imaginário acerca dos “trópicos pestilentos” e da degeneração que as doenças provocavam nas populações que viviam naquelas latitudes.

2.5. Rocha Lima e a Verruga Peruana/ Doença de Carrión no *Tropeninstitut*

Em dezembro de 1912, deu entrada no Hospital dos Marinheiros de Hamburgo (*Seemannkrankenhaus*) um jovem de 22 anos, que apresentava pápulas vermelhas de diferentes tamanhos na parte inferior da perna, de consistência sólida e insensível à pressão, algumas em forma de cogumelo, outras de aspecto normal. Apresentava ainda nódulos subcutâneos ou na musculatura. Quase todo dia surgiam novas pápulas, enquanto as antigas, maiores, encolhiam ou desapareciam. Em meados de janeiro de 1913, começou a se observar tendência à melhora. Como o paciente informou, que em março de 1912, havia atravessado a pé o vale de Oroya, nos Andes peruanos, não foi difícil aos médicos diagnosticarem a doença

como Verruga Peruana, uma afecção descrita desde antes da chegada dos espanhóis ao Peru. Testes diagnósticos excluíram outros quadros suspeitos. O paciente também relatou a ocorrência de dois ataques febris que tivera em Lima, depois de ter retornado do vale de Oroya, os quais não cessaram com a administração de quinina. Dessa forma, ficava descartada a suspeita de malária (Mayer, Rocha Lima & Werner, 1913).

Além da chamada Verruga Peruana, o vale de Oroya estava associado a uma manifestação febril, que grassara em 1870 em violenta epidemia. Ela acometeu cerca de 7 mil operários que trabalhavam na construção da estrada de ferro que ligaria Oroya a Lima. A doença caracterizava-se pela ocorrência de febre e anemia e despertou o interesse dos médicos peruanos. Por não se enquadrar em nenhuma das patologias conhecidas, recebeu o nome de Febre de Oroya. Como a região também era área de prevalência da Verruga, muitos acreditavam que esta era a segunda fase de uma mesma entidade mórbida, iniciada com o acesso febril. Em 1885, o estudante de medicina Daniel Carrión se auto-inoculou com sangue de paciente de Verruga Peruana. Adoeceu gravemente, apresentando febre aguda. Já próximo da morte, reconheceu nos sintomas a Febre de Oroya, defendendo que ambos os quadros pertenciam a uma mesma entidade clínica, que em sua homenagem recebeu o nome de Doença de Carrión. O experimento de Carrión foi visto como comprovação da identidade das duas manifestações patológicas, elevando-o à condição de mártir da ciência. Carrión tornou-se um símbolo da comunidade médica peruana, contribuindo para a legitimação local e internacional daquele coletivo, num momento de institucionalização da educação e pesquisa médicas (Cueto 1996, 2007). Em 1887, o médico peruano Ernesto Odriozola publicou em francês *La Maladie de Carrion*, um amplo e completo estudo da doença do ponto de vista da sua incidência geográfica, epidemiologia, sintomatologia e patologia. Conforme demonstra Cueto (2007), a monografia de Odriozola contribuiu para despertar o interesse internacional por aquela moléstia, que ao ser identificada com a comunidade médica peruana, serviu para demonstrar que “havia algo de interessante e único acerca deste país, e que os peruanos podiam contribuir ao acervo médico mundial” (Idem, p. 80).

No começo do século XX, a Doença de Carrión tornou-se objeto de estudos experimentais desenvolvidos principalmente na Faculdade Médica de San Marcos. Em 1909, o peruano Alberto Barton descreveu num paciente com Febre de Oroya um microrganismo que se multiplicava intensamente no interior das hemácias, mas que era encontrado em níveis baixíssimos nos indivíduos acometidos pela Verruga Peruana. Apontou-o como agente causador da doença, a qual se manifestava em duas formas clínicas distintas, de modo que a

febre foi caracterizada como uma forma hipertóxica da Verruga (Cueto, 1996). Segundo Cueto (1996), o agente apontado por Barton não teve reconhecimento, nem da comunidade médica peruana, diante da qual estava desacreditado, por ter descrito, em 1901, um patógeno que fora refutado, nem da comunidade médica internacional, em que o Peru era considerado periférico no circuito das pesquisas bacteriológicas.

Um ano depois de Barton ter identificado o suposto patógeno, Martin Mayer publicou resultados das pesquisas realizadas em esfregaços sanguíneos de um caso severo de paciente com Febre de Oroya e em preparados de verruga (Mayer, 1910). Obteve-os do diretor do Instituto de Higiene de Lima através da intermediação de um médico de navio (Idem, p. 310). É curioso observar que Mayer não faz qualquer menção ao microrganismo de Barton, muito embora se refira à publicação de Biffi, de 1903.

Mayer descreveu nos esfregaços sanguíneos a ocorrência de inclusões no interior das hemácias, que assumiam tom de cinza azulado, na coloração de Manson, e de vermelho escuro na de Giemsa, colocavam-se aos montes ou se organizavam em pares, como diplococos. Podiam também aparecer como bastonetes maiores ou menores. Ao lado dessas formas, era possível perceber anéis de tamanhos variados. Identificou, ainda, eritrócitos com formas semelhantes às que havia observado na malária de macacos, com volume aumentado, protoplasma corado de rosa pálido e no interior dos quais estavam as referidas inclusões avermelhadas. As mesmas já haviam sido descritas em publicações anteriores, admitiu Mayer. Bindo de Vechi publicara, em 1909, nos *Archiv für Schiffs und Tropenhygiene*, amplo estudo feito a partir de seções histológicas da Verruga, no qual identificou-as no interior de eritrócitos e leucócitos (Vechi, 1909). Mas considerou-as como produtos da degeneração celular. Mayer, por sua vez, defendeu a natureza parasitária das mesmas, baseado nas modificações observadas no quadro sanguíneo, semelhantes àquelas causadas por muitos protozoários. Em contrapartida, a variabilidade das formas e o ordenamento singular indicavam a hipótese da origem degenerativa. A comprovação disso exigiria estudos posteriores, afirmou Mayer, pois a Verruga Peruana poderia lançar luz sobre a pesquisa hematológica referente ao desenvolvimento das hemácias (Mayer, 1910, p. 311).

A chegada em Hamburgo do jovem acometido por aquela doença no final de 1912 consistiu numa oportunidade para os pesquisadores do *Tropeninstitut* realizarem investigações clínicas, bacteriológicas e patológicas sobre o quadro relacionado aos altiplanos andinos, mencionado, inclusive, no renomado tratado de geografia médica de Hirsch (Cueto, 2007). As

pesquisas foram assumidas por Mayer – em virtude das experiências anteriores com a doença -, por Heinrich Werner, da seção de clínica, e por Rocha Lima, devido à expertise em anatomia patológica. Em preparados das pápulas, eles identificaram abundantes células fusiformes, no interior das quais ocorriam inclusões preenchidas com grânulos, que podiam se localizar dentro do núcleo, ou no protoplasma. Devido à semelhança com os clamidozoários, categoria de microrganismos descrita por Prowazek a partir do agente do tracoma, Mayer, Rocha Lima e Werner sugeriram a hipótese de se tratar daqueles seres. Por conta disso, insinuaram a possível função etiológica dos mesmos, justificando a classificação, por Rocha Lima, - como veremos no item seguinte - da Verruga Peruana entre outras patologias atribuídas a tais organismos, como o molusco contagioso, a varíola e a raiva (Mayer, Rocha Lima e Werner, 1913).

Rocha Lima realizou observações sobre a histologia dos nódulos verrucosos cutâneos e subcutâneos. Considerou dois quadros como os mais característicos da doença: a proliferação de células da parede vascular, que dava origem à formação desordenada de novos vasos, quadro acompanhado de forte edema; e a proliferação massiva de angioblastos, tipos celulares responsáveis pela formação dos endotélios vasculares, cujo agrupamento constituía massas tumorais. Estas compunham-se, predominantemente, das já referidas células fusiformes, preenchidas com as inclusões celulares interpretadas como clamidozoários. Nas zonas fronteiriças distinguiu numerosas células mononucleares do tipo linfócitos. O segundo quadro representava o mais peculiar e característico da Verruga Peruana. Havia ainda uma terceira variação, encontrada apenas na porção externa dos nódulos superficiais, que consistia na dilatação paralela dos vasos e conseqüente formação de um corpo cavernoso (Idem).

A histopatologia da Verruga Peruana havia sido investigada por grandes autoridades no estudo da doença. Já em 1861, fora objeto de análise de Armando Vélez, e recebera atenção especial na ampla monografia de Ernesto Odriozola, publicada em 1887. Em 1898, Oswaldo Herculles Monterola tratou da questão em conferência na “Sociedad Medica Unión Fernandina. Na ocasião, fez analogias das células do verrucoma com as do carcinoma. Em 1902, Edmundo Escobel, médico peruano que realizara grande número de pesquisas sobre a doença, deduziu de observações clínicas e anatômicas, que a Verruga caracterizava-se como uma neo-formação conjuntiva, constituída em reação à presença do patógeno invasor. Em que pese as discordâncias que havia entre esses estudos, a maior parte deles identificava a formação do nódulo verrucoso como resultante, principalmente, de uma proliferação anormal de fibroblastos, células que são responsáveis pela manutenção da integridade estrutural do

tecido conjuntivo por meio da secreção de matriz extracelular. Sendo assim, a formação verrucosa decorreria de um fibroma. Ao caracterizar o nódulo como consequência da proliferação de angioblastos, ou seja, como um angioma, Rocha Lima opunha-se a todos aqueles estudos feitos pelos corifeus da medicina peruana. Ele atribuiu as conclusões consoantes de tais pesquisas à “insuficiência qualitativa e quantitativa do material analisado” (Rocha Lima 1913b).

Além das pesquisas bacteriológica e histológica, Mayer, Werner e Rocha Lima conseguiram reproduzir verrugas típicas na pálpebra superior de macacos inoculados com extratos dos nódulos verrucosos. Mas não observaram a formação das lesões nos animais inoculados com extratos eluídos em filtro bacteriano. Análises histopatológicas confirmaram que as pápulas encontradas nos primatas apresentavam a mesma estrutura observada em humanos. Tais resultados já haviam sido obtidos por Jadassohn e Seiffert, em 1910. Eles haviam inoculado suspensões de nódulos verrucosos na pálpebra e no nariz de *Cercopithecus* e *Macacus rhesus* (Jadassohn & Seiffert, 1910).

Ao lado dos estudos feitos a partir do paciente internado no Hospital dos Marinheiros, Rocha Lima aprofundou as investigações histopatológicas em material depositado na coleção do *Tropeninstitut*. Apresentou caracterização mais detalhada do quadro histológico da Verruga Peruana, na 16ª Reunião da Sociedade Alemã de Patologia, que ocorreu em Marburg, entre 31 de março e 2 de abril de 1913, mesmo ano em que viera a lume a publicação com Mayer e Werner no *Münchener Medizinische Wochenschrift* (Semanário Médico de Munique) (Rocha Lima, 1913b). De forma sintética, caracterizou a proliferação de elementos vasculares como processo fundamental na formação dos tumores verrucosos. Nos nódulos recentes, distinguiu o acúmulo desordenado de capilares recém-formados, embebidos em tecido conjuntivo edematoso, ou seja, com prevalência de líquido composto por sais e proteínas plasmáticas. Os vasos geralmente apresentavam calibre pequeno, com células endoteliais entumescidas, muitas vezes com dois núcleos, o que apontava para a intensa atividade multiplicadora das mesmas. Rocha Lima destacou as células fusiformes como elementos mais característicos das formações tumorais. Os vários outros autores que se ocuparam com a histologia da Verruga já as havia identificado. Escomel chegou a reconhecer nelas as células verrucosas típicas, mas também interpretou-as como fibroblastos.³⁶² O pesquisador brasileiro

³⁶² Segundo Strong *et. al.* (1915, p. 141-142), Escomel defendia que o agente da verruga era transportado pelo sangue, onde secretava sua toxina e era retido nos locais onde a circulação era lenta. No ponto de retenção

aduziu, na reunião com os patologistas, novas evidências que apontavam para o reconhecimento daquelas células como angioblastos, tipos que davam origem ao endotélio dos vasos sanguíneos. Além da semelhança morfológica e de características de coloração, ele demonstrou “a estreita relação com as paredes dos capilares das quais se originam” (Idem). Todos os estágios de transição entre os dois tipos celulares estavam presentes, afirmou. A ligação entre as células e as paredes dos capilares davam origem “a uma rede de tramas largas, irregulares” (Idem). Além disso, tornou a se referir às inclusões vistas no interior das células fusiformes, apontando para a semelhança das mesmas com as do tracoma, molusco contagioso e varíola aviária. Reforçou, dessa forma, a compreensão das mesmas como clamidozoários, tema de uma segunda apresentação feita no mesmo congresso, como veremos no próximo item.

O aspecto característico dos tumores na Verruga Peruana podia ser reconhecido – prosseguiu Rocha Lima – mesmo com pouco aumento óptico: uma área mais escura, densa e compacta, constituída principalmente pelas tais células fusiformes, dispostas de forma desordenada e preenchidas com vacúolos (interpretados por ele como evidência da tendência delas de formarem capilares); e uma área mais clara, composta com forte infiltração de edema e ocorrência de tipos celulares como leucócitos, linfócitos e eritrócitos. Também havia infiltração de macrófagos e mastócitos. A presença de tais células era indicativo da ocorrência de fenômenos inflamatórios, uma consequência da resposta imunológica do hospedeiro ao processo patológico. Na área mais escura, identificou tecido conjuntivo formado por fibrilas, tipo de proteína essencial na composição estrutural daquele tecido (Idem).

Rocha Lima sugeriu diferenças entre os nódulos cutâneos maiores, que seriam mais infiltrados por edema, e os subcutâneos, com menos edema, mas maior presença de linfócitos. Disse, no entanto, que o material do qual dispunha não autorizava conclusões mais gerais sobre isso. Ele reforçou, ainda, a distinção de um terceiro quadro, predominante na superfície externa dos nódulos cutâneos: uma estrutura cavernosa, com vários capilares, de diferentes tamanhos, e preenchidos com sangue, formados a partir dos aglomerados de células fusiformes. Tal estrutura contribuía para elucidar o sangramento de algumas pápulas superficiais (Idem).

leucócitos e células conjuntivas se acumulavam, aparecendo em seguida vasos sanguíneos. Os nódulos verrucosos típicos consistiam então das células verrucosas derivadas de fibroblastos, poucos leucócitos e outras células do tecido conjuntivo.

Duas manifestações patológicas se aproximavam da Verruga Peruana no aspecto histológico: o angiofibroma cutâneo, descrito pelo médico estabelecido em Porto Alegre Ernst von Bassewitz,³⁶³ e o Granuloma Teleangiectásico. A Verruga distinguia-se clinicamente da primeira devido à sua relativa benignidade, comparada à mortalidade da doença peruana, e à ausência de uma fase febril aguda no início do adoecimento. Mas o quadro histológico estudado por Antônio Austregésilo, Paul Gerson Unna e por Benneke apontava para um processo bastante semelhante de formação das erupções cutâneas. No Granuloma Teleangiectásico também ocorria fenômeno análogo, mas o processo característico desta afecção era a formação de capilares e não a proliferação de células endoteliais, como na Verruga (Idem). A familiaridade com a estrutura histológica da Verruga Peruana permitiu a Rocha Lima tecer comparações com outros quadros caracterizados pelo aparecimento de pápulas cutâneas e constituir grande corpo de conhecimentos, abrindo-lhe um novo horizonte de pesquisas, como veremos mais adiante.

Enquanto Rocha Lima e os alemães divulgavam os resultados das pesquisas sobre aquela doença considerada exótica, do outro lado do Atlântico deflagravam-se controvérsias concernentes à sua etiologia. Em 1913, chegou ao Peru a comissão norte-americana chefiada pelo professor de Harvard Richard Strong, um dos principais defensores do fortalecimento da medicina tropical nos Estados Unidos. Para ele, a disciplina tinha papel fundamental na proteção dos interesses comerciais e dos cidadãos norte-americanos, no contato cada vez mais frequente com os trópicos (Cueto, 1996). Strong articulou expedições científicas do departamento de medicina tropical de Harvard para a América do Sul, com a finalidade de familiarizar-se com as doenças que grassavam naquela região (Idem). Ele e os demais membros da expedição realizaram amplas investigações sobre a Verruga peruana e Febre de Oroya, em termos de incidência geográfica, características clínicas, experimentos animais e patologia (Strong *et. al.*, 1915). As pesquisas etiológicas em pacientes com quadros de febre aguda confirmaram a ocorrência das estruturas observadas por Barton, em 1909, demonstrando que não se tratavam de produtos da degeneração de hemácias. A peculiaridade daqueles organismos levou Strong a sugerir sua classificação numa nova ordem junto com as grahamelas, com as quais demonstravam bastante semelhança, posicionada entre esporozoários e esquizomicetos (Rocha Lima, 1930). Em homenagem ao médico peruano que havia descrito anteriormente tais formações, Strong denominou-as *Bartonella bacilliformis*.

³⁶³ René Gertz (2002) aborda, em “O Aviador e o Carroceiro”, polêmica envolvendo Bassewitz e a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Porto Alegre.

Mas por não encontrá-las na Verruga Peruana, atribuiu a etiologia desta a um agente desconhecido. Assim, refutou a idéia de que Verruga Peruana e Febre de Oroya tratavam-se de manifestações clínicas de uma mesma entidade mórbida, contrariando a validade dos experimentos de Carrión. Segundo Cueto (1996), as conclusões de Strong eram, a um só tempo “o reconhecimento de um prestigiado cientista estrangeiro a um pesquisador local” e “uma negação à crença dos médicos peruanos na unidade etiológica da Febre de Oroya e Verruga Peruana”, além de representar um ataque à tradição médica catalisada pela figura de Carrión. Os bacteriologistas peruanos reagiram às afirmações dos norte-americanos, procurando sustentar a crença na unidade entre as duas manifestações.

Se as investigações da comissão de Harvard confrontaram as concepções vigentes entre os médicos peruanos, consistiram, por outro, na plena confirmação dos resultados anátomo-patológicos de Rocha Lima. Afirmaram, em relação às suas pesquisas: “Ele empregou métodos e técnicas modernas e sua descrição da histologia da doença é, em nossa opinião, a mais exata que já foi apresentada” (Strong *et. al.* 1915, p. 144). Confirmaram a proliferação do endotélio vascular como processo mais característico e a predominância dos angioblastos nos nódulos verrucosos típicos, “uma visão também defendida por Rocha Lima” (Idem, p. 144). Por outro lado, afirmaram não encontrar as inclusões celulares descritas por ele, Mayer e Werner em 1913. Mas no âmbito geral, as conclusões dos norte-americanos ecoam tal e qual o quadro descrito pelo pesquisador brasileiro:

Portanto, o nódulo verrucoso constitui uma forma especial de granuloma, caracterizado, nos estágios iniciais, pela formação de novos vasos sanguíneos em tecido conjuntivo edematoso, e pela acentuada proliferação de angioblastos, formando massas ou ilhas de células localizadas de forma bastante próxima, e ainda, pela invasão do tecido conjuntivo por células plasmáticas, linfócitos, leucócitos, e à medida que a lesão progride, pela formação de fibroblastos e depósito de fibrilas colágenas (Strong *et. al.*, 1915, p. 147).

O ano de 1913 foi marcante no campo dos estudos da doença prevalescente nos Andes peruanos (ou “doenças”, como advogavam os norte-americanos), em virtude da divulgação das pesquisas dos colaboradores do *Tropeninstitut* e das controvérsias deflagradas pela comissão de Harvard. Enquanto aquele quadro patológico aludia a manifestações relacionadas a área geográfica bastante limitada, as pesquisas sobre elas assumiam franco caráter transnacional. Resultados e amostras cruzavam os dois lados do Atlântico, conferindo naquele

momento dinamismo aos estudos. As limitações da bacteriologia peruana, como afirma Cueto (1996), especialmente a ausência de bases institucionais permanentes e independentes, abriram caminho para que estrangeiros, sobretudo norte-americanos, assumissem papel de destaque nos estudos sobre a Doença de Carrión. Um deles foi o responsável pela incriminação, no já agitado ano de 1913, do inseto responsável pela transmissão da doença: o entomologista Charles Townsend. A área de competência de Townsend era a entomologia agrícola. Ele estava ligado ao Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. No *Gipsy Mouth Parasite Laboratory*, em Massachussets havia sido responsável pelos estudos dos dípteros, mas desde 1910 encontrava-se no Peru, contratado pelo governo local, para estudar pragas dos algodoeiros. Interessou-se, ali, pela busca do possível agente transmissor da Doença de Carrión. Tanto as características epidemiológicas, como o fato de não ser aparentemente transmitida pelo contato com os doentes, apontavam fortemente para a existência de um hospedeiro intermediário. As investigações de Townsend nos conduzem a outro nó daquela rede transnacional de pesquisas: conforme aponta correspondência dele com Adolpho Lutz, o entomologista acreditava inicialmente que a Verruga Peruana/ Doença de Carrión era transmitida por carrapatos, o que o levou a se interessar pelos trabalhos que Henrique Aragão vinha desenvolvendo em Manguinhos. Tal hipótese apoiava-se nas pesquisas sobre a febre maculosa das Montanhas Rochosas, doença na qual uma espécie de carrapato fora há pouco incriminado como transmissor. Lutz, no entanto, apontou a maior probabilidade do envolvimento dos flebótomos (mosquitos-palha) e cerapotogonídeos na transmissão da doença (Benchimol & Sá 2006, p. 160). Townsend seguiu no encalço do inseto transmissor. Desconfiado do envolvimento de um mosquito localmente referido como “titira”, passou a realizar uma série de experimentos de transmissão, primeiro em macacos, depois em cães. Aplicou, nestes últimos, extratos macerados do mosquito ao qual classificou como *Phlebotomus verrucarum*.

Em dezembro de 1913, Townsend enviou a Martin Mayer amostras de seções histológicas de nódulos verrucosos, reproduzidos em cachorros por meio dos flebótomos triturados. Afirmou ser incapaz de reconhecer caracteres histológicos que pudessem ser considerados típicos da verruga humana. Como havia tomado contato com uma tradução espanhola do trabalho de Mayer, Rocha Lima e Werner, no *Münchener Medizinische Wochenschrift*, decidiu pedir ajuda para o primeiro. Mandou as amostras apenas fixadas, “para você corar como quiser” e autorizou Mayer a utilizar o material para outros fins e a publicar os resultados das análises. “Só quero saber se os nódulos de cães podem ser

identificados como Verruga Peruana” - acentuou. Além das amostras de lesões, enviou esfregaços do sangue de um assistente que havia sido picado pelo suposto vetor no “Vale da Verruga”, a qual continha bartonelas. Informou que as primeiras erupções já haviam aparecido.³⁶⁴ Como o exame histopatológico era competência de Rocha Lima, Mayer transferiu a incumbência ao colega. Em fevereiro de 1914, ele comunicou a Townsend que o pesquisador brasileiro havia assumido as pesquisas do material histopatológico. “Comunicaremos o resultado tão breve quanto possível”, assegurou. Pediu ao norte-americano remessa de mais amostras de casos de Verruga, tanto de pápulas quanto de esfregaços e da nova espécie de flebótomo.³⁶⁵

Na resposta a Townsend, Rocha Lima relatou a proliferação de células do tipo tumoral, fusiformes, bastante semelhantes àquelas observadas na Verruga Peruana. A estrutura do nódulo verrucoso do cão não era mostrada a arquitetura típica observada em humanos. De qualquer modo estava dentro do quadro possível de variações:

A semelhança de alguns achados não basta, porém, para identificar os nódulos em questão, com a Verruga. Seria bastante desejável que viesse material de outros experimentos mais abundante para pesquisa. Apenas neste caso será possível obter um parecer mais seguro.³⁶⁶

Em 1914, Mayer e Rocha Lima trataram novamente da Verruga Peruana (Mayer & Rocha Lima, 1914). Atualizaram seus resultados, com base nas pesquisas feitas por Strong e demais membros da comissão de Harvard. Reforçaram, mais uma vez, a ocorrência das inclusões no interior das células verrucosas fusiformes e formularam a hipótese de que pudessem se tratar de formas intracelulares do agente patogênico. Também endossaram a transmissão da doença pelo *Phlebotomus verrucarum*, recém-apontada por Townsend. As evidências apresentadas foram as análises histopatológicas de nódulos verrucosos de cachorros inoculados com mosquitos macerados. Além disso, descreveram novos resultados concernentes à infecção animal com a Verruga (Idem).

O envolvimento de Rocha Lima nas pesquisas sobre a Verruga transformaram-no num dos especialistas no assunto. Evidência disso é a carta recebida em março de 1914 de um certo

³⁶⁴ Carta de Charles Townsend a Martin Mayer de 13.12.1913. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁶⁵ Carta de Martin Mayer a Charles Townsend de 03.02.1914. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁶⁶ Carta de Rocha Lima a Charles Townsend de 15.04.1914. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Weiszflog, residente em Huaraz, província que se localizava numa das principais regiões de incidência da doença. O remetente, aparentemente um alemão estabelecido no Peru, informou ter lido num jornal que o médico brasileiro havia descoberto o agente etiológico da enfermidade.³⁶⁷ Demonstrou interesse, por viver numa região onde ela estava bastante disseminada, sendo que sua esposa sofria há anos do mal e apresentara, depois das primeiras erupções cutâneas, sintomas secundários bastante ameaçadores. Pediu prescrição de tratamento, oferecendo-se para remeter preparados de sangue, não apenas de doentes, como também de asnos e cavalos. Uma das questões que mantinha-se em aberto era a dos reservatórios naturais do agente infeccioso. Havia relatos sobre a ocorrência da verruga em muares, a ponto de uma das formas de manifestação – aquela com a presença de nódulos verrucosos maiores – ser referida como “forma mular” (Rocha Lima 1930, 1932). Também havia referências na literatura sobre o acometimento de animais domésticos como cães. Os experimentos de Townsend vinham confirmar a susceptibilidade deles à infecção experimental. Ao oferecer-se enviar esfregaços de sangue de animais, Weiszflog tinha em mente questão bem pragmática: “O estudo da Verruga em animais poderia facilitar ao senhor a fabricação de um soro. Com a ajuda de médicos locais, eu produziria os preparados, porém instruções mais exatas de sua parte seriam bastante desejáveis”.³⁶⁸

Rocha Lima não seguiu a sugestão de Weiszflog. Conforme veremos no capítulo seguinte, a deflagração das Guerras Balcânicas, e em seguida, da “Grande Guerra” o conduziu a outras problemáticas de pesquisa. Por vias indiretas, o microrganismo que incriminou como patógeno do tifo exantemático - a *Rickettsia prowazeki* -remeteram aos estudos sobre a Verruga Peruana, devido à semelhança morfológica com a *Bartonella bacilliformis* e a propriedade de colonizar o interior das células, onde também formavam inclusões análogas às dos clamidozoários. Além disso, ambas eram transmitidas por artrópodes, não eram filtráveis, coravam-se preferencialmente com solução de Giemsa e resistiam às tentativas de cultivo.³⁶⁹

³⁶⁷ Carta de Weiszflog a Rocha Lima de 09.03.1914. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁶⁸ *Idem.*

³⁶⁹ O microrganismo apontado em 1917 como causador da chamada “febre das trincheiras” (designada pelos alemães Febre dos Cinco Dias ou Febre da Volínia) e classificado como *Rickettsia pediculi-quintana*, foi depois reclassificada como *Bartonella rochalimae*, mais uma evidência das estreitas relações de parentesco que pareciam existir entre a família do patógeno do tifo e a do agente da Verruga Peruana.

A semelhança entre os dois organismos chamou atenção do médico peruano Pedro Weiss.³⁷⁰ Sabendo pelo professor Julian Arce - primeiro titular da cadeira de medicina tropical da Faculdade de Medicina de Lima – que Rocha Lima precisava de material de estudo da Verruga Peruana, remeteu-lhe, em janeiro de 1924, preparados de alguns casos.³⁷¹ Weiss atuava no Hospital Dos de Mayo, onde, segundo ele “se apresentam, com grande frequência, pacientes com a referida doença”. Os esfregaços de sangue enviados a Hamburgo continham os corpúsculos de Barton. Queria saber se o médico brasileiro compartilhava de sua opinião acerca da similaridade daqueles organismos com a *Rickettsia prowazeki*. Weiss realizava as pesquisas que resultaram em trabalho apresentado em 1927 à Faculdade de Medicina de Lima para obtenção do título de doutor. Ele comprovou no endotélio de verrugas de macacos infectados em laboratório, formações que havia observado no sangue periférico de pacientes com Febre de Oroya: minúsculas esferas que se ligavam uma a outra por um pequeno filamento, assumindo aparência de haltere. Esta era uma das formas mais características da *Rickettsia prowazeki* identificada por Rocha Lima.

No mês seguinte, o próprio Arce, a quem Rocha Lima solicitara, em 1923, o envio do trabalho sobre a epidemiologia da doença publicado no ano anterior, bem como material de estudo, manifestou ao médico brasileiro o interesse de pesquisar as relações da *Rickettsia* com a *Bartonella*, “punto que nos interessa muy vivamente y para cuya diludación, conceptuó que no hay autoridad científica superior a la de V.” Pedia instruções para realizar tais estudos, cujo objetivo, era “investigar a verdadeira natureza das bartonelas”.³⁷²

³⁷⁰ Nascido em Lima, em janeiro de 1893, Pedro Weiss formou-se pela Faculdade de Medicina da Universidad San Marcos em 1927, apresentando trabalho “Hacia una concepción de la Verruga Peruana”. Neste, estudou a doença entre o fim da fase febril e início das manifestações verrucosas. Concluiu que as alterações patológicas que levavam à formação dos tumores da Verruga, consistiam no auge do processo de resposta imunológica do hospedeiro à invasão pelo parasita. Defendeu que as oscilações das resistências da imunidade consistiam em mais uma evidência da unidade da Verruga Peruana e Febre de Oroya “bem clara já há um tempo” e a qual, segundo ele, recebera “o apoio indiscutível da bacteriologia, com o achado das bartonela nos botões verrucosos...” (Weiss, 1927, p. 22). Weiss completou sua formação em anatomia patológica na Alemanha e é considerado o “pai da patologia moderna no Peru” (Sobre Pedro Weiss e a anatomia patológica no Peru ver Arias Stella, 1996, 1998).

³⁷¹ Carta de Pedro Weiss a Rocha Lima de 08.01.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁷² Carta de Julio Arce a Rocha Lima de 24.02.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. A obra em questão é “Contribución al estudio de la patología Americana – Profilaxis de la verruga peruana, basada em los caracteres etiológicos y epidemiológicos próprios de esa enfermedad”, publicado em 1922 e considerado uma das principais referências sobre a epidemiologia da doença no período. Entre as publicações enviadas a Rocha Lima, Arce incluiu não só seu tratado de 1922, como também publicação feita em *La Cronica Medica*, “na qual faço a crítica à hipótese dualista de Strong”, complementou. Arce foi um ferrenho defensor da unidade da Febre de Oroya com a Verruga Peruana, opondo-se frontalmente às conclusões da comissão norte-americana. Ele enviou ao pesquisador de Hamburgo preparados de sangue de um caso de Febre de Oroya (ao qual se refere como Verruga Maligna) contendo grande quantidade de bartonelas, e um de verruga “benigna”.

Em 1925, Pedro Weiss tornou a chamar atenção para a semelhança das bartonelas com a *Rickettsia prowazeki*, em trabalho publicado com Daniel Mackehenie, que também havia ressaltado as similitudes, em comunicação com Telêmaco Battistini feita à 'Sociedad Peruana para el Progreso de la Ciencia' em 1922 (Mackehenie & Weiss, 1925). Concluíram que, diferentemente da bartonela, as lesões causadas pela *Rickettsia* eram predominantemente de natureza degenerativa - necrose e trombose, sendo esta responsável pela gangrena devido à obstrução provocada nos pequenos vasos. Além disso, Wolbach e demais membros da comissão da Cruz Vermelha na Polônia haviam demonstrado, em 1922, que a localização do agente do tifo não se limitava aos capilares, mas também abrangiam artérias e veias (Idem, p. 220).

Assim como as riquetsias, a classificação taxonômica das bartonelas permaneceu problemática por muito tempo. A partir de trabalho de Rocha Lima de 1930, é possível concluir que a questão ainda não se encontrava resolvida: "Para uma classificação segura e definitiva desses microorganismos num sistema temos que esperar maiores pesquisas" (Rocha Lima, 1930). O cultivo bem-sucedido do agente da Verruga e de outras espécies de bartonelas, ao invés de solucionar, contribuiu para agravar a questão:

A cultura de organismos que se assemelham tanto morfológica quanto geneticamente com bartonelas e riquetsias, exige bastante atenção e deve ser extensa e cuidadosamente controlada. O número de bactérias cultiváveis, descritas como bastante semelhantes ou idênticas às bartonelas e riquetsias é notavelmente grande (...) No momento, as relações destes achados entre si, e entre eles e as riquetsias e bartonelas e com o vírus patogênico, são difíceis de precisar na maioria dos casos (Rocha Lima 1930).³⁷³

Em 1926, nosso já conhecido Hydeio Noguchi e o peruano Telêmaco Battistini divulgaram no *Journal of Experimental Medicine* o cultivo bem-sucedido de *Bartonella bacilliformis* em meio de cultura utilizado para leptospiros. A inoculação das cepas obtidas em culturas produziu em macacos *Rhesus* quadro febril semelhante à Febre de Oroya, mas sem um quadro pronunciado de anemia e com a ocorrência de lesões semelhantes à Verruga, apenas nos locais de inoculação do material infeccioso (Noguchi & Battistini, 1926). A partir desse resultado, Noguchi realizou uma série de experimentos animais, que se prolongaram

³⁷³ Tantas semelhanças justificaram a manutenção por anos das bartonelas e riquetsias dentro da ordem *Rickettsiales*, devido à similitude morfológica, ao parasitismo de células eucarióticas e ao fato de serem transmitidas por artrópodes. Contudo estudos filogenéticos mais contemporâneos baseados nas características moleculares dos microorganismos, parecem não justificar essa proximidade taxonômica (Chavez, 2001, p. 13).

pelos anos de 1926 e 1927. Em abril de 1926 ele comunicou a Rocha Lima ter obtido, em nódulos verrucosos produzidos pela inoculação de culturas de *Bartonella bacilliformis*, inclusões celulares semelhantes às descritas por ele, em 1913.³⁷⁴ Afirmou ter encontrado inclusões similares em material de verruga humana, as quais considerou idênticas àquelas que havia flagrado nos nódulos produzidos pela inoculação com culturas puras de bartonelas. “If they are, the conclusion is inevitable that oroya fever and verruga peruviana are both caused by *B. bacilliformis*. In the monkeys infected with cultures fever and anemia are not very marked, and the number of infected red corpuscles is very small”, deduziu. Noguchi enviou a Hamburgo preparados e cortes histológicos de *Bartonella bacilliformis* e pediu amostras de tecidos de pacientes com Verruga e animais infectados em laboratório.³⁷⁵

A pedido de Henrique Aragão, Noguchi remeteu amostras das culturas de bartonelas para o Instituto Oswaldo Cruz. Os pesquisadores da seção de protozoologia, Aristides Marques da Cunha e Julio Muniz ocuparam-se com os estudos que coincidiram com a estadia de seis meses de Rocha Lima no Rio de Janeiro, em 1926. Ele acompanhou as pesquisas conduzidas por Marques da Cunha e Muniz, que conseguiram transmitir a Verruga a outra espécie de macaco – *Pseudocebus* – a partir das culturas enviadas por Noguchi. Prepararam lâminas e seções histológicas dos nódulos, através dos quais comprovaram a ocorrência da *Bartonella bacilliformis* e das inclusões celulares identificadas por Rocha Lima, Mayer e Werner, em 1913. Também mencionaram semelhança do agente da Febre de Oroya com os clamidozoários e riquetsias (Cunha & Muniz 1927, 1928). Em conclusão, Marques da Cunha e Muniz confirmaram a susceptibilidade de macacos do gênero *Pseudocebus* à Verruga, desenvolvendo lesões cutâneas nos pontos de inoculação do material virulento. “Esse resultado é idêntico aos que Noguchi obteve nas experiências para demonstrar o papel etiológico da cultura de *Bartonella* por ele isolada de um caso de Verruga Humana” – arremataram (Cunha & Muniz 1927, p. 138).

Os resultados de Noguchi foram divulgados no ano de 1926 e começo de 1927 numa série de artigos que veio a lume no *Journal of Experimental Medicine* (Noguchi, 1926, 1926b, 1926c, 1926b, 1927, 1927b, 1927c, 1927d). Neles comprovou a ocorrência de cepas de *Bartonella bacilliformis*, tanto em quadros de Febre de Oroya, quanto de Verruga Peruana. A inoculação de culturas do patógeno isolado de pacientes com Febre de Oroya, ou de

³⁷⁴ Carta de Hydeio Noguchi a Rocha Lima de 12.04.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁷⁵ *Idem*.

suspensões de nódulos verrucosos, reproduziu quadros bastante variados, o que o pesquisador japonês atribuiu a diferenças na virulência do material empregado e na susceptibilidade dos animais. Ele demonstrou que o germe podia ser transmitido em série de um animal a outro, processo que ocasionava um aumento de sua virulência. Pôde constatar mais facilmente a infecção experimental pela cultura de bartonelas do sangue do que pela observação microscópica, passando a defender o cultivo como meio mais eficaz de diagnóstico. Experimentos de imunidade cruzada demonstraram a identidade do microrganismo envolvido em ambos os quadros clínicos. As alterações patológicas, tanto na Febre de Oroya, como na Verruga, eram análogas às observadas em humanos. Coincidiam bastante com o quadro histológico descrito por Rocha Lima na segunda. As bartonelas foram encontradas por Noguchi em esfregaços sanguíneos e em preparados de nódulo verrucoso, onde flagrou-as no interior do endotélio. Ele afirmou que as inclusões do interior das células fusiformes, descritas por Mayer, Rocha Lima e Werner, tratavam-se de formas do parasita no tecido. Descreveu-as e ilustrou-as em detalhes. Ele também aludiu a inclusões maiores, encontradas extracelularmente em formas de bastonetes. Com base nesse conjunto de achados, Noguchi concluiu no último dos artigos da série:

Os dados obtidos justificam a conclusão de que a Verruga Peruana é causada pela *Bartonella bacilliformis*. Eles também estabelecem de forma definitiva o fato de que a inoculação do sangue ou do exsudato sanguíneo de lesões da Verruga Peruana, é capaz de induzir em indivíduos susceptíveis, uma grave infecção febril sistêmica, tal como aquela a qual Carrion sucumbiu. A expressão ‘Doença de Carrion’ é, por isso, o nome mais apropriado para ambas formas de infecção (Noguchi 1927, p. 187).

Ainda durante a estadia em Manguinhos em 1926, Rocha Lima recebeu carta de Martin Mayer informando sobre os assuntos do *Tropeninstitut* durante a ausência do colega.³⁷⁶ Comunicou o andamento das pesquisas que vinha realizando com Walter Kikuth a partir de caso de Verruga Peruana que dera entrada no Hospital dos Marinheiros, em março de 1926.³⁷⁷ Um jovem marinheiro de 23 anos fora internado com acessos de malária terça, mas

³⁷⁶ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 22.08.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁷⁷ Walter Kikuth nasceu em Riga, em 1896. Estudou medicina em Dorpat, Königsberg e Freiburg, onde se formou em 1923. Depois de atuar por 8 meses no Instituto de Patologia de Freiburg, e um ano na clínica universitária do Hospital Eppendorf, ligado à Universidade de Hamburgo, ingressou em 1924, como assistente, no departamento de clínica do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, onde permaneceu até 1929. Nesse ano, assumiu a direção do laboratório de quimioterapia da Bayer, em Elberfeld. Em 1946, encarregou-se também, ao lado do cargo na Bayer, da direção do Instituto de Higiene e Microbiologia da Academia Médica de Düsseldorf e em 1962, refundou a Sociedade Alemã de Medicina Tropical. Morreu em junho de 1968. No

além do impaludismo, apresentara verrugas do tamanho de lentilhas, amarronzadas e sensíveis à pressão nas duas coxas. Rocha Lima fez análise histológica dos nódulos, identificando-os como típicos da Verruga Peruana (Mayer & Kikuth, 1927, p. 319-320). Na carta, Mayer relatou que num dos macacos inoculados com extratos de Verruga, observaram-se sintomas de Febre de Oroya, com grande quantidade de bartonelas no sangue; num segundo, as manifestações começavam a aparecer. Os animais inoculados com sangue – prosseguiu – “ainda não apresentaram resultados positivos”. “Mas, infelizmente, Noguchi nos roubou a glória”, confessou Mayer. O pesquisador da Rockefeller havia enviado comunicação provisória a Hamburgo, na qual divulgava que havia obtido em macacos Febre de Oroya a partir da inoculação de Verrugas e que lograra cultivar patógenos do sangue.³⁷⁸

Em 1927, Mayer e Kikuth publicaram o conjunto de seus resultados. Relataram a transmissão bem-sucedida da Verruga a macacos *Rhesus*, transferida de um animal a outro. Eles haviam retirado o baço de alguns primatas, para verificar se influenciava o aparecimento do quadro anêmico característico da Febre de Oroya. Esse experimento estava relacionado ao fenômeno observado por Mayer na anemia dos ratos, patologia que atribuíra ao germe classificado há pouco, por ele, como *Bartonella muris*.³⁷⁹ Os parasitas corados de vermelho pelo Giemsa em forma de diplococos ou bastonetes apareciam nos roedores de 24 a 48 horas depois da esplenectomia. Os pesquisadores do *Tropeninstitut* queriam verificar se o mesmo acontecia na Febre de Oroya, que, ao contrário da Verruga Peruana, era difícil de ser reproduzida em macacos. No geral, apresentavam aumento de temperatura, mas que não vinha acompanhado da anemia intensa observada em humanos. Noguchi havia constatado o sintoma em apenas um dos primatas testados. Dos animais inoculados por Mayer e Kikuth, cinco

período em que atuou no *Tropeninstitut* estudou a patogênese da febre hemoglobinúria e os efeitos da quinina e de outras substâncias no tratamento da malária crônica de canários. A partir dos anos 1920, dedicou-se principalmente ao desenvolvimento de antimaláricos sintéticos. Aperfeiçoou o modelo animal de estudos do impaludismo em tentilhões de java (*Padda oryzivora*), passo fundamental para as pesquisas terapêuticas sobre a doença. Participou com Mayer, não só dos estudos que estabeleceram a natureza patogênica da *Bartonella bacilliformis*, como também das pesquisas sobre a *Bartonella muris* e a anemia dos ratos. Nos anos de 1928 e 1929, constatou a ocorrência de patologia semelhante em cães, a qual atribuiu a uma nova espécie, que designou *Bartonella canis* (Knoche, 1972; Mannweiler 1998, p. 147-148).

³⁷⁸ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 22.08.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁷⁹ Martin Mayer realizava testes nos anos depois da Primeira Guerra com o Bayer 205, um medicamento desenvolvido contra tripanossomos da doença do sono, quando observou a ocorrência de uma anemia que surgia em alguns ratos tratados com o terapêutico. No sangue encontrou formações que se assemelhavam ao agente da Doença de Carrión. Denominou-os *Bartonella muris*. Um ano depois (1921) viu inclusões em ratos esplenectomizados que identificou como formas desse microrganismo. A anemia dos ratos foi retratada como modelo ideal para estudo da importância do baço na imunidade. Junto com Walter Kikuth e Werner Borchartd, também pesquisadores do *Tropeninstitut*, Mayer conseguiu obter ratos livres de bartonelas e transmitir experimentalmente a estes a doença (Mannweiler 1998, p. 146).

apresentaram a *Bartonella bacilliformis* no sangue, e dois morreram, depois de manifestarem quadro similar à Febre de Oroya, inclusive com a ocorrência de anemia aguda. Ele foi induzido pela inoculação direta de extratos da verruga, consistindo numa prova da unidade das duas manifestações patológicas (Mayer & Kikuth, 1927).

Os nódulos verrucosos reproduzidos em macacos por Mayer e Kikuth foram confirmados como típicos da Verruga Peruana. Eles apresentaram as inclusões coradas de vermelho pelo Giemsa no interior das células fusiformes, compostas por pequenos corpúsculos esféricos, compactamente localizados. Mas nem Mayer e Kikuth, nem Rocha Lima, confirmaram a suposição de Noguchi de que se tratavam de formas intracelulares da bartonela. Pelo contrário, manifestaram reservas em relação às evidências apresentadas por ele em favor de tal hipótese. Nem por isso, os dois primeiros deixaram de reconhecer a especificidade e constância daquelas formações na Verruga Peruana: “em virtude do achado regular de nossas inclusões em Verrugas de humanos e símios e de suas propriedades microscópicas e de coloração características, nós estamos convencidos do significado etiológico das mesmas para a Verruga Peruana” (Idem). As inclusões podiam representar estágios iniciais de desenvolvimento das bartonelas ou formas de multiplicação daquelas que haviam penetrado nos angioblastos (Idem, p. 324). Rocha Lima qualificou como “incompreensível” a falta, nos preparados de Noguchi, dos acúmulos de bactérias tal como pareciam ocorrer nas estampas reproduzidas nos trabalhos do pesquisador japonês em (Rocha Lima 1927, p. 466). Em texto de 1930, declarou:

Se, como parece, [as inclusões] podem ser consideradas uma forma específica de vírus, é questão que só poderá ser esclarecida completamente, a partir de maiores investigações. Uma questão relacionada a esta e também não respondida, é a das relações das bartonelas com estas inclusões. (Rocha Lima, 1930).

A precaução de Rocha Lima em relação à hipótese das inclusões como acúmulos intracelulares de bartonelas não deve ser interpretada como postura de recusa. Para ele, as provas de Noguchi apenas não demonstravam isso de forma tão inequívoca, como fazia crer o pesquisador da Rockefeller. No entanto, considerou aquela suposição provável, em virtude do fracasso em comprovar claramente a ocorrência de bartonelas no tecido, nas formas características de bastonetes e halteres. Ele fez analogia com várias espécies de riquetsias, inclusive com a *Rickettsia prowazeki*, as quais também formavam inclusões granuladas, quando comprimidas num aglomerado dentro das células (Idem). O desenvolvimento

posterior de aparatos e técnicas, como a microscopia eletrônica e imunohistoquímica, permitiu elucidar o caráter das inclusões como vacúolos intracelulares, nos quais as bartonelas se alojam no interior das células, podendo também se localizarem livremente no espaço intersticial. Hoje em dia elas são conhecidas como “inclusões Rocha Lima” (Chaves 2001). Segundo o patologista peruano Arias Stella (1996, 1999), elas consistem na única evidência morfológica definitiva da presença das bartonelas nas lesões verrucosas.

Vimos que Rocha Lima fez comparações do quadro histológico da Verruga Peruana com o de outras manifestações cutâneas, como o angioma descrito por Bassewitz e o granuloma teleangiectásico. Em 1925, ele aprofundou tais comparações com este último quadro, também referido como botriomicose. Esperava, com isso, elucidar a relação entre as duas doenças, questão que concernia à área de incidência da Verruga Peruana. Afinal de contas, esta era uma manifestação restrita aos altiplanos peruanos ou tinha disseminação mais ampla no continente sul-americano? As similitudes com outras formações angiomasas da pele apontavam apenas para relações de identidade entre elas ou apenas de parentesco? Nosso personagem estava inclinado a apoiar essa última suposição. Ele descartou a identificação da Verruga Peruana com o quadro descrito por Bassewitz, em virtude das diferenças clínicas e epidemiológicas. “Tudo aponta para uma característica peculiar da Verruga Peruana” – afirmou (Rocha Lima, 1925).

O ponto de partida para essas considerações foi uma comunicação de certo F. Weiss, de Honduras sobre um caso observado em 1924, de múltiplos nódulos cutâneos e subcutâneos, de aparência semelhante aos da Verruga Peruana. Nas costas, o paciente desenvolveu um grande tumor, que foi extirpado, e logo em seguida, ele morreu. O diagnóstico necroscópico acusou “angioendotelioma”, ou seja, tumor acarretado pela proliferação de angioblastos e células endoteliais tal como na Verruga. Weiss enviou a Rocha Lima fotografias do caso e amostras das lesões. A estrutura dos nódulos era praticamente idêntica à da Verruga Peruana, inclusive com a presença de inclusões celulares no protoplasma de células fusiformes. A diferença era, que no caso de Honduras, predominava uma consistência esponjosa na região afetada, os vasos de parede fina da área superficial eram mais abundantes, e não havia tecido conjuntivo edematoso. Se tal caso ocorresse nos Andes peruanos, seria diagnosticado como Verruga – supôs Rocha Lima. A coincidência dos quadros autorizava a hipótese de que eram doenças bastante próximas, mas ele não se pronunciou sobre isso de forma definitiva (Rocha Lima 1925, 1932).

Em 1926, Rocha Lima foi informado sobre outra manifestação cutânea análoga à Verruga Peruana, desta vez na região amazônica. Quem lhe comunicou o caso foi Alfredo da Matta, uma das figuras de proa da medicina e saúde pública de Manaus, como bem demonstra Julio Schweickardt (2009). Da Matta relatou a ocorrência de dois casos em carta a Rocha Lima: o primeiro fora confirmado como Verruga Peruana “verdadeira”, num paciente proveniente do Peru, e o segundo, apresentara quadro semelhante, mas provinha de Manacapuru, no Baixo Solimões.³⁸⁰ O médico amazonense referiu-se a este como “pseudoverruga”, expressão assimilada por Rocha Lima nas publicações. Tratavam-se de pequenos tumores pediculados, distribuídos por diferentes partes do corpo e que evoluíam para nódulos de diferentes dimensões. De acordo com Da Matta, “lembram um angiofibroma excessivamente vascularizado”, que podia apresentar hemorragia. Diferentemente da Verruga Peruana/ Doença de Carrión, as “pseudo-verrugas” não haviam sido precedidas de manifestação febril aguda, mas apenas de dores de cabeça e distúrbios gastrintestinais. “Sei do seu enorme interesse nesses estudos; aguardo, portanto, as suas ordens, em tudo que lhe possa ser útil (...) sou simplesmente um displicente observador, e nada mais, e assim quero aprender contigo” escreveu da Matta. Sua principal dúvida era sobre a relação da “pseudo-verruga” com o angioma de Bassewitz.³⁸¹

A partir do material remetido por Da Matta, Rocha Lima realizou estudos histopatológicos das chamadas “pseudo-verrugas”. Baseou-se nas informações do médico amazonense para caracterizar o quadro patológico. As lesões cutâneas eram precedidas de um enrijecimento local da pele. Os tumores do tamanho de uma semente de uva eram pedunculados, cobertos com uma camada de epiderme. Por baixo da derme, o pesquisador do *Tropeninstitut* identificou infiltração de tecido conjuntivo embebido numa substância corada de rosa pela Eosina. As formações tumorais consistiam em ninhos de células alongadas, cuja aparência, tipo de ligação, e relação com células das paredes vasculares, expressavam estreito parentesco com a Verruga Peruana, embora menos próximo do que o caso proveniente de Honduras. As inclusões celulares presentes nessas duas não ocorriam na variante constatada no Amazonas (Rocha Lima, 1927).

Rocha Lima sistematizou os conhecimentos sobre a Verruga Peruana/ Doença de Carrión, numa série de manuais médicos alemães, uma demonstração, como já dissemos no

³⁸⁰ Carta de Alfredo da Matta a Rocha Lima de 20.09.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

³⁸¹ *Idem.*

caso das outras pesquisas, do reconhecimento que obteve em suas áreas de competência. Nos capítulos, mostrou-se sintonizado com os mais atuais conhecimentos do assunto, produzidos tanto pelos colegas europeus e norte-americanos, como também pelos peruanos. Acompanhou os debates sobre a unicidade ou não da Verruga Peruana e Febre de Oroya. A leitura dos seus trabalhos permite perceber uma clara tendência a endossar a teoria de que ambas tratavam-se de uma mesma entidade mórbida, tal como procurara demonstrar Daniel Carrión. Nesse sentido, Rocha Lima estava alinhado com o que defendia grande parte da comunidade médica peruana. Em 1920, ele escreveu capítulo sobre a Verruga no *Handbuch der pathogenen Protozoen* (Manual de Protozoários Patogênicos), de Prowazek (Rocha Lima, 1920) e em 1926, no *Handbuch der Tropenkrankheiten* (Manual de Doenças Tropicais) de Carl Mense, em que tratou tanto da Verruga Peruana quanto da Febre de Oroya. Em 1930, abordou novamente a doença no “Manual de Microrganismos Patogênicos” editado por Kolle, Kraus e Uhlenhuth (Rocha Lima, 1930). Neste, deu maior destaque à caracterização das bartonelas do que propriamente à doença. De classificação taxonômica indefinida à época, as bartonelas abrangiam então, não apenas o agente da Doença de Carrión – a *Bartonella bacilliformis* -, como também a *Bartonella muris*, descrita por Martin Mayer, em 1921, e incriminada posteriormente por ele como patógeno da já referida anemia dos ratos. Além destas, incluíam a *Bartonella rochalimae*, batizada por César Pinto e José Gomes de Faria em homenagem ao nosso personagem, *Bartonella ranarum*, descrita por Aristides Marques da Cunha e Júlio Muniz, *Bartonella opossum*, isolada por Paul Regendanz e Walter Kikuth em 1928 e *Bartonella canis*, identificada por este último no mesmo ano. Abrangiam ainda a *Bartonella muris musculi*, *Bartonella nicollei* e *Bartonella pseudocebi* (Idem).

Com exceção da *B. bacilliformis* e *B. muris*, todas as demais espécies foram identificadas entre os anos de 1926 e 1928. A maior parte delas fora isolada do sangue de animais submetidos à esplenectomia (retirada do baço), operação que Mayer identificara como favorável ao aparecimento desses organismos. O envolvimento dos pesquisadores de Manguinhos na descrição das bartonelas foi impulsionada pelos estudos sobre a Doença de Carrión. Rocha Lima contribuiu para divulgar os avanços recentes naquele campo de estudos. Quando esteve em Manguinhos em 1926, proferiu palestra sobre os estudos feitos por Mayer sobre a *Bartonella muris* e a anemia dos ratos, a qual, conforme escreveu em carta ao colega, “despertou grande interesse”. “Faria [José Gomes de Faria] imediatamente retirou o baço de alguns ratos e conseguiu os mesmos resultados que os seus” – comunicou. O método de esplenectomia – prosseguiu - “é conseguido aqui de um modo mais fácil”. Descreveu-o em

tom jocoso: “É feito um corte abdominal, através do qual o baço salta para fora e a ferida na barriga é fechada com pregadores, sem se preocupar com vasos ou suturas”.³⁸²

Na temporada que passaram no Instituto Oswaldo Cruz em 1927, Walter Kikuth e Paul Regendanz realizaram, entre outras coisas, pesquisas sobre as bartonelas. A influência da esplenectomia na manifestação de infecções latentes levou dois pesquisadores a realizar tais operações numa série de roedores em Manguinhos. Eles fizeram experimentos com *Trypanossoma cruzi* e outras espécies patogênicas de tripanossomas no sentido de verificar se a retirada do baço em camundongos e cobaias também influenciava o decurso das infecções causadas por esses organismos. No entanto, não alcançaram resultados expressivos (Mannweiler 1998, p. 148).

Podemos notar que as investigações sobre a Verruga Peruana/ Doença de Carrión abriram caminho para um leque de pesquisas no *Tropeninstitut*. A partir da caracterização histológica dos nódulos verrucosos, Rocha Lima passou a se dedicar a estudos comparados de outras manifestações semelhantes. Junto à expertise adquirida no estudo de algumas dermatomicoses, pôde firmar-se como especialista em mais uma área disciplinar: a dermatologia, ramo do qual se aproximou nos anos de 1920. Por outro lado, ficou familiarizado com uma patologia causada por microrganismos bastante peculiares, arredios à classificação nas categorias taxonômicas disponíveis à época. Durante a Guerra, ocupar-se-ia com outro tipo de organismo igualmente problemático. A abordagem das doenças pelo estudo da anatomia patológica franqueou ao nosso personagem acesso à observação de elementos patogênicos que não eram facilmente detectáveis com a tecnologia empregada pela bacteriologia daquele tempo, e por isso mesmo, provocou resistências por parte de muitos pesquisadores.

2.6. Rocha Lima e os clamidozoários

Os estudos sobre a Verruga Peruana levaram Rocha Lima a se dedicar de forma mais minuciosa com aquela categoria de seres a qual Prowazek designara clamidozoários. A hipótese de que o agente da Verruga também pertencesse a estes organismos abriu novo horizonte de questões a nosso personagem. Apesar de os clamidozoários-estrongiloplasmas

³⁸² Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 24.08.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

terem sido correlacionados a uma série de doenças importantes além do tracoma – raiva, escarlatina, molusco contagioso, varíola-vacina, epiteloma das aves, etc – a aceitação deles como tipo específico de microrganismo esbarrava numa série de dificuldades. A questão da classificação taxonômica permaneceu por muito tempo sem solução, tornando os clamidozoários “um dos problemas mais difíceis da pesquisa etiológica” (Rocha Lima, 1920). Devido ao tamanho reduzido, não era possível estudo morfológico aprofundado a ponto de tomá-los como protozoários. Por sua vez, a aparência e as propriedades de coloração eram análogas às das bactérias, mas eles resistiam às tentativas de cultivo. As indefinições ocasionavam o ceticismo entre os cientistas, principalmente entre os bacteriologistas, aferrados aos princípios estabelecidos por Robert Koch para determinação de um germe como agente causador de uma doença. Entre aqueles preceitos, o cultivo tinha peso fundamental, o que para Rocha Lima era uma “exigência antiquada” (Idem).

Uma das principais objeções dos opositores à teoria dos clamidozoários era a de que não se tratavam de microrganismos, mas de produtos da degeneração celular, ou granulações normais da célula, ou ainda, de precipitados de substâncias, como proteínas. Havia ainda os que defendiam que tais estruturas eram artefatos produzidos pela precipitação de corantes ou ocasionados pela deformação da célula durante o processamento das amostras. A distinção daquelas formações, no limite da visibilidade, exigia habilidade na manipulação do microscópio e na preparação dos esfregaços e cortes histológicos. Além de muita fé por parte dos cientistas, a quem Rocha Lima conclamava a “livrar-se dos preconceitos” (Rocha Lima, 1920b).

Na 16ª Reunião da Sociedade Alemã de Patologia, que ocorreu em Marburg, entre 31 de março e 2 de abril de 1913, Rocha Lima compareceu com uma tarefa árdua: conquistar a adesão dos colegas patologistas em favor dos clamidozoários como agentes patogênicos e tipos peculiares de microrganismos. Julgava que no campo da patologia os resultados das pesquisas sobre aqueles germes “ainda não encontraram o reconhecimento devido” (Rocha Lima 1913c, p. 199):

Em consequência disso, me parece uma tarefa compensadora apresentar aos senhores o material que eu tenho à disposição. O objetivo dessa apresentação seria plenamente alcançado, se através dela conseguisse despertar no círculo dos patologistas um maior interesse pela questão dos clamidozoários (Rocha Lima 1913c, p. 199)

Em virtude da relação íntima que os chamados clamidozoários estabeleciam com as células, Rocha Lima considerou-os questão que competia à microbiologia e patologia celular. “Nenhum outro agente patogênico pode exigir tanta consideração da parte dos patologistas do que estes, que levam a modificações peculiares da estrutura celular...” salientou (Idem, p. 199). Não bastassem as desconfianças e resistências em relação a tais organismos, nosso personagem defendeu naquela ocasião hipótese bastante controvertida: a origem parasitária dos tumores. Afirmou que pesquisas posteriores sobre os clamidozoários poderiam lançar luz sobre a obscura questão do surgimento de tais deformações celulares.

Vimos que na mesma reunião de patologistas, Rocha Lima apresentara os resultados das pesquisas da histopatologia da Verruga Peruana. Ele havia demonstrado o processo de formação dos tumores que originavam ao nódulo verrucoso. Tendo em mente esse achado, sugeriu que talvez aquele fosse um evento comum, podendo estar na base do surgimento das neoplasias. A correlação do câncer com agentes microbianos não era algo novo. Tampouco a comprovação do envolvimento de alguns parasitas no desenvolvimento de tumores. Por conta disso, nosso personagem defendeu que a participação dos clamidozoários em tais processos não era “nem impossível, nem improvável” (Idem, p. 200). A favor disso –argumentou – depunha uma série de fatos, baseados no comportamento dos agentes patogênicos compreendidos entre aqueles seres. Antes, procurou desarmar possíveis resistências que estimava encontrar entre a audiência. Qualificou como “infundada a interpretação dos clamidozoários como artefatos decorrentes do processamento das amostras ou como detritos do núcleo celular ou de fagocitose. Provas seguras que se acreditava poder exigir na pesquisa etiológica – prosseguiu – só eram possíveis em algumas doenças bacterianas (Idem).

Em favor da função patogênica dos clamidozoários, Rocha Lima aduziu a estreita relação das inclusões celulares com as respectivas patologias. Elas não ocorreriam em doenças que não pertenciam àquele grupo. Ao invés de tratar de cada uma delas, ele enfatizou as características comuns. A principal era a presença de pequenas estruturas esféricas, que ocorriam em grande número, localizadas, na maior parte das vezes, dentro das referidas inclusões situadas no citoplasma ou no núcleo da célula. Pareciam-se com cocos, mas eram bem menores que estes. Referidas como “corpúsculos elementares”, que o pesquisador brasileiro sugeriu ser um estágio de desenvolvimento dos patógenos, comportavam-se de forma diferente das outras granulações celulares, como as mitocôndrias, por exemplo. Não poderiam ser produtos da coagulação derivados do contato do material biológico com o meio fixador, porque eram observadas com nitidez nas preparações a fresco, argumentou. Com a

adição de água, as inclusões que as continham se inchavam e elas passavam a se mover de forma agitada. Ainda como propriedade comum, Rocha Lima mencionou a capacidade desses organismos de atravessarem os filtros bacterianos, sendo retidos nos chamados filtros coloidais (Idem).

Depois de apresentar as características comuns dos chamados clamidozoários, Rocha Lima ressaltou as peculiaridades em cada uma das patologias atribuídas a eles. As inclusões que formavam no interior das células, por exemplo, nem sempre se distinguiam com a mesma nitidez do restante do corpo celular. Na chamada icterícia do bicho-da-seda e no mixoma dos coelhos, os corpúsculos elementares localizavam-se dentro do núcleo. A substância em que estavam imersos também variava de acordo com a doença e, por conseguinte, com o tipo celular no qual o patógeno se estabelecia com preferência. Em algumas doenças, como tracoma, varíola e blenorragia, ocorriam corpos esféricos semelhantes aos cocos, que Rocha Lima e outros defendiam serem “corpos iniciais”, ou seja, os primeiros estágios de desenvolvimento dos germes patogênicos. Estruturas maiores e heterogêneas, que podiam envolver os corpúsculos ou acompanhá-los, eram compreendidas como produtos da degeneração celular (Idem, Rocha Lima, 1920, 1920b).

Em defesa da etiologia parasitária dos tumores, Rocha Lima apresentou o caso de patógenos – geralmente bactérias - comumente envolvidos na formação de tumores granulares. A maior parte deles tinha afinidade por tipos celulares bastante específicos. O pesquisador do *Tropeninstitut* defendeu a necessidade de comparações mais frequentes entre os processos de formação do câncer e aqueles observados nas doenças infecciosas. Objeções comumente levantadas contra a teoria parasitária dos tumores seriam indefensáveis – argumentou o brasileiro – frente às mudanças na compreensão dos conceitos e relações de infecciosidade, transmissão e contágio. O campo complexo dos vírus filtráveis e o aparecimento de variáveis não previstas pelos padrões da bacteriologia clássica, como os portadores sadios, impunha a formulação de novos esquemas explicativos para o surgimento dos tumores “verdadeiros”, assim chamados em contraponto aos comprovadamente infecciosos. Como evidência disso, Rocha Lima apresentou o caso do sarcoma das galinhas, um tumor maligno, no qual ocorria metástase e que podia facilmente ser transmitido experimentalmente. Nessa mesma doença, o francês Amedée Borrel, um especialista no estudo dos tumores, havia assinalado grânulos semelhantes a clamidozoários no interior das células tumorais. Poderia haver um tipo intermediário entre os granulomas de etiologia

bacteriana e os chamados tumores verdadeiros, cuja origem podia ser atribuída a organismos como os clamidozoários (Rocha Lima, 1913c).

Os argumentos de Rocha Lima eram de natureza puramente especulativa. Na discussão da conferência, a hipótese de uma possível natureza parasitária dos “tumores verdadeiros” sequer foi mencionada. Os colegas discutiram questões mais concretas, ligadas a estruturas observadas em doenças como o molusco contagioso ou o epitelioma das aves e sua possível classificação como clamidozoários. A audaciosa hipótese ficou apenas no terreno da argumentação e das sugestões. O próprio Rocha Lima não se dedicou a obter evidências empíricas do papel de tais microrganismos no surgimento do câncer. Nem a comprovar a função patogênica de algumas espécies descritas em manifestações como a raiva e a escarlatina. Os clamidozoários tornaram a figurar em seu programa de pesquisas com os estudos sobre o tifo exantemático durante a Primeira Guerra, conforme veremos no próximo capítulo. O microrganismo encontrado por ele no intestino de piolhos de tifo apresentou características que lembravam bastante os clamidozoários: desenvolvia-se no interior das células, onde formava inclusões, era minúsculos e não cultivável. Chegou a sugerir a classificação do suposto patógeno entre tais organismos, mas em virtude das indefinições que pairavam sobre eles, preferiu manter em aberto a classificação taxonômica, ficando apenas com as muitas imprecisões e resistências relacionadas ao próprio patógeno (Idem).

Em 1920, Rocha Lima tornou a abordar os clamidozoários na *Revista Médica de Hamburgo*, publicação sobre a qual falaremos no capítulo 4 (Rocha Lima, 1920b). Apresentou-os como “pequenos microrganismos de forma globular, que têm a particularidade de se reproduzir no interior das células do hospedeiro, formando inclusões peculiares” (Idem). Tratou das suas características gerais, como a aparência de minúsculos cocos, a dificuldade de visualização, em virtude do tamanho diminuto, a capacidade de atravessar filtros bacterianos, as indefinições da classificação taxonômica, que ainda persistiam, e a aparente impossibilidade de cultivá-los. Enquanto a maioria ocorria como patógenos intracelulares obrigatórios, também podiam aparecer em algumas doenças, ou durante certos estágios de desenvolvimento em posição extracelular. Entre as doenças atribuídas a eles incluiu: varíola/vacina, molusco contagioso, epitelioma contagioso das aves, tracoma, blenorragia, raiva, doença eqüina de Borna, mixoma dos coelhos, icterícia do bicho-da-seda, peste suína, peste das galinhas, verruga Peruana e escarlatina. Rocha Lima ressaltou que havia defasagens nos conhecimentos sobre o envolvimento dos clamidozoários na patogênese das mesmas. As relações com as inclusões formadas dos mesmos por eles estavam melhor estabelecidas no

molusco contagioso, tracoma, blenorragia, peste suína, epiteliose descamativa e verruga peruana. Os conhecimentos até então obtidos sustentavam a hipótese de que os clamidozoários eram, de fato, agentes patogênicos dessas doenças (Idem).

Ainda em 1920, Rocha Lima escreveu capítulo sobre os clamidozoários na segunda edição do já mencionado *Handbuch der pathogenen Protozoen* (Manual de Protozoários Patogênicos), organizada por Wilhelm Nöller (Rocha Lima, 1920). No capítulo não discorreu sobre as definições teóricas daqueles organismos, nem sobre suas características comuns. Tratou, isoladamente, das doenças cuja etiologia era atribuída a eles, destacando os recentes resultados no campo da infecção experimental de animais, imunidade, além dos estudos sobre os supostos agentes causadores – morfologia, propriedades físico-químicas, cultivo, experimentos de filtração, etc. Incluiu entre as doenças: varíola, varicela, molusco contagioso, escarlatina, febre aftosa, peste suína, mixomatose dos coelhos, raiva, icterícia do bicho-da-seda, tracoma, varíola aviária e verruga peruana/ doença de Carrión. Ele inseriu também o alastrim, uma forma branda da varíola, que inicialmente o médico paulista Emílio Ribas defendera ser uma entidade mórbida diferente desta, baseado no fato de que não formava cicatrizes profundas, não apresentava o segundo ataque febril e tinha imunidade curta contra a vacina. Contra esta opinião, o médico de origem italiana Antonio Carini defendera a identidade do alastrim com a varíola, com base na infecção experimental de animais de laboratório, nos achados anátomo-patológicos e nas reações de imunidade cruzada (Teixeira, 2000). O pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, Henrique Aragão, por sua vez, sustentara que ambas manifestações pertenciam a um grupo comum, tendo se diferenciado em entidades autônomas no decorrer do tempo (Idem). Cabe lembrar que Aragão fora um dos principais parceiros de Prowazek nos estudos sobre a varíola, sendo seu colaborador na descrição da estrutura que consideraram como agente causador da doença. Nos estudos sobre o alastrim, Aragão comprovou corpúsculos em filtros de colóide iguais aos da varíola-vacina, mas que não se coravam bem pelo Giemsa. Assim como Carini, ele também flagrara a ocorrência dos corpúsculos de Guarnieri na córnea de coelhos, mas diferentemente dele, afirmou que as diferenças entre os dois apontavam o alastrim como entidade autônoma. Foi Aragão quem também correlacionou a chamada mixomatose dos coelhos a um microrganismo que considerou como patógeno da doença. Classificou-o entre os clamidozoários, sugerindo a designação *Chlamidozoon myxomae*.

A etiologia da maior parte das doenças atribuídas a clamidozoários foi depois correlacionada a vírus, como a raiva, o molusco contagioso, varíola, varicela, o mixoma dos

coelhos, a febre aftosa e a peste suína. O agente do tracoma, também associado a uma doença sexualmente transmissível, foi classificado no gênero *Chlamydia* e acomodado entre as bactérias. Grosso modo, os clamidozoários, tais como compreendidos à época de Rocha Lima, foram rearranjados em família de dimensão bem mais restrita dos organismos hoje referidos como “clamídias”, que abrangem, além do agente do tracoma e da doença também chamada clamídia, o causador da conjuntivite e da pneumonia dos recém-nascidos (*Chlamydia pneumoniae*), e do chamado linfogranuloma venéreo.

As inclusões observadas nas outras patologias, depois identificadas como viroses, foram elucidadas como depósitos de partículas virais, envolvidas por produtos da reação celular. Aragão foi um dos que acompanharam o processo que levou à autonomização da virologia como campo disciplinar, em virtude dos estudos que faria posteriormente sobre a febre amarela e outras doenças virais. A produção científica de Rocha Lima enquadra-se no que poderíamos denominar precariamente processo de transição, quando a expressão “vírus” já assumia conotações mais próximas da definição moderna e os parâmetros clássicos da microbiologia tornavam-se problemáticos. Ele se ocupou de microrganismos cujas compreensão e enquadramento nas categorias biológicas da época foram bastante problemáticos. As propriedades de filtração, encaradas como fator que delimitava e definia os chamados “vírus filtráveis”, agora podiam também ser empregadas na categorização de seres, compreendidos como bactérias ou até mesmo como protozoários. Os clamidozoários – assim como depois, as riquetsias – subvertiam os parâmetros clássicos que orientavam o coletivo de pensamento da bacteriologia, no sentido atribuído por Fleck ao termo (1986). Requeriam, não só novas categorias conceituais, como também o desenvolvimento de novas técnicas ou a adaptação das vigentes, além de virtuosidade na execução das mesmas. Vimos que nosso personagem procurou relativizar o alcance e a validade dos postulados de Koch que até então consistiam no evangelho dos iniciados na bacteriologia médica. Isso porque ele dedicou-se a organismos de difícil caracterização morfológica e resistentes ao cultivo. Aliás, sua dedicação a seres biológicos a época tão peculiares, como os clamidozoários, e as resistências de grande parte dos pesquisadores a eles, fizeram com que o pesquisador do *Tropeninstitut* percebesse o quanto o conhecimento científico era condicionado temporalmente. Ele notou que a configuração dos objetos de estudo era estrangulada, entre outras coisas, pelos meios técnicos disponíveis no momento. Baseado nisso, adotou postura de cautela em relação às problemáticas de pesquisa com as quais se envolveu, evitando afirmações categóricas sobre enunciados que via como não definitivos “com base em nossos conhecimentos e meios atuais

de pesquisa”, como afirmou em diversas ocasiões. Os conhecimentos sobre os vírus filtráveis, por exemplo, consistiam para ele numa mudança que exigia reordenamento das categorias de pensamento. Acompanhar o desenvolvimento científico significava disposição para esse devir, em que concepções vigentes deveriam dar lugar às novas: “Na ciência, sobretudo na nossa, é preciso possuir ou adquirir a habilidade de moldar nosso modo de pensar às mudanças de idéias. Quando antigas teorias obstruem o caminho, devemos conscientemente colocá-las de lado e procurar novos rumos” (Rocha Lima, 1920).

2.7. Rocha Lima e os estudos sobre a malária

Vimos que a malária constituiu a doença em torno da qual ergueu-se o modelo conceitual da medicina tropical e representou a principal ameaça para os empreendimentos das potências imperialistas nas colônias e protetorados. Foi a enfermidade mais presente no Hospital dos Marinheiros de Hamburgo e constituiu um dos temas axiais da pauta de pesquisas do *Tropeninstitut*.

Rocha Lima tomou parte nos estudos sobre a malária, em 1913. Junto com Heinrich Werner, publicou trabalho sobre a avaliação do método de cultivo *in vitro* do parasita da doença desenvolvido pelo inglês Charles Cassedy Bass, no ano anterior (Rocha Lima & Werner, 1913). Bass desenvolveu o cultivo de *Plasmodium vivax* e *falciparum*, a partir do sangue de pacientes. Metade do sangue foi submetido à anti-coagulação e a outra metade à desfibrinação. A porção descoagulada foi aquecida a 40°C e adicionada de dextrose e maltose. Ele repartiu a suspensão em tubos, nos quais os glóbulos se sedimentaram e o soro ficou no sobrenadante. Segundo Bass, os parasitas desenvolviam-se na parte superior do sedimento de glóbulos sanguíneos, numa camada de mais ou menos um milímetro. Mas entre 20 horas e 3 dias, eles definhavam, sem ter aumentado de volume nem de número. Com a adição de mais dextrose, viu-se que era possível observar formas de evolução até os sete dias, mas com pouca vitalidade (Bass, 1912).

O método de Bass havia sido confirmado por outros autores, entre os quais o médico tropical alemão, Hans Ziemann. Rocha Lima e Werner tentaram aplicar o procedimento de Bass em seis casos de malária tropical e 5 de terçã. Confirmaram que o desenvolvimento dos parasitas da primeira era mais favorecido que os da segunda. Na maior parte dos casos, puderam seguir o desenvolvimento dos plasmódios até a divisão, mas não observaram uma

nova esporulação dos esquizontes, a forma de multiplicação no interior das células sanguíneas. Notaram formas bastante ativas de esquizontes, mas que atribuíram a um retardamento da esquizogonia – multiplicação assexuada dessas formas evolutivas – pelas condições artificiais de cultivo e não em virtude de uma nova esporulação *in vitro*, como insinuavam, por exemplo, Bass e Ziemann. Além disso, não constataram a multiplicação numerosa de parasitas em cultura. Estes autores teriam interpretado como multiplicação o fenômeno de aglutinação das hemácias parasitadas, argumentaram Rocha Lima e Werner. “Com base em nossas pesquisas não foi possível até agora confirmar uma verdadeira cultura *in vitro* de parasitas da malária com o método de Bass”, concluíram (Rocha Lima & Werner 1913, p. 549).

A malária foi tema de um segundo trabalho desenvolvido por Rocha Lima junto com o bacteriologista do Hospital Geral Saint Georg Wolfgang Jakob Erwin Jacobsthal.³⁸³ Eles abordaram a reatividade da reação de Wassermann, empregada no sorodiagnóstico da sífilis, na malária. Os estudos dessa reação eram a especialidade de Jacobsthal.³⁸⁴ O diagnóstico da sífilis consistia numa das principais tarefas do *St. Georg*. Jacobsthal dedicou-se durante anos à modificação do método diagnóstico com o propósito de torná-lo mais simples e seguro (Staronek 2007, p. 60). Utilizava-se como antígenos na reação de Wassermann extratos de órgãos, como por exemplo, de fígado de pacientes vitimados pela sífilis suspenso em álcool. A reação mostrava alta sensibilidade no diagnóstico por sífilis, mas logo viu-se que não era tão específica. O tema do trabalho de Rocha Lima e Jacobsthal foi exatamente avaliar a reatividade positiva em casos de malária, um fenômeno que já havia sido mencionado por

³⁸³ Wolfgang Jakob Erwin Jacobsthal nasceu em Estrasburgo, na Alsácia, em 1879. Formou-se em medicina na Kaiser-Wilhelm-Universität, situada na mesma cidade. Entre 1903 e 1906 atuou no departamento de medicina interna do Hospital Municipal de Wiesbaden e entre maio de 1906 e setembro de 1909 no Instituto de Anatomia Patológica Senckenbergische em Frankfurt. Transferiu-se em seguida para Hamburgo como médico-chefe (Oberarzt), ingressando no laboratório de Sorologia e Bacteriologia do Hospital Geral St. Georg. Desenvolveu ali prolífica carreira científica, trabalhando principalmente com sífilis e a reação diagnóstica desta doença desenvolvida por August Wassermann. Com a tomada do poder pelos nacional-socialistas em 1933, Jacobsthal teve de deixar o St. Georg devido à origem judia. Imigrou para a Guatemala em 1934 onde viveu até a morte, em 1952. Atuou na saúde pública local e no serviço médico da *United Fruit Company* (Staronek 2007). Recentemente a atividade científica de Jacobsthal foi alvo de escândalo público. Em 2010 vieram a tona experimentos feitos em 1948 pelos norte-americanos em colaboração com o serviço de saúde da Guatemala, os quais contaram com a participação de Jacobsthal. Eles infectaram 696 guatemaltecos com sífilis para verificar se a penicilina curava a doença ou apenas prevenia uma infecção prematura. A revelação desse episódio levou à manifestação pública do presidente da Guatemala Colom, que constituiu uma comissão binacional para identificar as vítimas desse experimento.

³⁸⁴ A reação de Wassermann consiste numa reação de fixação do complemento, conjunto de proteínas termolábeis do sistema imunológico, ou seja, é um método indireto de diagnóstico. Baseia-se na detecção de anticorpos no sangue ou no líquor. Foi desenvolvida pelo médico alemão August von Wassermann.

diversas vezes na literatura, mas com dados bastante discrepantes e explicações contraditórias. Eles apontavam, por exemplo, a influência do tipo de extrato empregado no teste, e a frequência maior de reação positiva no momento em que o parasita da malária encontrava-se no sangue (Jacobsthal & Rocha Lima, 1914).

A colaboração de Rocha Lima com Jacobsthal, favorecida pela relação de amizade entre os dois (Staronek 2007), deveu-se à disponibilidade abundante de casos de malária no *Tropeninstitut* e ao *know how* de Jacobsthal e do pessoal de seu laboratório do St. Georg na pesquisa e realização do teste diagnóstico da sífilis. O estudo envolveu mais de 600 pesquisas e o teste com o soro de 90 casos de malária, cujo quadro clínico e anamnese excluía a possibilidade de uma infecção sífilítica. Empregaram extrato aquoso e alcóolico de fígado e do coração de vítimas da sífilis. Os resultados alcançados foram tão heterogêneos quanto as menções encontradas na literatura. O mesmo método diagnóstico empregado pôde dar resultado positivo ou negativo com o soro palúdico dependendo do tipo de extrato utilizado. Em geral, o extrato de fígado de sífilíticos produziu reações mais intensas que os demais. Contrariamente ao que afirmaram outros autores, Rocha e Jacobsthal viram que mesmo durante o acesso palustre, quando o sangue contém muitos parasitas, a reação de Wassermann podia dar resultados negativos. Comprovaram que a série investigada de pacientes com malária apresentou reações positivas inespecíficas e, por isso, difícil de serem reproduzidas. Concluíram que a heterogeneidade dos resultados não era um acaso, mas um fenômeno típico. Até mesmo pacientes com malária crônica podiam apresentar resultados positivos, o que apontava para a cautela requerida na aplicação do teste de Wassermann. Somente depois de uma anamnese para a malária, é que poder-se-ia firmar com segurança se um teste positivo de Wassermann estabelecia diagnóstico de sífilis. Caso o paciente em questão viesse de região sabidamente malarígena, e os caracteres clínicos não fossem sinais inequívocos de sífilis, Rocha Lima e Jacobsthal recomendaram que o indivíduo fosse primeiro submetido ao tratamento com quinina e só depois da cura fosse repetido o teste (Jacobsthal & Rocha Lima, 1914)

Publicado originalmente no *Dermatologische Wochenschrift* (Semanário de Dermatologia), o artigo de Rocha Lima e Jacobsthal foi reimpresso no número especial, que veio a lume em 1914, em comemoração à inauguração das novas dependências do *Tropeninstitut*. Em carta a Arthur Neiva, Rocha Lima escreveu que a nova construção “traria imenso conforto moral”. O edifício projetado pelo renomado arquiteto Fritz Schumacher, situado defronte ao porto, foi inaugurado em 28 de maio de 1914, em cerimônia de grande

pompa.³⁸⁵ Heinrich Werner e Gustav Giemsa haviam aconselhado Schumacher nos detalhes técnicos. Eles foram buscar inspiração na Inglaterra, em Liverpool, cidade portuária na qual se localizava a escola de medicina tropical que viam como modelar. No centro, foi construído o prédio principal onde foram acomodados os laboratórios; no pátio, uma pequena construção, utilizada para as dissecações de patologia e anatomia; a leste, o prédio da clínica, ligado ao principal por uma construção de dois andares, e a oeste, a seção de veterinária. Os custos da nova construção somaram 2,3 milhões de Marcos (Mannweiler 1998, p. 46).

Além das novas instalações, o *Tropeninstitut* passou por uma reorganização em seu organograma. Os laboratórios foram elevados a Departamentos. Em alguns casos, o departamento incluía o diretor, o assistente científico e ajudantes. O Departamento de Medicina e Higiene Tropical Geral foi entregue à Friedrich Fülleborn; o de combate a epidemias e doenças tropicais, a Mühlens; o de Química a Giemsa; o de Protozoologia, a Prowazek e o de Bacteriologia, a Martin Mayer. O departamento de entomologia médica foi assumido por Erich Martini, que desde 1910 realizava no Instituto estudos naquela especialidade. Ele havia se especializado nos Estados Unidos. Para Rocha Lima foi criado o Departamento de Anatomia Patológica. Ziegler, provindo do serviço colonial, foi nomeado assistente de seu laboratório (Mannweiler 1998, p. 50). Nocht solicitou ao Senado e ao Colegiado Médico de Hamburgo a nomeação de Rocha Lima e Martini como assistentes científicos, com todos os direitos e obrigações legais que isso impunha. Até então, ambos estavam no Instituto como “*Hilfsarbeiter*”, funcionários auxiliares. Ele assegurou que ambos atuavam há muito tempo como pesquisadores com “absoluta competência”. A petição enviada por Nocht ao Senado de Hamburgo em 26 de janeiro de 1914 destacava como “assunto em questão”: nomeação de um assistente científico “não-cidadão do Reich” (*Nicht-Reichsangehörigen*). À época, a nomeação de estrangeiros como funcionários oficiais do Estado alemão não era um procedimento habitual. A competência científica de Rocha Lima e o fato dele atuar no *Tropeninstitut* desde setembro de 1909 foram utilizados por Nocht como

³⁸⁵ Fritz Schumacher atuou como chefe de obras da prefeitura de Hamburgo de 1908 até 1933, quando foi afastado. Dedicou-se às obras de reforma e embelezamento da cidade, através das quais procurou-se enfatizar sua importância econômica e adequá-la a um perfil mais moderno de centro de negócios. Além do *Tropeninstitut*, Schumacher projetou na época, o Museu de História de Hamburgo, o centro financeiro de Gänsemarkt, o crematório do cemitério de Ohlsdorf, etc. Alguns dos prédios projetados por ele ainda hoje existem em Hamburgo. É possível reconhecer uma identidade de estilo, que remete à arquitetura inglesa de Liverpool e Manchester.

argumentos para justificar aquela solicitação.³⁸⁶ Segundo lei do Império alemão de 1913, a contratação de estrangeiros para serviços “mediatos ou imediatos” requeria a concessão de um certificado de naturalização, que permitia, porém, que se mantivesse a cidadania anterior. Em ofício de 02 de março de 1914, o Senado Alemão comunicou não haver nenhuma restrição à concessão da cidadania alemã a Rocha Lima, tornando possível sua nomeação como assistente científico do *Tropeninstitut*. Foi assim que ele adquiriu a condição de cidadão brasileiro e alemão.³⁸⁷ Ao “duplo cidadão”, foi imposta a condição de não realizar “a não ser sob condição determinada” o tratamento de doentes, e nem participar de qualquer ação oficial, uma vez que seu título de médico não fora homologado na Alemanha.³⁸⁸

A nomeação de Rocha Lima como pesquisador oficial e diretor de departamento do Instituto de Doenças Tropicais significou a plena integração dele às fileiras da comunidade médico-científica alemã. Ele já havia sido bem-sucedido no diálogo com seus pares, estabelecido por meio dos temas de pesquisa aos quais se dedicou. Colaborara com alguns dos colegas em investigações que contribuíram para abrir novas problemáticas de trabalho. Praticamente fundou no *Tropeninstitut* a seção voltada à anatomia patológica, um ramo importante, porém não tão prestigiado, se comparado às demais sub-disciplinas que compunham a microbiologia e a medicina tropical. Ele abordou as doenças ditas tropicais a partir da investigação histopatológica, ligando esta aos dinâmicos estudos que envolviam a descrição de patógenos e vetores, a elucidação do seu ciclo de vida dos mesmos, a caracterização clínica das manifestações patológicas, os fenômenos ligados à imunidade e o desenvolvimento de métodos diagnósticos, de tratamento e profilaxia das “moléstias exóticas”. Procurou integrar-se aos dois coletivos relacionados a essa cruzada cognitiva: participou entre os anos de 1911 e 1914 de todas as reuniões da Sociedade Alemã de Patologia, da qual tornou-se membro, e filiou-se ainda à Sociedade Alemã de Medicina Tropical.

Por meio de sua produção científica, Rocha Lima contribuiu para o robustecimento do programa de pesquisas do *Tropeninstitut* e o reconhecimento do mesmo como principal local

³⁸⁶ StA HH 111-1 Senat CI VII. Lit Qb 8b Vol. 15 Fasc. 9. Ofício de Bernhard Nocht ao Senado de Hamburgo de 26.01.1914.

³⁸⁷ StA HH 111-1 Senat CI VII. Lit Qb 8b Vol. 15 Fasc. 9. Schreiben des Chefs der Aufsichtsbehörde für die Standesämter am 05.02.1914 und am 02.03.1914.

³⁸⁸ StA HH 111-1 Senat CI VII. Lit Qb 8b Vol. 15 Fasc.13. Auszug aus dem Protokoll des Medizinalkollegiums 111te. Sitzung, Hamburg 12.02.1914. Zum Präsident des Medizinalkollegiums 07.04.1914. Zum Präsident des Medizinalkollegiums 19.06.1914 e Auszug aus dem Protokoll des Bürgerausschusses 7te. Sitzung am 06.07.1914.

de estudos em território alemão das chamadas doenças tropicais. O elegante edifício erguido à beira do Elba simbolizou o reconhecimento, por parte das autoridades do Império Alemão e da cidade de Hamburgo, da importância assumida por aquela instituição para a manutenção da saúde das colônias e protetorados, já que tornara-se ponto de passagem obrigatório para os oficiais que quisessem atuar nos territórios sob domínio germânico. Isso era reconhecido por renomados médicos tropicais da Alemanha atuantes em outras instituições: Hans Ziemann, Emil Steudel, os irmãos Plehn, Claus Schilling, Friedrich Kleine, etc (Mannweiler 1998, p. 52). Além disso, havia firmado laços seguros com o governo de Hamburgo, uma vez que assegurou o controle e a inspeção da higiene nos navios e no porto, centro pulsante da atividade econômica da cidade. Durante a Segunda Guerra, quando o edifício e o patrimônio científico do *Tropeninstitut* ameaçavam ruir, Nocht recordou, nostálgico, aquele período:

novas incumbências, novos e belos laboratórios, abundantes meios de trabalho, em particular doentes dos quatro cantos do mundo interessantes e gratos e cursos que para todos os participantes era novo, interessante e instrutivo, os quais acolhiam ansiosos a todo o conhecimento que lhes oferecíamos (Nocht 1941 *apud* Mannweiler 1998, p. 54).

Rocha Lima sentiu-se satisfeito com a vida em Hamburgo. A troca parecia ter valido a pena, tanto que em 1911, recusara convite de Hilário de Gouveia para ocupar a cadeira de anatomia patológica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Gouveia estava envolvido com a reforma do currículo e estrutura da escola médica. Ele confessou a Hugo Werneck os motivos pelos quais optou em ficar em Hamburgo:

Tive um convite do Hilário para ir tomar conta da cadeira de anatomia-patológica no Rio, à vista deste convite foram-me dadas aqui promessa de vantagens que eu nunca supus poder alcançar, por isso resolvi continuar aqui onde me sinto muito bem em um meio científico e moral de acordo com a minha individualidade, em vez de ir para lá, jogar as cristas, ser descomposto, desrespeitado, e por fim, desanimar.³⁸⁹

Mais de dois anos depois, Rocha Lima tornou a manifestar a satisfação por ter decidido ficar em Hamburgo, cuja tranquilidade era perturbada apenas pela febre do feno: “Continuo por essa até agora, muito satisfeito com a minha sorte sob todos os pontos de vista (exceto a febre do feno!!)”. Tratava-se de uma reação alérgica, que desenvolvia-se contra o

³⁸⁹ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 12.04.1922. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

pólen de algumas plantas transportado pelo ar. Ela manifestava-se com maior intensidade na primavera, causando sintomas como espirros, congestão nasal, olhos lacrimejantes, dor de cabeça, fadiga, comichão na garganta e nariz, falta de ar e dificuldade de dormir. Seria uma queixa constante dele no período em que viveu na cidade hanseática. Mas o contentamento com o ambiente científico no qual desenvolvia seu trabalho, e através do qual, como vimos até aqui, conquistava reconhecimento e prestígio, compensava, por ora, aquele incômodo:

Sem amigo nem protetores consegui ganhar a confiança e firmar-me no conceito dos meus companheiros e chefes e, assim, foi criado para mim, sem que eu pedisse ou se quer falasse nisso, um lugar vitalício de Chefe de Serviço de anatomia patológica e sorologia. Os ordenados aqui são pequenos, mas sempre chega o que ganho para pagar casa, comida e criada, e chegaria para tudo o mais se houvesse necessidade de restringir aquelas despesas. A atmosfera moral, o respeito mútuo, a tendência a resolver os atritos de uma maneira conciliadora e digna, tudo isto continua a ser o motivo que mais me prende aqui. De saúde, exceptuando o maldito defluxo do feno que me atormenta de maio até julho, passo sempre muito bem. Irei ao Brasil assim que puder, não sei, porém, quando será, em todo caso breve.³⁹⁰

A deflagração da Primeira Guerra obrigou Rocha Lima e a maior parte dos demais colaboradores do *Tropeninstitut* a deixar a vida cotidiana e as modernas e confortáveis instalações de pesquisa, para atuar nos serviços médicos do front. Nosso personagem foi convocado para estudar e combater epidemia de tifo exantemático, ocasião na qual realizou aquela que é apontada como sua principal contribuição científica. Analisaremos, no capítulo seguinte, os estudos que levaram-no à caracterização do agente etiológico da doença, a *Rickettsia prowazeki*, e identificação de uma nova categoria de microrganismos, situados na fronteira entre as bactérias e os vírus.

³⁹⁰ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 20.12.1913.

CAPÍTULO 3 A MEDICINA NO FRONT: ROCHA LIMA, O TIFO EXANTEMÁTICO E AS RIKUÉTSIAS

Abril de 1916. Enquanto o exército alemão enfrenta, desde fevereiro, as tropas francesas em sangrenta batalha nas proximidades de Verdun, médicos de diferentes regiões da Alemanha reúnem-se em Berlim, entre os dias 21 e 23 no Congresso de Patologia de Guerra. Lá discutem as observações e pesquisas concernentes às doenças que grassam no front, técnicas cirúrgicas recém-desenvolvidas, a organização da assistência médica e o tratamento dos feridos. Muitos dos participantes do Congresso trajam uniformes militares, pois pertencem às organizações médicas das forças armadas de Guilherme II, ou aderiram a elas logo após a deflagração do conflito. Alguns assuntos dominam a pauta do Congresso. Entre eles, o tifo exantemático, doença estreitamente associada a campanhas militares e que na Grande Guerra cobrava vidas não apenas de oficiais e soldados, como de pessoas ligadas à assistência dos doentes e dos que se dedicaram a estudá-la. O tifo foi o tema da comunicação de Henrique da Rocha Lima, que informou, então, haver isolado o agente etiológico há muito tempo perseguido: minúsculas estruturas em formas de cocos ou bastonetes, que se dispunham geralmente aos pares, ligados entre si por uma substância de coloração mais fraca e encontradas em grande quantidade no conteúdo intestinal de piolhos provenientes de pacientes com tifo. Ele denominou o microrganismo *Rickettsia prowazeki*, em homenagem aos dois pesquisadores que haviam tombado vítimas do tifo – Howard Taylor Ricketts e Stanislas von Prowazek. O assunto em questão era um campo minado por controvérsias e desconfianças. Dezenas de microrganismos haviam sido já incriminados como patógenos e nenhum deles fora confirmado. Desde o começo da Guerra, quando a doença tornou-se um entrave às operações militares e ganhou novamente a pauta da pesquisa médica, o número dos germes incriminados havia se multiplicado. Ao tornar público os resultados das pesquisas que vinha realizando há cerca de um ano e meio, Rocha Lima adentrou esse cipóal de disputas e discussões acaloradas. Disposto a conquistar a primazia em tão importante questão científica, passou a defender a função etiológica da *Rickettsia prowazeki* por meio de provas experimentais e recursos argumentativos nos mais reputados periódicos médicos alemães da época. Ao mesmo tempo, prosseguia os delicados procedimentos experimentais, com o objetivo de acumular evidências que comprovassem sua descoberta. Mesmo assim, teria de

aguardar muitos anos até que seus enunciados fossem amplamente aceitos. Reconstruirei aqui o percurso de construção dessa “caixa-preta”, hoje apresentada de forma axiomática em manuais médicos e livros-texto, quando tratam não apenas do tifo exantemático - doença causada pela *Rickettsia prowazeki* – como das riquetsias como categoria biológica específica, e outras doenças a elas relacionadas. Acompanharei as pesquisas de Rocha Lima e delinearei o “estado da arte” dos conhecimentos sobre a etiologia e epidemiologia do tifo à época em que se dedicou a seu estudo. Ao contrário do que sugere a abundante memorialística médica dedicada a defender a prioridade do cientista brasileiro naquela “descoberta”, pretendo demonstrar que a identificação, descrição e comprovação da *Rickettsia prowazeki* como causadora do tifo e paradigma de nova categoria de microrganismos foi um processo bastante acidentado. Limitações e dilemas surgiram no decurso dos experimentos. A divulgação dos resultados suscitou controvérsias com os pares. Apesar disso, as pesquisas sobre o tifo e as riquetsias conferiram a nosso personagem reputação internacional e certamente foram fator decisivo para a sua plena integração à comunidade médico-científica alemã. Após a guerra, o nome de Rocha Lima dificilmente seria desconhecido dos colegas alemães, tampouco dos médicos e pesquisadores estrangeiros dedicados àquele tema.

Os significados das pesquisas de Rocha Lima estão intimamente relacionadas à importância médico-científica assumida pelo tifo no turbulento contexto da guerra. Abundante material de estudo ficou disponível em virtude das epidemias que grassaram com maior ou menor severidade nos cenários de batalhas e nos campos de prisioneiros. O treinamento que Rocha Lima tivera como patologista foi fundamental para o encaminhamento das pesquisas. A habilidade nada trivial em processar e analisar preparados histológicos a partir de material muito delicado e contagioso foi decisiva para que ele lograsse flagrar entre as objetivas do microscópio os minúsculos corpúsculos, no limite da visibilidade, de difícil coloração e arredios a todas as tentativas de cultivo em meio artificial. Ao mesmo tempo, o perfil dos resultados apresentados dificultou sua aceitação, uma vez que os dados experimentais disponíveis à época “apontavam menos na direção dos corpúsculos observados em esfregaços de piolhos do que na de outros possíveis agentes causadores” (Bier, 1956, p. 16). No entanto, a consolidação da etiologia do tifo e da caracterização das riquetsias como fatos científicos estiveram longe de ser um processo individual. Contribuições posteriores de outros pesquisadores é que trariam evidências mais concretas para a estabilização dos enunciados de Rocha Lima. O que comprova que a atividade científica é um empreendimento de caráter sócio-cognitivo, que se realiza no âmbito de coletivos que comungam de pressupostos

comuns, e não a realização de “gênios individuais”, guiados pela razão e por um “método” superior que viabilizariam as “descobertas”. Esta, porém, ainda é a visão com a qual médicos e cientistas dão sentido à sua atividade ou às tradições de que se julgam tributários. Não por acaso, em 1950, 34 anos depois de ter comunicado seus achados e seis anos antes de morrer, Rocha Lima ainda lutava para ter reconhecida a prioridade na descrição da *Rickettsia prowazeki*. Desacorçoado, pôde perceber que a atribuição de méritos e competências quase nunca é pautada apenas por critérios estritamente experimentais, mas sim pelas assimetrias, cisões e relações de poder que estruturaram e ainda estruturam a ciência internacional.

3.1. O tifo exantemático como problema científico: a busca pelo agente etiológico

O tifo exantemático foi originalmente definido a partir de manifestações clínicas. O termo *typhus* (fumaça, névoa, estupor) foi empregado por Hipócrates para designar quadros de febre aguda, com manchas máculo-papulosas pelo corpo e delírios mentais. Ele está ligado aos sintomas associados ao comprometimento do sistema nervoso, os quais provocam, tontura, sonolência e turvação da visão. A associação da palavra com uma doença só passou a ser utilizada de forma corrente a partir do século XVIII (Winckle, 1997, p. 618; Harden, 1993, p. 1080; Rebouças, 2009, p. 55).

O tifo ocorre como infecção natural somente em humanos e atinge níveis epidêmicos nos meses frios do inverno. Hoje compreende-se que a alta infecciosidade entre populações densamente aglomeradas e em más condições de higiene e alimentação deve-se à transmissão pelo chamado piolho-do-corpo (*Pediculus humanus capitis*) da *Rickettsia prowazekii* (Rocha Lima 1916). Após um período de incubação que varia de 5 a 15 dias, subitamente aparecem os sintomas, semelhantes a uma gripe: dor de cabeça, dores no corpo, perda de apetite e logo acesso febril, que breve alcança os 39-40°C. A febre dura de 10 a 12 dias e vem acompanhada de ataques de calafrio, náusea e fraqueza. Cerca de quatro a seis dias depois do acesso inicial aparecem exantemas vermelhos por todo o corpo, principalmente no peito e abdomen. Do tamanho aproximado de lentilhas, podem desaparecer após a recuperação ou evoluir para formas de cor amarronzada que perduram por vários meses. A febre decai, nos casos favoráveis, ou evolui para um quadro mais grave, caracterizado por sintomas nervosos cerca de duas semanas depois do início da doença, os quais variam de paralisia até ataques epiléticos. Isso levou a que a doença fosse também conhecida como “febre dos nervos”

(Winkle 1997, p. 618). As complicações do sistema nervoso levam quase invariavelmente à morte. Os danos provocados em diferentes órgãos devem-se à multiplicação da *Rickettsia prowazeki* nas células endoteliais dos vasos sanguíneos, cuja inflamação é responsável pelo aparecimento dos exantemas por todo o corpo e pelo severo comprometimento do cérebro. O ataque de tifo confere imunidade duradoura, embora a doença possa reincidir em caso de depressão do sistema imunológico da vítima. Costuma ser fatal em mais da metade dos pacientes com mais de 40 anos, ao passo que em crianças se manifesta de forma leve, quase imperceptível (Harden, 1993).

As erupções cutâneas levaram à descrição da doença como *spotted fever*, em inglês, *typhus exanthematicus* em francês, tifo exantemático ou *tabardillo* em espanhol e, ainda, *typhus esantematico* em italiano (Harden 2003, p. 1080). Em alemão, *typhus* foi empregado para descrever quadro clínico mais próximo da doença que hoje conhecemos como febre tifóide, com a qual, aliás, o tifo exantemático foi frequentemente confundido, pois ambas têm manifestações clínicas semelhantes. Alguns médicos tentaram distingui-las por meio do diagnóstico patológico, baseado na presença ou não de placas de Peyer, nódulos de tecido linfático que se encontram em certas porções do intestino (Humphreys, 2006).³⁹¹ O termo *Fleckfieber* passou a designar, na língua alemã, o tifo exantemático, em contraposição ao “*typhus abdominalis*”. Na verdade, perduraram as confusões entre ambas doenças mesmo depois da descrição do bacilo causador da febre tifóide, em 1880, por Karl Joseph Erbert.

O tifo é uma doença associada à miséria e às más condições de higiene. Recebeu diferentes nomes de acordo com as circunstâncias em que ocorria com mais frequência: *morbus carcerum* ou febre das prisões; febre dos navios, dos acampamentos ou, ainda, febre da fome. As precárias condições de higiene nas viagens e migrações de populações refugiadas foram particularmente propícias ao aparecimento do tifo. Em campanhas militares grassou de forma intensa: devido à alta infecciosidade e a taxas de mortalidade que podiam variar de 5 a 40%, muitas vezes cobrou mais vidas que as próprias operações de guerra (Winkle 1997; Harden, 1993).

³⁹¹ Conforme demonstra Harden (1993, p. 1082-3) os médicos norte-americanos William Jener e Austin Flint apresentaram evidências que convenceram grande parte dos seus pares, nos Estados Unidos, de que o tifo e a febre tifóide tratavam-se de doenças distintas. Sobre a distinção entre tifo e febre tifóide e seu impacto na medicina norte-americana ver Smith, 1980.

Assim como outras doenças febris, como malária e febre amarela, o tifo foi alvo de indefinições e descrições controvertidas na literatura médica. Antes mesmo de firmar-se a bacteriologia como especialidade médico-científica e de ser plenamente reconhecido o papel de microrganismos específicos na etiologia de doenças infecciosas, o alemão Ernst Hallier – que Gradmann (2010, p. 50) inclui entre os desbravadores dos caminhos para o estabelecimento da disciplina – observou certos microrganismos no sangue de tíficos em forma de micrococos, que em cultura desenvolviam-se como um fungo que denominou *Rhizopus nigricans*. Cumpre ressaltar que Hallier esteve entre os maiores defensores do polimorfismo, ou seja, a idéia de que os microrganismos assumiam diferentes formas de acordo com as condições nas quais cresciam. Além do tifo, associou uma série de doenças infecciosas a fungos que apresentavam formas particulares quando encontrados no organismo humano, e cujos esporos eram responsáveis pela difusão das infecções.³⁹²

O clima de otimismo da era da bacteriologia levou a numerosas tentativas de isolar o agente etiológico daquela doença altamente contagiosa. Nos anos de 1880, era de ouro dos caçadores de micróbios, em que vários patógenos – predominantemente bactérias – foram isolados e descritos, procurou-se pelo germe causador do tifo. A incriminação de um microrganismo como agente patogênico envolvia o cumprimento de requisitos enfileirados em 1884 nos chamados “postulados de Koch”, a saber, o isolamento e cultivo do germe em cultura pura e a reprodução da doença através de inoculação do mesmo em animal de laboratório. Em 1883, Frederick M. Mott e J. Blore comunicaram ter observado espirilos móveis no sangue de pacientes com tifo. Cinco anos depois, Moreau e Cochez apontaram como causador da doença um bacilo encontrado no sangue e cérebro de pacientes. Timothy Matlack Cheesman relatou achado semelhante, de bactérias dispostas na maior parte das vezes aos pares ou em cadeias, que denominou *Bacillus sanguinis typhi exanthematici*. Em 1888, Jaroslav Hlava comunicou ter encontrado no sangue de doentes e em 22 cadáveres, bacilos curtos, ovóides, por ele identificados como estreptobacilos. Afirmou ainda ter reproduzido em cobaias inoculadas com esses germes um quadro caracterizado por aumento da temperatura e emagrecimento, observando-se numa delas exantema na região da garganta. No ano seguinte von Babes descreveu grânulos arredondados dispostos aos pares, isolados e cultivados a partir de um cadáver de tífico. Em 1892, os franceses Léon Henri Thoinot e Léon Charles Albert Calmette encontraram no sangue e baço de doentes filamentos móveis, aos

³⁹² A esse respeito ver também Benchimol, 1999; 2004, p. 68-78.

quais também atribuíram possível papel na etiologia do tifo, sem afirmar ao certo se eram bactérias ou protozoários. Ainda em 1892, o russo S. W. Lewaschew identificou três estruturas de microrganismos que correlacionou a formas distintas de desenvolvimento do patógeno. Em 1893, Dubief e Brühl afirmaram ter encontrado no sangue, no baço e nos exantemas cutâneos um microrganismo por eles denominado *Diplococcus exanthematicus*. Microrganismo semelhante foi descrito por Balfour e Porter, que, no entanto, relataram a ocorrência do mesmo em grande parte dos casos de febre tifóide por eles analisados. Em 1895, Afanasjew isolou bacilos dispostos aos pares em 14 casos de tifo. Em 1903, Felix Gotschlich comunicou ter encontrado no sangue de tíficos um protozoário, que, no interior dos eritrócitos apresentava uma estrutura piriforme e, no fluido sanguíneo, aparecia sob a forma de cistos e corpúsculos flagelados. Krompecher, Goldzieher e Augyan descreveram estrutura semelhante também no sangue de pacientes em 1909 (Wilson, 1910; Rocha Lima 1919).

Na virada do século XIX para o XX, a comprovação das teorias de imunidade celular e humoral e o reconhecimento de reação específica do organismo humano a patógenos levaram ao uso dos testes sorológicos como prova da relação causal entre microrganismos e tifo. O *Bacillus febris exanthematici* cultivado por Horiuchi em 1908 ganhou notabilidade em virtude da capacidade de aglutinação específica do soro de tíficos, mesmo em altas diluições. Em 1910, W. James Wilson afirmou ter encontrado diplococos gram-positivos em vários casos de tifo, os quais também eram capazes de aglutinar o soro tifoso altamente diluído. Outro candidato a patógeno gozou de grande notabilidade: o *Diplobacillus exanthematicus*, descrito pelo russo Marcus Rabinovitch, em 1909. Este duplo-bacilo gram-positivo fora cultivado a partir do sangue e dos órgãos de doentes e observado em esfregaços corados pelo Giemsa. Era capaz de produzir quadro semelhante ao tifo em coelhos, cobaias, ratos e camundongos, a partir dos quais podia ser isolado e cultivado. Além disso, assegurava o pesquisador russo, o microrganismo reagia especificamente na presença do soro de tíficos em mais de 80% dos casos, tanto no teste de aglutinação como no de fixação do complemento. Um ano depois, W. Predtjetchensky afirmou ter encontrado em quase todos os casos de tifo pesquisados um bacilo curto, de extremidades arredondadas, que não era encontrado no sangue de pessoas sadias ou acometidas por outras doenças. Semelhante tanto a este micróbio quanto ao de Rabinowitsch, era aquele identificado por Fürth em 1912, em quase metade dos tíficos. Cultivado a partir de sangue e órgãos de pacientes, o bacilo de Fürth podia ser visualizado microscopicamente em esfregaços de sangue corados pelo Giemsa. No entanto,

aglutinava o soro de doentes só em alguns poucos casos. No ano seguinte, Müller alegou ter comprovado a ocorrência do bacilo de Fürth (Rocha Lima, 1919).

Descrições similares de supostos agentes patogênicos sucederam-se nos anos seguintes, sobretudo durante a Primeira Guerra, quando severas epidemias nas regiões em conflito deram novo destaque à doença. À época em que Rocha Lima apresentou sua *Rickettsia prowazeki* isolada em piolhos encontrados em pacientes, o número de germes incriminados somava mais de 30. No entanto, essa busca furiosa do agente etiológico na virada do século veio acompanhada de grandes lacunas na compreensão dos aspectos epidemiológicos. Sabia-se que o tifo incidia principalmente nos meses mais frios e estava relacionado a más condições de higiene e alimentação. Em 1848, Rudolph Virchow havia chamado atenção para estes fatos, ao ser destacado para investigar uma epidemia na Alta Silésia (Winckle 1997, p. 662). Os principais enigmas epidemiológicos foram esclarecidos pelo francês Charles Nicolle quando elucidou o modo de transmissão do tifo no Instituto Pasteur de Túnis, em 1909. Ele e sua equipe realizaram uma série de pesquisas sobre a infecção de animais de laboratório, contribuindo para sedimentar o terreno em que se desenvolveriam as investigações posteriores. Dessa forma, Nicolle tornou-se uma das maiores autoridades internacionais nos estudos sobre a doença na primeira metade do século XX.

3.2. As pesquisas de Charles Nicolle e do “grupo de Túnis”

Desde 1903, o bacteriologista francês Charles Jules Henri Nicolle dirigia o Instituto Pasteur sediado em Tunis, uma das filiais da rede de instituições expandidas para o ultramar.³⁹³ Ali ele encontrou um ambiente livre para desenvolver suas idéias sobre bacteriologia, além de possibilidades concretas de estudo de doenças como leishmaniose, malária,

³⁹³ Charles Jules Henry Nicolle nasceu em Rouen, em 21 de setembro de 1866. Filho do médico Eugène Nicolle, foi desde cedo familiarizado com a biologia. Seu irmão, Maurice Nicolle foi diretor do Instituto Bacteriológico de Constantinopla e professor do Instituto Pasteur de Paris. Charles estudou medicina em Rouen e depois seguiu o irmão, que atuava em hospitais da capital francesa. Ali trabalhou com Emile Roux no Instituto Pasteur, onde desenvolveu trabalho sobre o cancro mole, que lhe conferiu em 1893 o grau de doutor. Retornou a Rouen para assumir o cargo de professor da escola de medicina, na qual permaneceu até 1903, quando foi nomeado diretor do Instituto Pasteur de Túnis, cargo que ocupou até a morte, em 1936. Além de elucidar o modo de transmissão do tifo, Nicolle fez estudos importantes sobre a febre de Malta, contra a qual desenvolveu uma vacina, escarlatina, peste bovina, sarampo, influenza, tuberculose e tracoma. Ele demonstrou o modo de transmissão da piroplasmose equina e cultivou em meios artificiais a *Leishmania donovani* e *Leishmania tropica*. Além dos estudos científicos, Nicolle conquistou reputação como filósofo e romancista. Sobre Charles Nicolle ver Pellis, 2006.

brucelose, febre recorrente e escarlatina. O fato de muitas delas apresentarem à época aspectos obscuros constituía uma promessa de ascensão profissional àqueles que se dedicassem a estudá-las. A capital da Tunísia era à época tão conhecida pela alta incidência de tifo quanto pelos minaretes que marcavam sua paisagem. A doença prevalecia entre as comunidades pobres de Tunis, principalmente entre aquelas populações aglomeradas em prisões e asilos. Obedecendo à dinâmica observada em outros locais, grassava em surtos epidêmicos nos meses frios, quando os hospitais ficavam superlotados de infectados, e retrocedia no início do verão. Grande parte dos médicos que atuavam no departamento de saúde local havia contraído a doença e cerca de um terço foi vitimado por ela. Nicolle passou a fazer observações epidemiológicas e estudos experimentais sobre o tifo. Em 1909, conseguiu reproduzir num chimpanzé inoculado com sangue de paciente de tifo um quadro febril, com a presença de exantemas faciais. O mesmo quadro manifestou-se em macacos inoculados com o sangue deste chimpanzé (*Macaca sinica*), comprovando que o tifo era transmissível a primatas e possível de ser transferido de um a outro em série. Rocha Lima vê nesse fato a primeira ruptura na história do tifo, quando teria se iniciado a “fase moderna” das pesquisas, com a prevalência dos experimentos animais (Rocha Lima 1919). Logo Nicolle demonstrou que outras espécies de macacos (*M. rhesus*, *cynomolgus* e *M. inuus*) também eram sensíveis à inoculação de sangue tifoso. Em seguida, comprovou que cobaias apresentavam elevação de temperatura e outros sintomas semelhantes ao tifo em humanos quando inoculadas com material infeccioso.

A comprovação da susceptibilidade de macacos e cobaias ao tifo abriu enormes possibilidades para Nicolle e outros que investigavam a doença. Puderam empreender uma série de experimentos, sem correr risco semelhante ao do russo Motschukowsky, que em 1900 inoculou em si próprio material contaminado com tifo (Winkle 1997, p. 662). Através do experimento animal, Nicolle pôde testar algumas hipóteses formuladas a partir de observações epidemiológicas, chegando à elucidação do modo de transmissão. Nicolle atribui esse feito a súbita intuição que teria tido ao entrar em hospital de Tunis, no qual teria reparado que os pacientes tifosos eram capazes de transmitir a doença até o momento em que eram admitidos no estabelecimento de saúde. Uma vez banhados e trocados de roupa, não representavam mais nenhum risco para os demais pacientes. Suspeitando que o agente transmissor da doença pudesse ser o piolho-do-corpo, teria realizado experimentos animais para testar essa hipótese. De acordo com Zinsser (1940), é mais correto supor que elas tenham resultado de observações e hipóteses acumuladas na longa trajetória de estudos sobre a doença, as quais procuraria

fundamentar em experimentos em laboratório (Zinsser, 1940). Em biografia do pasteuriano, Kim Pellis (2006) aprofunda essa hipótese e demonstra que desde as epidemias de tifo que grassaram em Tunis em 1903, o colaborador de Nicolle, Ernst Conseil, realizara uma série de observações epidemiológicas. Principalmente na epidemia de 1906, ele se familiarizou com o padrão de infecção da doença, observando o fenômeno de que ela retrocedia quando os pacientes eram admitidos nos hospitais. Reuniu essas observações, que publicou em artigo de 1907 no *Archives de l'Institute Pasteur de Tunis* (Pellis 2006, p. 57). Com base nessas investigações, que sugeriam fortemente a infecção por um inseto, é que Nicolle encetou seus experimentos de transmissão a primatas em laboratório. Ele aplicou 30 piolhos em macacos infectados com tifo e depois colocou-os para sugar macacos sãos: um deles morreu e o que resistiu, demonstrou ter adquirido imunidade quando novamente inoculado, ficando comprovada a transmissão pelo ectoparasita. A desconfiança do papel do piolho na transmissão não estava relacionada apenas às inferências epidemiológicas: em 1907, o britânico F. Percival Merke apontara, na Índia, a transmissão da febre recorrente pelo inseto, que foi comprovada, no ano seguinte, por Edmond Sergent e Henry Foley, na Argélia. Posteriormente, Sergent e seus discípulos defenderiam que foi este trabalho que teria levado Nicolle a suspeitar do piolho como transmissor do tifo (Idem, p. 63-4).

Os experimentos de Nicolle estenderam-se de junho a agosto de 1909, quando ele, Charles Comte e Ernst Conseil comunicaram ter reproduzido o tifo em dois macacos por meio de piolhos - Um mês depois da primeira comunicação, os resultados foram apresentados à Academia de Ciências de Paris. Nicolle e colaboradores comprovaram ainda que o “vírus” do tifo podia ser mantido através da passagem de cobaia a cobaia (Nicolle, Conseil & Conor 1911), dado importante, porque o patógeno parecia não ser cultivável nos meios habitualmente utilizados. A prova de imunidade - verificação da resistência ou susceptibilidade do animal após a inoculação com material comprovadamente infeccioso - consistia, segundo o pesquisador francês, num critério bastante seguro para avaliar a positividade da infecção experimental. Muitas vezes os animais infectados apresentavam de forma fraca os sintomas (sendo a principal a curva febril), podendo induzir o pesquisador ao erro de interpretar a infecção como negativa.

Tendo conseguido a infecção experimental de animais de laboratório, Nicolle e sua equipe puderam realizar testes para elucidar a questão etiológica. Como nenhum microrganismo parecia ser cultivável nem identificável de forma irrefutável no microscópio, ganhou vulto a hipótese de que o patógeno do tifo estava entre os chamados “vírus filtráveis”,

um conceito que assumia projeção no tempo em que o pesquisador francês realizou suas pesquisas. Ele designava agentes microbianos que atravessavam filtros capazes de deter as menores bactérias conhecidas, como o de Chamberland, Kitasato e Berkefeld. Na década de 1890, uma série de patógenos passou a ser correlacionada àquela categoria de seres. Em 1892, o russo Dmitry Ivanovsky e, seis anos depois, o holandês Martinus Beijerinck, demonstraram, de forma independente, que o agente do mosaico do tabaco era capaz de atravessar os filtros bacterianos, eventos a partir dos quais ganhou força a noção dos “vírus filtráveis”. Ainda em 1898, Friedrich Löffler e Paul Frosch, correlacionou o causador da febre aftosa àqueles seres. Doenças como a raiva, a mixomatose dos coelhos e a peste bovina também seriam associadas aos agentes ultramicroscópicos e não-cultiváveis. Para alguns, “vírus filtráveis” eram bactérias de proporções minúsculas, para outros - como Émile Roux, por exemplo – tratava-se de um novo tipo de organismo (Grafe, 1991). Em 1903, mesmo ano em que Nicolle assumiu a direção do Instituto Pasteur de Tunis, Roux reviu a literatura sobre o assunto e classificou os agentes etiológicos de pelo menos 10 doenças entre os então chamados “vírus e micoplasmas”. Se por um lado o termo “vírus” assumia contornos mais próximos de sua definição moderna, por outro permaneceu à época sendo empregado de forma relativamente indistinta para designar patógenos desconhecidos e, nesse caso, compreendido quase como sinônimo de “agente causador”. Rocha Lima define o que expressava o emprego mais livre do termo: “vírus é fundamentalmente o mesmo que patógeno, porém, nós falamos de vírus apenas quando o agente causador não é conhecido ou ainda não tem reconhecimento geral; com a palavra ‘vírus; queremos dizer material cuja patogenicidade é comprovada em experimentos animais” (Rocha Lima 1916g). Em outra ocasião, precisou: “usado somente no seu sentido mais geral e primitivo de um agente patógeno transmissível, independentemente de sua natureza microbiana, sua visibilidade ou filtrabilidade, observado apenas pela reação que produz quando inoculado em animais de experiência (cobaias)” (Rocha Lima 1951).

Nicolle e seus colaboradores acreditavam que os “vírus filtráveis” constituíam grupo distinto de microrganismos e incluíram o agente do tifo exantemático entre aqueles seres. O fato de não ser cultivável e não ser identificável de forma irrefutável ao microscópio, depunha a favor da hipótese de Nicolle. Junto com Conseil e Conor, realizou experimentos para provar a filtrabilidade do “vírus” exantemático: cinco macacos (*M. sinica*) foram inoculados com o soro filtrado do sangue de um tifoso e 2 com soro não-filtrado. Nenhum contraiu a doença. Um oitavo macaco inoculado com soro filtrado apresentou tênue elevação de temperatura, mas como demonstrou ter adquirido imunidade, concluíram que ele havia adquirido a

infecção. Baseado nesse resultado, Nicolle e seus parceiros passaram a defender a hipótese de que o agente causador do tifo era um vírus filtrável (Nicolle, Conon & Conseil 1911), muito embora resultados obtidos por outros pesquisadores a contrariassem. Certamente o prestígio e a autoridade do pesquisador francês nos estudos sobre a doença ajudam a explicar a força que aquela hipótese adquiriu nos anos seguintes. Como veremos, o próprio Rocha Lima esforçou-se para desqualificá-la através de uma série de experimentos de filtração.

Uma vez comprovada a transmissão do “vírus” do tifo a animais de laboratório, Nicolle e seu grupo passaram a realizar uma série de experimentos concernentes à doença. Trouxeram uma série de contribuições sobre os métodos de execução, acompanhamento e interpretação dos experimentos animais em macacos e cobaias, firmando-se como um dos principais coletivos dedicados às pesquisas sobre o tifo na comunidade médica internacional. Nicolle fez sugestões sobre a acomodação, observação, alimentação e tratamento dos primatas e indicou os critérios que julgava necessários para considerar bem-sucedida a infecção experimental. A curva febril era o critério principal. Demonstrou que o período de incubação do tifo variava de 5 a 8 dias em macacos, podendo chegar a 21 dias em cobaias. Nicolle Ele procurou definir a quantidade mínima necessária de material para a infecção dos animais, assim como a melhor via de inoculação, apontando diferenças entre a infecção subcutânea e intraperitoneal. Sugeriu ainda que o “vírus” do tifo alojava-se no interior de leucócitos e multiplicava-se nos piolhos, mas não sofria nenhuma metamorfose nos insetos. A equipe do Instituto Pasteur de Túnis comprovou a identidade do tifo endêmico que inicia no Norte da África com o prevalente no continente europeu.

A elucidação do modo de transmissão do tifo abriu enormes possibilidades para o controle da doença e esclareceu algumas de suas características epidemiológicas, como a prevalência nos meses frios, quando as pessoas permaneciam por mais tempo aglomeradas em ambientes interiores e não muito salubres banhando-se e trocando de roupa com menor frequência. Permitiam, assim, a permanência do piolho entre as costuras das vestimentas, onde de preferência se alojavam com, e a transmissão mais rápida de pessoa a pessoa. Não foi imediata nem generalizada a aceitação dos resultados da equipe de Nicolle, divulgados, como disse, em agosto de 1909. Durante a Primeira Guerra, Rocha Lima, Nocht e outros pesquisadores tentaram persuadir médicos refratários à teoria do bacteriologista francês. Além dos que negavam a transmissão por um ectoparasita, havia os que contestavam a transmissão exclusiva pelo piolho-do-corpo. Para estes, o da cabeça, assim como pulgas e percevejos

podiam também atuar como transmissores. Tais questões permaneceriam em aberto à época em que Rocha Lima deu início a seus estudos.

Os resultados alcançados por Nicolle e colaboradores foram contestados ou corroborados e aprofundados por pesquisadores que atuavam do outro lado do Atlântico. A pesquisa sobre o tifo exantemático assumia caráter transnacional, com a circulação e troca de saberes e experiências. No altiplano mexicano, onde grassava uma forma da doença referida como “tabardillo”, pesquisadores nativos e estrangeiros dariam seguimento aos experimentos animais, procurando elucidar aspectos ainda obscuros da doença, sobretudo no tocante à sua etiologia. Nesse domínio sobressairia o nome do norte-americano Howard Taylor Ricketts, que, como outros estudiosos do tifo, pagou com a própria vida ao contrair a infecção durante os experimentos.

3.3. O tabardillo ou tifo exantemático mexicano e as pesquisas de Ricketts e Wilder

O chamado “tabardillo” tinha manifestações bastante semelhante às do tifo epidêmico do continente europeu, sendo também designado “tifo mexicano” por prevalecer na região do altiplano do território mexicano. Não se sabia se era uma forma distinta do tifo europeu ou a mesma doença. Segundo McCampbell (1910), um dos que estudaram a questão, o tabardillo apresentava período de incubação mais longo que a “forma clássica” da doença, e irrompia de forma menos abrupta, sendo mais lenta e gradual a escalada da temperatura. Afora isso, não notara nenhuma diferença marcante entre as duas doenças. As investigações anátomo-patológicas demonstravam no tabardillo alterações semelhantes às observadas em vítimas do tifo do Velho Mundo.

A doença foi importante na agenda da medicina mexicana e presença constante endêmica e epidemicamente na Cidade do México. Tenorio (2010, p. 4) chega a afirmar que esta capital e o tifo tiveram vidas quase paralelas. Entre 1800 e 1921, nada menos que 21 epidemias ocorreram lá. A comunidade médica local procurou determinar os fatores responsáveis pela doença e os padrões geográficos, climáticos e sociais a ela associados. Em 1844, veio a lume um dos primeiros escritos mexicanos a esse respeito do médico Manuel Jiménez, *Apuntes para la historia de la Fiebre Petequial o Tabardillo que se observa en México*. No Congresso Médico de 1876, a doença foi o tema central das palestras e debates (Tenorio 2010, p. 8). O Instituto Bacteriológico Nacional, fundado em 1905 e dirigido por

Ángel Gaviño, um dos responsáveis pela introdução da bacteriologia no México, liderou as pesquisas sobre o tabardillo, que foi objeto de investigações laboratoriais e clínicas também no Instituto Patológico, criado em 1896, e nos três hospitais, o Geral, o Juarez e o Americano. Em relatório à Secretaria de Instrução Pública, a qual o Instituto Bacteriológico estava subordinado, Gaviño afirmava em 1908 que os estudos sobre o tifo mexicano haviam prosseguido naquele ano, mas nenhum dos germes cultivados a partir do organismo de doentes era o tão procurado agente patogênico (Cardona 2007, p. 65). No ano seguinte, Ignacio Prieto, do Instituto Patológico, comunicou ter encontrado o micróbio do tabardillo. Gaviño refutou a descoberta, afirmando que se tratava de um estreptococo comum, sem relação com a doença (Tenorio 2010, p. 15). A reação de Gaviño estava ligada à rivalidade entre os Institutos Patológico e Bacteriológico por recursos, prestígio e autoridade no âmbito da medicina experimental mexicana. A equipe de Gaviño breve adquiriu relevo em âmbito internacional no estudo do tabardillo. Ela contava com a participação do renomado pesquisador francês Joseph Girard, que trabalhou no Instituto Bacteriológico mexicano entre os anos de 1906 e 1914.³⁹⁴

Em 1909, irrompeu nova epidemia de tifo na Cidade do México. O governo de Porfirio Diaz ofereceu um prêmio de 50 mil pesos-ouro a quem descobrisse o agente causador e a cura, e 20 mil pesos ao segundo colocado, delegando a uma comissão da Academia Nacional de Medicina a responsabilidade pelo julgamento (Tenorio, 2010, p. 13). Para um governo que pretendia associar sua imagem à modernidade e ao progresso, não era bom abrigar em sua sede uma doença relacionada à miséria e a más-condições de higiene. A intenção de celebrar o centenário da Independência que se aproximava, levou o governo de Diaz a acelerar a luta contra a epidemia, abrindo cerrada concorrência entre grupos de pesquisadores mexicanos e estrangeiros (*Idem*, p. 4). A recompensa material oferecida e a promessa de reconhecimento e prestígio atraíram os cientistas para a tarefa. Três equipes norte-americanas estabeleceram-se na capital mexicana: John F. Anderson (1873-1958) e Joseph Goldberger (1874-1929), do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos; E. McCambell e James Conneffe, da Universidade de Ohio e, por fim, Howard Taylor Ricketts e Russel M. Wilder, da Universidade de Chicago. A comunidade local de bacteriologistas também se mobilizou, inclusive o grupo liderado por Gaviño e Girard. Nicolle e seus colaboradores tomaram parte na disputa, muito embora eles estivessem na Cidade do México.

³⁹⁴ Sobre Girard ver Priego (2009) e Cardona (2007).

A divulgação dos resultados de Nicolle naquele mesmo ano de 1909 e a autoridade que conquistou nos estudos sobre a doença eletrizaram os cientistas, ávidos por tomar a dianteira e garantir a prioridade na obtenção dos achados. Em carta escrita em novembro de 1909, McCambell utilizou tanto o argumento do prêmio (cerca de 25 mil dólares, equivalentes à época a quase dois anos de trabalho numa universidade americana) quanto das descobertas de Nicolle para persuadir o colega Howard Ricketts³⁹⁵ a se unir a ele na viagem ao México. Este notabilizara-se com o estudo sobre a chamada febre maculosa das Montanhas Rochosas, que ocorria nos planaltos do oeste norte-americano e assemelhava-se bastante aos tifos europeu e mexicano.³⁹⁶ Dedicara-se ao estudo da doença entre 1906 e 1910, ele, com fundos do McCormick Memorial Institute, do estado de Montana, da Universidade de Chicago e da Associação Médica Americana. Ricketts identificou um minúsculo bacilo (mais tarde classificado como *Rickettsia rickettsii*) no sangue de pacientes e nos ovos de carrapatos, não conseguiu isolá-lo nem cultivá-lo. Ele demonstrou que o carrapato da espécie *Dermacentor occidentalis* era o transmissor da doença, mas apenas quando adultos (Ricketts, 1906). Dessa forma explicava sua prevalência no homem durante os meses de verão, quando completa seu ciclo de vida. Ricketts comprovou ainda o papel de pequenos animais selvagens, como esquilos, como reservatórios do patógeno (Ricketts, 1909).

³⁹⁵ Nascido numa família metodista, Ricketts ingressou em 1890 na Northwestern University, indo dois anos depois para a Universidade de Nebraska, onde estudou zoologia. O colapso financeiro da família fez com que ele abandonasse o curso. Somente no ano seguinte retornou à Northwestern Medical School. Em 1897 concluiu o curso de medicina e no ano seguinte recebeu uma bolsa de patologia no Rush Medical College. Logo depois estudou em Berlim e mais tarde no Instituto Pasteur de Paris. Ali adquiriu grande habilidade nas técnicas de laboratório. Em 1902 tornou-se professor de patologia na Universidade de Chicago, mesmo ano em que começou as pesquisas sobre a febre maculosa das Montanhas Rochosas, após as quais se dedicaria ao estudo do tifo, do qual morreria vítima em 1910 (“Howard Taylor Ricketts” In Who Named It, Disponível em <http://www.whonamedit.com/doctor.cfm/3334.html>, Acesso em 12.02.2011).

³⁹⁶ A febre maculosa é uma doença aguda caracterizada por uma febre moderada ou alta, que alcança até 40 graus e persiste de 2 a 3 semanas. É acompanhada de cefaléia, dores no corpo, calafrios e edema dos olhos e conjuntivas. Nos primeiros dias de febre podem aparecer pelo corpo pequenas erupções, róseas, que geralmente surgem nos punhos e tornozelos e alcançam o tronco e face e em seguida as mãos e os pés. As lesões aumentam de volume e assumem cor arroxeadada depois de 4 dias. As complicações que acompanham as formas mais graves consistem na formação de lesões hemorrágicas na pele, podendo até ocorrer áreas de necrose nos dedos, orelhas e genitais. Estes podem ser acompanhados de sangramento de gengivas, nariz, vômito e tosse seca. A febre maculosa é difícil de ser diagnosticada nos estágios iniciais em virtude de seus sintomas inespecíficos. Na realidade trata-se de uma zoonose, na qual o homem é apenas o hospedeiro acidental. Hoje se sabe que é causada pela *Rickettsia rickettsii* e transmitida pelo carrapato. A chamada febre maculosa das Montanhas Rochosas é uma das modalidades mais graves da doença. No tempo de Ricketts era uma doença bastante letal, matando de 80 a 90% dos infectados. Hoje em dia sabe-se que a disseminação geográfica da doença é mais ampla do que assumida àquele tempo, quando acreditava-se que era restrita à região das Montanhas Rochosas. Sobre a história dessa doença ver Harden, 1985.

A demonstração da transmissão da febre maculosa pelo carrapato balizou em seguida campanhas de saúde pública voltadas para a eliminação deste parasita. Mas surtos de varíola e febre tifóide ocorridos em Montana, em 1910, absorveram os recursos antes investidos na pesquisa e prevenção da febre maculosa. Isso coincidiu com o convite feito por McCambell a Ricketts, que, por sua vez, tinha interesse em fazer estudos comparativos entre a febre maculosa e o tifo mexicano. Queria averiguar se eram ou não a mesma doença, como se suspeitava à época, valendo-se da experiência adquirida nos estudos sobre a maculosa. Conforme descreve Tenorio (2010, p. 18-20), Ricketts admitira à esposa que ia abordar a questão do ponto de vista dos negócios. Ganharia 10 mil dólares se elucidasse o enigma etiológico (teria de dividir o prêmio com seu assistente da Universidade de Chicago, que o acompanharia na “missão”). Ele aceitou, então o acordo proposto por McCambell, concordando que chegaria antes dele no México. Estava ansioso para dar início às pesquisas e “tomar parte no jogo tão breve quanto possível” , como afirmou ao seu chefe em Chicago, (Tenorio 2010, p. 18-20).

Anderson e Goldberger chegaram ao México antes dos demais investigadores norteamericanos, instalando-se no laboratório do Hospital Geral da capital mexicana. Goldberger havia conseguido o local e a permissão oficial para os estudos graças à ajuda de colega dos tempos de universidade, A. Goldmán, médico da companhia Ferrocarril Nacional. Ricketts decidiu ir à Cidade do México antes da data acordada com McCambell, que reagiu com fúria pela quebra do pacto (Tenorio 2010, p. 19)

Breve Anderson e Goldberger conseguiram transmitir o tifo a Macacos *Rhesus*, trazidos de Washington, usando sangue de pacientes internados no hospital mexicano. Em seguida, tentaram transferir a doença de um macaco a outro, e verificar, nesses animais, o envolvimento na transmissão de diferentes artrópodes: piolhos, percevejos, pulgas e carrapatos. Comprovaram o papel do piolho-do-corpo como vetor e a susceptibilidade de outras espécies de macacos ao “vírus” do tifo. Chegaram a obter 23 passagens entre os animais, sem modificação da virulência, variando o período de incubação nos primatas de 6 a 10 dias (Goldberger & Anderson, 1912; Rocha Lima, 1919b).

Anderson e Goldberger procuraram ainda demonstrar que a chamada Doença de Brill, forma de febre descrita por Nathan Brill em Nova Iorque, era idêntica ao tifo mexicano.³⁹⁷ Através de experimentos de imunidade cruzada em macacos – animais infectados com “vírus” de Brill eram inoculados com o do tifo mexicano, e vice-versa – os autores afirmaram ter comprovado a identidade entre as duas doenças: macacos infectados com o “vírus” do tabardillo mostravam-se imunes ao de Brill, sendo também o oposto. Experimento análogo levou-os a sustentar que o tabardillo ou tifo mexicano era idêntico ao europeu. O mesmo argumento foi usado por McCambell em fevereiro de 1910, quando apresentou o resultado de suas pesquisas à Academia Nacional de Medicina do México (McCambell, 1910).

Ricketts e Wilder chegaram à capital mexicana logo depois de Anderson e Goldberger. Ricketts estava decidido a encontrar o agente etiológico tão breve quanto possível, pois uma série de trabalhos recém-publicado testemunhavam o dinamismo das pesquisas feitas em Túnis. O clima era de disputa acirrada e desconfianças mútuas. Os dois norte-americanos de início replicaram os experimentos de Nicolle, procurando refiná-los. Injetaram em macacos doses diferenciadas de sangue de pacientes com tifo e observaram as reações, comparando-as com o tifo humano. Procuraram definir a melhor dose de sangue a ser inoculado, a melhor via de inoculação – no peritônio ou no tecido subcutâneo – e os parâmetros de uma infecção experimental bem-sucedida. Para isso mediram a temperatura dos animais em diferentes períodos e fizeram observações anátomo-patológicas. Os primatas não apresentaram os exantemas característicos, o que para eles não depunha contra o sucesso da infecção, uma vez observado o acesso febril e os resultados dos experimentos nos animais de controle. Procedendo de forma análoga a Nicolle, Ricketts e Wilder confirmaram a infecção experimental através da chamada prova de imunidade – caso os animais inoculados com material infeccioso resistissem à uma segunda administração do “vírus”, eles teriam realmente contraído a infecção. Cumpre ressaltar que Anderson e Goldberger questionaram a validade da prova de imunidade como evidência da infecção experimental, alegando que a não-reação do animal à segunda inoculação do “vírus” não poderia ser atribuída de forma segura ao desenvolvimento de imunidade (Goldberger & Anderson, 1912).

³⁹⁷ Até os anos 1920 perdurou a controvérsia sobre o caráter da chamada Doença de Brill. O quadro hoje referido como Doença de Brill é compreendido como forma branda de tifo que se manifesta depois de muitos anos em virtude de fraqueza do sistema imunológico, fazendo com que riquetsias aquiescentes nas células do sistema imune provoquem uma afecção com sintomas mais moderados.

A transmissão do tabardillo pelo piolho-do-corpo também foi confirmada por Ricketts e Wilder. Além de induzir a doença em macacos expostos a piolhos infectados, comprovaram que a infecção também ocorria pela inoculação das fezes e do conteúdo intestinal dos insetos. Demonstraram, assim, que o agente infeccioso encontrava-se no trato gastrointestinal dos parasitas e ali sofria enorme multiplicação, sendo expelidos com as fezes (verificaram isso comparando as quantidades mínimas de sangue e de fezes necessárias para produzir a infecção nos macacos). Ricketts e Wilder indicaram ainda a possibilidade da transmissão hereditária do tifo do piolho a sua prole, forma hoje referida como transmissão vertical, mas excluíram por completo a transmissão da doença a vertebrados por meio de pulgas e percevejos (Ricketts, 1910).

Segundo Ricketts e Wilder o agente causador não era facilmente isolável ou cultivável. Tampouco se tratava de um vírus filtrável, uma vez que macacos *Rhesus* inoculados com o soro escoado em filtro de Bekerfeld não apresentaram qualquer alteração, observando-se porém curva febril típica da doença naqueles tratados com soro não-filtrado (Ricketts & Wilder 1910). Esse resultado levou os pesquisadores da Universidade de Chicago a examinar minuciosamente esfregaços de sangue de pacientes, pois, os experimentos de filtração sugeriam um patógeno visível ao microscópio, desde que se aplicasse técnica adequada de coloração. Em lâminas coradas pelo Giemsa distinguiram “invariavelmente um bacilo curto, cuja morfologia se assemelha à dos pertencentes ao grupo das septicemias hemorrágicas”, em geral fortemente corados, mas com uma faixa transversal intermediária mal corada ou sem corar, como os bacilos de coloração polar (Ricketts & Wilder, 1910). Alguns apareciam aos pares, unidos nas extremidades ou ao meio por uma substância de menor refringência. Nas preparações úmidas de sangue, foram encontrados bacilos semelhantes, os quais consistiam em “duas metades separadas por uma linha ou zona delgada de uma substância de poder refringente distinto das demais; os corpúsculos não tem mobilidade ativa, mas vibram mais ou menos rapidamente.” – afirmou Ricketts (Ricketts, 1910) Nos esfregaços das fezes e do conteúdo intestinal de piolhos infectados Ricketts e Wilder observaram em grande número os mesmos microrganismos de coloração bipolar que consideraram idênticos àqueles observados nos esfregaços sanguíneos. No entanto também os encontraram em piolhos alimentados em animais indenes, o que desencorajou-os a atribuir-lhes função patogênica:

A nosso juízo parece claramente que não existem fundamentos suficientes para proclamar o papel etiológico do organismo que descrevemos, mas as circunstâncias em que tem sido encontrado e outros argumentos devem ser

tomados em séria consideração e estudados posteriormente em suas relações com o tabardillo (Ricketts e Wilder, 1910).

Os “outros argumentos” mencionados pelos autores incluíam especulações teóricas: defendiam que o patógeno do tifo seria mais provavelmente um agente bacteriano que um protozoário. Com a demonstração do papel deste grupo na etiologia de doenças como a malária, a doença do sono e a leishmaniose, passou-se a suspeitar de seu envolvimento em doenças com causa desconhecida ou controversa, como a febre amarela. Vimos já que, no caso do tifo, Thoinot e Calmette em 1892 haviam classificado entre os protozoários os filamentos móveis encontrados em 6 dos 7 pacientes acometidos pela doença. Em 1903, Gotschlich também colocou entre aqueles seres o microrganismo piriforme observado em hemácias. Krompecher, Goldzieher e Augyan descreveram micróbio semelhante no material infeccioso de tíficos. Para Ricketts e Wilder, o tifo tinha caráter agudo e cíclico, como outras doenças bacterianas, diferentemente daquelas causadas por protozoários, em geral crônicas. Além disso, induzia imunidade duradoura, o que sabidamente não era uma característica das infecções provocadas por estes microrganismos. Os dois norte-americanos julgavam provável que o patógeno fosse análogo aos que causavam as “septicemias humanas hemorrágicas”, como a febre maculosa e a peste bubônica. Fundamentaram tal correlação comparando a primeira ao tabardillo nos aspectos clínico, anatômico e imunológico. Concluíram que a febre maculosa e o tifo mexicano tinham similaridades, mas eram patologias diferentes. Já com relação ao parentesco do primeiro com o tifo europeu nada puderam afirmar (Ricketts, 1910).

Ricketts divulgou tão rápido quanto possível esses resultados de maneira a garantir sua prioridade. Entre janeiro e abril de 1910 publicou no *Journal of American Medical Association* 4 artigos.³⁹⁸ Enquanto os preparava, confidenciou à esposa as desconfianças que nutria em relação aos colegas mexicanos, aos quais acusou de “espionagem científica”. Com medo de que “roubassem” seus resultados, Ricketts e Wilder levavam consigo os cadernos de anotações e não deixavam o laboratório no Instituto Bacteriológico nem mesmo na hora das refeições. Ricketts qualificou Gaviño e seus colaboradores como “um bando de impertinentes”, suspeitando que lhe roubavam piolhos e espionavam os macacos que utilizou em seus experimentos (Tenorio 2010, p. 21). Em abril de 1910 escreveu à mulher: “temos poucos amigos entre os médicos mexicanos, sei que o Instituto nos odeia”. Nem por isso

³⁹⁸ Todos os trabalhos de Ricketts sobre o tifo mexicano foram compilados e publicados pelo governo mexicano em 1910 (Ricketts, 1910).

Ricketts e Wilder deixaram de receber os documentos oficiais e honorários por parte da instituição (Idem, p. 20-1).

Havia certo fundamento na desconfiança de Ricketts. Antes de sua chegada, Gaviño e sua equipe buscavam comprovar o papel dos piolhos na transmissão do tifo e procuravam correlacionar a densidade de insetos à doença. Apesar da experiência com a moléstia e a disponibilidade de pacientes, faltava ao grupo de Gaviño e Girard os dispendiosos macacos *Rhesus* que os norte-americanos obtinham com facilidade em Washington, Chicago ou Ohio. Diante disso, a equipe franco-mexicana inoculava sangue de pacientes tifosos numa espécie de primata do istmo de Tehuantepec (*Ateles vellerosus*), que mostrou susceptível ao “vírus” do tifo. O período de incubação nessa espécie, segundo os pesquisadores, variava de 8 a 14 dias. Depois do primeiro ataque, os macacos apresentaram imunidade quando novamente inoculados com sangue infectado. Para Gaviño e Girard o “vírus” era sensível ao calor e estava presente no sangue dos animais mesmo em fases tardias da doença. Eles confirmaram que o piolho-do-corpo era, de fato, o transmissor da doença, assunto com o qual se ocupavam desde 1909. (Cardona 2007, p. 69; Tenorio 2010, p. 17).

A obtenção dos macacos de Tehuantepec tampouco se mostrou fácil. Em agosto de 1912, Gaviño queixou-se por não conseguir mais de 8 animais em vários meses. Solicitou ao governo mexicano pelo menos 500 primatas para o prosseguimento dos estudos, justificando a urgência pelo risco de perderem a prioridade para Nicolle:

La urgencia que tenemos depende de que en África el Dr. Nicolle prosigue estudios análogos con abundantísimo material de animales, lo que hará que llegue antes que nosotros a un resultado y aunque no pretendemos superar a este sabio en sus estudios, sí queremos hacer todo lo que esté de nuestra parte para hacer avanzar el estudio de tan importante asunto y llegar tal vez a una conclusión que sea de aplicación práctica (*apud* Cardona 2007, p. 71).

Àquela altura Gaviño e sua equipe haviam conseguido transmitir o tifo dos macacos a cobaias, depois de ter fracassado a infecção em vários outros animais como coelhos, cavalos e porcos, mesmo quando inoculados com sangue altamente virulento. Por essa razão, o bacteriologista mexicano passou a requerer prioridade em relação à Nicolle na infecção experimental dos roedores. Alegou ter apresentado seus resultados ao Conselho de Saúde

Pública e à Secretaria de Instrução Pública em maio de 1911, ao passo que Nicolle e Conor só em agosto apresentaram sua nota à Academia de Ciências de Paris.

Os resultados de Gaviño e Girard indicavam a possibilidade de passagens do “vírus” do tifo com alternância entre cobaias e macacos. Segundo Rocha Lima, eles não apenas confirmaram as afirmações dos autores franceses, como conseguiram o feito inédito de realizar uma série maior de inoculações bem-sucedidas do vírus de uma cobaia a outra, demonstrando assim a possibilidade de manter o vírus do tifo em laboratório sem custo excessivo (Cardona 2007, p. 86).

A equipe de Gaviño e Girard tinha livre acesso ao presídio de Belén, um “palácio de piolhos, pulgas e doenças, paixões e corrupção” (Tenorio 2010, p. 16). Ali era possível obter número abundante de pacientes e de piolhos para estudo. O acesso ao presídio foi facultado também aos pesquisadores norte-americanos, mas diferentemente de Gaviño e seus colegas, não possuíam imunidade à doença. Wilder descreveu Belén como um “fervidouro de tifo” (Idem, p. 16). Em janeiro de 1910, Ricketts comunicou à esposa que Goldberger havia retornado aos EUA doente. Não mencionou que era de tifo. No mesmo mês, Conneffe morreu vítima da doença. McCambell havia advertido Ricketts e outros colegas dos riscos envolvidos naqueles estudos, mas Ricketts parecia ignorar o perigo. Em abril de 1910, escreveu a Goldberger: “sou um sortudo, nós dois somos muito sortudos... (...) por ter estado ali durante 3 ou 4 meses sem nos infectarmos”. Mas breve a sorte mudaria: em 3 de maio de 1910, Ricketts faleceu depois de ter se contaminado com material infeccioso. Goldberger teve mais sorte: sobreviveu à doença.

A morte repentina pôs termo às pesquisas de Ricketts sobre o tifo exantemático ou tabardillo do México. Os governos do México e Estados Unidos e a Universidade de Chicago prestaram uma série de homenagens a ele, dando à sua morte o caráter de “martírio” em favor da ciência. No laboratório onde ele realizou as pesquisas foi afixada uma placa. Por disposição do presidente Porfirio Diaz foi editado o volume “Howard Taylor Ricketts y sus trabajos sobre el Tabardillo”, que reuniu os artigos publicados por ele sobre o assunto (Ricketts, 1910). Gaviño referiu-se a Ricketts com as seguintes palavras: “Desejava chegar antes dos outros pesquisadores às fronteiras da verdade no estudo do tifo. Não pôde ver que se encaminhava a uma morte certa... sem levar em conta os perigos que o rodeavam e negando os prudentes conselhos” (*apud* Tenorio 2010, p. 25).

Os resultados dos estudos de Ricketts foram alvo de controvérsias entre os especialistas. Alguns defendiam que os corpúsculos por ele descritos eram, na realidade, precipitação de material corante. Para outros, eram artefatos resultantes da manipulação do microscópio e havia ainda os que julgavam que se tratava de grânulos e componentes de tecidos sem importância patogênica. O francês Joseph Girard, colaborador de Gaviño, reconheceu, porém, a importância dos achados de Ricketts, mas refutou a hipótese de que o suposto patógeno fosse análogo aos agentes das “septicemias hemorrágicas agudas”. Ao contrário destes, os corpúsculos de Ricketts só se transmitiam a certos tipos de animais de laboratório e não eram cultiváveis, argumentou Girard. Caso aquelas estruturas fossem bactérias, seriam de tipo especial, ainda desconhecido. O pesquisador francês não excluía a possibilidade de serem protozoários. Não necessariamente a analogia clínica com as septicemias corresponderia à etiologia por agentes bacterianos, tal como sustentara o norte-americano. Contrariamente a Girard, Gaviño rejeitou categoricamente o papel etiológico dos corpúsculos descritos por Ricketts em memorando à Secretaria de Instrução Pública em agosto de 1910: “no sangue dos indivíduos atacados pelo tifo não se encontra nenhum germe cultivável”, afirmou (Cardona 2007, p. 69).

Com a instabilidade política que o México passou a viver a partir de 1910, quando uma revolução pôs fim ao longo governo de Porfirio Diaz, as investigações sobre o tifo no Instituto Bacteriológico ficaram comprometidas. Os brados de Gaviño em defesa da prioridade de seu grupo na infecção experimental das cobaias não encontraram eco (Cardona 2007, p. 73). A descontinuidade administrativa e a ingerência política no Instituto Bacteriológico afetaram os estudos. A demissão de Girard, em 1913, e de Gaviño, no ano seguinte, acabaram por desarticular o grupo. Somente anos depois, por iniciativa de outra geração de médicos, as pesquisas sobre o tifo ganhariam novo ímpeto (Tenorio, 2010).

Em 1911, a Academia Nacional de Medicina avaliou os concorrentes ao prêmio oferecido pelo governo mexicano. Nicolle enviara em 1909 seus papéis junto com uma carta na qual argumentava porquê deveria ser ele o contemplado. O comitê composto por reputados médicos mexicanos alegou que Nicolle não havia identificado o germe causador do tifo nem evidenciado de forma contundente a função do piolho. O prêmio não foi concedido a ninguém.

Nas primeiras décadas do século XX, a Cidade do México e Túnis foram os principais centros de estudo sobre o tifo. Nelas foram produzidos conhecimentos e métodos que

balizaram as investigações posteriores e as linhas gerais do combate àquele morbo. Houve certa sincronia dos resultados de Nicolle e sua equipe e os dos demais grupos atuantes no México. O pesquisador francês firmou-se como uma das maiores autoridades no assunto, lastreado pelo prestígio do Instituto Pasteur, da ciência francesa e pelo enorme alcance prático de suas pesquisas. Os resultados oriundos das instituições mexicanas não eram menos admiráveis, mas foram divulgados em espanhol, em publicações locais. De maneira geral, pode-se dizer que grandes avanços foram alcançados no tocante ao modo de transmissão do tifo e ao experimento animal. Diversas espécies de macacos tinham mostrado susceptibilidade ao “vírus”, assim como cobaias, mais baratas e mais fácil de se obter. Fora demonstrado que o “vírus” podia ser mantido através de passagens sucessivas em cobaias, compensando o fato de não ser cultivável *in vitro*. A questão da etiologia permaneceu, no entanto, indefinida. As pesquisas de Ricketts e Wilder, que mais avançaram nesse sentido, permaneceram inconclusas. A teoria do vírus filtrável defendida por Nicolle ganhou vulto, muito embora as bases experimentais não eram suficientes para sustentá-la. Outros agentes etiológicos foram descritos, mas nenhum foi confirmado.

O dinamismo das pesquisas sobre o tifo no México e na Tunísia contrasta com a inércia observada na Europa ocidental. Na Oriental, onde a doença era endêmica em muitas regiões, grupos isolados ocuparam-se dela, mas a divulgação dos resultados nos idiomas locais restringia enormemente sua circulação. Na comunidade médica alemã, as investigações sobre o tifo haviam declinado desde o começo do século XX. Segundo Werther (2004, p. 11), na legislação de saúde alemã do começo do século não se encontram muitas menções à doença, uma vez que era tida como praticamente exterminada graças aos avanços da higiene e da reforma social nos grandes centros industriais. Rocha Lima também sinaliza o relativo desinteresse científico dos alemães pela doença. Em discurso na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, em 1920, afirmou: “O tifo exantemático é uma moléstia que, provavelmente, pouco interessa a nossos médicos, como interessava pouco os médicos alemães antes da guerra” (Rocha Lima, 1920, p. 232). Mas os conflitos militares deflagrados nos estados balcânicos a partir de 1912, prenunciando um confronto generalizado na Europa, reacenderam antigos focos epidêmicos, conferindo novo alento às pesquisas. Rocha Lima acompanhou atentamente as Guerras Balcânicas e nos deixou registradas suas percepções. É pertinente analisá-las como impressões pessoais sobre a política internacional da época, mas também como fio condutor para compreendermos o intrincado sistema de alianças e disputas entre as potências coloniais européias, outros impérios e os movimentos nacionalistas que inflamaram

os povos do sudeste europeu às vésperas da Primeira Guerra. O envolvimento de Prowazek nas pesquisas sobre o tifo, primeiro com Carl Hegler, em seguida com Rocha Lima, esteve diretamente relacionado a esse contexto de “paz armada”.

3.4. As Guerras Balcânicas e as pesquisas de Prowazek e Hegler na Sérvia (1912-4)

“Todos têm medo da questão balcânica, que pode incendiar o resto da Europa”, escreveu Rocha Lima a Arthur Neiva, o amigo e ex-colega do Instituto Oswaldo Cruz, em 9 de setembro de 1912. “Parece que por ora todos os governos têm o máximo empenho em evitar a guerra por todos os meios. É devido a isso que até agora ainda não rebentou um conflito entre a Bulgária e a Turquia”.³⁹⁹ Era de fato explosiva naquele setembro de 1912 a disputa por territórios envolvendo os povos balcânicos, o Império Turco Otomano e movimentos nacionalistas, sobretudo o pan-eslavismo instilado pela Rússia. Esta insuflava a oposição dos sérvios contra o Império Austro-Húngaro, aliado dos alemães, um dos pontos nevrálgicos do problema. Sérvios e austríacos disputavam a região da Bósnia Herzegovina, onde a ambição dos primeiros em constituir a “Grande Sérvia” fora contrariada pela anexação austríaca em 1908. Em acordo firmado ainda na década de 1870, a Alemanha garantia apoio ao império dos Habsburgos em caso de eventual invasão russa. Em fins de 1912, a tensão entre Áustria-Hungria e Rússia estava em vias de deflagar um confronto direto, conforme relata Rocha Lima em missiva a Neiva escrita seis semanas depois da primeira:

Quanto à guerra europeia creio que esteve iminente devido ao movimento pan eslavista, que exercia grande pressão sobre os governantes da Rússia. Até ontem reinava a máxima incerteza sobre a atitude da Rússia na questão Austro-Sérvia. A Rússia tinha mobilizado o exército nas fronteiras da Áustria ao que esta respondeu com uma mobilização ainda mais enérgica, repeliu assim a tentativa de amedrontar tentada pela Rússia.⁴⁰⁰

³⁹⁹ Carta de Henrique da Rocha Lima a Arthur Neiva de 01.09.1912. Anc 1910.07.28. Fundo Arthur Neiva, CPDOC – FGV, RJ.

⁴⁰⁰ Carta de Henrique da Rocha Lima a Arthur Neiva de 22.12.1912. Arquivo Arthur Neiva – Anc 1910.07.28. CPDOC- FGV, Rio de Janeiro.

Esse era apenas um dos aspectos do problema. A fraqueza do Império Turco evidenciada durante guerra com a Itália pela posse da Líbia, entre 1911 e 1912, havia encorajado os movimentos separatistas nos Bálcãs. Sérvia, Montenegro, Bulgária e Grécia formaram em 1912 a Liga Balcânica e declararam guerra ao Império Turco Otomano, um mês após a primeira carta de Rocha Lima. Os coligados obtiveram vitória relativamente fácil. Tendo na Península Balcânica uma de suas principais áreas de influência, os otomanos perderam praticamente todos os seus territórios na Europa. Logo, insatisfações entre as nações balcânicas na divisão de territórios esgarçariam a coesão circunstancial conferida pela luta contra o inimigo comum, levando à chamada Segunda Guerra Balcânica. No Tratado de Londres, firmado em 30 de maio de 1913, embaixadores europeus redesenharam o mapa dos Bálcãs, privilegiando a Bulgária, o que motivou o descontentamento dos países vizinhos, principalmente Sérvia e Grécia. Os búlgaros atacaram preventivamente os dois países. A Romênia, até então neutra, ocupou territórios da Bulgária, ao passo que o Império Turco retomou Andrinopla, que havia perdido na Primeira Guerra Balcânica. A Bulgária ficou acuada e a formação da Grande Sérvia (com sérvios, croatas e eslovenos), preconizada pelo Tratado de Bucareste (1913), passou a representar ameaça mais concreta ao Império Austro-Húngaro.

Os diplomatas movimentavam-se para resolver a delicada questão dos Bálcãs, que aguçava o clima de tensão e desconfiança entre Inglaterra, França, Rússia e Alemanha. Em carta de dezembro de 1912, Rocha Lima novamente advertiu para a possibilidade de uma guerra generalizada, não obstante o esforço que via em parte dos países europeus de evitar isso a qualquer custo:

O que não há dúvida é que existe em todos os governos das grandes potências o desejo de evitar a todo o transe uma guerra européia. A sensação das consequências calamitosas de uma tal guerra vai-se difundindo cada vez mais. Durante esta última crise notava-se a completa ausência de entusiasmo e o desejo de paz. Não se deve porém a gente iludir com a idéia de paz universal e tratados de arbitragem. Há contingências em que o mais pacífico dos governos tem que lançar mão das armas. A questão balcânica é um desses casos em que sem guerra nada se obteria. A Turquia podia prometer tudo e assinar quantos tratados quisesse e nada se cumpriria. Esse relaxamento nacional proporcionou-lhes uma tremenda sova, pois só perto de

Constantinopla é que conseguiram fazer funcionar o serviço de intendência, ao passo que antes disso não tinham as tropas nem comida e nem munição suficiente⁴⁰¹

A instabilidade nos países balcânicos e os consequentes movimentos de populações criaram condições ideais para a eclosão de epidemias de tifo. Como veremos, as consequências seriam dramáticas também para a Turquia. Na primavera de 1913, o internista do Hospital Eppendorf Carl Hegler, e o protozoologista do *Tropeninstitut* Stanislas von Prowazek, foram para a Sérvia para estudar a epidemia que irrompeu na primavera daquele ano em consequência das guerras. Um russo acometido pela doença dera entrada pouco antes no Hospital Eppendorf. Na Sérvia puderam estudar de perto “essa doença rara na Europa Central” (Hegler & Prowazek, 1913). No período relativamente curto de abril a junho de 1913, viram mais de cem doentes e pesquisaram minuciosamente cerca de 50 casos, contando com o apoio das autoridades de Belgrado, entre oficiais do exército sérvio e cientistas locais, inclusive um russo.⁴⁰²

Hegler dedicou-se aos estudos clínicos e verificou que a epidemia fora em grande parte disseminada por tropas turcas ou albanesas, a maior parte das quais se tinham infectado em lazaretos militares na fronteira sul da Sérvia. Os mais acometidos foram os soldados sérvios, além de prisioneiros de guerra turcos e o pessoal da assistência médica. De acordo com Hegler, a taxa de mortalidade no Hospital de Belgrado era bastante alta, sendo fácil reconhecer os casos, uma vez que se manifestavam de forma relativamente característica no período de incubação e ao aparecem os sintomas. As observações realizadas por Hegler demonstraram que a limpeza e a desinfecção dos pacientes antes da admissão era suficiente para prevenir a transmissão da doença no ambiente hospitalar. Isso depunha em favor da teoria de Nicolle acerca do papel do piolho como transmissor (Prowazek & Hegler, 1913).

Ocupando-se da questão etiológica, Prowazek concentrou suas pesquisas nos corpúsculos que havia encontrado no interior de leucócitos, os quais “se coram pelo Giemsa de vermelho carmim intenso, têm formato alongado, oval ou esférico e se dispõem também em diplococos. Distinguem-se essencialmente dos grânulos neutrófilos e aparecem em

⁴⁰¹ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 22.12 1912. Anc 1910.07.1928. Fundo Arthur Neiva, CPDOC – FGV, RJ.

⁴⁰² Eles mencionam os nomes do médico militar Sondermeyer, Professor Jovannovic Batut, Dr. Radovanovic, Dr. Michel, que os disponibilizou o laboratório e materiais de pesquisa e ao russo Mufel, que os teria auxiliado no diagnóstico do tifo e da febre recorrente.

particular na periferia do citoplasma dos leucócitos”. Observou inclusive entre os corpúsculos “pontes” formadas por substância de fraca coloração. As inclusões citoplasmáticas contendo os corpúsculos apareciam do terceiro dia da doença em diante (Prowazek & Hegler, 1913, Prowazek, 1914)

Para verificar se os corpúsculos tinham alguma relação com o tifo, Prowazek injetou em cobaias o sangue de tifosos e observou o que acontecia nos leucócitos. Nada encontrou que o autorizasse estabelecer uma relação causal entre as alterações observadas naquelas células e a doença. Fez ainda esfregaços do sangue de pacientes em busca de bactérias ou protozoários, mas não teve sucesso. Encontrou as estruturas descritas por Ricketts e Wilder (dois corpúsculos ligados, um dos quais corável pelo Giemsa de vermelho, o outro de azul), mas endossou as opiniões de Girard e Gaviño de que não estava estabelecida a relação etiológica daquelas estruturas com o tifo. Além dos esfregaços sanguíneos, Prowazek investigou preparados da conjuntiva, dos exantemas e do fluído da medula espinhal, sem encontrar nada que lhe chamasse a atenção. Em preparados do cérebro, pulmão, fígado, baço, rins e medula óssea, observou inclusões semelhantes às do tracoma, que ele próprio havia descrito,⁴⁰³ concluindo que se tratava de fagocitose das plaquetas. Prowazek perseguia com obstinação o tão procurado agente etiológico, mas ao mesmo tempo procedia com cautela, a fim de não avolumar o já caudaloso conjunto de hipóteses etiológicas inválidas ou questionáveis.

Inoculou o “vírus do tifo” em seis macacos que manifestaram quadros típicos da doença, mas sem apresentar nas células sanguíneas os grânulos que havia visto nos leucócitos de pacientes. Relatou ainda, mas sem grande ênfase, ter observado pequenas estruturas em formas de cocos e diplococos em preparados de piolhos corados pelo Giemsa.

Numa segunda publicação dedicada apenas aos estudos etiológicos, Prowazek, (1914) explica que as pesquisas em Belgrado tiveram de ser interrompidas ao irromper a guerra entre Sérvia e Bulgária. Com a suspensão dos transportes, ele e Hegler não puderam mais receber material para as pesquisas e tiveram de deixar pra trás parte dos instrumentos, sem concluir os experimentos de filtração que estavam em curso. Prowazek deu prosseguimento às investigações em Hamburgo, onde testou métodos diferentes de coloração na tentativa de

⁴⁰³ No primeiro e segundo capítulo abordei as pesquisas de Prowazek sobre o agente do tracoma e os chamados “clamidozoários”.

flagrar o causador da doença. Com desalento, concluiu não ter encontrado “nenhum protozoário ou estrutura semelhante (espiroquetas, anaplasmas, piroplasmas), nem bactérias aos quais pudéssemos atribuir significado etiológico, apesar das mais atentas pesquisas” (Prowazek, 1914, p.25).

Apesar disso, Prowazek enumerou uma série de características dos corpúsculos encontrados em leucócitos, que os individualizavam: forma, multiplicação, comportamento na coloração de Löffler, em solução de álcool, de saponina e no teste de resistência ao ácido acético. Estruturas com aquelas características não haviam sido encontradas em pacientes com tifo abdominal (febre tifóide), sarampo, malária ou filariose. Gaviño e Girard, no México e Nicolle tinham aludido a achados semelhantes, interpretando-os, porém, como produtos da degeneração celular. Sugerindo de forma tímida a possível relação etiológica dos corpúsculos com o tifo, Prowazek apresentou evidências de seu aumento no interior de células polinucleares no decorrer da infecção experimental de macacos (Idem).

Em experimentos de transmissão do “vírus” do tifo a outros animais, o protozoologista do *Tropeninstitut* confirmou a susceptibilidade de cobaias, mas não conseguiu infectá-las por meio de piolhos. As tentativas de cultivar algum microrganismo a partir do material infeccioso (extraído de tifosos e de piolhos) também fracassaram. Passando sucessivamente o “vírus” de uma cobaia a outra, Prowazek conseguiu manter em Hamburgo o material virulento obtido do emigrante russo que dera entrada no Hospital Eppendorf. Chegou a relativizar um dos critérios básicos dos “postulados de Koch” - o cultivo como condição necessária para comprovar seu papel como agente patogênico de uma doença. Num tempo em que os microrganismos sofriam tantas alterações nas mãos dos bacteriologistas, muitas duradouras, argumentava Prowazek (1914), não se deveria imputar ao cultivo função tão central como prova.

Causas externas, escreveu ele, não haviam permitido o prosseguimento das pesquisas, que em razão disso assumiam caráter apenas preliminar. Além da interrupção dos trabalhos em virtude da guerra entre Sérvia e Bulgária, aludia à dificuldade de obter literatura estrangeira relativa ao tema. Não obstante isso, estava sintonizado com os resultados mais recentes dos grupos de Nicolle, do México (Anderson, Goldberger, Gaviño e Girard) e da Europa Central (Idem).

Fortemente inclinado a reconhecer a função etiológica dos corpúsculos encontrados em leucócitos, Prowazek sugeriu que, sob outras condições, poderia talvez comprovar isso de forma categórica. Tal convicção levou-o a não dar muita importância ao achado em piolhos. Na segunda publicação, de 1914, novamente afirmou: “no interior do intestino de piolhos-do-corpo contaminados, observamos corpúsculos em grande quantidade, corados de vermelho, em forma de cocos ou bacilos.” (Prowazek 1914). Poderiam os mesmos das células sanguíneas, mas ele não pareceu inclinado a perseguir essa trilha.

Em maio de 1914, surgiu nova oportunidade de dar sequência àqueles estudos. Epidemias de tifo irromperam em Constantinopla, capital do Império Turco Otomano. Era a circunstância ideal para prosseguir nas pesquisas, uma vez que a obtenção de material de estudo em regiões livres da doença era bastante difícil. Nocht designou Prowazek e Rocha Lima para fazerem estudos na capital turca e conter a epidemia.

Tal decisão deve ser vista no quadro das relações entre a Alemanha e o Império Otomano, que haviam se estreitado consideravelmente às vésperas da Grande Guerra em consequência do enfraquecimento do império turco após o embate com os países balcânicos, do interesse dos turcos em garantir a hegemonia no Estreito de Dardanelos, e dos alemães, em aumentar sua influência no Oriente próximo. Desde maio de 1914, estava na Turquia o diretor da seção de Clínica do *Tropeninstitut* Peter Mühlens, com a missão de estudar de doenças na região percorrida pela ferrovia *Bagdadbahn*, que ligaria Berlim a Bagdá.⁴⁰⁴ Concessão do governo turco ao banco alemão, em 1888, essa ferrovia representava uma das investidas mais contundentes da política expansionista germânica no Oriente. O próprio Guilherme II foi defensor entusiasmado da participação alemã na construção da *Bagdadbahn*, objeto de disputa entre as potências européias, principalmente da Alemanha, Inglaterra e França. prevaleceram os interesses alemães, tornando-se a ferrovia o emblema de seu prestígio no Império Turco (Wulf, 2005, p. 76). Na Primeira Guerra ela voltaria a ser motivo de conflito.

Mühlens visitou a região da *Bagdadbahn* e Constantinopla por determinação de Bernhard Nocht, que defendia a participação do *Tropeninstitut* na expansão alemã por aquela

⁴⁰⁴ O traçado original da ferrovia Bagdad (*Bagdadbahn*) previa a ligação de Berlim a Bagdad, então pertencente ao Império Turco. Os alemães já haviam participado da construção da *Anatolische Eisenbahn* (Ferrovia da Anatólia). Se por um lado, a *Bagdadbahn* garantia ao Império Otomano o controle da Arábia e a expansão de sua influência em direção ao Egito, controlado pelos Britânicos, por outro franquearia aos alemães acesso a campos de petróleo no Iraque e à parte oriental de possessões alemãs, sem que para isso tivessem de utilizar o Canal de Suez. Com a irrupção da Guerra, as obras foram paralisadas e só retomadas nos anos 1930.

região. À mesma época, organizava na Palestina um serviço de combate à malária, e Nocht pediu a Mühlens visitasse os dois locais antes de retornar a Hamburgo. Ele havia articulado junto ao Ministério das Relações Exteriores da Alemanha para que Mühlens assumisse a direção das campanhas sanitárias na Ásia Menor, tarefa para a qual julgava imprescindível a nomeação de um médico do Reich. Além disso, sugeria que os médicos turcos se especializassem no *Tropeninstitut*. Em minucioso relatório entregue a Nocht e encaminhado ao Ministério das Relações Exteriores alemão, Mühlens defendeu a importância para os interesses alemães na Turquia e Anatólia da propaganda cultural sob a forma de hospitais e escolas, como já faziam ali os franceses. Ao mesmo tempo em que ele observava as possibilidades de atuação da medicina germânica no território otomano, militares alemães participavam ativamente do treinamento e da organização do exército turco (Idem). Em 27 de outubro de 1913, o conselho ministerial turco nomeara uma missão militar alemã para reestruturar o exército otomano de acordo com o modelo germânico (Becker 1990, p. 20-2; Werther 2004, p. 16). Tal aproximação foi vista com extrema desconfiança pela comunidade internacional, e deu lugar a protestos que obrigaram os alemães, se não a recuar, pelo menos a dissimular a influência no exército turco. Naquele mesmo contexto, Mühlens advertia Nocht da importância do combate às epidemias que grassavam entre os oficiais turcos: 20 mil teriam tombado em apenas cinco meses, vitimados por doenças como cólera, febre tifóide e tifo exantemático. Ele defendia que tais doenças haviam grassado em consequência das Guerras Balcânicas. Mühlens julgava que deviam aproveitar a oportunidade para atrair oficiais turcos para os cursos de medicina tropical do *Tropeninstitut*, onde trabalhariam como voluntários. Tendo em mira justamente o estreitamento das relações com autoridades civis e militares em Constantinopla, Nocht decidiu enviar Prowazek e Rocha Lima ao estreito de Bósforo (Wulf 2005, p. 84-6).

A expedição dos dois pesquisadores contou com todo o apoio oficial. Eles viajaram como consultores dos médicos e generais do exército otomano (Werther 2004, p. 16). Em 10 de junho de 1914, a embaixada otomana em Berlim expediu documento que concedia a Rocha Lima todas as facilidades no território do império.⁴⁰⁵ Eles permaneceram 3 meses no hospital militar de Haidar Pascha, em Constantinopla, mas a epidemia já se encontrava no fim. Rocha Lima relatou a Arthur Neiva as impressões pouco lisonjeiras da capital otomana:

⁴⁰⁵ Ofício da Embaixada do Império Otomano na Alemanha de 10.06.1914. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Aproveito o ensejo de me achar na terra fantástica dos haréns, odaliscas e suntuosidade orientar para lembrar a você que era sua intenção há muitos meses escrever-me uma carta (...) Aqui vim com o Prowazek em comissão para estudar o tifo exantemático. Infelizmente o material é escasso. A situação admirável da cidade, a temperatura, o belo tempo e a monotonia fazem lembrar muito o Rio. A cidade é porém muito feia e mal calçada. Nada há aqui de original, a não ser o que se refere à religião maometana. O mais é tudo europeu de má qualidade.⁴⁰⁶

Duas semanas depois de desembarcar na capital do império turco, Rocha Lima relatou a Nocht o andamento de suas atividades.⁴⁰⁷ O fato da epidemia estar já em fase de extinção limitara bastante as possibilidades de pesquisa. Não fora possível, por exemplo, fazer estudos anátomo-patológicos. A correspondência indica que Prowazek e Rocha Lima seguiram a mesma linha de investigação que o primeiro havia adotado na Sérvia e em Hamburgo. Os sete casos disponíveis possibilitaram apenas os experimentos de filtração. Prowazek estava inclinado a não aceitar a hipótese do vírus filtrável e queria acumular provas da função etiológica das estruturas encontradas por ele em leucócitos de pacientes. Na carta a Nocht, Rocha Lima considerava difícil chegar a um resultado definitivo em relação ao patógeno com os meios disponíveis para a pesquisa. Tinham solicitado macacos para os experimentos, mas não haviam chegado. O modo como Rocha Lima se refere aos experimentos indica que estavam confiantes na estratégia adotada, sendo apenas uma questão de tempo e circunstância a identificação do tão procurado agente microbiano no microscópio. Segundo Rocha Lima ocorriam em Constantinopla, além do tifo, a malária, o tracoma e a varíola, mas não estariam interessados nessas doenças humanas.

Rocha Lima salientou na carta com Nocht, que os turcos se mostravam amigáveis e prestativos. Ele e Prowazek visitaram a Escola de Veterinária em busca de dados e material de pesquisa sobre as epizootias que incidiam na região. Visitariam também o laboratório bacteriológico estatal com a mesma finalidade. É possível que seguissem orientação de Nocht, interessado em provisionar o departamento de doenças animais recém-criado no *Tropeninstitut*. Prowazek deu palestras sobre doenças causadas por protozoários, sua

⁴⁰⁶ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 18.06.1914. Anc 1910.07.1928. Fundo Arthur Neiva, CPDOC – FGV, RJ.

⁴⁰⁷ Arquivo Histórico Bernhard Nocht-Institut. Bernhard Nocht- Korrespondenz. Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 25.06.1914.

especialidade, o que certamente facilitou a integração com os círculos médicos locais e o estabelecimento de relações que poderiam atraí-los a Hamburgo.

Em 28 de junho de 1914, quando Rocha Lima e Prowazek viajavam de volta a Hamburgo, Francisco Ferdinando, o herdeiro do trono austríaco foi assassinado por um nacionalista sérvio em Sarajevo, a gota d'água que faltava para a deflagração da Primeira Guerra Mundial.

3.5. O *Tropeninstitut* e a medicina alemã no front

A Guerra surpreendeu os pesquisadores do *Tropeninstitut* recém-acomodados em novas instalações. Como vimos no capítulo anterior, o novo edifício projetado por Fritz Schumacher foi inaugurado com grande pompa em 28 de maio de 1914. A imponente construção às margens do Elba refletia a importância que a medicina tropical alemã havia assumido para o imperialismo germânico. A Guerra representaria nova ocasião para reforçar o papel que a instituição vinha desempenhando nas aventuras políticas e militares do Reich desde sua fundação em 1900. Guilherme II deu apoio incondicional ao governo austríaco nas negociações com a Sérvia a propósito das investigações sobre o atentado contra o herdeiro austríaco. Três semanas depois, em 29 de julho de 1914, o império austro-húngaro bombardeou Belgrado, provocando a mobilização imediata das tropas russas em apoio a sua aliada, a Sérvia. O governo alemão, por sua vez, declarou guerra à Rússia em 1 de agosto de 1914, após ter dado ultimato à mobilização das tropas russas. Um dia depois, o exército alemão ocupou Luxemburgo e logo a seguir declarou guerra à Bélgica, por esta se ter recusado a conceder passagem para a invasão da França. Em 3 de agosto de 1914, o exército do Reich ocupou o território belga e declarou guerra aos franceses. O Império Britânico que, pelo Tratado de Londres, havia se comprometido com a soberania da Bélgica teve de renunciar à neutralidade e, em 4 de agosto, declarou guerra à Alemanha.

Toda a sociedade alemã foi envolvida nos esforços de guerra. A partida das tropas foi saudada com comoção pela população. Muitos se alistaram voluntariamente, inclusive enfermeiros, médicos, oficiais sanitários, etc. A medicina assumiu importância sem precedentes no conflito. Metade de todos os médicos atuantes na Alemanha foram recrutados, ao todo, 17.530 profissionais (Berger 2009, p. 171). O médico apolítico, neutro, cedeu lugar ao oficial firmemente engajado em garantir assistência médica eficiente e, dessa forma,

assegurar a integridade das tropas (Eckart 1996, p. 5). Para médicos e sanitaristas, a Guerra oferecia oportunidade única para observações que não eram sido possíveis em tempos de paz. Animados pelo espírito nacionalista então exacerbado, muitos acreditaram que com a Guerra a higiene alemã conquistaria seus merecidos louros (Idem). Novos fatos científicos e inovações técnicas proporcionadas pelo conflito abririam caminho a abundante literatura triunfalista, enaltecendo a capacidade da medicina de minimizar as perdas por ferimentos e doenças.⁴⁰⁸

A bacteriologia despontou ao lado da cirurgia como campo disciplinar mais importante para a manutenção da sanidade do campo de batalha. Tornou-se indispensável para a principal tarefa da organização sanitária do exército, que foi combater as doenças infecciosas e manter a população e o território alemães livres de patógenos. Grande montante de recursos materiais e pessoal foi mobilizado para essa finalidade. No elenco de discursos sócio-políticos e militares concernentes à Guerra, termos como “inimigo”, “invasão” e “combate”, presentes na linguagem da bacteriologia, reforçaram o paralelismo das ações militares e médicas contra processos infecciosos (Berger 2009, 171-187).

O corpo médico foi mobilizado para os esforços de guerra de forma tão ordenada quanto os exércitos. Os planos de mobilização foram cuidadosamente elaborados pelos chefes sanitários e militares dos diferentes distritos (Hoffmann, 1922, p. 299-300). Sem possuir qualquer experiência militar, na maior parte das vezes, muitos dos médicos convocados tiveram de se habituar ao cotidiano dos avanços e retiradas, permanecendo na retaguarda das tropas em combate e das linhas de trincheiras. O Ministério da Guerra publicou “Ordenança sanitária da Guerra”, com diretrizes aos médicos para o combate às principais epidemias. O “Comitê Central de Aperfeiçoamento Médico”, por sua vez, logo após a eclosão do conflito, organizou cursos de orientação sobre epidemias em campanhas militares, para médicos que não estavam familiarizados com o assunto (Idem, p. 127-8).

Os pesquisadores do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo tomaram parte nos esforços militares. Breve 41 quadros foram recrutados, incluindo todos os médicos, com exceção de Martin Mayer. Muitos ocuparam o posto de conselheiros de higiene nos teatros de guerra, assumindo funções que não tinham necessariamente relação com suas atividades

⁴⁰⁸ A título de exemplo cumpre citar o livro do médico berlinense William Hoffmann (1919) e o de Otto von Schjerning (1920), oito volumes com descrição detalhada da participação médica na Guerra.

científicas no Instituto. Friedrich Fülleborn foi nomeado higienista (*Korpshygieniker*) das tropas na Macedônia onde a maior ameaça era a malária; com o mesmo fim foi convocado Erich Martini, como médico do exército (*Armeearzt*) em Uesküb, também na Macedônia. As epidemias de malária que grassavam naquela região representaram sério desafio para o avanço das tropas alemãs no front oriental.⁴⁰⁹ Após a entrada do Império Turco na Guerra, em outubro de 1914, Mühlens atuou como higienista na divisão estacionada no Mar Mediterrâneo, onde permaneceu até dezembro daquele ano. A partir de então, assumiu a função de higienista no 4º batalhão do exército turco, que comandou o fracassado ataque ao Canal de Suez. Nessa primeira fase da Guerra, Mühlens coordenou a produção e fornecimento ao exército turco para de vacinas contra a febre tifóide, cólera e varíola. De outubro de 1915 a outubro de 1918 liderou campanhas contra a malária, o tifo e febre recorrente como conselheiro higienista (*beratender Hygieniker*) do 2º e 3º exércitos búlgaros (Mühlens, 1939; Wulf 2005, p. 100-1). No 4º exército turco atuaram os pesquisadores do *Tropeninstitut* Viktor Schilling e Heinz Zeiss. Este também serviria como conselheiro de higiene no 5º exército, no qual atuou figurou como higienista do exército (*Higienikerarmee*) Ernst Rodenwalt.⁴¹⁰

A organização do serviço médico em campanha obedeceu à mesma lógica hierárquica que estruturava o corpo militar, até porque grande parte de suas lideranças pertenciam às forças armadas. Havia um chefe do Corpo Sanitário Militar, ligado ao quartel-general: era membro do comando supremo do exército e superior imediato de todo o pessoal dedicado ao serviço sanitário nas operações militares. A cada comando superior do exército estava associado um médico e higienista do exército (*Armeearzt*), e a cada comando geral, um médico e higienista de corpo (*Korpsarzt e Korpshygieniker*). Ao estado-maior de cada divisão, um médico de divisão (*Divisionarzt*). Os conselheiros de higiene (*beratender Hygieniker*) eram responsáveis por averiguar novos focos de infecção, preconizar os meios de combatê-los, supervisionar a execução das medidas preconizadas e instruir os oficiais sanitários das divisões através de conferências. Os laboratórios bacteriológicos a eles subordinados realizavam exames dos casos identificados. Ao conselheiro de higiene cabia ainda informar seus superiores das condições sanitárias vigentes nos vários fronts, através de quadros e estatísticas. Geralmente foram designados para esse posto especialistas que haviam se destacado em seus respectivos campos de estudo (Hoffmann 1922; Berger, 2009, p. 181-2).

⁴⁰⁹ Sobre o combate à malária e a atuação de Martini na Macedônia durante a Primeira Guerra ver Fantini, 1996.

⁴¹⁰ Arquivo Bernhard-Nocht Institut - Jahresbericht Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten 1914.

O serviço médico enfrentou toda sorte de dificuldades. Em instalações bastante diferentes dos modernos hospitais e laboratórios nos quais estiveram acostumados a trabalhar, os médicos tiveram de improvisar diante da carência de instrumentos e produtos nos precários hospitais de campanha. Eles contavam com subalternos encarregados, por exemplo, do transporte de doentes e feridos, da manutenção de medicamentos e da provisão de água potável, que se revelou um grande problema e cuja escassez ou má qualidade foram responsáveis pela propagação de doenças como disenteria, febre tifóide e cólera (Hoffmann, 1922).

A clínica do *Tropeninstitut* serviu como lazareto para o tratamento dos feridos e enfermos. Logo mostrou-se insuficiente para a acomodação de tantos pacientes. O museu, a sala de cursos, alguns laboratórios e corredores foram ocupados com leitos. Nocht não foi deslocado para o campo de operações de guerra. Em Hamburgo, assumiu a direção de quatro instituições hospitalares também transformadas em lazaretos, assim como a direção do Colegiado Médico de Hamburgo e do Serviço de Saúde Pública, sem deixar de dirigir o *Tropeninstitut*. Sobrecarregado, nomeou Martin Mayer como diretor do lazareto erigido no instituto. Nocht e Mayer acompanhariam com especial interesse os casos de malária que surgiam durante a guerra.⁴¹¹

Nos anos seguintes mais funcionários do instituto foram recrutados para o serviço militar: em 1915, 69 deles estavam em missão. No ano seguinte, eram 75, ou seja, 90% do pessoal do *Tropeninstitut* estava engajado nos esforços de guerra. Por serem estrangeiros, nem Prowazek nem Rocha Lima puderam ser convocados. Em virtude disso, por solicitação do Ministério da Guerra, Nocht destacou-os, em dezembro de 1914, para debelar epidemia de tifo exantemático em Cottbus, a 100 quilômetros de Berlim e não muito distante da fronteira oriental da Alemanha. A doença grassava num campo de prisioneiros russos detidos após a batalha de Tannenberg. Nesta vitória que se tornou emblemática para os alemães, logo no começo da Guerra, as forças comandadas pelos generais von Hindenburg e Ludendorff aniquilaram o exército russo, que marchava rumo à Prússia Oriental. A batalha travada entre 23 e 27 de agosto de 1914 resultou em mais de 90 mil prisioneiros. Em 19 de dezembro, o

⁴¹¹ As interessantes observações colhidas pelos dois pesquisadores foram reunidas em obra publicada em 1918 (Nocht & Mayer, 1918).

Departamento Sanitário Imperial de Altona, cidade vizinha a Hamburgo, lavrou o contrato com Rocha Lima concernente à missão em Cottbus.⁴¹²

3.6. O tifo na Primeira Guerra Mundial. Rocha Lima e Prowazek em Cottbus (1914-5)

Rocha Lima dirigiu-se para Cottbus em dezembro de 1914. Quando Prowazek lá chegou duas semanas depois, 7 mil dos 10 mil prisioneiros russos estavam acometidos pelo tifo. A epidemia já havia feito vítimas não só entre os prisioneiros como também entre os médicos alemães e russos. As péssimas condições de acomodação favoreceram sua incidência. Amontados em barracões, mal alimentados, dormindo sobre palha e com mantas infestadas de piolhos, os detentos foram presa fácil (Jürgenns, 1915).

As autoridades sanitárias civis e militares alemãs ficaram bastante receosas com a epidemia em Cottbus, pois agora encontrava-se dentro das fronteiras do Reich. Em ofício ao Ministério do Interior, de 27 de janeiro de 1915, Bernhard Nocht advertiu sobre a ameaça que representava o tifo incidente entre os exércitos russos para as forças alemãs no front oriental. Chamou atenção para a possibilidade de se difundir a epidemia pelo território do Reich e de ser introduzida no front ocidental pelo exército francês, o qual lutava também no Norte da África, onde era endêmica a doença.⁴¹³ O incontido otimismo na capacidade de a higiene e a bacteriologia alemãs debelarem as doenças infecciosas na Guerra foi pela primeira vez posto em cheque. O tifo passou a ocupar o centro das atenções e logo dominou todo o discurso sobre as epidemias de guerra (Berger 2009, p. 214).

Foi problema mais sério no front oriental, já que no ocidental as medidas de controle foram relativamente bem-sucedidas. De acordo com Meusel (1937), o tifo foi o segundo maior inimigo dos exércitos alemães e austríacos. Endêmico entre as populações da Europa do leste, principalmente entre os poloneses e russos, foi qualificado pelos médicos alemães como emblema da sujeira e do atraso cultural daqueles povos. Meusel (1937) chega a se referir à doença como “companheira constante das tropas russas”. Nesse quadro, o trabalho dos médicos no front oriental foi visto como esforço de elevação cultural e nos territórios

⁴¹² Contrato do Sanitatsamt Altona com Henrique da Rocha Lima, de 19.12.1914. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁴¹³ StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung .Ofício de Bernhard Nocht ao Ministério do Interior de 27.01.1915.

ocupados, no qual a higiene orientada pela bacteriologia de Koch e a organização de combate às epidemias figuraram como fundamentos da civilização e cultura germânicas. Os médicos alemães seriam os veículos que levariam aos “povos bárbaros” os benefícios da higiene moderna e cientificamente fundamentada (Berger 2009, p. 228).

No entanto, esse senso de superioridade cultural e otimismo contrastam com a profunda ignorância dos médicos alemães e austríacos no que se referia ao tifo. Eles não sabiam como lidar com a doença, cujo quadro lhes era completamente estranho (Hoffman 1919, p. 167; Meusel 1937; Werther 2004; Berger 2009). Rocha Lima nos dá testemunho disso, quando afirma que durante a Guerra o tifo “era conhecido apenas por alguns poucos especialistas” (Rocha Lima, 1916g). Para sanar o problema, a organização sanitária do exército alemão distribuiu folhetos de instrução aos médicos. Um dos tópicos abordava os meios de diferenciar o tifo exantemático das febres tifóide e recorrente. Muito embora os exantemas no tifo se difundissem pelo corpo mais do que no chamado tifo abdominal (febre tifóide), durante a guerra foram observados casos em que a erupção se dava de forma apenas localizada (Hoffmann 1922, p. 168).

O desconhecimento da epidemiologia e da profilaxia da doença facilitou sua escalada. Logo foram confirmados surtos epidêmicos em outros campos de prisioneiros. O exército russo trazia grande número de oficiais infectados. Até março de 1915, mais de 500 mil russos haviam sido aprisionados. Em 21 das 41 prisões de guerra o total de contaminados somava 44.732 pessoas (Werther 2004, p. 13). Conhecimentos mais exatos sobre a difusão e os métodos de combate à doença tornaram-se urgentes. Muitos médicos ignoravam ou relutavam em aceitar a teoria da transmissão através do piolho. Bernahrd Nocht chamou a atenção das autoridades militares para isso e para a necessidade de concentrar os esforços na destruição do inseto (Werther 2004, p. 12). No já referido ofício de 27 de janeiro de 1915, o diretor do *Tropeninstitut* advertiu o Ministério do Interior do Reich sobre a necessidade de enfatizar o papel do piolho como transmissor exclusivo do tifo. Isso não recebera o devido destaque no folheto de instruções do serviço de saúde. Tornou-se premente convencer os oficiais de saúde refratários, diante do rápido aumento da doença nos primeiros meses de 1915, em virtude das batalhas deflagradas contra as tropas russas.⁴¹⁴

⁴¹⁴ StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung. Ofício de Bernhard Nocht ao Ministério do Interior de 27.01.1915.

Muito pouco da biologia do piolho era conhecido na época. Zoólogos, entomólogos, químicos e higienistas dedicaram-se intensamente ao estudo daquele parasita como vetor. Sem conhecer seu ciclo de vida e hábitos ficava difícil determinar os meios eficientes para destruí-lo. No começo de 1915, diversos artigos em revistas médicas e de divulgação científica tratavam de diferentes métodos de destruição preconizados por especialistas e leigos (Berger 2009, p. 214). Conforme destaca Paul Weindling (1996), um novo termo veio se somar ao léxico em uso: despiolhamento – em alemão, entlausung, em francês dépouillage, em inglês de-lousing. Tornou-se desde então um “topos inevitável” nos artigos, palestras e discursos sobre o tifo (Berger 2009, p. 210), designando, nos respectivos idiomas, um processo físico ou químico de aniquilação do vetor, sobre o qual não havia consenso.

Bernhard Nocht e o *Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo* assumiram a liderança no desenvolvimento de técnicas de despiolhamento entre janeiro e março de 1915, quando a epidemia atingiu níveis bastante dramáticos (Weindling 1996, p. 228). Ainda nos últimos meses de 1914, o diretor do *Tropeninstitut* encarregara Prowazek de revisar a literatura sobre o piolho-do-corpo e os meios de destruí-lo e de realizar experimentos sobre esses métodos, mas em Hamburgo era difícil fazê-lo em virtude da escassez de pessoas infestadas pelo inseto.⁴¹⁵ Nocht sugeriu modos de construir câmaras de despiolhamento e agentes químicos e físicos que poderiam ser empregados no processo. Aconselhou particularmente a desinfecção pelo ar quente ou com vapores de ácido sulfúrico, além do banho com sabão de cinzas ou com outras substâncias químicas. Caso os prisioneiros estivessem infestados também com o piolho-da-cabeça e outras pragas, sugeria a completa depilação do corpo.⁴¹⁶ No *Münchener Medizinische Wochenschrift* Prowazek (1915) publicou trabalho em que sugeria métodos de despiolhamento baseados em observações sumárias sobre a biologia do piolho-do-corpo. Nocht remeteu o trabalho a muitos médicos que enfrentavam o tifo, sobretudo nos campos de prisioneiros. Em março de 1915, participou de uma reunião com alguns deles, na qual foram discutidos meios de despiolhamento. Daí saíram as linhas gerais do procedimento adotado nos anos seguintes, um dos principais responsáveis por limitar a incidência do tifo entre os exércitos alemães.

⁴¹⁵StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung. Carta de Nocht a Raalzow de 09.12.1914.

⁴¹⁶ Idem.

Em Cottbus o despiolhamento ficou cargo do diretor-geral do serviço, o médico Georg Johanns Jürgens (1870-1966). Ele coordenava a organização médica local desde sua instalação, em setembro de 1914, imediatamente depois da Batalha de Tannenberg. Aluno de Rudolph Virchow e Robert Koch, Jürgens havia escrito uma monografia sobre o tifo exantemático, além de um manual sobre doenças infecciosas e epidemiologia que o tornaram bastante conhecido (Sackmann 1980, p. 117). Em carta a Nocht, de janeiro de 1915, um mês depois de chegar em Cottbus, Rocha Lima informou que Jürgens não estava convencido da transmissão exclusiva do tifo pelo piolho e manifestava tal ceticismo de forma enfática às autoridades militares. O médico brasileiro pediu sigilo a Nocht, pois queria “evitar cuidadosamente qualquer intromissão nos assuntos do professor Jürgens”, que o havia recebido “de forma extremamente amável e gentil, fazendo tudo o possível para me dar apoio”.⁴¹⁷ Em outra ocasião, observou que a teoria da transmissão pelo piolho tinha mais duvidosos do que crentes entre os médicos, no início da Guerra. “Um sorriso benévolo, uma admissão cordialmente tolerante, de que talvez aqui e ali um piolho poderia eventualmente contribuir para a transmissão da doença” foram as reações que encontrou de parte dos colegas refratários à teoria (Rocha Lima 1916g, p. 7). Pouco depois desta carta, este solicitou a Nocht informações sobre a eficácia de algumas substâncias químicas na destruição do piolho, ao que tudo indica menos por convicção pessoal do que pela firmeza das diretrizes estabelecidas pela organização sanitária do exército. Estações de despiolhamento - “símbolos por excelência da implementação da cultura alemã no leste” (Berger 2009, p. 232) - foram instaladas ao longo da fronteira oriental da Alemanha, formando uma espécie de “filtro” para manter o tifo afastado do território do Reich.

Os prisioneiros que chegavam a Cottbus eram submetidos a banhos com sabões impregnados com substâncias químicas e à depilação das axilas e pelos pubianos.⁴¹⁸ Em seguida, eram submetidos ao despiolhamento, que ,segundo Rocha Lima, transcorria “na maior desordem”, antes de serem acomodados em novos barracões.⁴¹⁹ Prowazek chegou a testar em Cottbus a eficácia de diferentes substâncias químicas, sem obter resultados

⁴¹⁷ StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung_ - Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 05.01.1915.

⁴¹⁸ StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung_Carta de Prowazek a Bernhard Nocht de 25.01.1915.

⁴¹⁹ StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung - Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 05.01.1915.

conclusivos.⁴²⁰ A presença de Rocha Lima no local de despiolhamento era reclamada a todo momento pelas autoridades militares, com as quais as fontes sugerem ter o brasileiro se entrosado muito bem. Em retrato tirado no Natal de 1914, encontrado no arquivo pessoal de nosso personagem, ele posa praticamente indistinto com farda do exército alemão em meio aos demais oficiais numa comemoração tipicamente germânica, como atesta a *Adventskranz*. Em carta a Nocht, Prowazek comentou em tom galhofeiro que o médico brasileiro havia se transmutado num soldado prussiano, tão à vontade que se sentia naquele uniforme: “o estrangeiro expressava de forma notória para os austríacos, mogúncios, etc, não a brasilidade – “Brazilianertum” – mas sim a “Prussianidade” (Preussentum).”⁴²¹

Quando Rocha Lima chegou em Cottbus, os barracões para enfermos não estavam concluídos. Mesmo sem ter acesso aos prisioneiros russos, nem contato direto com os doentes, analisou esfregaços de sangue de dois guardas alemães acometidos pelo tifo e de pessoas sadias. Carta enviada a Nocht em 5 de janeiro de 1915 indica que seu objetivo era comprovar os corpúsculos descritos por Prowazek. Ele confessava não estar de todo persuadido da especificidade dos mesmos, mas com cautela procurou afastar a idéia de que estava a negar a hipótese do colega: preferiu salientar sua falta de habilidade em diferenciar aquelas estruturas dos grânulos normais dos leucócitos. Além dos exames em amostras de sangue, procurou, sem sucesso, pelos corpúsculos em cadáveres de prisioneiros, nos quais realizou investigações anátomo-patológicas. Fez ainda experimentos animais. Como os macacos solicitados a Hamburgo demoravam a chegar, usou cobaias (porquinhos-da-índia), cuja susceptibilidade ao “vírus” do tifo já havia sido demonstrada. Injetou intraperitonealmente sangue de pacientes em seis cobaias, mas apenas uma apresentou aumento de temperatura. Numa injetou sangue escoado em filtro bacteriano para verificar a hipótese do “vírus filtrável”. Utilizou material altamente infeccioso, mas mesmo assim não obteve resultado positivo, contrariando o que vinha afirmando Nicolle. Cultura do sangue do animal “doente” em ágar permaneceu estéril.⁴²²

⁴²⁰ StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung - Carta de Prowazek a Bernhard Nocht de 25.01.1915.

⁴²¹ StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung - Carta de Prowazek a Bernhard Nocht de 15.01.1915.

⁴²² StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung - Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 05.01.1915.

Em carta a Nocht, de 15 de janeiro de 1915, Prowazek confirmou a transmissão do tifo às cobaias. Além disso, comunicou que tinham observados no conteúdo intestinal de piolhos “como visto em Belgrado” – salienta ele - “pequenos corpúsculos cocóides que se coram delicadamente pelo Giemsa, mas que no Löffler [outro método de coloração] são corados de forma bastante nítida.” As estruturas, “que também ocorrem em ovos”, seriam objeto de investigações posteriores.⁴²³ Na margem da folha, um desenho reproduzia tais corpúsculos. Como anexo à mesma carta, Prowazek enviou a Nocht manuscrito intitulado “Esboço sobre a etiologia do tifo”, no qual sugeriu a função etiológica dos corpúsculos encontrados nos leucócitos.⁴²⁴ Afirmava que o germe do tifo era um patógeno do sangue como no sarampo, varíola, escarlatina, etc. Não faz menção no manuscrito, aos corpúsculos encontrados no piolho. Ou foram observados depois da redação do documento ou Prowazek continuava a ter mais fé na função etiológica dos grânulos observados nos leucócitos do que nas estruturas encontradas no vetor.

Rocha Lima, por sua vez, havia encontrado os corpúsculos em grande quantidade em esfregaços do conteúdo intestinal de piolhos provindos de cadáveres de tíficos. Mostrou-os a Prowazek, que reconheceu neles as mesmas estruturas vistas na Sérvia (Rocha Lima 1920). Não importa qual dos dois surpreendeu primeiro os microrganismos no microscópio, pois não seria a anterioridade do achado que definiria a prioridade na “descoberta”. Embora, como já disse no início, não tenha a intenção aqui de defender ou refutar tal prioridade, cabe destacar que a mera observação de um microrganismo não bastava para comprovar seu papel como patógeno de uma doença. Havia o rol de “provas de força” elencadas por Koch, às quais o germe candidato tinha de se submeter.

A alta incidência de piolhos e tifo em Cottbus favoreceu enormemente as observações de Rocha Lima e Prowazek, pois somente diante da abundância de material puderam constatar os corpúsculos na frequência e quantidade suficientes para desconfiar de sua função patogênica (Rocha Lima 1916a). Para assegurar a legitimidade dos insetos investigados, foram recolhidos na maior parte das vezes em cadáveres frescos de vítimas da doença, pois

⁴²³ StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. Mitarbeiter. Schriftwechsel Prowazek Fleckfieber Entlausung - Carta de Prowazek a Bernhard Nocht de 15.01.1915.

⁴²⁴ *Idem*. O manuscrito aborda ainda os diferentes métodos de combate ao piolho. Prowazek desqualifica medidas como o cordão sanitário, empregado pelos búlgaros e defende com veemência a transmissão exclusiva do tifo pelo piolho-do-corpo.

eram os únicos piolhos cuja contaminação “se não absolutamente certa, era provável no mais alto grau (Idem).

Em nova carta a Nocht, de 25 de janeiro de 1915, Prowazek voltou a mencionar os corpúsculos encontrados no conteúdo intestinal de piolhos, que ele e Rocha Lima tentaram sem sucesso cultivar. Aparentemente mais inclinado a investigar o papel patogênico daquelas estruturas, sugeriu ao superior que Hilda Sikora, funcionária do *Tropeninstitut* e personagem que virá se tornar crucial dessa narrativa, investigasse piolhos normais. Rocha Lima nesse momento punha em ação suas habilidades como anátomo-patologista, fazendo cortes seriados de tecidos e analisando-os ao microscópio. Manteve alguns em solução conservante para pesquisas posteriores. Segundo Bier (1966, p. 17) a abundância de material impôs que dividissem o trabalho, cabendo a Prowazek a observação dos corpúsculos a fresco com coloração vital. Enquanto isso, a epidemia continuava a grassar no campo de prisioneiros. Na mesma carta Prowazek menciona 250 mortos. Dos 39 médicos russos que estavam no campo, 21, segundo ele, não acreditavam na transmissão pelo piolho, e cinco já haviam morrido. O tifo era sabidamente uma doença de alto potencial infeccioso. Os dois pesquisadores do *Tropeninstitut* não passaram incólumes por essa prova: primeiro Prowazek e depois, Rocha Lima, contraíram a doença e retornaram a Hamburgo. Quando isso aconteceu, em fins de janeiro de 1915, a epidemia em Cottbus já se encontrava no fim. Rocha Lima sugere que o colega tenha se contaminado durante a manipulação de material altamente infeccioso de piolho, cujo processamento e observação exigia extremo traquejo e delicadeza. O brasileiro só adquiriu a infecção ao prosseguir as investigações iniciadas por Prowazek, ao passo que nas atividades anteriores, aparentemente mais perigosas, ele nada havia sofrido (Rocha Lima 1920, p. 234).

Prowazek morreu em 17 de fevereiro de 1915, o que deixou os colegas consternados. Nocht recebeu manifestações de condolências de toda a Alemanha. No *Archiv für Schiffs- und Tropenhygiene*, Martin Mayer descreveu a trajetória do pesquisador austríaco, sobre o qual afirmou: “Não só o *Tropeninstitut* perde seu mais importante membro, como também perde todo o mundo científico um pesquisador de relevância universal” (Mayer, 1915, p. 257). No Brasil, o necrológio foi escrito por Henrique Aragão, o mais íntimo colaborador de Prowazek durante sua estada no Instituto de Manguinhos, (Aragão, 1915).

A Guerra cobrou a vida de muitos outros médicos em missão. Werner Sackmann (1980, p. 117), com base em relatórios sanitários do exército alemão apresenta estatísticas

segundo as quais morreram 1.724 médicos militares, dos quais 210 de doenças infecciosas, sendo 99 pelo tifo. Pouco antes de Prowazek havia tombado em Cottbus os médicos Willy Hirschfeld e Georg Jochmann (1874-1915).⁴²⁵

3.7. Rocha Lima, Hilda Sikora e as investigações com piolhos em Hamburgo: o “achado fundamental”

Rocha Lima esperou restabelecer-se do tifo para prosseguir as investigações iniciadas com Prowazek em Cottbus. Pretendia seguir a trilha iniciada com o colega no encalço do tão procurado patógeno. Com a Guerra, a doença estava em alta na agenda médico-científica, por isso a elucidação da etiologia revestir-se-ia de grande significado simbólico, prometendo elevado prestígio e reconhecimento àquele que esclarecesse o enigma ao qual muitos se haviam dedicado sem sucesso nos últimos 30 anos.

Um protocolo de 2 de fevereiro de 1915 indica as atividades a que se dedicava Rocha Lima pouco antes da morte de Prowazek: no interior de piolhos coletados no cadáver de um tifofo observou corpúsculos em intensa movimentação, em grandes massas compactas dentro de células ou de vacúolos. O médico brasileiro separou em lâmina os materiais provenientes do intestino do piolho, onde estava a maior parte dos germes, do útero, da cabeça e do tegumento.⁴²⁶

Em Hamburgo, Rocha Lima passou a contar com a colaboração de Hilda Sikora, ajudante que revelou-se de grande valor, sobretudo pela habilidade na manipulação dos piolhos e criatividade, que foi fundamental para as pesquisas. Na primeira publicação sobre os estudos em curso, Rocha Lima aludiria ao “feliz apoio que o sólido conhecimento e a grande habilidade de Frau Sikora emprestaram a essas pesquisas, num campo tão pouco conhecido, dando-lhe um alto grau de segurança” (Rocha Lima 1916a). Desenhista da seção de protozoologia do *Tropeninstitut*, mantendo, portanto, estreita colaboração de Prowazek, Sikora por sugestão deste, vinha já estudando a biologia dos piolhos. Com a morte do

⁴²⁵ Este último foi um grande especialista em doenças infecciosas, tendo atuado como internista no Hospital Rudolph-Virchow e no Instituto Robert Koch in Berlim e escrito um manual de doenças infecciosas (Sackmann 1980, p. 117).

⁴²⁶ Protocolo de 02.02.1915. Reproduzido em Falcão (1966), p. 87.

protozoologista e a habilidade que ela vinha adquirindo no manejo dos parasitas, tornou-se a mais próxima auxiliar de Rocha Lima. Nascida em 1889, em Madagascar, era filha de um explorador austríaco. Embora não tivesse educação formal, falava várias línguas, era autodidata, e tida como extremamente culta (Lindenmann 2005). Esboço de um histórico do *Tropeninstitut* encontrado no arquivo da instituição descreve Sikora como uma personalidade excêntrica: era de difícil trato, sempre causando dificuldades às pessoas com quem lidava. Tinha o costume de doar parte de seu salário a pessoas carentes, não obstante vivesse com a mãe em condições bastante modestas. Usava um penteado com tranças, pince-nez, casaco de veludo azul e saia plissada, além de um chapéu masculino com fitas, o que contribuía para acentuar seu exotismo. Andava com uma pequena cobra no bolso do jaleco, que assustava as pessoas quando apontava a cabeça para fora. Tinha grande afeição por gatos, cuidando de vários no Instituto. Alguns levava para casa, na coleira ou apoiado no ombro como se fosse um casaco de pele, para alegria das crianças de Sant Pauli, a cujas zombarias Sikora respondia brandindo o guarda-chuva. Chegou a ser proibida de manter os gatos no Instituto. Essa postura exótica certamente explica porque Mühlens não a readmitiu às vésperas da Segunda Guerra como desenhista, cargo para o qual se candidatou após ter deixado o Instituto em 1925.

Enquanto estudava a biologia do piolho, Sikora procurou meios de obter em laboratório progênies do parasita livres de tifo, cultivando-os a partir do ovo. Rocha Lima, por sua vez, ocupava-se dos corpúsculos. Experimentou os mais diferentes métodos de corar empregados na bacteriologia, mas em praticamente todos as estruturas microscópicas se revelavam fracamente, tornando-se quase indistinguíveis. Na coloração de Gram, meio de distinção dos grupos bacterianos, os corpúsculos não apareciam, embora o microscópio de campo escuro mostrasse que estavam presentes em grande quantidade. A fresco a observação dos mesmos era quase impossível, devido ao tamanho diminuto e a baixa capacidade de refração da luz. Pelo método de Löffler, coravam-se de forma nítida, mas era a técnica de Giemsa que melhor favorecia sua representação. Assumiam a cor vermelha-rubi pálida, semelhante ao tom do núcleo celular e da cauda dos espermatozóides, mas diferente do vermelho intenso ou do pronunciado azul que as bactérias normalmente apresentavam nessa coloração. Rocha Lima (1916a) procurou verificar se essa peculiaridade se devia ao conteúdo intestinal do piolho: manteve espécies bacterianas com características bastante conhecidas no suco gastrintestinal do parasita para ver se apresentavam modificação na cor. O resultado negativo indicava que a coloração característica dos corpúsculos não tinha relação com o

meio de onde provinham. Descreveu, então, com mais precisão, a forma dos mesmos: em geral se apresentavam como elipses curtas, que se alongavam até o momento da divisão, vislumbrando-se, então, duas estruturas curtas, circundadas por envoltório fracamente corado. Elas se dividiam formando um “torniquete”, depois permaneciam ligadas por uma espécie de “ponte”. Resultavam daí formas bastante características de “biscoito” ou “haltere”, que, segundo Rocha Lima, podiam ser distinguidas sem dificuldade na coloração de Giemsa. A análise das diferentes partes do piolho revelou que os corpúsculos se concentravam em maior quantidade no intestino. Os experimentos de filtração e as tentativas de cultivo não tiveram sucesso (Rocha Lima 1916a).

O próximo passo na investigação consistiu em verificar se aquelas estruturas também ocorriam no conteúdo intestinal de piolhos normais, que comprovadamente não haviam tido contato com tíficos. Para isso eram necessários parasitas de regiões livres da doença, como Hamburgo. Rocha Lima passou a coletar piolhos de prisioneiros, mendigos e indigentes detidos em prisões, hospitais e albergues da cidade hanseática, submetendo a análise sistemática o conteúdo intestinal desses insetos (Rocha Lima 1920). Foram investigados até novembro de 1916 cerca de 800 insetos! (Rocha Lima 1916g). Nosso personagem obstinadamente buscava provas incontestáveis em qualidade e volume da especificidade do corpúsculo encontrado no piolho de tifo. Precisava neutralizar a hipótese de que em Cottbus pudesse ter ocorrido uma parasitose em piolhos, paralela, porém, independente da epidemia de tifo, mantida entre os insetos por transmissão hereditária (Rocha Lima, 1916d). Em 1914, Edmond Sergent, Henry Foley e Charles Vialatte (1914) haviam relatado na Argélia, em piolhos recolhidos de tíficos, a ocorrência entre o 20º e o 25º dia de infecção de numerosos cocobacilos dispostos aos pares ou em cadeia. Tais microrganismos não eram observados nem no período de incubação da doença nos pacientes (geralmente de 14 a 21 dias), nem em piolhos normais provindos de pessoas sadias. Pouco tempo depois, Nicolle, Blanc e Conseil comunicaram a presença dos cocobacilos em 5% de piolhos comprovadamente livres do tifo (Bier 1966, p. 19). Em piolhos normais, Rocha Lima encontrou esporadicamente estruturas com as mesmas propriedades dos corpúsculos observados em tíficos. Eram apenas um pouco maiores, mais arredondadas e semelhantes a cocos (Rocha Lima 1916a). Anos depois, confessaria que esse achado o deixou bastante desanimado, levando-o a acreditar “que se tratava de um germen banal do piolho” (Rocha Lima 1920a, p. 235). Qualquer incerteza em relação a isso deveria ser dirimida.

O prosseguimento dos estudos esbarrou na falta de material, ou seja, doentes e piolhos infectados com o tifo. Rocha Lima (1916a) atribuiu a escassez ao recuo das epidemias e à difusão do despiolhamento como medida de profilaxia. Não havia possibilidade de cultivar os corpúsculos, e assim o “vírus exantemático” era mantido somente através da passagem de cobaia a cobaia. As tentativas de infecção artificial de cobaias sadias a partir de piolhos aplicados em cobaias doentes não foram bem-sucedidas. Piolhos provenientes de humanos e de porcos morriam logo que eram colocados para sugar os roedores, cujo sangue lhes era tóxico. O “único complemento possível às pesquisas”, segundo Rocha Lima (1916a), era a investigação histopatológica comparada de preparados de piolhos tifosos trazidos de Cottbus, conservados em sublimado ou parafina, com preparados de piolhos indenes. A preparação dos cortes seriados de piolhos era complexa e muito delicada. Era preciso obter cortes ultrafinos (de 2 a 5 micrômetros), e a técnica de coloração tinha de ser impecável (Bier 1966, p. 23). Ao observar seções do trato digestivo de piolhos tifosos, Rocha Lima notou que os corpúsculos se concentravam em grande quantidade no lúmen intestinal, principalmente no epitélio que o recobria, onde pareciam se multiplicar preferencialmente. As células epiteliais infectadas aumentavam de tamanho. Dentro delas, os corpúsculos se condensavam em partes bastante definidas, depois ganhavam todo o corpo celular, que se dilatava formando uma espécie de balão, com protuberâncias que se insinuavam em direção ao lumen intestinal. Estas se separavam do restante da célula formando grandes amontoados em forma de gota, encontrados regularmente nas observações de preparados frescos e também de seções histológicas. Assim as estruturas ganhavam o conteúdo intestinal dos insetos. Células do revestimento intestinal de piolhos normais pareciam não apresentar essas modificações. Elas não foram observadas nenhuma vez entre as centenas de parasitas investigados.

A constatação do desenvolvimento dos corpúsculos no interior das células do epitélio intestinal de piolhos representou para Rocha Lima um enorme avanço. Ele podia agora apresentar uma característica biológica peculiar daqueles microrganismos quando comparados com parasitas de piolhos normais, demonstrando sua especificidade. Por conta disso, Bier (1966) e outros analistas da “descoberta” de Rocha Lima identificam nisso o seu “achado fundamental”. Porém, a decisão de investigar cortes seriados de piolhos deveu-se não apenas à intuição segundo a qual “era lógico imaginar que seu meio de cultura fosse a própria célula parasitada, onde deveria ele encontrar-se como um corpúsculo intracelular” (Bier 1966, p. 23), como também às prosaicas circunstâncias vigentes naquele momento. Como dito anteriormente, não havia mais material de estudo disponível, isto é, pacientes e piolhos

infectados. A habilidade como patologista e o fato de ter trazido preparados do campo de prisioneiros permitiram driblar a Rocha Lima driblar essa limitação e trazer à luz um fato que conferia novos contornos aos corpúsculos de coloração peculiar e de difícil visualização e cultivo. O desenvolvimento intracelular era a chave da especificidade daquelas estruturas no tifo.

3.8. Delimitando terreno numa batalha renhida

Rocha Lima decidiu publicar o primeiro conjunto de dados como nota preliminar nos *Archiv für Schiffs- und Tropenhygiene* em 1916 (Rocha Lima 1916a). Justificou a “pressa” pelo fato de que, em breve, não teria mais material para pesquisa. Com a publicação de seus resultados preliminares, esperava “estimular aqueles que dispõem de material apropriado a comprovar e complementar os nossos resultados bastante peculiares” (Rocha Lima 1916a). Tais resultados consistiam, em síntese, na constatação de uma infecção em praticamente todos os piolhos de tifo por corpúsculos minúsculos que não podiam ser considerados da flora normal do inseto, porque colonizavam células do epitélio intestinal e provocavam nelas reações jamais observadas em piolhos normais. Rocha Lima absteve-se de qualquer afirmação sobre a função etiológica daquelas estruturas, revelando extrema cautela. Apenas sugeriu que o caminho por ele indicado apontava na direção do patógeno. Segundo (Rocha Lima 1916a), a questão do papel dos corpúsculos como causadores do tifo “permanece intocada”. Tampouco se pronunciou sobre a natureza daqueles germes, optando por isso pelo termo “corpúsculos”, “embora esta designação, não raro, provoque certo ceticismo”, acrescentou (Idem).

É bem provável que a decisão de Rocha Lima de publicar os resultados preliminares tenha sido motivada pelo objetivo de assegurar a prioridade dele e, por extensão, do *Tropeninstitut*, se não na elucidação da etiologia do tifo, pelo menos na definição de caminhos que poderiam levar a ela. Rocha Lima prosseguiria com a mesma obstinação na busca de mais evidências em favor do papel patogênico dos seus corpúsculos. Outros grupos na Alemanha e no exterior estavam no encalço do patógeno. Se por um lado a questão da etiologia exigia cautela, por outro requeria agilidade na divulgação dos resultados, pois as pesquisas prosseguiram a todo vapor. Acreditava-se que a descoberta do agente causador do tifo era questão de tempo - de pouco tempo, a crer nas diversas notas sobre o assunto que surgiam nas revistas médicas. Desde 1915, notícias informavam que na Sérvia fora confirmado o achado

do microrganismo que à época gozava de maior reputação como patógeno: o “bacilo de Plotz”, gram-positivo, polimorfo e imóvel descrito no ano anterior por Harry Plotz com o nome de *Bacterium typhi-exanthematici*. Este médico norte-americano o tinha observado no sangue de grande parte de vítimas do tifo e em macacos artificialmente infectados. Em contrapartida, não ocorrera em cerca de 200 pessoas sadias ou acometidas por outras doenças. Além disso, o bacilo fora cultivado em meio anaeróbio (sem a presença de oxigênio), de composição e preparação bastante específicas, sobre o qual formava colônias opacas entre o terceiro e o 16º dia. O crédito em favor do bacilo de Plotz provinha principalmente do fato de reagir positivamente e de forma específica na presença de soro de tíficos na maior parte dos casos (Plotz, 1914; Rocha Lima 1916e, 1916g). Por conta disso, o norte-americano advogou tratar-se do agente causador do tifo.

Em carta de 16 de fevereiro de 1916, Ludolph Brauer, diretor do Hospital Eppendorf, comunicou a Rocha Lima que havia tido a oportunidade de ver “o suposto agente do tifo dos norte-americanos” em Skopje (Escócia, capital da Macedônia). O médico da Missão Médico-Militar Alemã, Fricke, o havia mostrado. Brauer sugeriu a este que enviasse culturas a Rocha Lima e, através dele, para Eugen Fraenkel, do Hospital St. Georg, de Hamburgo, e a von Behring, em Marburg. Considerou que as pesquisas careciam de verificação. “Eu, pessoalmente, gostaria de acreditar que os norte-americanos se encontram no caminho errado”, ponderou Brauer.⁴²⁷

Certamente Rocha Lima comungava desse desejo, menos pelo nacionalismo inflamado que animava o colega do que pela ambição de quem julgava estar no rastro do procurado patógeno. Para conquistar terreno naquele campo disputado, teve de desqualificar os demais germes propostos como agentes do tifo. Na primeira publicação de seus resultados afirmou não acreditar que o bacilo de Plotz, incapaz de reproduzir em animais de laboratório doença tão contagiosa como o tifo, pudesse ser o seu causador (Rocha Lima 1916a). Mas foi com respeito que nosso personagem se referiu nesse e em outros momentos às pesquisas de Plotz. Considerou-as as mais sérias em meio a tantas outras, em sua opinião conduzidas sem rigor científico, com base em experimentos ambíguos e interpretações arbitrárias (Rocha Lima, 1916e).

⁴²⁷ Carta de Ludolph Brauer a Rocha Lima de 14.02.1916. Brauer encontrava-se na ocasião na Sérvia, onde o tifo grassava violentamente. Ele ocupava cargo de alto escalão na hierarquia médico-militar – o de Generaloberarzt, como conselheiro de clínica interna.

Outro microrganismo criticado por Rocha Lima foi o bacilo isolado em 1916 por Johannes Petruschky, de material expectorado por pacientes. Argumentou o pesquisador brasileiro que jamais tivera notícia de pessoas que houvessem contraído a infecção por contato com perdigotos de doentes livres de piolhos. Além disso, o “vírus” do tifo jamais fora comprovado naquele tipo de material, no qual ocorria todo tipo de bactéria (Rocha Lima, 1916a).

Para garantir seu lugar no debate, Rocha Lima publicou a primeira parte dos resultados a que havia chegado. Já estava de posse de outras evidências que sugeriam de forma mais contundente o papel dos “corpúsculos” na etiologia do tifo. Ainda assim, não eram suficientes para que afirmasse tal coisa. A divulgação precoce daquelas evidências poderia fornecer pistas importantes para que outros pesquisadores seguissem no encalço do germe. Veremos adiante que tal precaução não era descabida. Das linhas da “ciência pública” de Rocha Lima, passemos à esfera “privada” de seu laboratório, para acompanharmos como ele chegou às referidas evidências.

3.9. A “gaiola de Sikora” e a infecção experimental de piolhos

A manutenção de piolhos vivos em laboratório esbarrava em sérias dificuldades, pois os parasitas só se alimentavam do sangue humano circulante. Já vimos que o de cobaias mostrou-se altamente tóxico; morriam pouco depois de as sugarem. O de porcos e macacos poderia servir, mas eram inviáveis do ponto de vista prático. Foi aí que a colaboração de Hilda Sikora revelou-se importante diferencial no rumo das pesquisas. Contribuiu bastante o fato de ela também já ter contraído o tifo, sendo, portanto, imune à doença. Sikora procurou desenvolver uma técnica factível de sucção de seres humanos por piolhos, a fim de manter a criação destes. Numa primeira tentativa, os piolhos eram aplicados numa porção delimitada da pele circundada por gordura. Dali podiam sugar o sangue, desde que o “doador” permanecesse imóvel. O procedimento não se revelou viável. Numa outra tentativa, os piolhos eram colocados em tubos de vidro; a extremidade em contato com a pele era revestida de gaze com malha suficiente para detê-los, mas não para impedi-los de sugar o sangue do doador. Na outra extremidade, o tubo era vedado com algodão para impedir a fuga dos insetos. Vários eram afixados na pele através de uma armação de madeira (Sikora 1915 *apud* Mannweiler 1998, p. 188). Finalmente Sikora desenvolveu um artefato mais arrojado, que permitia aos

doadores se movimentar à vontade enquanto seu sangue era sugado pelos piolhos. Consistia em pequenas caixinhas de madeira ou galalite, fixadas na pele através de correias, como um relógio de pulso. A caixinha era hermeticamente fechada, exceto a face em contato com a pele, coberta por gaze, que possibilitava a sucção do sangue pelo parasita. Para piolhos adultos, usava-se gaze de malha maior, e para as larvas, malha menor. A cada 5 dias, os ovos depositados nas gaiolas de adultos tinham de ser retirados para que as larvas recém-eclodidas não passassem pela malha de trama mais larga. Com esse artefato, os próprios Sikora e Rocha Lima puderam alimentar os insetos mantidos em laboratório, que precisavam sugar sangue humano pelo menos uma vez por dia. Segundo Rocha Lima, era possível deixar até 300 piolhos a sugar uma pessoa, sem que esta sentisse o menor desconforto.

A chamada “gaiola de Sikora” possibilitou o aumento de escala das pesquisas com piolhos. Em abril de 1916, Rocha Lima fez mais de 30 experimentos lançando mão do artefato. Em artigo de novembro daquele ano mencionou 50 experimentos feitos com cerca de mil piolhos (Rocha Lima 1916g). Por permitir “sem muito esforço” a infecção de grande quantidade de insetos, e por conseguinte, volume abundante de material virulento, as caixinhas de Sikora viabilizaram uma forma de cultura *in vivo* do “vírus” do tifo, compensando o fato dele não ser cultivável *in vitro* (Rocha Lima 1916b).

Superado o obstáculo técnico, Rocha Lima pôde dar o passo seguinte para a comprovação da função patogênica dos “corpúsculos”: a infecção experimental de piolhos “normais”, coletados em região sabidamente livre de tifo. Se apresentassem os parasitas intracelulares depois de aplicados em tifosos, constituiriam evidência bastante eloquente do papel desses parasitas na etiologia da doença. Mas com as epidemias praticamente exterminadas nos campos de prisioneiros russos, onde obteria o médico brasileiro tifosos para seus experimentos? Em Hamburgo, tinha acesso a número ilimitado de piolhos “normais”, mas não a vítimas do tifo. O decurso de Guerra ofereceu as circunstâncias ideais a Rocha Lima. Em 4 agosto de 1915, as tropas alemãs ocuparam Varsóvia. Logo em seguida, praticamente toda a Polônia caiu sob o jugo do exército do Reich e do Império Austro-Húngaro. Lá, o tifo era endêmico. Os alemães instalaram um governo geral na capital polonesa, que organizou amplo esquema de combate ao tifo no país ocupado, centrado na destruição do piolho. Na Rússia também a população civil foi submetida a procedimentos rigorosos e sistemáticos de despiolhamento. De julho de 1916 e a novembro de 1918, 3,2 milhões de pessoas seriam despiolhadas, numa média que variou de 200 a 500 pessoas por dia. A enorme infra-estrutura

mantida até 1918 compreendeu 188 estações de despiolhamento, além de outros tantos lazaretos para vigilância dos doentes, portadores sadios e suspeitos (Berger 2009, p. 219).⁴²⁸

Rocha Lima deslocou-se para Wloclawec, pequena cidade às margens do rio Vístula, em 28 de janeiro de 1916, sendo designado recrutado pelo Ministério da Guerra médico-assistente de guerra (*Kriegsassistentenarzt*) do III Hospital de Campanha (*Festungslazaret*).⁴²⁹ Sua tarefa era fazer pesquisas científicas sobre a causa e o combate do tifo. Elas seriam enormemente favorecidas pela abundância de material de estudo. Para a infecção experimental de piolhos indenes, Rocha Lima levou na bagagem insetos coletados em Hamburgo (Rocha Lima 1920, p. 236). Foram cultivados em laboratório a partir do ovo em condições assépticas, cautela que Rocha Lima considerou indispensável à obtenção de resultados incontrovertidos. Duas vezes ao dia, afivelava as gaiolas de Sikora com os piolhos trazidos de Hamburgo em pacientes com tifo no estágio febril ou em convalescentes após o 6º dia da doença. As gaiolas permaneciam afixadas nos braços ou nas coxas dos tifosos por cerca de duas horas. Os piolhos eram depois mantidos a 23 e 33°. No conteúdo intestinal dos piolhos mantidos a 33°, o médico brasileiro encontrou os microrganismos típicos parasitando as células do epitélio, o que não ocorreu nos insetos mantidos a 23°, nem naqueles aplicados em pessoas sãs ou em convalescentes (Rocha Lima 1916b). Ficava, dessa forma comprovada a especificidade daquelas estruturas na etiologia do tifo. Se, por um lado, pareciam não atender ao postulado de Koch concernente à obtenção de cultura pura do germe suspeito, por outro obedeciam àquele que exigia o isolamento do micróbio em animais artificialmente infectados. Ainda que estes se tratassem do vetor e não de cobaias. Rocha Lima fez observações sobre a multiplicação dos corpúsculos nos piolhos e a capacidade infectiva destes. Aplicou piolhos indenes em doentes em diferentes estágios da infecção e examinou-os 8 a 10 dias depois. Insetos alimentados em pacientes no estágio febril foram analisados em intervalos de até 24 dias. Assim pôde Rocha Lima constatar o paralelismo entre a capacidade

⁴²⁸ Conforme demonstra Berger (2007), os portadores sadios de agentes patogênicos receberam atenção especial dos bacteriologistas, higienistas e oficiais sanitários no contexto da Primeira Guerra. A epidemiologia orientada pelos preceitos da bacteriologia de Koch viu neles o principal perigo e elemento-chave na deflagração e disseminação dos surtos epidêmicos.

⁴²⁹ StAHH.352-8/9 1a 23 Band 1 1-6a Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten. 10. Mitarbeiter des Tropeninstituts - Da Rocha Lima.

dos piolhos de transmitir a doença e a ocorrência dos corpúsculos, ou seja, apenas piolhos que continham aquelas estruturas eram capazes de transmitir o tifo às cobaias.

Convencido do papel dos minúsculos parasitas intra-celulares na etiologia do tifo, Rocha Lima dedicou-se à divulgação entre os pares de suas conclusões e hipóteses, adentrando mais ostensivamente a acirrada disputa entre os que reivindicavam a descoberta do agente microbiano da doença. Quando decidiu tornar públicos seus resultados, nosso personagem estava consciente de que iria enfrentar uma atmosfera de ceticismo naquele terreno minado de incertezas e controvérsias.

3.10. O Congresso de Patologia de Guerra em Berlim (1916)

Em 26 e 27 de abril de 1916 ocorreu em Berlim o já referido Congresso de Patologia de Guerra, que reuniu os médicos envolvidos na pesquisa, combate e profilaxia de doenças relacionadas ao confronto e no atendimento de doentes e feridos. O fórum serviria para atualizar os conhecimentos adquiridos recentemente no teatro de Guerra ou nos laboratórios. Rocha Lima apresentou os resultados de suas pesquisas, em parte já divulgados tinham vindo a lume nas páginas de *Archiv für Schiffs- und Tropenhygiene*. Agora estava municiado de provas experimentais do papel etiológico dos microrganismos encontrados no conteúdo intestinal de piolhos tifosos. Não surpreende que tenha lançado mão de uma retórica defensiva em sua comunicação: o seu germe era mais um que vinha se somar à dezena de outros já incriminados como patógenos do tifo. Ele partia do pressuposto - e é bem provável que não estivesse equivocado - de que encontraria uma audiência bastante cética. Logo de início, declarou:

Minhas pesquisas dificilmente permitem outra conclusão senão a de que os microrganismos por mim descritos nos *Archiv für Schiffs und Tropenhygiene* tratam-se, com a mais alta probabilidade, do patógeno do tifo. Importa-me pouco persuadí-los da exatidão desta conclusão. É mais importante ouvir dos senhores uma crítica rigorosa, que aponte um possível erro de minhas pesquisas em virtude da ordem de idéias colocada e que poderia levar a novos experimentos mais apropriados. Estou plenamente consciente da profunda desconfiança que minha observação desperta (Rocha Lima, 1916b)

Em meio a tantos candidatos a agentes etiológicos, Rocha Lima procurou individualizar o seu através de um nome, como era de praxe na bacteriologia. De acordo com as regras taxonômicas vigentes, o nome geralmente aludia às características ou propriedades do microrganismo, à doença a qual estava relacionado ou, ainda, ao indivíduo que o havia descrito. O ato de denominar significava também classificar o novo organismo no âmbito das categorias taxonômicas de ordem, classe e família. Acontece que Rocha Lima não tinha clareza sobre a natureza dos seus corpúsculos. Se, por um lado, a morfologia apontava para uma bactéria, as singulares propriedades de coloração bastante e o fato de não ser detectado no material biológico de doentes, nem cultivável, tornava problemática sua classificação naquele grupo. Além disso, o modo de desenvolvimento no piolho não parecia comum a bactérias. Aventou o médico brasileiro a hipótese de tratar-se de clamidozoários/estrongiplasmas, grupo que, como vimos, foram estudados a fundo por Prowazek. O próprio Rocha Lima abordou o tema no Congresso de Patologia ocorrido em 1914. Tal como os clamidozoários e estrongiplasmas, os “corpúsculos” descritos por nosso personagem formavam inclusões intracitoplasmáticas “sob a forma de uma aglomeração justaposta ao núcleo” (Rocha Lima 1920, p.). Vimos que os clamidozoários já haviam sido correlacionados a doenças como tracoma e varíola, aproximação nada esclarecedora, sabendo-se que a classificação dos próprios clamidozoários era controversa: alguns os consideravam mais próximos de bactérias, outros, dos protozoários (Rocha Lima 1920).

Conforme salienta Bier (1966, p. 25-7), Rocha Lima deliberadamente batizou seus corpúsculos com um nome que evitava uma afirmação categórica tanto do papel etiológico, quanto da sua natureza biológica. Ao denominá-los *Rickettsia prowazeki*, saldava a dívida, ao mesmo tempo, com Ricketts e Prowazek, demonstrando que reconhecia o papel dos dois na descrição dos microrganismos. A partir de agora, referir-se-ia aos tais corpúsculos com nome próprio. Ele estava longe de pretender “fundar um novo capítulo da biologia”, como se apressa em afirmar a memorialística médica, e “criar uma nova categoria de microrganismos” (Bier, 1966; Reis, 1975,77; Falcão,1966, 1967; Magalhães, 1968). Rocha Lima estava mais preocupado em dar solução provisória a seu problema, singularizando aqueles germes com propriedades tão interessantes e com poder patogênico tão provável. Adotou nomenclatura que o livrasse de enfrentar, por ora, a questão problemática e polêmica da classificação taxonômica, questão, inclusive, a que a biologia só colocaria termo décadas depois. Além do mais, pretendia evitar confusão com qualquer dos outros microrganismos apresentados como supostos agentes causadores.

Depois de ter “batizado” os corpúsculos, Rocha Lima apresentou suas características: a coloração vermelho-pálido no Giemsa; as formas características de haltere e biscoito, a disposição aos pares ou em cadeias e a ligação através da “ponte” de fraca refringência, que fazia com que às vezes se parecessem com bactérias de coloração polar (Rocha Lima 1916b). A frequência e intensidade com que tais estruturas apareciam no conteúdo intestinal de piolhos tíficos, em contraste com a ausência em piolhos normais, foi enfatizada, mas a colonização intracelular do epitélio intestinal foi a característica que Rocha Lima considerou a mais importante para diferenciar esse microrganismo de outros semelhantes. Descreveu o ciclo das riquetsias, desde a multiplicação no interior da célula até sua liberação na luz do intestino do piolho. A ocorrência desse ciclo em piolhos artificialmente infectados em doentes constituía forte evidência do papel patogênico daquele germe. Além disso, experimentos animais feitos em paralelo às investigações microscópicas demonstravam que apenas piolhos com corpúsculos intracelulares no trato gastrintestinal eram capazes de transmitir a doença às cobaias (idem).

Segundo Rocha Lima, a dificuldade em poder confirmar de forma segura, a ocorrência da *Rickettsia prowazeki* no sangue e organismo de doentes ou de animais artificialmente infectados devia-se ao fato dela ser muito semelhante aos componentes normais de tecidos, como grânulos presentes na circulação,

A semelhança da *Rickettsia prowazeki* com componentes normais de tecidos, com grânulos presentes na circulação ou produtos da coagulação dificultava, segundo o pesquisador brasileiro, sua confirmação no sangue e no organismo de doentes ou de animais artificialmente infectados. Ele não descartou a hipótese de que tivessem função etiológica os corpúsculos descritos por Prowazeki em leucócitos, “que tem grande semelhança com nossas riquetsias”, afirmou (Idem). Sugeria, com isso, que poderia tratar-se do mesmo microrganismo em fases diferentes de evolução, mas os dados disponíveis não forneciam uma “prova persuasiva” disso. Tampouco era possível comprovar se os corpúsculos de Prowazek eram, de fato, diferentes das granulações normais dos leucócitos ou produtos da degeneração celular, como afirmavam Gaviño e Girard. Do mesmo modo, Rocha Lima não desconsiderou a hipótese de que as estruturas descritas por Ricketts e Wilder tivessem ligação com a *Rickettsia*. Não obstante as “muitas observações e experimentos impecáveis”, reconheceu ainda não ser possível demonstrar se a *Rickettsia* circulava no sangue, como os corpúsculos de Prowazek. Mas procurou reverter essa lacuna em favor de seu patógeno, ao argumentar que suas propriedades coincidiam com aquelas já atribuídas por outros ao “vírus” do tifo:

sabidamente, não era cultivável, nem constatável no sangue e nos órgãos de pessoas doentes, nem ainda de animais de laboratório infectados. Rocha Lima acrescentou outra característica: não era um “vírus filtrável”, mas nesse aspecto, como vimos, colidia com as conclusões de Nicolle, uma das maiores autoridades no assunto (Idem).

Com base em experimentos ainda em curso, o pesquisador brasileiro afirmou que a riquetsia, assim como o “vírus” do tifo, precisava de mais ou menos 5 dias para se desenvolver no piolho. Além disso, notara que o paciente com tifo sempre era capaz de transmitir a infecção ao vetor quando estava na fase febril, mas não o fazia na convalescência, depois do 5º dia (Rocha Lima 1916b). Esses dados esclareciam importantes questões relativas à epidemiologia da doença.

As evidências experimentais apontavam fortemente para o papel da *Rickettsia prowazeki* como causadora do tifo, mas o fato de não ser cultivável nem constatável no sangue e material biológico de doentes restringia sua aceitação. Dali em diante nosso personagem seguiria no encalço de novas evidências capazes de vencer as resistências a seu patógeno. Como disse, a doença que grassava com intensidade entre as tropas e prisioneiros de guerra tornara-se questão candente e prometia enorme prestígio a quem a equacionasse. A arena científica estava marcada por disputas de diversas ordens. Ambições pessoais não deixavam de influir nessa dinâmica. Pelo contrário, era uma própria força a impelir os atores a tomar parte no debate. Reconstruiremos a seguir a primeira das controvérsias enfrentadas por Rocha Lima, deflagrada em seguida à apresentação daqueles resultados já bastante promissores.

3.11. O Congresso de Varsóvia, a *Rickettsia prowazeki* e a controvérsia com Hans Töpfer

Após o Congresso de Patologia de Guerra, em Berlim, o renomado médico alemão Wilhelm His organizou um encontro no qual o tifo foi o principal assunto debatido (Werther 2004, p. 15). O Congresso de Medicina Interna – evento já de longa tradição na Alemanha – ocorreria em Varsóvia em 1 e 2 de maio de 1916. A cidade foi literalmente “invadida”, escreve Berger (2009, p. 249), por médicos alemães de toda parte e das mais diferentes patentes. Quase mil atenderam à convocação da presidência do Congresso para a reunião extraordinária dedicada às epidemias de guerra. Um dos temas centrais foi obviamente o tifo, retratado como protótipo daquela categoria de doenças. No discurso de abertura, His declarou

que as epidemias de guerra não deveriam ser motivo de preocupação, pois haviam sido subjugadas pela ciência (Idem, p. 252). O discurso triunfalista que defendia a vitória da medicina alemã contrastava com a debacle que o tifo impunha em campo, reclamando vítimas mesmo entre membros da classe médica. Tampouco condizia com as indefinições que ainda pairavam sobre a doença.

Em carta a Bernhard Nocht, Rocha Lima declarou que o congresso foi uma bagunça. Considerou um disparate a escolha de Varsóvia para sediá-lo. Mesmo as palestras “mais fortemente berradas” permaneceram incompreensíveis em razão do grande número de participantes. Não havia aparelhos de projeção de slides. O intercâmbio de conhecimentos científicos, que deveria ser o objetivo de tais reuniões, “foi um pretexto secundário”.⁴³⁰

A continuação da correspondência e uma análise das circunstâncias esclarecem porque nosso personagem ficou tão contrariado com o evento. Estava previsto que ele apresentaria seus resultados junto com o médico militar alemão Hans Willi Töpfer, que havia feito pesquisas na Polônia no mesmo período que o médico brasileiro, parte delas em parceria com Hermann Schüssler do Kaiser Wilhelm Institut für Biologie (Instituto de Biologia Kaiser Guilherme), mais tarde vitimado pelo tifo. Töpfer afirmara ter encontrado de forma independente do pesquisador brasileiro um corpúsculo com as mesmas características da *Rickettsia prowazeki*, inclusive a propriedade de colonizar o interior das células do revestimento do trato intestinal de piolhos tifosos. Afirmou ainda serem os corpúsculos idênticos aqueles descritos por Sergeant, Foley e Vialatte, em 1914. Tinham formas elípticas, curtas, parecendo às vezes bacilos ou bactérias de coloração polar. Eram encontrados em tamanha quantidade no trato gastrintestinal de piolhos tifosos que davam “a impressão de uma cultura pura de pequenas bactérias” (Töpfer 1916b). Em preparados de seções intestinais corados pelo Giemsa era visível a posição intracelular daquelas estruturas. Töpfer havia apresentado os primeiros resultados à Sociedade de Medicina de Berlim, em 23 de fevereiro de 1916, e eles tinham sido divulgados no número seguinte do *Berliner Klinische Wochenschrift* (Semanaário Clínico de Berlim) (Töpfer 1916a). Além das estruturas análogas às de Rocha Lima, Töpfer relatou o achado de um espiroqueta em piolhos de tifo. Exceto isso, não havia nessa comunicação praticamente nada de novo em relação ao que tinham publicado

⁴³⁰ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 11.05.1916. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Ricketts e Wilder em 1910, e por Rocha Lima, em 15 de fevereiro de 1916 nos *Archiv für Schiffs und Tropenhygiene*.

Mas no Congresso de Varsóvia Töpfer apresentou novos resultados que também coincidiam com aqueles de Rocha Lima. Tal como este relatara menos de um mês antes em Berlim, alegava o médico alemão ter conseguido reproduzir experimentalmente em piolhos indenes a infecção pelos corpúsculos. Aplicou os insetos em pacientes tíficos, em convalescentes e em pessoas acometidas por outras doenças. Utilizara para isso uma faixa de feltro afixada nas coxas com de adesivo líquido, sob a qual ficavam os insetos a sugar os indivíduos. Somente naqueles que haviam se alimentado em vítimas do tifo apareceram as estruturas em questão. A ausência dos corpúsculos em piolhos indenes e naqueles que sugaram pacientes com outras doenças comprovava, segundo Töpfer, a especificidade dos mesmos. Afirmou ainda que a inoculação do conteúdo intestinal de piolhos em cobaias provocava o mesmo efeito que a do sangue de pacientes (Idem).

A comunicação de Rocha Lima em Varsóvia tratava dos mesmos resultados já haviam sido apresentados no Congresso de Patologia de Guerra em Berlim. E novamente, ele usou a mesma retórica defensiva:

Supostos agentes causadores do tifo já foram descobertos muitas vezes, o que justifica completamente uma profunda desconfiança de qualquer novo anúncio nesse campo. Quanto melhor se conhece a literatura sobre o tifo, mais profunda se torna essa desconfiança. Porque o tifo foi uma doença muito bem estudada, de modo bastante minucioso pelos microbiologistas mais importantes dos últimos tempos, em pesquisas que consumiram anos a fio, com os meios mais modernos de investigação disponíveis (...) Se eu aceito o convite para apresentar aqui os resultados de minhas pesquisas, apesar de todos esses pressupostos desfavoráveis, faço-o não para desperdiçar tempo dos senhores com o relato de um achado morfológico ou de uma cultura os quais julgo ser do patógeno, mas sim porque estou em condições de relatar aos senhores observações e experimentos que são sem dúvida bastante apropriados para lançar nova luz sobre a pesquisa etiológica do tifo (Rocha Lima 1916c).

Nosso personagem descreveu então as características morfológicas dos microrganismos que agora chamava de riquetsias, a sua presença em grande quantidade no intestino de piolhos tíficos, a invasão das células do epitélio intestinal e as modificações que

causavam nestas, bem como os resultados positivos da infecção experimental de vetores provenientes de zonas livres do tifo (Rocha Lima 1916c). Além disso, ressaltou novamente a já mencionada coincidência das propriedades das riquetsias com as do “vírus” do tifo, principalmente o fato de não serem cultiváveis e a especificidade das mesmas, uma vez que não eram encontradas em piolhos normais. Embora ocasionalmente nestes pudessem ser flagradas estruturas bastante semelhantes. Podiam ser facilmente confundidas com outras estruturas como restos de tecidos e granulações de proteínas, motivo pelo qual não haviam sido constatadas com segurança no sangue ou órgãos de humanos. Contrariamente à Töpfer, Rocha Lima deixou em aberto a questão da identidade da *Rickettsia prowazeki* com as estruturas descritas por Ricketts, Prowazek e por Sergent e colaboradores (Idem).

Não foi apenas a suposta coincidência com os resultados de Töpfer que levou Rocha Lima a qualificar o congresso de Varsóvia como “desagradável experiência”, tão ruim quanto o ataque prematuro de febre do feno, que sofreu prematuramente um mês antes da época habitual.⁴³¹ Ele disse a Nocht ter experimentado em Varsóvia “uma forte discrepância do nível moral normalmente observado por mim nos círculos médicos alemães”. Embora estivesse previsto no programa que sua comunicação ocorreria antes da de Töpfer, na hora da apresentação a ordem foi invertida, por intervenção deste, e “sem qualquer justificativa por parte do presidente do Congresso, His”. Além disso, os diapositivos levados pelo brasileiro não puderam ser exibidos. Quando soube que numa outra sala estavam ocorrendo projeções, dirigiu-se imediatamente para lá e comunicou a His a intenção de mostrar suas estampas. Este recusou, alegando ser muito tarde, mas, segundo Rocha Lima, um outro pesquisador apresentou-se 10 minutos depois e teve autorizada sua exibição de trajes de proteção em epidemias.⁴³² Na carta escrita ao diretor do *Tropeninstitut* dias depois do Congresso, relatou ainda que à noite foi promovido jantar festivo, em que os palestrantes foram apresentados ao General von Beseler, um dos chefes das tropas de ocupação alemãs na Polônia. “Se comigo foi feita uma exceção, não sei dizer” – registrou Rocha Lima –, mas os demais palestrantes, inclusive Töpfer, estavam lá.⁴³³ Para piorar as coisas, foi solicitada uma curta descrição da sua palestra para a imprensa: a sinopse curtíssima que redigiu foi quase toda riscada e apresentada

⁴³¹ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 11.05.1916. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁴³² *Idem*

⁴³³ *Idem*

“num apêndice inexpressivo, e sem importância do extenso Referate assinado pelo Dr. Töpfer”, conforme desabafou mais tarde a Wilhelm His (*apud* Bier 1966, p. 31).

Rocha Lima confessou não compreender o motivo da “opressão sistemática” de seu trabalho. “Se a minha ascendência não-alemã, se a falta de salamaleques para com His, ou se suas características pessoais, isto é, de Töpfer, desempenharam papel principal nisso, eu não sei” – confidenciou a Nocht.⁴³⁴ De qualquer forma, pesquisas do médico alemão pareceram a ele ser a completa confirmação das suas.

Em julho de 1916, Rocha Lima escreveu a Wilhelm His e exigiu que seu trabalho não fosse incluído nos Anais do Congresso, em protesto contra o favorecimento explícito de Töpfer:

A ordem das comunicações foi alterada arbitrariamente, de tal maneira que se concedeu primeiramente a palavra ao Dr. Töpfer, cujas pesquisas foram posteriores e não completamente independentes das minhas, não obstante o programa impresso estabelecesse que deveria falar depois de mim. A prioridade de minhas descobertas, realizadas não há um ano, como as outras, mas apenas um ou dois meses antes das de Töpfer, seria posta em dúvida caso eu tivesse esperado pelo Congresso de Varsóvia para a sua publicação⁴³⁵

O médico brasileiro criticou ainda o fato de não ter podido apresentar seus slides e a anexação do seu resumo mutilado à comunicação integral do colega alemão. Diante daquelas queixas, os organizadores do Congresso decidiram por fim publicar a conferência de Rocha Lima nos Anais antes da de Töpfer. His alegou que à época do Congresso ignorava a suspeita do pesquisador brasileiro, de que Töpfer tivesse tomado conhecimento de seus resultados antes de serem publicados. “Se coloquei sua conferência em segundo lugar” – justificou em correspondência – “foi como quando se serve um vinho mais antigo depois de um novo”. Rocha Lima, em resposta, ironizou: “Não imaginei que a regra de oferecimento dos vinhos fosse aplicável ao caso” (*apud* Bier 1966, p. 33).

⁴³⁴ *Idem*

⁴³⁵ Carta de Rocha Lima a W. His de 22.07.1916. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Nova publicação de Rocha Lima (1916d) veio a lume no *Berliner Klinische Wochenschrift* ainda em maio de 1916. Certamente foi uma estratégia de ampliar a circulação de seus resultados e garantir sua prioridade, legitimando-o como autoridade num campo em que a Guerra fizera proliferar especialistas. Nesta publicação, pronunciou-se de forma mais decisiva sobre a função etiológica da *Rickettsia prowazeki* e sobre sua possível identidade com os corpúsculos descritos por Prowazek em leucócitos, e vistos por ele próprio na circulação sanguínea. Manifestou-se de maneira mais afirmativa, mas ainda cautelosa. Ele apresentou resultados de experimentos em curso: testava a hipótese de transmissão hereditária entre os piolhos da infecção por riquetsias, bem como a possibilidade de transmissão das mesmas pelas fezes do inseto. Prosseguiram as pesquisas histológicas para desvendar todo o desenvolvimento da riquetsia no piolho (Idem).

Quatro meses depois, em setembro de 1916 foi publicado no *Deutsche Medizinische Wochenschrift* artigo com as observações de Töpfer em colaboração com Schüssler (Töpfer & Schüssler 1916). O médico militar defendia novamente a identidade de seu microrganismo e daqueles descritos por Rocha Lima, Prowazek, Ricketts e Wilder, e Sergent e colaboradores. Descrevia suas características morfológicas, os experimentos de infecção experimental de piolhos e de inoculação de cobaias, chegando basicamente aos mesmos resultados do médico brasileiro. Mas diferentemente deste, Töpfer não atribuiu significado especial à reprodução intracelular do microrganismo na célula epitelial do intestino do piolho. Argumentou que outros parasitas saprófitas do inseto eram capazes de fazer o mesmo, contestando a importância dada ao fato por Rocha Lima (Töpfer & Schüssler 1916). Numa segunda publicação, desta vez como único autor (Töpfer 1916), Töpfer divergiu abertamente de Rocha Lima no tocante à natureza do parasita do piolho. Se inicialmente o fato dele se multiplicar num hospedeiro intermediário e só transmitir a doença através deste levava o médico alemão a considerá-lo um protozoário, agora estava convencido de que se tratava de uma bactéria. Divergia de Rocha Lima: baseava-se exatamente no comportamento face à coloração e na morfologia para afirmar que o patógeno do tifo era um bacilo, mesmo não sendo cultivável. Töpfer desqualificou o nome e a classificação sugeridas pelo pesquisador brasileiro. Para ele nada justificaria a criação de um novo gênero e espécie. Tampouco acreditava que o microrganismo em questão tivesse relação com os clamidozoários e estrongiplasmas. Sugeriu ainda que o piolho-da-cabeça também era capaz de transmitir o tifo, fato refutado por Rocha Lima e pelo próprio Nicolle. Nessa questão reinava grande controvérsia. Para nosso personagem a menos de 24° não era possível a manutenção das riquetsias no piolho; para

Töpfer a temperatura não era fator de muita importância na multiplicação do microrganismo (Idem).

A reação de Rocha Lima não tardou. No do mesmo *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, ele publicou suas “observações” sobre os dois artigos de Töpfer (Rocha Lima 1916f). Questionava principalmente a suposição de que o parasitismo intracelular não era uma característica distintiva do suposto causador do tifo, uma vez que parasitas normais do piolho apresentavam o mesmo comportamento. Argumentou Rocha Lima que as células não eram invadidas por um único tipo de parasita. A objeção do adversário só seria procedente caso se observasse em piolhos, comprovadamente livres de tifo, parasitas com as mesmas características e presentes de forma igualmente numerosa e na mesma posição. Como isso não fora constatado ainda, a colonização intracelular permanecia uma singularidade da *Rickettsia prowazeki*. (Idem). Além disso, o médico brasileiro qualificou como improcedente a afirmação de que não considerava as riquetsias como bactérias. Havia grande diferença, redarguiu, entre manifestar incerteza sobre a suposta natureza do germe e refutá-la categoricamente sua qualidade de bactéria. A autoridade de Sergent evocada pelo alemão tampouco servia para arbitrar a classificação do agente. Novas provas eram necessárias, e se fosse comprovada a natureza bacteriana do patógeno, poderia rebatizá-lo, chamando-o *Bazillus prowazeki*. Rocha Lima reforçava, assim, o caráter provisório à nomenclatura por ele cunhada: “não diz nada mais daquilo que nós de fato sabemos até agora sobre esses microrganismos” (Idem).

Rocha Lima questionou a afirmação de Töpfer de que suas estruturas eram iguais às observadas por Prowazek em 1913. Criticou-o por se referir a sua comunicação oral, o que poderia “levar facilmente a mal-entendidos, uma vez que os resultados de minhas pesquisas, que já lhe bem conhecidos, já estavam publicados, quando [Töpfer], afinal, começou a se ocupar com a questão” (Rocha Lima 1916). O médico brasileiro pôs em dúvida a autonomia dos trabalhos do alemão em relação aos seus, insinuando que havia reproduzido uma sequência de experimentos tendo já conhecimento de seus resultados. Como vimos na correspondência com His, era isso mesmo o que pensava. A réplica de Töpfer veio logo em seguida. Afirmou ter tomado conhecimento do trabalho de Rocha Lima depois de ver o parasita nos piolhos tifosos e de se manifestar sobre isso em suas publicações (Töpfer 1916). Quanto à natureza do patógeno, reiterou Töpfer que se tratava de uma bactéria e que esta era a posição não apenas de Sergent e colaboradores, como de “muitos outros bacteriologistas conhecidos”, que lhe vinham apoiando na defesa dessa hipótese através de correspondência

particular. Só restava a Rocha Lima anular a *Rickettsia prowazeki*, provocava Töpfer, que ironicamente agradecia ao colega a oportunidade de “retificar as muitas incertezas que ainda dominam a questão da etiologia do tifo” (Idem). No final de sua réplica, adotava um tom conciliador: ambos e também outros pesquisadores haviam ajudado a elucidar grande parte dessas questões através de provas experimentais sobre aspectos importantes da epidemiologia da doença.

A polêmica não acabou aí. Na seção de Correspondências do *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, Rocha Lima (1917) voltou a defender a prioridade de seus resultados em relação aos de Töpfer. A “insignificante” comunicação de Töpfer, de fevereiro de 1916, fora feita quando já havia estado na Polônia e conseguido a infecção experimental de piolhos indenes. Naquela comunicação, Töpfer mencionara o achado de um espiroqueta, sem acrescentar nada de novo ao que Ricketts e Wilder e Prowazek já tinham relatado. Somente no Congresso de Varsóvia, Töpfer comunicara a infecção experimental de piolhos, que Rocha Lima já tinha levado a público no Congresso de Medicina Interna, em Berlim. Rocha Lima questionou ainda os procedimentos experimentais do adversário. Os piolhos por ele utilizados não provinham de zonas comprovadamente indenes. Não se tinha garantia que estavam realmente livres da infecção pelo tifo. Os resultados de Töpfer, argumentou ainda o médico brasileiro, não tinham a consistência dos seus, obtidos “através de extensas e trabalhosas pesquisas”, que não deixavam dúvida quanto ao desenvolvimento intracelular da riquetsia e seu paralelismo com a infecciosidade do piolho (Rocha Lima 1917). O número seguinte do *Deutsche Medizinische Wochenschrift* trouxe a tréplica de Töpfer, em tom bastante irônico. Embora Rocha Lima desqualificasse seu trabalho como “insignificante”, e qualificasse o dele como “importante” e “sério”, não poderia mudar o fato de que ambos haviam encontrado parasitas em piolhos tifosos, assim como outros pesquisadores antes deles. Alegou ainda que não teria como saber que o pesquisador brasileiro havia conseguido a infecção experimental de piolhos indenes semanas antes dele. Disse Töpfer ainda que lhe faltava o caráter objetivo e sereno da argumentação científica. Concluía dizendo que considerava supérflua qualquer nova discussão sobre o assunto, opinião endossada pela redação da revista, desencorajando qualquer resposta de Rocha Lima.

Se de um lado a controvérsia com Töpfer pôs em questão a prioridade de Rocha Lima, de outro deu mais visibilidade à função etiológica das estruturas descritas em piolhos de tifo. As afirmações de Töpfer não deixavam de servir como comprovação dos enunciados de nosso personagem, mas ele não estava disposto em repartir os louros da “vitória”. Queria aproveitar

aquela oportunidade para conquistar prestígio junto à conservadora comunidade médico-científica alemã, pela qual queria ser reconhecido como um igual.

Durante os anos de 1916 e no seguinte, Rocha Lima dedicou-se à divulgação de seus resultados. A *Rickettsia prowazeki* foi apresentada por ele nas páginas dos mais importantes periódicos médicos alemães da época – no *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, *Berliner Klinische Wochenschrift*, *Münchener Medizinische Wochenschrift*. A comunicação feita no Congresso de Patologia de Guerra, em Berlim, foi veiculada em volume especial do *Centralblatt für Allgemeine Pathologie und Pathologische Anatomie*, órgão oficial da *Deutsche Pathologische Gesellschaft* (Sociedade Alemã de Patologia). Ao todo, foram oito publicações só em 1916 (Rocha Lima 1916, 1916b, 1916c, 1916d, 1916e, 1916f, 1916g, 1916h).

Os resultados desse esforço não tardaram. Em 1 de julho, Rocha Lima foi convidado por Friedrich Wilhelm Winter (1878-1917), primeiro secretário da *Senckenbergischen Naturforschenden Gesellschaft*, de Frankfurt, para falar num dos encontros científicos noturnos daquela que era uma das mais tradicionais e respeitadas agremiações de naturalistas alemães.⁴³⁶ A carta enviada ao brasileiro mostra que o convite se deveu ao artigo no *Berliner Klinische Wochenschrift*, que ele remeteu àquela sociedade. Em carta posterior, Winter afirma que seu trabalho despertou o interesse de Hartmann, Sülzer e outros sócios, inclusive autoridades ligadas ao Departamento de Saúde do Imperador (*Kaiser Gesundheitsamt*). A palestra foi agendada para 4 de novembro de 1916, já que Rocha Lima não podia retornar da Polônia antes disso.⁴³⁷ Segundo Winter as reuniões ocorriam no salão do Museu de outubro a abril, e contavam com cerca de 300 a 400 participantes, a grande maioria com formação científica, incluindo médicos e docentes da Universidade de Frankfurt. Winter sugeriu que

⁴³⁶ A “Sociedade dos Naturalistas de Senckenberg” foi fundada em 22 de novembro de 1817 por sugestão de Goethe, com o objetivo de promover os estudos da natureza e estabelecer, em Frankfurt a.M., um gabinete de história natural. Adquiriu status de pessoa jurídica em 1867. A agremiação foi batizada em homenagem ao médico e botânico Johann Christian Senckenberg, que doou os recursos para a fundação a partir da qual originaria a sociedade. Sua atuação lançou as bases para a fundação da Universidade de Frankfurt. Hoje em dia, Senckenbergischen Naturforschenden Gesellschaft inclui várias instituições, inclusive um museu de história natural, dedicada a estudos, por exemplo, da biodiversidade e da questão climática. In <http://www.senckenberg.de/>, Acesso em 19.02.2011.

⁴³⁷ Manuscrito da resposta de Rocha Lima a F.W. Winter s.d. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. No mesmo manuscrito Rocha Lima pede informações sobre a dimensão desejada da conferência e a disponibilidade de aparatos para demonstrações.

Rocha Lima fizesse um balanço dos estudos recentes sobre o tifo e sobre as devastações causadas pela doença nas guerras ocorridas nos últimos séculos.⁴³⁸

Rocha Lima correspondeu apenas em parte àquelas expectativas. Em narrativa didática, deu destaque a suas pesquisas. A mesma conferência foi veiculada no *Feldärztliche Blätter* (Folha de Medicina de Campanha), periódico destinado à divulgação das novidades científicas aos médicos que atuavam nos campos de batalha. Ainda com o objetivo de ampliar sua audiência, publicou em 1916 artigo numa revista de divulgação científica, a *Die Umschau – Wochenschrift über die Fortschritte in Wissenschaft und Technik* (Revista Semanal dos Progressos na Medicina e Tecnologia).

A tarefa de criar um consenso acerca do papel da *Rickettsia prowazeki* como patógeno do tifo não era fácil naquele cenário povoado de germes candidatos referidos praticamente a cada edição dos semanários médicos. Nosso personagem procurou defender suas concepções entre a bancada de laboratório e a escrivania, com o processamento minucioso dos preparados, o olhar acurado na objetiva do microscópio e tentando redigir seus argumentos de forma assertiva, clara e persuasiva. O texto científico figurou como estratégia privilegiada de poder e persuasão mediante as disputas da comunidade médico-científica naquele momento. Analisemos a seguir mais de perto os recursos argumentativos e as provas aduzidas por Rocha Lima nesse esforço de convencimento, levando em conta o contexto do debate científico, ou talvez devêssemos empregar na ocasião o termo “contra-texto”, uma vez que essa “retórica de força” foi a barricada erguida para represar a corrente de tendências que vinham em direção contrária.

3.12. Trincheiras em defesa da *Rickettsia prowazeki*

Em linhas gerais podemos dizer que os artigos de Rocha Lima posteriores ao congresso de Varsóvia (maio de 1916) não trouxeram novas evidências capazes de mudar o juízo acerca do papel etiológico da *Rickettsia prowazeki*. As provas continuaram a ser a presença abundante do microrganismo no interior das células do epitélio gastrintestinal de piolhos infectados e a ausência dos mesmos em piolhos “normais”, além da infecção

⁴³⁸ Carta de F.W. Winter a Rocha Lima de 01.07.1916; de 14.07.1916 e de 26.07.1916. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

experimental de piolhos vindos de regiões indenes ou cultivados em laboratório. Ademais, observações microscópicas de esfregaços de piolhos feitas simultaneamente à infecção de cobaias com suspensões do inseto haviam comprovado “de forma impecável” - sustenta ele (Rocha Lima, 1916e) -, que somente piolhos com riquetsias eram capazes de contaminar os animais de experiência. Em diferentes publicações, Rocha Lima explorou tais resultados até a exaustão, apresentando-os e interpretando-os com silogismos e deduções lógicas em favor da função patogênica daquele microrganismo. Com cautela, preferia deixar a conclusão aos leitores, muito embora os textos fossem construídos de modo a contornar possíveis resistências e objeções. No Congresso em Berlim, em abril de 1916, afirmou: “Dificilmente das minhas pesquisas conclui-se algo diferente senão que os microrganismos por mim descritos, são, na mais alta probabilidade, o patógeno do tifo” (Rocha Lima 1916b). Um mês depois, em Varsóvia: “Defendo como muito provável que este microrganismo é o patógeno do tifo” (Rocha Lima 1916c). Em novembro do mesmo ano: “Todas essas observações representam provas diretas de natureza multiforme, da qual dificilmente pode ser extraída outra conclusão, senão a de que a *Rickettsia prowazeki* é o patógeno do tifo” (Rocha Lima 1916g).

Um dos argumentos mais recorrentes mobilizados por Rocha Lima foi o da coincidência das propriedades da sua *Rickettsia prowazeki* com aquelas atribuídas ao “vírus” do tifo tal como era qualificado por uma suposta tradição comum de pesquisas sobre a doença: ele afirmou ser conhecido dos especialistas que o “vírus” não era cultivável, nem um agente ultramicroscópico (não era retido pelos filtros bacterianos), tampouco era comprovável no sangue ou no tecido de doentes ou de animais de laboratório. Todas essas características coincidiam com as do germe-candidato descrito por Rocha Lima, que concluía então que a *Rickettsia prowazeki* e o “vírus do tifo” eram a mesma entidade. Além do mais, os experimentos de Ricketts e Wilder, os de Prowazek e os dele tinham constatado que o “vírus” apresentava notável concentração no piolho, ou seja, multiplicava-se ali, aumentando numa proporção de milhares de vezes. Dessa forma, o piolho, à semelhança de outros insetos vetores de doenças infecciosas “frequentes nos trópicos, mas raros na Europa”, atuava não apenas como transmissor mecânico, mas como hospedeiro intermediário (Rocha Lima 1916d). Ora, o único microrganismo encontrado em grande quantidade em piolhos era a *Rickettsia prowazeki* - afirmou repetidas vezes o pesquisador brasileiro.

Ao longo de 1916, Rocha Lima procurou adquirir maior familiaridade com a literatura sobre a etiologia do tifo. Se nas primeiras publicações havia manifestado total reserva em

identificar a *Rickettsia prowazeki* a quaisquer outros germes anteriormente descritos, a partir do artigo publicado em setembro daquele ano no *Münchener Medizinische Wochenschrift*, passou a reconhecer como “altamente provável” que pudesse ser idêntica às estruturas descritas por Ricketts e Wilder em 1910; Gaviño e Girard, no mesmo ano; por Prowazek em 1913 e 1914 e Sergent, Foley e Vialatte, em 1914. Rocha Lima mobilizava aqueles aliados para fortalecer a posição da *Rickettsia prowazeki* frente aos vários outros micróbios candidatos.

Para neutralizar objeções relacionadas ao possível achado de estruturas semelhantes em piolhos normais, Rocha Lima argumentou repetidas vezes que a morfologia, por si só, não representava critério seguro para avaliar a identidade ou distinção de dois microrganismos. A observação microscópica de estruturas tão pequenas não permitia qualquer julgamento seguro a esse respeito. Apenas preparados de seções histopatológicas revelava a propriedade biológica considerada por ele imprescindível à distinção da *Rickettsia prowazeki*: a colonização intracelular do epitélio gastrintestinal (Rocha Lima 1916d, 1916e, 1916f, 1916g).

Por diversas vezes já me referi ao fato de que Rocha Lima não se posicionou conclusivamente sobre a classificação taxonômica do micróbio suspeito, que permaneceu um aspecto bastante controverso em sua série de publicações. Como vimos, ele tendia a posicioná-lo entre as bactérias devido à morfologia, mas as propriedades peculiares de coloração e o fato de não ser cultivável o distanciavam desse grupo. Ele referiu-se a certo “instituto famoso” no qual um dos mais importantes colaboradores tomou as riquetsias como bactérias e outro classificou-as entre os protozoários (Rocha Lima 1916g). Tais opiniões – censurou – serviam mais para aumentar a confusão e ignorância do que para esclarecer. Considerou possível que a *R. prowazeki* figurasse entre os clamidozoários/ estrongiplasmas, categoria de microrganismos sobre a qual falamos no capítulo anterior, igualmente nebulosa do ponto de vista da taxonomia. À semelhança daqueles seres relacionados a patologias como o tracoma, a *R. prowazeki* formava inclusões no citoplasma das células parasitadas na região próxima ao núcleo. No entanto, ao abordar a questão na *Senckenbergschen Naturforschenden Gesellschaft*, em Frankfurt, admitiu: “Não podemos saber a qual grupo de seres vivos esses microrganismos pertencem. Não temos nenhum parâmetro para decidir sobre isso. Eu não entendo a necessidade de emitir sobre esse fato uma opinião definida” (Rocha Lima 1916g).

Nas suas publicações Rocha Lima manteve cautela também quanto à comprovação da *R. prowazeki* no sangue ou em outros órgãos e tecidos de humanos e cobaias. Repetidas vezes

salientou que ela não possuía caracteres morfológicos capazes de distinguí-la de forma segura de granulações teciduais e produtos da degeneração celular (Rocha Lima 1916). Mostrou sempre bem consciente de que isso restringia a aceitação do suposto patógeno. Era a “última comprovação” que faltava na cadeia de provas por ele produzidas. “Não falta a prova, mas sim a prova segura”, ressaltou numa de suas publicações (Rocha Lima, 1916g). Desde maio de 1915 vinha pesquisando material histológico de mais de 30 pacientes, no qual discutiu estruturas na pele e no cérebro cujas características coincidiam com as da *R. prowazeki*. Mas não se sentiu autorizado a afirmar a identidade dos achados com o germe suspeito. Chegou a considerar altamente provável a hipótese dos corpúsculos descritos por Prowazek em leucócitos fossem formas circulantes do patógeno no organismo humano.

Nosso personagem foi bastante crítico em relação a supostos achados da *R. prowazeki* em órgãos e tecidos de vítimas do tifo. Em outubro de 1916, Robert Hanser, do Instituto Patológico da Universidade de Rostock, publicou no *Deutsche Medizinische Wochenschrift* breve nota em que comunicava ter encontrado em seções histopatológicas da pele estruturas do tipo diplobacilos que preenchiam o interior das células. As características morfológicas coincidiam com as do microrganismo descrito no mesmo periódico por Töpfer e Schüssler. Concluiu Hanser (1916) que suas observações constituíam “interessante complementação e confirmação” daquelas relatadas pelos dois pesquisadores. Quase um mês depois, Töpfer noticiou no *Deutsche Medizinische Wochenschrift* a confirmação dos achados de Hanser, muito embora não conhecesse pessoalmente os preparados investigados por ele. Relatou que há anos atrás encontrara em cortes histológicos da pele e órgãos, enormes quantidades de bastonetes, diplococos e esferas aos quais não atribuía nenhum significado etiológico. Nas células ganglionares de um cadáver de vítima do tifo surpreendera inclusões de bactérias de coloração pouco nítida, que formavam estruturas semelhantes a um tumor. Em preparados da pele encontrou diplobacilos intracelulares que se assemelhavam àqueles observados em piolhos de tifo. Daí, concluiu: “Através dessa comprovação de bactérias no tecido de pessoas infectadas pelo tifo nós demos novamente um passo adiante na pesquisa dessa doença” (Töpfer 1916e).

Em carta a Hanser, Rocha Lima solicitou amostras do preparado de pele investigado. Depois, em novembro de 1916, escreveu ao colega que as estruturas em questão eram, com toda probabilidade, substâncias lipóides provenientes da degeneração de células adiposas. A cor amarronzada, pouco comum em bactérias, assim como a forma e a aparência, indicavam que aquelas formações não eram microrganismos. Externando com muita cordialidade sua

“opinião divergente”, Rocha Lima enviou a Hanser preparados de riquetsias para que ele comparasse com o que tinha e notasse a diferença.⁴³⁹ Em artigo de janeiro de 1917, o pesquisador brasileiro refutou publicamente os achados de Hanser: “nem o tamanho, nem a coloração, nem a posição das estruturas encontradas dão a menor ocasião para a suposição de que pudessem ser riquetsias” (Rocha Lima, 1917a). Aproveitou para desqualificar como “extravagante” a comunicação de Töpfer, uma vez nada apresentava além de “inclusões de bactérias mal coradas”, sem mencionar o tamanho das estruturas encontradas, nem os métodos de coloração mais apropriados ou praticamente únicos para a representação das riquetsias: o de Giemsa e o de Romanovsky modificado (*Idem*)

Não bastassem as lacunas na cadeia de provas em favor da *R. prowazeki*, ela disputava a condição de patógeno com número cada vez maior de candidatos. Devido à importância do tifo assumiu no curso da Primeira Guerra, o ano de 1916 foi em anúncios de novos germes suspeitos. Desde a primeira publicação Rocha Lima procurou desqualificar os demais candidatos, chegando a afirmar que a comunicação do achado de um microrganismo no tifo era “absolutamente vazia, sem qualquer significado” (Rocha Lima 1916h): “Os comunicados colocados de forma sensacionalista na imprensa, de que aqui e logo ali, foi descoberto o patógeno do tifo, baseiam-se na maioria das vezes no desconhecimento das dificuldades dos estudos e da experiência acumulada nesse campo” – advertiu (*Idem*). As afirmações sobre o número “extraordinariamente grande” de microrganismos considerados por seus descobridores como patógenos - afirmou em outra ocasião - só poderiam ter valor de suposições e opiniões pessoais, “para as quais não se conseguiu fornecer provas convincentes” (Rocha Lima, 1916e).

O bacilo de Harry Plotz foi mais de uma vez alvo da atenção do pesquisador brasileiro. Vimos que gozava de grande reputação, sobretudo depois de ter sido confirmado repetidas vezes por médicos norte-americanos na Sérvia. Rocha Lima chegou a tentar, sem sucesso, o cultivo das riquetsias no meio de cultura descrito pelo médico norte-americano. Comparou morfológicamente a *R. prowazeki* e o bacilo, mas enquanto este era Gram positivo, a primeira não assumia aquela coloração. Por não ter jamais encontrado bactérias Gram positivas em preparados de piolhos infectados em vítimas de tifo, concluiu Rocha Lima ser pouco provável o papel patogênico do bacilo de Plotz (Rocha Lima 1916e). Com menos reverência, o

⁴³⁹ Carta de Rocha Lima a Robert Hanser de 27.11.1916. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

pesquisador brasileiro desqualificou os germes descritos por Chazkel Abraham Rabinovitsch, por Predtjetschensky e por Klodnitzky, contestando a força comprobatória atribuída às reações de imunidade com o soro de tíficos, nas quais se baseavam para afirmar o papel patogênico dos microrganismos isolados por eles. Com base nesse argumento criticou o bacilo isolado e cultivado por Eugen Csernel em 1916 a partir de punção sanguínea (Rocha Lima, 1916g). Sua forma, segundo o autor, “coincide com as características morfológicas encontradas nos microrganismos descritos pela maioria dos pesquisadores (Csernel, 1916). Como o bacilo de Plotz e de outros pesquisadores, o de Csernel fora considerado patógeno em virtude das reações positivas de aglutinação e fixação do complemento, assim como pelo experimento animal (Idem). Segundo Rocha Lima, era questionável a especificidade da reação daqueles microrganismos acima descritos com o soro tifoso.

Mais difícil foi desqualificar o *Proteus X*, descrito ainda no turbulento ano de 1916 pelo austríaco Edmund Weil e pelo norte-americano Arthur Felix (Weil & Felix, 1916). Era capaz de aglutinar o soro de pacientes com tifo em praticamente 100% dos casos, mesmo em altas diluições. Por conta disso, passou a gozar de grande respeitabilidade no meio científico, ameaçando obscurecer a *Rickettsia prowazeki*. De acordo com Rocha Lima, à época aquele germe assumiu o primeiro plano na atenção dispensada pela comunidade médica (Rocha Lima 1919a). O bacilo gram negativo, móvel e curto, isolado da urina de um médico romeno, foi capaz de aglutinar o soro de 47 pacientes no auge da doença. Apenas em 2 dos 169 casos-controle apresentou fraca aglutinação. Os resultados de Weil e Felix chamaram a atenção sobretudo pelo enorme potencial de aplicação prática da reação imunológica. A chamada reação de Weil e Felix mostrou-se capaz de diagnosticar o tifo em estágio inicial. Foi confirmada na Alemanha, no Império Austro-Húngaro, na Rússia e nos países da península balcânica (Rocha Lima 1919a, p. 259). Tornou-se objeto de estudo de grande número de pesquisadores. A padronização das diluições, a determinação das etapas da doença nas quais devia ser realizados os testes, etc foram tema de várias publicações médicas, constituindo robusta bibliografia analisada por Rocha Lima em 1919 (Rocha Lima 1919a). A reação foi largamente aplicada pelos médicos em praticamente toda a região envolvida na Guerra.

Inicialmente Weil e Felix não atribuíram ao *Proteus X* a função de agente causador do tifo, mas em publicações posteriores eles sugeriram isso. Chegaram a defender a suposta identidade daquele germe com a *Rickettsia prowazeki*, hipótese que Rocha Lima considerou completamente descabida (Rocha Lima, 1919a). Cumpre ressaltar que ele julgou também improcedentes as aproximações dos microrganismos isolados por Plotz, Rabinowitsch e

Csernel com a *Rickettsia prowazeki*, que se diferenciava pela forma, tamanho, propriedades de coloração e por não ser cultivável (Idem, p. 289). Alguns pesquisadores afirmaram ter cultivado o *Proteus* a partir de sangue de vítimas do tifo e de piolhos tifosos. Foi o caso do pesquisador ligado ao *Tropeninstitut* Heinz Zeiss. Ele relatou o cultivo do *Proteus* X a partir do sangue de convalescentes e de abscessos cutâneos, afirmando não ter encontrado o microrganismo em material biológico de pessoas sadias ou acometidas por outras doenças. Por conta disso, Zeiss e outros cientistas passaram a defender a especificidade do bacilo descrito por Weil e Felix. Outro partidário desse bacilo foi Ernst Friedberger, do Instituto de Higiene de Greifswald, que em 1916 advogara que o tifo não possuía unidade etiológica, constituindo “muito mais um quadro patológico clinicamente homogêneo, caracterizado pela localização centralizada dos mais diferentes patógenos” (Friedberger, 1916). Mudou de opinião ao cultivar o *Proteus* X a partir de dois casos. Denominou o microrganismo *Bacillus typhi exanthematici* e com isso deu por resolvida a questão da etiologia do tifo (Friedberger, 1917).

Rocha Lima objetou que o *Proteus* X raramente fora encontrado de forma incontroversa em vítimas do tifo, além de ter sido também cultivado a partir de material colhido de pessoas que não sofriam da doença. A reação de Weil-Félix, argumentou ainda o médico brasileiro, fora igualmente comprovada em outros microrganismos. Se o *Proteus* X era capaz de provocar nas cobaias um quadro que lembrava vagamente o tifo, não se conseguia transmitir aquele bacilo em série de um animal a outro, como sucedia com piolhos infectados ou com material de pacientes, redargüiu nosso personagem. O *Proteus* X podia ser cultivado a partir de piolhos isolados de casos de tifo, mas não era encontrado em preparados do inseto com a regularidade e quantidade suficientes para excluir uma infecção acidental adquirida quando sugava o sangue de doentes. Mais de uma vez reafirmou Rocha Lima que, em preparados de seções do piolho, o único microrganismo encontrado de forma constante e em grande quantidade era a *Rickettsia prowazeki* (Rocha Lima 1919a). “Na atual situação de nossos conhecimentos, o *Proteus* X não pode ser visto como o patógeno do tifo pela mesma razão que não o podem todas as outras bactérias descobertas de forma supostamente exclusiva nesta doença” - escreveu (Idem, p. 289). A alta sensibilidade da reação de Weil e Felix ao soro tifoso permaneceu um enigma, dividindo as opiniões entre os que acreditavam no significado etiológico do *Proteus* X e os que o refutavam. A reação continuou a ser utilizada como meio de diagnóstico, enquanto que a solução do quebra-cabeça só se deu anos depois,

quando foi comprovado que o *Proteus* X (hoje conhecido como *Proteus vulgaris*) possui antígenos que apresentam reação cruzada com as riquetsias.⁴⁴⁰

As pesquisas de Rocha Lima sobre o tifo exantemático não se restringiram à questão da etiologia. Por meio de experimentos animais, e graças à expertise adquirida no trato com os piolhos, dedicou-se a elucidar aspectos relacionados à epidemiologia da doença. Apresentou novas evidências sobre a transmissão pelo piolho-do-corpo ou piolho-das-roupas (*Pediculus humanus*) teoria, que, como vimos, não era consensual, sobretudo antes de ser comprovada a eficácia do despiolhamento. O médico brasileiro defendeu com entusiasmo esse método profilático: “O combate ao tifo é o combate ao piolho. A proteção contra o tifo é a proteção contra o piolho” (Rocha Lima, 1916g, p. 12). Em contrapartida externou reservas e às vezes franca objeção em relação à transmissão pelo piolho-da-cabeça (*Pediculus capitis*), embora isso fosse comprovado em experimentos feitos, por exemplo, por Anderson e Goldberger e por Töpfer. Mesmo admitindo que aquela espécie fosse capaz de atuar como vetor, Rocha Lima atribuiu papel pouco importante na epidemiologia da doença. Em relação à transmissão pelo inseto, sugeriu que ocorria no ato do repasto, através de riquetsias alojadas nas glândulas salivares, ou pelo esmagamento dos insetos parasitas e consequente liberação do patógeno sobre a pele machucada. Chegou a admitir a possibilidade de outras vias desconhecidas, mas considerou improvável a contaminação através das fezes dos piolhos. Experimentos feitos por ele com fezes dessecadas indicaram curto tempo de viabilidade do patógeno nesse meio. Contudo, mais tarde seria reconhecido o papel das fezes na transmissão do tifo (Weyer, 1967, p. 482).

Outra questão a que Rocha Lima dedicou “repetidas investigações bastante cuidadosas” (Rocha Lima, 1916e) foi a possível transmissão hereditária do “vírus” do tifo do piolho à prole. O objetivo era elucidar o meio de manutenção do patógeno na natureza. Apesar de ter conseguido contaminar cobaias com larvas obtidas a partir do ovo de piolhos tifosos, não se pronunciou de forma categórica sobre isso. Considerou possível essa forma de

⁴⁴⁰ Estudos posteriores comprovaram que a reação de Weil-Félix baseia-se na detecção de anticorpos aglutinantes do soro de doentes que reagem com diferentes cepas e espécies de *Proteus*. Cada espécie tem porções antigênicas semelhantes a moléculas de superfície de riquetsias de diferentes grupos, de modo que esses anticorpos são capazes de reagir com ambos microrganismos. Por conta disso, a reação de Weil-Félix é caracterizada como uma reação de aglutinação heteróloga. As riquetsias do grupo tifo, entre as quais se inclui a *R. prowazekii*, por exemplo, são mais semelhantes ao *Proteus* OX². Como muitas reações cruzadas são descritas devido ao fato do antígeno não ser específico, hoje em dia reações mais sensíveis e específicas como imunofluorescência e hemaglutinação são preferidas para o diagnóstico de riquetsioses, ainda que a reação de Weil-Félix permaneça sendo bastante utilizada.

transmissão, mas não frequente, sendo antes a exceção do que a regra. Em analogia com o que Simon e Marchoux haviam observado na febre amarela, sustentou que esse fenômeno não exercia papel importante na epidemiologia do tifo (Rocha Lima 1916e).

Ainda por meio de experimentos com cobaias, Rocha Lima constatou que bastava uma sugada em vítimas do tifo para que o piolho adquirisse o patógeno, que conservava em si por mais ou menos 24 dias ou até por toda a sua curta vida. Mesmo os piolhos nutridos em convalescentes mantinham o agente causador e o transmitiam. Verificou ainda, que piolhos adquiriam o “vírus” apenas durante o estágio febril da doença. Na fase imediatamente posterior de queda da temperatura, o vírus sumia do sangue. Corroborou isso ao notar que nenhum dos piolhos aplicados em convalescentes de tifo eram capazes de produzir a infecção em cobaias. Desses resultados, concluiu que maior perigo na difusão do tifo ofereciam as pessoas sadias ou restabelecidas, infestadas de piolhos, mais do que os infectados. Inferiu ainda que não havia portadores saudáveis do vírus, ou seja, pessoas que pudessem ser fontes de infecção para o vetor ou para as demais pessoas depois de ter superado a doença ou que não a apresentassem de forma aparente. Por causa disso, considerou o isolamento das vítimas do tifo ou de pessoas sadias despiolhadas em casas de desinfecção um “procedimento desnecessário” e medida disciplinar “sem propósito e perigosa” (Rocha Lima 1916g).

Em meio aos esforços de convencimento do papel etiológico da *Rickettsia prowazeki* e à elucidação de aspectos da epidemiologia do tifo, Rocha Lima viu-se envolvido em nova controvérsia, deflagrada de forma quase simultânea às outras. Muito embora a questão em pauta aludisse à especificidade daquele microrganismo e, por consequência ao seu papel como causador do tifo, ela estava diretamente referida a uma nova entidade mórbida, de contornos ainda obscuros, mas que demonstrava seu potencial de devastação entre as tropas de ambas as partes em conflito.

3.13. Nova doença e novas controvérsias: a febre das trincheiras e a *Rickettsia pediculi-quintana*.

Em outubro de 1916, Töpfer novamente entrou em cena, dando início a mais uma controvérsia com Rocha Lima. Em comunicação à Sociedade de Medicina de Berlim, afirmou ter encontrado em preparados de células do intestino de piolhos retirados de pacientes com a recém-descrita febre Volínica, formações semelhantes àsquelas observadas em piolhos

isolados de pacientes com tifo. Ao defender que tais estruturas também eram intracelulares, Töpfer pôs em cheque a especificidade da *Rickettsia prowazeki*, fundamentada, como vimos, no fato do seu diferencial ser a capacidade de colonizar o interior de células do epitélio gastrointestinal de piolhos. Cabe uma breve retrospectiva da Febre da Volínia, o estado da arte das pesquisas no momento da comunicação de Töpfer, para enfim, descrevermos as novas controvérsias nas quais Rocha Lima se envolveu e as contribuições dele para aquele debate.⁴⁴¹

Em reunião dos oficiais médicos e sanitários ligados ao governo alemão estabelecido em Varsóvia, ocorrida em 17 de janeiro de 1916, Heinrich Werner fez uma breve comunicação sobre um quadro que havia observado entre os soldados, caracterizado por ataques febris periódicos, tal como na malária. Mas diferentemente desta, ele observou que a curva febril apresentava picos de temperatura que se repetiam a cada cinco ou seis dias, e que alcançavam de 39 a 40 graus. O ciclo das variações era de 24 a 48 horas. Oito casos examinados excluía por completo a hipótese de ser malária ou febre recorrente, tal como Werner inicialmente havia suposto. Ele denominou-a Febre dos Cinco Dias (*Fünftagefieber*). Pouco mais de um mês depois, Wilhelm His relatou à Sociedade de Medicina de Berlim a ocorrência de quadro semelhante. Ele designou-o febre da Volínia, uma vez que o observara com maior frequência na região da Volínia que à época abrangia parte da Polônia (hoje pertence à Ucrânia). Como a doença prevalecia nos meses de outubro a janeiro, His suspeitou que ela fosse transmitida por piolhos (Mannweiler 1998, p. 192).

A chamada “febre da Volínia” foi assunto numa outra reunião, de 23 de fevereiro de 1916. Paul Jungmann relatou ter encontrado no sangue de pacientes corpúsculos móveis semelhantes a diplobacilos. Ele observou as mesmas estruturas no sangue e órgãos de animais de laboratório inoculados com material virulento, de onde supôs uma ligação etiológica entre elas e a febre voliniana (Jungmann, 1916). Num segundo comunicado, nosso já conhecido Hans Töpfer afirmou ter observado, de forma independente de Jungmann, microrganismos idênticos aos descritos por ele. Também comprovou a ocorrência dessas estruturas em cobaias inoculadas com sangue de doentes, as quais apresentaram quadro febril típico. Töpfer não se

⁴⁴¹ A Febre da Volínia ou Febre da Volínia corresponde à doença hoje referida como Febre das Trincheiras. É causada pela *Bartonella quintana* e transmitida pelo piolho-do-corpo (*Pediculus humanus*), o mesmo que transmite o tifo exantemático. Caracteriza-se pelo início abrupto de febre, mialgia, dores de cabeça e aparecimento de máculas no torso, além de dores nos ossos longos da perna e esplenomegalia. Ocorrem ciclos periódicos de febre, calafrios e suor em intervalos de mais ou menos cinco dias, quadro típico da doença. Grassou durante as duas Guerras Mundias em surtos epidêmicos ligados a más condições de higiene e nutrição.

pronunciou sobre a natureza patogênica daquelas formações, sugerindo que se desse prosseguimento às pesquisas (Töpfer, 1916 d). Somente depois da Guerra os alemães saberiam que, em 12 de fevereiro de 1916, médicos britânicos haviam comunicado a observação de um quadro patológico análogo em tropas estacionadas em Flandres, ao qual denominaram Febre das Trincheiras (*Trench Fever*) (Mannweiler 1998, p. 192).

Em junho de 1916, Werner e Benzler contraíram a Febre da Volínia após se auto-inocularem com o sangue de um paciente, a partir do qual cultivaram, em meios de cultura anaeróbios, microrganismos redondos ou ovais, corados pelo Giemsa, mas que também observaram no sangue de pessoas saudáveis. Por conta disso, abstiveram-se de afirmar a natureza patogênica dessas formações. Gatos e cachorros inoculados com suspensão das culturas apresentaram curvas febris bastante semelhantes às observadas na Febre da Volínia. Os conhecimentos estavam nesse estágio, quando Töpfer sugeriu a identidade das estruturas encontradas em piolhos de pacientes com febre da Volínia, com aquelas descritas em piolhos de tifo. Segundo ele, ambas tinham localização intracelular, podendo também estar livres. Multiplicavam-se nas células do trato intestinal do piolho, preenchendo o citoplasma até elas se romperem e liberarem o conteúdo celular no lumen do intestino. Eram bastonetes duplos, tingidos nos pólos e mais espessos na febre da Volínia do que no tifo exantemático. Töpfer considerou esses microrganismos bactérias e viu neles o agente causador do tifo exantemático e wolhiniano, ressaltando no entanto, à semelhança de Werner, Benzler & Wiese (1916), que existiam microrganismos saprofiticos análogos em piolhos análogos (Töpfer 1916d).

Em novembro de 1916, cerca de um mês depois da comunicação de Töpfer, Werner aplicou cinco piolhos num paciente com febre da Volínia, colocando-os depois para sugar seu próprio sangue durante dez dias. Oito semanas após o último repasto dos insetos, ele adoeceu. No conteúdo intestinal dos piolhos, flagrou formações semelhantes às riquetsias descritas por Rocha Lima no tifo, por Töpfer, na febre da Volínia, e praticamente idênticas às que havia anteriormente cultivado em condições anaeróbias. Werner não afirmou a natureza patogênica desses organismos (Mannweiler 1998, p. 192).

Rocha Lima encontrava-se novamente na Polônia, quando iniciou as investigações sobre a Febre da Volínia. As fontes não precisam a data de sua chegada, nem se as razões científicas foram as únicas que o motivaram a dirigir-se novamente ao país vizinho. Não é improvável que sua ida tenha sido ocasionada pela entrada do Brasil na Guerra, em outubro de 1917, ao lado da Entente.

O governo em Berlim reagiu às confirmações da ocorrência de Febre da Volínia entre as tropas alemãs. O pesquisador do Instituto Robert Koch, Claus Schilling, notificou a Rocha Lima ter sido encarregado pelo Ministério do Interior do Reich, para se informar sobre aquela doença. Ele pediu que o colega brasileiro comunicasse sua chegada em Varsóvia e providenciasse pacientes, a fim de poupá-lo da “maçante procura por toda a parte”. Schilling propôs participar com Rocha Lima de autópsias, analisar com ele os preparados e juntos discutirem o assunto o que considerou uma “valiosa oportunidade”.⁴⁴²

Em Varsóvia, Rocha Lima estabeleceu contato com o médico alemão Fritz Munk, que pesquisava o tifo do ponto de vista clínico.⁴⁴³ Desse contato, surgiu uma grande amizade, que persistiu até a morte deste, em 1951. Conforme veremos no decorrer deste trabalho, a abundante correspondência mantida entre eles registra os estreitos laços mantidos mesmo depois de Rocha Lima ter retornado ao Brasil.

Munk atuou num dos lazaretos estabelecidos na Polônia. Ele relatou que nos meses frios de janeiro, fevereiro e março, grande número de casos diagnosticados como Febre da Volínia deram entrada em sua repartição. A doença apresentava tal semelhança com a malária, que 44 casos foram admitidos no lazareto de impaludismo. Por conta disso, Munk comunicou à Sociedade de Medicina de Berlim a dificuldade de estabelecer um diagnóstico diferencial para a nova entidade nosológica, baseado apenas no quadro clínico. Enquanto Munk realizou observações clínicas e epidemiológicas, Rocha Lima fez investigações sobre a etiologia e modo de transmissão, utilizando os mesmos pacientes analisados pelo colega. Eles publicaram os resultados em dois artigos que assinaram juntos, no *Münchener Medizinischer*

⁴⁴² Carta de Claus Schilling a Rocha Lima s.d. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁴⁴³ Originário da Suábia, Munk havia se formado em medicina em Freiburg, Munique e Berlim, além de ter sido aprendiz de farmacêutico. Seu trabalho sobre degeneração lipóide havia lhe rendido prêmio do Instituto de Patologia do Hospital Charité. Nos 16 anos em que trabalhou com Friedrich Kraus no Hospital Charité, escreveu seus trabalhos científicos mais importantes, muitos dos quais ganhariam notabilidade devido à precisão e habilidade adquiridas no ramo da anatomia patológica. Desta época originou-se o primeiro manual de röntgenologia clínica (1913) e a primeira apresentação anátomo-patológica do tifo exantemático, além do capítulo sobre doenças das articulações, do manual Kraus-Brugsch e de publicações sobre gota, arteriosclerose e sorologia (foi o primeiro a sugerir o caráter coloidal da reação de Wasserman). Mas foi no âmbito das doenças renais que Munk ganharia maior notabilidade. Descreveu a nefrose lipóide, em 1913, a hipertonia genuína, três anos depois e a poliartrite endócrina, em 1919. A particularidade de Munk no domínio da patologia renal foi ter partido de uma abordagem eminentemente morfológica, combinada com um sólido conhecimento sobre a química dos colóides teciduais. Assim ele passou a conceber as doenças dos rins como modificações patológicas de natureza físico-química, que afetavam os colóides orgânicos (Witzgall, 1951). Conforme veremos nesse trabalho, Munk fundou o Hospital Martin Luther, em Berlim, que dirigiu até sua morte, em 1951.

Wochenschrift (Semanário Médico de Munique), em 16 e 30 de outubro de 1917 (Munk & Rocha Lima, 1917a, 1917b).

O objetivo de Munk foi identificar manifestações que pudessem ser consideradas típicas da Febre da Volínia. Ele queria constatar se era possível definir uma entidade nosológica a partir de sintomas tão heterogêneos. O “complexo de sintomas” deduzido dos casos analisados revelou-se, no entanto, bastante semelhante ao de doenças de caráter crônico, como a Febre Papatacia e a malária (Munk & Rocha Lima, 1917a). Paul Jungmann havia realizado, em colaboração com Max Hans Kuczynski, observações clínicas, através das quais distinguiu três perfis de curva febril na Febre da Volínia. Kuczynski encontrava-se na Polônia, onde realizava estudos sobre o tifo e a nova doença.⁴⁴⁴ Ele e Jungmann aprofundaram a análise das estruturas encontradas em piolhos retirados de pacientes, afirmando sua função patogênica. Denominaram-na *Rickettsia wolhynica* (Jungmann & Kuczynski, 1917). Em diálogo com o trabalho dos dois autores, Munk diferenciou dois perfis de febre: um tipo paroxístico, ou seja, com a ocorrência de crises espaçadas, e outro contínuo. Ele não quis, porém, afirmar se ambas as formas realmente correspondiam à mesma doença. Com base nas observações epidemiológicas, manteve-se cético em relação à transmissão da Febre da Volínia pelo piolho (Munk & Rocha Lima, 1917a). O achado do agente etiológico seria o elemento que comprovaria a unicidade daquele conjunto de manifestações sintomáticas. Mas como formações semelhantes a *Rickettsia wolhynica* também haviam sido encontradas em piolhos de pessoas sadias ou com outras doenças, o significado etiológico deste microrganismo e a própria individualidade da Febre da Volínia como fenômeno clínico ficavam em aberto. Os resultados de Rocha Lima divulgados no artigo de 30 de outubro de

⁴⁴⁴ Max Hans Kuczynski nasceu em Berlim em 1880. Graduiu-se em 1913 em Ciências Naturais na Universidade de Rostock, especializando-se em parasitologia. Na Primeira Guerra dedicou-se aos estudos sobre o tifo exantemático e febre das trincheiras. Em 1919 formou-se doutor em medicina na Universidade de Berlim, onde atuou no Instituto de Patologia. De 1923 a 1924 foi professor-convitado de patologia no Instituto de Medicina da Universidade de Omsk, na Rússia. Até 1925 realizou várias expedições a Ásia Central (União Soviética, Mongólia e China) para realizar estudos sobre as populações nômades do ponto de vista da geografia médica. Nos anos seguintes fez expedições ao norte da África e Brasil para estudar doenças como a febre amarela. Em 1933 teve de deixar a Alemanha em virtude da origem judaica. Emigrou para o Peru, onde em 1936 ingressou no Instituto de Medicina Social da Universidade de San Marcos. Entre 1938 e 1944 fez pesquisas na região amazônica, onde atuou sobretudo no combate à lepra. De 1944 a 1948 investigou doenças na região dos Andes. Com o golpe militar de Manuel Odría, foi preso nesse ano devido a suposta inclinação socialista. Morreu no Peru em 1967. Kuczynski, que em 1936 mudou seu nome para Maxime Kuczynski-Godard, foi conhecido principalmente por seus estudos em “patologia cultural” ou “patologia étnica”, campo de investigação no qual procurou compreender as interrelações das doenças com o contexto cultural, social e geográfico. Sobre a trajetória de Max Kuczynski, com ênfase nos estudos sobre “patologia étnica”, ver Knipper 2005, 2009. Sobre suas perspectivas em medicina social ver Cueto, 2001 e sobre as investigações acerca da Lepra ver Cueto, 2004. A estadia de Kuczynski no Brasil e seus estudos sobre a febre amarela foram analisados por Sá, no prelo.

1917 trouxeram apreciação mais detalhada sobre a etiologia. Naquele mesmo mês, viera a lume o trabalho no qual Töpfer (1916d) defendia a identidade do agente encontrado em piolhos de febre da Volínia com o suposto patógeno do tifo, afirmando que ambos desenvolviam-se intracelularmente. Rocha Lima aponta-nos o significado daquelas afirmações: “Com isso, foi pela primeira vez levantada uma objeção séria contra a importância do desenvolvimento intracelular, enquanto característica distintiva da *Rickettsia prowazeki*.” (Munk & Rocha Lima, 1917b). Caso as suposições de Töpfer se confirmassem, cairia por terra o fundamento da especificidade e, por extensão, do significado etiológico do patógeno reivindicado pelo pesquisador brasileiro. Por conta disso, ele resolveu cuidar da questão mais de perto, no que foi favorecido pelo grande número de casos de Febre da Volínia que fora transferido para o lazareto no qual estava trabalhando.

Rocha Lima criticou Töpfer, Jüngmann e Kuczynski pela falta de descrições mais acuradas das técnicas empregadas nos experimentos. Considerou tal lapso gritante, uma vez que o método era o “ponto nevrálgico de tais pesquisas” e cuja exatidão via como fundamental “numa área de investigação tão pouco estudada como a de microrganismos parasitas do piolho” (Munk & Rocha Lima 1917b). A crítica não foi em vão: em carta de 23 de outubro de 1917, Wilhelm His solicitou a Rocha Lima, depois de “ter ouvido, com grande interesse, através de Munk, de seus mais recentes achados sobre riquetsias em pessoas sadias”, que tornasse conhecida de seu assistente, Jüngmann, a metodologia empregada na pesquisa daqueles microrganismos. “É necessário trabalho continuado nesse campo, mas principalmente que todos os que pretendam trabalhar nessa área, entendam-se acerca da metodologia” – salientou His.⁴⁴⁵

Esse era o ponto defendido por Rocha Lima. Para ele, as informações de Töpfer, Jüngmann e dos demais deveriam ser submetidas a uma verificação mais exata, utilizando a mesma metodologia empregada na pesquisa do tifo. Duas precauções considerou como fundamentais: a garantia de que os piolhos utilizados na infecção experimental viessem de regiões seguramente livres de tifo - no caso em questão, livres da Febre da Volínia - e que as características morfológicas e propriedades dos microrganismos fossem analisadas em séries de seções histológicas do intestino do piolho. Foi dessa forma que havia constatado a colonização intracelular da *Rickettsia prowazeki* (Munk & Rocha Lima, 1917b).

⁴⁴⁵ Carta de Wilhelm His a Rocha Lima de 23/10/1917. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Para Rocha Lima a investigação direta do sangue de pacientes não consistia num meio apropriado para encontrar o causador da Febre da Volínia. Em esfregaços do sangue de vítimas da doença, ele observou estruturas que depois encontrou no sangue de pessoas saudas, ou acometidas por outras moléstias. Elas mal podiam ser diferenciadas de qualquer outra estrutura – afirmou. Apenas uma interpretação arbitrária admitiria que fossem agentes patogênicos. Nem nas informações dos autores, nem no extenso material analisado, encontrou bases “cientificamente fundamentadas de que qualquer dessas estruturas era o causador da Febre da Volínia”, apontou (Munk & Rocha Lima 1917b).

Na primeira etapa das pesquisas, Rocha Lima inoculou 44 cobaias com sangue, urina e piolhos de vítimas da Febre da Volínia. Observou nos animais uma curva febril típica, que persistia por mais tempo do que em humanos, diferentemente do que verificara no tifo. Ele encontrou no sangue de camundongos as mesmas estruturas vistas no de pacientes e consideradas agentes causadores da doença. As pesquisas com piolhos foram mais extensas e meticulosas: 119 experimentos em 103 pacientes, utilizando aproximadamente dois mil piolhos. Em grande porcentagem de piolhos indenes (provenientes de Hamburgo, comprovadamente livre de Febre da Volínia) aplicados em pacientes, flagrou formações, cuja forma típica lembrava os bacilos de coloração polar do gênero *Pasteurella*. Tal forma era a menos frequente na *Rickettsia prowazeki*. A análise de seções histológicas revelou que tais formações não penetravam nas células epiteliais do piolho, como afirmara Töpfer e os demais; multiplicavam-se no lúmen do canal intestinal e aderiam à camada epitelial, sobre a qual formavam uma espécie de bainha. Dessa forma, salvaguardou a característica diferencial da *Rickettsia prowazeki* e sua especificidade no tifo exantemático. Além de não penetrar nas células epiteliais, as formações observadas em piolhos de Febre da Volínia coravam-se em tecidos de forma diferente da *R. prowazeki*, e tinham feições mais grosseiras do que esta. Rocha Lima denominou o microrganismo *Rickettsia pediculi*. Ele não apresentava movimento autônomo, nem se corava pelo Gram, desenvolvia-se também no piolho-do-corpo (ou das roupas, como o denominava Rocha Lima e outros), mas de forma mais rápida que a *R. prowazeki*. No 4º ou 6º dia depois da aplicação em doentes já podia ser encontrada em grande quantidade no piolho, ao passo que a suposta causadora do tifo, apenas depois do 8º dia (Munk & Rocha Lima 1917b).

Para investigar o possível papel patogênico da *R. pediculi* na Febre da Volínia, Rocha Lima fez 70 experimentos em pacientes: aplicou neles piolhos saudas, dos quais a maior parte apresentou os micróbios no trato gastrintestinal depois da aplicação. Isto “sugere a relação

etiológica entre o microrganismo e a doença”, afirmou, cauteloso. Contra isso havia o fato de que a *R. pediculi* também fora observada em 26 dos 33 experimentos-controle e em grande número de piolhos retirados de pessoas sadias. Ele formulou duas hipóteses para explicar esse fato: talvez a *R. pediculi* dos piolhos de febre da Volínia não fosse idêntica às formações observadas nos casos-controle; apenas não seria possível diferenciar uma da outra. Ou, talvez, a Febre da Volínia fosse mais disseminada do que se supunha, mas se manifestaria de forma praticamente imperceptível, ou haveria a ocorrência de portadores sadios (Munk & Rocha Lima, 1917b). O caráter brando da doença depunha em favor disso. Além do mais, a *R. pediculi* havia sido encontrada em pessoas sadias de regiões muito distantes e a também chamada Febre das Trincheiras fora observada, quase ao mesmo tempo, em fronts de guerra bastante afastados. Daí, Rocha Lima sugeriu que os piolhos, portando ou não riquetsias, haviam sido transportados pelas tropas à população civil, já intensamente infestada com o parasita. Não só devido à manifestação branda, mas também pelo fato dessa população não estar submetida à atenção médica constante como os militares, teria feito com que a infecção passasse despercebida (Rocha Lima 1930, p. 1372).

Muito embora não elucidasse por completo a questão etiológica da Febre da Volínia, nem comprovasse de forma inequívoca a transmissão pelo piolho – “questão ainda não solucionada, pois as provas a favor disso são escassas”, escreveu nosso personagem –, Rocha Lima comprovou que a *R. prowazeki* era o único parasita do piolho até então conhecido, capaz de penetrar nas células epiteliais do trato gastrointestinal do inseto (Munk & Rocha Lima, 1917b).

Em pesquisa sobre a histologia dos exantemas da Febre da Volínia e do tifo exantemático, o patologista alemão Alexander Schminke utilizou, pela primeira vez, a denominação *Rickettsia quintana* para referir-se ao agente causador da primeira. Rocha Lima manteve *Rickettsia pediculi* como designação mais ou menos genérica de todas as riquetsias, que diferentemente da suposta causadora do tifo, ocorriam no piolho como patógenos extracelulares (Rocha Lima 1919a). Embora considerasse que esta espécie fosse idêntica à causadora da Febre das Trincheiras, designada por Schminke como *R. quintana* e por Jungmann e Kuczynski como *R. wolhynica*, ele não se pronunciou de forma decisiva sobre a questão. Em homenagem a Rocha Lima, o microrganismo foi mais tarde denominado *Rochalimaea quintana*, até que em 1993, foi reclassificado como *Bartonella quintana*. Os resultados da cultura obtida por Werner, Benzler e Wiese (1916) foram confirmados, de modo que a hoje denominada *Bartonella quintana* é a única do grupo das riquetsias que pode ser

cultivada. A designação *Rickettsia pediculi* ficou reservada às riquetsias que ocorriam em piolhos retirados de pessoas normais ou com outras doenças, mas que não eram patogênicas. Enquanto atribui-se a Töpfer a primeira descrição do agente causador da Febre da Volínia, e a Werner, a comprovação do modo natural de transmissão, os diferentes locais da reprodução do germe só puderam ser inferidos a partir dos resultados obtidos por Rocha Lima (Mannweiler 1998, p. 192).

Rocha Lima permaneceu na Polônia até o fim de 1918. Em 9 de novembro daquele ano, foi proclamada a república na Alemanha e uma onda revolucionária varreu o país, com a ocorrência de greves e confronto generalizado nas principais cidades. O país estava à beira de se tornar uma república socialista.⁴⁴⁶ O levante revolucionário atingiu as tropas alemãs estacionadas na Polônia, favorecendo o exército polonês na luta pela tomada do poder. Por meio de um ataque repentino, as forças polonesas, apoiadas pelos norte-americanos e demais aliados, deram curso às lutas pela autonomia do país. O líder, Jozef Pilsudski, foi libertado pelo exército alemão, tornando-se o primeiro presidente da república recém-independente. Nesse momento o pesquisador brasileiro ainda se encontrava no país do leste e pôde relatar a Nocht os acontecimentos.⁴⁴⁷ Segundo ele, os lazaretos foram subordinados ao exército polonês. Um estudante local apareceu em seu laboratório acompanhado de soldados, com a incumbência de recolher as 250 cobaias que utilizava em seus experimentos. Logo depois, o representante do chefe sanitário polonês o procurou, garantindo que eles não pretendiam apreender o equipamento pertencente ao *Tropeninstitut*. Porém, soldados levaram nos dias seguintes caixas de testes, aparelhos, livros, diários de anotações e produtos químicos, que foram depositados no Instituto de Higiene de Varsóvia. Três cavalos utilizados para obter soro também foram confiscados. Em conversa com as autoridades, Rocha Lima constatou que equipamentos de laboratório e mesmo seu microscópio particular não seriam devolvidos. Através de negociações com o diretor do Instituto de Higiene, ele conseguiu garantir que sete cofres, contendo coleções de preparados, protocolos, desenhos, etc, fossem mantidos lacrados e acomodados numa das salas do Instituto. Segundo ele, os cofres continham instrumentos valiosos e todo o material acumulado em seus vários trabalhos. O oficial polonês assegurou que seriam enviados para Hamburgo assim que possível. No relatório, Rocha Lima pediu para buscar o material de que necessitava para as pesquisas, assim que as circunstâncias políticas

⁴⁴⁶ Sobre a revolução alemã ver Reis Filho, 1984, Rürup, 1993 e Loureiro, 2005

⁴⁴⁷ Relatório de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 13.12.1918. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

permitissem.⁴⁴⁸ Em ofício de seis de dezembro de 1918, Nocht solicitou às autoridades em Berlim para interceder junto às de Varsóvia, a fim de garantir o resgate do “valioso e insubstituível material científico” de Rocha Lima, que caíra nas mãos dos poloneses. Atestou que ele fora encarregado pelo Ministério da Guerra para atuar no estudo e combate do tifo na capital do país.⁴⁴⁹

Graças à coleta do material pelo colega polonês Ludwik Anigstein, Rocha Lima pôde reaver os preparados e artefatos com os quais havia realizado seus estudos. Anigstein realizou estudos sobre a etiologia do tifo no Instituto de Higiene Estatal da Polônia, estabelecido em Varsóvia.⁴⁵⁰ De volta a Hamburgo, deu prosseguimento aos experimentos para obtenção de uma vacina e soro curativo, sobre os quais falaremos a seguir.

3.14. Rocha Lima, os experimentos de imunização e a tentativa de produção de vacina e soro contra o tifo

Depois da infecção experimental bem-sucedida de piolhos indenes, prova importante da função etiológica da *Rickettsia prowazeki*, Rocha Lima dedicou-se a obter uma vacina e soro contra a doença. Vimos que a técnica desenvolvida de infecção dos insetos em laboratório e de criação dos mesmos nas “gaiolas de Sikora” possibilitava obter grande número de microrganismos. No intestino dos ectoparasitas, os germes eram observados em quantidade e predominância como numa cultura pura. Ao mesmo tempo, estava estabelecido que a infecção pelo tifo conferia imunidade forte e duradoura tanto em humanos quanto em animais, aspecto corroborado pelas observações epidemiológicas. Os resultados de Anderson & Goldberger, Gaviño e Girard, Ricketts e Wilder, Nicolle e seus colaboradores, bem como

⁴⁴⁸ *Idem*

⁴⁴⁹ Ofício de Bernhard Nocht, presidente do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, de 06.12.1918.

⁴⁵⁰ Ludwik Anigstein nasceu em Varsóvia, em 02 de fevereiro de 1891. Formou-se em medicina na Universidade de Heidelberg, e especializou-se em doenças tropicais, desenvolvendo pesquisas importantes sobre o tifo exantemático. Foi membro da Organização de Saúde Liga das Nações, à frente da qual viajou para Rússia, Inglaterra, os países dos Balcãs, Itália, Espanha, Palestina e Síria. Em 1929, em nome do governo britânico estudou tifo tropical na Malásia. Dois anos depois, participou de delegação enviada pela Liga das Nações ao Sião para combate da malária. Entre 1935-38 atuou na Libéria. Com a ocupação da Polônia pelos alemães em 1939-40 e a perseguição aos judeus emigrou para os Estados Unidos, onde deu prosseguimento à sua carreira científica, estudando tifo e câncer na Universidade de Galveston, no Texas. Morreu ali em 1975.

os do próprio Rocha Lima, indicavam a ocorrência de imunidade depois do adoecimento pelo tifo em macacos e cobaias. Porém, experimentos feitos pelos mesmos pesquisadores demonstravam que só se adquiria imunidade quando o material inoculado era capaz de reproduzir quadro típico da doença. Ela não era observada em animais nos quais não se produzia uma curva febril característica, ou que manifestavam apenas sintomas leves. Rocha Lima viu nisso uma das maiores dificuldades para obtenção de uma vacina, uma vez que o adoecimento típico pelo tifo representava sérios riscos para os indivíduos (Rocha Lima 1919, p. 244-5).

Mesmo assim, foram feitos experimentos de imunização a partir do soro inativado de pacientes. Em território turco, o médico responsável pelo 3º. Exército otomano, Hamdi Bey, testou em pessoas o soro de pacientes no estágio dos exantemas. O soro desfibrinado, inativado por aquecimento em 1 hora a 60º, e injetado subcutaneamente. Bey testou variações na quantidade e no intervalo de aplicação, bem como no estágio de retirada do sangue dos tifosos. Desde janeiro de 1915, severa epidemia de tifo grassava no território turco tanto entre as tropas estacionadas, quanto entre a população civil (Werther 2004, p. 17). Segundo o médico militar bávaro, Georg Mayer, que também atuava no Império Otomano, o procedimento de vacinação de Hamdi Bey não só era totalmente equivocado, como representava uma ameaça direta à vida das pessoas imunizadas. O método, de acordo com Mayer, carecia de fundamentos científicos. Os testes de “vacinação”, que nada mais eram do que a inoculação artificial de pessoas, custaram centenas de vidas (Werther 2004, p. 17). Outros médicos turcos, como Tewfik Salim, reproduziram os ensaios de Hamdi em outras localidades do Império Otomano. O aperfeiçoamento do “método turco” de vacinação foi ordenado ao recém-nomeado Conselheiro de Higiene do 5º exército turco, Ernst Rodenwalt, que transferiu a tarefa a seu assistente, Heinz Zeiss. Este desenvolveu uma vacina a partir do sangue inativado, aplicado entre o pessoal da assistência médica, da estação de despiohamento e aqueles que “voluntariamente” se dispusessem a testar o imunizante. Os resultados sobre a eficácia da vacina foram reportados de forma pouco clara, mas, segundo Werther (2004, p. 19), o grande número de mortos observado quando os experimentos foram repetidos em campos de concentração durante a Segunda Guerra, sugere que os óbitos no primeiro caso foram omitidos.

Rocha Lima desqualificou os experimentos de Hamdi, devido à falta de controles que comprovassem a virulência do material utilizado no teste de antigenicidade. Mesmo assim, referiu-se a seus resultados como “muito importantes”. Para ele, o médico turco estaria em

condições privilegiadas para fazer essa verificação, uma vez que 19 indivíduos condenados à morte haviam se submetido ao teste mediante a promessa de anistia (Rocha Lima 1919, p. 248-9). Cumpre salientar o posicionamento de Rocha Lima em relação aos experimentos de Hamdi. Se por um lado ele manifesta reprovação, chegando a se referir ao médico turco como “perturbado mental”, por outro demonstra certo fascínio pela circunstância de poder realizar experimentos com humanos. Os experimentos em animais – afirmou em certas ocasiões – não serviam para elucidar todos os aspectos relativos à etiologia e epidemiologia do tifo e por isso não substituíam completamente os experimentos em humanos (Rocha Lima, 1917b). Na já mencionada conferência à *Senckenbergschen Naturforschenden Gesellschaft*, declarou: “As pessoas constituem o mais apropriado objeto de pesquisa do tifo, devido à sua alta sensibilidade à doença (Rocha Lima, 1916g). Apenas o experimento humano poderia fornecer as pré-condições ideais para avaliação dos resultados dos testes de imunização. A inocuidade de uma vacina para o homem, por exemplo, não podia ser constatada pelo experimento animal, justificou (Idem).

Nicolle tentou imunizar pessoas em Túnis com o soro de pacientes coagulado, que apresentara virulência atenuada nos testes em animais. O pesquisador francês acreditou que dessa forma podia aplicá-lo em pessoas e animais sem provocar uma infecção. Ele primeiro se auto-inoculou, e depois imunizou outros indivíduos. Acreditava que injeções repetidas do soro produzissem imunidade, muito embora, como vimos, os experimentos animais demonstrassem que isso não ocorria se o animal não adoecesse. Outro método de imunização a partir do soro foi testado por Nicolle em 38 pessoas, a maioria soldados sérvios. Ele empregou soros de pacientes e de cobaias infectadas com o tifo, manteve-os em baixa temperatura, agitou e centrifugou. A maior parte dos imunizados não contraiu o tifo, mas as amplas medidas de despiolhamento não permitiram dizer se o efeito deveu-se, de fato, à vacinação. Junto com Ludovic Blaizot, Nicolle também fez testes de imunização com suspensões de órgãos de cobaias infectadas (Rocha Lima 1919, p. 250-1).

Na Ásia Menor, o médico da Cruz Vermelha Paul Neukirch também realizou experimentos de vacinação com soro de pacientes coagulado e inativado com clorofórmio. Ele chegou a inocular 750 pessoas com o soro, adicionado de uma suspensão de leucócitos. Segundo o autor, apenas uma pessoa contraiu a infecção, que evoluiu de forma benéfica (Idem; Werther 2004, p. 18).

Primeiramente Rocha Lima procurou obter a vacina contra o tifo através da preparação de suspensão de órgãos de pacientes: fígado, rins e cápsulas supra-renais. Ele aplicou dosagens de 2-3 cm³ em intervalos de 4 a 5 dias. A falta de resultados convincentes levou-o a procurar métodos alternativos. Frente à abundância de material infeccioso obtido em piolhos no laboratório, utilizou-os no desenvolvimento de um método de vacinação. Suas vantagens consistiam na presença de maior concentração de patógenos no vetor, quando comparado ao sangue, e no fato do material imunizante não conter elementos de tecidos. Os piolhos mantidos dentro das “gaiolas de Sikora” eram aplicados em pacientes com tifo. Como de praxe, as gaiolas eram abertas depois de cinco dias para remoção dos ovos, e depois de dez dias para a retirada dos piolhos infectados. Estes eram desinfetados com álcool, triturados em solução de soro fisiológico, até que formarem uma suspensão homogênea semelhante a um mingau. Em seguida, a emulsão era inativada com fenol, método que Rocha Lima preferia à inativação com calor, por resultar numa vacina conservável por mais tempo (Rocha Lima, 1917b). A suspensão era então inoculada nas cobaias. Provas de imunidade com piolhos infectados, sangue de pacientes ou emulsões de órgãos de cobaias infectadas atestavam a antigenicidade da vacina. Em artigo publicado em 1918, Rocha Lima relatou vários experimentos de imunização em cobaias feitos com os diferentes métodos: com sangue de pacientes, com suspensão de órgãos de cobaias infectadas e com emulsão de piolhos em fenol. Ensaiou diferentes concentrações do material imunizante e variou os intervalos de aplicação da vacina. Ele utilizou as mesmas quantidades aplicadas em pessoas. Os resultados comprovaram a maior eficácia da vacina desenvolvida a partir dos piolhos infectados, em relação às outras. A partir das provas de virulência do material empregado nos testes de imunidade, Rocha Lima pôde garantir que o não-adoecimento dos animais vacinados inoculados com o “vírus” devia-se realmente ao efeito do imunizante. Ele relata que chegou a testar o imunoterápico em pessoas de alguns hospitais civis, provavelmente em Hamburgo, sem que elas apresentassem efeitos indesejados, nem caíssem vítimas da doença (Rocha Lima, 1918).

Apesar dos resultados sugerirem a eficácia da vacina obtida de piolhos, sua produção em larga escala mostrou-se inviável. O método era muito trabalhoso e a quantidade de piolhos necessária seria enorme. Rocha Lima sugeriu que ela fosse produzida em pequena escala e aplicada em pessoas que lidavam diretamente com pacientes com tifo ou que estavam expostas à infecção. (Rocha Lima, 1918). A inocuidade e eficácia da vacina em humanos

foram constatadas pelo também pesquisador do *Tropeninstitut*, Erich Martini, responsável pela seção de entomologia médica.

Além da vacina, Rocha Lima também preparou soro curativo obtido de cavalos inoculados com suspensão de piolhos infectados. Nicolle havia desenvolvido soro curativo de equinos, imunizando-os com suspensão de órgãos de cobaias com tifo. Outros métodos de imunização passiva, aquele no qual a pessoa já recebe os anticorpos específicos produzidos por outra pessoa ou animal, haviam sido testados pelo grupo de Gaviño e Girard. Eles administraram o soro de convalescentes de tifo a animais e pessoas e verificaram um claro efeito imunizante e terapêutico.

A obtenção de uma vacina viável e eficaz foi desenvolvida pelo médico austríaco naturalizado polonês, Rudolf Stefan Weigl, nos anos 1920-30.⁴⁵¹ Alguns microbiologistas poloneses defendem que Weigl apenas aprimorou o procedimento de Rocha Lima (Szybalsky 2003). De fato, sua vacina consistia numa suspensão de piolhos inativados com fenol, tal como a do microbiologista brasileiro, mas ele havia aperfeiçoado o método de infecção experimental dos insetos, possibilitando a produção do imunizante em larga escala.

Desde 1914, quando foi recrutado pelo exército para atuar como parasitologista, Weigl dedicara-se às pesquisas sobre o tifo. Partindo das conclusões de Nicolle e Rocha Lima, decidiu usar o piolho como meio de propagar a *Rickettsia prowazeki*. A única maneira conhecida de infectar o inseto, utilizada por Rocha Lima, consistia em deixá-lo sugando vítimas do tifo, método que não era muito prático nem reproduzível em larga escala. Weigl desenvolveu um método alternativo, no que contou a partir de 1925 com o auxílio de uma

⁴⁵¹ Rudolf Stefan Weigl nasceu em 1883 em Prěrov, na Moldávia, então pertencente ao Império Austro-Húngaro. Formou-se em Ciências Biológicas na Universidade de Lwów (atual Lviv, na Ucrânia). Habilitou-se em 1913, em zoologia e anatomia comparadas. No ano seguinte, foi recrutado pelo exército para atuar como parasitologista, dando início às investigações sobre o tifo, que culminaram no desenvolvimento da vacina. Em 1920, tornou-se professor de Biologia da Universidade de Lwów. Os trabalhos sobre a estrutura celular, especialmente sobre o aparelho de Golgi, conferiram-lhe reputação entre os pesquisadores de seu tempo. Em 1941, com a reconquista de Lwów pelos nazistas (desde 1939 sob jugo soviético), o laboratório de Weigl foi anexado ao Instituto de Pesquisas sobre o tifo e viroses (*Institut für Fleckfieber- und Virusforschung*), mantido pelo Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, e dirigido por Ernst Nauck. Em 1944, com a chegada das tropas soviéticas e a limpeza étnica ordenada por Stalin, Weigl deixou Lwów e estabeleceu-se em Cracóvia, onde deu segmento à produção da vacina. Ele foi nomeado catedrático de biologia da Faculdade de Medicina de Poznan, mas a queda na qualidade da vacina produzida em Cracóvia, fez com que ele voltasse a acompanhar de perto a produção da mesma. Faleceu ali em agosto de 1957. Mais do que desenvolver uma vacina contra o tifo, Weigl aperfeiçoou métodos de laboratório para pesquisas com insetos, os quais tiveram aplicação em vários ramos da pesquisa biomédica além dos estudos com riquetsias. Seus procedimentos foram aplicados em estudos com espiroquetas, pasteurelas e estafilococos (Szybalsky 2003; Wincewicz, Suldowska & Suldowski 2007).

preciosa colaboradora: Hilda Sikora. Ela havia se tornado uma grande conhecedora da biologia dos piolhos, além de possuir enorme experiência no trato com aqueles insetos, graças aos anos de trabalho ao lado de Rocha Lima. O método desenvolvido por Weigl consistiu na introdução de um fino capilar de vidro no ânus do piolho, através do qual injetava suspensões de riquetsias no seu trato digestivo. O procedimento era bastante delicado: exigia que os piolhos fossem colocados sob lupas de grande aumento, requerendo destreza e habilidade manual (Idem).

Levaram anos as pesquisas para o desenvolvimento da vacina no Instituto de Biologia de Lemberg. O procedimento começava com a infecção artificial dos piolhos através da introdução dos capilares de vidro na extremidade anal. Os insetos eram obtidos em laboratório a partir de larvas criadas em condições assépticas. O “vírus” para a infecção provinha de cobaias inoculadas com o sangue de pacientes. O intestino dos piolhos infectados era cuidadosamente extirpado, e utilizado para nova infecção das cobaias. Assim se mantinha o “vírus” em laboratório. Os piolhos contaminados eram então alimentados em pessoas que necessariamente deveriam ser imunes ao tifo. Alguns funcionários foram especialmente dedicados a essa tarefa, os chamados “injetores”, também responsáveis por infectar os piolhos manualmente com as riquetsias. Com dois “operadores” hábeis, era possível infectar mais de 2000 piolhos por hora. Duas vezes por dia, cerca de 300 a 400 piolhos mantidos em gaiolas de Sikora alimentavam-se nessas pessoas por cerca de meia a uma hora durante cinco dias. Ao final da infecção, os piolhos tornavam-se túrgidos avermelhados, em virtude do vazamento de sangue não-digerido na cavidade abdominal. Significava que eles já estavam repletos de riquetsias. Eram então mortos em solução de fenol e o intestino extirpado por meio de uma incisão no segmento do abdomen, procedimento que também requeria muita habilidade. Apesar de trabalhoso, cerca de 300 piolhos podiam ser decepados em uma hora. Os intestinos colocados em jarras com fenol eram centrifugados por duas vezes e o sedimento final novamente diluído em solução de fenol. A vacina contendo a fina emulsão de riquetsias mortas era empacotada e distribuída em ampolas de vidro. Correspondia à cerca de 15, 30 ou 45 intestinos de piolho, dependendo do potencial do imunoterápico, que era administrado em três porções em intervalos de cinco dias (Szybalski, 2003; Wincewicz, Suldowska & Suldowski, 2007).

O longo período de desenvolvimento da vacina, que se prolongou pelos anos 1920 afora, deveu-se ao grande número de testes feitos em cobaias. Weigl foi bastante receoso em

aplicar o imunizante em humanos sem a devida garantia da sua inocuidade. Mas uma vez comprovada a eficiência do imunoterápico, decidiu transformar o laboratório na Universidade de Lvów (hoje Lviv, na Ucrânia), num estabelecimento de produção da vacina. Por volta de 1933, começou a aplicar o método de imunização em humanos. A primeira aplicação em grande escala foi entre 1936 e 1943, em missionários belgas que atuavam na China. O sucesso do imunizante rendeu prestígio internacional a Weigl, que foi então condecorado pelos reis da Bélgica, e recebeu uma série de comendas de associações científicas internacionais. Em 1939, ele foi a Adis Abeba, então convulsionada por epidemias de tifo, para organizar lá a produção de vacina de acordo com seu método.

O reconhecimento relativamente tardio das contribuições de Weigl sobre o tifo e a *Rickettsia prowazeki* deveu-se ao fato dele divulgar seus resultados em poucas publicações, a maior parte das quais tiveram a princípio pouca circulação na literatura médica ocidental. A vacina de Weigl foi largamente aplicada na Polônia, principalmente entre o pessoal da assistência médica na segunda metade dos anos 1930, ao passo que ela não se encontrava disponível na Alemanha quando do início da Segunda Guerra. Apenas com a invasão do território polonês passou a ser empregada entre as tropas do exército nazista (Werther 2004, p. 31). Não havia no território alemão número suficiente de pessoas imunes necessárias para sua fabricação. Além disso, o tifo não existia mais ali, embora durante o entreguerras permanecesse no imaginário das autoridades médicas como ameaça sempre à espreita. Quando a indústria farmacêutica alemã e as lideranças médicas do exército e do governo nazista interessaram-se pela questão no começo da Segunda Guerra, retomaram-na quase no mesmo estágio em que se encontrava há 25 anos.

Se o método de imunização de Rocha Lima foi relativamente bem-sucedido, tendo de certa forma inspirado Weigl no desenvolvimento de sua vacina, os enunciados em torno da função patogênica da *Rickettsia prowazeki* permaneceram controversos nos anos depois da Primeira Guerra. Vamos seguir a trajetória tortuosa desses enunciados.

3.15. A *Rickettsia prowazeki* entre críticos e apoiadores

Vimos até agora que função patogênica da *Rickettsia prowazeki* foi controvertida entre a comunidade médica alemã quando Rocha Lima divulgou seus resultados. Muitos críticos questionaram a validade de um microrganismo que não podia ser cultivado, nem isolado no

organismo humano e de cobaias. Em contrapartida, Töpfer esteve entre os que de certa forma confirmaram os achados do pesquisador brasileiro, mas os defendia como seus. Outros personagens afiançaram o patógeno reivindicado por ele, reconhecendo, ao mesmo tempo, sua prioridade na descrição do mesmo. Outros, por sua vez, permaneceram céticos e recusaram o suposto patógeno, com base nas mais diferentes objeções.

Um dos que primeiro confirmaram os resultados de Rocha Lima foi Wilhelm Nöller (1916), que substituiu Prowazek na direção da seção de protozoologia do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo (Mannweiler 1998, p. 70). Ele realizou uma série de experimentos, através dos quais concluiu que, de fato, havia uma relação causal absoluta entre o tifo e o surgimento da infecção nos piolhos com a *Rickettsia prowazeki*. Considerou, daí, que esta era seguramente o agente causador da doença. Diferentemente de Rocha Lima, que manteve em aberto a classificação taxonômica, Nöller acomodou-a entre as bactérias. Ele contribuiu ainda para o aperfeiçoamento dos métodos de pesquisa, ao constatar que piolhos humanos podiam ser alimentados por um longo tempo em porcos. Viu que o sangue suíno não desfavorecia o desenvolvimento das riquetsias no vetor. Nöller tinha experiência como veterinário. Ainda durante a Guerra ele atuou numa divisão de medicina veterinária do exército, na qual logrou combater uma espécie de sarna que acometia os cavalos. Certamente esse treinamento o influenciou na descrição de uma riquetsia não-patogênica, a *Rickettsia melophagi*, encontrada em piolhos parasitas de ovelhas (*Linognathus pedalis*).

Em 1917, Richard Otto e Hans Dietrich confirmaram a presença da *Rickettsia prowazeki* em piolhos alimentados em pacientes com tifo. Eles aplicaram três mil piolhos indenes nos doentes, dos quais 55% faleceram. Entre os restantes, 20% estavam infectados com o microrganismo. Naqueles que foram deixados por mais tempo nos tifosos, cerca de 80% tornaram-se infectados. Consideraram que as formas lineares consistiam nos precursores das formas esféricas e bipolares. Baseados nos testes positivos de aglutinação da *Rickettsia prowazeki* com o soro de tifosos, eles consideraram-na o agente causador da doença. Ainda naquele ano, Felix Gotschlich, o mesmo que havia defendido a relação etiológica de um protozoário com o tifo, analisou minuciosamente os resultados de Rocha Lima, de onde concluiu:

Em resumo, podemos precisar o estado de nossos conhecimentos sobre o agente causador do tifo exantemático, dizendo que sua morfologia no organismo do homem doente ou do animal infectado não é ainda conhecida com segurança,

sendo-o, porém, no organismo do piolho do corpo que serve de vetor, sob a forma da bem caracterizada *Rickettsia prowazeki* (apud Rebouças 2009, p. 59).

No ano seguinte, em meio aos turbulentos eventos que selaram a sorte das Potências Centrais na Guerra, o francês Émile Brumpt afirmara que havia encontrado riquetsias em piolhos retirados de prisioneiros de guerra supostamente sadios, as quais considerou idênticas à *Rickettsia prowazeki* (Brumpt, 1918). Ele chegou a aplicar em si insetos que continham os parasitas no intestino, sem que contraísse nenhuma doença. Baseado nisso, questionou a função patogênica do agente causador reivindicado por Rocha Lima. Para Brumpt, tratava-se de um parasita normal do piolho. O pesquisador francês não havia distinguido na infecção experimental as riquetsias intracelulares das extracelulares. Como vimos, Rocha Lima advogava que a propriedade de colonizar o interior de células intestinais de piolhos era um diferencial da *Rickettsia prowazeki*, responsável por garantir sua especificidade no tifo.

A defesa de Rocha Lima veio em artigo em que novamente advertiu que a observação microscópica de seres tão pequenos não constituía um critério seguro para considerá-los iguais ou diferentes entre si (Rocha Lima 1919c). Apenas a análise comparativa de seções histopatológicas de piolhos infectados com o tifo e indenes poderia arbitrar sobre a questão. Procedendo a essa investigação, ele concluiu que havia três tipos de achados de riquetsias em seções do inseto: a *Rickettsia prowazeki*, mais fina, predominantemente intracelular, que assumia coloração mais pálida; aquelas mais grosseiras, exclusivamente extracelulares e que se posicionavam sobre as células do epitélio intestinal, formando uma espécie de bainha, encontradas predominantemente em piolhos não-tifosos e, por fim, riquetsias também intracelulares, mas mais espessas, que formavam massas compactas dentro e fora da célula e se coravam mais intensamente que o suposto patógeno do tifo. Assim, reconhecia a possibilidade de existir riquetsias intracelulares não-patogênicas, de modo que o desenvolvimento intracelular já não podia mais ser considerado “por si” uma característica distintiva da *R. prowazeki* (Rocha Lima, 1930). Para salvaguardar a cadeia de argumentos que punha em primeira linha aquela característica biológica do germe suspeito, passou a concentrar-se em outros traços capazes de diferenciá-lo. Em 1921, Rudolf Weigl, descreveu a *Rickettsia rocha-limae*, intracelular como a *R. prowazeki*, mas não-patogênica. Confirmou os resultados do pesquisador brasileiro, demonstrando que ela tinha coloração diferente e assumia um aspecto mais grosseiro na célula parasitada ao formar inclusões citoplasmáticas bastante compactas.

Para fortalecer sua posição frente às objeções de Brumpt, Rocha Lima recorreu ao argumento da experiência prática: para ele não competia a “qualquer pesquisador ocasional de alguns piolhos, com uma técnica arbitrária”, dar um parecer sobre questão tão complexa envolvendo as riquetsias e o tifo, mas “apenas àqueles autores que estivessem em condições de realizar extensas pesquisas comparativas”. “É incompreensível como Brumpt pode se sentir autorizado a decidir sobre a questão das riquetsias, embora ele tenha tido a oportunidade de pesquisar apenas um pequeno número de piolhos, mas nenhum único piolho tifoso”, declarou (Rocha Lima 1919c). Reforçou que o papel patogênico da *Rickettsia prowazeki* baseava-se na coincidência das características do tifo experimental com a infecção por aquele germe, e no fato de que ela era o único microrganismo encontrado em grandes quantidades no piolho tifoso. Mas como não havia sido identificada no tecido de vítimas do tifo ou de cobaias, considerou cedo para declarar a questão resolvida (Idem). Em 1919, o pesquisador norte-americano Richard Strong refutou o papel das riquetsias na etiologia do tifo e de outras doenças, utilizando o mesmo argumento de Brumpt: havia observado aqueles microrganismos em piolhos de pessoas sadias (Wolbach, Todd & Palfrey 1922, p. 129).

O fato de não se confirmar a ocorrência de micróbios no sangue de tíficos, nem cultivá-los a partir do material biológico de pacientes e de piolhos contribuiu para fortalecer a hipótese do vírus filtrável, defendida inicialmente por Charles Nicolle. A pandemia de gripe espanhola que varreu o mundo em 1918 e matou mais do que os dois conflitos mundiais juntos, serviu para que a teoria do pesquisador francês ganhasse novo alento. Os debates sobre o germe causador dessa doença colocaram em evidência os agentes ultramicroscópicos. Enquanto alguns defendiam a etiologia bacteriana, atribuindo a causa ao *Haemophilus influenzae* descrito por Pfeiffer, em 1891, outros, entre os quais o próprio Nicolle, relacionaram-na aos “vírus filtráveis”. No cenário internacional predominava, segundo Berger (2009, p. 289), a hipótese da origem viral. Cientistas franceses haviam comprovado que o soro filtrado era capaz de transmitir a espanhola a pessoas e animais. Os estudos relacionados à etiologia da gripe alavancaram o desenvolvimento dos métodos aplicados na investigação daqueles intrigantes seres minúsculos e invisíveis, cujo envolvimento em patologias como o sarampo, peste bovina e poliomielite, por exemplo, já havia sido corroborado. Cabe salientar que o conceito de “filtrabilidade”, um dos qualificativos empregados na categorização daqueles seres ultramicroscópicos, não era um termo muito preciso, uma vez que podiam variar o tipo de filtro empregado nos procedimentos experimentais e a pressão exercida no processo de filtração (Harden 1987, p. 292).

Se em 1918 a epidemia de gripe espanhola serviu para conferir visibilidade aos vírus filtráveis e a um de seus principais divulgadores, Charles Nicolle, também rendeu a Rocha Lima novas expectativas de comprovação do seu patógeno. Naquele ano, o pesquisador de origem húngara conhecido pelos estudos sobre colóides, Richard Zsigmondy e Wilhelm Bachmann divulgaram um novo método de filtração através de membrana de nitrocelulose. Já se conhecia a técnica de produção dessas membranas sintéticas por meio de impregnação de um filtro de papel com solução de nitrocelulose em ácido acético glacial. Modificando concentrações desses componentes, notou-se que era possível pré-definir o tamanho dos poros do filtro, ou seja, sua permeabilidade. A especificação do tamanho dos poros fazia com que a membrana atuasse praticamente como um filtro absoluto, capaz de reter todas as partículas maiores do que a dimensão especificada. Os potenciais de aplicação dessa técnica eram enormes. Ela podia ser empregada, por exemplo, na esterilização de líquidos. Uma das primeiras aplicações foi a análise bacteriológica da água: as bactérias retidas no filtro eram cultivadas através da colocação da membrana sobre um meio de cultura. Se ao invés da água, fossem utilizados outros líquidos e emulsões, e empregado um meio de cultura seletivo, seria possível isolar microrganismos específicos do material biológico. Rocha Lima imaginou que dessa forma poderia flagrar a *Rickettsia prowazeki* no material de pacientes com tifo, utilizando membranas de poros minúsculos e daí, ensaiar seu cultivo em meios com as mais diferentes composições. Para ele, o novo procedimento de filtração de Zsigmondy e Bachmann era ainda mais oportuno, por justificar “a esperança de novos avanços importantes na pesquisa dos chamados patógenos ultravivíveis.”⁴⁵² Como em Hamburgo não havia nem a aparelhagem, nem a experiência necessária para lançar mão do novo método, solicitou a Bernhard Nocht autorização para um afastamento de três semanas. Ele faria os testes em Berlim, no *Kaiser-Wilhelm Institut für experimentelle Therapie* (Instituto de Terapia Experimental Imperador Guilherme), onde o ex-professor Martin Ficker, “cujo trabalho nesse campo já é conhecido”, já havia lhe garantido todo o apoio para os experimentos em questão. “Minhas pesquisas sobre o tifo poderiam daí experimentar uma virada decisiva” – justificou Rocha Lima a Nocht, empolgado.⁴⁵³

Conforme relatório anual do *Tropeninstitut*, Rocha Lima de fato realizou o “estágio de pesquisas” em Berlim, mas a “virada decisiva” que ele esperava aparentemente não veio. Os

⁴⁵² Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 28.03.1919. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁴⁵³ *Idem*.

três trabalhos publicados ainda em 1919 não fazem menção aos resultados obtidos com o método de filtração de Zsigmondy e Bachmann (Rocha Lima 1919a, 1919b, 1919c). Permanece a questão, se Rocha Lima chegou a considerar a hipótese de Nicolle e resolveu investigar a possibilidade do tifo ser de fato causado por um dos agentes filtráveis, ou se teve a intenção de se familiarizar com as técnicas empregadas nas pesquisas com os vírus para contestar o pasteuriano e fortalecer a teoria em favor da *Rickettsia prowazeki*. Em artigo de julho daquele ano afirmou que, de acordo com seus experimentos de filtração, parecia que o “vírus” do tifo exantemático não se tratava de um agente ultramicroscópico (Rocha Lima, 1919c, sublinhado nosso). Em relação ao papel da *Rickettsia prowazeki* como patógeno do tifo pronunciou-se de forma igualmente hesitante:

apesar das provas falarem a favor do significado etiológico da *Rickettsia prowazeki* ainda é cedo para se considerar a questão como decidida, uma vez que apenas depois de haver uma prova segura da presença desse microrganismo no corpo de vítimas do tifo poderia citá-la como o agente causador (Rocha Lima 1919c).

Ainda em 1919, veio a lume o tratado publicado por W. Kolle e H. Hetsch, “*Die experimentelle Bakteriologie und die Infektionskrankheiten*” (Bacteriologia experimental e doenças infecciosas), no qual se discutiu a etiologia do tifo. Muito embora a questão fosse apresentada como não solucionada, deu-se destaque ao possível papel da *Rickettsia prowazeki* como agente causador:

Em resumo, pode-se dizer que o agente causador do tifo exantemático não foi ainda demonstrado com segurança. Se os mencionados corpúsculos do piolho representam o agente causador, se devem ser filiados aos protozoários ou às bactérias, ou interpretados como bactérias que acompanham um vírus invisível, são questões que devem ser esclarecidas em pesquisas futuras (apud Bier 1966, p. 46)

Mais adiante:

Deve-se provisoriamente contar com a possibilidade de que um microrganismo invisível possa multiplicar-se nos piolhos dos doentes de tifo ao lado da *Rickettsia prowazeki*. A não filtrabilidade do vírus exantemático fala, porém, contra a idéia de um germe ultramicroscópico. Consequentemente, aquele microrganismo provisório e hipotético seria impossível de demonstrar em virtude de uma razão desconhecida.

Tal circunstância torna a existência do microrganismo em questão menos provável do que o papel etiológico da própria *Rickettsia prowazeki*, cuja dificuldade de demonstração no organismo humano é facilmente compreensível (apud Bier 1966, p. 46).

No Brasil, a questão da etiologia do tifo foi igualmente controvertida. Em 1920, um pesquisador brasileiro afirmou que o tifo era causado por protozoário do gênero *Herpetomonas*, grupo que ele considerou como “piroplasmas em um estágio avançado de evolução”. Dois anos depois, outro brasileiro descreveu uma bactéria crescida em meio de cultura sólido (Harden 1987, p. 290). Infelizmente, a autora que traz essa informação não especifica os nomes. Naquele mesmo ano de 1920, na primeira viagem ao Brasil desde que ingressara no Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, Rocha Lima descreveu o histórico das pesquisas sobre o tifo por ocasião da cerimônia de admissão na Academia Nacional de Medicina, ocorrida em 17 de junho de 1920 (Rocha Lima, 1920a). O alcance daquelas pesquisas foi o passaporte que franqueou seu acesso ao seletivo grupo que reunia a elite médica brasileira. Permanece a questão, se essa reintegração à comunidade médico-científica local, fortalecida pelo prestígio conquistado no continente europeu, contribuiu para a adesão dos colegas e compatriotas à *Rickettsia prowazeki*.

Entre os pesquisadores europeus, o já referido Rudolf Weigl contribuiu bastante para o maior crédito em favor do agente patogênico reivindicado por Rocha Lima. No item anterior, vimos o novo método por ele desenvolvido de infecção experimental dos piolhos. Além de permitir a obtenção de patógenos de forma mais fácil e em maior volume, a técnica de Weigl serviu para dirimir algumas objeções baseadas em supostas fontes de erro. Ela excluiu, por exemplo, a hipótese das riquetsias se tratarem de uma contaminação da pele adquirida pelos piolhos no ato da sugada, além de permitir a manutenção do “vírus” por meio de numerosas passagens de um inseto a outro. Weigl trouxe ainda novas evidências da coincidência das propriedades da Riquetsia com as do “vírus” e da especificidade do microrganismo na aglutinação do soro tifoso. Comprovou que as curvas de aglutinação da *R. prowazeki* eram idênticas às do *Proteus X19*, linhagem que apresentava forte reatividade na reação de Weil e Felix. Viu que ela era capaz de aglutinar o soro em fases mais prematuras da doença do que esse bacilo. Ele verificou que o sangue de cobaias, coelhos e ratos imunizados, tanto com o soro de pacientes, quanto com suspensões da *R. prowazeki* apresentavam aglutininas específicas, cujo valor não divergia daquele registrado em humanos (Rocha Lima, 1930, p. 1368).

Weigl não apenas trouxe evidências adicionais do papel patogênico da *R. prowazeki*, como reconheceu a prioridade de Rocha Lima na sua descrição. Em publicação de 1924, afirmou: “Apenas através da descoberta fundamental de Rocha Lima o estudo do patógeno do tifo foi novamente impulsionado. Com isso, ele também obteve o maior merecimento na pesquisa do tifo.” Em outra parte: “Pioneira foi sobretudo a comprovação trazida por Rocha Lima, de que a *Rickettsia prowazeki* é um parasita exclusivamente intracelular” (*apud* Rocha Lima 1951, p. 541).

Max Kuczynski, que trabalhou com Rudolf Weigl durante uns meses na Polônia, também esteve entre os que confirmaram a especificidade da *R. prowazeki* em piolhos de tifo. Em colaboração com Rudolf Jaffé, Kuczynski afirmou ter observado nos endotélios dos vasos com lesões típicas do tifo, corpúsculos que considerou serem riquetsias. Em 1920, declarou ter cultivado-as em sacos de colóide e cavidade peritoneal das cobaias. Em 1927, ano em que passou uma temporada no instituto de pesquisas de Weigl, relatou o cultivo da *R. prowazeki* na forma do bacilo *Proteus*, de Weil e Félix. Ele apresentou uma cadeia complexa de argumentos para comprovar, com base nas experimentações, que o agente do tifo passava por um intrincado ciclo de vida, no qual assumia formas bastante diferenciadas. Kuczynski defendeu a estreita relação da *R. prowazeki* com a família dos bacilos pseudo-diftéricos. O polonês Ludwik Anigstein negou esse argumento. No mesmo ano ele também havia comunicado o cultivo de microrganismos idênticos a riquetsias em meio de ágar-dextrose a partir do sangue de pacientes, que formavam colônias transparentes, as quais se tornavam opacas, e verdes, quando semeadas em ágar-sangue. Para Anigstein, as riquetsias não deviam ocupar uma posição especial na sistemática de microrganismos. Ele chegou a remeter a Rocha Lima amostras da cultura obtida e detalhou ao colega o método de cultivo utilizado, o qual se diferenciava daquele empregado por Kuczynski. Apesar disso, afirmou comprovar os resultados deste no que se referia às características sorológicas dos microrganismos cultivados. Relatou ainda ter conseguido provocar a doença em cobaias infectadas com as colônias e defendeu que os microrganismos sofreriam modificações antigênicas nos animais.⁴⁵⁴ Rocha Lima, no entanto, manteve-se cético em relação aos resultados de Anigstein e Kuczynski. Em trabalho de 1930, afirmou que as provas apresentadas pelo primeiro não eram suficientes para afirmar a identidade do germe cultivado com a *R. prowazeki*, muito menos seu papel patogênico (Rocha Lima, 1930).

⁴⁵⁴ Carta de Ludwik Anigstein a Rocha Lima de 10.04.1927 e de 20.04.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Reparemos que grande parte das objeções e comprovações dos resultados de Rocha Lima ocorreram fora das fronteiras do Reich. Werther (2004, p. 32) defende que as pesquisas sobre o tifo ficaram inertes na Alemanha depois da Primeira Guerra, em contraste com o dinamismo assistido em países, como Estados Unidos, Japão e União Soviética. Neles, se deu o desenvolvimento do cultivo das riquetsias em embriões e culturas de tecidos, o esclarecimento da estrutura celular daqueles germes e o aperfeiçoamento da vacina de Weigl e dos métodos de diagnóstico e terapia. Uma análise da literatura especializada alemã nos anos 1920 e 1930 comprova que apenas pesquisas marginais foram realizadas, assumindo a retaguarda da geografia internacional dos estudos sobre o tifo (Idem, p. 36).

Nesse quadro, os estudos sobre a etiologia da doença sofreram um declínio no ambiente científico germânico durante o entreguerras, em virtude, entre outras coisas, do receio dos pesquisadores em contraírem-na durante os trabalhos experimentais. Evidência disso nos dá o pesquisador do *Tropeninstitut* Ernst Nauck: “a pesquisa do tifo prosseguiu na Alemanha somente em poucos institutos, em virtude, entre outras coisas, do risco ligado aos trabalhos de laboratório” (Nauck 1941 *apud* Werther 2004, p. 34-5). Como vimos, não haviam sido poucos os contaminados no decorrer dos experimentos. Além do mais, a questão da etiologia permanecia envolta em incertezas e controvérsias. Em 1921, o editor do prestigiado periódico *Deutsche Medizinische Wochenschrift* (Semanaário Médico Alemão), Julius Schwalbe relatou ao *Journal of American Medical Association*, do qual era correspondente, que apesar das numerosas pesquisas sobre a etiologia do tifo, não havia nenhuma concordância sobre a questão. Defendeu como mais provável o agente causador ser um protozoário ou um vírus filtrável⁴⁵⁵ (Harden 1987, p. 290). Com o fim da Guerra e dos surtos epidêmicos, tornou-se também mais difícil obter material para estudo. No adiantado ano de 1926, Rocha Lima respondeu à solicitação do ex-colega do *Tropeninstitut* Heinrich Werner, por amostras de riquetsias, afirmando que não possuía nenhum material vivo daqueles germes, desde que Hilda Sikora deixara o *Tropeninstitut*. “Até piolho tornou-se uma raridade entre nós”, declarou.⁴⁵⁶

⁴⁵⁵ À época classificavam-se os espiroquetas entre os protozoários. Eles haviam sido relacionados a uma série de doenças, como a febre recorrente, de decurso bastante similar ao tifo e à chamada Doença de Weil, mais tarde denominada leptospirose. Sobre a descrição dessa doença ver Benchimol, 2009.

⁴⁵⁶ Carta de Rocha Lima a Heinrich Werner de 19.01.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Certamente esse quadro foi decisivo para que Rocha Lima desviasse o rumo de sua agenda de pesquisas. No mesmo ano de 1921, ele frequentou curso de dermatologia no *Hospital St. Georg*. A partir daí, passou a ocupar-se mais atentamente com as dermatomicoses tropicais. Divulgou os resultados da pesquisa sobre o tifo na *Revista Médica de Hamburgo*, criada há um ano para divulgar em espanhol e, em menor medida, português, as pesquisas médicas alemãs e os avanços da indústria farmacêutica e de insumos médicos, mas sem apresentar novos resultados (Rocha Lima 1921a, 1921b). Outro trabalho sobre o tema surgiria somente em 1925: foi um capítulo do reputado Manual de Métodos de Pesquisa Biológica (*Handbuch der biologischen Arbeitsmethoden*), publicado por Emil Abderhalden. Escrito em parceria com Hilda Sikora, Rocha Lima descreveu as minuciosas técnicas envolvidas na pesquisa dos piolhos e das riquétsias (Rocha Lima & Sikora, 1925). Como tema de novas pesquisas, o tifo e as riquétsias reapareceriam somente depois do retorno definitivo de nosso personagem ao Brasil, em 1928, conforme veremos adiante.

Rocha Lima bem que tentou dar prosseguimento às suas pesquisas sobre o tifo, mas sabia que na Alemanha não seria possível. Conforme veremos no capítulo seguinte, a severa crise financeira que se abateu sobre o país no começo dos anos 1920 levou-o a sondar novas possibilidades de trabalho. Em 1924, sugeriu ao colega polonês Ludwik Anigstein, que era membro da Liga das Nações, que solicitasse ao diretor da Seção de Higiene daquele órgão, Ludwik Hajchman, o financiamento de estudos sobre a etiologia do tifo. Ele elaborou um plano, no qual ele e Anigstein assumiriam a frente das pesquisas, que contariam ainda com a colaboração de Hilda Sikora e Hans Ziegler, seu assistente de laboratório.⁴⁵⁷ Rocha Lima sugeriu a colaboração com o polonês por razões estratégicas: porque ele tinha um posto de trabalho que franqueava acesso às instituições locais de pesquisa e facilidades de estudo e porque também sabia que sua proposta poderia encontrar pouca receptividade por ele estar ligado a uma instituição alemã, que não fazia parte da Liga das Nações.

De acordo com Anigstein, Rajchman mostrou-se receptivo à proposta, embora não pudesse por ora tomar nenhuma decisão sobre o apoio financeiro. Ele esperava primeiro receber o programa de pesquisas, tanto de Anigstein, quanto de Rocha Lima. Em final de fevereiro, o diretor da Seção de Higiene estaria na Polônia e se pronunciaria sobre o

⁴⁵⁷ Carta de Ludwik Anigstein a Rocha Lima de 02.02.1924 e de 17.02.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

assunto.⁴⁵⁸ Em apreciação ao plano de estudos enviado por Rocha Lima, Anigstein considerou particularmente valiosa a colaboração de pesquisadores especializados no cultivo de anaeróbios⁴⁵⁹. Isso sugere que um dos objetivos do microbiologista brasileiro, era prosseguir com as tentativas de cultivo do suposto patógeno. Por razões que as fontes consultadas não permitiram saber, a proposta não foi adiante. Fracassada a tentativa de prosseguir nas pesquisas do tifo, nosso personagem permaneceu por ora em Hamburgo, onde teve de prosseguir nos estudos sobre as dermatomicoses tropicais e demais questões que à época constrangeram sua agenda científica.

Se o tifo sofreu um certo eclipse na agenda da comunidade médica alemã e de nosso personagem depois da Guerra, o mesmo não ocorreu no discurso das autoridades médicas civis e militares do Reich. Com o retorno das tropas, de prisioneiros de guerra e de populações de imigrantes, elas se preocuparam com o risco de introdução da doença no território alemão. O maior receio foi com o movimento de pessoas vindas do Leste, onde ela grassava violentamente, sobretudo na Polônia e Rússia. Os oficiais do Departamento de Saúde alemão preconizaram medidas para regulamentar a entrada desse pessoal. As estações de desinfecção, de isolamento e despiolhamento instaladas ao longo da fronteira oriental da Alemanha atuaram como “filtro”, através do qual só poderiam passar aqueles que comprovadamente não portavam germes patogênicos. Os suspeitos deveriam ser mantidos sob vigilância. Esse “cinturão sanitário” serviu como marco simbólico da separação entre uma população “pura”, “limpa”, “asseada”, livre de piolhos – a população do Reich -, de outra suja, infestada de piolhos. As populações eslavas foram estigmatizadas como riscos em potencial para a saúde do povo alemão. Os judeus do leste foram retratados como um dos principais veículos de disseminação do tifo. As fronteiras orientais deveriam ser impermeáveis à penetração deles (Berger 2009, p. 249-266). Ao fim e ao cabo, as tão temidas epidemias de tifo não vieram, não obstante o desordenamento no fluxo de pessoas na chamada “desmobilização”, contrariando o planejamento previsto. Esse foi um dos motivos pelos quais, de acordo com Berger (2009), a bacteriologia médica na Alemanha entrou em crise de paradigma durante a República de Weimar, tendo de franquear novos caminhos de pesquisas e balizas que orientassem aquele coletivo de pensamento. As metáforas militares, que desde o início haviam marcado a disciplina e a compreensão da infecção como uma batalha entre o

⁴⁵⁸ *Idem*

⁴⁵⁹ *Idem*

germe “invasor” e forças de defesa, cederam lugar a concepções mais complexas desse fenômeno biológico.

Foi do outro lado da fronteira simbólica entre a Alemanha asseada e o Leste “sujo” que os estudos sobre o patógeno do tifo ganharam novo ímpeto. A severidade dos surtos epidêmicos entre as populações da Polônia e da Rússia demandaram a atenção de agências internacionais de saúde e de organismos multilaterais. Nesse quadro, a hipótese da *Rickettsia prowazeki* como agente patogênico ganhou novo impulso, na mesma região onde Rocha Lima havia desenvolvido parte importante de suas pesquisas, e onde material abundante de investigação encontrava-se disponível. Já mencionamos que até as vésperas da Segunda Guerra, as inovações na pesquisa sobre o tifo teriam lugar em outros cenários. A circulação dos enunciados de nosso personagem obedeceu a essa geografia, configurada pela rede transnacional de pesquisadores que se ocuparam com a doença. O “fato científico” elaborado por ele – o papel patogênico da *Rickettsia prowazeki* – adquiriu dinâmica própria, a qual não coincidiu com os rumos seguidos em sua trajetória profissional. Por conta disso, Rocha Lima cede lugar em nossa narrativa a outros atores, que foram fundamentais para o reconhecimento e consolidação de suas hipóteses.

3.16. A Comissão norte-americana à Polônia, Simeon Wolbach e a *Rickettsia prowazeki*

Conforme demonstra Paul Weindling (2006, p. 555) o foco inicial das ações de saúde da Liga das Nações foi exatamente estudar e combater as epidemias do Leste Europeu e, dessa forma, contribuir para a estabilização da nova configuração geográfica surgida depois da Primeira Guerra, com o território polonês ampliado e o surgimento da Tchecoslováquia. O tifo foi percebido como um problema europeu, que requeria a ação coordenada de organizações de saúde locais e internacionais. Na Polônia, a doença cobrava milhares de vidas. Em 1919, a Liga da Cruz Vermelha Internacional convidou o patologista norte-americano da Faculdade de Medicina de Harvard Simeon Burt Wolbach para estudar a epidemia naquele país, junto com John L. Tod e Francis W. Palfrey (Harden 1987, p. 289). A iniciativa partiu do pesquisador de Harvard, Richard P. Strong, sobre o qual falamos no capítulo anterior (Wolbach, Tod & Palfrey 1922)

Wolbach havia pesquisado a Febre Maculosa das Montanhas Rochosas. Ele verificara que a doença afetava primeiramente os vasos sanguíneos periféricos, e que os exantemas e

necrose eram consequência das lesões vasculares. Em meados de 1916, publicou dois artigos no *Journal of Medical Research*. Num deles, descreveu um microrganismo Gram negativo, que se concentrava nas células musculares lisas de veias e artérias lesionadas, e assumia cor azulada na coloração de Giemsa, ao contrário da maioria das bactérias, que adquiriam intensa coloração vermelho púrpura. Em análise dos tecidos de cobaias, de carrapatos e de vítimas da doença submetidas à autópsia, ele observou as mesmas estruturas que apresentaram a característica peculiar de se multiplicar dentro do núcleo. Sugeriu que fossem um novo tipo de microrganismo, situado entre os protozoários e os vírus. No ano seguinte, Wolbach conseguiu comprovar seu papel na patogenia da febre maculosa, denominando-os *Dermacentroxenus rickettsi*. No entanto, o fato de não conseguir cultivá-los lançou dúvidas sobre seu papel como agentes causadores. Wolbach tomou contato quase simultâneo com os trabalhos que Rocha Lima realizava sobre a etiologia do tifo (Harden 1987, p. 283-5).

O convite da Cruz Vermelha para pesquisar na Polônia ofereceu a circunstância para que Wolbach empregasse nos estudos sobre o tifo os mesmos métodos utilizados na pesquisa da febre maculosa. Ele também poderia comparar os agentes causadores das duas doenças. Junto a John Launcelot Todd, Francis Winslow Palfrey, realizou ampla pesquisa sobre os aspectos clínico, etiológico e patológico. Eles se estabeleceram no Hospital de Tifo St. Stanislaus e no Instituto Central de Epidemiologia, em Varsóvia. Ali, tiveram acesso irrestrito a material de estudo e a toda sorte de facilidades, principalmente pacientes que afluíam de toda a Polônia. A Comissão da Cruz Vermelha teve apoio oficial das autoridades polonesas de saúde e do Ministério das Relações Exteriores, além do amparo dos médicos locais que tinham experiência com a doença. O objetivo principal das pesquisas foi “determinar a natureza exata da causa específica do tifo” (Wolbach, Todd & Palfrey 1922, p. 4). Wolbach e seus parceiros conduziram os estudos com toda a meticulosidade requerida tanto pelo delicado material manuseado, como pelo assunto em pauta. Fizeram questão de observar uma das principais precauções salientadas por Rocha Lima na condução das pesquisas: a garantia de que os piolhos “normais” viessem de regiões seguramente livres de tifo. A Comissão trabalhou com um lote especial de parasitos trazidos dos Estados Unidos e da Inglaterra, regiões sabidamente indenés (Idem).

Os métodos de cultivo dos piolhos em laboratório, de infecção experimental por meio da aplicação em doentes, de dissecação dos órgãos dos insetos e de coloração dos preparados, não foram muito diferentes daqueles empregados por Rocha Lima. Nem os procedimentos de infecção das cobaias, de observação do adoecimento delas e de passagem do “vírus”. Os

pioelhos foram colocados em caixas hermeticamente fechadas, semelhantes às gaiolas de Sikora, afiveladas na parte externa da coxa dos indivíduos.

Os resultados da aplicação de pioelhos indenes em pacientes com tifo foram expressivos: o único microrganismo constatado no intestino dos parasitas em esfregaços e seções histopatológicas foi a *Rickettsia prowazeki*. Wolbach e seus pares não souberam, porém, explicar o porquê de nem todos os pioelhos que sugaram tifosos adquiriram a riquetsia (Idem).

Através da infecção de cobaias com emulsões de pioelhos, a comissão norte-americana pôde constatar que apenas aqueles que continham a *Rickettsia prowazeki* eram capazes de provocar quadro semelhante ao tifo. Este foi comprovado por meio da medição de temperatura, prova de imunidade e análise histopatológica, concentrada sobretudo no cérebro, onde sabidamente aqueles microrganismos se alojavam. Os pesquisadores comprovaram a colonização intracelular do patógeno no trato gastrintestinal do pioelho, e sugeriram que ele sofria ali um ciclo de desenvolvimento, no qual aparecia nos primeiros estágios como formas lineares ou filamentosas, apresentando-se como cocos isolados ou dispostos aos pares nas fases mais intensas de multiplicação. As conclusões dos experimentos animais e das observações microscópicas comprovavam que “o ‘vírus’ do tifo e a *Rickettsia prowazeki* são inseparáveis” (Wolbach, Todd & Palfrey 1922, p. 112). Os experimentos de cultivo também contribuíram para essa conclusão. As tentativas de cultivar o bacilo de Plotz seguindo o método preconizado por ele não foram bem-sucedidas. Tampouco corroborou-se o cultivo das riquetsias em sacos de colóide e cavidade peritoneal das cobaias recém-descrito por Max Kuczynski (Idem). Dessa forma, o relatório da comissão norte-americana concluiu: “não nos parece possível dizer que qualquer uma das bactérias cultivadas de vítimas do tifo e animais de experimento possa ser a *Rickettsia prowazeki*” (Idem, p. 201).

Apesar da dificuldade de distinguir as riquetsias de debris celulares, e da variedade de formas das mesmas, Wolbach e seus companheiros afirmaram ter encontrado-as em tecidos de cobaias e de humanos⁴⁶⁰. Surpreenderam aqueles germes quase exclusivamente no endotélio de vasos sanguíneos da pele, cérebro, rins e músculos, ou seja, em todos os tecidos nos quais

⁴⁶⁰ Eles advertem que tal achado só foi possível, levando em consideração o cuidado da técnica e a execução de rígidos controles. Apenas microrganismos encontrados em grande quantidade e que apresentavam a devida morfologia, tamanho e propriedades de coloração foram considerados de forma segura como sendo a *Rickettsia prowazeki*.

os capilares eram alvos de lesões. A análise de seções de diversos órgãos de vítimas do tifo demonstrou que a reação à presença do parasita era responsável pelas mudanças degenerativas, das quais surgiam trombozes em vasos sanguíneos. Além disso, formavam-se reações proliferativas sobre parte do endotélio e de células do sistema nervoso central chamadas neuroglias. Dali, originavam-se nódulos microscópicos na pele e no sistema nervoso, considerados característicos da doença. Segundo as observações, o óbito era consequência, na maior parte das vezes, do comprometimento do cérebro pelas lesões proliferativas. “Por isso nós podemos dizer que o tifo é uma doença dos menores vasos sanguíneos”, concluiu a Comissão. (Wolbach, Todd & Palfrey 1922, p. 200). A conclusão geral das extensas pesquisas e resultados foi taxativa: “Nós concluímos que a *Rickettsia prowazeki* é a causa do tifo” (Idem, p. 202).

Mas os pesquisadores convocados pela Cruz Vermelha não trataram somente do tifo e da *R. prowazeki*. Um acidente ocorrido com Mr. Bacot, funcionário responsável pela manutenção do lote de piolhos indenes, fez com que eles também estudassem a Febre das Trincheiras. Ele contraiu uma doença de decurso bastante semelhante ao quadro referido pelos alemães como Febre da Volínia ou Febre dos Cinco Dias. O lote de piolhos teve de ser descartado para não se contaminar com nenhum microrganismo, mas Bacot permaneceu alimentando alguns nele próprio. Dias depois, apareceram riquetsias no trato digestivo dos insetos, sempre extracelulares, idênticas àquela descrita por Rocha Lima como *R. pediculi*, por Töpfer como *R. wolhynica* e por Schminke como *R. quintana*. Se estas constituíam uma única espécie, permaneceu questão em aberto. Como apresentavam morfologia indistinguível, Wolbach e seus colaboradores admitiram como bastante provável que elas fossem, de fato, idênticas. Eles observaram que riquetsias como aquelas ocorriam em grande número em piolhos retirados de casas de banho. O adoecimento de Bacot forneceu forte evidência da relação etiológica da riquetsia com a febre das trincheiras. Sugeriram, então, que grande parte da população da Europa Central era imune àquela doença e tolerante à infecção com a *R. pediculi* (Wolbach, Todd & Palfrey 1922, p. 130). Tal hipótese vinha de encontro com a de Rocha Lima, segundo a qual portadores sadios infectavam piolhos, nos quais se encontravam riquetsias tidas supostamente como não-patogênicas.

Os achados da comissão norte-americana contribuíram bastante para uma melhor aceitação do papel da *Rickettsia prowazeki* na etiologia do tifo. Mas ao mesmo tempo em que Wolbach e seus parceiros reconheceram as contribuições de Rocha Lima, tenderam a minimizar seu papel na identificação do patógeno: conferiram aos resultados obtidos na

Polônia o caráter de provas irrefutáveis e definitivas, comparados com aqueles aduzidos nas pesquisas anteriores (Idem).

Mesmo com a comprovação do suposto patógeno em tecido de humanos e cobaias, as evidências apresentadas no relatório da comissão não dirimiram as incertezas e indefinições que pairavam em torno do agente causador do tifo, ao menos no ambiente científico alemão. Prova disso nos dá o médico japonês Toschio Abe, que frequentou o curso de medicina tropical do *Tropeninstitut* em Hamburgo, onde passou uma temporada de estudos. Em 1924, dois anos depois de divulgado o relatório da comissão da Cruz Vermelha à Polônia, ele publicou artigo nos *Archiv für Schiffs- und Tropenhygiene*, no qual sintetizou o “estado da arte” da etiologia do tifo naquele momento (Abe 1924). Não obstante a “ampla literatura” publicada nos últimos anos, não havia, segundo ele, um consenso sobre a questão. Diferentes opiniões ainda cindiam a classe médica: de um lado os que acreditavam que o patógeno era um protozoário, de outro, os que o classificavam entre as bactérias. Numa terceira posição, entrincheiravam-se os inclinados a considerá-lo como um agente ultramicroscópico, i.e., um “vírus filtrável”. Havia ainda os que tomavam o *Proteus X* de Weil e Felix como o procurado agente causador, e aqueles que reconheciam tal função na *Rickettsia prowazeki*. Contra esta, depunha o fato de não ter sido identificada “de modo incontestável”, nem no tecido de cobaias, nem do organismo humano. As estruturas encontradas por Prowazek, Jaffé e Kuczynski, assim como aquelas descritas por Wolbach, Todd e Palfrey, não podiam, na sua opinião, ser “facilmente consideradas” como sendo a *Rickettsia prowazeki* (Abe, 1924). Pelo menos o pesquisador oriental considerava-a um ser vivo. Em 1923, o inglês H.M. Woodcock manifestara a opinião de que este microrganismo não era o patógeno do tifo, mas apenas produto da degeneração celular.

O reconhecimento mais generalizado da função etiológica da *Rickettsia prowazeki* no tifo veio depois dos estudos da comissão norte-americana na Polônia, com pesquisas posteriores desenvolvidas pelo próprio Wolbach e outros personagens que trouxeram novas evidências capazes de estabilizar esse enunciado, tornando-o uma “caixa-preta.

3.17. A consolidação da *Rickettsia prowazeki* como agente etiológico do tifo

Depois de retornar aos Estados Unidos, Wolbach tentou cultivar riquetsias em tecidos. Ele queria comprovar que aqueles germes, assim como os vírus, eram parasitas intracelulares

obrigatórios, ou seja, só eram capazes de se multiplicar no interior de células vivas. A técnica de cultivo em tecidos encontrava-se em pleno desenvolvimento. Junto com Peter J. Olitsky, da Fundação Rockefeller, Wolbach experimentou diferentes culturas de tecidos e combinações de meio nutritivo, mas nenhuma das tentativas foi bem-sucedida. As técnicas disponíveis não suportavam a multiplicação abundante das riquetsias, não sendo possível demonstrar que elas requeriam células vivas para completar seu ciclo (Harden 1987, p. 292).

Em discurso de 1925 na *New York State Association of Public Health Laboratories*, Wolbach chegou a defender a modificação dos postulados de Koch para o caso das riquetsias. Considerava fundamental adequar os métodos para o cultivo *in vitro*, à semelhança da multiplicação obtida em laboratório nos artrópodes vetores. Enfático, censurou:

Eu não sei o que dizer àqueles que diante das evidências por mim reunidas ainda possam insistir que a *Rickettsia prowazeki* não é a causa do tifo, mas simplesmente acompanha de forma constante o vírus do tifo, particularmente àqueles que assumem... que o vírus do tifo no homem possa ser um agente ultramicroscópico (*apud* Harden 1987, p. 292-3).

Evidências mais robustas em favor do papel etiológico da *Rickettsia prowazeki* vieram de local que já foi cenário de outros eventos importantes dessa narrativa: a cidade do México, onde o pesquisador suíço Hermann Mooser⁴⁶¹ atuava em 1928, quando descreveu riquetsias na túnica vaginal de cobaias.⁴⁶² As pesquisas de Mooser estavam relacionadas a outra importante questão já abordada aqui quando tratamos das pesquisas de Ricketts e Wilder: a relação do tabardillo, ou tifo mexicano, com o tifo europeu, ou epidêmico, também referido como “tifo clássico”. Vimos que Anderson e Goldberger haviam afirmado, com base em

⁴⁶¹ Hermann Mooser nasceu em Maienfeld, na Suíça oriental. Ele estudou medicina nas Universidades de Lausanne, Zurique e Basileia e doutorou-se em medicina no ano de 1920. Do ano de 1918 em diante ele trabalhou como médico-assistente na clínica cirúrgica da Universidade de Zurique. Um ano depois, atuou como assistente no Instituto de Patologia da Universidade da Basileia e em 1920, como assistente do Instituto de Higiene da Universidade de Zurique. A partir daí ele realizou viagens científicas, permanecendo 16 anos no exterior. Entre 1921 e 1928, trabalhou no Hospital Americano na Cidade do México, onde dedicou-se ao estudo do tifo murino ou endêmico. Em 1930, tornou-se professor de Bacteriologia na Universidade da Cidade do México. Retornou a Suíça, onde atuou entre 1936 e 1962 como professor de higiene e bacteriologia na Universidade de Zurique.

⁴⁶² A túnica vaginal é uma membrana serosa dupla que recobre o testículo e o epidídimo no saco escrotal. Dois folhetos da túnica vaginal separam os testículos do escroto, bolsa cutânea na qual eles se encontram alojados. O espaço entre essas duas lâminas é preenchido por uma fina película de líquido lubrificante que tem como função amortecer os atritos resultantes do movimento do escroto (In Dicionário Medipedia Beta – Conteúdos de Saúde. In <http://www.medipedia.pt/home/home.php?module=artigoEnc&id=661>, acesso em 31/01/2011)

experimentos de imunidade cruzada, que ambos tratavam-se da mesma doença. No entanto, Mooser e seus colaboradores chegaram à conclusão de que havia uma forma endêmica do tifo encontrada somente em ratos (por isso referido como tifo murino), e transmitido através das pulgas desses animais. Estas podiam ocasionalmente infectar humanos, entre os quais a cadeia da doença se mantinha por meio do piolho. Mooser defendeu então que o tifo mexicano era completamente diferente do europeu, contrariando o que haviam afirmado Wolbach e Nicolle (Mooser 1928, 1928b, 1928c, 1928d).

Para a elucidação do ciclo epidemiológico do tifo murino, foi fundamental a colaboração de Mooser com pesquisadores locais, entre os quais se destacaram Gerardo Varela e Maximiliano Ruiz Castañeda. Eles pertenciam a uma nova geração de bacteriologistas mais ligada à ciência médica norte-americana do que à européia. Eram conscientes “de que seu conhecimento sobre a cidade e a doença eram a porta de entrada para a comunidade científica global” (Tenorio 2010, p. 34). Juntos realizaram no Hospital Americano uma série de estudos com ratos coletados na mesma Prisão de Belén, um dos principais focos da epidemia de tifo de 1910. O conhecimento dos pesquisadores mexicanos sobre a ecologia social da Cidade do México foi decisivo para a constatação do fato, de que a espécie chamada rato negro, que competia com o designado “rato café”, possuía hábitos peculiares e interagia mais diretamente com o homem, propiciando, dessa forma, o caráter endêmico do tifo na cidade (Idem, p. 43-4).

Nos estudos iniciados em 1928, Mooser e seus colaboradores fizeram experimentos com cobaias. Naquelas inoculadas com a cepa mexicana do “vírus” do tifo, observaram o inchaço do escroto desses animais, o que não era observado em cobaias infectadas com outras cepas. Acreditavam que essa característica apontava para o caráter específico do tifo mexicano. Eles realizaram uma série de experimentos e os divulgaram em alemão, espanhol e inglês. Um deles veio a lume nos *Archiv für Schiffs- und Tropenhygiene* (Mooser, 1928b). Entre 1928 e 1929, foram quatro artigos só de Mooser, e três em colaboração com Castañeda, Varela e sua assistente, Helene Sparrow (Tenorio 2010, p. 47). Através de observações minuciosas, Mooser e seus parceiros comprovaram a tumefação do escroto em cobaias como manifestação do tifo mexicano e a especificidade deste em relação ao europeu. Em setembro de 1928, o pesquisador suíço relatou ter identificado na túnica vaginal de cobaias, diplobacilos idênticos às riquetsias, os quais se localizavam no interior das células endoteliais que revestiam a película serosa. Constatou que as células infectadas tinham a mesma aparência das colonizadas pela *Rickettsia prowazeki* no epitélio gastrointestinal de piolhos

tifosos. Viu também que na túnica vaginal das cobaias com tifo mexicano se formavam nódulos idênticos aos descritos por Wolbach, Todd e Palfrey no cérebro de vítimas do tifo (Mooser 1928b, 1928c; Bier 1966, p. 43).

Em 1934, foi demonstrado que o tifo europeu, assim como o mexicano, também produzia tumefação do escroto de cobaias infectadas com material infeccioso. O achado de Mooser complementou de forma clara a confirmação da *Rickettsia prowazeki* em tecidos humanos e de cobaias por Wolbach, Todd e Palfrey. O pesquisador do *Tropeninstitut* Fritz Weyer (1967, p. 482) comenta: “apenas a partir daí [das pesquisas de Mooser] aqueles que duvidavam do acerto das observações e conclusões de Rocha Lima puderam ser finalmente convencidos.”

Já o cultivo daquele microrganismo desenvolveu-se paralelamente aos avanços do campo emergente da virologia. O aprimoramento do método de cultura em tecidos possibilitou a multiplicação *in vitro* dos minúsculos germes. A tentativa de cultivar as riquetsias não se relacionava somente com a comprovação do seu papel patogênico no tifo, mas também com a tentativa de obter uma vacina. Como vimos, uma das principais limitações consistiu na impossibilidade de obter germes em quantidade significativa fora das células. Tal limitação deixou de existir, quando o pesquisador do serviço de saúde pública norte-americano, Herald R. Cox, cultivou, em 1937, riquetsias em grande quantidade no saco embrionário de ovos de galinha. Dali surgiram as bases do desenvolvimento da vacina que seria amplamente empregada durante a Segunda Guerra. Por conta dos preparativos desta, os alemães retomaram as pesquisas sobre o tifo em 1938, mas esbarraram na falta de linhagens do patógeno. Sanado o problema, os institutos científicos de ponta e os institutos militares ligados aos comandos superiores do exército passaram a dedicar-se a estudos para o desenvolvimento de um imunizante. O Instituto de Terapia Experimental de Frankfurt, o Instituto Robert Koch, em Berlim e o *Tropeninstitut*, em Hamburgo, utilizaram diferentes métodos de produção de uma vacina contra o tifo. Grande parte delas foi testada em humanos nos campos de concentração. O *Tropeninstitut* assumiu a direção de centros de pesquisa e combate do tifo em Varsóvia e Cracóvia, na Polônia, a partir de 1941. Eles fizeram pesquisas sobre o tifo clássico, utilizando cepa obtida com a IG-Farben. Ernst Nauck, Fritz Zumpt, Fritz Eyer e Walter Menk dedicaram-se a esses estudos, também com intenção de desenvolver uma vacina, mas não obtiveram sucesso (Werther, 2004). A vacina de Cox, empregada pelos norte-americanos na Segunda Guerra não foi capaz de prevenir o tifo, mas amenizou os efeitos da doença nas pessoas imunizadas. Foi o recém-desenvolvido inseticida de ação residual, o DDT

(*Dicloro-Difenil-Tricloroetano*), que garantiu o combate à doença por meio da destruição do piolho. Com isso, o tifo teve efeito reduzido entre os exércitos aliados. Os antibióticos desenvolvidos no pós-guerra, principalmente a tetraciclina e o cloranfenicol, bem como antibióticos de amplo espectro, mostraram-se uma arma eficiente no tratamento da doença. Por outro lado, o desenvolvimento da microscopia eletrônica e dos métodos de pesquisa bioquímicos contribuiu para o melhor conhecimento da biologia do patógeno e do seu envolvimento nos fenômenos patológicos.

Uma vez comprovada a *Rickettsia prowazeki* no organismo de doentes, demonstrado seu papel no surgimento das lesões típicas do tifo, e cultivada em cultura de tecidos, ela foi finalmente reconhecida como agente causador desta doença. Como vimos, foi Rocha Lima quem descreveu o patógeno, mas o reconhecimento dele deveu-se a resultados obtidos por outros pesquisadores, em contextos diferentes. A essas alturas, ele já se encontrava envolvido com novas questões científicas, não obstante as pesquisas sobre o tifo e as riquetsias terem sido as principais responsáveis pela sua reputação intelectual. Com base na autoridade que assumiu nesse campo, participou, ao lado de outros atores, de mais um capítulo dos estudos sobre o tifo e as riquetsias, desta vez desenrolado no Brasil. Em São Paulo foi noticiada em 1929, a ocorrência de uma “febre exantemática”, que inicialmente foi diagnosticada como o tifo clássico europeu, mas que estudos posteriores revelaram tratar-se de uma outra entidade mórbida.

3.18. Rocha Lima e o tifo exantemático de São Paulo (1929)

Entre os meses de outubro e novembro de 1929, começaram a surgir relatos sucessivos de ocorrência de uma doença febril, de caráter epidêmico, e evolução semelhante ao tifo exantemático na região denominada Cerqueira César, em São Paulo, nas proximidades do Hospital das Clínicas, zona que atualmente compreende os bairros de Perdizes, Pinheiros e Sumaré. Tinha início abrupto, caracterizando-se por febre contínua, dores musculares e de cabeça e erupções cutâneas máculo-papulosas, que surgiam nos braços e nas coxas, mas depois se espalhavam por todo o corpo. Mostrava-se bastante fatal. Dos primeiros sete casos notificados, todos morreram. Inicialmente, as autoridades sanitárias acreditaram estar diante de casos de tifo exantemático europeu, introduzido por imigrantes. A região concentrava grande número de grupos provenientes da Rússia e República Tcheca (Piza, Meyer & Salles

Gomes, 1932). Mas a doença parecia divergir do tifo clássico, por exemplo, pela presença de petéquias no rosto e pescoço e edemas na planta das mãos e nos pés, muito raros na variante européia. Tais divergências foram a princípio interpretadas como exceções, mas à medida em que continuaram a surgir notificações de doentes com a mesma manifestação clínica, viu-se a necessidade de analisar mais de perto aquele quadro. O pequeno número de casos notificados de forma esporádica dificultou no início quaisquer inferências sobre a relação com o tifo europeu (Idem).

O caráter peculiar do quadro patológico e epidemiológico despertou o interesse da comunidade médica de São Paulo. Na realidade, desde o início do século XX havia referências concernentes a manifestações semelhantes no Hospital de Isolamento. Nos relatórios do Instituto Bacteriológico, Adolpho Lutz descreve autópsias de dois casos no ano de 1900, um em 1905 e, dois, em 1906 (Rodrigues & Travassos 1951 *apud* Pena 2007, p. 28). Em 1930, numa das famosas reuniões de sextas-feiras do Instituto Biológico, foi discutida a questão, mas a escassez de pacientes limitou as conclusões. O acúmulo de casos no período de novembro de 1929 a novembro de 1931 permitiu que fossem iniciadas investigações mais detalhadas sobre aquela que parecia uma modalidade distinta de febre exantemática. Nesse intervalo de dois anos, foram notificados 61 casos, dos quais 72,13% morreram. A gravidade da doença por si só afastava a possibilidade de se tratar do tifo europeu clássico. Ela parecia mais próxima da Febre Maculosa das Montanhas Rochosas (Piza, Mayer & Salles Gomes, 1932).

Um grupo de pesquisadores decidiu aprofundar os estudos daquele fenômeno sob os aspectos clínico, epidemiológico, imunológico, patológico e etiológico. Participaram das pesquisas Luiz Salles Gomes e Joaquim Pires Fleury, do Instituto Bacteriológico de São Paulo; Francisco Salles Gomes Jr., diretor da Inspetoria estadual de Moléstias Infecciosas e José Toledo Piza, do Hospital de Isolamento, que trabalhou em estreita cooperação com o Instituto Biológico, do qual participaram Juvenal Ricardo Meyer, Celso Rodrigues e Gustavo de Oliveira Castro. De forma relativamente independente, também se dedicaram àqueles estudos, José Lemos Monteiro da Silva, do Instituto Butantan, com a colaboração do entomologista Flávio da Fonseca e Afrânio do Amaral, da mesma instituição. Rocha Lima acompanhou e aconselhou as investigações. De acordo com Toledo Piza, eles não poderiam “deixar de apelar” àquele que era uma autoridade no assunto do tifo exantemático e das riquetsias: Rocha Lima (Piza, Meyer e Salles Gomes, 1932, p. 12). Desde 1928, ele ocupava o

cargo de sub-diretor da Divisão Animal do recém-criado Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal, conforme veremos no capítulo 5.

O objetivo dos estudos foi caracterizar o mal que grassava de forma fatal na capital paulista, e precisar se ele era idêntico ao tifo europeu ou à Febre Maculosa das Montanhas Rochosas; ou ainda, se estavam diante de uma nova entidade mórbida. Contra a hipótese da identidade com o tifo europeu, falavam não apenas as já mencionadas diferenças do quadro clínico, como também a reação das cobaias à inoculação com material infeccioso. Os dois quadros divergiam também nos caracteres epidemiológicos, como o fato da “variante paulista” ocorrer em áreas de caráter quase rural, com habitações espaçadas entre si e não muito povoadas, quando se sabia que a variante clássica era uma doença típica de aglomerações humanas. Além do mais, a maioria dos doentes não estava infestada por piolhos. Como parecia possuir individualidade própria, Rocha Lima sugeriu que se denominasse o quadro “tifo exantemático de São Paulo”, designação “que sem argúcia especial, ou explicação necessária, permita rápida e nitidamente compreender que se trata de um tifo exantemático especial observado em São Paulo”, justificou no prefácio da obra de 1932, que reuniu as conclusões dos estudos (Rocha Lima, 1932). Em fevereiro de 1932, a nova denominação foi comunicada à Sociedade de Biologia de São Paulo, com a divulgação dos resultados parciais das pesquisas. Ficariam reservadas a investigações posteriores a tarefa de identificar com segurança aquela entidade nosológica. Para isso foram reunidos abundante material de pesquisa e registros das observações clínicas.

José Toledo Piza ficou encarregado das observações clínicas e epidemiológicas. Notou que as manifestações mais constantes foram a ocorrência de vômitos biliosos, dores musculares e pálpebras cerradas, que ficavam empapuçadas até o ponto do paciente não poder abrir o olho. Verificou que a temperatura subia de forma abrupta e caía de 1 a 3 dias antes da morte. Os exantemas surgiam depois do terceiro dia, tinham tamanhos variados e podiam formar equimoses.⁴⁶³ Ocasionalmente, registrou a ocorrência de delírios nervosos no 3º ou 4º dia da doença. No aspecto epidemiológico, o principal enigma foi o do agente envolvido na transmissão. Como vimos, as observações refutavam a hipótese de ser o piolho. Como o vetor deveria ocorrer mais frequentemente na zona rural, e ter hábitos extradomiciliares, o carrapato pareceu ser o mais provável. Várias experiências com os dois tipos de artrópodes foram

⁴⁶³ Infiltração de sangue nos tecidos que surge com a ruptura dos capilares.

realizadas, mas o prosseguimento das mesmas foi dificultado pelo fato da doença aparecer de forma intermitente, com poucos casos, e apresentar decurso fatal. Também foram feitas investigações sobre a possível existência de reservatórios animais do patógeno. Ratos e preás pareciam exercer esse papel (Piza, Meyer & Salles Gomes, 1932). É possível notar que o modelo da Febre Maculosa das Montanhas Rochosas, com a qual o tifo exantemático de São Paulo parecia mais próxima, balizou as questões que orientaram o percurso das pesquisas.

No Instituto Bacteriológico, Joaquim Pires Fleury submeteu o soro de doentes e de animais infectados à reação de Weil-Felix, que já havia perdido seu valor diagnóstico para o tifo europeu depois de ter dado resultados positivos em soro de coelhos inoculados com a Febre Maculosa das Rochosas. Tentou-se identificar através dessa reação sorológica, variedades do tifo exantemático, mas os resultados foram inconclusos. No Instituto Biológico, Juvenal Ricardo Meyer, da seção de patologia animal, fez as investigações histopatológicas, orientadas e acompanhadas com interesse por Rocha Lima. Este ajudou-o a interpretar muitos dos quadros microscópicos encontrados e disponibilizou “a melhor parte do que a literatura registra sobre a anatomia patológica de outras formas de tifo exantemático” (Piza, Meyer & Salles Gomes 1932, p. 134). Meyer notou, surpreso, que não havia um quadro anatomo-patológico típico que possibilitasse o reconhecimento da doença. No que se refere à relação com o tifo clássico, a análise das lesões macro- e microscópicas demonstrou a ocorrência de complicações pulmonares, que apontavam para uma analogia entre as duas variantes. Em contrapartida, demonstrou a falta dos nódulos celulares no cérebro, pele e rins, considerados típicos da modalidade do Velho Mundo. Meyer viu que as lesões decorriam principalmente do comprometimento do aparelho retículo-endotelial, com conseqüente mobilização das células mononucleares dali originárias e acúmulo das mesmas no pulmão, fígado, baço, derme e testículos (Idem, p. 123-134).

Os estudos experimentais com cobaias ficaram a cargo de Luiz Salles Gomes. Ele inoculou material virulento de 16 doentes em 64 cobaias e um macaco *Rhesus*. Notou que os roedores eram altamente sensíveis ao “vírus” do tifo de São Paulo. Após inoculação, apresentaram período de incubação de três a cinco dias, seguido de aumento da temperatura e perda de peso. Observou ainda a intumescência do saco escrotal, tal como observada na Febre Maculosa norte-americana. A pesquisa anatomo-patológica revelou a presença de riquétsias no exsudato da parede peritoneal. Salles Gomes verificou que elas ocorriam em grande quantidade na túnica média, no endotélio dos vasos do testículo e nas bolsas escrotais. Entretanto, Salles Gomes não apresentou maiores resultados sobre a especificidade desses

achados e seu possível significado etiológico. Um ano depois, descreveu com mais detalhes a riquetsia incriminada por ele como agente etiológico da febre exantemática paulista. Apontou as espécies de carrapatos *Amblyomma cajennense* e *A. ovale* como os transmissores mais prováveis, atribuindo aos piolhos o papel de transmissores eventuais (Pena 2007, p. 30).

Maior profundidade foi alcançada pelas pesquisas de Lemos Monteiro e sua equipe no Butantan. Ele realizou extensa revisão das “febres exantemáticas”, com a finalidade de correlacionar aquela observada em São Paulo, com as descritas como doenças autônomas em diferentes regiões do mundo. Sugeriu que se adotasse a categoria “riquetsioses” para se referir a essas doenças. Lemos Monteiro fez extensos experimentos com cobaias e primatas. Viu que a infecção experimental nos roedores era bem-sucedida, tanto pela injeção de emulsão do cérebro de animais infectados, quanto pela inoculação de material infeccioso através da via intra-ocular. Por ambas as formas, notou ser possível a transmissão em série. Em macacos, registrou a ocorrência de infecção típica, de caráter fatal, com sintomatologia e caracteres anátomo-patológicos distintos, tanto do tifo clássico, como de outras formas de tifo endêmico (Monteiro 1931, p. 52). Em concordância com Salles Gomes, relatou a falta, nos animais de experimento, de lesões nodulares como as descritas no tifo europeu, e constatou também a ocorrência de intumescência do escroto. O pesquisador do Butantan verificou fenômenos hemorrágicos cutâneos e a presença de necrose como caracteres que aproximavam o tifo de São Paulo da Febre Maculosa norte-americana. Em testes com coelhos e ratos, Lemos Monteiro notou que nestes, a infecção transcorria de forma inaparente por tempo relativamente longo. Com base nisso, defendeu seu papel como reservatório do “vírus”. Como os ratos na zona rural raramente eram parasitados por pulgas, deduziu que o transmissor mais provável do “tifo de São Paulo” era o carrapato, sendo a espécie *Amblyomma cajennense* a principal suspeita. Dos resultados das observações com animais de experimento, concluiu:

As observações sobre o comportamento experimental do tifo exantemático de São Paulo parecem justificar a sua separação como modalidade mórbida à parte, provavelmente de natureza autóctone, embora pertencente ao grupo geral das febres exantemáticas, com algumas das quais se mostrará, talvez, imunologicamente relacionado, não sendo impossível a sua futura identificação com algumas das formas já descritas de tifo (Monteiro 1931, p. 45).

Lemos Monteiro encontrou microrganismos idênticos às riquetsias, tanto em células epiteliais e macrófagos da câmara do globo ocular, como em células da túnica vaginal do

testículo e da parede parietal do peritônio de cobaias. Nesta última, elas foram encontradas com regularidade e em grande quantidade, localizadas predominantemente no interior das células, e isoladas principalmente durante o estágio febril. As mesmas não foram encontradas em cobaias indenes. Monteiro comprovou que suspensão de riquetsias obtidas da raspagem peritoneal era capaz de provocar a infecção nos animais de experimento. Classificou aquelas estruturas como *Rickettsia brasiliensis*, cujo envolvimento na etiologia do tifo de São Paulo, reivindicou com base na comprovação da imunidade de cobaias pré-tratadas, com suspensões desse microrganismo (Lemos Monteiro 1931, p. 119). Viu que ela era diferente da *R. rickettsii*, agente da Febre Maculosa das Rochosas e da *R. mooseri*, associada ao tifo endêmico ou murino. Além de conseguir realizar uma imunização com a *R. brasiliensis*, Monteiro testou a produção de um soro curativo através da inoculação do patógeno em carneiros. Ele também flagrou o germe em cortes de carrapatos infectados, comprovando, dessa forma, o papel desse artrópode na transmissão do “tifo paulista” (Idem).

As reações sorológicas e de imunidade foram utilizadas por Lemos Monteiro como meio de elucidar a relação do tifo exantemático de São Paulo com as demais riquetsioses. Como as riquetsias não eram cultiváveis (seus experimentos nesse sentido não haviam sido bem-sucedidos), sua diferenciação biológica – defendeu o pesquisador – deveria ficar por conta do estudo do seu comportamento em animais sensíveis e pelas reações de imunidade. Para esse fim, teceu uma rede transnacional de colaboradores. O próprio Arthur Felix, autor da reação que levava seu nome ao lado do de Weil, procedeu a testes com o soro de vítimas do tifo paulista. Ele comprovou a singularidade deste em relação às demais “febres exantemáticas”, em virtude de sua diversidade sorológica. Com os pesquisadores norte-americanos Rolla Eugene Dyer, do Instituto Nacional de Saúde, de Washington, e Richard R. Packer, do Laboratório de Estudos da Febre Maculosa das Montanhas Rochosas, Lemos Monteiro intercambiou soro de pacientes e carrapatos envolvidos nas riquetsioses de São Paulo e norte-americana. Dessa forma, constatarem as estreitas relações imunológicas entre as duas doenças: cobaias que resistiam à infecção pelo tifo de São Paulo mostraram-se imunes à Febre das Rochosas, e vice-versa. Viram que o vetor da primeira, o carrapato *Amblyomma cajennense* era capaz de transmitir ambas doenças. Isso não os autorizou, porém, a estabelecer que os dois “vírus” fossem idênticos. Em virtude disso, o pesquisador brasileiro propôs que o tifo exantemático de São Paulo passasse a se chamar “Febre Maculosa de São Paulo” (Monteiro 1933-4, p. 10)

Lemos Monteiro procurou ainda produzir uma vacina contra o tifo de São Paulo a partir de carrapatos infectados. Não só comprovou sua eficácia, como viu que o imunizante também protegia contra a Febre Maculosa das Rochosas, trazendo mais uma evidência da estreita relação imunológica entre as duas riquetsioses (Idem). No entanto, à semelhança de outros personagens desta narrativa, foi vitimado pela doença que havia se proposto estudar: em 1935, enquanto triturava carrapatos no laboratório, foi picado por um deles, e contraiu a moléstia, à qual não resistiu. Naquele mesmo ano, Flávio da Fonseca aprofundou os estudos sobre os transmissores, revelando que não só a espécie *Amblyomma ovale*, como também a *A. striatum* eram os principais carrapatos envolvidos na transmissão do chamado tifo exantemático de São Paulo (Pena 2007, p. 31).

No decorrer dos anos 1930 e 1940, a doença observada em São Paulo foi registrada nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. No Instituto Ezequiel Dias, em Belo Horizonte, Amílcar Vianna Martins e Octavio de Magalhães assumiram a liderança nas pesquisas sobre a enfermidade. Em Minas Gerais, o patógeno foi isolado primeira vez num animal silvestre por Octavio Magalhães e Moreira, no ano de 1935. Eles ainda flagraram carrapatos naturalmente infectados num cão doméstico. Utilizando a reação de Weil-Félix, comprovaram que animais como o coelho do mato, a cotia, o gambá, e o cachorro doméstico e selvagem eram reservatórios do agente (Pena 2007, p 31). Em 1941, foi confirmada a ocorrência da doença no Rio de Janeiro. Com a ampliação do seu escopo geográfico passou a ser chamada “Tifo Exantemático Brasileiro”. Os pesquisadores mineiros não reconheciam a *Rickettsia brasiliensis* como agente etiológico, tal como defendiam os paulistas. Nos anos seguintes, Octavio de Magalhães aprofundou os estudos epidemiológicos correlacionando a incidência da doença com o ciclo sazonal do carrapato-estrela (*A. cajennense*). Ficou comprovado que este, de fato, era o principal transmissor. Uma vez constatada a identidade da *R. brasiliensis* com a *R. rickettsi*, foi também corroborada a identidade da doença com a Febre Maculosa das Montanhas Rochosas, passando a ser denominada “Febre Maculosa Brasileira”.

O “Tifo Exantemático de São Paulo” foi uma dentre várias outras doenças descritas no decorrer dos anos e enquadradas entre as “febres exantemáticas”. Manifestações de decurso semelhante ao tifo europeu e à febre maculosa foram descritas no Japão, Austrália, África do Sul, Malásia e outras regiões. Algumas delas foram correlacionadas a pequenos bacilos e cocos com características que os enquadravam entre as chamadas “riquétsias”. Com o acréscimo de novas espécies e o envolvimento em patologias humanas e animais, aquela categoria de microrganismos adquiriu visibilidade, não obstante as indefinições em torno de

seu caráter biológico e classificação taxonômica. Certamente, Rocha Lima não previu que a designação dada por ele ao patógeno do tifo, em caráter circunstancial, e quase provisório, abriria caminho para a definição de uma nova categoria sistemática, que parecia ter vindo para ficar, muito embora ele já tivesse assinalado as peculiaridades da *Rickettsia prowazeki* em relação aos microrganismos conhecidos. Vamos acompanhar em seguida as tentativas de Rocha Lima e outros personagens em fixar os caracteres responsáveis por definir e estabilizar o novo grupo.

3.19. As riquetsias como categorias de microrganismos.

A denominação de *Rickettsia prowazeki* dada por Rocha Lima ao suposto patógeno do tifo deveu-se, como vimos, à tentativa de individualizar aquele germe frente aos demais candidatos a agentes causadores e não enfrentar, por ora, a nebulosa questão da sua natureza biológica e, por extensão, da classificação taxonômica. Mas já vimos que logo a família foi se estendendo, com a incorporação àquele novo gênero de novos microrganismos encontrados em artrópodes: a *Rickettsia pediculi* ou *quintana*, ou ainda, *wolhynica*, a *Rickettsia melophagi* e a *Rickettsia rochalimae*. Em 1920, Arkwright, Atkins e Bacot identificaram a *R. lectularius*. O agente da Febre Maculosa descrito por Wolbach, *Dermacentroxenus rickettsi*, foi também agregado por Brumpt à família em 1927, passando a ser designado *Rickettsia rickettsi*. A ex-assistente de Rocha Lima, Hilda Sikora, que se tornou uma especialista nesse grupo de microrganismos, identificou uma série de novas espécies. Em 1918, descreveu a *R. ctenocephali* e três outras espécies encontradas, respectivamente, em mosquitos *Culex*, nos túbulos de Malpighi de pulgas do rato e em pequenos ácaros de pássaros (Rocha Lima, 1930).

Rocha Lima e outros pesquisadores referiram-se inicialmente às riquetsias, sem que houvesse clareza conceitual do que significava essa categoria. A comissão norte-americana chefiada por Wolbach deu importante contribuição nesse sentido, ao procurar sistematizar os conhecimentos disponíveis sobre aqueles germes encontrados em artrópodes. “Uma definição satisfatória das riquetsias não é possível no momento”, advertiram Wolbach e seus pares (Wolbach, Todd & Palfrey 1922, p. 123), mas apenas uma descrição das propriedades comuns entre os microrganismos classificados como tais. Entre elas, a morfologia: eram semelhantes às bactérias, mas menores que elas, e podiam ocorrer isoladamente ou se dispor em pares e cadeias. O fato de não adquirirem coloração com os corantes bacterianos usuais, também foi

elencado como uma característica comum. Com exceção da *R. melophagi*, nenhuma outra espécie de riquetsia seria cultivável. Eles ignoraram o cultivo bem-sucedido da *R. pediculi* ou *quintana* por Werner e Benzler. Todos os microrganismos compreendidos como riquetsias tinham ainda em comum a propriedade de se desenvolverem em hospedeiros artrópodes, os quais atuavam como vetores no caso das espécies patogênicas (Idem, p. 124). Em 1924, Wolbach defendeu em trabalho com Marshall Hertig que o termo riquetsias somente deveria ser aplicado àquelas espécies que eram patógenos humanos (Hertig & Wolbach, 1924).

Gradualmente, o grupo foi ganhando dimensão, com a descrição de várias outras espécies encontradas em diferentes ordens de insetos e aracnídeos. A categoria ganhou visibilidade com a correlação de algumas delas a patologias humanas e veterinárias. Em 1923, Andrew Watson Sellards, do departamento de medicina tropical da Universidade de Harvard, designou *Rickettsia nipponica* o microrganismo que reivindicou como patógeno da doença conhecida no Japão como *Tsutsugamushi*, de decurso bastante semelhante ao tifo e transmitida por um pequeno ácaro da espécie *Leptotrombidium deliense*.⁴⁶⁴ Ela havia sido objeto de interesse científico desde o começo do século XIX. Nos anos 1890, Shiramiro Kitasato, recém-chegado de sua temporada de estudos com Robert Koch, em Berlim, dedicou-se a estudá-la, concluindo ser causada por um protozoário (Harden 1987, p. 289). Outros pesquisadores japoneses defenderam que o patógeno era de natureza bacteriana, até que Sellards comunicou, em 1923, o isolamento do germe de morfologia bastante semelhante à das riquetsias, capaz de provocar em cobaias lesões hemorrágicas idênticas às ocasionadas pelo “vírus” da doença. Diferentemente das outras riquetsias, a *R. nipponica* havia sido cultivada em um meio de ágar sangue com composição peculiar (Sellards, 1923).⁴⁶⁵

⁴⁶⁴ A doença conhecida como *Tsutsugamushi* ocorre endemicamente numa região da Ásia compreendida entre o norte do Japão e extremo-orientes da Rússia até alcançar o Paquistão e Afeganistão, a oeste, passando pelo norte da Austrália, ao sul. Grassa de forma endêmica especialmente entre a população rural de Laos e da Tailândia. Durante a Segunda Guerra incidiu em surtos epidêmicos entre as tropas estacionadas em Birma e no Ceilão e constituiu um problema para as tropas norte-americanas estabelecidas no Japão depois do conflito. Ocorre especialmente entre regiões de densa vegetação de arbustos nas quais se encontra o ácaro transmissor, sendo por isso também referida como *Scrub typhus* (tifo da capoeira). Além de sintomas genéricos semelhantes a outras riquetsioses como febre, dor de cabeça, tosse e complicações gastrintestinais, caracteriza-se pela formação de escaras, necrose escura que se forma sobre a pele por ocasião de injúrias ou doenças como micoses. A infecção é ainda acompanhada da formação de exantemas máculo-papulares por todo o corpo, esplenomegalia e linfadenopatias. O tratamento é feito com antibióticos.

⁴⁶⁵ Recentemente, a espécie foi alocada no gênero *Orientia*, sendo denominada *Orientia tsutsugamushi*.

Em 1925, Edmund V. Cowdry classificou como *Rickettsia ruminantium* o agente causador de uma doença febril, que grassava entre ovelhas, bois e cabras na África do Sul, transmitida por um carrapato. A espécie fora constatada apenas em seções histológicas de animais doentes, as quais revelaram que ela se concentrava nas células endoteliais de vasos dos glomérulos renais e na substância cinzenta do cérebro bovino. Também não era cultivável e aparecia nos carrapatos predominantemente como bastonetes e diplococos. Como a *R. prowazeki*, também era de localização intracelular (Rocha Lima 1930, p. 1379-80). Com a intenção de conferir contornos mais nítidos ao grupo, Cowdry chegou a sugerir que apenas aquelas espécies que apresentavam desenvolvimento intracelular deveriam pertencer a ele.

Na Malásia, também foi relatada a ocorrência de uma doença de decurso semelhante ao tifo referida como “tifo tropical”. Ela foi incorporada por William Fletcher ao grupo das chamadas “febres exantemáticas” e considerada uma modalidade do tifo europeu, em virtude da reação positiva de Weil-Felix. O pesquisador polonês Ludwik Anigstein foi contratado, em 1929, pelo *Colonial Office* britânico para estudá-la, conforme ele comunicou a Rocha Lima em junho daquele ano.⁴⁶⁶ Meses depois, ele descreveu ao colega os resultados de suas pesquisas⁴⁶⁷. Em carta, conta que quando chegou na Malásia, nada se sabia sobre a “misteriosa doença”, que grassava endemicamente sobretudo entre os nativos que trabalhavam nas grandes plantações de palmeira oleaginosa. As pesquisas foram realizadas no Instituto de Pesquisa Médica de Kuala Lumpur. Anigstein relatou que as cobaias eram refratárias à infecção experimental: não apresentavam a curva febril característica, e morriam logo em seguida. Os ratos mostraram-se mais adequados. Ele constatou que nestes se observava uma intumescência do saco escrotal, tal como Mooser havia descrito recentemente no tifo mexicano. Em preparados de cortes histológicos dos testículos de cobaias infectadas, noticiou a ocorrência de diplobacilos intra- e extracelulares, com características morfológicas correspondentes às das riquetsias. Informou ainda, ter obtido do sangue de doentes e de animais inoculados culturas análogas às observadas por ele no tifo europeu. Vimos que o pesquisador polonês foi um dos que advogou ter conseguido cultivar a *R. prowazeki*. Os microrganismos cultivados no “tifo tropical” – prosseguiu na carta ao colega brasileiro –

⁴⁶⁶ Carta de Ludwik Anigstein a Rocha Lima de 06.06.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁴⁶⁷ Carta de Ludwik Anigstein a Rocha Lima de 26.11.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

apresentaram em esfregaços fisionomia típica das riquetsias. O transmissor da doença permanecia desconhecido. O piolho-do-corpo, segundo Anigstein, não vinha em questão, porque não parasitava o corpo nú e imberbe dos nativos malásios. Considerou a possibilidade da transmissão pelo piolho-da-cabeça. O chamado “tifo tropical” ou “tifo rural da Malásia” foi depois enquadrado como uma das modalidades das chamadas “febres orientais”, causadas pela *Rickettsia tsutsugamushi*.

Integrado à rede internacional de cientistas dedicados ao estudo do tifo, da Febre Maculosa e de doenças análogas, Rocha Lima manteve-se a par dos desenvolvimentos ocorridos nesse campo. Ele acompanhou a descrição de novas espécies de riquetsias e a confirmação do seu envolvimento em patologias de contornos muitas vezes difusos. Em 1930, sistematizou os conhecimentos disponíveis sobre aqueles seres, em capítulo do *Handbuch der pathogenen Mikroorganismen* (Manual dos Microorganismos patogênicos), editado por Wilhelm Kolle, Rudolph Kraus e Paul Uhlenhuth (Rocha Lima, 1930b). Em linhas gerais, distinguiu aqueles microrganismos com base nas mesmas características enumeradas por Wolbach: assemelhavam-se às menores bactérias, ocorriam principalmente em artrópodes como parasitas e simbioses, e não eram cultiváveis em nenhum dos meios de cultura habitualmente utilizados na bacteriologia. Outras propriedades também foram aduzidas como secundárias, como a coloração peculiar, o fato de não formarem esporos e a divisão transversal (Idem, p. 1347-1348). Na coloração de Giemsa assumiam tons mais avermelhados do que a maioria das bactérias, e apareciam como estruturas halteriformes, como dois corpúsculos polares ligados entre si por uma “ponte” mais clara, ou ainda como cocos esféricos ou alongados, considerados as formas elementares daqueles seres (Idem).

A classificação taxonômica permaneceu como questão controvertida. Embora Rocha Lima rejeitasse a classificação das riquetsias entre os clamidozoários/ estromgiplasmas ou entre os protozoários, tal como ocorria com os espiroquetas, ele não admitiu a colocação entre as bactérias comuns, preferindo não se pronunciar de forma categórica sobre a determinação sistemática:

Se se deve colocar riquetsias, clamidozoários, estromgiplasmas assim como espiroquetas, como grupos particulares entre as bactérias, o que parece mais fácil e prático, ou tomá-los todos, ou isoladamente, entre o nível intermediário de bactérias e protozoários, o que talvez corresponda mais aos fatos, é uma questão a qual não

se pode responder com segurança, com base em nossos conhecimentos atuais (Rocha Lima 1930, p. 1348).

Mais adiante, reiterou:

Se os microrganismos reunidos sob a designação “riquétsias” realmente pertencem, do ponto de vista botânico, a uma única família ou espécie, é uma daquelas questões fáceis de colocar, mas difíceis de serem respondidas, e que se apresentam como evidentes, mas que são, no entanto, prematuras, diante da precariedade de nossos conhecimentos atuais sobre o assunto (Rocha Lima 1930, p. 1350)

Para equacionar a questão, Rocha Lima sugeriu uma solução pragmática: ao invés de se ater a uma opinião ou outra mediante apenas probabilidades e argumentos incompletos, melhor seria se a categoria “riquétsias” fosse encarada como um conceito operacionalmente útil. Ficaria reservada ao futuro a solução do problema, mas, por ora, considerava que o uso dessa designação havia cumprido o objetivo para o qual fora criado: chamar a atenção para um grupo de microrganismos importantes, e reunir os conhecimentos disponíveis sobre eles, que, do contrário “estariam dispersos na literatura” (Idem, p. 1348).

Rocha Lima esforçou-se para conferir a máxima solidez conceitual ao grupo das “riquétsias”. Para evitar confusões e arbitrariedades, sugeriu que se classificasse como tais apenas aqueles microrganismos que reuniam as características acima enumeradas, mas que fossem morfológica ou biologicamente análogos à *Rickettsia prowazeki*, espécie que havia “fundado” o grupo (Idem, p. 1351). Àquela altura, o papel desse microrganismo como causador do tifo estava mais bem aceito, mas ainda não era consensual. O pesquisador brasileiro incluiu no tratado os resultados de Wolbach, Todd e Palfrey e ainda os de Mooser, que comprovavam a ocorrência de riquetsias no organismo humano e de animais. Nem por isso abandonou a cautela na hora de concluir: “Em resumo, conclui-se dos conhecimentos até agora adquiridos, que são numerosos e de natureza bastante distinta, que eles falam de forma concordante em favor da identidade da *R. prowazeki* com o vírus do tifo, ao passo que absolutamente nada do que se é conhecido, fala contra” (Rocha Lima 1930, p. 1371).

Com a descrição de uma das “febres exantemáticas” em território brasileiro, nossos já conhecidos José Lemos Monteiro da Silva e Afrânio do Amaral, do Instituto Butantan, dedicaram-se à sistematização não das riquetsias, mas das doenças as quais preferiram se referir como “riquetsioses”. Eles se basearam nas reações de imunidade cruzada para agrupar

as riquetsioses em quatro grupos: o grupo I, representado pela riquetsiose oriental (Tsutsugamushi), o grupo II, representado pela riquetsiose tropical do tipo malaio, o grupo III, constituído pela Febre Maculosa das Rochosas, designada como Riquetsiose Macular Nearctica do tipo oeste e o grupo IV, da chamada Riquetsiose Major, que abrangia o tifo exantemático europeu e o endêmico. O “Tifo Exantemático de São Paulo”, que passou a ser referido pelos autores também como “Febre Maculosa de São Paulo” foi classificado entre o grupo III, devido às estreitas relações imunológicas com a modalidade norte-americana (Amaral & Monteiro, 1932).

Com a comprovação do envolvimento das riquétsias em doenças e a descrição de novas espécies, o grupo gradualmente adquiriu estabilidade como categoria taxonômica de microrganismos. O desenvolvimento de métodos bioquímicos, o aprimoramento das técnicas de cultivo em tecidos e o advento, anos mais tarde, das técnicas de biologia molecular, ocasionaram redefinições no interior do grupo, que ainda hoje está em “constante reorganização” em virtude desse aprimoramento técnico e da “elucidação do ciclo enzoótico de alguns de seus membros” (Gehrke, 2010, p. 6). Hoje em dia a definição de riquétsia vai além das espécies comuns ao gênero, como à época de Rocha Lima. Hoje as riquétsias correspondem aos microrganismos alocados na ordem Rickettsiales, família *Rickettsiaceae*, composta pelos gêneros *Rickettsia* e *Orientia*, sendo que no primeiro decompõem-se em dois grupos, o grupo tifo e o grupo febre maculosa. O grupo tifo abriga as espécies *R. prowazekii* e *R. typhi*, responsáveis pelo tifo epidêmico e endêmico, respectivamente. Já o grupo Febre Maculosa é constituído por mais de 30 espécies, distribuídas por todo o mundo (Idem, p. 6-7).

Os estudos morfológicos, bioquímicos, imunológicos e moleculares demonstraram que as riquétsias não possuem equipamento enzimático completo para o metabolismo celular. Elas têm uma parede celular de constituição análoga à das bactérias Gram-negativas, muito embora, como já afirmara Rocha Lima, elas não assumem essa coloração. Hoje em dia, são compreendidas como bactérias especializadas em nichos ecológicos muito restritos. Parasitam hospedeiros vertebrados e invertebrados, em geral artrópodes. O homem é considerado um hospedeiro acidental, cuja infecção é fruto de mudanças ecológicas no ambiente (Cardoso 2004, p. 6).

Rocha Lima acompanhou parte significativa desse desenvolvimento posterior do estudo das riquétsias e riquetsioses, mais como espectador, do que como partícipe direto. Diferentemente de Carlos Chagas, por exemplo, cuja trajetória ligou-se inextricavelmente à

sua “descoberta” - a doença batizada com seu nome -, nosso personagem trilhou caminhos divergentes daquele assumido por seus enunciados. Vimos que fatores de diversas ordens, tanto pessoais quanto conjunturais, o distanciaram de certa forma das pesquisas sobre a etiologia do tifo. Outros personagens assumiram o primeiro plano nos estudos. Trouxeram posteriormente a confirmação de suas hipóteses e conferiram a elas nova amplitude. Rocha Lima, ao final de sua trajetória, reivindicou reconhecimento por suas contribuições. Denunciou o obscurecimento das mesmas, o qual atribuiu às segmentações e tendências que configuravam a cartografia da ciência internacional. Ele e aqueles que se identificaram como seus “discípulos” dedicaram-se a garantir o lugar que lhe julgaram devido no panteão dos “heróis” que haviam decifrado o enigma do tifo. Analisaremos a seguir, a trajetória tardia dos enunciados de Rocha Lima, o impacto disso na sua auto-percepção e representação e nas de seus contemporâneos, bem como o processo de edificação de uma “memória retificadora”.

3.20. Rocha Lima, o tifo e as riquetsias – memória e história

Em 1928, Charles Nicolle recebeu o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia pela elucidação do papel do piolho na transmissão do tifo exantemático. As contribuições de Rocha Lima foram ignoradas pela organização sueca. Conforme demonstra Crawford (1992), a indicação e recepção do prêmio Nobel obedeceram às injunções políticas que haviam segmentado a ciência internacional em dois “campos hostis” desde a Primeira Guerra. As cicatrizes desse trauma estenderam-se nos anos depois do conflito.

As parcialidades e tendências do Nobel não passaram despercebidas de Hermann Mooser, pleno de sentimentos anti-franceses, e certamente contrariado por não ter sido agraciado com a condecoração pela qual também devia se sentir no direito. Em carta a Hans Zinsser, outro especialista no estudo do tifo, comentou:

A demonstração [de Nicolle] de que o tifo é transmitido pelo piolho do corpo prolongou a guerra. Também creio que Theobald Smith deveria ser finalmente honrado com o prêmio, porque foi o primeiro a demonstrar que as doenças são transmitidas por artrópodes. Se fosse francês, já o teriam lhe outorgado (*apud* Tenorio 2010, p. 61).

Em 1939, ano em que se iniciou o conflito que iria mudar profundamente a fisionomia da geopolítica mundial, Simeon Wolbach declarou durante simpósio ocorrido em Harvard:

Delineamos acima o trabalho pioneiro realizado sobre as riquetsioses por um francês e por um americano. As honras máximas são devidas ao americano, porque, com brilhantismo e precisão, evidenciou fatos e indicou, pelos métodos que utilizou, a maioria das principais linhas de desenvolvimento adotadas posteriormente no estudo das riquetsioses. Sua morte no México [de Ricketts], causada pelo tifo em 1910, representou grande perda para o mundo sob dois aspectos: a perda dos seus serviços e a perda de um magnífico exemplo de líder e de cientista. O tributo prestado por Rocha Lima ao criar o gênero *Rickettsia* foi uma feliz iniciativa (*apud* Bier 1966, p. 38).

Na mesma ocasião, o discípulo de Wolbach, Henry Pinkerton, reconheceu que os resultados de Ricketts e Wilder haviam sido inconclusos, porém atribuiu à comissão chefiada pelo mestre, na Polônia, todos os créditos pela comprovação da função patogênica da *Rickettsia prowazeki*:

Até o início do século a etiologia do tifo constituía um completo mistério. A doença era obviamente uma infecção aguda, mas os achados post-mortem eram praticamente nulos (...) Bacteriologicamente os tecidos eram estéreis e nenhum microrganismo podia ser demonstrado ao exame histológico. A doença foi colocada no grupo das infecções por vírus filtráveis e uma grande soma de trabalho acurado foi necessária para retirá-la desse grupo. Este trabalho, que culminou com a publicação de Wolbach, Todd e Palfrey, em 1922, mostrou que o agente etiológico era um minúsculo parasita intracelular, a *R. prowazeki*, que podia ser demonstrado, com técnica adequada, nos tecidos do homem ou da cobaia, bem como nas células do revestimento gastrintestinal do piolho, em todos os casos numa localização intracelular” (*apud* Bier, 1966, p. 39).

No tratado de 1948 de J. C. Snyder, sobre infecções virais e riquetsioses humanas, lê-se:

Como consequência de evidências conflitantes concernentes à etiologia do tifo, que se seguiram às publicações iniciais de Ricketts e Wilder (1910) e de Prowazek (1914) houve um período de incertezas acerca do agente etiológico específico. Os

experimentos cuidadosamente controlados de Wolbach, Todd e Palfrey (1922) serviram para eliminar as dúvidas da relação causal da *Rickettsia prowazeki* com o tifo epidêmico (apud Rocha Lima, 1951).

Já em 1939, Rocha Lima havia planejado participar do Congresso de Microbiologia sediado em Nova Iorque, ocasião em que apresentaria conferência na qual pretendia recobrar o que considerou uma dívida histórica – o reconhecimento da sua prioridade na caracterização do agente etiológico do tifo. Porém, ele não pôde comparecer (Rocha Lima, 1951). Nova oportunidade apresentou-se no V Congresso Internacional de Microbiologia, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1950. Conforme veremos no capítulo 5, foi o primeiro para o qual os alemães foram convidados desde que terminara a Segunda Guerra. Nessa ocasião, Rocha Lima relatou o curso das pesquisas que o conduziram à *Rickettsia prowazeki*, com o objetivo de refutar a “a crua e absoluta inverdade” – qualificou ele -, divulgada principalmente na literatura norte-americana, de que na realidade o mérito da “descoberta” daquele patógeno era de Ricketts e Wilder. De acordo com essa literatura, os trabalhos posteriores teriam sido apenas repetições e confirmações de diretrizes estabelecidas por esses pesquisadores. Nosso personagem queria provar que

“outros foram os caminhos, outras as observações e outras experiências que em 1915 fundamentaram os nossos conhecimentos atuais sobre esse agente etiológico, quando o achado de Ricketts não havia sido, nem podia ter sido tomado em consideração alguma” (Rocha Lima, 1951).

Em defesa de sua prioridade em relação aos dois norte-americanos, Rocha Lima argumentou que a descrição de um microrganismo no sangue de pacientes não justificava a reivindicação de seu papel como causador da doença, ainda mais em se tratando do tifo. Além do mais, alegou que o próprio Ricketts foi pouco convencido do seu “achado inespecífico”, divulgado em comunicação “curta e impressionante (...), sem repercussão e sem aceitação no próprio ambiente norte-americano” (Idem). Apenas depois da confirmação e reconhecimento das pesquisas sobre a *Rickettsia prowazeki*, alcançada “após duro período inicial de impugnações, dúvidas e confusões”, é que o achado de Ricketts teria sido tomado em consideração. Afirmou ainda, que no início de seus estudos, em 1915, encontrou-se na mesma situação de indefinição vivenciada pelos dois norte-americanos no final de suas pesquisas, cujos resultados, defendeu não ter tido conhecimento à época. A mera constatação dos germes

suspeitos em material isento de tifo o teria feito desistir de investigá-las – arguiu (Rocha Lima, 1951).

Os relatos abundantes de novos germes apontados como causadores do tifo entre 1910 e 1916, quando também o bacilo descrito por Plotz ganhou bastante adesões no meio científico, constituíam para Rocha Lima uma prova de que a etiologia da doença permaneceu como questão não solucionada depois da comunicação de Ricketts e Wilder. Ele sustentou, no entanto, que a descrição da *Rickettsia prowazeki*, em 1916, pôs termo “às sucessivas e insubsistentes descobertas e hipóteses” (Idem), o que sabemos não ter sido o caso. Ainda em 1923, o periódico oficial do *Tropeninstitut Archiv für Schiffs und Tropenhygiene* notificava a descrição de suposto patógeno do tifo pelos médicos russos W. Barykin e N. Kritsch (Barykin & Kritsch, 1923)

Segundo Rocha Lima, suas contribuições no campo dos estudos sobre o tifo ficaram reduzidas na “literatura dominante” ao “batismo” do germe como *Rickettsia prowazeki*, retratado como mera homenagem a Ricketts e Prowazeki, quando na verdade, a intenção teria sido evitar confusão com os mais de 30 microrganismos apontados como patógenos (Rocha Lima, 1951). No tratado de Snyder supra-citado, omitiram-se os trabalhos do pesquisador brasileiro, sendo considerados apenas os estudos de Ricketts e os de Wolbach, Todd e Palfrey, feitos mais de dez anos depois. Diante disso, o pesquisador brasileiro questionou se os méritos da “descoberta” cabiam, “a quem assinala um fato sem o poder interpretar ou quem o reconhece, demonstra e caracteriza, dando ensejo então a que posteriormente se relacione com esse primeiro achado, emprestando-lhe interpretação positiva” (Idem). A atribuição dos créditos ao primeiro correspondia, aos olhos de Rocha Lima, não apenas ao desvirtuamento da “verdade histórica”, como também da própria maneira pela qual se operava o registro histórico:

Mesmo nas maiores conquistas da humanidade os seus realizadores por elas imortalizados tiveram precursores, que embora muitas vezes não menores em mérito, permaneceram ignorados ou foram deixados na penumbra. Na história do tifo exantemático é, porém, inversamente a um apontado precursor que a literatura hoje predominante confere todo o mérito da conquista. Assim, não a Colombo, nem a Cabral, mas somente aos navegantes que antes deles avistaram as costas da América e do Brasil, deveria ser atribuída a glória da descoberta do continente e deste país. Dentro desse pensamento, também a descoberta da autoria de um crime deveria ser

atribuída exclusivamente a quem primeiro aponta ser um possível criminoso e não, como costuma ser, a quem apresenta as provas que o identifica como tal (Rocha Lima, 1951).

Essa citação nos revela um pouco a dimensão que nosso personagem conferia à elucidação da etiologia do tifo, e o papel que ele se auto-atribuiu nesse processo. Ricketts e Wilder, na sua leitura, assim como os demais que teriam se dedicado anteriormente ao estudo daquela questão, seriam os precursores da obra realizada por ele, o “Colombo” que teria franqueado os caminhos rumo à verdade.

Esta não foi, como vimos no capítulo anterior, a primeira vez que Rocha Lima veio à carga defender sua prioridade no estabelecimento de um fato científico de reconhecimento geral. Vimos que a descrição das lesões hepáticas consideradas características da febre amarela e de valor diagnóstico na anatomopatologia da doença também chegou a ser atribuída a Councilman. Para o pesquisador brasileiro, a atribuição indevida dos méritos na literatura científica estava ligada às tendências e assimetrias que vincavam a ciência internacional:

Mesmo na literatura científica, mesmo nessa atmosfera em que se pressupõe um sacerdócio voltado exclusivamente à procura da verdade, nem sempre a verdade histórica é encontrada pura e livre da máscara convencional falseadora, imposta pela influência das preponderâncias pessoais, regionais ou internacionais (Rocha Lima, 1949)

Por uma questão de comodismo e conveniências, preferia-se, segundo Rocha Lima, “repetir despreocupadamente o que à mão se encontra em qualquer publicação recente”, ao invés de procurar as fontes de informação. No caso do histórico da pesquisa etiológica do tifo, fazer justiça aos fatos envolvia a procura “trabalhosa” por suas contribuições, “constituídas, em sua maioria, por publicações esparsas em língua alemã, hoje por muitos cientistas dificilmente compreendida” (Rocha Lima, 1951). Isso era um reflexo da nova arquitetura da geopolítica mundial. Com o fim da Segunda Guerra, assistiu-se à consolidação do processo de transferência do eixo de poder econômico, geopolítico e, em certa medida, cultural e científico, da Europa para os Estados Unidos. Dali em diante, este passou a disputar a hegemonia com a outra potência fortalecida pela guerra, a União Soviética. A partir de 1945, o inglês assumiu de vez o papel de idioma hegemônico na comunicação científica internacional. A literatura científica alemã, que possuía liderança no começo do século XX,

adquiriu, na segunda metade desse mesmo século, caráter cada vez mais paroquial, em contraste com o cosmopolitismo associado àquela veiculada em inglês. Em 1948, dois anos antes do Congresso de Microbiologia no Rio, Rocha Lima havia enfatizado esse mesmo aspecto na conferência de abertura da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Nessa ocasião, declarou: “a preponderância de uma língua tem força para atribuir a autoria de uma descoberta (Rocha Lima 1949, p. 1534). No momento em que já estava prevista a aposentadoria compulsória por ter alcançado 70 anos, chamou atenção para as “preponderâncias internacionais” que configuravam a prática científica, certamente com a intenção de garantir o reconhecimento de seu legado pelas gerações posteriores, assunto que ficaria reservado à história: “A verdade histórica não é o que de fato aconteceu, mas sim o que é admitido ou estabelecido como tal pelos mais fortes e transmitido pelos meios atuais de publicidade, das quais emana a documentação para a informação das gerações futuras” (idem, p. 1533).

Em termos pessoais, Rocha Lima confessou, na mesma ocasião, os sentimentos que nutria no período em que os resultados de seus estudos sobre o tifo permaneceram controvertidos:

Conversar assim, durante 20 anos dentro de si, uma convicção ou uma verdade que ninguém partilha, nem compreende, nem aceita, faz surgir no espírito duas sensações opostas, uma cheia de modéstia e melancolia leva a duvidar de si próprio, a outra, pretensiosa e lisonjeira aponta isolada clarividência no meio de milhares de vistas menos agudas (Rocha Lima 1949, p. 1533).

Aos que se iniciavam na seara da pesquisa científica, nosso personagem recomendou que sua experiência pessoal nos estudos do tifo e das riquetsias servisse de aviso, “mostrando a necessidade de defenderem insistentemente em língua predominante a parte que realmente lhes caiba do alcançado progresso no campo da ciência” (Rocha Lima, 1951). Ou quiçá:

interessar a algum curioso de detalhes da história da medicina ou então a um estudioso patricio, que imitando os cientistas dos países à frente da nossa civilização, prefira não silenciar ou depreciar, mas sim apurar, registrar e talvez mesmo defender o que no campo destas conquistas possa caber a um seu compatriota, isto é, a seu país (Rocha Lima, 1951).

Não foram poucos os “curiosos” e “estudiosos” que se dedicaram a defender a “obra-príncipe” de Rocha Lima depois de sua morte, em 1956. Os que conviveram com ele e se identificaram como seus discípulos foram particularmente ativos no esforço de construção de uma memória que reconhecesse o vulto de suas contribuições científicas, sobretudo aquelas relacionadas à identificação do patógeno do tifo e descrição das riquetsias. Esse esforço deu origem a abundante literatura hagiográfica sobre o personagem, a qual procurou reparar as “deformações” relativas a seu papel na descrição da *R. prowazeki* e, dessa forma, reverter o “silêncio que ronda a importância científica de Rocha Lima até mesmo dentro de seu próprio país” (Revista Médicos 1998, p. 51). Com esse intuito, o governo brasileiro lançou, em 1966, um selo comemorativo do cinquentenário da descoberta das riquetsias. Vigia o regime militar, que encarou as ciências e a tecnologia como ingredientes fundamentais para o projeto de modernização que alavancaria o Brasil à posição de potência. A celebração do maior feito do cientista brasileiro prestigiado na Europa reflete o ufanismo que o governo militar pretendeu instilar entre a opinião pública naqueles anos. Aquele ato aludiu às potencialidades que a política científica do regime procurou despertar na comunidade acadêmica nacional através de iniciativas que redundaram no franco desenvolvimento da estrutura de ensino e pesquisa. Sessões solenes em homenagem a Rocha Lima e sua principal obra foram realizadas no Instituto Biológico, na Academia Brasileira de Ciências, no Instituto Adolfo Lutz, no Instituto Oswaldo Cruz e na Sociedade Brasileira de Higiene. Em 15 de março de 1966, o governador de São Paulo, Adhemar de Barros instituiu pelo decreto 46.088 a “medalha Rocha Lima”, criada pela Sociedade Paulista de História da Medicina, “a fim de assinalar o próximo transcurso do cinquentenário da descoberta e caracterização da *Rickettsia prowazeki* como agente etiológico do tifo exantemático”. A medalha seria conferida como prêmio a cientistas que tivessem contribuído “para o engrandecimento da ciência no Brasil e no exterior” (*apud* Rebouças, 2005). Um exemplar da medalha foi distribuído a várias instituições científicas (Guimarães, 1968, p. 140). Também em comemoração ao cinquentenário da descrição da *Rickettsia prowazeki*, Edgard Cerqueira Falcão, médico e memorialista que publicou obras de diversos médicos e cientistas brasileiros de renome, lançou, em 1966, “Estudos sobre o Tifo Exantemático”. Na obra, reuniu todas as publicações de Rocha Lima concernentes à descrição do patógeno do tifo e demais riquetsioses. Densa apresentação histórica foi feita por um dos ex-colaboradores de Rocha Lima, Otto Bier (1966), que procurou atender ao pedido do “mestre”, de “defender o que no campo destas conquistas possa caber a um seu compatriota, isto é, a seu país” (Rocha Lima, 1951).

Desde então, outros médicos e pesquisadores robusteceram a memorialística com narrativas da saga de Rocha Lima nos estudos sobre o tifo, seu agente causador e as riquetsias. O mote dessa literatura é a do homem “torturado pelas injustiças”, como afirma José Reis (1956) no necrológio do “mestre”. Anos depois, o pesquisador de Manguinhos, Felipe Nery Guimarães, afirmaria sobre a fisionomia de Rocha Lima no final de sua trajetória: “No olhar sombrio, talvez se vislumbrem uns laivos de amargura. Mas, no fundo, deveria sentir-se um homem realizado e feliz (Guimarães, 1968, p. 140).

Mesmo que os enunciados de Rocha Lima concernentes à etiologia do tifo não tenham encontrado aceitação imediata, nem proporcionado o reconhecimento e crédito que ele e seus discípulos acreditaram lhe ser de direito, com os resultados de suas pesquisas ele galgou à época uma posição única entre os seus pares no Brasil. Não obstante as controvérsias em torno da *Rickettsia prowazeki*, nosso personagem tornou-se figura de primeira plana na comunidade médico-científica alemã. A maneira pela qual conseguiu driblar os gargalos daquele coletivo pouco permeável às ambições de cientistas estrangeiros, muito menos daqueles vindos de realidades sociais vistas como retaguardas da civilização, foi através do trabalho diligente, executado com senso crítico e rigor metodológico. As pesquisas de Rocha Lima assumiram sentido especial por estarem referidas àquele que foi o evento que marcou toda uma geração e que balizaria pelos anos seguintes a própria definição e auto-percepção de pertencimento à nação alemã. As consequências do conflito militar de proporções inauditas impuseram contrangimentos que impactaram na trajetória do pesquisador brasileiro. Lastreado pelo prestígio conquistado naqueles anos, ele procurou maximizar seu espaço de manobra e conquistar seu “conforto” material e moral. As circunstâncias do pós-Primeira Guerra impuseram-lhe novos desafios. Se por um lado elas conformaram a ciência alemã como um todo e a medicina tropical e o *Tropeninstitut*, em particular, por outro impeliram nosso personagem a desenvolver estratégias que correspondessem às expectativas de seu papel social como parte da comunidade acadêmica germânica, e ao mesmo tempo, atendessem aos seus objetivos pessoais. Dessa forma, ganhou destaque uma nova faceta da sua versátil identidade científica, conforme veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4 – O “CIENTISTA-DIPLOMATA”: ROCHA LIMA E AS RELAÇÕES CIENTÍFICAS NO PÓS-PRIMEIRA GUERRA (1919-1927)

A Primeira Guerra representou uma ruptura para a Alemanha e a civilização ocidental em vários aspectos. O armistício e o Tratado de Versalhes impuseram duras condições à sociedade germânica, não poupando a atividade científica. O presente capítulo aborda a trajetória de Rocha Lima nesse contexto, tendo em mira compreender de que modo ele impactou em seu perfil científico. Legitimado pelas atividades de laboratório, agora perfilaria também entre os círculos diplomáticos, com a finalidade de atender aos objetivos da chamada *auswärtige Kulturpolitik* – uma política cultural externa, voltada a reconquistar os nichos de influência cultural, econômica e política da Alemanha no cenário estrangeiro. Sua ação nesse período revela de forma bastante clara as injunções daquela conjuntura e as estratégias mobilizadas pelos atores ao lidar com elas. Será destacado aqui o perfil de Rocha Lima como promotor das relações intelectuais Brasil-Alemanha, e as iniciativas por ele tomadas para aproximar os dois países. Contextualizaremos sua ação no quadro mais amplo dessa política cultural endereçada à América Latina, especificando o lugar do Brasil, e ao mesmo tempo determinando os contrangimentos que impeliram os cientistas alemães a tomar parte nesse movimento.

As iniciativas de Rocha Lima não se restringiram ao Brasil, mas incluíram também incursões a Roma, por exemplo, onde atuou como encarregado do *Tropeninstitut* e da *Kulturpolitik*. Convencido da visibilidade e das vantagens que poderia auferir como “cientista-embaixador”, esforçou-se para enquadrar suas atividades como promotor das relações germano-brasileiras nos parâmetros oficiais do *Auswärtiges Amt*. Diferentemente das duas viagens que fez ao Brasil em 1920 e 1922, quando veio motivado por interesses pessoais, à de 1926 ele imprimiu caráter mais oficial. O relatório dessa viagem, um registro interessantíssimo do seu engajamento em favor da propaganda cultural alemã, será lido aqui como estratégia para adquirir visibilidade diante dos diplomatas. Não foi por acaso que Bernhard Nocht qualificou-o como “comprometido e leal como poucos” (Wulf, 1994). Entre

os desdobramentos dessa viagem, incluiu-se a “missão” do neurologista Alfons Jakob ao Brasil, em 1928, ocasião na qual Rocha Lima decidiu permanecer de vez no país.

4.1 “A aniquilação dos vencidos”: o Tratado de Versalhes, o *Tropeninstitut* e a *Kulturpolitik* em Hamburgo

“A continuação da guerra disfarçada em paz” – assim Rocha Lima qualificou o Tratado de Versalhes em carta de 29 de julho de 1923 ao amigo e ex-colega de Manguinhos, Arthur Neiva.⁴⁶⁸ A seus olhos, Versalhes expressava a necessidade dos “opressores” de aniquilarem e espoliarem os vencidos, “para que estes nunca mais se possam levantar”. Através daquele tratado, os aliados estariam dando vazão ao que não teriam podido fazer durante o armistício, por “pudores de civilização”.⁴⁶⁹ O ressentimento de Rocha Lima com o tratado de paz é representativo da postura de muitos acadêmicos contra aquilo que viam como desejo deliberado das potências vitoriosas de pôr de joelhos o povo alemão. A imprensa de direita e de esquerda reverberava esse clima. Os grupos nacionalistas, já inconformados com a derrota, tornaram-se ainda mais acrimoniosos com os termos do Tratado.

Nosso personagem fazia coro com a maior parte de seus colegas dedicados à medicina tropical. Uma das cláusulas de Versalhes impôs a tomada das possessões coloniais alemãs, que passariam a ser geridas pelas potências vencedoras, sob supervisão da Liga das Nações, organização multilateral criada numa tentativa de estabelecer uma ordem internacional pacífica. A medicina tropical alemã ficou, então, privada de sua principal razão de ser: a higiene das colônias. O diretor do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, Bernhard Nocht, ficou profundamente abalado com o colapso do Império alemão. Consciente do significado da perda das colônias, da limitação da frota marítima e das conseqüências financeiras das indenizações de guerra para a manutenção do *Tropeninstitut*, ele publicou no *Archiv für Schiffs und Tropenhygiene* artigo intitulado “Zur Abwehr” (À resistência), em que protestava violentamente contra o que qualificou como campanha caluniosa contra a medicina tropical alemã pelo Tratado de Versalhes. Muito embora não houvesse nenhum ataque direto a ela, Nocht defendia que qualquer contestação aos métodos de assistência social prestados

⁴⁶⁸ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 23.07.1923. ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

⁴⁶⁹ *Idem.*

pelos alemães às populações coloniais afetava diretamente os profissionais dedicados àquela especialidade médica (Wulf, 1994, p. 5-7).

Sem sua principal fonte de materiais e objetos de estudo e razão pela qual se formavam médicos tropicais, o *Tropeninstitut* sofreu séria crise de legitimidade, tendo sua manutenção ameaçada. Em setembro de 1919, o ministro das colônias do Reich comunicou às autoridades de Hamburgo que, após a assinatura do Tratado de paz, tornara-se incerta a continuidade do financiamento para a instituição hanseática. A permanência de Friedrich Fülleborn no Instituto pelo *Reich*, foi posta em cheque pelo governo recém-constituído em Berlim. Convencido de que o império alemão se reergueria e de que as atividades científicas voltariam ao normal, Nocht defendeu a manutenção de Fülleborn no Instituto e das ligações deste com Berlim, pois teria importante papel a desempenhar na prevenção de surtos epidêmicos que poderiam grassar no território alemão em virtude da volta de tropas e populações de regiões malarígenas e da imigração. Ameaçou-se anexar o *Tropeninstitut* ao Instituto de Higiene de Berlim, proposta contra a qual ergueram-se a Câmara de Comércio de Hamburgo e o professor da recém-fundada Faculdade de Medicina de Hamburgo Ludolph Brauer.⁴⁷⁰ Brauer enfatizou a importância do Instituto na difusão da cultura alemã e advertiu que seu fechamento municaria a propaganda dos Aliados sobre o desmantelamento da ciência germânica (Idem).

A “propaganda dos aliados” incluiu não apenas boatos sobre a ruína da ciência alemã, como também uma campanha de boicote internacional contra ela. Era um sinal de que a ânsia punitiva penetrara na cidadela da ciência. Nas palavras do diretor da Sociedade Kaiser Wilhelm, Adolf von Harnack, a paz revelar-se-ia pior do que a guerra. Em 1919, foi fundado

⁴⁷⁰ Brauer estudou medicina em Bonn e Marburg, Munique e Freiburg. Foi nomeado professor catedrático e diretor da clínica médica da Universidade de Marburg em 1905. Em 1910, assumiu a direção do Hospital Geral Eppendorf, em Hamburgo, no qual contribuiu não apenas para o aperfeiçoamento do atendimento médico, como também para o desenvolvimento dos trabalhos científicos. Na Primeira Guerra, atuou como internista na Polônia, Turquia e Palestina. Impulsionou a fundação de institutos de pesquisa autônomos, privados e estatais. Já em 1912 fundou, com o apoio do armador Julius Caesar Stülcken, um Instituto de Pesquisas de Câncer e Tuberculose. Com a fundação da Universidade de Hamburgo, foi nomeado em 1919 professor catedrático de medicina interna. Em 1930, dedicou-se ao Instituto de Medicina da Aviação, criado por ele, tornando-se um dos pioneiros naquela especialidade. Do ponto de vista de sua produção científica, Brauer destacou-se como especialista em patologias pulmonares, com destaque à tuberculose. Embora tenha saudado com ênfase a tomada de poder pelos nazistas, logo caiu no desagrado dos novos líderes em virtude de alguns procedimentos, como a defesa de docentes judeus. Por conta disso, foi aposentado da universidade em 1934 e, por consequência, do Hospital Eppendorf. Mudou-se para Wiesbaden, para onde foi transferido seu instituto de tuberculose. Participou da Segunda Guerra e, em 1948, transferiu-se novamente com o instituto de tuberculose para Munique, onde faleceu em 1951. Sammet K, Ludolph Brauer. In Kopitzsch, F. e Brietzke, D. (Org.). *Hamburgische Biographie Personenlexikon*, p. 57-8.

em Bruxelas o Conselho Internacional de Pesquisas, do qual os alemães foram proibidos de participar. Ao mesmo tempo, era vetada a utilização do alemão como idioma científico em publicações e encontros internacionais, nos quais a participação de cientistas germânicos também foi impedida. Os gestos conciliatórios da Suécia, Holanda e Estados Unidos não foram suficientes para neutralizar a postura beligerante das academias belgas, francesas e inglesas (Kirchhoff, 2003, p. 59). O “armistício intelectual” mostrar-se-ia mais “lento e laborioso” que o político. Os cientistas relutariam mais em adotar gestos de reconciliação do que seus governos (Schroeder-Gudehus, 1978; Stern, 2004).

Na tentativa de contornar o isolamento imposto pelo boicote, os cientistas alemães procuraram restabelecer seus contatos informais com os colegas estrangeiros. Eles tornaram-se componentes fundamentais de uma política externa, na qual a ciência despontou como “*Machtersatz*” - como substituta do poder político e militar, uma vez que este não podia ser exercido como outrora, num país agora destruído pela Guerra e atado pelas cláusulas de Versalhes. Ela havia sido um ingrediente fundamental durante o império de Guilherme II na configuração da “grandeza germânica”. A concepção da ciência como “*Machtersatz*” germinou num terreno no qual a comunidade acadêmica, em geral, desdenhou do regime da República de Weimar, o qual não considerou legítimo e nem como autêntico portador de seus interesses. Confrontados com um estado que qualificavam como símbolo de impotência nacional, os cientistas e intelectuais deveriam assumir o papel de representantes da nação na política externa (Forman, 1973). Essa idéia impulsionou iniciativas como a criação, em 1920, da *Notgemeinschaft der deutschen Wissenschaft* (Sociedade de Socorro à Ciência Alemã) (Kirchhoff, 2003). Além disso, contribuiu para pôr em ação uma política cultural externa – *auswärtige Kulturpolitik* – destinada a contornar as restrições impostas à diplomacia da recém-fundada República de Weimar. Com ela, ganhou força, em solo alemão, o fenômeno da diplomacia cultural, que assomado no século XX pelos nacionalismos e imperialismos, havia sido reforçado com a guerra total (David-Fox, 2006). Em 1920, no recém-organizado Ministério das Relações Exteriores (*Auswärtiges Amt*), foi criada uma Divisão Cultural (*Kulturabteilung*), encarregada de supervisionar o intercâmbio científico internacional, o movimento de trabalhos científicos entre fronteiras, encontros científicos e as viagens ao exterior de acadêmicos alemães. A criação desse órgão é uma demonstração de que os círculos diplomáticos alemães passaram a considerar as relações culturais, que incluíam tanto a ciência quanto a arte, como um subgrupo das relações perseguidas pela política exterior germânica (Solomon, 2006, p. 8).

Em Hamburgo, essa *Kulturpolitik* adquiriu cores próprias, devido à especificidade da cidade hanseática, que permaneceria como o centro pulsante da vida econômica alemã durante a República de Weimar. Isso em larga medida deveu-se à construção de navios, concentração do comércio exterior e à manutenção das linhas transatlânticas para a América. Berlim, em contrapartida, centralizaria os serviços e a política. Desse modo, mantinha o papel de capital, na qual prosperavam não só os negócios, como a política e a vida intelectual (Richard, 1988, p. 80).⁴⁷¹ Os interesses das casas comerciais e companhias de navegação, que modelavam a paisagem institucional de Hamburgo, também ajudaram a definir os rumos da política externa. Os grupos que representavam essas instâncias econômicas, interessados numa diplomacia que retomasse prontamente os negócios abalados pela guerra, publicaram, já em março de 1918, “Sugestões de Hamburgo para renovação do serviço diplomático alemão”. O documento continha propostas para a reforma do *Auswärtiges Amt* – o Ministério das Relações Exteriores –, contemplando o reforço de uma *Kulturpolitik* nos moldes da que vinha sendo praticada desde a guerra por algumas instituições de Hamburgo, como o Instituto Ibero-Americano (Urban, 2005).

Para o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo, a *Kulturpolitik* representou um meio de driblar a crise financeira e de legitimidade que enfrentava. Ele seguiu tendência das outras instituições hamburguesas, como o Instituto Ibero-Americano, o Seminário de Romanística e a Universidade de Hamburgo (sobre a qual falaremos adiante), de reforçar os laços com o estrangeiro.⁴⁷² A América Latina figurou como endereço preferencial desse esforço, em virtude das densas e históricas relações da cidade hanseática com o subcontinente. Este era considerado um território ainda aberto à penetração econômica estrangeira, muito embora a presença norte-americana se tornasse ali cada vez mais ostensiva, beneficiada pela desorganização do comércio europeu pela Guerra (Rinke, 1996). Durante os anos de 1920, a presença das companhias norte-americanas, cada vez mais internacionalizadas, tornou-se marcante no cenário econômico latino-americano, visto como

⁴⁷¹ Para um vívido retrato da vida cultural, social e política em Berlim nos “frementes anos 1920” veja Friedrich, 1997.

⁴⁷² O Seminário de Romanística foi fundado em 1911 como parte do Instituto Colonial. Oferecia cursos de formação em línguas estrangeiras no espanhol e português. Devido à sua orientação prática, os romanistas de Hamburgo privilegiavam o contato direto com Espanha, Portugal e América Latina, o que favoreceu o intercâmbio intelectual com os cientistas destes países. O diretor do Seminário de Romanística, Bernard Schädel, foi também presidente da Associação Ibero-Americana e o primeiro diretor do Instituto Ibero-Americano, agregando pessoalmente agregou as três organizações mais importantes relacionadas à América Latina em Hamburgo (Urban, 2005).

destino natural da produção industrial dos EUA e como fornecedor de matérias-primas. A América Latina impunha-se como um mercado atraente para a Alemanha, com sua infraestrutura industrial ainda pujante e, agora, desprovida de suas colônias. Os países latino-americanos não ofereciam os entraves aduaneiros que o capital alemão encontrava nos países europeus e nos Estados Unidos. Tampouco estavam sob o jugo do sistema colonial que atrelava o mercado de países da África e Ásia às suas respectivas metrópoles, além de muitos deles apresentarem em seus territórios uma expressiva população de origem alemã, potencial consumidora dos produtos industriais germânicos. Para os médicos tropicais, além de não tomar parte na política de boicote à ciência alemã, o sub-continente oferecia condições propícias para a continuidade de seus estudos, pois abrigava doenças endêmicas similares àquelas encontradas na África. Situadas nas mesmas latitudes dos países africanos, algumas nações latino-americanas eram bastante similares em termos de condições ecológicas e climatológicas, além de apresentar muitas doenças introduzidas através do intenso tráfico de escravos nos séculos anteriores. Com seus territórios interioranos ainda em larga medida inexplorados em termos de incidência de doenças, representavam campo de estudos dos mais promissores. Havia ainda a deferência dos cientistas e intelectuais latino-americanos pelo padrão de pesquisa e ensino cultivado nas universidades e institutos alemães (Sá & Silva 2010).

Já sexagenário, Bernhard Nocht dedicou-se com afinco à tarefa de recuperar o lugar da ciência e cultura alemãs no concerto internacional. A medicina constituía para ele um dos meios mais eficazes de se alcançar esse objetivo, uma vez que não era um instrumento visível de propaganda e estimulava o sentimento de gratidão e afeição aos médicos e profissionais de saúde e, por extensão, a seu país de origem. Num discurso aos comerciantes hamburgueses, reafirmou sua tese de que “através das práticas médico-terapêuticas e do intercâmbio científico é que serão conquistados outra vez o prestígio que a ciência alemã merece”. Aludindo ao brasão de armas de seu país, Nocht acrescentava: se a ciência alemã lograsse “estender novamente as suas asas”, abrir-se-iam para o comércio e a indústria novos mercados e produtos. “Ciência e tecnologia, indústria e comércio, devem andar de mãos dadas” — proclamava o diretor do *Tropeninstitut*.⁴⁷³

⁴⁷³ Arquivo Histórico Bernhard Nocht Institut für Tropenmedizin. „Für das Hamburger Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten“, Vertrauliche Denkschrift, 863. BNI, 352 8/9 Prof. Nocht 1900-1930, Korrespondenz V 1920-1921.

Nocht e seus colegas alemães encaravam a medicina também como elemento estratégico para contrabalançar a presença francesa na ambiência cultural latino-americana e a propaganda germanófila associada a ela. Por outro lado havia também a presença cada vez mais ostensiva dos Estados Unidos na medicina e saúde pública locais, através da Fundação Rockefeller.⁴⁷⁴ Depois da Guerra, o Comitê Internacional de Saúde (mais tarde Divisão Internacional de Saúde) ampliou ainda mais seu raio de ação na América Latina, agindo não só nas campanhas sanitárias, como na formação de quadros para os serviços de saúde e no ensino médico. Ao estreitarem os laços com as comunidades médicas locais e ampliarem gradativamente sua esfera de ação, os dirigentes da Rockefeller esperavam deslocar os nichos de influência dos países europeus e o eixo de poder da ciência internacional. Em discurso proferido na Sociedade Americana para o Progresso da Ciência (*American Association for the Advancement of Science*),⁴⁷⁵ em 1920, Simon Flexner declarou:

Diversos países estiveram sucessivamente à frente no domínio da ciência. Sem dúvida a Alemanha deteve a primazia nos últimos 50 anos. Mas a Alemanha agora está pobre e luta com inúmeras dificuldades. Por isso é hora de a América tomar posse desta herança (*apud Sá et. al.*, 2009, p. 249)

Entre as estratégias postas em ação por Nocht e seus colaboradores para estreitar os laços com os círculos médicos latino-americanos, tiveram destaque as expedições científicas, a maior parte das quais financiadas por casas comerciais de Hamburgo que tinham negócios no sub-continente, como a Schlubach, Thiemer & Co. Friedrich Fülleborn e Peter Mühlens foram os que se sobressaíram nesse esforço. O primeiro realizou duas viagens a países da América Latina, em 1922 e 1927 e o segundo três – em 1924, 1926-7 e 1930-1 (Wulf 1994; Brahm, 2002). Rocha Lima assumiu papel destacado devido às relações que mantinha com seu país de origem. Um dos meios que Nocht encontraria para atrair o apoio de grupos de interesse econômico de Hamburgo foi a criação, em 1921, da Sociedade dos Amigos do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo (*Vereinigung der Freunde des Hamburger Tropeninstituts*). Os fundos seriam levantados junto a empresas privadas, tanto de

⁴⁷⁴ Sobre a ação da Fundação Rockefeller na América Latina ver Cueto (1994).

⁴⁷⁵ Médico, administrador e professor de patologia na Universidade de Pensilvânia entre 1899 e 1903, Simon Flexner (1863-1946) foi o primeiro diretor do Instituto Rockefeller para Pesquisas Médicas (1901-1935) e presidente da American Association for the Advancement of Science.

Hamburgo, quanto do exterior. Os signatários da ata de fundação da Sociedade demonstram o grau de articulação da comunidade científica local com os grupos comerciais. Além de Nocht, tomaram parte na fundação da Sociedade, entre outros, o dermatologista Eduard Arning, diretor do Hospital St. George; Wilhelm Cuno, diretor geral da linha Hamburgo-América, mais tarde chanceler do Reich; o banqueiro Max Wahrburg e F. H. Witthoef, presidente da Câmara de Comércio (Wulf, 1994, p. 10-11; Urban, 2005, p. 57).

Junto com outras associações, como a Sociedade dos Amigos do Instituto Ibero-Americano, o Clube de Ultramar e a Associação Ibero-Americana, a Sociedade dos Amigos do Instituto de Doenças Tropicais tornou-se um dos pontos nodais da rede de relações com a América Latina, envolvendo interesses de natureza política, econômica, cultural e científica. A rede contava com instituições sediadas na América Latina, cujos contatos com as instituições de Hamburgo passavam pela intermediação de Bernhard Schädel, diretor, ao mesmo tempo, do Instituto Ibero-Americano, do Seminário de Romanística e presidente da Associação Ibero-Americana (Idem, p. 57-61).

Não obstante a crise que afetou o Instituto de Medicina Tropical e outras instituições hamburguesas, a cidade hanseática teria sua ambiência cultural e científica robustecida, após a Guerra, com a criação da Universidade de Hamburgo, já em 1919. Ela veio se juntar à constelação de instituições e personagens envolvidos na propaganda cultural direcionada à América Latina, e tornar-se ia engrenagem importante de uma das principais estratégias dessa política – a atração de estudantes. A antiga aspiração de se fundar uma universidade em Hamburgo só veio se concretizar depois do restabelecimento do Parlamento de Hamburgo, em março de 1919, e graças ao apoio dos social-democratas, que o condicionaram às suas aspirações reformistas.⁴⁷⁶ Elas foram abafadas pelo ambiente conservador da República alemã, configurando-se a nova instituição de ensino aos moldes das tradicionais universidades germânicas, mantendo-se fiel à tradição imperial (Idem, p. 13-4).⁴⁷⁷ A nova universidade também teve o perfil institucional influenciado pela intensa atividade portuária de Hamburgo.

⁴⁷⁶ Estes incluíam a garantia do acesso facilitado a estudantes menos favorecidos e participação do corpo discente na gestão da universidade (Urban, 2005).

⁴⁷⁷ Desde o século XVII Hamburgo possuía instituições de ensino superior. Em 1613 foi criado ali o primeiro Ginásio Acadêmico (*Akademisches Gymnasium*) – instituição de ensino superior de nível intermediário – ao qual vieram depois se somar outros centros de ensino e pesquisa como o Jardim Botânico, o Observatório, os laboratórios estatais de Física e Química, o Instituto Zoológico, entre outros. O próprio Instituto Colonial de Hamburgo, criado em 1907, contava com cátedras professorais.

A pesquisa ali realizada teria estreita relação com o exterior. Estudo das relações internacionais em direito e economia encontraram ali solo fértil para desenvolver-se, assim como as pesquisas sobre culturas e línguas estrangeiras, estas em maior número que nas demais universidades alemãs (Idem).

O corpo docente da Faculdade de Medicina abrangeu muitos pesquisadores do *Tropeninstitut*. Seu diretor automaticamente ficaria ligado à cadeira de medicina tropical. Rocha Lima foi nomeado *Privatdozent* da Universidade.⁴⁷⁸ Foi dispensado da formalidade normalmente exigida para estrangeiros de prestar um exame para o reconhecimento de seu diploma, fato reiteradamente mencionado pelos cultores de sua memória como prova da distinção que havia conquistado entre a comunidade acadêmica alemã. Assumia a cadeira de “patologia exótica”. Na aula inaugural abordou seus estudos sobre os clamidozoários, dos quais falamos no segundo capítulo (Rocha Lima, 1920). O Hospital Eppendorf foi reformado para atender às exigências de funcionamento como centro universitário.⁴⁷⁹

Com a criação da Universidade de Hamburgo, a cidade hanseática firmava-se, junto com as demais instituições científicas, como pólo de atração de estudantes. Conforme demonstra Jens Urbans (2005), os latino-americanos compuseram parcela importante de seu corpo discente. Hamburgo reunia algumas condições que a tornavam particularmente atraente para eles. As antigas relações comerciais e as conseqüentes redes transnacionais daí resultantes eram um fator importante, principalmente se levarmos em consideração que 40% dos latino-americanos que lá estudaram entre 1919 e 1970 provieram de famílias de comerciantes (Idem). Contribuiu também o fato de Hamburgo ser, junto com Bremen, o principal ponto de emigração para a América Latina, em particular para o Brasil, Argentina e Chile, países que receberam a maior parcela desses emigrantes. A maior parte dos que retornavam do ultramar estabeleceu-se em Hamburgo. Os que permaneceram, por sua vez, mantiveram vínculos culturais, familiares e às vezes até financeiros com as regiões de origem,

⁴⁷⁸ StAHH 364-5-1 Universität I D-50 Habilitierung von Privatdozenten. Band 1: 1919-1930.

⁴⁷⁹ Criado em conseqüência da epidemia de cólera que grassou em Hamburgo em 1892, como reforço ao deficiente sistema hospitalar da cidade, o Eppendorf foi reconhecido oficialmente como hospital universitário, com a nomeação de seus quadros para o corpo docente da universidade recém-criada. No entanto, antes disso já era tido como lugar de pesquisa e ensino. As autoridades de saúde de Hamburgo planejaram a construção de um novo hospital para a clínica universitária, mas tiveram de recuar frente à resistência dos médicos do Eppendorf. Estes defendiam a ampliação das instalações do hospital, de modo a adequá-las às exigências de um centro universitário. Em contraposição as autoridades sinalizaram para o alto custo que isso requereria se comparado com a construção de um novo edifício. Demorou-se a chegar a um acordo, e somente durante o nacional-socialismo o Eppendorf seria oficialmente reconhecido como hospital universitário, embora já atuasse como tal.

e quando reuniam condições, enviavam seus descendentes para estudar em universidades alemãs. O favorecimento de estudos sobre a língua, cultura e história estrangeiras na Universidade de Hamburgo e os contatos que as instituições científicas hamburguesas mantinham com suas congêneres latino-americanas também contribuíram para que essa cidade figurasse como opção vantajosa de estudo aos latino-americanos.

Atrair estudantes para o país era um meio de despertar um sentimento de admiração pela cultura na qual eram admitidos, e de estabelecer com ela uma relação de identificação e lealdade permanentes.⁴⁸⁰ Era especialmente interessante para os objetivos relacionados à América Latina, pois muitos dos estudantes recrutados entre suas elites comporiam futuramente os seletos círculos responsáveis pela condução dos negócios políticos e econômicos em seus respectivos países. Isso valia especialmente para o caso dos estudantes de medicina. Nocht e seus colaboradores tinham consciência disso, e não foi por acaso que o curso de doenças tropicais do *Tropeninstitut* seguiu firme no esforço de recrutar estrangeiros, que já antes da Guerra representavam “clientela” bastante expressiva. A conjuntura pós-Versalhes tornou essa atração de estudantes estrangeiros mais premente, uma vez que praticamente deixou de existir a demanda interna dos médicos que atuavam nas colônias. Os latino-americanos predominaram entre esses estrangeiros. Segundo Urban (2005, p. 58), de 1919 a 1936, 146 deles, de 19 países diferentes, freqüentaram os cursos.

Outras iniciativas de aproximação com a América Latina orientadas pela *Kulturpolitik* também foram postas em ação por Nocht e os colaboradores do *Tropeninstitut*. Vamos a seguir tratar de uma delas, que foi bastante importante, por congregar vários dos atores mobilizados nesse esforço, inclusive nosso personagem.

⁴⁸⁰ Expressão evidente disso está presente no caso da viagem de Fülleborn à América Latina em 1922, na qual afirma no relatório entregue ao Ministério das Relações Exteriores alemão que os estudantes seriam simpáticos por toda sua vida ao país no qual passaram seu “belo tempo de estudantes” (Urban, 2005, p. 57).

4.2 A *Revista Médica de Hamburgo*: Por entre as páginas da *Kulturpolitik* na América Latina⁴⁸¹

O lançamento, em 1920, de uma revista voltada para a divulgação da ciência médica alemã ao mundo ibero-americano, foi a retomada de projeto iniciado por Ludolph Brauer, em 1914. Após lançar um único número, em julho daquele ano, Brauer teve de interromper a publicação, devido à irrupção da Primeira Guerra. Em 1920, a iniciativa ganhou novo alento com o apoio da Espanha aos alemães no Tratado de Versalhes, expresso em manifesto de 28 de maio de 1919. Cinquenta personalidades espanholas, inclusive médicos e farmacêuticos, manifestaram o desejo de restabelecer as relações científicas internacionais, sem a exclusão de qualquer país. Defendendo uma concepção universalista de ciência, o manifesto enaltecia a primazia assumida pela Alemanha e “outros povos da Europa Central” no desenvolvimento científico, afirmando que a restrição do intercâmbio com esses países significaria limitar o próprio progresso da ciência européia (*Revista Médica de Hamburgo*, ano 1, n. 2, p. 28).

O manifesto dos espanhóis foi recebido com entusiasmo no meio médico alemão, fazendo com que Brauer, agora secundado por Bernhard Nocht, procurasse retomar o abortado projeto de criação da revista, que veio novamente a lume em 1920, com formato ampliado e número maior de colaboradores (*Revista Médica de Hamburgo*, aI, n. 1, p. 1). O pesquisador do *Tropeninstitut* Peter Mühlens foi nomeado redator-chefe. Também fizeram parte do corpo de redatores F. Rabe, médico assistente da Seção de Pesquisa Científica do Hospital Eppendorf, o barcelonês José Maria Rosel, especialista em patologia digestiva e da nutrição e Máximo Asenjo, ex-professor da Universidade de San Salvador.

A partir de 1922, Rocha Lima também passou a integrar o corpo de redatores. A *Revista Médica de Hamburgo* passou, então, a veicular os poucos artigos e resenhas em português, não obstante a maioria fosse publicada em espanhol, o idioma oficial da Revista. Coube a Rocha Lima garantir sua circulação no Brasil, e assegurar a representação de seus compatriotas entre os colaboradores. Ele próprio escreveu resenhas de artigos brasileiros, principalmente aqueles publicados no *Brasil-Médico*. Os primeiros artigos veiculados em português foram de sua autoria: o primeiro sobre clamidozoários, outro sobre o agente etiológico do tifo exantemático e, um terceiro, acerca da importância prática das lesões

⁴⁸¹ Um estudo mais aprofundado sobre essa revista e seu papel no contexto das investidas dos alemães na América Latina foi feito em trabalho anterior, publicado com Magali Romero Sá (Sá & Silva, 2010).

histopatológicas por ele descritas na febre amarela (Rocha Lima, 1920b, 1921, 1921b). Entre os autores brasileiros que contribuíram com artigos figuraram Max Rudolph, Magarinos Torres, Arthur Neiva, Aristides Marques da Cunha e Júlio Muniz, Heráclides César de Souza Araújo, Miguel Couto, e Adolpho Lindenberg. O papel de Rocha Lima no favorecimento da participação brasileira torna-se evidente com a diminuição significativa de artigos e resenhas em português após 1928, quando retornou definitivamente ao Brasil e deixou o corpo editorial da *Revista*.

De periodicidade mensal, a *Revista Médica de Hamburgo* circulou regularmente até outubro de 1928, quando fundiu-se com *La Medicina Germano-Hispano-Americana*, dando origem à *Revista Médica Germano-Ibero-Americana* (RMGIA), que perduraria até 1938. Brauer e Nocht dirigiram a *Revista Médica de Hamburgo* até seu fim, e depois figurariam entre os diretores da nova *Revista Médica Germano-Hispano-Americana* até a extinção desta. Eles contaram com o apoio de algumas instituições alemãs: o Instituto de Terapêutica Experimental (Georg Speyer-Haus), de Paul Ehrlich, em Frankfurt; o Instituto Robert Koch, de Berlim; o Instituto de Terapêutica Experimental de Dahlem, além dos diretores dos principais periódicos médicos alemães – *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, *Munchener Medizinische Wochenschrift*, *Berliner Klinische Wochenschrift*, *Medizinische Klinik* e *Zeitschrift für Ärztliche Fortbildung*. A Câmara de Comércio de Hamburgo contribuiu com recursos (Sá & Silva 2010, p. 18).

Brauer e Nocht conceberam a *Revista* como uma ferramenta para estreitar os laços com as comunidades médicas ibero-americanas através da divulgação dos avanços na pesquisa e terapêutica obtidos pela ciência alemã. O corpo de colaboradores incluiu alemães, espanhóis e latino-americanos, com clara predominância dos primeiros. Os colaboradores latino-americanos eram, em geral, indivíduos que tinham vínculos estreitos com instituições e personalidades alemãs, e consistiam, em seus respectivos países, em “pontos de apoio” das iniciativas de promoção da ciência e cultura germânicas. Depois que Rocha Lima foi integrado entre os redatores, os seguintes brasileiros passaram a compor o corpo de colaboradores: Manuel Pirajá da Silva, médico que havia se especializado em doenças tropicais no Instituto de Hamburgo; Arthur Ramos, que permaneceu somente até 1921; Henrique Aragão, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz; Arthur Moses, presidente da Academia Brasileira de Ciências e Carlos Chagas, diretor do Instituto Oswaldo Cruz e do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), criado em 1920.

Muito embora enfatizassem nos editoriais da *Revista* os ideais de cooperação científica e de fomento do internacionalismo, na prática nota-se em suas páginas o caráter de mera divulgação da ciência alemã para o mundo ibero-americano. O pressuposto dessa “colaboração” era a crença na superioridade da ciência médica germânica, que deveria ser “consumida” como um “bem cultural” pelos falantes das línguas latinas”, junto com outros “bens”, como os insumos médicos da indústria alemã e produtos farmacêuticos. Aliás, foi fundamental o apoio da indústria farmacêutica para a “Revista”, que em contrapartida não só estampou anúncios de seus medicamentos, como divulgou testes realizados com os mesmos.⁴⁸²

Os artigos publicados na *Revista* consistiam, em sua maior parte, de revisões de trabalhos veiculados nos principais periódicos médicos alemães - *Berliner Klinische Wochenschrift*; *Archiv für Schiffs- und Tropenhygiene*; *Zentrablatt für Bakteriologie, Parasitenkunde und Infektionskrankheiten*. Ao lado dos artigos originais, eles eram agrupados em seções temáticas, que no primeiro número consistiam nas seguintes: Patología, Fisiología y Farmacología; Medicina Interna; Enfermedades Infecciosas, Enfermedades Infantiles y Terapéutica General; Cirugía; Ginecología y Obstetricia; Neurología y Psiquiatria; Enfermedades Tropicales y Subtropicales; Dermatología y Venereología; Oftalmología; Bacteriología; Higiene y Medicina Social y Röntgenología⁴⁸³ y Radioterapia. Ao longo dos anos as seções foram se modificando, com a criação de novas rubricas e fusão de outras. Houve gradual aumento do número de seções, um indicativo da ampliação do escopo da *Revista*. A Farmacologia, por exemplo, que no primeiro número compunha uma seção com Patologia e Fisiologia, a partir de 1922, deu lugar a seção própria denominada Profilaxia, Terapêutica Geral, Fármaco y Quimioterapia, Soro e Vacinoterapia.

As páginas da *Revista* veicularam também notícias sobre terapêuticas e técnicas, resenhas de livros e manuais editados principalmente na Alemanha, informes sobre as viagens de alemães à América Latina, e de latino-americanos à Alemanha; sobre cursos oferecidos lá e cá e sobre a criação de instituições e sociedades científicas. Alguns números especiais foram

⁴⁸² A título de exemplo cumpre citar o Bayer 205, originalmente voltado para o tratamento da tripanossomíase animal, mas testado também nas tripanossomíases humanas – Doença de Chagas e do Sono; e o Yatren, desenvolvido pela Behring-Werke para o tratamento da disenteria amebiana.

⁴⁸³ Parte da radiología que trata dos raios X, descobertos em 1895 pelo físico alemão Wilhelm Konrad von Röntgen (1845-1923).

dedicados a personagens e instituições da Alemanha, ajudando a promover uma visão triunfalista da ciência e dos cientistas germânicos, como aquele que homenageou Paul Ehrlich e a quimioterapia alemã, e a edição sobre Rudolph Virchow, com laudatório texto introdutório de seu discípulo, o uruguaio Susviela Guarch. Bernhard Nocht e Ludolph Brauer foram tema de números especiais, assim como as instituições que dirigiam, como o número dedicado aos 25 anos do Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais, com texto escrito por Rocha Lima. Instituições latino-americanas também foram homenageadas, como no centenário da Universidade de Buenos Aires, em 1921.

No mesmo ano em que era publicado o primeiro número da *Revista Médica de Hamburgo*, Rocha Lima viajou ao Brasil, onze anos depois de ter emigrado para a Alemanha. Sua viagem não era orientada pelos pressupostos da *Kulturpolitik*, mas de qualquer modo contribuiu para o restabelecimento dos laços da medicina brasileira com a alemã, conforme veremos a seguir

4.3 A viagem de Rocha Lima ao Brasil em 1920.

A vinda de Rocha Lima ao Brasil estava relacionada ao convite para ocupar a direção do Instituto Butantan que ele recebera em 1919 de Arthur Neiva, à época diretor do Serviço Sanitário de São Paulo. Ele não aceitou a oferta de imediato. A situação demandava análise cautelosa das vantagens e desvantagens, sobretudo das condições nas quais exerceria o cargo. Embora a Alemanha se encontrasse prostrada economicamente, e em meio a graves turbulências políticas, lá o brasileiro havia alcançado posição bastante respeitável como pesquisador e, agora, como professor da Universidade de Hamburgo:

O intenso desejo de voltar à nossa terra e de lá me fixar de novo é em mim instintivo e elementar e não, como se poderia supor, um produto da situação desoladora da Alemanha. Porém, nem o esgotamento em luta gigantesca, nem as convulsões internas subsequêntes, nem a opressão desapiedada dos vencedores tão ávidos de pureza quão sequiosos de vingança conseguiram ainda abalar o meio científico em que vivo satisfeito e onde com título de professor e a nomeação para Privatdozent da recém criada universidade de Hamburgo, alcancei a posição mais alta possível para um estrangeiro. Se a isto me refiro é somente com o fim de tornar compreensível a coincidência do desejo de aceitar o seu honroso convite, com a dificuldade de tomar uma decisão que me afasta de uma vida que é ideal e de uma posição conquistada em dez anos de trabalho (...) sem conhecer em seus detalhes (dos quais dependem o conforto moral) as

*condições do meio em que irei trabalhar e sem saber se as minhas idéias e inclinações serão aceitas pelo governo que me contrata.*⁴⁸⁴

O convite endereçado por Neiva a Rocha Lima tinha em mira refrear a crise em que se encontrava o Butantan. Desde que assumira a direção do Serviço Sanitário no governo de Altino Arantes em 1916, Neiva havia realizado ampla reforma na organização local da saúde pública, inclusive com o decreto de um Código Sanitário Rural, que foi bastante inovador à época, por conseguir vencer a resistência dos cafeicultores à intervenção estatal em seus domínios (Castro Santos, 1987).⁴⁸⁵ As medidas reformistas de Neiva haviam incluído a ampliação da pauta de produção do Instituto Butantã, através da qual pretendia transformá-lo num grande centro produtor de insumos biológicos e fármacos, rivalizando com o Instituto Oswaldo Cruz (Benchimol & Teixeira, 1993).⁴⁸⁶ Se por um lado as intervenções de Neiva robusteceram a pauta de produção do Butantan, por outro provocaram o afastamento de seu diretor e principal idealizador, Vital Brazil, que retirou-se para Niterói, onde fundou um instituto privado. Levou consigo quase todos os quadros técnicos do Butantã. Temendo a completa desorganização do Instituto, Neiva tentou arranjar-lhe um novo diretor. Convidou Henrique Aragão, mas o governo paulista não aceitou as condições de contratação impostas por ele. Foi então que dirigiu o convite a Rocha Lima, oferecendo-lhe salário de 2 contos mensais, com contrato de dois anos, passível de ser renovado. Ele pediu licença de 6 meses do *Tropeninstitut* e embarcou no “magnífico pacote inglês”, Almanzorra. Em 20 de abril de 1920, desembarcou no porto do Rio de Janeiro, junto com “dois mil e tantos passageiros”, entre os quais muitos brasileiros que haviam ficado retidos nos países beligerantes. Entre os passageiros estavam vários médicos que “irradiaram de Londres, Paris e Berlim para quase

⁴⁸⁴ Carta de Rocha Lima para Arthur Neiva de 06.11.1919. Anc 1910.07.28 Arquivo Arthur Neiva, CPDOc – FGV.

⁴⁸⁵ Neiva punha em prática a agenda proposta pelo movimento sanitaria ao qual nos referimos no primeiro capítulo. Vimos que a publicação do relatório da expedição que realizara com Belisário Penna em 1916 fora um dos fatores na deflagração das discussões daquele movimento, que defendia a reforma do sistema de saúde pública brasileira, que de certa forma aludia a insatisfações com o próprio arranjo político da república oligárquica. Ver a esse respeito Hochman, 1998; Lima & Hochman, 1996.

⁴⁸⁶ Conforme demonstram Benchimol & Teixeira (1993), a disputa comercial que Neiva deflagrou com o Instituto Oswaldo Cruz estava relacionada a disputas pessoais com o diretor deste, Carlos Chagas. Ela levou ao rompimento entre os dois “discípulos” de Oswaldo Cruz.

todos os centros onde a crueldade da guerra lhes facilitava ensejo a novos estudos e observações.”⁴⁸⁷

Rocha Lima rumou logo para São Paulo para se informar melhor das condições relacionadas ao convite que o trouxera ao Brasil. A situação do Butantan já era calamitosa, com a saída de quatro dos oito pesquisadores assistentes, e a conseqüente desorganização da rotina de produção (Benchimol & Teixeira, 1993, p. 164-5). Afrânio do Amaral ocupava a direção como interino, mas logo embarcaria para os Estados Unidos, para desfrutar de uma bolsa de estudos oferecida pela Fundação Rockefeller. Segundo Benchimol & Teixeira (1993, p. 164) a situação de Neiva já estava desgastada, e seu projeto concernente ao Butantan dava sinais de fracasso. Em maio de 1920, o governo de Altino Arantes cederia lugar ao de Washington Luís, com a conseqüente troca de equipe, incluindo do diretor do Serviço Sanitário. Receoso pela saída de Neiva, Rocha Lima recusou-se a assinar o contrato até o empossamento do novo governo. Segundo declaração ao *Jornal do Commercio* de São Paulo, de 27 de abril de 1920, ele havia encaminhado ao governo que findava e ao seu sucessor, um memorial com suas propostas e intenções para o Butantan. Em sua opinião, faltava àquele instituto “muitos elementos para se tornar um centro importante de investigações científicas”, sendo indispensável a aquisição de uma biblioteca, de aparelhos, e instrumentos, a reforma do prédio e o aumento das verbas.⁴⁸⁸ Após prolongado silêncio, o governo recém-empossado divulgou nota no *Correio Paulistano*, afirmando que a proposta de Rocha Lima havia sido analisada, mas optava por recusá-la. A nota salientava que não havia firmado qualquer acordo com o pesquisador do *Tropeninstitut*.

Em sua defesa, Rocha Lima apresentou à equipe do *Jornal do Commercio* os telegramas em que Neiva o convidou para dirigir o Butantã, e criticou o governo recém-empossado de Washington Luís, principalmente o novo diretor do Serviço Sanitário, que gozaria de “pouca consideração pelo valor científico” e por quem “um só não encontrei que

⁴⁸⁷ “No Mundo da Ciencia – Um medico brasileiro que regressa à pátria depois de uma permanência de 11 anos na Allemanha” *Jornal* de 20.04.1920. Recortes de Jornais. Fundo Rocha Lima –CMIBSP.

⁴⁸⁸ “A direcção do Instituto de Butantan. O incidente entre o governo paulista e o professor Rocha Lima”. *Jornal* s.d. Recortes de Jornais. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

mostrasse apreço”. Para ele, o Butantan cairia em completa decadência nas mãos de administração tão inepta.⁴⁸⁹

O episódio gerou mal-estar e foi explorado politicamente pelos opositores dos coronéis do Partido Republicano Paulista. O jornal de oposição, *O Estado de São Paulo*, veio à carga em defesa do cientista. O autor da nota que o defendia era o jornalista Nereu Rangel Pestana, que pertencia a família de jornalistas e era um ferrenho opositor das oligarquias que dominavam o estado. Ele avisara Rocha Lima da nota publicada no oficioso *Correio Paulistano*:

*O governo de São Paulo esperou a tua partida para dar-te um coice. Ontem, o Correio Paulistano, órgão oficial, publicou uma nota-resposta ao teu discurso e a vaia do Diário Popular, que vai junta. Imediatamente dei resposta pelo Estado e o Jornal também. Peço-te autorizar por telegrama a publicação da tua carta ao governo, de que temos cópia, se for necessário, pois com certeza eles voltam à carga e é preciso desmascará-los. Deixa esta função aos teus amigos e estou certo de que o coice de São Paulo só serviu para te engrandecer ainda mais aos olhos dos nossos patrícios.*⁴⁹⁰

A nota de Rangel Pestana em *O Estado de São Paulo* contradizia a oficial, afirmando que Rocha Lima não havia oferecido uma proposta ao governo paulista, mas atendera a um convite feito pela gestão anterior.⁴⁹¹ Asseverou ainda, que nada justificava a indelicadeza do governo recém-empossado, que levava quatro meses para dar um posicionamento ao cientista, mesmo assim, sem utilizar para esse fim os dispositivos apropriados, como o *Diário Oficial*. O “amigo particular” que escrevia em defesa do cientista qualificou o episódio como uma gafe do secretário do interior de Washington Luís, Alarico da Silveira. A nota oficial publicada pelo *Correio Paulistano* equivaleria ao “sinal de cinco cravos, em letra de forma, sobre a ciência brasileira”, ou seja, à crucifixão da ciência e ao descaso do governo pelo

⁴⁸⁹ “O caso Rocha Lima”, *Jornal do Commercio*, 28/08/1920.

⁴⁹⁰ Carta de Nereu Rangel Pestana a Rocha Lima de 23.08.1920. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁴⁹¹ “Uma Gaffe – O caso do Professor Rocha Lima – Como se responde a um cientista brasileiro”, *O Estado de São Paulo*, s. d. Recortes de jornal. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

soerguimento do Butantã.⁴⁹² O próprio diretor d’*O Estado de São Paulo*, Júlio de Mesquita Filho, escreveu que a nomeação de Rocha Lima como diretor do Butantan seria um passo importante para garantir a posição do Brasil como vanguarda científica, que estaria ameaçada pela Argentina. Além disso, representaria uma restauração da idade áurea da ciência brasileira estabelecida por Oswaldo Cruz:

*Rocha Lima, figura proeminente dos primeiros momentos, expatria-se, levando para longe um pouco do renome de sua terra. Ei-lo de volta, porém, a chamado do seu antigo companheiro de realização, doutor Arthur Neiva. Trata-se de reerguer dos escombros a grandeza passada. Os tempos são outros, outro o espírito da nação. São Paulo cresce, o seu progresso material alastra-se vertiginoso, ameaçando sufocar os restos do antigo idealismo da nacionalidade*⁴⁹³

Naquele momento, Rocha Lima viu contrariado seu objetivo de dar vazão ao “instinto natural e elementar” de regressar ao “torrão natal”. Em entrevista a “*O Estado de São Paulo*”, quando já estava de partida para a Alemanha, qualificou a atitude do governo paulista como extrema “descortesia, agravada depois pela nota oficial de pretensas explicações.”⁴⁹⁴ Manifestou temor pela sorte do Butantã, que poderia “ficar completamente estragado se não lhe derem direção competente e na proporção dos meios de que dispõe.”⁴⁹⁵ Na passagem pelo Rio de Janeiro pôde converter sua viagem em créditos para a *Kulturpolitik*, contribuindo para a retomada das relações abaladas pela Guerra.

⁴⁹² *Idem.*

⁴⁹³ Mesquita Filho, J. “Um empreendimento científico”, *O Estado de São Paulo*, 16/05/1920. Como integrante do grupo de intelectuais que concebia a nacionalidade pela ótica do nativismo paulista, Mesquita defendia que São Paulo deveria aliar o progresso científico e cultural ao material. Por isso era essencial a magnitude que apenas Rocha Lima poderia dar ao Butantã. Seria um meio de reacender o “fulgor da chama sagrada”, originalmente ateadada por Oswaldo Cruz. Mesquita e seu grupo identificavam Rocha Lima à “revolução científica” engendrada pelo sanitarista, num momento em que, já morto e mitificado, catalisava no meio médico o consenso necessário para pacificar suas dissensões e legitimar a intervenção de alguns segmentos na esfera política. Sobre o mitificação de Oswaldo Cruz e os propósitos políticos dos sanitaristas ver Britto, 1993.

⁴⁹⁴ “O Caso Rocha Lima” – *O Estado de São Paulo*, 28/08/1920.

⁴⁹⁵ *Idem.*

4.4. Rocha Lima, as relações teuto-brasileiras e a propaganda francesa em 1920

Quando Rocha Lima desembarcou no Rio de Janeiro, em abril de 1920, encontrou um ambiente favorável à Alemanha, embora afirmasse em relatório sobre a viagem, escrito anos depois, que “ainda existiam vestígios de ânimos acirrados por causa da guerra”.⁴⁹⁶ Apesar de ter participado do conflito ao lado dos aliados, e subscrito o Tratado de Versalhes, o Brasil prontamente restabeleceu suas relações com a Alemanha. Em maio de 1920, foi empossado em Berlim, como encarregado de negócios do Brasil, Adalberto Guerra Durval, até então enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em Haia. No mesmo mês, José Fabrino foi nomeado cônsul em Berlim.⁴⁹⁷ Os cônsules mantidos em Hamburgo e Bremen também reassumiram em breve seus postos. Em agosto de 1920, Georg Plehn ocupou o posto de ministro plenipotenciário da Alemanha no Brasil, no qual permaneceria até 1925.⁴⁹⁸

Algumas questões concernentes a Versalhes permaneciam pendentes: o pagamento do café retido pela Alemanha durante a Guerra, e o destino dos navios alemães apreendidos pelo Brasil.⁴⁹⁹ Apesar disso, interesses de ambas as partes aceleraram a retomada das relações diplomáticas. Da parte do Brasil, havia o interesse em retomar as exportações de café para aquele que havia sido o principal destino do produto até a Guerra. Da parte da Alemanha, o de garantir um fornecedor de matérias-primas e gêneros alimentícios e consumidor de seus produtos industrializados. De acordo com G. Flachsbart, diretor-secretário da Câmara Teuto-Brasileira de Comércio em Berlim, a América do Sul representava para a Alemanha “seu mais

⁴⁹⁶ „Bericht über die Reisen von Prof. Rocha Lima nach Brasilien 1920 und 1922“. Datilografado. Fundo Rocha Lima – CMIBSP.

⁴⁹⁷ Antes de assumir o cargo, ele reuniu-se com representantes do governo de São Paulo a fim de discutir as melhores estratégias para atrair imigrantes alemães para a lavoura paulista e fazer propaganda do café. “Notas e Informações”, *O Estado de São Paulo*, 11/05/1920.

⁴⁹⁸ BRASIL. Relatório do Ministério das Relações Exteriores, 1919-20.

⁴⁹⁹ Antes da Guerra, São Paulo contava com 1.835.361 sacas de café armazenadas nos portos de Hamburgo, Bremen, Antuérpia e Trieste, como garantia de empréstimos contraídos em bancos europeus. Devido à ameaça de confisco pelo governo alemão, depois da deflagração da Guerra, o estado de São Paulo optara por vender aquelas sacas de café, sendo o dinheiro depositado na casa bancária Bleischroeder. O resgate do dinheiro foi, porém, bloqueado pelos alemães, que alegaram retê-lo até que a guerra acabasse. Em Versalhes, a delegação brasileira reivindicou todo o montante, se possível com juros. O diplomata brasileiro Vinício da Veiga foi enviado a Paris especialmente para relatar a Epiácio Pessoa o caso do confisco do café paulista pelos alemães (Lopes, 2008, p. 48). Por outro lado, 46 navios mercantes alemães foram apreendidos pelos brasileiros logo no início da Guerra. Com o rompimento das relações diplomáticas em 1917, eles confiscaram a frota, que representava um quarto da marinha mercante nacional. Na Conferência de Paz, a delegação brasileira defendeu a posse definitiva dos navios, inclusive dos 30 que haviam sido fretados à França em acordo de comércio firmado em 1917 (Garcia, 2006, p. 58).

importante e futuroso mercado” (Flachsbart, 1922, p. 75). Para ele, o surto industrial brasileiro ocorrido nos anos da Guerra não ameaçava a indústria alemã. Se o lugar da Alemanha no comércio exterior do Brasil foi comprometido pela Guerra, já em 1928 ela voltaria a representar o segundo principal mercado brasileiro. No ano seguinte, ocuparia o terceiro lugar entre os fornecedores do país. Além da dimensão comercial, houve a retomada do fluxo migratório de alemães, que vieram ao Brasil impelidos pelas condições do país no pós-guerra. Durante a década de 1920, seria registrado o maior índice de entrada de alemães no Brasil, desde o começo da imigração, no século XIX. Diferentemente das primeiras gerações, estes se estabeleceriam principalmente nas grandes cidades, vindo a trabalhar nas indústrias e serviços. Para otimizar a vinda dos imigrantes, a *Hamburg Amerikanische Gesellschaft* retomaria, a partir de maio de 1922, o serviço de vapores para o sul do Brasil, paralisado durante a Guerra.⁵⁰⁰

No âmbito cultural, a Guerra havia a princípio cindido a arena intelectual brasileira entre os simpáticos à Entente e os apoiadores das potências centrais, posições polarizadas pela França e Alemanha. Certamente a entrada do Brasil no conflito em 1917 embaralhou esse cenário e esses alinhamentos, ainda mais tendo em conta os ventos nacionalistas que sacudiram os ânimos naqueles anos. Os franceses souberam explorar a predominância da identificação das elites intelectuais com seu país em termos de propaganda cultural, que já realizavam desde o início do século XX. A diplomacia cultural francesa serviu inclusive de modelo à alemã, da qual seria, ao mesmo tempo, a principal antagonista. Por conta disso, merece ser analisada mais detidamente.

Desde o começo do século XX, a França havia criado organismos destinados ao desenvolvimento de relações científicas com a América Latina. Através do intercâmbio científico, tais organismos procuravam “tecer redes de aliados políticos a partir de uma influência cultural e política, tanto como meio de penetração econômica, como para ter o apoio desses aliados no enfrentamento das grandes potências (Petitjean, 1996, p. 91). Já em 1907, fora criado, por iniciativa dos cientistas franceses, o *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les Relations avec l’Amérique Latine*. Seus integrantes lançariam mão da persistente influência cultural francesa entre as elites latino-americanas, reforçando o papel do idioma francês na instrução e comunicação científica e falando em prol

⁵⁰⁰ “Telegramas do Exterior – Alemanha”, *Jornal do Commercio*, 10/05/1922.

de uma “latinidade”, que criava um sentimento de identidade das elites da América do Sul com a França. A influência do positivismo entre as classes instruídas, especialmente no Brasil e México, também atuaria a favor da política cultural francesa (Idem, p. 93). Com a criação da *Union Scolaire Franco-Pauliste*, da cadeira de Estudos Brasileiros na Sorbonne, e da de Estudos Franceses, em São Paulo, o intercâmbio franco-brasileiro alcançaria grande intensidade até a Primeira Guerra (Suppo, 2000, p. 320). Um dos mais destacados articuladores dessa política cultural para o Brasil e demais países da América Latina foi Georges Dumas, médico e psicólogo, que fora o primeiro enviado do *Groupement* à região (Petitjean 1996, p. 93; Suppo 2000; Sá & Viana, 2010). Em 1917, ele veio em missão ao Brasil, designado pelo ministério francês da guerra, a fim de analisar as melhores estratégias para a propaganda francesa. Para Dumas, a aliança franco-brasileira deveria ser forjada e catalisada pelo sentimento comum de ódio ao alemão, muito embora ressaltasse que o Brasil jamais “esteve realmente em hostilidades, nem em relação à Alemanha, nem em relação aos germanófilos” (*apud* Suppo, 2000, p. 323). No relatório da missão enviado ao serviço de informação do exército francês, destacou que para reverter a propaganda francófoba realizada pelos alemães, e superar a concorrência com os norte-americanos, deveriam ser controladas e reforçadas as ações das congregações francesas e criados colégios franceses laicos (*Idem*, p. 322-323).⁵⁰¹

A partir de 1920, o *Groupement* retomou suas atividades, que consistiam na recepção de estudantes e pesquisadores latino-americanos nas universidades francesas, na divulgação das possibilidades de estudos para os latino-americanos na França, no incentivo de pesquisas sobre a América Latina, por meio da criação de cadeiras nas universidades, no financiamento de escolas francesas e de viagens científicas através do Ministério das Relações Exteriores francês, e na edição de uma revista, a *Revue de l'Amérique Latine* (Petitjean, 1996).

Gradualmente, as iniciativas de intercâmbio tomadas pelos intelectuais franceses tornaram-se mais subordinadas às políticas do Estado, com o Ministério das Relações Exteriores da França assumindo centralidade na sua articulação.⁵⁰² A política cultural era

⁵⁰¹ A ação de Dumas, integrada aos “serviços de informação” franceses no Brasil semeou intrigas políticas que concorreram para a queda de Lauro Müller, então chanceler do governo de Venceslau Brás, e para a declaração de Guerra à Alemanha.

⁵⁰² O controle deu-se através de órgãos como o *Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger* (SOFÉ), criado em 1920 e dirigido por intelectuais profundamente comprometidos com a política cultural (Suppo, 2000)

pensada essencialmente em termos de propaganda, “a qual deve fomentar a admiração pela cultura francesa e incentivar o consumo dos produtos culturais franceses” (Suppo, 2000, p. 313). A Aliança Francesa teve importância crucial na política cultural para a América Latina como divulgadora do idioma francês no estrangeiro, ficando também sob controle direto dos órgãos ligados à diplomacia (Idem).

A partir de 1920, a política cultural do *Groupement*, cada vez mais articulada com o Ministério das Relações Exteriores, relançou sua ofensiva na América Latina, com foco na Argentina, Brasil e México (Petitjean, 1996, p. 98). Daí por diante, George Dumas assumiu centralidade cada vez maior na execução dessa política. Entre 1920 e 1938, ele realizou 17 missões à América Latina, através das quais firmou acordos de cooperação da França com os respectivos países por onde passou. Um dos frutos desses acordos foi a fundação de institutos culturais. Em 1922, seria criado na casa do Conde Afonso Celso, o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, oficializado no ano seguinte. Sua função seria similar à do instituto argentino, criado no ano anterior: estimular a cooperação recíproca entre intelectuais franceses e nativos, através de cursos e conferências oferecidos em ambos países. O Instituto Franco-Brasileiro, estabelecido no Rio de Janeiro, teve caráter informal, mas levou adiante a missão de tornar efetiva a cooperação intelectual. Entre 1920 e 1939, 41 professores franceses vieram dar cursos na capital brasileira, a maior parte deles escolhida pelo próprio Georges Dumas, (Idem, p. 104-5).⁵⁰³

Muitos médicos visitaram o Brasil no bojo desse movimento. Alguns deles vieram em virtude da associação do *Groupement* com o *Museum de Histoire Naturelle* e o Instituto Pasteur, instituições emblemáticas da ciência colonial francesa, ou seja, aquela cujo sentido estava referido à expansão colonialista da França e sua política de diplomacia cultural.⁵⁰⁴

Em relação à diplomacia cultural alemã e norte-americana, a francesa caracterizou-se principalmente pelo privilégio dos aspectos culturais, apoiando-se, como vimos, no papel do

⁵⁰³ Além desse instituto, Dumas defenderia uma política cultural centrada nos liceus franceses e nas escolas das congregações religiosas francesas, em sua maior parte, maristas. Tal política deveria abrir caminhos ao comércio e indústria franceses, muito embora Dumas achasse que seu principal objetivo devesse ser o de inculcar nas elites o “gosto de nossa civilização social e moral pelo qual elas permanecem, além dos mares, cidadãos de nossa cidade” (Dumas, 1924 *apud* Suppo, 2000, p. 327).

⁵⁰⁴ Através do *Groupement*, cientistas destas instituições procuraram estabelecer uma cooperação científica de maior duração. Os pasteurianos figuraram como conferencistas do *Groupement*, assim como médicos e veterinários oriundos do Instituto Pasteur se instalaram por períodos prolongados, especialmente no Brasil e no Chile, como foram os casos de Émile Marchoux e Charles Nicolle (Petitjean, 1996, p. 116).

idioma francês e da latinidade. Ela dirigiu-se, sobretudo, às elites, através das quais procurou mobilizar um contingente leal de admiradores capazes de dar apoio à França em caso de necessidade (Suppo, 2000, p. 332). Um dos mais ativos defensores da política cultural francesa no Brasil no ramo da pesquisa biomédica – Miguel Ozório de Almeida defendeu que, ao invés de cultura geral, as conferências do Instituto Franco-Brasileiro, do qual foi um dos fundadores, abordassem assuntos científicos.⁵⁰⁵ O intercâmbio com os franceses no domínio da medicina e das ciências da vida seria impulsionado pela fundação da Sociedade de Biologia, em 1923, por iniciativa, principalmente, dos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, sendo filiada à *Société de Biologie de Paris*. Seus membros publicavam os trabalhos em francês no *Comptes Rendus Hebdomadaires de la Société de Biologie et ses filiales* (Sá & Viana, 2010).⁵⁰⁶

Em memorando enviado a Paris, Miguel Ozório distinguiu os dois tipos de propaganda da qual o Brasil era alvo: o anglo-saxônico e germânico, “repudiado como propaganda colonialista ‘metódica, obstinada’, que busca primeiro a penetração econômica e só depois a influência intelectual”, provocando, “ódio e reação”; e o latino, basicamente francês, o qual “trata-se de uma propaganda ‘esporádica, impulsiva’”, cujo objetivo seria, antes, reafirmar os laços de identidade cultural para daí então tornar-se influência comercial (Suppo, 2000, p. 331).

Foi com todo esse aparato que Rocha Lima e os demais personagens engajados na promoção da cultura alemã deveriam medir forças, neutralizando a propaganda germanófoba instilada pelos franceses. A imprensa foi um dos fóruns nos quais essa disputa por influência foi particularmente candente. Agências internacionais eram responsáveis por abastecer os

⁵⁰⁵ Miguel Ozório de Almeida, pesquisador de Manguinhos, com destacada produção no campo da fisiologia, mantinha estreitas relações com cientistas franceses como H. Pierón, Lopicque e E. Gley (Sá & Viana, 2010). O periodismo médico brasileiro acompanhou de perto as movimentações de Ozório pela capital francesa, onde gozava de grande reputação entre os círculos médicos. Em 1922, ele apresentou conferência na Sorbonne sobre a fisiologia do homem e dos animais tropicais, que teve entre os assistentes alguns dos professores que já haviam estado no Brasil em função do Instituto Franco-Brasileiro. Em 1929, ele procuraria levar a cabo, sem sucesso, uma completa reorientação do perfil de atuação da instituição. Ozório esteve também entre os mais ativos fundadores da Academia Brasileira de Ciências, defensor do cultivo da ciência pura e desinteressada e do reconhecimento da atividade científica como uma instância específica, a qual requeria linguagem e procedimentos próprios e centros específicos de formação e profissionalização. Nos anos 1920, a Academia seria marcada pela estreita cooperação entre matemáticos franceses e brasileiros (Petitjean, 1996, p. 106).

⁵⁰⁶ Com o claro propósito de divulgar no estrangeiro a cultura e ciência francesas, os *Comptes Rendus* publicariam em 1926: “entre os bens mais preciosos do patrimônio de nosso país está a nossa língua, que difundiu ao mundo idéias de civilização, liberdade, ciência e progresso. Nosso boletim deve irradiar a língua francesa, e não um idioma internacional” (*Comptes rendus*, t.95, 1926 citado por Sá & Viana, 2010).

jornais brasileiros com notícias internacionais, relatadas de acordo com as conveniências do país ao qual serviam. Havas – francesa -, United Press e Associated Press – anglófilas -, predominavam na imprensa brasileira. A partir de 1917, os grandes jornais haviam se movido de uma relativa “neutralidade” ou alinhamentos mais discretos, ao ataque maciço às potências centrais. Depois da Guerra, a postura anti-germânica das colunas internacionais de muitos jornais não retrocedeu. A título de exemplo, cabe citar artigo publicado no *Jornal do Commercio*, segundo o qual a Alemanha, “astuta e manhosamente” pretendia invalidar as cláusulas de Versalhes. Isso requereria a vigilância “severa, ativa e constante” dos Aliados, uma vez que as tendências militaristas permaneciam, segundo a matéria, presentes e atuantes, fazendo frágil e impotente o regime de Weimar. Este não seria mais do que “o Império Alemão disfarçado em República”.⁵⁰⁷

Ao desembarcar no Brasil, Rocha Lima procurou neutralizar os resquícios de “ânimos acirrados” contra a Alemanha, por meio de declarações à imprensa local. Já no desembarque foi assediado por jornalistas, ansiosos por notícias “frescas” da Europa. Nada melhor que uma testemunha dos acontecimentos para informar aos brasileiros sobre a Alemanha no pós-Guerra. Ele aproveitou a ocasião para divulgar o trabalho realizado pelo *Tropeninstitut*. Na medida em que Hamburgo era “um dos maiores e mais movimentados postos do Universo antes da Guerra”, o Instituto continha um “mostruário permanente de moléstias exóticas na sua seção hospitalar”, declarou. O jornal *A Gazeta* estampou na primeira página imponente imagem da fachada do *Tropeninstitut*.⁵⁰⁸

Rocha Lima analisou a situação política na Alemanha. Suas considerações nos servem de fio condutor para compreendermos o modo como ele vivenciou e interpretou os eventos da época. Ele reforçou o aspecto acima mencionado de persistência do monarquismo, especialmente entre as elites intelectuais. Durante praticamente toda a República de Weimar, a tradição monarquista manter-se-ia presente, representando uma ordem “fundada numa aliança entre as antigas camadas sociais, influentes sob Guilherme II, os quadros do exército imperial e os dirigentes do Partido Social-Democrata” (Richard, 1988, p. 55-6). Estes últimos seriam responsáveis pela articulação do consenso mínimo necessário para o estabelecimento e manutenção do regime. Eles haviam ajudado a sufocar os movimentos da esquerda radical

⁵⁰⁷ “Artes e manhas de Berlim”, *Jornal do Commercio*, 26/06/1920.

⁵⁰⁸ Recortes de Jornais – Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

“espartaquista”, liderados por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. As sublevações fermentadas pelas correntes esquerdistas atingiram até mesmo os militares, que se amotinaram em diversos batalhões. Confrontos ocorreram em diversas cidades alemãs, como Hamburgo e Stuttgart (Idem, p. 30-1). O pesquisador brasileiro retratou com má-vontade o movimento espartaquista e suas revoluções. Testemunhara na cidade hanseática as agitações lideradas, em sua maior parte, por operários, que já haviam manifestado descontentamento com as diretrizes da política imperial e com Guerra.

Embora apostasse que a Alemanha se recuperaria logo que a “pesadíssima bota da Entente” diminuísse a pressão sobre o “dorso dos alemães”, Rocha Lima não acreditava na restauração do Império. Para ele, tal recuperação ocorreria em termos diferentes do passado, sendo essencial reverter o isolamento e as dificuldades em que se encontrava a ciência alemã e reconquistar seu prestígio e influência. Por outro lado, acreditava que caberia ao Brasil estabelecer relações com um centro de ciência que considerava de primeira grandeza.

Diferentemente da francesa, a política cultural alemã enfatizaria as ciências naturais e a medicina como suas molas propulsoras. Ela encontrava audiência entre aqueles que nutriam admiração pelo sistema de ensino e pesquisa das universidades alemãs. Entre eles estava um dos mais aguerridos “germanófilos” – o oftalmologista Antônio Abreu Fialho -, que na recepção de um médico alemão em 1920 declarou:

Vemos com justa simpatia e, por que não dizer, com certa inveja, a situação dos nossos professores, que à testa das suas cátedras ou na direção dos seus institutos têm a ampla autonomia e a necessária autoridade para ditar leis dentro dos seus domínios, organizar o trabalho, escolher e nomear livremente os seus colaboradores e preparar a futura geração de investigadores sob os auspícios e garantias do Estado, com todas as largas liberalidades

Dois anos depois, o preparador de higiene da Faculdade de Medicina da Bahia, David Madeira, publicaria no *Brasil Médico* retrato entusiasmado da pesquisa médica na Alemanha. Ele visitou os centros médicos de Hamburgo e Berlim, e ficou impressionado com a capacidade de organização, o conforto e a dimensão das instalações e a organização dos estudos médicos, ressaltando a dimensão prática do ensino. Para ele, a “cultura médica nacional” muito ganharia se buscasse inspiração nesse modelo. No Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, testemunharia o prestígio de Rocha Lima “nome tão justamente

acatado entre os mestres alemães” (Madeira, 1922). O publicista Alfred Funke também destacaria o prestígio nos anos 1920 da medicina alemã entre os médicos brasileiros, muitos dos quais procurariam, segundo ele, “transplantar os sublimes sucessos da medicina à sua pátria brasileira” (Funke, 1923, p. 140).

Certamente o idioma foi o obstáculo principal a uma maior penetração da cultura e ciência alemãs entre as elites brasileiras instruídas. Grande parte dos que falavam o idioma, se não eram de ascendência germânica, havia completado seus estudos naquele país e em geral mantinham laços de simpatia com sua cultura. Seriam, em grande medida, os principais pontos de apoio da *Kulturpolitik*. Um dos nichos nas quais concentrou-se grande parte do que poderíamos chamar de “germanófilos” seria o da psiquiatria e especialidades afins, como a neurologia. A psiquiatria alemã de Emil Kraepelin fora fundamental para as concepções de Juliano Moreira, que mantinha estreito diálogo com os especialistas germânicos.⁵⁰⁹ Tanto por influência de Moreira, considerado o “pai fundador” da moderna psiquiatria brasileira, como também pela posição de destaque conquistada pelos alemães naquele domínio, os brasileiros dedicados a essas disciplinas seriam particularmente receptivos à cooperação intelectual teuto-brasileira. Mas de uma forma geral, não houve alinhamentos unilaterais dos cientistas e intelectuais brasileiros a um país ou cultura. Nossa matriz intelectual foi e permaneceu marcadamente eclética, apropriando-se seletiva e criativamente das teorias e modelos institucionais exógenos, os quais deram origem a uma tradição “miscigenada”. Paradoxalmente, é do germanófilo Abreu Fialho que colhemos discurso representativo desse aspecto:

*Sem os exclusivismos de outros tempos, que nos prendiam a uma só escola, a uma só língua, a um só povo, sem preconceito de continentes, de raças, de povos, de línguas, de afinidades de qualquer espécie, sem exageros nem paixões, exercendo nosso direito dentro de nossa liberdade de ação e de nossa independência de vida, escolhemos, selecionamos, onde quer que o haja, aquilo que melhor nos pareça e mais convenha aos interesses da ciência e de uma cultura.*⁵¹⁰

⁵⁰⁹ Sobre Juliano Moreira e a constituição da psiquiatria no Brasil ver Venancio, 2004; 2005 e Oda, 2010.

⁵¹⁰ “Professor Fedor Krause – A recepção na Faculdade de Medicina – Almoço”, *Jornal do Commercio*, 13/06/1920.

Contando com a ajuda de alguns desses “amigos germanófilos”, a viagem de Rocha Lima acabou se revertendo num capítulo da reaproximação entre o Brasil e a Alemanha, muito embora ele não tivesse vindo guiado por esse objetivo. Isto porque sua estadia coincidiu com a visita de um “representante do espírito alemão” o neurocirurgião berlinense Fedor Krause. Apesar de não o conhecê-lo pessoalmente, viu-se na incumbência de assessorá-lo, mesmo que esta missão demandasse “não poucos sacrifícios pessoais”.⁵¹¹

4.5. Rocha Lima e a *Kulturpolitik*: a visita de Fedor Krause ao Brasil (1920)

Segundo Rocha Lima, antes mesmo da chegada de Fedor Krause ao Brasil, houve especulações na imprensa sobre os motivos que teriam impelido sua vinda.⁵¹² Ele vinha por razões de ordem privada: operar a filha do médico Modesto Guimarães,⁵¹³ motivo que Rocha Lima qualificou como “desesperador”.⁵¹⁴

Antes que dirigisse o convite a Krause, o diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Aloysio de Castro, disse ter consultado o governo federal, a fim de saber se não era inconveniente a acolhida de um professor, “de cuja pátria a guerra nos separara.” Segundo ele, o presidente da República não manifestou nenhuma reserva, uma vez que para o cultivo da ciência “não há tempos de paz e tempos de guerra”.⁵¹⁵

Fedor Krause desembarcou no Rio de Janeiro em junho de 1920. Com 63 anos de idade, era considerado uma autoridade no campo da neurocirurgia, tendo sido pioneiro neste domínio, junto com Otfried Foerster. A ele é atribuída a introdução de Victor Horsley (1857-1916) nos procedimentos cirúrgicos concernentes à epilepsia, domínio no qual o reputado neurocirurgião inglês se destacaria. Krause desenvolveu várias técnicas de operação de tumores no cérebro e no sistema nervoso em geral. Além do mais, tornou-se célebre pelos

⁵¹¹ Bericht ueber die Reisen von Prof. Rocha Lima nach Brasilien 1920, 1922 (Relatório das viagens do professor Rocha Lima ao Brasil, 1920 e 1922). Fundo Rocha Lima. CMIBSP.

⁵¹² *Idem.*

⁵¹³ PAAA 78999. Niederländische Gesandtschaft an Auswärtiges Amt, 19.07.1920.

⁵¹⁴ Bericht ueber die Reisen von Prof. Rocha Lima nach Brasilien 1920, 1922 (Relatório das viagens do professor Rocha Lima ao Brasil, 1920 e 1922). Fundo Rocha Lima. CMIBSP.

⁵¹⁵ “Recepção do professor Krause – Mensagem das Universidades Alemãs”, *Jornal do Commercio*, 20/05/1922.

trabalhos em cirurgia plástica e reconstrutiva e por operações no lóbulo frontal. Desde 1901, era professor da Universidade de Berlim, após ter passado pelo departamento de cirurgia do Hospital Augusta, também na capital alemã (1892-1900); pelo Hospital Hamburgo-Altona (1892-1900) e pelo Instituto Senckenberg, em Frankfurt (1890-2). Era autor de obras de referência no campo da cirurgia.⁵¹⁶

Apesar do motivo “desesperador” que trazia Krause à América do Sul, Rocha Lima empenhou-se em tirar proveito da ocasião em favor da “causa alemã”. Ele acompanhou o cirurgião berlinense durante praticamente todo o percurso da viagem. Redigiu todos os seus discursos, entrevistas e cartas e traduziu para o português as preleções para as quais o hóspede fora convidado. Ele encarou a recepção a Krause como uma obrigação; segundo ele, “em virtude das minhas relações e do meu conhecimento do país.”⁵¹⁷

Como era comum acontecer aos visitantes estrangeiros à época, Krause foi eleito membro correspondente da Academia Nacional de Medicina. Foi saudado em alemão por Álvaro Ramos, apresentando conferência intitulada “A cirurgia dos tumores e dos pseudo-tumores da medula espinhal”.⁵¹⁸ Na Faculdade de Medicina, foi recebido pelo catedrático de Clínica Oftalmológica Abreu Fialho, que falava alemão fluente.⁵¹⁹ Fialho enfatizou a projeção de Krause entre os médicos brasileiros em virtude de suas realizações em cirurgia craniana e aos manuais de operação cirúrgica. Além disso, fez uma entusiasmada defesa da ciência alemã: “Hoje em dia, os grandes nomes dos vossos grandes professores ressoam aqui e ali nas

⁵¹⁶ Junto com Hermann Oppenheimer (1858-1919) tornara-se conhecido pela primeira remoção bem sucedida de um tumor pineal e com Frank Hartley (1857-1913) desenvolvera o procedimento de excisão da glândula Gasseriana no tratamento da neuralgia trigeminal. Escreveu importantes trabalhos sobre cirurgia e neurologia empregados no ensino médico, como *Über die Verwendung großer ungestielter Hautlappen zu plastischen Zwecken*, de 1896; *Chirurgie des Gehirns und Rückenmarks*, de 1907; *Chirurgische Operationslehre des Kopfes*, de 1912, re-editado em 1914; *Die allgemeine Chirurgie der Gehirnkrankheiten*, escrito em colaboração com K. Heymann e *Lehrbuch der chirurgischen Operationen*, também de 1912, traduzido para o russo, inglês e espanhol.

⁵¹⁷ Bericht ueber die Reisen von Prof. Rocha Lima nach Brasilien 1920, 1922 (Relatório das viagens do professor Rocha Lima ao Brasil, 1920 e 1922). Fundo Rocha Lima. CMIBSP.

⁵¹⁸ Com projeções luminosas, abordou a origem e formação das lesões medulares e o modo de extraí-las, inclusive com apresentação de casos operados em sua clínica. “Associações Científicas”, *Brasil-Médico*, Ano XXXIV, n. , p. 435.

⁵¹⁹ Fialho se especializara em oftalmologia em Viena com o professor Ernest Fuchs. Ele foi responsável pela divulgação entre os médicos brasileiros das tendências germânicas no domínio da oftalmologia. Grande parte de sua vasta produção científica foi publicada na Alemanha, principalmente nos *Graef's Archiv* (Lacaz, 1966, p. 36).

nossas aulas e métodos e processos alemães são adotados quando se lhes reconhece a superioridade e a excelência sobre os demais existentes.” Pontuou ainda que nomes de inventores e descobridores alemães figuravam nos laboratórios e institutos “ao lado dos melhores utensílios e instrumentos”.

A Guerra foi questão incontornável nos discursos de saudação e recepção de Krause. Ele próprio abordou o assunto, e defendeu que a Alemanha “não deve ser julgada nos momentos de paixão, mas pelas suas expressões nos tempos de paz”. Foi um tema também na conferência sobre cirurgia, “A fisiologia das localizações cerebrais estudada à luz das operações cirúrgicas e de ferimentos de guerra”. A preleção foi publicada nos *Anais da Faculdade de Medicina* daquele ano (Krause, 1920).

Krause fez elogios à proverbial bondade e hospitalidade dos brasileiros. A recepção dele na Faculdade de Medicina incluiu almoço com a presença do ministro da Justiça e Negócios Interiores, Alfredo Pinto, o diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Aloysio de Castro, o presidente da Academia Nacional de Medicina, Miguel Couto, além de Juliano Moreira, Carlos Chagas, Rocha Lima e outros. Krause foi recepcionado ainda na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e na Santa Casa de Misericórdia.⁵²⁰

O percurso de Krause não ficou limitado a instituições médicas. Incluiu também visita à Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, onde foi recebido pelo diretor, o conde Afonso Celso. O discurso feito em alemão por um membro da congregação da faculdade, Francisco de Avellar Figueira de Mello destacou a influencia germânica nos estudos jurídicos brasileiros, desde Sílvio Romero, passando por Tobias Barreto, Lacerda de Almeida, Eduardo Spinola e Clovis Bevilacqua. Figueira de Mello destacava assim um domínio no qual a influência alemã havia sido bastante destacada.⁵²¹ O neurocirurgião foi ainda homenageado pela colônia alemã e recebido pelos círculos militares e pelo presidente da República, Epitácio Pessoa, no Palácio do Catete. Ele passou uma tarde em Petrópolis, a convite do prefeito da

⁵²⁰ “Professor Krause – Conferência de Ontem na Faculdade de Medicina”, *Jornal do Commercio*, 20/06/1920; “Sociedade de Medicina e Cirurgia”, *Jornal do Commercio*, 15/06/1920; “Academia Nacional de Medicina – A Conferência do Professor Krause”, *Jornal do Commercio*, 27/06/1920.

⁵²¹ “O professor Fedor Krause”, *Jornal do Commercio*, 14/07/1920.

cidade, de ascendência alemã, Oscar Weinschenck, sendo acompanhado de Rocha Lima: Abreu Fialho, Álvaro Ramos, Maurício de Medeiros, além do próprio Rocha Lima.⁵²²

O périplo de Fedor Krause pelas instituições brasileiras prosseguiu em São Paulo, onde amargou um mal-entendido com a Sociedade de Medicina e Cirurgia local. Em fins de agosto de 1920, ele tomou o vapor em Santos rumo à Argentina. Segundo relato do cientista alemão, ele foi surpreendido um dia antes da partida a Buenos Aires por telegrama enviado pela agremiação paulista nomeando-o sócio honorário. Agradeceu a Rubião Meira, então presidente da Sociedade. No entanto, foi informado, por recorte do jornal *A Gazeta*, recebido já a bordo do navio, que o título havia lhe sido retirado.⁵²³

A Gazeta dirigiu duros ataques a Krause, que reprovou os diálogos atribuídos no jornal a Rubião Meira. O desentendimento gerou mal-estar com o médico alemão logo antes de sua partida. Além desse episódio, a estadia de Krause provocara protestos de médicos brasileiros devido à realização de operações e tentativa de estabelecer uma clínica cirúrgica no Brasil. Rocha Lima afirma no relatório da viagem que nada a teve a ver com as “atividades posteriores” de Krause, “nem com suas desagradáveis conseqüências”.⁵²⁴ Nas declarações feitas à imprensa brasileira antes de sua partida, o cirurgião alemão assegurou que não tinha vindo à América do Sul guiado por interesses materiais. De São Paulo, Krause seguiu para Buenos Aires, de onde iria para Montevideú.⁵²⁵

Apesar das controvérsias em torno do médico berlinense, Rocha Lima avaliou sua visita como positiva. Segundo ele, a utilização do português pelo médico alemão teria sido um dos principais fatores responsáveis pela boa recepção nos círculos oficiais e científicos. Prova maior disso foi o fato dele ter retornado ao Brasil dois anos depois, em meio aos protestos dos grupos francófilos.

⁵²² Notas & Informações, *Brasil-Médico*, Ano XXXIV, n. 6, 1920, p. 435.

⁵²³ “São Paulo – Interior. O Incidente Krause – Uma carta do professor alemão”, *Jornal do Commercio*, 31/08/1920.

⁵²⁴ Bericht ueber die Reisen von Prof. Rocha Lima nach Brasilien 1920, 1922 (Relatório das viagens do professor Rocha Lima ao Brasil, 1920 e 1922). Fundo Rocha Lima. CMIBSP.

⁵²⁵ “Notas & Informações”, *Brasil-Médico*, Ano XXXIV, n. 10, 1920, p. 614.

No relatório ao *Auswärtiges Amt*, o legado da Holanda, que representava a Alemanha desde o rompimento das relações diplomáticas em 1917, também considerou positiva a visita de Krause. Destacou que desenvolveram-se relações calorosas entre ele e os círculos médicos locais e demais segmentos da população. Relatou as numerosas honrarias que recebeu por parte das associações médicas, de intelectuais e de políticos, as quais considerou ainda mais admiráveis devido ao pouco tempo transcorrido desde que havia sido assinado o armistício. Seus passos foram relatados de forma minuciosa pela imprensa e bem-recebidos mesmo pelos jornais anti-alemães, escreveu o diplomata. Pessoas simpáticas à Entente também fizeram, de acordo com o ofício, menções elogiosas ao cirurgião. O legado atribuiu as tensões com segmentos da classe médica local à inveja causada pelo “rápido acesso aos mais estimados círculos”. Em sua avaliação, a visita rendera dividendos em favor da promoção da “germanidade” (*Deutschtum*) e demonstrara “que o conhecimento e capacidade alemães são tão bem estimados no Brasil, como foram antes, e que a ciência alemã talvez tenha aqui mais seguidores, do que em geral é admitido.”⁵²⁶ Além do mais, apontava que o Brasil oferecia um amplo campo de ação para as atividades intelectuais alemãs.⁵²⁷ Bem menos favoráveis foram as impressões registradas pelo legado alemão em Buenos Aires. Segundo ele, Krause era uma pessoa extremamente vaidosa, o que não teria passado despercebido dos colegas argentinos. O fato dele cobrar altíssimos honorários para atendimento clínico causou enorme ressentimento. As altas honrarias – salientou – deviam-se mais à polidez dos argentinos do que ao valor pessoal do neurocirurgião.⁵²⁸

A recepção calorosa de Krause acenou de certa forma para a disponibilidade dos círculos políticos, econômicos (ele foi recebido por associações comerciais) e intelectuais no restabelecimento das relações diplomáticas. As representações consulares e legações permaneciam vacantes. Em telegrama ao Itamaraty, o *Auswärtiges Amt* comunicou a calorosa recepção dada a Krause como um demonstrativo de que o Brasil não mantinha “prevenção à Alemanha e seus filhos.”⁵²⁹

⁵²⁶ PAAA 78999. Niederländische Gesandtschaft an Auswärtiges Amt, 19.07.1920.

⁵²⁷ *Idem*

⁵²⁸ PAAA 78999. Deutsche Gesandtschaft Buenos Aires an Auswärtiges Amt 30.09.1920.

⁵²⁹ Telegrama recebido do Ministério das Relações Exteriores em 03/08/1920, 203/1/08 – 1922-23.

Certamente o empenho de Rocha Lima na recepção de Krause contribuiu para o êxito de sua visita. Com seu prestígio, ajudou a abrir as portas dos “renomados círculos” ao cirurgião alemão. Ele próprio foi calorosamente readmitido nas agremiações médicas locais. Foi designado membro da Academia Nacional de Medicina, em cerimônia na qual foi saudado em discurso de seu contemporâneo da Faculdade de Medicina, Fernando Magalhães. Minimizando a contradição que havia no fato do colega ter participado do lado adversário, Magalhães preferiu ressaltar a “brasilidade culta e humana” de Rocha Lima, demonstrativa, segundo ele, da “radiosa pujança do Brasil” em meio aos “ardores belicosos” do conflito.⁵³⁰ Dias depois, nosso personagem foi também recebido na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio e na Academia Brasileira de Ciências.⁵³¹ Depois dos “onze anos de exílio”, conforme mencionara Júlio de Mesquita Filho, Rocha Lima retornava agora como o brasileiro que havia triunfado no estrangeiro. Na opinião dos contemporâneos, elevava o nome da Nação no Velho Mundo. Foi re-acolhido pela elite médica brasileira como aquele que fornecia uma comprovação das potencialidades da ciência local.

Rocha Lima permaneceu no Brasil até setembro de 1920. Com o *Limburgia*, tomou de volta o caminho para a Alemanha, certamente contrariado por não assumir a direção do Butantan. Em público, lamentou não poder prestar serviços ao país, “embora disposto aos maiores sacrifícios” para atender ao “fim superior” de dirigir um grande instituto científico.⁵³² A bagagem que levou de volta à Alemanha incluiu quantidade expressiva de material biológico – cortes de seções histopatológicas, esfregaços, diapositivos, insetos, toxinas, soros e culturas. A maior parte desse material concernia a doenças que grassavam no Brasil, como amostras de doença de Chagas, de barbeiros, de micoses tropicais e de venenos de serpentes do país. Dessa forma, procurou sanar a falta de material de estudo da qual sofria o *Tropeninstitut* desde que perdera, com o Tratado de Versalhes, a sua principal “fonte” – as colônias. Ao contrário do que afirmaria no relatório sobre a viagem escrito anos depois, a viagem de 1920 não fora orientada pelo objetivo de “reatamento das relações da ciência alemã

⁵³⁰ “Academia Nacional de Medicina. O novo membro honorário, professor Rocha Lima”, *Jornal do Commercio*, 18/06/1920.

⁵³¹ No discurso da Academia Nacional de Medicina Rocha Lima historiou as circunstâncias que o levaram à descrição do agente etiológico do tifo exantemático, a *Rickettsia prowazekii*. Na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio fez conferência sobre os estudos da verruga peruana. Traçou um histórico da doença e apresentou o debate sobre a unicidade ou não da Febre de Oroya e Verruga Peruana.

⁵³² “O Caso Rocha Lima”, *Jornal do Commercio*, 28/08/1920.

com cientistas brasileiros, rompidas por causa da guerra”.⁵³³ Mas por vias transversas, acabou contribuindo para essa finalidade.

Quase dois anos depois, Rocha Lima retornou ao Brasil, desta vez acompanhado do amigo Fritz Munk, que, como vimos no capítulo anterior, havia trabalhado junto com ele na Polônia durante a Guerra. As circunstâncias que trouxeram nosso personagem novamente à sua pátria de origem, e a conjuntura da diplomacia cultural alemã, foram ligeiramente distintas daquelas de dois anos atrás.

4.6 A viagem de Rocha Lima ao Brasil em 1922: o Instituto Brasileiro de Microbiologia

Em 20 de novembro de 1920, Rocha Lima endereçou ofício a Bernhard Nocht pedindo licença sem vencimentos de um ano para conduzir os trabalhos do Instituto Brasileiro de Microbiologia, instituição privada, que criou em associação com Henrique Aragão, Parreiras Horta e Arthur Moses. No ofício, ressaltou que no caso do pedido ser recusado, ver-se-ia obrigado a pedir demissão para o dia 01 de outubro de 1921.⁵³⁴ O Instituto tinha por finalidade produzir e comercializar “soros e vacinas para uso preventivo e curativo em medicina humana e animal“ (*apud* Benchimol & Teixeira, 1993, p. 177). A iniciativa de criação desse instituto obedecia a injunções referentes ao contexto brasileiro e alemão.

No que se refere ao contexto brasileiro, assistiu-se nos anos 1920 a uma tendência crescente do que Benchimol & Teixeira (1993, p. 175) qualificam como “mercantilização da ciência”. Vital Brasil havia abandonado o Butantane fundado um laboratório privado em Niterói, dedicado à produção de soro antiofídico, entre outros terapêuticos e profiláticos. Ao laboratório de Vital Brasil e ao Instituto Brasileiro de Microbiologia, juntaram-se o Laboratório e o Instituto Ehrlich, o Instituto Bioterápico, em Belo Horizonte; o Laboratório de Pesquisas Clínicas e o Laboratório Dias da Cruz (*Idem*, p. 177-8). Essa expansão era fruto, por um lado, da generalização das demandas de produtos biológicos utilizados no diagnóstico, profilaxia e tratamento das doenças. Por outro, refletia a crise que abatia uma das principais instituições voltadas à fabricação, comercialização e fiscalização desses produtos – o Instituto

⁵³³ Bericht ueber die Reisen von Prof. Rocha Lima nach Brasilien 1920, 1922 (Relatório das viagens do professor Rocha Lima ao Brasil, 1920 e 1922) (grifo no original). Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵³⁴ StAHH CI VII. Lit Qb 8b Vol. 15 Fasc. 14b Rocha Lima an Bernhard Nocht 20.11.1920

Oswaldo Cruz. Nos anos 1920, ele sofreria crescente estrangulamento financeiro, que se refletiu não só nas instalações materiais, como também na deterioração do salário dos pesquisadores. Dessa forma, muitos deles passaram a exercer atividades paralelas para complementar a renda. Enquanto alguns abriram clínicas particulares, outros, como o sócio de Rocha Lima, Henrique Aragão, fundaram instituições privadas (Benchimol 1990; Benchimol & Teixeira, 1993). De acordo com Benchimol e Teixeira (1993, p. 175) era o “espírito do capitalismo” adentrando “na cidadela da ciência”. Em carta a Arthur Neiva, escrita em 1923, Rocha Lima registrou de forma bastante clara esse processo, que atribuiu à uma deficiência do meio científico brasileiro. Procurou dessa forma justificar o paradoxo de quem fazia a mesma ação que criticava:

Infelizmente subscrevo tudo o que Você escreveu a respeito do nosso meio científico onde há elementos de primeira ordem, mas falta o ambiente que os estimule e os utilize como fatores de progresso. De vez em quando, graças a uma feliz constelação há um surto brilhante que a volta do ambiente normal pouco a pouco asfixia (...) O máximo desinteresse e descaso pela ciência desde que ela não é imediatamente transformável em moeda ou em nomeada por benefício público real ou fictício(...) Em torno disso a pressão formidável do meio no sentido de busca de fortuna. Fez casa ou não fez casa, tem automóvel ou não, quando fará, quando terá são os critérios para julgar a capacidade e o êxito na vida. A ciência se industrializa tanto como empresas particulares como em institutos oficiais (...) Manifestações várias da mesma condição do meio. E nós não podemos nos furtar à influência dele ou só em condições especiais. O meu caso é até certo ponto um nítido reflexo do que acabo de dizer. Aí fui e me propus a transformar uma fábrica de produtos medicinais e panóptico de cobras em um Instituto de ensino e investigação científica. Cheguei, porém, no fim de uma daquelas constelações felizes a que acima me referi. Previ a ação do ambiente normal que ia voltar (...) No Rio fui levado à indústria pelas correntes lá existentes como único ponto em que possa lá tomar pé quando para lá eu me mudar.⁵³⁵

Deduz-se dessa última frase, que Rocha Lima preparava as condições para retornar ao Brasil assim que fosse possível. Ele havia conquistado posição extraordinária para um

⁵³⁵ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 29.07.1923. Anc 1910.07.28 Arquivo Artur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

estrangeiro na Alemanha, mas mesmo assim parecia estar inclinado a “tomar pé” no Brasil. O porquê disso, é ele próprio quem nos esclarece na continuação da carta acima citada:

A melhor prova de que não é uma ambição pessoal mas sim uma forte influência do meio, é que o mesmo eu que lá é obrigado a procurar fortuna ou ao menos recursos que compensem o desinteresse pela sua capacidade científica, aqui vive parcamente, sofrendo as conseqüências de uma situação política e econômica desesperadora, ganhando menos do que uma cozinheira lá, viajando em terceira classe, vendo os automóveis sempre por fora, restringindo as despesas, sofrendo o defluxo do feno e sem esperanças de qualquer melhora só porque tem no trabalho científico o máximo conforto físico e moral e vê a todo instante transformados em prestígio e apreço os esforços mesmo pequenos, que faz no terreno da ciência. Como eu vivem todos nas rodas que freqüento, no ambiente em que vivo. Lá é justamente o contrário. Noventa e nove por cento pensa que o prazer do trabalho científico começa e termina com a vaidade de ser chamado de sábio. A maior parte ainda por cima vê nisso uma falha intelectual que incapacita de reconhecer a única ambição real e normal: o ouro.⁵³⁶

Nota-se aqui que Rocha Lima amargava os efeitos da crise financeira que desde o fim da Guerra se abatia sobre a Alemanha, dando curso à escalada dos índices de inflação. Eles atingiram níveis astronômicos, resultando em situações críticas. A economia alemã caiu num círculo vicioso, no qual a queda do marco levava ao aumento dos preços, que determinava a redefinição dos salários, por sua vez responsável pela impressão de mais papel-moeda, acentuando a inflação. A contínua desvalorização do marco em decorrência da alta inflacionária, acirrou a carestia de vida, combinada à escassez de gêneros no mercado e ao aumento do desemprego. No último trimestre de 1923, este acometeu um quarto da população economicamente ativa (Richard, 1988, p. 10). Rocha Lima atribuiu o desequilíbrio econômico alemão e a “desvalorização catastrófica da moeda” às exigências crescentes dos países vencedores da Guerra, os quais pareciam não querer aliviar a Alemanha do pagamento das reparações. Isso tinha efeitos diretos na sociedade:

Os inimigos já conseguiram o completo desequilíbrio econômico e uma desvalorização catastrófica da moeda, com enorme abalo e desorganização da vida de cada cidadão. A rapidez da queda do Marco faz com que falte dinheiro em moeda, mesmo esse papel que fabricam noite e dia, e falem gêneros retidos pelos produtores à espera de melhores preços, os quais duplicam-se as vezes em 24 horas.

As atividades intelectuais e culturais foram seriamente atingidas pela crise econômica. A aquisição de livros ou revistas no exterior ficou bastante onerosa, assim como a exportação

⁵³⁶ *Idem*

de livros alemães. As bibliotecas científicas tiveram seu abastecimento praticamente anulado, ao passo que a atividade científica *strictu sensu* não gozou de melhor sorte. O depoimento à imprensa brasileira do catedrático de fisiologia da Universidade de Berlim, Jorge Federico Nicolai, em junho de 1922, testemunha os efeitos da crise sobre a atividade científica. Seu navio aportou no Rio de Janeiro, em junho de 1922, a caminho de Córdoba, na Argentina, onde daria cursos especiais na universidade. Segundo ele, os estudos prosseguiram e “com proveito”. A “ambição de ser chamado de sábio” ainda se sobrepunha às dificuldades. No entanto, de acordo com o professor, os trabalhos eram dificultados pela falta de dinheiro, a qual acarretava impedimentos, como a obtenção de literatura científica.⁵³⁷ Com isso, muitos haviam decidido emigrar, decisão que também parecia estar no horizonte de Rocha Lima desde que ele veio ao Brasil em 1920. O Instituto Brasileiro de Microbiologia foi uma tentativa de reverter a crítica situação econômica e de criar condições para retornar ao “torrão natal”.

4.7. A ciência alemã no Brasil do Centenário: Rocha Lima, Fritz Munk e a *Kulturpolitik* (1922).

Segundo Rocha Lima, a “opressão estrangeira, sofrimento, a pobreza e a miséria” que assolaram a Alemanha após a Guerra adiaram os planos da viagem para o Brasil, indicando que desde os tempos do conflito ele e Munk planejavam visitar o país. Em discurso, Munk confirma esse adiamento:

*Eu vi nascer, já lá se vão cerca de seis anos, o plano de nossa vinda ao Brasil, assim que as circunstâncias o permitissem. Esse plano eu o acompanhei e afaguei com todo o calor da minha crescente simpatia por vós e do amor que dedico à minha terra, que eu quisera ver amada por vós como eu amo a vossa, com a simpatia de um amigo sincero, sem paixão nem preconceitos, sem entusiasmos superficiais, nem críticas preconcebidas, mas conhecendo-lhe bem o que tem de muito e de menos bom e belo, de abundância e de falta, de grandioso e de pequeno, de perfeição exemplar e da imperfeição a melhorar (...)*⁵³⁸

Munk vinha para fazer conferências em sua especialidade a convite das faculdades de medicina do Rio de Janeiro e São Paulo, que arcaram com os custos da viagem. O convite

⁵³⁷ “A Nova Alemanha”, *O Estado de São Paulo*, 09/06/1922.

⁵³⁸ “Academia Nacional de Medicina – Conferência do Professor Munk”. *Jornal do Commercio*, 21/07/1922.

fora obtido por articulação de Rocha Lima junto às direções daquelas instituições de ensino. Em relato à imprensa, declarou que vinha ao Brasil pelo puro interesse de conhecer o país do qual tanto ouvia falar, não só por Rocha Lima, como por Octavio de Carvalho, que se especializara em medicina em Berlim, e Antonico Mendes Campos, industrial com quem ele e Rocha Lima mantiveram negócios. Afirmou vir movido pelo desejo de observar, “desde a intelectualidade deste país até a simplicidade da figura de Jeca-Tatu; desde os salões da mais refinada cultura, até a choupana do sertanejo.”⁵³⁹ Nota-se que conhecia bem o país ao qual visitava. Falava português, que havia aprendido com o próprio Rocha Lima, e manteve contato não apenas com este, de quem tornou-se o amigo mais próximo, como também com o já mencionado Octavio de Carvalho, Arthur Moses, Henrique Aragão e Miguel Couto. Devido à proximidade com Rocha Lima e o fato de falar português, Munk tornou-se ponto de referência para os brasileiros que se dirigiam até Berlim para aperfeiçoar seus estudos em medicina ou em busca de tratamento, e um dos principais apoiadores do pesquisador do *Tropeninstitut* nas iniciativas da *Kulturpropaganda* endereçadas ao Brasil.

Munk era professor da Universidade de Berlim e desde 1920, diretor do Hospital Paul Gehardt. Fora um dos “discípulos e colaboradores” do célebre Friedrich Kraus, e realizara importantes contribuições científicas, conforme salientou notícia na imprensa brasileira por ocasião de sua chegada.⁵⁴⁰ Indagado sobre o reconhecimento e interesse despertados pela medicina brasileira na Alemanha, Munk assinalou o papel exercido pelos médicos do início do século, mas destacou que Rocha Lima era o responsável pela grande projeção por ela alcançada:

Confesso que provavelmente devido às dificuldades da língua, a medicina brasileira era, não há muito, completamente desconhecida em meu país. Com a ação, porém, relativamente recente, de Francisco de Castro, Miguel Couto, Juliano Moreira, Oswaldo Cruz e seus discípulos, a atenção foi sendo atraída para os importantes trabalhos brasileiros. O que, porém, mais tem concorrido para essa situação de

⁵³⁹ “O sábio professor – Munk em palestra de sciencia e patriotismo.” Recorte de jornais. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁴⁰ A reportagem destaca os trabalhos sobre “degeneração lipóide, descoberta das substâncias bi-refrigerantes na urina, tratado de diagnóstico radiológico das moléstias internas, estudos sobre tuberculose, notáveis trabalhos sobre moléstias dos rins, etc.” “A Sciencia que nos Visita – o professor Fritz Munk chegará ao Rio depois de amanhã – É companheiro de viagem do professor Rocha Lima”. Recorte de Jornal s.d. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

*simpatia e curiosidade científica é a alta posição e o grande prestígio conquistados por um brasileiro em nossa terra. Os seus trabalhos durante a guerra, interessaram extraordinariamente o mundo médico e ora em umas, ora em outras cidades, era ele convidado a expor o resultado de suas descobertas. Nestas ocasiões provocaram o nome a toda a individualidade de Rocha Lima a pergunta de que país era este tão alto expoente científico, ao que respondi, sempre, invocando a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o Instituto Oswaldo Cruz.*⁵⁴¹

A vinda de Rocha Lima e Munk ao Brasil em 1922 coincidiu com momento de disputas intensas entre as diplomacias culturais francesa e alemã. O ponto alto desse embate fora a participação nos eventos em comemoração do centenário da Independência brasileira. Pretendia-se reunir muitos representantes internacionais nas festividades em que se procurou “patentear o grau de adiantamento a que o país tinha atingido em todos os ramos de atividade.” (*apud* Garcia, 2006, p. 109). Os eventos atuavam como um certificado de maioria da nação centenária, que poderia agora colocar-se ao lado das potências de primeira grandeza no cenário internacional. Foi uma manifestação do otimismo das elites na possibilidade concreta de o Brasil tomar parte no concerto das nações civilizadas. Os países foram convidados a instalar pavilhões onde exporiam os produtos de seu comércio e indústria, consistindo na grande exposição que teria lugar no Rio de Janeiro. França, Inglaterra e Estados Unidos já haviam confirmado sua participação nas festividades. A Alemanha não participou da Exposição devido às dificuldades econômicas em que se encontrava. Pressionada para o pagamento das reparações de guerra e com a economia arruinada, não teria como arcar com os custos da instalação de um pavilhão.

A ausência alemã gerou algumas intrigas. Alguns atribuíram-na à pressão de terceiros (certamente referiam-se ao governo francês), outros à Comissão Executiva encarregada de organizar as festividades, a qual teria recusado a construção de um pavilhão pelos alemães. A Comissão veio a público elucidar a questão: na realidade tratava-se de um pavilhão privado, a ser instalado por alguns industriais alemães. Como tal, não poderia ser montado na chamada Avenida das Nações, conforme pretendiam, pois lá só ficariam pavilhões oficiais.⁵⁴² Descontentes, eles desistiram da idéia. Chegaram a aventar a hipótese de realizar uma

⁵⁴¹ *Idem*

⁵⁴² “Diversas Notícias”, *Jornal do Commercio*, 25/04/1922.

“exposição flutuante” a bordo do navio Campos, mas foram desencorajados devido às despesas que a empreitada demandaria.⁵⁴³ Apesar da ausência na Exposição, a Alemanha se faria representar nas festividades por uma comissão diplomática.⁵⁴⁴ Enquanto a Alemanha se ausentava, a França aproveitou a ocasião das comemorações para reforçar os laços de amizade com o Brasil. A França, por sua vez, despendeu mais de cinco milhões de francos com a representação do país na Exposição, em grande parte gastos com a construção de um pavilhão que imitava o *Petit Trianon* e que hoje é a sede da Academia Brasileira de Letras (Sá & Vianna, 2010).

Em contraponto às investidas da propaganda cultural francesa, veio novamente ao Brasil, em 1922, Fedor Krause, a convite da Faculdade de Medicina do Rio. Destacou que suas conferências seriam realizadas, em sua maioria, em português, “não obstante eu conhecer muito mal esse idioma”, acrescentou.⁵⁴⁵ A visita de Krause procuraria de certo modo sanar a ausência alemã da Exposição do centenário. Ele trazia consigo uma moção comum, assinada por representantes de todas as escolas superiores alemãs, reunidas na “*Verband der Deutschen Hochschulen*” (Associação das Escolas Superiores Alemãs). A nota, redigida pela Universidade de Hamburgo e pelo Instituto Ibero-Americano, felicitava a Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920, e demais escolas superiores brasileiras pelas comemorações do centenário. Krause trazia cópias que seriam distribuídas a todos os estabelecimentos brasileiros de ensino.⁵⁴⁶

Em sessão solene na Faculdade de Medicina, da qual participaram o ministro da Justiça e Negócios Interiores e o ministro plenipotenciário da Alemanha no Brasil, Georg Plehn, Krause apresentou mensagens das universidades e faculdades de medicina da Alemanha – Berlim, Halle, Tübingen, Lipsia, Heidelberg, Jena, Bonn, Marburg e Rostock -, além daquela enviada pela “*Berliner Medizinischen Gesellschaft*” (Sociedade de Medicina de

⁵⁴³ “Telegramas do Exterior – Alemanha”, *Jornal do Commercio*, 08/04/1922.

⁵⁴⁴ Relatório do Ministério das Relações Exteriores – 1922, p. 8. Arquivo Histórico do Itamaraty.

⁵⁴⁵ *Idem*

⁵⁴⁶ “Recepção do professor Krause – Mensagens das Universidades Alemãs”, *Jornal do Commercio*, 20/05/1922.

Berlim).⁵⁴⁷ Além das mensagens das universidades alemãs, ele trouxe um “valioso donativo” à escola de medicina do Rio: uma coleção dos principais preparados farmacêuticos doados pelas indústrias aos hospitais. As principais indústrias químicas alemãs se fizeram representar através da doação de seus medicamentos.⁵⁴⁸

Em discurso no anfiteatro da Faculdade de Medicina, Krause salientou a atração que há muito tempo o Brasil exercia sobre os alemães e que se mantinha “no peito de cada alemão culto”. As relações entre os dois países, segundo ele, seriam em breve facilitadas pela navegação aérea com o dirigível. Mas seria a ciência a responsável por construir “a mais admirável ponte sobre todos esses mares”, por pacificar todos os ânimos, e reconstruir “o edifício da bondade”.⁵⁴⁹ Ele caracterizou a amável acolhida como a prova de que o Brasil havia superado as “psicoses da guerra”, estando pronto para integrar o circuito da medicina internacionalizada.⁵⁵⁰ A palestra foi assistida pelo ministro plenipotenciário da Alemanha no Rio de Janeiro, Georg Plehn, e pelo secretário da legação alemã, Selheim.⁵⁵¹

O percurso de Krause nesta segunda viagem ao Rio de Janeiro incluiu o roteiro tradicionalmente seguido pelos médicos estrangeiros que aportavam na cidade. Além da Faculdade de Medicina, ele fez conferência na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, intitulada “A cirurgia dos Nervos e dos Vasos em face da Guerra”.⁵⁵² Ele trouxe ainda carta de Claus Schilling, do Instituto de Moléstias Infecciosas Robert Koch, de Berlim, dirigida a Carlos Chagas. Nela Schilling instou Chagas a enviar estudantes brasileiros para a

⁵⁴⁷ *Idem* e “Recepção do professor Krause – Mensagens das Universidades Alemãs”, *Jornal do Commercio*, 26/05/1922. Krause ofereceu ainda à Faculdade de Medicina um novo trabalho sobre operação de cisticercose, o qual ofereceu para publicação nos anais da instituição (Krause, 1922).

⁵⁴⁸ Foram elas: *Aktien Gesellschaft für Anilin Fabrikation*; *G. F. Boehringer Sohne*; *Leopold Cassella & C.*; *Chemische Fabrike auf Aktien*, *Chemische Fabrik von Heyden*; *Farbwerke vorm Fried*; *Bayer & C.*; *Kalle & C.*; *Knell & C.*; *E. Merck, I. D. Riedel*; *Vereinigte Chinin Fabrik* e *Zimmer Fabrick*. “Centenário da Independência – Um valioso donativo à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro”, *Jornal do Commercio*, 31/05/1922.

⁵⁴⁹ “Recepção do professor Krause – Mensagens das Universidades Alemãs”, *Jornal do Commercio*, 20/05/1922.

⁵⁵⁰ Na Faculdade Krause apresentou ainda conferência sobre os fundamentos fisiológicos da epilepsia jacksoniana. A preleção foi acompanhada da exibição de um filme, que retratou a operação de um doente feita por Krause em Berlim e onde se podia “ver na tela, com muita nitidez, o desenvolvimento de todos os atos cirúrgicos.” “Professor Fedor Krause”, *Jornal do Commercio*, 28/05/1922

⁵⁵¹ *Idem*

⁵⁵² “Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro – Conferência do Professor Krause”, *Jornal do Commercio*, 16/06/1922 e “Professor Fedor Krause”, *Jornal do Commercio*, 28/05/1922.

Alemanha, interessados em “aproveitar as oportunidades de formação” lá oferecidas. Ele próprio dispôs-se a receber e encaminhar os alunos “com conselhos e recomendações”. Como um meio de travar boas relações com Chagas, Schilling mencionou a admiração dos alemães pela sua descoberta e afirmou a necessidade de retomar o intercâmbio estabelecido pelo cientista brasileiro com o protozoologista Max Hartmann. A guerra podia ter comprometido o desejo de dar continuidade às relações científicas entre os dois países, “mas não podia calá-lo”. Ele solicitou o apoio de Chagas à visita de Fedor Krause ao Brasil, na tentativa de retomar aquelas relações (Sá, no prelo). Do Rio de Janeiro, Krause seguiu para Salvador, a convite da Faculdade de Medicina de lá. Foi recepcionado no desembarque por missão oficial, recebido pelo governador da Bahia no palácio Rio Branco e pelos círculos médicos e intelectuais.⁵⁵³

A permanência de Krause no Brasil provocou a reação inflamada de alguns setores identificados com a cultura francesa. Segundo notícia publicada no jornal *Dom Quixote*, o hóspede despertou o “patriotismo aliado de meia dúzia de médicos francelhos”, reação de tal dimensão, que demandou até mesmo manifestações de desagravo ao pesquisador alemão. O jornal ironizou a idéia de que o Brasil tivesse efetivamente estado em guerra contra a Alemanha, e troçou daqueles que, baseados nesta crença, hostilizaram Krause, até porque, não haviam sido os homens de ciência que teriam feito a guerra, mas os políticos, industriais e militares. Mas, conforme a notícia, o bom senso havia imperado: o neurocirurgião voltaria para a Alemanha com a sensação de que conhecera gente equilibrada. Os francófilos, acovardados, não teriam comprometido a recepção do médico estrangeiro. Numa crítica cortante, *Dom Quixote* ridicularizou os “germanófobos”, que, tributários de uma cultura superficial, eram obrigados, “ao menos por esnobismo”, a aplaudir no Teatro Municipal as óperas de Wagner, “tão bom alemão quanto Krause”.⁵⁵⁴

Junto com Krause, havia desembarcado do imponente navio alemão *Cap Polonio*, considerado o mais moderno pacote que navegava à época pelo Atlântico Sul,⁵⁵⁵ o

⁵⁵³ “Notas e Informações”, *Brasil-Médico*, Ano XXXVI, v. 11, 1922, p. 12.

⁵⁵⁴ “Dom Quixote”, s/d. Recortes de jornais. Fundo Rocha Lima. CMIBSP.

⁵⁵⁵ Durante a Guerra ele havia sido confiscado pelos Aliados e por imposição do Tratado de Versalhes foi entregue à Inglaterra e utilizado para o transporte de tropas para a Índia. Depois de delicadas negociações, o navio foi novamente incorporado à frota alemã, reformado e utilizado na navegação para a América do Sul. Com cerca de 200 metros de comprimento e luxuosa e confortável decoração interior, o *Cap Polônio* figurou em sua

neurologista de Hamburgo Max Nonne. Ele dirigia-se à Argentina, a convite do governo para realizar uma série de palestras na Faculdade de Medicina de Buenos Aires sobre o diagnóstico e tratamento de afecções sifilíticas no sistema nervoso.⁵⁵⁶ Depois de percorrer, além da Argentina, Santiago do Chile, Valparaíso e Montevidéu, no Uruguai, Nonne rumou para São Paulo a qual qualificou como “a Chicago da América do Sul” (Nonne, 1922, p. 99). Visitou os hospitais paulistas, o Instituto Butantan e outras instituições médicas e científicas, assessorado por Rudolph Kraus, Adolpho Lindenberg, o neurologista Vampré e Walter Seng, cirurgião austríaco (Nonne, 1922, p. 99). Na chegada ao Rio de Janeiro, Nonne foi recepcionado por Juliano Moreira, Henrique Roxo, Antônio Austregésilo, Ulisses Vianna, Faustino Esposel e Arthur Moses. Com exceção do último, todos os demais estavam ligados à neurologia e psiquiatria, ramo no qual se acantonavam, como vimos, muitos dos “germanófilos”. O neurologista alemão participou do Segundo Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.⁵⁵⁷ Juliano Moreira apresentou Nonne como um “daqueles homens que alargaram os alicerces, reforçaram as paredes e conseguiram soerguer o majestoso edifício da neurologia moderna.”⁵⁵⁸ Ele gozava de grande reputação como neurologista.⁵⁵⁹

Além de participar do congresso, Nonne foi recepcionado na Faculdade de Medicina, onde fez conferência sobre a sífilis cefalorraquidiana, na Academia Nacional de Medicina e na Sociedade de Medicina e Cirurgia. Nesta última, abordou “As nevroses da guerra”. Ele visitou a Colônia de Alienados e o Instituto Oswaldo Cruz, por ele classificado como “a jóia

imponência como símbolo da capacidade técnica e estética dos alemães na construção naval. Causou grande impacto ao atracar no porto do Rio de Janeiro

⁵⁵⁶ “Notas & Informações”, *Brasil-Médico*, n. 52, 1922.

⁵⁵⁷ “Conferência do professor Nonne no Segundo Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.” *Jornal do Commercio*, 22/08/1922.

⁵⁵⁸ Professor Max Nonne. A sua recepção na Faculdade de Medicina. *Jornal do Commercio*, 20/08/1922.

⁵⁵⁹ Seu nome estava estreitamente associado ao de Wilhelm Heinrich Erb, de quem fora assistente de clínica médica em Heidelberg. Ao lado de Oppenheimer, da Universidade de Berlim, Erb é identificado como o representante da vertente alemã na moderna neurologia, representada em sua vertente francesa por Charcot e na inglesa por Jackson e Gowers (Gusmão, 1998). Erb notabilizou-se na neurologia pela descrição detalhada do quadro clínico e da evolução da miastenia grave, e por classificá-la dentro de um grupo de doenças as quais denominou distrofias musculares progressivas. Desde 1889 Nonne atuava em Hamburgo, inicialmente como neurologista do departamento de medicina interna do Hospital da Cruz Vermelha; a partir de 1896 como diretor do departamento de neurologia do Hospital Eppendorf e desde que fora criada a Universidade de Hamburgo, em 1919, como professor na Faculdade de Medicina, ou seja, era colega de Rocha Lima.

do Rio de Janeiro e que “leva o nome daquele eminente homem que realizou o saneamento do Rio, Santos, Bahia e Pernambuco com grandiosa energia.”⁵⁶⁰

A diplomacia alemã acompanhou de perto o percurso de Nonne pela América do Sul. No Rio de Janeiro, o ministro plenipotenciário da Alemanha, Georg Plehn, participou de sua recepção na Faculdade de Medicina, o que sugere o grau de articulação entre os círculos diplomáticos e científicos na execução da *Kulturpolitik*. Os diplomatas alemães também acompanharam de perto as investidas dos franceses. Naquele ano de 1922, seria criado, como vimos, o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura. Em reação, o geógrafo Everardo Backheuser,⁵⁶¹ articulou a criação da Sociedade dos Amigos da Cultura Germânica, iniciativa que foi saudada com grande entusiasmo em Berlim.⁵⁶² Enquanto Krause, Nonne, Munk e Rocha Lima contribuíram para a *Kulturpolitik*, visitaram o Brasil, no mesmo ano, os franceses Pierre Abrami e J. L. Faure, que visitaram as tradicionais agremiações médicas do Rio de Janeiro, onde pronunciaram conferências em suas respectivas especialidades. No mês seguinte, estiveram presentes, junto com Georges Dumas, os médicos Léon Bernard, Emile Marchoux, Paul Janet, Joseph Babinski, Vaquez e Germain Martin.⁵⁶³ Em setembro do mesmo ano foi a vez de receber Pierre Duval, especialista em doenças do trato gastrointestinal e funcionário do Hospital Franco-Brasileiro, estabelecido em Paris.⁵⁶⁴

Procurando reverter sua estadia no Brasil e a presença de Munk em favor da propaganda cultural alemã, Rocha Lima dedicou-se a neutralizar os efeitos desse aparato propagandístico em prol da “causa francesa” e firmar os laços da comunidade médica de seu país com a sua “pátria adotiva”. Novamente, esforçou-se para contrabalançar a propaganda germanófila por meio de entrevistas à imprensa. Chamou atenção para uma maior abertura dos alemães ao Ocidente, mas que via dificultada pelo revanchismo dos Aliados e pelas

⁵⁶⁰ Nonne, M. Impresiones de mi viaje a la América del Sur. In *Revista Médica de Hamburgo*, Ano VI, n. 3, pp. 97-100, 1923.

⁵⁶¹ Everardo Backheuser (1879-1951) foi professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Iniciou seus estudos em mineralogia e geologia, depois se destacando como divulgador da geopolítica, principalmente da alemã, cujo maior representante foi Ratzel. Projetou-se também nos debates sobre educação no Brasil e como publicista. Foi um dos entusiastas da aproximação cultural Brasil-Alemanha. Sobre a trajetória de Backheuser ver Santos, 1989 e Anselmo, 2006.

⁵⁶² Sobre a recepção da criação da Sociedade pelos diplomatas em Berlim ver ata PAAA 65373.

⁵⁶³ “Notas e Informações”, *Brasil-Médico*, Ano XXXVI, n.

⁵⁶⁴ “Associações Científicas”, *Brasil-Médico*, Ano XXXVI, n.,

pretensões de hegemonia intelectual e política por parte da França. Para ele isso aumentava entre os alemães a indisposição contra os franceses, tornando-a mais exacerbada do que durante a Guerra.⁵⁶⁵ Mais uma vez, reiterou à imprensa brasileira a persistência do monarquismo na República de Weimar, muito embora, para ele, este não estivesse preso à figura do ex-imperador Guilherme II ou à dinastia dos Hohenzollern. A desvalorização da moeda e a incerteza da situação política – prosseguiu – faziam com que a miséria “batesse à porta dos ricos e remediados”. Enquanto parte da população conseguia se adaptar à situação, a outra sofria terrivelmente, num estado de desespero que acarretou crescente número de suicídios, declarou.⁵⁶⁶ Mas longe de reafirmar o descalabro da Alemanha – insistentemente apontado pela propaganda adversária -, Rocha Lima destacou o trabalho incessante ali observado, mais intenso que antes da Guerra, cujo propósito seria “reconquistar a liberdade e posição perdidas”. A mentalidade e administração política alemãs permaneciam as mesmas, aspecto reiterado por Munk, para quem bastaria a resolução da instabilidade monetária para que a Alemanha se reerguesse, retomando sua trajetória de desenvolvimento.⁵⁶⁷

As características que atribuía ao próprio caráter germânico, tal como uma segunda natureza – “capacidade de organização, o sacrifício de pequenas vantagens e vaidades pessoais ao cumprimento do dever” – eram vistas por Rocha Lima como as molas propulsoras capazes de garantir aos alemães superar todos os obstáculos, “criados para serem vencidos”.⁵⁶⁸ Tanto ele quanto Munk fizeram questão de afirmar aos jornais brasileiros o vigor com que se prosseguia o trabalho científico, dificultado, mas de forma alguma paralisado pelas dificuldades econômicas e caos político, ou pela “*boycottage*” imposta pelos cientistas aliados. Prova cabal disso havia sido a calorosa acolhida de Einstein em Paris, fato que teve bastante repercussão na imprensa brasileira. Segundo Rocha Lima:

⁵⁶⁵ “Na esfera intangível da ciência – Uma longa palestra noticiosa e crítica do professor Rocha Lima.” Recorte de jornais. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁶⁶ “Na esfera intangível da ciência – Uma longa palestra noticiosa e crítica do professor Rocha Lima.” Recorte de jornais. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. São dessa época as eloquentes e porque não dizer absurdas imagens do estado de penúria no qual se encontrava a sociedade alemã, como no caso das fabulosas quantias de papel-moeda recebidas como pagamento, e transportadas em baldes ou carroças, mas que ao fim davam para comprar comida suficiente para apenas dois ou três dias (Richards, 1988, p. 96).

⁵⁶⁷ “O sábio professor – Munk em palestra de ciência e patriotismo.” Recorte de jornais. Fundo Rocha Lima. CMIBSP.

⁵⁶⁸ “Na esfera intangível da ciência – Uma longa palestra noticiosa e crítica do professor Rocha Lima.” Recorte de jornais. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

*Os institutos científicos que se vêem em dificuldade séria de continuar seus trabalhos por falta de meios, são auxiliados pelo patriotismo do comércio e da indústria. Nos hospitais nada falta (...) O segredo desta confiança e do renascimento da Alemanha, apesar dos esforços empregados para aniquilá-los depois da guerra, é o mesmo da força prodigiosa demonstrada em todos os tempos*⁵⁶⁹

Munk foi recebido na Academia Nacional de Medicina, onde fez conferência sobre arteriosclerose e “hipertonia genuína”. Rocha Lima o apresentou aos membros da agremiação. No discurso, Munk deu ênfase à alta estima com que o amigo era tido na Alemanha e à sua disposição para atuar em favor do das relações científicas teuto-brasileiras.⁵⁷⁰ Em 26 de junho de 1922, ele foi recepcionado na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, onde abordou em palestra, “Estudo comparado da radiologia e anatomia patológica da tuberculose pulmonar, como base do diagnóstico, prognóstico e tratamento dessa moléstia”.⁵⁷¹ Na Faculdade de Medicina, fez conferência sobre nefroses e nefrites.⁵⁷²

Do Rio de Janeiro, Munk e Rocha Lima seguiram para São Paulo. Juntos, pronunciaram conferência, em 24 de agosto de 1922, no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, que reunia os alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo. Eles aproveitaram a ocasião para divulgar o sistema alemão de ensino e atrair estudantes. Enquanto Munk apresentou o *modus operandi* da segunda cadeira de clínica médica da Universidade de Berlim, Rocha Lima abordou o sistema de pesquisa e ensino do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo. Ambos ressaltaram a excelência do sistema alemão de ensino médico, como fica evidente no discurso de Rocha Lima:

Se nós falamos sobre instituições científicas alemãs é porque são as que melhor conhecemos e por sermos de opinião que a Alemanha foi e continua a ser, uma das

⁵⁶⁹ “Na esfera intangível da sciencia – Uma longa palestra noticiosa e crítica do professor Rocha Lima.” Recorte de jornais. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁷⁰ “Academia de Medicina”, *Jornal do Commercio*, 21/07/1922; “Academia Nacional de Medicina – Conferência do Professor Munk e Saudação de Rocha Lima”, *Jornal do Commercio*, 27/07/1922.

⁵⁷¹ “O professor Munk no Rio”, *Correio da Manhã*, 04/05/1922. Munk apresentou projeções de radiografias tiradas de seus pacientes do Hospital Paul Gerhardt e do Charité, com a finalidade de demonstrar que era possível definir, a partir do exame radiológico, o caráter da lesão pulmonar, capaz de fundamentar os métodos de profilaxia e tratamento da tuberculose. Em “Notas e Informações”, *Brasil-Médico*, Ano XXXVI, n. 26, 01 de julho de 1922, p. 11. A conferência completa de Munk na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro foi publicada integralmente no número 28 do *Brasil-Médico*, de 15/07/1922, às páginas 33-35.

⁵⁷² “Notas e Informações”, *Brasil-Médico*, Ano XXXVI, n. 29, 22 de julho de 1922, p. 54.

*melhores fontes de ensinamento em matéria de medicina. Acreditamos que ao menos algumas questões de organização do estudo e ensino da medicina sejam dignas de serem conhecidas e talvez imitadas entre nós.*⁵⁷³

Ao mesmo tempo em que ponderou que não desconsiderava a excelência de outras escolas, Rocha Lima afirmou que o alto desenvolvimento científico do Japão e Estados Unidos devia-se ao estreito contato estabelecido com a Alemanha. Se os norte-americanos, que segundo ele, “não são muito mais belos que nós“, alcançaram pleno desenvolvimento das ciências, “nós também haveremos de conseguir, subjugando todas as tendências a confundir patriotismo com nativismo cego, prejudicial à nossa terra.”⁵⁷⁴ Ele atacou o que qualificou como “vassalagem intelectual” do Brasil em relação a “um país qualquer”, condição que em sua opinião fazia com que os intelectuais brasileiros lhe tomassem as dores e hostilizassem seus rivais. Não é preciso muito esforço para perceber que referia-se à França e à política de propaganda anti-germânica. O alvo de Rocha Lima era a devoção praticamente irrestrita que grande parte da intelectualidade brasileira mantinha em relação à cultura francesa. Ele defendeu que o estabelecimento do intercâmbio intelectual deveria ser imune às paixões políticas. Apresentou como paradigma de conduta aos estudantes de medicina de São Paulo, o ecletismo privilegiado por Oswaldo Cruz, muito embora considerasse natural que cada um tivesse maior inclinação pela escola na qual havia formado sua “individualidade científica”. Apesar da formação do sanitarista no Instituto Pasteur de Paris, “onde trabalhou por vários anos e pela qual sempre guardou a mais alta admiração, não vacilou em chamar ao seu Instituto quase que exclusivamente cientistas alemães como Prowazek, Giemsa, Hartmann e Duerck.” Com isso, exortava a futura geração da medicina brasileira a superar os rancores trazidos pela Guerra e a mitigar a hegemonia cultural francesa, dando lugar às relações científicas com o mundo germânico. Se o “Oswaldo Cruz” mitificado por seus “discípulos” era aquele que teria inaugurado a medicina experimental no Brasil, e sido um sanitarista e homem público exemplares (Britto, 1995), o de Rocha Lima era mobilizado para enfatizar sua agenda em favor das relações científicas teuto-brasileiras. Nosso personagem identificava no sistema alemão de ensino e pesquisa, no qual ele próprio havia conformado sua “individualidade científica”, o melhor modelo para a arrancada da ciência brasileira rumo ao progresso. O “espírito de investigação” seria o que a Alemanha teria de melhor a oferecer para o aprimoramento da nossa medicina:

⁵⁷³ “Munk e Rocha Lima no Centro Acadêmico Oswaldo Cruz”. *Jornal do Commercio*, 24/08/1922.

⁵⁷⁴ *Idem*

*O espírito que educa e ensina a criticar conscienciosamente as próprias opiniões, a verificar por todos os processos as observações, diagnósticos e conclusões tiradas do estudo dos casos, que lá se adquire a experiência e a capacidade de praticar e ensinar a medicina como uma ciência. É esse o pedestal da fama alemã.*⁵⁷⁵

O “espírito de investigação” orientaria, segundo Rocha Lima, não apenas a postura individual do investigador, mas todo o sistema de ensino das universidades alemãs, bem como a política de incentivo à pesquisa pelo Estado. O “apoio moral e material” aos professores foi reforçado por Munk como fator de êxito do ensino médico alemão, ao lado da autonomia conferida aos catedráticos, investidos de autoridade para gerir seus institutos, desde a definição do programa de pesquisas à nomeação de pessoal.⁵⁷⁶

Munk e Rocha Lima percorreram, além da Faculdade de Medicina, outros centros de ensino e pesquisa médicos: estiveram no Instituto Butantan, no Instituto de Higiene, no Bacteriológico e na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Eles embarcaram de volta à Alemanha em agosto de 1922. Mais uma vez, o pesquisador do *Tropeninstitut* levou consigo material para realização de estudos, como amostras de barbeiros, culturas vivas de fungos, bactérias e protozoários, além de cobras e mosquitos.⁵⁷⁷ No já mencionado relatório das viagens de 1920-22 Rocha Lima menciona que um dos dividendos da segunda viagem teria sido a transformação das “relações amistosas” travadas em 1920, em “relações de amizade“. Ele também alude a duas ocasiões nas quais interveio em favor da Alemanha junto às autoridades brasileiras; numa delas, por solicitação do ministro alemão, Georg Plehn, pelo pedido de visto que havia sido negado ao vapor São Martin; na outra, sobre a entrega de uma homenagem universitária, sobre a qual infelizmente não dá informações mais detalhadas.

4.8. Rocha Lima e os estudos em dermatologia

No relatório das viagens feitas ao Brasil em 1920 e 1922, Rocha Lima afirma que havia realizado a segunda em meio a uma licença de dois anos para especializar-se em dermatologia no Hospital St. Georg. Nesse período, prosseguiu as atividades no

⁵⁷⁵ *Idem*

⁵⁷⁶ *Idem*

⁵⁷⁷ Bericht ueber die Reisen von Prof. Rocha Lima nach Brasilien 1920, 1922 (Relatório das viagens do professor Rocha Lima ao Brasil, 1920 e 1922). Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Tropeninstitut durante as noites. Na realidade, no ofício endereçado a Nocht, ele justificou a licença como sendo motivada por incumbências relacionadas ao Instituto Brasileiro de Microbiologia. De qualquer forma, realizou a referida especialização no período de 1921 a 1923. As fontes consultadas não permitiram esclarecer as razões que motivaram nosso personagem a tomar essa decisão. Não é improvável que tenha sido impelida pela tentativa de driblar as duras consequências da crise econômica e financeira que se abatia sobre a Alemanha. Até 1924, ela tornar-se-ia cada vez mais aguda. Em meio a esse clima, não é improvável que tenha optado em especializar-se em dermatologia devido ao fato desta abrir uma nova possibilidade de integrar a pesquisa com a clínica. O próprio Mühlens e Nocht abririam consultórios particulares, uma prática que Chagas adotara no Rio, sofrendo por conta disso pesadas críticas.

O responsável pelo departamento de dermatologia e doenças venéreas do Hospital St. Georg era Edward Christian Arning, um dos responsáveis, ao lado de Paul Gerson Unna, por criar em Hamburgo forte tradição de estudos desse campo médico.⁵⁷⁸ Foi ele quem acompanhou os estudos de Rocha Lima na nova área. Eles giraram em torno das chamadas dermatoses tropicais, doenças cutâneas consideradas “exóticas” e prevalentes em sua maioria nas regiões de climas quentes e úmidos. A rica coleção de material biológico que levou do Brasil incluía muitos preparados de cortes histológicos e esfregaços daquele tipo de doença: amostras de casos de coccidiose, cromoblastomicose, framboesia, micetoma (também chamado pé de madura) e leishmaniose tropical e cutânea. Em São Paulo, estudara com o destacado dermatologista Adolfo Lindenberg, um caso de dermatite verrucosa.

Vimos na incursão sobre a produção científica de Rocha Lima antes da Primeira Guerra, que ele não era nenhum neófito no campo da dermatologia, nem das blastomicoses.

⁵⁷⁸ Nasceu em Manchester em 9 de junho de 1855, filho de um tradicional comerciante de Hamburgo que emigrara para a Inglaterra por razões econômicas. Edward Arning naturalizou-se cidadão hamburguês em 1904. Estudou medicina em Heidelberg, doutorando-se em 1880. Em Berlim completou seus estudos em ginecologia e dermatologia, e familiarizou-se com os métodos da bacteriologia. Em 1883 foi para Honolulu para estudar lepra, onde permaneceu até 1886. Nesse período realizou ampla investigação sobre a doença, inclusive procedendo a experimentos humanos de imunização e transplante de tecidos em condenados à prisão. Tornou-se um dos principais especialistas na doença. De volta a Alemanha estabeleceu-se em Hamburgo, primeiramente como clínico e depois como diretor do departamento de doenças cutâneas e venéreas que ele próprio implantou. Com a criação da Universidade de Hamburgo em 1919, assumiu a cadeira de dermatologia. Aposentou-se em 1924, morrendo 12 anos depois. Arning, além de destacado dermatologista e conhecedor principalmente da lepra e sífilis, foi um fotógrafo amador e colecionador, contribuindo para coleções do Museu de Berlim de Etnografia e Museu de Arte de Hamburgo (Edward Christian Arning In *Hamburgische Biografie – Personenlexikon*, p. 18-20).

Os estudos histopatológicos sobre a verruga peruana abriram caminho a investigações e publicações sobre afecções cutâneas semelhantes, como as chamadas “pseudoverrugas”. Antes disso, havia estudado a histoplasmose, demonstrando que seu agente patogênico era um fungo e não um protozoário, como havia classificado o norte-americano Samuel P. Darling. Adquiriu, dessa forma, familiaridade com as chamadas blastomicoses, que consistiam num dos principais grupos das chamadas dermatoses “exóticas” ou “tropicais”. Conforme nos esclarece o próprio Rocha Lima, era um conceito impreciso, porque os conhecimentos que se tinham à época sobre os chamados “blastomicetos” eram muito lacunares (Rocha Lima, 1924). Não se sabia muito bem sobre sua relação com os demais tipos de fungos. O termo “blastomicose” podia ser utilizado no seu sentido mais restrito para doenças causadas por um patógeno “vegetal” – os fungos eram à época classificados entre as plantas – que se multiplicava no organismo preferencialmente pelo chamado “brotamento”, forma semelhante à multiplicação das leveduras. Também podia ser aplicado de forma mais frouxa para designar todas aquelas doenças causadas por fungos que tinham alguma semelhança morfológica com as leveduras. Nenhuma classificação sistemática mais segura podia ser obtida da observação da morfologia daqueles organismos no tecido ou da reação do hospedeiro a eles (Idem).

Uma das blastomicoses estudada por Rocha Lima foi aquela causada pelo fungo denominado *Coccidioides immitis*. Dispersa principalmente na América do Norte e do Sul, havia sido descrita pela primeira vez por Posada e Wernicke em Buenos Aires. Reconhecia-se como uma doença bastante grave, cuja evolução iniciava-se com manifestações na pele e mucosas, seguidas da invasão de todo o organismo através das vias linfáticas. Os tumores iniciais eram muito semelhantes aos da leishmaniose, mas na sua forma grave lembrava o linfogranuloma maligno. Apresentava no tecido formas típicas representadas por esporos capsulados. Em contraposição à maior parte dos autores, Rocha Lima afirmou ter observado o brotamento múltiplo como uma forma frequente de multiplicação do patógeno, que especulou ser a mais típica. Suas investigações concentraram-se na análise histopatológica. Notou que os nódulos variavam de acordo com o órgão no qual ocorriam. Aqueles que observou no fígado e baço, eram bastante semelhantes aos da tuberculose (Rocha Lima, 1924). Em geral, predominavam as formações fibrosas com ajuntamento de células plasmáticas. Flagrou os parasitas com os brotamentos típicos dentro das células gigantes (Rocha Lima 1923).

Embora não pertencesse às chamadas “blastomicoses verdadeiras”, a dermatite verrucosa, também conhecida como “pé de Madura”, foi investigada por Rocha Lima. Havia

sido observada pela primeira vez no Brasil, por Alexandrino Pedroso e José Maria Gomes, em 1911, e reconhecida depois por Fernando Terra, Magarinos Torres, Olympio da Fonseca Filho e PachecoLeão. Fora atribuída a um fungo denominado *Phialophora verrucosa*.⁵⁷⁹ Nosso personagem teve oportunidade de analisar um caso na clínica de Adolfo Lindenberg, em São Paulo e preparados que lhe foram disponibilizados por Pedroso (Rocha Lima, 1924). Acometia preferencialmente camponeses que andavam com os pés descalços. O parasita, um saprófita do solo, penetrava no tecido cutâneo e ali se desenvolvia. A doença começava com nódulos pequenos, que depois se fundiam e davam origem a formações semelhantes a couve-flor. Rocha Lima também se ocupou do quadro histopatológico dessa doença. As lesões apresentavam no microscópio o quadro de uma cadeia de montanhas, conferido pelo tecido cutâneo fortemente infiltrado por células. A formação característica, segundo ele, eram os ninhos formados por leucócitos e células gigantes, dentro das quais encontravam-se as estruturas semelhantes a leveduras, mas que aplicadas em meio de cultura, formavam os micélios típicos dos fungos clássicos, como os penicílios (Rocha Lima 1923, 1924, 1925b).

As pesquisas de Rocha Lima sobre as dermatoses “exóticas” de forma alguma se limitaram às blastomicoses. Ele investigou também o granuloma venéreo, uma doença contraída pelo ato sexual e que havia sido bastante estudada em Manguinhos por Gaspar Vianna e Henrique Aragão. Eles incriminaram um bacilo como agente causador da doença, ao qual denominaram *Calymmatobacterium granulomatis*, que foi endossado por Rocha Lima. Vianna descobrira ainda o valor curativo do tártaro emético contra essa doença. Do ponto de vista anátomo-patológico, nosso personagem reuniu, num quadro sintético, os achados provenientes de estudos anteriores, feitos por outros autores, conjugados a observações suas. Ele registrou que as lesões consistiam numa trama, que envolviam proliferações de novos vasos, entre os quais se encontravam células plasmáticas, muitos leucócitos, que formavam micro-abcessos e células mononucleares, dentro das quais abrigar-se-iam os patógenos.

A chamada “úlceras tropical” ou “úlceras fagedênica tropical” também esteve entre seus objetos de estudo. Como a dermatite verrucosa, acometia preferencialmente os membros inferiores, não era contagiosa e formava lesões circulares com odor fétido. Prowazek havia apontado o *Spirochaete schaudinni* como patógeno da doença, mas viu-se, mais tarde, que ela estava correlacionada a tipos diferentes de microrganismos, inclusive um espiroqueta, que

⁵⁷⁹ Sobre o histórico das pesquisas sobre a dermatite verrucosa ver Fonseca Filho, 1974.

certamente tratava-se do mesmo observado pelo protozoologista. Nosso personagem também estudou a framboesia, doença bastante correlacionada a sífilis, mas que diferentemente desta não era venérea. Ele tratou ainda da leishmaniose cutânea, mas, ao que tudo indica, não produziu novos conhecimentos sobre essa doença (Rocha Lima 1923, 1924).

O primeiro conjunto de resultados das pesquisas sobre as “dermatoses tropicais”, foi apresentado no Congresso de Dermatologia, que ocorreu em Munique em fins de maio de 1923, para o qual Rocha Lima obteve licença de 6 dias do Senado de Hamburgo.⁵⁸⁰ Foi depois convidado para abordar o mesmo assunto no Congresso International de Aperfeiçoamento Médico que reuniu-se em Karlsbad, uma famosa estância hidromineral da Alemanha (Rocha Lima, 1923). Publicou as observações sobre as blastomicoses, o granuloma venéreo e o chamado “bubão climático” no principal periódico especializado, o *Archiv für Dermatologie und Syphilis* (Arquivo de Dermatologia e Sífilis) (Rocha Lima, 1924). A parte mais original de suas pesquisas – aquela que concernia aos estudos histopatológicos – foi apresentada no Congresso da Sociedade Alemã de Patologia (Rocha Lima, 1925). No *Handbuch der Haut- und Geschlechtskrankheiten* (Manual de Doenças Cutâneas e Venéreas) editado por Jadassohn, escreveu com Martin Mayer capítulo sobre o granuloma venéreo (Mayer & Rocha Lima, 1927). Numa nova edição, que veio a lume em 1932, redigiu novamente com o colega o capítulo “Protozoários e Pele”, no qual trataram dos protozoários de uma forma geral, mas deram destaque àqueles que tinham algum envolvimento comprovado em doenças de pele, como a leishmaniose (Mayer & Rocha Lima, 1932). Na mesma edição do Manual de Jadassohn, escreveu capítulo solo sobre as blastomicoses (Rocha Lima, 1932).

Interessante notar nos textos de Rocha Lima sobre essas doenças, que ele se valia do seu caráter de “exotismo” para atrair o interesse dos colegas europeus. Ele fala da perspectiva de um brasileiro, para quem elas eram mais comuns. A maior parte daquelas afecções não se enquadrava no que seria uma doença tropical no sentido clássico definido por Manson. Mas como ele próprio salientara, aquele era um conceito “mais próprio que acurado”, de modo que as dermatoses tropicais tinham seu espaço garantido, não só pelo que representavam em termos de “alteridade” – eram pouco conhecidas e deviam causar, ao mesmo tempo, repugnância e curiosidade – mas também por terem sua prevalecerem nas latitudes intertropicais.

⁵⁸⁰ StAHH CI VII Lit Qb 8b Vol. 15. Fasc. 27. Vorgetragen im Senat am 18.Mai. 1923.

Rocha Lima não clinicou em dermatologia, mas abriu um novo flanco de pesquisas que favoreceu seu reconhecimento científico. Havia sido acolhido e reconhecido naquela especialidade médica, que tangenciara nos estudos anteriores, mas na qual não havia se aprofundado. Agora, participara da reunião dos “pontífices” da área, publicara no mais reputado periódico especializado e no principal manual médico daquele ramo.

4.9. Rocha Lima entre crises e acomodações

Em meio à crise que se abatia sobre a Alemanha, Rocha Lima procurou acomodar-se, dando continuidade a suas pesquisas e às aulas na Universidade de Hamburgo e nos cursos do *Tropeninstitut*. O *Heraldo de Hamburgo* de 1924, jornal dedicado ao estreitamento das relações culturais entre a Alemanha e a América Latina, publicou um perfil seu como professor do Instituto e da universidade. A publicação traz uma biografia, acompanhada de uma fotografia dele junto aos alunos latino-americanos, entre os quais havia um brasileiro (Francisco Fonseca).⁵⁸¹ A crise econômica havia ocasionado uma significativa queda na frequência de estudantes, que provinham, em grande medida, da média burguesia. Como meio de mitigar os efeitos dessa perda e, ao mesmo tempo, atender aos pressupostos da *Kulturpolitik*, Ludolph Brauer e Bernhard Nocht enviaram, em março de 1923, à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ofício no qual divulgaram os cursos que seriam oferecidos na Universidade de Hamburgo a médicos da América Latina. Eles seriam ministrados em espanhol e português, ou em alemão, mas com explicações em outras línguas, feitas por auxiliares bilíngües. Tratariam de assuntos diversos, assim discriminados: “problemas da medicina prática, higiene, moléstias tropicais e investigações de laboratório”.⁵⁸² Além disso, cursos especiais de alemão seriam oferecidos aos médicos estrangeiros, possibilitando-lhes a frequência de outros cursos universitários.

Enquanto amargava os efeitos da crise econômica na vida pessoal, “ganhando menos do que uma cozinheira lá, viajando em terceira classe, vendo os automóveis sempre por fora, restringindo as despesas, sofrendo o defluxo do feno e sem esperanças de qualquer melhora”,

⁵⁸¹ “Heraldo de Hamburgo”. Recorte de Jornais – Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁸² Ofício ao Decano da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro de 10.03.1923. Arquivo Histórico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, UFRJ.

Rocha Lima observava com atenção e a sua peculiar argúcia, a evolução do quadro político na Alemanha e no cenário internacional. Na já citada carta a Neiva, atribuía a severidade da crise econômica à “opressão desapiadada dos vencidos.”⁵⁸³ Temia que no futuro esta acarretasse uma desforra por parte dos alemães. Acreditava, por isso, que ainda ocorreriam “abalos muito sérios”, não sendo para os seus dias o retorno à paz e prosperidade de outrora. Para ele, os opressores estavam decididos a dificultar qualquer possibilidade de soerguimento da Alemanha, com exigências que não podiam ser satisfeitas e utilizando isso como pretexto para justificar atos de violência.

A extrema indisposição de Rocha Lima com os vencedores, principalmente com a França, deveu-se à ocupação militar do vale do Ruhr pelas tropas francesas e belgas, em janeiro de 1923. Com o argumento de que o governo alemão demonstrava má vontade no pagamento das reparações, tropas se estabeleceram numa das zonas mais ricas em produção de minérios, principalmente carvão. A ocupação do Ruhr provocou reação inflamada por parte dos alemães. Os habitantes da região – “um povo indefeso” na ótica de Rocha Lima - foram instados a uma resistência passiva, na qual se recusaram a entregar o carvão às tropas estrangeiras. O sentimento antifrancês equiparou-se ao período em que Alemanha e França se enfrentaram no teatro de guerra (Richard, 1988, p. 69-72). Influenciado por essa atmosfera, o pesquisador do *Tropeninstitut* chegou ao ponto de romper relações pessoais com o parasitologista francês Émile Brumpt, recusando-se a remeter-lhe material de estudo solicitado.⁵⁸⁴

Com argúcia de observador atento, envolvido e ao mesmo tempo afastado da realidade a qual se reporta, Rocha Lima registrou a polarização do espectro político na Alemanha, nos anos de 1922-3. Mediante condições tão desfavoráveis, admirava-se da ordem ainda se manter. Para ele, as lutas intestinas se deviam ao “desvario trazido pela impotência contra os opressores”. Grande parte dos alemães – prosseguiu no diagnóstico - era de um otimismo cego, implantado pela educação militar, que lhes conferia, em suas palavras, o caráter de “fanáticos” ou “imbecis”. Enquanto parcela significativa da sociedade adotava uma postura de indiferença, almejando apenas “sossego para poder ir vivendo a vida à espera de melhores

⁵⁸³ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 19.07.1923. ANc 1910.07.28. Arquivo Artur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

⁵⁸⁴ Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

tempos”, outra parte entregava-se às agitações impelidas pelos partidos extremistas de direita e de esquerda. Num extremo, os chamados “comunistas” ou “bolchevistas” prosseguiram suas atividades, não obstante o fracasso das revoluções do início da República de Weimar. No outro, o pequeno partido nacional-socialista, que na avaliação de Rocha Lima nada tinha de socialista, mas segundo ele teria adotado este nome apenas “para encobrir a verdadeira orientação nacional-fascista-antisemita-monarquista”.⁵⁸⁵ A inexpressividade numérica era compensada pela intensa atividade política e pela disposição de “vencer pela força”, assim que a ocasião tornasse possível, afirmou.⁵⁸⁶ Com fundamentos antidemocráticos, a República de Weimar mantinha fragilmente seu equilíbrio, ameaçada por segmentos da direita e da esquerda. O temor de que os comunistas tomassem o poder abasteceu a intensa propaganda de setores nacionalistas, que apelavam para as tendências monarquistas e anti-semitas de segmentos da sociedade alemã. Para Rocha Lima, tais setores representavam a principal ameaça à república.

No auge da crise econômica, Rocha Lima casou-se com Alice Josephine Johanna Margareth Kadelung, filha de alemães, natural de Berlim.⁵⁸⁷ Isso é tudo o que foi possível saber sobre a esposa, com a qual permaneceu casado até 1931, quando divorciou-se, conforme veremos no próximo capítulo, vindo a viver com a filha de Fernando Costa, Lygia Costa. Alice seria, nos anos em que viveram juntos, companhia constante de Rocha Lima em suas viagens, inclusive nas outras que fazia ao Brasil. Ambos compartilhavam o gosto por uma vida social intensa e pelas viagens, conforme diria anos mais tarde ao amigo Fritz Munk. Para sua satisfação, logo a vida conjugal não sofreria as consequências da crise econômica, pois a partir de 1924, ela foi remediada pela injeção de capital estrangeiro (predominantemente norte-americano), trazido pelo plano Dawes. Um clima de otimismo tomou conta dos

⁵⁸⁵ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 19.07.1923. ANc 1910.07.28. Arquivo Artur Neiva, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro.

⁵⁸⁶ O partido nacional-socialista havia surgido do pequeno Partido dos Trabalhadores Alemães, fundado em 1919. Em 1920, um jovem cabo do exército, Adolf Hitler, inicialmente destacado para observar as atividades do partido, decidiu aderir a ele, tornando-se seu chefe no ano seguinte. No mesmo ano foi fundada a *Sturmabteilung* (S.A.), mais uma milícia paramilitar de extrema direita a se somar às diversas já existentes no cenário da República de Weimar. Como constatou Rocha Lima, a concentração inicial dos nacional-socialistas foi na Baviera, onde, segundo ele, as organizações e paradas militares eram “ostensivas”. Ali Hitler e seus comparsas tentariam tomar o poder num golpe conhecido como “putsch de Munique”, ocorrido em dezembro de 1923, cinco meses após Rocha Lima tecer suas considerações a Neiva. O golpe foi esmagado pelo governo alemão e seus líderes, incluindo Hitler, seriam presos. No cárcere ele escreveu “Mein Kampf”, no qual reunia as concepções doutrinárias que em grande medida balizariam a ideologia nazista nos anos seguintes.

⁵⁸⁷ StaHH 332-5 3455 u. 672/1923.

alemães, mobilizados pelo esforço de recuperação nacional. As indústrias adotaram modelos norte-americanos de otimização da produção, o desemprego aos poucos caiu de modo significativo, e os salários dos trabalhadores gradualmente recuperaram seu poder de compra (Richards, 1988). A estabilização econômica favoreceu e acompanhou a política, pois a agitação dos anos anteriores, marcados pelos atentados de direita e esquerda, deu lugar a um melhor funcionamento das instituições democráticas da República, a qual parecia tornar-se consolidada. Os ventos também foram favoráveis no cenário internacional, com uma maior disponibilidade dos alemães e dos demais países europeus em operar gestos de reconciliação. Desse ambiente resultaram os acordos de Locarno, que pretendiam pôr fim ao revanchismo alimentado principalmente pelos franceses, e sinalizavam para a superação efetiva das diferenças que haviam levado à Primeira Guerra. Eles previam a admissão da Alemanha na Liga das Nações, o que fortaleceria o papel da instituição na manutenção da segurança coletiva. Para René Remond, Locarno significou “a passagem de uma situação de força para um regime contratual”; a transição da “paz ditada ao acordo consentido” (Remond 1976, p. 54).

O chamado “espírito de Locarno” refletiu-se na arena científica. O boicote dos cientistas aliados aos poucos cedeu lugar a atitudes conciliatórias. Com isso, os pesquisadores alemães passaram a desfrutar de maior espaço de manobra no cenário internacional. Mas antes mesmo que os sete acordos fossem assinados na cidade suíça, algumas medidas de reintegração já haviam sido tomadas, ainda que de maneira limitada e em caráter informal. Em 1923, Bernhard Nocht foi convidado para integrar o Comitê de Higiene da Liga das Nações e, no ano seguinte, foi nomeado presidente do Comitê de Malária da Organização de Higiene da Liga. No desempenho desse cargo, realizou uma série de viagens; a primeira delas, naquele mesmo ano, à Iugoslávia, Grécia, Bulgária, Romênia, União Soviética e Itália. Em 1925, percorreu a Palestina, Síria e Turquia (Wulf, 1994, p. 67-8).⁵⁸⁸ Os círculos diplomáticos de Berlim não viram a ação de Nocht na Liga das Nações como uma prioridade. Em algumas ocasiões, chegaram inclusive a impor barreiras burocráticas, como na proibição da viagem de estudantes alemães aos Estados Unidos. Muitos cientistas alemães, por sua vez, consideravam

⁵⁸⁸ Por ocasião de um curso de especialistas em malária que ocorreria em Roma, na qual solicitava ao diretor do comitê, Ludwik Rajchman, autorização para a participação de Mühlens, Nocht teve de garantir que a presença deste não teria nenhuma conotação oficial ou semi-oficial. “O intercâmbio é considerado como um encontro puramente técnico e científico”, assegurou o diretor do *Tropeninstitut* a Ludwik Rajchman, diretor do comitê de higiene (*apud* Wulf, 1994, p. 66).

o comitê de higiene da Liga como mais uma faceta da política de boicote. A organização multilateral era vista como um todo como uma confraria das potências vencedoras, que gozava de péssima reputação (Idem, p. 65).

Favorecido por essa conjuntura de relaxamento das tensões na política européia e no ambiente científico internacional, o perfil de Rocha Lima como promotor das relações científicas assumiu seu ponto alto entre os anos de 1925 e 1928. Devido a outros fatores que analisaremos adiante, ele engajou-se mais integralmente em favor da aproximação com o Brasil. Mas em 1925 seria a Itália, mais precisamente o Vaticano, o cenário onde desenrolou-se suas ações naquela função.

4.10. Rocha Lima e a Exposição Missionária em Roma (1925)

Em dezembro de 1923, Hermann Dürck, com quem Rocha Lima havia se especializado em anatomia patológica, em Munique, designou o ex-aluno para ajudá-lo na organização de uma seção especial de medicina e higiene tropicais na Exposição Missionária de Roma. Ela ocorreria como comemoração do Ano Santo de 1925, sendo instituída pelo papa Pio XI. O objetivo principal da Exposição consistia em apresentar o trabalho missionário feito pela Igreja nas colônias. Missionários de todo o mundo foram convocados a enviar objetos que retratassem o esforço de evangelização feito nos cinco continentes. Os objetos e informações referentes aos diferentes locais nos quais atuavam as missões deveriam ser exibidos e sistematizados de acordo com os padrões de cientificidade preconizados pela antropologia e etnologia. Dürck, porém, foi mobilizado para organizar a referida seção de higiene e medicina tropical.

De acordo com Dürck o real objetivo da Exposição era a realização de propaganda cultural “jesuítica-ultramontana.” A concepção ultramontana baseava-se no reconhecimento e obediência inquestionáveis ao poder papal. A Companhia de Jesus havia sido um dos principais arautos dessa ideologia. No contexto da histórica “questão romana”, que opunha o Papado ao Estado italiano, e no clima tenso em que se desenrolavam as negociações do Vaticano com Mussolini, aquela concepção revestia-se de forte caráter político. A idéia de montar uma seção específica sobre higiene e doenças tropicais havia agradado aos missionários envolvidos com a organização da Exposição e contado com a anuência do próprio Papa Pio XI. Para Dürck, a ocasião era uma excelente oportunidade para recuperar o

prestígio da ciência alemã, reintegrando-a ao circuito internacional. Ao mesmo tempo, serviria para demonstrar que os alemães não eram - em suas palavras - “bárbaros sem cultura como nossos inimigos gostam de nos apresentar”.⁵⁸⁹ A oportunidade figurou ainda mais atraente porque o Vaticano era visto como um lugar neutro, uma vez que não estava diretamente envolvido no imbricado jogo de alianças e disputas que marcaram a geopolítica europeia no entre-guerras. O maior número possível de países estrangeiros deveria ser convidado a participar do evento, mas a direção ficaria nas mãos dos alemães. A atuação destes deveria ser cuidadosa, preconizou Dürck, de modo que a propaganda cultural não assumisse caráter chauvinista ou nacionalista.⁵⁹⁰ A situação política era bastante delicada, em virtude do clima tenso com o governo italiano. Quatro anos depois, as negociações do papado com o Quirinal culminariam na assinatura do Tratado de Latrão, firmado por Pio XI com Mussolini. Por conta daquelas circunstâncias, nenhum governo poderia ser oficialmente convidado para a Exposição, gesto que poderia ser interpretado como afronta pelo governo fascista, comprometendo as negociações. Isso não impedia, no entanto, que os institutos científicos e pesquisadores convidados recorressem a seus respectivos governos em busca de recursos e apoio.

Dürck justificou o apelo a Rocha Lima devido à necessidade de colaboração e em virtude da experiência e “ricos conhecimentos” do antigo discípulo. Ele havia acompanhado de perto o empenho do ex-aluno para viabilizar a participação brasileira na XIV Exposição de Higiene de Berlim, em 1907. Havia também interesse para que o Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo apoiasse a organização da seção. Dürck tinha ouvido dizer que Nocht não era muito simpático aos médicos-missionários.⁵⁹¹ Rocha Lima poderia não só interceder junto ao diretor do *Tropeninstitut*, conquistando seu apoio, como também contribuir para a divulgação do evento no exterior, especialmente no Brasil.

Dürck admitiu que, assim como Nocht, não era um entusiasta do trabalhos dos missionários:

Eu mesmo, como você pode imaginar, não sou um grande amigo dos senhores missionários de uma maneira geral, ou seja, dessas pessoas que viajam aos países

⁵⁸⁹ Carta de Hermann Duerck a Rocha Lima de 20.12.1923. Fundo Rocha Lima. CMIBSP.

⁵⁹⁰ Carta de Hermann Duerck a Rocha Lima de 01.01.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁹¹ *Idem.*

*estrangeiros e ficam sugerindo às pessoas que elas deveriam se vestir de maneira adequada, se tornar católicos (ou protestantes) e espancar aqueles que não comungam do seu credo. No entanto, existem empreendimentos missionários, que para além dos seus objetivos religiosos, até fazem alguma coisa útil e em segundo lugar, para os motivos que nos interessam aqui, toda essa história de exposição missionária é apenas uma boa oportunidade para a exposição de medicina tropical, que de outra forma não ocorreria, e ainda mais num lugar tão bonito como Roma e tão neutro como o Vaticano.*⁵⁹²

Os círculos oficiais rapidamente reconheceram a importância da participação alemã na Exposição. O Ministério do Interior alemão comunicou às universidades a excelente oportunidade que representava a participação no evento, que poderia trazer aos pesquisadores alemães reconhecimento e prestígio no estudo e combate às doenças tropicais. Seria uma boa ocasião para demonstrar a capacidade dos alemães no enfrentamento das doenças que grassavam nos territórios coloniais. Em vista da perda das colônias imposta por Versalhes, isso adquiria grande significado. O Ministério do Interior e o *Auswärtiges Amt* disponibilizaram recursos consideráveis para a participação alemã. Como o Instituto de Doenças Tropicais seria o principal expositor, o Senado de Hamburgo também contribuiu: quatro mil marcos-ouro foram concedidos, sob a condição de uma participação destacada da instituição hamburguesa na Exposição (Wulf, 1994, p. 71).

Os colegas de Rocha Lima também consideraram de fundamental importância a participação do *Tropeninstitut*. Em carta de junho de 1924 a Mühlens, que na ocasião encontrava-se na Argentina, Fülleborn escreveu que o Instituto deveria tomar parte no evento missionário, já que o governo, motivado por interesses diplomáticos, fazia pressão nesse sentido (Idem, p. 71).

No decorrer de 1924, Rocha Lima e Dürck dedicaram-se aos diversos aspectos relativos à organização da Seção de Medicina Tropical da Exposição – quem seriam os conferencistas, qual lugar tomar no pavilhão, como organizar o espaço da mostra, que tipo de material exibir, etc.⁵⁹³ Dürck decidiu convidar o Instituto de Manguinhos, contactando Chagas através da legação alemã no Rio de Janeiro.⁵⁹⁴ Muito embora não fosse possível fazer convites

⁵⁹² *Idem.*

⁵⁹³ Cartas de Hermann Dürck a Rocha Lima de 01.01.1924, de 27.10.1924, 29.10.1924, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁹⁴ Carta de Hermann Dürck a Rocha Lima de 23.12.1923. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

oficiais, eles mobilizaram os canais da diplomacia para estabelecer contatos com os cientistas. O patologista mostrara-se receoso em dirigir o convite a Chagas por ter ouvido dizer que ele tinha “horror aos alemães”, no que foi tranqüilizado por Rocha Lima, que garantiu ser ele “tão germanófilo quanto Oswaldo Cruz.”⁵⁹⁵

Segundo o legado alemão no Rio, Georg Plehn, Chagas recebeu com interesse o convite. Eles logo poderiam falar pessoalmente com o diretor de Manguinhos, pois ele em breve iria à Europa para participar de um congresso e da reunião do Conselho de Higiene da Liga das Nações.⁵⁹⁶ Porém, quando Chagas confirmou a participação do Instituto Oswaldo Cruz na Exposição Missionária, já não havia mais tempo hábil para isso.

Os círculos diplomáticos em Berlim acompanharam de perto a organização da seção de medicina tropical na Exposição. Em maio de 1924, Rocha Lima participou de reunião coordenada pelo ministro Heilbron, responsável pela Divisão Cultural do *Auswärtiges Amt*, junto com Dürck, Ludolph Brauer, Max Taute (Conselheiro do Ministério do Interior), um missionário e outros funcionários do Ministério. Dürck cuidou para que o destaque fosse reservado aos alemães, o que não seria difícil, uma vez que a participação dos grandes países coloniais e missionários havia sido descartada.⁵⁹⁷ Mas o apoio oficial não podia se dar de forma direta. O *Auswärtiges Amt* chegou a disponibilizar recursos até mesmo para reparar objetos da exposição que haviam sido danificados.⁵⁹⁸

Em julho de 1924, Rocha Lima foi nomeado membro do Comitê de Medicina e Higiene Tropical da Exposição Missionária, muito embora Dürck pretendesse inicialmente que Nocht fosse representante do *Tropeninstitut*. O próprio Rocha Lima manifestou surpresa e, ao mesmo tempo, contrariedade com sua nomeação: não pretendia assumir os encargos que envolviam a organização de um evento de tal amplitude.⁵⁹⁹ Justificou ter aceitado apenas para

⁵⁹⁵ Carta de Hermann Duerck a Rocha Lima de 01.01.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁹⁶ Carta da Legação Alemã do Rio a Rocha Lima de 27.08.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁹⁷ Fatos e impressões da reunião de 28 de maio de 1924 no Ministério das Relações Exteriores em Berlim. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁹⁸ Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 08.09.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁵⁹⁹ Bericht von Prof. H. da Rocha Lima, Hamburg, über seine Tätigkeit bei der Missionsausstellung in Rom 1925. (Relatório do Professor Dr. Henrique da Rocha Lima, Hamburgo sobre sua atuação na Exposição Missionária Mundial em Roma – 1925). Fundo Rocha Lima. CMIBSP.

assegurar a representação alemã, que por orientação de Heilbron, deveria ser a mais marcante possível. Segundo ele, dificilmente haveria outro representante da Alemanha caso Rocha Lima recusasse o convite.⁶⁰⁰

Por recomendação do papa, a Exposição não deveria assumir o caráter de competição e sim de evento pedagógico para os missionários. A parte geral da Seção de Higiene e Medicina Tropical incluiu itens como vestuário, em que foram abordados os efeitos da umidade e calor sobre diferentes materiais e população e higiene racial. Já a parte específica abordou as doenças propriamente ditas. Ela foi organizada em nove sub-seções: Insolação, Dermatomicoses Tropicais, Doenças Tropicais por Intoxicação, Doenças Bacterianas, Doenças Causadas por protozoários, que incluíam as espiroquetoses e riquetsioses; helmintoses, avitaminoses, doenças tropicais veterinárias e doenças cosmopolitas de populações dos trópicos.⁶⁰¹ Rocha Lima ficou responsável por providenciar o material educativo sobre doenças causadas por riquetsias, espiroquetas, dermatomicoses tropicais e de doenças causadas por protozoários. Peças anátomo-patológicas tiveram de ceder lugar a cartazes de fácil compreensão para leigos.

Dürck e Rocha Lima procuraram apoio em Roma a fim de garantir os interesses do comitê médico. Desde novembro de 1924, o cientista brasileiro passou a ir a Roma, com frequência, para organizar a exposição. Do relatório entregue ao *Auswärtiges Amt*, é possível deduzir que houve atritos entre Rocha Lima e Dürck. O primeiro queixou-se da falta de apoio do pessoal do comitê na montagem da exposição. Não obstante, ele mostrou-se impressionado com a disposição, cordialidade e hospitalidade dos italianos.⁶⁰²

A Exposição teve grande audiência. Dela resultou a criação, por Pio XI, do Museu Missionário-Etnográfico, entregue à direção do padre P. W. Schmidt, um dos defensores da importância do conhecimento científico para as missões. A atuação de Rocha Lima na organização da seção de Medicina e Higiene Tropical lhe valeu, por sua vez, a condecoração com medalha de benemerência das mãos do papa. Numa conjuntura totalmente diferente e

⁶⁰⁰ *Idem.*

⁶⁰¹ Folheto da Exposição Missionária de Roma – 1925. Fundo Rocha Lima.

⁶⁰² Bericht von Prof. H. da Rocha Lima, Hamburg, über seine Tätigkeit bei der Missionsausstellung in Rom 1925. (Relatório do Professor Dr. Henrique da Rocha Lima, Hamburgo sobre sua atuação na Exposição Missionária Mundial em Roma – 1925). Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

independente da atuação na Exposição Missionária, o pesquisador brasileiro seria novamente distinguido com condecoração pela Vaticano, mais especificamente, pela Pontifícia Academia de Ciências, em 1941.⁶⁰³ O representante brasileiro no órgão era Carlos Chagas Filho. Mas, ao serem informados que Rocha Lima era casado com uma divorciada, Lygia Costa, desistiram de premiá-lo.⁶⁰⁴ Pela delicadeza do assunto, o Itamaraty solicitou que Graça Aranha, amigo do cientista, lhe comunicasse pessoalmente a retirada da indicação.⁶⁰⁵

Mas voltando a 1925, o *Auswärtiges Amt* decidiu aproveitar as constantes idas de Rocha Lima a Roma para destacá-lo para uma autêntica missão diplomática a favor dos interesses alemães. A vantagem da neutralidade lhe conferia espaço de manobra, permitindo-lhe executar delicadas sondagens, sem que transparecesse o envolvimento dos círculos oficiais. Às habilidades como cientista, na bancada ou na organização de eventos, deveriam juntar-se as destrezas requeridas para as missões diplomáticas.

4.11. A visita de Rocha Lima ao professor Gennaro Mondaini (1925)

Em meio aos preparativos para a Exposição Missionária em Roma, Rocha Lima foi designado pelo *Auswärtiges Amt* para estabelecer relações com o professor Genaro Mondaini, uma das lideranças do Instituto Colonial italiano. Mondaini iria ser relator da próxima reunião do Instituto Colonial Internacional, em Bruxelas, na qual seria discutido o sistema de mandatos.⁶⁰⁶ Este havia sido implementado pelo Tratado de Versalhes, como meio de administrar as ex-colônias e protetorados alemães. A Liga das Nações assumira a gestão destes territórios, mas, na prática, os “mandatos” apenas encobriram a continuação da atividade colonial, tal como vinha sendo praticada pelas metrópoles européias desde antes da Guerra, de modo que as ex-colônias alemãs agora encontravam-se na órbita de influência de

⁶⁰³ Telegrama da Embaixada Brasileira no Vaticano de 25.06.1941. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁰⁴ Telegrama da Embaixada Brasileira no Vaticano de 30.06.1941 e Carta do Ministério das Relações Exteriores a Rocha Lima. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

⁶⁰⁵ Carta do Ministério das Relações Exteriores de 06.08.1941. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁰⁶ O Instituto Colonial Internacional havia sido criado em 1894, em Bruxelas, como meio de zelar pelos interesses das grandes potências coloniais, cujos representantes se reuniam periodicamente. Após a Guerra, com a entrega das colônias e protetorados pela Alemanha e a implementação do sistema de mandatos pela Liga das Nações, candentes questões demandavam a atenção das potências coloniais.

outras potências. No relatório de Mondaini – de caráter puramente científico, enfatizou o Ministério alemão – seria fundamental que ele incluisse a posição alemã sobre o sistema de mandatos, que incluía tentativas de assegurar sua influência na administração dos territórios.⁶⁰⁷ Os alemães queriam que Mondaini se manifestasse a favor de seus interesses, que concerniam principalmente à igualdade de direitos dos cidadãos do Reich nas negociações comerciais estabelecidas pelas ex-colônias com a Itália, bem como a rápida retomada do intercâmbio.⁶⁰⁸

A visita de Rocha Lima a Mondaini não deveria, em hipótese alguma, deixar transparecer a ação oficial do governo alemão. Sua função seria sondar o posicionamento do professor italiano nas questões coloniais pendentes, a fim de verificar se ele defendia uma postura pró-Alemanha. Mondaini era um renomado historiador especializado na história colonial e direito italianos. O Instituto Colonial Italiano ao qual estava ligado era responsável pela defesa dos interesses coloniais da Itália e reunia intelectuais dedicados ao estudo dos diversos aspectos da política italiana para suas possessões no ultramar. Ele deveria ser inteirado das reivindicações da Alemanha na política colonial através das publicações que lhe seriam entregues por Rocha Lima. Elas tratavam do sistema de mandatos e de questões coloniais controversas e não resolvidas. As instruções ao pesquisador brasileiro preconizavam que ele dirigisse as sugestões e propostas dirigidas a Mondaini de forma aparentemente natural, como se fosse um contato estabelecido entre institutos coloniais privados – o de Hamburgo e o italiano – , sem expressar qualquer interferência dos círculos oficiais.⁶⁰⁹ As publicações sobre assuntos coloniais que entregaria a Mondaini foram remetidas pelo *Auswärtiges Amt* à embaixada alemã na capital italiana. O ministro advertiu o pesquisador do *Tropeninstitut* que evitasse os números nos quais havia uma defesa explícita dos direitos alemães nas colônias, ou críticas à administração colonial vigente.⁶¹⁰

⁶⁰⁷ Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 30.08.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

⁶⁰⁸ Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 05.02.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

⁶⁰⁹ Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 30.08.1924 e 23.10.1924. Após a Guerra e com a dissolução do império alemão, o Instituto Colonial de Hamburgo havia sido esvaziado de suas funções, mantendo com dificuldades as atividades docentes que ali tinham lugar, uma vez que as fontes que o financiavam encontravam-se em dificuldades. Sobre a criação e desenvolvimento do Instituto Colonial de Hamburgo ver Becker, 2005; Ruppenthal 2007.

⁶¹⁰ Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* de 13.12.1924, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Na segunda viagem a Roma, desde que tomara parte na organização da seção médica da Exposição Missionária, Rocha Lima procurou estabelecer contato com o professor Mondaini, sem ter sucesso. A dificuldade em encontrá-lo fez com que ele procurasse auxílio da embaixada alemã.⁶¹¹ O *Auswärtiges Amt* interveio junto à chancelaria do Senado de Hamburgo para que o pesquisador fosse licenciado do Instituto de Doenças Tropicais por alguns dias após o Congresso em Roma. Disponibilizou-se a pagar todas as suas despesas de viagem.⁶¹² Somente em dezembro de 1924 foi possível estabelecer contato com Mondaini. Devido a contratempos com o intermediário indicado pela Embaixada, resolveu procurá-lo diretamente. Um dia após o Natal, foi recebido em sua casa. Apresentou-se como brasileiro, especializado em medicina tropical e, por conta disso, interessado em relações coloniais e familiarizado com o trabalho do professor italiano. Ele relata que foi necessário apresentar-se como indivíduo de múltiplos interesses, a fim de que sua curiosidade pelas questões políticas não fossem vistas como extraordinárias.⁶¹³

Após recepção calorosa, Rocha Lima e Mondaini travaram animado debate sobre o cenário político internacional no pós-Primeira Guerra, e sobre as causas e conseqüências desta. O cientista brasileiro concluiu, que apesar da forma reservada e técnica com que o italiano abordou as questões apresentadas, ele não parecia contrário aos interesses alemães, sendo possível atuar sobre ele “de forma hábil e objetiva”.⁶¹⁴ No entanto, não considerou viável remeter-lhe escritos propagandísticos, pois encarava a política internacional pela ótica dos aliados. No relatório entregue ao Ministério das Relações Exteriores, apontou que o caminho mais conveniente e promissor de propaganda cultural alemã na Itália seria através da imprensa italiana.⁶¹⁵

O *Auswärtiges Amt* congratulou Rocha Lima pelo cumprimento da “missão” que havia lhe sido confiada, e sugeriu que ele escrevesse ao professor italiano algumas palavras de

⁶¹¹ Bericht von Prof. Dr. H. da Rocha Lima, Hamburg, über den Besuch bei Prof. Gennaro Mondaini, Rom (Relatório do prof. H. da Rocha Lima, Hamburgo, sobre a visita ao professor Gennaro Mondaini, Roma). Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶¹² Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 26.08.1924, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶¹³ *Idem.*

⁶¹⁴ *Idem*

⁶¹⁵ *Idem*

cortesias após a leitura de sua obra.⁶¹⁶ O cientista demonstrou suas capacidades no domínio diplomático, que em breve mostrar-se-iam em breve de grande valia no apaziguamento de questões que opuseram Brasil e Alemanha. Antes de tratarmos delas, abordaremos as festividades de 25 anos do *Tropeninstitut*, que marcaram a efetiva superação do estrangulamento financeiro trazido pela Guerra. Elas coincidiriam com a maior abertura e receptividade da arena internacional aos alemães, exemplificada aqui pelo Primeiro Congresso Internacional de Malária.

4.12. Os 25 anos do *Tropeninstitut* e o Primeiro Congresso Internacional de Malária (1925)

Em 1925, o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo completou 25 anos de existência. Pode-se dizer que, naquele contexto, a instituição já havia conseguido, em grande medida, remediar a dura crise que enfrentou no pós-Primeira Guerra. A melhoria das condições econômicas contribuiu para isso. Depois do armistício e do Tratado de Versalhes haviam sido necessários ajustes em seu perfil institucional, de modo que já não correspondia exatamente à configuração assumida durante sua criação. Ao invés da medicina colonial, a principal engrenagem que agora mantinha em ação o *Tropeninstitut* era a *Kulturpolitik*; ao invés da África, o endereço preferencial de suas ações no estrangeiro tornara-se a América Latina (Brahm, 2002, p. 36-8). Dessa forma, o instituto recuperou muito do vigor de antes da Guerra. Estudantes de várias partes do mundo, principalmente latino-americanos, freqüentavam novamente seus cursos.

A ocasião contou com solenes comemorações, nas quais tomaram parte autoridades de Hamburgo e representantes das instituições científicas locais. Os decanos das faculdades de Medicina, de Ciências Naturais e de Filosofia da Universidade de Hamburgo, respectivamente Kestner, Passarge e Schädel, estiveram presentes. O evento também foi explorado em favor das relações culturais com a América Latina, sendo destacado o papel do Instituto de Doenças Tropicais no seu estabelecimento. Medalhas de honra foram entregues a personalidades consideradas importantes para o intercâmbio com o mundo ibero-americano: o cirurgião Guillermo Munich, de Valparaíso, no Chile, por sua atuação como “fervoroso patrocinador da

⁶¹⁶ Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 05.02.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

ciência alemã em tempos difíceis”; os médicos argentinos Mariano Castex e Gregório Araóz-Alfaro, e o presidente da Venezuela, Juan Vicente Gómez, “promotor da ciência e higiene alemãs”. O professor italiano Giovanni Mingazzini, de Roma, também recebeu a medalha em virtude de seus trabalhos sobre o cérebro humano, “assim como pelo amigável grupo que ele ligou à Alemanha”.⁶¹⁷

Nas comemorações, o prefeito de Hamburgo destacou a importância das viagens científicas e pesquisas do *Tropeninstitut* para a visibilidade da Alemanha no cenário europeu e no “ultramar”. Para ele, o engajamento de Nocht e de seus colaboradores era um demonstrativo de que a Alemanha tinha capacidade de manter suas atividades coloniais. Além disso, as atividades do instituto contribuíam, segundo ele, para o comércio da cidade hanseática. Por conta do jubileu, o Senado, a Prefeitura de Hamburgo e a Câmara de Comércio doaram ao Instituto 100 mil marcos (Wulf, 1994, p. 70).⁶¹⁸

Na cerimônia de comemoração dos 25 anos, Rocha Lima saudou o *Tropeninstitut* em nome do Instituto de Manguinhos. Em número da *Revista Médica de Hamburgo* ele escreveu um texto entusiasmado sobre a instituição (Rocha Lima, 1925). De acordo com a *Iberica*, órgão oficial do Instituto Ibero-Americano, as festividades contribuíram para demonstrar a amplitude e a fecundidade das investidas da ciência alemã no estrangeiro, em que conquistava sólido terreno.⁶¹⁹

Ao lado das comemorações, o Instituto de Hamburgo sediou a Reunião Anual da Sociedade Alemã de Medicina Tropical. Rocha Lima já se encontrava em direção a Roma. Foram apresentados e discutidos trabalhos em sessões composta pelos pesquisadores do Instituto e de outras instituições alemãs. Isso tudo quem nos conta é Heitor Fróes, médico baiano que em 1925 frequentou o curso de medicina tropical. Durante sua estadia em Hamburgo ele enviou regularmente ao *Brasil-Médico* matérias sobre o Instituto e os eventos científicos que ali ocorriam.⁶²⁰

⁶¹⁷ “25 jähriges Bestehen des Instituts für Schiffs- und Tropenkrankheiten in Hamburg”. In *Iberica – Zeitschrift für spanische und portugiesische Auslandskunde*, v. 4, n. 2, p. 38-9, 1925.

⁶¹⁸ *Idem* e “Cartas da Allemanha”, *Brasil-Médico*, p. 375, 1925.

⁶¹⁹ “25 jähriges Bestehen des Instituts für Schiffs- und Tropenkrankheiten in Hamburg”. In *Iberica – Zeitschrift für spanische und portugiesische Auslandskunde*, v. 4, n. 2, p. 38-9, 1925.

⁶²⁰ “Cartas da Allemanha”, *Brasil-Médico*, p. 375, 1925.

No Primeiro Congresso Internacional de Malária, que ocorreu em Roma em outubro de 1925, os pesquisadores do *Tropeninstitut* puderam estar presentes e testemunhar todo o desenvolvimento dos estudos concernentes à epidemiologia, etiologia, profilaxia e terapêutica daquela que figurava como a principal doença tropical. Licenciado por 14 dias do Instituto de Medicina Tropical,⁶²¹ Rocha Lima participou do Congresso, junto com os colegas, Bernhard Nocht, Peter Mühlens, Martin Mayer e Gustav Giemsa. No Congresso, seriam discutidos os avanços e experiências na pesquisa e controle da malária, por especialistas de diversas partes do mundo. Rocha Lima recebeu convite oficial do secretário-geral do Congresso, Giovanni Bastianelli, que afirmou em carta, que apenas a Alemanha não se encontrava devidamente representada, muito embora tivesse sido direcionado convite oficial ao governo.⁶²²

Rocha Lima e Mayer participaram apenas da sessão de abertura, ocorrida em 03 de outubro, a qual contou com a presença de Mussolini. O evento científico rendeu créditos para a propaganda cultural italiana. Grande destaque foi dado às campanhas anti-palúdicas feitas pelo governo fascista. Os participantes, inclusive, visitaram os locais nos quais elas eram realizadas. A malária figurava naquele contexto como um problema nacional que devia ser enfrentado (Snowden, 2006). Nocht participou do congresso na qualidade de delegado do governo alemão, e abordou suas experiências sobre a patogênese da febre hemoglobinúrica. Mühlens tomou parte na discussão sobre a unidade ou pluralidade dos parasitos da malária, e sobre o papel da quinina como estimulante da defesa orgânica. Giemsa, por sua vez, tratou dos estudos que vinha fazendo sobre a ação terapêutica dos derivados da quinina. As pesquisas à época procuravam definir qual era a parte da molécula responsável pela ação anti-malárica. De Berlim, participou Claus Schilling.⁶²³

A participação brasileira no Congresso de Malária deu-se com a presença de Carlos Chagas, que expôs ali sua teoria da infecção domiciliar, ou seja, de que a malária é contraída no interior dos domicílios, onde os anófeles sugam o sangue, e depois, repousam até a maturação dos ovos (Benchimol & Silva, 2008). Souza Pinto abordou as medidas de combate realizadas no Brasil, que incluíam medidas de hidrografia sanitária, limpeza da vegetação nas margens

⁶²¹ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 28.05.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶²² Carta de G. Bastianelli a Rocha Lima de 30.06.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶²³ 1º Congreso internacional pra el estudio del paludismo (Roma, 3 a 6 de Octubre de 1925). *Revista Medica de Hamburgo*, Ano VII, n. 1. pp. 25-8, 1926.

dos rios e extinção dos mosquitos nos domicílios a partir das diretrizes estabelecidas por Chagas. Além disso, apresentou os esforços de propaganda através de anúncios e conferências, a formulação de legislação específica e a formação de especialistas, por meio do curso de malariologia criado em colaboração com a Fundação Rockefeller.⁶²⁴

A participação alemã no Congresso de Malária, inclusive com a nomeação de Nocht como delegado oficial do governo do Reich, refletiu a maior disposição por parte da comunidade internacional em acolher os alemães. Por ocasião das festividades dos 25 anos do *Tropeninstitut*, Nocht citou aquela participação como prova da impossibilidade de negar reconhecimento à ciência germânica, cuja cooperação, segundo ele, era tida em alta conta.⁶²⁵ Se devido a delicadas questões políticas, a presença alemã na Exposição Missionária do Vaticano teve de ser discreta, no Congresso de Malária ela foi mais marcante. De qualquer modo, a capital italiana foi palco privilegiado da re-integração dos alemães aos fóruns científicos internacionais e Rocha Lima, um agente desse processo. O *Auswärtiges Amt* também acompanhou de perto a atuação dos alemães em Roma, procurando capitalizá-la em favor da *Kulturpolitik*. O conselheiro Heilbron saudou com entusiasmo e gratidão a participação de Rocha Lima no Congresso de Malária e seu papel na organização da Seção de Medicina Tropical na Exposição Missionária.⁶²⁶ Mantendo a estreita proximidade com os círculos oficiais da diplomacia cultural, ele aproveitou as circunstâncias para promover a aproximação entre Brasil e Alemanha. Ainda em 1925, organizou a recepção de dois renomados representantes da ciência médica brasileira: Carlos Chagas e Miguel Couto.

4.13. A viagem de Carlos Chagas à Alemanha (1925)

Antes que ocorresse a Exposição Missionária, Rocha Lima escreveu ao *Auswärtiges Amt* sobre o desejo de seu conterrâneo, Carlos Chagas, de conhecer a Alemanha. Este havia lhe dito em correspondência que ainda não tivera oportunidade de estar naquele país. O pesquisador do *Tropeninstitut* dispôs-se a dirigir o convite ao diretor de Manguinhos, que já

⁶²⁴ *Idem.*

⁶²⁵ “25 jähriges Bestehen des Instituts für Schiffs- und Tropenkrankheiten in Hamburg”. In *Iberica – Zeitschrift für spanische und portugiesische Auslandskunde*, v. 4, n. 2, p. 38-9, 1925.

⁶²⁶ Carta do Auswärtiges Amt a Rocha Lima de 08.09.1925, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

visitara, na qualidade de convidado oficial, Estados Unidos, França e Bélgica. Agora era a vez dos alemães aproveitarem a oportunidade de reverter a visita de um membro tão importante da comunidade médico-científica brasileira em favor da aproximação intelectual dos dois países e da *Kulturpolitik*. Fülleborn, que substituíra temporariamente Bernhard Nocht, na presidência do *Tropeninstitut*, achava que o convite era de grande interesse para a Alemanha, acrescentou nosso personagem. Ele advertia, que as homenagens “por motivos de propaganda cultural” feitas a Chagas, deveriam ser superiores às recebidas nos demais países.⁶²⁷

Comunicada sobre a sugestão de Rocha Lima, a legação alemã no Rio propôs que também se convidasse Miguel Couto. O departamento cultural dirigiu-se, então, a Munk para saber se de fato valeria a pena proceder a esse convite, e qual seria a maneira mais apropriada de fazê-lo. O ideal seria que partisse da Faculdade de Medicina, tal como procediam os brasileiros quando convidavam professores estrangeiros. O objetivo era que Munk obtivesse convite oficial junto à Sociedade de Medicina, à qual pertencia. O pedido era justificado pelas relações que ele mantinha com a classe médica brasileira.⁶²⁸ Em 29 de janeiro de 1925, a Sociedade de Medicina expediu o convite a Chagas e Couto.⁶²⁹

Rocha Lima elaborou todo o plano da viagem de Chagas com a contribuição do amigo Fritz Munk - este organizou a programação em Berlim e ele em Hamburgo. Eles cuidaram ainda dos detalhes relativos aos custos. Estava fora de questão um financiamento completo pelo governo alemão. O que poderia ser conseguido era um desconto junto às companhias de navegação e bilhetes gratuitos para transitar pelas ferrovias alemãs.⁶³⁰ A companhia *Hamburg-Süd*, principal responsável pelas viagens Brasil-Alemanha, garantiu o desconto em cabines de luxo de seus vapores.⁶³¹ Chagas comunicou a Rocha Lima, que em setembro ele iria a Europa por encargo da Comissão de Higiene da Liga das Nações, da qual era membro.

⁶²⁷ Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt*, de 09.10.1924, Fundo Rocha Lima, CMIBSP. A original encontra-se no Politisches Archiv des Auswärtigen Amt na ata PAAA 64928.

⁶²⁸ PAAA 64928. *Auswärtiges Amt* an Fritz Munk 07.11.1924.

⁶²⁹ PAAA 64689 *Berliner Medizinischen Gesellschaft* an *Auswärtiges Amt* 29.01.1925.

⁶³⁰ PAAA 64689 Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 19.03.1925.

⁶³¹ PAAA 64689 *Auswärtiges Amt* an *Hamburg Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft* 05.05.1925 e *Hamburg Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft* an *Auswärtiges Amt* 08.05.1925.

Aproveitando a ocasião de já estar na Europa, poderia estender a viagem à Alemanha.⁶³² Em 08 de abril de 1925, a Faculdade de Medicina de Hamburgo também oficializou o convite, que incluía não só Chagas e Miguel Couto, como também Juliano Moreira.⁶³³ O convite oficial da Faculdade havia sido obtido por Rocha Lima. A Legação do Rio comunicou que a visita do diretor de Manguinhos só poderia ocorrer em outubro, depois da reunião em Genebra, ao passo que a de Couto, em março do ano seguinte, enquanto Juliano Moreira teve de declinar do convite.⁶³⁴

Em agosto de 1925, Rocha Lima acertou com Munk os detalhes do percurso: dia 02 de novembro encontraria o colega brasileiro em Colônia, para juntos, visitarem a fábrica da Bayer em Leverkusen.⁶³⁵ No dia 07, eles partiriam para Berlim. Às vésperas da partida de Chagas para a capital alemã, Munk e Rocha Lima ainda acertavam os últimos detalhes. Procuraram poupar Chagas de programas enfadonhos, como a visita ao cônsul Zerrenner, que segundo Rocha Lima, queria aparecer; certamente agradaria mais ao conterrâneo assistir a uma ópera de Wagner.⁶³⁶ Eles queriam agradar o hóspede a todo custo e causar-lhe admiração pelas coisas da Alemanha.

Em 11 de setembro de 1925, a Legação do Rio informou ao *Auswärtiges Amt* a partida de Chagas, com a esposa e o filho. Iria primeiro para Paris, onde passaria pelo escritório internacional de saúde pública, depois participaria do Congresso de Malária, em Roma, em seguida da reunião da Liga das Nações em Genebra e só então dirigir-se-ia à Alemanha.⁶³⁷ O legado alemão salientou a projeção de Chagas no âmbito da saúde pública, como seguidor de Oswaldo Cruz e descobridor de uma nova doença. Politicamente – ressaltou – “sempre se mostrou correto perante nós”, podendo entender-se aqui por “correção”, o fato de não adotar

⁶³² PAAA 64689 Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 19.03.1925.

⁶³³ PAAA 64689 Senatskommission für die Reichs- und auswärtigen Angelegenheiten an Auswärtiges Amt 08.04.1925.

⁶³⁴ PAAA 64689 Deutsche Gesandtschaft Rio de Janeiro an Auswärtiges Amt 07.07.1925.

⁶³⁵ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk, de 28.10.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. .

⁶³⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 06.11.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶³⁷ PAAA 64689 Deutsche Gesandtschaft Rio de Janeiro an Auswärtiges Amt 11.09.1925.

postura anti-germânica. Sublinhou ainda que soubera, pelo próprio cientista, que seus filhos aprendiam alemão, fato confirmado por Carlos Chagas Filho (1993) na biografia de seu pai.⁶³⁸

O *Auswärtiges Amt*, que assumiu os custos da visita de Chagas, manteve-se informado através de Rocha Lima de todos os detalhes e das despesas, que foram administradas pelo pesquisador do *Tropeninstitut*.⁶³⁹ Este ficou encarregado ainda de verter as preleções de Chagas para o alemão.⁶⁴⁰ Chagas chegou em Colônia no dia 04 de novembro de 1925. Foi recepcionado por um representante da Universidade de Hamburgo e pela direção da fábrica da Bayer. Dali foi para Leverküssen, onde conheceu as instalações daquela indústria químico-farmacêutica. O roteiro da visita à Hamburgo, programada para o dia seguinte, foi extenuante. Ele foi recepcionado por lideranças da comunidade médica hamburguesa e saudado com discurso de Rocha Lima, no qual este abordou a origem e desenvolvimento do Instituto Oswaldo Cruz e a relação da instituição com a trajetória do cientista. Na casa do colega do *Tropeninstitut*, Chagas reuniu-se com brasileiros residentes na cidade hanseática. Nos quatro dias em que ali permaneceu, ele conheceu todas as instituições médicas de renome – os hospitais Friederichsberg, St. Georg e Eppendorf - e foi recepcionado por seus representantes. No Instituto de Doenças Tropicais, fez palestra sobre a tripanossomíase americana, seguida de banquete oferecido em sua honra, em pavilhão ornado com as cores brasileiras. Na Faculdade de Medicina ele recebeu a medalha Hermann Kümmel, concedida pela Universidade em reconhecimento às suas contribuições científicas, basicamente, pela doença descrita desde o modo de transmissão até os sintomas clínicos. Cumpre ressaltar o significado desse reconhecimento num prestigiado centro de pesquisa e ensino médicos, num momento em que a tripanossomíase americana encontrava-se desacreditada pela enxurrada de críticas recebidas, primeiro de Rudolph Kraus, na Argentina, e depois dos próprios colegas da Academia Nacional de Medicina (Kropf, 2006). A “estampilha do Velho Mundo” – expressão empregada por Henrique Cukierman (2007) ao referir-se à importância do reconhecimento, pelos países europeus, da produção científica brasileira – fortalecia a posição de Chagas frente a seus contendores. Era um demonstrativo de que a descoberta recebia aprovação da comunidade científica internacional, enquanto sofria críticas internas. Além das autoridades

⁶³⁸ *Idem*

⁶³⁹ Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* de 28.10.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁴⁰ *Idem*.

médicas, Chagas foi recebido pelo prefeito de Hamburgo, que palestrou sobre as relações entre a Alemanha e o Brasil, e foi homenageado em banquete pelo Senado e pela Câmara de Hamburgo. Um banquete de despedida foi-lhe oferecido por Bernhard Nocht.⁶⁴¹

Em Berlim, Chagas foi recebido na casa de Fritz Munk, visitou o Hospital Charité, conheceu o Hospital Virchow, do Instituto Kaiser-Wilhelm, e os laboratórios estatais de higiene. Foi também acolhido, em 11 de novembro, em recepção oferecida pela Câmara de Comércio Brasil-Alemanha e pela revista *Vox Medica*, a concorrente da *Revista Médica de Hamburgo*, da qual era membro do corpo de redatores.⁶⁴² O ponto alto da visita a Berlim foi o jantar oferecido pelo *Auswärtiges Amt*, que contou com a presença de altos burocratas do ministério, cientistas e representantes da legação brasileira.⁶⁴³ Cumpre ressaltar que o referido banquete foi sugerido pela Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, que informou que em Paris Chagas havia sido recebido não apenas pela corporação médico-científica, como também pelas autoridades oficiais, inclusive o presidente da República, o qual o convidou para um jantar comemorativo. A relevância social, política e científica do homenageado – advertiu a Câmara – impunha que os alemães fizessem o mesmo.⁶⁴⁴

Do ponto de vista das impressões pessoais do visitante, Rocha Lima avaliou a estadia de Chagas na Alemanha como altamente positiva. Afirmou no relatório ao *Auswärtiges Amt*: Em todas as homenagens reinava uma calorosa simpatia pelo convidado, enquanto que este expressava reiteradamente o seu reconhecimento entusiasmado pelas fortes impressões que a Alemanha lhe causara e a sua gratidão pela recepção e pelas muitas homenagens⁶⁴⁵

Em carta ao chefe da Divisão Cultural, Rocha Lima prestou conta das despesas e reafirmou a gratidão de Chagas aos órgãos oficiais, sublinhando as experiências marcantes

⁶⁴¹ Visita do professor Chagas à Alemanha. Texto Datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁴² PAAA 64689 Deutsch-Brasilianischer Handelsverband an Söhring (Kulturabteilung des Auswärtigen Amtes) 30.10.1925.

⁶⁴³ Visita do professor Chagas à Alemanha. Texto datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁴⁴ PAAA 64689 Deutsch-Brasilianischer Handelsverband an Söhring (Kulturabteilung des Auswärtigen Amtes) 30.10.1925.

⁶⁴⁵ *Idem*

que teriam despertado nele e em sua família, “grande entusiasmo pela Alemanha”.⁶⁴⁶ Para o pesquisador do *Tropeninstitut*, a visita de Chagas contribuiu mais para o restabelecimento das relações com o Instituto Oswaldo Cruz do que as estadias dele no Brasil, em 1920 e 1922.⁶⁴⁷ A seus olhos, a recepção em Hamburgo e Berlim em nada ficou a dever à “proverbial hospitalidade brasileira”.⁶⁴⁸

Através de Salles Guerra, velho amigo de Oswaldo Cruz e companheiro daqueles que haviam constituído o núcleo original de cientistas de Manguinhos, Rocha Lima soube que Chagas ficara muito bem impressionado com a recepção que teve dos alemães, e grato ao colega pelos esforços em garantir o “esplêndido acolhimento que aí obteve”. Salles Guerra recomendou que Chagas enviasse a Rocha Lima recortes de jornais nos quais havia manifestado este reconhecimento.⁶⁴⁹

Se por um lado Rocha Lima demonstrou aos círculos oficiais satisfação com os resultados da visita, por outro queixou-se da pouca exploração da mesma em favor da propaganda cultural alemã. Nenhum comunicado telegráfico, segundo ele, fora enviado aos jornais brasileiros, a não ser o telegrama remetido pela fábrica da Bayer, em Leverkusen. A Bernhard Nocht e ao diretor do departamento cultural do *Auswärtiges Amt*, advertiu que o telégrafo constituía o meio mais eficiente de divulgar a visita de Chagas, uma vez que era o meio através do qual as informações do exterior chegavam ao Brasil e a outros países da América Latina.⁶⁵⁰ Ele próprio havia se empenhado em divulgar a visita à imprensa brasileira, antes mesmo que ela ocorresse. Preparou um relatório enviou-o ao *Auswärtiges Amt*, esperando que ele fosse direcionado aos jornais brasileiros pela Legação Alemã no Rio de Janeiro. Para evitar qualquer empecilho, chegou a oferecer o endereço de seu irmão, que à época trabalhava na representação consular da capital federal.⁶⁵¹ Como contraponto, Rocha Lima evocou, contrariado, o exemplo da França, onde um jantar oferecido a Chagas no

⁶⁴⁶ Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* de 15.11.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁴⁷ }Relatório da viagem ao Brasil – 1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁴⁸ *Idem.*

⁶⁴⁹ Carta de Salles Guerra a Rocha Lima de 26.01.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁵⁰ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 27.01.1926 e Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* de 10.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁵¹ Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* de 23.11.1925. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Instituto Pasteur de Paris, teve grande repercussão na imprensa brasileira, muito embora o convite francês fosse apenas uma consequência do alemão.⁶⁵² O Ministério acatou as críticas de Rocha Lima e justificou o lapso como consequência da defasagem do sistema de comunicações com a América do Sul, falha que logo deveria ser sanada.⁶⁵³ Cumpre ressaltar que as próprias representações diplomáticas tinham dificuldades de comunicação devido à precariedade das comunicações telegráficas. Muitas vezes os próprios diplomatas recebiam orientações que se revelavam superadas ou obsoletas mediante o curso dos acontecimentos (Lopes, 2008, p. 12).

As impressões da viagem de Chagas foram publicadas em *O Jornal*, de 18 de dezembro de 1925. O informe deu destaque à sua atuação em Genebra, à frente do Comitê de Higiene da Liga das Nações, e à estadia na França, onde foi recebido por Émile Roux, “uma das glórias mais legítimas da humanidade”, enaltecendo a notícia.⁶⁵⁴ Ressaltou-se as relações de amizade entre a França e o Brasil, expressas por meio da visita de nomes da medicina francesa como Joseph François Babinski, Louis Henry Vaquez, Henri Roger, Pierre Duval e Émile Marchoux. Em relação à Alemanha, *O Jornal* limitou-se a relatar a boa acolhida de Chagas pelos cientistas e autoridades, sua admiração pelas instituições médicas e de higiene e o bom nome que Rocha Lima gozava no cenário germânico. Ao fim e ao cabo, a viagem do diretor de Manguinhos à Europa teria valido porque ela “expressa um internacionalismo animador entre os de nossa classe e nela se afirma ainda o apreço do estrangeiro pela medicina do Brasil.”⁶⁵⁵

Nem bem Chagas deixou a Alemanha, Rocha Lima e Munk viram-se na incumbência de receber mais um representante da comunidade médica brasileira: Miguel Couto. Nessa ocasião, nosso personagem procuraria envidar maiores esforços para conseguir a devida repercussão à visita, evitando repetir os erros de cálculo da estadia de Chagas.

4.14. A visita de Miguel Couto à Alemanha (1925-6)

⁶⁵² Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 27.01.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁵³ Carta do Auswärtiges Amt a Rocha Lima de 12.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁵⁴ *O Jornal*, de 18.12.1925. Recortes de jornais. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁵⁵ *Idem*.

No final de 1925, a imprensa brasileira noticiou a viagem de Miguel Couto à Europa, para onde dirigia-se a convite da Faculdade de Medicina de Paris, da Academia de Berlim e da Faculdade de Medicina de Hamburgo. Seria a terceira e última visita dele ao velho continente: a primeira fora em 1901 e a segunda em 1912 (Navarro, 1947, p. 113). Nesta estivera com Rocha Lima, com quem mantinha contato desde o início das atividades em Manguinhos. Couto passara a maior parte do tempo em Berlim, onde estabeleceu contato com Fritz Munk. Ambos nutriram, a partir daí, admiração recíproca. Munk teria Miguel Couto na conta de melhor clínico brasileiro (Navarro, 1947, p. 54-5). Segundo Navarro (1947, p. 38), as conclusões do médico brasileiro acerca das doenças renais anteciparam o novo conceito de nefrose formulado por Munk.

Miguel Couto ocupava em 1925 a sétima enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, além de lecionar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro como catedrático de Clínica Médica e dirigir, desde 1913, a Academia Nacional de Medicina. O fato de ocupar este cargo até sua morte, em 1934, demonstra o prestígio e reputação que ele gozou junto à comunidade médica brasileira.⁶⁵⁶ O trabalho de Miguel Couto e Azevedo Sodré sobre a febre amarela fora traduzido para o alemão em 1901. Segundo seu biógrafo (Navarro, 1947), ele expressava-se com facilidade nesse idioma, habilidade que certamente adquiriu depois das dificuldades que teve em Viena, conforme registrou Rocha Lima em carta a Hugo Werneck, em 1901: “Recebi hoje carta do Miguel Couto, que está em Viena, atrapalhado com o alemão que ele só conhece de livro, não percebendo o falado.”⁶⁵⁷ Ainda de acordo com o referido biógrafo (Navarro, 1947, p. 49), o renomado clínico brasileiro era também um entusiasta da tecnologia e do ensino médicos alemães, que qualificava como os mais modernos e eficientes. Nem mesmo a Guerra abalou a simpatia de Couto pela Alemanha. Em carta ao *Auswärtiges Amt*, Rocha

⁶⁵⁶ Com vasta experiência clínica, Miguel Couto realizou estudos sobre os mais diversos domínios da medicina. Se inicialmente abordou questões concernentes à neurologia, breve estendeu seus estudos ao domínio das doenças renais, pulmonares e às variadas disfunções orgânicas relativas à patologia interna. A convite de Azevedo Sodré, passou a trabalhar no Hospital de Isolamento São Sebastião. Ali, pode tecer observações minuciosas sobre a febre amarela, com a realização de numerosas necropsias, análises histopatológicas e testes de todos os gêneros, para os quais contribuiu o grande número de doentes que afluíam àquele hospital. As pesquisas feitas durante as epidemias de febre amarela de 1892, 1894 e 1896, resultaram na obra *Das Gelbfieber*, escrita em colaboração com Sodré (Navarro, 1947, p. 34-5). Elas trouxeram novos conhecimentos acerca da patogenia da icterícia, sobre a qual abordou seu caráter extra-hepático, além de contribuir para o melhor conhecimento do decurso clínico da doença. Tais estudos seriam incluídos no tratado de Herman Nothnagel, *Spezielle Pathologie und Therapie herausgegeben von Hofrath*.

⁶⁵⁷ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 08.02.1901. Segundo Navarro (1947, p. 59; p. 116), os filhos de Miguel Couto também aprenderam o idioma alemão desde criança, o qual eles empregavam preferencialmente, de acordo com o médico, quando tinham de brigar.

Lima assinala que ele foi o responsável pela primeira e mais importante arrecadação de fundos feita no exterior após a Guerra, em favor da combatida ciência alemã.⁶⁵⁸ A iniciativa havia partido do jornalista Assis Chateaubriand, depois que havia visitou a Alemanha, em 1921, tendo ficado admirado com a organização científica dali, mas ao mesmo tempo penalizado com a penúria na qual ela se encontrava. Por conta disso, decidira fazer a coleta em colaboração com os círculos médicos brasileiros, que reuniram-se numa comissão presidida por Couto. Arrecadaram 1 milhão de Marcos, que foi entregue a Fritz Haber, presidente da *Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft* (Sociedade de Socorro à Ciência Alemã), dos quais 10% foram direcionados para auxílio da ciência austríaca.⁶⁵⁹

A viagem de Couto durou quatro meses. Mais uma vez, coube a Munk e Rocha Lima acertar a programação da visita à Alemanha. Eles não ficaram muito entusiasmados com a idéia, pois há pouco haviam se dedicado à visita de Chagas. O acerto desses detalhes consumia tempo e energia, mas ambos assumiram a missão em favor das relações entre Brasil e Alemanha, prometendo “fazerem o seu melhor”.⁶⁶⁰ Na mesma ocasião em que prestava contas das despesas da visita de Chagas, Rocha Lima preveniu o *Auswärtiges Amt* para que cuidasse da divulgação da visita de Miguel Couto à imprensa brasileira, o qual segundo ele era considerado “o maior brasileiro vivo”. Sugeriu que os oficiais alemães fizessem agora uma “utilização hábil” do telégrafo, ao contrário do que ocorrera na visita de Chagas, suprimindo a seleção “miserável e desvantajosa” das notícias relativas à Alemanha nos jornais brasileiros. Afinal de contas, Couto era personalidade “influyente, importante e benquista”, como fez questão de salientar.⁶⁶¹

O *Auswärtiges Amt* prometeu apoio à visita de Couto, a qual procuraria explorar em favor da *Kulturpolitik*. O ministro Heilbron informou-se com Rocha Lima das datas da estadia do médico brasileiro na Alemanha. Garantiu que procuraria despertar o interesse dos círculos

⁶⁵⁸ Carta de Rocha Lima ao das Relações Exteriores (*Auswärtiges Amt*) de 10.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁵⁹ PAAA 64928. Deutsche Gesandtschaft Rio de Janeiro an *Auswärtiges Amt* 13.01.1921; 01.12.1921; Präsident der *Notgemeinschaft* an *Auswärtiges Amt* 28.02.1922. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁶⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 12.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁶¹ Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* de 10.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

berlinenses, à semelhança do que fizera com Chagas.⁶⁶² Munk deveria se encarregar da programação da visita junto com o ministro.⁶⁶³ O apoio da diplomacia alemã, além de nem sempre poder ser dado como certo, não cobria todo o ônus que essas ocasiões traziam. A viagem de Rocha Lima a Berlim, por exemplo, teve de ser paga do seu próprio bolso. Ele próprio assumiu a tradução das palestras que não estivessem vertidas para o alemão.

Em 06 de janeiro de 1926, Couto embarcou no navio rumo à Europa. Ele foi acompanhado da família - a esposa, a filha, o genro e os netos - o que rendeu certo tom galhofeiro de Rocha Lima em carta ao amigo Munk.⁶⁶⁴ Por sugestão da esposa, o médico brasileiro alterou o roteiro da viagem: chegaria pela Itália e subiria calmamente pelos Alpes, à medida que as tempestades de neve passassem. Em Roma e Bolonha, fez conferências, nas quais teve de “tirar da caixola“, conforme confessou a Rocha Lima, os assuntos a serem abordados, uma vez que lhe incomodava a repetição de temas.⁶⁶⁵ Na capital italiana, fez conferência na Academia de Medicina, intitulada “A profilaxia moderna”. Foi saudado ali pelo renomado bacteriologista Giuseppe Sanarelli, autor da malograda teoria etiológica da febre amarela, com quem certamente estabeleceu contato quando ele esteve no Brasil. Dali seguiu para Nápoles, e depois, para Berlim.

A estadia de Miguel Couto na Alemanha consumiu dez dias de Rocha Lima, tempo que segundo ele comprometia sobremaneira sua rotina de trabalho. Em Berlim, o médico brasileiro foi recepcionado por Munk, que o apresentou à Sociedade Berlinense de Medicina. Nela, proferiu conferência sobre “As doenças tropicais”, na qual deu destaque à Doença de Chagas. Discorreu sobre as formas clínicas, com ênfase às cardíacas. Assim, obedecia ao novo desenho clínico privilegiado pelo descobridor da tripanossomíase, desde que esta passara por críticas na Argentina, em 1916, e na Academia Nacional de Medicina, em 1923 (Kropf, 2006). Couto apresentou diapositivos, cortes histopatológicos, eletrocardiogramas e radiografias que demonstravam o perfil clínico da Doença de Chagas.

⁶⁶² Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 13.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁶³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 13.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁶⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 15.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁶⁵ Carta de Miguel Couto a Rocha Lima de 02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

A indústria química E. Merck procurou aproveitar a estadia de Miguel Couto na Alemanha para que ele visitasse suas fábricas, situadas em Darmstadt. Solicitaram informações a Rocha Lima sobre o período em que o médico brasileiro permaneceria em Berlim, pedindo para que ele viabilizasse a visita a “uma das maiores indústrias químicas alemãs, cujo nome é conhecido da melhor maneira, não só dele, como de todos os médicos brasileiros.”⁶⁶⁶

Em Berlim, Couto visitou outros centros hospitalares, assistiu conferências e recebeu homenagens da classe médica local. Em reunião da Sociedade de Medicina de Berlim, que contou com cerca de 2 mil presentes, ele entregou medalha da Academia Brasileira de Medicina ao prestigiado Friedrich Kraus. Acompanhado de Rocha Lima, visitou escolas primárias, a fim de conhecer sua organização. Perto de Charlottenburg, onde Munk residia, visitaram uma *Erholungstatten*, escolas ao ar-livre, que correspondiam às “*open-air schools*” inglesas. Ele também visitou as escolas florestais (*Waldschule*), localizadas em regiões montanhosas cercadas de verde. O interesse pela organização educacional alemã estava relacionado com seu engajamento, nos anos 1920, nos debates sobre educação, saúde e defesa nacional. Num clima de intenso nacionalismo, tais temas haviam ocupado a pauta de intelectuais dedicados a pensar novos rumos para o Brasil e a propor soluções para problemas que viam comprometer a plena integração do país aos trilhos do progresso. Couto viu com simpatia os métodos de ensino adotados pelos alemães nas referidas escolas. Eles harmonizavam-se com suas convicções, de que o ensino deveria estar baseado “na atividade física e mental das crianças, que lhes satisfizesse os legítimos interesses e lhes respeitasse a iniciativa própria” (Navarro, 1947, p. 102).⁶⁶⁷

Ainda na capital alemã, Miguel Couto foi recebido pelo presidente Hindenburg e homenageado em jantar oferecido pelo *Auswärtiges Amt* no luxuoso Hotel Kaiserhof, que contou com a presença de representantes políticos da República (como oficiais do Ministério do Interior, da Marinha e do Exército), de Munk e Rocha Lima, do presidente da

⁶⁶⁶ Carta da E. Merck para Rocha Lima de 13.03.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. Nas informações até agora reunidas sobre a visita de Couto à Alemanha não consta nenhum registro que afirme ter ele estado em Darmstadt, nas fábricas da referida indústria.

⁶⁶⁷ Nos anos 1930, Miguel Couto seria, ao lado de outros intelectuais, um ardoroso defensor da reforma da educação brasileira. Antes disso, em 1927, apresentou projeto no qual sugeria a criação do Ministério da Educação e Saúde. Seus apelos na Associação Brasileira de Educação contribuiriam para o lançamento do conhecido “Manifesto da Educação Nova”, divulgado em 1932.

Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft (Sociedade de Auxílio à Ciência Alemã), do reitor da Universidade de Berlim e de outros renomados representantes da classe médico-científica (o patologista Lubarsch, o higienista Max Hübner, Viktor Schilling).⁶⁶⁸

De Berlim, Miguel Couto seguiu para Hamburgo, onde foi apresentado à comunidade médica local por Rocha Lima e foi recebido por representantes das instituições médicas. Na Faculdade de Medicina da Universidade de Hamburgo foi saudado por Goldscheider e proferiu conferência “Experiências clínicas do beribéri e da malária”. Foi ainda homenageado em almoço oferecido pelos médicos, no qual foi saudado por Kaester, da Faculdade de Medicina, e por Ludolph Brauer. Em agradecimento, Couto ofereceu a Bernhard Nocht medalha de ouro da Academia Nacional de Medicina (Navarro, 1947, p. 116).

O próprio Rocha Lima redigiu os telegramas informando sobre os passos da visita de Miguel Couto.⁶⁶⁹ Deu destaque às honrarias que ele recebeu por parte da corporação médico-científica e dos círculos políticos. Em abril de 1926, a legação alemã no Rio comunicou que já havia encaminhado à imprensa os referidos telegramas. Relatou que os jornais haviam noticiado bastante sobre a visita em virtude dos relatos obtidos de suas próprias redes de informação.⁶⁷⁰

Couto seguiu para Paris, acompanhado de Rocha Lima, que dirigiu-se dali para o Brasil, conforme veremos adiante. Na capital francesa, ele foi recebido pela Academia de Medicina, na qual fez conferência “Síndrome da perfuração da aorta”, tendo sido saudado por Henri Hartmann e Henri Roger, este último decano da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris. Dali, Couto e Rocha Lima seguiram para Lisboa, onde o segundo tinha importante incumbência referida à *Kulturpolitik*, sobre a qual falaremos adiante. A bordo do *Cap Polonio*, retornaram ao Brasil.

A chegada ao porto do Rio foi acompanhada de uma recepção com grande participação popular. Uma multidão afluiu à Praça Mauá para dar as boas vindas ao renomado clínico brasileiro. Muitos dos presentes eram da “mocidade estudantil“, incluindo estudantes da Faculdade de Medicina, que receberam o professor com a faixa “Miguel Couto, o pai dos

⁶⁶⁸ PAAA 64689 Einladungslist 19.02.1926.

⁶⁶⁹ PAAA 64689 Telegramas ao Auswärtiges Amt – fevereiro de 1926.

⁶⁷⁰ PAAA 64689 Deutsche Gesandtschaft (Rio de Janeiro) an Auswärtiges Amt 07.04.1926.

estudantes”.⁶⁷¹ O trajeto da Praça Mauá a Botafogo, onde Couto residia, demorou duas horas, sendo que normalmente duraria dez minutos. Ele foi saudado com discursos e manifestações da multidão.⁶⁷²

A imprensa repercutiu o clima da recepção festiva. A advertência de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* surtiu efeito, uma vez que a visita de Couto teve divulgação bem maior que a de Chagas. Em 14 de maio de 1926, antes mesmo que o *Cap Polonio* atracasse, o catedrático da Faculdade de Medicina foi abordado por repórter da *Vanguarda*. Os jornais trataram em longas matérias de sua recepção na Europa e das condecorações recebidas. Para os brasileiros, a boa acolhida do renomado clínico provava o reconhecimento e prestígio da medicina e cultura nacionais no exterior. A recepção na Alemanha foi considerada o ponto alto da viagem à Europa, fato reconhecido, segundo Rocha Lima, mesmo por francófilos como o professor da Faculdade de Medicina do Rio, Antônio Dias de Barros. As homenagens na Alemanha significavam na sua acepção um caminho para a “reconciliação com a mentalidade alemã”.⁶⁷³

Um dos meios pelos quais a visita de Couto rendeu créditos à causa alemã foi através das declarações à imprensa. Ele retratou um país tão próspero e moderno quanto há 13 anos atrás, última vez em que havia estado lá. Com isso, afirmava que a Guerra não impactara de modo tão decisivo num cotidiano marcado pela organização e eficiência:

*A minha última estadia na Alemanha era em 1913, portanto no começo de própria experiência as condições durante os terríveis anos da guerra e da inflação. No que diz respeito às condições atuais, posso afirmar que não notei a mínima diferença que pudesse ser considerada em desfavor da atualidade. A mesma ordem, pontualidade e asseio nas estradas de ferro, a mesma prontidão e serviço e atenção nos hotéis e casas de negócio. Todos os funcionários públicos e empregados comerciais mostram a máxima cortesia para com o estrangeiro...*⁶⁷⁴

⁶⁷¹ O regresso do professor Miguel Couto. Jornal s.d, Recortes de jornais, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁷² Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Fundo Rocha Lima, CMIBSP e Navarro, 1947, p. 118.

⁶⁷³ *Idem*

⁶⁷⁴ “A Alemanha de Hoje – Segundo a opinião do Professor Miguel Couto”. A Capital, 09 de abril de 1926. Recortes de jornais, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

As declarações de Miguel Couto contrariavam o quadro caótico divulgado pela propaganda francesa. Elas refletiam o clima de otimismo na recuperação alemã, instaurado desde que o Plano Dawes, como vimos, havia propiciado o saneamento financeiro do Estado alemão, a estabilização do marco e o controle da inflação.

O Instituto Ibero-Americano aproveitou o ambiente favorável da recepção de Miguel Couto no Rio de Janeiro para lhe conceder a *Golden Medaille der Wissenschaftler Rat* (medalha de ouro de conselheiro científico), após ele ter voltado de uma curta estadia na Argentina (Navarro, 1947, p. 118).

Para Rocha Lima, a repercussão positiva da viagem de Couto nos termos da *Kulturpolitik* era um demonstrativo de que a boa recepção de cientistas estrangeiros e a divulgação adequada na imprensa consistiam numa estratégia mais pertinente de propaganda cultural do que aquela posta em ação por mecanismos diplomáticos. No entanto, ele não se iludia: ela devia-se menos a uma preferência dos brasileiros pela cultura alemã, em detrimento da francesa ou italiana (onde Miguel Couto também fora recepcionado), do que às boas estratégias de circulação de informações sobre as homenagens na Alemanha. Isso provava que a utilização eficiente do telégrafo era um meio adequado de explorar as visitas em favor da *Kulturpolitik*.⁶⁷⁵

4.15. A viagem de Rocha Lima ao Brasil (1926)

Ao contrário das duas viagens de Rocha Lima ao Brasil – em 1920 e 1922 -, a de 1926 teve caráter oficial. Antes mesmo de visitar a Alemanha, Chagas havia manifestado interesse em convidar o colega do *Tropeninstitut* para passar uma temporada de estudos no Instituto Oswaldo Cruz.⁶⁷⁶ Durante a visita àquele país ele reiterou o convite, que foi aceito por Rocha Lima. Segundo este, Chagas considerava vantajoso para Manguinhos uma cooperação com pesquisadores alemães, através da incorporação de seus “métodos de trabalho” às pesquisas. Depois de confirmar o convite por telégrafo, Chagas escreveu a Bernhard Nocht, agradecendo

⁶⁷⁵ Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁷⁶ Carta de Rocha Lima ao Ministério das Relações Exteriores (*Auswärtiges Amt*) de 09.10.1924. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

a recepção em Hamburgo e destacando a conveniência de estabelecer um intercâmbio de Manguinhos com a instituição hanseática. Comunicou a intenção de ter Rocha Lima em Manguinhos para colocar o plano em ação:

*Por ter outrora pertencido ao nosso Instituto, o Senhor Professor Rocha Lima, está em condições, como nenhum outro, de estabelecer contato com nossos colaboradores e colocá-los em ligação com os pesquisadores em Hamburgo, promovendo, assim, da melhor maneira possível, a ambicionada aproximação entre os nossos institutos.*⁶⁷⁷

Em seguimento aos trâmites oficiais, Rocha Lima dirigiu ofício a Nocht, manifestando a intenção da viagem e destacando o valor das duas anteriores, quando pôde trazer abundante material de estudos para o *Tropeninstitut*.⁶⁷⁸ Nocht encaminhou ao Senado de Hamburgo o pedido de licença de seis meses de Rocha Lima, com vencimentos, para a viagem ao Rio de Janeiro. As finalidades mencionadas no ofício eram estudar doença de Chagas, contribuir para o erguimento de um novo instituto científico e dar palestras. Destacou que, agora, o colaborador brasileiro não estava em condições de arcar com os custos da viagem, como havia sido em 1920 e 1922. Foi nessa ocasião, que o relatório destas foi redigido, e daí o destaque às atividades de nosso personagem em favor das relações teuto-brasileiras. Além do afastamento de Rocha Lima, Nocht apresentou a proposta de intercâmbio institucional com Manguinhos, na qual solicitou contribuição às autoridades de Hamburgo apenas para pagamento dos pesquisadores em licença. Em 27 de fevereiro de 1926, o diretor do serviço de saúde deferiu o afastamento de Rocha Lima.⁶⁷⁹

Muito embora a viagem fosse oficialmente justificada pela cooperação com o Instituto Oswaldo Cruz, ela estava também referida, segundo Rocha Lima, a “um quadro mais geral”,⁶⁸⁰ relacionado a questões pessoais. Da correspondência privada com o amigo Munk, deduz-se que ele investia nos negócios de Antonico Mendes Campos, que dedicava-se, entre

⁶⁷⁷ StAHH CI VII. Lit Qb 8b Vol. 15 Fasc. 27b. Carta de Carlos Chagas a Bernhard Nocht de 04.01.1926.

⁶⁷⁸ StAHH CI VII. Lit Qb 8b Vol. 15 Fasc. 27b Ofício de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 22.02.1926.

⁶⁷⁹ StAHH CI VII. Lit Qb 8b Vol. 15 Fasc. 27b. Ofício de Nocht de 22.01.1926 e do Presidente da Gesundheitsbehörde (autoridade de Saúde) de 27.02.1926.

⁶⁸⁰ Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

outras coisas, ao ramo da indústria têxtil. O fato é que Rocha Lima sofreu dura debacle financeira provocada pela falência de Mendes Campos. Escreveu a Munk que as causas da falência permaneciam um mistério, sendo que o próprio Antonico tratava o assunto “com certa indiferença e cinismo”. Este teve seus bens confiscados pelos credores.⁶⁸¹ É possível que Rocha Lima tenha procurado cuidar de seus interesses, ao ser informado da insolvência do industrial.⁶⁸² Ele teve ainda de aplinar as querelas que opuseram Henrique Aragão e Arthur Moses nos negócios do Instituto Brasileiro de Microbiologia. Tais divergências entre os dois sócios afetaram as atividades do Instituto. Para “colocar as coisas novamente nos trilhos”, o pesquisador do *Tropeninstitut* teve de livrar “batalhas longas e penosas” nos cinco meses em que permaneceu no Brasil.⁶⁸³

Mais uma vez Rocha Lima combinava motivações pessoais, relativas à vida financeira e a outras questões, com os propósitos da *Kulturpolitik*. Porém, a conjuntura de 1926 contribuiu para que ganhasse maior destaque o papel como promotor das relações científicas. A cooperação com o Instituto Oswaldo Cruz surgiu como ótima oportunidade para essa composição de questões pessoais com demandas institucionais e agendas perseguidas pelos círculos diplomáticos.

O itinerário de Rocha Lima teve de ser modificado, devido ao convite feito pelo Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, para realizar conferência sobre o Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo. O interesse dos portugueses pela organização da medicina tropical alemã deveu-se ao importante papel que esta desempenhava na empresa colonial portuguesa. O Instituto Alemão havia sido fundado em 1925, tendo como objetivo o ensino, a pesquisa e a divulgação da cultura alemã – basicamente a língua e literatura – em Portugal. Era anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sendo dirigido pelo decano desta, e conveniado ao Instituto Ibero-Americano de Hamburgo, o qual representava em território português. As atribuições do Instituto Alemão, cujo primeiro presidente foi o professor João Providencio Costa, incluíam a realização de cursos de alemão para estudantes e professores, e de palestras sobre diversos aspectos concernente à cultura e sociedade alemãs.

⁶⁸¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 26.10.1926; Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁸² As informações trazidas na correspondência acerca da derrocada financeira de Rocha Lima são bastante fragmentárias, não permitindo uma abordagem mais completa da questão.

⁶⁸³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 26.10.1926; Fundo Rocha Lima, CMIBSP. A documentação até agora consultada também não é clara acerca dessa questão.

Deveria promover o intercâmbio de intelectuais entre Portugal e Brasil com os países de língua alemã, basicamente Alemanha e Áustria, manter uma biblioteca com títulos alemães e uma publicação - o “Boletim do Instituto Alemão” - dedicado à divulgação das pesquisas e eventos ali realizados. Enquanto a Universidade de Coimbra cedeu as instalações para a nova instituição, o Instituto Ibero-Americano de Hamburgo, junto com a Universidade de Hamburgo e outras instituições científicas, organizaram a biblioteca com acervo em alemão. Empresas privadas contribuíram com recursos. Deduz que, além de atender aos interesses da *Kulturpolitik* e de intercâmbio intelectual com países de língua portuguesa, o Instituto Alemão foi visto como um meio de favorecer a distribuição e penetração da robusta produção editorial alemã.⁶⁸⁴

Como o desvio de rota implicava em aumento de custos, Rocha Lima solicitou à Sociedade dos Amigos do Instituto de Doenças Tropicais o rateio dos gastos adicionais.⁶⁸⁵ Pediu a Bernhard Nocht o adiantamento da viagem em dez dias, a fim de que alcançasse, em Lisboa, o vapor que partia para o Brasil.⁶⁸⁶ O *Auswärtiges Amt* manifestou entusiasmo com a visita dele a Portugal, procurando inteirar-se dos detalhes da viagem. Um dos oficiais do Ministério sugeriu-lhe que estabelecesse relações com os poucos alemães que estavam em Coimbra, principalmente o professor Meyer-Lübke, que lá permaneceria por alguns meses.⁶⁸⁷ Nota-se, aí, que as movimentações dos cientistas alemães no estrangeiro (do ponto de vista prático essa era a inserção de Rocha Lima) eram acompanhadas de perto pelo Ministério, interessado em capitalizá-las em favor da propaganda cultural. Rocha Lima levou publicações sobre a política alemã para ele divulgar entre os portugueses.⁶⁸⁸ Informado da ida de Rocha Lima a Coimbra, Marburg-Lahn, secretário científico da *Behring-Werke*, uma das maiores indústrias farmacêuticas alemãs, solicitou que ele aproveitasse a ocasião para divulgar o potencial terapêutico do Yatren 105, desenvolvido em cooperação com os laboratórios do

⁶⁸⁴ “Das Deutsche Institut in Coimbra”, in *Iberica – Zeitschrift für spanische und portugiesische Auslandskunde*, v. 4, n. 1, p. 1-12, 1925. Inclui os estatutos do Instituto Alemão. Ver também: “Deutsches Institut an der Universität Coimbra”, p. 32.

⁶⁸⁵ Carta de Rocha Lima à Sociedade dos Amigos do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo de 09.03.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁸⁶ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 08.04.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁸⁷ Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 12.02.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁸⁸ Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 31.03.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Tropeninstitut, para o combate à disenteria amebiana. Lahn remeteu a Rocha Lima publicações que traziam as últimas pesquisas sobre o medicamento. Entre elas, ressaltou as resenhas de palestras apresentadas durante a reunião da Sociedade Alemã de Medicina Tropical, em Hamburgo, e as indicações feitas por Mühlens, segundo as quais o Yatren mostrava-se eficaz, não só contra a disenteria amebiana, como também contra a bacilar e demais doenças intestinais de diagnóstico incerto. Sugeriu, ainda, que o médico brasileiro incluísse o Yatren junto às demais realizações da medicina tropical alemã.⁶⁸⁹

Se oficialmente Rocha Lima manifestou entusiasmo em fazer propaganda cultural alemã em Portugal e “dizer muitas coisas sobre a Alemanha em língua materna” (Rocha Lima, 1926), na correspondência ele reclamou da mudança de roteiro. Antes de chegar em Lisboa, acompanhou Miguel Couto em Paris, onde visitou o Instituto de Parasitologia da Universidade dirigido por Émile Brumpt. Como vimos, os dois cientistas haviam rompido relações devido à invasão do vale do Ruhr pelas tropas francesas, em 1923, e conseqüente acirramento da rivalidade franco-germânica. Elas foram retomadas em 1925. Brumpt fora um dos primeiros a reatar o intercâmbio com o Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, o qual não interrompera por completo nem mesmo nos anos da Guerra. Segundo Rocha Lima, Brumpt era seu único elo com a ciência francesa. Ele justificou sua estadia em Paris, como orientada pela necessidade de atuar de forma conciliadora, a fim de reverter o isolamento em que fora posta a ciência alemã. Além disso, Paris era ponto de passagem praticamente obrigatório de praticamente todos os sul-americanos que viajavam à Europa. Uma estadia ali equivaleria a uma viagem aos países sul-americanos - sublinhou -, uma vez que permitia manter-se informado acerca das tendências da política internacional (Rocha Lima, 1926, p. 5-6).

Em Portugal, Rocha Lima foi recepcionado na Universidade de Coimbra pelo professor Providencio Costa, diretor do Instituto de Estudos Alemães. Ele abordou suas experiências durante a Guerra, discorreu sobre a mentalidade alemã e, em conferência, tratou do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo e de seus estudos sobre o tifo exantemático. Orgulhosamente, avaliou como altamente positivo o impacto de suas conferências, que contaram com considerável participação, embora ocorressem simultaneamente a um congresso de medicina na universidade (Rocha Lima, 1926, p. 6).

⁶⁸⁹ Carta da Behring-Werke a Rocha Lima de 28.01.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

A chegada ao Brasil junto com Miguel Couto, foi acompanhada da mencionada recepção no porto. Rocha Lima também foi instado a relatar sobre a situação alemã à imprensa. Os mesmos apostos lisonjeiros foram empregados para se referir-se a ele, “um dos raros cientistas brasileiros que ocupam uma cátedra em universidade estrangeira” e “profundo conhecedor das coisas da Alemanha”⁶⁹⁰ A vivência cotidiana na Alemanha o autorizava a fornecer um quadro das condições políticas e sociais de lá. Por outro lado, o acesso à imprensa serviria para desfazer os mal-entendidos gerados pelo incidente diplomático que há dois meses atrás havia colocado Brasil e Alemanha em rota de colisão, conforme analisaremos.

4.16. Rocha Lima, a crise diplomática de março de 1926 e a propaganda cultural na imprensa

Os acordos de Locarno previam a entrada da Alemanha na Liga das Nações, que seria ratificada em assembléia extraordinária prevista para 8 de março de 1926. Junto com a Alemanha, a Polônia, tradicional aliada da França, também pleiteou a entrada no conselho permanente, composto por França, Inglaterra, Itália e Japão. Mas os alemães haviam exigido para a aceitação dos acordos a condição de serem os únicos admitidos no órgão. Opuseram-se à entrada da Polônia porque viam-na como uma manobra da França para contar com um aliado seu no Conselho. A diplomacia brasileira, por sua vez, também seguia firme na intenção de conseguir um assento permanente. Desde 1923, o Itamaraty vinha realizando campanha nos bastidores para atingir esse fim. No ano seguinte foi criada uma delegação especial em Genebra, com status de embaixada, dirigida por Afrânio de Melo Franco. A entrada da Alemanha figurou para o Brasil como uma oportunidade de pleitear sua própria admissão: condicionou a aceitação do ingresso do país europeu à sua entrada. Diversos arranjos foram feitos na tentativa de resolver o impasse gerado. O ministro das Relações Exteriores, Félix Pacheco, considerou a atitude da Alemanha de querer entrar sozinha na Liga como um meio de prejudicar o Brasil. Pressionado por ele e por Arthur Bernardes, para quem a entrada do Brasil tornara-se questão de “honra nacional”, o ministro Afrânio de Mello Franco usou do poder de veto, impedindo que a Alemanha tomasse parte na Liga das Nações e fazendo água a toda a arquitetura tramada pelas potências locarnistas. O veto do Brasil na

⁶⁹⁰ Estas, por acaso, foram extraídas de *O Jornal*, 10.05.1926. Recorte de jornais. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

assembléia de 08 de março causou extremo mal-estar. Em julho de 1926, o país anunciou sua retirada da organização multilateral, que em setembro admitiria a Alemanha como novo membro (Garcia, 2000).

A crise diplomática que opôs Brasil e Alemanha surpreendeu Rocha Lima entre a recepção de Miguel Couto e os preparativos de sua viagem. A opinião pública européia condenou a atitude da delegação brasileira, apontada como responsável pelo fracasso da Assembléia Extraordinária, e como manifestação de uma ambição desmedida (Garcia, 2000, p. 112). O jornal de Londres, *The Times*, retratou Afrânio de Mello Franco como “diplomata franzino, vindo de país distante e que de repente surgia como desmancha-prazeres das grandes potências” (apud Garcia, 2000, p. 112). A imprensa alemã também criticou a medida tomada pelo Brasil. Um jornal berlinense publicou uma caricatura nada prestigiosa de Afrânio de Mello Franco, com a subscrição “Mello Franco, o brasileiro obstinado”. Uma das interpretações mais correntes era a de que o Brasil havia agido por influência da França e de seus aliados. Essa foi a opinião veiculada por Theodor Wolff, redator do *Berliner Tageblatt*, um dos principais jornais alemães. Wolff era na ocasião um dos mais polêmicos publicistas.⁶⁹¹ Desde que assumiu a redação do *Berliner Tageblatt*, ainda antes da Guerra, Wolff transformou-o no mais influente jornal berlinense, cuja tiragem alcançou durante certo período o número de 300 mil exemplares diários. Os editoriais que escrevia no matutino costumavam ter grande repercussão. Foi no de 22 de março de 1926, que ele criticou a posição brasileira em Genebra.

Wolff afirmou que o Brasil não tinha motivos para queixar-se da hostilidade alemã, uma vez que havia participado da Guerra ao lado dos “inimigos”. Argumentava ainda, que o Brasil “agiu ou de acordo com aconselhamento de terceiros, ou atendendo ao interesse dos delegados do presidente do Brasil, que já havia sido substituído, e sairia em novembro.” Fugindo do foco da crise de Genebra, questionou os exames para regulamentação do exercício da medicina exigido no país aos médicos estrangeiros. Chamou-os de “tramóia” e afirmou serem cobrados apenas dos médicos alemães, o que contrastaria com a receptividade que médicos brasileiros “como o presidente da Academia Nacional de Medicina”, Miguel Couto,

⁶⁹¹ Fora um dos fundadores do Partido Democrático Alemão (*Deutschen Demokratischen Partei*) em 1918, que trouxe à República de Weimar o apoio dos progressistas e democráticos da esquerda. Assim acabou com as esperanças na formação de uma coalizão burguesa anti-socialista. Isso lhe valeu a ira dos nacionalistas conservadores, que chegaram a ameaçá-lo de morte.

encontravam na Alemanha. Wolff aludiu a discurso feito por este em Berlim, chamado “O milagre da cultura alemã”, no qual ele teria afirmado que a arquitetura da Liga das Nações devia-se ao “gênio alemão”, pois seus fundamentos encontravam-se no pensamento de Kant. O publicista ironizou: “lamentamos que no momento de formação da Liga das Nações não havia um gênio destes à disposição para ajudar e aconselhar”.⁶⁹²

Ainda na Alemanha, Rocha Lima procurou divulgar sua interpretação sobre a crise diplomática de março de 1926. Queria contrariar a versão corrente na imprensa alemã, de que a atitude brasileira em Genebra havia sido motivada por subserviência e adaptabilidade do Brasil às potências rivais da Alemanha. O artigo de Wolff, em particular, foi alvo de reação inflamada de sua parte, que em carta escrita no dia seguinte à publicação contestou ponto por ponto as afirmações do publicista.⁶⁹³ Falando em nome do bom termo das relações intelectuais Brasil-Alemanha, Rocha Lima advertiu Wolff por desconsiderar a recepção que médicos alemães vinham recebendo no Brasil nos últimos anos. Criticou-o por misturar a política de intercâmbio cultural com a questão da prática profissional de médicos alemães e por chamar de “tramóia” os exames que não eram apenas exigidos dos alemães – retificou – mas de todos médicos estrangeiros que pretendiam atuar no Brasil. Os procedimentos ali adotados, prosseguiu Rocha Lima, haviam sido feitos de acordo com as leis européias, observadas por todos os países, embora apenas o país sul-americano fosse alvo de ataques por esse motivo. Enquanto muitos médicos alemães praticavam livremente a medicina no Brasil, ele era o único brasileiro estabelecido profissionalmente na Alemanha, redargüiu. Não via nenhum sentido em Wolff suspeitar da amizade do Brasil, que tendo seus navios torpedeados por submarinos alemães, não tocara num único fio de cabelo dos cidadãos da Alemanha. Concluiu, dizendo esperar que as afirmações feitas pelo crítico berlinense não prejudicassem sua próxima “missão” ao Brasil, na qual procuraria explicar a postura alemã em Genebra.⁶⁹⁴

Depois do editorial de Wolff, Rocha Lima viu como ainda mais premente a necessidade de apresentar versão diferente dos fatos. Dessa forma, poderia esclarecer a conduta brasileira a partir dos interesses de seu país. Um dia depois de enviar as críticas ao publicista, escreveu sobre a crise em Genebra, procurou considerar os dois lados da questão e

⁶⁹² *Berliner Tageblatt*, recortes de jornais. Fundo Rocha Lima.

⁶⁹³ Carta de Rocha Lima a Theodor Wolff de 23.03.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁹⁴ Carta de Rocha Lima a Theodor Wolff, de 23.03.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

o remeteu ao departamento cultural do *Auswärtiges Amt*. Justificou a ênfase no ponto de vista brasileiro por ser aquele que estava sendo alvo de ataque pelos alemães; quando estivesse no Brasil, destacaria, em contrapartida, a perspectiva alemã. Sugeriu que fosse publicado, mesmo que a sua assinatura não aparecesse na matéria.⁶⁹⁵ A nobreza da causa legitimaria, a seus olhos, a anulação dos méritos individuais. Em resposta, o Ministério comunicou o encaminhamento do texto ao Departamento de Imprensa. Nada poderia ser feito além disso. Por iniciativa própria, Munk dispôs uma cópia do artigo ao jornal *Deutsche Allgemeine*, o que causou certa irritação às autoridades do Ministério.⁶⁹⁶ Rocha Lima também enviou o texto ao próprio Theodor Wolff, que se recusou a publicá-lo, alegando que não havia qualquer prevenção da Alemanha contra os brasileiros, mas, que ao mesmo tempo, o cientista deveria compreender o ponto de vista alemão, pois “a Alemanha só poderia participar de uma Liga das Nações que fosse formada de acordo com os seus interesses, e não em uma que fosse composta de forma desfavorável a nós”, alegou.⁶⁹⁷

Finalmente Rocha Lima enviou o artigo à redação do *Hamburger Fremdenblatt*, mas o jornal de Hamburgo também se recusou a publicá-lo. Argumentou que seria prudente não tocar mais no assunto, muito embora compartilhassem da abordagem conciliatória do artigo. Sugeriram que fosse publicado em versão reduzida, num outro jornal da editora, o *Deutsche-Übersee Zeitung*.⁶⁹⁸ Nele, o pesquisador reforçou as razões do Brasil no veto à Alemanha e enfatizou a oposição desta em aceitar a entrada junto com o país sul-americano, enquanto este manifestava simpatia à admissão do país europeu na Liga, desde que ocorresse junto com a sua entrada no Conselho.

A retórica empregada no texto é a de quem procura adotar uma posição na qual todos teriam suas razões próprias. Nesse sentido, ambas as delegações teriam tentado corresponder às expectativas de seu povo e seu governo, que esperavam conquistar um lugar no conselho permanente da Liga. E por isso, a postura de ambos os países deveria ser encarada nos termos de suas próprias motivações, e não julgadas a partir do olhar externo.

⁶⁹⁵ Carta de Rocha Lima ao Ministério das Relações Exteriores (*Auswärtiges Amt*) de 24.03.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁹⁶ Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 01.04.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁹⁷ Carta de Theodor Wolff a Rocha Lima de 30.03.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁶⁹⁸ „Deutschland und Brasilien“. *Deutsche Übersee-Zeitung*, 04.04.1926. Recorte de jornal, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Rocha Lima distinguiu o discurso da prática que efetivamente tinha lugar na política internacional do pós-Primeira Guerra. Enquanto a Liga das Nações teria como objetivo assegurar a igualdade de direito entre os Estados-membros, na prática ela apenas incorporaria o revanchismo e unilateralismo das potências vencedoras tal como teria ocorrido no Tratado de Versalhes. Devido a esse distanciamento entre ideal e realidade, entre objetivos declarados e mecanismos em ação, ele descreveu os fatos ocorridos em Genebra, nos termos do teatro, cuja peça teria sido produzida pelos chanceleres dos países vencedores. A eles caberia definir o papel e a fala das nações menores. Não lhes teria ocorrido, no entanto, que alguns desses coadjuvantes poderiam levar o discurso às últimas conseqüências, recusando-se a seguir os “scripts” previstos.

Para Rocha Lima, as motivações do Brasil estariam ligadas à ambição de tomar parte no concerto internacional das nações. Ao empregar a metáfora do teatro e dos papéis previstos, ele aludiu ao intrincado e tenso jogo de poder entre as potências vencedoras – França e Inglaterra, principalmente – que estabeleceram acordos a fim de se acomodarem no cenário europeu uma vez terminada a Guerra. A oposição entre o Brasil e a Alemanha havia sido fruto das circunstâncias presentes “no momento mais tenso de uma grande peça teatral”. Traíndo o *script*, Afrânio de Mello Franco teria concentrado o ódio antes dirigido aos representantes alemães, embora estivesse apenas defendendo os interesses de seu país. O pesquisador do *Tropeninstitut* atacou a idéia de que a delegação brasileira tivesse sido manipulada pelas potências localistas, que teriam usado de subterfúgios para impedir a entrada da Alemanha no conselho permanente. Isso demonstrava, segundo ele, que para os europeus era inadmissível a idéia de que uma pequena nação militarmente fraca pudesse agir por causa própria.

Se na imprensa alemã Rocha Lima procurou defender a posição brasileira contra as interpretações unilaterais e o chauvinismo e nacionalismo da ocasião, em território brasileiro ele pôde mostrar o outro lado da moeda. Disse ter confirmado em Paris seu argumento sobre a crise diplomática, segundo o qual os estados europeus haviam subestimado a possibilidade de um país sul-americano contrariar sua vontade. Ao mesmo tempo, pôde ver que a interpretação corrente era a de que a atitude brasileira fora balizada por um nacionalismo tacanho, expresso num momento equivocado (Rocha Lima, 1926).

A imprensa brasileira, principalmente a do Rio de Janeiro, acompanhou com atenção a crise de março de 1926. Os jornais adotaram posições diferentes sobre a postura do Brasil: de

um lado os “patriotistas”, que apoiavam a atitude da diplomacia do Itamaraty; de outro, os “derrotistas”, contrários a ela.⁶⁹⁹ Os simpáticos à política externa de Arthur Bernardes justificaram-na por uma ótica nacionalista. Os de oposição, defendiam que a Liga das Nações era expressão do imperialismo europeu e um comitê privado das grandes potências, entre as quais o Brasil seria um intruso, movido por delírios de grandeza. Eles defendiam a retirada do Brasil da Liga (Garcia, 2000, p. 109-110). *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, comparou a postura brasileira na Liga com a Arca de Noé: o Brasil era uma pulga que, estando na frente da fila, procurara obstruir a entrada do elefante, no caso, a Alemanha. A postura de *O Jornal* era considerada, pelos simpáticos ao governo, como contrária aos interesses nacionais, sendo Chateaubriand visto como germanófilo e “vendido ao estrangeiro” (Idem, p. 105).

Rocha Lima desembarcou no Brasil quando as controvérsias geradas pela crise em Genebra já estavam um pouco mais abrandadas. A calorosa recepção que teve na chegada com Miguel Couto, foi acompanhada do habitual assédio da imprensa. Antes de abordar o incidente diplomático, com suas causas e justificativas, ele traçou um panorama geral das condições na Alemanha. *O Jornal* fez referência à “argúcia de sociólogo” de Rocha Lima, a qual se combinaria com seu “espírito crítico de homem de ciência”, ou seja, o papel de observador próximo, mas ao mesmo tempo capaz de olhar com certo distanciamento a realidade à qual se reportava. A condição ambígua dele – um estrangeiro integrado à vida social local, passando a compartilhar de muitos dos seus pressupostos – possibilitava um olhar lúcido sobre as circunstâncias daquele tempo. O fato de ser estrangeiro conferia-lhe uma visão em perspectiva sobre a conjuntura alemã, muito embora ela fosse enviesada pelos propósitos do seu discurso. Este harmonizava-se com os interesses da *Kulturpolitik*, de divulgar um quadro favorável à Alemanha, sem dispensar o interesse pessoal de favorecer as impressões acerca de um país, ao qual sua reputação científica estava diretamente ligada. As observações dele contribuíam para edificar, no Brasil, as representações sobre a realidade social alemã do pós-Guerra, revertendo, contrapondo ou mesmo complementando o cenário esboçado a partir das notícias divulgadas pelas agências internacionais, dominadas pelas potências aliadas e pelos Estados Unidos.

⁶⁹⁹ Entre os primeiros estavam: *Jornal do Commercio*, *A Notícia*, *A Folha*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *O Imparcial*, *O Brasil* e *Rio Jornal*. Entre os que se opunham estavam *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *A Noite*, *A Manhã*, *A Tribuna*, *Vanguarda* e *A Pátria*.

Rocha Lima apresentou a Alemanha como uma nação restaurada. O proverbial espírito de ordem e disciplina da cultura germânica teria imperado sobre as forças anárquicas da política. A despeito do conturbado cenário político da República de Weimar, marcado pela disputa entre comunistas, social-democratas ou nacionalistas, imperava a coerência entre os governantes que seguidamente assumiam a presidência, informou. Como já havia assinalado nas ocasiões anteriores em que esteve no Brasil, destacou a força do espírito monárquico entre os alemães. Ele seria instilado já na formação dos jovens, sendo identificado à grandeza e poder de outrora, ao passo que a República era correlacionada à humilhação do armistício, à ocupação estrangeira e à miséria. Se para nosso personagem era pouco provável o ressurgimento do monarquismo naquele momento, o mesmo não poderia ser dito para o futuro. Cabe lembrar que há um ano atrás fora eleito presidente o velho marechal identificado às forças nacionalistas e conservadoras, Paul von Hindenburg.

A superação da grande crise econômica e monetária - “quando o envilecimento do marco atingiu proporções inomináveis, e a fortuna pública parecia ficar sepultada sob uma montanha de papel-moeda”⁷⁰⁰ – dera novo fôlego à atividade científica, relatou o pesquisador do *Tropeninstitut*. As instituições de pesquisa médica e hospitais prosseguiram com plena vitalidade, abastecidas por grande soma de investimentos. Como exemplo, citou o caso das instituições hamburguesas, como os quatro hospitais que mantinham instalações modernas e até mesmo luxuosas, e o *Tropeninstitut*, mantido com estipêndio anual de 600 mil marcos.

No relatório sobre a viagem de 1926 entregue ao *Auswärtiges Amt*, Rocha Lima refere-se à intenção de descrever a ascensão alemã, a fim de “minimizar a propaganda anti-alemã, feita de maneira inconsciente, principalmente por fanáticos políticos alemães, que desconhecem a mentalidade estrangeira, e tentam desacreditar o novo Reich alemão (Rocha Lima, 1926, p. 11). Mas esse quadro favorável e otimista da conjuntura alemã não derivou apenas da intenção de neutralizar a propaganda germanófoba, mas um reflexo da atmosfera geral que imperava no país europeu. Vimos que esta contagiou até mesmo Miguel Couto. Ele apresentou ao Brasil uma Alemanha recém-ressurgida dos escombros da Guerra e do caos político e econômico. Esse otimismo ecoou o restabelecimento do poder de investimento do Estado alemão, visível nas crescentes subvenções dos governos centrais e regionais às atividades culturais, como a edição de livros e revistas, apoio às atividades de associações

⁷⁰⁰ *O Jornal*, 09.05.1926. Recorte de jornais. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

culturais, financiamento de bolsas de viagem e de trabalhos de pesquisa (Richard, 1988, p. 109).

Não só durante a chegada ao Brasil, mas durante toda a sua estadia, Rocha Lima falaria repetidas vezes sobre o incidente diplomático de março de 1926, agora procurando justificar a conduta alemã à opinião pública brasileira. Ele salientou que a postura da Alemanha não fora motivada por qualquer forma de prevenção ao Brasil. Como prova disso, elencou os sinais da boa amizade entre os dois países. Miguel Couto, cuja viagem à Europa coincidira com as negociações em Genebra, manifestou-lhe descontentamento com o veto brasileiro à entrada da Alemanha na Liga. Ele qualificara a atitude da delegação brasileira em Genebra como “impolítica (sic), pretensiosa e contraproducente“. Para ele, a tentativa do Brasil de figurar como grande potência era uma inclassificável manifestação de vaidade, num momento em que as nações européias procuravam restabelecer a ordem abalada pela Guerra. Certamente a postura brasileira – na opinião do clínico – devia-se às posições equivocadas da política externa de Arthur Bernardes e não à “inteligência de Afrânio de Mello Franco”, a quem conhecia de perto. Restaria ao Brasil, diante da vexatória atuação na política internacional, demitir-se da Liga, o que efetivamente ocorreu em junho de 1926, conforme vimos.⁷⁰¹ A manifestação simpática de Miguel Couto à Alemanha e conseqüente hostilidade à posição brasileira foi comunicada por Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt*, certamente como um meio de demonstrar que a visita dele havia gerado dividendos no âmbito da *Kulturpolitik*.⁷⁰²

O empenho de Rocha Lima em desfazer as incompreensões mútuas geradas pela crise diplomática de 1926 despertou o interesse do ministro das Relações Exteriores, Félix Pacheco.⁷⁰³ O “embaixador científico“, que se movimentava no cenário internacional sob a chancela da ciência, vista como esfera imune aos interesses e dissabores da política, foi recebido em banquete oficial oferecido por Pacheco no Itamaraty. Nosso personagem também conquistou projeção entre a imprensa brasileira, atraída pela sua retórica firme e, ao mesmo

⁷⁰¹ Carta de Miguel Couto a Rocha Lima de 1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁰² Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* de 24.03.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁰³ Nascido em Teresina, no Piauí, em 2 de agosto de 1879, José Félix Alves Pacheco veio para o Rio de Janeiro em 1890, onde formou-se em direito. Ingressou no jornalismo, tornando-se um dos proprietários do *Jornal do Commercio*. Em 1909 elegeu-se deputado pelo Piauí, cargo no qual se manteve através de sucessivas reeleições até 1921, quando tornou-se senador. Assumiu a pasta das Relações Exteriores do governo Arthur Bernardes em 1926, na qual permaneceu até 1927, quando então retornou ao senado. Félix Pacheco tornou-se mais conhecido pela introdução no Brasil da identificação pelas impressões digitais e foi o primeiro diretor do Gabinete de Identificação e Estatística da Polícia do Distrito Federal. Morreu no Rio de Janeiro em 1935.

tempo, equilibrada. Em 1926, foi convidado para escrever “em um jornal francófilo”, ao qual não faz menção direta, mas sabemos tratar-se d’*O Estado de São Paulo*. Dias antes de retornar à Alemanha, em outubro daquele ano, ele esteve na fazenda de Júlio de Mesquita Filho, proprietário do grande matutino paulista. *O Estado de São Paulo* era reconhecidamente um jornal francófilo, entre outras coisas, por convicção de seu dono, Júlio de Mesquita. Rocha Lima considerou o convite uma prova da maior tolerância do Brasil às opiniões políticas, muito embora tivesse sido motivado, principalmente, por um “reconhecimento pessoal”.⁷⁰⁴ Segundo ele, os jornais de inclinação francófila normalmente não publicavam sobre questões alemãs sem que houvesse suborno. Nesse aspecto, os brasileiros, “apesar das palavras, e por vezes, também das ações impetuosas” mostravam-se mais acessíveis e tolerantes que outros povos “menos temperamentais” (*Idem*).

Para abastecer os artigos que seriam escritos para *O Estado de São Paulo*, Rocha Lima mobilizou os amigos alemães a fim de conseguir material de propaganda. Munk, que se revelava um parceiro fiel e indispensável para os esforços em favor das relações teuto-brasileiras, sugeriu que o próprio amigo solicitasse o material junto à Divisão de Imprensa Política do *Auswärtiges Amt*, ao invés dele. Ele deveria mencionar o relatório entregue à Divisão Cultural sobre a viagem ao Brasil em 1926, e salientar suas relações com *O Estado de São Paulo* e a importância delas para o comércio teuto-brasileiro. Assim, justificaria o pedido de material para os artigos, ao mesmo tempo em que conquistaria visibilidade entre as autoridades da Divisão de Imprensa, de maior expressão que a Cultural.⁷⁰⁵ Tempos depois, já de volta ao Brasil, Rocha Lima pediu a Mühlens sugestões de onde poderia conseguir na Alemanha literatura política, como livros e periódicos voltados às principais questões alemãs, ou material sobre o comércio, indústria e ciências de Hamburgo, bem como os maiores jornais democratas e de direita como o *Berliner Tageblatt* ou o *Frankfurter Zeitung*. Nas bibliotecas brasileiras, ele não encontrara quase nada; alguma coisa podia comprar, outras conseguir através de empréstimo, arcando com as despesas de correio. Pediu ainda que Mühlens divulgasse nos devidos círculos sua demanda de material de propaganda, além de mantê-lo

⁷⁰⁴ Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁰⁵ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 14.03.1927, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

informado sobre os planos do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo e também de Berlim para o Brasil e a América do Sul.⁷⁰⁶

Durante a estadia no Brasil, Rocha Lima também aproveitou para escrever num jornal direcionado a estudantes e professores, *A Academia*. No artigo, ele destacou o espírito de renovação presente no ambiente estudantil alemão. Os estudantes, segundo ele, retomavam o “romantismo ideal e desprendimento do mundo”, característicos da mocidade estudantil. Apresentavam agora melhores condições de vida, devido à superação das adversidades econômicas, e deixavam de lado as “amarguras das lutas políticas”, que teriam tomado suas “reuniões alegres”, por força da “situação desesperada da pátria vencida, humilhada e oprimida pela espada dos vencedores”. Com isso, haviam se tornado mais “sérios e trabalhadores”.⁷⁰⁷ Defendeu uma política de aproximação entre os estudantes brasileiros e alemães, sem a intermediação da França, Inglaterra ou Estados Unidos. E estimulou, no sentido contrário, a vinda dos estudantes alemães ao Brasil, a fim de conhecer os “encantos de nossa terra.” Considerou esta uma estratégia mais eficaz de propaganda cultural, do que a recepção de “velhos mais ou menos notáveis, mas sem vida nem entusiasmo, e sobretudo, preocupados com os próprios interesses e a própria vaidade”.⁷⁰⁸

A atuação na imprensa leiga e especializada permitiria a Rocha Lima medir força com os realizadores da propaganda francófila e anglófila. Na imprensa alemã, ele tentara, sem muito sucesso, justificar a posição brasileira em Genebra, com a publicação de artigo “num canto bastante escondido”.⁷⁰⁹ Havia também as publicações especializadas, destinadas especialmente a promover as relações econômicas e culturais da Alemanha com a América Latina. Ele utilizou esse espaço para divulgar as relações germano-brasileiras, seu papel nelas e as pessoas e instituições que tomavam parte nesse movimento.

Em 1926 foi fundada a *Deutsch-Brasilianische Illustriert* (Ilustração Teuto-Brasileira), cujo primeiro número trouxe estampada na capa fotos de Hindenburg e Arthur Bernardes. Era uma revista criada por brasileiros, que viviam na Alemanha, o que fica claro no editorial:

⁷⁰⁶ *Idem*.

⁷⁰⁷ Rocha Lima, H. da. O Estudante na Alemanha de Hoje. In *A Academia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 3-4, 1926.

⁷⁰⁸ Rocha Lima, H. da. O Estudante na Alemanha de Hoje..., p. 4.

⁷⁰⁹ *Idem*, p.6.

“temos por objetivo colaborar na obra de aproximação entre o nosso grande país – o Brasil - e a nobre nação onde temos a felicidade de viver e a invejável fortuna de servir – a Alemanha”. O programa da publicação deixa clara a intenção da revista em tornar “cada vez mais íntimas, mais sólidas e mais fecundas” as relações teuto-brasileiras. Enquanto o Brasil ofereceria suas belezas e recursos naturais, a Alemanha concorreria com sua “formidável indústria” e “operosidade de seus filhos”. Este é o tom do programa apresentado no primeiro número. O território brasileiro apresentaria vastas possibilidades para os alemães demonstrarem “a capacidade prodigiosa à realização de inúmeras empresas”. Além de fornecer matérias-primas e proporcionar trabalho e conforto aos alemães que aqui se instalavam, o Brasil poderia dar apoio moral e material à Alemanha “na longa hora de grandes provações que ainda vem vivendo”. O foco principal da revista era notícias sobre as finanças e comércio. Era subvencionada por grupos de interesse envolvidos com o comércio teuto-brasileiro, sendo editada por Raul Gomes, personalidade desse setor, que vivia em Hamburgo.

A revista seria mensal e veiculada em português e alemão. Não localizei nenhuma coleção do periódico no Brasil para precisar até quando a publicação de fato circulou e a sua regularidade. As notícias sobre o comércio e economia vinham acompanhadas de artigos sobre política, artes e ciências. O primeiro número continha matéria sobre a recepção de Chagas na Alemanha, baseada em informações fornecidas por Rocha Lima, assunto de nota à parte, na qual foi destacada sua atuação em favor das relações teuto-brasileiras:

Rocha Lima é o embaixador da medicina brasileira na Alemanha. Melhor propaganda para um país não há, que essa de ter assim um filho seu que, pelo seu saber e trabalho, tão alto no estrangeiro eleve o nome de sua pátria. E assim é Rocha Lima, sábio professor brasileiro que vem há quinze anos, trabalhando tenazmente para a glória da ciência brasileira aqui na Alemanha. Grato nos é, pois, registrar nestas linhas a consideração imensa em que tem o grande brasileiro os maiores mestres da medicina alemã (...) Rocha Lima é incansável para com os seus compatriotas e melhor guia e mentor não há dos jovens médicos brasileiros que a Alemanha vem aperfeiçoar-se em suas especialidades (...) Grande amigo e admirador da Alemanha, interessando-se por tudo quanto se refere às relações dos dois países.⁷¹⁰

⁷¹⁰ “Rocha Lima”, In *Deutsch-Brasilianische Illustriert*, n. 1, janeiro de 1926, p. 11.

Rocha Lima colaborou no segundo número da Revista com matéria sobre os hospitais alemães. Além desta, escreveu na *Ibérica – Zeitschrift für spanische und portugiesische Auslandskunde*, órgão oficial do Instituto Ibero-Americano. No número de março de 1927, saiu número especial sobre o Brasil, com imagem do Rio de Janeiro estampada na capa. Ele escreveu artigo intitulado “*Die medizinische Forschung in Brasilien*” (A pesquisa médica no Brasil), no qual traçou um histórico da medicina, que culminava na “revolução” científica instaurada por seus mestres da Faculdade da Medicina, mas, principalmente por Oswaldo Cruz (Rocha Lima, 1927b). Ele reiterou o leitmotiv dos membros da “geração de Manguinhos”, segundo o qual a “escola” ao qual estavam diretamente vinculados representaria uma inflexão no cenário científico brasileiro, por tornar o Brasil produtor de ciência e não mero consumidor. O artigo veio acompanhado de imponente imagem de Oswaldo Cruz, do Instituto de Manguinhos e a clássica fotografia das reuniões de discussão de trabalhos científicos do começo da trajetória do instituto.

Na viagem ao Brasil em 1926, Rocha Lima veio com a intenção de tornar o Instituto Oswaldo Cruz o principal ponto de apoio das relações teuto-brasileiras. Ao passar uma temporada ali, poderia reforçar os laços com a instituição à qual pertencera, mas que sofrera modificações desde que partira para a Alemanha. Ao mesmo tempo poderia estreitar relações do instituto brasileiro com o de Hamburgo, permitindo a realização de uma política efetiva de cooperação intelectual, com vantagens para ambos os lados.

Do ponto de vista da instituição brasileira, o contato com pesquisadores alemães e a possibilidade de enviar estudantes para a Alemanha contribuía para a decolagem de agendas de pesquisa e a conquista de legitimidade frente aos círculos locais. Em contrapartida, os alemães teriam acesso a material de estudo, obtido a partir de coletas realizadas pelas expedições científicas à vasta e inexplorada hinterlândia brasileira. Poderiam, ainda, tomar contato com a produção científica dos pesquisadores brasileiros, cujos trabalhos nada deviam em rigor e originalidade àqueles realizados nas instituições européias e norte-americanas.

4.17. As atividades de Rocha Lima no Instituto Oswaldo Cruz em 1926

Segundo Rocha Lima, o convite de Chagas para passar uma temporada no Instituto Oswaldo Cruz foi feito depois de sua viagem à Alemanha, após a qual, “estava convencido que uma cooperação com pesquisadores alemães e a influência dos seus métodos de trabalho

poderiam ser vantajosas para o instituto”.⁷¹¹ A presença de um cientista com o renome de nosso personagem, identificado, a um só tempo, com a vanguarda da ciência alemã (e por esta prestigiado) e com as origens de Manguinhos, certamente contribuía para que Chagas contornasse a situação de crise pela qual passava seu instituto. Ela trazia renovação e dinamismo num tempo em que o Instituto e seu diretor eram alvos de críticas severas. Chagas foi alvo delas tanto pelos rumos do Instituto Oswaldo Cruz, no qual enfrentava oposição interna desde o início de sua gestão, como pela administração na saúde pública. Por conta disso, teve de abandonar o Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1926. Nesse mesmo ano ele assumiu a cadeira de Doenças Tropicais, criada durante a reforma do ensino médico, elaborada por Juvenil da Rocha Vaz, no ano anterior. A criação desta cadeira provocou polêmica no meio médico. Muitos eram contrários a ela por acreditarem que reforçava o estereótipo dos trópicos como locais pestilentos.⁷¹² Interessante notar que um dos críticos mais ferrenhos de Chagas, Maurício de Lacerda, usou da figura de Rocha Lima para atingir seu alvo – os elogios que fez ao pesquisador do Instituto de Hamburgo trouxeram embutidos as críticas ao diretor de Manguinhos. No *Diário de Medicina* de abril de 1925, ele congratulou o colega de Hamburgo por ter conseguido o direito de clinicar na Alemanha, sem ter precisado se submeter aos rigores e formalidades da habilitação normalmente exigida aos médicos estrangeiros. Não perdeu a oportunidade de censurar a criação da cadeira de medicina tropical na Faculdade de Medicina do Rio:

*Assim, enquanto no Brasil os higienistas de cartaz retumbante tudo fazem para desmoralizar e diminuir a Faculdade de Medicina, desvalorizando-lhe os cursos, açambarcando-lhe as funções, criando especializações que só tem o objetivo de desacreditar o ensino da Faculdade – um sábio de renome mundial, como Rocha Lima, declina publicamente das homenagens que lhe são feitas ao seu mérito, para não ver nelas senão um ato de cordialidade e respeito à Faculdade onde se formou.*⁷¹³

⁷¹¹ Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷¹² Veja nesse sentido o artigo de Magalhães (1925).

⁷¹³ Medeiros, M. Um Sábio e a Faculdade de Medicina. Recortes de jornais. Fundo Rocha Lima.

Rocha Lima considerou que sua permanência no Instituto Oswaldo Cruz serviria para revigorar a influência alemã, empalidecida desde que ele fora para Jena, em 1909. Colocava-se como um “*Kulturträger*”, como alguém que representava a civilização alemã e trazia consigo os valores que a caracterizavam. De acordo com a leitura que fez do desenvolvimento de Manguinhos, a influência alemã era garantida por sua própria presença física, graças à qual teria sido possível contrabalançar uma suposta influência francesa, privilegiada por Oswaldo Cruz. Se com a Guerra e a estadia na Alemanha haviam sido interrompidos o fluxo de literatura científica alemã e a predominância da orientação germânica, agora ele poderia restabelecê-los através da cooperação “entre os dois grandes institutos de medicina tropical.”⁷¹⁴

Durante os cinco meses em que permaneceu no Brasil, ficou quase que somente no Instituto Oswaldo Cruz. O deslocamento para Manguinhos, de localização “especialmente pouco apropriada”, lhe consumia muito tempo. À noite, ele e a esposa recebiam visitas ou tinham outros compromissos, e o restante do tempo dedicou aos assuntos privados e preparação de palestras. Ele relata que o envolvimento de Chagas na administração do Departamento Nacional Saúde Pública e a distância do Instituto Oswaldo Cruz fizeram com que seu laboratório “se tornasse o centro da vida científica do instituto”.⁷¹⁵ Realizou conferências seguidas de discussões, que segundo ele, eram novas para os pesquisadores de Manguinhos e tiveram boa repercussão. Ao colega Peter Mühlens, relatou que se sentia como o verdadeiro diretor do Instituto.⁷¹⁶

Muito embora já tivesse conhecido em 1920 e 1922 grande parte dos pesquisadores que foram incorporados ao Instituto Oswaldo Cruz na gestão Chagas (1917-1934), somente agora Rocha Lima pôde estabelecer contato mais estreito com eles. Ele considerou como um de seus principais deveres no instituto “ganhar o interesse, simpatia e confiança dos inúmeros

⁷¹⁴ Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷¹⁵ *Idem*

⁷¹⁶ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 12.07.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

colaboradores jovens do professor Chagas que eu ainda não conhecia e cultivar os relacionamentos já existentes com os diretores das seções”.⁷¹⁷

A boa repercussão atribuída por Rocha Lima à atuação no Instituto Oswaldo Cruz pode ter sido consequência da larga experiência científica, a qual certamente atraiu aqueles jovens recém-lançados nos meandros da medicina experimental. Um testemunho particularmente interessante a esse respeito é o de José Reis, que à época frequentava o curso de aplicação em Manguinhos. Segundo Reis (1956c), os jovens aspirantes a bacteriologistas ficaram estupefatos por estarem diante de “uma referência bibliográfica”.

Nas conferências realizadas em Manguinhos, abordou os assuntos a que vinha se dedicando ultimamente. Elas tinham como objetivo, conforme confessou em carta ao colega Martin Mayer, não apenas “servir ao Instituto”, como também suprir-lhe de material científico. Como seu interesse naquele momento era pelas chamadas dermatoses tropicais, conseguiu juntar “belo material” sobre framboesia, blastomicose, leishmaniose e granuloma venéreo. Do hospital de Leprosia sempre recebia comunicações quando havia algum material disponível.⁷¹⁸ Ele tentou ainda conseguir imagens para os artigos que escrevia em colaboração com Mayer. Acostumado com a organização e eficiência germânicas, queixou-se do ritmo das coisas no Brasil:

*Aqui é possível fazer e conseguir muitas coisas, mas para isso é necessário cinco vezes mais do que na Alemanha. Tem-se que fazer tudo sozinho: procurar, discutir, esperar, estimular, pedir e esperar mais uma vez, lembrar, seguir e pedir ainda uma vez até que a coisa seja feita. Há boa vontade, mas mesmo para fazer uma fotografia tem-se que ultrapassar todo tipo de impedimentos passivos*⁷¹⁹

⁷¹⁷ Desde que Chagas assumiu a direção do Instituto, foram incorporados aos seus quadros: Eurico de Azevedo Villela, José Carneiro Felipe, Miguel Ozório de Almeida, Antônio Luiz de Barros Barreto, Olympio da Fonseca Filho, Oscar Dutra e Silva, Carlos Burle de Figueiredo, Cássio Miranda, Antônio de Área-Leão, Heraclides Cezar de Souza-Araújo, Genésio Pacheco, Cezar Pinto, José da Costa Cruz, Oswino Penna, Paulo Proença, Arminio Fraga, Herbster Pereira e Arueira Neves. Mais tarde ingressariam José Guilherme Lacorte, Álvaro Leite Lobo Pereira, João Carlos Nogueira Penido, Pena de Azevedo, Thales Martins, José de Castro Teixeira, Bento Oswaldo Cruz, Antonio Xavier, Evandro Chagas, Gilberto Guimarães Villela, Emmanuel Dias, Fabio Werneck, Walter Oswaldo Cruz, Oswaldo Cruz Filho, Gilberto de Freitas, Carlos Chagas Filho e Gustavo de Oliveira Castro (Chagas Filho, 1993, p. 116, p. 119).

⁷¹⁸ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 25.07.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷¹⁹ *Idem*

Aproveitando-se da estadia do colega no Brasil, Mühlens pediu-lhe que estendesse a Lutz o convite para participar com um artigo no número especial dos *Archiv für Schiffs- und Tropenhygiene*, dedicado ao 60º aniversário de Fülleborn e, portanto, voltado inteiramente à helmintologia. O convite enviado por Bernhard Nocht a Chagas mencionava apenas o nome de Lauro Travassos. Caberia a Rocha Lima incluir a participação de Adolpho Lutz e esforçar-se para que os artigos chegassem à redação do periódico em dois meses.⁷²⁰ Em carta a Mayer, ele sublinha que Lutz encontrava-se “muito envelhecido e no momento ocupa-se apenas com rãs.” Coube-lhe ainda a tradução do artigo de Travassos, terminado na “maior pressa”, e que lhe sacrificou um domingo. Segundo ele, o parasitologista era “em todos os sentidos o melhor elemento daqui nesse campo [da helmintologia].”⁷²¹ A cooperação no número especial dos “*Archiv*” foi mais um esforço de aproximação entre o Instituto Oswaldo Cruz e o Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo. Aos cientistas brasileiros, consistiu numa oportunidade de divulgar sua produção científica no circuito da ciência alemã e ganhar legitimidade frente a seus pares. Além dos imperativos de aproximação intelectual e propaganda cultural havia interesse genuíno dos centros alemães de ciência pela produção científica brasileira.

Para Chagas e o Instituto Oswaldo Cruz, o contato mais estreito da nova geração de pesquisadores com Rocha Lima, poderia favorecer, futuramente, o envio de alguns destes para a Alemanha. Este foi o caso de Nicanor Botafogo Gonçalves, um dos técnicos da seção de Química Aplicada. No mesmo ano em que o pesquisador do *Tropeninstitut* ficou em Manguinhos, ele foi enviado à Alemanha, onde permaneceu por dois anos para aperfeiçoar-se em química vegetal e desenvolver essa linha de trabalho no Instituto (Benchimol 1990). Em março de 1927, já na Alemanha, ele escreveu a Rocha Lima. Este o encaminhou a Munk, em Berlim, que por sua vez apresentou-lhe certo professor Thoms, que convidou o pesquisador brasileiro para integrar seu instituto. Rocha Lima preveniu Gonçalves no sentido de assegurar-se das vantagens e condições de trabalho, uma vez que “nem sempre o autor de um bom livro é o mestre mais atencioso e esforçado”.⁷²² Ele ainda emprestou dinheiro ao colega

⁷²⁰ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 08.06.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷²¹ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 25.07.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷²² Carta de Rocha Lima a Nicanor Botafogo Gonçalves de 29.03.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

de Manguinhos para que ele pudesse arcar com as despesas de instalação em Berlim, até que chegasse a verba proveniente do Rio de Janeiro.⁷²³

Rocha Lima ficou satisfeito e empolgado com o trabalho em Manguinhos. Assumiu tantas tarefas, que chegou a pensar em prolongar sua estadia até meados de novembro, mas as férias terminavam, ele tinha de participar do curso do *Tropeninstitut*, e aproveitar a partida do *Cap Polonio*, prevista para 15 de outubro. Ao amigo Munk admitiu ter pena de partir, pois “apenas a ciência e os amigos” haviam lhe dado alegrias durante a estadia no Brasil.⁷²⁴ Além da permanência no Instituto Oswaldo Cruz, foi convidado pela Fundação Rockefeller para ministrar palestra sobre suas pesquisas acerca do tifo exantemático, numa das conferências oferecidas para médicos do curso de higiene e saúde pública. Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tratou da patologia tropical.

Como vimos no capítulo anterior, durante a estadia em Manguinhos em 1926 Rocha Lima testemunhou a ocorrência de casos de febre amarela em algumas localidades de Minas Gerais, a 24 horas do Rio de Janeiro, onde desde 1909 a doença fora considerada extinta (Farley, 2004, p. 96). O fato solapava o otimismo propalado pela Fundação Rockefeller e municiaava as críticas de alguns médicos brasileiros, que denunciavam a ocorrência da doença no interior do país. Nosso personagem foi convidado para pronunciar conferência sobre a anatomia patológica da febre amarela na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Como vimos, ele havia sido nomeado membro honorário da agremiação em 1920. Foi saudado pelo colega João Marinho, que reforçou os laços dele com a comunidade médica brasileira, com a qual compartilharia interesses comuns e junto da qual se “sentia em casa”. E relembando o período da campanha sanitária de Oswaldo Cruz, em que ficou encarregado de fazer o diagnóstico post-mortem da febre amarela no Hospital São Sebastião, descreveu como chegou à caracterização das lesões histopatológicas, características da doença.⁷²⁵

A apresentação de Rocha Lima na tradicional agremiação médica carioca veio ao encontro de uma questão que passava a ocupar novamente a agenda da saúde pública, o que lhe permitiu utilizar isso como alavanca de si próprio. Ele mesmo disse que encontrou ali uma

⁷²³ Carta de Nicanor Botafogo Gonçalves a Rocha Lima de 01.04.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷²⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 26.10.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷²⁵ Sociedade de Medicina e Cirurgia – A sessão de hontem, dedicada ao professor Rocha Lima. *O Jornal*, 07/07/1926.

ocasião propícia para divulgar o trabalho, de repercussão limitada em virtude do desaparecimento da febre amarela dos grandes centros urbanos e também da falta de especialistas em anatomia patológica (Rocha Lima, 1937).

O demonstrativo de gratidão e simpatia por parte dos pesquisadores de Manguinhos veio com um grande jantar de despedida após ele ter encerrado suas atividades no instituto. Segundo Rocha Lima, Chagas também ficou bastante satisfeito com a permanência dele em Manguinhos, a ponto de propor que a cada ano ele passasse cinco meses no Rio. “Seria a melhor maneira, para ambos os lados, de aproveitar minha capacidade de atuação”, salientou. Porém, as demandas do Instituto de Hamburgo não permitiriam que assumisse esse encargo. Por enquanto, poderia apenas sugerir a Chagas a possibilidade de colaboração como convidado do Instituto Oswaldo Cruz em 1928.⁷²⁶

Apesar dos trabalhos em Manguinhos ocuparem grande parte de seu tempo, nem por isso Rocha Lima descuidou das demais tarefas em favor das relações científicas. Na realidade, poucos pesquisadores visitaram o Brasil no ano de 1926, como ele mesmo assinalou. Mas ele foi destacado para receber uma expedição que se tornou o emblema das capacidades da ciência alemã e dos esforços feitos para recuperar seu prestígio e áreas de influência.

4.18. Rocha Lima e a recepção da expedição Meteor (1926)

Em junho de 1926, aportou no Rio de Janeiro o navio Meteor, que ali permaneceu até setembro daquele ano. Ele trazia a bordo a expedição científica, cujo objetivo era mapear o fundo do Oceano Atlântico lançando mão da tecnologia de eco-sonda. Esta consistia na auscultação da profundidade do oceano, por meio da aferição do tempo percorrido por uma onda sonora, num trajeto que partia do navio – onde se localizava a fonte geradora do som – ia até o fundo do mar, e voltava. Com isso, o tempo gasto na sondagem da profundidade do oceano foi bastante encurtado em relação ao método anteriormente utilizado. Os oceanógrafos poderiam agora tomar as medidas de profundidade em intervalos muito mais curtos e sem interromper a jornada. Era a primeira vez que se aplicava o método da eco-sondagem ou sondagem acústica no levantamento sistemático da profundidade do Oceano Atlântico. Por

⁷²⁶ Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

isso, a Meteor é considerada um marco fundador da moderna oceanografia. O método fora desenvolvido na virada do século XIX para o XX, principalmente para servir a propósitos militares de detectar navios e submarinos inimigos (Spiess, 1928; Kirchhoff 2003, p. 137-48; Hoheisel-Huxmann, 2007).

A expedição havia partido da Alemanha em abril de 1925. Ela foi subvencionada pela *Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft* (Associação de Auxílio à Ciência Alemã), órgão criado por sugestão dos renomados cientistas Fritz Haber e Friedrich Schmidt-Otto. O objetivo desta agência era dar apoio a projetos que garantissem a continuidade das atividades científicas em diversas áreas do conhecimento, minimizando os efeitos da crise econômica do pós-Guerra e garantir o restabelecimento da ciência alemã no cenário internacional. Desse modo, a expedição Meteor ou a “*Deutschen Atlantischen Expedition*” (Expedição Atlântica Alemã), como ficou conhecida, estava plenamente inserida no contexto de recuperação do prestígio da ciência alemã através da demonstração das capacidades da sua tecnologia. Os alemães desfraldaram a bandeira da ciência num momento em que as cláusulas de Versalhes limitavam o desenvolvimento de um aparato militar. A própria história do navio Meteor ilustra isso, uma vez que ele foi originalmente planejado, ainda em 1914, para ser uma canhoneira. Mas a Guerra e dificuldades políticas e financeiras embargaram sua conclusão. Somente em 1924, ele passaria por reformas que o ajustariam ao perfil de um navio de pesquisa e medição (Kirchhoff 2003, p. 138-41).

O Meteor percorreu o Atlântico de norte a sul, coletando dados ininterruptamente. O navio seguiu o percurso da expedição britânica *Challenger*, que em 1872 realizara exploração científica das profundezas do oceano do ponto de vista biológico, físico e químico. Os cientistas da Meteor utilizaram os dados reunidos nas expedições oceanográficas anteriores como parâmetro para as novas medições. Cerca de 70 mil sondagens foram realizadas em 30 mil pontos. Treze perfis de sondagem foram feitos entre a América do Sul e a África, num trajeto que somou 67.535 milhas marítimas, o que corresponde ao triplo da circunferência terrestre (Spiess, 1928).

A tripulação da Meteor foi recebida no Rio de Janeiro pelo ministro plenipotenciário da Alemanha Georg Plehn e em audiência com o presidente Arthur Bernardes.⁷²⁷ Rocha Lima

⁷²⁷ Rocha Lima, H. da. Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Datilografado, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

foi convocado para saudar a expedição oceanográfica no Instituto Brasileiro de Ciências, em cerimônia de honra que ocorreu em 22 de junho de 1926. Falaremos sobre esse instituto mais adiante. Ele recepcionou a expedição com discurso em alemão.⁷²⁸ Aproveitou a ocasião em que estavam presentes proeminentes representantes do meio intelectual e político brasileiro para militar em favor da cooperação científica Brasil-Alemanha. Ele trouxe a primeiro plano seu papel como um articulador de esforços nesse sentido. As “belas e cordiais cerimônias”, segundo ele, eram um sinal do apreço de que a ciência alemã gozava no Brasil e vice-versa, mas elas constituíam apenas uma manifestação primária, que deveria ceder lugar “a uma verdadeira amizade, uma convergência produtiva”. Esta só poderia ser alcançada por meio da cooperação intelectual, “livre de motivações pessoais e egoístas, apenas no espírito do auxílio mútuo e a serviço de um ideal compartilhado”.⁷²⁹

Para Rocha Lima, aquele era o momento em que a ciência brasileira deveria estender os braços às nações do Velho Mundo – particularmente “à intelectualmente mais forte, a Alemanha” – tendo em mira garantir sua independência e liberdade, que via ameaçadas pelo “forte ataque americano”.⁷³⁰ Se por um lado o apoio americano requeria a gratidão dos brasileiros, por outro precisava ser contrabalançado pela cooperação com a Alemanha, interessada “em colaborar na construção de uma jovem e grande nação, assegurando-se da sua gratidão e de uma duradoura amizade”.⁷³¹ Ele dedicou pouco espaço do discurso à expedição científica propriamente dita, sobre seus objetivos e realizações. Rocha Lima recepcionou a Meteor também nos salões da Universidade do Brasil, junto com dois professores da Faculdade de Medicina e Direito, cujos nomes não menciona. Exaltou novamente em seu discurso o “espírito alemão”, sublinhando mais uma vez a necessidade de “uma verdadeira aproximação dos mundos intelectuais alemão e brasileiro”.⁷³²

⁷²⁸ Rocha Lima, H. da Eine Begrüssungsrede über die Deutschbrasilianischen geistigen Beziehungen, gehalten vor dem Instituto de Sciencias gelegentlich der zu Ehren der Gelehrten der ‚Meteor‘ veranstalteten Feier am 22.Juni.1926 in Rio de Janeiro (Discurso de saudação sobre as relações intelectuais germano-brasileiras, proferido perante o Instituto de Ciências por ocasião das festividades em homenagem aos pesquisadores da “Meteor”, Datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷²⁹ *Idem.*

⁷³⁰ *Idem.*

⁷³¹ *Idem.*

⁷³² *Idem.*

A expedição Meteor retornou à Alemanha em junho de 1927. Ela coletou quantidade de dados que seria processada pelos especialistas por anos a fio. Além das cerca de 70 mil sondagens, foram realizadas 9.400 medidas de temperatura, salinidade e composição química em profundidades variadas. Essas análises subsidiariam estudos que mais tarde serviram para estabelecer o padrão de circulação das águas no oceano, dispersão de nutrientes e crescimento do plâncton. Foi a primeira expedição a realizar também estudos extensivos sobre a evaporação da superfície. O método da eco-sondagem revelou que o fundo do oceano consistia numa série de cadeias montanhosas, tão íngremes quanto aquelas dos Alpes e da Serra Nevada. A mais impressionante delas, a espinha dorsal do Atlântico, era descrita pela primeira vez (Seilboad & Berger, 1993, p. 16).

Ainda como promotor das relações científicas, Rocha Lima dedicou-se às demandas do grupo que aglutinava grande número de médicos identificados com a medicina e cultura germânicas: aquele que reunia os praticantes da psiquiatria e neurologia. A maior proximidade do pesquisador do *Tropeninstitut* com esse grupo renderia um dos capítulos mais expressivos de sua atuação como patrocinador do intercâmbio científico teuto-brasileiro. Por outro lado, ele desaconselharia a atuação de outros indivíduos, que também fomentaram esse intercâmbio, colocando-se como árbitro dos esforços de cooperação e como ponto de passagem obrigatório daquelas relações.

4.19. Rocha Lima e os novos “pontos de apoio” da *Kulturpolitik*: a Fundação Juliano Moreira e o Instituto Brasileiro de Ciências

O restrito grupo de médicos brasileiros que dedicava-se à psiquiatria e neurologia consistiu, como já foi dito, num dos mais identificados com a medicina e cultura alemãs. A começar daquele que pode ser considerado seu “patrono”, Juliano Moreira, cujas concepções haviam sido construídas em estreito diálogo com as teorias de Kraepelin. Esse círculo de “germanófilos” foi bastante valorizado por Rocha Lima na promoção das relações teuto-brasileiras. Em julho de 1926, ele participou de reunião de especialistas nesse ramo que ocorreu no Hospital de Alienados. Nela, ficou constituído um “instituto de pesquisas no domínio do sistema nervoso que recebeu a denominação de ‘Fundação Juliano Moreira’”. O próprio pesquisador do *Tropeninstitut* presidiu o encontro, secretariado por Waldemar de Almeida e Heitor Carrilho. De acordo com Ulysses Vianna, um dos principais objetivos da

instituição era “estudar as causas das doenças nervosas e mentais, bem como o tratamento profilático e curativo das mesmas”. Para tanto, ela assumiria como atribuições:

Promover e organizar laboratórios de pesquisa para estudo de anatomia normal e patológica do sistema nervoso; criar laboratórios de psicologia normal e patológica, de modo a resolver as questões de orientação técnica e profissional; procurar pôr em foco os meios práticos eficientes contra as causas externas e internas das doenças nervosas e mentais; apurar os meios de melhor orientar a formação da raça brasileira, velando, principalmente, pela corrente imigratória que entra no Brasil; estudar os meios terapêuticos mais aperfeiçoados de curar os distúrbios nervosos e mentais; estudar as causas da criminalidade e os meios de evitá-la; contratar cientistas de valor com o fim de intensificar as pesquisas no domínio do sistema nervoso (Brasil-Médico, 24 de julho de 1926, p. 52-3)

A Fundação trabalharia em colaboração com os institutos de psiquiatria e neurologia das Faculdades de Medicina e os da Assistência a Alienados, e com demais associações congêneres do Brasil. Rocha Lima foi nomeado diretor da nova instituição de pesquisas, cargo que ocuparia somente até o ano seguinte. Juliano Moreira foi designado presidente de honra. O corpo consultivo ficou constituído por Miguel Couto, Henrique Roxo, Raul Leitão, Carlos Chagas, João Marinho, Faustino Esposel, Juvenil da Rocha Vaz, Arthur Moses, Aduino Botelho, Henrique Duque, Mario Pinheiro de Andrade, Waldemar Schiller e Pedro Pernambuco Filho. O jurista e literato germanófilo Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda assumiu o posto de consultor jurídico.⁷³³

Rocha Lima assumiu a direção de uma fundação voltada à neurologia e psiquiatria não porque esses campos médicos se relacionassem à sua produção científica, mas porque havia uma demanda por parte desses médicos em estreitar relações com a Alemanha, com o objetivo de alavancar os estudos de diversos aspectos das doenças nervosas e mentais. O prestígio e os contatos de nosso personagem nos círculos acadêmicos alemães possibilitariam viabilizar esse intercâmbio.⁷³⁴ Veremos depois que a criação da Fundação e a nomeação de Rocha Lima

⁷³³ „Fundação Juliano Moreira“ In Notas e Informações, *Brasil-Médico*, 1926, p. 53)

⁷³⁴ Rocha Lima, H. da. Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Datilografado, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

como seu diretor foram fruto de interesses bastante específicos, que levariam à sua última viagem ao Brasil, em 1927.

Outra instituição que atuaria como ponto de apoio das relações teuto-brasileiras foi o Instituto Brasileiro de Ciências, no qual, como vimos, Rocha Lima recepcionou a expedição Meteor. Ele foi criado por iniciativa de Gustav Hasselmann, em 7 de setembro de 1925, e congregou grande parte daqueles indivíduos que tinham alguma relação com a ciência alemã.⁷³⁵ Ao todo, 60 membros integraram a nova agremiação, que nascia como uma reação à Academia Brasileira de Ciências, considerada de orientação muito francófila e na qual prevaleceriam as ciências exatas. De acordo com os estatutos, o Instituto Brasileiro de Ciências nascia com o objetivo de congregar os cientistas para apreciação e discussão de trabalhos, criar vínculos de sociabilidade entre seus membros, intercambiar idéias, averiguar prioridade de descobertas e outras questões científicas e divulgá-las em diferentes meios (Instituto Brasileiro de Ciências 1925, p. 26). Seu diretor, Gustavo Hasselmann, era descendente de alemães e catedrático da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária. Em necrológio, Raul Leitão da Cunha o retrata como fervoroso publicista, que discutia questões referentes à agricultura e psicultura nos mais diferentes fóruns. Chegou a fundar uma sociedade dedicada a esse último tema (Cunha, 1929).⁷³⁶

A criação do Instituto Brasileiro de Ciências foi saudada de forma bastante entusiasmada pelos círculos diplomáticos em Berlim. A legação alemã do Rio de Janeiro informou ao *Auswärtiges Amt* os órgãos com os quais o Instituto pretendia estabelecer intercâmbio, os quais incluíam associações científicas e publicações. Enviou também os estatutos da nova agremiação. O legado alemão, Hubert Knipping, recomendou que se

⁷³⁵ Integraram o Instituto Brasileiro de Ciências no ato de sua fundação, além de Gustavo Hasselmann, Juvenil da Rocha Vaz, Carlos Chagas, Tobias Moscoso, Raul Leitão da Cunha, Antonio Austregesilo, Francisco Lafayette Rodrigues Pereira, J. Carneiro Felipe, Pontes de Miranda, Henrique Aragão, Arthur Moses, Olympio da Fonseca Filho, César Pinto, Julio Muniz, Henrique Figueiredo Vasconcelos, Antônio Cardoso Fontes, Ulysses Vianna, Eugenio Rangel e Plínio da Cunha In “Atas de Fundação do Instituto Brasileiro de Ciências”, *Bolletim do Instituto Brasileiro de Ciências*, p. 23-6, 1925.

⁷³⁶ Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, estudou medicina legal no Hospital de Alienados, no Rio de Janeiro, e foi preparador interino da cadeira de bacteriologia da Faculdade de Medicina da capital federal. Atuou por um período em Manguinhos, foi assistente e chefe de laboratório em anatomia patológica e depois tornou-se professor substituto e posteriormente catedrático da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária. Em sua ampla produção científica, destacam-se estudos sobre os protozoários, entre os quais predominaram aqueles concernentes às gregarinas (Cunha 1929, p. 541-2).

estimulasse esse contato. O *Auswärtiges Amt* enviou circulares aos respectivos órgãos, informando sobre a proposta de intercâmbio, que foi acatada pela maior parte deles.⁷³⁷

Rocha Lima foi nomeado membro do Instituto recém-fundado. A cerimônia de sua admissão foi revertida num capítulo da *Kulturpolitik*, a julgar pelos presentes. Além dos cientistas Juliano Moreira, Leitão da Cunha, João Marinho, Ulysses Vianna, Figueiredo de Vasconcelos, Olympio da Fonseca Filho, Magarinos Torres e Gomes de Faria, participaram do evento Pistol e Krauel, respectivamente conselheiro e secretário da Legação da Alemanha no Rio e Meisner, presidente do Clube Germânia.⁷³⁸ Nosso personagem foi saudado por Gustavo Hasselmann e acolhido em discurso pelo antigo colega de Manguinhos, José Gomes de Faria. Faria apresentou a trajetória do homenageado e suas realizações científicas, destacando, como foi de praxe, sua projeção no “mundo científico europeu” e pertencimento à “casa de Oswaldo Cruz, seu antigo centro de trabalho”. Pontes de Miranda, por sua vez, sublinhou seus esforços como promotor da aproximação entre as ciências brasileira e alemã.⁷³⁹

O discurso de Rocha Lima é um registro bastante interessante da maneira como encarava o intercâmbio científico e as múltiplas motivações que o impeliram a incentivá-lo. Fica bastante evidente como ele procurou modular sua fala de acordo com o público para o qual se dirigia. Trata-se menos de manipulações retóricas arditamente adequadas para cada audiência, do que de variadas facetas e condicionantes que compuseram e sobredeterminaram nosso personagem, fazendo dele uma figura complexa. De acordo com o homenageado, todos os que estavam ali reunidos compartilhavam de uma idéia, que ele representaria de forma mais clara por ocupar um “posto de sentinela avançada” – “o esforço por patentear a nossa capacidade científica perante o mundo e aumentar o nosso prestígio na consciência dos grandes centros de cultura.”⁷⁴⁰ Advertiu que teriam que trabalhar muito para comprovar ao

⁷³⁷ PAAA 64898. Deutsche Gesandtschaft an Auswärtiges Amt 15.04.1926. Reichszentrale für naturwissenschaftliche Berichterstattung an Auswärtiges Amt 18.06.1926.

⁷³⁸ Instituto Brasileiro de Ciências – homenagem ao professor Rocha Lima. Jornal s.n., s.d. Recortes de jornais. Fundo Rocha Lima.

⁷³⁹ Reputado escritor e jurista, com ampla produção em variados campos do saber, como filosofia, sociologia e mesmo matemática. Autor de dezenas de obras, a maioria das quais sobre direito, tinha grande familiaridade com autores alemães, chegando a publicar algumas obras nesse idioma.

⁷⁴⁰ Rocha Lima, H. da Discurso no Instituto Brasileiro de Ciências, Datilografado e manuscrito, 1926. Fundo Rocha Lima – CMIBSP.

mundo, que além das belezas naturais, o Brasil contava com muitas realizações no campo cultural e científico. A instrução figuraria como ingrediente fundamental para generalizar essas realizações. Para promovê-la, caberia que eles, como intelectuais, empenhassem para isso, “o que de melhor possuem, que é a sua individualidade, a reputação com esforço conquistada entre seus pares ou no estrangeiro.” Entre os segundos, dos quais ele era expressão máxima, caberia:

*a função de facilitar, aperfeiçoar e organizar o intercâmbio de idéias e pessoas para a valorização dos feitos nacionais no exterior e máximo aproveitamento do auxílio estrangeiro sempre necessário para o aperfeiçoamento de qualquer povo e, sobretudo, para a intensificação do amor à ciência em um país como o nosso, ainda em fase incipiente de seu desenvolvimento cultural.*⁷⁴¹

Rocha Lima associava a função de estimular o intercâmbio cultural com a necessidade de alavancar o progresso do país e promover a imagem deste no estrangeiro. Colocava-se, aqui, como o brasileiro que contribuía para a boa representação de seu país no Velho Mundo. Esse tipo de argumento soava bem aos ouvidos de intelectuais marcados por forte sentimento nativista. Mas as trocas intelectuais envolviam, na concepção de nosso personagem, a observação de determinados critérios, que passavam pela escolha apropriada dos agentes envolvidos nesse processo. Não poderiam ser cientistas que, orientados pela pouca instrução da população brasileira, “acreditam poder fornecer-nos em conferências científicas velharias repisadas, desprovidas de interesse e atualidade ou dar-nos lições elementares em assuntos aqui já difundidos por mestres competentes.” Considerava fundamental que as personalidades envolvidas deixassem uma impressão que fosse além do “brilhante foguetório da imprensa e emocionantes discursos dos amigos.”⁷⁴² Essa seria uma forma de contato puramente diplomático. O ideal seria que o intercâmbio envolvesse pessoas que estabelecessem um contato prolongado com o novo meio, sentindo todos os seus “frêmitos e impulsos”. Para os brasileiros que fossem para o estrangeiro, preconizou que ocupassem lugares de trabalho nos institutos locais, de modo a conhecer os “hábitos de investigação”. O prestígio do Brasil – prosseguiu – não aumentaria com a aquisição de “modernas e suntuosas instalações materiais”, “mas sim com a elevação da nossa instrução básica e, assim, da nossa capacidade

⁷⁴¹ *Idem.*

⁷⁴² *Idem*

científica, isto é, na capacidade de fazer avançar a ciência e não na de importar os frutos do desenvolvimento dela nos grandes centros de cultura.”⁷⁴³

Mais uma vez, Rocha Lima aduziu Oswaldo Cruz como exemplo bem-sucedido, por ter possibilitado aos brasileiros transformarem-se de receptores passivos e “consumidores inteligentes bem falantes da ciência estrangeira” em produtores de ciência original, reconhecida nos grandes centros internacionais. Ele ressaltou o valor dado pelo sanitarista ao “contato prolongado com investigadores europeus”, dos melhores que havia. Muito embora a ciência “não conheça fronteiras, nem pátrias” – argumentou Rocha Lima – seria fundamental que o Brasil diversificasse as matrizes culturais nas quais buscava colaboração para desenvolver sua própria tradição científica. Só assim ficaria livre do risco de tornar-se uma “colônia intelectual sem individualidade própria”. Nesse ponto, destacou a importância de aproximar-se da Alemanha, cuja influência, em sua opinião, era descompensada em relação à da França e Estados Unidos. Este último havia se desenvolvido graças à inspiração da ciência germânica, sublinhou. Mas a exemplo do “vizinho do norte”, os brasileiros deveriam se mostrar dispostos a facilitar o máximo possível a penetração da influência alemã, “fornecedora de sementes e estímulos preciosos”, junto à comunidade científica local.⁷⁴⁴ A Alemanha ajudaria a desenvolver as bases científicas no Brasil, atuando como “caixa de ressonância e foco de estímulo” para que sua ciência conquistasse o know-how e o prestígio necessários a sua decolagem. Rocha Lima afiançava a potencialidade da ciência alemã, com base na observação direta, feita nos longos anos em que lá viveu:

*Se me interesse por esta questão com tanta intensidade é porque na minha longa permanência na Alemanha o conhecimento do nosso meio faz freqüentemente saltar-me aos olhos o muito que poderíamos aproveitar de uma cooperação íntima com os centros científicos alemães, às vantagens que para o nosso progresso se conseguiria se em contato mais íntimo com a escola alemã os nossos jovens patrícios se deixassem por ela influenciar no que diz respeito aos seus hábitos de trabalho intenso apoiado sempre no máximo preparo científico*⁷⁴⁵

⁷⁴³ *Idem*

⁷⁴⁴ *Idem.*

⁷⁴⁵ *Idem*

Apesar das dificuldades conjunturais, Rocha Lima garantia que, naquele momento, a Alemanha, “com energia sobre-humana se vai rapidamente levantando da mais terrível desgraça de sua história”, podendo fornecer as bases necessárias ao desenvolvimento científico brasileiro. O país mantinha – “quer queiram ou não os seus desafetos” – a força de uma potência respeitada não mais pela força de suas baionetas, mas sim pela “formidável capacidade científica”. Se antes o militarismo e a ciência constituíam os pilares da grandeza germânica, agora o primeiro cedia lugar à segunda no reconhecimento do papel da Alemanha como potência.⁷⁴⁶ Para o pesquisador do *Tropeninstitut* o Brasil devia “aceitar de braços abertos” a colaboração científica de qualquer país, mas por outro lado, era natural e recomendável, “que na procura do que de bom nos possa dar o estrangeiro pensemos em primeiro lugar nos maiores centros científicos do mundo”.⁷⁴⁷ Entre estes, considerava a Alemanha o centro de primeira plana.

O discurso de Rocha Lima no Instituto Brasileiro de Ciências desfralda as duas dimensões presentes na sua atuação em favor das relações teuto-brasileiras. Elas aludem aos paradoxos de quem circulava entre dois contextos nacionais, mantendo vínculos de pertencimento com ambos. Por um lado, o cientista plenamente integrado à comunidade acadêmica alemã, que compartilhava de suas desventuras, projetos e interesses, num momento em que a promoção da ciência e cultura germânicas figuravam como componentes fundamentais da própria reconstrução nacional a partir dos escombros da Guerra. Por outro, o cientista e cidadão com laços afetivos com o país natal, ao qual entrevia possibilidades concretas de progresso, desde que aprofundadas as relações com aquela que poderia lhe fornecer “sementes e estímulos preciosos”. Vamos analisar a seguir o lado reverso desse “discurso bilingüe”: as estratégias discursivas e de persuasão, destinadas a convencer os principais formuladores da *Kulturpolitik* dos métodos mais apropriados de atingir seus fins em solo brasileiro. Aqui, desempenhou importante papel não apenas a convicção sobre a relevância do engajamento da diplomacia e dos cientistas na realização daquela política, como também interesses individuais concernentes à sua vida profissional.

Rocha Lima punha em prática a promoção do intercâmbio acadêmico levando em conta uma série de medidas e precauções que julgou fundamentais para a aproximação devida

⁷⁴⁶ *Idem.*

⁷⁴⁷ *Idem*

entre Brasil e Alemanha. A Fundação Juliano Moreira seria o germe de uma das iniciativas mais bem-sucedidas de Rocha Lima como patrocinador das relações teuto-brasileiras, vindo a lume num momento em que ele assumiu esse papel com maior convicção. Em contrapartida, ele aduziria o Instituto Brasileiro de Ciências como uma ação malograda, não servindo como ponto de apoio adequado para a *Kulturpolitik*. Se por um lado a atuação em favor das relações científicas bilaterais ampliava a margem de manobra, abrindo novas oportunidades a seus defensores, por outro ela deveria ser assumida com rigor e seriedade.

4.20. O relatório da viagem ao Brasil ou como fazer propaganda cultural

Rocha Lima permaneceu no Brasil até outubro de 1926. Ele considerou a estadia bastante agradável, apesar da debacle financeira. Vimos que tentou até atrasar o retorno à Alemanha. Aqui estava livre da febre do feno, crise alérgica, que como vimos, o acometia durante o outono em Hamburgo. O “clima mais agradável” e as “incomparáveis belezas naturais” haviam agradado bastante sua esposa, que chegou a aprender um pouco do português e se deu muito bem com o círculo de amigos do marido. Rocha Lima estava particularmente satisfeito porque parecia gozar de melhor posição entre os círculos políticos e intelectuais brasileiros. Talvez - especulou em carta a Martin Mayer - porque desta vez não viera acompanhado de nenhum outro “gênio alemão”, como nas viagens anteriores, que coincidiram com as visitas de Krause e Munk. Nessa viagem ele recebeu muitas condecorações e convites, além de ter participado de vários eventos sociais.⁷⁴⁸ Os inúmeros deveres na Alemanha obrigaram-no a retornar. Mas o engajamento com as relações teuto-brasileiras acenava para vantagens, como a de poder, se não voltar para o Brasil, pelo menos a de estar aqui sempre que possível.

Consciente disso, Rocha Lima procurou conferir visibilidade ao seu papel como defensor da aproximação Brasil-Alemanha junto aos círculos diplomáticos alemães. O *Auswärtiges Amt* figurava como um excelente patrono para a atividade científica, disponibilizando recursos para viagens e expedições de pesquisa. Como contrapartida, caberia a ele render créditos em favor da diplomacia cultural, o que na prática já vinha fazendo. Muitos de seus colegas desfrutavam de benefícios consideráveis em virtude da colaboração

⁷⁴⁸ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 25.07.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

mais estreita com o Ministério. Com o interesse de cooperar com o departamento cultural do *Auswärtiges Amt* na elaboração da *Kulturpolitik* endereçada ao Brasil, e de salientar seu nome como ponto de passagem fundamental nesse esforço, preparou um minucioso relatório sobre a estadia de cinco meses naquele país, no qual abordou, ponto por ponto, os diversos aspectos relativos à propaganda cultural.⁷⁴⁹ Todo seu trajeto no Brasil, bem como a estadia em Paris e Coimbra, foi abordado do ponto de vista da *Kulturpolitik*. Uma cópia foi remetida a Fritz Munk para que este lhe desse sugestões e apontasse críticas, mesmo que estas não pudessem ser acatadas, uma vez que já havia enviado um exemplar aos diplomatas em Berlim.⁷⁵⁰ A apreciação de Munk foi bastante positiva, embora alguns pontos para ele não tivessem sido expressos com clareza suficiente.⁷⁵¹

O primeiro ponto tratado no relatório de forma sistemática foi a proposta de cooperação do Instituto Oswaldo Cruz com o Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo. Rocha Lima colocou-se como o elo capaz de restabelecer a ligação entre as duas instituições. A importância do Instituto Oswaldo Cruz do ponto de vista científico, social e político, justificaria seu papel como um dos principais pontos de apoio da política cultural alemã, contribuindo para o “mútuo entendimento” entre os dois países. Afinal de contas, tratava-se de “um dos mais destacados patrimônios culturais do povo brasileiro”, e “o mais importante centro de pesquisa científica, que ultrapassa até mesmo as escolas superiores e universidades do país em prestígio e influência”, salientou.⁷⁵²

Por concentrar abundante material concernente às doenças tropicais, proveniente de praticamente todas as regiões do Brasil, o Instituto Oswaldo Cruz poderia - prosseguiu Rocha Lima - fornecer ao *Tropeninstitut* tanto material quanto todas as ex-colônias alemãs reunidas. Com isso, a instituição brasileira favorecia a produção científica alemã, amenizando os efeitos de Versalhes sobre a medicina tropical germânica. Em contrapartida, o Instituto de Doenças

⁷⁴⁹ Rocha Lima, H. da. Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Datilografado, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁵⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 05.03.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁵¹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 14.03.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁵² Rocha Lima, H. da. Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Datilografado, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Tropicais de Hamburgo enviaria cientistas, “que com o espírito alemão de pesquisas, de métodos de trabalhos e ensino, atuariam de forma produtiva e estimulante” (Rocha Lima, 1926). Esta seria uma ótima estratégia de propaganda cultural, pois converteria muitos pesquisadores em entusiastas da cultura alemã. Caberia, então, aos círculos diplomáticos, contribuir para que os dois institutos formalizassem uma política de intercâmbio através da qual seria possível

*construir uma relação de amizade estreita, sincera e proveitosa, solidamente baseada na colaboração entre os dois institutos, que pode até servir de exemplo para uma aproximação futura, totalmente factível, entre os dois países, também baseada numa política realista honesta.*⁷⁵³

Para neutralizar a propaganda cultural obstinadamente implementada pela França, Estados Unidos e também pela Itália fascista, Rocha Lima sublinhou a necessidade de os alemães lançarem mão de estratégias eficazes e contar com pontos de apoio de real projeção cultural e política na sociedade brasileira, como Manguinhos. As pessoas e instituições arregimentadas nesse esforço, de fundamental relevância para se alcançar os interstícios da vida social e intelectual local, deveriam gozar de respeito perante a comunidade científica, pois, do contrário, poderiam trazer efeito contrário ao esperado. Nesse sentido, ele manifestou no relatório sérias restrições ao recém-criado Instituto Brasileiro de Ciências e a seu presidente, “de nome puramente alemão”, Gustavo Hasselmann.⁷⁵⁴

De acordo com Rocha Lima, o Instituto Brasileiro de Ciências não possuía prestígio e representatividade na comunidade científica brasileira: para ele a maior parte dos membros aderiu ao órgão por consideração aos dirigentes, não o levando “muito a sério”. Dos sessenta membros, afirma que somente de cinco a dez tomavam parte nas reuniões, que ocorriam “numa sala de aula de um ginásio”, pois a agremiação “não tem recursos, caixa, mensalidades ou equipamentos.” Em sua opinião, a sociedade tratava-se de uma “manifestação efêmera”.⁷⁵⁵ Em relação a Hasselmann, responsável, ele próprio, pela condução da “política externa” do Instituto, destacou que, “além deste grandioso cargo honorário auto-atribuído, tem uma

⁷⁵³ Idem, p. 3.

⁷⁵⁴ Idem.

⁷⁵⁵ Idem, p. 19.

posição bastante modesta no mundo científico, onde seu comportamento singular, que denota pouca autocrítica, dá ensejo a certos gracejos sobre seus empreendimentos”.⁷⁵⁶ Como em certa ocasião, relembra o pesquisador do *Tropeninstitut*, em que anunciara perante autoridades brasileiras e alemãs a fundação de um Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura, sem fazer qualquer movimentação para torná-lo realidade. Isso causou-lhe aflição e constrangimento, enquanto em outros, provocou “risos e escândalo”. Ele relatou ainda a participação, junto com Hasselmann, numa reunião com o ministro plenipotenciário alemão no Rio, na qual ficou aliviado por não ter sido tomada nenhuma decisão prática, nem sugerido nada que fosse exequível. Rocha Lima demonstra irritação com a participação de Hasselmann na reunião destinada a discutir sobre os recursos e as formas de desenvolver as relações teuto-brasileiras. Para ele, “o nome alemão parece ser mais forte do que as restrições a ele, que são do conhecimento da embaixada”.⁷⁵⁷

Rocha Lima desqualificou Hasselmann como indivíduo capaz de promover as relações científicas teuto-brasileiras e contribuir para a propaganda cultural, pois apesar da ascendência germânica, ele não possuía “seja no seu temperamento, seja na sua cultura, o menor ponto em comum com a Alemanha, cujo idioma ele mal compreende e cuja ideologia lhe é completamente estranha”.⁷⁵⁸ Embora fosse necessária, por questão puramente diplomática, a participação nos eventos do Instituto de Ciências, pois as comemorações e solenidades eram bons ensejos para a propaganda cultural alemã, o “senhor em questão” deveria ser afastado de qualquer empreendimento “sério” previsto pela *Kulturpolitik*. Ponderou que atuava contra seus interesses pessoais, uma vez que mantinha ótimas relações com Hasselmann e seu Instituto, onde proferira duas conferências.⁷⁵⁹

Não bastaria apenas estar disposto a contribuir para a propaganda cultural alemã, muito menos carregar nome de origem germânica, advertia o pesquisador do *Tropeninstitut*. Valorizava muito mais o círculo fiel de “amigos germanófilos” que lhe dava suporte às iniciativas de promover o intercâmbio intelectual teuto-brasileiro. Os médicos – e nisso estava afinado com aquilo que afirmaram Fülleborn e Mühlens por ocasião de suas viagens à

⁷⁵⁶ *Idem*, p. 20.

⁷⁵⁷ *Idem*, p. 20.

⁷⁵⁸ *Idem*, p. 21.

⁷⁵⁹ *Idem*, p. 21.

América Latina (Wulf, 1994) – deveriam ser alvos preferenciais da diplomacia cultural endereçada ao Brasil, pois gozavam de alto prestígio social. Além disso, muitos deles integravam os círculos políticos aos quais cabiam as decisões sobre os destinos do país. Atuariam como “os mais confiáveis e fiéis amigos da Alemanha”.⁷⁶⁰ Rocha Lima destacou a importância daqueles que dedicavam-se à neurologia, especialidade que, como vimos, reunia parte considerável desses “amigos germanófilos”. Ele citou no relatório a criação da Fundação Juliano Moreira e a demanda por um especialista alemão em anatomia patológica do sistema nervoso que pudesse permanecer no Brasil por três meses.⁷⁶¹

Rocha Lima preveniu no relatório que a “simpatia latente” de círculos sociais e intelectuais brasileiros pela Alemanha não era suficiente para garantir vantagem à propaganda cultural germânica face à francesa, norte-americana e italiana. Estas tornavam mais reduzido o interesse pelo mundo alemão, já bastante limitado pelas dificuldades do idioma e comprometido pela “guerra infeliz” e pelo “interesse exclusivo da Alemanha por suas colônias”.⁷⁶² Dessa forma, o potencial de penetração da influência alemã não podia, em sua opinião, “ser confundido com a errônea e presunçosa ilusão de que no Brasil espera-se ansiosamente que a salvação venha da Alemanha”.⁷⁶³ Se os alemães quisessem efetivamente realizar uma política de propaganda cultural no Brasil, deveriam mudar suas concepções acerca do país e abandonar uma visão calcada em “preconceitos raciais e orgulho nacionalistas, ao lado de visões antiquadas da política mundial”. Ao invés disso, deveriam conquistar a simpatia das classes instruídas e despertar seu desejo de consumo pelos produtos culturais germânicos, que dessa forma, ocupariam o centro dos interesses intelectuais brasileiros. Nesse sentido, a ciência alemã figurava como ingrediente fundamental da propaganda cultural junto às elites locais. Mas nem por isso os alemães deveriam pensar que sua ciência era “indispensável e suficiente” para os brasileiros, pois embora houvesse interesses de ambos os lados, os esforços deveriam ser muito maiores da parte dos primeiros.⁷⁶⁴

⁷⁶⁰ *Idem.*

⁷⁶¹ *Idem*, p. 24.

⁷⁶² *Idem*, p. 23.

⁷⁶³ *Idem*, p. 23.

⁷⁶⁴ *Idem*, p. 23.

Se por um lado advertia sobre as exigências para que pessoas e instituições brasileiras atuassem como pontos de apoio da propaganda alemã, por outro prevenia o *Auswärtiges Amt* da postura ideal que se esperaria de um intelectual disposto e interessado a vir ao Brasil. Como contra-exemplo, aduziu o caso do filósofo alemão Max Dessoir, catedrático de filosofia da Universidade de Berlim, e diretor do Semanário Filosófico na capital alemã. Ele veio ao Brasil em 1926 para fazer conferências sobre estética, sendo recebido no Rio de Janeiro por Juliano Moreira, Arthur Moses e Everardo Backheuser.⁷⁶⁵ Ao invés de representar mais um capítulo em favor da *Kulturpolitik*, a visita de Dessoir – avaliou Rocha Lima – teve antes o efeito contrário, pois o convidado deixou patente seu descuido no preparo das conferências e desconhecimento do país ao qual visitava. Isso refletia o menosprezo que em geral os cientistas e intelectuais alemães nutririam em geral em relação ao Brasil e aos países da América do Sul. “Alheios à realidade”, muitos deles subestimariam o conhecimento da audiência a qual se dirigiam e, por conta disso, não preparavam suas preleções, como se já as considerassem “boas o suficiente para o país desconhecido”, advertiu o cientista.⁷⁶⁶ Os “amigos da Alemanha” eram encarregados de providenciar um auditório para o acadêmico em questão, que muitas vezes retribuía com palestras talvez adequadas a jovens estudantes, mas de baixo nível para os especialistas maduros. O resultado - prossegue Rocha Lima - era que as “fracas preleções e insatisfatórias conferências improvisadas” contrariavam os brasileiros, sensíveis a tais sentimentos de subestimação. Desafiador, ele provoca: “terá a ciência alemã se tornado tão fraca ou enfraquecida que nada se pode aprender das preleções dos seus mais insignes intelectuais, ou será que eles nos consideram tão fracos e atrasados que deveríamos agradecer até mesmo por esse tipo de conferências?”.⁷⁶⁷ A amabilidade de fundo paternalista e condescendente só serviria para acentuar esse descontentamento. No caso do filósofo alemão, ela expressou-se na declaração que fez a um jornal brasileiro sobre o país que o hospedava: “trata-se de um país habitado por crianças que não sabem o que querem”.⁷⁶⁸

Rocha Lima desfraldou no relatório o receituário que considerou importante para evitar fiascos daquele tipo. Os alemães que se propusessem a visitar qualquer país da América

⁷⁶⁵ *Correio da Manhã*, 06/10/1926. Recorte de jornais, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁶⁶ Rocha Lima, H. da. Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Datilografado, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁶⁷ *Idem*, p. 25.

⁷⁶⁸ *Idem*, p. 14-5.

do Sul deveriam preparar suas palestras em português ou espanhol, de modo a superar o principal obstáculo à recepção de suas idéias – o idioma. De acordo com o prestígio do intelectual em questão, importaria menos a conferência em si do que seu desempenho pessoal e a boa-vontade da audiência. Caso contrário, o visitante deveria se empenhar em dominar o idioma do país visitado, lançar mão de uma boa retórica, de bom material de demonstração e de uma tentativa de se adequar às expectativas de seus ouvintes. As visitas de intelectuais alemães não deveriam assumir caráter de viagens turísticas, mas sim constituir um “contato vasto, profundo e sério com o país e o povo e as realizações constitutivas nos campos adequados, com os meios adequados, através de pessoas adequadas”, preconizou.⁷⁶⁹ Como exemplos bem-sucedidos devido ao bom desempenho dos “hóspedes” citou as visitas de Max Nonne e Fritz Munk. Qualificou a deste último, preparada por ele como “o acontecimento científico mais proveitoso para a Alemanha depois da guerra”.⁷⁷⁰ Nosso personagem sugeriu ainda a criação de um instituto alemão no Brasil, aos moldes do que conhecera em Coimbra, idéia que contou com o apoio de Peter Mühlens.⁷⁷¹ O ambicionado instituto deveria concentrar os esforços da propaganda cultural alemã.

Outra delicada questão abordada por Rocha Lima no relatório foi aquela concernente às populações de origem alemã no Brasil e os esforços a elas direcionados de manutenção do “*Deutschtum*” (germanidade). O grande afluxo de imigrantes alemães ao Brasil após a Primeira Guerra fizera com que a questão dos “*Auslandsdeutsche*” (alemães no exterior) ocupasse a agenda do debate público na Alemanha e desse novo alento à questão do “*Deutschtum*” (Rinke, 2008). Os alemães e seus descendentes deveriam assumir a função de “mola mestra da nova ascensão da Alemanha como força mundial e como compensação dos instrumentos da política de poder que havia sido perdida” (Idem, p. 40). Alguns entusiastas do expansionismo defendiam que a colonização alemã na América Latina, especialmente no Brasil, deveria atuar como um substituto informal para as colônias perdidas e para recuperar a reputação da Alemanha no além-mar. A manutenção da língua e de demais elementos referidos à germanidade seria de fundamental importância para um futuro estabelecimento, em determinadas regiões colonizadas, de indústrias dedicadas ao abastecimento do mercado

⁷⁶⁹Idem, p. 24.

⁷⁷⁰Idem, p. 17.

⁷⁷¹Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 12.07.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

alemão com gêneros alimentícios e matérias-primas tropicais. Superados os ânimos acirrados pela Guerra, o Brasil despontara como alvo privilegiado para a formação de colônias fechadas, que somar-se-iam àquelas já existentes no sul do país. Isso só seria possível em locais onde houvesse menor pressão pela assimilação dessas comunidades de colonos (Idem).

Enquanto grupos de interesse, tais como companhias de navegação, bancos e sociedades de emigração e colonizadoras defenderam com afinco essa agenda, os círculos governamentais manifestaram publicamente reservas quanto à política emigratória. Temiam que o envolvimento oficial abastecesse novamente a idéia do “perigo alemão”, tal como ocorreu durante a Guerra. Apesar disso, desde 1919 assessores da legação alemã no Rio de Janeiro dedicaram-se ao auxílio aos emigrantes, à organização de sociedades de “*Auslandsdeutsche*” e a medidas que redundassem em incentivos a políticas colonizadoras. Ao mesmo tempo em que os representantes diplomáticos da Alemanha pediram cautela no incentivo do “*Deutschtum*”, evitando intromissões na política interna do Brasil, defenderam a necessidade de superar a passividade política que caracterizava as comunidades de imigrantes alemães, em favor de uma maior representação de seus interesses. O risco de que isso trouxesse em contrapartida a aculturação dessas populações deveria ser contrabalançado pela manutenção de estreitas relações culturais do Brasil com a Alemanha (Idem).

Na agenda de propaganda cultural prevista por Rocha Lima, a questão do “*Deutschtum*” deveria dar lugar a outros esforços, que em sua visão seriam mais eficazes para a real aproximação entre Brasil e Alemanha. Ele chamou a atenção dos círculos diplomáticos de Berlim para aspectos das relações teuto-brasileiras que não estavam diretamente referidos à imigração. Conforme procurou demonstrar com o exemplo de Gustavo Hasselmann, não eram entre as populações de imigrantes e seus descendentes que encontrariam pontos de apoio para a *Kulturpolitik*. Esta deveria ser pensada pelo *Auswärtiges Amt* em termos que extrapolassem a visão do Brasil sob o estreito ângulo da colonização, através do qual o território brasileiro era encarado como uma nação alemã no exterior ou como uma possessão colonial.⁷⁷² Não caberia a ele “perguntar qual será o futuro de uma união isolada de 300.000 alemães, que rejeita uma cultura brasileira ainda em formação, numa terra de 35 milhões de habitantes”⁷⁷³

⁷⁷² Rocha Lima, H. da. Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Datilografado, Fundo Rocha Lima, CMIBSP, p. 21.

⁷⁷³ *Idem*, p. 21.

Seria uma ilusão – argumentou Rocha Lima – acreditar que os teuto-brasileiros seriam os principais defensores da cultura alemã. Segundo ele, eram respeitados agricultores, comerciantes, operários ou industriais, sem qualquer papel influente na vida política brasileira, ou atividade em favor da propaganda cultural germânica. Ao contrário, defendiam uma política de isolamento na qual resistiam à assimilação à cultura brasileira. Escolas e associações eram os baluartes do esforço de manutenção dos caracteres distintivos da “germanidade”. Mesmo durante a Guerra poucos nomes alemães haviam se disposto a se posicionar em favor da Alemanha, acrescentou. Seus conhecidos de nome alemão - “Müller, Meyer, Schmidt, Schiller, Werneck, Niemeyer” - eram quase todos indiferentes à causa alemã.⁷⁷⁴

Na carta enviada ao *Auswärtiges Amt* junto com o relatório da viagem, Rocha Lima reforçou o descontentamento com esse privilégio à questão da preservação do *Deutschtum* entre os colonos no Brasil.⁷⁷⁵ Escreveu a Fülleborn que eles atuavam muito mais como impedimento do que como apoio à política de propaganda cultural.⁷⁷⁶ Ele queria chamar atenção dos círculos diplomáticos para uma constelação de pessoas e instituições, dispostas, por inclinação pessoal e/ou científica, a estreitar os laços com a Alemanha. Não traziam nome alemão, mas constituíam o principal ponto de apoio para o estabelecimento das relações intelectuais com o mundo germânico. Os alemães deveriam aproveitar o fato de o Brasil, maior país latino do Novo Mundo, encontrar-se num estágio de desenvolvimento no qual ainda era possível entregar-se à influência cultural da Alemanha. Segundo Rocha Lima, a tradição cultural brasileira se assentava sobre bases mais ecléticas do que na Argentina, por exemplo, “onde se imita feito papagaio os hábitos e a cultura dos franceses”, assinalou.⁷⁷⁷ Enquanto a política cultural do *Auswärtiges Amt* praticamente esgotava seus interesses no Brasil com a questão do *Deutschtum*, os franceses fundavam institutos franco-brasileiros e incentivavam a criação de escolas para brasileiros, alertava o cientista. Os norte-americanos, por sua vez, faziam grandes doações a hospitais e institutos de pesquisa, além de procurar exercer influência cultural junto às classes dirigentes. As investidas “ambiciosas, abertas e

⁷⁷⁴ *Idem*, p. 22.

⁷⁷⁵ Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* de 08.03.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁷⁶ Carta de Rocha Lima a Frederich Fülleborn de 22.07.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁷⁷ Carta de Rocha Lima ao *Auswärtiges Amt* de 08.03.1927. Fundo Rocha Lima – CMIBSP.

bem-feitas” da língua e da cultura alemãs deveriam ser direcionadas ao mundo de língua não-alemã, ao invés de se concentrarem exclusivamente na questão da germanidade entre as populações teutas.⁷⁷⁸

Rocha Lima justificou ao *Auwärtiges Amt* seu interesse na *Kulturpolitik* como motivada pelo “desejo de ver a minha pátria brasileira ser influenciada beneficentemente pelo caráter alemão”.⁷⁷⁹ Mas gradualmente percebeu que era uma tarefa trabalhosa e nem sempre grata. Expressou insatisfação a Fülleborn, com a pouca atenção dada às suas sugestões.⁷⁸⁰ Na ocasião, o destacado helmintologista encontrava-se no Brasil, conforme veremos adiante. Sugeriu ao colega do *Tropeninstitut*, que ao entrar em contato com representantes da colônia alemã e demais pessoas influentes, lançasse mão “do seu prestígio e do poder da sua personalidade”, para que os reais cultivadores das relações com a Alemanha fossem considerados. Referia-se a “personalidades brasileiras importantes”, que nutriam simpatia pela cultura germânica. O fato das personalidades favoráveis à Alemanha não tomarem parte nas recepções oferecidas pela Legação Alemã era para ele um demonstrativo da visão míope do *Auswärtiges Amt*. Como exemplo, citou a Fülleborn o caso de um desses banquetes alemães, em que encontrou um amigo, “que há alguns anos atrás afirmou num círculo amplo que os alemães seriam matadores de criancinhas”. Outro amigo, que “pulou na garganta” do primeiro, não fora convidado para o evento. Esperava que o helmintologista alertasse os círculos oficiais com os quais tomaria contato no Brasil, que breve visitaria, para que se apercebessem dessas distorções.⁷⁸¹

O engajamento de Rocha Lima na promoção das relações científicas Brasil-Alemanha e da *Kulturpolitik* envolveu o enfrentamento de questões que ele considerava de fundamental importância para o bom termo de seus esforços. Ele sabia das demandas e interesses de ambas as partes na aproximação intelectual. Entretanto, a concretização disso exigia não apenas recursos que custeassem as viagens e estadias, como também o apoio dos grupos políticos capazes de garantir o êxito dessas missões científicas. Os círculos diplomáticos serviriam a esses propósitos, pois dispunham de uma azeitada máquina destinada ao fomento da

⁷⁷⁸ *Idem*

⁷⁷⁹ *Idem*.

⁷⁸⁰ Carta de Rocha Lima Fredrich Fülleborn de 22.07.1927, Fundo Rocha Lima – CMIBSP.

⁷⁸¹ *Idem*.

cooperação intelectual e viagens científicas. Muito embora a montagem dessa complexa engrenagem pelos alemães fosse recente, ela já funcionava a pleno vapor. Recrutados entre a comunidade acadêmica germânica, intelectuais viajavam para as regiões consideradas alvos ideais de uma política de propaganda cultural. Havia a demanda de segmentos da comunidade científica brasileira pela aproximação com a Alemanha, o que seria um ótimo caminho para a propaganda cultural. Mas o pesquisador do *Tropeninstitut* Rocha Lima notou que a agenda dos círculos diplomáticos para o Brasil gravitava em torno da questão do *Deutschtum* entre as populações de imigrantes e descendentes. Tentou demonstrar que o investimento nessas comunidades teutas rendia menos crédito à “causa alemã” do que o apoio aos seus esforços junto aos círculos intelectuais brasileiros.

As minuciosas considerações de Rocha Lima relativas à diplomacia cultural no Brasil foram enviadas ao *Auswärtiges Amt* no começo de 1927. Em março daquele ano, o ministro Soehring, responsável pela Divisão Cultural, acusou o recebimento do relatório, distribuído a todos os departamentos do Ministério e ao qual lera “com bastante interesse”. Ele sugeriu um encontro com o pesquisador do *Tropeninstitut*, para lhe fazer sugestões e discutir sobre as propostas apresentadas.⁷⁸² Em 03 de abril de 1927, o ministro plenipotenciário no Rio, Hubbert Knipping, também remeteu cópia do relatório ao *Auswärtiges Amt*.⁷⁸³ Em carta que acompanhou o documento, Knipping teceu considerações sobre os comentários e propostas do cientista brasileiro. Salientou que suas idéias já lhe eram em grande medida conhecidas, devido a conversas que haviam tido no Rio de Janeiro. Propôs que o *Auswärtiges Amt* entrasse em contato direto com o pesquisador, pois suas idéias eram, em sua maior parte, práticas e exequíveis. As considerações sobre a visita de Max Dessoir, por exemplo, atestavam o quanto ele estava bem orientado sobre a *Kulturpropaganda*. Os comentários e sugestões eram ainda mais notáveis – elogiou Knipping – porque combinavam “o nítido dom de observação humana, frequente nos brasileiros instruídos, com a objetividade e profunda compreensão das circunstâncias, fundamentada nos longos anos de trabalho científico na Alemanha”.⁷⁸⁴ Por conta disso, suas idéias eram mais que pertinentes. Salientou, no entanto, o quanto era difícil encontrar personalidades alemãs que reunissem todos os pressupostos

⁷⁸² Carta do *Auswärtiges Amt* a Rocha Lima de 31.03.1927.

⁷⁸³ PAAA 61171 Deutsche Gesandtschaft Rio de Janeiro an Auswärtiges Amt 03.04.1927.

⁷⁸⁴ PAAA 61171 Deutsche Gesandtschaft Rio de Janeiro an Auswärtiges Amt 03.04.1927.

apontados como ideais pelo pesquisador brasileiro. O mais conveniente seria escolher aquelas que já eram conhecidas do mundo científico brasileiro e cultivavam relações com alguns de seus representantes. Do mesmo modo, viu como bastante instrutivos os argumentos sobre a inadequação dos teuto-brasileiros à propaganda cultural. Knipping, porém, não concordou com os “sarcásticos e minuciosos” comentários sobre Gustavo Hasselmann, uma prova de que era estimado na Legação. O diplomata destacou-o como um amigo da Alemanha e auxílio prestimoso à representação alemã no Rio. Ele era porta-voz – prosseguiu – de um grupo sério e influente de cientistas germanófilos. Insinuou que as advertências de Rocha Lima pareciam tingidas por questões pessoais, de modo que seriam um “golpe no vento” para a edificação das relações intelectuais teuto-brasileiras.⁷⁸⁵

Na conclusão do relatório, Rocha Lima declarou que a intenção de redigí-lo e apresentá-lo às autoridades atendia à “obrigação moral, de compartilhar com outros, as experiências e impressões que vivenciei e coligi, talvez com outros olhos e também sob pontos de vista diferentes dos da maioria dos alemães” (Rocha Lima, 1926, p. 26). Mas na correspondência com Munk, é possível perceber outras motivações que o impeliram a escrever o relatório para os diplomatas de Berlim. Ele esperava ganhar apoio financeiro do *Auswärtiges Amt*, que subsidiava as atividades de muitos cientistas envolvidos na diplomacia cultural. O apoio deveria vir na forma de financiamento de uma secretária particular. Na viagem ao Brasil, ele já viera acompanhado de uma, Else Seiler, a qual mantinha com seus próprios recursos. Só assim, pôde conjugar as atividades em favor da propaganda cultural com os afazeres científicos. Se o apoio não fosse possível, que pelo menos o *Auswärtiges Amt* fizesse pressão sobre as autoridades de Hamburgo para que continuasse a receber seu salário durante o afastamento do Instituto de Medicina Tropical, por ocasião da viagem que faria novamente ao Brasil em janeiro de 1928. Esperava também ganhar desconto na companhia de navegação. Mediante as vantagens que os demais cientistas auferiam, Rocha Lima considerou justas suas demandas. Ele esperava que o relatório despertasse “interesse e compreensão”, resultando em medidas concretas, como uma possível viagem de Munk ao Brasil.⁷⁸⁶

A importância e o alcance das reivindicações de Rocha Lima podem ser avaliados pela carta que ele escreveu a Bernhard Nocht, logo depois de enviar o relatório ao *Auswärtiges*

⁷⁸⁵ *Idem.*

⁷⁸⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 05.03.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Amt. Nela, queixou-se da sobrecarga de tarefas e responsabilidades acarretada pela mudança de configuração do Instituto de Doenças Tropicais depois de Versalhes. A tarefa de “atuar como ponte científica e médica com o exterior, além de diferentes atribuições de política cultural, e até mesmo, no momento, puramente diplomáticas”,⁷⁸⁷ trouxera como contrapartida incremento significativo das atividades. Rocha Lima enumera as múltiplas tarefas com as quais se viu envolvido nos últimos tempos. Vale a longa citação como representativa de suas demandas e insatisfações:

Os já citados esforços empregados na fundação de diversos periódicos, especialmente para o mundo românico, e em especial com os países ibero-americanos, visando estreitar relações, tiveram o efeito de tornar meus encargos - eu, um sul-americano nativo trabalhando no Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo -, muito pesados. Não apenas os alemães que vão ou não para o Brasil, mas também os brasileiros e outros sul-americanos que vêm para a Alemanha, solicitam continuamente meus conselhos, informações, apoio e recomendações. O meu tempo é também tomado pelas mais diversas circunstâncias; asilos de leprosos na Colômbia, que devem ser organizados sem ajuda dos americanos, planejamento de jornais alemães de propaganda no Equador, colegas uruguaios, que se sentiram melindrados por serem mal recebidos na Alemanha e, finalmente técnicos italianos que devem ser influenciados em questões de administração colonial. Também a organização de material científico do exterior, em substituição ao que vinha das colônias alemãs, fonte que agora secou, traz uma sobrecarga de trabalho à minha seção, muito embora o que o Brasil enviou e ainda tem enviado não se compara, seja com o material vindo anteriormente das colônias alemãs, seja com o material recebido do restante do mundo atualmente. O tempo necessário para processar todo este material é várias vezes superior ao que era empregado anteriormente. O progresso em determinados campos trabalhados pela minha seção - patógenos filtráveis, espiroquetas, riquetsias e micoses - adquirem tamanha envergadura que o Instituto inteiro poderia se ocupar com os problemas ligados a eles. Por estes motivos, não é possível, para mim, cumprir minhas obrigações sozinho, sem nenhum assistente ou qualquer outro tipo de trabalhador qualificado. Apesar dos maiores esforços, não consigo mais arranjar o tempo necessário para acompanhar a vasta

⁷⁸⁷ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 12.03.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

*literatura do meu campo de trabalho. Experimentos científicos são reduzidos ou deixados de lado, pois não me é possível dar-lhes continuidade. Por isso há um ano me obriguei a contratar um auxiliar que não estivesse preso a um horário de trabalho e que também trabalhasse aos domingos, mantido por meus próprios meios. Agora que não posso mais manter este auxiliar por motivos econômicos, solicitei ajuda à Sociedade dos Amigos do Instituto de Doenças Tropicais; no entanto, a quantia disponibilizada por esta sociedade, em geral generosa, era quase inaceitável.*⁷⁸⁸

Inicialmente, a intenção de Rocha Lima junto ao *Auswärtiges Amt* foi apenas a de manter uma secretária particular e contratar colaboradores, mas frente às vantagens que outros pesquisadores vinham auferindo junto aos círculos diplomáticos, sabia que poderia conquistar mais que isso. Havia o interesse genuíno em promover a aproximação intelectual entre o Brasil e a Alemanha e de engajar-se em favor da *Kulturpolitik*. Mas os esforços nesse sentido não poderiam comprometer seu trabalho científico, como vinha ocorrendo. A amplitude do envolvimento institucional com a diplomacia cultural assumiu tamanha amplitude que tornou impossível ou, pelo menos bastante oneroso, conjugar a promoção das relações científicas com o trabalho de bancada. Pelo menos para nosso personagem, que conduzia praticamente sozinho os trabalhos da Seção de Patologia e Vírus. O pequeno montante disponibilizado pela Sociedade dos Amigos do Instituto soava como falta de reconhecimento à atuação em favor da política cultural externa. Seu espaço de manobra não era muito dilatado. De que outras fontes poderia dispor para dinamizar o vultoso trabalho de sua seção científica e, ao mesmo tempo, atuar em favor das relações científicas internacionais e da propaganda cultural?

Da mesma carta com Nocht é possível ainda depreender que Rocha Lima ficou descontente com a “injusta classificação” no grupo V.⁷⁸⁹ Certamente alude a alguma forma de organização empregada no Instituto Tropical, relacionada a níveis hierárquicos e, provavelmente, também a rendimentos salariais. As fontes pesquisadas não permitiram esclarecer essa questão.

⁷⁸⁸Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 12.03.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁸⁹ *Idem.*

Em 28 de outubro de 1927, Rocha Lima apresentou a Nocht um programa formal de cooperação com o Instituto Oswaldo Cruz, no qual ele ficaria cinco meses no Rio de Janeiro e o restante do tempo em Hamburgo. Para legitimar esse arranjo junto ao *Tropeninstitut*, reforçou novamente o papel das instituições brasileiras – não só do Instituto Oswaldo Cruz, mas também do Instituto Bacteriológico, do Butantan e das faculdades de medicina do Rio de Janeiro e São Paulo – no fornecimento de material de pesquisa. O volume do material remetido pelo Brasil – reiterou - era superior ao enviado pelo restante do mundo no mesmo espaço de tempo (Rocha Lima, 1927). A cooperação de Manguinhos com o Instituto de Hamburgo possibilitaria o fluxo de idéias e experiências. O segundo, assumiria, dessa forma, a liderança nas relações científicas internacionais do Rio de Janeiro, contrabalançando a atuação da Sociedade de Biologia, diretamente ligada à *Société de Biologie* parisiense, e sediada no Instituto Oswaldo Cruz. Se as relações dos cientistas brasileiros com os franceses e norte-americanos eram fortes, nenhuma era tão estreita como a sua com os alemães. Esse fato justificaria sua liderança na política de cooperação com Manguinhos.⁷⁹⁰ Para compensar a ausência do Instituto de Hamburgo, sugeriu a nomeação de um novo diretor para sua seção. Do Brasil, ele daria continuidade aos trabalhos, através do intercâmbio dos preparados histopatológicos. Os casos não muito urgentes lhe seriam enviados e a resposta seguiria por telégrafo. Ele providenciaria a reorganização da coleção de microrganismos e de peças anátomo-patológicas, para torná-las mais acessíveis ao uso geral. Seu assistente, Ziegler, ficaria responsável pela manutenção das culturas da Seção de Patologia, e pelo prosseguimento dos trabalhos histológicos.⁷⁹¹

Além da cooperação de Manguinhos com o *Tropeninstitut*, Rocha Lima apresentou a Nocht o que seria o principal motivo que o traria novamente ao Brasil em dezembro de 1927: a “missão científica Jakob-Rocha Lima”. Esta seria sua última viagem antes da permanência definitiva no seu país de origem.

⁷⁹⁰ Projeto de cooperação apresentado a Bernhard Nocht, de 28.10.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁹¹ *Idem.*

4.21. Rocha Lima, as relações teuto-brasileiras e a “missão Jakob”

Antes de tratarmos da “missão Jakob-Rocha Lima” propriamente dita, cumpre mencionar, em visão geral, alguns eventos ligados ao intercâmbio científico teuto-brasileiro no ano de 1927. Foi um ano bastante agitado no Brasil do ponto de vista das relações científicas internacionais. Muitos franceses estiveram no país naquele ano – J. Louis Faure, Guy Laroche e Molinié, Louis Ombredanne, Alexandre Couvelaire, Émile Marchoux e Louis Lapicque, professor da Sorbonne que veio em agosto para realizar curso de fisiologia na Academia Nacional de Medicina.⁷⁹² Também estiveram aqui os italianos Mingazzini, Mangiagalli, Fano e Paulucci e o professor japonês da Universidade de Kyoto Akira Fujinami.⁷⁹³ Dos alemães, quem veio ao Brasil nesse ano foram Joachim Stutzin, Fülleborn e Friedrich Umber. Stutzin veio convidado pela Sociedade Brasileira de Urologia.⁷⁹⁴ Era editor da *Vox Medica*, concorrente da *Revista Médica de Hamburgo*, sendo inclusive publicada em português. Por conta disso, conforme veremos no próximo capítulo, sua visita causou apreensão em Peter Mühlens, que sondou Rocha Lima para saber da repercussão da presença de Stutzin no Brasil. Fritz Umber veio depois de uma temporada na Argentina, onde ministrou palestras e cursos.⁷⁹⁵ Munk avisou Rocha Lima da viagem de Umber para a Argentina, a qual incluía escala de oito dias no Rio de Janeiro.⁷⁹⁶ Ele havia sugerido a ele que antes da partida

⁷⁹² “Hóspedes Ilustres”. *Brasil-Médico*, Ano XII, n. 39, 24/09/1927 e “Notas e Informações”, *Brasil-Médico*, Ano XII, n. 35, 27/07/1927, p. 909.

⁷⁹³ “Notas e Informações”, *Brasil-Médico*, Ano XII, n. 35, 27/07/1927, p. 909.

⁷⁹⁴ Joachim Stutzin nasceu na Lituânia e foi para a Alemanha com seis anos de idade. Estudou medicina, tornando-se, depois da Primeira Guerra, diretor do hospital Kaiserin Victoria Augusta, em Berlim. Inventou um método de filmagem dos órgãos internos e de evidenciar a esterilidade. De origem judia, foi defensor do ideal sionista, escrevendo artigos no *Die Welt*. Concebia a assimilação como a única via plausível de viver na Alemanha. Pertenceu a um comitê de judeus alemães. Em 1934, teve de deixar a Alemanha devido à ditadura nazista, emigrando para Santiago do Chile. In *Jewish News Archive*, 16. Maio 1934, disponível em <http://archive.jta.org/article/1934/05/16/2813289/stutzin-noted-jewish-medico-is-in-santiago>, acesso em 24.05.2011.

⁷⁹⁵ Ele era especializado em patologias da nutrição, começando sua carreira como assistente de Naunyn, em Estrasburgo. Depois se aperfeiçoou em química biológica: com Hofmeister e Salkouski na Alemanha, e em 1898 na França, onde frequentou os hospitais de Salpêtrière e Charité. Foi depois nomeado chefe de clínica do professor Paul Gerhardt e logo em seguida de Friedrich Kraus. Transferido para o Hospital Municipal de Altona, em Hamburgo, em 1903, e em 1911 para o Hospital de Westard, em Berlim, Umber era conhecido pelos numerosos trabalhos sobre doenças no fígado e nas vias biliares, doenças nas articulações e sobre a química das proteínas em manifestações patológicas

⁷⁹⁶ “Professor Friedrich Umber”, *Brasil-Médico*, Ano XII, n. 38, 17/09/1927, p. 990.

visitasse o pesquisador do *Tropeninstitut*, que tinha uma viagem programada para o Brasil em 1927, e poderia inteirá-lo do ambiente e da propaganda cultural alemã.⁷⁹⁷

Friedrich Fülleborn também aportou no Rio de Janeiro em passagem à Argentina. Foi recebido por Chagas, Moses, Faria e outros. Trouxe a medalha Nocht, que por sugestão de Rocha Lima foi conferida a Henrique Aragão.⁷⁹⁸ Fülleborn escreveu ao colega do *Tropeninstitut* que foi calorosamente acolhido e agradeceu pelos preparativos dele junto aos amigos brasileiros. Recebeu convite de Chagas para passar uma temporada em Manguinhos depois de concluídas suas tarefas na Argentina.⁷⁹⁹ Foi o que ele fez. Em setembro estava novamente no Brasil, depois de ter passado por Montevidéu. Ficou uma semana em São Paulo, onde proferiu palestra no Clube Alemão, e foi recepcionado por Arthur Neiva e Lauro Travassos. No Rio, foi ciceroneado principalmente por Arthur Moses. Juntos, fizeram uma lista dos “amigos da Alemanha” que deveriam participar do jantar de acolhida ao pesquisador do *Tropeninstitut*. O legado alemão também ofereceu um chá a ele e a Umber. Fülleborn foi também recepcionado na Academia de Medicina e de Ciências e estabeleceu contato com Juliano Moreira.⁸⁰⁰ O *Brasil-Médico* saudou a chegada do cientista “de simplicidade encantadora, grande etnógrafo e antropologista, tendo longamente viajado a África Oriental e parte da Oceania, conhecendo a fundo o Japão e a China.”⁸⁰¹ Miguel Couto relatou a Rocha Lima que a visita de Fülleborn teve grande impacto, apesar das dificuldades com o português. Mesmo com um auditório cansado e abordando um assunto relativamente bem-conhecido no Brasil, ele havia conseguido, na avaliação de Couto, prender os ouvintes até o final e deixar ótima impressão, o que também disse ter sido o caso de Umber.⁸⁰²

Quem também esteve no Brasil em 1927 foram os pesquisadores do *Tropeninstitut* Walther Kikuth, diretor da seção de bacteriologia, e Paul Regendanz. Eles vieram especificamente para permanecer em Manguinhos no âmbito do programa de cooperação

⁷⁹⁷ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 22.07.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁹⁸ Carta de Friedrich Fülleborn a Rocha Lima de 07.05.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁷⁹⁹ *Idem*

⁸⁰⁰ Carta de Friedrich Fülleborn a Rocha Lima de 23.09.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁰¹ “Commentarios – Professor Fülleborn”, *Brasil-Médico*, Ano XII, n. 37, 10/09/1927, p. 957.

⁸⁰² Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 31.12.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

firmado entre as duas instituições. A vinda dos dois cientistas foi justificada pela necessidade de ampliar estudos iniciados em Hamburgo sobre patógenos que eram mais frequentes no Brasil.⁸⁰³ A estadia de Kikuth, inicialmente prevista para durar entre outubro de 1927 e janeiro de 1928, estendeu-se por mais dois meses.⁸⁰⁴ Já mencionamos no segundo capítulo algumas das pesquisas às quais eles se dedicaram, referentes, principalmente às bartoneloses e a uma nova forma de anemia do rato causada por uma espécie de bartonela descrita por Martin Mayer. Segundo Rocha Lima, a estadia de Kikuth e Regendanz passou em geral despercebida.

Em dezembro de 1927, Rocha Lima chegou ao Brasil. Enquanto assumia os preparativos para a vinda de Jakob, procurou aplinar as dissensões que novamente opunham abertamente seus sócios no Instituto Brasileiro de Microbiologia Henrique Aragão e Arthur Moses. A solução encontrada por ele foi nomear um colega para cuidar dos trâmites administrativos e assumir a direção no seu lugar.⁸⁰⁵ Foi também designado para receber os visitantes do cruzador Emden, que aportou no Rio de Janeiro em dezembro de 1927. Já a bordo do navio, interveio na tradução dos cardápios, que segundo ele apareceram num “português fantástico”, um idioma que parecia uma variação do espanhol. Daí todos os avisos e informes do navio passaram a ser feitos por ele.⁸⁰⁶ O Emden pertencia ao tipo mais simples de cruzador que existia na época. Sua construção teve de obedecer às severas restrições de peso, tamanho e artilharia impostas pelo Tratado de Versalhes. Ele foi projetado originalmente para atuar como navio de instrução dos oficiais da marinha alemã e não para missões de guerra. Realizou sua primeira viagem entre novembro de 1926 e março de 1928, sendo o Rio de Janeiro única parada na América do Sul.

Apesar das festividades que cercavam a recepção de missões militares, principalmente de embarcações, para Rocha Lima elas não contribuía para o cultivo das relações bilaterais, e nem constituía método muito eficiente de propaganda cultural, uma vez que aos brasileiros seria indiferente para se eram, franceses ou ingleses. Apenas as colônias de

⁸⁰³ StAHH Cl. VII Lit Qb 8b Vol. 15. Fasc 35. Ofício de Walter Kikuth a Bernhard Nocht 10.08.1927.

⁸⁰⁴ StAHH Cl. VII Lit Qb 8b Vol. 15. Fasc 35. Carta de Kikuth a Nocht de 21.12.1927. Ofício de Nocht ao Departamento de Saúde de 10.01.1928. Bernhard Nocht ao Senado de Hamburgo 13.01.1928.

⁸⁰⁵ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928.

⁸⁰⁶ *Idem.*

imigrantes lhes davam importância.⁸⁰⁷ Entretanto, os alemães lançaram mão dessa estratégia por diversas vezes para estabelecer relações com latino-americanos.

Rocha Lima também recepcionou o professor Kuhnen, do Museu de Etnografia de Hamburgo, que vinha fazer gravações para o arquivo de filmes do Museu. Ele tomou todas as providências junto aos museus, ferrovias e institutos, para que o alemão e sua equipe fizessem as tomadas, mas eles mudaram o horário e não apareceram. Seu único receio, confessou a Mühlens, era que Kuhnen tivesse intenção de salientar “traços negros exóticos e pouco característicos”, provocando má reação no Brasil.⁸⁰⁸

A principal tarefa que trouxe Rocha Lima novamente a seu país de origem foi a vinda do neuropatologista Alfons Jakob, que ele havia sugerido ao círculo de psiquiatras e neurologistas brasileiros para ministrar cursos de anatomia patológica do sistema nervoso. A necessidade de aprofundar esse aspecto da neurologia era bastante sentida no Brasil, destacou nosso personagem.⁸⁰⁹ No relatório direcionado a Bernhard Nocht sobre a “missão”, ressaltou que a idéia de organizar a vinda de Jakob existia há seis anos, mas só durante a viagem de 1926, fora possível arrecadar os recursos através da Fundação Juliano Moreira. Este fora um dos principais motivos que haviam levado à criação daquele órgão. No relatório da viagem de 1926, ele alude à indicação dos “inabaláveis amigos da Alemanha no Rio de Janeiro”, de que a neuropatologia constituía um campo privilegiado para a atuação de um especialista alemão, que poderia permanecer por pelo menos três meses no Brasil”.⁸¹⁰ Na apreciação do relatório ao *Auswärtiges Amt*, o legado alemão no Rio também se refere à sugestão de Rocha Lima sobre a viagem de Jakob.⁸¹¹ Salientou que para concretizá-la seria necessário apoio financeiro, não apenas para a viagem e estadia do neurologista, como também para a “preparação” de sua chegada entre a opinião pública.⁸¹² Mas os fundos acabaram sendo levantados pela própria

⁸⁰⁷ *Idem.*

⁸⁰⁸ *Idem.*

⁸⁰⁹ Projeto de cooperação apresentado a Bernhard Nocht, de 28.10.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸¹⁰ Rocha Lima, H. da. Bericht über die Reise von Prof. H. da Rocha Lima nach Brasilien 1926 (Relatório da viagem do professor H. da Rocha Lima ao Brasil – 1926), Datilografado, Fundo Rocha Lima, CMIBSP, p. 21.

⁸¹¹ PAAA 61171. Deutsche Gesandtschaft an Auswärtiges Amt 03.04.1927.

⁸¹² *Idem*

Fundação Juliano Moreira, no que se referiu à Jakob, pois Rocha Lima veio com recursos dispostos pela colaboração de Manguinhos com o *Tropeninstitut*.

Rocha Lima afirmou a Nocht que o interesse despertado, não apenas nos círculos científicos – através de contatos pessoais e trabalhos conjuntos – como também nos círculos sociais mais amplos, faria com que a “missão“ Jakob-Rocha Lima se transformasse num “grande triunfo para a Alemanha”.⁸¹³ Embora exigisse maior dedicação do que as visitas e conferências, a permanência prolongada de Jakob entre os brasileiros serviria para “estimular, de maneira duradoura, a força de atração da cultura alemã, despertar simpatia pelo modo alemão de ser e também para consolidar a difícil posição dos poucos amigos da cultura alemã, que a defendem ativamente”.⁸¹⁴

Alfons Jakob gozava de alta reputação no ramo da psiquiatria, tendo trabalhado como assistente na clínica psiquiátrica de Emil Kraepelin, e junto com Alois Alzheimer e Franz Nissl. Dirigia em Hamburgo o Hospital Friedrichsberg, e ocupava a cadeira de neurologia da Universidade de Hamburgo. Sua produção científica era bastante ampla e seu laboratório atraía pesquisadores e estudantes de várias partes do mundo.⁸¹⁵

A programação prevista por Rocha Lima consistia em cerca de 30 conferências, demonstrações práticas para os médicos, um curso prático no Instituto Oswaldo Cruz de técnicas histopatológicas do sistema nervoso e orientação para trabalhos de pesquisas independentes. Jakob seria autorizado a trazer um assistente, sendo sugerido o nome de Else Seiler, que trabalhava na seção de Rocha Lima e no laboratório de Jakob em Hamburgo.

Alfons Jakob chegou ao Brasil em maio de 1928. O curso durou até o mês de julho. Nele, o cientista alemão abordou as últimas conquistas da anatomia patológica do sistema

⁸¹³Projeto de cooperação apresentado a Bernhard Nocht, de 28.10.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸¹⁴ *Idem*.

⁸¹⁵ A ampla produção científica de Jakob abarcou diferentes temas. Estudou doenças como paralisia pseudobulbar, febre amarela, lepra, encefalite nodular glial, esclerose difusa, distrofia muscular, sífilis, epilepsia, etc; além de ter contribuído para a descrição da esclerose múltipla, a ataxia de Friedreich e a doença de Alpers. Ainda quando trabalhara com Alzheimer, Jakob estudou o caso de uma paciente com uma doença neurológica nova e rara. Na Universidade de Hamburgo, deparou-se com quatro novos casos. Dedicou-se então ao estudo anátomo-patológico das alterações cerebrais, ao mesmo tempo em que Creutzfeldt pesquisava caso semelhante em Munique. Jakob comparou as lesões encontradas nos casos por ele descritos com as observadas por Creutzfeldt. Viu que eram bastante semelhantes, mas insistiu que nos seus casos constituía uma nova entidade nosológica, depois reconhecida como a primeira descrição de encefalopatia espongiiforme transmissível. A doença hoje leva o nome de Creutzfeldt-Jakob.

nervoso. As preleções incluíram demonstrações com abundante material trazido da Europa e diapositivos, e foram proferidas em português, que Jakob aprendera pouco antes de vir ao Brasil. A conferência de abertura foi feita na congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O discurso de Jakob foi um manifesto em favor da aproximação intelectual Brasil-Alemanha. Nele é possível notar a retórica típica empregada por Rocha Lima nessas ocasiões. O neurologista ressaltou a necessidade do Brasil assegurar sua independência científica e imitar o exemplo dos Estados Unidos, que “soube tirar da ciência alemã as máximas vantagens para formar sua hoje mundialmente respeitada individualidade científica” (Jakob 1929, p. 95). Através das “boas e estreitas” relações com a Alemanha, o Brasil poderia obter “uma composição equitativa e bem dosada das influências fecundantes, que sem prejuízo de povo algum garante ao Brasil essa independência de sua individualidade...” (Idem). Manifestou gratidão aos médicos que mantinham sua simpatia pela Alemanha e “chegaram a compreender bastante a nossa mentalidade para poder julgá-la com justiça até mesmo durante a psicose da guerra.” Agradeceu também aos que haviam viabilizado sua vinda e a realização do curso, citando nominalmente Waldemar de Almeida, Arthur Moses e Juliano Moreira. “Se a minha permanência no Brasil puder contribuir de alguma forma para aumentar aqui o interesse e a simpatia pela Alemanha, terá a minha missão alcançado o mais alto resultado que eu poderia almejar”, afirmou (Idem). Em seguida traçou um panorama da anatomia patológica, seus fundamentos, métodos de trabalho e aplicação no estudo do cérebro, das funções nervosas e de suas patologias.

Nas conferências, Jakob tratou dos mais diferentes aspectos da anatomia patológica do sistema nervoso. Abordou a paralisia geral progressiva, a esclerose, encefalopatia crônica infantil em três delas a sífilis nervosa. Deu destaque à malarioterapia, que havia garantido ao vienense Wagner Jaureg o prêmio Nobel de medicina, em 1927. Consistia numa técnica terapêutica na qual se induziam acessos palúdicos pela inoculação de parasitas da malária na forma benigna. Observavam-se melhoras no quadro da forma nervosa da sífilis e da paralisia progressiva. Esse foi o tema de apresentação de Jakob na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, na qual foi acolhido em 03 de julho de 1928.

O período de permanência de Jakob no Brasil significou para Rocha Lima, trabalho incessante, dia e noite. -“Jakob assumiu o comando do meu tempo”, disse ele, que dedicou nesse intervalo toda a disposição como “sacrifício voluntário no altar da propaganda cultural

alemã”.⁸¹⁶ Uma vez encerrado o curso, Jakob rumou para São Paulo, em julho de 1928, a convite da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Acompanhado de Rocha Lima, visitou o Instituto Butantã, o Museu Paulista e o Hospital Psiquiátrico do Juqueri. Em 01 de agosto de 1928, a *Folha da Manhã* estampou em primeira página notícia sobre a sua chegada à capital paulista. O matutino deu grande destaque ao sistema de organização das universidades alemãs, devido ao “movimento das classes intelectuais pelos assuntos atinentes às universidades”, um fenômeno que “traduz uma vontade que se encaminha para os mais altos ideais de uma nacionalidade.”⁸¹⁷ Se por um lado a entrevista com Jakob sobre o sistema universitário alemão traduzia as demandas por modelos que orientassem o debate em torno do ensino superior brasileiro, por outro constituiu uma excelente oportunidade para a *Kulturpropaganda*. O sistema acadêmico germânico era, conforme vimos, alvo de grande admiração nos círculos intelectuais, ao passo que a atração de estudantes, uma estratégia privilegiada da diplomacia cultural.

De acordo com Jakob, a base do sistema universitário alemão consistia na organização em faculdades autônomas, submetidas apenas ao controle direto do governo, e na uniformidade dos programas de ensino, que permitia aos alunos circular entre diversas universidades. Ele reforçou a “aurora dos novos tempos” para a sociedade alemã, desdobrada pelas ciências, em lugar de um saudosismo das grandezas do passado.⁸¹⁸

Na mesma edição da *Folha da Manhã*, Rocha Lima, apresentado equivocadamente como catedrático de medicina tropical da Universidade de Berlim, reforçou os aspectos mencionados por Jakob. O estudo das doenças tropicais, segundo ele, atendia à “necessidade do saber” dos povos alemães e aos interesses econômicos da indústria farmacêutica. Também apontou o revigoramento da medicina alemã, tão pujante agora quanto fora antes da Guerra. Ela representava o principal ponto de contato com a cultura brasileira, principalmente nos domínios da microbiologia, neurologia, medicina interna e cirurgia. Apesar das dificuldades da língua, era cada vez mais considerável o número de médicos brasileiros que afluíam para a

⁸¹⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸¹⁷ “O professor Alfons Jakob em São Paulo – O illustre cientista allemão falla à Folha da Manhã sobre o regimen universitário em seu paiz”, *Folha da Manhã*, 01/08/1928.

⁸¹⁸ O professor Alfons Jakob em São Paulo – O illustre cientista allemão falla à Folha da Manhã sobre o regimen universitário em seu paiz”, *Folha da Manhã*, 01/08/1928.

Alemanha, acrescentou. A acolhida, no Brasil, de cientistas do quilate de Jakob, constituía o melhor meio de tornar conhecida a ciência brasileira.⁸¹⁹

Rocha Lima avaliou como bastante positivos os resultados alcançados, num ambiente em que, segundo ele, a ciência alemã era considerada cada vez mais desnecessária. Com os devidos preparativos, teria sido possível provar, que a Alemanha era capaz de sobrepujar todos os outros países.⁸²⁰

O êxito da “missão Jakob” poderia ser avaliado – escreveu Rocha Lima a Bernhard Nocht – através do caso de Antônio Austregésilo, que em setembro de 1928 dirigiu-se a Hamburgo, reconvertendo-se à ciência alemã, após ter “navegado por águas francesas” e “bandeado” para o lado americano, principalmente depois da Guerra. Agora, ele participaria do congresso de naturalistas que teria lugar na Alemanha, acompanhado do filho, que ali estudaria neurologia.⁸²¹

A “missão Jakob” foi qualificada por Rocha Lima como a continuidade dos esforços de propaganda cultural alemã, iniciados com as visitas de Munk e Nonne em 1922 e cuja última iniciativa fora a visita de Fülleborn no ano anterior.⁸²²

Na avaliação do pesquisador do *Tropeninstitut* nenhum outro representante importante da cultura alemã estivera no Brasil naquele ano de 1928, além de Jakob. Isso, para ele, abrilhantava ainda mais o sucesso científico e pessoal do colega de Hamburgo. A visita do filósofo Hans Adolf Eduard Driesch teria passado despercebida, ao passo que “um certo professor” Keisser havia causado boa impressão, mas apenas em círculos restritos. Rocha Lima não travara contato com ele, nem direta nem indiretamente. Como ponto positivo para a propaganda cultural alemã, houve os desentendimentos provocados pela visita preparada com antecedência, e amplamente divulgada do cirurgião plástico francês Serge Samuel Voronoff

⁸¹⁹“Palavras do professor Rocha Lima: o estado e a orientação actual da medicina na Alemanha”, Folha da Manhã, 01/08/1928, Recorte de jornais, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸²⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸²¹ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 01.09.1928, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸²² *Idem.*

(na realidade russo naturalizado francês), pouco reconhecido entre a própria elite científica francesa, afirmou nosso personagem, com satisfação.⁸²³

Nota-se, daí, o rigor com que Rocha Lima encarava a política de propaganda cultural. Não bastava trazer um representante do país em questão, oferecer banquetes e assediar a imprensa. Se Jakob, assim como Munk, deviam servir de modelo a uma iniciativa bem-sucedida de propaganda cultural, Stutzin era apresentado como contra-exemplo. Para Rocha Lima, o seu caso apontava como os “aventureiros” procuravam os círculos dos seus afins – geralmente pouco prestigiados localmente – para ambos ganharem notabilidade. O sucesso das visitas, enquanto iniciativas da *Kulturpolitik*, residia no valor pessoal do cientista, tanto no que se referia a fatores propriamente pessoais, quanto nos aspectos científicos, como a apresentação adequada aos médicos mais renomados e importantes do país.⁸²⁴

As conferências de Jakob foram editadas e publicadas em obra com prefácio de Antonio Austregésilo. Elas chegaram a ter inclusive uma segunda edição. “O presente livro constitui ótimo elemento de consulta e que todo médico estudioso deve ter ao seu alcance como guia imprescindível e básico nas iniciações sérias da neuro-psiquiatria em seu capítulo mais difícil, como seja, o da anatomia patológica” propagandeou Thiers Ribeiro (1933).

Na conferência inaugural, Jakob não deixou de ressaltar a figura de Rocha Lima como representação dos estreitos laços que uniam os dois países, “incansável, lá na Alemanha, onde se impôs à estima e admiração geral em pôr o seu prestígio ao serviço do Brasil e dos brasileiros e aqui onde agora, que ele com grande pesar pretende nos deixar para ainda melhor servir sua pátria” (Jakob, 1929). O retorno definitivo ao Brasil não implicaria numa ruptura das atividades como cientista-embaixador. Elas tiveram de se adequar ao novo perfil profissional de Rocha Lima, no qual ele assumiu novas atribuições e interesses. O prosseguimento com a promoção do intercâmbio intelectual teuto-brasileiro ocorreria agora em novas bases institucionais e navegaria ao sabor das conjunturas. No próximo capítulo,

⁸²³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928, Fundo Rocha Lima, CMIBSP. Serge Voronoff era uma figura bastante polêmica. Anunciara uma fórmula de rejuvenescimento através do transplante de glândulas. Visitou o Brasil no âmbito das Jornadas Médicas de 1928, tendo grande publicidade da imprensa. Rendeu até marchinha de Lamartine Babo: ““*Seu Voronoff, Seu Voronoff, numa grande operação, faz das tripas coração.*” *Sobre a visita de Voronoff ao Brasil e seus procedimentos científicos ver Cupersmid & Campos, 2007.*

⁸²⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

abordaremos essa reintegração de Rocha Lima à comunidade científica brasileira e o impacto deste processo em sua agenda profissional e suas iniciativas de intercâmbio intelectual.

CAPÍTULO 5 - UM CIENTISTA GERMÂNICO EM SOLO BANDEIRANTE: ROCHA LIMA, O INSTITUTO BIOLÓGICO E AS RELAÇÕES TEUTO-BRASILEIRAS (1927-1937)

Depois de concluída a “missão Jakob”, em 1928, Rocha Lima decidiu permanecer de vez no Brasil. Talvez não fosse esta sua intenção inicial, mas foi a decisão que tomou em meio às circunstâncias daquele momento. Tal decisão não esteve livre de tensões e dilemas, que, aliás, devem ter sido muito mais intensos do que permitem supor os vestígios documentais através dos quais reconstruímos sua trajetória. É intrigante pensar que, depois de conquistar posição única para um cientista sul-americano, como professor de uma universidade alemã e pesquisador plenamente integrado à comunidade médico-científica germânica, ele tenha optado por abdicar de tal condição para voltar ao “torrão natal”. Que cálculos o teriam feito percorrer esse caminho? Neste capítulo tentarei contextualizar a decisão de Rocha Lima de retornar ao Brasil, frente às opções que estavam-lhe disponíveis naquela conjuntura. Em seguida, analisarei sua atuação ao Instituto Biológico de Defesa Agrícola, cuja fundação, pelo colega Arthur Neiva, coincidiu com a estadia dele aqui, em 1927-8. Os conturbados movimentos que o levaram à direção da instituição também serão objetos de análise, bem como os primeiros anos de sua gestão, apontados como os de sua consolidação no cenário científico. Mesmo depois de restabelecido no Brasil, veremos que nosso personagem não descuidou de promover a aproximação com a Alemanha. As relações entre os dois países sofreram nesse período modificações provocadas por turbulências que levaram, em ambos os lados do Atlântico, à ascensão de regimes autoritários. Na Alemanha, a tomada do poder pelos nazistas foi o marco inicial do período mais sombrio de sua história. Como este processo impactou nas relações com o Brasil, na trajetória de Rocha Lima, e qual foi seu posicionamento em relação a ele, são questões que serão abordadas no presente capítulo.

5.1. Rocha Lima, a decisão de ficar no Brasil e a criação do Instituto Biológico

Vimos que Rocha Lima deixou o Brasil em outubro de 1926 com extremo pesar. A estadia de cinco meses em Manguinhos o agradara bastante. Ele estabeleceu boas relações com a nova geração de pesquisadores, incorporada durante a gestão de Carlos Chagas, e expressou, repetidas vezes, a satisfação em trabalhar ali, tendo se tornado, como confessou a Peter Mühlens, praticamente o diretor de Manguinhos, e seu laboratório, “o centro da vida científica do instituto”.⁸²⁵ A vida social agitada e a reverência prestadas pelos compatriotas deixaram profunda impressão. Amenizaram até mesmo as consequências financeiras acarretadas pela falência de Antônio Mendes Campos, derrocada com a qual naufragaram seus investimentos financeiros. “Desta vez gostei mais do Brasil do que das outras (...) Nos primeiros dias da nossa chegada, estávamos muito deprimidos, porque sentíamos falta da luz e do sol” escreveu ao ex-professor Martin Ficker um mês depois de retornar à Alemanha.⁸²⁶

Desde 1923, Ficker ocupava a direção de um laboratório de pesquisas microbiológicas em São Paulo, ligado à Sociedade Kaiser Wilhelm. Na carta acima mencionada, de novembro de 1926, Rocha Lima sondou a possibilidade de vir a trabalhar com o ex-professor do Instituto de Higiene de Berlim, ou assumir a direção de seu laboratório no futuro. Por ora, não podia decidir, pois ainda acalentava esperanças, “embora fracas, de que as minhas perdas sejam compensadas, de modo que a pressão para que eu abandone minha posição atual não seja tão forte”, escreveu.⁸²⁷ Ademais, se fosse para voltar ao Brasil, preferia ficar no Rio de Janeiro. A menos que valesse a pena dar continuidade aos trabalhos de Ficker, e esta opção envolvia necessariamente condições financeiras favoráveis, capazes de compensar, por exemplo, a perda da pensão à qual teria direito em Hamburgo. Prosseguiu:

As circunstâncias atuais parecem obrigar-me a pensar numa mudança de atividades (...) Por isso dirijo-me ao senhor com o pedido de que me escreva tudo o que for possível sobre este assunto, para que eu possa fazer uma idéia clara das possibilidades, perspectivas e condições (...) Sobretudo eu gostaria muito de saber se realmente existe a possibilidade de assumir seu laboratório, em 1929, ou depois

⁸²⁵ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 12.07.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸²⁶ Carta de Rocha Lima a Martin Ficker de 08.11.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸²⁷ *Idem.*

disso, até quando eu teria que me decidir, que tipo de capital precisaria para isso e com quais lucros poderia contar com certeza. Por enquanto, tratam-se apenas de prospecções, a partir das quais eu quero concluir, se eu posso contar com essa saída ou se devo desistir dela. Deixar a minha posição aqui seria para mim um golpe bastante forte.⁸²⁸

Rocha Lima mobilizou sua rede de contatos para maximizar seu espaço de manobra. O relatório sobre a viagem de 1926, entregue ao *Auswärtiges Amt*, consistiu, como vimos, numa das estratégias para obter vantagens do engajamento em favor da *Kulturpolitik*. Esta o sobrecarregara com tarefas que o distanciaram do trabalho científico, levando-o a se queixar a Nocht, em carta de março de 1927: “Por esses motivos, não é possível para mim, cumprir minhas obrigações sozinho, sem nenhum assistente ou qualquer outro tipo de trabalhador qualificado”.⁸²⁹ Como mencionado no capítulo anterior, esperava conseguir financiamento para manutenção de um secretário ou assistente. A secretária, Else Seiler, já trabalhava com ele, mas era mantida com seus próprios recursos. No mesmo relatório de 1926, ele propôs um acordo de cooperação entre o Instituto Oswaldo Cruz e o Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo. Tornou a sugerir isso no relatório sobre a “Missão Jakob-Rocha Lima”, entregue a Nocht um ano depois.⁸³⁰ Mas desta vez, sugeriu que ele próprio seria o principal elo do intercâmbio: ficaria 5 meses no Brasil, e o restante do ano em Hamburgo. Podemos ver aí, o objetivo, se não de ficar no Brasil em definitivo, pelo menos o de dividir-se entre as suas duas “pátrias”. Para compensar a ausência do Instituto de Hamburgo, sugeriu a nomeação de um novo diretor para sua seção. Do Brasil, ele daria continuidade aos trabalhos, através do intercâmbio de preparados histopatológicos. Os casos não muito urgentes lhe seriam enviados e a resposta seguiria por telégrafo. Ele providenciaria a reorganização da coleção de microrganismos e de peças anátomo-patológicas, para torná-las mais acessíveis ao uso geral. Ziegler, seu assistente, ficaria responsável pela manutenção das culturas da Seção de Patologia e pelo prosseguimento dos trabalhos histológicos.⁸³¹

⁸²⁸ *Idem.*

⁸²⁹ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 12.03.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸³⁰ Projeto de cooperação apresentado a Bernhard Nocht, de 28.10.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸³¹ *Idem.*

Os recursos previstos por esse acordo garantiram a vinda de Rocha Lima, em dezembro de 1927. Até abril de 1928, ele permaneceu no Instituto Oswaldo Cruz, onde ocupou-se com o diagnóstico histopatológico de casos suspeitos de febre amarela, entre outros assuntos. Mas a chegada de Alfons Jakob, em abril de 1928, tomou-lhe completamente o tempo, tendo de ficar à disposição do colega “dia e noite”, conforme narrou ao amigo Fritz Munk.⁸³² Nesse meio tempo, Chagas convidou-o a permanecer em Manguinhos, prometendo-lhe um cargo para prosseguir suas pesquisas. A ameaça de retorno da febre amarela e a confirmação do valor diagnóstico das lesões hepáticas do fígado haviam conferido-lhe grande projeção científica. Como vimos no segundo capítulo, a revalorização do diagnóstico necroscópico naquela conjuntura de incertezas colocou os enunciados de Rocha Lima em primeiro plano. Em janeiro de 1928, ele participou do IV Congresso Brasileiro de Higiene, no qual tornou a abordar a função do quadro histopatológico no diagnóstico retrospectivo do mal amarílico.⁸³³

Ainda em dezembro de 1927, Rocha Lima escreveu a Neiva: “Pretendo demorar-me aqui o mais tempo possível. O tributo que pago à minha vida na Europa vai se tornando demasiado incômodo e pesado”.⁸³⁴ A que tributo se referia nosso personagem? Aqui é necessário juntarmos peças dispersas para tentarmos nos aproximar das complexas motivações que levaram-no a deixar Hamburgo, e estabelecer-se definitivamente no Brasil, decisão que consistia num “forte golpe”. Ao que tudo indica, o descalabro financeiro acarretado pela falência de Mendes Campos exerceu papel bastante importante. Ele viu-se em dificuldades para manter o padrão de vida na Alemanha, que deveria corresponder ao status social de pesquisador e professor universitário. Estava casado desde 1923, e morava em endereço nobre. Um fator do qual se queixou sempre na cidade hanseática foi a febre do feno, reação alérgica, que, como vimos, desenvolvia-se contra o pólen de algumas plantas transportado pelo ar, manifestando-se com maior intensidade na primavera, com sintomas como espirros, congestão nasal, olhos lacrimejantes, dor de cabeça, fadiga, comichão na

⁸³² Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸³³ “O diagnóstico anátomo-patológico da febre amarela” – Texto apresentado ao IV Congresso Brasileiro de Higiene, datilografado, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸³⁴ A carta de Rocha Lima não foi possível localizar, mas apenas trechos reproduzidos por Arthur Neiva na resposta de 29.12.1927. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva. CPDOC, FGV-RJ.

garganta e nariz, falta de ar e dificuldade de dormir. Nas fontes estão registradas diversas queixas dele sobre a situação de completa prostração ocasionada pela alergia. Equiparava o desconforto a outros fatores perturbadores, como a dificuldade financeira, por exemplo, ou o ressentimento que teve em Varsóvia, em 1916. Entre os aspectos favoráveis que frequentemente associava ao Rio de Janeiro, estavam o “clima agradável” e “a beleza natural incomparável”.⁸³⁵ Neiva afirma em carta a Rocha Lima: “Agora você me diz que paga um pesado tributo ao clima europeu”.⁸³⁶ Não é improvável que o termo clima assumisse aqui seu sentido estrito. Em 1927, Rocha Lima sofreu uma crise alérgica particularmente intensa, à qual teria se juntado uma nervosa, relacionada a precárias condições psicológicas daquele momento. O neuropatologista Alfons Jakob escreveu-lhe, quando já se encontrava no Brasil: “Como o senhor, estou convicto de que os ataques aqui, eram ocasionados, sem dúvida, pela febre do feno, os quais levaram ao forte desequilíbrio nervoso”.⁸³⁷ Depois de já estabelecido no Brasil, nosso personagem escreveria ao amigo de Hamburgo, Erwin Jacobsthal:

Apesar do interessante campo de trabalho, da melhor posição social, científica e financeira, eu tenho muita saudade do *Tropeninstitut* (...) porém eu não entendo, como eu pude aguentar até o desespero, a atormentadora febre do feno, e não retornei para cá antes⁸³⁸

Seria um tremendo simplismo atribuir a uma crise alérgica e a dificuldades financeiras, por mais graves que fossem, a decisão de Rocha Lima de retornar ao Brasil. Entre suas demandas, podemos distinguir, ao lado do “conforto material” e “físico”, o “conforto moral”, de praticar ciência num ambiente favorável, com facilidades para pesquisa, recursos, intercâmbio intelectual, solidez institucional, cooperação entre os colegas e ausência de intrigas, competição e favoritismos, que ele qualificara como um dos fatores que impulsionaram seu distanciamento de Manguinhos à época de Oswaldo Cruz. Lembremos que na reveladora carta que ele endereçou a Neiva em 1923, no auge da crise inflacionária do pós-Guerra, afirmara que enfrentava “as consequências de uma situação política e econômica desesperadora, ganhando menos do que uma cozinheira (...), só porque tem no trabalho

⁸³⁵ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 25.07.1926. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸³⁶ Carta de Arthur Neiva a Rocha Lima de 29.12.1927. ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

⁸³⁷ Carta de Alfons Jakob a Rocha Lima de 26.08.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸³⁸ Carta de Rocha Lima a Erwin Jacobsthal de 01.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

científico o máximo conforto físico e moral”.⁸³⁹ Recompensava o revés pelo prazer de ver “a todo instante transformados em prestígio e apreço os esforços, mesmo pequenos, que se faz no terreno da ciência”.⁸⁴⁰ Quando escreveu essas linhas, Rocha Lima já havia conquistado projeção considerável na comunidade médico-científica alemã. Não obstante as resistências que enfrentara à aceitação do seu patógeno do tifo, seus estudos sobre esta doença e a descrição das riquetsias alavancaram-no à elite daquele coletivo. Não bastasse pertencer a uma instituição de prestígio internacional no âmbito da medicina tropical, e integrar as mais reputadas associações científicas de suas áreas de competência, a partir de 1919, ele passara a fazer parte do *establishment* acadêmico, quando foi nomeado *Privatdozent* da Universidade de Hamburgo. Como vimos, havia sido, inclusive, dispensado de comprovar suas credenciais médicas, uma exigência normalmente feita aos estrangeiros. Seria possível ascender na escala da rígida hierarquia acadêmica e científica alemã? A competência intelectual e capital simbólico acumulados seriam suficientes para driblar as limitações que aquele sistema impunha, não só aos estrangeiros provindos de uma realidade considerada periférica, mas aos próprios alemães de origem judia, por exemplo? Não são poucos os casos de cientistas judeus, naturalizados e plenamente assimilados, que tiveram sua ascendência intelectual e acadêmica limitada pelos gargalos do sistema, antes mesmo da ascensão do regime nacional-socialista. Também não foram poucos os casos de jovens promissores, que tiveram de buscar possibilidades de trabalho acadêmico em outras formações sociais, tendo, muitas vezes de cruzar o oceano para alcançar tal intento. Qual seria a possibilidade concreta, por exemplo, de Rocha Lima vir a ocupar o cargo de diretor do *Tropeninstitut*, ou de ser nomeado catedrático de uma universidade, ou ainda, presidente de uma associação científica?

Saímos do terreno da história vivida e entramos na superfície pantanosa das ilações, apenas como tentativa de mensurar os complexos cálculos que envolvem a tomada de certas decisões. Serve também para não naturalizarmos a trajetória percorrida pelo personagem, mas para que tentemos compreender as opções disponíveis, os caminhos alternativos, outros “futuros possíveis”, abortados pela decisão que, afinal, determinou o caminho pessoal e profissional por ele trilhado. O privilégio, que é também o principal fardo do historiador – conhecer de antemão o desfecho dos fatos e processos com os quais se ocupa –, torna óbvia a

⁸³⁹ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 29.12.1923. ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

⁸⁴⁰ *Idem.*

conclusão, de que naquele momento, retornar ao Brasil pareceu-lhe mais vantajoso, do ponto de vista do “conforto” físico, moral e material, e mais promissor em termos de perspectivas de prestígio e ascensão profissional.

Mas as decisões sempre podem se tornar mais complexas e difíceis. A opção de Rocha Lima de retornar ao Brasil logo envolveu novos conflitos de escolha. Ele havia apostado suas fichas no Instituto Oswaldo Cruz, onde iniciara sua trajetória científica, e na qual Chagas havia demonstrado receptividade em acolhê-lo. Mas em carta de 29 de dezembro de 1927, Arthur Neiva reforçou o convite para ele integrar a instituição que acabara de fundar em São Paulo: o Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal.⁸⁴¹ Há três dias, o governador do estado havia ratificado a lei 2243, que previa a criação da nova instituição (Ribeiro 1997, Silva, 2006).

O Instituto Biológico foi criado em consequência da praga que acometeu os cafeeiros paulistas nos anos de 1920. Em 1924, quando ela assumiu caráter de calamidade pública, Arthur Neiva assumiu a direção de uma comissão científica destinada a combatê-la. Introduzida nas fazendas da região de Campinas, uma das zonas cafeeiras mais antigas do estado de São Paulo, a chamada broca-do-café ameaçava se alastrar por todo o território paulista. Nos cafezais das colônias holandesas de Java e Sumatra, o inseto de origem africana já tinha demonstrado seu potencial de devastação. Com amplo apoio do governo estadual e das elites cafeeiras, que suplantaram as dissensões internas na luta contra o “inimigo comum”, Neiva estruturou a chamada “Comissão de Estudo e Debelação da Praga Cafeeira”, como uma instituição científica voltada aos estudos sobre a biologia da praga, os meios de combatê-la e com amplos poderes de polícia sanitária. Leis específicas permitiram à Comissão a fiscalização de praticamente toda a área cafeeicultora paulista, e a aplicação de punições aos que não observavam as medidas de controle preconizadas. O transporte de café, mercadorias e pessoas foi submetido a rigoroso controle nas ferrovias, que consistiam na principal via de circulação pela hinterlândia paulista e de escoamento do “ouro verde”. Além disso, a Comissão realizou ampla campanha de divulgação científica no interior do estado, utilizando métodos inovadores para a época, como o cinema (Silva, 2006).

⁸⁴¹ Carta de Arthur Neiva a Rocha Lima de 29.12.1927 ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

A campanha conduzida por Neiva logo deteve o avanço da praga, conferindo-lhe enorme crédito e prestígio. A Comissão chefiada por ele ultrapassou as incumbências originais, passando a atender às consultas concernentes a diversas pragas agrícolas, provenientes de todas as regiões brasileiras. Apontava, dessa forma, para uma carência estrutural do aparato de pesquisa agrícola, no que concernia ao estudo e controle de pragas. Em 1926, o entomologista da Universidade de Munique, Karl Escherich,⁸⁴² visitou as dependências da Comissão e advertiu:

O Brasil está em caminho de também ter o seu ‘Instituto de Entomologia Aplicada’ de primeira plana, tendo já o seu ponto de partida na ‘Comissão para Estudo e Debelação da Praga Cafeeira’ (...) É de todo necessária que venha a ser aumentada essa instituição e que o seu programa não se cifre só ao estudo e combate das pragas do cafeeiro, porém, que se estenda, como já vem fazendo, pela confiança que constatei estar inspirando, ao estudo e combate de todas as pragas da agricultura (...) A atual organização já é um instituto de entomologia aplicada em si, e será o centro para resolver todos os problemas que se refiram às pragas da agricultura, não só do Brasil, como da América do Sul (...) Aumentado e generalizado a todas as pragas, o ‘Instituto de Entomologia de São Paulo’ não prestará somente serviços consideráveis à toda América do Sul, porém, para a organização mundial para o combate às pragas. Os insetos nocivos e as outras pragas, não respeitam as fronteiras políticas, emigram de um país ou de um continente para outro e se podem (ativa ou passivamente) alastrar por todo o mundo...⁸⁴³

Rocha Lima também visitou as instalações da Comissão quando esteve no Brasil em 1926. Chegou inclusive a assistir à película confeccionada com tecnologia de microfotografia. Ficou tão impressionado, que pediu a Neiva uma coleção de diapositivos da colheita do café, de fazendas e da broca, para exhibir na conferência que faria aos alemães sobre a viagem ao Brasil. Referiu-se a eles como “os documentos demonstrativos do que você tem feito e está fazendo por nossa terra e seu renome científico.” Queria, dessa forma, “transmitir ao cérebro germânico a convicção de que Rocha Lima é apenas uma amostra desbotada do que é capaz a raça brasileira.”⁸⁴⁴

⁸⁴² Escherich veio ao Brasil interessado em fazer investigações sobre as formigas cortadeiras e para coletar material para o combate às pragas na Alemanha. “Brasilien” in *Ibérica – Zeitschrift für Spanische und Portugiesisch Auslandskunde*, v. 4, n. 4, setembro de 1926, p. 168.

⁸⁴³ “A entomologia aplicada”, *O Estado de São Paulo*, 30/03/1926.

⁸⁴⁴ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 08 de setembro de 1926. ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

Em fins de 1926, Neiva apresentou ao legislativo paulista projeto de criação do “Instituto Biológico de Defesa Agrícola”, mas ele não foi aprovado, mesmo com todo o lobby das principais associações de cafeicultores e de parte da imprensa. O maior matutino da época, *O Estado de São Paulo*, classificou o episódio como “desprezo pelos estudos científicos oficiais”.⁸⁴⁵ Neiva tinha estreitas relações com o diretor do jornal, Júlio de Mesquita Filho, e com o grupo de intelectuais que gravitava em torno dele. Por se reunirem com frequência nas redações, era chamado de “grupo do Estado”. Tinham propostas bem claras de intervenção política, sendo críticos do arranjo oligárquico tradicional da Primeira República. Também defendiam projeto de reforma social, no qual a ciência figurava como ingrediente fundamental. Neiva representava o perfil do “homem de ação”, legitimado pela competência científica e pelo empenho em procurar redimir a Nação pela ciência. O projeto de criar um instituto de defesa agrícola era também uma ambição do grupo de Mesquita. Ele próprio apresentara, em 1922, à Sociedade Rural Brasileira, esboço de uma instituição com esse perfil.

Em 1927, Neiva reapresentou o projeto ao legislativo de São Paulo, mas com alteração de seu escopo: à divisão vegetal, foi acrescida a animal, ou seja, o novo instituto também deveria cuidar da vigilância veterinária. Entre um ano e outro, o governo de Carlos de Campos havia cedido lugar ao de Júlio Prestes, no qual Fernando Costa assumiu a pasta da agricultura. O novo projeto apresentado em 1927 foi uma parceria de Neiva com Costa.⁸⁴⁶ Defensor da diversificação agrícola, este operou uma ampla reforma na secretaria de Agricultura paulista, que deixou de se vincular à de Comércio e Obras Públicas, para tornar-se Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. Tal reforma estava inserida num contexto mais amplo de mudanças defendidas por Júlio Prestes, relacionadas ao empenho de buscar, nas ciências, a resolução de questões práticas da economia e ao esforço de racionalizar as

⁸⁴⁵ “O Caruncho do Café”, *O Estado de São Paulo*, 14/06/1924.

⁸⁴⁶ Fernando Costa nasceu em São Paulo em 1886 e formou-se engenheiro agrônomo pela Escola Superior Luiz de Queiroz, de Piracicaba, em 1907. Iniciou a carreira política como prefeito de Pirassununga, cargo que ocupou por mais de 15 anos. Em 1919 tornou-se deputado estadual e em 1927 secretário da Agricultura. Durante o Estado Novo assumiu o Ministério da Agricultura entre 1937 e 1941. Desse ano, até 1945, foi nomeado interventor federal no estado de São Paulo. Morreu no ano seguinte num acidente de carro.

estruturas de Estado, para enfrentar, tanto a crise de legitimidade, como o estrangulamento financeiro (Figueirôa, 1987, p. 110).⁸⁴⁷

De acordo com a lei 2243 de 26 de dezembro de 1927, o Instituto Biológico assumia como atribuições:

estudar teórica e praticamente as questões relativas à defesa agrícola e animal; estudar e analisar as substâncias empregadas na defesa: fungicidas, inseticidas, parasiticidas etc; organizar a campanha contra formigas, cupins e pragas da lavoura; preparar soros, vacinas e produtos terapêuticos para o tratamento e profilaxia das doenças dos animais; divulgar seus estudos por meio de publicações próprias; estabelecer intercâmbio com os centros agrícolas nacionais e internacionais e organizar cursos práticos sobre os estudos e pesquisas desenvolvidas (Lei n. 2243, de 26/12/1927 *apud* Ribeiro, 1997, p. 28).

A incorporação da defesa animal foi fruto da preocupação em amparar também a pecuária paulista, um setor que passou a receber investimentos cada vez mais vultosos da burguesia cafeeira. Ela compreenderia as seções de bacteriologia, fabricação de soros e vacinas, parasitologia animal e anatomia patológica. Neiva convidara Lauro Travassos para assumir a direção daquela divisão, enquanto ele próprio ficava com a direção geral, e o integrante da Comissão de Estudo e Debelação da Praga Cafeeira, Adalberto Queiroz Telles, com a direção da divisão vegetal, composta predominantemente por ex-integrantes da campanha contra a broca. Mas Travassos não aceitou o convite. Neiva transmitiu-o então a Rocha Lima, justificando a proposta pela dívida de gratidão que disse ter com o colega:

Toda a minha carreira científica eu devo a você, que foi quem me iniciou e quem de fato foi meu mestre quando entrei para Manguinhos (...) nunca saberei olvidar o bem que me fez. Na curta vida, você foi para mim o catalisador que o destino lançou em

⁸⁴⁷ Os órgãos subordinados à secretaria da Agricultura tiveram de passar por mudanças para se ajustarem à nova diretriz adotada por Júlio Prestes. Além do desdobramento da secretaria, houve a criação do Conselho Superior de Ensino Agrícola; a reforma do Serviço Florestal do Estado e a reorganização da Indústria Pastoril (Martins, 1991, p. 205-219). A secretaria de Agricultura abrigaria três frentes de pesquisa: fomento agrícola, fomento animal e defesa da produção animal e vegetal (Ribeiro, 1997, p. 27). As duas primeiras frentes estavam relacionadas a programas de instrução dos lavradores, partindo-se do pressuposto de que a ausência desta era um dos fatores responsáveis pelo atraso da agropecuária (Oliver, 2001, p. 50).

meu caminho; entrei para Manguinhos numa dessas encruzilhadas da existência (...) Tudo mais que ocorreu foi consequência do sopro, do toque, do impulso, enfim, que recebi de você, quando junto trabalhamos. Hoje tenho certeza de que São Paulo vai realizar uma grande obra, com a criação do Instituto, cuja direção a mim caberá.⁸⁴⁸

Neiva pediu que Rocha Lima não comentasse com ninguém sobre o convite, para não repetir o episódio do Butantan, em 1920, quando as intenções do então diretor do Serviço Sanitário tornaram-se públicas e foram contrariadas pelo novo grupo que assumiu o governo. “Na Alemanha você aprendeu muita coisa de bom, porém contaminou-se com a principal falta da mentalidade germânica: errar psicologicamente”, afirmou ao colega.⁸⁴⁹ E prosseguiu na advertência: “Lembre-se que você já de há muito está fora do ambiente brasileiro e que as informações poderão ser tão facciosas como aquela que você teve a respeito do Afrânio do Amaral”.⁸⁵⁰ Este se encontrava nos Estados Unidos como *lecturer* na Universidade de Harvard e diretor de uma instituição de soros antiofídicos.

Rocha Lima seguiu o conselho de Neiva de “pesar os prós e os contras”. Ficou francamente dividido entre a proposta dele e a de Chagas. Cruzou diversas vezes o trajeto Rio-São Paulo para se acercar das condições do posto que ocuparia. Segundo ele, “foi uma decisão difícil – viagens para lá e para cá – muitas imponderabilidades desconhecidas e não avaliáveis em ambos os lados”, relatou a Munk.⁸⁵¹ Além dessas duas possibilidades, surgiu uma terceira: em fevereiro de 1928 Peter Mühlens reforçou o convite, feito em dezembro de 1927, por Alfredo Sordolli, diretor do Instituto Bacteriológico de Buenos Aires, para trabalhar naquela instituição.⁸⁵² Mühlens havia articulado com o governo argentino e com os cientistas de sua rede de relações para que o cargo ficasse em mãos de um pesquisador de orientação pró-alemã. Há muito que o colega do Instituto de Medicina Tropical pretendia levar o pesquisador brasileiro ao país platino. Segundo Mühlens, seria uma oportunidade única de

⁸⁴⁸ Carta de Arthur Neiva a Rocha Lima de 29.12.1927. ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

⁸⁴⁹ *Idem.*

⁸⁵⁰ *Idem.*

⁸⁵¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 05.05.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁵² Carta de Alfredo Sordolli a Rocha Lima de 29.12.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

trabalhar no Instituto Bacteriológico portenho, com pessoas do quilate de Bordelli e Zuccarini, e de realizar viagens ao norte do país, à semelhança do que ele próprio fizera, em 1924. Além disso, favoreceria os interesses do *Tropeninstitut*, pois a nomeação de Rocha Lima para o cargo significaria a continuidade das relações entre os dois institutos, iniciadas por ele e Fülleborn.⁸⁵³ Mas a demora do governo argentino em autorizar a contratação inviabilizaram a transferência de Rocha Lima ao país vizinho, opção que na realidade ele não parece ter levado a sério em nenhum momento. Bastava a indecisão entre ficar no Rio de Janeiro ou São Paulo.

“Preferi o lado da maior segurança material”, assim justificou Rocha Lima a Munk a decisão de aceitar a proposta de Neiva.⁸⁵⁴ Os vencimentos em São Paulo de fato eram maiores. Ele também considerou que o posto oferecido por Neiva tinha “maior visibilidade e envolvia maiores desafios.” De modo que “meu amor pelo Rio, que se tornou ainda maior, eu tive de sacrificar com o coração apreensivo”, escreveu ao amigo de Berlim.⁸⁵⁵ Munk apoiou sua decisão: concordou que em São Paulo ele teria maior projeção que no Rio, “sempre um pouco cansado”, comentou, em especial em Manguinhos. A desvantagem seria ficar mais distante do *Tropeninstitut*. De qualquer forma, ele poderia melhorar sua situação financeira nos próximos anos, o que por si só justificaria a estadia de alguns anos no Brasil, pondo fim às preocupações nesse sentido. “Esses assuntos são muito perturbadores e pressionam sua vida aqui. Isso qualquer um pode compreender”, afirmou Munk.⁸⁵⁶ Daí podemos depreender que a situação financeira de Rocha Lima era realmente muito crítica, e desempenhou papel importante na sua decisão, não só de permanecer no Brasil, mas principalmente de optar pelo Instituto Biológico, ao invés de Manguinhos. Ele pediu a colaboração do ex-professor Martin Ficker, que gozava de grande reputação em São Paulo, para enfrentar o novo desafio:

A sua presença em São Paulo terá grande importância e contribuirá para que eu seja aceito na posição que me ofereceram no novo Instituto Biológico. Estou contando com sua ajuda amistosa, seu conhecimento ilimitado, conselhos, incentivos, críticas,

⁸⁵³ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 28.02.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁵⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁵⁵ *Idem*.

⁸⁵⁶ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 05.05.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

etc. Aos meus colaboradores, eu o apresentei como fonte original de todo o meu conhecimento e o elevei ao papel de oráculo. O seu espírito deverá estar sempre conosco, e, de preferência, materializado.⁸⁵⁷

Além de Rocha Lima, migraram para a seção de Defesa Animal do Instituto Biológico de São Paulo muitos quadros ligados direta ou indiretamente a Manguinhos. A chefia da seção de bacteriologia foi entregue ao ex-assistente do Instituto Oswaldo Cruz, Genésio Pacheco, que trouxe consigo egressos do curso de especialização: Celso Rodrigues, Adolfo Martins Penha, Otto Bier e, posteriormente, José Reis.⁸⁵⁸ O ex-assistente de fisiologia, Paulo Enéas Galvão, formado na “escola” dos irmãos Álvaro e Miguel Osório de Almeida, assumiu seção análoga na instituição paulista (Ribeiro, 1997, p. 35-6).

Em carta ao deputado João Faria, Neiva afirmou sobre o Biológico: “É um instituto nos moldes do Instituto de Manguinhos e não deixa de ser uma emanção da escola criada pelo grande paulista Oswaldo Cruz”.⁸⁵⁹ Ao fazer tal comparação, ele também se equiparava ao “mestre”. Não era a primeira vez que a trajetória de Neiva apresentava pontos de contato com a do criador de Manguinhos. Em 1918, ele foi o responsável pelo plano de saúde pública da segunda candidatura de Rodrigues Alves. Ocuparia o mesmo cargo que imortalizara o “saneador do Brasil”, não fosse o fato do candidato ser vitimado pela gripe espanhola e substituído por Eptácio Pessoa. Este entregou a direção do Departamento Nacional de Saúde Pública, criado em 1920, a Carlos Chagas, de quem era aparentado. Conforme demonstram Benchimol & Teixeira (1993), quando Neiva foi diretor do Serviço Sanitário de São Paulo, ele realizou mudanças no organograma do Instituto Butantan, com o propósito de deflagrar uma disputa na produção e comercialização de fármacos com Manguinhos, dirigido por Chagas. A concorrência institucional estava referida à disputa pessoal entre os dois cientistas, que levou ao rompimento efetivo das relações entre eles. Com a criação do Instituto

⁸⁵⁷ Carta de Rocha Lima a Martin Ficker de 29.02.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁵⁸ Adolpho Martins Penha nasceu no Rio de Janeiro em 1904. Mudou-se para Pouso Alegre, em Minas Gerais, onde estudou medicina veterinária. Uma vez formado retornou a então capital federal. Trabalhou no matadouro de Santa Cruz e em 1925 frequentou o curso de aplicação do Instituto Oswaldo Cruz em virtude do interesse despertado pela microbiologia. Ali conheceu Genésio Pacheco, que foi quem o convidou para fazer parte do Instituto Biológico de São Paulo. Trabalhou no instituto até sua aposentadoria compulsória.

⁸⁵⁹ Carta de Neiva ao deputado João de Faria de 26/10/1928, Arquivo Arthur Neiva, CPDOc-FGV.

Biológico, Neiva aparentemente prosseguia na tentativa de tornar-se o autêntico depositário do legado simbólico de Oswaldo Cruz, tal como era reconhecido o descobridor da tripanossomíase americana. Evidência de que o Biológico integrou as tensões e disputas entre os dois “herdeiros” do sanitarista brasileiro, nos dá Rocha Lima, em carta a Martin Mayer já mencionada, na qual relata as refutações a seus achados histopatológicos da febre amarela, divulgadas por Oswino Penna e Carlos Burle de Figueiredo:

Muitos acreditam que a reputação do nosso Instituto Biológico, que cresce rapidamente, é observada com ressentimento e inveja no Instituto Oswaldo Cruz, com algumas exceções (Aragão, Ozorio, Costa Cruz, Torres, César Pinto, Travassos), o qual parece estar adormecendo e afundando, em razão, principalmente, da completa indiferença científica apresentada por Chagas. Em consequência disso, os ataques dirigidos a mim têm como objetivo diminuir um dos fatores do prestígio crescente do Instituto de Neiva. Na verdade, Chagas e Neiva são inimigos. O primeiro não pode suportar a comparação, de que enquanto ele dificilmente consegue manter a reputação do Instituto Oswaldo Cruz, apesar da equipe de 30 colaboradores, Neiva consegue fundar um instituto novo e grande, que antes mesmo de estar completamente concluído, adquire crescente renome e é apontado como exemplo de trabalho científico sério.⁸⁶⁰

Para a imprensa paulista, a presença dos “discípulos de Oswaldo Cruz”, Neiva e Rocha Lima, no Instituto Biológico, representava a transplantação do patrimônio científico de Manguinhos para o solo paulista. Dessa forma, o estado mais rico da federação tornar-se-ia também centro de referência no âmbito científico e cultural:

Homens como Arthur Neiva e Henrique da Rocha Lima, que se contam entre os mais notáveis do Brasil e da América, constituirão o núcleo principal em torno do qual se formará a ciência brasileira de amanhã. São Paulo, que deu ao Brasil Oswaldo Cruz, o criador da ciência biológica brasileira, bem merecia que dois dos seus mais conspícuos discípulos para aqui viessem continuar-lhe a obra magnífica. Convidando-os para chefes da nova instituição, mostrou o governo reconhecer o imenso valor do edifício, cujos alicerces aquele grande paulista lançou, há cerca de trinta anos em Manguinhos. Não estamos longe de acreditar que, a continuar o governo no acertado critério que adotou, se desloque para São Paulo, em breve tempo, o centro de cultura do país. A natureza tão pródiga para os paulistas, já nos

⁸⁶⁰ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 04.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

havia dado a supremacia econômica. Cabe-nos, agora, demonstrar que o merecemos, tornando este trecho privilegiado da nação um foco de intensa cultura.⁸⁶¹

Nem todos ficaram tão satisfeitos com a nomeação de Rocha Lima como sub-diretor da Divisão Animal do Instituto Biológico. Por ser identificado com a cultura alemã, e como defensor da propaganda cultural pró-germânica, a integração dele ao novo instituto “causou agitação no âmbito da incansável propaganda cultural franco-brasileira”, relatou a Bernhard Nocht.⁸⁶² Antes mesmo dele ter aceitado o convite, os órgãos envolvidos com a política cultural francesa propuseram o nome de um pesquisador francês para auxiliá-lo diretamente. Paris encarregar-se-ia da metade do salário. “Como pelo lado da Alemanha não ocorre nada semelhante, somos obrigados a pedir desculpas, se quisermos nomear um alemão”, desabafou Rocha Lima a Nocht. Para contrabalançar “a tendência anti-alemã da propaganda francesa”, ele convidou Ziegler, seu ex-assistente no *Tropeninstitut*, para trabalhar por um ano como instrutor técnico de laboratório. Caso não viesse, seria obrigado a contratar um francês. Pediu o apoio de Nocht através da concessão de uma licença com vencimentos para seu ex-colaborador. “A presença de Ziegler irá facilitar a minha tarefa de imprimir uma orientação alemã ao novo instituto”, justificou.⁸⁶³ Apesar dos esforços, não foi possível a vinda de Ziegler para o Instituto Biológico. Rocha Lima havia tentado até mesmo trazê-lo com a ajuda dos círculos diplomáticos: Krauel, que segundo ele, era um entusiasta da propaganda cultural germânica, fora enviado a Berlim como secretário da Legação, onde atuaria junto ao *Auswärtiges Amt* para trazer o técnico alemão. O malogro foi bastante lamentado por Rocha Lima. Ele acreditava que a presença de um técnico de laboratório alemão teria grande influência entre os assistentes do novo instituto, com repercussões duradouras entre seus aprendizes.⁸⁶⁴

Com o mesmo objetivo de imprimir orientação pró-germânica à nova instituição, Rocha Lima planejou um curso de idioma alemão, que dirigiria pessoalmente. Nenhum dos assistentes ou chefes de seção da Divisão Animal dominava a língua, ao passo que todos

⁸⁶¹ “Notas e Informações”, *O Estado de São Paulo*, 28/01/1928.

⁸⁶² Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 23.02.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁶³ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 01.09.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁶⁴ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 01.09.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

tinham familiaridade com o inglês ou francês, o que avaliou como “um sinal do desinteresse pelo idioma alemão”.⁸⁶⁵ Prosseguiu:

Sei que com isso conseguirei apenas inimizadas, mas é o melhor que posso fazer para o prestígio alemão. Sempre conservo a esperança de que a Alemanha, ao lado da América e da França, poderá reassumir e manter seu papel cultural, e não se contentar com a função modesta desempenhada pelos povos escandinavos, que apesar disso, são respeitados. Por isso não acredito, como certas pessoas, que já seja tarde demais e inútil lutar aqui pela influência alemã.⁸⁶⁶

Em carta a Peter Mühlens, Rocha Lima relatou que sua postura enfática de defesa da “causa alemã” representou a única dificuldade na sua nomeação como sub-diretor do Instituto Biológico.⁸⁶⁷ Comunicou ter defendido o “ponto de vista alemão” no jornal mais lido do Brasil, mas de pronunciada tendência francófila, *O Estado de São Paulo*. Na mesma carta, comunicou a Mühlens que ficaria no Rio até agosto, quando então se mudaria para São Paulo. Rocha Lima prometeu ao ex-colega do *Tropeninstitut* continuar apoiando a “custosa e ingrata *Kulturpropaganda*”, com a qual seu mais ativo prócere se queixara de estar “pelo pescoço”. “Esteja em que ponto estiver, farei o meu melhor nesse sentido, embora eu saiba que esses esforços isolados trazem pouco resultado e muito sacrifício”, afirmou a Mühlens. Rocha Lima dividir-se-ia entre as tarefas da política cultural germânica, a organização da nova instituição e o engajamento com problemas sanitários locais, como o retorno da febre amarela no Rio de Janeiro e a epidemia do chamado “tifo de São Paulo”, como vimos nos capítulos 2 e 3, respectivamente.

5.2. Rocha Lima e as primeiras atividades em São Paulo

Em agosto de 1928, Rocha Lima estabeleceu-se em São Paulo. As diferentes seções do Instituto Biológico espalhavam-se por casas alugadas pela cidade. A Divisão Animal, a cargo dele, ficou acomodada em uma casa situada à rua Marquês de Itu, com exceção da Seção de

⁸⁶⁵ *Idem*

⁸⁶⁶ *Idem.*

⁸⁶⁷ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 02.03.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Fisiologia, sediada na rua Pires do Rio, e das cocheiras e estábulos, localizados na Diretoria da Indústria Animal (Ribeiro, 1997, p. 41). Rocha Lima decorou o novo local de trabalho com retratos de Oswaldo Cruz, Stanislas von Prowazek e Bernhard Nocht, colocados em molduras iguais - as três referências selecionadas como balizas à sua trajetória, ela mesma enquadrada a partir dali em novos moldes. Em janeiro daquele ano, iniciou-se na então bucólica Vila Mariana a construção do imponente edifício projetado em estilo *Art Deco*, pelo arquiteto Mario Whately. O terreno cedido pelo governo do estado estendia-se até a região que hoje pertence ao Parque do Ibirapuera. O projeto prometia uma sede à altura das ambições que Neiva acalentava para a nova instituição. Rocha Lima transpirou empolgação e ansiedade com a nova sede e com as expectativas de trabalho num novo campo científico, em parte estranho para ele. “Se tudo continuar correndo bem e a grande ampliação ficar pronta, teremos um dos maiores e mais variados institutos do mundo, que deverá recebê-lo com especial alegria.”, escreveu a Mühlens.⁸⁶⁸ Ele próprio instalou-se numa pensão alemã, o Hotel Aurora.

As referências à capital paulista foram bem menos entusiasmadas. A “Chicago sul-americana” – expressão empregada por ele em diversas ocasiões – era um ninho “estúpido e chato”, relatou a Munk.⁸⁶⁹ Mais adiante, referiu-se à “provinciana São Paulo, que nesse meio tempo não ficou mais bonita, embora esteja crescendo em importância.”⁸⁷⁰ Para remediar o tédio, viajava com frequência ao Rio, onde dizia se alegrar com a beleza da cidade e na qual podia encontrar os amigos.⁸⁷¹ Também costumava “encontrá-los” através da escrita epistolar. A escrita científica foi outro antídoto contra o enfado: “São Paulo, como a cidade mais estúpida do mundo, não poderia levar-me a outra atividade que da escrita, da qual nasceu esse maravilhoso capítulo ‘Protozoários e pele’”, relatou a Mayer.⁸⁷² Tratava-se de uma compilação para o manual de Jadassohn, que escreveu, como vimos, em colaboração com o colega do *Tropeninstitut* (Mayer & Rocha Lima, 1932). Os primeiros meses na capital paulista coincidiram com o período de redação de uma série de outros capítulos para manuais médicos alemães que ele havia prometido. Ocupava-se, ao mesmo tempo, com capítulo sobre

⁸⁶⁸ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 15.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁶⁹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁷⁰ *Idem*

⁸⁷¹ *Idem.*

⁸⁷² Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 02.03.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Doença de Chagas, escrito com o diretor de Manguinhos, para o Manual de Mense, sobre a febre amarela escrito com Miguel Couto para o mesmo manual, sobre o mesmo assunto, para o compêndio de Klemperer, o texto sobre riquetsias, para o manual de Kolle, Kraus e Uhlenhuth, e sobre Verruga Peruana, para o mesmo Manual. A correspondência com Mayer, colaborador no capítulo “Protozoários e Pele”, registra a preocupação em providenciar gravuras, tabelas e corrigir textos e legendas. Como vimos no capítulo 2, tais atividades eram feitas sob cobrança constante dos respectivos editores. “Isso me oprime como um pesadelo”, escreveu a Munk.⁸⁷³ E a Mayer: “Abderhalden está pedindo há anos a colaboração prometida e as reclamações de Kolle logo deverão ser atendidas (...) de modo que a pressão sob a qual estou vivendo não é de causar inveja a ninguém”.⁸⁷⁴

A instalação nas dependências ainda precárias do novo instituto também consumiram tempo e esforço. Em carta a Erwin Jacobsthal, de dezembro de 1928, Rocha Lima relatou que se dedicava a colocar os aparelhos em movimento e a providenciar a instalação dos telefones, funções que no Brasil eram muito mais difíceis e custosas do que na Alemanha. Fornecedores, prestadores de serviço, como operários e artesãos, e outras forças auxiliares não realizariam suas atividades com a presteza e eficiência alemãs, queixou-se ao amigo. “Cada coisa insignificante apenas é conseguida depois de muitos esforços e discussão”, acrescentou.⁸⁷⁵ Ao ex-assistente Ziegler, escreveu que o trabalho de construção do instituto lhe custava mais tempo e esforço do que a própria atividade científica em si.⁸⁷⁶ Ele mobilizou Ziegler para ajudá-lo na exportação de uma série de aparelhos e instrumentos científicos, que fez questão que viessem da Alemanha. Pediu que o ajudasse a providenciar filtros de Berkefeld, estufas, micrótomos, recipientes apropriados para culturas de tecidos e esboços dos aparelhos de iluminação para exibição de diapositivos e o modelo do quadro que havia na sala de cursos do *Tropeninstitut*.⁸⁷⁷

⁸⁷³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁷⁴ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 02.03.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

⁸⁷⁵ Carta de Rocha Lima a Erwin Jacobsthal de 01.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

⁸⁷⁶ Carta de Rocha Lima a Ziegler de 09.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

⁸⁷⁷ Carta de Rocha Lima a Ziegler de 09.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Em colaboração com o Hospital de Isolamento, alguns pesquisadores do Biológico dedicaram-se aos estudos sobre o chamado tifo exantemático de São Paulo, como vimos no capítulo 3. Vimos que Rocha Lima supervisionou as pesquisas anátomo-patológicas feitas por Juvenal Ricardo Meyer, e forneceu para os pesquisadores paulistas literatura sobre o tifo exantemático e a febre maculosa. Mas a principal tarefa da divisão animal do Instituto Biológico consistia na preparação de soros e vacinas de doenças veterinárias. Segundo Ribeiro (1997, p. 37), os primeiros estudos consistiram no desenvolvimento de técnicas de preparo da vacina anticarbunculosa, da maleína e do soro hemolítico, utilizado no diagnóstico de doenças como a salmonelose. Previa-se a confecção de uma série de outros imunoterápicos: contra a bouba das galinhas, contra o garrotilho dos equinos e contra a tristeza bovina. Logo a seção de bacteriologia dirigida por Genésio Pacheco passou a contar com uma das maiores coleções de bactérias do Brasil. Junto com a seção de anatomia patológica, dirigida por Juvenal Ricardo Meyer, a de bacteriologia identificou o surto de salmonelose que acometeu gado recém-importado. Eles necropsiaram 17 bois, processaram preparados histológicos e realizaram cultivos bacterianos. Dessa forma, conseguiram deter com rapidez o surto da doença, utilizando vacinas e soros (Ribeiro 1997, p. 37). Na seção de fisiologia, Paulo Enéas Galvão, em colaboração com Dorival Macedo Cardoso e Cândido Hércules Florence, deu início a pesquisas sobre o beribéri aviário e a relação com a deficiência de vitamina B (Idem).

Com exceção de Adolpho Martins Penha, todos os demais membros da equipe dirigida por Rocha Lima eram médicos de formação. Ele demonstrou a Munk entusiasmo com a nova equipe, que incluía 3 colaboradores, 1 sorologista, e veterinário, 2 entomologistas, 2 fisiologistas, 2 patologistas, 1 químico, 1 zoólogo e dois helmintologistas. Para quem possuía em Hamburgo apenas um assistente na seção de patologia e vírus, tratava-se do melhor dos mundos. Comentou com o amigo alemão que os pesquisadores eram, em sua maioria, “jovens e dispostos”.⁸⁷⁸ Para formação e entrosamento do grupo, Rocha Lima instituiu dois tipos de reuniões científicas: às terças-feiras, ocorreriam as chamadas *Referate*, termo alemão que designa “conferência, exposição oral”. Eram voltadas à discussão da literatura científica mais recente. O próprio Rocha Lima assinalava os artigos que deveriam ser apresentados e a pessoa responsável pela exposição. O nome referia-se a reuniões análogas que ocorriam no Instituto de Hamburgo, mas prática semelhante fora instituída por Oswaldo Cruz nos primórdios de

⁸⁷⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 06.06.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Manguinhos (Benchimol, 1990). Além das reuniões de terça, havia as de sexta-feira, que não se restringiam aos pesquisadores do Biológico e nem a temas científicos. O objetivo das mesmas era, segundo Rocha Lima, “alargar o mais possível os horizontes dos seus pesquisadores, obrigados pelas suas funções a um excesso de especialização, elevar-se o mais possível a cultura geral e despertar em todos o máximo interesse pelo trabalho dos outros” (Rocha Lima, 1930 *apud* Ribeiro 1997, p. 39). Ao colega Martin Mayer, comentou: “Temos aqui duas vezes por semana as ‘Referat’ nas quais combatemos profilaticamente a sonolência (*Einschlafen*)”.⁸⁷⁹

Quadros das instituições paulistas de ensino e pesquisa tomaram parte nas reuniões de sextas-feiras. Participaram professores da Faculdade de Medicina de São Paulo, Martin Ficker, pesquisadores do Instituto *Butantan* e do Bacteriológico. O tifo exantemático de São Paulo foi um dos primeiros temas de discussão. Também palestraram pesquisadores do Rio de Janeiro e estrangeiros que visitavam o país. Nocht, Giemsa, Ernst Bresslau, o neuropatologista Walther Spielmeyer, entre outros, abordaram temas de suas especialidades. Nos dois primeiros anos do Biológico, ocorreram 100 reuniões semanais (Ribeiro 1997, p. 39). Nos anos 1930 e 1940, as chamadas sextas-ferinas consistiriam num dos principais pólos de aglutinação e sociabilidade da comunidade acadêmica e intelectual paulista.

Para divulgação das pesquisas realizadas no Biológico, foi criada a revista *Arquivos do Instituto Biológico*, publicação anual que trazia artigos científicos concernentes, em geral, a doenças de plantas e animais, taxonomia de organismos - principalmente insetos - e bacteriologia. A maior parte dos autores que publicou nos três primeiros volumes provinha da própria instituição. Além destes, colaboraram o ex-integrante da comissão da broca, Edmundo Navarro de Andrade, Lauro Travassos e César Pinto, ligados ao Instituto Oswaldo Cruz e à Faculdade de Medicina de São Paulo; H. Luederwalt, do Museu Paulista, dois pesquisadores da Diretoria de Indústria Animal (Otto Stephan e Amancio Esquibel) e o também professor da Faculdade de Medicina de São Paulo Abílio Martins de Castro. Entre os estrangeiros que publicaram nos referidos volumes encontram-se, com exceção de um chileno (Gilbert Rahm, da Universidad de Concepción), somente os alemães Hans Eggers e Ernst Bresslau, que

⁸⁷⁹ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 09.03.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

esteve em São Paulo em 1929, e pediu a Rocha Lima para veicular seu trabalho naquele periódico (Rebouças *et al.*, 2006).⁸⁸⁰

Como vimos no primeiro capítulo, Rocha Lima dava grande importância à divulgação das instituições brasileiras no exterior. Vimos que ele sugerira a Oswaldo Cruz a confecção de prospectos que elucidassem, em idioma alemão, o organograma e as atividades desenvolvidas em Manguinhos. O mesmo ele fez com o Biológico, certamente com o apoio de Neiva, que defendia a divulgação das atividades científicas, não só entre os especialistas, mas também entre os leigos. Foi publicado um folheto em alemão sobre a nova instituição que surgia no cenário científico brasileiro, que Rocha Lima enviou aos colegas. Mayer comentou que ficara vivamente impressionado com o escopo de atividades ali desenvolvidas. “Vê-se que no seu instituto trabalha-se muito”.⁸⁸¹

Para ajudá-lo nas tarefas do novo instituto, Rocha Lima trouxe Else Seiler, a assistente do *Tropeninstitut* que pagava com seus próprios recursos. Ela já estivera com ele na viagem de 1926 e na seguinte, na qual auxiliou na organização e realização dos cursos de Jakob. Este escreveu ao colega brasileiro, em agosto de 1929: “Da senhorita Else, só ouvimos falar coisas boas, e esperamos que ela continue a ser um bom apoio ao senhor”.⁸⁸² Referências ao auxílio que ela prestava a Rocha Lima encontramos em carta endereçada a Mayer um mês depois: “Frau Seiler continua me prestando os mais valorosos trabalhos e a melhor companhia. Tanto nos trabalhos científicos quanto numa camaradagem inteligente, fiel e desprezenciosa. Eu não gostaria de perdê-la.”⁸⁸³

⁸⁸⁰ Carta de Ernst Bresslau a Rocha Lima de 04.08.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. Bresslau escreve: “Posso lhe fazer uma pergunta? Diz respeito à impressão da palestra que fiz na Academia no Rio e no Instituto Biológico. Um jornal médico do Rio pediu-me para publicar a conferência, mas parece-me que essa apresentação pertence mais a um fórum biológico do que a um médico. Assim pensei que pudesse ser publicada nos Arquivos do Instituto Biológico. O senhor poderia discutir isso com seu colega dr. Neiva?”

⁸⁸¹ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 17.04.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁸² Carta de Alfons Jakob a Rocha Lima de 26.08.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁸³ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 04.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Repetidas vezes Rocha Lima referiu-se às atividades da nova instituição como “múltiplas e variadas”.⁸⁸⁴ Ao diretor do Hospital Eppendorf, Ludolph Brauer, caracterizou o Biológico como um instituto, “cuja organização e regulamento não fazem vergonha a nenhum outro dos países mais ricos e desenvolvidos”. Ali, a ciência alemã era colocada em primeiro lugar, apesar da norte-americanização crescente na América do Sul, relatou ao aguerrido defensor da *Kulturpolitik*.⁸⁸⁵ Pelo fato do trabalho ser muito diversificado, Rocha Lima considerava-o interessante e mais desafiador do que aquele que realizava no *Tropeninstitut*. A patologia animal não pertencia, de fato, a seu campo de especialidades, não obstante um de seus primeiros trabalhos relacionar-se ao desenvolvimento da vacina contra o carbúnculo sintomático. Ele escreveu a Jacobsthal que o novo trabalho exigiria que ele se familiarizasse novamente com a bacteriologia “um retorno ao amado ramo de estudos, que antigamente eu dominava, e que me traz a alegria de me ocupar com as questões da medicina e higiene veterinária, o que me é um pouco distante, mas bastante interessante.” Também aprofundaria os estudos sobre protozoários, eventualmente dedicando-se até mesmo a questões de fitopatologia.⁸⁸⁶

A multiplicidade de atividades era, ao mesmo tempo, estimulante e cansativa, admitiu Rocha Lima a Bernhard Nocht.⁸⁸⁷ Relatou ao ex-chefe que aproveitava o pouco tempo que lhe restava para “algumas excursões, esportes e algumas idas ao teatro”.⁸⁸⁸ Apesar de ter menos tempo, desfrutava de horas de lazer tão agradáveis quanto na Alemanha, “onde me contentava com 2 ou 3 noites de teatro e algumas poucas visitas por mês, para mim suficientes”, escreveu a Munk.⁸⁸⁹ Porém sentia falta dos “maravilhosos teatros de Berlim”, e dos quase tão bons que havia em Hamburgo. “Em São Paulo um prazer deste tipo e desta qualidade é bastante raro”, queixou-se. Só podia ver os grandes artistas do mundo quando eles passavam por ali em turnê. A vida social – prosseguiu – era tão escassa quanto na Alemanha. Mas dizia não sentir falta.

⁸⁸⁴ *Idem* e Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 06.06.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁸⁵ Carta de Rocha Lima a Ludolph Brauer de 27.06.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁸⁶ Carta de Rocha Lima a Erwin Jacobsthal de 01.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁸⁷ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 05.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁸⁸ *Idem*.

⁸⁸⁹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 06.06.1930, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

O tempo ensolarado favorecia o encontro de amigos ao ar livre, esportes e excursões. Às vezes passava o fim de semana em alguma fazenda do interior paulista.⁸⁹⁰ A grande vantagem era financeira: o trabalho mais lucrativo remediava as dificuldades. Além do mais, na capital paulista estava livre da febre do feno, alívio que bastava para amenizar as saudades que dizia sentir dos amigos que deixou na Alemanha.⁸⁹¹ “Sou obrigado a considerar a troca de Hamburgo como um ganho em quase todos os sentidos”, confessou a Munk.

5.3. Um substituto para Rocha Lima?

Por mais que Rocha Lima se mantivesse “fiel e devotado” ao *Tropeninstitut* e à ciência alemã no Brasil, sua saída representou uma ruptura nos elos que a instituição mantinha com a comunidade médica brasileira. Com o retorno definitivo dele e o estabelecimento em São Paulo, ganhou força uma idéia que já havia sido aventada há algum tempo: a estadia de Lauro Travassos no *Tropeninstitut*.⁸⁹² Durante a visita ao Brasil, em 1927, Friedrich Fülleborn desenvolvera grande simpatia pelo seu colega de especialidade Lauro Travassos. Junto com

⁸⁹⁰ *Idem*

⁸⁹¹ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 01.09.1928, a Martin Mayer de 04.09.1929 e a Erwin Jacobsthal de 01.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁹² Lauro Travassos nasceu em Angra dos Reis em 2 de julho de 1890, formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1913. Participou de expedições científicas para estudar doenças do gado, acompanhou as campanhas da Fundação Rockefeller em Minas Gerais, em 1915, e, dois anos depois, participou da Comissão Científico-Militar enviada à Ilha de Trindade. Entre 1922 e 1950, participaria de várias expedições em comissões do Instituto Oswaldo Cruz, nas quais realizou uma série de coletas e pesquisas científicas. Em 1913, começou a dar aulas no curso de aplicação de Manguinhos e entre 1926 e 1928, ministrou parasitologia na Faculdade de Medicina de São Paulo. Em 1930, tornou-se professor de parasitologia e zoologia médica da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária e entre 1935 e 1937 deu aulas de zoologia na Escola de Ciências da Universidade do Distrito Federal. No campo da saúde pública, atuou como auxiliar acadêmico do Serviço de Profilaxia da Febre Amarela e em 1923 tornou-se médico auxiliar do Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural do Rio de Janeiro. A partir de 1937 atuou exclusivamente no Instituto Oswaldo Cruz. Morreu em 20 de março de 1970. Lauro Travassos destacou-se pela vasta produção científica no campo da helmintologia, no qual descreveu uma série de novas espécies de vermes. “Lauro Travassos” In Guia de Acervos do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: http://www.cocsite.coc.fiocruz.br/areas/dad/guia_acervo/arq_pessoal/lauro_travassos.htm, Acesso em 26/06/2011.

Aragão, Lauro Travassos ciceroneou o helmintologista alemão no Rio de Janeiro. Bem impressionado com o jovem e “promissor pesquisador”, tanto pelas suas qualidades científicas, como pessoais – conforme relatou a Rocha Lima – Fülleborn propôs a Chagas que ele ficasse um ano em Hamburgo.⁸⁹³ Se o diretor de Manguinhos garantisse sua licença com vencimentos, o Instituto Tropical poderia dispor-lhe a quantia de 10 mil marcos para o seu trabalho. Para Travassos, seria uma boa oportunidade de conhecer outros especialistas na Europa, e para a instituição alemã, uma grande vantagem “poder se beneficiar do profundo conhecimento de Travassos”, justificou Fülleborn. Dessa forma, seria criada uma ‘ponte viva’ entre as duas instituições.⁸⁹⁴ Escreveria a Mühlens para que este conseguisse a quantia necessária para o projeto.

O assunto desenvolveu-se com lentidão. Apenas em outubro de 1928, Fülleborn relatou a Rocha Lima que a quantia para a viagem de Travassos havia sido arrecadada. Caso ele viajasse nos meses de inverno, seria possível obter desconto na companhia de navegação *Hamburg-Süd*.⁸⁹⁵ Nocht responsabilizou-se por isso.⁸⁹⁶ Rocha Lima transmitiu o convite a Travassos e as condições relacionadas a ele. Disse que o colega ficou “muito honrado”; partiria em abril de 1929. Mas para obter licença com vencimentos, teria de receber convite oficial por meio do Senado de Hamburgo, que deveria chegar às mãos de Chagas, através da Legação Alemã no Rio e do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, ao qual o Instituto Oswaldo Cruz estava subordinado.⁸⁹⁷ Em 11 de janeiro de 1929, Nocht escreveu ofício ao departamento de negócios exteriores do Senado de Hamburgo. Justificou que depois da saída de Rocha Lima do *Tropeninstitut*, impôs-se a “necessidade urgente”, “de cultivar e ampliar de forma cuidadosa as relações pessoais e científicas com o Brasil”.⁸⁹⁸ Os recursos para a estadia de um ano do helmintologista brasileiro já haviam sido obtidos. Faltava apenas um convite

⁸⁹³ Carta de Friedrich Fülleborn a Rocha Lima de 23.09.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁹⁴ *Idem*.

⁸⁹⁵ Carta de Friedrich Fülleborn a Rocha Lima de 31.10.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁹⁶ Carta de Friedrich Fülleborn a Rocha Lima de 18.01.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁹⁷ Carta de Rocha Lima a Friedrich Fülleborn de 16.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁸⁹⁸ Ofício de Bernhard Nocht ao Departamento de Negócios Estrangeiros da Cidade de Hamburgo de 11.01.1929. Arquivo Histórico Bernhard Nocht Institut – Korrespondenzen Bernhard Nocht.

oficial do governo de Hamburgo ao legado alemão no Rio. Como a data da partida de Travassos estava próxima, o legado, Knipping, havia recomendado que tal convite fosse enviado por telégrafo. Em 28 de janeiro de 1929, o Itamaraty transmitiu ao legado alemão a recepção do convite, que seria encaminhado ao ministério da Justiça e Negócios Interiores. Este deliberaria sobre a licença do pesquisador de Manguinhos com vencimentos, por um ano.⁸⁹⁹

Em 09 de abril de 1929, Nocht comunicou a chegada de Travassos em Hamburgo: “Ele causou uma excelente impressão aqui. Tomara que se sinta bem entre nós”, manifestou o diretor do *Tropeninstitut*.⁹⁰⁰ Arthur Moses ficou responsável pelos comunicados na imprensa sobre o “honroso convite” ao pesquisador brasileiro, que foi acompanhado da mulher e filhos. Não falava alemão, mas levou consigo os conselhos de Rocha Lima para se sair bem no ambiente cultural germânico, do qual nosso personagem era profundo conhecedor. “De muito me tem servido os teus utilíssimos conselhos, mormente dadas as grandes dificuldades decorrentes de não falar alemão” relatou 23 dias depois de chegar em Hamburgo.⁹⁰¹ Porém, precisava de mais recomendações, pois “os hábitos germânicos são tão diversos dos nossos, que muitas vezes fico sem saber como me orientar”, queixou-se. Travassos estava trabalhando no laboratório de Hans Vogel, pesquisador assistente do departamento de helmintologia desde 1927.⁹⁰² Segundo Travassos, Vogel era extremamente retraído, esquivo e não demonstrava

⁸⁹⁹ Arquivo Histórico do Itamaraty. Ofício da Secretaria de Estado das Relações Exteriores à Legação Alemã de 28/01/1929.

⁹⁰⁰ Carta de Bernhard Nocht a Rocha Lima de 09.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁰¹ Carta de Lauro Travassos a Rocha Lima de 01.05.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁰² Hans Vogel nasceu em Dresden em 1900, formou-se em zoologia em 1918 na Universidade de Jena e em medicina em 1922, na mesma universidade. Praticou medicina em Dresden e Hamburgo, onde em 1926 integrou-se como voluntário no Instituto de Doenças Tropicais. Desenvolveu o doutorado no departamento de protozoologia sobre a influência do Yatren na cultura de amebas. No ano seguinte tornou-se pesquisador do departamento de helmintologia, em 1933 professor da Universidade de Hamburgo e em 1938 assumiu a chefia daquela seção. Sucedeu Ernst Nauck em 1963 como diretor do Tropeninstitut e catedrático de medicina tropical. Aposentou-se em 1968 e morreu em 1980. Vogel realizou uma série de expedições científicas à África e China. Sua produção científica versou principalmente sobre o ciclo de vida dos vermes. Demonstrou o infiltrado pulmonar de eosinófilos em infecções por lombrigas, a causa da falta da anemia na teníase de peixes da Prússia oriental, a elucidação de todo o ciclo de vida do trematódeo de fígado de gatos (*Opisthorchis felinus*) e importantes

nenhum interesse pelo trabalho desenvolvido por ele. O contato entre os dois era intermediado por Volgesang, do Uruguay, que falava alemão fluente. Travassos relatou a Rocha Lima que Vogel evitava lhe mostrar suas pesquisas, ao passo que Volgesang lhe entregava apenas parte do material de estudo obtido. Tinha a nítida impressão – prosseguiu – que o pesquisador alemão estava contrariado com sua permanência no Instituto, e procurava criar dificuldades a ele. Volgesang, por sua vez, era “um cabotino cujos trabalhos que tem feito no Uruguay são todos mal feitos e errados e cuja única preocupação é assinar em colaboração comigo os trabalhos que publique aqui”, relatou. “Não me sinto bem no Instituto”, confessou ao colega brasileiro. Mas afirmou desenvolver como estratégia: fingir não notar as limitações que lhe eram impostas e procurar obter material de estudo por fora. Além disso, tentava aprender alemão “a todo custo”, a fim de amenizar os problemas.⁹⁰³

Em fins de maio de 1929, Travassos comunicou a Rocha Lima sentir-se bem melhor. Estava se adaptando e aprendendo a pedir as coisas. Notou haver grande dificuldade para obter algumas delas, como cortes seriados e desenhos, além de ser extremamente custoso obter um bom micróto mo emprestado. Mesmo assim, desenvolvia pesquisas numa grande variedade de assuntos.⁹⁰⁴ Um mês depois, Rocha Lima respondeu a Travassos, “com a consciência pesadíssima” por não tê-lo feito antes. Admitiu ter ficado sem reação diante das queixas do colega. Considerou-a compreensível, “mas talvez intensificada pela estranheza do meio, [a impressão] de que havia uma certa má vontade da parte dessa gente menos expansiva e afável, do que nós costumamos a ser”.⁹⁰⁵ Se Mayer estivesse em Hamburgo, teria contado tudo a ele. Pensou em mobilizar Mühlens e Fülleborn, mas acreditou “servir menos protestando do que calando”. Mas a última carta deixara-o mais tranquilo. De qualquer forma, não se furtou a preconizar ao colega “utilíssimos conselhos”, que considerou importantes para a boa adaptação ao ambiente alemão:

De um modo geral, e apesar de muitas exceções, devo dizer que na Alemanha é sempre conveniente pôr toda a modéstia de lado e sempre meter a cara e o ombro

estudos epidemiológicos sobre a esquistossomíase na África e na China (Mannweiler 1998, p. 132-140, 215, 239).

⁹⁰³ Carta de Lauro Travassos a Rocha Lima de 01.05.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁰⁴ Carta de Lauro Travassos a Rocha Lima de 27.05.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁰⁵ Carta de Rocha Lima a Lauro Travassos de 20.06.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

para abrir caminho, e depois alargar os cotovelos para caminhar mais folgadoamente. É que os alemães são em regra menos sensíveis do que nós aos processos grosseiros, ao passo que a modéstia passa-lhes despercebida, quando não é motivo até de desprezo. Isto se patenteia também nos representantes mais típicos de uma raça, que são as mulheres. Elas precisam mais de quem as trata com arrogância, grosseria e desprezo do que quem as trata nas palmas das mãos como nós o fazemos. Este pedaço de filosofia é apenas para que você procure descobrir em grande modéstia e retraimento seu talvez uma das causas da falta de auxílio de que se queixou. Em geral, os alemães são muito acessíveis e mesmo bondosos, mas é preciso não esperar que eles o sejam espontaneamente, é preciso fazer uma certa pressão, reclamar atenciosamente, mas reclamar com precisão e insistência.⁹⁰⁶

Quanto a Vogel, Rocha Lima referiu-se a ele como “pouco afável” e “retraído”, mas como uma pessoa correta. Colocou-se à disposição do conterrâneo, e manifestou o desejo de “que você vá cada vez adaptando melhor e gozando tudo o que há de bom aí”.⁹⁰⁷ De carta escrita por Rocha Lima a Mayer em setembro de 1929, é possível notar que os votos não se concretizaram:

Por vias indiretas, soube que ele [Travassos] passou por diversas coisas desagradáveis. Parece que sem saber das condições daí e sem pedir conselho ao senhor ou a Giemsa, como lhe pedi que fizesse sem falta, começou a queixar-se tolamente das condições de moradia, dos serviçais, etc. Alguém tem que aconselhá-lo a voltar e o mais rápido possível, pois ouvi dizer que a sua condição financeira não é das melhores⁹⁰⁸

Foi isso o que de fato aconteceu. Travassos retornou ao Brasil logo depois. A tentativa de fazer dele a “ponte viva” do *Tropeninstitut* com a comunidade brasileira, fracassou. Em contrapartida, Rocha Lima manteve-se na função de promover a cultura alemã, colocando-a em primeiro plano no rol das influências que pretendia imprimir à nova instituição que surgia em São Paulo.

⁹⁰⁶ Idem.

⁹⁰⁷ Idem.

⁹⁰⁸ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 04.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

5.4. A *Kulturpolitik* em novas bases institucionais: Rocha Lima, a Revista Médica Germano-Ibero-Americana e o intercâmbio Brasil-Alemanha

Em plena noite de Natal de 1927, Mühlens escreveu carta a Rocha Lima, enviando-lhe as fotos de sua partida de Hamburgo e relatando ao colega notícias concernentes à *Revista Médica de Hamburgo*.⁹⁰⁹ Como vimos, o alemão pertencia ao corpo de redatores. A participação ativa na condução da *Revista* era um dos aspectos do engajamento em favor das relações científicas e culturais da medicina alemã com a América Latina, as quais considerava de importância crucial. Ao lado de Nocht, Mühlens era um dos pontos de lança do movimento destinado a promover a medicina alemã, os interesses da indústria farmacêutica e os laços com a comunidade médica latino-americana. O contato estabelecido com lideranças políticas mexicanas garantia, por exemplo, contribuições financeiras ao *Tropeninstitut*, que Stefan Wulf (1994) localiza apenas no período da inflação alemã, mas que Brahm (2002, p. 53) sugere ter se prolongado até 1925. Na referida carta, Mühlens relatou a Rocha Lima: *La Medicina Germano-Ibero-Americana*, do Schwalbe, não aparece desde outubro. Também a nossa revista, como o senhor sabe, vai mal.”⁹¹⁰ Ele se referia à revista que o editor do *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, Julius Schwalbe mantinha com Carlos P. Waldorp e Francisco. L. Arrilága, esses dois, de Buenos Aires (Sá & Silva 2010, p. 30). Desde janeiro de 1926, a *Revista Médica de Hamburgo* encontrava-se em dificuldades financeiras. Ludolph Brauer e Bernhard Nocht solicitaram ajuda ao diretor do Departamento Cultural do *Auswärtiges Amt*. O Ministério concedeu auxílio de 5 mil marcos para os anos de 1926 e 1927, nos quais a *Revista* permaneceria em circulação, mas com tiragem reduzida. Conforme demonstra Stefan Wulf (no prelo), Mühlens começou a articular nos bastidores uma fusão com a revista editada por Schwalbe. Ele queria diminuir a influência de Brauer na publicação, uma disputa que remonta aos anos anteriores à Guerra e que estava associada à tentativa de garantir a hegemonia do *Tropeninstitut* na propaganda cultural (Idem). Ele também mobilizou contatos de pessoas influentes na Argentina, capazes de apoiar localmente a fusão das duas publicações (Idem).

⁹⁰⁹ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 24.12.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹¹⁰ *Idem*.

Na mesma carta a Rocha Lima, Mühlens afirmou que faria todos os esforços para que a *Revista* se mantivesse, “sob todas as condições adversas”.⁹¹¹ Pediu apoio ao brasileiro a fim de evitar que “o mal triunfe”, escreveu, traumático.⁹¹² O mal a que se referia era o médico Joachim Stutzin, que como vimos, estivera no Brasil em 1927 e era responsável pela publicação da *Vox Medica*. Mühlens soube que Stutzin faria palestras no Rio e que ele negociava um acordo com a *Prensa Medica Argentina*, de Mariano Castex. “Foi-nos sugerido participar desta aliança, o que, no entanto, é impossível para nós, pois não reconhecemos Stutzin como cientista alemão”, escreveu Mühlens. Seria em virtude de sua origem judia ou lituana? Conforme registra a documentação do *Auswärtiges Amt*, Stutzin também pleiteava apoio para sua publicação.⁹¹³ Segundo Mühlens, ele planejava lançar edição da *Vox Medica* em português. O pesquisador do *Tropeninstitut* procurou neutralizar os esforços de Stutzin, garantindo o apoio das instâncias oficiais e dos círculos latino-americanos para a *Revista Médica de Hamburgo*. Por isso, pediu informações a Rocha Lima sobre a impressão deixada pelo “hábil médico-comerciante”. Além disso, argumentou que uma das questões concernentes à organização da *Revista* era o papel que o público brasileiro deveria ocupar na publicação, de modo a transformá-lo “em assinantes ou usuários fiéis da nossa revista”. Perguntou se Rocha Lima poderia se encarregar da tradução regular de trabalhos, com a finalidade de aumentar a participação de brasileiros, e pediu sugestões de propaganda para atrair assinantes e anunciantes.⁹¹⁴

As respostas às interpelações de Mühlens foram dadas num melancólico Ano-Novo: Rocha Lima disse sentir “saudades dolorosas” de Hamburgo, “sofrendo um ataque de desânimo”. O “vento e a chuva” de lá pareciam-lhe melhores que o “sol daqui”; o Instituto de Doenças Tropicais figurava insubstituível.⁹¹⁵ Segundo ele, as impressões deixadas pela visita de Stutzin não haviam sido muito positivas. Enquanto os franceses, trazidos pelo Instituto Franco-Brasileiro, e os alemães, Ueber e Fülleborn, haviam sido bastante lembrados entre os visitantes de 1927, o nome de Stutzin era parcamente citado, informou. Em sua estadia no

⁹¹¹ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 24.12.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹¹² *Idem*

⁹¹³ PAAA 64984. “Revista Médica de Hamburgo”

⁹¹⁴ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 24.12.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹¹⁵ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 31.12.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Brasil, teria estabelecido relações com médicos pouco afamados, tendo granjeado apenas um “sucesso social momentâneo”.⁹¹⁶ Ao amigo Munk, confessara que a maior ousadia de Stutzin foi ter conseguido do ministro plenipotenciário da Alemanha um banquete em sua homenagem, ao qual haviam sido convidadas importantes personalidades.⁹¹⁷ De qualquer modo, não seria um colaborador adequado para o trabalho conjunto com o *Auswärtiges Amt*.⁹¹⁸

Rocha Lima informou a Mühlens que a *Revista Médica de Hamburgo* era pouco conhecida e lida no Brasil. Ele poderia colaborar na reformulação da publicação, assim que se familiarizasse melhor com as circunstâncias locais. Uma nova revista, sugeriu, teria que ter o mesmo preço que as similares francesas, e trazer as reportagens e artigos das grandes sociedades médicas, que eram os que continham as principais novidades. Advertiu que participações locais não garantiriam maior interesse na revista, porque o “público” já tinha oportunidades suficientes para ler artigos de sul-americanos. Transformar a revista num periódico alemão para países de língua espanhola requereria redatores interessados e o mesmo espaço reservado à produção alemã para a produção local. Maior sucesso poderia ter a comunicação rápida de todas as novidades alemãs, mais breve do que aquela feita pela francesa, *Presse Medicale*. Considerou inviável a manutenção do formato da *Revista Médica de Hamburgo* porque ela havia sido mal lançada e as pessoas não gostavam de ler espanhol no Brasil. Informou ainda que a *Vox Medica* de Stutzin também não era muito lida.⁹¹⁹

Certamente Mühlens fez consultas semelhantes com outros cientistas latino-americanos que apoiavam a *Revista*. Em Berlim, ele buscou apoio do *Auswärtiges Amt* para uma nova publicação. Em julho de 1928, conseguiu firmar acordo com a corporação de indústrias farmacêuticas – IG Farben, Schering, Boehringer, Mannheim, Boehring-Hamburg e Merck – através do qual, estas garantiram subsídio anual de 8 mil marcos para a publicação que assumia o nome de *Revista Médica Germano-Ibero-Americana*. O auxílio conferia preço menor à revista, assegurando a competitividade com as publicações francesas. Ela circularia

⁹¹⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹¹⁷ *Idem*

⁹¹⁸ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 02.03.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹¹⁹ *Idem*.

com tiragem de 2.500 cópias. Em contrapartida, a indústria farmacêutica alemã teria espaço reservado nas páginas de anunciantes (Wulf, no prelo). Em outubro de 1928, veio a lume o primeiro número da *Revista Médica Germano-Ibero-Americana*, publicada pela editora *Thieme* e pela “*Fischer medizinische Buchhandlung*”. Além de Brauer e Nocht, integraram o corpo editorial Mühlens, Schwalbe, Waldorp e Arrilaga. Rocha Lima ficou entre os colaboradores. Mühlens remeteu-lhe 20 exemplares do primeiro número e pediu opinião sobre os artigos em português e resumos. Informou que estavam tendo grandes dificuldades com a tradução para o português. Nas entrelinhas, pedia a colaboração do colega brasileiro nesse esforço. Além disso, pediu artigos originais e um apanhado de resumos dos principais trabalhos surgidos na recente literatura médica brasileira. Solicitou também uma lista de médicos que ele considerava receptivos à propaganda germânica, bem como a obtenção de assinantes e anunciantes.⁹²⁰ Rocha Lima fez uma assinatura para o Instituto Biológico.⁹²¹

Com a crise de 1929 e suas consequências para a economia brasileira nos anos seguintes, a circulação da *Revista Médica Germano-Ibero-Americana* no Brasil ficou ainda mais restrita. Em 1931, Paul Zander, do Rio de Janeiro, escreveu aos redatores que a desvalorização da moeda brasileira em decorrência da crise era um dos fatores que comprometiam o aumento no número de assinaturas. Além disso, elencou como desfavorável a concorrência com a literatura médica francesa e a existência de publicações distribuídas gratuitamente. Contrariamente a Rocha Lima, Zander considerou secundário o fato de a *Revista* ser publicada em espanhol e não em português (Wulf, no prelo). Apesar do apoio de nosso personagem, a cooperação de médicos e a publicação de artigos brasileiros tornaram-se cada vez mais restritas.

Além de continuar participando do corpo editorial da *Revista Médica Germano-Ibero-Americana*, Rocha Lima prosseguiu nos esforços de promover e apoiar o intercâmbio teuto-brasileiro em seus diferentes níveis. Muitos estudantes, pesquisadores e médicos que atuavam na clínica o procuraram em busca de recomendações que facilitassem a recepção em solo estrangeiro. Em virtude do prestígio e da rede de relações que mantinha em ambos os lados do Atlântico, seu apoio e recomendação podiam “abrir portas” para o interessado. Além disso, tinha conhecimento das circunstâncias de ambos países. Em janeiro de 1929, recomendou o

⁹²⁰ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 15.01.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹²¹ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 15.02.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

então diretor do Butantan, Afrânio do Amaral, a Fred (Friedrich) Neufeld, diretor do Instituto Robert Koch, em Berlim, e a Bernhard Nocht.⁹²² Ao primeiro apresentou-o como o “melhor conhecedor de cobras, seu veneno e soroterapia”.⁹²³ Rocha Lima conheceria Amaral somente depois do retorno ao Brasil. Em março de 1928, já havia intermediado entrega de cobras remetidas de Hamburgo para o Butantan.⁹²⁴ O diretor do Butantan permaneceu poucos meses na Alemanha. Em abril de 1929 já estava de volta. Agradeceu a Rocha Lima as cartas de apresentação e informou ter sido recebido com a máxima cordialidade, “graças ao prestígio indiscutível que ali o senhor goza”, escreveu.⁹²⁵

Outro que em 1928 foi à Alemanha com recomendações de Rocha Lima foi o neurologista Antônio Austregésilo, que como vimos no capítulo anterior, estava entre o círculo de colaboradores do intercâmbio teuto-brasileiro. Na carta de apresentação a Nocht, Rocha Lima descreveu Austregésilo como uma ovelha desgarrada do círculo de germanófilos, cuja viagem à Alemanha deveria ser aproveitada para atraí-lo novamente: “Este professor de neurologia havia sido antigamente um conhecido defensor da Alemanha, mas depois navegou em águas francesas e, por fim, bandeou-se para o lado americano.” O neurologista brasileiro estivera na França e nos Estados Unidos praticamente todos os anos depois da Primeira Guerra. Mas em setembro de 1928, participaria do Congresso de Naturalistas junto com o filho, que também pretendia especializar-se em neurologia. “Há quatro meses atrás ele nem teria pensado nisso”, afirmou Rocha Lima, atribuindo a decisão de Austregésilo ao êxito da “missão Jakob”.⁹²⁶

Em fevereiro de 1929, Rocha Lima apresentou aos colegas alemães nosso já conhecido Eduardo MacClure, médico brasileiro que foi assistente de Max Kuczynski. Como vimos no 2º capítulo, MacClure embarcou para a Alemanha com cartas de recomendação a Alfons

⁹²² Carta de Rocha Lima a Afrânio do Amaral de 04.01.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹²³ Carta de Rocha Lima a Fred Neufeld de 04.01.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹²⁴ Carta de Afrânio do Amaral a Rocha Lima de 29.03.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹²⁵ Carta de Afrânio do Amaral a Rocha Lima de 18.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹²⁶ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 01.09.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Jakob, Fritz Munk e ao renomado patologista Otto Lubarsch.⁹²⁷ Munk permaneceu sendo o principal ponto de apoio dos brasileiros que Rocha Lima mandava para Berlim. Ele falava português, e atuava no Hospital Charité, destino de grande parte dos médicos que afluíam à capital alemã para aperfeiçoar seus estudos. Em junho de 1929, Rocha Lima recomendou-lhe o chefe da seção de patologia do Instituto Biológico, João Montenegro. Ressaltou que havia estudado nos Estados Unidos e visitava pela primeira vez a Alemanha.⁹²⁸ Quando Rocha Lima participou de congresso médico em Recife, em outubro de 1929, conheceu pessoalmente o médico Simões Barbosa, ao qual havia dado instruções quando ele viajara à Alemanha, em 1924. Naquela época, Barbosa tinha interesse no intercâmbio de enfermeiras e médicos alemães, e no conhecimento da infra-estrutura hospitalar germânica para o hospital que construía na capital pernambucana. Em 1929, Barbosa foi novamente para a Alemanha, desta vez para completar seus estudos em medicina interna. Levou cartas de recomendação de Rocha Lima para Munk e Mühlens, a quem foi referido como “construtor de um dos melhores hospitais do Brasil”.⁹²⁹ Nosso personagem também apresentou a Munk o baiano José da Silveira, que havia estudado medicina em Salvador e tinha interesse por medicina interna, tratamento da tuberculose e radiologia.⁹³⁰ Em maio de 1931, recomendou ao amigo do Charité, Leão de Moura, “filho de um grande amigo, professor muito admirado”. Ele ficaria de 1 a 3 semanas em Berlim, seguindo dali para Praga.⁹³¹

Com o retorno ao Brasil, Rocha Lima contribuiu para outra dimensão das relações com a Alemanha: o envio de pacientes. Membros da colônia alemã de São Paulo e brasileiros que dispunham de recursos procuraram-no, interessados em obter os métodos de tratamento médico considerados os mais vanguardistas. Mühlens e Nocht, que como Munk, estabeleceram consultórios particulares, foram os que mais receberam pacientes recomendados pelo brasileiro. As viagens que os pesquisadores do *Tropeninstitut* faziam ao

⁹²⁷ Carta de Eduardo MacClure a Rocha Lima de 05.02.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹²⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 14.06.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹²⁹ Cartas de Rocha Lima a Fritz Munk e a Peter Mühlens de 20.10.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹³⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 24.07.1930. José da Silveira também levou carta de recomendação de Rocha Lima para o radiologista de Hamburgo Holthusen. Carta de Rocha Lima a Holthusen de 24.07.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹³¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 02.05.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

exterior também ajudavam a encher os consultórios, conforme relatou Mühlens. Ele ressaltou que a atração de pacientes era benéfica para a economia alemã. Eles eram acomodados nas mais confortáveis clínicas e sanatórios e costumavam deixar boa soma de dinheiro por isso.⁹³² O afluxo de latino-americanos foi tão intenso, que Mühlens planejou construir um sanatório somente para eles, no qual todos os funcionários, incluindo os médicos, deveriam falar espanhol e português.⁹³³ Um ano depois, ele informou que o número de latino-americanos no Hospital dos Marinheiros havia triplicado.⁹³⁴ O pesquisador do *Tropeninstitut* atendeu, em Hamburgo, o casal Weiszflog, de São Paulo e a senhora Freytag, enviados por recomendação de Rocha Lima. A segunda foi fonte de certo constrangimento, pois segundo o médico alemão, tratava-se de uma viciada em morfina, a qual não era possível de ser curada no Instituto. Ele relatou que a “Verônika Voss” dos trópicos se esquivara de uma operação que havia sugerido, comprovando que as queixas de dores eram mero pretexto para tomar a droga.⁹³⁵

A Munk, Rocha Lima recomendou, em novembro de 1928, a esposa de Carlos Egydio de Souza Aranha, irmã do professor da Faculdade de Medicina de São Paulo, Sérgio Meira. Ele pediu que o amigo recebesse, aconselhasse e apoiasse os Aranha, proeminente família paulista de raízes nobiliárquicas.⁹³⁶ Em março de 1929, encaminhou-lhe Manoel Vicente Lisboa, primo de Antônio Mendes Campos. Naquele mesmo ano, foi iniciada, em Berlim, a construção de um novo hospital, cuja direção caberia a Munk. Estava prevista a construção de um edifício moderno, com 450 leitos, que diferentemente da disposição habitual dos hospitais da época, teria apenas um pavilhão.⁹³⁷ A reunião, num único bloco, de pacientes com diferentes doenças contagiosas refletiu a crença nos meios modernos de desinfecção e nos conhecimentos adquiridos no domínio da higiene, capazes de eliminar os riscos de transmissão de infecções. Para Munk, o novo hospital seria uma oportunidade, não só de

⁹³² Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 07.08.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹³³ *Idem.*

⁹³⁴ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 26.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹³⁵ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 20.08.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹³⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 14.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹³⁷ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 26.03.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

melhorar sua clínica privada - pois seria um chamariz para novos pacientes -, como também representava a possibilidade “de levar novamente os meus colegas brasileiros para minha própria escola e lhes oferecer cordialmente um local adequado para trabalhar.”⁹³⁸ Estava previsto que o Estado alemão arcaria com os quase 2 milhões necessários para a construção do novo hospital. Munk relatou que a questão adquiriu status político, em virtude do déficit financeiro do Reich, acarretado pela crise econômica.⁹³⁹ A concessão da verba foi debatida no parlamento alemão, mas, por fim, Munk teve de apelar para os recursos norte-americanos, chegando a ir aos Estados Unidos para arrecadá-los. O Hospital Martin Luther, o mais moderno de Berlim à época, foi inaugurado em 1931. Nas cartas com Rocha Lima, Munk relatou que as funções no novo hospital consumiam-lhe bastante tempo, mas eram fonte de bastante satisfação pessoal. Enviou ao amigo foto da nova instituição, relatando que sua decoração era de tão bom gosto, que o edifício havia se tornado um modelo e ponto de passagem obrigatório dos médicos que visitavam Berlim. Escreveu ainda, que assumira a direção do hospital com plenos poderes, mais até do que se fosse o proprietário.⁹⁴⁰ O cargo e a clínica privada garantiram o conforto financeiro de Munk, que no decorrer dos anos 1930 enriqueceu bastante, sobretudo durante o regime nazista.

O envio de pacientes para tratamento em clínicas alemãs, e a fundação de hospitais no exterior, foram uma dimensão da *Kulturpolitik* bastante enfatizada por alguns de seus defensores, como Bernhard Nocht. A continuidade do afluxo de pessoas interessadas em procurar tratamento na Alemanha demonstra o prestígio que a medicina germânica permaneceu gozando no final dos anos 1920 e nos anos 1930. Com a melhoria nas ligações entre os dois países, depois do estabelecimento, em 1932, da viagem de 3 dias com o Zeppelin e, em 1934, de um voo regular da Lufthansa, o fluxo de pacientes para os hospitais e clínicas alemãs tornou-se ainda maior e mais frequente (Brahm 2002, p. 78).

⁹³⁸ *Idem*

⁹³⁹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 24.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁴⁰ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 17.12.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

5.5. Rocha Lima e o Centenário da Academia Nacional de Medicina

Após a estadia de Alfons Jakob no Brasil, Rocha Lima considerou que os esforços em favor da propaganda cultural alemã tinham de ser contínuos, de modo a aproveitar os dividendos gerados pela boa repercussão da visita do neurologista. Para ele, uma ocasião especialmente propícia seria a comemoração do Centenário da Academia Nacional de Medicina, prevista para ocorrer em grande estilo em junho de 1929. Chagas e Miguel Couto assumiram a organização do evento. As festividades da mais tradicional e reconhecida agremiação médica do país representariam excelente oportunidade para demonstrar o papel da medicina alemã para a corporação médica brasileira. Rocha Lima atuou junto aos organizadores, para que fosse convidado Bernhard Nocht. A organização previa a participação de cientistas estrangeiros de vários países; dois representariam a Alemanha e dois a França. A equidade consistia na melhor estratégia para não ferir susceptibilidades e, ao mesmo tempo, para sedimentar os laços que a comunidade médica brasileira nutria com ambos países. Junto às comemorações, ocorreriam congressos em várias especialidades médicas. “Chagas e Couto já estão providenciando tudo para uma grande confusão”, escreveu Rocha Lima a Munk.⁹⁴¹

Já no começo de 1928, Nocht estava a par da intenção de Rocha Lima de convidá-lo para as festividades da Academia. Em janeiro daquele ano, manifestou-se de forma favorável a respeito do convite.⁹⁴² Meses depois, Munk também expressou a Rocha Lima o desejo de participar das comemorações. Ele indagou o amigo brasileiro sobre as possibilidades dos cientistas alemães receberem um convite oficial, e de despertar, a tempo, o interesse dos círculos diplomáticos de Berlim e do Rio de Janeiro. Munk questionou ainda, se a real importância do evento para a política de propaganda cultural havia sido adequadamente dimensionada. Ele solicitou que Miguel Couto e demais organizadores declarassem publicamente a relevância de sua participação nas festividades, uma vez que ele tinha boas relações com a comunidade médica brasileira. Por intermédio do legado alemão no Rio, poderia dessa forma conseguir financiamento do *Auswärtiges Amt*.⁹⁴³

⁹⁴¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁴² Carta de Bernhard Nocht a Rocha Lima de 10.01.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁴³ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 05.05.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Rocha Lima justificou ao ex-chefe, que o empenho em trazer ele e Munk estava relacionado ao esforço de “salvar a ciência alemã do esquecimento”, não deixando que se repetisse a lacuna entre a visita do amigo, em 1922, e a de Fülleborn, em 1927.⁹⁴⁴ O convite dirigido ao diretor do *Tropeninstitut* foi acolhido de forma unânime entre os membros do comitê organizador, relatou nossa personagem. Ele pediu que Nocht o mantivesse a par de todas as movimentações feitas pelos colegas brasileiros, pois temia que algo saísse errado por falta de organização.⁹⁴⁵ Mas antes, já havia assegurado ao ex-chefe, que a preparação para a sua vinda ficaria em suas mãos.⁹⁴⁶ Em fins de 1928, começou a preparar os ânimos para a recepção de Nocht, que seria em junho do ano seguinte, por meio de comentários lançados à imprensa.⁹⁴⁷ Mas logo começaram os incômodos e impasses que acompanhavam os esforços do “altar da propaganda cultural alemã”. Mühlens opôs-se à viagem de Nocht ao Brasil, mostrando-se receoso: Nocht já tinha 72 anos; ele ouvira histórias de um senhor de Hamburgo que voltara de Buenos Aires com o coração dilatado, vindo a falecer. Embora Nocht se mostrasse forte e saudável, seu coração - prosseguiu Mühlens - não era dos mais resistentes. Ultimamente, ele se mostrava cansado com as viagens constantes por incumbência da Liga das Nações. Argumentou, ainda, que como médicos tropicais, ele e Rocha Lima sabiam do risco que os trópicos representavam para os idosos. O próprio Nocht teria, em consequência disso, rejeitado a participação em comitê da Liga das Nações na Índia. Havia ainda o temor do surto de febre amarela no Rio de Janeiro.⁹⁴⁸

A contrariedade de Rocha Lima com as objeções de Mühlens ficou evidente nas linhas que escreveu ao colega de Hamburgo. Embora reconhecesse a prioridade da saúde de Nocht, ele encarava a viagem mais como uma oportunidade de descanso do que como um “dever ameaçador”, além de não atribuir a ela o risco apresentado por Mühlens – e também, por Fülleborn - esperava que eles mudassem de opinião, ou que Nocht não levasse em consideração as objeções. Ele assumia completa responsabilidade pela saúde do velho mestre. Nocht era o único convidado que teria todas as despesas pagas pela Academia de Medicina, o

⁹⁴⁴ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 01.09.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁴⁵ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 01.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁴⁶ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 01.09.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁴⁷ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 15.12.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁴⁸ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 15.01.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

que ele conseguira arrancar do “pão-duro do Miguel Couto”, salientou. Aos demais convidados, seriam pagas apenas uma passagem num vapor inglês e poucas diárias num hotel.⁹⁴⁹

Inconformado com a possibilidade de ver cancelada a vinda de Nocht por preocupações que considerava exageradas, Rocha Lima escreveu ao próprio diretor do *Tropeninstitut*. Provavelmente, dando voz às objeções de Mühlens e Fülleborn, Nocht havia escrito em fins de janeiro de 1929, carta elencando uma série de inconvenientes do convite: não só o cansaço, mas as dificuldades com o idioma, as festas, discursos e conferências, a falta de um assunto no qual pudesse trazer uma abordagem original e a obrigação em proferir palestras, em virtude do financiamento da viagem, tornavam esta inviável. “Eu me sinto realmente muito velho para assumir tais obrigações. Por todos esses motivos, encaro este convite com algum receio, e ficaria agradecido se o senhor compartilhasse logo comigo sua opinião a esse respeito”, acrescentou.⁹⁵⁰ Rocha Lima confirmou sua inteira responsabilidade pela saúde e bem-estar do professor alemão. Ele não teria de se esforçar com apresentações; o único esforço seria ouvi-las. Mordaz nas observações, salientou que o fato de não compreendê-las tornava a tarefa bem menos cansativa. Poderia fazer sua conferência em francês ou mesmo em alemão, que providenciaria versões em português.⁹⁵¹ Para Rocha Lima, o importante era o significado da presença de Nocht como símbolo da proximidade entre as comunidades médicas brasileira e alemã. Munk compartilhava desse ponto de vista. Segundo este, caso Nocht não pudesse estar presente, o convite deveria ser endereçado ao renomado professor do Charité, Friedrich Kraus, de modo a garantir a representação da ciência alemã.⁹⁵² Diante das oposições à viagem de Nocht, Rocha Lima pretendeu trazer Mayer como seu representante, mas o colega afirmou não poder estar no Brasil em 1929.⁹⁵³

⁹⁴⁹ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 15.02.1929. Mühlens ainda contra-argumentou, manifestando que assim como ele, Martin Mayer e Paul Regendanz haviam desaconselhado Nocht da viagem. Caberia a Rocha Lima ser seu “anjo protetor” e cuidar para que o mestre não fizesse esforços excessivos. Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 15.03.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁵⁰ Carta de Bernhard Nocht a Rocha Lima de 25.01.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁵¹ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 22.02.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁵² Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 04.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁵³ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 02.03.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Os argumentos que Rocha Lima apresentou a Nocht surtiram efeito. Em 15 de março de 1929, ele comunicou ter se encorajado em fazer a viagem.⁹⁵⁴ O diretor do *Tropeninstitut* afirmou não considerar que seu mérito científico justificasse tantas honrarias: começou uma série de novas pesquisas sobre os efeitos hemolíticos da quinina. Elas avançavam com lentidão, mas já haviam rendido resultados interessantes, informou. Desse modo, teria um assunto original para abordar no Brasil. Disse ainda sentir-se tranquilo em saber que Rocha Lima tentava a todo custo contornar os eventuais incômodos da viagem. Quase um mês depois, informou os possíveis navios que podia tomar, manifestou o desejo de visitar a colônia alemã de São Paulo e perguntou sobre a epidemia de febre amarela no Rio. Por fim, Nocht transmitiu a Miguel Couto, em 21 de maio de 1929, a confirmação definitiva da participação nas festividades da academia.⁹⁵⁵

Enquanto Nocht acabou decidindo vir, depois das objeções de Mühlens e dos demais e com a garantia da “proteção” de Rocha Lima, Munk desistiu da viagem. Ele estava acompanhando a construção do novo hospital em Berlim, razão pela qual não podia se ausentar da cidade por muito tempo. “De qualquer forma, é muito importante para mim que a Alemanha esteja representada na festividade”, afirmou.⁹⁵⁶ Diante da ausência de Munk, foi enviado um convite urgente a Max Nonne, que também estivera no Brasil em 1922, como vimos. Mas este escreveu a Rocha Lima, também declinando do convite devido a compromissos particulares.⁹⁵⁷ Em 24 de junho de 1929, aportou no Rio de Janeiro o vapor que trazia Nocht. Representantes da comunidade médica local foram recebê-lo. Ele concedeu entrevistas à imprensa e visitou instituições científicas e de saúde. Foi também recebido por representantes da colônia alemã e da Legação. Em relatório enviado a Berlim, o legado alemão do Rio destacou a amigável recepção ao diretor do *Tropeninstitut*. Atribuiu a recepção calorosa à projeção que seu nome tinha há muitos anos no Brasil, e ao fato dele visitar apenas este país e não estender a visita à Argentina, como costumava fazer a maior parte dos alemães

⁹⁵⁴ Carta de Bernhard Nocht a Rocha Lima de 15.03.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁵⁵ Carta de Bernhard Nocht a Miguel Couto de 21.05.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁵⁶ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 24.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁵⁷ Carta de Max Nonne a Rocha Lima de 03.06.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

que chegavam ali. Isso era motivo considerável, tendo em vista a “ vaidade e sensibilidade brasileira”, acrescentou o Legado.⁹⁵⁸

Numa das entrevistas, Nocht cobriu de elogios o Brasil e os brasileiros, enalteceu a beleza natural do Rio e a limpeza e ordem das ruas. Sem incorrer no erro que Rocha Lima apontava em outros visitantes estrangeiros, não deixou de mencionar a “ capacidade” do país em outras esferas: “ Eu sempre considerei o Brasil como um dos centros importantes do mais inteligente e perseverante trabalho científico”, afirmou. Como exemplo, citou as pesquisas feitas em Manguinhos sobre a febre amarela, tal como a vacina desenvolvida por Aragão e os estudos com macacos *Rhesus*. Também enfatizou o interesse da Alemanha em manter relações amigáveis com o Brasil e em receber médicos e estudantes brasileiros.⁹⁵⁹

As festividades da Academia começaram em 30 de junho, estendendo-se até 7 de julho. Nocht foi o único representante alemão oficial, ao passo que a França teve 3 (Chauffard, Achard e Darier), Portugal, dois, e a Inglaterra um. A Argentina contou com maior número de representantes: vinte médicos do país vizinho participaram do jubileu da academia brasileira.⁹⁶⁰ Quatro congressos ocorreram em comemoração à data: a 4ª Conferência Pan-Americana de Higiene, Microbiologia e Patologia, o 2º Congresso Pan-americano de Tuberculose, o 10º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia e o 1º Congresso Brasileiro de Eugenia. Como vimos no capítulo 2, Rocha Lima coordenou mesa sobre a febre amarela, na qual apresentou trabalho sobre o valor diagnóstico das lesões histopatológicas do fígado. Na mesma ocasião, o patologista alemão Max Kuczynski abordou o bacilo que defendia ser o patógeno daquela doença.

Em 14 de julho de 1929, Nocht foi a São Paulo, onde visitou a faculdade de medicina, os institutos Butantan, Bacteriológico e Biológico, o Hospital Juqueri, a Santa Casa, entre outras instituições. Foi homenageado por membros da classe médica local e representantes da

⁹⁵⁸ Arquivo Histórico Bernhard Nocht Institut, Akte 2-1, Korrespondenz Nocht. Auszug aus dem Bericht der deutschen Gesandtschaft in Rio de Janeiro, ausgefertigt für das Staatsamt für Auswärtige Angelegenheiten Hamburg, Abschrift für die Gesundheitsbehörde Hamburg, 20.09.1929.

⁹⁵⁹ Arquivo Histórico Bernhard Nocht Institut, Akte 2-9, Presseartikel, „Die deutsch-brasilianischen Beziehungen“, Deutsche Zeitung, 28/06/1929.

⁹⁶⁰ “Centenario da Academia Nacional de Medicina”, *Brasil Medico*, 1929,

colônia alemã. Um banquete foi feito em sua homenagem no Club Germania, no qual Rocha Lima fez discurso de recepção. Participaram o cônsul alemão, Neiva, Afrânio do Amaral, Martin Ficker, Frederico Carlos Hoehne, José Pedro de Carvalho Lima, diretor do Bacteriológico, entre outros. Nocht retribuiu às homenagens. Em tom espirituoso, disse lamentar apenas que São Paulo tivesse roubado Rocha Lima “que durante quase 20 anos contribuiu altamente para o renome de que goza meu instituto”. Ao mesmo tempo, felicitou o estado “pela reconquista de um elemento de valor mundialmente reconhecido”. “Espero, porém, que Rocha Lima não se esqueça da Alemanha e continue a se esforçar para uma boa compreensão e amizade entre os cientistas de lá e de cá e para as boas relações entre os dois países”, remendou.⁹⁶¹ No dia 25, o diretor do *Tropeninstitut* zarpou de volta para Hamburgo.

Rocha Lima considerou a visita de Nocht altamente prolífica para a propaganda alemã. Ele relatou a Mayer que o diretor do *Tropeninstitut* foi mais festejado que os outros convidados do jubileu da Academia, e deixou uma impressão simpática e amigável. Afirmou que as expectativas em relação ao sucesso, tanto de Jakob, como de Nocht, haviam sido até mesmo ultrapassadas.⁹⁶² Também falou ao ex-chefe das boas impressões deixadas e da alegria por nenhuma das preocupações dos colegas terem se concretizado.⁹⁶³ Aproveitando a ocasião, foi lançado número especial da *Revista Médica Germano-Ibero-Americana*. Lauro Travassos auxiliou Mühlens na preparação da edição festiva.⁹⁶⁴

Rocha Lima correspondeu plenamente às expectativas de Nocht de manter-se no Brasil “fiel e devotado” ao *Tropeninstitut* e à ciência alemã. Ele logrou promover esta ao garantir a presença do renomado médico tropical nas festividades da academia. Logo se sucederam outras ocasiões nas quais pode reforçar essa lealdade.

⁹⁶¹ „O Professor Nocht em São Paulo” – *O Estado de São Paulo*, 19/07/1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁶² Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 04.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁶³ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 15.12.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁶⁴ Carta de Lauro Travassos a Rocha Lima de 27.05.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

5.6. Rocha Lima e a participação de Nocht no Centro Internacional de Leprologia

Em dezembro de 1929, meses depois da viagem ao Brasil, Nocht dirigiu-se a Rocha Lima pedindo informações sobre o convite que havia recebido para exercer futuras atividades no país. O convite não estava relacionado à visita feita durante o centenário da Academia Nacional de Medicina, mas às articulações de Carlos Chagas junto ao comitê de Higiene da Liga das Nações, do qual era membro, para a criação de um Centro Internacional de Leprologia no Brasil. Conforme demonstra em trabalho recente Vívian da Silva Cunha (2011), em 1925 Chagas havia proposto a criação de uma comissão especial para a lepra, destinada a aprofundar os estudos epidemiológicos, sua incidência nos países em que prevalecia e os métodos disponíveis de profilaxia e tratamento. Chagas chamara atenção para a importância de um espaço de colaboração científica internacional nas pesquisas de uma doença que tenderia a assumir relevância cada vez maior no quadro das patologias globais (Cunha 2010, p. 100). Ele esforçou-se para que esse espaço institucional fosse criado no Brasil, onde a doença era foco de atenção dos serviços de saúde pública e no qual havia uma expertise no trato com a mesma, em termos de pesquisas e de políticas públicas, estas concentradas, principalmente, no isolamento e tratamento dos doentes. Conseguiu que o mecenas Guilherme Guinle dispusesse os recursos para a implantação do que seria o Centro Internacional de Leprologia. O Comitê de Higiene da Liga das Nações interessou-se pela iniciativa, uma vez que a questão do financiamento já estava solucionada de antemão. Em 1928, foi criada uma Comissão de Lepra, chefiada por Chagas. No ano seguinte, o secretário desta comissão, Etienne Burnet, veio à América do Sul, passando pelo Brasil, para verificar o estado das pesquisas e do tratamento da doença, bem como a disposição dos leprologistas locais em colaborar nesse esforço internacional (Idem, p. 104-115). De volta à Europa, Burnet procurou Nocht, convidando-o para fazer uma viagem ao Brasil no verão seguinte (fins de junho) a fim de organizar o “instituto de pesquisas de lepra”, fazer propaganda do mesmo entre os círculos locais e acertar um plano de trabalho. A cada dois anos ele iria para o Rio de Janeiro, onde ficaria durante mais ou menos sete meses.⁹⁶⁵

A aposentadoria de Nocht da direção do *Tropeninstitut* estava prevista para outubro de 1930. Ele achava interessante a atividade sugerida, “se bem que, ao que parece, não

⁹⁶⁵ Carta de Bernhard Nocht a Rocha Lima de 19.12.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

totalmente satisfatória”.⁹⁶⁶ Desconhecendo as condições gerais relacionadas à criação do Instituto, o estado das negociações e as circunstâncias no Brasil ligadas a isso, Nocht escreveu a Rocha Lima, pedindo que ele desse sua opinião sobre o assunto “sem reservas”, e lhe comunicasse tudo que sabia a respeito. Queria saber como o projeto estava sendo encarado no Brasil e as circunstâncias nas quais exerceria suas atividades. “Tudo depende do que o Senhor me escrever”, afirmou o diretor do *Tropeninstitut*. “Considere em seu parecer, que eu estou velho e com pouca vontade de assumir trabalhos dispendiosos e que possam trazer eventuais aborrecimentos”, ressaltou. Também salientara a Burnet a questão da idade avançada (estava com 73 anos), e o fato de não ser um especialista em lepra. Porém, o pesquisador francês contra-argumentou que os conhecimentos sobre a “questão da lepra” eram tão escassos, que facilmente, mesmo sem ser especialista, poder-se-ia obter uma visão geral do estado da arte.⁹⁶⁷

Rocha Lima manifestou a mesma opinião a Nocht: “Seu vigor físico é invejável e causou admiração em todos aqui”, escreveu ao cientista alemão.⁹⁶⁸ Ao contrário do que ele havia suposto, o pesquisador brasileiro não estava por dentro das questões concernentes ao Centro Internacional de Leprologia. Recebera visita de Souza Araújo, principal especialista em lepra no Brasil, e diretor do laboratório de leprologia que Chagas implementara em Manguinhos. Araújo lhe afirmara, em caráter confidencial, que o “Creso” Guinle aparentemente não queria assumir as dificuldades financeiras pelas quais passava, mas supunha que ele não estaria em condições de dispor da grande soma prometida para a instalação do centro de pesquisas.⁹⁶⁹ Rocha Lima supôs que o mecenas trataria o assunto tentando adiar o máximo possível as negociações. Por isso, o Instituto de Lepra seria um projeto cuja realização levaria um longo tempo, “talvez anos”, se dependesse exclusivamente do dinheiro brasileiro. Sugeriu que Nocht fizesse uma “viagem exploratória” para sondar as circunstâncias mais de perto.⁹⁷⁰

⁹⁶⁶ Carta de Bernhard Nocht a Rocha Lima de 24.06.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁶⁷ Carta de Bernhard Nocht a Rocha Lima de 19.12.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁶⁸ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 17.01.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁶⁹ *Idem*

⁹⁷⁰ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 29.01.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Nocht esperava encontrar Chagas em reunião em Genebra, mas ficou sabendo que ele só iria em setembro. Teria de postergar até lá a decisão da vinda ao Brasil. Nesse meio tempo, recebeu carta de Clementino Fraga, diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, na qual informou que o governo brasileiro destinara 40 contos de réis para o assunto da lepra. Não sabia qual seria a contribuição de Guinle, mas aumentavam os rumores sobre sua dificuldade financeira. “Tenho a impressão de que certos sentimentos patrióticos estão em jogo”, confessou Nocht a Rocha Lima. Admitiu ainda, que considerava São Paulo local mais apropriado para os estudos sobre a terapia da lepra, pois ao contrário do Rio, onde “tudo ainda está para ser organizado”, possuía “um leprosário impecavelmente organizado, com hospital, laboratórios e muitos assistentes”. Referia-se a Santo Ângelo. Mas em sua opinião, nem Guinle, nem Chagas pareciam dispostos a abrir mão do Rio. Pediu que Rocha Lima se informasse com Souza Araújo sobre o assunto. Estava inclinado a aceitar o convite, pois estaria livre das obrigações do *Tropeninstitut* e a questão era bem vista em Genebra. Seu principal objetivo era testar e analisar comparativamente os diferentes métodos disponíveis de terapia da lepra. Para ele, era muito importante que Rocha Lima sondasse a opinião dos leprólogos locais. Se eles “não desejam a minha presença ou a vêem de maneira cética por eu não ser um leprólogo, eu desistirei da viagem.”⁹⁷¹

Depois de ter estado no Rio de Janeiro, Rocha Lima relatou a Nocht que não havia notado o menor interesse, nem de Guinle, nem de Chagas, pela questão do centro de leprologia. “Chagas compensa a falta de interesse com palavras harmoniosas e não se preocupa com nada a esse respeito.” Soubera que não havia nenhuma viagem prevista do diretor de Manguinhos à Europa. Sugeriu, mais uma vez, que o próprio Nocht viesse ao Brasil se inteirar do assunto e dispensasse a colaboração de Chagas. “Ele é uma pessoa inteligente, mas sabidamente nenhum pouco confiável”, emendou. Não era a primeira vez que se referia à apatia de Chagas e a seu caráter “pouco confiável”. Ele já havia dito o mesmo a Munk por ocasião da sua possível permanência em Manguinhos. Escrevera também a Mayer que Chagas só se interessava por aquilo que concernia diretamente à sua pessoa.⁹⁷² Seriam reminiscências das mágoas do passado? Informou que Souza Araújo encontrava-se em São Paulo. Havia deixado o Instituto Oswaldo Cruz devido a dificuldades que Chagas lhe impunha nas questões

⁹⁷¹ Carta de Bernhard Nocht a Rocha Lima de 05.07.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁷² Carta de Rocha Lima a Fritz Munk 05.11.1928. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

da lepra. Ele sempre privilegiaria o catedrático de dermatologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Eduardo Rabelo, para tratar dos assuntos referentes à doença, pondo Araújo de lado. Rocha Lima garantiu a Nocht que não havia qualquer objeção de ordem científica, política ou administrativa em relação à sua vinda. Ele podia contar com a mais amigável acolhida, não obstante a má-vontade geral que dizia predominar em relação à lepra, havendo pessoas que consideravam que a criação, no Brasil, de um instituto de leprologia da Liga das Nações, insinuava um país assolado por essa doença. Achavam melhor que o mesmo fosse instalado nas Filipinas, China “ou qualquer outro lugar”.⁹⁷³

Em abril de 1931, o Itamaraty finalmente comunicou ao presidente do Comitê de Higiene da Liga das Nações em caráter oficial, as condições nas quais o governo brasileiro estabeleceria o Centro Internacional de Leprologia (Cunha 2011, p. 121). Em junho do mesmo ano, Nocht comunicou ter aceitado o convite para colaborar no centro. Aportaria no Rio de Janeiro em 31 de julho com o vapor holandês *Gelria*. Mas ressaltou:

Acredito e espero que esteja claro para todos aí no Rio, que não se deve esperar para logo, a partir das atividades desse instituto de pesquisa, resultados brilhantes ou surpreendentes, e que seria uma sorte inaudita – como um grande prêmio de loteria – se logo este instituto estiver destinado a ultrapassar as barreiras intransponíveis que até agora, infelizmente, se apresentaram em todos os trabalhos dessa natureza, no campo da pesquisa laboratorial. Mas tudo o que é novo tem que ser testado. Só isso já constitui uma grande quantidade de trabalho. Atualmente as maiores esperanças estão na terapia, não no âmbito da quimioterapia, mas sim na continuidade da pesquisa do antigo método da terapia com óleo de chalmogra. Pensando nisso, escrevi para o Chagas e lhe pedi que, por enquanto, mantenha reduzidas as esperanças e expectativas depositadas no novo instituto⁹⁷⁴

Sobre a vinda de Nocht ao Brasil, consta no seu arquivo no *Tropeninstitut* notícia sobre a visita ao leprosário de Santa Isabel, em Belo Horizonte. Nela está relacionada toda a caravana de médicos que acompanhou o alemão na visita, que teria como objetivo “a

⁹⁷³ Carta de Rocha Lima a Bernhard Nocht de 15.08.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁷⁴ Carta de Bernhard Nocht a Rocha Lima de 24.06.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

fundação de uma filial do Instituto de Lepra em Belo Horizonte”.⁹⁷⁵ O arquivo pessoal de Rocha Lima não traz maiores informações sobre essa segunda visita de Nocht. Não sabemos se e em que medida ela contribuiu para a criação do Centro Internacional de Leprologia. A resposta da Liga das Nações, aceitando as condições apresentadas pelo governo brasileiro, veio em setembro de 1931. Tal como havia previsto Rocha Lima, o centro só foi inaugurado anos depois, em 1934, segundo Cunha (2011, p. 205), “por motivos administrativos, políticos e financeiros”. Etienne Burnet assumiu o cargo no comitê designado pela Liga das Nações para tomar parte na direção do novo centro (Idem). O Centro Internacional de Leprologia funcionaria até 1939, quando a retirada do apoio financeiro de Guilherme Guinle e mudanças no cenário internacional provocariam o encerramento de suas atividades (Idem, p. 206).

5.7. Iniciativas malogradas e bem-sucedidas: a vinda de Martin Mayer ao Brasil e o Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura (1929-1931)

Vimos que Rocha Lima passou o ano de 1927 para 1928 melancólico, com saudades de Hamburgo e dos colegas. “O que eu mais queria era transplantar todo o Instituto Tropical para cá. Talvez possamos ao menos trabalhar alternadamente com todos os colegas de lá, aqui.”⁹⁷⁶ Esse desejo não correspondia apenas aos sentimentos nostálgicos do cientista, mas também ao engajamento em favor da promoção da cultura germânica no Brasil.

Depois da participação de Nocht nas festividades da Academia de Medicina, Rocha Lima considerou oportuno dar continuidade ao êxito que vinha desde a visita de Jakob, no ano anterior. Há muito queria trazer ao Brasil Martin Mayer, o colega do *Tropeninstitut* com quem manteve relações mais próximas. “Agora chega o momento de realizar-se o meu grande desejo, de vê-lo aqui e de trabalhar com o senhor”, escreveu a ele em setembro de 1929.⁹⁷⁷ Ocasão singular para concretizar essa intenção deu-se durante recepção a Nocht na Legação Alemã, no Rio. Rocha Lima soube pelo adido da representação, Barão Sigismund von Bibra, que estavam sendo envidados esforços para o intercâmbio de intelectuais. Berlim já havia

⁹⁷⁵ Arquivo Histórico Bernhard-Nocht-Institut. Akte 2-9. Presseartikel.

⁹⁷⁶ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 27.12.1927. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁷⁷ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 04.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

liberado recursos com essa finalidade. Imediatamente, ele recomendou a vinda de Mayer, “como continuação natural e necessária das atividades de Nocht e Jakob”. Na presença de Nocht, do diretor da Faculdade de Medicina do Rio Aloysio de Castro, e do legado alemão, Hubert Knipping, aproveitou para discutir o assunto e deixar acertada a vinda do colega. Afirmou a este que em meia hora a idéia havia ganhado aceitação geral. A única restrição manifestada por Knipping foi a de que talvez o Departamento Cultural do *Auswärtiges Amt* se recusasse a trazer um hamburguês em detrimento de um berlinense.⁹⁷⁸

Em fins de agosto de 1929, Mayer havia escrito a Rocha Lima, “espantado” por ter ouvido de Nocht sobre a movimentação do diplomata alemão, pois este manifestara interesse no intercâmbio de professores que realizassem palestras e cursos em sua especialidade, tal como havia sido com Jakob. O pesquisador queria saber quais assuntos eram novos para o Brasil. Mostrou-se apreensivo, pois não estaria em condições de dar cursos, coisa que Aragão poderia fazer melhor que ele, argumentou. O interesse era em realizar pesquisas. Indagou quem financiaria a viagem e se deveria aprender português.⁹⁷⁹ Rocha Lima esclareceu que o colega não precisaria dar cursos, nem proferir palestras. Poderia dedicar-se apenas às pesquisas científicas. Ele propôs que Mayer fosse para São Paulo, ao invés do Rio. Justificou que na capital paulista ele poderia trabalhar de forma mais independente, o clima era menos quente e ali a ciência era levada mais a sério do que na capital brasileira. Em São Paulo assegurou que Mayer estaria envolvido “por interesses mais amistosos” do que no Rio, onde Chagas não se interessava por nada, e a má-impressão deixada por Kuczynski poderia acarretar frieza e indiferença ao pesquisador do *Tropeninstitut*.⁹⁸⁰ Recomendou ainda que ele trouxesse a família. Poderia ficar hospedado na mesma pensão onde estava. Calculou que cerca de 1000 marcos por mês seria suficiente para o casal levar uma vida satisfatória durante a estadia.⁹⁸¹

O que parecia uma excelente oportunidade para mais uma iniciativa bem-sucedida em favor da *Kulturpolitik* logo transformou-se em fonte de desencontros, impasses e conflitos. O

⁹⁷⁸ *Idem*

⁹⁷⁹ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 26.08.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁸⁰ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 12.12.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁸¹ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 04.09.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

legado alemão informou a Rocha Lima que planejava-se convidar o professor Oskar Vogt e a esposa. Vogt era um renomado neurologista do Instituto de Pesquisa Cerebral (*Institut für Hirnforschung*), em Berlim.⁹⁸² A sugestão para sua vinda havia partido do psiquiatra e neurologista brasileiro Ulisses Vianna, um dos membros do grupo que gravitava em torno de Juliano Moreira e demais expoentes daquela especialidade médica, em geral, de orientação pró-alemã. Em carta de 05 de dezembro de 1929, von Bibra comunicou a Rocha Lima ter conversado com Arthur Moses, de quem era bastante próximo, e ter comunicado a ele sobre os 6 mil marcos previstos para trazer Mayer.⁹⁸³ Correspondia à metade dos 12 mil acordados inicialmente com a Legação. O adido alegou que esperava que a outra metade fosse custeada pelo governo brasileiro. Mas Moses advertira que não considerava a época das eleições previstas para 1930 propícia para receber recursos do Itamaraty. Talvez Rocha Lima providenciasse um convite oficial e conseguisse a verba com o governo paulista, sugeriu o adido.

Rocha Lima afirmou ter ouvido que estavam previstos 20 mil marcos para trazer Oskar Vogt e a esposa, o que o levou a dirigir duros protestos à Legação alemã. Em carta a von Bibra de 12 de dezembro de 1929, queixou-se do que qualificou como “ofensiva e depreciativa injustiça”. Disse surpreso com a informação de que o Itamaraty custearia metade da viagem de Mayer: não havia nenhuma segurança de que isto de fato ocorreria, afirmou ele. Considerava mais que compreensível que o governo alemão assumisse sozinho as despesas,

⁹⁸² Nascido em Husum em 6 de abril de 1870, Oskar Vogt estudou medicina em Kiel e Jena, onde obteve seu doutorado em 1894. Trabalhou com o neurologista suíço auguste Forel num asilo em Zurique e em Leipzig com o neurologista Paul Flechsig. No Hospital Salpêtrière em Paris estudou neurologia clínica com Jules Dejerine, ocasião na qual conheceu sua esposa, com quem se casou em 1899. Começaram a trabalhar juntos num laboratório de neurologia estudando cérebros. O interesse de Vogt era determinar anatomicamente a localização da “fonte do gênio”. Tornou-se famoso por estudar o cérebro de Lênin. Atribuiu ao grande número de “células gigantes” encontradas no tecido do líder soviético uma prova de função mental superior. Em 1925 foi a Moscou, onde foi criado um Instituto de Pesquisas do Cérebro. Em 1931 foi nomeado diretor do recém-criado Instituto Kaiser-Wilhelm de Pesquisas do Cérebro, no qual sua esposa Cécile dirigiu o departamento de anatomia. Afastados do instituto pelos nazistas, construíram um instituto privado em Schwarzwald, inaugurado em 1937. Este foi desmantelado durante a Guerra. Ele e a esposa investigaram várias doenças extra-piramidais e foram pioneiros na pesquisa da esquizofrenia. Cécile morreu em 1962 e Oskar sete anos depois. Sobre Oskar Vogt e o Instituto de Pesquisas do Cérebro em Moscou ver Richter, 2006.

⁹⁸³ Carta de von Bibra a Rocha Lima de 05.12.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

pois Jakob e Nocht tinham vindo totalmente bancados pelo governo brasileiro. Os convites para cientistas alemães deveriam seguir os mesmos critérios na atribuição das subvenções. Mayer não apenas era um pesquisador tão destacado quanto Vogt – prosseguiu – como também seu campo de trabalho encontraria ressonância e interesse no Brasil, ao passo que o de Vogt não era seguido por ninguém aqui e nem o seria em curto prazo. Lembrou no relatório ao *Auswärtiges Amt* que já havia chamado atenção para a necessidade de trazer especialistas em campos adequados de atividade. O fato da esposa de Vogt ser também uma destacada pesquisadora não justificava o pagamento do quádruplo do valor previsto para o casal Mayer, argumentou, pois ela não vinha na qualidade de cientista. “Tomara que estas reflexões e este exemplo bastem para convencer as pessoas competentes da necessidade, tanto moral, quanto prática, de um tratamento justo e equânime no intercâmbio de professores” advertiu.⁹⁸⁴ Anexou cópia da carta enviada a Bibra à remetida a Mayer e vice-versa.⁹⁸⁵

Na carta a Mayer, Rocha Lima fez duras críticas à Legação e a Ulysses Vianna. Para ele, Vianna era um oportunista que já havia tentado ganhar protagonismo com a vinda de Jakob. Este “poderia lhe falar da vaidade infantil e pegajosa deste honrado colega”, escreveu ao pesquisador do *Tropeninstitut*. “Ele quer aparecer aos Vogts às custas do dinheiro do Estado, como um empreendedor generoso e influente e que os jornais falem dele, impondo as pesquisas do casal, que não interessam a ninguém” vituperou. Também referiu-se à injustiça da diferença de valores para a viagem dele e dos Vogt. “Estou curioso para saber no que vai dar isto, mas não quero esperar muito, apenas com base no que foi acordado oralmente com o ministro. Pensarei na viagem apenas quando ao menos os 12 mil marcos estiverem garantidos”, afirmou.⁹⁸⁶

O legado alemão caiu doente e o assunto da visita de Mayer ficou em suspenso. Ele já sido comunicado do convite brasileiro pelo cônsul em Hamburgo, mas não podia fazer nada

⁹⁸⁴ Carta de Rocha Lima a von Bibra de 12.12.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁸⁵ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 12.12.1929. Carta de Rocha Lima a von Bibra de 01.02.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. Nesta última escreveu: “Fiel de que o propósito apresentado sobre o assunto dos convites de professores, que não me é pouco conhecido, leve a negociações privadas ou confidenciais, envio-lhe agora do mesmo modo e com o mesmo objetivo a cópia da carta que enviei hoje ao Professor Mayer, tal como eu havia enviado a ele uma cópia da que mandei ao senhor (...) Na esperança de que agora o assunto esteja completamente esclarecido e resolvido, fico aqui com elevada consideração.”

⁹⁸⁶ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 12.12.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

em relação ao impasse com a Legação alemã. “Não estou em posição de tomar qualquer atitude que possa ser interpretada como um pedido de esmola”, escreveu a Rocha Lima.⁹⁸⁷ Perguntou ao colega brasileiro se os 20 mil previstos para trazer Oskar Vogt seriam arcados pelo governo alemão ou com recursos privados. Mayer também se disse surpreso com a redução pela metade da verba prevista para sua viagem, mas Nocht considerou natural, pois os 12 mil teriam agora de custear a vinda de dois pesquisadores ao invés de um. Talvez Berlim de fato preferisse enviar um pesquisador berlinense a um hamburguês, especulou.⁹⁸⁸

Em janeiro de 1930, Rocha Lima passou alguns dias no Rio. Esteve no *Cap Arcona*, que como vimos era o principal meio de ligação do Brasil com a Alemanha na época.⁹⁸⁹ Encontrou-se rapidamente com von Bibra, que referiu-se a 10 mil marcos que teriam sido acordados para a vinda de Mayer, como Moses poderia testemunhar, e não 12 mil, como ele afirmara. O adido alemão tornou a mencionar esse valor, em carta de 28.01.1930. “Deve tratar-se um erro referente à minha pessoa”, respondeu Rocha Lima à Legação. Argumentou que Moses não estava presente nos acordos com eles e ele não se lembrava de ter manifestado qualquer mudança de opinião nesse sentido.⁹⁹⁰ Tornou a escrever detalhada carta a Mayer, com cópia a Bibra, relatando minuciosamente o percurso das negociações. “O senhor verá daí que não ocorreu nenhuma falha de memória da minha parte”, afirmou ao colega.⁹⁹¹ Justificou a Mayer que esperava um posicionamento da Legação, mas que de forma alguma estava evitando imiscuir-se nos assuntos dos diplomatas. Manter-se-ia distante, a menos que fosse convidado. Pediu a Moses que transmitisse a von Bibra seu ponto de vista sobre o tratamento desigual dado à vinda do colega e do casal Vogt. Em conversa com Moses, notara que a vinda dos Vogt parecia questão resolvida, ao passo que a de Mayer permanecia pendente. Porém, a carta a Mayer sugere que as informações de Rocha Lima a respeito disso estavam equivocadas, motivo pelo qual o clima com os diplomatas alemães tornou-se mais tenso:

⁹⁸⁷ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 09.01.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁸⁸ *Idem.*

⁹⁸⁹ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 24.01.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁹⁰ Carta de Rocha Lima a von Bibra de 03.02.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁹¹ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 29.01.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Do que pude depreender de um curto encontro com o senhor von Bibra no *Cap Arcona*, parece que na Legação Alemã, esses mesmos esforços em favor da *Kulturpolitik*, pelos quais o senhor e o Professor Nocht me agradecem, para minha grande tristeza foram levados a mal. Nesta ocasião, eu soube (pois a minha carta de 12 de dezembro ficou até hoje sem resposta) que esses esforços foram completamente em vão, pois tudo já havia sido previsto e planejado na Legação, sendo que jamais pensou-se em tratar o senhor e o caso Vogt de forma desigual. O convite planejado para este casal não havia sido proposto dentro das condições que descrevi, de modo que minhas preocupações originadas de informações errôneas, eram tão inúteis, quanto inoportunas (...) Mantenho, no entanto, a esperança de ver chegar o tempo no qual o senhor poderá vir para cá sem tantas transações e mal-entendidos.⁹⁹²

Esta seria uma situação que os alemães chamariam de “*peinlich*”, ou seja, embaraçosa, constrangedora, desagradável. Rocha Lima reagiu de forma extremada ao que considerou um tratamento injusto por parte da Legação, baseado em informações aparentemente desconstruídas. “É compreensível que diante de tais condições o senhor von Bibra esteja irritado. Mas eu espero que os mal-entendidos sejam resolvidos nesse meio tempo” escreveu Mayer.⁹⁹³ O legado Hubert Knipping estava na Alemanha, prestes a retornar ao Brasil. Ele havia telefonado a Mayer antes da partida, transmitindo-lhe as informações que obtivera em Berlim. A viagem de Vogt ainda não estava resolvida. Eventualmente viria também ao Brasil o fisiologista Köhler, que havia sido convidado para ir à Argentina. Já a viagem do próprio pesquisador do *Tropeninstitut*, estaria prevista para o próximo ano, ou seja, 1931. “Adiado não é cancelado”, reproduziu Mayer o ditado alemão.⁹⁹⁴

Em carta a Rocha Lima de 24 de fevereiro de 1930, o adido von Bibra demonstrou certa irritação com o episódio. “De minha parte eu não gostaria de levantar toda a questão novamente”, escreveu.⁹⁹⁵ Porém, esclareceu que, ao contrário do que o pesquisador brasileiro

⁹⁹² *Idem.*

⁹⁹³ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 24.02.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

⁹⁹⁴ *Idem*

⁹⁹⁵ Carta de von Bibra a Rocha Lima de 24.02.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

escrevera a Mayer, seus conselhos eram tidos em alta conta na Legação e ele, pessoalmente devia muito a eles. Sobre a redução no financiamento da viagem, lembrou-se que durante o jantar em homenagem a Nocht, fora convencionado que o governo brasileiro assumiria metade dos custos. Mas como Moses aconselhara não ser a melhor época para isso, eles haviam se encarregado de financiar sozinhos a viagem. “Espero que o senhor continue se colocando ao lado da Legação com seus conselhos”, escreveu Bibra.

Para Mayer, a Legação Alemã havia feito tudo o que estava ao alcance para viabilizar a sua vinda. Como Knipping comunicara que a viagem estava prevista para 1931, a questão foi posta de lado. “Espero que no próximo ano ainda esteja disponível a quantia de 10 mil marcos oferecida por Knipping”, escreveu o pesquisador do *Tropeninstitut*. Mas em abril de 1930, uma nova instituição tomou para si a função de viabilizar a viagem de Mayer. Em 12 de abril de 1930, foi fundado nas dependências da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, o Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura, com a finalidade de “animar e manter o intercâmbio intelectual de professores alemães, austríacos e brasileiros, incumbidos de cursos especiais”.⁹⁹⁶ Tanto no nome, quanto no perfil, a nova instituição seguia o figurino do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, criado em 1922. Como já mencionado no capítulo anterior, este consistiu numa das principais instâncias da propaganda cultural francesa no Brasil (Suppo, 2000; Sá & Viana, 2010). A presidência do instituto ficava nas mãos do reitor da Universidade do Rio de Janeiro, à época Manoel Cícero. O organograma previa 3 vices-presidentes, cargos assumidos por Abreu Fialho, Antônio Austregésilo e Juliano Moreira. A secretaria geral foi entregue ao jurista Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, e a tesouraria, a Ulysses Vianna. Rocha Lima participou do instituto como sócio fundador, ao lado de Chagas, Miguel Couto, Henrique Schüler, Faustino Esposel, Victor Konder, Everardo Backheuser e Antônio Silva Mello, além dos 3 vice-presidentes.⁹⁹⁷ Eram considerados presidentes de honra, os ministros das Relações Exteriores e do Interior e Justiça, o diretor do Departamento Nacional de Ensino, os representantes da Áustria e Alemanha no Brasil, e os do Brasil nestes países. Deveria ser mantido com subvenções do governo brasileiro, alemão e austríaco e com doações privadas. A cerimônia de inauguração contou com a presença do

⁹⁹⁶ Estatutos do Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura. Rio de Janeiro: Niemeyer, 1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

⁹⁹⁷ Diploma de Fundador do Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura de 12.04.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

ministro das Relações Exteriores, Octavio Mangabeira, dos legados da Alemanha e da Áustria, Hubert Knipping e Anton Reteck, respectivamente, o diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Aloysio de Castro, do diretor do Departamento Nacional de Ensino e reitor da Universidade do Rio de Janeiro, Manoel Cícero, além dos sócios fundadores. Rocha Lima foi representado por Juliano Moreira.⁹⁹⁸

O Instituto Teuto-Brasileiro nasceu em caráter semi-oficial. Abrangia as principais autoridades envolvidas no intercâmbio intelectual e as personalidades mais engajadas ou apenas interessadas na aproximação com a Alemanha. A maior parte dos sócios é de personagens que já nos são conhecidos, pois estavam todos em maior ou menor medida comprometidos com as iniciativas concernentes às relações culturais entre os dois países. Cumpre observar que a fundação de tal instituto como ponto central da propaganda cultural alemã já havia sido sugerida por Rocha Lima no relatório apresentado ao *Auswärtiges Amt*, em 1926.⁹⁹⁹

Os trâmites para a vinda de Mayer foram assumidos pelo Instituto Teuto-Brasileiro. Em relação a Oskar Vogt, a chancelaria alemã comunicou que ele não poderia vir ao Brasil antes da segunda metade de 1930. O reputado neurologista requereu informações mais precisas sobre quem cobriria os custos.¹⁰⁰⁰ A vinda de Vogt não foi bem-sucedida, pois as fontes registram os trâmites para vinda de outro neurologista alemão junto com o pesquisador do *Tropeninstitut*: o diretor do Instituto Alemão de Pesquisa Psiquiátrica de Munique, Walther Spielmeier. Spielmeier era bastante conhecido pelas pesquisas sobre perturbações no sistema nervoso periférico e na função cerebral, em decorrência de problemas na circulação. Além do mais, havia escrito renomados livros sobre doenças nervosas, fisiologia e histopatologia do sistema nervoso.¹⁰⁰¹ Ulisses Vianna ficou responsável pelo convite ao renomado neuropatologista.

⁹⁹⁸ Estatutos do Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura. Rio de Janeiro: Niemeyer, 1930.

⁹⁹⁹ PAAA 61171 Ofício da Legação Alemã de 03.08.1927.

¹⁰⁰⁰ PAAA 63965 Ofício do Auswärtiges Amt ao Ministro Knipping de 04.02.1930.

¹⁰⁰¹ Walther Spielmeier nasceu em Dessau em 1879, formou-se em medicina na Universidade de Halle e tornou-se assistente de Alfred Hoche em Freiburg, onde criou um laboratório de histopatologia. Em 1911, publicou o importante manual sobre estudos microscópicos do sistema nervoso, graças ao qual foi convidado por Emil Kraepelin para suceder Alois

As negociações com a Legação para a vinda do pesquisador do *Tropeninstitut* prosseguiram no decorrer de 1930. Em agosto daquele ano, Rocha Lima comunicou-lhe que os meios para sua viagem já haviam sido depositados num banco. A visita estava prevista para o início de 1931. Relatou, ainda, que a questão com a Legação Alemã foi bem resolvida. “Eles finalmente compreenderam que eu queria o melhor também para a Legação”, comentou.¹⁰⁰² Em novembro de 1930, Mayer indagou a Rocha Lima sobre as condições da viagem. Queria saber se teria de apresentar cursos ou apenas fazer pesquisas. Relatou que Spielmeyer havia lhe escrito que recebera o convite em setembro, mas assim como o pesquisador do *Tropeninstitut* precisava saber dos detalhes.¹⁰⁰³ Nesse meio tempo, recebeu um convite para ir até a região que atualmente pertence ao território do Uzbequistão, mas que à época compreendia a União Soviética. Como precisava dar uma resposta imediata, tornou a consultar o colega brasileiro sobre a vinda ao Brasil. Ele havia recebido telegrama do Instituto Teuto-Brasileiro, que dizia que era esperado no Brasil em maio ou junho, tendo 20 contos à disposição (cerca de 8 mil Marcos). Em breve, seguiria convite do Legado alemão no Rio. Mayer informou que estava interessado em pesquisar leishmaniose, doença de Chagas, tracoma, piroplasmose e mal das cadeiras. Como a quantia disponível era menor do que a inicialmente prevista, comunicou que não viria com a esposa, pois não teriam condições de pagar do próprio bolso.¹⁰⁰⁴

Em sessão do comitê do Instituto Teuto-Brasileiro de fevereiro de 1931, foi decidido que Mayer viria em abril ou maio. O convite seria transmitido por telégrafo para que ele tivesse tempo de se preparar.¹⁰⁰⁵ Ulisses Vianna tentou conseguir uma verba de 20 contos de réis para a vinda de Walter Spielmeyer através do ministro da Educação Francisco Campos, nomeado pelo governo provisório de Getúlio Vargas, que assumiu o poder em outubro de

Alzheimer no laboratório de anatomia da clínica psiquiátrica de Munique. Foi nomeado catedrático em 1913 e em 1917 tornou-se diretor da seção de histologia do recém-fundado Instituto Alemão de Pesquisa Psiquiátrica, onde trabalhou com Franz Nissl e Felix Plaut. Com financiamento da fundação Rockefeller a Kaiser Wilhelm Gesellschaft nomeou em 1928 Spielmeyer como diretor do Instituto de Patologia do Cérebro, no qual permaneceu até a morte por tuberculose, em 1935.

¹⁰⁰² Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 15.08.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁰³ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 21.11.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁰⁴ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 22.01.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁰⁵ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 16.02.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

1930. Mais uma vez, Rocha Lima protestou ao ministro alemão contra o favorecimento de um dos visitantes. Para ele, tratava-se de questão privada de Vianna, e não de um assunto do Instituto Teuto-Brasileiro, como talvez tivesse dado a entender ao Ministro da Educação. Mayer só aceitaria o convite se tal diferença fosse esclarecida. A verba prevista para sua vinda era de 10 ou 12 mil marcos, dependendo da aprovação do governo brasileiro. Rocha Lima pediu informações mais claras sobre o montante disponível, pois queria “poupar o muito honrado colega Martin Mayer de qualquer decepção com o Brasil, mesmo a menor, e, por outro lado, acredito estar servindo desta forma aos interesses do Instituto Teuto-Brasileiro”, acrescentou.¹⁰⁰⁶ A Mayer, relatou:

Mais uma vez tive que lutar contra a tendência que sempre reaparece no nosso amigo Ulysses Vianna, de tratar os intelectuais convidados de modo desigual para que o escolhido fique devendo-lhe favores e alimente publicamente a sua conhecida vaidade através de elogios e agraciamentos¹⁰⁰⁷

Em esclarecimento, Knipping informou a Rocha Lima que o governo alemão havia disponibilizado 20 contos de réis para a estadia de Mayer. Como Berlim não havia disponibilizado recursos para a visita de Spielmeyer, Ulisses Vianna tentava conseguir o valor com o Ministério da Educação, mas ainda não havia obtido nenhuma resposta definitiva. De qualquer forma – esclareceu o legado alemão – não haveria diferença de valores.¹⁰⁰⁸ Rocha Lima comunicou a Mayer que apenas 20 mil réis (aproximadamente 8 mil marcos) estariam à sua disposição. Sugeriu que ele poderia abreviar a estadia de acordo com o montante: ficaria de 6 a 8 semanas ou menos tempo, se considerasse a quantia insuficiente. Avaliou que com mil marcos, o colega e a esposa poderiam se manter bem por 2 meses e ainda sobriaria dinheiro para as viagens. “Nada lhe será exigido ou esperado, que o senhor não possa fazer”, tranqüilizou Mayer. Ele poderia trazer palestras já preparadas, não precisando se incomodar com mais nada. Caso encontrasse material de alguma doença, poderia pesquisá-la à vontade. Do contrário, poderia passear ou dormir. Acreditava que dessa forma, ele serviria melhor à causa alemã do que se recusando em vir. O importante é que ficasse por algum tempo com os jovens pesquisadores do Instituto Biológico e, eventualmente, de Manguinhos “para que as

¹⁰⁰⁶ Carta de Rocha Lima a Hubert Knipping de 03.02.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁰⁷ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 13.02.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁰⁸ Carta da Legação Alemã a Rocha Lima de 05.02.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

relações pessoais e científicas possam se desenvolver por elas mesmas”.¹⁰⁰⁹ Logo depois, informou-lhe sobre as condições da visita tal como estabelecidas em sessão do Instituto Teuto-Brasileiro: este ficaria responsável pelo convite, tanto dele, quanto de Spielmeyer. Eles permaneceriam no Brasil entre os meses de maio e julho. Não deixou de relatar ao colega a iniciativa de Ulysses Vianna de conseguir 20 contos de réis através do ministro da educação: “Em relação a essa tentativa unilateral do sr. Vianna junto ao Ministro da Educação, não concordei, por tratar-se de um esforço pessoal (...) mais uma vez, posicionei-me contra qualquer desigualdade sem fundamento.”¹⁰¹⁰

Quando tudo parecia resolvido, Mayer escreveu a Rocha Lima que as dificuldades pessoais que este enfrentava tornavam-no inseguro de vir. Mais adiante veremos a que dificuldades referia-se o alemão. Justificou que não teria condições de dar palestras, pois no Brasil existiam muitos especialistas em sua área. Não traria novidades suficientes a ponto de oferecer cursos, como havia feito Jakob, e agora, estava previsto que faria Spielmeyer em sua visita. Ao contrário do que argumentara o colega, acreditava que não servia à causa alemã vindo para “dormir e passear”. Pediu que Rocha Lima explicasse os motivos para o Legado Alemão e aos pesquisadores do Biológico. “Mais tarde, quando as condições de trabalho estiverem normalizadas, talvez eu possa ir”, escreveu Mayer.¹⁰¹¹ Nosso personagem tomou a sério a sugestão. Quando Knipping deixou a Legação brasileira em 1932, ele pediu, junto às congratulações e condolências pelo seu afastamento, que ele ainda tentasse viabilizar uma visita de Mayer por três meses no Brasil, mais especificamente, no Instituto Biológico de São Paulo.¹⁰¹² Mas as circunstâncias turbulentas da Alemanha nos anos seguintes, e da vida institucional do Biológico inviabilizaram a vinda do médico tropical.

Mais bem-sucedidos foram os esforços de Ulysses Vianna: Walther Spielmeyer esteve no Brasil em junho de 1931, visitando o Rio e São Paulo. No Rio, ofereceu curso de neuropatologia, frequentado pelos estudantes e especialistas, e realizou durante um mês

¹⁰⁰⁹ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 13.02.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰¹⁰ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 16.02.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰¹¹ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 17.03.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰¹² Carta de Hubert Knipping a Rocha Lima de 20.12.1932. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

trabalhos em sua disciplina.¹⁰¹³ Na capital paulista, foi convidado por Rocha Lima para proferir palestra no Instituto Biológico. Dissertou sobre a encefalite, sobre a qual enviou trabalho ao pesquisador brasileiro. Depois de retornar à Alemanha, agradeceu-lhe pela disponibilidade e gentileza que este teria lhe dispensado durante a estadia nas duas cidades. Na mesma carta, comunicou a morte prematura de Alfons Jakob: “Eu sei que o senhor foi muito ligado a ele por laços de amizade e posso compreender, como a sua morte também deve lhe ser dolorosa”.¹⁰¹⁴ O necrológio de Jakob no Brasil foi escrito por Juliano Moreira (Moreira, 1931).

5.8. Crise pessoal, institucional e social: Rocha Lima num período de turbulências (1929-1932)

“De sua carta pude perceber um extremo nervosismo. Espero que o senhor volte a se sentir bem e superar a sua instabilidade psíquica (...) A sua esposa também nos passa uma impressão de intensa nervosidade e perdeu 12 libras de peso” escreveu Alfons Jakob a Rocha Lima, em agosto de 1929.¹⁰¹⁵ A carta de Jakob toca numa dimensão da vida pessoal de nosso personagem que pouco aparece nas demais fontes. Alice, com quem ele se casou em 1923, é uma personagem secundária, ausente mesmo, cuja existência e ligação com o brasileiro aparecem apenas nas saudações formais de despedida. Depois do retorno ao Brasil, sua figura ganhou vulto, em virtude dos conflitos que ela provocou na vida pessoal do cientista. Em carta a Munk, escrita no auge dos acontecimentos que culminaram no divórcio, Rocha Lima escreveu ao amigo palavras nada lisonjeiras sobre a esposa:

Uma mulher insensível e grosseira. A única causa direta e indireta de todos os acontecimentos que transformaram minha vida nesses últimos sete anos num inferno. Cada descrição das mentiras sistemáticas aparentemente patológicas, do cinismo falso, do fingimento astuto, da arte da calúnia a sangue frio, do vício da intriga e da ânsia fanática e repugnante por dinheiro, nada disso poderia oferecer um pálido esboço da inacreditável realidade, nem que fosse nas cores escuras da trama de um

¹⁰¹³ “Professor Walther Spielmeier”. In *A Medicina Germânica ao alcance de todos*, v. IV, n. 7, p.119-22, 1935.

¹⁰¹⁴ Carta de Walther Spielmeier a Rocha Lima de 15.01.1932. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰¹⁵ Carta de Alfons Jakob a Rocha Lima de 04.08.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

romance barato e sujo (...) Nunca uma opinião própria, mas sempre concordava com os outros na intenção de agradar, nunca um desejo espontâneo ou mesmo um prazer, mas apenas a reprodução chorosa de uma compaixão fingida (...) Nossos únicos pontos em comum eram a vida social e os divertimentos, viagens, excursões, etc. Essas coisas tinham que ser mantidas. Assim, essa comédia de salão, aparentemente alegre, foi apresentada durante anos, mantendo as aparências sem chamar a atenção.

1016

A caracterização tão pouco generosa da vida conjugal talvez estivesse relacionada ao calor dos conflitos. Só conhecemos a versão dos fatos de uma das partes. Conforme Rocha Lima relatou a Munk, estava sendo chantageado pela esposa. Do relato, é possível perceber, que já em 1927 houve sérios embates conjugais, que teriam sido potencializados pela crise alérgica da febre do feno, a crer no diagnóstico de Jakob. Mas desde que o casal chegou no Brasil, eles haviam se tornado ainda mais intensos. O pivô da crise foi a jovem Else Seiler. De acordo com Rocha Lima, Alice tinha tendência a plantar intrigas e maledicências, mantendo-o “numa rede de mentiras e hipocrisias” e opondo os amigos e familiares uns aos outros. Logo, ela se voltou contra sua assistente, procurando afastá-la da intimidade e tratá-la como uma empregada. Ao que tudo indica, a esposa suspeitava de que ambos estavam mantendo um caso. “Apesar da superioridade intelectual, da sua sinceridade e da sua fidelidade, [Else] fez que não percebia nada, nunca deixou de cumprir os desejos, apesar disso ser uma característica da juventude e das mulheres atraentes.”¹⁰¹⁷ Ele atribuiu tal comportamento à inveja e ressentimento que a esposa tinha da projeção que as atividades dele e da secretária adquiriam no Biológico. Alice foi para a Alemanha, onde permaneceu por um ano. Segundo a carta de Jakob, encontrava-se bastante nervosa. Retornou ao Brasil e pôs-se a chantagear Rocha Lima, aparentemente ameaçando-o de tornar pública a suposta relação com a secretária. “Através de boatos por toda a cidade, a Else caiu em suspeita e através das artes cínicas, frias, mentirosas de Alice, foi colocada como pivô das nossas desavenças familiares”, relatou a Munk. Ele sugeriu que a esposa retornasse à Alemanha, para onde remeteria mensalmente metade de todos os seus vencimentos. “Ela não queria ficar como beneficiária e

¹⁰¹⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 21.11.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰¹⁷ *Idem.*

deixar-me viver e trabalhar como quisesse. Ela quer me arruinar, enriquecer e pretende mais tarde me chantagear ainda mais se valer a pena”, relatou.¹⁰¹⁸

Na ocasião em que descreveu sua crise conjugal ao amigo, Rocha Lima pediu que ele abrisse uma conta na França ou Suíça, com dinheiro à disposição dele e de Else Seiler. Como o câmbio estava desfavorável e proibida a remessa de dinheiro para o exterior, solicitou que Munk depositasse a quantia em marcos e ele pagaria em ações. “Para evitar um desfecho sanguinolento, serei obrigado a buscar a minha paz na distância e por isso estou pensando numa imigração para a Europa, de qualquer forma para a França e para a Suíça.” A ex- esposa tornara inviável sua vida em São Paulo. Relatou ao amigo que evitava ao máximo ficar em casa. As dificuldades que passou a enfrentar no Biológico e as obrigações ligadas ao cargo o impediram de desesperar por completo, mantendo-o calmo, alegou a Munk. Negociou com Alice as condições do divórcio e ela retornou à Alemanha. Mantiveram correspondência por anos a fio, que infelizmente não foi consultada. O pivô da separação também voltou ao país de origem. Divorciado, Rocha Lima deixou o hotel onde morava e mudou-se para uma “pequena casa com jardim na região mais bonita de São Paulo”, na Rua Guadalupe, no Jardim América. Relatou a Munk que durante um ano permanecera com os nervos bastante abalados.¹⁰¹⁹ Tempos depois, Rocha Lima conheceria Lygia Costa, filha do renomado político Fernando Costa, também divorciada, com um filho e com quem viveu até o fim da vida.

Os conflitos na vida pessoal coincidiram com abalos na vida econômica e política do Brasil, os quais refletiram na dinâmica institucional do Biológico e, por consequência, na trajetória de Rocha Lima. Em 1929, a quebra da bolsa de Nova Iorque e a consequente crise econômica norte-americana breve assumiram dimensão de cataclisma global. Os EUA eram o maior país exportador do mundo e o segundo maior importador. Eram os principais consumidores do café brasileiro, de modo que o colapso logo impactou nas exportações do produto. A retração abrupta das exportações aumentou ainda mais os estoques que controlavam o fluxo e os preços do café no comércio internacional. As políticas de valorização, estabelecidas pelo Estado brasileiro, haviam estimulado a superprodução desde o início dos anos 1920. Cerca de 2/3 do café consumido no mundo vinha de São Paulo. Ele correspondia a 3/4 das exportações brasileiras. Nesse cenário de dependência quase absoluta do

¹⁰¹⁸ *Idem.*

¹⁰¹⁹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 10.07.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

café, não surpreende que pouco antes da quebra da bolsa de Nova Iorque, em agosto de 1929, Munk alertasse Rocha Lima sobre a crise prevista para vir dali dois anos: “Gostaria de comunicar-lhe que, de acordo com varejistas e comerciantes argentinos, a economia brasileira deverá passar por uma crise, que ocorrerá daqui a dois anos. Se essa falação de Cassandra ajuda nalguma coisa, não sei como”.¹⁰²⁰

Os efeitos da crise econômica sobre a cafeicultura estenderam-se pelos anos seguintes. Somente no final dos anos 1930 o café recuperaria os preços anteriores ao colapso. A cotação da saca no mercado internacional caiu de 200 mil-réis, em agosto de 1929, para 21 mil-réis, em janeiro do ano seguinte. A crise trouxe a falência de muitas famílias de São Paulo e representou duro golpe na economia que se assentava sobre o café. Ela também impactou nos rendimentos do Instituto Brasileiro de Microbiologia, laboratório privado que Rocha Lima permanecia mantendo com Moses e Aragão. Além disso, fez cair o preço das ações das grandes tecelagens, setor mais importante dos bens da família Mendes Campos. Nosso personagem, que possuía algumas delas, comentou com Munk que haviam caído tanto a ponto de querer livrar-se delas por qualquer preço.¹⁰²¹

Como as divisas do café financiavam grande parte da dívida pública brasileira, a crise econômica sem precedentes na história do capitalismo também acarretou severo estrangulamento financeiro do Estado. O maior estado cafeicultor foi, como era de se prever, um dos mais afetados. O Instituto Biológico sofreu com as restrições orçamentárias: os trabalhos de construção da nova sede foram interrompidos, e a publicação dos *Arquivos do Instituto Biológico* também ficou ameaçada.

Em 1930, Rocha Lima ajudou a organizar a participação do Biológico na exposição que ocorreria na Diretoria da Indústria Animal. “Dela depende muita coisa do instituto, pois em razão da pesada crise financeira, o seu desenvolvimento está seriamente ameaçado”, relatou a Martin Mayer.¹⁰²² A exposição geral dos serviços da secretaria da Agricultura reuniu as principais autoridades do governo, inclusive o governador e secretários (Martins 1991, p. 246).

¹⁰²⁰ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 24.04.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰²¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 06.06.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰²² Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 15.08.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Mas o maior ônus do Biológico referiu-se às perturbações de ordem política, acentuadas pelos efeitos da debacle econômica. Neiva era conhecido pelas hábeis articulações políticas. Rocha Lima alude a essa característica com palavras menos generosas: “um colega (...) muito inteligente e esperto, mas muito pouco estimado por causa da sua personalidade (...), mas que é principalmente um semeador de intrigas políticas, bastante temido por sua habilidade e temeridade.”¹⁰²³ O diretor do Instituto Biológico estava ligado a um dos grupos do complexo consórcio de forças que assumiu o poder com Getúlio Vargas em 03 de outubro de 1930. A causa imediata da chamada “revolução de 1930” foi a contestação da posse do paulista Júlio Prestes como sucessor do presidente Washington Luís, um arranjo que contradizia a chamada política do café-com-leite. Esta previa a alternância entre paulistas e mineiros na presidência. Entre os fatores conjunturais daquele evento, estavam o descontentamento com a dinâmica política que vigia na República brasileira, a predominância de algumas oligarquias agrárias e das políticas econômicas agrícolas, bem como dissidências intra-oligárquicas, e demandas de grupos sociais como classes médias urbanas, e de segmentos como os chamados “tenentes”. Um dos líderes desses últimos era João Alberto Lins e Barros, figura de destaque na coluna Prestes, nomeado por Getúlio Vargas interventor do estado de São Paulo. Neiva estava ligado ao grupo de João Alberto, e foi nomeado por este Secretário do Interior do seu governo. Mas permaneceu por pouco tempo no cargo: em janeiro de 1931, foi designado interventor na Bahia, seu estado natal. A duração nesse posto foi igualmente curta. Depois de seis meses, teve de deixá-lo, devido a um ambiente político completamente hostil. Um dos estopins para o descontentamento que culminou no seu afastamento foi a lei municipal de 08 de julho de 1931, através da qual pretendia reduzir as despesas públicas, centralizar a administração, restabelecer as economias locais e redesenhar o mapa político do estado, extinguindo os municípios com menos de 20 mil habitantes. A medida desagradou profundamente os caciques políticos, aos quais se juntaram outros setores que apoiavam o governo revolucionário instaurado por Vargas (Carvalho, 2005; Pinho, 2010).

No período em que Neiva atuou na interventoria na Bahia, Rocha Lima o substituiu na direção do Biológico. Comentou com Mayer, que, por conta disso, vivia:

uma situação complicada e perigosa no instituto, cujo diretor geral se afastou e a quem tenho que substituir numa atmosfera de revolução e de paixões políticas

¹⁰²³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 10.07.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

desenfreadas. Muito pouco dinheiro, reorganizações por todos os lados, renovações, economia e um espírito revolucionário acompanham cada mudança repentina. A ciência e o valor científico tem apenas um papel secundário em tudo isso. Assim, não sei o que aguarda a mim e a meu instituto.¹⁰²⁴

Não bastasse o clima turbulento, Rocha Lima enfrentou conflito com o diretor da seção de bacteriologia, Genésio Pacheco. Relatou a Neiva que já há algum tempo este desrespeitava algumas normas disciplinares da divisão animal: alterava pedidos de compras para os laboratórios, desviava funcionários dos seus postos de trabalho e contrariava ordens. Numa das incursões que fazia pelo instituto durante a chegada, Rocha Lima deparou-se com um grupo de pessoas desconhecidas no laboratório de Pacheco. Veio a saber que tratavam-se de frequentadores de um curso. Mesmo com as notificações formais de que a ocorrência de cursos deveria ser informada, assim como a presença de qualquer pessoa estranha nas dependências do instituto, o bacteriologista não se retratou. “Levei em atenção a você muito mais longe essa minha tolerância, do que a minha consciência permitia”, relatou Rocha Lima a Neiva. Pacheco era uma figura cara ao diretor do Biológico. Rocha Lima chegou a informar o diretor da divisão vegetal Adalberto Queiroz Telles do caso e o então secretário de agricultura, Edmundo Navarro de Andrade. Também pediu conselhos ao diretor do Butantan, Afrânio do Amaral, sobre como proceder. Em resposta às notificações, Pacheco informou em ofício a Rocha Lima, que “em vista das dificuldades opostas por esta sub-diretoria ao tal curso, resolvi dar por terminado o dito”¹⁰²⁵. Diante do que considerou como atitude “altamente desrespeitosa e indisciplinada”, Rocha Lima enviou uma carta de repreensão ao pesquisador.¹⁰²⁶ Justificou a Neiva que esperava demonstrar com isso, “a vantagem de haver certo respeito mútuo em nosso instituto.”¹⁰²⁷ Dá para perceber aqui o valor que ele atribuía à ordem, disciplina e hierarquia, elementos que considerava fundamentais para o bom andamento de uma instituição científica. Ficou bastante contrariado quando soube que o

¹⁰²⁴ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 16.02.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰²⁵ Ofício de Genésio Pacheco de 11.06.1931. Anc 10.04.1926. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc- FGV, RJ.

¹⁰²⁶ Carta de Rocha Lima a Genésio Pacheco de 15.06.1931. Anc 10.07.1928. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc- FGV, RJ.

¹⁰²⁷ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 30.07.1931. Anc 10.07.1928. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc- FGV, RJ.

“recalcitrante” havia sido nomeado chefe de um laboratório de bacteriologia agrícola, na Divisão Vegetal, e depois, designado pelo secretário de Agricultura para a Diretoria Animal. As “manifestações de desrespeito” de Pacheco – advertiu Rocha Lima a Neiva – só seriam explicáveis “por se sentir com as costas quentes”.¹⁰²⁸

O afastamento de um protegido de Neiva do Biológico trouxe um certo mal-estar na relação com Rocha Lima. Num contexto de crise, paixões políticas, conflitos e incertezas, o mal-estar ganhou vulto ainda maior. O fundador do Instituto alçava vôos altos no domínio da política, colocando-se no epicentro das súbitas transformações trazidas com o golpe de 1930. Em julho de 1931, João Alberto, por quem Neiva, de acordo com Rocha Lima, nutria “quase fanático entusiasmo”, deixou o governo de São Paulo. As medidas controversas tomadas em sua gestão opuseram-no às elites paulistas, inclusive aos apoiadores da revolução, aglutinados no Partido Democrático, que chegou a romper com o governo de Vargas. Entre as polêmicas disposições do tenente, estava a autorização do funcionamento do Partido Comunista Brasileiro e a tentativa de organizar as massas em apoio ao novo regime, descontentando os grupos políticos locais. Em fins de junho de 1931, Rocha Lima havia escrito a Neiva sobre a solidez de um governo, que ironicamente cairia um mês depois. “Como é frágil o castelo da revolução, ou melhor, como tudo é frágil em um ambiente em que não se pode contar com respeito a princípio algum capaz de soffrear as paixões e os interesses pessoais”, comentou, surpreso sobre a queda de João Alberto.¹⁰²⁹ As intervenções políticas nas dinâmicas locais operavam realinhamentos. A filiação e lealdade a determinado segmento e as redes de relações determinavam vantagens e desvantagens a pessoas, grupos e instituições. Já vimos que Edmundo Navarro de Andrade foi secretário de Agricultura da interventoria de João Alberto. Era bastante próximo de Neiva e bem menos de Rocha Lima. De qualquer forma, segundo este, manifestava boa vontade em auxiliar o Biológico. Em virtude da crise, a instituição havia sido ameaçada de fechar, mas Navarro defendera sua manutenção. Os que gozavam de boas relações com o interventor, como o diretor da Faculdade de Medicina Sergio

¹⁰²⁸ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 18.08.1931. Anc 10.07.1928. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc- FGV, RJ.

¹⁰²⁹ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 30.07.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Meira, conseguiram auferir vantagens mais vultosas, como ampliações e aparelhamento interno do edifício da instituição.¹⁰³⁰

Com o afastamento de Neiva, Rocha Lima assumiu tarefas administrativas que se tornaram bem mais custosas devido ao contexto revolucionário e à crise econômica, que naquele ano de 1931 ainda era bastante severa. O governo provisório havia adotado como medida para remediar o colapso da economia cafeeira, a queima de grandes estoques de café mantidos nos armazéns reguladores. Procurou, dessa forma, evitar uma queda ainda maior dos preços pela oferta excessiva. Mas estes continuavam em níveis baixíssimos, comparados aos anos anteriores à crise. O Estado sofria com a crise cambial e o descalabro das finanças em virtude do déficit da balança comercial e a diminuição do fluxo de capital estrangeiro. “Estamos passando pela pior crise que o Brasil já viveu. Pode-se perceber certa tendência à melhora, porém revoltas militares podem colocar tudo a perder novamente”, relatou Rocha Lima a Munk, em maio de 1931.¹⁰³¹ Novos cortes no orçamento, previstos para o segundo semestre daquele ano, haviam impossibilitado a publicação do 5º volume dos *Arquivos do Instituto Biológico*, que deveria sair somente no ano seguinte. As obras de construção da nova sede também não seriam retomadas em curto prazo.¹⁰³²

Rocha Lima enfrentava ainda dificuldades com a comissão de compras. Atrasos nos pagamentos, fornecimentos errados e completo descontrole dos gastos, tornavam a tarefa de administrar o Biológico uma missão extenuante. “Sou obrigado a tudo fazer, desde as contínuas reclamações de ralos entupidos, gaiolas quebradas, contas de leite, pão e carne nunca pagas e daí para cima”. Tentava evitar “a desordem e desorganização”. Mas reclamou a presença de Neiva, queixando-se do seu desinteresse pelos assuntos do Instituto:

Embora não o julgasse acreditável, eu me sentia até agora na obrigação de tomar como um fato ao menos convencional, o desinteresse que você logo ao assentar-se na cadeira ministerial julgou dever manifestar com certa insistência em relação a todas

¹⁰³⁰ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 27.06.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰³¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 02.05.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰³² Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 27.06.1931. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc- FGV, RJ.

as questões do Biológico por mim levadas à sua apreciação (...) Assim, calei-me para não importuná-lo com notícias não reclamadas do nosso instituto¹⁰³³

Uma das questões mais delicadas que se impôs com o afastamento de Neiva do Biológico foi a da sua sucessão. Rocha Lima compartilhava com Adalberto Queiroz Telles, sub-diretor da Divisão Vegetal, as tarefas ao que vimos nada fáceis, de manutenção do Instituto em contexto de revolução. Das linhas escritas a Neiva, deduz-se que ambos se entendiam bem e não tocavam no assunto da substituição do diretor geral. De acordo com Rocha Lima, o então secretário de Agricultura, Edmundo Navarro de Andrade, era favorável a que ele assumisse o cargo interinamente, enquanto Queiroz Telles continuaria a auxiliá-lo na administração. Mas com a queda da interventoria de João Alberto, em julho de 1930, Queiroz Telles foi nomeado secretário de Agricultura pelo novo governante designado por Vargas, Lauro Ferreira de Camargo. Havia o boato de que um dos supostos sucessores do tenente, Plínio Barreto, pretendia fechar o Instituto Biológico se assumisse o poder, o que felizmente não aconteceu.¹⁰³⁴ É possível perceber que havia certa expectativa de Rocha Lima no sentido de Neiva apontá-lo como diretor interino. Em agosto de 1931, Neiva deixou a interventoria da Bahia, na qual sua situação política tornara-se insustentável, mas não retornou a São Paulo. Posteriormente, Rocha Lima relatou a Mühlens, que ele tentava garantir sua posição no instituto a todo custo, e que, por isso, adiara qualquer decisão relativa à direção, “nas águas turbulentas das agitações políticas e sociais”.¹⁰³⁵ Segundo ele, o colega atrapalhou politicamente sua nomeação, não por inimizade pessoal, mas pelo “medo de minha capacidade gestora administrativa, que certamente deixaria na sombra as suas concepções um tanto quanto relaxadas das atribuições de um diretor, e poderia colocar em cheque a necessidade de chamá-lo de volta”, argumentou.¹⁰³⁶ Em novembro de 1931, houve nova substituição na interventoria de São Paulo, sintoma da instabilidade política decorrente das tensas relações das elites locais com o governo de Vargas. O novo secretário da Agricultura pertencia ao grupo que gravitava em torno de João Alberto, mas mesmo assim o Biológico

¹⁰³³ *Idem*

¹⁰³⁴ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 30.07.1931. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc- FGV, RJ.

¹⁰³⁵ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 10.07.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰³⁶ *Idem.*

encontrava-se em situação crítica, enquanto que a Faculdade de Medicina, o Butantan, o Instituto de Higiene e a Diretoria Animal, obtinham vantagens, apesar da crise. “No momento só se fala no fechamento ou desmembramento do Biológico e, como urubus, já vêm os repórteres indagar diretamente a respeito da carniça” relatou Rocha Lima a Neiva.¹⁰³⁷ Este se encontrava no Rio de Janeiro, quando, em 16 de novembro de 1931, comunicou a Rocha Lima que não poderia voltar a São Paulo, porque considerou desvantajosas as propostas feitas pelo governo. Ele pretendia se aposentar, mas os quatro anos em que atuou no serviço sanitário e os oito, em que dirigiu a comissão contra a broca e o Biológico, não entrariam no histórico de atividades. Comunicou que Queiroz Telles também havia pedido a contagem do tempo para sua aposentadoria:

Ora, meu caro Rocha, você nunca soube o que foi o combate à broca e eu não estou disposto a recomeçar aquela inferneira quando todas as dificuldades cresceram. Agradeço de coração seu devotamento em colaborar comigo, para criar, no Brasil, um meio científico à altura dos melhores. Ser diretor para nada conseguir, destruir-me dentro da própria obra que eu construí, numa insensata manifestação de autofagia, diminuindo-me aos olhos dos companheiros e, sobretudo, dos moços que tanto entusiasmo e ideal possuem, eu não farei. Os acontecimentos de um ano para cá sulcaram profundamente a nação e mesmo eu, fui envolvido no turbilhão que ainda não cessou. Estou cumprindo o meu fadario, sofrendo muitíssimo quando me lembro do Biológico. Você, porém, que foi meu mestre e que tanto deu de sua energia, inteligência, cultura, conhecimento à obra que concebi e levei tão longe da realização, poderá continuá-la.¹⁰³⁸

Rocha Lima comunicou a retirada de Neiva numa das reuniões de sexta-feira. Naquele momento, “em que mais aguda e angustiosa se tornou a situação de abandono do Biológico” – palavras de nosso personagem - a direção do instituto paulista tornara-se um fardo por demais crítico. As disputas políticas e ambições de anexar a instituição inteira ou parcialmente tornaram bastante frágil a sua manutenção. Rocha Lima não possuía capital político para

¹⁰³⁷ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 28.11.1931. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc- FGV, RJ.

¹⁰³⁸ Carta de Arthur Neiva a Rocha Lima de 16.11.1931. Anc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc- FGV, RJ.

defender sua posição e a do Instituto. Ele demonstrou bastante irritação em saber, que enquanto estava em meio ao fogo cruzado, Neiva estava “confortavelmente instalado” na “sacada adoravelmente fresca e sossegada do terraço de Manguinhos” e “posando sorridente em fotos de jornais ao lado do onipotente coronel João Alberto”:

Custava-me a crer, que depois de ter deixado acéfalo o Instituto durante quase um ano você não viesse no momento mais crítico tirá-lo ao menos da condição de cão sem dono, a provocar a cobiça de vários diretores de outros institutos muito provavelmente desejosos de os engrandecer à nossa custa e a excitar os instintos destruidores dos invejosos e incapazes. De uma conversa com pessoa muito chegada a você, tive a impressão que você continua em todo o caso como diretor superintendente licenciado.¹⁰³⁹

Talvez a situação expressa na última frase fosse a fonte de tanta irritação. Numa atmosfera de disputas, Rocha Lima viu-se à frente de uma instituição em estado de abandono, sem poder defendê-la junto às instâncias políticas, que mudavam tão rápido quanto as circunstâncias e, principalmente, sem que Neiva deixasse oficialmente o cargo, nem capitalizasse seu prestígio político em favor do seu centro de pesquisas. Queiroz Telles também havia abandonado o barco. Certamente em virtude de seus cálculos políticos, Neiva retornou a São Paulo em 1932. O descontentamento com o governo de Vargas havia se acentuado desde o começo daquele ano. A capital paulista concentrava grande parte dos que defendiam o retorno da legalidade através de eleições e de formulação de uma nova constituição. Desconfiavam dos sucessivos adiamentos para a formação de uma assembléia constituinte. Em janeiro de 1932, um dos grupos de apoio ao movimento revolucionário, o Partido Democrático, rompeu com o governo. Em resposta às pressões paulistas, Vargas decretou, no mês seguinte, um novo código eleitoral. Nesse mesmo mês, formou-se a Frente Única Paulista, composição heterogênea, que incluía constitucionalistas das diversas matizes, classes médias e uma ala do antigo Partido Republicano Paulista. O chefe do jornal *O Estado de São Paulo* foi um dos líderes do movimento que intencionava erguer-se contra o governo provisório. Junto dos opositoristas, encontravam-se alguns oficiais militares ressentidos com a ascensão dos tenentes. Eles articulavam o apoio de grupos igualmente insatisfeitos com os

¹⁰³⁹ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 28.11.1931. ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

rumos da revolução em Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Em março de 1932 Vargas nomeou Pedro de Toledo na interventoria, com um secretariado composto apenas de paulistas, numa tentativa de aplacar os ânimos contra o seu governo. No entanto, a visita de Oswaldo Aranha à capital paulista, em 22 de maio, aumentou as desconfianças em relação às intenções de Vargas. Na noite seguinte, tropas invadiram um dos centros de concentração dos tenentistas, a Legião Revolucionária. Quatro rapazes foram mortos e a inicial dos seus nomes – MMDC (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo) – designou a entidade que assumiria papel decisivo na organização da guerra civil. Os esforços envolveram a indústria, mobilizada para a produção de armamentos e amplos segmentos da sociedade civil, que se engajaram na provisão de alimentos e roupas. Toda a sociedade foi conclamada ao alistamento voluntário. Na noite de 9 de julho de 1932, tropas comandadas por Isidoro Dias Lopes e Euclides Figueiredo tomaram pontos estratégicos de São Paulo. A movimentação foi deflagrada antes do previsto, privando os rebeldes de aliados como Minas Gerais e Rio Grande do Sul, que de última hora declararam lealdade a Vargas.¹⁰⁴⁰

O rádio foi um elemento bastante importante na mobilização da guerra. Através de discursos inflamados, os paulistas foram estimulados a se alistarem. Em 15 de julho de 1932, Rocha Lima pronunciou discurso. Justificou que o fez, instilado pelos “amigos paulistas”, por ser carioca “insuspeito de regionalismo”, e um cientista apolítico. Cabe a longa citação para compreendermos seu posicionamento em relação ao episódio:

Curvo-me por isso diante de opiniões, de que discordo, mas que muito acato, as quais insistem em admitir que possa eu, através do apreço que supõem merecer o meu testemunho junto aos cientistas de nossa terra, contribuir para uma melhor e mais exata compreensão dos acontecimentos de que é teatro a terra de São Paulo, fonte cada vez maior de justo orgulho para o Brasil. Embora sempre atento às grandes linhas da política brasileira é tal a distinção que separa o meu campo de trabalho científico daquele em que se debatem as questões de política partidária, que embora aqui estando em plena atividade, só vim a saber do movimento revolucionário na tarde de 10 de julho, quando, sem dúvida, quase todos os meus conterrâneos do Rio de Janeiro já lhe conheciam os detalhes. Sirva esta confissão para demonstrar a

¹⁰⁴⁰ Sobre a Revolução de 1932 ver Silva, 1967; Gomes, 1980; Capelato, 1981; Hilton, 1982; Abreu, 2008.

isenção de ânimo com que vi surgir este levante armado, o qual, como toda quebra de paz que é o ambiente indispensável para a ciência, só me podia inspirar profundo pesar. Procurando formar juízo seguro e imparcial sobre os acontecimentos que passaram a me preocupar completamente o espírito, deparei não com um pronunciamento militar a serviço de um chefe ou partido político, como era de supor, mas sim com um inesperado levantamento em massa de toda uma população empolgada por uma idéia. Este é o fenômeno de São Paulo, que analisado sem paixão regionalista, mas com coração brasileiro, com objetividade científica e com experiência adquirida naquele tempo de heróicos sacrifícios, que foi a grande guerra européia, desperta orgulho e confiança no futuro de nossa gente. O fenômeno de São Paulo, tenha ou não origem nas conveniências e agitações políticas, ele formou-se, tomou vulto e desprende-se pela sua grandiosidade e sua unanimidade de qualquer causa partidária que o possa ter iniciado, para se elevar à altura de um símbolo da pujança de nossa raça e de sua capacidade de sacrifício por um ideal. É essa feição impressionante de sua significação que antes de tudo devemos encarar e salientar sempre que cogitarmos mais da grandeza do Brasil do que das paixões agora desencadeadas.¹⁰⁴¹

Trata-se de um discurso habilmente estruturado, o qual busca, ao mesmo tempo, reconhecer a legitimidade da revolução paulista, sem ser adesista. Sob o manto da neutralidade e objetividade atribuídas à ciência, Rocha Lima deu seu aval ao “movimento oposicionista”, procurando conciliá-lo com o espírito instaurado com o governo de Vargas. Ambos continuam “mesmo com a vista perturbada pelas dissidências de agora”, “sincero esforço pela renovação do Brasil”.¹⁰⁴² Ele estava consciente que a adesão irrestrita a um ou outro lado, num momento em que as posições mudavam com extremo dinamismo, mais prejudicava do que favorecia. “Há sempre um punhado de batalhadores bem intencionados, mas estes marcham em terreno pantanoso sem saber que afundam, e quando um afunda, é

¹⁰⁴¹ Reproduzido em texto de Rocha Lima enviado ao Congresso em 1950, Datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁴² *Idem.*

maior o risco de serem todos arrastados...” escrevera a Neiva há quase um ano atrás.¹⁰⁴³ Certamente o exemplo deste o alertara para o risco dos alinhamentos entusiasmados. Por ser identificado com o grupo de João Alberto, Neiva deixara o Biológico dia 11 de julho, sem revelar para onde ia. Rocha Lima relatou anos depois que procurou seus amigos, mas estes lhe revelaram que o paradeiro de Neiva era confidencial. De São Paulo, ele retornou ao Rio de Janeiro.¹⁰⁴⁴ Versão diferente dos fatos contou Neiva ao amigo Monteiro Lobato em 1934.¹⁰⁴⁵ Relatou que se escondeu, aconselhado por seus amigos, entre os quais Adalberto Queiroz Telles, que temiam pela sua própria vida. Justificou que mantiveram em segredo seu destino, com medo de que Rocha Lima o denunciasse, pois este teria o firme propósito de tomar seu lugar na direção do Biológico. “O Rocha Lima tornara-se invisível e senti nele o inimigo poderoso, capaz de tudo...”, confessou a Lobato. De acordo com Neiva, o colega antecipou-se a ele na apresentação ao general Bertoldo Klinger, um dos que lideravam as tropas revolucionárias.

Veremos adiante que as controvérsias em torno desse episódio novamente viriam à tona depois de acalmados os ânimos revolucionários. De qualquer forma, é possível notar que Rocha Lima procurou fortalecer estrategicamente sua posição, sem assumir causas e compromissos políticos evidentes. Diferentemente de Neiva, seus objetivos estavam aparentemente mais referidos à sedimentação de seu posicionamento como cientista e à ambição de assumir os destinos do Biológico, do que propriamente em lançar-se à carreira da política, como era o caso do colega baiano. Nosso personagem procurou costurar as alianças que poderiam lhe servir de apoio, na conquista de prestígio, respeito e posição, no âmbito da comunidade intelectual e política paulista. Chegou a manifestar ressentimento pela falta de empenho de Neiva em integrá-lo ao seu influente grupo de amigos. Queixou-se por só ter podido visitar algumas das fazendas do interior paulista. Sem a vantagem da introdução, pelo então prestigiado Neiva, dedicara-se ele próprio a tecer suas redes. Informou, em junho de 1931, que passara a ir algumas vezes à redação do “Estado”, como vimos uma das mais

¹⁰⁴³ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 30.07.1931. ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro. .

¹⁰⁴⁴ Reproduzido em texto de Rocha Lima enviado ao Congresso em 1950. Fundo Rocha Lima – CMIBSP.

¹⁰⁴⁵ Carta de Arthur Neiva a Monteiro Lobato de 14.08.1934. ANc 1918.06.21 Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

influentes trincheiras de militância política e intelectual em São Paulo naqueles anos.¹⁰⁴⁶ Justificou que o fazia, “porque aí encontro às vezes uma roda interessante de palestra, que me alivia do isolamento intelectual em que vivo, e também por não ter a sensação de que tais visitas possam trazer qualquer vantagem pessoal”.¹⁰⁴⁷ Rocha Lima, afinal, não era tão apolítico quanto quer nos fazer crer, nem tão inocente em suas movimentações.

O levante em São Paulo durou 3 meses. Tropas federais, mineiras e gaúchas encurralaram os contingentes paulistas nas cidades limítrofes do vale do Paraíba, da região da Mantiqueira e na fronteira com os estados do sul. Os partidários de Vargas contavam com superioridade em soldados e armas. A mobilização das mulheres paulistas, o alistamento de voluntários, a coleta de jóias e outros produtos de valor para financiamento da luta e o entusiasmo ventilado pelo “regionalismo bandeirante”, não foram suficientes para derrotar as tropas federais e os aviões que chegaram a bombardear alguns pontos no interior do estado.¹⁰⁴⁸ Em outubro, os revoltosos capitularam. Soldados legalistas tomaram São Paulo. Um contingente de tropas gaúchas ocupou o prédio em obras da futura sede do Instituto Biológico, onde montaram acampamento. O comandante do destacamento do sul do país, general Waldomiro de Lima, assumiu o governo paulista. Em 18 de outubro de 1932, Neiva remeteu carta ao novo governante, informando seu desligamento do Instituto Biológico. “Minha admiração por São Paulo não diminuiu em nada, e aumentou, mesmo, diante da energia, desprendimento e espírito de sacrifício com que se pôs de pé na defesa de seus pontos de vista”, escreveu a Queiroz Telles. Argumentou que em dias “tão envenenados pelo ódio e paixões”, não poderia manter-se à frente do instituto.¹⁰⁴⁹

A direção do Biológico ficou vacante até março de 1933, quando, então, Rocha Lima foi nomeado diretor-superintendente. Neiva assumiu no Rio de Janeiro o Instituto de Pesquisas Agrícolas, vinculado ao Ministério da Agricultura, criado em 1933. No mesmo ano,

¹⁰⁴⁶ Sobre o posicionamento e atuação política d’*O Estado de São Paulo* e do grupo que se reunia em torno dele, ver Capelato, 1989.

¹⁰⁴⁷ Carta de Rocha Lima a Arthur Neiva de 27.06.1931. ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

¹⁰⁴⁸ Sobre o regionalismo paulista e sua relação com os movimentos políticos e intelectuais ver Love, 1982; Abud, 1985 e Ferreira, 2002.

¹⁰⁴⁹ Carta de Arthur Neiva a Adalberto Queiroz Telles de 18.10.1932. ANc 1910.07.28. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

candidatou-se a deputado federal pela Bahia para compor a Assembléia Constituinte. Interessado em recompor com os segmentos revoltosos, Vargas cumpriu a promessa de convocar eleições para formulação da nova constituição que entraria em vigor em 1934, com a previsão de retorno de um regime democrático.

Rocha Lima relatou que Neiva havia procurado evitar de todas as formas a sua nomeação para a direção do Biológico ou a do entomologista de Manguinhos Ângelo Moreira da Costa Lima, que também entrou em cogitação. Costa Lima tornara-se desafeto de Neiva, desde que ambos participaram da identificação do agente da praga dos cafeeiros, em 1924. Neiva teria levado todos os louros, lançando à sombra a colaboração do colega. Em carta de 20 de fevereiro de 1933, Rocha Lima escrevera a Costa Lima, na qual relatou que procurara o secretário de Agricultura, sugerindo seu nome para ocupar a direção do Biológico. Mas ele foi nomeado para direção do Instituto Biológico Federal, em condições bastante vantajosas. Relatou que o governador mantinha-se “na completa ignorância da minha existência. Não sei como foi esta afinal por ele descoberta, entregando-me ele, então, o espinhoso cargo, que nunca desejei, mas que aceitei para evitar um desastre para o Instituto” (Costa Lima *apud* Rangel, 2006, p. 121-2). A consulta a Costa Lima pode ter sido uma estratégia de Rocha Lima para persuadir de que não estava diretamente interessado em assumir a direção do Biológico, ocupando-a apenas num gesto altruísta em favor da instituição. Evitava, dessa forma, possíveis rumores de que teria articulado contra Neiva, aproveitando seu envolvimento na política e o levante revolucionário para conquistar o posto ocupado por ele.

Mais de um ano depois de Rocha Lima dirigir o Biológico encontrar-se no cargo, Monteiro Lobato escreveu ao amigo Neiva, relatando sobre a campanha que aquele fazia contra ele no Instituto. Manequinho Lopes, que permanecia na instituição e que era ligado a Neiva e Lobato, fazia segundo este, a contra-campanha, “insinuando biotônicos estratégicos nos seus amigos, de modo a pô-los em eretismo ativo”:

A víbora-mãe, o pior inimigo que o senhor tem aqui é aquele bode alemão, que o senhor mesmo embutiu no Instituto Biológico. Quer ele meter o Instituto como criação pedestal do seu *Ich* científico, e para isso trata de destruir toda a influência do criador e dos amigos do criador dessa instituição – e os vai afastando. Ser amigo ou admirador de Neiva é contar certo com guerra permanente – a guerra do parigato, do ‘espirra-fora’. De modo que o ponto capital da conspiração é alijar o bode, que é

quem arma e alimenta e fomenta todos os ressentimentos contra Neiva, tornando-se o verdadeiro ex-Machina do ‘não-Neiva em São Paulo’¹⁰⁵⁰

Em resposta, Neiva contou sua versão dos fatos, segundo a qual teria sido delatado por Rocha Lima, que se apresentou antes dele como representante do Biológico ao general mato-grossense Bertoldo Klinger. Relatou a Lobato que Rocha Lima havia permanecido na Alemanha durante a Primeira Guerra, mesmo depois do Brasil ter declarado guerra às potências centrais, e declarou-se injustiçado por ter sido qualificado como anti-paulista: “A pecha de inimigo de São Paulo, esta eu não desejo levar para o túmulo”, declarou a Lobato.¹⁰⁵¹ O empenho de Lobato era que Neiva voltasse a São Paulo, mas este havia sido recém-eleito deputado constituinte. Apesar disso, o escritor relatou que havia mobilizado outras pessoas interessadas em dar publicidade à longa carta, na qual Neiva narrava os fatos concernentes à sua saída de São Paulo durante a Revolução. Pediu que o cientista fizesse uma longa lista de suas realizações em favor do estado paulista, pois talvez mobilizaria a imprensa. “A justiça há de fazer-se e o infamíssimo procedimento daquele miserável há de ter o seu castigo (...) a busca é ainda pior do que julgávamos. Creio que não pode haver um tipo de ingrato e traidor mais completo”, desabafou Lobato.¹⁰⁵² Segundo ele, Manequinho Lopes já teria conseguido que o novo diretor do Biológico levasse algumas negativas do governo.

Ao que tudo indica a intenção de Lobato só foi concretizada anos depois. No acervo documental de Rocha Lima, consta um longo texto descrito por ele e datado de junho de 1950, sete anos depois da morte de Neiva.¹⁰⁵³ Foi lido na tribuna da Câmara dos Deputados. Trata-se de uma narrativa sobre os eventos que teriam ocorrido durante a revolução de 1932, na qual procura comprovar que não fez qualquer movimentação contra Neiva. É a resposta a uma carta atribuída a este, que havia morrido há sete anos, lida no Congresso, em que se relata a versão de que Rocha Lima teria traído o colega durante o episódio de 1932.

¹⁰⁵⁰ Carta de Monteiro Lobato a Arthur Neiva de 22.07.1934. ANc 1918.06.21. Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

¹⁰⁵¹ Carta de Arthur Neiva a Monteiro Lobato de 08.08.1934. ANc 1918.06.21 Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

¹⁰⁵² Carta de Monteiro Lobato a Arthur Neiva de 18.09.1934. ANc 1918.06.21 Arquivo Arthur Neiva, CPDOc –FGV, Rio de Janeiro.

¹⁰⁵³ Texto de Rocha Lima enviado ao Congresso em 1950, Datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Utilizando trechos de correspondências do seu próprio arquivo, Rocha Lima argumenta que o colega baiano foi vítima de suas próprias ambições e questiona a autenticidade da carta, devido a uma série de imprecisões, como por exemplo a de que só teria voltado ao Brasil, 20 anos depois de viver em Hamburgo. A versão dos fatos que busca contrariar coincide com aquela narrada na carta de Neiva a Lobato. Não é improvável que a descrição de Neiva tenha sido acrescida de outras informações desabonadoras sobre Rocha Lima, aparentemente por alguém que não foi o pesquisador, devido a informações desencontradas, que certamente eram do conhecimento do cientista baiano. As circunstâncias e motivos que fizeram com que esta polêmica ganhasse a arena política, tantos anos depois, ficam como questão a ser respondida.

Vimos que não menos polêmico é o capítulo do divórcio de Rocha Lima, mas sobre o qual conhecemos apenas a sua versão dos fatos. Certamente Alice os contaria de uma perspectiva bastante diferente. Polêmicas à parte, o período inaugurado com a crise de 1929, e que se prolongou até pouco depois da revolução de 1932 foi bastante turbulento. Rocha Lima havia superado as duas principais “tempestades” – como designou as crises conjugal e institucional a Mayer e a Mühlens, “embora com grandes esforços e sacrifícios, de um jeito que a mim mesmo causou espanto, com um auto-controle quase japonês”, escreveu ao segundo.¹⁰⁵⁴

Alice casou-se novamente em Hamburgo, o que Rocha Lima relatou com grande satisfação a Munk. Logo, ele também repetiu o gesto da ex-exposa. Em São Paulo conheceu Lygia Costa, filha do poderoso Fernando Costa, o secretário de Agricultura à época da criação do Biológico, que ocupou a mesma pasta no governo Vargas e que se tornou mais tarde interventor em São Paulo, já nos últimos anos do Estado Novo (1942-1945). Lygia também era desquitada e tinha um filho, cuja criação Rocha Lima assumiu como tarefa sua. Eles viveram juntos até o fim da vida do cientista. Certamente a união com Lygia, um meio bastante tradicional de sociabilidade entre as elites brasileiras, contribuiu para franquear o acesso do diretor do Biológico entre as oligarquias de São Paulo e as instâncias políticas. No entanto, é curioso observar que o fato de ser “genro” de Fernando Costa não o livrou de duras pelezas contra as intervenções da burocracia do Estado na administração do Biológico.

¹⁰⁵⁴ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 27.04.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

5.9. Entre as pragas agrícolas e as pragas da burocracia: Rocha Lima na direção do Instituto Biológico (1933-1937)

De acordo com Maria Alice Rosa Ribeiro (1997, p. 49), a gestão de Rocha Lima representou a fase áurea do Instituto Biológico. O ex-pesquisador do *Tropeninstitut* logrou consolidar a instituição no cenário científico nacional e internacional. Nos anos 1930, assistimos ali a uma intensa atividade científica tanto na divisão animal quanto vegetal, conforme veremos a seguir.

Ribeiro (1997, p. 49) atribui o êxito de Rocha Lima na consolidação do Biológico à “perfeita combinação entre ciência básica e ciência aplicada”. Concordo com a historiadora em substância, mas não em forma. Sou mais inclinado a compartilhar com Rocha Lima do ceticismo em relação a essa categorização. Para nosso personagem, não existiria essa distinção entre ciência pura e ciência aplicada. “O que existe é ciência e aplicação da ciência”, enfatizava ele a seus colaboradores, reforçando a máxima de Pasteur (Bier, 1997; Reis, 1997). Talvez existam outros parâmetros e elementos mais elucidativos do engajamento bem-sucedido de Rocha Lima em favor da consolidação do Biológico no cenário científico. Lancemos os olhos para a modesta sala na qual ele trabalhava: retratos de três figuras ornavam a parede - Nocht, Prowazek e Oswaldo Cruz. A seleção dos personagens que o acompanhariam na nova jornada em solo bandeirante não deveu-se apenas a razões emocionais. Colocar em moldura e visibilidade as três figuras era uma estratégia de legitimação de sua própria identidade científica. Afinal de contas, tratavam-se de três pesquisadores de inquestionável relevo e prestígio científicos, com os quais estivera em estreita ligação no decorrer de sua trajetória. Eles representariam os modelos que apontariam as diretrizes e forneceriam os ingredientes indispensáveis para o bom termo da atividade científica. A ampla erudição científica de Prowazek, não apenas em seu campo de trabalho, mas também em termos gerais, seria um antídoto contra a especialização excessiva e exemplo de trabalho metódico e profundo. Além da capacidade científica, Nocht apontaria para o senso prático, a força e persistência e para a importância de amear apoio político e social, e de cultivar as relações científicas internacionais. Fora assim que reerguera o *Tropeninstitut* depois da Primeira Guerra. Oswaldo Cruz acenaria em direção semelhante: somente através da aliança do conhecimento científico com as demandas práticas do seu entorno, com massa crítica de qualidade e legitimidade internacional, seria possível superar as peias à atividade científica. O *leitmotiv* do criador de Manguinhos - “Nada resiste ao trabalho” – ecoava a propalada ética germânica do trabalho, tornando-o, nesse aspecto, tão alemão quanto os

outros. Combinando esses ingredientes, Rocha Lima procuraria conferir grau de excelência científica ao Biológico e o apoio das instâncias políticas e sociais. O acento nos laços com a agropecuária pecuária e o atendimento de suas demandas; na observação científica, na divulgação dos resultados aos especialistas e leigos, no estabelecimento de relações com cientistas estrangeiros, no fomento à atividade científica autônoma e espontânea, são alguns dos traços principais que distinguiriam a “persona científica” de Rocha Lima como administrador do Biológico.¹⁰⁵⁵

Chagas faleceu pouco depois de Rocha Lima assumir a direção do Biológico. Para Munk e Mayer, o *ex-pesquisador do Tropeninstitut* seria seu sucessor natural na direção de Manguinhos. Não temos nenhuma referência que indique que essa hipótese tenha sido levada em consideração, nem no Rio de Janeiro, nem por nosso personagem. O próprio Munk depois afirmaria: “Seria uma grande loucura se você tivesse ocupado o lugar do Chagas. Parece-me um campo de trabalho obsoleto. Posso não estar a par das condições políticas, mas as dificuldades pessoais devem ser quase intransponíveis.”¹⁰⁵⁶ As circunstâncias em São Paulo, no entanto, pareciam não estar muito melhores:

Aqui estou há meses numa luta inglória para a reforma interna do Instituto que me foi confiado, e para conseguir os meios para completar a construção da nova sede. Tudo já me foi prometido pelo governo de forma mais ou menos garantida, mas tenho que esperar e esperar que as coisas se concretizem. Só então terei a tranquilidade necessária para fazer alguns trabalhos científicos...¹⁰⁵⁷

Das linhas acima endereçadas a Mayer, vislumbram-se as duas principais tarefas as quais Rocha Lima se dedicou depois de assumir a direção geral do Biológico: a reforma organizacional do instituto e as obras da nova sede. Teria início, aí, o embate com as autoridades políticas e burocráticas que se estenderia até 1949, quando completou 70 anos, tendo de deixar o cargo. As tensões com as instâncias administrativas do Estado seriam tão constantes e freqüentes, que se transformaram quase numa marca da gestão de Rocha Lima.

¹⁰⁵⁵ Sobre o conceito de “persona” e sua aplicação no estudo de trajetórias científicas, ver Daston & Sibum, 2003.

¹⁰⁵⁶ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 22.03.1935. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁵⁷ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 04.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Muito embora conhecesse o meio brasileiro, ele se habituara a uma concepção de ciência tal como cultivada na Alemanha, na qual a autonomia do trabalho científico e da gestão do mesmo era questão que cabia aos homens de ciência. Ele não chegou a vivenciar as ingerências da política nacional-socialista nas instituições científicas. O modelo que vigia até o período em que viveu em Hamburgo era o de centros de ensino e pesquisa, apoiados, em sua maioria, pelo Estado e com vínculos com a indústria e demais instâncias econômicas, em alguns casos mais estreitos que em outros. Ingerências políticas ou fragilidade institucional em relação aos governos não eram frequentes, porque ali a atividade científica era reconhecida por seu valor social, não apenas em termos de suas aplicações práticas, mas também como prática auto-referida, cujo valor estava inscrito naquela cultura. Da experiência de Oswaldo Cruz, Rocha Lima aprendera que no Brasil, o apoio à ciência como prática auto-referida era rarefeito. A atividade científica só fazia sentido ao Estado e à sociedade pelas aplicações e benefícios diretos que trazia à economia e à vida social na maior parte das vezes. O desenvolvimento científico se dava em impulsos de curto fôlego, em decorrência de problemas e crises que demandavam a intervenção de técnicos para solucioná-los. Arthur Neiva dizia em função disso, que, no Brasil “a ciência acampa”. O próprio Biológico fora criado como produto de uma dessas crises. O envolvimento de seu idealizador com a política, num período de turbulências, não permitiu que ele conferisse alicerces firmes a sua obra. Essa tarefa caberia agora a Rocha Lima, que procurou promover o desenvolvimento da “ciência e suas aplicações” de modo a garantir longevidade à instituição que dirigia, para além das disputas políticas que a deixavam susceptível às oscilações conjunturais.

Houve numerosas tentativas de desmembrar as seções do Biológico entre as demais repartições paulistas. No contexto político do governo Vargas, a secretaria de Agricultura ficou a cargo de diferentes gestores, nomeados de acordo com as conveniências do interventor do momento. As relações pessoais e políticas definiam o perfil de ação dos administradores. As instituições cujos diretores dispunham de relações privilegiadas eram favorecidas em detrimento de outras. Diferentes tentativas de reforma da secretaria previam a desintegração do Biológico, a descaracterização de seu perfil científico, diminuindo-lhe o escopo de atribuições, ou a redução de verbas. Diversas vezes foi defendido que o instituto deveria se limitar à fabricação dos produtos biológicos. A parte científica seria incorporada ao rol de instituições já existentes. Como o Biológico era a mais recente, gozava de menor tradição no ambiente científico de São Paulo. Certamente por isso, ficou mais exposto aos desmandos das instâncias políticas.

Em defesa do Instituto, Rocha Lima procurou convencer as autoridades administrativas da sua importância para a vida científica local, mas, principalmente, para a promoção do desenvolvimento da agricultura e pecuária. Em numerosos escritos e circulares, defendeu a manutenção da instituição, e não poupou críticas severas à atmosfera de “incompreensão, desinteresse e mesmo aversão”, como escreveu num dos seus textos-manifesto (*apud* Reis 1956, p. XVI). Mas nem sempre a atmosfera foi hostil ao Biológico. Rocha Lima soube aproveitar as conjunturas favoráveis em favor dos interesses e objetivos que nutria para seu instituto.

Na interventoria de Armando Salles de Oliveira, nomeado por Getúlio Vargas, em gesto de recomposição com os paulistas revoltosos, foi aprovado o decreto no. 6.621, que reorganizava o Instituto de Defesa Agrícola e Animal. Agora ele passaria a se chamar Instituto Biológico de São Paulo. Ele saiu fortalecido com a reforma, pois agora concentraria em suas mãos toda a vigilância sanitária animal, que antes dividia com a Diretoria de Indústria Animal. As duas divisões – a vegetal e a animal – permaneceram como eixos que organizariam as atividades da instituição. Rocha Lima via nessa combinação dos estudos de biologia das plantas e animais, como uma peculiaridade do Biológico em relação aos demais institutos que conhecia. Considerava muito prolífica a capacidade de intercâmbio entre essas duas esferas. A direção da divisão vegetal foi entregue a Agesilau Bitancourt, e a animal, a Juvenal Ricardo Meyer. Na primeira, além das seções já existentes de química, fitopatologia, entomologia e botânica, foram criadas as de fisiologia vegetal, vigilância fitossanitária e epifitias. A divisão animal ficou composta pelas seções de zoologia, fisiologia, anatomopatologia e microbiologia, além das de sorologia, epizootia e ornitopatologia, criadas com a reforma. Meyer e Bitancourt passariam a compor junto com Rocha Lima a direção da parte científica. Esta foi complementada pelas seções de desenho, fotografia e pela biblioteca. A diretoria geral envolveria também a parte administrativa, que abrangia os serviços de tesouraria, contabilidade e expediente (Rocha Lima, 1934).

O ensino também ganhou espaço entre as atividades do Biológico, que participaria da organização de cursos de especialização de agrônomos e veterinários. Também colaboraria com o ensino oferecido pela recém-criada Universidade de São Paulo, sobre a qual falaremos mais adiante (Ribeiro 1997, p. 51). Dessa forma, reproduzia-se na instituição paulista o perfil tripartite que caracterizara Manguinhos – ensino, pesquisa e produção – inspirado, por sua vez, no modelo do Instituto Pasteur de Paris (Benchimol, 1990). Ao lado da especialização de pesquisadores, Rocha Lima reforçou o comprometimento com a divulgação científica, que já

havia sido bastante enfatizada por Neiva. Para o bom termo dos vínculos com os “clientes” do Biológico – a comunidade de produtores de São Paulo –sabia que o conhecimento produzido nos laboratórios teria de alcançar seus beneficiários. Por conta disso, criou a revista *O Biológico*, na qual seriam divulgados artigos em linguagem mais acessível, visando atingir os produtores. Junto com os vários folhetos de divulgação, que instruíam sobre os métodos de profilaxia e combate de doenças vegetais e animais, *O Biológico* consistiria num dos elos da instituição com seu público-alvo. Segundo Rocha Lima, representava “uma homenagem do trabalho científico ao trabalho agrícola, é a mão estendida, sincera e confiante, dos que cultivam a ciência aos que cultivam a terra” (Rocha Lima, 1935). No primeiro número que veio a lume em 1935, aludiu ao desenvolvimento do Instituto Biológico como resultante do “trabalho pela ciência e pela defesa da agricultura”, não obstante os “mais árduos obstáculos que lhe são criados pela incompreensão hostil e pela indiferença negativa que o cercam (Idem). Utilizava aqui as páginas de divulgação da pesquisa agropecuária para combater as “pragas” da política que corroíam seu instituto. Ao lado da divulgação, a revista assumiu também a função de fórum no qual Rocha Lima tornou pública sua insatisfação com os rumos dados pelas instâncias decisórias ao Instituto Biológico. Na apresentação do primeiro número de 1936, quando a revista completou um ano, Rocha Lima manifestou mais uma vez o descontentamento com o que via como apatia do ambiente social e político pela prática científica:

No combate à ignorância e incompreensão em torno da obra que se está realizando no Instituto Biológico, únicos motivos concebíveis para a apática e desanimadora ausência de interesse no ambiente que o cerca, cada passo à frente contribui para robustecer a esperança dos melhores dias para os que tomam a sério a ciência brasileira e por ela se sacrificam em extenuante e inglória luta. Não sabemos como melhor comemorar o primeiro aniversário de uma das arrancadas lutas, senão procurando iluminar o caminho dos que tenham a vontade de conhecer as nossas causas... (Rocha Lima, 1936).

Em relação aos *Arquivos do Instituto Biológico*, Rocha Lima procurou reforçar seu caráter de publicação científica especializada. Dessa forma, empenhou-se para inscrever a instituição paulista na rede local e internacional de centros de pesquisa e ensino.

A dinâmica de atendimento às demandas dos produtores funcionava através de consultas diretas remetidas ao Biológico. No caso de epizootias, os pesquisadores eram

acionados pelos próprios criadores ou pelas autoridades locais. Viajavam até lá, onde procediam aos trabalhos de diagnóstico e combate das doenças (Bitancourt, 2010). Com a incorporação da defesa sanitária animal, cada uma das quinze sedes localizadas no interior de São Paulo incluía um veterinário, que inspecionava as propriedades da região sob sua jurisdição, orientava os criadores e executava os serviços de diagnóstico, profilaxia e tratamento das epizootias (Ribeiro, 1997, p. 72).

A criação da seção de sorologia na reforma de 1934 remete à ênfase dada àquilo que à época consistia na principal ferramenta terapêutica e profilática na luta contra as doenças infecciosas: as vacinas e soros curativos. Estudos para desenvolvimento e aperfeiçoamento desses imunizantes concentraram grandes esforços dos pesquisadores da Divisão Animal, tornando-se um campo no qual o Biológico conquistou bons resultados no período de Rocha Lima. Todos os pesquisadores da Divisão eram mobilizados para realizar os trabalhos de rotina na preparação dos produtos. À semelhança de Manguinhos no início de sua trajetória, os cientistas do Biológico tinham que combinar o tempo entre a produção e a pesquisa. Muitas vezes essas instâncias se confundiam, pois do trabalho de rotina surgiam inovações. Segundo Ribeiro (1997, p. 57) 38 produtos eram fabricados na Divisão Animal. Além dos soros e vacinas, havia os vermífugos e preparados. Produziam-se soros contra aborto bovino, carbúnculo verdadeiro, garrotilho, manqueira, pasteureloses, cólera das galinhas, curso branco dos bezerros, pneumonia dos bezerros, poliartrite dos potros, salmoneloses e tétano. As vacinas eram dirigidas contra aborto bovino e equino, boubas das galinhas, carbúnculo verdadeiro, curso branco dos bezerros, espiroquetose das aves, garrotilho, infecções piogênicas, manqueira, paratifo dos porcos, pneumonia dos bezerros, poliartrite dos potros, raiva, tétano, tifo aviário e BCG (Idem, p. 57-8).

No campo da patologia animal, uma das realizações importantes foi o aperfeiçoamento da vacina contra a peste suína, através da qual, segundo Adolfo Martins Penha (2010), tornou-se possível atenuar o vírus, sem diminuir sua capacidade antigênica, isto é, de induzir a resposta imune nos animais inoculados.¹⁰⁵⁸ O Biológico adquiriu expertise durante a gestão de Rocha Lima na produção de vacinas contra o carbúnculo hemático e sintomático, também conhecido como peste da manqueira. Em interface com a saúde pública,

¹⁰⁵⁸ A modificação consistiu na substituição do sangue por emulsão das vísceras trituradas dos suínos.

destacaram-se também os estudos sobre a brucelose, que Otto Bier realizou em colaboração com Antonio Carini, e da tuberculose. A tuberculina empregada na inspeção do leite e derivados era produzida pelo Biológico. Penha comprovou a eficácia de um medicamento utilizado no tratamento da tuberculose humana, na debelação da forma animal (Penha, 2010). Mas sem dúvida uma das inovações mais significativas do instituto à época de Rocha Lima foram os estudos sobre a patologia das aves e a aplicação dos mesmos na criação. Tanta amplitude assumiram tais pesquisas, que foi criada uma seção voltada só para a ornitopatologia. Maria Alice Ribeiro (1997, p. 73) atribui a esses estudos o ímpeto da avicultura no estado de São Paulo entre os anos 1930 e 1960. O principal responsável por isso foi José Reis, que trabalhou em estreito contato com os criadores. Dessa proximidade e do reconhecimento da importância de traduzir os conhecimentos para o homem do campo forjou-se o perfil de José Reis, um dos mais destacados próceres da divulgação científica no Brasil.¹⁰⁵⁹ Cólera, boubá, espiroquetose, entre outras infecções que comprometiam as aves foram objetos de estudo de Reis e de sua equipe. Junto com Paulo Nóbrega e Anita Reis, José Reis publicou um “Tratado de Ornitopatologia”, que teve reconhecimento internacional. Munk, que recebeu um exemplar enviado por Rocha Lima, escreveu a este que considerara o manual maravilhoso. Pediu ao diretor do Instituto de Zoologia Agrônômica que o resenhasse numa revista alemã.¹⁰⁶⁰

As atividades da Divisão Vegetal também foram intensas. A campanha contra a broca-do-café, que levava à criação do Biológico, teve continuidade com os complexos estudos do inimigo natural da praga trazido da África em 1929 pelo entomologista Adolpho Hempel (Silva, 2006). Nos anos 1930, várias partidas da chamada vespa-de-Uganda foram distribuídas aos cafeicultores. Estudos sobre aclimação e determinação do melhor período de soltura dos predadores da broca tiveram lugar nos laboratórios do Biológico. O controle biológico foi utilizado junto com outras medidas de combate que já vinham sendo aplicadas por indicação da Comissão de Estudo e Debelação da Praga Cafeeira. Também foram realizadas campanhas contra pragas dos algodoeiros, uma cultura que ganhava importância no cenário da agricultura paulista. Foram feitas pesquisas entomológicas e de fitopatologia para estudo e combate da broca-do-algodão, do curuquerê e da lagarta rosada. Nas pesquisas sobre a praga agrícola de

¹⁰⁵⁹ Sobre a trajetória de José Reis como divulgador ver Mendes, 2006.

¹⁰⁶⁰ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 12.05.1937. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

maior importância para a agricultura brasileira – a saúva –destacou-se o entomologista do Biológico, Mário Autuori. Ele chegou a estudar novos métodos de combate, baseados na combinação de diferentes inseticidas. Acompanhando as tendências da agricultura paulista, também ganharam impulso no Biológico as pesquisas sobre as doenças de cítricos, ramo no qual se destacou Agésilau Bitancourt. A seção de química da Divisão Vegetal deu continuidade à inspeção, controle e desenvolvimento de agentes químicos usados no controle de pragas (Ribeiro 1997, p. 65-71).

Nos primeiros anos da administração de Rocha Lima as atividades do Biológico desenvolveram-se nas casas alugadas em diferentes partes da capital paulista. Estava previsto que a nova sede estaria pronta ainda em 1934. Ele referiu-se com indisfarçável orgulho ao portentoso edifício *Art-Deco* no qual em breve se acomodariam. Mas os efeitos continuados da crise sobre as finanças do Estado e a instabilidade política dos anos 1930 não permitiram que a previsão se concretizasse. As negociações das verbas para as obras, assim como os pedidos para a contratação de quadros e aquisição de material perdiam-se nos meandros da burocracia, arrastando-se em intermináveis discussões e deliberações. A própria fragilidade do Instituto, em termos de apoio político, tornara incerto o destino das obras. Em 1937, quando Vargas deflagrou o golpe que instaurou a ditadura do Estado Novo Rocha Lima ordenou a ocupação das instalações, mesmo não estando prontas, pois temia que a nova sede fosse mais uma vez ocupada por tropas do governo. O edifício só estaria completamente concluído oito anos depois.

De que forma a personalidade e individualidade científica de Rocha Lima se expressaram no perfil assumido pelo Instituto Biológico nos anos de sua gestão? Certamente o trabalho administrativo e burocrático não estava entre os seus preferidos. Dos depoimentos de alguns dos pesquisadores do Instituto, é possível perceber que ele conduzia a instituição com mãos de ferro no tocante à ordem e disciplina, palavras-chave para um cientista plasmado pela cultura germânica (Reis, 1956, 1975, 1977, 2010; Bier, 2010; Penha, 2010). Desses testemunhos surgem traços esparsos, comprometidos, na maior parte das vezes, com a construção de uma figura idealizada e filtrados pelos afetos da memória, mas que são um dos poucos vestígios de sua atividade nesse aspecto.¹⁰⁶¹

¹⁰⁶¹ Uma outra estratégia possível, certamente prolífica, mas que não foi realizada neste trabalho, seria uma análise das circulares e ofícios.

José Reis, que trabalhou em estreita proximidade com Rocha Lima, não só como pesquisador, mas auxiliando-o nas tarefas administrativas, foi um dos que mais abordaram os traços da personalidade do diretor do Biológico e seu estilo de gestão (Reis, 1956, 1975, 1977). O perfil germânico manifestava-se, segundo ele, nas circulares longas e cheias de orações intercaladas. A postura imponente e os gestos “olímpicos” contribuíram para conferir-lhe aspecto autoritário, escreve o discípulo (Reis, 1956, 1956c). Rocha Lima não teria usado de meias palavras ao atacar as seguidas tentativas de mutilar o Biológico, incorporando suas seções e colaboradores a outras instituições e repartições da secretaria de Agricultura. A escrita também foi a arma que utilizou para criticar a lentidão dos processos burocráticos referentes ao Instituto e os subterfúgios usados pelos administradores para justificá-los. Reis (1956c, p. 11) menciona ainda à aversão que Rocha Lima tinha contra as regulamentações aplicadas ao trabalho científico. Defendia o regime de tempo integral, que fora adotado no Biológico desde a direção de Neiva, mas não via com bons olhos as determinações que segundo ele restringiam a condução dos trabalhos de pesquisa. Preferia, por exemplo, “a porta estreita do mérito” à “porta larga do concurso”, uma frase que teria dito a alguém do conselho universitário da USP ao ser questionado sobre o método de recrutamento dos pesquisadores do Biológico (Reis 1956c, p. 13). Rocha Lima achava que os cientistas tinham de ter liberdade de escolher seus colaboradores entre aqueles que manifestavam maior aptidão para o trabalho científico, o que não necessariamente coincidiam com os que tinham melhor performance no concurso. Era um entusiasta do desenvolvimento das idéias científicas pelo convívio de pesquisadores de diferentes origens e formações, de modo que procurou criar no Biológico um ambiente no qual convivessem representantes de profissões variadas. Evidência disso, encontramos no entusiasmo com que defendia o intercâmbio científico. Procurou consolidar o instituto, concebendo “que a instituição científica não é nem a estrutura, nem os homens que a compõem, tomados isoladamente, mas um organismo vivo, um indivíduo no sentido exato daquilo que não pode ser dividido sem deixar de ser o que é” (Reis 1956, p.18).

Cumpramos agora deslocarmo-nos para solo alemão com o objetivo de analisar o contexto de turbulências políticas e sociais que lá ocorreram, precipitadas pelos efeitos da crise de 1929, e que favoreceram o estabelecimento da ditadura nacional-socialista. Trata-se de reconstruir esse conturbado momento através das cartas trocadas por nosso personagem com seus amigos, basicamente com Munk, que vivenciaram diretamente os eventos que precederam a ascensão de Hitler ao poder.

5.10. Crises aqui, crise acolá: a Alemanha em contexto de turbulências

“Nos céus de nossa economia surge uma nuvem pesada e escura, e ainda não é certo se ela vai trazer uma chuva frutífera ou granizo”, escreveu Munk a Rocha Lima em abril de 1929.¹⁰⁶² A economia mundial já apresentava sinais de retração e a norte-americana dava indícios de abalo, o que deixava os alemães em alerta, pois sua economia era dependente das inversões americanas e de empréstimos de curto prazo (Fulbrook 1995, p. 238), apesar da estabilidade econômica alcançada a partir de 1925, o pagamento das reparações de guerra permanecia um fardo pesado para os alemães. “Acredita-se que a Conferência de Paris vai se desmanchar, e que o Plano Dawes continuará funcionando sob a forma de transferência de tutela”, prosseguiu Munk.¹⁰⁶³ No início de 1929, o presidente Gustav Stresemann já havia anunciado a necessidade de revisar o plano Dawes, meio através do qual a injeção de capital externo e empréstimos norte-americanos garantiam o pagamento das dívidas de guerra. Em junho, estava pronto o chamado Plano Young, que reduzia as dívidas alemãs a 10%. Para Munk, os rumos da economia alemã dependiam do destino que seria dado ao dinheiro voltado para o pagamento das reparações. Se fluísse para a economia e para a bolsa – presumiu – estimularia a conjuntura econômica; do contrário, haveria carência de dinheiro, podendo levar ao desemprego. Com o encargo dos custos deste pelo Estado, as circunstâncias políticas tornam-se iam catastróficas. A escalada do comunismo nesse contexto de crise não era de subestimar, receou Munk, fazendo coro com grande parte da sociedade alemã da época, para quem a ameaça comunista representava um dos principais riscos à ordem social. Em contraste com o cenário de recessão econômica, uma “trupe de banqueiros” auferia altíssimos lucros através da especulação, relatou o médico alemão. Ele temia que a situação afetasse seus servidores no hospital.¹⁰⁶⁴

A tempestade que se precipitou sobre a economia alemã em 1929 atingiu proporções certamente maiores do que as previstas por Munk. O crash da bolsa de Nova York em outubro daquele ano breve atingiu outras formações sociais, assumindo dimensão internacional. Como um castelo de cartas, as economias nacionais foram caindo, uma a uma, em consequência da fuga de capitais estrangeiros e da retração do comércio internacional, limitado pelas medidas

¹⁰⁶² Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 24.4.1929. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁶³ *Idem*

¹⁰⁶⁴ *Idem*

protecionistas adotadas como meio de estimular a produção industrial local. Já vimos as consequências da crise para a economia brasileira. Para a alemã, teve efeitos bastante severos, em virtude da retirada imediata dos empréstimos externos e do capital norte-americano, que sustentavam o edifício econômico. Como previra Munk, a crise logo se refletiu na escalada do desemprego, que em setembro de 1929 chegou a 1,3 milhões, alcançando o dobro um ano depois. No começo de 1932, atingiria a cifra de seis milhões, ou seja, um em cada três alemães encontrava-se desempregado. Com exceção da mudança súbita de preços e desvalorização tresloucada do marco, repetiram-se cenas de 1923, com enormes filas de pessoas procurando trabalho, criminalidade, prostituição e pobreza cada vez mais visível. A assistência prevista pelo Estado para os desempregados, em certa altura, serviu apenas para evitar que famílias morressem de fome (Richard, 1988, p. 112-114).

Nas linhas escritas a Rocha Lima, Munk descreve em cores vívidas o estado de caos econômico e compartilha com muitos de seus contemporâneos a falta de perspectiva de uma recuperação rápida:

As condições econômicas e políticas aqui jazem como um pesadelo sobre todos os ânimos. Nunca antes o empobrecimento da Alemanha havia sido tão perceptível como vem sendo desde o ano passado. A agricultura está arrasada. Os gêneros podem ser comprados por 1/4 ou 1/5 do preço de antes da Guerra. Os locais de luxo que surgiram em Berlim nos últimos anos são um escárnio com a situação econômica, mas mesmo eles sofrem o impacto – 90% deles faliram. Não serve de consolo saber que em outros países, e como fiquei sabendo, também no de vocês, a situação não parece estar melhor. Não acredito que consigamos ter novamente alguma vez aquela vida sem preocupações que tínhamos antes da Guerra, pois a Alemanha seguramente precisará de pelo menos uns 10 a 15 anos para colocar sua vida econômica novamente em ordem. Mesmo assim, será necessário que ocorra uma reforma obrigatória da vida política. Você deverá ler sobre isso nos jornais.¹⁰⁶⁵

Rocha Lima mantinha-se a par do que ocorria na Alemanha através da leitura do *Berliner Tageblatt* e do *Hamburger Nachrichten*, que Ficker assinava. O *Berliner Tageblatt* era um jornal republicano, que concorria com outras publicações de tiragem muito superior,

¹⁰⁶⁵ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 26.03.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

controladas pelo “barão” da imprensa alemã, Alfred Hugenberg, as quais defendiam as posições dos setores ultraconservadores de direita (Richards 1988, p.). Estes atacavam de forma quase constante o sistema político da República de Weimar, que depois de 1929, passou a contar com número ainda mais reduzido de apoiadores (Fulbrook 1995, p. 239; Kluge, 2006). A partir de 1929, a descrença no sistema, a prevalência de uma atmosfera intelectual de anti-racionalismo e o clima geral de ceticismo tornaram-se ainda mais pronunciados. A dificuldade de compor um governo de maioria e a rápida sucessão de gabinetes solapou a pouca credibilidade que havia no governo parlamentar.

Rocha Lima não compartilhava desse ceticismo na república alemã. Reconhecia que a desmoralização do sistema era divulgada por círculos conservadores, descontentes porque os socialistas e democratas dominavam o governo, “ao invés da exclusividade da aristocracia, dos militares e dos seus seguidores como nos tempos guilherminos”, escreveu a Munk, em junho de 1930.¹⁰⁶⁶ Relatou, com certa irritação, que o professor Adolpho Lindenberg, “que sem dúvida nenhuma, é bastante favorável à Alemanha”, estava reproduzindo o discurso dessas rodas conservadoras, com as quais aparentemente havia estabelecido contato na última viagem ao país europeu. Tal discurso fazia crer, acrescentou Rocha Lima, “que a Alemanha está mesmo acabada, que está transformada num caos, que na administração imperam a desonestidade e a rapina”.¹⁰⁶⁷

A partir de 1930, a nomeação de gabinetes pelo presidente Hindenburg – a quintessência da continuidade das tendências monárquicas e conservadoras – passou a prescindir da dinâmica de apoio parlamentar dos partidos. O processo passou a ser articulado nos bastidores, em complexas negociações que envolveram alianças oportunistas e intrigas palacianas. A estratégia consistia em pôr a pique a república de Weimar e o sistema parlamentarista, entregando o poder às elites políticas e econômicas, grupos burocráticos e altos estratos do exército, categorias que haviam sido o esteio da Alemanha imperial. O descrédito em relação aos mecanismos de representatividade democrática legitimou a crença de que apenas uma elite, capaz de exercer plenamente sua autoridade e um Estado forte, conduzido por um líder, poderia salvar a Alemanha daquilo que se reconhecia como estado de miséria moral e espiritual. Tais concepções alimentavam-se da própria tradição intelectual e

¹⁰⁶⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 06.06.1930. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁶⁷ *Idem*

política alemã e da tendência política internacional, na qual o fascismo emergia como alternativa mais atraente para superação do estado de crise. Se tais idéias, de inclinação direitista, representaram desde o início da República de Weimar, fonte constante de ataque ao regime democrático, com a crise de 1929, elas ganharam força, e passaram a ser defendidas de forma mais veemente. Encontraram eco numa população fragilizada pelas consequências sociais do caos econômico, atemorizada pela eventual escalada do comunismo e pela agitação política generalizada, e descrente na capacidade do sistema parlamentar de regenerar os “autênticos valores alemães”.

Entre 1930 e 1933 os efeitos da crise sobre a economia alemã só se intensificaram. As finanças estatais sofriam com a falta de recursos e o corte orçamentário tornou-se necessidade premente. O *Tropeninstitut* padeceu com o estrangulamento financeiro. Em carta a Rocha Lima, de setembro de 1931, Mühlens relatou que o Instituto passava por carências iguais ou até maiores do que durante a severa crise de 1923-4. Informou que não era possível fornecer novos medicamentos para os doentes. Estavam proibidas quaisquer novas despesas, fosse para provisões ou ocupação de vagas. Aos 63 anos, alguns funcionários já estavam sendo aposentados, havendo o risco de perda de alguns dos quadros mais ativos, como Giemsa, que acabava de alcançar o novo limite de idade. Mühlens pediu ao colega brasileiro que mobilizasse seus amigos na captação de recursos para manter Giemsa no Instituto pelo menos por mais dois anos.¹⁰⁶⁸ Quatro dias depois, uma circular da Sociedade dos Amigos do Instituto de Doenças Tropicais conclamava seus membros a colaborarem para amenizar os efeitos da crise financeira. A circular escrita por Mühlens informava que o caixa do Instituto estava praticamente zerado, tornando impossível a manutenção da biblioteca, a participação em congressos e as viagens ao exterior. “O valor econômico e de propaganda cultural destas atividades é reconhecido por todos aqueles que conhecem a dinâmica do mercado científico mundial”, ressaltou. Como sabia que a crise era de amplitude global, solicitou que os sócios contribuíssem com aquilo que fosse possível.¹⁰⁶⁹

A agudização dos efeitos sociais da crise devido ao aumento do desemprego e do arrocho salarial contribuiu para o fortalecimento de movimentos de massas, ávidas por

¹⁰⁶⁸ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 11.09.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁶⁹ Circular da Sociedade dos Amigos do *Tropeninstitut* a Rocha Lima de 15.09.1931. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

promessas que acenavam para a recuperação econômica e instauração de uma nova ordem política. O extremismo político incidiu entre os segmentos sociais mais afetados. Grupos de extrema esquerda e direita travaram violentos embates nas ruas, acentuando o clima generalizado de insegurança e levando a Alemanha às beiras de uma guerra civil. Enquanto os grupos de esquerda eram desfavorecidos pelas lutas intestinas, as tendências de direita concentravam suas forças no cada vez mais fortalecido Partido Nacional Socialista Alemão, que em 1930, conquistara nas eleições número representativo de cadeiras no parlamento. Refundado em 1925, depois que seu líder, Adolf Hitler, saíra da prisão em virtude do *Putsch* de Munique, o Partido Nazista era claramente inspirado no fascismo de Mussolini. Defendia um discurso de contornos amplos e pouco concretos, definindo-se antes por aquilo contra o qual se opunha: era antimoderno, anticapitalista e anticomunista. Recorria ao nacionalismo extremado, embasado por concepções raciológicas e *völkisch*¹⁰⁷⁰, ao revanchismo militarista e às promessas de regeneração política, econômica, social e moral da Alemanha. O anti-semitismo era a tônica desse discurso, ecoando as teorias que identificavam no “bacilo judeu”, a causa da humilhante derrota na Guerra, do descalabro político da República e da crise econômica. O discurso nazista era amplo e, por isso, adaptável às circunstâncias, forma pela qual logrou ampliar sua audiência, passando a atrair novos grupos profissionais e a classe média alta. A base tradicional do partido eram as classes médias baixas, camponeses e alguns segmentos da classe operária. Os modernos meios de comunicação e a ritualização e encenação políticas foram ferramentas fundamentais para a penetração entre os diversos grupos sociais. A intimidação através da violência nas ruas e da instauração do terror aliou-se às estratégias de persuasão para engrossar as fileiras do “movimento”, ajudando-o a alcançar seus objetivos políticos.

¹⁰⁷⁰ A tradição “*völkisch*”, termo precariamente traduzido como “étnico” ou “nacionalista” baseava-se num conjunto de símbolos e crenças, de forte inspiração romântica e matiz conservadora, que defendia a especificidade da formação alemã em termos culturais e raciais. A mitologia *völkisch* mobilizava elementos que apontavam para aqueles que seriam os caracteres definidores do povo alemão. Como movimento, os *völkisch* organizaram-se já por volta de 3 décadas antes da Primeira Guerra. O racismo – particularmente o anti-semitismo – foi uma característica bastante presente no ideário *völkisch* e tingiu as concepções religiosas, que se manifestaram, por exemplo, na defesa de uma espécie de cristianismo de matriz germânica ou “germanizada”. O ideário nazista alimentou-se de muitos elementos do imaginário *völkisch*, inclusive a suástica e a saudação, mas as relações do Partido com o movimento não foram tão diretas nem livres de conflitos (Puschner, 2002)

As elites industriais e velhos grupos dirigentes da Alemanha imperial viram em Hitler um instrumento para o projeto de destruição do sistema parlamentar que tanto repudiavam. Articularam-se para que ele assumisse o gabinete, em meio a uma sucessão de negociações e intrigas, nas quais ganhou destaque a figura do general von Schleicher. Von Papen, nomeado para o gabinete, abriu caminho para as ações de intimidação e violência de ruas realizadas pelas duas formações militares nazistas: as SS (*Schutzstaffel* “tropas de proteção”) e as SA (*Sturmabteilung* “tropas de assalto”). Em julho de 1932, os nazistas conquistaram 230 cadeiras no parlamento, tornando-se o partido com maior número de representantes. Hindenburg, ao lado dos representantes das elites industriais e agrárias, e do exército, estudava um meio de sepultar de vez o regime parlamentar.

Em dezembro de 1932, quando o próprio Schleicher assumiu a chancelaria e ganhou o apoio da ala radical do Partido Nazista, Munk relatou novamente a Rocha Lima a situação alemã.¹⁰⁷¹ “Estamos no meio de uma revolução mental e espiritual”, escreveu. Esta exigiria um novo homem, capaz de adequar-se à nova ordem que deveria emergir do curso dos acontecimentos atuais. Diagnosticou que todas as organizações às quais as famílias estavam ligadas haviam sido destruídas. “Os recursos foram todos perdidos, não existem mais heranças, nem poupadores, nem posto de trabalho e, principalmente, nenhuma segurança profissional”, constatou, pessimista, o médico alemão. Os jovens não mais conseguiam emprego e, por isso, voltavam-se contra os mais velhos. “Sob tais condições, ainda importa apenas aos políticos como se chama exatamente o chanceler do Reich e a qual partido ele pertence”, afirmou, em referência ao indiferentismo da sociedade no tocante aos destinos políticos do país.¹⁰⁷²

Pouco mais de um mês depois de Munk escrever essas linhas, Hindenburg nomeou chanceler Adolf Hitler, visto pela população aterrorizada com os contornos de uma guerra civil, como o salvador capaz de trazer à Alemanha a grandeza de outrora. Diferentemente dos outros partidos, os nazistas tinham forte apoio das massas e afirmavam-se como um partido popular, que se colocava acima das dissensões que singravam a Alemanha de Weimar. A idéia de uma “comunidade popular” (*Volksgemeinschaft*), formada por alemães racialmente puros, definia aqueles que deviam ser excluídos do corpo social. Prometia livrar a Alemanha

¹⁰⁷¹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 07.12.1932. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁷² *Idem.*

dos judeus, que maculariam a pureza da raça ariana e dos comunistas e criminosos. As “vergonhosas” disposições de Versalhes seriam revogadas, devolvendo a soberania do país, pondo fim ao estado de humilhação nacional, ao caos econômico e à incerteza pessoal manifestada, por exemplo, por Munk.

Com o apoio das velhas elites e com as possíveis fontes de oposição enfraquecidas ou intimidadas, Hitler consolidou-se gradualmente o poder (Steinbach, 2002). Apesar do episódio do incêndio do parlamento alemão em fevereiro de 1933, os nazistas não conseguiram a maioria nas eleições que ocorreram no mês seguinte. Eles obtiveram, no entanto, apoio de outros partidos para a aprovação, em 23 de março, da Lei de Plenos Poderes, o golpe de misericórdia no regime democrático alemão. Em 07 de abril de 1933, a “lei de restauração dos funcionários profissionais” expurgou do serviço público judeus e os opositores abertos da doutrina e prática nazista. Para estes últimos e para os demais “indesejáveis” (homossexuais, criminosos) abriu-se em Dachau o primeiro campo de concentração. Em maio, todos os sindicatos foram dissolvidos, cedendo lugar a uma organização centralizada – *Deutsche Arbeitsfront* (DAF) – responsável por representar as classes trabalhistas. Em 14 de julho, foi a vez de pôr na ilegalidade todos os demais partidos além do nazista. Além do expurgo e imobilização dos inimigos, indesejáveis e opositores, os nazistas neutralizaram alguns quadros do próprio partido e antigos aliados que pudessem representar um obstáculo para seu projeto de poder. A consolidação efetiva no poder deu-se em 1934. Em janeiro, foi abolida a câmara alta do parlamento e pôs-se fim no sistema federativo. Com a morte de Hindenburg, em agosto daquele ano, Hitler reuniu em si os cargos de presidente e chanceler. Tornou-se o governante absoluto da “nova Alemanha” - o *Führer* - ao qual também ficou subordinado o comando das forças armadas. Estava armado o cenário que garantiria nos próximos anos o domínio nazista sobre a sociedade alemã, não sem o apoio entusiasmado de uns ou apenas consentido de outros. Para grande parte dos alemães, a rápida superação da crise econômica e do caos político, o afastamento das suas principais fontes de temor e a euforia pela potencial conquista da posição de potência européia compensaram, em grande medida, a anulação das liberdades políticas e de pensamento. Os nazistas conseguiram, se não o consenso, pelo menos a conformação da sociedade a suas concepções e práticas, recorrendo à linha de tradição do Estado autoritário alemão, à mobilização e atendimento de interesses cotidianos e formação da opinião publicada. Tudo isso junto a uma política de terror, que deveria servir de meio de instrução para a sociedade. O amplo aparato de

propaganda,¹⁰⁷³ ingrediente fundamental do receituário nazista, ao lado do opressivo sistema de censura, coerção e repressão asseguraram considerável margem de manobra para que Hitler e seus colaboradores colocassem em prática as medidas que julgaram necessárias para a implementação de seu projeto, as quais levaram a Alemanha à loucura da Segunda Guerra. Vamos analisar agora como Rocha Lima se posicionou em relação a esse processo, se e em que medida ele o afetou e qual foi o registro do mesmo nas cartas com os colegas e amigos alemães, principalmente Munk, com o qual vimos que dialogou de forma mais explícita sobre a situação política em ambos os lados do Atlântico.

5.11. Rocha Lima e a Alemanha nazista

Embora distante do cenário no qual ocorriam as transformações que convulsionavam a sociedade alemã, Rocha Lima as acompanhava de perto. Manteve-se informado pela leitura de jornais alemães, pela correspondência com os colegas, pelo rádio, cinema e pelas informações que circulavam entre aqueles que iam e vinham. A imprensa brasileira não estava de forma alguma alheia aos fatos que aconteciam no país europeu, muito menos dos riscos representados pelo discurso exaltado de Hitler e pelo messianismo secular que ele incorporava. Por meio dessas fontes heterogêneas e do conhecimento que tinha da realidade alemã, Rocha Lima formou suas próprias concepções sobre o processo que ocorria em sua “pátria científica”.

Uma das primeiras medidas tomadas por Hitler para a neutralização dos judeus e que respingaram do outro lado do Atlântico foi a já referida Lei para Restauração do Funcionalismo Público, de abril de 1933. Ela previa a expulsão de todos os judeus que ocupavam cargos públicos, como cadeiras em universidades ou que atuavam como pesquisadores em instituições científicas. Através dessa medida, os nazistas transformavam em doutrina de Estado suas concepções racistas profundamente arraigadas (Benz 2002, p. 51). Representou uma “sangria” no reputado sistema acadêmico alemão, com o êxodo de grandes nomes em diversas disciplinas, obrigados a procurar postos de trabalho em outros países. Aproximadamente 15% dos professores universitários habilitados foram afetados, aproximadamente 1.500 pessoas, além de cerca de 2.000 pesquisadores alocados em instituições científicas (Szöllozi-Janze 2002, p. 161).

¹⁰⁷³ Sobre a propaganda nazista e seu papel na consolidação do poder ver Söseman, 2002.

Um dos que foram atingidos pela nova medida foi o entomologista do *Tropeninstitut* Otto Hecht,¹⁰⁷⁴ que há cinco anos e meio atuava no departamento chefiado por Erich Martini. Em 05 de abril de 1933, ele escreveu para Rocha Lima, encorajado por Fülleborn, Mühlens e Martini, indagando sobre a possibilidade de conseguir um posto de trabalho no Brasil. As circunstâncias na Alemanha indicavam que nenhum futuro profissional lhe seria possível, esclareceu. Caso o pesquisador brasileiro não pudesse acolhê-lo em seu próprio instituto, esperava que ele lhe sugerisse outro posto.¹⁰⁷⁵ Na correspondência de Rocha Lima não foi possível localizar sua resposta. De qualquer forma, sabemos que a vinda de Hecht não aconteceu. No verão de 1933 ele e sua família emigraram para a Palestina, onde permaneceram até 1940, quando então se dirigiram para Caracas. Em virtude da instabilidade política e do alto custo de vida na Venezuela, Hecht e a família mudaram-se, em 1945, para a Cidade do México, onde o entomologista trabalhou numa fábrica de DDT da firma J.R. Geigy (Brahm 2002, p. 85-6).

Ainda em 1935, Mayer escreveu a Rocha Lima sugerindo o nome de Hecht para o posto de zoólogo que o colega brasileiro tinha em vista.¹⁰⁷⁶ O próprio Mayer, também de origem judia, aposentado compulsoriamente no final de 1935, como diretor de departamento do *Tropeninstitut*, só deixaria a Alemanha em 1939. Conforme veremos mais adiante, fugiu com a família para a Venezuela, onde permaneceu até sua morte, em 1951. No ano de 1935

¹⁰⁷⁴ Otto Hecht nasceu em Ulm, na Alemanha, em 1900 e estudou ciências naturais na Universidade de Munique, formando-se em 1923. Entre 1927 e 1933 trabalhou no Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, período em que também ministrou cursos de Higiene Tropical na Seção de Higiene da Liga das Nações e na Academia Popular de Hamburgo. Com a tomada do poder pelos nazistas, teve de emigrar para a Palestina, onde trabalhou por sete anos, trabalhando no Instituto de Pesquisas Agrícolas de Rehoboth, mais tarde o famoso Instituto Weissman, e depois na Universidade de Jerusalém, onde iniciou trabalhos sobre o efeito do raio X em diferentes fases e estágios de desenvolvimento dos insetos. Em 1940 emigrou para a Venezuela, onde trabalhou como entomologista da Divisão de Febre Amarela e Peste Bubônica do Ministério da Saúde. Cinco anos depois foi para o México, atuando no serviço de consulta para agricultores. De 1956 a 1960, colaborou como chefe da Seção de Pesquisa Entomológica na Comissão Nacional de Erradicação da Malária. A partir de 1948, começa a lecionar entomologia agrícola na Escola Nacional de Ciências Biológicas. Suas pesquisas nos últimos anos abrangeram diversos aspectos da percepção de estímulos visuais dos insetos, estudos que tentou aplicar no combate a pragas. Morreu em 1973. (Barrera, 1976).

¹⁰⁷⁵ Carta de Otto Hecht a Rocha Lima de 05.04.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁷⁶ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 04.07.1935. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

ele havia pedido para Rocha Lima arranjar um posto de trabalho para para seu filho, Fritz, mas como não foi possível, ele foi para a Holanda. Como o emprego ali era temporário, tornou mais tarde a mobilizar Rocha Lima, mas novamente em vão.¹⁰⁷⁷

Além de Hecht, o protozoologista Theodor von Brand também foi deposto do cargo de pesquisador-assistente do Departamento de Protozoologia do *Tropeninstitut*. Ele deslocou-se para Copenhague, mas com a tomada da cidade pelos nazistas, emigrou para os Estados Unidos, em 1935. Na John Hopkins University, em Baltimore, realizou investigações sobre parasitas. Ocuparia na América do Norte cargos em diferentes universidades, até tornar-se, em 1947, diretor do Instituto Nacional de Saúde em Bethesda, Maryland (*Bernhard-Nocht-Institut für Tropenmedizin* 2000, p. 5). Paul Regendanz foi outra vítima da medida de “regeneração” do funcionalismo público. Tudo indica que na ocasião ele se encontrava no Brasil e aqui permaneceu, vivendo em Petrópolis (Brahm 2002, p. 81).

Outro que foi demitido do posto foi o renomado bacteriologista do Hospital St. Georg Erwin Jacobsthal. Ele também tentou obter com Rocha Lima um posto de trabalho no Brasil. Como Hecht, havia tentado emigrar para a Palestina, mas não foi bem-sucedido. Igualmente malograda foi a tentativa de conseguir um cargo junto à seção de Higiene da Liga das Nações. Depois de mais esse insucesso foi que dirigiu-se a Rocha Lima, do qual também recebeu uma resposta negativa por motivos que não são conhecidos. Somente na segunda metade de 1934, Jacobsthal conseguiu deixar a Alemanha com a mulher rumo à cidade da Guatemala, onde permaneceu até sua morte, em 1952. Os dois filhos, Gustav e Wolfgang a princípio ficaram no país, mas depois também tiveram que deixá-lo (Staronek 2007, p. 5102). Em dezembro de 1934 Gustav, que se tornou arquiteto, escreveu a Rocha Lima sobre as lembranças do tempo em que este frequentava a casa do pai. Entre as reminiscências, referiu-se ao risco que corria na Alemanha, mas não aprofundou o assunto.¹⁰⁷⁸

O neuropatologista do Hospital St. Georg, Friedrich Wohlwill também foi obrigado a procurar um posto no estrangeiro, em virtude de sua origem judia.¹⁰⁷⁹ Ele recebeu convite

¹⁰⁷⁷ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 10.05.1935. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁷⁸ Carta de Gustav Jacobsthal a Rocha Lima de 03.12.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁷⁹ Friedrich Wohlwill nasceu em Hamburgo em 1881 numa das famílias judaicas mais influentes da cidade. Formou-se em medicina e ingressou no Instituto de Patologia do

para o cargo de professor na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e procurou Rocha Lima, em 1933, para que este o informasse das condições de trabalho e de vida na capital mineira, e das circunstâncias relacionadas ao convite. Justificou que não queria ser obrigado futuramente a emigrar por uma segunda vez. Sabia, porém, que em nenhum lugar encontraria posição e atividades correspondentes àquelas as quais estava acostumado em Hamburgo. Não havia grandes impedimentos em sua vinda para o Brasil, mas justificou que apenas o diretor do Biológico poderia se inteirar das condições e orientá-lo.¹⁰⁸⁰ Rocha Lima escreveu a Hugo Werneck, que atuava naquela escola médica, pedindo para que ele indagasse na congregação da Faculdade sobre a situação das negociações; se o convite “é coisa perfeitamente decidida e segura ou se são apenas boas intenções de um ou outro a esperar oportunidade.”¹⁰⁸¹ Queria dar informações precisas ao colega alemão para este orientar-se em suas decisões. E acrescentou: “Devo dizer que conheço o Professor Wohlwill e faço dele o melhor juízo possível, tanto como cientista, como quanto às qualidades morais. Seria uma excelente aquisição sob todos os pontos de vista.”¹⁰⁸²

Por motivos bastante compreensíveis, Wohlwill estava ansioso pela resposta. Sem obtê-la, tornou a procurar Rocha Lima.¹⁰⁸³ Queria saber se sua possível contratação ainda estava em questão, pois do contrário “eu teria que voltar meus olhos para outras possibilidades no estrangeiro”. Também pediu que o colega o informasse sobre as autoridades a quem deveria se dirigir para se inteirar do assunto. Àquela altura, o diretor do Biológico já havia sido informado por Werneck, que a congregação da Faculdade de Medicina autorizara a contratação de um anátomo-patologista para o Instituto Neuro-psiquiátrico, com o salário

Hospital Eppendorf, em 1906. Em 1924 recebeu o título de professor catedrático, tornando-se chefe e prosector de anatomia patológica no Hospital St. Georg. Obrigado a emigrar devido à sua origem judia, estabeleceu-se em Portugal, como Prosector do Hospital Santa Maria, em Lisboa, onde revolucionou o ensino da anatomia patológica. Depois da Segunda Guerra emigrou para os Estados Unidos, acompanhando os filhos, onde prosseguiu seu trabalho como anátomo-patologista, vindo a morrer, em 1958. Jarck, F. “O Anátomo-patologista Joachim Friedrich Wohlwill (1881-1958)”, In *Portugiesich-Hanseatische Gesellschaft (Associação Luso-Hanseática)*, disponível em <http://www.p-hh.de/index.php?page=40&id=723>, Acesso em 13.06.2011.

¹⁰⁸⁰ Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 14.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁸¹ Carta de Rocha Lima a Hugo Werneck de 26.09.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁸² *Idem*

¹⁰⁸³ Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 19.10.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

“pequeno” – ressaltou – de 1.000 réis, como os outros professores. Caso o alemão se dispusesse a trabalhar em serviços particulares, poderia conseguir a renda mensal de 2.500 réis. Em relação à preocupação de Wohlwill transmitida por Rocha Lima ao amigo com o ensino para os filhos, Werneck informou: “o ensino secundário que temos aqui é tão medíocre como o do resto do Brasil.”¹⁰⁸⁴ Mais importante do que o próprio cargo – justificara Wohlwill – era encontrar um lugar onde havia possibilidades de desenvolvimento para seus filhos.¹⁰⁸⁵ Informado das condições do cargo, Wohlwill tornou a procurar o pesquisador brasileiro. Já havia manifestado interesse pelo posto ao enviar o currículo para a Faculdade. Através de Max Nonne, conseguira a recomendação de dois outros professores brasileiros, os quais não cita os nomes. Sem obter qualquer posicionamento, deveria mais uma vez dirigir-se à escola médica de Minas? Pediu conselhos para Rocha Lima sobre como proceder. “Se eu fosse tirar conclusões das circunstâncias na Alemanha, eu seria obrigado a firmar um péssimo prognóstico para mim”, escreveu.¹⁰⁸⁶

Wohlwill recebeu outras ofertas de trabalho, motivo pelo qual queria confirmar o convite do Brasil para poder fazer a melhor escolha. Uma delas foi o cargo de pro-sector no Hospital Judaico de Berlim. Mas a julgar pelo andamento dos fatos, talvez este não continuasse existindo por muito tempo.¹⁰⁸⁷ O posto em Belo Horizonte consistia na única possibilidade de trabalho no estrangeiro e tudo indicava, que o melhor a fazer era deixar a Alemanha naquele momento. Logo, surgiu outra oportunidade: recebeu um convite para trabalhar em Lisboa, em condições mais atraentes do que em Belo Horizonte, cuja insegurança do cargo fora apontada pelo próprio Rocha Lima.¹⁰⁸⁸ Ele trabalharia num Hospital do Câncer, que havia sido recém-fundado. O posto de trabalho em si não oferecia vantagens, esclareceu Wohlwill, mas Portugal aparentemente apresentaria melhores opções de formação para seus filhos. Além disso, ficaria mais próximo da Alemanha.¹⁰⁸⁹ No começo de

¹⁰⁸⁴ Carta de Hugo Werneck a Rocha Lima de 11.10.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁸⁵ Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 21.12.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁸⁶ Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 27.10.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁸⁷ Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 17.11.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁸⁸ Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 21.12.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁸⁹ Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 11.04.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

1934, a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte confirmou o convite ao neuropatologista alemão, quando as negociações com Lisboa já estavam bastante adiantadas. Tendo em mira garantir a melhor escolha, dirigiu à Faculdade um questionário, traduzido para o português por Rocha Lima, no qual indagava sobre as possibilidades e condições dele dedicar-se a serviços particulares, sobre a garantia de renovação do contrato por muitos anos, o posto que ocuparia na Faculdade e o número de assistentes e de autópsias que deveria realizar no serviço de anatomo-patologia. Também consultou sobre a possibilidade de ministrar as aulas em alemão.¹⁰⁹⁰ Adiantando-se à resposta de Belo Horizonte, Rocha Lima esclareceu ser impossível dar aulas nesse idioma. Além disso, informou que o colega não poderia ocupar o posto de catedrático por ser estrangeiro. Via isso como vantagem, pois dessa forma ficava distante de desavenças e disputas pessoais “que aqui na política e entre os pesquisadores exerce um papel preponderante”, acrescentou.¹⁰⁹¹

Em abril de 1934 Wohlwill informou a Rocha Lima ter finalmente aceitado a oferta de Lisboa. No mês seguinte, mudou-se para a capital portuguesa, onde dedicou-se à instalação do serviço de patologia do Hospital do Câncer. Ele sugeriu outros possíveis nomes para o cargo em Belo Horizonte. Recomendou o sucessor de Alfons Jakob em Friedrichsberg, Hermann Josephy, justificou das mais variadas formas a escolha e agradeceu imensamente a Rocha Lima pelos seus esforços.¹⁰⁹² Rocha Lima lamentou “a chance que minha pátria perdeu de obter ganho tão valioso em todos os sentidos”, mas admitiu que aprovava a escolha do colega. Belo Horizonte seria muito pequena e limitada como centro científico e cultural. Talvez Portugal não fosse tão melhor, mas ao menos o isolamento dos grandes centros culturais era menor, confessou.¹⁰⁹³ Em fins de 1934, Wohlwill narrou a Rocha Lima sua vida em Lisboa. Queixou-se que não imaginava ser tão difícil a adaptação a realidade tão diferente, muito embora se mostrasse francamente disposto a aceitar as peculiaridades do seu novo país. Mencionou as dificuldades que enfrentava com o trabalho científico, por conta de impedimentos de toda ordem, inclusive falta de material para o trabalho. O novo instituto no qual iria trabalhar, demoraria muito mais tempo para ficar pronto do que o inicialmente

¹⁰⁹⁰ Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 25.01.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁹¹ Carta de Rocha Lima a Friedrich Wohlwill de 01.03.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁹² Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 20.05.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁹³ Carta de Rocha Lima a Friedrich Wohlwill de 20.04.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

previsto. Enfrentava ainda dificuldades pessoais com o diretor, que tendia a tratá-lo como subalterno. No entanto –admitiu – a mera sensação de ser reconhecido como indivíduo e humano, “e não como pertencente a uma coletividade mal vista e inoportuna”, já representava um grande avanço comparado ao que deixara na Alemanha.¹⁰⁹⁴ Wohlwill permaneceu em Portugal até 1946, quando emigrou para os Estados Unidos, para onde haviam se mudado os filhos quando da irrupção da Segunda Guerra.

Mais bem-sucedido na tentativa de emigrar para o Brasil foi o jovem químico e botânico Karl Silberschmidt.¹⁰⁹⁵ Ele havia se candidatado para um posto de professor no estado da Baviera, mas devido à sua “origem não-ariana” foi excluído da lista de candidatos. Não havendo mais possibilidades de trabalho na Alemanha, e temendo a atmosfera cada vez mais hostil, Silberschmidt procurou conseguir um cargo no estrangeiro. Não foi possível identificar o canal através do qual ele chegou a Rocha Lima e ao Biológico, apenas que em 24 de outubro de 1935, ele comunicou ao Ministério da Educação e Cultura da Baviera que a secretaria de Agricultura de São Paulo havia lhe oferecido um posto na instituição de pesquisa

¹⁰⁹⁴ Carta de Friedrich Wohlwill a Rocha Lima de 11.12.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁰⁹⁵ Nascido em 03 de Agosto de 1903, Karl Silberschmidt formou-se em ciências naturais nas universidades de Munique e Berlim. Especializou-se em química e botânica e fez trabalhos científicos no campo da fisiologia. Entre 1926 e 1928 realizou o exame teórico e prático para assumir o cargo de professor do ensino superior em química, biologia e geografia e ministrou as duas primeiras disciplinas em instituições de ensino superior. Entre 1928 e 1930 foi assistente do Professor von Goebel no Instituto de Fisiologia Vegetal da Universidade de Munique. Nesse período realizou trabalhos sobre questões de bioquímica e doenças virais. Em 1933 apresentou o trabalho de habilitação para tornar-se “Professor”, mas foi impedido devido à origem judia. Até 1935 conseguiu levar a cabo, com o apoio da Sociedade de Auxílio à Ciência Alemã (*Notgemeinschaft der Deutsche Wissenschaft*) pesquisas no âmbito da química fisiológico e imunidade adquirida de plantas. Em curtas estadias na Áustria e Holanda familiarizou-se com técnicas de micologia e virologia. Assumiu o posto de assistente no Instituto Biológico em 1935, onde permaneceu até sua morte, em 1935. Segundo Costa (1986), a atuação de Silberschmidt contribuiu para fortalecer a “escola” de fitovirologia iniciada por Agesilau Bitancourt no Biológico. Ele demonstrou a transmissão da clorose infecciosa das malváceas pela mosca branca *Bemisia tabaci*, a transmissão da tristeza dos citros pelo pulgão preto e do topo crespo dos tomateiros por *Agallia albidula*. Silberschmidt identificou ainda, junto com Frederico Ottenssooser, uma espécie de gramínea (*Vicia gramínea*) que possui a propriedade de aglutinar sangue humano do tipo N, que não é importante na identificação dos grupos de transfusão sanguínea, mas que tem papel relevante nos estudos de genética humana e medicina forense. PAAA 61171. Lebenslauf von Karl Silberschmidt, anexo à carta de 24.10.1935 e Costa, 1986, p. 54-5.

agrícola. Comunicou o convite ao *Auswärtiges Amt*, que informou que considerava a ocupação de tal cargo no estrangeiro oportuna para os interesses alemães.¹⁰⁹⁶

Em setembro de 1933, Rocha Lima recebeu carta de Alfred Plaut, do Hospital Beht Israel, em Nova Iorque, que menciona correspondência de julho de 1933, em que o pesquisador brasileiro havia manifestado o desejo de ajudar os colegas alemães de origem judia. Plaut indicou que entrasse em contato com o Comitê de Emergência em Auxílio aos Acadêmicos Alemães Demitidos, em Nova Iorque, ao invés do comitê formado na Holanda, sugerido por Rocha Lima. O de Nova Iorque mostrara interesse em saber do andamento, basicamente, das dificuldades que ele estaria tendo, no Brasil, para sua ação em favor dos colegas judeus. A carta sugere que o engajamento de Rocha Lima em favor daqueles que haviam sido destituídos de seus cargos na Alemanha e procuraram emigrar foi maior do que supõem os episódios aqui mencionados.¹⁰⁹⁷

Alguns alemães procuraram auxiliar os colegas judeus na busca por um novo local de trabalho no exterior. Ainda em abril de 1933, quem escreveu a Rocha Lima com esse objetivo foi o médico tropical do Instituto Robert Koch, Claus Schilling,¹⁰⁹⁸ que tornou-se mais conhecido por ter realizado experimentos com humanos no campo de concentração de Dachau. Ali, conduziu uma estação de pesquisas sobre malária, na qual empreendeu testes de imunização contra a doença e experimentos com antimaláricos sintéticos. Dos mil prisioneiros submetidos, cerca de 300 a 400 morreram, o que valeu a condenação de Schilling à forca, pelo Tribunal de Nuremberg (Hulverscheidt, 2006). Na carta dirigida a Rocha Lima, Schilling indagou se ele poderia debater com as autoridades e colegas brasileiros sobre a possível contratação dos colegas judeus. Para o diretor de um instituto estrangeiro – afirmou - imaginou ser particularmente atraente a possibilidade de obter mão-de-obra qualificada de forma relativamente barata. Justificou que tratavam-se de especialistas valiosos, muitos de renome internacional. Em relação à medida decretada pelo *Führer*, declarou: “Eu me

¹⁰⁹⁶ PAAA 61171. Ofício do Ministério da Educação e Cultura da Baviera ao *Auswärtiges Amt* de 06.10.1935 e carta de Karl Silberschmidt ao Ministério da Educação e Cultura da Baviera de 24.10.1935.

¹⁰⁹⁷ Carta de Alfred Plaut a Rocha Lima de 25.09.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

¹⁰⁹⁸ Carta de Claus Schilling a Rocha Lima de 18.04.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP

abstenho intencionalmente de qualquer crítica, mas eu gostaria de fazer a minha parte para que esses colegas possam novamente dar início às suas vidas.”¹⁰⁹⁹

Somente em julho Rocha Lima respondeu a Schilling. Confirmou que seria de fato uma alegria poder contar com a colaboração de distintos especialistas desempregados, “em virtude das mudanças na Alemanha”. Mas disse não haver recursos para pôr a idéia em prática, ainda mais com o câmbio desfavorável. Também referiu-se a limitações legais para isso. Escreveu que veria se no Rio seria possível um relaxamento de tais exigências, mas as fontes consultadas não registram nenhuma movimentação nesse sentido.¹¹⁰⁰

Um mês depois de Rocha Lima escrever a Schilling, Munk dirigiu-se não só a ele, como também aos demais amigos brasileiros com o pedido para acolher os colegas judeus que haviam perdido o cargo e que estavam “ameaçados em sua existência”.¹¹⁰¹ Em particular, Munk indagou se haveria um posto disponível para um antigo assistente, que trabalhava num instituto de pesquisas em balneoterapia. Também pleiteou vagas para o químico Ludwig Pincussen, que havia escrito um livro sobre técnicas de laboratório, tinha 60 anos, mas ainda estava bastante ativo, ressaltou, e para o dermatologista Heinrich Löhe, a quem talvez Lindenberg pudesse ajudar. O médico alemão aproveitou a ocasião para explicar os “acontecimentos políticos” que haviam ocorrido na Alemanha naquele ano de 1933. Considerava “compreensível” não terem sido entendidos no estrangeiro. Milhões de alemães também deveriam estar surpreendidos, compreendendo somente naquele momento do que se tratava, escreveu. O momento ao qual Munk se referia era exatamente o mês no qual Hitler havia assumido plenos poderes como presidente, chanceler e chefe das forças armadas e no qual amplos setores da sociedade alemã já haviam sido submetidos à “*Gleichschaltung*”, o processo de “coordenação” ou “sincronização”, através do qual procurou-se eliminar os dissidentes e fomentar a igualdade de pensamentos, ideologia e direitos para os considerados aptos a tomar parte na “*Volksgemeinschaft*” (comunidade do povo) (Steinbach, 2002).

O objetivo da carta de Munk foi explicar e justificar tais “acontecimentos”, principalmente a perseguição aos judeus que motivara os pedidos acima mencionados. Ao

¹⁰⁹⁹ *Idem*

¹¹⁰⁰ Carta de Rocha Lima a Claus Schilling de 10.07.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁰¹ Carta de Fritz Munk a Moses (e outros) de 09.08.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

contrário do que a imprensa e a “cruel propaganda” fazia acreditar, a “luta política” contra os judeus tratava-se de um fenômeno secundário dentro de uma ampla revolução cultural, argumentou Munk. Esta exigia um novo homem, adaptado às novas circunstâncias; um novo padrão de cidadão que substituiria aquele estabelecido pela Revolução Francesa. Em relação à “luta política” contra o judaísmo – não o anti-semitismo de fundo racial profundamente arraigado, reparemos – os próprios judeus haviam sido advertidos de suas consequências, afirmou. Ela seria inevitável. Numerosas ligas judaicas em Berlim haviam chamado atenção “contra os abusos dos esforços políticos judeus”. Tais advertências teriam sido inúteis, e agora, “justa ou injustamente” todos os judeus sofreriam na luta política, constatou. Munk também tentou minimizar o alcance da política anti-judaica. A “luta” politicamente motivada teria envolvido apenas alguns insultos e agressões individuais, alguns dos quais haviam resultado em morte. Mas assegurou que nem ele próprio, nem qualquer dos seus assistentes haviam tomado conhecimento de casos fatais. Justificou também que a difamação generalizada, usada no princípio como meio de luta política, havia sido reprovada pela maior parte das pessoas instruídas. Como muitos destes contavam com bons amigos entre os judeus e pessoas de alta estima – prosseguiu – o destino deles tocava a cada um de forma dolorosa. Os próprios alemães haviam se surpreendido com a obstinação e implacabilidade daquela luta, afirmou Munk, lamentável em seus efeitos, porém necessária para a plena instauração de uma nova ordem. Tudo que ocorria destinava-se apenas à homogeneização da vida política, ao contrário das dissensões e particularismos do sistema de partidos vigente durante a República de Weimar. A vida na Alemanha prosseguia inabalável e tranquila, escreveu o médico alemão, ao contrário do que fazia crer a leitura dos jornais estrangeiros. Em seu hospital ele não havia sentido a mínima perturbação da ordem, apenas uma diminuição dos rendimentos ainda por efeito da crise.¹¹⁰²

O detalhado quadro da situação política alemã sob o jugo nazista também atendia a pedido do próprio Rocha Lima, que em julho de 1933 havia escrito ao amigo alemão ansioso por saber dos “acontecimentos”.¹¹⁰³ Em sua opinião, a “*Gleichschaltung*” significava o fim do pensamento livre. Com essa padronização da opinião pública e publicada, julgava que não valia mais a pena ler os jornais alemães. Além disso, temia que ocorresse processo semelhante

¹¹⁰² Carta de Fritz Munk a Moses (e outros) de 09.08.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁰³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 10.07.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

ao que vivenciara durante a Primeira Guerra, quando apenas opiniões concordantes com a ideologia reinante podiam ser publicadas. “O importante é que tudo isso não seja apenas um entusiasmo momentâneo, mas que daí resulte algo positivo e permanente para o povo alemão”, escreveu a Munk. Via com alegria o fato de que “as grandes incertezas” tivessem dado lugar “a uma esperançosa alegria e otimismo”. No entanto, não se podia exigir entusiasmo da população por métodos “inspirados e aperfeiçoados pelos bolcheviques e fascistas”, afirmou. Irônico, comentou que a vida devia estar interessante para os apáticos e indiferentes. “Costumes medievais de queima de livros, Pelourinho, etc., como eram usuais nas perseguições religiosas e racistas feitas pelos romanos tem um romantismo difícil de encontrar-se em outros povos ocidentais”, acrescentou. De forma zombeteira, Rocha Lima aludiu aos signos mitológicos “*völkisch*” mobilizados pelos nazistas:

Espero então encontrar na próxima ida à Alemanha o culto a Wotan como religião obrigatória de toda a população e você, e todos os amigos vestidos com roupas autenticamente germânicas, bebendo em chifres e falando de Valquírias, de filhas do Reno e dragões, que obedecem todos ao herói Sigfried-Hitler. Se isso acontecer também entre nós aqui, pois também temos ditadores (se bem que bastante brandos, censores fascistas, etc.), a coisa vai ficar perigosa pra você caso sua viagem para cá demore muito a acontecer. Pois os nossos antepassados não eram como os antigos germânicos, efusivos e viciados em bebida, mas em homenagem aos hóspedes e devido ao apreço por comidas refinadas, devoravam-nos todos. ¹¹⁰⁴

Foi também com sarcasmo que Rocha Lima tratou as pretensões científicas da tese de superioridade racial. Em outra ocasião, escreveria ao amigo: “Como parece que você deseja comprovar a superioridade racial também em termos de preguiça para escrever, deverei esperar no mínimo 24 meses até a chegada da sua obra”.¹¹⁰⁵ Em seguida: “Desde que a relação com pessoas que não têm sangue germânico puríssimo não leve a uma estadia depuradora num campo de concentração”.¹¹⁰⁶ Ainda em tom jocoso, disse ter tranquilizado o legado alemão no Brasil sobre a viagem do clínico de Berlim, apresentando-a “como um

¹¹⁰⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 10.07.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁰⁵ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 09.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁰⁶ *Idem*

intercâmbio racial altamente desejável (...) Jurei-lhe por Wotan que nas tuas veias circulam exclusivamente leucócitos nórdicos e eritrócitos arianos”, acrescentou.¹¹⁰⁷

Enquanto Rocha Lima expressa, pelo menos a princípio, certo distanciamento crítico em relação a alguns pontos da “*Gleichschaltung*” nazista, os argumentos de Munk remetem a alguém bastante persuadido pelas crenças dos correligionários de Hitler. Eles ecoam as concepções fomentadas pelos nazistas num novo começo, ou seja, numa nova história, que não seria a história desenvolvida desde o Iluminismo e a Revolução Francesa, mas pelo contrário, um devir capaz de neutralizar os seus efeitos (Steinbach 2002, p. 111). Aparentemente, Munk estava entre aqueles persuadidos por si próprios do ideário nazista, em grande medida porque compartilhavam dele. A “sincronização” social, política e ideológica da sociedade alemã inspirava em muitos uma auto-coordenação, uma adequação às crenças socialmente compartilhadas. Para Rocha Lima, o posicionamento de Munk em concordância com os pressupostos da ditadura nazista era um fator tranquilizador e motivo de satisfação, pois sabia qual o destino reservado aos opositores do regime: “Sobre seu modo de pensar político, eu não tive dúvida. Fico feliz por isso, pois assim posso ter a certeza de que você não ficará diante do dilema de emigrar ou deixar tua mulher e filhos morrerem de fome”.¹¹⁰⁸

Munk tornou a comentar sobre o destino dos colegas judeus e a situação política alemã em maio de 1934.¹¹⁰⁹ Escreveu que o primeiro era o único aspecto que contradizia seu completo bem-estar pessoal. No entanto, mesmo as graves consequências econômicas trazidas pela perseguição aos judeus deveriam ser suportadas em favor de um futuro melhor. Foi nesse registro que Munk qualificou todo o processo da “revolução”: “Naturalmente esses tempos não são para trazer contentamento, mas com certeza esta revolução, comparada com as experiências anteriores, é um mal necessário para proteger o povo alemão de coisa pior”. As “experiências anteriores” às quais se referia certamente eram as revoluções de 1918/19, quando a Alemanha esteve à beira de cair nas mãos dos socialistas e comunistas. Novamente Munk procurou amenizar o impacto das críticas feitas pela imprensa estrangeira, que classificou como “tendenciosas”. Atribuiu tais críticas a um receio da Alemanha se reerguer, único motivo que explicaria “o imenso interesse da imprensa num mundo espantado por toda

¹¹⁰⁷ *Idem.*

¹¹⁰⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 23.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁰⁹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 14.05.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

e qualquer besteira que algum jovem daqui expressa”.¹¹¹⁰ Fez analogia dessa campanha à propaganda veiculada durante a Guerra: “Mais uma vez, a ‘humanidade’ se sente ameaçada pela ‘cultura’, ciência e mesmo pela religião cristã dos bárbaros alemães e logo todos acreditam nisso”.¹¹¹¹ Depois de algum tempo – argumentou – concluiriam que não se tratava de nada daquilo que os críticos e catastrofistas haviam divulgado. Muitas coisas ditas e escritas pelos alemães facilitavam essas críticas externas, reconheceu o médico de Berlim, “mas qual é a revolução que não enseja críticas?”¹¹¹²

A situação econômica também aparece nas linhas escritas por Munk. Sua clínica particular, que ainda em 1933 sofria as consequências da crise, começava se recuperar. O crescimento era muito menor do que aquele que se esperava depois da partida de grande número de clínicos de Berlim, acrescentou. Mas segundo ele, isso resultava da falta de pacientes do exterior e aos pesados impostos, “que cuidam para que a fortuna não cresça em demasia”.¹¹¹³ De fato, a alta carga tributária financiou em grande medida o “bem-estar social” que o governo nazista procurou garantir através do fomento de políticas sociais aos alemães mais pobres e subsídios para estimular o consumo da classe média. Um dos símbolos mais expressivos desse frenesi consumista foi o “Volkswagen” – o carro do povo – um projeto que já vinha se desenvolvendo desde 1931, mas que Hitler abraçou com entusiasmo, levando à criação, em 1937, da empresa de mesmo nome. Comentário de Munk a respeito desse apetite pelo consumo é bastante expressivo: “Eu acho que o Volkswagen é e permanecerá sendo o objetivo principal dos casais que se aliam ao governo.”¹¹¹⁴ A rápida recuperação da economia alemã comparada com os demais países deveu-se também ao estímulo às indústrias. O principal ramo que ganharia destaque nesse sentido, contribuindo de forma decisiva para alavancar o crescimento foi o setor militar. A “economia de guerra” (*Wehrwirtschaft*) azeitou as engrenagens que possibilitaram não só a melhora da economia, como também a constituição da poderosa indústria de armamentos que fez com que no final dos anos 1930 a Alemanha se tornasse um adversário bastante temido.

¹¹¹⁰ *Idem*

¹¹¹¹ *Idem*

¹¹¹² *Idem*

¹¹¹³ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 17.12.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹¹⁴ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 22.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

A resposta de Rocha Lima de junho de 1934 certamente tranquilizou Munk dos efeitos da “cruel propaganda” e das “críticas tendenciosas” sobre os acontecimentos na Alemanha.¹¹¹⁵ “A disposição no Brasil em relação aos alemães, que no geral era bastante pró-germânica, de modo algum sofreu modificações”, escreveu o diretor do Biológico. Não havia o menor sinal de animosidade contra os imigrantes e a imprensa local estava bastante reservada em suas críticas. “Será por causa dos anúncios das grandes empresas alemãs?”, indagou, provocativo. No entanto, medidas como a perseguição aos judeus, a queima de livros em praça pública e as concepções de supremacia racial haviam feito com que mentalidades sintonizadas com a ideologia nazista ficassem mais contidas. O pesquisador brasileiro acreditou não haver nenhum motivo para duvidar das intenções pacíficas do governo alemão. No entanto, a almejada política de alocar a população alemã em regiões de expansão do Reich, o ódio racial e o desejo de rearmamento, “embora reconhecidamente justo”, eram considerados como processos que levariam à Guerra. Para ele não havia sombra de dúvida de que a política de crescimento populacional fomentada pelo Estado atendia a propósitos de colonização: “Por enquanto não somos afetados por isso, mas sim a França e a Rússia, que daqui a 100 anos terão que ceder espaço para os 250 milhões de alemães. Nós entraremos na jogada apenas mais tarde.” Considerava “bastante lamentável” que, ao lado da admirável determinação e energia de uma Nação que se tornava cada vez mais forte, viviam povos que se sentiam ameaçados “com a concretização da igualdade de direitos justamente reivindicada pelo povo alemão”. Para Rocha Lima, a mentalidade que vigia na Alemanha, que considerava pacifista, trazia consigo uma ameaça que levava os demais países europeus à auto-afirmação. Até quando eles esperariam que os alemães conquistassem seus objetivos? Se as intenções dos mandatários nazistas fossem atingidas sem que o povo alemão fosse levado à Guerra, então “certamente Adolf Hitler poderia ser considerado, e com razão, o maior gênio político de todos os tempos”, afirmou. E torceu: “Eu me alegraria sinceramente se isto acontecesse e se a Alemanha viesse a ocupar o alto lugar que lhe é de direito entre as nações”.¹¹¹⁶

De forma análoga a muitos alemães, Rocha Lima via como legítima a política temerária de Hitler em relação aos países europeus. Mostrou-se consciente dos riscos e

¹¹¹⁵ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 09.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹¹⁶ *Idem.*

desconfianças que ela trazia, mas manifestou seu apoio, desde que ela não levasse à Guerra. Esse era o desejo de muitos alemães entre os quais os traumas do conflito mundial ainda eram bastante recentes. Não foi só Rocha Lima quem acreditou nos falaciosos sinais de Hitler em favor da manutenção da paz (tal como o pacto de não-agressão com a Polônia). Essa mesma crença moveu os acordos e tentativas de negociação, engendrados, por exemplo, pelos ingleses, como estratégia para evitar a todo custo a deflagração de uma guerra. Demorou para perceberem que este era o firme objetivo perseguido pela política nazista e que nada demoveria o “*Führer*” desse propósito. A Guerra como motivação dessa política deveria dirigir-se não apenas para o exterior - para conquista do “espaço vital” (*Lebensraum*) -, como também para dentro, contra os inimigos e indesejáveis do regime (Michalka 2002, p. 282).

Entre os adversários internos do regime contavam-se não apenas os perseguidos por motivos fundados em concepções raciológicas, como também intelectuais e cientistas críticos aos pressupostos da ideologia nazista. Além da demissão sumária e expulsão de pesquisadores em virtude da origem judaica, muitas instituições foram “aparelhadas” pelas autoridades políticas, caindo nas mãos daqueles mais sintonizados com tais pressupostos. Ao contrário do que afirma certa historiografia, que qualifica a ciência praticada durante o domínio nazista como “pseudo-ciência” ou “ciência ideologicamente orientada”, estudos mais recentes vêm mostrando que houve uma interação extremamente complexa e mediatizada entre os cientistas e as autoridades do regime. Conforme afirma Szöllozi-Janze (2002), as ciências, enquanto parte do sistema social, foram enredadas na teia de relações de poder que fizeram da burocracia nazista menos um bloco monolítico de “dominação”, do que uma instância marcada por disputas internas e fissuras. A capacidade de cooperar, de concorrer, de recrutar aliados e conquistar apoio definiu de forma decisiva o espaço de manobra dos cientistas; obviamente, daqueles reconhecidos como membros legítimos da *Volksgemeinschaft* (Szöllozi-Janze 2002, p. 163-4). Os que assumiram a direção de instituições científicas ou permaneceram em seus postos de liderança, ou aderiram completamente ao regime, inclusive se filiando ao Partido, ou tiveram que manter um posicionamento bastante tênue, tornando as relações com os nazistas no mínimo ambíguas. Foi o caso, por exemplo, de Max Planck. Não foram poucos os que aderiram movidos por puro oportunismo, impulsionados por interesses e ambições pessoais.

No *Tropeninstitut*, as intervenções não se limitaram à expulsão dos funcionários judeus. Quando os nazistas tomaram o poder, Fülleborn ocupava, desde 1930, a direção do

instituto. Ele ficou tão desgostoso com as ingerências dos nazistas, que caiu doente. Em maio de 1933, ele informou a Nocht as medidas tomadas por eles:

Depois da ‘lei do funcionalismo público’ (*Beamtengesetz*) nós não poderemos mais manter conosco o Dr. Hecht, que de forma tão excelente se familiarizou com seu campo de trabalho e por isso nos é tão imprescindível (...) Frau Fürth, também deverá partir por ser judia batizada. Em segredo lhe informo que Herr Brandt também é de ascendência judia por parte de mãe, e por isso não sabemos ainda se ele poderá permanecer conosco. Além disso ainda tem muitas outras coisas que fazem com que dirigir o Instituto não seja mais uma tarefa agradável, mas eu falarei melhor delas pra você pessoalmente.¹¹¹⁷

Em julho de 1933, Mayer relatou a Rocha Lima: “Fülleborn está bastante apático e cansado e logo entregará seu cargo. Ele sente mais seu coração, do que gosta de admitir.”¹¹¹⁸ Um mês depois, recém-chegado de uma expedição científica à China e Japão, Mühlens contou ao colega: “Entre todas as coisas nós estamos muito tristes, porque Fülleborn está corporalmente e mentalmente tão para baixo, que ele acreditou não poder mais levar adiante a direção do Instituto.”¹¹¹⁹ Em setembro de 1933 ele morreu, vítima de um ataque cardíaco (Wulf 1994, p. 82). A vaga deixada por ele foi alvo de intensa disputa que opôs; Mühlens, visto pela direção do Partido Nazista como pertencente a uma geração mais velha e, por isso, considerado reacionário em sua postura política e, de outro lado, Ernst Rodenwaldt, tido como mais sintonizado com a ideologia vigente (Idem, p. 129-30). Durante a campanha, Mühlens foi exposto à pesada difamação pelos chefes do Partido. O diretor principal do NSDAP¹¹²⁰ argumentou em março de 1934 que a ocupação da vaga – a direção do *Tropeninstitut* e a cátedra de medicina tropical da Universidade de Hamburgo, cargos ligados entre si – não se tratava de questão de importância local, mas sim nacional, pois a “revolução” em curso deveria garantir uma diretriz homogênea na condução de todo o sistema de ensino e pesquisa.

¹¹¹⁷ Carta de Friedrich Fülleborn a Bernhard Nocht de 26.05.1933, citada em Bernhard-Nocht Institut für Tropenmedizin 2000, p. 5.

¹¹¹⁸ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 04.07.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹¹⁹ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 17.08.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹²⁰ Sigla de *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Partido dos Trabalhadores Nacional-Socialista Alemão).

Nesse sentido, manifestou que o cargo deveria ser ocupado por aquele de postura mais bem orientada nos termos da ideologia nazista. A direção do Partido em Munique fez lobby em favor de Rodenwalt. Seus defensores argumentaram que predominavam em suas publicações temas relacionados à herança genética, à higiene racial e à seleção. Os estudos sobre os efeitos da miscigenação racial seriam de maior utilidade para o regime. Além disso, Rodenwalt compartilhava do ideário “*völkisch*” e era um ferrenho anti-semita (Wulf 1994; Eckart 1997, p. 520-1).¹¹²¹ Mühlens, por sua vez, foi alvo de suspeição e críticas, devido às estreitas relações que tinha com o banqueiro judeu Max Warburg, que inclusive pertencia à Sociedade de Amigos do Instituto Tropical, e pela forte ligação com as missões católicas (Wulf 1994; 2005, p. 113-4).

Apesar da pressão feita pelos líderes do NSDAP em Berlim, o governante nazista da cidade de Hamburgo, Karl Kauffmann, nomeou Mühlens como diretor do *Tropeninstitut*, cedendo à vontade de Nocht. Este também havia articulado junto às lideranças políticas da cidade hanseática. Conforme afirma Brahm (2002, p. 74), a nomeação de Mühlens demonstra a força e legitimidade do *Tropeninstitut* junto à administração municipal de Hamburgo, que opôs-se frontalmente às deliberações e interesses das lideranças de Berlim.

Rocha Lima soube da nomeação de Mühlens na direção do Instituto Tropical através do amigo de Hamburgo, Alfred Spaethe.¹¹²² No mês seguinte, escreveu ao colega, parabenizando-o pela nomeação, “um acontecimento que há tempos foi esperado e desejado por todos os amigos e cuja demora permanecerá para nós sempre incompreensível”.¹¹²³ Manifestou a mesma satisfação a Mayer, a quem disse estar esperançoso que a nomeação de

¹¹²¹ Devido aos estudos sobre higiene racial, Rodenwaldt fez parte do corpo de redatores do “*Volk und Rasse – Illustrierte Monatsschrift für deutsches Volkstum/ Rassenkunde/ Rassenpflege*”, fundado em 1926. A revista reunia os mais aguerridos defensores da higiene racial, sendo uma representante da sociedade Alemã de Higiene Racial, criada em 1904. Rodenwaldt foi incorporado como eixo de ligação entre o movimento da higiene racial e da medicina tropical, ramos bem representados nas concepções da chamada “geomedicina”, das quais foi o grande expoente ao lado de Heinz Zeiß (Hansen 2007, p. 15-7). Sobre Zeiss e a geomedicina ver Schleiermacher 2006.

¹¹²² Carta de Spaethe a Rocha Lima de 17.05.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹²³ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 04.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Mühlens alçasse novamente a primeiro plano a “velha e serena objetividade”.¹¹²⁴ Estava feliz que a “confusão de política com ciência tomada de empréstimo dos sul-americanos” tivesse sido enfrentada com sucesso “pela velha guarda” do *Tropeninstitut*. Dessa forma, acreditava que se solidificava entre os amigos do Instituto, a confiança no bom destino reservado a ele e no Reich alemão, “mesmo que daqui ela seja posta em dúvida algumas vezes”, acrescentou.¹¹²⁵ O “bom destino” do *Tropeninstitut* deveu-se menos à “confiança no Reich” do que a Mühlens, que se revelou um nacional-socialista convicto. Ele, que fazia parte do ultraconservador Partido Popular Alemão (*Deutsche Volkspartei*), tentara ingressar no Partido Nazista já em 1933, mas teve de esperar, em virtude do grande crescimento do número de membros, conseguindo fazê-lo somente em 1937 (Wulf 1994, p. 81). Na gestão do *Tropeninstitut* procurou colocar este a serviço da “nova Alemanha”, através de estratégias que analisaremos um pouco mais adiante.

Se na disputa pela direção do *Tropeninstitut* Mühlens levou a melhor, o mesmo não pode ser dito em relação à Sociedade Alemã de Medicina Tropical. Nela, a influência de Rodenwaldt tornou-se cada vez maior, menos por suas credenciais científicas, do que pelas relações privilegiadas que tinha com o exército alemão e com membros do Partido Nazista. Suas concepções, que sintetizavam noções da higiene tropical com a racial, soavam bem aos ouvidos dos membros da agremiação científica. O anti-semitismo ferrenho também foi um ingrediente presente na Sociedade. Depois de decretadas as “leis racias” em 1935 o pesquisador do *Tropeninstitut* e membro da Sociedade, Curt Sonnenschein, um nazista bastante aguerrido, dedicou-se à “limpeza” da agremiação pela eliminação dos membros “não-arianos”. Em diálogo com colegas da Sociedade Alemã de Microbiologia, discutiu sobre a permanência de pesquisadores de origem judia nas associações científicas. O presidente desta era a favor da expulsão destes. Para ele, emigrantes também não deveriam ser admitidos. O membro do Instituto Robert Koch Traugott Wohlfeil chegou a indagar a Sonnenschein se Rocha Lima era de “origem ariana” (Hansen 2007, p. 24-5). Mas no plano geral, as intenções de eliminação dos “não-arianos” da Sociedade Alemã de Medicina Tropical não vingaram. Pelo menos os planos de eliminação oficial dos associados judeus,

¹¹²⁴ *Idem*

¹¹²⁵ *Idem*

pois para uma agremiação internacional certamente ela traria consequências (Idem, p. 24-9).¹¹²⁶

Gradualmente, Mühlens conquistou espaço dentro da Sociedade Alemã de Medicina Tropical, na medida em que comprovou estar alinhado com a ideologia nazista. Em 1936, assumiu a direção da Sociedade, um corolário da posição como diretor do *Tropeninstitut*. Ele negociou com as autoridades nazistas, que tentaram integrar a associação com a Sociedade Alemã de Higiene. Para manter o controle sobre as agremiações médicas, todas elas seriam incorporadas a duas grandes associações, a Sociedade de Higiene e a Sociedade Alemã de Medicina Interna. O diretor do *Tropeninstitut* não conseguiu demover as autoridades da medida, mas ao menos salvaguardou a autonomia da Sociedade de Medicina Tropical (Hansen 2007, p. 29-34). Posteriormente, a fissura de Mühlens e Rodenwalt também segmentaria esta sociedade de Medicina Tropical, cisão que assinalava não apenas para disputas pessoais por prestígio e posição, como também divergências de concepções e abordagens da disciplina (Wulf 1994, p. 129-140; Hansen, 2007).

O caso do *Tropeninstitut* e da Sociedade de Medicina Tropical são bons exemplos de como as ingerências dos nazistas na administração científica operaram reordenamentos nos perfis institucionais, que tiveram de se adequar aos interesses e objetivos perseguidos pelo regime, principalmente depois que a Guerra já despontava no horizonte como possibilidade bastante concreta. Tais ingerências não ocorreram sem resistências, conflitos e negociações, como bem ilustra o episódio da nomeação de Mühlens na direção do *Tropeninstitut*. Esse “alinhamento” não se deu de forma automática, nem foi unidirecional. Episódios semelhantes também envolveram outras instâncias da administração nazista, um edifício que adquiria complexidade crescente, com dinâmica burocrática cada vez mais “kafkiana” e disputas frequentes, em virtude da sobreposição de atribuições. Esse foi o caso, por exemplo, da política externa, que passou a envolver a um só tempo não só o *Auswärtiges Amt*, como também a Divisão Internacional do NSDAP e, em alguns aspectos, o Ministério de Propaganda e a organização policial do regime. Vamos analisar a seguir, em linhas rápidas, o

¹¹²⁶ Os nomes de judeus e russos foram silenciosamente eliminados da lista de sócios, que era publicada anualmente nos *Archiv für Schiffs- und Tropenhygiene*. As listas de uso interno discriminam os membros que sabidamente eram judeus. Aqueles sobre os quais haviam dúvidas eram assinalados como “meio-arianos” (*Halbarier*). Além dos judeus, os russos também foram neutralizados na Sociedade (Hansen, 2007).

impacto das mudanças políticas na Alemanha em termos das relações germano-brasileiras, da *Kulturpolitik*, bem como a participação de nosso personagem nas iniciativas destinadas a aproximar os dois países.

5.12. Rocha Lima e o intercâmbio Brasil-Alemanha em tempos de regimes autoritários

A mudança de governo, mesmo em condições que podem ser avaliadas como revolucionárias, dificilmente implica imediatamente em transformações radicais na política externa dos países envolvidos (Michalka 2002, p. 284). Não foi diferente no caso da Alemanha nazista: o regime manteve inicialmente grande parte dos quadros do *Auswärtiges Amt* e da diplomacia. Três grandes eixos pautariam a princípio a política externa alemã: a revisão do Tratado de Versalhes, que havia sido reclamada durante toda a República de Weimar e era um dos poucos consensos que catalisavam os interesses de todo o espectro político, a questão do rearmamento da Alemanha, orientada pela política armamentista das potências vitoriosas, e a revisão das fronteiras territoriais, principalmente a leste. Outros pontos, como a anexação da Áustria, o interesse em estabelecer uma “Grande Alemanha” na Europa Central e a devolução de pelo menos uma parte das ex-colônias alemãs na África, ocupariam inicialmente um segundo plano (Michalka 2002, p. 285).

No que se refere à promoção da ciência e cultura alemãs no estrangeiro, não houve, no início, modificações significativas em termos de organização do intercâmbio acadêmico. Como as prioridades eram a organização do Estado e a recuperação das consequências econômicas da Grande Depressão, os nazistas fizeram uso das mesmas estruturas e instituições estabelecidas durante a República de Weimar. Até 1937, o organograma e os quadros do *Auswärtiges Amt* permaneceriam os mesmos. Em consequência da Lei de Restauração do Funcionalismo, o diretor da Divisão Cultural teve de ser substituído, assumindo em seu lugar o historiador Friedrich Stieve. Pequenas modificações tiveram de ser feitas em virtude das demandas do ministro da Propaganda e Educação Popular, que reclamou a participação de seu ministério nas relações culturais internacionais do regime. Havia certa divergência em termos de abordagens e estratégias dessas relações. Zarifi (2007, p. 203-4) afirma que os nazistas viam o cultivo das mesmas, sob o prisma da ideologia e como arma de propaganda política. Percepção diferente daquela privilegiada no *Auswärtiges Amt*, cujo responsável resistiu às tentativas de Goebbels de incorporar toda a Divisão Cultural em seu

ministério. Com a Guerra, a abordagem “propagandista” acabaria prevalecendo. Havia ainda a Organização Internacional do Partido Nazista, que também se envolveu na organização de viagens de cientistas e na seleção daqueles que deveriam tomar parte de expedições de pesquisas e palestras no estrangeiro (Idem, p. 204).

Em relação ao Brasil, o intercâmbio intelectual nos primeiros anos da ditadura nazista também não sofreu modificações substantivas. Em termos mais gerais, as relações bilaterais foram favorecidas pela simpatia que Vargas nutria pelo regime de Hitler. O caudilho gaúcho teve entre seus colaboradores notórios germanófilos como o general Eurico Gaspar Dutra, Fillinto Müller, Lourival Cardoso e Góes Monteiro, que admiravam a organização política instituída pelos nazistas. Não eram os únicos. Muitos membros da elite política se entusiasmaram com o regime autoritário alemão, mas ao mesmo tempo nutriram profunda desconfiança em relação ao contingente de cerca de 1 milhão de alemães e teuto-brasileiros que se encontravam no país, afirma Gertz (1996). Houve suspeição da postura política daquele contingente populacional e insinuações sobre possíveis intenções imperialistas por parte do Terceiro Reich. Para aumentar as desconfianças, entre os chamados *Reichsdeutsche* – alemães que haviam emigrado principalmente durante a República de Weimar - houve os que se filiaram ao Partido Nazista, que atuava no país desde 1928. Ele contou com cerca de três mil membros e teve células em 17 estados, a maior delas sendo a de São Paulo. Mas ao contrário do que se propalava, os nazistas não tinham qualquer interesse em interferir na dinâmica política local, apenas o de divulgar os ideais do regime de Hitler e assegurar a integração da população de alemães à *Volksgemeinschaft* (Dietrich, 2007). Até 1938, o Partido Nazista atuava livremente no Brasil, contando com a tolerância do governo brasileiro. Naquele ano, seria posto na ilegalidade, mas só foi alvo de repressão mais sistemática, quando o Estado Novo declarou guerra ao Eixo, em 1942 (Idem).

A proximidade de Vargas com o regime nazista deu-se principalmente no âmbito das relações comerciais. Com a assinatura do acordo de compensação, em 1934, o intercâmbio econômico teuto-brasileiro cresceu a ponto da Alemanha assumir em dois anos a segunda posição no rol de importações brasileiras e o segundo maior mercado de nossos produtos de exportação. Ela deslocaria a liderança ocupada até então pelos Estados Unidos. Conforme afirma Hilton (1977, p. 26), o crescimento das relações comerciais também se tingia de conotações políticas. Em 1936, as representações diplomáticas nos dois países foram elevadas ao status de embaixadas. Naquele mesmo ano, policiais e militares brasileiros viajaram à Alemanha para fazer treinamento com a Gestapo. O Brasil, em contrapartida, limitou desde

1933 a entrada de judeus no país e entregou ao Reich comunistas perseguidos pela ditadura de Hitler.¹¹²⁷

Como vimos anteriormente, no mesmo ano em que os nazistas assumiam o poder na Alemanha, Rocha Lima ocupou a direção geral do Instituto Biológico de São Paulo, num contexto político conturbado. Como diretor, adquiriu maior espaço de manobra para transformar a instituição num ponto de apoio da propaganda cultural alemã e orientada em favor da ciência germânica. Uma das medidas tomadas nesse sentido, foi a tentativa de fortalecer os laços de seus jovens colaboradores com sua “pátria científica”. Vimos que havia organizado cursos de idioma alemão nas dependências do instituto. Outra iniciativa, foi enviar alguns dos pesquisadores para completar seus estudos em instituições alemãs.

Em 1934, foi para a Alemanha o fitopatologista Agesilau Bitancourt. Ele passou uma temporada no Instituto de Botânica Aplicada de Hamburgo. Levou recomendações de Rocha Lima, não só ao diretor daquele Instituto, como também a Mühlens. Pediu que este o recebesse em visita de cortesia no Instituto de Medicina Tropical e o apresentasse a Mayer, Giemsa, Martini, Reichenow e outros.¹¹²⁸ Mühlens prometeu todo o apoio ao pesquisador do Biológico, inclusive encaminhando-lhe ao diretor do Instituto de Botânica com quem tinha relações pessoais.¹¹²⁹ Em Berlim, Bitancourt ficou hospedado na Harnack Haus, em Dahlem, onde ficavam acomodados os visitantes ligados aos institutos Kaiser Wilhelm, regalia que conseguiu por intermédio de Martin Ficker.¹¹³⁰ Foi recebido na capital alemã por Munk, também por recomendação de Rocha Lima, que pediu que o amigo também providenciasse para que seu Bitancourt pudesse exercitar seus saltos ornamentais.¹¹³¹ Rocha Lima também mobilizou o apoio da diplomacia para a viagem de Bitancourt. O cônsul alemão de São Paulo informou em ofício urgente a ida do fitopatologista brasileiro à Alemanha, depois de passar por Londres e Amsterdam. Da carta, conclui-se que Bitancourt também visitaria a fábrica da IG-Farben. O diplomata enfatizou que o diretor do instituto ao qual o visitante pertencia era

¹¹²⁷ Sobre a política de Vargas em relação à entrada de judeus no país ver Carneiro, 1988.

¹¹²⁸ Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 04.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹²⁹ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 02.07.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹³⁰ PAAA 65670. Carta de Max Planck a Agesilau Bitancourt de 15.06.1934.

¹¹³¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 09.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Rocha Lima, “que domina completamente a língua alemã e é conhecido como amigo da Alemanha”.¹¹³² Rocha Lima havia salientado que era de interesse providenciar a melhor recepção ao assistente, uma vez que ele havia feito sua formação universitária na França, onde completara seus estudos em botânica e química biológica no *Institut Agronomique* de Paris e na Sorbone. Por conta disso, Bitancourt deveria receber todo o apoio oficial, de modo a reverter os créditos da visita em favor da propaganda cultural alemã. De acordo com o cônsul, isto se fazia ainda mais necessário, mediante o recente fortalecimento da propaganda francesa, principalmente nas escolas superiores.¹¹³³

Além da Alemanha Bitancourt visitou outros países – Inglaterra, França, Itália, Holanda, Bélgica – mas em carta de agradecimento a Martin Ficker, por ter proporcionado a estadia na Harnack Haus da Kaiser-Wilhelm Gesellschaft disse que foi na sua terra que encontrou os mais destacados avanços em sua especialidade, a fitopatologia. Relatou ter sido muita vantajosa as visitas aos laboratórios, campos experimentais e estufas.¹¹³⁴ Ficker traduziu a carta do fitopatologista e enviou à *Kaiser-Wilhelm Gesellschaft* (Sociedade Kaiser Wilhelm) e ao *Auswärtiges Amt* em sinal de agradecimento, apontando para a importância de iniciativas semelhantes de apoio a cientistas brasileiros que visitassem a Alemanha. “A Alemanha precisa de bons amigos no estrangeiro”, afirmou.¹¹³⁵

Em 1936, foi a vez de Otto Bier passar uma temporada na Alemanha, por sugestão de Rocha Lima, que também encarregou-se das recomendações e do trajeto do pesquisador pelas instituições germânicas. Também por sugestão do diretor do Biológico, Bier realizou estágios curtos de 2 a 3 meses, durante um ano, em laboratórios da Alemanha e da Suíça alemã. Ele já havia estado na Alemanha em 1930 e falava com relativa fluência o idioma alemão, que aprendera com Rocha Lima no curso que este organizara para seus assistentes. Apesar da origem germânica, não falava o idioma antes (Bier, 2010). Em janeiro de 1937, Ernst Nauck comunicou que Bier havia estado no *Tropeninstitut*.¹¹³⁶ Ele frequentou o Instituto de Higiene

¹¹³² PAAA 65670. Deutsches Generalkonsulat São Paulo am Auswärtigen Amt 08.05.1934.

¹¹³³ *Idem*.

¹¹³⁴ PAAA 65670. Carta de Agésilau Bitancourt a Martin Ficker de 15.08.1934. Cópia.

¹¹³⁵ PAAA 65670 Carta de Martin Ficker a Cranach de 11.09.1935.

¹¹³⁶ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 22.01.1937. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

de Basel, dirigido por Robert Doerr, em cujo laboratório realizou parte de seus estudos. Doerr é apontado como o responsável por ter consolidado naquele Instituto a higiene orientada pela bacteriologia, desde que assumira a sua direção em 1919. Ele assumiu reputação internacional, em virtude de seus estudos no emergente campo da virologia, tendo pesquisado intensivamente os chamados vírus bacteriófagos e os agentes de infecções atribuídas àqueles seres ultramicroscópicos de definições ainda nebulosas, tais como febre aftosa, encefalite bovina e herpes. Não é improvável que o objetivo de passar uma temporada no laboratório de Doerr estivesse relacionado ao interesse de Bier sobre a febre aftosa, que ele próprio incluiu entre as motivações da viagem (Bier, 2010). A doença de origem viral comprovada representava sério problema para os criadores paulistas. O professor alemão Otto Waldmann publicara, em 1939, técnica de obtenção de uma vacina que o pesquisador brasileiro tentou reproduzir no Biológico a partir de bovinos infectados com o vírus da aftosa. O imunoterápico foi testado no gado de Fernando Costa, mostrando-se eficaz, mas a produção em larga escala parecia inviável. Na Alemanha, Bier visitou institutos onde a vacina era produzida para conhecer seu método de fabricação. Quando retornou, relatou que o procedimento poderia ser empregado no Biológico, mas renderia apenas o suficiente para as demandas do estado de São Paulo. Junto com o veterinário Ewald Trapp, preparou, então, partidas de imunizantes, distribuídas para os criadores. Posteriormente, quando a produção em larga escala também tornou-se possível no Brasil, ela foi assumida pela iniciativa privada (Bier, 2010).

Além do laboratório de Doerr, Bier passou uma temporada no de Uhlenhuth, uma das principais autoridades alemãs no campo da sorologia. Os estudos imunológicos predominaram nas publicações do pesquisador brasileiro. Em correspondência com Rocha Lima, ele mostrou-se bastante empolgado com a viagem. Manifestou entusiasmo pelas práticas eugênicas que vinham sendo implementadas na Alemanha. Também esteve na França e Itália.¹¹³⁷

O assistente Paulo Nóbrega também realizou viagem de estudos à Alemanha, por impulso de Rocha Lima. Completou os estudos em Bacteriologia, no Instituto Robert Koch, de Berlim, e no Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo

¹¹³⁷ Carta de Otto Bier a Rocha Lima de 27.01.1937. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Na direção inversa, Rocha Lima estimulou a vinda de colegas alemães ao Instituto Biológico. Em maio de 1934, convidou o renomado veterinário alemão, Robert von Ostertag,¹¹³⁸ que havia recém-completado 70 anos, para passar uma temporada de 3 a 6 meses no Instituto, onde poderia realizar tarefas no campo da microbiologia e anatomia patológica. Justificou o convite nos termos da propaganda cultural:

O senhor prestaria um serviço inestimável ao nosso país. Não seria menor o sucesso no sentido da muito necessária propaganda cultural germânica, ainda mais no que se refere às realizações alemãs no campo da medicina veterinária, que são quase completamente desconhecidos por aqui. Assim, o senhor me ajudaria de forma magnífica e impressionante, enquanto único representante da ciência alemã em posição de comando no Brasil, a conferir orientação germânica também a esse campo especial de trabalho.¹¹³⁹

Sugeri que von Ostertag persuadisse o governo alemão da importância de realizar suas atividades no estrangeiro, deixando ali uma profunda impressão. Dessa forma, as autoridades fariam tudo possível para viabilizar sua vinda. Acrescentou que o Instituto Biológico constituía um dos maiores institutos da América do Sul, que certamente contribuiria para o orgulho de São Paulo e do Brasil no campo da patologia animal. Não poderia haver cenário mais perfeito “para um famoso espetáculo em turnê”, argumentou. O convidado ajudaria ainda a reforçar a presença alemã no cenário intelectual paulista, que em virtude da dificuldade do idioma, era bastante restrita. Devido às restrições materiais e desvalorização da moeda brasileira, Rocha Lima afirmou que poderia oferecer, da parte brasileira, 3 mil réis ao veterinário alemão, quantia suficiente para acomodar duas ou até três pessoas num hotel, talvez. Talvez o alemão conseguisse apoio do *Reich* para as passagens e descontos nas

¹¹³⁸ Robert von Ostertag nasceu em Gmünd em 24 de março de 1864, estudou medicina em Berlim e medicina veterinária em Stuttgart. Foi professor de higiene na Escola Superior de Veterinária, em Stuttgart e na Escola Superior de Veterinária de Berlim, entre 1892 e 1907. Nos anos 1890, implementou um amplo programa de inspeção de carnes na Alemanha, que contribuiu para redução no índice de tuberculose bovina entre humanos. Fundou, junto com Otto Lubarsch, em 1896, a revista *Ergebnisse der allgemeinen Pathologie und pathologischen Anatomie der Menschen und der Tiere* (Resultados da patologia geral e anatomia patológica humana e animal). Fez duas expedições científicas à África em 1907 e 1913 para estudar a peste bovina. Foi condecorado com a [Adlerschild des Deutschen Reiches](#) (Placa da Águia do Reich Alemão) em 1939. Morreu no ano seguinte, em Tübingen (Rössler, 1968).

¹¹³⁹ PAAA 61171. Carta de Rocha Lima a Ostertag de 12.05.1934.

companhias de navegação. Pediu uma resposta rápida, para que ele pudesse por em ação a preparação do terreno.¹¹⁴⁰

Em resposta, o *Auswärtiges Amt* garantiu a von Ostertag que havia a disposição de apoiar sua viagem. Pediu apenas que enviasse pedido oficial, no qual comunicava a quantia que estimava necessária.¹¹⁴¹ O Consulado Geral de São Paulo encaminhou sugestão oficial a Berlim. A visita do veterinário alemão, prevista para o começo de 1935 prestaria um grande serviço à Alemanha, enfatizou o cônsul. O Instituto Biológico tratava-se de um dos mais importantes institutos científicos brasileiros e, Rocha Lima, “o mais sincero amigo da Alemanha, que domina completamente o idioma alemão e procura aproximar os dois países também no terreno cultural”, assegurou.¹¹⁴² Por fim, o ministério comunicou a von Ostertag, que havia disposto a quantia de 1.800 Marcos do Reich para viabilizar sua ida a São Paulo. Pediu que ele informasse a data de sua partida e, uma vez de volta à Alemanha, apresentasse relatório de suas atividades. Estava prevista para 21 de junho a saída do vapor do porto de Hamburgo, relatou von Ostertag em carta acompanhada de trecho manuscrito, no qual informa que estava internado no Hospital Saint Jakob por distúrbios circulatórios. A viagem teria de ser adiada e segundo os médicos não havia data prevista para seu restabelecimento.¹¹⁴³ Pelas fontes consultadas não foi possível saber se a vinda de Ostertag se concretizou.

No mesmo ano em que pôs em ação os trâmites para a vinda de von Ostertag, Rocha Lima dirigiu convite para Heinrich Embden.¹¹⁴⁴ Da carta enviada pelo filho, Helmuth

¹¹⁴⁰ *Idem.*

¹¹⁴¹ PAAA 61171. Ofício do *Auswärtiges Amt* a Ostertag de 14.06.1934.

¹¹⁴² PAAA 61171 Ofício do Consulado Geral de São Paulo ao *Auswärtiges Amt* de 29.06.1934.

¹¹⁴³ PAAA 61171. Ofício do *Auswärtiges Amt* a von Ostertag de 27.06.1934 e de 05.05.1935. Carta de von Ostertag ao *Auswärtiges Amt* de 17.05.1935.

¹¹⁴⁴ Heinrich Georg Embden nasceu em 19 de março de 1871, estudou medicina em Estrasburgo e Freiburg, recebendo sua habilitação em 1893. De 1895 a 1897 foi médico-assistente do Hospital Geral Eppendorf, especializando-se em neurologia com Max Nonne, estabelecendo-se como neurologista e psiquiatra em Hamburgo. Em 1898 foi nomeado diretor do departamento de doenças nervosas e eletroterapia no Hospital da comunidade israelita da cidade hanseática. Participou da Primeira Guerra e atuou como membro da comissão

Embden, ao diretor do Biológico, deduz-se que a possibilidade de uma viagem de conferências havia sido aventada por este.¹¹⁴⁵ Em correspondência com o pai, Helmuth soubera que ele estava disposto a realizar tal viagem em qualquer época, pois havia se aposentado no final de 1933. Pediu então, que Rocha Lima entrasse em contato com o pesquisador, informando sobre os possíveis planos, trajeto e financiamento. Embden havia sido diretor do Hospital de Barmbeck, em Hamburgo. Rocha Lima contratou-o por 4 anos devido “à sua formação múltipla e grande interesse pelas doenças infecciosas”.¹¹⁴⁶ O motivo da vinda de Embden ao Brasil estava relacionado ao fato do filho viver no país, onde trabalhava no comércio.¹¹⁴⁷ Numa correspondência sem data, ao que tudo indica endereçada a Mayer, Rocha Lima comunica a morte do pesquisador. Nela, afirma que Embden “foi um entusiasmado conhecedor de nossas realizações e esforços e pode através de seu conhecimento extraordinariamente amplo nos prestar uma ajuda muito boa.”¹¹⁴⁸ A mulher, ao que sabia, vivia junto com o filho no interior do Brasil.¹¹⁴⁹

Quem também visitou o Biológico em 1934 foi Fritz Munk, que estava pela segunda vez no Brasil. Ao contrário dos outros alemães mencionados, a vinda de Munk não estava relacionada à instituição paulista de defesa agrícola. Ele veio para participar da inauguração do Hospital Alemão no Rio de Janeiro, erguido com os recursos da colônia alemã local. A aspiração de construir um hospital próprio vinha desde as últimas décadas do século XIX, mas somente depois de muitas tentativas fracassadas é que foi constituída a *Deutscher Hospital Verein* (Associação Hospital Alemão). O hospital foi construído de acordo com o modelo do

bibliográfica da Unidade Médica de Hamburgo. Entre 1923 e 1933 foi médico chefe do departamento médico do Hospital Geral de Barmbeck. Foi demitido devido à origem judia em 1938, quando o governo nazista revogou a licença que lhe permitia tratar apenas de pacientes judeus. Nesse ano emigrou para o Brasil, vindo a atuar no Instituto Biológico, em São Paulo, onde morreu em 1941. Pieper, C. “Heinrich Embden”. In Kopitzsch, F. & Brietzke, D. *Hamburgische Biografie Personenlexikon*, v. 2, p. 118-9.

¹¹⁴⁵ Carta de Helmuth Embden a Rocha Lima de 16.01.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁴⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.04.1940. A *Folha da Manhã* de 10.01.1940, na seção de divulgação dos trabalhos do Departamento Administrativo do Estado, comunica que o presidente da República autorizou o contrato do professor Emden para prestar serviços ao Instituto Biológico.

¹¹⁴⁷ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.04.1940.

¹¹⁴⁸ Fragmento de carta sem data. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁴⁹ *Idem.*

“Martin-Luther”, dirigido por Munk em Berlim. Como vimos, este foi considerado à época o mais moderno hospital da capital alemã. No final de 1931, uma comissão de representantes da colônia alemã do Rio havia procurado o amigo de Rocha Lima em Berlim, para que ele assumisse a supervisão da construção de hospital análogo na capital brasileira. Em dezembro de 1932, Munk comunicou que os planos para o novo hospital já estavam completamente prontos. Em breve as obras seriam iniciadas.¹¹⁵⁰ A pedra fundamental foi lançada um dia depois de Munk endereçar a Rocha Lima essa informação. Participaram da cerimônia o legado alemão do Rio, Hubert Knipping, autoridades da igreja, jornalistas, o reitor da Universidade do Rio de Janeiro, João Marinho, entre outros. A nova instituição seria construída no lugar do casarão do Conde de Bonfim, no Rio Comprido.

Enquanto em 1922 a vinda de Munk ligou-se aos objetivos e interesses da *Kulturpolitik*, agora ela esteve mais referida a fatores pessoais. Há quase dez anos ele e Rocha Lima não se viam pessoalmente: “O melhor da viagem é que nos veremos novamente. Espero que possamos passar dias agradáveis juntos, com calma e tempo para conversarmos e recuperarmos os últimos anos em que vivemos separados”, escreveu ao amigo.¹¹⁵¹ A inauguração do Hospital Alemão no Rio consistiu mais num pretexto para ele encontrar Rocha Lima e os demais amigos brasileiros, conforme afirmou em carta: “Nesta viagem, eu não me engajarei de forma alguma em palestras e coisas oficiais. Espero muito mais ver novamente a você e em particular também Dona Maria”.¹¹⁵² Referia-se à “matriarca” da família Mendes Campos.

Rocha Lima sugeriu que Munk ficasse pelo menos entre 5 e 8 dias em São Paulo e só então se dirigisse ao Rio. Ele cuidaria para que o amigo não fosse incomodado com “atropeladas palestras”, como havia sido em 1922 devido à “desastrada condução” de Octávio Carvalho.¹¹⁵³ Ao que tudo indica, Rocha Lima estava mais bem-adaptado à capital paulista, demonstrando menos antipatia e mais sintonia com a cidade do que nos primeiros tempos.¹¹⁵⁴

¹¹⁵⁰ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 07.12.1932. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁵¹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 14.05.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁵² *Idem*

¹¹⁵³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 23.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁵⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 10.07.1933. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Chegou até mesmo a repreender o amigo pelo desprezo que manifestara pela “Chicago sul-americana”: “A forma depreciativa com a qual você se expressa sobre uma eventual vinda a São Paulo é pavorosa e incompreensível”.¹¹⁵⁵ O médico alemão veio com o Zepellin, que desde 1930 contribuía para abreviar a distância entre o Brasil e a Alemanha. Na carta antes da partida, Rocha Lima aproveitou para fazer mais uma troça das concepções “*völkisch*” dos nazistas: “Que Wotan esteja com você e permita que o dirigível que deverá trazê-lo pra cá venha acompanhado de valquírias de total confiança e com espírito nacionalista e raça pura, tal como quer o NSDAP”.¹¹⁵⁶

A inauguração do Hospital Alemão ocorreu em 18 de agosto de 1934. Um grande tablado foi montado ao ar livre em frente ao edifício principal “situado no centro de um espaçoso parque arborizado e ajardinado artisticamente” (Almeida, 1934). Defronte às bandeiras hasteadas do Brasil e da Alemanha, falaram o diretor do Hospital Alemão Xavier Drolshagen, o legado alemão no Rio, Schmidt Elskop, o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Herbert Moses, os professores Antônio Abreu Fialho e João Marinho, este último ex-diretor da Assistência Hospitalar e, por fim, Munk. A construção foi orçada em 4.000 contos de réis. O edifício imponente se distinguia, segundo testemunho de época do professor Waldemar de Almeida, pelo “rigor técnico com que foram estudados e executados todos os detalhes”. Tinha cinco andares e duas alas. Todos os pisos foram construídos de modo a garantir o isolamento do som, reforçado pela aplicação de cortiça. A capacidade total do hospital era de cem leitos (Idem). Com a declaração de Guerra contra os países do Eixo em 1942, o governo brasileiro confiscou o Hospital Alemão, tornando-se o Hospital da Aeronáutica, que permanece até os dias de hoje.

Munk e a esposa partiram com o *Cap Arcona* no final de setembro de 1934. Ele mostrou-se bastante satisfeito com a viagem: “pudemos perceber claramente o quanto estamos ligados ao Brasil e às queridas pessoas daí”, escreveu a Rocha Lima.¹¹⁵⁷ A palestra de Munk no Instituto Biológico foi publicada nos *Arquivos do Instituto Biológico* (Munk, 1934).

¹¹⁵⁵ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 23.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁵⁶ *Idem*

¹¹⁵⁷ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 01.10.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

5.13. Rocha Lima, o intercâmbio teuto-brasileiro e a institucionalização do ensino superior em São Paulo

Antes da vinda ao Brasil, Munk recebeu carta de Rocha Lima apresentando o professor da Escola Politécnica de São Paulo Theodoro Augusto Ramos, “que considero muito em todos os sentidos e goza de grande renome aqui”,¹¹⁵⁸ escreveu nosso personagem. Esclareceu que ele realizaria viagem pela Europa a serviço da recém-fundada Universidade de São Paulo, com o objetivo de convidar intelectuais estrangeiros para ocupar algumas cadeiras na nova instituição. Rocha Lima pediu que o amigo o ajudasse na passagem pela Alemanha, contribuindo para convencer alguns intelectuais a vir para o Brasil. Em virtude das condições políticas, sugeriu que indicasse “intelectuais não-arianos ou, então, arianos não bem vistos”.¹¹⁵⁹ Ele já havia recomendado o zoólogo da Universidade de Colônia, Ernst Bresslau, “porque já estive várias vezes no Brasil e deixou aqui uma impressão muito boa”.¹¹⁶⁰ Bresslau era de origem judia, um dos motivos pelos quais Rocha Lima havia sugerido seu nome.

O decreto de criação da USP fora assinado por Armando Salles de Oliveira em 25 de janeiro de 1934. O projeto de fundação da universidade havia sido uma aspiração do grupo de intelectuais que gravitava em torno de Júlio de Mesquita Filho, e frequentava as redações do jornal *O Estado de São Paulo*. Um dos mais entusiasmados defensores e propagandistas da idéia foi Fernando de Azevedo, que escreveu uma série de artigos no matutino paulista, desde os anos de 1920. A pedido de Mesquita, ele coordenara Inquérito sobre a Instrução Pública de

¹¹⁵⁸ Theodoro Ramos nasceu em São Paulo em 1895. Ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1911, a qual concluiu em 1918, com tese Sobre as funções de variáveis reais. Em 1919 tornou-se professor da Escola Politécnica de São Paulo. Seus estudos no domínio da matemática pura lhe conferiram reputação internacional. A partir de 1925, interrou-se pela física teórica em seus aspectos matemáticos. Tornou-se um dos principais divulgadores, no Brasil, da teoria da relatividade e da mecânica quântica. Destacou-se também como engenheiro, tendo projetado o serviço de águas do Ipiranga e, com Saturnino de Brito na retificação do rio Tietê. Ganhou projeção como liderança na formação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tendo sido responsável pela contratação dos professores estrangeiros. Foi pioneiro na introdução do cálculo vetorial na Escola de Engenharia. No âmbito político, foi membro do Conselho Nacional de Educação e foi prefeito de São Paulo durante alguns meses, em 1933. Faleceu em 1935 (Silva, 2006).

¹¹⁵⁹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 26.02.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁶⁰ *Idem*

São Paulo. As demandas pela reforma do ensino superior no Brasil haviam redundado, em 1931, em decreto do governo federal instituindo o estatuto universitário no país. As universidades então existentes consistiam em meras reuniões das antigas escolas superiores. No projeto defendido por Azevedo, Mesquita e outros intelectuais de relevo, a universidade a ser criada em São Paulo deveria ter se organizar em torno de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a “medula do sistema”, nas palavras do primeiro. O ensino universitário deveria ir além da formação de profissionais. Seu objetivo seria formar novas elites, capazes de assumir a liderança política e cultural, restaurando princípios liberais e consistindo numa ferramenta de regeneração da nacionalidade através da educação. Com a derrota de 1932, os intelectuais paulistas conceberam a universidade a ser criada como um meio de reforçar a tradição intelectual local e contrapor-se, dessa forma, às tendências autoritárias e centralizadoras do regime de Getúlio Vargas. A derrota havia sido atribuída, entre outras coisas, à falta de lideranças capacitadas. Segundo Motoyama (2004, p. 258) a universidade “significava uma opção política de São Paulo, depois de sua derrota pelas armas, acreditando na ciência e na cultura como meios de redenção, inclusive do ponto de vista político”.

Uma comissão foi composta para discutir e elaborar o decreto do novo centro de ensino. Rocha Lima fez parte do grupo, ao lado do também pesquisador do Instituto Biológico Agésilau Bittancourt, de Almeida Júnior, do Instituto de Educação, de Júlio de Mesquita Filho de André Dreyfus e Raul Briquet, da Faculdade de Medicina de São Paulo, de Paulo Duarte, entre outros.

A contratação de professores estrangeiros estava prevista na fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Theodoro Ramos dirigir-se-ia à Europa visitando, além da Alemanha, França e Itália. Para os intelectuais locais, a presença de estrangeiros serviria para conferir internacionalidade ao novo centro de ensino, contribuindo, dessa forma, para a sua integração deste aos grandes núcleos de ciência já estabelecidos no Velho Mundo. Para os países europeus, a ocasião representou excelente oportunidade de estreitar os vínculos com o Brasil, e de garantir seus nichos de influência na nova universidade que surgia. No contexto dos anos 1930, a rivalidade crescente entre as potências européias e a disputa por prestígio e influência cultural no estrangeiro marcaram o processo de contratação de professores para a USP. Se antes os embates por influência no Brasil eram em grande medida polarizados, como vimos, entre a França e a Alemanha, agora, além dos Estados Unidos, também tomava parte com apetite voraz nessa disputa, a Itália de Mussolini. A seu favor, havia as pressões da massiva comunidade de imigrantes na capital paulista, com seus órgãos e agremiações.

Em março de 1934, Theodoro Ramos rumou para a Europa. Visitou primeiro a Itália e depois a França. Lá, George Dumas, principal coordenador do intercâmbio acadêmico franco-brasileiro, cuidou de apontar os candidatos (Petitjean, 1996, p. 265-9). Ele queria que os franceses também ocupassem as cadeiras de ciências exatas, chegando inclusive a tentar retirar as nomeações previstas para os alemães para as cátedras de zoologia e botânica. Na Alemanha, Ramos esteve nas universidades de Bonn e Colônia. Três nomes haviam sido indicados por Rocha Lima: além do de Bresslau, os do botânico Felix Rawitscher, da Universidade de Freiburg e do químico Rheinhard Rheinboldt, da Universidade de Bonn. Sobre os três nosso personagem comentaria com Munk depois de nomeados: “Três professores foram convidados para a recém-criada USP (...) Embora não sejam arianos, acredito que não poderíamos encontrar melhores representantes da autêntica ciência alemã.”¹¹⁶¹

Petitjean (1996) ressalta que enquanto os professores franceses eram em sua maioria jovens e iniciantes na carreira acadêmica, os alemães eram mais graduados, com carreiras já bem estabelecidas. Mas devido à Lei do Funcionalismo Público do Terceiro Reich, estavam impossibilitados de ensinar e não podiam deixar a Alemanha sem autorização. Por conta disso, Ernst Bresslau, representando os outros três, encaminhou uma carta ao *Auswärtiges Amt*, na qual comunicou que haviam feito contrato, em 12 de maio, com a Universidade de São Paulo, representada por Theodoro Ramos. O zoólogo, porém, salientou que aceitara o contrato com a ressalva de poder ficar em São Paulo por 6 meses, e só então pronunciar-se de forma definitiva sobre o cargo. Ele comunicou também, que os governos francês e italiano haviam concedido uma série de facilidades para os professores contratados, como o custeio da viagem ao Brasil.¹¹⁶² Na tentativa de conseguir o mesmo da Alemanha, Ramos contactou Rocha Lima, que como vimos, fazia parte do Conselho Universitário da USP, para que ele mobilizasse os círculos diplomáticos com essa finalidade. O diretor do Biológico escreveu ao

¹¹⁶¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 09.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁶² PAAA 61171. Carta de Ernst Bresslau ao *Auswärtiges Amt* de 22.05.1934. Theodoro Ramos mobilizou o embaixador do Brasil em Roma José Macedo Soares para que este informasse oficialmente as facilidades concedidas pelo governo italiano. Soares relatou: “O custeio das viagens, ida e volta, do professor, entre a Itália e o porto de Santos, ficará a cargo do Governo da Itália, que também atribuirá ao mesmo professor vantagens de carreira e vencimentos prefixados pelo referido Governo Italiano”. Ofício da embaixada do Brasil em Roma a Theodoro Ramos de 14.05.1934.

cônsul de São Paulo, que garantiu ser possível obter a mesma vantagem dos diplomatas de Berlim.¹¹⁶³

Bresslau informou ao *Auswärtiges Amt* que a partida dele e dos outros dois professores não podia atrasar, pois dessa forma haveria o risco de nenhum docente alemão fazer parte da nova universidade brasileira. Os alemães já estavam em desvantagem numérica, comparados com os seis franceses e quatro italianos e econômica, mediante o apoio que eles haviam recebido de seus governos. Bresslau disse esperar que o governo alemão compensasse esta desvantagem favorecendo eventuais pedidos de livros e equipamentos para os novos institutos que iriam constituir. Solicitou que as representações diplomáticas no Rio e em São Paulo fossem informadas da nomeação, bem como os respectivos ministérios alemães aos quais estavam subordinados.¹¹⁶⁴ As vantagens concedidas principalmente pelo governo italiano foram ferramentas de pressão utilizada pelo governo brasileiro e pelos professores contratados para obter benefícios. Com base nessa mesma estratégia, Bresslau tentou manter o pagamento de sua aposentadoria na Alemanha. O cônsul em São Paulo justificara que não ficaria bem se o governo alemão não a garantisse, enquanto que os italianos o faziam.¹¹⁶⁵ A resposta do Ministério da Educação da Alemanha foi categórica: não aprovariam o pedido, porque os professores demitidos não representavam os interesses alemães no estrangeiro devido à origem não-ariana.¹¹⁶⁶ A recusa não demoveu o consulado de São Paulo de solicitar verbas e facilidades para Bresslau adquirir microscópios e outros equipamentos. Mais uma vez, a justificativa foi da importância da nomeação dos docentes para a propaganda alemã, “que infelizmente está bastante limitada aqui”. E argumentou: “O fato de que os professores não são arianos (Rawitscher) ou não são arianos puros (Bresslau e Rheinboldt) é, em si, muito

¹¹⁶³ PAAA 61171. Carta de Theodoro Ramos a Ernst Bresslau de 15.05.1934.

¹¹⁶⁴ PAAA 61171. Carta de Ernst Bresslau ao *Auswärtiges Amt* de 22.05.1934.

¹¹⁶⁵ PAAA 61171. Carta do consulado alemão de São Paulo ao *Auswärtiges Amt* de 27.07.1934.

¹¹⁶⁶ PAAA 61171. Ofício do Ministério da Ciência, Cultura e Educação ao *Auswärtiges Amt* de 22.05.1934.

lamentável, mas uma vez que as circunstâncias no momento são essas, nós não podemos deixar de servir a nossos próprios interesses”¹¹⁶⁷

Ainda por meio do *Auswärtiges Amt*, Bresslau conseguiu obter 30 microscópios Zeiss para o seu instituto. Ele mostrou-se bastante satisfeito com as instalações que lhe foram dispostas na recém-criada universidade. Ficou menos entusiasmado com as bibliotecas, as quais considerou bastante deficientes em literatura alemã. Ele também teve como alunos técnicos que já trabalhavam com zoologia nos institutos de pesquisa, mas que não haviam recebido treinamento formal na disciplina. Ministrava as aulas em português, o que considerava bastante cansativo. Na vida pessoal considerou tudo “bastante agradável”. Os dois filhos frequentavam a escola. Apenas a mais velha permaneceu na Alemanha, onde completava o doutorado. “Agora não posso ainda dizer se nós ficaremos aqui a longo prazo. Primeiramente será decidido em 1936, se meu contrato será prolongado mais uma vez ou não”, escreveu Bresslau (Hohsenschopp 1994, p. 84). No entanto não esperou até aquela data: em 9 de maio de 1935, o pesquisador alemão faleceu na capital paulista.¹¹⁶⁸

Os círculos diplomáticos alemães logo se movimentaram para garantir um substituto para a vaga deixada por Bresslau. Tinham que proceder com agilidade para que ela não caísse nas mãos de algum francês ou italiano.¹¹⁶⁹ Rocha Lima escreveu para Mayer, pedindo sugestões de nomes de zoólogos de projeção e indagando sobre alguns que haviam sido propostos na Legação Alemã. O colega do *Tropeninstitut* indicou Otto Hecht. Em relação a Victor Jollos, afirmou que tinha uma perspectiva muito unilateral das questões científicas e superestimava o valor de seus trabalhos.¹¹⁷⁰

O professor Anton Koegel, da Escola Técnica Superior de Munique, ofereceu-se para ocupar a vaga de Bresslau. Argumentou que tinha grande experiência em pragas tropicais e

¹¹⁶⁷ PAAA 61171. Carta do consulado alemão de São Paulo ao *Auswärtiges Amt* de 16.10.1934.

¹¹⁶⁸ PAAA 61171. Carta do consulado alemão de São Paulo ao *Auswärtiges Amt* de 21.05.1935.

¹¹⁶⁹ PAAA 61171. Em 10 de julho de 1935 o Departamento Cultural da Organização Estrangeira do Partido Nazista tornou a chamar atenção para o fato de que a cátedra deixada por Bresslau deveria ser novamente ocupada por um alemão.

¹¹⁷⁰ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 04.07.1935.

interesse em organizar o instituto de zoologia em São Paulo. De acordo com o cônsul alemão dali, a Universidade de São Paulo estava em negociação com dois professores: Leopold von Ubisch, da Universidade de Münster, e Ernst Marcus, da Universidade de Berlim. O diplomata mostrou-se intrigado com as redes através das quais estavam fluindo tais negociações. Desconfiava que a teia de relações da maçonaria estava sendo acionada para este fim. Aparentemente havia interesse apenas por professores não-arianos, afirmou o cônsul.¹¹⁷¹

O Ministério da Ciência, Cultura e Educação do Reich manifestou preferência por Koegel. Caso sua nomeação não fosse bem-sucedida, preferia a de Marcus à ocupação da cadeira por von Ubisch.¹¹⁷² O diretor da Organização Estrangeira do Partido Nazista também sugeriu a nomeação de Kogel. Nem Marcus, nem von Ubisch poderiam exercer uma influência positiva em favor dos interesses alemães, alegou. Um era judeu e o outro “meio-judeu” (Halbjuden). Frente à influência alemã que julgava haver em São Paulo, a nomeação de um ariano seria mais apropriada.¹¹⁷³ Também foi sugerido o nome de Richard Goldschmidt, do Instituto de Biologia da *Kaiser-Wilhelm Gesellschaft*, mas este já estava negociando sua ida para os Estados Unidos. A secretaria de Educação de São Paulo recusou a nomeação de Koegel,¹¹⁷⁴ sendo aprovada a de Ernst Marcus. Em abril de 1936, Marcus chegou a São Paulo, onde realizaria prolífica carreira científica.¹¹⁷⁵ Permaneceu na USP até a aposentadoria compulsória.¹¹⁷⁶

¹¹⁷¹ PAAA 61171. Ofício do consulado de São Paulo ao Auswärtiges Amt de 11.09.1935.

¹¹⁷² PAAA 61171. Der Reichs- und Preussische Minister für Wissenschaft, Erziehung und Volksbildung an Auswärtiges Amt 23.03.1936.

¹¹⁷³ PAAA 61171. Die Leitung der Auslands-Organisation der NSDAP an Auswärtiges Amt 10.10.1935

¹¹⁷⁴ PAAA 61171. Das Deutsche Generalkonsulat São Paulo an Auswärtiges Amt 18.10.1935. Die Kulturabteilung des Auswärtigen Amtes am Deutschen Generalkonsulat São Paulo 07.12.1935.

¹¹⁷⁵ PAAA 61171. Übersetzung Universidade de São Paulo am Deutschen Generalkonsulat São Paulo 11.02.1936.

¹¹⁷⁶ Nascido em Berlim em 1893, Ernst Marcus publicou seu primeiro trabalho em zoologia em 1914, quando alistou-se como voluntário para lutar na Primeira Guerra. Pertencia ao Instituto de Zoologia da Universidade de Berlim quando veio a lume o segundo trabalho, em 1919. Ali foi bastante influenciado pela Mecânica do Desenvolvimento (*Entwicklungsmechanik*), cujo interesse foi despertado pelo zoólogo Heider com o qual

Recém-chegados na capital paulista, uma cidade que na ocasião contava com mais de um milhão de habitantes, os professores alemães contratados pela USP logo teceram seus círculos de sociabilidade com os colegas e alunos brasileiros e estrangeiros. Os escritos de época apontam para uma atmosfera de empolgação de uma obra em início, na qual havia liberdade na organização do trabalho e uma gama de novos assuntos a serem explorados. A maioria era de professores os quais o fechado sistema acadêmico europeu não acenava com muitas possibilidades de ascensão a curto prazo, ainda mais com no ambiente claustrofóbico conferido dos regimes totalitários. Rocha Lima abriu as portas do Instituto Biológico para esses novos colegas, acolhendo não só os alemães, como também os italianos e, em menor medida, os franceses. O papel das reuniões de sextas-feiras como núcleo de sociabilidade intelectual de São Paulo tornou-se ainda mais relevante.

Quase ao mesmo tempo em que intelectuais e políticos articulavam a criação da Universidade de São Paulo, outro grupo negociava a fundação de uma nova escola de medicina na capital paulista. Liderado por Octavio de Carvalho, este grupo, formado em sua grande maioria por médicos, estava descontente com a pouca permeabilidade da Faculdade de Medicina de São Paulo às suas demandas. O enrijecido sistema de cátedras, transmitidas quase umbilicalmente dos professores a seus filhos ou apaniguados, deixava poucas oportunidades aos que pretendiam ingressar no corpo docente da escola. A proibição da livre-docência pela reforma feita na Faculdade, em 1932, dificultou ainda mais a admissão no quadro de professores. O vestibular de 1933 engrossou a fileira dos descontentes. Alunos aprovados não puderam se matricular por serem considerados excedentes.¹¹⁷⁷ Carvalho convenceu-os a tomar parte na nova escola médica privada, que nascia em 1 de junho de

conviveu na universidade. Casou-se com Eveline Du Bois Reymond, neta do grande fisiologista Emil Du Bois Reymond. Juntos, Ernst e Eveline realizaram uma série de investigações zoológicas sobre os mais diferentes grupos de animais. Em 1933 publicou *Geografia animal (Tiergeographie)*, ano em que foi obrigado a deixar o cargo em Berlim, vindo a aceitar o convite feito pela Universidade de São Paulo. Nos 37 anos em que lecionou nesta universidade formou uma legião de discípulos e fez investigações sobre diversos grupos de animais sob o ponto de vista sistemático, zoogeográfico, anatômico, embriológico e ecológico. Faleceu na capital paulista em 30 de junho de 1968 (Mendes, 1994).

¹¹⁷⁷ Márcia Regina Barros da Silva (2001) demonstra que havia descontentamento dos próprios alunos da faculdade de medicina com as mudanças introduzidas pela reforma nos anos 1930, as quais não só restringiram o acesso de novos estudantes, como também modificaram a estrutura didática e administrativa. A organização de disciplinas e as decisões relativas a concursos e provas ficaram ainda mais concentradas nas mãos dos professores catedráticos (Silva, 2001).

1933, com o nome de Escola Paulista de Medicina. A idéia de uma escola privada de medicina em São Paulo teve o apoio de membros das oligarquias paulistas e da intelectualidade local, como Paulo Prado e Guilherme de Almeida. Relações políticas de Octavio de Carvalho - filho do senador Theodoro Dias de Camargo Júnior - contribuíram para a concretização do projeto. A entidade sem fins lucrativos foi custeada pela contribuição dos seus fundadores e seria mantida com a mensalidade dos alunos. Inicialmente, a nova escola foi acomodada numa casa alugada. Só em 1936 mudar-se-ia para novas instalações na Vila Clementino, onde também foi construído o hospital destinado à formação dos estudantes.¹¹⁷⁸

Rocha Lima foi nomeado professor de anatomia patológica da nova faculdade. Ele tinha estreitas relações com Octavio Carvalho, que havia completado sua formação em universidades e institutos alemães e também foi bastante próximo de Munk, tendo passado pelo Hospital Charité quando o médico alemão ali atuava como docente. Impossibilitado de exercer efetivamente o cargo, Rocha Lima apontou o patologista do Instituto Biológico, Juvenal Ricardo Meyer, como seu substituto. Em 1936, Meyer foi substituído pelo anátomo-patologista alemão Walter Büngeler, diretor do Instituto de Anatomia Patológica da Academia Médica de Dantzig. O próprio Octavio de Carvalho assumiu as negociações com Büngeler. Eles haviam se conhecido no Instituto de Patologia de Frankfurt. Na carta em que dirigiu o convite, Carvalho sugeriu que Büngeler buscasse apoio do *Reich* para o custeio das despesas de viagem. Uma das vias para isso – propôs o brasileiro – seria através do professor Franz Volhard, de quem Büngeler havia sido assistente. Volhard era amigo de Hitler. Outro meio seria através do embaixador brasileiro em Berlim Muniz Aragão.¹¹⁷⁹

As negociações entre Büngeler e a Escola Paulista de Medicina se arrastaram por quase um ano. O patologista alemão dispunha de uma posição privilegiada e exigiu uma série de garantias e regalias por parte de Carvalho.¹¹⁸⁰ O *Auswärtiges Amt*, o Ministério da Ciência e Educação do Reich e o Consulado Alemão de São Paulo intermediaram os trâmites. Sem conhecer as condições de vida e trabalho na capital paulista, Büngeler pediu os

¹¹⁷⁸ Sobre a fundação da Escola Paulista de Medicina e sua trajetória ver Silva, 2001, 2003, 2004.

¹¹⁷⁹ PAAA 63965. Carta de Octavio de Carvalho a Büngeler (cópia) de 19.12.1935.

¹¹⁸⁰ PAAA 63695. Walter Büngeler an Octavio de Carvalho 30.01.1936, Büngeler an Auswärtigen Amt 13.03.1936.

aconselhamentos dos diplomatas. Ao invés de Rocha Lima, quem apoiou Carvalho na tentativa de viabilizar a contratação do patologista foi Martin Ficker. A carta de 26 de dezembro de 1935 em que Ficker recomenda a vinda do professor alemão ao cônsul alemão nos dá uma pista do motivo que o fez ocupar-se diretamente da questão. Nela, afirmou que a vantagem da nomeação de Büngeler estava no fato dele ser “ariano”, “porque de não-arianos nós já estamos suficientemente abastecidos”, desabafou.¹¹⁸¹ Como vimos, Rocha Lima havia se engajado diretamente na contratação dos “não-arianos”, Bresslau, Rawitscher e Rheinboldt, para fazer parte da USP. Vimos ainda, que na carta a Munk ele chegara a sugerir que o amigo se empenhasse para o êxito da contratação de judeus ou “arianos indesejáveis”. Ficker tinha concepção diferente. Ele não considerava vantajosa a contratação de professores judeus para os interesses alemães no Brasil. Na carta de recomendação oficial ao consulado, reforçou: “As nomeações de professores alemães para cá não podem se limitar a não-arianos.” Büngeler atuaria nesse sentido como um “contrapeso” aos demais alemães “impuros” estabelecidos na capital paulista.¹¹⁸²

Nos bastidores, o Ministério da Ciência, Cultura e Educação do Reich pediu aos oficiais do *Auswärtiges Amt* que não se empenhassem muito para o sucesso das negociações de Büngeler com os brasileiros.¹¹⁸³ Isso porque a recém-estabelecida Academia Médica do Estado, em Dantzig, estava numa situação bastante frágil e dependia dos seus quadros para se manter. O próprio Büngeler afirmou que as autoridades de Dantzig haviam tentado evitar sua vinda ao Brasil de todas as formas.¹¹⁸⁴ Apesar disso, as negociações foram bem-sucedidas, graças à tenacidade de Carvalho, que fez de tudo para atender às exigências do patologista. Articulou um arranjo com institutos privados, para que o salário do professor contratado pudesse ser complementado.¹¹⁸⁵ Ele ganharia o dobro do que a USP pagava aos seus quadros

¹¹⁸¹ PAAA 63695. Martin Ficker am Deutschen Generalkonsulat São Paulo 26.12.1935.

¹¹⁸² PAAA 63695. Martin Ficker am Deutschen Generalkonsulat São Paulo 26.12.1935.

¹¹⁸³ PAAA 63965. Der Reich- und Preussische Minister für Wissenschaft, Erziehung und Volksbildung am Deutschen Generalkonsulat 18.02.1936.

¹¹⁸⁴ PAAA 63965. Walter Büngeler am Auswärtigen Amt am 13.03.1936.

¹¹⁸⁵ A única participação de Rocha Lima nas negociações foi uma carta que escreveu a Büngeler, a pedido de Octavio de Carvalho, na qual explicava ao colega alemão que de acordo com as leis brasileiras médicos estrangeiros tinham que fazer uma espécie de prova para poder exercer a medicina no país. Eles também não podiam dar laudos técnicos. A

estrangeiros. Como as leis brasileiras não permitiam contratos com professores estrangeiros por mais de quatro anos, Carvalho conseguiu que Büngeler fosse licenciado por 4 anos de seu cargo na Alemanha.¹¹⁸⁶ Para isso, chegou a escrever ao ministro das Relações Exteriores de Vargas, José Macedo Soares, e ao referido Volhard, para que este atuasse diretamente junto ao *Führer* a fim de conseguir a regalia.¹¹⁸⁷

Büngeler finalmente chegou em São Paulo em julho de 1936. Ali permaneceu até 1942, quando a entrada do Brasil na Guerra contra os países do Eixo obrigou-o a retornar à Alemanha. Ele organizou o Instituto de Anatomia Patológica nos moldes dos institutos alemães e realizou uma série de investigações, por exemplo, sobre a anatomia patológica das lesões causadas pela lepra. Em carta ao médico alemão Breuer, de março de 1937, escreveu que estava satisfeito na Escola Paulista. Relatou que o trabalho era vasto e interessante, mas as condições eram difíceis, porque faltava muita coisa. Em meados de abril daquele ano passaria a contar com a colaboração de uma assistente de Frankfurt.¹¹⁸⁸ No período em que ficou na capital paulista, Büngeler atuou como destacado defensor da propaganda cultural alemã através da medicina. Colaboraria estreitamente com a Academia Médica Germano-Ibero-Americana, criada em 1935 para promover o intercâmbio acadêmico do Terceiro Reich com médicos latino-americanos, conforme veremos no próximo capítulo.

Cumpra agora analisarmos mais um episódio das relações médico-científicas do Brasil com o Terceiro Reich, no qual Rocha Lima contribuiu de forma mais saliente.

estratégia de Carvalho consistiria em registrar a concessão dos exames como responsabilidade da escola. Rocha Lima esclareceu ainda que não era possível contratos de 15 anos, como Büngeler queria firmar em garantia de sua posição, mas no máximo de 4 anos, renováveis por mais 4 anos. Enfatizou que transmitia tais informações em caráter privado, não assumindo qualquer responsabilidade no processo de negociações. Isso sugere que ele também não se esforçou muito em tomar parte nas mesmas. PAAA 63965. Carta de Rocha Lima a Walter Büngeler de 03.06.1936.

¹¹⁸⁶ PAAA 63965. Octavio de Carvalho am Walter Büngeler 07.01.1936, 02.06.1936.

¹¹⁸⁷ PAAA 63965 Octavio de Carvalho a José Macedo Soares em 02.06.1936 e a Volhard na mesma data.

¹¹⁸⁸ GstA, Rep. 218A, no. 7. Carta de Walter Büngeler a Breuer de 05.03.1937.

5.14. Raça e anseios colonialistas no Terceiro Reich: Rocha Lima e a expedição Giemsa-Nauck ao Espírito Santo (1936)

Em carta a Rocha Lima de julho de 1934, Mühlens ressaltou a importância que dava à manutenção das boas relações com os institutos estrangeiros, “especialmente o seu”, escreveu.¹¹⁸⁹ Estava consciente de que as ligações com o ultra-mar eram tão vitais para a sobrevivência do *Tropeninstitut*, como eram para o porto de Hamburgo, e, por extensão, para toda a cidade hanseática. “A isso se acrescenta o fato de você ter sido um antigo e fiel colaborador do nosso instituto e que acredito continuar sendo, na medida em que defende continuamente os interesses do mesmo no exterior”, certificou.¹¹⁹⁰ Conforme comunicara ao colega brasileiro meses atrás, estava prevista para agosto de 1934, uma viagem de Nauck para o Espírito Santo para investigar, junto com uma expedição geográfica, as condições de vida dos colonos alemães estabelecidos ali. Mühlens disse estar satisfeito por ter conseguido assegurar a participação do pesquisador do Instituto Tropical na expedição promovida pela Sociedade de Auxílio à Ciência Alemã (*Notgemeinschaft der deutschen Wissenschaft*). Ele poderia, dessa forma, retomar as relações diretas com “os amigos brasileiros”, e no curto tempo em que não estivesse envolvido com a missão, dedicar-se às relações teuto-brasileiras. Por isso a contribuição de Rocha Lima seria tão importante, esclareceu Mühlens. Ele ressaltou que aquela comunicação era “absolutamente confidencial”, pois não era conveniente que se soubesse qualquer coisa sobre a expedição antes que todo o plano estivesse pronto.¹¹⁹¹ Esse processo levaria mais tempo do que inicialmente previsto e envolveria uma série de contratempos e desencontros, de modo que o projeto só se concretizou em 1936. “Alegro-me extraordinariamente com a prometida visita do colega Nauck” respondeu Rocha Lima a Mühlens. E colocou-se à inteira disposição: “Obviamente, farei tudo o que estiver a meu alcance (...) Infelizmente não estou em condições de prometer qualquer apoio oficial.” Poderia, no entanto, obter convites das agremiações médicas para palestras e também disponibilizando o Biológico para esse fim.¹¹⁹² Nosso personagem supôs que a expedição de Nauck estivesse relacionada aos pressupostos tradicionais da *Kulturpolitik*, mas seus objetivos

¹¹⁸⁹ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 02.07.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁹⁰ *Idem.*

¹¹⁹¹ Carta de Peter Mühlens a Rocha Lima de 29.03.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁹² Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 04.06.1934. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

estavam além daqueles tradicionalmente perseguidos por esta. Eles estavam referidos a questões caras ao regime nacional-socialista e à agenda do *Tropeninstitut*, que se adequava aos interesses do governo de Hitler, viabilizando, ao mesmo tempo, os seus objetivos.

O objetivo da expedição era investigar as condições de vida de colonos de origem alemã que viviam no Espírito Santo, do ponto de vista da geografia, da fisiologia ligada ao clima e das investigações sociológicas e antropológicas. A “questão da aclimatação”, ou seja, da possibilidade das populações européias se adaptarem às condições tropicais, representou o principal ponto das pesquisas. Que fatores como calor, irradiação solar, umidade do ar, assim como circunstâncias sociais e econômicas comprometiam o estabelecimento das “populações brancas” nos trópicos, era fato deveras reconhecido, lembram os próprios Nauck e Giemsa. No entanto, os conhecimentos sobre as modificações orgânicas e, eventualmente, funcionais que o clima podia provocar no organismo humano eram bastante lacunares, justificou os pesquisadores. A problemática da aclimatação estava ligada às pretensões coloniais do regime nazista, que ambicionava a retomada das possessões africanas perdidas pelo Tratado de Versalhes e à conquista do “Espaço vital” (*Lebensraum*), no qual seriam acomodadas as populações alemãs vistas como racialmente puras. Era uma questão cara à medicina tropical, mas também à higiene racial e às pesquisas genéticas. Um dos maiores impedimentos para aprofundar esses estudos era o fato de que, em geral, as populações européias encontravam-se mais ou menos miscigenadas com as populações nativas das regiões tropicais. Daí a escolha do Espírito Santo como destino, pois as colônias de imigrantes alemães estabelecidas ali possuíam uma população que havia se mantido relativamente “pura” do ponto de vista racial durante gerações, em virtude principalmente do isolamento das comunidades (Giemsa & Nauck, 1939).

O plano original da expedição foi concebido em 1934 pelo geógrafo Oskar Schmieder, que assumiria sua direção. Conforme Mühlens relatara a Rocha Lima, os recursos seriam bancados pela Sociedade de Auxílio à Ciência Alemã (*Notgemeinschaft der deutschen Gesellschaft*). A “missão” deveria incluir cientistas de diferentes especialidades, inclusive médicos tropicais, que teriam como tarefa estudar a incidência e difusão das doenças presentes naquelas regiões. Daí o engajamento de Mühlens em favor da participação do *Tropeninstitut*. Mas os recursos previstos não foram liberados e a expedição não se realizou da forma como estava planejada. Mühlens tentou, então, conseguir o financiamento então junto às autoridades da cidade de Hamburgo, o qual obteve pela Fundação Científica de

Hamburgo, que concedeu seis mil marcos, complementados com 1,5 mil marcos concedidos pelo Ministério da Ciência e Educação do Reich.¹¹⁹³

O projeto da viagem apresentado por Mühlens às autoridades de Hamburgo foi um pouco modificado em relação ao original. Ao invés de questões ligadas às concepções de “espaço vital”, aquelas concernentes à medicina tropical tornaram-se os objetivos centrais de investigação. O ponto principal, agora, era “a pesquisa das condições atuais de vida e saúde dos colonos alemães no Brasil” (Giemsa & Nauck, 1939). Modificação que indica que o Instituto de Doenças Tropicais assumiria agora o protagonismo da expedição, que seria conduzida por Nauck, junto com Gustav Giemsa.

O esforço de Mühlens para a realização da viagem de estudos aponta para o centro de gravidade de sua gestão científica no *Tropeninstitut*. Sem sombra de dúvidas ele foi o mais aguerrido e combativo defensor do papel do instituto na *Kulturpolitik* (Wulf 1994, 2008). Wulf descreve os profundos ressentimentos que ele tinha em relação aos franceses antes mesmo da Primeira Guerra. Defendia a proeminência da influência alemã nas regiões de investida da política externa germânica, como Balcãs e América Latina, e o protagonismo do *Tropeninstitut* nesses esforços. Como sucessor de Nocht e Fülleborn, passou a defender de forma enfática as ambições colonialistas do Terceiro Reich. Para ele e a grande maioria dos médicos tropicais, a devolução das possessões alemãs na África e Pacífico era questão de justiça. Vimos que esse era um dos pontos consensuais de parte significativa da sociedade alemã. Mas para os médicos tropicais, a questão se relacionava com o próprio prestígio e motivo de existência da disciplina a qual se dedicavam. Não por acaso, depois da Primeira Guerra, a perda das colônias colocara sob ameaça a manutenção do *Tropeninstitut*. Por conta disso, o revisionismo de Versalhes prometido por Hitler foi tão bem recebido por Mühlens e seus colegas, sendo uma forte razão para que muitos deles aderissem entusiasmados às fileiras do partido Nazista.

Mühlens trabalhou em estreita colaboração com o Departamento de Política Colonial do *Auswärtiges Amt* e, ainda em 1934, foi convidado para fazer parte do Conselho Colonial do Reich. De 1935 em diante, a questão da devolução das colônias passou a ser defendida mais enfaticamente por Hitler, que, no ano seguinte, decidiu que as demandas do influente

¹¹⁹³ Relatório da Expedição Nauck-Giemsa ao Espírito Santo. Arquivo do Bernard-Nocht-Institut.

“movimento colonialista”, seriam centralizadas na Liga Colonial do Reich (*Reichskolonialbund*) (Brahm 2002, p. 75). Mühlens também tomou parte no conselho administrativo desta, e no comitê da Liga de Medicina e Higiene Tropical. Dessa forma, teceu de forma habilidosa as tramas da rede em favor de seu instituto, ao qual queria garantir lugar de liderança na organização sanitária das futuras colônias (Wulf 1994, p. 87-101; Eckart 1998, p. 530). A questão colonial definiu as tendências científicas do *Tropeninstitut* nos anos seguintes, determinando não apenas a direção dos estudos feitos por seus colaboradores, como também a orientação privilegiada no abastecimento da biblioteca e das coleções (Wulf, 1994, p. 88-9). Ao invés da América Latina, o continente africano tornou-se o principal destino das expedições (Brahm 2002, p. 75-7). Nesse contexto, as preocupações com a questão da aclimatação não orientaram apenas os interesses científicos da expedição de Nauck e Giemsa, mas consistiram no próprio eixo que determinou a abordagem dos “revisionistas” do Tratado de Paz de 1919. Categorias raciais, que já na virada do século, haviam sido em grande medida desacreditadas por médicos tropicais retrocederam como critérios de análise da higiene dos trópicos (Eckart 1998, p. 518-28; Brahm 2002, p. 75). Respeitando as regras de segregação e higiene racial, bastariam poucos alemães arianos para controlar as forças de trabalho e reservatórios de matéria-prima nos espaços coloniais que eles novamente obteriam (Eckart 1998, p. 518).

A expedição de Nauck e Giemsa revestiu-se de enorme importância para as ambições colonialistas defendidas pelo regime nazista e reivindicadas pelo *Tropeninstitut*. Uma ampla rede de apoio foi mobilizada para viabilizar o projeto. No relatório, eles afirmam que a intermediação de Rocha Lima foi fundamental, mas não foi possível apurar quais as contribuições dele para a expedição. Aproveitando a vinda de Giemsa, que já estava aposentado do Instituto de Hamburgo, ele convidou-o para permanecer no Instituto Biológico por uns meses antes da expedição. O químico alemão chegou em São Paulo em novembro de 1935. No período em que ali ficou, organizou os trabalhos da seção de química (Ribeiro 1997, p. 86). Os conhecimentos do pesquisador alemão nesse campo eram vastos. Ele desempenhara papel fundamental na organização do mesmo setor nos primórdios Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo (Mannweiller 1998, p. 29).

Nauck desembarcou no porto de Santos em março de 1936. Na capital paulista, ele e Giemsa fizeram os preparativos e visitaram alguns pesquisadores e institutos. Estiveram com

o chefe do Partido Nazista no Brasil, Hans Henning von Cossel, que fora mobilizado pela Organização Estrangeira para dar apoio à empreitada.¹¹⁹⁴ Um elemento fundamental para o apoio do NSDAP foi Walter Menk, antigo colaborador do *Tropeninstitut*, que desde 1932 encontrava-se no Brasil, onde dirigia o Instituto Behring. Menk era presidente substituto da célula do Partido no Rio de Janeiro, tendo sido fundamental para a organização do mesmo na capital brasileira, na qual permaneceu até 1937.¹¹⁹⁵ O cônsul geral de São Paulo, von Speiser, o pastor luterano Freyer e o representante da Bayer também foram enredados no projeto. Merece destaque o apoio das igrejas católica e luterana, cuja capilaridade garantiu que Nauck e Giemsa levassem a bom termo as investigações das populações nas colônias. Conforme salientam os pesquisadores, sem o prestígio que os líderes religiosos tinham nas comunidades, e o conhecimento que possuíam das mesmas, as pesquisas não chegariam aos mesmos resultados. Nauck e Giemsa partiram de São Paulo em 21 de março de 1936. Antes de dirigir-se ao Espírito Santo, ficaram três dias no Rio de Janeiro, onde informaram a embaixada alemã

¹¹⁹⁴ Sobre Hans Henning von Cossel ver Dietrich (2007), principalmente capítulo 5. A autora chegou a entrevistar duas filhas e uma prima do líder nazista no Brasil.

¹¹⁹⁵ Walter Menk nasceu em 1892, em Arolsen e estudou medicina nas universidades de Lausanne, Marburg e Leipzig de 1910 a 1914, quando lutou na Primeira Guerra, retomando os estudos em Marburg, que concluiu em 1919. Em março de 1922, concluiu o doutorado na Universidade de Hamburgo. Entre 1919 e 1923 atuou como assistente do departamento de clínica do Instituto de Doenças Tropicais de Hamburgo, período em que fez duas viagens à América do Sul. Entre 1923 e 1928, foi médico assistente nos hospitais da *United Fruit Company* na Colômbia e em Cuba. Entre 1928 e 1931, foi colaborador de departamento de bacteriologia do serviço de saúde pública do Reich. De 1931 a 1932 foi médico-assistente do departamento de pesquisa de doenças contagiosas, que foi anexado ao Instituto de Higiene da Universidade de Freiburg. Em 1932, fundou o Instituto Behring, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1935, indo para Buenos Aires para dirigir filial do mesmo instituto, onde ficou até 1937. Atuou como uma das lideranças do Partido Nazista na capital brasileira. Retornando à Alemanha, incorporou-se novamente ao departamento de clínica do *Tropeninstitut*. Em 1937 atuou nos Camarões e em 1939 foi nomeado professor da Universidade de Hamburgo. Já durante a Guerra, entre outubro de 1939 e agosto de 1940, exerceu atividades no posto de pesquisa das Forças Armadas Alemãs em Varsóvia. De agosto a novembro de 1940 contribuiu para o estabelecimento de um posto de pesquisas em Paris. De dezembro de 1940 a 1944 conduziu a clínica do *Tropeninstitut*. A partir de 1942 ficou responsável pelo departamento de tifo. Em 1944 foi higienista do exército alemão na Itália, tendo sido apreendido, ficando detido até maio de 1945. Foi responsabilizado por realizar experimentos humanos com antimaláricos sintéticos e outros medicamentos, como antibióticos testados contra o tifo e outras doenças infecciosas. No julgamento dos envolvidos com os crimes nazistas foi enquadrado como “oportunista” (*Mitläufer*). Até 1962, Menk trabalharia num Instituto de Diagnósticos Médicos em Bad-Nauheim e como diretor científico de uma Sociedade biológica em Lich, Hessen. Morreu em 1980 (Wulf, 1994; Mannweiler, 1998, p. 225-7).

dos seus planos e visitaram o Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura e o Instituto Oswaldo Cruz (Giemsa & Nauck, 1939).

Em comparação com as colônias alemãs de outras regiões, sobretudo as do sul do país, as do Espírito Santo possuía a vantagem de ter sido menos estudadas do ponto de vista das condições de vida e de saúde. Em Vitória, Nauck e Giemsa foram recebidos pelo governador, pelo cônsul alemão local, Langen, e pelo líder do grupo do NSDAP dali, o médico Schröder. Juntos, acertaram os últimos detalhes da missão. Os pesquisadores do *Tropeninstitut* deveriam se estabelecer na pequena cidade de Santa Tereza, e dali, dirigir-se para as colônias no interior. Contaram com o apoio do médico alemão Saettele, que há pouco havia assumido a direção de um sanatório recém-inaugurado (Giemsa & Nauck, 1939).

A esposa de Giemsa também os acompanhou na missão. Prestou ajuda no processamento das estatísticas. Como o tempo e os recursos eram limitados, foi impossível pesquisar todas as comunidades de populações alemãs no Espírito Santo. Nauck e Giemsa tiveram de selecionar algumas delas e concentrar-se, nestas, em famílias isoladas, procurando privilegiar aspectos da constituição racial, nos termos da história genética dos colonos e das características herdadas. Tentaram, sempre que possível, retroceder aos ascendentes. Em alguns casos, conseguiram reconstruir o histórico da família até o tempo da imigração. Escolheram famílias de diferentes origens – Pomerânia, Hessen, Saxônia – e de diferentes níveis sócio-econômicos. O método de trabalho consistiu em entrevistas e preenchimento de questionários feitos em visitas às famílias, nas quais foram quase sempre acompanhados dos pastores locais. As informações obtidas foram cotejadas e complementadas com aquelas registradas nos livros das igrejas. O trabalho de Ernst Wagemann, que estivera na mesma região em 1912, também foi de grande importância como fonte de dados e como parâmetro de comparação para seus resultados. Nauck e Giemsa chegaram a afirmar que seus estudos consistiam numa complementação daqueles realizados pelo viajante alemão há 24 anos (Giemsa & Nauck, 1939).

Para avaliar as características biológicas dos colonos, Nauck e Giemsa realizaram medidas antropométricas da cabeça, tamanho do corpo, peso, cor e forma do cabelo, cor da pele e dos olhos. Como tratava-se de uma população de 3 a 4 gerações, alegaram que não era possível qualquer afirmação categórica sobre modificações na constituição racial. Estudos antropológicos e genealógicos posteriores seriam necessários para isso. Poderia ser de algum valor a comparação com populações de alemães que viviam nas mesmas regiões de origem

dos colonos (Idem). Apesar da cautela, concluíram que os resultados de suas investigações respondiam de forma positiva à questão da aclimação. As altas taxas de natalidade, a boa constituição física e capacidade de trabalho dos colonos e o vigor daqueles com mais idade indicavam que era possível a manutenção das boas características da “raça alemã” em terras tropicais. Fatores climáticos pareciam não ter influência prejudicial sobre as características biológicas dos indivíduos de origem teuta. Eles não haviam sofrido degeneração física - compreendida como estado de decadência da constituição orgânica do indivíduo - nem por danos causados pelo clima, nem por mudanças no desenvolvimento genético (Giemsa & Nauck, 1939)

A questão da aclimação para Nauck e Giemsa não envolvia apenas investigações sobre a constituição biológica e fatores da herança genética dos indivíduos. Abrangia também a adaptação em termos psíquicos e culturais, bem como sociais e econômicos, significando “o conjunto das condições e influências do ambiente tropical” (Giemsa & Nauck 1950). As condições econômicas, sociais e culturais - afirmaram - “juntamente com os fatores climáticos e sanitários, regem a manutenção e o desenvolvimento da etnia transplantada para os trópicos” (Idem). Nesse sentido eles realizaram ampla observação das condições de vida das comunidades que visitaram. Descreveram seus hábitos de alimentação, atividades econômicas, métodos empregados no trabalho agrícola, vestuário, forma de organização do trabalho e da vida comunitária, sistema educacional, manifestações culturais e postura política. Deram ênfase especial ao estado de saúde dos colonos e de atendimento médico, investigando principalmente a incidência de doenças tropicais e seus vetores. Consideravam-nas os principais obstáculos para o estabelecimento bem-sucedido de populações européias nos trópicos. Se a febre amarela, varíola e malária haviam sido importantes nos primeiros tempos das comunidades, agora não mais desempenhavam papel de relevo entre as doenças que acometiam seus membros. Em contrapartida, as verminoses, em particular a ancilostomíase, grassavam com grande intensidade, sobretudo entre as crianças. Os exames de sangue e fezes feitos nas escolas revelaram o comprometimento de quase todos os alunos pelos vermes. Já doenças consideradas hereditárias revelaram-se extremamente raras. Em relação às possibilidades de tratamento, Giemsa e Nauck registraram o uso de produtos farmacêuticos, inclusive os de origem alemã. Já o atendimento médico era bastante precário, em virtude do isolamento em que viviam as comunidades. Tentativas de constituir uma caixa de auxílio para manutenção de um médico no local haviam fracassado (Giemsa & Nauck, 1950).

Nauck e Giemsa notaram que o rádio desempenhava papel bastante importante na vida comunitária. Atribuíram o interesse à emissora de ondas curtas alemãs, que segundo eles, representava o único meio de ligação com a “pátria-mãe”. Apesar da distância, mantinham os costumes que haviam trazido do lugar de origem: os hábitos, a língua e a religião. Os pesquisadores aludiram, porém, ao risco de manutenção da língua alemã nas comunidades devido ao forte sentimento nacionalista e às pressões assimilatórias. É importante frisar que eles publicaram essas impressões pelo menos dois anos depois da viagem, quando a política de nacionalização de Vargas já havia provocado choques com as autoridades teuto-brasileiras no sul do país e acendido o alarme daqueles que se dedicavam à manutenção do *Deutschtum* (germanidade) entre as populações de origem alemã. Nauck e Giemsa assinalaram ainda que, isolados em suas comunidades, os núcleos populacionais do Espírito Santo podiam crescer e se desenvolver como brasileiros e conservar “como coisas naturais” a língua e os hábitos do país de origem “o que não os leva, necessariamente, a conflito, pois não têm de escolher entre etnia e cidadania, podendo ambas, sem coerção especial, harmonizar-se no seu pequeno mundo.” (Idem).

Em 23 de maio de 1936, Nauck e Giemsa deixaram a cidade de Santa Teresa. Cinco dias depois estavam em São Paulo, onde permaneceram por mais uns dias, depois deixando o Brasil pelo porto de Santos. No primeiro número dos *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene* de 1937 publicaram parte de suas conclusões em artigo intitulado “Manutenção da raça e da saúde e questões de colonização em países quentes” (Giemsa & Nauck, 1937). Afirmaram que as condições favoráveis da população, a reduzida taxa de mortalidade e capacidade de resistência indicavam que a maior parte das famílias de imigrantes havia mantido a sólida constituição genética depois de terem se estabelecido no Espírito Santo. Em termos de feição e língua, “sangue” e crença, aquela população havia se mantido completamente alemã – apontaram – sem sofrer degeneração durante as gerações que haviam ali se implantado. “O exemplo dos colonos do Espírito Santo ensina que uma colonização das regiões tropicais com população alemã é possível sob determinadas circunstâncias”, concluíram (Idem, p. 21). Ressaltaram porém, que com isso não pretendiam defender a imigração de alemães para aquela região. Segundo os autores, a saída de alemães para o ultramar havia sofrido uma modificação com o nacional-socialismo. A nova “*Volksgemeinschaft*” tinha como objetivo evitar a perda de seus membros para outros países, apontaram. O povo alemão não deveria abrir mão “dos valiosos componentes de sua população”. Eles queriam, no entanto, insinuar a possibilidade de algumas famílias de teuto-brasileiros, com boa constituição, e adaptados às

condições tropicais, virem a ocupar alguns protetorados e colônias logo que a Alemanha os obtivesse novamente. Seus resultados comprovavam que era possível manter uma população sadia de camponeses alemães nos países quentes, sua capacidade de crescimento e desempenho, atendendo às exigências da agricultura. E concluíram:

O Espírito Santo apresenta, em particular, dimensão e possibilidade de reconhecer os pressupostos sobre os quais isso pode ocorrer de forma sensata e de fazer com que as experiências realizadas sejam úteis para a questão de eventuais possibilidades de colonização em alguns países coloniais (Giemsa & Nauck 1937, p. 21).

O relatório completo da viagem só foi publicado em 1939 nos *Anais do Instituto Colonial de Hamburgo* (Giemsa & Nauck, 1939). “Circunstâncias diversas protelaram a impressão de nosso relatório”, escreveram na introdução do mesmo. “A situação política e as possibilidades futuras de desenvolvimento que por ela podem ser influenciadas alteraram-se no decorrer dos últimos anos e foram levadas em conta”, acrescentaram (Idem). No ano em que estourou a Segunda Guerra as ambições de Hitler em termos de expansão geopolítica e interesses coloniais já haviam sido em grande medida manifestadas. Os pressupostos da expedição e os objetivos a ela ligados podiam agora ser divulgados sem receio. O significado prático dos resultados dos pesquisadores do *Tropeninstitut* também havia se tornado mais evidente, quando a reivindicação pela devolução das colônias e protetorados despontava no horizonte como possibilidade mais concreta. O prefácio de Mühlens reforçou esse aspecto, numa tentativa de fortalecer a posição do Instituto de Hamburgo e dos médicos tropicais a ele ligados em favor da reconquista das colônias:

Através do desenvolvimento dos camponeses teutos que há várias gerações se radicaram no Espírito Santo, aprendemos e compreendemos muitas das condições que regem o crescimento de uma população de colonizadores e a manutenção das características étnicas originais. O destino desses indivíduos de origem alemã, transplantados para um mundo diferente, nas bordas dos trópicos, o conhecimento de seu espaço vital e das suas condições de vida são, ainda, de grande alcance político nacional para futuros empreendimentos coloniais teutos. É verdade que o espaço colonial reivindicado por nós, como um direito, deveria se prestar antes, à exploração de fontes de matérias-primas do que à colonização. Já por motivos de ordem política nacional é condenável uma colonização em massa nos trópicos por valiosos

elementos étnicos teutos. Ainda assim, incumbe à medicina tropical alemã o estudo de todos os problemas relacionados com a sanidade dos europeus nos trópicos (Mühlens in Giemsa & Nauck 1950, p. 451).

Entre os agradecimentos, Giemsa e Nauck aludiram ao auxílio prestado pelo “nosso velho amigo professor Rocha Lima.” Também manifestaram gratidão ao chefe do partido nazista no Brasil Henning von Cossel. Certamente em decorrência da proximidade que a expedição ocasionou entre a célula brasileira do Partido e o *Tropeninstitut*, von Cossel dirigiu, em 1937, um convite para que Mühlens visitasse o Brasil. Ele tinha em vista uma viagem à América Latina, na qual passaria por vários países. Von Cossel sugeriu que passasse pelo Rio, São Paulo e Bahia e estabelecesse contato com círculos brasileiros e alemães.¹¹⁹⁶ Em resposta, o diretor do *Tropeninstitut* afirmou que não havia tempo hábil para vir ao Brasil. Poderia visitar o país numa próxima vez com o Zepellin apenas para proferir palestras. Nas atas do *Auswärtiges Amt* já constava solicitação do cônsul alemão de Salvador para o convite de um professor, mas do Rio e São Paulo não havia nenhum convite, relatou.¹¹⁹⁷ As negociações de Mühlens com von Cossel não avançaram. Toda a viagem planejada pelo cientista para a América Latina foi substituída para uma expedição ao continente africano (Brahm 2002).

No sentido contrário, Rocha Lima dirigiu-se para a Alemanha em 1937, a primeira viagem que realizava desde que deixara Hamburgo há quase 10 anos. A viagem de Rocha Lima foi produto direto das estratégias de propaganda cultural. Devido às decorrências que ela teve na trajetória de nosso personagem e à representatividade da data, que assinala o início de uma maior radicalização do regime nazista em termos tanto da guerra “interna” quanto externa, vamos abordá-la no próximo capítulo. Além disso, os preparativos e negociações para a viagem, bem como toda a programação da mesma, foram assumidos por uma agência que de certa forma representou a institucionalização das iniciativas de Rocha Lima no sentido de aproximação Brasil-Alemanha por meio da medicina. Ela será objeto de análise do próximo capítulo. O ano de 1937 também aponta para uma maior radicalização política no cenário brasileiro com a instauração do regime autoritário do Estado Novo.

¹¹⁹⁶ Arquivo Bernhard-Nocht-Institut. Korrespondenz Peter Mühlens. Carta de von Cossel a Peter Mühlens de 09.04.1937.

¹¹⁹⁷ Arquivo Bernhard-Nocht-Institut. Korrespondenz Peter Mühlens. Carta de Peter Mühlens a von Cossel de 03.05.1937.

CAPÍTULO 6 – SOB A SOMBRA DA ÁGUIA ALEMÃ: A ÚLTIMA FASE DA TRAJETÓRIA DE ROCHA LIMA

Em 1937, Rocha Lima seguiu para a Alemanha na primeira viagem que fez desde que deixara Hamburgo, há quase dez anos. A viagem foi um capítulo da política de propaganda cultural, que articulava o Instituto Ibero-Americano de Berlim, o Ministério da Propaganda e o *Auswärtiges Amt* (Lopes 2008, p. 173). Nela, o intercâmbio com médicos teve um destacado papel. Durante a viagem, o médico brasileiro foi condecorado com a Ordem da Águia Alemã. A recepção do prêmio fez com que ele fosse associado ao regime nazista, associação que tornar-se-ia ainda mais problemática depois da radicalização das medidas contra os “indesejados” da *Volksgemeinschaft* (numa tradução precária, “comunidade do povo” ou “comunidade popular”). Rocha Lima acompanhou de perto o andamento da Guerra e trocou suas impressões com os amigos alemães, principalmente com Munk. Relatou o posicionamento do governo brasileiro, vendo com preocupação a gradativa inclinação em favor dos norte-americanos. Maior preocupação causou-lhe a situação da Alemanha depois de terminado o conflito. Munk relatou em cores vivas a penúria da população berlinense e as medidas tomadas pelas tropas de ocupação aliadas. Ele e Rocha Lima registraram de forma bastante crítica a política adotada pelas potências vencedoras e a instabilidade da nova ordem internacional que emergia dos escombros da guerra. O brasileiro procurou aliviar a miséria que acometeu os amigos alemães, remetendo pacotes com mantimentos e utensílios. Também foi informado da situação do *Tropeninstitut* após a Guerra pelo seu novo diretor, Ernst Nauck, e dos trabalhos de reconstrução. Nauck esforçou-se para reerguer o instituto, promovendo suas ligações com o estrangeiro. Privilegiou as relações com o Brasil, país que sediou a primeira participação dos alemães num congresso internacional de microbiologia desde a Guerra. Rocha Lima foi um parceiro estratégico de Nauck nesses esforços, sendo fundamental no êxito da viagem do alemão ao Brasil em 1954. Como diretor do Instituto Biológico, Rocha Lima permaneceu enfrentando dificuldades com as instâncias políticas. Apesar desses obstáculos, sua equipe obteve uma série de êxitos no combate de pragas e epizootias, fortalecendo os laços da instituição com as demandas da agropecuária paulista.

6.1. A Academia Médica Germano-Ibero-Americana e a viagem de Rocha Lima à Alemanha em 1937-8

Desde a segunda metade do ano de 1935, Rocha Lima pretendia fazer uma viagem à Alemanha, acompanhado da nova companheira, Lygia Costa. Munk recebeu a notícia com grande entusiasmo: “Nós aguardamos com grande ansiedade a visita de você e a Dona Lygia, se ela conhecer com seus grandes olhos admirados tudo o que você a descreveu em cores tão impressionantes.”¹¹⁹⁸ A viagem tinha motivações pessoais e profissionais: Rocha Lima queria ver de perto a “nova Alemanha”, rever os amigos e visitar institutos científicos de perfil semelhante ao Biológico. Tinha intenção de conhecer a organização, as técnicas e aparelhos utilizados nas atividades científicas e fazer contato com especialistas no ramo da defesa animal e vegetal. Caso fosse possível, tencionava convidar alguns deles para passar uma temporada na instituição paulista. Mas teve que adiar seus planos, o que Munk muito lamentou, pois queria que o amigo participasse de qualquer maneira dos jogos olímpicos que teriam lugar em Berlim em 1936. “As Olimpíadas serão um grande acontecimento. Berlim está sendo melhorada e embelezada em todas as esquinas e extremidades”, escreveu o alemão a Martin Ficker.¹¹⁹⁹ O evento havia sido preparado como ocasião para Hitler propagandar ao mundo a grandeza alemã e fornecer à imprensa estrangeira a imagem de um país restaurado e tolerante. Um novo estádio de grandes dimensões foi construído para esse fim e as cerimônias foram vazadas no modelo da estética nazista. Para desgosto de Munk, a viagem do amigo brasileiro não ocorreu a tempo de assistir às competições.

O motivo do adiamento da viagem aparece em carta escrita a Munk em junho de 1936. Afirmou que não poderia ir à Alemanha antes de fevereiro, “porque os assuntos do instituto exigem minha supervisão e o empenho de todas as minhas forças para avançar”, justificou.¹²⁰⁰ De carta escrita por Giemsa, em fevereiro de 1937, depreende-se que Rocha Lima desistira em virtude da troca de governos no estado de São Paulo. “Sob as circunstâncias descritas, uma ausência prolongada da sua frente de batalha poderia significar um enorme risco para seu

¹¹⁹⁸ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 14.11.1935. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹¹⁹⁹ Carta de Fritz Munk a Martin Ficker de 08.06.1936. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁰⁰ *Idem*

instituto, sendo igualada a uma deserção”, escreveu o químico alemão.¹²⁰¹ Diante da fragilidade do Biológico frente às instâncias políticas, um novo governo e, conseqüentemente, um novo secretário, apontava para novas disputas por influência e tentativas de desmembrar o instituto. Mas como diz o ditado alemão, “adiar não é desistir”: em maio de 1937, o pesquisador brasileiro partiu com a esposa para a Europa. Além da Alemanha, pretendia visitar a Itália, Suíça, Áustria, Hungria, Dinamarca e França.

A viagem logo assumiu caráter oficial. A embaixada alemã no Rio transmitiu ao *Auswärtiges Amt* a ida do cientista, ao qual se referiram como “um dos mais importantes cientistas em sua área. Ele quer participar na Alemanha de alguns congressos e deve além disso visitar algumas fábricas que seriam de interesse para as novas instalações no grande edifício do Instituto Biológico de São Paulo”¹²⁰² Iniciativa semelhante foi tomada pela *Auslandsorganisation* (Organização Estrangeira) do Partido Nazista, mobilizada pelo representante do Partido no Brasil, Hans Henning von Cossel. Este escreveu cartas de introdução ao chefe do Estado Maior representante de Hitler, Friedrichs e a Alfred Meyer, governador em Münster.¹²⁰³ Von Cossel recomendou que procurasse primeiro as autoridades nazistas em Munique. Caso fosse a Viena, sugeriu que procurasse seu cunhado, Hermann Seebohm, com quem poderia entrar em contato ou pela embaixada alemã ou pela IG-Farben.¹²⁰⁴ O representante do Ministério da Propaganda em Munique escreveu a Hans Scholer, que hospedaria Rocha Lima na capital da Baviera, colocando-se à disposição do professor brasileiro.¹²⁰⁵ Também contactado por von Cossel, o diretor do departamento cultural

¹²⁰¹ Carta de Gustav Giemsa a Rocha Lima de 12.02.1936. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁰² PAAA 65670. Deutsche Botschaft an das Auswärtiges Amt 26.05.1937.

¹²⁰³ Carta da Organização Estrangeira do Partido Nazista a Rocha Lima de 05.08.1937. Carta de H. von Cossel (Landesgruppenleiter der NSDAP) an Reichsstadthalter Dr. Meyer de 15.07.1937. Nesta o diretor do Partido Nazista no Brasil escreveu ao governador: “Eu lhe seria muito grato se o senhor puder receber o professor Rocha Lima e sua esposa da forma mais atenciosa possível e lhe desse oportunidade de conhecer aí o máximo que ele puder da nova Alemanha.” Recomendação semelhante deu na carta ao representante militar de Hitler em Munique Friedrichs. Carta de H. von Cossel an den Stab des Stellv. des Führers München/Braunes Haus de 15.07.1937.

¹²⁰⁴ Carta de H. von Cossel a Rocha Lima de 15.07.1937, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁰⁵ Landestelle München-Oberbayern des Reichsministeriums für Volksaufklärung und Propaganda an Herrn Prof. Hans Scholer am 23.08.1937.

da Organização Estrangeira do NSDAP, OttoGauercke dirigiu-se ao responsável pelo departamento estrangeiro da Câmara Médica do Reich (*Reichsärztekammer*), Karl Haedemkamp. Apresentou Rocha Lima, destacando sua participação na Primeira Guerra, as condecorações pelo governo alemão e seus objetivos: “O Professor da Rocha Lima gostaria agora de conhecer, de sua própria experiência, a Alemanha nacional-socialista. Suas impressões serão mais tarde relatadas na forma de palestras e publicações na imprensa.”¹²⁰⁶ Acrescentou ainda o interesse de Rocha Lima em visitar fábricas e instituições para o Instituto Biológico, cuja construção estava quase completa, mas faltava o acabamento. O oficial do NSDAP enfatizou que as instalações internas seguiriam o modelo alemão e seriam guarnecidas com equipamentos de fábricas da Alemanha.¹²⁰⁷

O consulado de São Paulo informou ao *Auswärtiges Amt* o itinerário do brasileiro: ele chegaria na Itália, passaria pelo Tirol, na Áustria, chegando a Munique, o que deveria ocorrer em fins de agosto de 1937. Dali dirigir-se-ia principalmente para Hamburgo e Berlim, onde permaneceria por mais tempo. “Eu seria muito grato se for manifestada toda a boa-vontade possível ao Professor Rocha Lima”, escreveu o cônsul de São Paulo. “Ele é tão conhecido, que praticamente dispensa uma justificativa maior desse pedido. É um sincero amigo da Alemanha, e mostra essa disposição em todas as oportunidades”, emendou. Fez uma breve biografia da trajetória do visitante, destacando novamente sua participação na Primeira Guerra por encargo do Ministério Alemão e as condecorações recebidas do governo. O diplomata não deixou de enfatizar que a esposa era filha do ex-secretário de Agricultura de São Paulo, Fernando Costa, que à época dirigia o Departamento Nacional do Café.¹²⁰⁸

Além dos canais diplomáticos e das redes do Partido Nazista, Rocha Lima contou em sua visita com o apoio da Academia Médica Germano-Ibero-Americana (AMGIA), voltada exclusivamente para intermediar e encaminhar médicos latino-americanos que tinham interesse em visitar a Alemanha para completar seus estudos ou participar de congressos (Reggiani, 2005). A Academia havia sido criada em 1935, como instituição anexa ao Instituto Ibero-Americano de Berlim, dirigido pelo general Wilhelm Faupel. Faupel era um destacado

¹²⁰⁶GStA Rep. 218 A N. 11. Gauerke (Kulturamt) an Dr. Karl Haedemkamp de 07.08.1937.

¹²⁰⁷GStA Rep. 218 A N. 11. Gauerke (Kulturamt) an Dr. Karl Haedemkamp de 07.08.1937.

¹²⁰⁸PAAA 65670. Deutsches Generalkonsulat São Paulo an das Auswärtiges Amt am 06.06.1937

membro do governo nazista. Tinha relações privilegiadas com o *Führer*, que o designara representante do *Reich* na Espanha do general Franco. Havia contribuído para reprimir a Revolução dos Boxers, em 1901, na China, a revolta contra os hereros numa colônia alemã do sudoeste africano e lutado na Primeira Guerra nas tropas do marechal Hindenburg. Agraciado com a mais alta condecoração militar, lutou depois da Guerra nas tropas paramilitares que perseguiram os comunistas. Viveu um tempo na América do Sul, onde travou contato com lideranças políticas locais.¹²⁰⁹ Sob sua gestão, o Instituto Ibero-Americano de Berlim tornou-se, ao lado do *Auswärtiges Amt*, o mais importante centro de promoção das relações culturais com a América Latina.

A criação da AMGIA foi uma iniciativa de Faupel, secundado pelo governador da Prússia, Julius Lippert, e o renomado professor de cirurgia do Hospital CharitéFerdinandSauerbruch. Com o apoio dos ministérios da Ciência e Educação e do Interior, a Academia dedicou-se a conceder toda sorte de facilidades para os estudantes de medicina e médicos já formados, que tinham interesse em conhecer e/ ou frequentar as renomadas clínicas e institutos médicos alemães. Ela dispôs de ampla relação de médicos de todas as especialidades, tanto na Alemanha, quanto na América Latina. Os mais proeminentes e que ocupavam cátedra universitária compuseram um senado científico, do qual fizeram parte tanto latino-americanos quanto alemães. O Brasil estava representado por Raul Leitão da Cunha, à época reitor da Universidade do Rio de Janeiro e presidente do Instituto Teuto-Brasileiro de Alta Cultura, Antônio Austregésilo, presidente da Academia Nacional de Medicina, Maurity Santos, presidente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, Antônio Abreu Fialho e João Marinho de Azevedo.¹²¹⁰ O patologista da Escola Paulista de Medicina, Walter Büngeler, também foi nomeado senador, sendo um dos mais ativos colaboradores do intercâmbio médico de São Paulo com a AMGIA.¹²¹¹ Os que visitavam a Alemanha tornavam-se membros efetivos, sem que isso implicasse em qualquer obrigação material. Subordinada institucionalmente ao *Auswärtiges Amt* e presidida por Faupel, a AMGIA na prática foi conduzida por Serge Breuer, auxiliado pelo chileno de ascendência germânica Klaus

¹²⁰⁹ GStA Rep. 218A N. 6. Actividades del Academia Médica Germano-Ibero-Americana.

¹²¹⁰ GStA Rep. 218A N. 7. Lista dos senadores da Deutsch-Iberoamerikanische Ärzteakademie.

¹²¹¹ PAAA 78934. Büngeler foi tão ativo na colaboração científica e cultural Brasil-Alemanha que foi nomeado senador de honra da AMGIA.

Soehring. Mais adiante eles passaram a contar com a ajuda do médico brasileiro de origem alemã João Paulo Rieper e da secretária HildeRöstel.

Havia grande interesse em médicos que dominavam o espanhol ou português, pois viam na barreira linguística o principal impedimento para um acercamento mais efetivo com os latino-americanos. A estratégia era evitar de toda maneira o uso do francês, idioma no qual muitos destes eram versados.¹²¹² Por dominar o português, Fritz Munk tornou-se um estreito colaborador da Academia.

No ano das Olimpíadas, eles organizaram um ciclo de conferências que ocorreram paralelamente às competições. Munk foi um dos palestrantes convidados. Congressos de praticamente todas as especialidades médicas foram oferecidos pela AMGIA. O êxito do evento fez com que o repetissem nos anos seguintes. A partir de 1938, passaram a organizar “congressos itinerantes” (*Wanderkongresse*), nos quais os grupos de professores e estudantes visitavam várias cidades e instituições médicas da Alemanha, além de indústrias como a IG-Farben. Esta também colaborou intensamente com a AMGIA, colocando à disposição sua rede de contatos na América Latina esugerindo e desaconselhando nomes para compor o senado científico. Os senadores não podiam ser de ascendência judia, tinham de ter boa reputação como médicos e ser de postura pró-germânica. O objetivo dos “*Wanderkongresse*” – congressos-itinerantes –, nas palavras da própria Academia, era “transmitir aos colegas ibero-americanos um quadro o mais abrangente possível da vida científica da Alemanha”.¹²¹³

Os brasileiros predominaram entre os médicos e professores recepcionados, aconselhados e encaminhados pela AMGIA. Por influência de Walter Büngeler e outros, como Octavio de Carvalho, os médicos e estudantes de São Paulo prevaleceram sobre os dos demais estados.¹²¹⁴ Os alunos da Escola Paulista de Medicina afluíram em grande número para frequentar os cursos oferecidos pela AMGIA. Além de promover esses cursos, congressos e encaminhar interessados aos médicos alemães, a AMGIA procurou intermediar a vinda de

¹²¹² GStA Rep. 218A N. 1. Abschrift eines Schreibens an das Dekanat der med. Fakultät Berlin am 20.07.1935

¹²¹³ GStA Rep. 218A N. 11. Lehrgang der Deutsch-Iberoamerikanischen Ärzteakademie von 09-21/08/1937.

¹²¹⁴ Ver, por exemplo, a relação dos médicos que visitaram a Alemanha nos anos de 1937, 1938 e 1939 em GStA Rep. 218A N. 14 Carta a J.F. Lehmanns Verlag de 20.09.1938.

alemães para trabalhar em faculdades e hospitais brasileiros.¹²¹⁵ Também procurou realizar o intercâmbio de publicações científicas e a partir de 1938, passou a coordenar palestras de médicos alemães renomados, veiculadas no programa de rádio “Hora Médica”, que eram depois traduzidas para o português e publicadas no *Brasil Médico*.¹²¹⁶ O programa era transmitido pelo canal de ondas curtas para o Brasil. Munk foi um dos que pronunciaram conferência no rádio.

Mobilizada pelo *Auswärtiges Amt*, a AMGIA ficou responsável por coordenar toda a estadia de Rocha Lima na Alemanha. Na carta já referida, o cônsul alemão de São Paulo recomendou que o órgão fosse imediatamente contatado para tratar dos pormenores da visita. Um curso de especialização promovido por esta ocorreria em Munique. O cônsul solicitou que um representante do órgão fosse receber Rocha Lima na fronteira da Áustria com a Alemanha e que ele fosse dispensado das formalidades de identificação e de procedimentos de vistoria na alfândega.¹²¹⁷ O diretor da AMGIA, Serge Breuer, entrou em contacto com o Prof. Schöber, que hospedaria o pesquisador brasileiro em Munique, para que este avisasse da sua chegada. Em 09 de agosto de 1937 ele chegou na capital da Baviera, depois de já ter passado pela Itália e Áustria.¹²¹⁸ De Munique Rocha Lima e Lygia visitaram Bayreuth, onde estava ocorrendo o famoso festival de ópera. Os oficiais do NSDAP movimentaram-se para conseguir convites, de modo que eles puderam participar do festival no qual até hoje são apresentadas as peças de Richard Wagner, um gosto que nosso personagem compartilhava com Hitler e seus seguidores. Eles assistiram à exibição do Parsifal, uma das mais famosas óperas do compositor alemão. A simbologia mobilizada por Wagner, eivada de anti-semitismo, compunha o ideário “völkisch”, uma das fontes nas quais os ideólogos nazistas haviam bebido na formação de seu imaginário (Puschner 2002, p. 27; Benz 2002, p. 47). O NSDAP também garantiu a participação de Rocha Lima e Lygia na reunião que ocorria anualmente em Nuremberg. Tanto em Bayreuth, quanto na reunião anual do Partido, o diretor

¹²¹⁵GStA Rep. 218A N. 12. Carta a Lindenberg de 07.03.1938.

¹²¹⁶GStA Rep. 218A N. 14. Carta ao Brasil-Médico de 30.03.1939.

¹²¹⁷PAAA 65670. Deutsches Generalkonsulat an das Auswärtiges Amt am 06.06.1937.

¹²¹⁸PAAA 65670 Der Reichs- und Preussischer Minister des Innern an die Deutsch-Iberoamerikanische Ärzteakademie am 10.08.1937. GStA Rep. 218A N. 10. Telegrama de Breuer de 08.09.1937.

do Biológico e a esposa foram recebidos na qualidade de convidados de honra do *Führer*.¹²¹⁹ Esta regalia também foi conseguida através de articulações dos oficiais do partido, que seguindo recomendação de vonCossel, cuidaram para que o pesquisador brasileiro levasse as melhores impressões da “nova Alemanha”. De acordo com as cartas de recomendação do cônsul de São Paulo e do Partido Nazista, o próprio Rocha Lima havia manifestado a intenção de participar da reunião em Nuremberg. Os canais da diplomacia e do NSDAP também providenciaram a participação de Adolfo Lindenberg no evento, que chegou à Alemanha em agosto de 1937. Assim como Rocha Lima, Lindenberg manifestara ao consulado de São Paulo o desejo de assistir à reunião anual dos nazistas. O dermatologista de ascendência alemã foi igualmente recomendado pelo cônsul como personalidade de grande prestígio social e importância para o cultivo das relações germano-brasileiras.¹²²⁰

O processo de escolha dos convidados de honra do *Führer* era feito com bastante cautela. De acordo com circular da chancelaria, Hitler queria para a reunião daquele ano de 1937 apenas a presença de artistas, músicos, intelectuais e personalidades de alto escalão. O documento determinava que os estrangeiros que não fossem convidados do *Führer* fossem mantidos extremamente distantes dele. A indicação dos nomes era feita em reunião de representantes do Ministério da Propaganda, do Departamento Estrangeiro do Partido Nazista e oficiais do *Auswärtiges Amt*. As listas com as sugestões eram cotejadas e discutidas. Dois convites estavam previstos para o Brasil. O líder das SS, Heinrich Himmler, havia sugerido o nome de Fillinto Müller, mas a sugestão aparentemente não foi acatada. Além deste, foram sugeridos os nomes de Jakob Renner, um industrial de Porto Alegre que havia sido vivamente recomendado pelo cônsul e pelas instâncias locais do NSDAP, e o de Rocha Lima, com uma pequena ficha dele. “Lima é um sincero amigo da Alemanha”, diz o texto, que apresenta além disso seus dados biográficos, ressaltando a atuação na Primeira Guerra no estudo do tifo. O

¹²¹⁹PAAA 65670 Deutsch-Iberoamerikanische Ärzteakademie an das Auswärtiges Amt am 20.09.1937.

¹²²⁰PAAA 65670. Deutsches Generalkonsulat São Paulo an das Auswärtigen Amt am 05.08.1937. Relatório da Visita de Lindenberg à Alemanha. A AMGIA também ficou responsável por ciceronear Lindenberg e tratar das questões relativas à sua estadia. Breuer, por exemplo, conseguiu que o presidente da Sociedade Alemã de Dermatologia aceitasse a participação do brasileiro no congresso, muito embora as inscrições já tivessem sido encerradas. GStA Rep 218 A, N. 9.

nome de Lindenberg não consta entre as sugestões, sugerindo que seu convite surgiu de última hora.¹²²¹

A reunião em Nuremberg consistia na ocasião em que todo o conjunto de símbolos e rituais eram postos em ação pelo aparato de propaganda do NSDAP. O cerimonial cuidadosamente preparado por Goebbels tencionava através da força imagética e da disciplina militar enfatizar o sentimento de pertencimento à *Volksgemeinschaft*. Em Nuremberg, segundo Söseman (2002, p. 135), “o público se aproximava de seu Führer, festejava arrebatado o ‘grandeur’ do poder institucionalizado, desfrutava das repetidas confirmações do recomeço da Nação”. Rocha Lima não ficou alheio ao poder de atração do ritual nazista. Segundo o jornal *Deutsche Zeitung*, ele considerou o evento em Nuremberg, “a experiência mais intensa da viagem.”¹²²²

Breuer também articulou a participação do pesquisador brasileiro e da esposa nas festividades em comemoração à visita que o “Duce” Benito Mussolini fez à Alemanha. Em ofício ao *Auswärtiges Amt*, Breuer enfatizou que em face da importância de Rocha Lima, e em interesse das “coisas alemãs”, ele deveria ser convidado para a recepção de forma “primorosa” e não “como simples espectador”.¹²²³ Pediu que fosse sondado um lugar na tribuna de honra “para os participantes proeminentes”.¹²²⁴ Em resposta, foi informado que a recepção a Mussolini seria um evento que não contaria com a participação de estrangeiros. O que puderam garantir ao cientista brasileiro foi um bom lugar na solenidade em homenagem ao “Duce” no campo de esportes do Reich.¹²²⁵

Além do turismo e das festividades oficiais no sul da Alemanha (Bayreuth e Nuremberg), Rocha Lima visitou em Munique os institutos de Pesquisas Agronômicas e de Silvicultura, este último dirigido pelo professor Karl Escherich, o entomologista que em 1926

¹²²¹BArch NS 43 490. Aktennotiz 23.08.1937.

¹²²²„Prof. Rocha Lima über seine Deutschlandreise“. *Deutsche Zeitung*, 21.02.1938.

¹²²³PAAA 65670. Deutsch-Ibero-Amerikanischenärzteakademie an das Auswärtiges Amt am 20.09.1937. GStA Rep 218A N. 10. Breuer an Amtsleiter Gerlaud Amt für Ehrengäste Nürnberg.

¹²²⁴Idem

¹²²⁵PAAA 65670. An die Deutsch-Ibero-Amerikanische Ärzteakademie am 22.09.1937.

havia estado no Brasil, visitando a comissão contra a broca-do-café.¹²²⁶ De Munique, o diretor do Biológico visitou outras cidades do sul da Alemanha e da Suíça, trajeto no qual contou com a companhia de Fritz Munk e a esposa.¹²²⁷ Dali, dirigiu-se para o norte da Alemanha, onde pretendia passar por Hamburgo e dali rumar para Copenhague. Na cidade hanseática, participou das comemorações dos 80 anos de Bernhard Nocht, nas quais se reuniram as mais proeminentes personalidades da comunidade médica alemã. Tamanho prestígio gozava o médico tropical, que recebeu congratulações do próprio Hitler, que o condecorou com a mais alta distinção do regime nazista, o escudo da águia (*Adlerschild*).¹²²⁸ Na ocasião, Rocha Lima proferiu palestra, na qual fez considerações retrospectivas da trajetória dos estudos sobre anatomia patológica da febre amarela. Ela compôs uma edição comemorativa lançada em homenagem ao criador do *Tropeninstitut* (Rocha Lima, 1937).

Na capital alemã, Rocha Lima ficou hospedado na *HarnackHaus*, em Dahlem, onde eram recebidos os convidados da *Kaiser-Wilhelm Gesellschaft* (Sociedade Imperador Guilherme). Foi também convidado para visitar todos os institutos que pertenciam à Sociedade.¹²²⁹ Ali, visitou o Instituto Biológico Imperador Guilherme de Agricultura e Silvicultura (*Biologische Reichsanstalt für Land- und Forstwirtschaft der Kaiser-Wilhelm Gesellschaft*). Na pequena cidade de Münchenberg, próxima de Berlim, conheceu o Instituto de Genética, dedicado a estudos de melhoramento vegetal. Mostrou-se vivamente impressionado pela organização e pelos trabalhos ali desenvolvidos. A importância do Instituto – salientou – estava principalmente na demonstrada capacidade de contribuir para a economia alemã, ao tratar do aperfeiçoamento de “plantas úteis”. “Conta-se por muitos milhões o valor da riqueza trazida por tal gênio orientador e pela concentração de esforços especializados”, afirmou a um jornal brasileiro.¹²³⁰ Também nas proximidades de Berlim encontravam-se os campos experimentais do “sindicato do potássio”, nos quais se estudava o

¹²²⁶ “A viagem de estudos do sr. Rocha Lima à Europa”, *Folha da Noite*, 22.02.1938.

¹²²⁷ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 24.06.1937.

¹²²⁸ StAAH 352 – 8/9 – 3c. Der Führer und Reichskanzler an Herrn Geheimrat Bernhard Nocht den 04.11.1937.

¹²²⁹ PAAA 65670. Kaiser-Wilhelm Gesellschaft a Rocha Lima de 14.10.1937. HarnackHaus an Herrn Rocha Lima am 05.11.1937.

¹²³⁰ “A viagem de estudos do sr. Rocha Lima à Europa”, *Folha da Noite*, 22.02.1938.

rendimento da adubação para as culturas. Visitou ainda outros institutos de medicina veterinária.¹²³¹

Além de visitar instituições científicas, Rocha Lima demonstrou grande interesse por conhecer o sistema de instrução do Terceiro Reich, voltado, em suas palavras para “a formação intelectual e orientação cívica das futuras gerações”. Considerou este um dos principais problemas da organização nazista na Alemanha.¹²³² Visitou o OrdensburgSundhofen e o campo de instrução (*Schulungslager*) de Spandau, em Berlim. Também para esse fim contou com todo apoio do NSDAP e do governo.¹²³³

Quando ainda estava em Berlim, o diretor do Biológico enfrentou situação bastante embaraçosa. Advogados de uma firma denominada *Brasil-Handelsgesellschaft*, de Hamburgo dirigiram-se ao *AuswärtigesAmt* e à AMGIA para cobrar uma dívida do pesquisador brasileiro, referente a despesas de anos atrás. Informaram que há tempos tentavam estabelecer contato com ele, sem receber nenhuma resposta. Caso não saldasse o débito, ameaçavam prendê-lo. Justificaram que haviam procurado as instâncias oficiais porque queriam evitar qualquer prejuízo para as relações germano-brasileiros. Sugeriram que a Embaixada Brasileira assumisse a dívida.¹²³⁴ Inicialmente, o *AuswärtigesAmt* declarou que não tinha nenhuma objeção contra a aplicação dos procedimentos legais a Rocha Lima.¹²³⁵ De acordo com a carta dirigida ao próprio brasileiro, os advogados esclareciam que a dívida estava relacionada a despesas de sua ex-esposa.¹²³⁶ Sem querer que o “ilustre visitante” deixasse a Alemanha contrariado, a AMGIA assumiu a condução do assunto. Negociou a dívida com o advogado e mobilizou Munk para saldá-la. A própria Academia assumiu os custos com o advogado.¹²³⁷

¹²³¹ *Idem*

¹²³² *Idem.*

¹²³³ „Prof. Rocha Lima über seine Deutschlandreise“. *Deutsche Zeitung*, 21.02.1938.

¹²³⁴ PAAA 65670. Carta Dormann, Voss, von Döhren an das Auswärtiges Amt am 10.12.1937.

¹²³⁵ PAAA 65670. Politische Abteilung des Auswärtigen Amtes am 14.12.1937.

¹²³⁶ PAAA 65670. Carta Dormann, Voss, von Döhren an Rocha Lima 10.12.1937.

¹²³⁷ GStA Rep 218A N. 13. Carta ao Rechtsanwalt Dr. G. Möring de 17.01.1938, de 24.01.1938, de 28.01.1938. Carta de Dr. Möring a Deutsch-Ibero-Amerikanische Ärzteakademie de 20.01.1938. Carta de Fritz Munk a Rieper de 26.01.1938.

Em fins de janeiro, Breuer comunicou ao *AuswärtigesAmt* que a “questão Rocha Lima” havia sido resolvida. Salientou que o pesquisador não tinha nada a ver com a dívida, nem era culpado pelo “desonroso comportamento”.¹²³⁸

Rocha Lima escreveu ao colaborador da AMGIA, João Paulo Rieper, dizendo não compreender a razão da firma em questão ter se dirigido àquele órgão, uma vez que ele próprio já havia procurado os responsáveis para solucionar o problema. Ele esclareceu que entregara aos sócios, anos atrás, ações da empresa Augusto Freitas S.A., que cobriam o montante da dívida, mas que agora os advogados afirmaram estar sem valor pelo fato desta empresa ter falido.¹²³⁹ Junto com o montante inicial, eles passaram a cobrar juros exorbitantes, além de ter incluído despesas de outras pessoas que não estavam sob sua responsabilidade. O diretor do Biológico chegou a contratar um advogado para tratar do assunto, mas como vimos, foi o próprio advogado da AMGIA que solucionou a questão. Para Breuer, o importante foi que o episódio não chegou a comprometer a visita do brasileiro, que do contrário deixaria a Alemanha descontente. Ele afirmou que Rocha Lima ficou extremamente grato pela ajuda da AMGIA.¹²⁴⁰

Em janeiro de 1938, pouco antes de Rocha Lima deixar a Alemanha, a AMGIA encaminhou aos oficiais do governo nazista, solicitação para que ele fosse condecorado com a Ordem da Águia Alemã (*Verdienstorden vom Deutschen Adler*). Instituído por Hitler, em maio de 1937, o prêmio era direcionado aos estrangeiros sugeridos pelo *AuswärtigesAmt*. Havia diferentes graus da condecoração. O brasileiro recebeu a Cruz de Mérito da Ordem da Águia Alemã de Segunda Ordem, em 19 de fevereiro de 1938.¹²⁴¹ Não havia uma regra que estabelecesse a relação entre o nível da condecoração e a personalidade. Normalmente os agraciados recebiam das mãos do *Führer*, além da cruz, um certificado de concessão. Não foi o caso de nosso personagem, que foi condecorado quando já não se encontrava mais na Alemanha. Em fins de janeiro ele havia deixado o país rumo à Itália. O navio que o trouxe de

¹²³⁸PAAA 65670. Deutsch-Iberoamerikanische Ärzteakademie am Auswärtig Amt.

¹²³⁹GStA Rep 218A N. 13. Carta de Rieper a Rocha Lima de 05.01.1938. Carta de Rocha Lima a Rieper de 14.01.1938.

¹²⁴⁰PAAA 65670. An die Kulturabteilung des Auswärtigen Amtes.

¹²⁴¹Urkunde des Verdienstkreuzes des Ordens vom Deutschen Adler Zweiter Stufe Berlin den 19.02.1938. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

volta ao Brasil zarpar de Nápoles em 4 de fevereiro. Três dias depois, escreveu carta endereçada do Mediterrâneo, agradecendo à AMGIA pelo “amável e valioso apoio”,¹²⁴²

Breuer e demais funcionários da AMGIA parabenizaram Rocha Lima pelo prêmio: “Sua personalidade é, com isso, outra vez distinguida como símbolo das relações científicas e amigáveis que ligam nossos países. Estamos convencidos de que permanecerá sendo assim no futuro.”¹²⁴³ O general Wilhelm Faupel e o amigo Fritz Munk também congratularam o pesquisador brasileiro pelo prêmio.¹²⁴⁴ Não tão bem documentadas são as reações dos colegas no Brasil. Fala-se em tremendo mal-estar causado pela recepção do prêmio (Ribeiro 1997, p. Revista Médicos 1998). Certamente a distinção intensificou a identificação do personagem com a Alemanha, que já era bastante forte antes dele tê-lo recebido e a qual não fez nenhuma questão de dissimular. Conforme veremos com mais vagar no próximo item, o ambiente no Brasil, em 1938, a despeito das críticas que já havia em relação à perseguição aos judeus e opositores, e ao expansionismo militarista, estava longe de ser anti-alemão. Uma das críticas indiretas surgiu meses depois de ter recebido o prêmio. Ao receber convite para participar da inauguração em São Paulo da Sociedade Pro-Arte, uma entidade de promoção das relações culturais germano-brasileiras, que contava com o apoio de Rocha Lima, o professor André Dreyfus escreveu a este:

Apesar de nunca ter praticado a religião dos meus antepassados e contar com uma roda de amigos íntimos inteiramente formada de não-semistas; apesar de considerar o dogma da supremacia de determinadas raças como não demonstrado cientificamente e socialmente prejudicial, não posso deixar de reconhecer que a Alemanha é um país onde meus irmãos de raça são cruelmente perseguidos, sendo tidos como seres desprezíveis, apesar do muito que a humanidade deve aos esforços e descobertas de judeus ilustres; país onde homens são despojados das posições universitárias conquistadas por seu valor; despojados de seus haveres legítimos adquiridos, como se os houvessem roubado.¹²⁴⁵

¹²⁴² GStA Rep. 218 A N. 13. Carta de Rocha Lima a AMGIA de 07.02.1938.

¹²⁴³ GStA Rep 218A N. 13. Carta a Rocha Lima de 28.03.1938.

¹²⁴⁴ GStA Rep 218A N. 13. Telegrama Wilhelm Faupel a Rocha Lima de 24.03.1938. Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 01.06.1938.

¹²⁴⁵ Carta de André Dreyfus a Rocha Lima de 02.08.1938, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Maior desconforto e constrangimento deve ter sido a identificação com o regime de Hitler depois da radicalização manifestada no Pogrom de 09 de novembro de 1938, chamada Noite dos Cristais, que marcou certa inflexão na disposição internacional em relação ao regime. Mais problemática tornou-se essa identificação depois da Segunda Guerra e da Solução Final. A entrada do Brasil no conflito contra os países do Eixo acentuou ainda mais o desconforto, a ponto de Rocha Lima devolver, não só a cruz da Águia alemã, como todos os demais prêmios que havia recebido do país, que incluíam a Cruz de Ferro, recebida de Guilherme II, pelos serviços prestados na Primeira Guerra e a medalha Nocht. Na carta que entregou a Büngeler, que deixava o Brasil devido à Guerra, afirmou: “Embora as condecorações com que fui distinguido por instituições e pelo governo da Alemanha não tenham relação alguma com qualquer feição política de minha vida (...), eu julgo não as dever conservar no caso de uma guerra entre o Brasil e a Alemanha.”¹²⁴⁶ Nesse sentido, a sombra que a condecoração pode ter contribuído para lançar sobre a trajetória do personagem, teria adquirido maior vulto nos anos seguintes, quando ser identificado à Alemanha não significou ser correlacionado apenas a um regime ultra autoritário, racista, militarista e repressor, mas a uma sociedade apontada como responsável pelo maior morticínio sistemático do qual se havia ouvido falar, perpetrado com crueldade na combinação mais sinistra de ideologia, política e ciência.

Paradoxalmente, a visita de Rocha Lima rendeu certo embaraço entre os oficiais do *Auswärtiges Amt*. O pesquisador havia visitado mais de 40 instituições científicas. Nelas, estabeleceu contato com especialistas nas áreas da defesa agrícola e animal, e sondou possibilidades de intercâmbio com o Instituto Biológico. Um dos convidados por Rocha Lima para passar uma temporada na instituição paulista foi o químico Fritz Straus, a quem sugeriu que participasse da organização do novo departamento de química.¹²⁴⁷ O brasileiro salientara

¹²⁴⁶ Carta de Rocha Lima a Walter Büngeler de 22.04.1942. A carta foi extraordinariamente escrita em português. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁴⁷ Formado em ciências naturais pela Universidade de Heidelberg, Fritz Straus completou seus estudos na Universidade de Munique, onde em 1901 completou o doutorado e no ano seguinte tornou-se assistente do laboratório de química. Em 1905 habilitou-se em química na Universidade de Estrasburgo, onde atuou de 1907 a 1918 como assistente no Instituto de Química. Em abril de 1917 foi nomeado na mesma universidade professor de química orgânica. Dois anos depois, assumiu o cargo de professor catedrático da mesma especialidade na Escola Superior de Comércio em Berlim. Em 1923 foi nomeado diretor do Instituto de Química Orgânica da Escola Técnica Superior de Breslau e em 1934 professor e chefe de

que não era possível oferecer uma posição oficial, nem uma indenização adequada, mas apenas recursos que estavam à altura do salário de seus assistentes. Straus mostrou-se interessado, mas desde dezembro, quando o diretor do Biológico esteve em Berlim, não ouviu falar mais do assunto.¹²⁴⁸ O motivo pelo qual o químico não ouviu mais nada estava relacionado a movimentações do *Auswärtiges Amt*, que sabendo da intenção de Rocha Lima trazê-lo para o Brasil, mobilizou o Ministério do Interior para levantar informações sobre o cientista. Em resposta à consulta, o Ministério apresentou o currículo de Straus, salientando que ele era de origem judia “por completo”, sendo judeus seus avós maternos e paternos, além de professar a religião judaica. Por esse motivo, ele havia sido aposentado de acordo com a lei de funcionalismo do Reich, decretada em novembro de 1935, e pela mesma razão, a atividade científica do químico no exterior foi considerada indesejada. A permissão para sua transferência de residência no estrangeiro deveria ser negada, decisão que foi transmitida ao consulado de São Paulo e ao Instituto Ibero-Americano.¹²⁴⁹

Em declaração aos jornais brasileiros, Rocha Lima considerou a viagem altamente proveitosa. Enfatizou seu aspecto científico, relatando que visitou 40 institutos de pesquisa, não só na Alemanha, como também na Itália, Hungria, Áustria, França e Suíça. Aproveitou a ocasião para militar em favor do Instituto Biológico. À *Folha da Noite* afirmou que a viagem havia atendido a objetivos ligados ao Instituto, “onde graças à capacidade e à dedicação de um punhado de jovens colaboradores, foi possível criar um centro de organização técnica (...) com elevada orientação científica (...) que alcançou invulgar repercussão nos grandes centros de cultura”. Salientou que o alto nível dos trabalhos do Biológico havia conseguido desfazer “uma boa parte dos preconceitos existentes contra a eficiência de esforços científicos sul-americanos”. A combinação entre a patologia animal e vegetal faltava a praticamente todos os institutos que havia visitado, salientou. Publicações como *O Biológico* eram reclamadas por técnicos estrangeiros de vários países. Viu aí uma prova de que o “efeito desorganizador inibidor das contínuas revoluções sul-americanas” não havia empalidecido o caráter das

departamento do Instituto de Química da Universidade de Berlim. PAAA 65670. Dienstlaufbahn von Fritz Straus. Der Reichs- und Preussischer Minister für Wissenschaft, Erziehung und Volksbildung an das Auswärtige Amt den 16.05.1938.

¹²⁴⁸PAAA 65670. Prof. Fritz Straus an den Rektor der Friedrich-Wilhelms-Universität Berlin am 01.06.1938.

¹²⁴⁹PAAA 65670. Der Reichs- und Preussischer Minister für Wissenschaft, Erziehung und Volksbildung an das Auswärtige Amt den 16.05.1938.

pesquisas realizadas por seus jovens assistentes. Mencionou ainda “ambições pessoais desenfreadas, com as suas tendências superficiais para as grandes fachadas, o seu desprezo pela concentração e especialização aprofundada”.¹²⁵⁰ Não é preciso muito esforço para notar que usava da visibilidade conseguida pela viagem no estrangeiro para atacar os inimigos do Biológico. Ao mesmo tempo em que elogiou a capacidade de organização e eficiência alemãs, destacou que lá era impraticável um instituto procurar engrandecer-se “artificialmente, à custa das atribuições dos outros.”¹²⁵¹ Mostrou particular interesse em garantir a colaboração de especialistas alemães envolvidos no combate às formigas. Em Viena, Budapeste e Berlim, estabeleceu estreito contato com os centros de pesquisa e combate das doenças veterinárias. Em Reims, onde havia um instituto completamente isolado para estudos de epizootias interessou-se pelos métodos de combate ao carbúnculo sintomático. Em Garches, na França, visitou o Instituto de Soroterapia do Pasteur. Rocha Lima também acompanhou de perto nas instituições visitadas os trabalhos de pesquisa e combate à febre aftosa. Disse ter verificado que os técnicos do Biológico estavam perfeitamente atualizados nos conhecimentos sobre a doença, faltando-lhes apenas o aparelhamento e recursos que os alemães tinham disponíveis. Salientou que o instituto alemão voltado para o estudo da febre aftosa dispunha de recursos dez vezes maiores do que o orçamento do Biológico para lidar com todas as doenças animais e vegetais. Destacou ainda a importância das fazendas experimentais para a realização dos estudos, coisa que a instituição paulista só havia adquirido no ano de 1937, quando o governo comprou a Fazenda Mato Dentro, em Campinas. Em vista da importância que a divulgação dos conhecimentos científicos assumia na defesa agrícola e animal, o diretor do Biológico também prestou atenção nos perfis de organização dos museus, exposições, propaganda pelo cinema e quadros demonstrativos.¹²⁵²

Ao *Deutsche Zeitung* de São Paulo, Rocha Lima relatou que a estadia com a esposa em diferentes cidades alemãs permitiu-lhe obter quadro abrangente da vida dos cidadãos do Terceiro Reich. A Alemanha – afirmou – oferecia aos olhos de um visitante estrangeiro a imagem de um país próspero. Teve impressão de uma vida bastante intensa, de trabalho dedicado em todos os ramos, e de pessoas bem-vestidas, com dinheiro, sem ter notado

¹²⁵⁰ “A viagem de estudos do Sr. Rocha Lima à Europa, *Folha da Noite*, 22.02.1938.

¹²⁵¹ *Idem*

¹²⁵² *Idem*

indivíduos com aparência de mendigos e alquebradas como teria visto nos outros países. As cidades estavam cheias, os meios de transporte funcionando regularmente, e ao invés do desemprego dos países vizinhos, havia falta de trabalhadores especializados. Se havia carência de alguns gêneros alimentícios – prosseguiu na descrição – ela era momentânea. Graças a iniciativas como a obra de auxílio no inverno ninguém enfrentava a miséria absoluta. Tudo apontava para um país que havia alcançado um poderoso desenvolvimento: “Tudo o que é novo tem dimensões extraordinárias e carrega um caráter espaçoso.” Considerou exemplar disso o Ministério da Aviação, as rodovias e as construções em Munique e Nurembergue, as quais “lembram os tempos resplendorosos do império romano”.¹²⁵³

Em relação à política internacional, Rocha Lima disse ter percebido a necessidade de manter a paz, “que é cada vez mais sentida por toda a Europa que visitei, sobretudo na França e na Alemanha.” Por toda parte – argumentou – teria visto o desejo e preocupação “de um entendimento com os adversários de ontem (...) apesar, ou talvez mesmo por causa dos perigos para a paz acarretados pela evolução política desses povos.”¹²⁵⁴ Era uma convicção sincera de nosso personagem ou ele escamoteava voluntariamente a Alemanha beligerante e as intenções cada vez mais evidentes de Hitler de levar a Europa à Guerra? Vamos acompanhar suas impressões trocadas com os colegas alemães – com Munk, principalmente – nas quais ele registrou a percepção da situação política internacional às vésperas da Segunda Guerra e, durante a mesma, bem como das relações germano-brasileiras e seu posicionamento em relação ao conflito.

6.2. Política internacional, relações teuto-brasileiras e a Segunda Guerra em “mangas de camisa”¹²⁵⁵

O período de mais de seis meses em que Rocha Lima permaneceu na Alemanha marcou uma inflexão no quadro da política externa germânica e da política interna brasileira. Depois de obter consenso interno através de propaganda e coação, e de perseguir as

¹²⁵³ „Prof. Rocha Lima über seine Deutschlandreise“. *Deutsche Zeitung*, 21.02.1938.

¹²⁵⁴ “A viagem de estudos do sr. Rocha Lima à Europa”, *Folha da Noite*, 22.02.1938.

¹²⁵⁵ A conhecida expressão era empregada por Monteiro Lobato para se referir ao caráter da escrita epistolar.

reivindicações da Alemanha de grande potência, apostando no fortalecimento do comércio internacional e no revisionismo do Tratado de Versalhes, a política externa de Hitler deu lugar a objetivos e ações mais ousadas. Em 1937, o *Auswärtiges Amt* passou às mãos de Joachim von Ribbentrop, um nazista convicto, mais alinhado com as determinações de Hitler, de quem era amigo íntimo (Lopes, 2008). A partir dali, a política externa passaria a contar com maior ingerência do NSDAP e seria direcionada, principalmente, para a concretização das aspirações da Alemanha no continente europeu. Se em 1936, ações como a remilitarização da Renânia e a formação do eixo anti-Komintern, com o Japão, e depois com a Itália, apontaram para os interesses expansionistas do regime nazista, a anexação da Áustria – o *Anschluss* – em março de 1938, indicava que os alemães seguiriam firmes em seus objetivos. Em setembro daquele ano, a diplomacia de Hitler obteria mais uma “vitória” na chamada “questão dos Sudetos.” Tratava-se de região da Tchecoslováquia, com parte da população de origem alemã, que insuflada pelo Terceiro Reich, passou a reclamar autonomia. Tal como no caso do “*Anschluss*”, defendia-se que as populações que pertenciam à raça ariana deveriam ocupar um território contíguo da Europa continental. Diante da ameaça de um conflito iminente, com a mobilização de tropas francesas em defesa da Tchecoslováquia e do exército desse país, optou-se por uma negociação diplomática, na qual o país do leste europeu não tomou parte: na Conferência de Munique, realizada em setembro de 1938, ficou determinado que os Sudetos seriam entregues à Alemanha. O acordo foi encarado como uma vitória triunfante de Hitler. Rocha Lima esteve entre os que a aplaudiram com entusiasmo, nas linhas endereçadas a Munk:

Não podíamos imaginar nem em sonhos que um dia iríamos ver essa imensa vitória da Alemanha vinda, por cima, sem Guerra. Talvez se lembre de uma carta na qual eu considerava delicado o programa e os procedimentos de Hitler, no sentido de que representariam um perigo para a Alemanha, pois para mim parecia fora de dúvida que o mundo fortemente armado colocar-se-ia contra este país indefeso. Na mesma carta eu dizia que seria o mais fervoroso seguidor de Hitler se ele conseguisse alcançar seus objetivos sem arrastar a Alemanha para uma guerra de aniquilamento. Munique, nossa querida Munique, será para sempre o símbolo da vitória definitiva da paz após a Guerra Mundial (...), o marco da entrada num tempo de melhor equilíbrio e entendimento na Europa¹²⁵⁶

¹²⁵⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 20.10.1938, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Em resposta, Munk afirmou que a Alemanha finalmente havia ocupado o lugar que lhe cabia entre as nações, sem que eles nada percebessem. “Não é possível compreender com razão e sensibilidade muitas das coisas que acontecem, internas ou externas, mas os sucessos dos últimos anos nos fazem acreditar que não há lugar para desânimo”, escreveu ao amigo brasileiro.¹²⁵⁷

No momento em que Munk e Rocha Lima trocavam suas impressões, as relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha encontravam-se em meio a conflitos e impasses. Antes de chegar até eles, cumpre tratar rapidamente das referidas modificações que tiveram lugar na política interna brasileira durante a viagem de nosso personagem. Em novembro de 1937, Getúlio Vargas desferiu o golpe do Estado Novo e implantou um regime autoritário, no qual o Legislativo foi dissolvido, e o poder decisório concentrado nas mãos do Executivo. O caudilho gaúcho conquistou esse poder em grande medida graças ao apoio que teve dos militares, que tiveram lugar proeminente no novo governo. O regime de Vargas tinha muitos pontos de contato com aqueles estabelecidos na Itália e Alemanha, sendo que neste último a nova constituição foi bem recebida pela administração nazista (Lopes 2008, p. 304-6).

A política externa de Vargas prosseguiu no objetivo de desenvolver o comércio exterior. Passou a dar mais ênfase, no entanto, à obtenção de insumos e capitais que favorecessem o desenvolvimento industrial do Brasil. Tendo em mira maximizar seus interesses, executou um jogo pendular entre regimes totalitários e democráticos, polarizado pela Alemanha e Estados Unidos (Gambini, 1977; Hilton, 1977). O intenso intercâmbio comercial com o Terceiro Reich teve continuidade até a irrupção da Segunda Guerra. O país europeu tinha interesse em garantir o fornecimento de matérias-primas, direcionadas para a economia de guerra que se encontrava em franco desenvolvimento. Os alemães haviam se comprometido também com o armamento das Forças Armadas brasileiras. Os laços de amizade que aproximavam Vargas e Hitler passavam ainda pela colaboração na política internacional anti-comunista. Os conflitos tiveram lugar em razão da campanha nacionalizadora do Estado Novo, que impôs medidas às comunidades teuto-brasileiras, como a nacionalização das escolas, mas a principal razão das tensões foi a proibição do Partido Nazista junto com os demais partidos nacionais e estrangeiros, em 1938 (Rahmeier 2009, p. 106-12). A medida provocou a prisão de alguns membros do Partido, acentuando a tensão

¹²⁵⁷ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 16.12.1938, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

entre a diplomacia dos dois países. O ápice dos desentendimentos foi a declaração de Karl Ritter, embaixador alemão que atuava no Rio de Janeiro desde novembro de 1937, como *persona non grata* no Brasil. A medida foi motivada pela postura do diplomata, considerada rude e indelicada com relação ao Ministro do Exterior de Vargas, Oswaldo Aranha. Rocha Lima comentou sobre o fato: “Aqui se comenta que Ritter coloca-se de forma demasiado severa em determinadas circunstâncias e que, por isso, ele não se adequa à atmosfera local”.¹²⁵⁸ A medida tomada pelo governo brasileiro fez com que o governo alemão também declarasse o embaixador em Berlim Muniz de Aragão como *persona non grata* no Reich. Os respectivos embaixadores foram retirados dos cargos, que ficaram vacantes até setembro de 1939. O diretor do Biológico acreditava que o passo contra Ritter fora motivado pela inclinação pró-estadunidense de Oswaldo Aranha. Quando acabasse “o incitamento norte-americano”, o representante alemão voltaria ao cargo, previu a Munk, que lamentou o afastamento de Muniz de Aragão: “Ele era querido e estimado por todos aqui e se esforçava visivelmente para manter as relações nas melhores condições”.¹²⁵⁹

Se no campo diplomático as relações Brasil-Alemanha sofriam impasses, no cultural elas permaneciam em plena atividade. Em carta a Rocha Lima, Munk relatou sobre a visita de professores brasileiros à Alemanha, prevista para o próximo verão. Contou que o Instituto Ibero-Americano planejava, na contramarcha, uma visita de professores alemães ao Brasil.¹²⁶⁰ Nos anos de 1938 e 1939 o intercâmbio fomentado pela AMGIA foi particularmente intenso. Os “congressos-itinerantes” ocorreram com grande participação de brasileiros e, segundo Munk, haviam sido muito bem-sucedidas.¹²⁶¹ Entre os que visitaram na Alemanha em 1939, foi dedicada especial atenção ao filho de Getúlio Vargas, Luthero Vargas, interessado em completar seus estudos em ortopedia e anatomia, mais particularmente, em modelos anatômicos artificiais.¹²⁶² A decisão de Vargas de enviar o filho à Universidade de Berlim,

¹²⁵⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 20.10.1938, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁵⁹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 16.12.1938. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁶⁰ *Idem.*

¹²⁶¹ GStA Rep. 218A. N. 17. Médicos que visitaram a Alemanha no último trimestre Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 03.08.1938 e de 16.12.1938.

¹²⁶² Luthero Vargas era o primogênito de Getúlio Vargas estudou medicina no Rio de Janeiro e viajou para a Alemanha para especializar-se em ortopedia e anatomia. Casou-se com a alemã

num momento em que a diplomacia dos dois países se encontrava num momento de negociações tensas e delicadas, foi vista como um aceno do presidente em favor da Alemanha. Sabendo que Luthero tinha interesse em permanecer no país por mais tempo, foi-lhe concedida uma bolsa do Instituto Ibero-Americano. Ele permaneceu na Alemanha até julho de 1939 (Rahmeier 2009, p. 168). Casou-se com uma alemã, Ingeborg Haeff, em setembro daquele ano, para grande satisfação das autoridades nazistas (Idem, p. 218). Munk chegou a estabelecer contato com o filho de Vargas, conforme narrou em carta a Rocha Lima.¹²⁶³ Contou que havia falado com ele sobre o Instituto Biológico e a necessidade de concluir a construção da nova sede, na esperança de que pudesse atuar junto às instâncias políticas para conseguir alguma coisa nesse sentido. “Mas acho que ele não fará nada em relação a isso, pois a política lhe é completamente indiferente, mesmo em relação a seu pai”, acrescentou.¹²⁶⁴ Na mesma carta, disse que Luthero havia recebido um convite de Roosevelt para visitar os Estados Unidos com a esposa.¹²⁶⁵ No esforço em conquistar “corações e mentes”, alemães e norte-americanos disputavam possíveis pontos de apoio para suas políticas de propaganda e para os esforços em conquistar o hesitante Vargas.

Segundo Rocha Lima, no terreno da propaganda pela imprensa, na qual essas disputas ocorreram de forma mais evidente, os norte-americanos estavam levando a melhor. Em outubro de 1938, o diretor do Biológico afirmou que o discurso anti-germânico vindo dos Estados Unidos tornava-se a cada dia mais perceptível nas páginas dos jornais. As agências Havas e United Press – prosseguiu o pesquisador – forneciam toda sorte de “invenções, maluquices e calúnias”.¹²⁶⁶ As notícias enfatizavam o poder dos franceses, “protegidos pela inexpugnável Linha Maginot”, da frota inglesa e o colossal poder monetário dos dois países.

Ingeborg. Atuou como médico no Brasil e em 1942 foi com a esposa para os Estados Unidos, onde estudou na Universidade de Cornell. Quando o Brasil entrou na Guerra, serviu como médico do exército brasileiro na Itália. Luthero também seguiu carreira política: foi por três vezes deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro na década de 1950 e presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, fundado por seu pai. Abandonou a política depois do suicídio de Getúlio, indo viver nas estâncias de São Borja, no Rio Grande do Sul. Faleceu em 1989, em Porto Alegre, de câncer.

¹²⁶³ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 24.12.1940, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁶⁴ *Idem.*

¹²⁶⁵ *Idem.*

¹²⁶⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 20.10.1938. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

“Diante de tudo isso não há nada melhor do que gritar: *SiegHeil!*” comentou nosso personagem, irritado com a tendência em apostar no fracasso dos alemães.¹²⁶⁷ Os alemães tentaram contrabalançar isso através da agência de notícias Transocean S.A., mas não conseguiram deslocar a preferência que os diários brasileiros tinham pelas agências *Havas*, *United Press* e *Associated Press*. O escritório da *Transocean*, no Brasil, informava diretamente Berlim da situação da imprensa local, o posicionamento de cada diário, tiragem e as ações de censura do governo de Getúlio Vargas.¹²⁶⁸

A satisfação de Rocha Lima em relação à habilidade de Hitler de conseguir seus objetivos sem levar à Guerra logo se mostraria ilusória. “Quem pensava que depois de Munique tudo estaria novamente bem na Europa se enganou”, advertiu o próprio Munk na carta em resposta à efusiva comemoração do brasileiro da vitória na questão dos Sudetos.¹²⁶⁹ O pacto de não-agressão, assinado entre Hitler e Stalin, em 23 de agosto de 1939, significou a comprovação dos piores temores no Ocidente, firmando a sentença de morte para a Polônia. No primeiro dia de setembro, o exército alemão marchou sobre a fronteira com o vizinho do leste e, duas semanas depois, as tropas soviéticas ocupavam a Polônia ocidental. Logo depois da invasão da Polônia, França e Inglaterra declararam guerra à Alemanha.

“Então agora chegou a Guerra há tanto tempo temida (...) A Guerra nos aproximou há 23 anos. Hoje, como então, os nossos pensamentos estão voltados à Varsóvia. Hoje, como naquela época, estamos preocupados com o seu desfecho”, escreveu Rocha Lima a Munk, poucos dias depois de deflagrado o conflito.¹²⁷⁰ O diretor do Biológico manifestou ao amigo a vontade de estar novamente no front, pela sensação de estar participando de algo importante. Segundo ele, a declaração de Guerra deixara os brasileiros intranquilos com as condições difíceis que poderiam sobrevir se o conflito se prolongasse. Ele também disse esperar que a Guerra terminasse depois de conquistada a Polônia, que via como uma prova da superioridade alemã. Em contrapartida, considerou que os adversários do Reich estavam completamente convencidos da vitória. “Meu maior desejo nesse momento é evitar que os alemães vençam as

¹²⁶⁷ *Idem.*

¹²⁶⁸ BArch NS 43 – 326. Aussenpolitisches Amt der NSDAP – Brasilien Pressewesen 1937-1941.

¹²⁶⁹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 16.12.1938. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁷⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 12.09.1939. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

batalhas e os ingleses a Guerra”, afirmou.¹²⁷¹ Testemunhou, ainda, a força da propaganda anglófila na imprensa brasileira, que já anunciava, em letras garrafais, ataques aéreos sobre Berlim, ao passo que reservava um acanhado espaço para as notícias oficiais alemãs, divulgadas em letras miúdas. Considerou que não era apenas o posicionamento político mundial que influenciava essa atitude, “mas também a vontade de fazer dinheiro com manchetes sensacionalistas”, esbravejou. A dependência cada vez maior dos Estados Unidos – prosseguiu na análise – fazia com que os ânimos de um modo geral fossem bastante influenciados pelos norte-americanos, franceses e ingleses. A Alemanha conseguia contrabalançar essa tendência apenas através do rádio.¹²⁷²

Rocha Lima disse temer por uma guerra prolongada e sangrenta com os franceses. A única maneira de prevenir isso e de restabelecer a paz de forma benéfica à Alemanha seria invadindo a França. Esperava, porém, que os esforços do povo alemão não fossem em vão.¹²⁷³

Na Alemanha, o início da Guerra foi acolhido com ceticismo e medo pela população, que logo seriam dissipados pelas vitórias no front ocidental, celebradas com júbilo (Gassert, 2008, p. 47). “A Guerra sempre esteve como uma nuvem negra no nosso céu, mas nos últimos anos felizmente conseguimos escapar. Agora fomos obrigados a aceitar, com susto, a surpresa e a realidade da tempestade”, escreveu Munk a Rocha Lima, cerca de um mês e meio depois de iniciado o conflito.¹²⁷⁴ A experiência traumática da “Grande Guerra” foi o pano de fundo sobre o qual se projetaram as percepções do novo confronto, que faria com que aquela parecesse apenas um ensaio militar. Munk considerou o contexto da nova guerra completamente diferente do da primeira. Relatou que a vida em Berlim seguia seu rumo normal. Cada um ia para o seu trabalho, os cinemas, bares e teatros permaneciam com a frequência habitual, os meios de transporte funcionavam como de costume e havia cupons de racionamento, mas todos conseguiam comprar o que precisavam, pois as coisas estavam muito bem organizadas. A rotina dele e da família também não havia se modificado. “As lembranças que você têm da última guerra não servem para imaginar o dia-a-dia da de agora”,

¹²⁷¹ *Idem*

¹²⁷² *Idem*

¹²⁷³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 12.09.1939. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁷⁴ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 18.10.1939. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

afirmou. Em contrapartida, também não havia os “ímpetus patrióticos” tal como em 1914. O povo estava agora receoso, mas ao mesmo tempo bastante confiante na liderança, “que pelo que conseguiu até agora tem se mostrado brilhante”, diagnosticou o médico alemão. Apenas os ingleses – prosseguiu Munk – não haviam compreendido o que se passava. O povo alemão não cairia na “velha história” de que eles estavam a combater o governo e não a população. “Eles acreditam que podem continuar de onde pararam, em 1918”, arrematou Munk.¹²⁷⁵

Martin Mayer noticiou a Rocha Lima a deflagração da Guerra em termos bem mais graves: “Bem, agora chegou a grande catástrofe da Europa. O que ela trará ao mundo? Finalmente paz e sossego?”¹²⁷⁶ Os temores do pesquisador de origem judia eram mais que fundamentados. Que os objetivos do expansionismo beligerante de Hitler estava estreitamente relacionado com a política anti-judaica do Terceiro Reich era algo bastante claro na virada dos anos de 1938 para 1939, sobretudo depois da chamada “noite dos cristais.” Já em janeiro de 1939, a guerra de conquista e a batalha racial estavam definidas como uma coisa única (Gassert, 2008, p. 47). Na medida em que se intensificaram as lutas no front externo, também se acentuaram aquelas contra o “inimigo interno”, política que foi transplantada para outras regiões, tão logo elas caíram em mãos alemãs. Mayer manifestou enorme preocupação com seus parentes. Alguns deles mudaram-se para o sul da França. A irmã, de 70 anos, e o cunhado, de 80, foram enviados para um campo de concentração, junto com outros 900 judeus de Baden, assim como outra irmã que vivia nos Pirineus. Quando o pesquisador escreveu a Rocha Lima, já não estava mais na Alemanha. Persuadido, depois da Noite dos Cristais, de que ele e sua família corriam risco de vida, fugiu da Alemanha, e passou a viver na Venezuela. Um ex-aluno, que havia frequentado o curso de doenças tropicais, o convidou para trabalhar no Instituto Nacional de Higiene, em Caracas (Brahm 2002, p. 82). Apesar das dificuldades de adaptação – Mayer não falava espanhol – ele considerou a Venezuela um bom lugar para trabalhar. Mas salientou que não tinha paz ao pensar no destino de seus parentes e amigos na Europa.¹²⁷⁷

¹²⁷⁵ *Idem.*

¹²⁷⁶ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 24.09.1939. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁷⁷ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 01.10.1940 e de 22.11.1941, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

O polonês Ludwik Anigstein, que como vimos, Rocha Lima conheceu em Varsóvia quando realizava as pesquisas sobre o tifo, encontrava-se nos Estados Unidos, quando seu país foi invadido pelas tropas alemãs. Ele participava do 3º Congresso Internacional de Microbiologia. Desde a irrupção da Guerra, estava sem notícias da mulher e dos filhos, e as tentativas de estabelecer contato haviam fracassado. Não sabia onde se encontravam seus amigos alemães. Diante do desespero, dirigiu-se a Rocha Lima, para que este contactasse, através da Alemanha, as autoridades em Varsóvia. Sugeriu que o amigo brasileiro fizesse isso através de Nocht, Martini, Kikuth ou Mühlens. “Uma notícia sobre o destino de minha família tornou-se agora o principal problema de minha vida”, escreveu o polonês.¹²⁷⁸ Mas foi outro o caminho escolhido por Rocha Lima para interceder em favor de Anigstein: ele contactou Rieper, da Academia Médica Germano Ibero-Americana e relatou o caso do médico polonês. Ressaltou que ele havia ajudado quando estourou a revolução na Polônia, em 1918, e por isso merecia toda boa-vontade. O brasileiro garantia que Anigstein não era judeu. Rieper encaminhou o pedido ao general Faupel.¹²⁷⁹ Em fevereiro, a família de Anigstein obteve permissão para deixar a Polônia em direção aos Estados Unidos, onde se estabeleceram. Quando a Academia conseguiu levantar informações sobre o paradeiro deles, a questão já estava resolvida.¹²⁸⁰ Foi um oficial das SS que comunicou ao funcionário Klaus Soehring que eles haviam partido. Informou que tanto Ludwik, quanto a esposa, eram judeus, mas, que apesar disso, obtiveram permissão para emigrar. “Nós não somos sempre a ‘malvada’ SS, como se afirma”, escreveu o oficial a Soehring, irônico.¹²⁸¹

No ano de 1940, a Alemanha colecionaria uma série de vitórias. A primeira delas foi a bem-sucedida invasão da Noruega e Dinamarca por forças navais e aéreas, iniciada em 09 de abril de 1940. Dois dias depois, quando os alemães enfrentavam as investidas francesas e inglesas na costa norueguesa, Rocha Lima escreveu a Munk comemorando: “o fato considerado impossível, mesmo entre os mais fiéis amigos da Alemanha de uma resposta

¹²⁷⁸ GStA Rep 218A N. 19. Carta de Ludwik Anigstein a Rocha Lima de 15.09.1939.

¹²⁷⁹ GStA Rep 218A N. 19. Carta de Rieper ao General Faupel de 22.01.1940.

¹²⁸⁰ GStA Rep 218A N. 19. Carta de Rieper a Faupel de 21.03.1940.

¹²⁸¹ GStA Rep 218A N. 19. Carta a Soehring de 27.04.1940.

instantânea tão radical ao ataque anglo-francês em águas norueguesas”.¹²⁸² A rapidez do ataque alemão era um componente da estratégia que caracterizaria as investidas da *Wehrmacht* no começo da Guerra: a chamada *Blitzkrieg* (guerra-relâmpago). Ela consistia na rápida mobilização de força terrestre móvel, composta, principalmente, por veículos blindados, resguardada pelos esquadrões aéreos. Apesar do “grande feito heróico do exército alemão”, Rocha Lima lamentou a propaganda anti-germânica, diante da qual “nada melhor do que te enviar um grande e apertado abraço de todo coração, cheio de entusiasmo e admiração”, escreveu a Munk. Não obstante o triunfalismo dessa propaganda contrária, o mundo estava emudecido de espanto, afirmou. Esperava que as investidas vindas do Império Turco e da Romênia, no leste, fragilizassem a Inglaterra, abrindo caminho para a vitória alemã.¹²⁸³

“Espero que o empreendimento norueguês de tanto sucesso, levado a cabo por nossas tropas, seja compreendido e recebido com a mesma alegria por outros círculos brasileiros como foi compreendido e recebido por você”, escreveu Munk a Rocha Lima. O próprio alemão se perguntou como havia sido possível pôr em ação os preparativos de guerra de forma tão discreta e atacar tão surpreendentemente. Mostrou-se ainda admirado pela maneira como o amigo brasileiro estava por dentro das circunstâncias, mais até do que eles na Alemanha. Era principalmente através do rádio que o diretor do Biológico se informava. Munk relatou ainda, que o rigoroso inverno havia sido suportado de forma heróica pelo povo alemão, cuja força moral atribuiu à crença num futuro grandioso que surgiria, mas que agora requeria enormes sacrifícios.¹²⁸⁴

Tal força moral foi bastante insuflada pelas demais vitórias obtidas no front ocidental. Um mês depois de iniciada a ocupação da Noruega e Dinamarca, o exército nazista atacou os países Baixos e a Bélgica. Esperava, dessa forma, contornar a fileira de fortificações da Linha Maginot para avançar sobre a França. As tropas alemãs conseguiram repelir com certa facilidade as tropas inglesas e francesas destacadas para defender o país. Em pouco mais de um mês os alemães obtiveram acordo com o Marechal Petáin, que previu um cessar-fogo, e estabeleceu um governo colaboracionista no sul, com sede na cidade de Vichy. Os ingleses,

¹²⁸² Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.04.1940. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁸³ *Idem.*

¹²⁸⁴ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 27.04.1940. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

depois da retirada de Dunquerque, ficaram encurralados, mas nem por isso cederam às sugestões de rendição apresentadas pelos alemães. Entre julho e outubro de 1940 estes deflagraram uma grande batalha aérea na Inglaterra, que não cedeu.

O otimismo de Munk permaneceu inabalável, conforme expressou em carta a Rocha Lima, de dezembro de 1940.¹²⁸⁵ Segundo ele, não havia razão para pessimismo pelo que se lia nos jornais, que não eram necessariamente as fontes mais confiáveis para se informar sobre o decurso da guerra. A máquina de propaganda de Goebbels fomentou, até onde foi possível, o otimismo do povo alemão recorrendo a notícias inverídicas sobre o front. Munk não estava errado, quando afirmou que o amigo brasileiro estava mais bem informado do que ele. Os dois filhos do médico alemão estavam no exército lutando. A vida em Berlim continuava seu curso normal, informou. A alimentação e manutenção estavam como no início da Guerra. Eles haviam se acostumado com os blecautes, e os ataques aéreos já atingiam a capital alemã, mas ainda não havia ocorrido uma perturbação geral em decorrência desses ataques.¹²⁸⁶

Enquanto a Guerra se desenrolava em território europeu, os alemães tentaram resguardar a posição de neutralidade dos países latino-americanos. Foram convocadas conferências com os embaixadores para sondar o ambiente em relação à Alemanha, depois das investidas contra os países vizinhos. A diplomacia alemã acompanhou com grande interesse a postura do governo brasileiro. Vargas havia garantido que o Brasil manteria a neutralidade, só entrando na Guerra caso algum país americano fosse agredido (Rahmeier 2009, p. 212). Sustentava, dessa forma, a ambiguidade que lhe permitiu manter, até onde pôde, a chamada “equidistância pragmática” (Moura, 1980, p. 62) entre os alemães e os norte-americanos. Com o decreto do bloqueio continental inglês, depois de iniciada a guerra, o fluxo comercial germano-brasileiro passou a sofrer declínio crescente. Dessa forma, abriu caminho para maior aproximação com os Estados Unidos, que passaram a fazer pressão cada vez mais intensa sobre os políticos brasileiros. Com o firme propósito de obter vantagens do interesse norte-americano pelo Brasil, e da disputa com os alemães, Vargas conseguiu assegurar capital para a constituição de uma siderúrgica nacional. Rocha Lima mostrou certo orgulho com esse passo dado pelo ditador. “Também estamos a caminho de fundar indústrias

¹²⁸⁵ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 24.12.1940. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁸⁶ *Idem.*

pesadas”, escreveu a Munk.¹²⁸⁷ Ele atribuiu ao desenvolvimento da indústria nacional o pouco impacto, na economia brasileira, das conseqüências da Guerra, a despeito de uma certa carestia, que já se fazia notarem dezembro de 1940.¹²⁸⁸ “É uma sorte poder contar com uma produção industrial e que está até mesmo exportando cada vez mais”, relatou com orgulho. O diretor do Biológico nutriu ainda grande admiração por essa capacidade de Vargas de negociar nos conflitos em condições vantajosas. “Na verdade todos estão razoavelmente satisfeitos, ou pelo menos, não conhecem ninguém que poderia estar fazendo as coisas melhor do que o presidente Vargas”.¹²⁸⁹

No cenário europeu, a Alemanha, confiante nas potencialidades do seu exército, passou a atacar no front oriental. Avançou sobre os Bálcãs, tomando de assalto, no começo de 1941, a Grécia e Iugoslávia. Em desrespeito ao pacto assinado com Stálin, as tropas nazistas invadiram a União Soviética, em junho de 1941. Cerca de dois milhões de soldados foram mobilizados para marchar em direção a Moscou. Ao contrário do que os alemães haviam suposto, as batalhas contra os soviéticos mostraram-se bem difíceis. Mesmo com a superioridade bélica do Reich, não foi possível fazer frente às tropas russas. O cerco a Leningrado retardou bastante o avanço dos contingentes alemães sobre o território soviético. As lutas prolongaram-se por mais de um ano. “Vista daqui, a resistência russa parece mais forte e duradoura do que se pensava. Parece que a Guerra vai se estender”, comentou Rocha Lima, em carta de dezembro de 1941.¹²⁹⁰ Munk também reconheceu que os alemães estavam em meio de uma luta muito difícil, tornando possível que a Guerra se arrastasse por muito mais tempo. Apesar disso, considerou que todos estavam convencidos de que “a coisa terminará favorável”.¹²⁹¹ A luta pelo “espaço vital” (*Lebensraum*) no leste, vista como reivindicação legítima, correspondeu a uma radicalização da segregação dos inimigos internos – os judeus e opositores do regime (Süss&Süss 2008, p. 93). Foi em território russo que os alemães começaram a sofrer revés, mudando a sorte deles na Guerra. Mais uma vez o “general inverno” mostrou-se um poderoso aliado das tropas russas: as tropas alemãs foram

¹²⁸⁷ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.12.1940. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁸⁸ *Idem*

¹²⁸⁹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.04.1940. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁹⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 06.12.1941. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁹¹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 02.12.1941. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

bastante afetadas pelo rigoroso inverno, facilitando a vitória soviética na Batalha de Stalingrado, em janeiro de 1943.

No Brasil, a pressão norte-americana por um posicionamento mais claro do governo Vargas se intensificou no ano de 1941. A diplomacia alemã acompanhou com preocupação as investidas cada vez mais contundentes dos Estados Unidos em favor de um alinhamento pró-aliado (Rahmeier, 2009). Na Conferência de Havana que ocorrera em julho de 1940, eles haviam cobrado dos países latino-americanos o ideal de defesa comum do continente, cuja integridade estaria sendo ameaçada pelo perigo da “Quinta-Coluna”. Os Estados Unidos também manifestaram interesse em construir bases no nordeste brasileiro, o qual legitimaram como medida de proteção do continente contra possíveis investidas dos países do Eixo (Idem, p. 230). As ingerências norte-americanas sobre o Brasil provocaram irritação em Rocha Lima. Ele escreveu a Mühlens em maio de 1941: “nós tememos que, em consequência da injustificada interferência norte-americana na Guerra, nós finalmente tenhamos que sofrer com isso de alguma maneira.”¹²⁹² Relatou ao diretor do *Tropeninstitut*, que a disposição no Brasil estava muito dividida. A propaganda anglo-americana detinha influência muito grande – esclareceu -, porém ouviam-se mais vozes de inclinação pró-alemã do que ele considerara possível, e as conquistas das tropas de Hitler eram seguidas com admiração e simpatia pelos brasileiros, assegurou.¹²⁹³ No entanto o fiel da balança pendia cada vez mais em direção aos norte-americanos. Segundo Rahmeier (2009), a simpatia pela Alemanha retrocedia mesmo nos círculos militares. O intercâmbio de armamentos, que havia sido um dos pólos de fortalecimento das relações germano-brasileiras, agora ganhava dinamismo com os norte-americanos. De país neutro, o Brasil passou a se comportar como não beligerante, ou seja, não tomava parte no conflito, mas podia ajudar qualquer uma das partes em luta.

Mais intensa a inclinação pró-Estados Unidos, maior tornou-se a contrariedade de Rocha Lima, com o que qualificou como subserviência aos interesses do vizinho do norte. A posição econômica fragilizada deixava o Brasil na dependência dos norte-americanos, diagnosticou ele. Em consequência disso, a pressão política se tornava cada vez mais forte e evidente. “Temos que fazer tudo e concordar com todos os desejos do senhor Roosevelt”,

¹²⁹² Carta de Rocha Lima a Peter Mühlens de 05.05.1941. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁹³ *Idem*.

comentou com Munk.¹²⁹⁴ A falta de entusiasmo com a dispendiosa defesa continental – prosseguiu na análise – era vista como postura contra os EUA. A ameaça ao continente e a defesa da “sagrada democracia” eram as desculpas que, em sua visão, Washington utilizava para interferir na dinâmica política brasileira. Rocha Lima atribuiu à política norte-americana o interesse em compor um bloco de estados dominado por eles, o qual deveria se opor a uma nova Europa unida. Ao mesmo tempo, os EUA não vacilavam em contrariar os interesses dos demais países, em defesa do seu próprio: “Há pouco, nosso querido vizinho e maravilhoso amigo do peito, nos desferiu um forte golpe, ao impedir todas as nossas exportações de algodão para o Canadá”.¹²⁹⁵ No comércio de compensação com a Alemanha, o algodão ocupava posição importante na pauta de exportações para o Reich, mas com o enfraquecimento daquele intercâmbio, o Brasil ficou na contingência de ter de redirecionar toda a sua produção algodoeira. No entanto os EUA também eram grandes produtores e competiam com o Brasil por mercados.¹²⁹⁶

Na mesma linha do comentário feito a Mühlens, Rocha Lima apontou a Munk a surpresa com o grande número de brasileiros, que apesar do predomínio da propaganda anglófona, mantinham grande simpatia pela Alemanha ou reconheciam sua superioridade no conflito. Em sua opinião, faltava uma propaganda alemã mais adequada à maneira sul-americana de pensar, e capaz de contrabalançar dos norte-americanos, “carregada do espírito judeu”.¹²⁹⁷ Ao correlacionar a propaganda norte-americana com o “espírito judeu”, reforçava uma associação bastante presente no discurso daqueles que defendiam uma postura pró-germânica. Na concepção de nosso personagem, esta guerra em comparação com a primeira suscitava “posicionamentos mais sutis e menos apaixonados.” Os ânimos políticos no Brasil pareciam mais calmos e firmes, comparados com o Uruguai, por exemplo, onde o diretor do Biológico esteve em 1941.¹²⁹⁸ Lá, a disposição pró-Inglaterra, segundo ele, era tão

¹²⁹⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 06.12.1941. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹²⁹⁵ *Idem*

¹²⁹⁶ *Idem*

¹²⁹⁷ *Idem*

¹²⁹⁸ Rocha Lima dirigiu-se ao Uruguai em outubro de 1941, acompanhado de Carneiro Leão e pelo jornalista Barros Gomes, em missão designada pelo Comitê de Cooperação Intelectual do Itamaraty. O episódio, que ilustra o engajamento do cientista nos esforços de intercâmbio

pronunciada, que talvez não encontrasse nem nas colônias do Império Britânico alinhamento tão entusiasmado. No Brasil, os ânimos permaneceriam calmos, “se os norte-americanos assim o permitirem”, avaliou. Mas estava vendo que em breve os brasileiros estariam em guerra contra a Alemanha, “sem que na verdade haja aqui a menor inclinação para isso, mesmo entre os anglófonos”. Para Munk havia chegado a hora do Brasil “como todos os estados sul-americanos, decidir a posição que pretenderá ocupar no futuro.”¹²⁹⁹

O ataque ao porto de Pearl Harbor pelos japoneses, em 07 de dezembro de 1941, e a conseqüente entrada dos Estados Unidos na Guerra contra os países do Eixo, tornaram ainda mais intensa a pressão sobre o Brasil. México e demais países da América Central logo cortaram relações diplomáticas com a Alemanha. Vargas declarou solidariedade e apoio aos Estados Unidos. Se, de um lado, os norte-americanos ameaçavam o Brasil com a possibilidade de um boicote comercial, do outro os alemães afirmavam que a ruptura das relações diplomáticas abriria caminho para a Guerra (Rahmeier 2009, p. 273-4). Vargas tergiversou até onde pôde, mas por fim seguiu o procedimento dos países sul-americanos, com exceção do Chile e Argentina, de romper as relações diplomáticas com o Eixo. O torpedeamento de navios brasileiros pelos alemães, antes mesmo da declaração de Guerra, tornou bastante delicada a posição dos cidadãos do Reich, que permaneciam no Brasil. Muitos foram presos, houve ações contra propriedades alemãs em março de 1942, e o governo brasileiro interveio em 7 firmas – Schering, Bayer, Zeis, Humboldt-Deutz, Bromberg (Krupp), Siemens e AEG (Idem, p. 314-5). Somente em agosto de 1942, depois do afundamento de uma série de navios brasileiros, inclusive na costa do país, Vargas declarou Guerra à Alemanha. O Brasil chegaria a mandar tropas para combater na Europa. A Força Expedicionária Brasileira lutaria principalmente na Itália.

A entrada dos Estados Unidos na Guerra e a configuração verdadeiramente mundial assumida por ela tiveram estreito paralelismo com a decisão de Hitler em relação ao “problema judeu”. A Guerra havia oferecido condições ao *Führer* e seus cúmplices de realizar os objetivos de sua política racial, através da destruição dos supostos elementos “biologicamente nocivos” (Michalka 2002, p. 296). A população judia das regiões ocupadas encontrava-se em grande medida trancafiada nos guetos, ao passo que parte já havia sido

intelectual também em favor do Estado brasileiro, não pôde ser analisado com mais vagar no presente trabalho.

¹²⁹⁹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 02.12.1941. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

deportada para os campos de concentração que se espalhavam por toda a Europa. Em muitos deles os internos foram submetidos ao trabalho forçado, destinado principalmente a fortalecer o poder de operação da indústria de guerra. Vivendo em péssimas condições, com alimentação precária, expostos a doenças e sujeitos a jornadas extenuantes de trabalho, a morte era apenas questão de tempo. Mayer contou a Rocha Lima que uma das irmãs havia morrido num campo, vítima de disenteria. “É, Rocha, esta Guerra é um retorno para a escuridão da Idade Média”, comentou. A essas alturas já não sabia mais se a irmã estava viva.¹³⁰⁰ Quando escreveu essas linhas, as autoridades nazistas já haviam estabelecido a “solução final” para a questão judaica, antes vista como a deportação da população judia para um determinado território, mas que agora significava pura e simplesmente sua aniquilação. Entrou em ação uma máquina sistemática de extermínio, cuja dimensão elevou o genocídio a proporções inauditas. O *Auswärtiges Amt* tornou-se nesse contexto uma mera “criada” da “guerra racial” (Gassert 2008, p. 50).

As condições precárias nos guetos e campos de concentração e a debilidade das populações ali encerradas favoreceram o surgimento de epidemias, entre as quais, o tifo, que ganhou enorme importância, tal como havia sido na Primeira Guerra. Em dezembro de 1941, Munk tomou parte numa conferência de prevenção contra a doença. Cumpre lembrar que ele havia participado, durante a Primeira Guerra, dos serviços sanitários de combate à doença na Polônia, ao mesmo tempo em que Rocha Lima desenvolvia seus estudos sobre o patógeno. Munk relatou ao brasileiro, que na conferência foram discutidos vários aspectos da epidemiologia do tifo, inclusive a transmissão. Foi aventada a possibilidade desta ocorrer pelas fezes do piolho, além da picada. Considerou-se também a hipótese de infecção pelo pó ou por perdigotos. Por isso, além da eliminação do piolho – comentou – recomendou-se expressamente a desinfecção, de modo que não apenas o inseto, mas também as riquetsias pudessem ser destruídas, não bastando, para isso, o emprego de gases. “Com isso o aparato profilático se complicou extraordinariamente” emendou Munk. Pediu que Rocha Lima expressasse sua opinião sobre o assunto.¹³⁰¹

¹³⁰⁰ Carta de Martin Mayer a Rocha Lima de 22.11.1941. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁰¹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 02.12.1941. Além de Munk estavam presentes na reunião Ernst Nauck, Gildemeister, Rose e Kikuth (Werther 2004, p. 52).

O tifo constituiu novamente pauta fundamental da higiene militar da Segunda Guerra. O *Tropeninstitut* ficou responsável pela condução dos estudos sobre a doença feitos numa estação de pesquisa estabelecida na Polônia,¹³⁰² onde se manifestava em surtos violentos. A direção da estação ficou nas mãos de Ernst Nauck, que realizou os estudos, ao lado de outros pesquisadores do *Tropeninstitut*, como Fritz Zumpt, Fritz Eckstein e Fritz Eyer (Wulf 1994, p. 118-9). Eles tentaram obter uma vacina a partir de cepa do patógeno cedida pela IG-Farben, mas não obtiveram sucesso (Werther 2004, p. 48). Uma série de experimentos humanos foram feitos para testar a eficácia dos diferentes métodos imunizantes. Também testaram novos quimioterápicos que prometiam sucesso no tratamento das doenças infecciosas, como as sulfonamidas e seus derivados. O pesquisador do *Tropeninstitut*, Walter Menk, foi um dos que se envolveram em experimentos com esses medicamentos também na Polônia. A participação dos quadros do *Tropeninstitut* nos experimentos humanos relacionados ao tifo não se restringiram aos territórios orientais ocupados. Em Hamburgo, o campo de trabalhos forçados de Neuengamme foi palco de experimentos em série coordenados por Mühlens, nos quais testou-se uma série de compostos fabricados pela indústria farmacêutica, basicamente a IG-Farben e a Höchst (Wulf 1994, p. 122-4).

A estreita correlação do tifo com a população judia, orientada pelo ódio racial, fez com que a doença e o medo que ela instilava entre os médicos militares legitimassem medidas como o trancafiamento de judeus em guetos, abrindo caminho, mais tarde, às medidas destinadas a pôr em ação a “solução final” (Weindling, 2000; Werther 2004; Baumslag, 2005). O “complicado” método de profilaxia desenvolvido para desinfecção, baseado na aplicação de gases tóxicos, foi adaptado para a matança em série das populações encarceradas nos campos. Além da câmara de gás, o “tratamento” para os suspeitos de tifo nos campos consistiu na injeção intracardíaca de fenol ou evipan. Ao final, eles passaram simplesmente a ser mortos com tiros, numa mera tentativa de conter a expansão da doença (Werther, 2004).

As fontes consultadas não registram nenhuma manifestação de Rocha Lima a respeito do envolvimento dos colegas em crimes de guerra, nem sobre os horrores do holocausto, cuja

¹³⁰² Conforme demonstra Stefan Wulf (1994, p. 118 sss) já no começo da Guerra Mühlens decidiu colocar as pesquisas sobre o tifo na órbita dos estudos realizados pelo *Tropeninstitut*. A estação de pesquisas estabelecida em Varsóvia em maio de 1940 foi custeada pelos juro. Além do departamento de pesquisas do *Tropeninstitut*, Nauck ficou responsável pela direção do Instituto de Higiene de Varsóvia.

dimensão exata, só viria a ser conhecida tempos depois. Em relação aos experimentos humanos, não é possível saber até que ponto a participação dos colaboradores do *Tropeninstitut* veio ao conhecimento da opinião pública. Mühlens não sobreviveu ao “acerto de contas.” Menck não se reapresentou às autoridades de saúde de Hamburgo depois da Guerra, e por isso, não foi demitido. Em 1948, foi apontado pelo ministério público de Hessen como “oportunista” e condenado a pagar multa de mil Marcos. Ficava aberta a possibilidade dele ser readmitido no serviço público, o que, de fato, ocorreu em 1950, quando retornou à Faculdade de Medicina de Hamburgo. Depois, assumiria por breve tempo um instituto de medicina diagnóstica em Bad Nauheim e, a partir de 1962, a direção científica de um instituto de biologia, em Lich (Wulf 1994, p. 146-7). Já Nauck assumiria a direção do instituto, conforme veremos adiante, num pacto de silêncio que esteve presente em muitas instâncias da República Democrática Alemã, nascida dos escombros da Guerra.

Depois da entrada do Brasil na Guerra, a correspondência de Rocha Lima com os amigos alemães praticamente cessou. Não há uma única carta dele com Munk entre dezembro de 1942 e março de 1944. Nessa última data, Munk informou ao amigo que havia passado algumas semanas na Turquia, como higienista do exército. O objetivo da carta era perguntar se Rocha Lima estava disposto a assumir um cargo no Instituto de Higiene de Ankara, onde trabalhariam juntos pesquisando uma série de doenças infecciosas que grassavam naquela região e eram pouco estudadas.¹³⁰³ A resposta não foi localizada. Em outra carta, com a mesma data, informou que ele e a família estavam bem, “apesar da inacreditável e indescritível devastação de Berlim.”¹³⁰⁴ A sua casa havia sofrido pequenos danos, e bombas haviam caído há poucos dias no jardim. Àquelas alturas, a sorte da Guerra tinha virado totalmente em favor dos Aliados, e a disposição da população alemã, ao invés da confiança instilada pela máquina de propaganda do Reich, revivia os traumas que haviam sofrido em 1918. As perdas dos alemães em Stalingrado e no Norte da África, a aterrissagem dos Aliados na Itália e os bombardeios provocaram uma mudança de ânimos mesmo entre alguns líderes nazistas (Sösemann 2002, p. 48). Diferentemente do “último recurso” nas mãos do Führer – que a propaganda divulgou mesmo depois que este já havia se matado no Bunker em 30 de abril de 1945 – o que veio foi a vitória dos aliados, que marcharam sobre um território

¹³⁰³ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 10.03.1944.

¹³⁰⁴ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 10.03.1944 (outra).

devastado, com cidades completamente arruinadas. Na primavera de 1945, não eram apenas as casas que estavam em ruínas, mas também os alicerces daquilo que constitui uma sociedade: “tradições haviam perdido sua legitimidade, as orientações para o futuro, seu poder de convicção, as normas morais sua força constitutiva e o meio social, seu efeito de ligação” (Süss&Süss 2008, p. 98).

6.3. Rocha Lima e a Alemanha no pós-Guerra

“Meu pensamento está com você e com as vítimas inocentes do terrível sofrimento e catástrofe que desaba sobre a Alemanha”, escreveu Rocha Lima a Munk, na véspera de Natal de 1945. Certamente, aquele foi um natal inesquecível no pior sentido do termo, para a família de Munk, assim como para as muitas famílias que sobreviveram à Guerra. A palavra-chave da chamada “hora zero” foi “colapso”, termo que dá apenas uma idéia da situação em que se encontravam as cidades alemãs depois da assinatura do armistício, em 07 e 08 de maio de 1945. Cidades completamente devastadas, escassez de alimentos, economia reduzida à base da troca, surgimento do mercado negro, pilhagem e outras formas de violência, milhares de mortos e desaparecidos, epidemias, fluxo de refugiados alemães das regiões orientais, estes são alguns aspectos que marcaram o cenário da Alemanha logo depois de terminada a Guerra. Munk resumiu as circunstâncias como “deprimentes”.¹³⁰⁵

“A Alemanha que você conheceu não existe mais” escreveu Munk a Rocha Lima em agosto de 1946. “Sua destruição avança a cada dia, em passos largos, enquanto ainda há algo para ser destruído”, complementou.¹³⁰⁶ O médico alemão escrevia de Berlim, cujos habitantes, segundo ele, haviam tido uma experiência maior da guerra do que a maioria dos soldados em batalha. Dos bombardeios diários até as duas semanas de batalha pela tomada da cidade, eles haviam passado por coisas terríveis, relatou o médico alemão. Mas elas, de acordo com ele, não eram nada, comparadas com a situação em que viviam desde encerrada a Guerra. Rocha

¹³⁰⁵ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 18.09.1946. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁰⁶ *Idem.*

Lima considerou a resistência sustentada pelas autoridades alemãs, no ocaso do Terceiro Reich, “um crime contra o povo alemão.”¹³⁰⁷

O território alemão foi dividido entre as quatro potências vencedoras. Na conferência de Potsdam, que ocorreu em agosto de 1945, Churchill, Truman e Stalin (a França não foi convidada) tentaram chegar a um acordo sobre a distribuição do butim. As desconfianças mútuas marcaram o encontro, principalmente em relação ao líder soviético. As linhas gerais da tensão, que mais tarde assumiria contornos nítidos e ficaria conhecida como Guerra Fria, já haviam se esboçado na mesa de negociações. As disputas por áreas de influência e o interesse em conter um possível avanço soviético foram as diretrizes que pautaram as propostas e movimentações de Truman. A desconfiança que os norte-americanos nutriam em relação aos alemães foi transferida para os russos. Por isso, ao invés de seguirem a proposta de fragmentar o território do Reich em pequenos Estados, ou transformá-lo num estado agrário – proposta esta feita pelo ministro das Finanças dos Estados Unidos, Henry Morgenthau em 1944 – os EUA se esforçaram para criar ali um Estado-tampão, capaz de contrabalançar a influência soviética no leste.

A residência de Munk ficou na região sob tutela das tropas de Stalin. O contato com as demais partes da Alemanha foi restringido, e a correspondência submetida à censura, conforme testemunha a carta que o médico alemão escreveu ao amigo brasileiro em agosto de 1946.¹³⁰⁸ Nela, relatou: “Aqui estamos como se fosse numa prisão. A penúria é imensa. Nós, no entanto, não podemos nos queixar, pois temos verduras e batatas no jardim e recebemos muita coisa dos pacientes”.¹³⁰⁹ Munk também recebeu pacotes de Rocha Lima com a mais variada sorte de víveres (ovos, café), brinquedos para crianças (Munk já tinha netos que passaram a morar com ele depois da Guerra), bolsas de água quente etc.¹³¹⁰ Os pacotes eram remetidos da Suíça, Estados Unidos e Dinamarca, pois enviá-los do Brasil era um processo

¹³⁰⁷ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 24.12.1945. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁰⁸ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 14.08.1946. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁰⁹ *Idem.*

¹³¹⁰ Carta de Peter Munk a Rocha Lima de 20.11.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

bastante complicado, conforme esclareceu ao amigo.¹³¹¹ Além de Munk, o diretor do Biológico mandou pacotes para a família de Ernst Nauck, Spaethe e Giemsa, Büngeler e outros.¹³¹²

Munk ressaltou que sua situação ainda podia ser considerada boa comparada com a das demais famílias, pois o fato de ser médico garantia-lhe certos privilégios e bom trânsito com as autoridades aliadas. Do que é a boa situação dá para imaginar o que seria a pior: ele relatou que o hábito de comer carne era algo do qual sua família há tempos já havia se desacostumado completamente.¹³¹³ A batata, que já era um item emblemático da culinária germânica, tornou-se a base da dieta dos berlinenses, a ponto da possível falta da mesma causar apreensão em Munk. Era consumida principalmente na forma desidratada.¹³¹⁴ A partir de novembro de 1945, os norte-americanos passaram a remeter com regularidade os chamados “CARE-Paket”, com alimentos, roupas e medicamentos.

No início, para obter não só alimentos como também combustível para aquecimento, Munk relata que teve de se desfazer de tudo o que sobrara dos bens depois dos bombardeios e pilhagens. Em janeiro de 1946, quando o comércio negro medrava por toda parte, conta que todos os pertences eram trocados por cigarro, a principal moeda naquelas transações. Admirava-se que ainda haviam coisas para serem trocadas. Mas este era o menor dos problemas, comparado com a morte nos campos de concentração, onde eram trancafiados os considerados ex-nazistas e colaboradores do regime de Hitler, bem como opositores de Stalin. Ali grassava a tuberculose e a difteria irrompia por toda a parte, aumentando assustadoramente o índice de mortalidade infantil. O estado de nutrição “catastrófico” – nas palavras de Munk – favorecia o surgimento de tais epidemias. Apesar disso, ele manifestava otimismo naquele começo de ano, alimentado pelas propagandas oficiais, muito embora “os nazistas também nos dissessemisso até o final”, complementou.¹³¹⁵ O período do pós-guerra

¹³¹¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 22.04.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. Nesta escreveu: “A suposição de que seria fácil mandar um pacote de café daqui não é verdadeira”.

¹³¹² Carta de Rocha Lima a Walter Büngeler de 14.12.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³¹³ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 18.09.1946. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³¹⁴ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 12.01.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³¹⁵ *Idem.*

trazia consigo essa contradição – em meio à mais absoluta devastação, havia a esperança de que dali se iniciavam novos tempos. O som do bebê em prantos colocado por Herner Fassbinder na cena de abertura de “O casamento de Maria Braun” simbolizou isso.

Quadro bastante semelhante ao de Munk é descrito em carta de Walter Büngeler, que depois de ter retornado à Alemanha, estabeleceu-se em Kiel. Desde o começo do ano – informou – a temperatura média de lá era de 10 graus negativos. Segundo o patologista, não havia material para aquecimento. Também lá, a tuberculose havia se tornado uma epidemia comum, mas de características tão modificadas, que nem mesmo em sua mesa de dissecação poderia reconhecê-la. Contrariamente a Munk, notava grande pessimismo do povo alemão em relação ao futuro do país, havendo muito medo de uma nova guerra. As mulheres eram as mais afetadas pelas circunstâncias, relatou. Elas ficavam bastante fragilizadas, quando constatavam que não havia nada para se adquirir no comércio, após esperarem por horas no frio a abertura dos estabelecimentos. Pediu que Rocha Lima lhe enviasse um dos pacotes de ajuda. Mesmo diante da mais absoluta miséria e penúria – prosseguiu – o trabalho científico continuava. Ele permanecia na direção de uma equipe de pesquisadores, mas os estudos esbarravam diariamente em toda sorte de dificuldades. Não tinham mais nem formol e não era possível fazer experimentos animais. Suas atividades haviam retrocedido à mera execução de autópsias.¹³¹⁶

As cartas posteriores de Munk registram uma paulatina recuperação e melhora das condições. Em junho de 1947, ele informa a Rocha Lima que a miséria ainda era “indescritível”, mas que ele e sua família eram dos poucos que tinham “destino privilegiado”.¹³¹⁷ O diretor do Biológico recebia, não apenas de Munk, mas dos outros amigos alemães, e até de desconhecidos, “sempre as mesmas notícias tristes”, que “cortavam-lhe o coração”, como confessou em carta.¹³¹⁸ Dizia sentir enorme compaixão por aquele povo “bravo, eficiente, competente, esforçado e bondoso, que tudo teve de suportar indefeso”,

¹³¹⁶ Carta de Walter Büngeler a Rocha Lima de 12.05.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³¹⁷ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 04.06.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³¹⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 10.12.1946 e de 22.04.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

afirmou.¹³¹⁹Via como “opressão dos vencidos”, o sofrimento imposto ao povo alemão, que era fruto de “mera desconsideração” por parte dos vencedores.¹³²⁰Sugeria que o Brasil aproveitasse a situação difícil da Alemanha e promovesse uma imigração em massa de agricultores, operários e técnicos que na sua opinião alavancariam o desenvolvimento do país.¹³²¹ Em contrapartida, propôs, zombeteiro, que os aliados implantassem no território germânico um governo e administração tal como existiam no Brasil, pois assim poderiam ter a certeza de que jamais a Alemanha sairia da miséria e representaria perigo para algum país. “O que poderia tranquilizar mais os dominadores do mundo?”¹³²²

Segundo Munk, em meio à miséria floresciam a cegueira e a cobiça.¹³²³Na parte oriental na qual se encontrava, disse a Rocha Lima predominar ainda o entorpecimento das idéias. Para ele, a vantagem daqueles tempos difíceis era a de que havia encontrado refúgio no trabalho intelectual. Passou a editar uma revista – *Therapie der Gegenwart* (Terapia Atual) -, escreveu um atlas de doenças renais, um livro sobre doenças das articulações e outro de memórias, sobre a medicina em Berlim na virada do século, no qual se baseou apenas em suas lembranças. As condições não lhe permitiram fazer uma pesquisa bibliográfica aprofundada, nem de fontes, embora dispusesse de uma boa biblioteca. Este era um trabalho de caráter puramente diletante, como foi outro no qual tratou dos escritos de Schiller sobre a medicina do século XVIII.¹³²⁴

Em junho de 1947, Munk conseguiu permissão para viajar à Suíça. A saída do país já estava à época bastante restringida pelos soviéticos. No país vizinho disse encontrar jornais que ainda mantinham uma postura pró-alemã. Segundo ele, não faziam ali a menor idéia das difíceis condições internas do seu país e os viam “como se ainda fôssemos quem éramos ou quem poderíamos ser se o destino diabólico não tivesse alterado a nossa trajetória”, escreveu a

¹³¹⁹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 24.03.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³²⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³²¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 22.04.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³²² Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 23.12.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³²³ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 06.07.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³²⁴ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 04.06.1947 e de 27.08.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Rocha Lima.¹³²⁵ Na avaliação do médico alemão, os suíços não tinham consciência de que eles haviam tido suas “almas” ocupadas por uma consciência de “pedinte-bandido com culpa”.¹³²⁶ O médico alemão ouviu na Suíça que toda a Europa estava esperando uma próxima guerra, a qual só dependeria da posição dos russos. Ele temia bastante que esta viesse e que a “cortina de ferro” – expressão que ganhou circulação depois de empregada por Churchill, em discurso de março de 1946 – se fechasse hermeticamente, atingindo até os correios. Para ele, que vivia na região soviética, significaria “a prisão definitiva para o resto de minha vida.”¹³²⁷ De fato, as tensões entre norte-americanos e soviéticos só faziam crescer desde Potsdam. Já durante a conferência, o chanceler norte-americano havia predito que era certa uma guerra futura com a União Soviética. A reunião, cujo objetivo inicial deveria ter sido o estabelecimento da paz, marcou ainda o início da corrida armamentista, com os norte-americanos já em posse da bomba atômica que lançariam sobre Hiroshima e Nagasaki e que selaria o fim definitivo da guerra também no Pacífico. O território alemão e, particularmente Berlim, seria o teatro da prova dessa competição de forças que determinaria a geopolítica da segunda metade do século XX.

Rocha Lima permaneceu atento à configuração de poder que emergia dos escombros da guerra e no âmbito da qual se definiam os rumos que as potências vitoriosas - polarizadas pelos Estados Unidos e União Soviética – dariam à Alemanha. Informava-se sobre a situação neste país através do *RheinischenMercur*, que recebia de Joseph Halberkan, ex-pesquisador do *Tropeninstitut*.¹³²⁸ Ele via a disputa por hegemonia entre as duas potências como uma continuidade daquilo que vinha desde os tempos dos “persas, romanos e nibelungos”.¹³²⁹ Considerava os Estados Unidos “um aluno esplendoroso”, que havia assimilado tudo dos países europeus (incluindo a Alemanha), que, segundo ele, eram a fonte de tudo que fora produzido para o bem da humanidade nos últimos séculos.¹³³⁰ Ao contrário de Munk, não

¹³²⁵ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 04.06.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³²⁶ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 28.08.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³²⁷ *Idem*.

¹³²⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 12.04.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³²⁹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 24.03.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³³⁰ *Idem*.

achava que se aproximava uma nova guerra, muito embora os jornais de outros países falassem dela, “com uma abertura e naturalidade que nós jamais havíamos visto nas duas primeiras guerras”, escreveu.¹³³¹ Tanto os poderes ocidentais quanto os russos tratariam de evitá-la. Estes, em particular, não tinham nenhum motivo para fazer concessões, opinião que coincidia com a observação do médico alemão de que nenhum exército europeu tinha cacife para enfrentar as forças soviéticas.¹³³² Berlim – prosseguiu nosso personagem em sua análise – como “uma ilha em meio à maré da invasão russa”, não seria motivo para uma guerra. Para uma Alemanha unida, a cidade permanecia importante como capital e símbolo da ocupação pelos 4 aliados, mas numa divisão do país, que tendia a se bipolarizar (desde 1946, os norte-americanos e britânicos haviam unido suas áreas de ocupação, dando origem à chamada Bizone), ela perderia em importância. Talvez dividisse o status de capital com outra cidade do oeste; Frankfurt, talvez.¹³³³ A “trágica divisão política da Alemanha” seria bastante dolorosa, afirmou Rocha Lima, mas facilmente aceitável para as demais potências como preço a ser pago em favor de uma paz duradoura, baseada no balanço de poderes. Ademais, todos sabiam naquele momento que numa guerra não se tinha “absolutamente nada para ganhar e, seguramente, muito para se perder.”¹³³⁴

À primeira vista as suposições de Rocha Lima soam quase proféticas, pois de fato elas seriam confirmadas, com exceção da capital das “forças ocidentais”, que como sabemos, seria Bonn, e não Frankfurt. Sem querer negar a argúcia e sensibilidade de nosso personagem, suas projeções soam bem menos vaticinantes quando contrastadas com o cenário daquele momento. Pouco mais de um mês antes dele escrever esta carta, haviam sido dados passos que apontavam para uma efetiva divisão da Alemanha, que primeiro se manifestou no terreno econômico. Em 20 de junho de 1948, as potências ocidentais aboliram a economia dirigida e introduziram uma reforma monetária. Naquela manhã, no mesmo posto onde recebiam os cupons para obter os alimentos, os alemães fizeram fila para receber cada um, 40 marcos alemães, o nome da nova moeda que seria o esteio da igualmente nova “economia social de

¹³³¹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.05.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³³² Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 24.03.1947, de 23.12.1947 e de 11.05.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³³³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 05.08.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³³⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 05.08.1948 e de 11.05.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

mercado”. No dia seguinte, as vitrines do comércio estavam apinhadas de mercadorias. Para Rocha Lima, que ficou bastante curioso em saber mais sobre a nova moeda, a reforma dificilmente poderia ser considerada como o começo de um alívio ou arrancada para o crescimento.¹³³⁵ Dessa vez, suas predições não se concretizaram, pois a reforma monetária abriu caminho para o processo de crescimento progressivo dos anos seguintes, que foi designado “milagre econômico”.

Três dias depois das potências ocidentais, os soviéticos também estabeleceram uma reforma monetária e um novo ordenamento econômico em sua área de ocupação. Com isso, criou-se uma situação confusa, pois na mesma cidade circulavam duas moedas, referidas a lógicas econômicas distintas, pois enquanto o marco alemão simbolizava a economia de mercado e a crença na sua auto-regulação, o sistema monetário russo estava ligado a uma economia planificada. A esposa de Munk descreveu um pouco da confusão que se instalou em virtude das reformas monetárias. Todas as despesas feitas em instituições estatais na região russa tinham que ser pagas com moedas do leste, mas o que tinha que ser comprado no setor I só podia ser adquirido com moeda do oeste, distribuída somente aos moradores dessa zona. Da carta de 04 de julho de 1948 depreende-se que somente dali a duas semanas viriam as determinações do marco oriental. Dessa forma, a situação financeira tornara-se algo “inimaginável”.¹³³⁶

Diferentemente da zona de ocupação russa, a parte ocupada pelos Aliados ocidentais contava, desde 1947, com a massiva injeção de capital norte-americano trazida pelo Plano Marshall. Dessa forma, a zona ocidental alemã integrava-se ao circuito econômico europeu e ganhava força capaz de fazer frente à Stalin no leste. A administração na Bizone – parte ocupada pelos norte-americanos e britânicos – já havia sido entregue a um alemão, e prevista a formação de uma assembléia constituinte para um novo Estado. Sentindo-se ameaçado por esse fortalecimento, o ditador soviético ordenou o bloqueio de Berlim, que vigorou de 23 de junho de 1948 até maio de 1949. Foram fechados os acessos ferroviários e rodoviários, comprometendo o abastecimento de alimentos. Em fins de outubro de 1948, Munk relatou que o fornecimento de energia e combustível também estava em dificuldades, as quais segundo ele eram “motivadas pelo sistema de destruição de tudo o que é alemão.” O serviço de

¹³³⁵ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 05.08.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³³⁶ Carta de Hildegard Munk a Rocha Lima de 04.07.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

correio, que já estava bastante precário e permanecia submetido à censura, tornou-se ainda pior. Mas os berlinenses, em sua opinião, estavam lidando com a situação de maneira “valente, realista e calma”.¹³³⁷

A descida da cortina de ferro temida por Munk nunca esteve tão próxima de se concretizar. Com isso ganhou vulto a idéia de deixar Berlim, que ele vinha nutrindo desde o final da Guerra. Anos atrás, jamais teria imaginado— confessou a Rocha Lima — que as falhas dos nazistas e as omissões das potências ocidentais, por ignorância, desconfiança e arrogância, deixariam a situação chegar àquele ponto.¹³³⁸ Das cartas desse período, depreende-se que Munk ficou num grande dilema. Considerava “inquietante” a hipótese de se exilar.¹³³⁹ Rocha Lima defendeu abertamente que o amigo deixasse a Berlim russa o quanto antes. Tinha plena consciência — asseverou — de que ele encontraria uma boa posição em qualquer dos lados em que ficasse. Sugeriu que emigrasse para a Suíça e manifestou imensa alegria sobre a possibilidade dele vir ao Brasil, que em momento algum parece ter sido levada a sério pelo médico alemão. Mais sensata foi a sugestão de se mudar para a zona ocidental, onde poderia contar com mais segurança pessoal e liberdade.¹³⁴⁰ Munk considerou a sugestão da Suíça bastante atraente, mas encararia a emigração como uma fuga. Não queria assumir isso para si depois de ter sobrevivido aos bombardeios aliados e ataques russos.¹³⁴¹ Além disso, vivia numa situação confortável: morava em casa com jardim, tinha chofer e até mesmo uma casa no campo, regalia para poucos privilegiados. A dieta, no entanto, permanecia pobre em carne e álcool. Já havia escrito que grande parte do vinho alemão fora para a França. Disse saber que a descida da cortina de ferro implicaria em restrições da liberdade e segurança pessoal, e que isso lhe traria bastante sofrimento, mas preferia assim à viver como fugitivo, tal como alguns de seus conhecidos, que vagueavam feito mendigos, sem destino fixo.¹³⁴² O “ato

¹³³⁷ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 30.10.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³³⁸ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 27.08.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³³⁹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 25.03.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁴⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 05.08.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁴¹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 06.07.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁴² Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 27.08.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

final” da peça que o bloqueio de 1948 havia apenas ensaiado foi dado dez anos depois da morte de Munk e assumiria a forma de um muro que simbolizaria a ordem mundial bipolar.

Como meio de driblar o bloqueio de Stalin, os aliados ocidentais passaram a distribuir os mantimentos através de aviões. Eles deveriam, na opinião de Munk, tranquilizá-los, mas o principal efeito da medida era que agora também levavam embora o sono noturno.¹³⁴³ Em janeiro de 1949, o médico escreveu que os aviões zuniam sobre suas cabeças o dia todo, mas segundo ele, não davam conta de abastecer toda a Berlim. Eles traziam principalmente verduras e legumes, tornando a alimentação desde então um pouco melhor.¹³⁴⁴ Apesar disso, milhares de alemães estavam condenados a morrer de fome, e a economia estava quase completamente destruída, devido à falta de carvão e combustível. Além do desmonte de algumas indústrias, os soviéticos começaram a pôr em ação, na parte oriental, uma política de expropriação, que o médico considerou “pavorosa”. De acordo com Munk, a situação era muito pior para os berlinenses pobres “em seu longo caminho de sofrimento”. “Não os deixam morrer, nem viver, nem trabalhar”, comentou em referência às altas taxas de desemprego que agudizavam o estado de calamidade social.¹³⁴⁵

Com o levantamento do bloqueio, a vida em Berlim tornou-se “um milagre incompreensível”, na avaliação de Munk. De repente puderam comprar tudo aquilo que era impensável nos anos anteriores – comida, bebidas, roupas, carvão, vela, etc. Mas o sonho durou apenas quatro semanas, porque logo ninguém tinha mais dinheiro. Tinha início um novo período de dificuldades, com escalada do desemprego e bancarrota. Apesar das indas e vindas, é possível perceber que a vida cotidiana de Munk e de Berlim em geral assumia sua dinâmica habitual. O médico disse sentir saudades do tempo de miséria, quando se sentava à escrivaninha.¹³⁴⁶

Logo depois da suspensão do bloqueio sobre Berlim, foi decretado o nascimento da República Federal da Alemanha, cuja constituição seria de caráter provisório, muito embora os aliados ocidentais soubessem que o estabelecimento de uma república no oeste significaria

¹³⁴³ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 06.07.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁴⁴ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 12.01.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁴⁵ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 06.07.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁴⁶ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 02.11.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

a divisão pura e simples do país. A república de Bonn seria o “bebê de proveta” da Guerra Fria, nas palavras de Heinrich Janecke (2002). O mesmo destaca que a fundação da nova república foi um acordo entre senhores, no qual não houve qualquer participação popular. A data de 23 de maio de 1949 sequer se inscreveu no imaginário do povo alemão como uma data significativa, afirma Janecke (2002). Na parte oriental, Stalin atrasou a data de fundação do novo Estado – somente em 7 de outubro de 1949 viria a lume a República Democrática Alemã. A separação do país agora era efetiva e a crer no estado de tensões entre os dois pólos parecia ser um passo sem voltas.

Na visão das potências aliadas praticamente se completavam as quatro ações que viam como fundamentais para a Alemanha no pós-Guerra – a democratização, que veio se somar à desmilitarização, descentralização econômica e desnazificação, estreitamente ligada à primeira. Os norte-americanos foram os mais empenhados nos esforços de extirpar as raízes do nacional-socialismo e da agressividade que viram como um traço inscrito no próprio caráter alemão. Na prática, o processo de “limpeza” política esbarrou numa série de dificuldades, pois começar um novo governo com novos quadros, num país onde uma em cada seis pessoas havia se filiado a alguma organização nazista, revelou-se tarefa bastante difícil. Ao fim e ao cabo, o que seria um processo de eliminação dos elementos que haviam contribuído para a ditadura nazista tornou-se meramente a reabilitação dos ex-seguidores de Hitler. A extensão e meticulosidade dos processos apresentados ao Tribunal de Nuremberg eram impossíveis de serem aplicadas nos milhares de casos individuais. Chegou-se à conclusão de que a tarefa prioritária era reconstruir a Alemanha, depois livrá-la dos elementos nocivos do passado.

Para Rocha Lima, o nacional-socialismo havia semeado “o vírus da injustiça e da perseguição desumanas”. Tal vírus, em sua concepção, havia se multiplicado a ponto de contaminar até mesmo aqueles que o combatiam. A “cura” só viria depois que se formasse uma “imunidade”, escreveu em analogia com os processos biológicos que faziam parte do seu coletivo de pensamento. À semelhança da imunidade adquirida pelo organismo, aquela desenvolvida contra o nacional-socialismo formar-se-ia gradualmente, com as próprias forças do povo alemão. Esse é um demonstrativo da postura extremamente crítica que compartilhou com Munk em relação às forças de ocupação, tanto ocidentais, quanto soviéticas. O médico alemão referiu-se repetidas vezes, com ironia, à democracia dos soviéticos, principalmente quando tratou da censura que reinava sobre os correios. “Na minha concepção de democracia, tenho sempre a tendência de descrever as circunstâncias da maneira mais fiel possível, o que

evidentemente não agrada a muitos democratas”, escreveu, em setembro de 1946.¹³⁴⁷ Já em março de 1948, acenou para a progressiva desconfiança entre a população alemã, em relação às autoridades aliadas. Ao invés dos motivos democráticos – diagnosticou – colocavam-se outros, e o direito que emanava dos dirigentes parecia cada vez mais questionável. Em sua opinião, o Tribunal de Nuremberg não contribuía em nada para mudar a situação, e lamentou, com ironia: “Uma pena, pois os alemães estavam muito dispostos a resignar-se com a sabedoria dos Aliados”.¹³⁴⁸ A reeducação do povo alemão e instrução democrática foram qualificadas por Munk como “esforço hipócrita.” Em sua concepção essa aparência dissimulada contrastava de forma marcante com a “crueldade dos métodos” empregados pelos aliados, particularmente em Berlim, onde o comportamento dos mesmos deveria e pretendia ser instrutivo. Apesar da “vergonha dos crimes nazistas e da acusação realmente sentida da culpa coletiva”, aquele teatro de ensaio democrático acabava por causar repulsa ao povo alemão. “Mesmo entre o povo mais simples, levanta-se antes a fatal descoberta: ‘nós, selvagens somos pessoas melhores.’”¹³⁴⁹

Enquanto Rocha Lima manteve, de certa forma, a crença na “capacidade alemã” como alavanca do reerguimento do país, Munk manifestou-se de forma extremamente cética em relação a isso. Em sua opinião, a postura das potências aliadas pós-1945 era uma comprovação de que a “concorrência invejosa” havia levado à Primeira Guerra, e fortalecida pela “loucura hitlerista”, deflagrada a Segunda. As maiores realizações do povo alemão valiam muito pouco, quando contrapostas à “burrice e bazófia” daqueles que haviam conduzido àquela situação. Para o médico, a inveja e o medo do reerguimento da Alemanha, que orientavam as potências aliadas, fomentavam na população a falta de autoconfiança e destruíam, de forma intencional, “os mais altos valores da cultura alemã”. “Jamais tivemos a sensação de que o povo alemão era tão perigoso quanto o mundo desejava e que por vaidade alguns círculos sociais gostavam de fazer parecer”, comentou Munk.¹³⁵⁰ Também jamais

¹³⁴⁷ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 18.09.1946. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁴⁸ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 25.03.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁴⁹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 02.11.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁵⁰ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 02.11.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. Em carta escrita quase dois meses antes, manifestara claramente essa opinião: “o medo que existe na Europa de que a Alemanha cresça novamente é o maior impedimento, juntamente com a

imaginara que exatamente essa capacidade seria um impeditivo para as novas realizações daquele povo. “Não se pode falar da capacidade alemã, ela não se sustenta mais na prática”, rebateu ao amigo brasileiro.¹³⁵¹

O que fica claro nas linhas escritas, tanto por Munk, quanto por Rocha Lima, é a consciência de uma ruptura, em meio à qual emergia uma nova ordem. O posicionamento deles em relação a isso revela os paradoxos que foram próprios daquele tempo. “Todos os caminhos estavam abertos, todas as tradições, superadas. O passado estava morto, ele próprio havia se condenado” escreve Janecke (2002), uma testemunha daquele período. Essa consciência é expressa por Rocha Lima de forma mais clara e radical do que por Munk. “Vivemos num Novo Mundo, pelo qual milhões de vidas humanas foram sacrificadas. Também na época dos Astecas, os sacrifícios humanos impulsionaram a política humana” escreveu ao amigo, em abril de 1947.¹³⁵² Queria dizer com isso que os horrores inauditos da Segunda Guerra haviam sido como que um “mal necessário”? Em carta de um mês atrás, expressara o mais extremo pessimismo em relação à espécie humana, o qual alimentava filosoficamente em suas leituras de Schopenhauer, com seu pessimismo fatalista.¹³⁵³ Ao rasgar o véu da tradição e o manto da civilidade, os horrores perpetrados durante a Segunda Guerra e ao final dela teriam desnudado o homem verdadeiro em sua mais verdadeira face “selvagem e terrível” da qual fala o filósofo alemão. Escreve Rocha Lima: “O *Homo Sapiens* é o único fracasso grave da criação, o qual eu gostaria de vaiar diante do impiedoso criador, se com isso eu não temesse ferir os sentimentos profundamente arraigados que os decentes devotos adquiriram”. Por fim, concluiu: “Não há nada tão repugnante como o gênero humano”.¹³⁵⁴

Na opinião de nosso personagem, desde 1933 esse lado monstruoso desenvolvia-se com intensidade cada vez maior, até se tornar fonte de orgulho. Comentou: “E nós que até

burocracia aliada” Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 13.09.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁵¹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 02.11.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁵² Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 22.04.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁵³ José Reis (1956) é quem nos informa que Rocha Lima era leitor de Schopenhauer. Não foi possível aprofundar o impacto dessa leitura na visão de mundo de nosso personagem, um aspecto que também não aprofundei em relação à paixão que tinha por Wagner.

¹³⁵⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 24.03.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

1914 éramos orgulhosos de nossa civilização européia, que aprendeu a considerar toda monstruosidade da história como incompletude da cultura”. Imaginavam que tais monstruosidades – prosseguiu – nunca seriam repetidas, mas agora haviam sido obrigados não apenas a assisti-las como espectadores, como também temer pelo futuro.¹³⁵⁵ Em outro momento tornou a identificar em 1914 o início da ruptura que em sua opinião havia desfeito o equilíbrio “orgânico” do mundo. “Nós frustramos o significado superficial de todos os princípios morais que fundamentam a cultura dos povos. Porém, a ilusão foi um sonho agradável”.¹³⁵⁶

A ordem que emergiu dos escombros da Guerra e que aos poucos adquiriu estabilidade – estabilidade precária quando se trata de um período que é conhecido como “Guerra Fria” – foi vista com olhos extremamente críticos por Rocha Lima. Para ele, o triunfo comunista na China e o início da Guerra da Coreia, em junho de 1950, apontavam para um período de tensões crescentes, no qual a paz repousava, nas palavras de nosso personagem, ditas tempos atrás, “sobre um tonel de pólvora”.¹³⁵⁷ “A Rússia engolirá facilmente esse grave abalo de seu prestígio como poder tutelar do comunismo?” indagou a Munk. Disseesperar que o crescente armamentismo na Europa contrabalançasse a tendência de enfrentamento entre os norte-americanos e soviéticos.¹³⁵⁸ Antes mesmo que o conflito na Coreia tivesse irrompido, já havia apontado para certo “nervosismo” que notava entre os norte-americanos, como consequência do sucesso que esperavam obter em todos os países, solapando, assim, a penetração russa. Agora, além da bomba atômica, o mundo contava com outra arma de efeito destruidor ainda mais possante: a bomba de hidrogênio. O “fantasma” da destruição do mundo já não era mais exclusividade da arma de Hiroshima. Norte-americanos e soviéticos tentavam manter o equilíbrio de poderes do mundo diante da ameaça velada de mandar tudo pelos ares. “A vitória da democracia sobre a Alemanha realmente libertou o mundo do medo de forma realmente admirável. Heil Roosevelt!”, comentou Rocha Lima com Munk.¹³⁵⁹ Ao ex-patologista da Escola Paulista de Medicina Walter Büngeler, o pesquisador brasileiro

¹³⁵⁵ *Idem.*

¹³⁵⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 08.10.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁵⁷ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.05.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁵⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 24.10.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁵⁹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 12.04.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

manifestou extremo temor com o conflito na Coréia. “Estamos diante de uma nova catástrofe? Eu não quero acreditar nisso”. Mas desta vez – afirmou – o Brasil não estaria tão longe dos tiros como antes. “Mesmo qualquer cidade que se localiza distante, poderá se tornar uma Hiroshima”, escreveu. Abalos internos também não seriam improváveis. O domínio comunista seria muito mais perigoso no Brasil do que na Alemanha, comentou com o colega.¹³⁶⁰

Se em Berlim o grande amigo de Rocha Lima havia sofrido tantas privações e testemunhado cenas tão terríveis, a sorte dos que sobreviveram à Guerra, em Hamburgo, não foi muito diferente. A cidade hanseática sofreu mais de 213 bombardeios, e em final de abril de 1945, foi invadida pelas tropas britânicas. Lá, a Guerra terminou oficialmente em 3 de maio de 1945, quando as forças inglesas ocuparam a prefeitura. Vamos analisar agora a situação em que ficou o *Tropeninstitut*, os esforços de reconstrução e de reerguimento da instituição e o papel de Rocha Lima e das relações com o Brasil nesse processo.

6.4. O *Tropeninstitut* em ruínas: Rocha Lima, Ernst Nauck e as relações Brasil-Alemanha após a Segunda Guerra

Logo que o correio internacional foi restabelecido em Hamburgo, Ernst Nauck, nomeado diretor do *Tropeninstitut* desde 1943, escreveu a Rocha Lima narrando sobre a situação em que se encontrava o Instituto: “Pelos boatos que aparentemente também já circulam no exterior, nosso Instituto foi declarado morto. Os prejuízos sofridos são bastante graves e transformaram a construção, outrora ativa, em ruínas.”¹³⁶¹ Na carta que com toda probabilidade foi a primeira escrita desde os últimos anos da Guerra, Nauck conta que nada menos que 11 bombas haviam caído sobre o terreno do *Tropeninstitut*. O andar superior do edifício ficou completamente em chamas, obrigando a uma evacuação e transferência para outro local. Parte do hospital encontrava-se em Langenhorn e a outra, num hospital no centro antigo da cidade, onde funcionava relativamente bem, dispo de 80 leitos. Grande parte do

¹³⁶⁰ Carta de Rocha Lima a Walter Büngeler de 01.07.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁶¹ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 11.09.1946. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

material científico, coleções e o acervo da biblioteca havia sido salva.¹³⁶² Durante o bombardeio que ocorreu entre junho e agosto de 1944, a preciosa coleção de livros já se encontrava acomodada em outra parte de Hamburgo, em Reinbek. Alguns laboratórios foram transferidos para o porão do instituto. A essas alturas a atividade científica estava praticamente parada, pois desde 1941 parte da construção já estava bastante danificada, e quase todos os colaboradores participavam dos esforços de guerra (Wulf 1994, p. 143-5).

Na mesma carta, Nauck relatou a Rocha Lima que do antigo núcleo de colaboradores do *Tropeninstitut*, pouco havia restado. Bernhard Nocht, como o brasileiro já sabia, havia se suicidado em 1945 com a esposa em Wiesbaden. Na carta de despedida ao filho, disse duvidar da capacidade de reunir forças suficientes para levar adiante uma existência digna (Idem, p. 151). Reichenow e Hans Vogel permaneceram no instituto. Erich Martini havia se aposentado, segundo Wulf (1994, p. 146), provavelmente como tentativa de escapar da demissão por motivos políticos. Menk permanecia detido como prisioneiro de guerra, e o ex-assistente de Rocha Lima, Ziegler, também havia se aposentado, mas perdera o direito de receber a pensão, devido ao envolvimento com o Partido Nazista. “O seu antigo círculo de amigos e conhecidos sofreu muitas modificações”, acrescentou Nauck.¹³⁶³ Não sabia dizer se seria possível reassumir o nível anterior de atividades, nem como o Instituto desenvolver-se-ia dali pra frente. “A carcaça permanece capaz de navegar e nós não renunciamos à esperança de salvar o que ainda existe e de gradualmente reconstruir tudo novamente, mesmo sabendo que demandará muito esforço, paciência e tempo”, afirmou, confiante, a Rocha Lima.¹³⁶⁴ Nesses termos, os dois cientistas passariam a manter estreito contato pelos anos seguintes. O diretor do Biológico era um aliado fundamental na retomada das relações científicas do Instituto Tropical com o estrangeiro. Mais ainda, porque historicamente o intercâmbio com o Brasil havia sido bastante intenso, como vimos no decorrer do trabalho, e a presença de Rocha Lima entre os quadros da instituição hanseática fora a expressão mais acabada disso. Nauck tinha consciência de que tais relações consistiam no próprio combustível que acionava as engrenagens do *Tropeninstitut*.

¹³⁶² Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 11.09.1946. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁶³ *Idem*.

¹³⁶⁴ *Idem*

O trabalho de reconstrução esbarrou numa série de dificuldades, como a falta de material. Segundo Nauck, a tarefa de manter o Instituto vivo seria mais difícil e levaria mais tempo do que na Primeira Guerra. Em carta de março de 1947, ele relatou que a população de Hamburgo também sofria com o frio rigoroso – o inverno dos anos de 1946 e 1947 fora particularmente severo – e com a falta de material de aquecimento e de alimentação. Na mesma carta, informou que o processo de desnazificação, ao qual também passou o *Tropeninstitut*, havia sido concluído. A única notícia em relação a isso foi que Ziegler havia conseguido reaver sua pensão, mais uma evidência de que o impulso inicial de reparação havia dado lugar à reabilitação.¹³⁶⁵ O próprio Nauck passou incólume pela “limpeza” política, não obstante ter sido um dos propagandistas da retomada das colônias, ter integrado o Partido Nazista, desde 1937, defendido o trancafiamento dos judeus em guetos como medida de profilaxia contra o tifo, e ter escrito passagens claramente anti-semitas em algumas de suas publicações durante o nacional-socialismo (Wulf 1994, p. 141-5). Por conta disso, Stefan Wulf considera-o um dos típicos “pontos cegos de ligação” do Terceiro Reich com a República de Bonn, “os quais foram e permanecerão sendo um paradoxo da jovem república”, escreve o historiador alemão (Idem, p. 151).

Por outro lado, foi mérito de Nauck garantir a existência do *Tropeninstitut*, quando ela novamente foi posta em cheque depois da Segunda Guerra. Ele gozava de considerável reputação internacional e entre as autoridades de Hamburgo. Talvez por conta disso, tenha conseguido, já em fevereiro de 1949, pôr em funcionamento um microscópio eletrônico, e obter uma ultracentrífuga super moderna para o novo departamento de virologia, campo no qual ele próprio ganharia destaque. Ele informou ao diretor do Biológico que a reforma monetária introduzida em 1948 havia favorecido bastante o andamento dos trabalhos de reconstrução, que agora assumiam ritmo bem mais acelerado.¹³⁶⁶

De acordo com Walter Büngeler, que morava em Kiel, as condições em Hamburgo eram desesperadoras. Ele escreveu a Rocha Lima antes da reforma monetária. A fome grassava ali de forma muito pior que na cidade vizinha. A Universidade de Hamburgo – informou ao colega brasileiro – havia sido muito mais afetada pelas demissões do que qualquer outra da zona britânica. A Faculdade de Medicina estava praticamente morta, pois

¹³⁶⁵ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 10.03.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁶⁶ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 10.02.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

muitos de seus nomes mais ilustres haviam sido demitidos em decorrência do processo de desnazificação.¹³⁶⁷

Munk foi até Hamburgo depois de abolido o bloqueio de Berlim, em maio de 1949,. Ficou impressionado com a força com a qual a cidade havia voltado à vida. “Não acreditei que algo assim fosse realmente possível, sendo eu um habitante da cidade de Berlim, tão despovoada” escreveu a Rocha Lima.¹³⁶⁸ Nauck mostrou-lhe os trabalhos de reconstrução do Instituto Tropical. Segundo o médico berlinense, as salas estavam bastante queimadas e sem teto. Muitos departamentos já estavam novamente ocupados com pessoas jovens que trabalhavam em pequenas repartições das divisões hospitalares que ainda restavam.¹³⁶⁹

Em 1950, o Instituto de Hamburgo completaria 50 anos. Estava prevista uma grande festa para comemorar o jubileu, ocasião na qual ocorreria um congresso da Sociedade de Higiene e Microbiologia. Nauck convidou Rocha Lima para tomar parte nas festividades,¹³⁷⁰ o qual já estava inclinado a voltar à Alemanha para visitar os amigos depois da hecatombe da Guerra. Munk ficou entusiasmado com a hipótese de rever o amigo. Escreveu que poderia conseguir ajuda de custos para sua estadia em Hamburgo, através da indústria. Em Berlim ele também não teria despesas.¹³⁷¹ Também informado da possível viagem de Rocha Lima, Büngeler escreveu-lhe pedindo detalhes de seus planos para preparar melhor o terreno. Tranquilizou o brasileiro sobre as tensões políticas, afirmando que se falava mais de Guerra fora da Alemanha, do que ali mesmo. E depois da último conflito nada mais os abalava. O medo de que estourasse uma nova guerra não deveria ser motivo para adiar a viagem.¹³⁷²

As festividades do *Tropeninstitute* o congresso da Sociedade de Higiene estavam previstos para acontecer em setembro de 1950. Os trabalhos de reconstrução haviam sido acelerados para estarem já bastante adiantados, senão prontos, na data das comemorações. Em

¹³⁶⁷ Carta de Walter Büngeler a Rocha Lima de 12.05.1947. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁶⁸ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 18.05.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁶⁹ *Idem*

¹³⁷⁰ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 10.02.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁷¹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 08.06.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁷² Carta de Walter Büngeler a Rocha Lima de 24.06.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

abril de 1950, Nauck reforçou o convite a Rocha Lima. Como estratégia para fortalecer as relações internacionais do instituto, programara a máxima participação possível de estrangeiros. Solicitou a Rocha Lima sugestão de nomes de brasileiros apropriados para serem convidados para o evento.¹³⁷³ Em junho, este escreveu a Nauck, que dificuldades impediam-no de aceitar o convite, mas que gostaria imensamente de participar das comemorações. Como um meio de superar tais dificuldades, de ordem financeira (nesse mesmo ano ele havia mudado de endereço pelo mesmo motivo e seus vencimentos desde a aposentadoria em 1949 haviam caído bastante)¹³⁷⁴ pediu que Nauck se dirigisse ao Itamaraty, convidando-o na qualidade de representante oficial do Brasil no jubileu de 50 anos do *Tropeninstitut*.¹³⁷⁵ Em 04 de julho, Nauck redigiu tal petição,¹³⁷⁶ mas um mês depois, informou que havia entrado em contato com as autoridades de Bonn e Hamburgo, mas temia que os trâmites não se concluíssem em tempo hábil.¹³⁷⁷ Antes disso, Rocha Lima havia afirmado a Munk que estava receoso de possíveis perturbações políticas decorrentes da Guerra da Coréia, que poderiam comprometer sua viagem de retorno ao Brasil. Temia que o conflito na Coréia de uma hora pra outra influenciasse o transporte marítimo internacional. O pesquisador brasileiro receava uma paralisação dos transportes, obrigando-o a permanecer na Europa sob o risco de rebentar uma guerra em solo europeu. Se as condições políticas melhorassem, arrumaria brevemente as malas e partiria. No pior dos casos, adiaría a viagem para o próximo ano, que foi a decisão que tomou.¹³⁷⁸ Enviou um telegrama ao *Tropeninstitut* parabenizando pelo jubileu e lamentando a ausência.¹³⁷⁹

Antes mesmo das festividades em Hamburgo, Rocha Lima e Nauck tiveram oportunidade de se encontrar novamente, mas no Brasil. Em agosto de 1950, ocorreu no Rio

¹³⁷³ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 03.04.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁷⁴ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 18.06.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁷⁵ Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 23.06.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁷⁶ Carta de Ernst Nauck ao Ministério das Relações Exteriores de 04.07.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁷⁷ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 03.08.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁷⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.06.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹³⁷⁹ Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 28.09.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

de Janeiro e Petrópolis, o Congresso Internacional de Microbiologia. Os alemães receberam convite para participar do certame, o que não acontecia desde 1939. Na reunião que ocorreu em Copenhague, em 1947, a participação deles não fora requisitada, medida de boicote muito semelhante àquelas tomadas depois da Primeira Guerra. O convite para o congresso do Rio partiu do diretor do Instituto Oswaldo Cruz e presidente do Congresso, Olympio da Fonseca Filho. O mesmo fora dirigido à Sociedade Alemã de Higiene e Microbiologia, cujo presidente, Theodoro J. Bürgers, designou Nauck para presidir a delegação. Não é improvável que a sugestão de convidar os alemães tenha partido de Rocha Lima. Ele era vice-presidente do grupo brasileiro que representava a Associação Internacional de Microbiologia, que promovia o congresso. O presidente era Henrique Aragão, seu amigo.

O convite era particularmente atraente, porque previa o pagamento da passagem de ida e volta para os congressistas, ficando somente a estadia a cargo deles. Walther Kikuth, que então presidia a Sociedade Alemã de Microscopia, mobilizou Paul Regendanz, que vivia no Brasil, para que ele confirmasse as condições do convite com Olympio da Fonseca. Este comprovou o pagamento das passagens para 4 membros da delegação alemã.¹³⁸⁰ Para Ernst Nauck, nomeado chefe da comitiva alemã, Fonseca dispôs passagem aérea.¹³⁸¹ Ele havia feito essa exigência para aceitar a tarefa, porque teria de retornar logo para os preparativos do jubileu do *Tropeninstitut*.¹³⁸²

Em abril, Bürgers informou a Olympio da Fonseca, que devido às difíceis condições financeiras em que se encontrava o governo alemão, não sabia se o apoio à viagem ao Brasil seria possível. Poucos estariam em condições de arcar com os custos a partir do próprio bolso. Se a organização do congresso disponibilizava 4 passagens, era bem provável que apenas 4 pesquisadores participariam da reunião.¹³⁸³ Nauck tentou conseguir recursos com a Sociedade de Auxílio à Ciência Alemã (*Notgemeinschaft der deutschen Wissenschaft*), mas

¹³⁸⁰ StAHH 352 – 8/9 1-133. Carta de Paul Regendanz a Walther Kikuth de 21.02.1950.

¹³⁸¹ StAHH 352 – 8/9 1-133. Carta de Olympio da Fonseca a Ernst Nauck de 20.05.1950.

¹³⁸² StAHH 352 – 8/9 1-133. Carta de Bürgers a Ernst Nauck de 10.03.1950 e de Ernst Nauck a Bürgers de 26.03.1950.

¹³⁸³ StAHH 352 – 8/9 1-133. Carta de Bürgers a Olympio da Fonseca de 05.04.1950.

não teve sucesso.¹³⁸⁴Também solicitou auxílio de 600 marcos para Hans von Heppe, responsável pelo departamento de ensino superior da cidade de Hamburgo. Nauck assegurou que a participação no congresso seria uma oportunidade de retomar as relações amigáveis com círculos internacionais, principalmente com os brasileiros. Elas eram de interesse não apenas do *Tropeninstitut*, como também da Universidade de Hamburgo, na qual era catedrático de medicina tropical.¹³⁸⁵Nauck, Kikuth e Bürgers definiram, então, os nomes que consideraram adequados para tomar parte no certame. Para Kikuth a participação de Adolf Butenandtera fundamental, pois embora não pertencesse à Sociedade de Microbiologia, era ganhador do Nobel (1939, por ter isolado os hormônios sexuais testosterona, estrogênio e progesterona), bom orador e o único que tinha algo de novo a oferecer no campo das pesquisas bioquímicas sobre vírus.¹³⁸⁶Gerhard Herzberg, por sua vez, talvez não participasse, pois representava a República Democrática Alemã e sua saída do país poderia não ser permitida pelas autoridades da parte oriental.¹³⁸⁷

A delegação alemã ficou, por fim, composta de nove pessoas: além de Nauck, Kikuth, diretor do Instituto de Higiene de Düsseldorf e catedrático de higiene da Academia de Medicina de lá; Hermann Dold, diretor do Instituto de Higiene de Freiburg, e também professor da mesma especialidade na universidade; Hans Schlossberg, diretor do Instituto de Higiene de Frankfurt e também professor; Wagener, diretor do Instituto de Higiene da Escola Superior de Veterinária de Hannover, Henneberg, vice-presidente do Instituto Robert Koch, e Adolf Butenandt, diretor do Instituto Max Plank de Bioquímica em Tübingen.¹³⁸⁸Graças a facilidades concedidas pela Companhia Panair do Brasil, todos os participantes puderam viajar de avião. A delegação alemã foi uma das primeiras a chegar, o que para Nauck foi uma tremenda vantagem, pois assim puderam estabelecer contato com pesquisadores brasileiros. Seus membros visitaram o Instituto Oswaldo Cruz. Nauck e Kikuth jantaram com um alemão

¹³⁸⁴StAHH 352 – 8/9 1-133. Carta de Ernst Nauck a Bürgers de 25.05.1940.

¹³⁸⁵StAHH. 352 – 8/9 1-133. Carta de Ernst Nauck a Hansestadt Hamburg Hochschulabteilung von Heppe de 06.07.1950.

¹³⁸⁶StAHH 352 – 8/9 1-133Carta de Walther Kikuth a Bürgers e Nauck de 06.03.1950.

¹³⁸⁷StAHH 352 – 8/9 1-133Carta de Bürgers a Ernst Nauck de 10.03.1950.

¹³⁸⁸StAHH 352 – 8/9 1-133 RBericht über Teilnahme am V. Internationalen Kongress für Mikrobiologie in Rio de Janeiro vom 17.8- 24.8. 1950.

há muito estabelecido no Brasil, Stauff, que tinha interesse na questão da imigração, do qual participaram o embaixador alemão recém-restabelecido, Spieker, o embaixador italiano e o diretor inglês do Comitê de Refugiados. Antes do início do Congresso Nauck também fez contatos com alguns brasileiros e teuto-brasileiros que conhecia e representantes de firmas alemãs e ex-alemãs.¹³⁸⁹ Infelizmente não detalha quais firmas eram essas, mas com toda probabilidade eram ligadas à área médico-farmacêutica. Foi graças a uma delas – a Schering, que tinha extremo interesse por alguns membros da delegação, sobretudo por Butenandt -, que os alemães puderam desfrutar da estadia com mais tranquilidade. A Schering arcou com os custos de estadia de todos eles no Rio de Janeiro e em Petrópolis, onde ficaram hospedados no Hotel Quitandinha. Eles estavam com pouco dinheiro e sem a ajuda da Schering – esclarece Nauck – a situação dos alemães seria “catastrófica: eles passariam por dificuldades para os consideráveis custos adicionais, como transporte, por exemplo.”¹³⁹⁰

A abertura do congresso foi no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A delegação alemã foi recebida, assim como as outras, pelo presidente da República no Palácio do Catete. O Congresso propriamente dito ocorreu no Quitandinha, em Petrópolis. Nauck ressalta que ele e os demais membros da delegação foram recebidos de forma muito atenciosa e respeitosa por parte dos colegas, principalmente de Olympio da Fonseca. Considerou uma grande vantagem o fato da re-acolhida dos alemães à Associação Internacional de Microbiologia ocorrer no Brasil, “onde os habitantes sabidamente manifestam simpatia ao povo alemão.”¹³⁹¹ A língua alemã pôde ser utilizada livremente, e inclusive foi o idioma na qual Kaufmann, de Copenhague, proferiu sua palestra. Mas as discussões das quais participaram os alemães foram dirigidas, na maior parte das vezes, em inglês ou francês. Os próprios alemães não foram nomeados para dar nenhuma palestra ou exposição oral. Nauck afirma ter notado no início uma certa resistência em relação à delegação alemã por parte dos demais congressistas, mas ao final, ela havia cedido lugar a contatos amigáveis. Não registrou nenhum ato de

¹³⁸⁹StAHH 352 – 8/9 1-133. Carta de Nauck ao Professor Bürgers de 01.09.1950.

¹³⁹⁰*Idem.* StAHH352 – 8/9 1-133 Bericht des V. Internationalen Kongress für Mikrobiologie in Rio de Janeiro an den Präsident Professor Dr. Harms mit der Bitte um Kenntnisnahme und Weiterleitung na Herrn Stadtrat Dr. Conrad, Magistrat von Gross Berlin, Landesgesundheitsamt.

¹³⁹¹*Idem.*

hostilidade aberta.¹³⁹² O fato de Nauck sublinhar esse aspecto denota que ele, e possivelmente os demais alemães, esperavam certa indisposição por parte dos estrangeiros, pois sabiam da desconfiança que havia em relação à Alemanha depois da Guerra.

No final do Congresso, Nauck foi convidado junto com chefes de outras delegações para compor a mesa do presidente. Aproveitou a ocasião para ler um discurso de agradecimento em nome da comitiva alemã, que começou em alemão, mas concluiu em português.¹³⁹³ No relatório entregue às autoridades de Hamburgo e Bonn, Nauck afirmou que, enquanto as gerações mais velhas foram influenciadas pela França e Alemanha, as mais novas apresentavam forte inclinação norte-americana. Mas ficou com a impressão de que permanecia o desejo de restabelecer as relações com a Alemanha e de se informar sobre o estado das pesquisas lá desenvolvidas.¹³⁹⁴ O texto, que reunia um resumo das atividades desenvolvidas pelos principais institutos alemães de pesquisa médica desde 1945, foi entregue a Olympio da Fonseca. Ele seria publicado num memorial do congresso. Relatórios sobre o evento foram enviados por Nauck para o *Deutsche Medizinische Wochenschrift* e o *Zentralblatt für Bakteriologie*.¹³⁹⁵

Depois de terminado o Congresso, a delegação alemã dirigiu-se para São Paulo, onde foi recebida nos institutos Butantan e Biológico. Rocha Lima ofereceu um jantar para seus membros em sua casa. Em 24 de agosto, eles partiram de volta à Alemanha. Nauck apresentou relatório da visita ao *Auswärtiges Amt*, e ao diretor do departamento de ensino superior de Hamburgo, que havia lhe concedido auxílio para a viagem. No relatório, Nauck ressaltou a necessidade de apoio para o fortalecimento das relações com a comunidade médica brasileira, destacando a importância delas para o *Tropeninstitut*. Nesse sentido, deu ênfase ao papel que Rocha Lima havia desempenhado para a aproximação com o Brasil. Sugeriu que o intercâmbio de professores e alunos devidamente escolhidos consistia

¹³⁹²StAHH. 352 – 8/9 1-133. Bericht über Teilnahme am V. Internationalen Kongress für Mikrobiologie in Rio de Janeiro vom 17.8- 24.8. 1950 e Carta de Nauck a Professor Bürgers de 01.09.1950.

¹³⁹³StAHH. 352 – 8/9 1-133. Carta de Nauck ao Professor Bürgers de 01.09.1950.

¹³⁹⁴StAHH. 352 – 8/9 1-133. R.Bericht über Teilnahme am V. Internationalen Kongress für Mikrobiologie in Rio de Janeiro vom 17.8- 24.8. 1950.

¹³⁹⁵StAHH. 352 – 8/9 1-133. Nauck an Regierungsdirektor von Heppe, Hochschulabteilung 14.09.1950

num aspecto particularmente importante para as relações culturais entre os dois países.¹³⁹⁶ Ao diretor da Sociedade Alemã de Higiene e Microbiologia, Nauck afirmou que a participação da delegação alemã no Congresso de Microbiologia trouxe satisfação aos demais presentes. E concluiu: “Em suma poderemos ficar satisfeitos com o decurso e os resultados do congresso, certos de que nós, não apenas somos admitidos e tolerados em tais certames internacionais, como também desejados”.¹³⁹⁷

Quem também participou do Congresso no Rio foi Martin Mayer, não na qualidade de alemão, mas como membro da delegação venezuelana. Segundo carta de Nauck, que o visitara na Venezuela em viagem de retorno da Costa Rica, o ex-colaborador do *Tropeninstitut* não queria mais saber de nada relacionado à Alemanha. Nauck informa que ele negou categoricamente o convite para participar das festividades do jubileu do Instituto e para ser distinguido como membro de honra da Sociedade Alemã de Microbiologia. Parecia impossível que mudasse de idéia.¹³⁹⁸ Depois de participar do Congresso, Mayer passou 15 dias com Rocha Lima em São Paulo. No Instituto Pinheiros, no qual nosso personagem havia recém-assumido a direção científica, proferiu palestra sobre o tratamento das bartonelas com antibióticos.¹³⁹⁹

Em carta a Munk, Rocha Lima disse ter sido uma grande alegria co-habitar o Hotel Quitandinha por 10 dias com 15 pesquisadores alemães e suíços. Estava satisfeito em rever Nauck, Mayer e Butenandt e mostrou-se vivamente impressionado com Hermann Mooser, o renomado pesquisador no campo das riquetsias (vide capítulo 3).

6.5. A última viagem de Rocha Lima à Alemanha (1952)

A viagem que teve de adiar em 1950, devido às condições políticas e financeiras, Rocha Lima realizou dois anos depois. Ele havia sido nomeado, em 1951, doutor honorário pela Faculdade de Medicina de Hamburgo, por sugestão de Nauck, que era decano desta..

¹³⁹⁶ *Idem.*

¹³⁹⁷ StAHH. 352 – 8/9 1-133. Carta de Nauck ao Professor Bürgers de 01.09.1950.

¹³⁹⁸ StAHH. 352 – 8/9 1-133. Carta de Ernst Nauck a Walther Kikuth de 23.02.1950.

¹³⁹⁹ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 18.06.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

“Acredito que além do reconhecimento de suas realizações científicas, [a nomeação] é a liquidação de uma dívida de gratidão pelos méritos que o senhor adquiriu durante sua atividade na Alemanha, e pelo *Tropeninstitut*”, escreveu em carta de congratulações.¹⁴⁰⁰ Somente um ano depois Rocha Lima foi à Alemanha receber o prêmio.

Em sessão de 15 de abril de 1951 do recém-criado Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) foi decidida a liberação de 50 mil cruzeiros para a viagem de Rocha Lima, em virtude “da excelência de suas contribuições científicas no campo das ciências biológicas”, ressaltou o presidente da agência, o contra-almirante Álvaro Alberto da Motta e Silva.¹⁴⁰¹

A imprensa alemã noticiou a distinção de Rocha Lima com a honraria. O *Hamburger Abendblatt* noticiou sobre o brasileiro: “Ele ergueu-se da lista de mortos: famoso médico e pesquisador brasileiro em Hamburgo.” O jornal estampou uma abrangente biografia de Rocha Lima, enfatizando suas pesquisas sobre o tifo e o fato de ter sobrevivido à doença, daí o título da matéria. Citou as homenagens com as quais o pesquisador havia sido distinguido – a Medalha Nocht e a Cruz de Ferro – mas não fez qualquer referência à Ordem da Águia.¹⁴⁰²

Nauck acertou com Rocha Lima todo o programa da viagem.¹⁴⁰³ Primeiro, ele passou uns dias em Paris depois em Zurique e Munique. Em seguida, dirigiu-se a Hamburgo, onde participou em 12 de novembro de cerimônia na Universidade. No dia seguinte, visitou Börstel, local no qual morava Spaethe, seu amigo desde os tempos da Primeira Guerra. Lá, apresentou palestra no Instituto de Pesquisas em Tuberculose, dirigido por Enno Freerksen. Em 14 de novembro, visitou o reitor da Universidade de Hamburgo e o responsável pela saúde pública da cidade hanseática. No *Tropeninstitut* proferiu palestra sobre a febre amarela e no Hospital Eppendorf, ligado à Faculdade de Medicina da Universidade, tratou das

¹⁴⁰⁰ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 03.12.1951. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁰¹ Carta de Álvaro Alberto a Rocha Lima de 06.05.1952. Fundo Rocha Lima, CMIBSP. Sobre a criação do CNPq e seu papel no desenvolvimento da política científica no Brasil ver Forjaz, 1988; Motoyama & Victor, 1996.

¹⁴⁰² StAHH 352-8/9-21. *Hamburger Abendblatt*, 1952.

¹⁴⁰³ Cartas de Ernst Nauck a Rocha Lima de 08.08.1952 e de 29.10.1952. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

pesquisas sobre o tifo exantemático.¹⁴⁰⁴ O pesquisador brasileiro também esteve em Kiel, onde Walter Büngeler dirigia o Instituto de Patologia. Em carta de agradecimento, Büngeler afirmou que o colega havia deixado excelente impressão não só entre os demais colaboradores do seu Instituto, como também entre os seus alunos.¹⁴⁰⁵

Nauck também acertou visita de Rocha Lima à Bayer, conforme comunicou em carta.¹⁴⁰⁶ O brasileiro visitou as instalações da indústria em Leverkusen.¹⁴⁰⁷ Ficou em aberto se ele iria até Berlim. O principal motivo da sua ida, encontrar com o amigo Munk, não estava mais em questão, pois este havia falecido há um ano. O tão planejado reencontro não ocorreu, mas a esposa de Munk dispôs-se a encontrar Rocha Lima em Hamburgo.¹⁴⁰⁸

Rocha Lima esteve ainda na Baviera, para onde fora convidado, em novembro de 1951, para dar palestras em sua especialidade, em três universidades da região: Munique, Erlangen e Würzburg.¹⁴⁰⁹ Os custos foram arcados pelo governo bávaro. Ele abordou as pesquisas sobre riquetsias, verruga peruana e febre amarela, pelas quais recebeu 500 marcos.¹⁴¹⁰ Depois da Alemanha, visitou Estocolmo.

Já no Brasil, Rocha Lima destacou que, apesar dos “profundos abalos sofridos pela Europa no decorrer dessa desastrosa Guerra”, encontrou, no campo da ciência, bem menos destruições do que divulgava a propaganda política. Alguns dos grandes centros de atividades haviam se deslocado, outros haviam parado de funcionar temporariamente, mas a maioria se reerguera rapidamente, relatou. O bom nível científico – prosseguiu no seu relato – era mantido pelos institutos que não haviam sido muito afetados. Disse estar vivamente impressionado “pelo sucesso crescente das energias reconstrutoras em vibrante atividade.”

¹⁴⁰⁴ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 29.10.1952. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁰⁵ Carta de Walter Büngeler a Rocha Lima de 24.11.1952 e de 03.01.1953. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁰⁶ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 08.08.1952. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁰⁷ Carta da Farbenfabriken Bayer a Rocha Lima de 29.04.1954. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁰⁸ Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 22.10.1952. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁰⁹ Carta de Hans Rheinfelder a Rocha Lima de 29.11.1951. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴¹⁰ Carta de Hans Rheinfelder a Rocha Lima de 02.03.1952. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

“Voltamos sem qualquer impressão de declínio e desânimo”, comentou (Rocha Lima 1953 *apud* Rebouças 2009, p. 131).

6.6. Rocha Lima, a medalha Nocht e a viagem de Nauck ao Brasil (1954)

Na carta de agradecimentos a Rocha Lima, Nauck manifestou o desejo de que ele retornasse a Hamburgo para uma estadia mais longa da próxima vez. Prometeu ainda, que continuaria se engajando no intercâmbio intelectual com o Brasil. Em conversas com o brasileiro, o diretor do *Tropeninstut* pediu sugestões de nomes que achava apropriados para serem distinguidos com a medalha Nocht.¹⁴¹¹ Cerca de um ano depois, Rocha Lima reforçou a sugestão, feita anteriormente, do nome de Mario Pinotti, que à época se dedicava com grande sucesso na direção contra a campanha antimalárica no Brasil. Ele falou com grande entusiasmo do trabalho de Pinotti, o qual Nauck tinha que conhecer.¹⁴¹² A oportunidade

¹⁴¹¹StAHH352 – 8/9 Sign. 1a 23 Band 1 1-1 Nr. 1-137. Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 12.01.1953.

¹⁴¹²StAHH352 – 8/9 Sign. 1a 23 Band 1 1-1 Nr. 1-137. Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 22.01.1954. Mário Pinotti nasceu em Brotas, interior de São Paulo, em 21 de janeiro de 1894. Formou-se na Escola de Farmácia de Ouro Preto, em 1914 e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1918. Em 1919, começou a atuar como inspetor sanitário rural do Departamento Nacional de Saúde Pública, em 1922 tornou-se prefeito de Nova Iguaçu e entre 1928 e 1931, trabalhou na campanha contra a febre amarela. Em 1936 tornou-se diretor-assistente do Serviço Nacional de Febre Amarela, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde durante a gestão Capanema e, no ano seguinte, inspetor dos Serviços Especiais do Departamento Nacional de Saúde. Foi diretor do Departamento de Saúde do estado do Rio de Janeiro entre 1938 e 1941, ano em que assumiu o Serviço Nacional de Peste. Um ano depois, encarregou-se da direção do Serviço Nacional de Malária, no qual permaneceu até 1954. Em 1945 foi designado diretor do Departamento Nacional de Saúde. Foi nomeado ministro da saúde por Getúlio Vargas em seu segundo governo, mas com o suicídio deste e a posse de João Café Filho, foi substituído. Tornou-se diretor do Departamento Nacional de Endemias Rurais em 1956 e entre 1957 e 1959 foi presidente da Legião Brasileira de Assistência. Assumiu o Ministério da Saúde do governo Juscelino Kubitschek, em 1958, substituindo Maurício Medeiros. Foi afastado do cargo, em 1960, por questões políticas. Morreu em 1972. (“Mário Pinotti”, In *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001) Pinotti destacou-se, entre outras coisas, pelo desenvolvimento de um método de profilaxia da malária, baseado na adição do anti-malárico sintético, cloroquina, ao sal. Sobre esse método e sua atuação no combate a essa doença ver Silva & Hochman, 2011. Sobre sua atuação na política de saúde do governo Juscelino Kubitschek, ver Silva, 2008. (“Mário Pinotti”, In *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001)

ocorreria quando ele viesse ao Brasil, em viagem sugerida por Rocha Lima. Em janeiro de 1954, este foi ao Rio de Janeiro para tomar os primeiros passos no sentido de obter um convite oficial por parte do governo brasileiro. Também apontou o nome de Kikuth para tomar parte na viagem. Esta seria uma ocasião particularmente apropriada para Nauck divulgar as pesquisas de Hans Vogel sobre imunização contra a esquistossome. Naquele momento, as autoridades brasileiras ocupavam-se com essa doença.¹⁴¹³ Em princípio, Nauck respondeu que talvez a viagem devesse ser adiada. Seu interesse seria “conhecer as atividades dos institutos científicos e os avanços no terreno da higiene prática e do combate de epidemias.” As doenças que pretendia estudar mais de perto seriam malária, doença de chagas, esquistossomose, ancilostomíase e profilaxia da febre amarela.¹⁴¹⁴

Rocha Lima encarregou-se de toda a programação da viagem. Por fim, viria somente Nauck, pois Kikuth informou que, pelos próximos dois anos, não poderia deixar a Alemanha por motivos profissionais.¹⁴¹⁵ Destacou que limitaria ao máximo o número de conferências para que Nauck pudesse passar mais tempo com os pesquisadores e higienistas.¹⁴¹⁶ Depois de Rocha Lima articular com as autoridades do Itamaraty e a reitoria da Universidade de São Paulo, o diretor do Instituto de Hamburgo recebeu o convite do governo brasileiro. Ele deveria permanecer por pelo menos um mês no país, tendo oportunidade de visitar institutos científicos de São Paulo, Rio de Janeiro e demais cidades que viessem a lhe interessar. O governo oferecia passagens de ida e volta e a USP arcaria com os custos de estadia.¹⁴¹⁷

Por sugestão de Rocha Lima, a viagem foi marcada para setembro de 1954. Em abril Nauck dirigiu às autoridades de saúde de Hamburgo para pedir afastamento. Justificou que o contato com círculos científicos brasileiros eram do interesse do *Tropeninstitut*.¹⁴¹⁸ Agora que

¹⁴¹³ StAHH 352 – 8/9 4c Nr. 1-137 Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 22.01.1954

¹⁴¹⁴ StAHH 352 – 8/9 4c Nr. 1-137 Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 16.02.1954.

¹⁴¹⁵ StAHH 352 – 8/9 4c Nr. 1-137 Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 18.03.1954.

¹⁴¹⁶ StAHH 352 – 8/9 4c Nr. 1-137 Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 26.02.1954.

¹⁴¹⁷ StAHH 352 – 8/9 4c Nr. 1-137 Ofício do Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil n. 325 de 19.03.1954.

¹⁴¹⁸ StAHH. 352 – 8/9 4c Nr. 1-137 Carta de Nauck às autoridades de saúde de Hamburgo de 23.04.1954.

a viagem estava garantida do ponto de vista oficial, Nauck voltou a tratar da concessão da medalha Nocht. Queria de qualquer maneira aproveitar a ocasião para distinguir um brasileiro. Entrou em contato com Robert Koch, que dirigia uma fábrica alemã de anilinas no Rio de Janeiro e aparentemente tinha bom conhecimento dos círculos científicos locais. Devido à amabilidade com que Olympio da Fonseca havia tratado a delegação alemã durante o Congresso de Microbiologia de 1950, Nauck achou adequado recompensá-lo com a distinção. Rocha Lima o desaconselhou: o prestígio e desempenho científicos do diretor de Manguinhos eram controversos, justificou. Em seu lugar, havia sugerido o nome de Pinotti.¹⁴¹⁹ Nauck queria uma segunda opinião sobre o assunto. A posição de Koch coincidiu com a de Rocha Lima. Segundo ele, a direção de Olympio da Fonseca no Instituto Oswaldo Cruz estava causando conflitos – os funcionários não recebiam há vários meses. Koch estava de acordo com a sugestão de Rocha Lima. Pinotti – justificou – havia conseguido realizar campanha contra a malária análoga à de Oswaldo Cruz contra a febre amarela. Além disso, ele se dedicava ao combate da doença de Chagas e da esquistossomose: “Ele é reconhecidamente o homem número um do serviço de saúde pública no Brasil. Administra seu setor com força e inteligência e entende que nem sempre é fácil coordenar a colaboração dos serviços federais e estaduais de saúde.” Não haveria opção melhor.¹⁴²⁰ Além de Pinotti, Koch sugeriu o nome de Pirajá da Silva. Este receberia a medalha na Bahia, sua terra natal e Pinotti, durante o Congresso Brasileiro de Higiene, que ocorreria no final de outubro e no qual seria presidente.¹⁴²¹

Rocha Lima aprovou a sugestão de distinguir Pirajá da Silva. Achava, porém, que ele e Pinotti deveriam receber as medalhas em ocasiões diferentes, para reforçar o caráter da distinção e seu efeito sobre os condecorados. Nauck deveria premiar primeiro Pinotti, no Rio, e cerca de duas semanas depois, Pirajá da Silva, em São Paulo.¹⁴²² Além de Rio e São Paulo, Rocha Lima propôs que Nauck visitasse outras capitais do Brasil, sugestão que foi acatada

¹⁴¹⁹ StAHH 352 – 8/9. 4c. Nr. 1-137. Carta de Ernst Nauck a Robert Koch de 25.05.1954.

¹⁴²⁰ StAHH 352 – 8/9. 4c. Nr. 1-137. Carta de Robert Koch a Ernst Nauck de 11.06.1954.

¹⁴²¹ *Idem.*

¹⁴²² StAHH 352 – 8/9. 4c. Nr. 1-137. Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 15.07.1954.

pelo diretor do *Tropeninstitut*.¹⁴²³ O alemão recebeu convite de José Falcão, do Instituto de Patologia da Bahia, para visitar esse estado. Em relação aos assuntos que deveriam ser tratados, Rocha Lima registrou o grande interesse que havia sobre bartonelas, riquetsias e o trabalho de Vogel sobre esquistossome.¹⁴²⁴ Na Faculdade de Medicina de São Paulo, para a qual recebera convite do “jovem catedrático de microbiologia”, Carlos Lacaz, considerou apropriado tratar da toxoplasmose.¹⁴²⁵ As palestras deveriam ser proferidas em espanhol, idioma que o alemão dominava, mas nas conversas diretas com os médicos brasileiros recomendou que procurasse ao máximo “adaptar” o idioma ao português.¹⁴²⁶ Sugeriu ainda que o diretor do *Tropeninstitut* visitasse Ribeirão Preto, onde Zeferino Vaz, ex-colaborador do Instituto Biológico, havia organizado uma escola de medicina. Propôs ainda que ele proferisse uma palestra em alemão, no Instituto Biológico, sobre a reconstrução e as atividades do Instituto de Medicina Tropical e os trabalhos de reerguimento da cidade de Hamburgo. Para isso, deveria trazer fotos e filmes que apontassem “os efeitos da fúria de destruição dos inimigos da Alemanha”. Garantiu que a disposição em relação ao país havia mudado bastante.¹⁴²⁷

No Rio de Janeiro, Pinotti fez questão de assumir os preparativos da visita de Nauck, certamente como forma de reconhecimento à distinção com a medalha Nocht. Através de Aragão, Rocha Lima soube que a notícia havia lhe causado “grande alegria”. A Pirajá da Silva ainda não havia comunicado nada, “para não diminuir os efeitos sobre Pinotti”, justificou.¹⁴²⁸

Nauck chegou no Rio de Janeiro em 3 de setembro de 1954. Foi recebido por médicos brasileiros e alemães, entre os quais Mário Pinotti, membros do Instituto Oswaldo Cruz e representantes da indústria químico-farmacêutica. Mas logodirigiu-se para São Paulo, onde Rocha Lima o recepcionou ao lado do cônsul geral da Alemanha. Na capital paulista, fez

¹⁴²³StAHH 352 – 8/9. 4c.Nr. 1-137. Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 11.06.1954 e de Ernst Nauck a Rocha Lima de 25.06.1954.

¹⁴²⁴StAHH 352 – 8/9. 4c.Nr. 1-137. Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 05.08.1954.

¹⁴²⁵StAHH 352 – 8/9. 4c. Nr. 1-137. Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 19.07.1954.

¹⁴²⁶StAHH 352 – 8/9. 4c. Nr. 1-137. Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 05.08.1954.

¹⁴²⁷StAAHH 352 – 8/9. 4c. Nr. 1-137. Carta de Rocha Lima a Nauck de 15.07.1954.

¹⁴²⁸StAAHH 352 – 8/9. 4c. Nr. 1-137. Carta de Rocha Lima a Nauck de 16.08.1954.

visitas oficiais ao reitor da Universidade de São Paulo, José de Mello Moraes, ao decano da Faculdade de Medicina, ao diretor do Hospital de Doenças Tropicais, João Alves Meira, e ao diretor do Instituto de Parasitologia, Samuel Pessoa. No Biológico, Nauck foi recebido pelo sucessor de Rocha Lima, Hélio Lepage, e no Butantan por Afrânio do Amaral. Rocha Lima organizou uma recepção ao diretor do *Tropeninstitut*, da qual participaram representantes da comunidade médico-científica, da colônia alemã e do consulado. Passaram o domingo na casa que Rocha Lima tinha no Guarujá.

Em 9 de setembro, Nauck foi ao Rio em companhia de Rocha Lima. Novamente foi recebido por comitiva oficial, composta pelo ministro da Saúde, Aramis Athayde, por Mário Pinotti e outros representantes de institutos científicos. Visitou o Ministério da Saúde e durante a noite participou de sessão solene da Academia Nacional de Medicina, na qual proferiu discurso de agradecimentos e que contou com a presença dos representantes da embaixada alemã. Nessa ocasião, entregou a Mário Pinotti a Medalha Nocht. Ainda no Rio, esteve em Manguinhos, no Instituto de Malariologia e nas sedes do Serviço Nacional de Luta contra a Malária, a Peste, e a Febre Amarela. Na Sociedade de Higiene, apresentou conferência sobre os trabalhos de Hans Vogel concernentes à imunidade na esquistossomose. Nauck foi ainda nomeado sócio honorário da Academia Médica Militar. Na despedida do Rio, foi-lhe oferecido um banquete em sua homenagem, organizado pelo ministro da Saúde.¹⁴²⁹

Depois de uma semana no Rio, Nauck retornou a São Paulo, onde ficou por mais oito dias. Nesse período, proferiu palestra sobre vírus no Instituto de Microbiologia, e apresentou à colônia alemã conferência sobre a reconstrução de Hamburgo e do *Tropeninstitut*, ocasião na qual exibiu o filme “*Hamburg bautauf*” (algo como “Hamburgo constrói”). No Instituto Biológico, tratou das riquetsioses e, novamente, das pesquisas em virologia. De São Paulo, Nauck partiu para Belo Horizonte, onde permaneceu por apenas dois dias. Esteve no Hospital de Doenças Tropicais, dirigido por Amilcar Vianna Martins, na Faculdade de Medicina local e foi também recebido pelo cônsul da Alemanha na capital mineira, Meyer-Labastille. Lá também tratou da esquistossomose, doença que grassava endemicamente em algumas regiões próximas.¹⁴³⁰

¹⁴²⁹Nauck, E. Relatório de uma viagem de estudos ao Brasil 1954, Datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴³⁰*Idem.*

Em Salvador, Nauck ficou por cinco dias. Visitou a Faculdade de Medicina, o Hospital Santa Isabel e o Instituto Patológico fundado por José Falcão, e vazado nos moldes do Instituto de Tuberculose criado por Ludolph Brauer, em Hamburgo. Esteve também na Fundação Gonçalo Moniz. De Salvador retornou a São Paulo, e dali foi para Ribeirão Preto, cidade na qual estava sendo construída a nova Faculdade de Medicina, ligada à Universidade de São Paulo e dirigida por Zeverino Vaz. Ali trabalhava, há pouco tempo, o vienense Fritz Köberle, cuja contratação havia sido intermediada por Rocha Lima, conforme veremos mais adiante.¹⁴³¹ Em 07 de outubro, Nauck tomou de volta o avião que o levou a Hamburgo.

“O Brasil é um dos países do continente sul-americano nos quais estão ocorrendo grandes mudanças em quase todos os setores da economia e da vida cultural” registrou Nauck no relatório da viagem. O domínio do espanhol facilitou bastante o estabelecimento de contatos pessoais. Igualmente útil foi a assistência de Rocha Lima, com conselhos e esclarecimentos, “que se mostrou mais uma vez um bom amigo da Alemanha e um belo pioneiro das relações teuto-brasileiras”. Expressou admiração pelo estado das ciências e do ensino da medicina. Nauck tratou um por um, dos institutos científicos visitados, perfil de organização e as problemáticas com as quais cada um se ocupava. Ficou especialmente admirado com a organização e abrangência dos serviços de saúde pública contra a malária, febre amarela e peste.¹⁴³²

Nauck afirmou ter notado uma grande simpatia e interesse dos brasileiros em relação à Alemanha, principalmente por Hamburgo e pelo Instituto de Medicina Tropical. Registrou que eles admiravam-se com a rapidez em que o país estava sendo reconstruído e disse haver um interesse genuíno em estreitar as relações, não só do ponto de vista econômico, como também cultural. As possibilidades para isso eram bastante ricas, e a Alemanha não devia deixá-las passar. Hamburgo, em particular, oferecia condições propícias para esse intercâmbio – apontou Nauck – em virtude não só das densas relações comerciais, mas também pelas culturais, fomentadas pelo Instituto Ibero-Americano, pela Universidade e pelo *Tropeninstitut*. As relações com este, em particular, permaneciam bem vivas, o que pode perceber pelo “cordial acolhimento” que recebeu de toda parte. Além disso, professores de Belo Horizonte

¹⁴³¹ Carta de Walter Büngeler a Rocha Lima de 05.01.1953. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴³² Nauck, E. Relatório de uma viagem de estudos ao Brasil em 1954. Datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

manifestaram interesse numa viagem de estudos do professor Hans Vogel, para tratar do problema da imunidade na esquistossomose. O intercâmbio de assistentes foi discutido com Carlos Lacaz e também com o diretor do Hospital de Doenças Tropicais de São Paulo, Sérgio Meira. Para esse intercâmbio, Nauck recomendou o apoio do Departamento Cultural do *Auswärtiges Amt*, da *Deutsche Forschungsgemeinschaft*, das autoridades de Saúde Pública de Hamburgo e da Sociedade de Amigos do Instituto de Medicina Tropical. O Brasil também colocaria recursos à disposição para esses esforços.¹⁴³³

Como podemos notar, Nauck fez do relatório uma ferramenta para conseguir apoio aos esforços de intercâmbio científico entre o Brasil e a Alemanha. Não só remeteu cópias do mesmo para as autoridades de saúde de Hamburgo, para a *Deutsche Forschungsgemeinschaft* e para o *Auswärtiges Amt*, como deslocou-se a Bonn, para conversar pessoalmente com as autoridades a fim de estudar meios concretos de promover tais relações. Ele mandou cartas de agradecimento ao ministro da saúde do Brasil, à embaixada brasileira em Bonn, aos consulados alemães no Brasil, a Mario Pinotti e outros pesquisadores e autoridades, expressando sua profunda admiração pelo que viu e acompanhou na viagem. Em todos os casos, ressaltou a importância de manter o contato pessoal e promover as relações científicas.¹⁴³⁴ A Rocha Lima, Nauck agradeceu pelo apoio, bons conselhos e solicitude. Afirmou que sem ele a viagem não teria sido tão bem sucedida. Atribuiu a receptividade e o contato caloroso dos colegas à influência que ele tinha entre a comunidade médico-científica brasileira. Agradeceu ainda por ter sugerido a distinção a Mario Pinotti, que considerou uma escolha bastante acertada.¹⁴³⁵

Enquanto Nauck partiu em retorno a Hamburgo, Rocha Lima permaneceu em Ribeirão Preto. Lá, foi recepcionado pelos estudantes de medicina, que deram seu nome ao Centro Acadêmico, o qual permanece até hoje. Comentou que uma escola superior na qual os

¹⁴³³Nauck, E. Relatório de uma viagem de estudos ao Brasil em 1954. Datilografado. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴³⁴StAAHH Cartas de Ernst Nauck a Mário Pinotti de 12.11.1954, a Zeferino Vaz e Fritz Köberle de 05.11.1954, ao Embaixador Brasileiro em Bonn de 12.11.1954, ao Ministro da Saúde Dr. Aramis Athayda de 04.11.1954, ao cônsul geral de São Paulo Krauel de 28.10.1954, ao cônsul geral de Belo Horizonte Meyer-Labastille de 05.11.1954, a Oscar Versiani de 01.11.1954, a Carlos Lacaz de 01.11.1954, a Francisco Laranja de 01.11.1954.

¹⁴³⁵StAAHH Carta de Ernst Nauck a Rocha Lima de 28.10.1954.

professores moravam permanentemente e se dedicavam exclusivamente aos estudantes e à pesquisa era algo novo para o Brasil.¹⁴³⁶

Rocha Lima avaliou que a visita de Nauck foi fixada num período muito curto. Da próxima vez, tentariam determinar seu programa sob aspectos “mais interesseiros”. Mas não haveria uma próxima vez. A visita de Nauck foi praticamente o último capítulo significativo do longo histórico de engajamento de nosso personagem em favor das relações Brasil-Alemanha. Nauck, por sua vez, deu continuidade aos esforços em cultivar as relações do *Tropeninstitut* com o Brasil e demais países do estrangeiro. Graças a esse engajamento, fiel à tradição da instituição, pôde atuar de forma decisiva para que ela rapidamente se reerguesse e voltasse a assumir posição de primeiro plano no cenário científico internacional.

Cumpramos agora analisarmos a atuação de Rocha Lima como diretor do Instituto Biológico desde a viagem à Alemanha, em 1937, até sua aposentadoria, em 1949. Por mais que se engajasse no intercâmbio intelectual com a Alemanha e acompanhasse de perto a situação de lá durante e depois da Guerra, foi em São Paulo que enfrentou os embates cotidianos para manter e consolidar a instituição de pesquisas que dirigia. Estes também perduraram até o final de sua gestão, mas trouxeram efeitos colaterais que acabaram por se mostrar benéficos para as ciências brasileiras, conforme veremos a seguir.

6.7. Rocha Lima no Instituto Biológico de São Paulo: a continuação de uma batalha

Rocha Lima ainda estava em Berlim quando escreveu o texto de abertura do quarto ano da revista *O Biológico* (Rocha Lima, 1938). Esse espaço permaneceria pelos anos seguintes como a tribuna na qual criticou o ambiente que considerou inadequado ao cultivo das ciências e sublinhou a necessidade de apoio e defesa da obra científica realizada no Instituto Biológico. A “eficiência máxima” – argumentou – consistia na promoção do espírito de colaboração “acima das vaidades e interesses individuais” (Idem). Apontou essa falta de mentalidade como a principal deficiência na condução do país pelas suas elites. Na “árdua luta pela existência entre os povos que habitam o planeta”, o Brasil só garantiria seu espaço se apostasse nesse espírito colaboracionista e no “incremento dos valores científicos”. Como

¹⁴³⁶ Carta de Rocha Lima a Ernst Nauck de 17.11.1954. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

exemplo dessa fórmula, Rocha Lima citou o caso do Biológico, “onde os obstáculos opostos a seu desenvolvimento não conseguiram inibir a sua marcha ascendente no terreno das realizações que dependem apenas do nosso esforço”. O Instituto havia se mantido e expandido graças à resistência “às mais desanimadoras condições externas”. Manteriam tal resistência até que a defesa da agricultura em São Paulo estivesse devidamente organizada, e orientada pelos preceitos da ciência, asseverou. Admirado pelo avanço que havia observado na Alemanha, sobretudo nos institutos científicos que visitara, apontou o país como exemplo de ambiente propício à atividade científica:

Da força e vitalidade que emana do espírito assim cultivado nos fornece na atualidade histórica que atravessamos um exemplo confortador; a Alemanha, que vencida, humilhada e espoliada de todas as suas riquezas e impedida durante 15 anos de refazer as suas forças, com energia e tenacidade, e o espírito de sacrifício pelo país, que caracterizam o seu povo, foi, apesar de todos os obstáculos criados e de toda a pressa dos poderosos do momento, acumulando elementos para sua libertação e o seu ressurgimento até conseguir, não só romper as cadeias que a prendiam ao jugo de outros povos, como imediatamente mostrar-se capaz de fazer respeitar integralmente a sua liberdade e logo reconquistar a sua antiga posição entre as mais poderosas nações (Rocha Lima 1938).

Como vimos, as dependências do Instituto Biológico haviam se mudado em 1937 para o novo edifício da Vila Mariana, ainda não concluído. Eles esperariam anos até que o prédio ficasse pronto, um dos motivos do descontentamento de Rocha Lima com as autoridades do governo, conforme veremos adiante. Otto Bier (2010) e José Reis (2010) afirmam que a partir dali começaram a se deteriorar as condições favoráveis ao trabalho científico, as quais identificam à precariedade das instalações na casa alugada da rua Itu. Segundo Bier, o caráter improvisado infundia um certo espírito de heroísmo e solidariedade entre os colaboradores, que depois daria lugar, num espaço maior, a relações mais protocolares e menos orgânicas. “A coisa funciona mesmo, quando está num ambiente meio heróico”, afirma Reis (2010, p. 24). Curioso observar que o próprio Rocha Lima fizera comentário semelhante em relação a Manguinhos, como vimos no primeiro capítulo. Se tal deterioração se manifestou no plano das relações e motivações pessoais dos pesquisadores, o mesmo não pode ser dito em relação ao perfil da produção científica. Nos anos seguintes o Biológico continuou apresentando alto nível de produção, obedecendo à dinâmica privilegiada por Rocha Lima, de aliança dos estudos científicos às demandas da agropecuária paulista. Foi do equilíbrio que procurou promover entre “a ciência e suas aplicações”, que derivou o êxito de grande parte das

respostas do Biológico aos desafios impostos à atividade agrícola e pecuária. Estes se tornariam mais frequentes e de maior magnitude nos anos seguintes. Naquele ano de 1938 surgiu um deles, o mesmo que havia dado origem ao instituto. Surtos da broca-do-café foram noticiados em zonas do estado de São Paulo até então consideradas indenens.¹⁴³⁷

A praga vinha sendo controlada através de medidas de combate químico (expurgo da sacaria e do café colhido), mecânico (repassa, medida que consistia na catação de todos os frutos remanescentes da colheita e limpeza das tulhas), mas principalmente no controle biológico. Desde 1929, quando o entomologista Adolpho Hempel foi à África estudar possíveis inimigos naturais da praga, diversas partidas da chamada vespa-de-Uganda haviam sido importadas e distribuídas aos cafeicultores. Os pesquisadores do Biológico realizaram estudos sobre a biologia da vespa, sua reprodução e a dinâmica entre as populações, de modo a determinar a quantidade exata que deveria ser liberada nos cafezais e o melhor período de soltura. Em entrevista à imprensa, o então secretário da Agricultura Bento de Abreu Sampaio Vidal ressaltou a importância do Biológico na luta contra aquele mal.¹⁴³⁸

Com o surto de 1938, o Biológico, por encargo da secretaria de Agricultura, implantou no município de São Manoel um viveiro para criação da vespa-de-Uganda, com finalidade de demonstração para os cafeicultores. Os técnicos do biológico também se dispuseram a enviar remessas do inseto e prestar assistência a todas as municipalidades do estado.¹⁴³⁹ Grande publicidade foi dada ao papel das vespas no controle da praga. Fontes apontavam que a produção cafeeira naquele ano não passaria de 12 milhões de sacas e em muitas regiões, ao invés de pesar 22 kilos, a saca de café em coco, pesava apenas 9.¹⁴⁴⁰ No Biológico também foi pesquisada naqueles anos uma vespa importada do Havaí, para o combate da chamada mosca-

¹⁴³⁷ “A Broca invade algumas zonas novas de café do Estado”, *Folha da Manhã*, 03.08.1938.

¹⁴³⁸ “Com o trabalho do Instituto Biológico, orientando os lavradores reduziremos ao mínimo os estragos da broca do café” – Entrevista de Bento de abreu Sampaio Vidal, *Folha da Manhã*, 11/03/1938.

¹⁴³⁹ Para combater a broca do café, 19/07/1938.

¹⁴⁴⁰ “A Broca invade algumas zonas novas de café do Estado”, *Folha da Manhã*, 03.08.1938.

das-frutas. A finalidade era empregar a mesma estratégia de controle biológico aplicada no combate à broca.¹⁴⁴¹

O recrudescimento da broca-do-café deflagrou controvérsia no meio científico paulista, na qual Rocha Lima foi envolvido. Em conferência na Sociedade Rural Brasileira, o professor da Escola de Agricultura de Piracicaba, Salvador Toledo de Piza Júnior, afirmou que um dos motivos pelos quais a praga permanecia como um problema para a cafeicultura era o de que faltavam técnicos versados no problema. E disparou: “O Instituto Biológico é um monumento sem técnicos, embora seja um estabelecimento científico.” Afirmou que, ali, o assunto era estudado por leigos, quando deveria ser confiado a técnicos. Em resposta, Rocha Lima afirmou que manteve as diretrizes no combate à broca, porque depois de revisão do assunto, fora constatado que não viera a lume nada de novo capaz de modificar as bases da campanha estabelecidas por Neiva. Defendeu ainda, que havia composto uma comissão de especialistas para aconselhá-lo no tema e convidado uma das maiores autoridades, Ângelo Moreira da Costa Lima, para assumir a direção do Biológico, mas ele recusou. “Técnicos especializados não se improvisam; não basta ter um diploma de formatura qualquer, ou ter assistido a um curso, para que se possa ser considerado um técnico capaz de executar melhor as medidas conhecidas de combate à broca”, argumentou. Aumentar a equipe de técnicos era um dos desejos mais fortes do Biológico, escreveu Rocha Lima, mas técnicos que pudessem trazer novos conhecimentos e não para aplicar as medidas que já vinham sendo empregadas por muitos leigos “com perfeição e sucesso”, arrematou.¹⁴⁴²

A broca permaneceu ocupando espaço importante na agenda científica do Biológico, mas já não tinha a mesma centralidade de quando o instituto fora criado. Isso deveu-se ao relativo controle da praga em baixos níveis – exceto durante alguns surtos que ocorreram, como este de 1938 e um mais grave, dez anos depois – mas também refletiu a própria posição que a cultura cafeeira passou a ocupar no quadro da agriculturade São Paulo. Depois da crise

¹⁴⁴¹ “Está concluído um acordo com o Ministério da Agricultura para a defesa sanitária vegetal do Estado – Sobre o assunto a nossa reportagem ouviu o sr. Rocha Lima, director do Instituto Biologico”, *Folha da Manhã*, 25.06.1938. “Importados pelo Instituto Biologico exemplares de insecto destruidor da ‘mosca do Mediterraneo’”, *Folha da Manhã*, 11/08/1938.

¹⁴⁴² “Está concluído um acordo com o Ministério da Agricultura para a defesa sanitária vegetal do Estado – Sobre o assunto a nossa reportagem ouviu o sr. Rocha Lima, director do Instituto Biologico”, *Folha da Manhã*, 25.06.1938.

de 1929 e a gradativa queda nos preços, ganhou ímpeto os esforços pela diversificação agrícola. Os problemas aos quais os cientistas do Biológico se dedicaram a partir dos anos 1930 eram frutos desse processo de diversificação, não só das culturas para exportação, mas também daquelas para o abastecimento interno. A importância crescente dos estudos sobre pragas como a lagarta rosada, a broca dos algodoeiros e o curuquerê acena para a relevância crescente do algodão para a economia paulista e como produto da pauta de exportações. Por ocasião do risco de introdução no Brasil do chamado gorgulho argentino, praga que assolava os algodoeiros norte-americanos, Rocha Lima assegurou que os técnicos do Biológico já haviam estabelecido contato com os cientistas daquele país para se informar sobre as características da praga e a extensão dos danos.¹⁴⁴³

Os desafios representados pelas pragas agrícolas e epizootias faziam parte da rotina do Instituto Biológico. Eram as ocasiões nas quais a instituição podia comprovar o caráter do conhecimento ali produzido, fortalecendo dessa forma os laços com seus “clientes”: o governo de São Paulo e a agropecuária do estado. Verdadeiros desafios, no entanto, permaneceram sendo os contínuos “ataques” sofridos por parte do próprio Estado, por meio de tentativas de descaracterizar a instituição, seja desmembrando-a ou transformando-a num departamento meramente técnico. A partir de 1938, Rocha Lima teve de se engajar de forma mais intensa na tarefa de defender o Instituto. Em março daquele ano, o até então desconhecido Adhemar de Barros fora nomeado interventor de São Paulo por Getúlio Vargas. Tinha início ali um embate que passava, entre outras coisas, por diferenças pessoais. José Reis afirma verbalmente que Barros não gostava de Rocha Lima e que seu governo em São Paulo teria marcado o início da “desgraça” do Instituto. Além do mais – prossegue o pesquisador – “era completamente infenso a tudo quanto fosse de cultura” (Reis, 2010, p. 21). Ainda de acordo com o testemunho de José Reis, “se ele [Adhemar de Barros] pudesse tirar o Rocha Lima, teria tirado. Mais tarde, quando foi governador foi a mesma coisa” (Idem, p. 83). O diretor do Biológico pertencia de certa forma ao grupo que se opunha ao interventor. Era do círculo de Julio de Mesquita Filho e seu cunhado, Armando Salles de Oliveira. Seu amigo, Paulo Duarte, faria futuramente as denúncias que tornaram públicas as práticas de corrupção de Adhemar de Barros. As ingerências na administração científica já haviam sido

¹⁴⁴³ Os algodoeiros dos Estados Unidos atacados por uma terrível praga, *Folha da Manhã*, 14.07.1938.

demonstradas por ocasião da polêmica que deflagrara com o diretor do Instituto Butantan, quando ainda deputado eleito pela Constituinte de 1934 (Cotta 2008, p. 16).

Com a implantação, pelo Estado Novo, do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP) e de seu equivalente nos estados – em São Paulo, o DSP – a administração das instituições científicas ficou subordinada a trâmites burocráticos e ingerências, cujo objetivo seria a moralização do serviço público através da admissão por concursos e o estabelecimento do plano de carreiras. Para Rocha Lima consistiu em apenas mais um meio de causar à administração pública, “maiores males de que os notórios defeitos que pediam substituição de peças, fortes reparos ou novas molas mas não gerais medidas que para consertar minúsculas falhas travam e peiam o que bem funciona e bem produz (Rocha Lima, 1943).

Se no plano do governo estadual e da secretaria de Agricultura, Rocha Lima teria de erguer trincheiras para manter o Instituto Biológico, no plano federal contou com um importante aliado: o sogro, Fernando Costa, havia sido nomeado por Vargas ministro da Agricultura.¹⁴⁴⁴ Em viagem ao Rio de Janeiro em junho de 1938, Rocha Lima negociou com Costa o acordo através do qual a defesa sanitária vegetal do estado de São Paulo ficava nas mãos do Biológico.¹⁴⁴⁵ Daquela forma, assegurou a seu Instituto uma atribuição importante, num momento em que os custos econômicos das pragas da lavoura ficavam cada vez mais evidentes. Em entrevista, Rocha Lima esclareceu os termos do acordo:

Os esforços dos técnicos da Secretaria da Agricultura de São Paulo e do Ministério da Agricultura, no sentido de intensificar e fortificar essa defesa, conjugando e articulando as suas atividades, tiveram a melhor das soluções em um acordo para este fim, estabelecido entre o Instituto Biológico de São Paulo e o Serviço de Defesa Vegetal daquele ministério. Com a colaboração dos técnicos especializados, federais e estaduais, em Santos, sob uma forma que exclui as peias burocráticas em benefício da eficiência dos trabalhos e coloca os laboratórios

¹⁴⁴⁴ Em carta a Munk de 11 de abril de 1940, Rocha Lima comentou brevemente: “Como ministro o pai de Lygia está construindo gigantescas escolas superiores, institutos e frigoríficos para a agricultura e seus produtos. No entanto, ele ainda está longe de conseguir um correspondente aperfeiçoamento qualitativo de pessoal” (Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 11.04.1940, Fundo Rocha Lima, CMIBSP).

¹⁴⁴⁵ “A defesa sanitaria vegetal do Estado”, *Folha da Manhã*, 24.06.1938.

especializados do Instituto Biológico à disposição do serviço federal há maior eficiência nos trabalhos....”¹⁴⁴⁶

Em 5 de julho de 1938, Adhemar de Barros visitou o Instituto Biológico. Foi recebido por Rocha Lima, pelos sub-diretores da divisão vegetal e animal, AgésilauBitancourt e Juvenal Ricardo Meyer, respectivamente, e pelos chefes das seções. Rocha Lima fez uma exposição das atividades desenvolvidas pelo Instituto e destacou a importância das mesmas. Solicitou que as obras da nova sede fossem concluídas em breve, pois a dispersão de alguns setores que permaneciam instalados em casas alugadas comprometia o andamento dos trabalhos e onerava os cofres do Estado. Reclamou ainda uma maior integração do Biológico com as demais instituições ligadas à secretaria da Agricultura. O principal problema não consistia na falta de verbas – destacou Rocha Lima – mas sim na necessidade de permitir ao instituto “a possibilidade para pôr em prática o seu programa de trabalhos em toda sua extensão” (Rocha Lima, 1938). Como exemplo dos estudos realizados, foram expostos ao interventor os efeitos do enxofre e arsênico no combate à saúva, que permanecia como principal praga agrícola no Brasil.¹⁴⁴⁷

A exposição detalhada das atividades do Biológico ao interventor assumiu também certo caráter de resistência. José Reis (1975) conta que em certa ocasião o mesmo ficou por mais de 3 horas no auditório, ouvindo Rocha Lima falar sobre o Instituto, ignorando deliberadamente a inquietação e impaciência do mandatário, que golpeava o chão com a ponta da bengala.

Rocha Lima comentou a Munk que as limitações ao trabalho do Biológico representavam sua principal fonte de insatisfação. “A insensatez e a desorientação das altas camadas governamentais com as quais tenho que conviver não raro assumem formas indescritivelmente infantis e desatinadas”.¹⁴⁴⁸

¹⁴⁴⁶ “Está concluído um acordo com o Ministério da Agricultura para a defesa sanitária vegetal do Estado – Sobre o assunto a nossa reportagem ouviu o sr. Rocha Lima, director do Instituto Biológico”, *Folha da Manhã*, 25.06.1938.

¹⁴⁴⁷ “O professor Rocha Lima fez ontem ao chefe do governo uma detalhada exposição para os serviços e a situação do Instituto Biológico”, *Folha da Manhã*, 06.07.1938.

¹⁴⁴⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 20.10.1938.

A apresentação das pesquisas e resultados do Biológico consistiu numa estratégia de Rocha Lima de enfatizar o papel da instituição para a agropecuária paulista e conseguir aliados. Em setembro de 1940, ele abordou o assunto na Faculdade de Direito da USP. Expôs gráficos, diapositivos e filmes concernentes à ação contra a broca-do-café, a lagarta rosada dos algodoeiros, a bacteriose da mandioca, as doenças das aves e de outras criações e as pesquisas de métodos de combate à saúva.¹⁴⁴⁹ A imprensa foi outro fórum no qual Rocha Lima e os demais pesquisadores do Biológico divulgaram as pesquisas ali realizadas e os métodos para resolução dos problemas da agricultura e pecuária. Também foi o espaço no qual ele defendeu o Instituto, como por exemplo, de críticas relativas à inação da instituição no combate à chamada bacteriose da mandioca. Um simples telefonema – afirmou – seria suficiente para se informar dos estudos ali realizados sobre aquela epifítia, “por um dos poucos técnicos de que ainda dispõe”, esclareceu, ao mesmo tempo criticando o jornal *Folha da Manhã*. Na revista *O Biológico*, “que embora sem indicação da fonte, tantas vezes têm servido a esse conceituado diário”, também haveria referências de tais estudos. Exatamente estes eram fruto de testes em maiores proporções na fazenda Mato Dentro, salientou. A definição de métodos seguros de combate a pragas requeria pesquisas pormenorizadas, não se prestando aos “alardes de pretensas descobertas salvadoras (...) que passados meses, caem no esquecimento devido à falta de base científica”. E concluiu: ...”torna-se indispensável que a nossa imprensa nos julgue com justiça e não contribua, com críticas precipitadas (...) para a formação de uma opinião errônea entre os agricultores e o público”.¹⁴⁵⁰

Sem dúvida o dinamismo dos estudos do Biológico nos anos 1930 e 1940 estava relacionado à massa crítica que Rocha Lima reuniu em torno de si. Ele valorizou a contratação, através de indicações de conhecidos, de nomes que demonstravam aptidão para o trabalho científico. À medida que o Instituto foi ganhando estatura e incorporando novos quadros, muitos dos que ali começaram sua carreira, muitas vezes como estagiários, tornaram-se futuros pesquisadores. Com a aquisição da Fazenda Mato Dentro, em Campinas, foi possível realizar uma série de testes sobre soros e vacinas contra doenças animais e métodos de combate de pragas agrícolas. À semelhança das estações norte-americanas, foram instalados centros para controle biológico, nos quais se dedicaram a cultivar inimigos naturais

¹⁴⁴⁹ “O professor Rocha Lima falou sobre as ‘realizações do Instituto Biológico’ na Faculdade de Direito”, *Folha da Manhã*, 13.09.1940.

¹⁴⁵⁰ “A bacteriose da mandioca e o Instituto Biológico”, *Folha da Manhã*, 21.01.1939.

da broca, da lagarta rosada e da mosca do Mediterrâneo. Cavalos para obtenção de soro foram transferidos, permitindo realizar em maior escala as pesquisas dos dois principais problemas da pecuária paulista – a febre aftosa e a peste suína (Ribeiro 1997, p. 82). Dispondo de quatro mil pés de laranjeiras, os pesquisadores da Divisão Vegetal puderam fazer observações sobre as doenças dos citros. O dinamismo desses estudos também acompanhou a importância crescente que a citricultura assumia no âmbito da agricultura paulista.

Se no caso de pragas como a broca-do-café, a lagarta rosada e a mosca-das-frutas, o controle biológico deu o tom das pesquisas, em outras, como a saúva e demais pragas do algodoeiro, a ênfase foi nos estudos sobre produtos químicos. A fiscalização daqueles aplicados na defesa agrícola, bem como dos adubos e fertilizantes, permaneceu como pauta importante do Biológico. Mario Autuori permaneceu como o principal especialista nas pesquisas sobre saúva, realizando-as em enormes formigueiros artificiais, nos quais testou compostos de enxofre e arsênico. Através desses estudos, foi desenvolvido um novo método de aplicação dos formicidas, que barateou significativamente os custos do combate a essa praga (Rocha Lima, 1940)

As doenças vegetais de etiologia viral também consistiram numa frente importante daquele programa de pesquisas. Karl Silberschmidt, sobre o qual falamos no capítulo anterior, foi uma das lideranças nesse ramo. Conforme descreve Ribeiro (1997, p. 70), ele fez estudos sobre os agentes causadores da degenerescência das batatinhas, conseguindo produzir sementes com baixo teor de vírus. Em 1939, ele, em co-autoria com Rocha Lima e José Reis escreveu capítulo intitulado “Metodologia da Pesquisa Viral” (*Methoden der Virusforschung*), publicado na coleção “*Handbuch der biologischen Arbeitsmethoden*” (Manual dos Métodos de Trabalho Biológicos), editado por Abderhalden. Na obra, descrevem os principais métodos empregados na pesquisa dos vírus, que decolava naqueles anos (Rocha Lima, Reis, Silberschmidt). Além de Silberschmidt, a equipe envolvida nos estudos sobre doenças virais incluiu Mario Kramer, J. C. Carvalho e Anderson C. Andrade.

Na Divisão Animal prosseguiram as pesquisas sobre os agentes etiológicos das epizootias, desenvolvimento de métodos diagnósticos e de terapia, estes baseados fundamentalmente na produção de soros e vacinas. Em relação à peste suína, Mario D’Ápice aperfeiçoou a vacina cristal violeta, que consistia no principal método de tratamento da doença. Ele não só desenvolveu um método que reduzia os riscos de contaminação da vacina, como também otimizou o procedimento de aplicação (Ribeiro 1997, p. 77-8). No campo da

ornitopatologia, desenvolveram uma vacina contra o cólera das galinhas, combinando a vacina viva com um preparado químico.¹⁴⁵¹ Além desta, o Instituto prosseguiu na produção da vacina contra o carbúnculo hemático, a bouba e difteria das aves, a tuberculose, brucelose, raiva, peste da manqueira, curso branco dos bezerros, contra infecções piogênicas, poliartrite dos potros, espiroquetose e tifo aviário, peste suína, febre aftosa e tétano. Dos soros, os principais foram o antitetânico, o soro contra o cólera e o tifo aviário. O desenvolvimento dos imunizantes foi acompanhado de pesquisas fundamentais no campo da imunologia, no qual se destacou Otto Bier. Encarregado da rotina de produção da vacina contra o carbúnculo, Bier dedicou-se a estudar aspectos até então nebulosos da imunologia, como o mecanismo de formação do complemento e a permeabilidade capilar na inflamação. No âmbito desses estudos, passou a contar com a colaboração de Maurício Oscar da Rocha e Silva, que chegou em São Paulo em 1934, começando a frequentar o Biológico até que foi contratado, em 1937.¹⁴⁵² Ocupou-se dos efeitos tóxicos de determinadas plantas para o gado, ramo que o interessou após demonstrar, que a alta mortalidade de bovinos em Andradina, no interior de São Paulo, devia-se ao envenenamento dos animais por uma substância contida no alecrim no campo. Mas foi aprofundando os estudos sobre inflamação que chegaria a sua principal contribuição científica, que realizou em colaboração com Wilson Berardo e Gastão Rosenfeld:

¹⁴⁵¹ “Uma Victoria do Instituto Biológico: a combinação da quimioterapia com a vacinação das aves”, *Folha da Manhã*, 24.11.1938.

¹⁴⁵² Nasceu no Rio de Janeiro em 19 de setembro de 1910, formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, em 1933 e em 1934 foi para São Paulo, onde trabalhou como assistente do professor Quintino Mingóia da Escola de Farmácia e Odontologia da USP. Começou a frequentar o Instituto Biológico, trabalhando com Otto Bier em pesquisas sobre hemólise fotodinâmica e farmacologia da tripsina. Contratado em 1937, elucidou, no ano seguinte, a causa da mortalidade de bovinos em Andradina: o envenenamento por uma substância fotossensibilizadora. Passou a estudar plantas tóxicas para o gado. Em 1940 recebeu bolsa da Fundação Guggenheim para estagiar no laboratório do professor C. A. Dragstedt, do Departamento de Farmacologia da Universidade de Chicago. Nesse período começou a investigar os aspectos da liberação da histamina e suas propriedades farmacológicas. Estagiou no Institute for Medical Research da Fundação Mayo, em Minesota e no departamento de química do Instituto de Pesquisas da Fundação Rockefeller em Nova York. Ao retornar a São Paulo, em 1942, Rocha Lima convidou-o para dirigir a Seção de Bioquímica e Farmacodinâmica. Em 1948, identificou, junto com o fisiologista Wilson Berardo e o hematologista Gastão Rosenfeld, a bradicinina, potente vasodilatador, contribuição que lhe conferiu projeção internacional. Foi um dos líderes da criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que concebeu inspirado nas sociedades análogas que conhecera nos Estados Unidos e Inglaterra. Em 1957, transferiu-se para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, onde organizou o departamento de farmacologia. Foi aposentado, em 1980, vindo a falecer em 1983 (Braggio, Wysoki Jr & Haraguchi, 2007).

o isolamento da bradicinina, um potente vasodilatador envolvido naquele processo fisiológico,.

O reconhecimento dos estudos realizados no Biológico não se limitou às aplicações úteis na resolução de problemas locais, mas transgrediram as fronteiras nacionais. Em 1939 ocorreu em Nova York o 3º Congresso Internacional de Microbiologia, para o qual Rocha Lima foi convidado para dirigir seção sobre as riquetsias. Para a imprensa aquilo representava “um honroso título que prestigia também os meios científicos do país”.¹⁴⁵³ Como participantes foram convidados AgésilauBitancourt, Karl Silberschmidt, Otto Bier e José Reis. Bier abordou os referidos estudos sobre a inflamação. Rocha Lima, como dito no terceiro capítulo, não pode participar da reunião na qual pretendia defender sua prioridade na descrição do agente etiológico do tifo exantemático. O motivo, segundo Ribeiro (1997, p. 85), estava relacionado a “dificuldades administrativas pelas quais passava o instituto”.

O dinamismo das pesquisas contrastou com a permanente falta de apoio das instâncias políticas. No editorial que escreveu em 1940, em *O Biológico*, Rocha Lima enumerou não só o convite para o congresso de Nova York, como também o capítulo escrito para o manual de Abderhalden, o trabalho de Bier, publicado por intermédio de H. Sachs, na *Zeitschrift für Immunitätsforschung* (Revista de pesquisa imunológica), o convite para ele fazer conferências nos Estados Unidos e as preleções realizadas pelos pesquisadores do Biológico na Faculdade de Medicina e na Escola Agrícola de Viçosa, como provas da excelência científica alcançada pela instituição. Detalhou, ainda, as realizações no combate às pragas animais e vegetais. Mas confrontou-as com “as forças negativas da incompreensão”:

Na obra em realização que tem o nome de Instituto Biológico tudo, casa, instalação, organização, aparelhamento e pessoal, acham-se apenas a uma braçada de almejada forma e função definitiva. Essa curta distância, que na realidade significava uma espera de dez anos pelo acabamento sempre adiado, é que mantém ainda arrojadas as deprimentes peias, que ainda o detém na marcha para o máximo rendimento do capital nele investido pelo Estado (...) Aos descrentes e aos despidos de ideal parecerá erro ou tresloucada fantasia que não o encaremos como uma simples repartição pública a ser mantida sob qualquer forma de aparência científica por trás da imponente fachada constantemente iluminada pela publicidade

¹⁴⁵³ “O professor Rocha Lima foi nomeado vice-presidente de importante certame”, *Folha da Manhã*, 1939.

local, mas sim, como uma obra nacional de valorização cultural e aperfeiçoamento técnico do país a ser solidamente construída e integralmente realizada, atingindo níveis e produzindo valores avaliáveis pelas mais altas medidas internacionais, e não apenas cotados ruidosamente pela moeda de uso interno e curso forçado, que expressamente para tais casos de cunha em antecâmaras, discursos, entrevistas e artigos de jornal (Rocha Lima, 1940).

Do texto de Rocha Lima, depreende-se que o principal motivo para o descontentamento permanecia sendo o atraso na conclusão das obras da nova sede do Biológico. Em carta a Munk, contrastou o crescimento lento do “exterior” – ou seja, das obras de acabamento do edifício – com o avanço dinâmico do “interior”, ou seja das pesquisas e de seus resultados.¹⁴⁵⁴ Estas, no entanto, também passariam a sofrer restrições com o corte de verbas orçamentárias feito pela interventoria, o que segundo Rocha Lima deixou o instituto numa “situação desesperadora da eminência de destruição” (Rocha Lima, 1940). Das linhas escritas por ele, dá para notar um evidente desânimo. José Reis afirma que ele esteve a ponto de entregar a direção do Biológico. Não sabia que nos bastidores da política articulava-se a queda do principal artífice das medidas que asfixiavam o Instituto: denúncias de irregularidades cometidas por Adhemar de Barros começaram a ser encaminhadas a Getúlio Vargas desde meados de 1940. Elas culminaram, em junho de 1941, na demissão do interventor, que foi substituído por Fernando Costa. Foi uma lufada de ar fresco no ambiente cada vez mais sufocante para o Instituto, não apenas pelas relações pessoais de Costa com Rocha Lima, mas também pelo fato dele ter sido um dos idealizadores da criação da instituição.

A interventoria de Fernando Costa, que se estendeu até o fim do Estado Novo, coincidiu com a acentuação dos efeitos da Guerra sobre o setor primário da economia brasileira. Conforme aponta Ribeiro (1997, p. 99-101), esperava-se que o aumento dos preços trouxesse como consequência o crescimento da população agrícola, destinada ao abastecimento interno e às exportações. Mas o surto de industrialização e urbanização daqueles anos acabou por provocar uma crise de abastecimento, decorrente, entre outras coisas, da falta de mão-de-obra no campo. A consequência disso foi uma falência do modelo de agricultura extensiva. Fernando Costa procurou ajustar a estrutura da secretaria da Agricultura à nova conjuntura. Operou uma reforma, cujo objetivo, segundo Martins (1991, p.

¹⁴⁵⁴ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.04.1940. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

278) consistia em “construir o edifício hierárquico primordialmente sobre os campos de atuação que pudessem repercutir significativamente sobre os principais fatores econômicos do Estado”. Entre eles, a autora distingue a produção animal, vegetal e industrial e a defesa sanitária da Agricultura, que passou a ser identificada à estrutura e atribuições do Instituto Biológico, que, por essa razão, também sofreu modificações. As seções de botânica e zoologia foram desmembradas e acomodadas em instituições próprias, formando, os institutos de Botânica e de Zoologia. Além disso, criou-se um organograma, no qual se enfatizou a separação entre as pesquisas mais fundamentais e os serviços de defesa sanitária. Assim, ao lado das divisões de defesa sanitária vegetal e animal, foi criada uma terceira – a divisão de Biologia – composta pelas seções de parasitologia vegetal, parasitologia animal, bacteriologia, virologia, fisiologia animal, fisiologia vegetal, anatomia patológica, ornitopatologia, imunologia, química, bioquímica e farmacodinâmica e higiene comparada (Idem, p. 284). A divisão de defesa vegetal ficou constituída da defesa fitossanitária, vigilância sanitária vegetal, fitopatologia e entomologia agrícola, ao passo que a animal foi integrada pelas seções de epizootias, enzoontias e assistência veterinária (Idem). À superintendência ficaram subordinados serviços de biblioteca, publicação, desenho, fotografia, biotério, meios de cultura, museus, parque da sede e fazendas experimentais. Ela estava ligada ainda a uma subdiretoria administrativa, responsável pelos serviços de expediente, contabilidade, material e transportes e tesouraria (Ribeiro 1997, p. 103). Em consideração à reforma, comentou-se no em matéria no *Jornal do Commercio*: “O Instituto Biológico, em condições de melhor desempenhar as suas novas e mais dilatadas atribuições, representa um benefício a mais para o Estado, que tem a fortuna de possuí-lo.”¹⁴⁵⁵ Na avaliação de Rocha Lima, as reformas fortaleciam a instituição:

Ao entrar no décimo terceiro ano de estóica espera por uma instalação definitiva para o centro de formação de técnicos e de adestramento de forças para a defesa de nossa produção agrícola, que é o Instituto Biológico, devemos-nos congratular, antes de tudo, pela consolidação da obra em realização, que foi a sua articulação como elemento básico em um sistema harmonizado e coordenado de organização técnica da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Se a sua transformação em Departamento de Defesa Sanitária da Agricultura foi

¹⁴⁵⁵ “Um Estabelecimento Científico que Constitue uma exceção honrosa no seio do nosso continente”, *Jornal do Commercio*, 20.01.1942. Recorte de Jornais – Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

apenas a cristalização de uma situação já previamente existente, feita dentro dos estreitíssimos limites das próprias verbas mutiladas, teve ao menos a reforma do Instituto Biológico a significação animadora de fortes sacos de areia como reforço atirados à frente de frágeis trincheiras, por trás das quais nobre bandeira foi durante anos defendida por um punhado de bravos, tendo por armas só o seu valor, contra investidas de ambiente hostil e não raras incursões de bárbaros impelidos pela ânsia primária da destruição e conquista do patrimônio alheio (Rocha Lima, 1943)

Apesar da nomeação de Fernando Costa para a interventoria, as obras da nova sede do Biológico permaneceram inconcluídas, conforme pudemos notar acima. Em compensação, mais uma fazenda foi adquirida no trecho São Paulo-Jundiaí, passando a ser utilizada como estação experimental. Nos anos da Guerra a atividade pecuária foi fortalecida, destinada principalmente ao abastecimento interno. Os estudos no âmbito da patologia animal permaneceram concentrados no estudo e produção de soros e vacinas. Celso Rodrigues comparou o valor antigênico da vacina contra a manqueira, composta por culturas vivas, atenuadas e mortas e testou diferentes métodos de conservação dos imunizantes. Ele e Mário D'Ápice analisaram métodos de dosagem do soro antitetânico, e Vicente Guida deu início aos estudos sobre raiva canina (Ribeiro 1997, p. 106). A virologia, a parasitologia e a helmintologia também foram áreas que passaram a ter grande desenvolvimento. A primeira, ficou a cargo de José Reis, que logo a deixou para vir assumir o posto no Departamento de Serviço Público (DSP), correspondente em São Paulo do DASP no governo nível federal. Sua indicação foi sugestão de Rocha Lima a Fernando Costa. Rocha Lima queria contar com um aliado do Biológico na estrutura governamental, responsável pela coordenação do serviço público do estado. Na helmintologia, tiveram destaque os trabalhos de Clemente Pereira, que foi efetivado no cargo de pesquisador, em 1941. Naquele momento ele deu o pontapé inicial para os trabalhos sobre os ácaros. A seção de ornitopatologia ficou nas mãos de Paulo Enéas Galvão, que passou a enfatizar os estudos fisiológicos de avitaminoses nas aves. No campo da produção, a pauta de imunoterápicos para doenças de aves passou a incluir 14 itens (Idem).

Enquanto o setor da avicultura desenvolvia-se com grande dinamismo, a criação de suínos esbarrava numa série de dificuldades, principalmente as más condições de alimentação dos animais e a ocorrência de parasitoses. A vacina contra a peste suína, utilizada entre 1939 e 1940, contribuiu para deter o surto da doença, mas problemas secundários persistiram. Outras doenças que foram objetos de estudo no campo da patologia animal foi a chamada peste de coçar, a encefalite equina, a brucelose, que também representava um risco para a saúde

humana e a raiva bovina. Em relação à produção de vacinas, Ribeiro (1997), demonstra que uma série delas não pode ser fabricada em larga escala devido a limitações de ordem técnica, como foi o caso daquela contra a febre aftosa, contra a encefalite equina e a tristeza bovina. A organização da comercialização dos produtos veterinários do Instituto, entregue nas mãos de uma empresa privada, ajudou a dinamizar a distribuição dos mesmos. Além da produção e distribuição, o Biológico ficou encarregado da fiscalização.

No que concerne às pesquisas sobre pragas e doenças, os estudos sobre as moléstias dos citros feitos durante a Guerra certamente representaram um dos aspectos mais inovadores do Instituto Biológico na gestão Rocha Lima. À medida que as culturas de cítricos avançavam sobre as zonas agrícolas, que em sua maioria consistiam em antigas regiões cafeeiras, a elucidação de novas doenças e o desenvolvimento de métodos para combatê-las contribuíam para seu crescimento na pauta de exportações brasileiras. Como vimos, a aquisição da Fazenda Mato Dentro possibilitou a realização dessas pesquisas em maior escala. AgésilauBitancourt destacou-se como um pioneiro nesse ramo. Ele e sua equipe realizaram estudos fundamentais sobre a verrugose da laranja doce, macha parda, psorose e podridão do pé. A maior contribuição, no entanto, seria as pesquisas sobre a doença que veio a ser conhecida como tristeza dos citros, que introduzida no começo dos anos 1930, passou a representar grave problema no início dos 1940 (Ribeiro 1997, p. 188-9). Bitancourt chefiou uma comissão, que agregou técnicos do Biológico e da Secretaria de Agricultura para fazer levantamentos epidemiológicos e estudos etiológicos daquela moléstia. A partir de 1941, o grupo de Bitancourt passou a contar com a participação da engenheira agrônoma Veridiana Victoria Rossetti, que se firmou como uma das maiores autoridades no campo dos estudos de doenças dos cítricos. Ela contribuiu para as investigações sobre a chamada “tristeza dos citros” e isolou os fungos causadores da gomose dos citros.¹⁴⁵⁶

¹⁴⁵⁶ Nasceu em Santa Cruz das Palmeiras, em 15 de outubro de 1917, formou-se em agronomia pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em Piracicaba em 1937. Incorporou-se ao Instituto Biológico, onde trabalhou sob a orientação de AgésilauBitancourt. Estudou fungos do gênero *Phytophthora*, envolvido na gomose dos citros e estudou o desenvolvimento de enxertos resistentes a esta doença e à tristeza dos citros. Em 1947, foi para os Estados Unidos, aperfeiçoando-se na Universidade da Carolina do Norte. Retornou aos Estados Unidos em 1951-2 com bolsa da Fundação Guggenheim, quando aprofundou-se no estudo da fisiologia dos ficomicetos e em fungos do gênero *Phytophthora*. Em 1961, colaborou com o professor Joseph Bové, do Institut National de la Recherche Agronomique (INRA) em estudos sobre as viroses dos citros. Em 1957, tornou-se diretora da seção de Fitopatologia Geral do Biológico e, em 1968, diretora da Divisão de Patologia Vegetal, cargo

O caráter vanguardista dos estudos sobre essas doenças apontam para um outro aspecto da atividade científica desse período, não só no Instituto Biológico, mas no Brasil em geral: a presença norte-americana cada vez mais intensa. A aproximação com o vizinho do Norte seguia a dinâmica geopolítica. Vimos que nos anos da Guerra, Vargas aproximou-se paulatinamente dos Estados Unidos, até que em 1942 entrou no conflito ao lado dos Aliados. Vimos ainda que Rocha Lima criticou a postura que qualificava como subserviência “aos desejos do senhor Roosevelt.”¹⁴⁵⁷ Mas no plano da colaboração científica, ele aceitou de bom grado o intercâmbio com os norte-americanos. No âmbito do tratado de cooperação internacional Brasil e Estados Unidos, Bitancourt realizou pesquisas sobre as doenças dos citros, em colaboração com a pesquisadora Anna Elisa Jenkins. Esses estudos também tiveram a colaboração do fitopatologista da Califórnia Howard Samuel Fawcett, reputado como uma das maiores autoridades internacionais nas pesquisas sobre doença dos citros (Vitiello, Agostini & Rebouças, 2007). Essa colaboração se intensificou nos anos da guerra, mas já vinha se realizando antes disso. Jenkins esteve no Instituto Biológico já em 1935, ocasião na qual estudou com Bitancourt a doença conhecida como verrugose da laranja doce. O entomologista da Estação Experimental de Riverside, Harold Compere, veio no mesmo ano e, logo depois, chegaria Fawcett (Ribeiro 1997, p. 86-7). A participação no Congresso Internacional de Microbiologia, em 1939, estreitou ainda mais os laços com os Estados Unidos. Karl Silberschmidt e Otto Bier foram convidados para dar palestras no país. Em 1940, dirigiu-se para lá Maurício Oscar da Rocha e Silva, que permaneceu por um ano e meio no país, onde frequentou o Departamento de Fisiologia e Farmacologia da Northwestern University, em Chicago, os laboratórios da indústria farmacêutica Abbott e o Instituto de Pesquisas da Rockefeller, em Nova York (Idem, p. 131). Em 1941, foi a vez de Otto Bier, que viajou com bolsa da fundação Guggenheim. Ele estagiou no laboratório do renomado imunologista Michael Heidelberger, com quem adquiriu conhecimentos no campo então recente da imunoquímica (Bier, 2010).

no qual permaneceu até se aposentar, em 1987. Faleceu em 2010. Na vasta produção científica de Vitória Rossetti, que inclui mais de 450 trabalhos, incluem-se trabalhos sobre a leprose dos citros, a comprovação da transmissão da doença por um ácaro da espécie *Brevipalpus* e da clorose zonada, o método de transmissão e modos de combate do cancro cítrico e a identificação, no estado de São Paulo, de uma nova doença a qual designou clorose variegada dos citros, causada pela *Xylella fastidiosa*.

¹⁴⁵⁷ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 06.12.1941. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

O Biológico tornou-se um dos alvos das investidas da política cultural norte-americana direcionada ao Brasil. Em 1943, Marian Cutler, da União Cultural Brasil-Estados Unidos, visitou a instituição. Discutiu com Rocha Lima a possibilidade da entidade que representava oferecer cursos de inglês para os pesquisadores, que durariam de duas a três horas por semana. Eles ensinariam a pronúncia norte-americana e dariam ênfase à conversação. Os assuntos tratados gravitaram em torno da morfologia, genética, bacteriologia ou outro ramo sugerido por Rocha Lima.¹⁴⁵⁸ Naquele mesmo ano, o diretor do Biológico seria convidado a conhecer os Estados Unidos.

6.8. A viagem de Rocha Lima aos Estados Unidos (1945)

A partir de carta enviada ao cônsul dos Estados Unidos em agosto de 1943, observa-se que o convite para que Rocha Lima visitasse aquele país ocorreu já naquele ano. Nesta ele expressou os principais interesses que orientariam sua viagem: “conhecer, além das maravilhas de sua natureza, principalmente os centros de trabalho científico relacionados com as minhas atividades atuais como diretor de um grande centro de pesquisa sobre patologia das plantas e dos animais”. Além disso, queria estabelecer contato com os cientistas que trabalhavam com doenças virais e demais questões às quais havia se dedicado no decorrer de sua trajetória, como o tifo exantemático, febre amarela, verruga peruana e as blastomicoses. Sugeriu que a viagem poderia durar de três a seis meses e pediu para levar a esposa.¹⁴⁵⁹

A viagem só ocorreu em junho de 1945 e durou quatro meses e meio. Rocha Lima procurou visitar o maior número possível de instituições nas quais se realizavam pesquisas sobre a patologia vegetal, animal e humana. Visitou as universidades da Califórnia, em Los Angeles, de Southern, de Berkeley, de Utah, de Minnesota, de Wisconsin, de Chicago, de Michigan, de Yale, de Columbia da Pensilvânia, a Cornell University e Harvard. Esteve ainda na estação experimental de citros e Sugar Beet Laboratories em Riverside, no California Institute of Technology, na Hooper Foundation, em São Francisco, no Instituto Mayo, em Rochester, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e de Medicina Tropical,

¹⁴⁵⁸ Carta de Marian Cutler a Rocha Lima de 06.05.1943. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁵⁹ Carta de Rocha Lima ao cônsul dos Estados Unidos em São Paulo de 27.08.1943. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

em Boston, no Instituto de Pesquisas da Rockefeller, em Nova York, e em Washington, no Departamento Federal de Agricultura e no Instituto Nacional de Saúde (*National Institutes of Health*). Proferiu sete conferências ao todo, nas quais abordou suas pesquisas sobre o tifo exantemático, verruga peruana, febre amarela e blastomicoses.¹⁴⁶⁰

Rocha Lima observou cuidadosamente as condições em que se praticavam as ciências nos Estados Unidos, tanto em termos de organização institucional, perfil administrativo, questões abordadas e características culturais, quanto no que se refere às acomodações e aparelhagem utilizadas. Em relação a esse último aspecto, prestou atenção particularmente nos microscópios eletrônicos, recém-desenvolvidos e que ainda não existiam no Brasil. Observou com interesse os estudos realizados no campo da virologia – agentes e formas de transmissão de viroses humanas, animais e vegetais –, sobre pragas animais e vegetais que acometiam a agropecuária norte-americana, e o desenvolvimento de métodos de imunização contra doenças como brucelose, bartonelose e riquetsioses. Também acompanhou as pesquisas que vinham sendo realizadas ali sobre inseticidas, principalmente sobre o DDT, cujos resultados acenavam promissores para o controle de doenças como o tifo exantemático e a malária. Cumpre ressaltar, que a visita de Rocha Lima coincidiu com o boom do desenvolvimento e testes desses produtos químicos. A entomologia econômica, nesse contexto, praticamente se equiparou à química aplicada, conforme demonstra Paolo Palladino (1996) em seu estudo. A mesma ênfase já vinha orientando algumas campanhas fitossanitárias feitas no Biológico, como aquela contra a broca-dos-algodeiros. Depois da Guerra, conforme veremos, tal tendência tornar-se-ia ainda mais pronunciada.

No perfil das instituições norte-americanas e no ambiente científico de um modo geral, Rocha Lima identificou as raízes da cultura científica européia, principalmente alemã. A boa qualidade da “sementeira inicial” havia medrado devido às “condições de ambiente privilegiado, onde em tempo vertiginoso tomou formas próprias com atraentes feições e alcançou proporções agigantadas” (Rocha Lima, 1945). Entre tais “condições”, distinguiu a abundância de recursos materiais, a “operosidade, tenacidade e capacidade produtiva” do povo americano e o apoio dos poderes públicos. Nesse último aspecto, não deixou de “alfinetar” as autoridades brasileiras, particularmente as do estado de São Paulo, em seus

¹⁴⁶⁰ “A operosidade é o característico do povo Americano – Fala à *Folha da Manhã* sobre sua viagem aos Estados Unidos o sr. Dr. Rocha Lima, diretor do Instituto Biológico”, *Folha da Manhã*, 14.10.1945.

relatos da viagem. As instituições científicas norte-americanas – afirmou – eram bem-sucedidas porque não estavam sujeitas à “dependência e interferência superiores, alheias aos problemas essenciais a atender e completamente indiferentes aos imperativos das condições básicas da produtividade científica”.¹⁴⁶¹ A direção dos institutos norte-americanos merecia a confiança das autoridades as quais estava subordinada, ficando em suas mãos as decisões necessárias ao bom funcionamento e eficiência do trabalho produtivo.¹⁴⁶²

Além dos Estados Unidos, Rocha Lima visitou o Canadá. Percebeu mais semelhanças do que diferenças deste em relação ao país vizinho. No retorno passou pelo México. Lá, visitou ali o instituto no qual Maximiliano Ruiz Castañeda conduzia os trabalhos sobre o tifo exantemático endêmico e epidêmico e os laboratórios dedicados ao estudo da mosca-das-frutas. Passou ainda pela Guatemala, onde visitou o amigo dos tempos de Hamburgo Erwin Jacobsthal.¹⁴⁶³ Esteve nas dependências do departamento de saúde pública e apresentou os trabalhos desenvolvidos no Instituto Biológico.¹⁴⁶⁴ Na Colômbia, visitou a estação experimental de Cali, e no Peru, a Universidad San Marcos, em Lima, que o condecorou com o título de Doutor Honoris Causa. No discurso de saudação, o decano da Faculdade de Medicina da Universidade ressaltou a ligação de Rocha Lima com a medicina peruana em virtude dos estudos sobre a Doença de Carrión:

Da Rocha Lima es un nombre que nos es perfectamente familiar. Su producción inicial sobre la Anatomía Patológica de la Verruga Peruana constituye un clásico trabajo que leíamos con avidez desde jóvenes. Significaba una valiosísima contribución a nuestra patología autóctona, aparecida en Alemania, que informaba al mundo europeo de la actividad científica latino-

¹⁴⁶¹ “A operosidade é o característico do povo Americano – Fala à *Folha da Manhã* sobre sua viagem aos Estados Unidos o sr. Dr. Rocha Lima, diretor do Instituto Biológico”, *Folha da Manhã*, 14.10.1945.

¹⁴⁶² *Idem.*

¹⁴⁶³ Carta de Erwin Jacobsthal a Rocha Lima de 07 e 19.09.1945. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁶⁴ “Eminente medico brasileiro de visita en Guatemala, *Mediodia*, 27.09.1945. A Divisão de Cooperação Intelectual do Itamaraty foi que remeteu a Rocha Lima o fragmento de jornal com essa notícia, tendo sido enviado pela legação brasileira na Guatemala. Carta de Osório Dutra a Rocha Lima de 10.01.1946. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

americana. Toda la historia médica de la patología de este continente en los últimos cuarenta años está impregnada de su acción creadora, particularmente en el campo morfológico.¹⁴⁶⁵

No retorno ao Brasil, Rocha Lima deu entrevistas a vários jornais importantes – *A Gazeta, Folha da Manhã, Diário de São Paulo* – falando sobre a viagem e as impressões colhidas nos Estados Unidos. Relatou ainda sobre a viagem ao programa de rádio “Palestras de Bons Vizinhos”, veiculado pela Rádio Gazeta.¹⁴⁶⁶ A viagem ainda foi tema de uma das reuniões “sexta-ferinas” (Rocha Lima, 1945), que continuaram a ocorrer nos anos 1930 e 1940 com frequência “religiosa”, permanecendo como o principal espaço de sociabilidade intelectual, no qual se reuniram pesquisadores das instituições públicas de pesquisa e da Universidade de São Paulo.

Sobre o clima lá reinante nos Estados Unidos em relação à Guerra, Rocha Lima comentou com Munk que sua estadia coincidira “com o momento da festa da vitória”.¹⁴⁶⁷ Segundo ele, havia um grande temor pelo futuro, principalmente de que fosse deflagrada uma guerra contra a Rússia, além do medo da inflação. Ao invés de uma comemoração otimista – prosseguiu – havia um tremendo desconforto. Reinava uma intensa propaganda anti-alemã, mesmo depois de terminado o conflito. Ele afirmou que havia desconfiança até mesmo de que os soldados que retornavam do teatro de Guerra trouxessem um sentimento de compaixão pelo povo alemão, em virtude dos sofrimentos que teriam presenciado. E concluiu: “Sem levar em conta as psicoses da guerra, que no entanto só são encontradas nos jornais, gostamos bastante da América e dos americanos. Fomos muito bem recebidos e muito bem tratados porém, nossos sentimentos com relação à Europa não se alteraram.”¹⁴⁶⁸

¹⁴⁶⁵ Discurso Decanato – Facultad de Medicina Universidad Nacional Mayor de San Marcos de Lima. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁶⁶ “O professor Rocha Lima entrevistado pela Radio-Gazeta – interessante relato do ilustre professor do Instituto Biológico sobre sua viagem aos centros culturais norte-americanos”, Recorte de jornais, Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁶⁷ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 12.10.1945. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁶⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 12.10.1945. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

6.9. Rocha Lima e o recrudescimento das pragas e doenças no apagar das luzes de sua gestão no Instituto Biológico

Em 1945, foi finalmente inaugurado o novo prédio do Instituto Biológico, na presença do interventor Fernando Costa e das demais autoridades. Rocha Lima aproveitou a oportunidade para criticar o indiferentismo dos sucessivos governos em relação àquelas obras. “Somos aqui agora testemunhas de que, em 25 de janeiro de 1945, está sendo realizada a inauguração ali anunciada para 1929”, discursou na cerimônia, mencionando o relatório da secretaria de Agricultura de 1928, que previa a conclusão das obras para o próximo ano (Rocha Lima, 1945). As obras iniciadas em 1928 haviam sido paralisadas por diversas vezes, tendo sido ocupadas por soldados em 1930 e 1932, e finalmente, pelos pesquisadores, em 1937, para evitar que aquilo se repetisse. Desde então, o Instituto Biológico funcionava no prédio inacabado, em instalações improvisadas. Conforme demonstra Ribeiro (1997, p. 145-7), apesar de reunir ali grande parte dos quadros da instituição, muitas atividades permaneceram sendo realizadas em pontos dispersos da capital paulista e distantes entre si.

Segundo Rocha Lima, o desconforto no início chegou a ser perigoso. De um “precário acampamento”, o edifício aos poucos foi adquirindo feições mais confortáveis, com “algumas salas que dispensam desculpas às visitas” (Rocha Lima, 1943). Há apenas pouco tempo o edifício fora guarnecido de vidraças que poupavam os pesquisadores do vento, sendo interrompida “a estremecedora sinfonia de puas, tornos e martelos que ecoava então por todo o edifício protegendo-nos contra os excessos de meditação e estudo (Idem). Apesar de criticar o “desapoio” e “constantemente obstáculos” dos sucessivos governos ao “culto do ideal” da atividade científica, Rocha Lima lembrou que o atual interventor havia sido também o responsável pela criação do instituto: “Afasta a cortina simbólica do esperado acabamento desta obra a mesma mão que há dezessete anos plantou a sua primeira estaca, lançou o seu primeiro alicerce” (Rocha Lima, 1945). Lembrou ainda do mérito de Arthur Neiva, por aproveitar a comoção circunstancial causada pela praga dos cafeeiros e “fazer germinar em terreno difícil a semente de uma instituição técnico-científica relacionada com as atividades da comissão, a cuja frente brilhava a impressionante vivacidade de sua privilegiada inteligência” (Idem). E enumerou as principais conquistas obtidas pelos pesquisadores.

O relativo apoio que Rocha Lima angariou para o Biológico durante a interventoria de Fernando Costa logo daria lugar à asfixia dos anos anteriores, com a destituição deste do cargo devido ao fim do Estado Novo em outubro de 1945. Em 29 daquele mês Getúlio Vargas

havia sido deposto pelo alto comando do exército, desconfiado das intenções continuístas do ditador, não obstante ele ter prometido a ocorrência de eleições ainda para dezembro daquele ano. José Linhares ocupou a presidência como interino até janeiro de 1946, quando transmitiu o cargo para o presidente eleito, o General Eurico Gaspar Dutra. A “abertura democrática” traria Adhemar de Barros de volta ao governo de São Paulo, abrindo mais um capítulo de ingerências sobre a administração do Biológico e das demais instituições científicas. Desta vez, o adversário de Rocha Lima veio fortalecido, pois trazia a legitimidade dos votos populares.

Antes do retorno de Adhemar de Barros ao governo paulista, os pesquisadores do Biológico foram envolvidos na resolução de dois graves desafios que ameaçaram a agricultura local: a ameaça de invasão pelos gafanhotos e o recrudescimento da broca-do-café. Na segunda metade de 1946, uma nuvem de gafanhotos vinda do sul ameaçou atingir as plantações de São Paulo. Conforme noticiava a *Folha da Manhã*, os insetos vinham numa densidade jamais vista na América do Sul. Nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, os técnicos do Biológico constataram que eles atacavam principalmente as culturas de batata e trigo. A esperança era de que no estado de São Paulo as vagas se dispersassem, reduzindo os prejuízos. Mas a praga assustava pelo rápido poder de difusão. Os técnicos do Biológico sobrevoaram as regiões atingidas, com aviões emprestados pela Força Aérea Brasileira. Em algumas localidades, como Malet e Rio Azul, os insetos haviam devorado a totalidade das plantações. As nuvens alcançavam dezenas de quilômetros. Mil amostras dos insetos foram trazidas para o Instituto Biológico para estudos.¹⁴⁶⁹

Uma das frentes de pesquisa consistiu em observações sobre a biologia do gafanhoto, seu ciclo de desenvolvimento e a identificação de possíveis inimigos naturais que pudessem ser empregados no seu controle. A outra foram os testes de diferentes agentes químicos no combate à praga. O chefe da divisão vegetal, Hélio Lepage, tomou parte nesses estudos ao lado de Oswaldo Gianotti. Eles confirmaram a opinião de técnicos argentinos, de que inseticidas de origem alemã e inglesa eram os mais eficazes no combate ao gafanhoto, mas sua obtenção no mercado era difícil. Diante disso, passaram a testar um composto desenvolvido no próprio Biológico pelo químico Quintino Mingoya, o Dinitrotofenol (IB

¹⁴⁶⁹ A atual onda de gafanhotos apresenta volume jamais visto na América do Sul, *Folha da Manhã*, 01.10.1946.

946), que se mostrou eficiente na destruição do gafanhoto e pouco tóxico para as plantas. O instituto firmou acordo com duas indústrias privadas, que passaram a fabricá-lo (Ribeiro 1997, p. 110-1).

Em conferência feita em outubro de 1947, Rocha Lima apresentou o quadro das possibilidades reais do combate ao gafanhoto pelo Instituto Biológico. Apresentou a marcha das pesquisas ali desenvolvidas e a ação dos técnicos na região acometida (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). O Biológico não dispunha – sublinhou seu diretor – de uma esquadrilha de aviões, com pilotos treinados para pulverizar inseticidas em pó sobre as nuvens de gafanhotos, “de acordo com a técnica mais moderna e espetacular, da qual nossa fantasia faz esperar a destruição desses insetos antes de pousarem, e assim, a salvação das culturas.”¹⁴⁷⁰ Também não tinha convicção de que esta seria a melhor forma de destruir o invasor. Na Argentina, onde o método havia sido empregado, o êxito era apenas parcial. E esclareceu:

Mais dentro de nossas possibilidades reais está a utilização de pequenos aviões para, em vôo baixo, polvilhar ou pulverizar os gafanhotos pousados e os saltões. Conforme as condições locais, poderão esses ataques ser também realizados com auxílio de caminhões, ‘jeeps’, cavalos e mesmo a pé¹⁴⁷¹

A Companhia Paulista de Aviação doou ao Instituto Biológico um pequeno avião para combate ao gafanhoto, ao qual Rocha Lima batizou “gafanhoto”. Em novembro de 1947, saudou a nova arma na campanha contra a praga discurso em forma de poesia:

Recebe o nome e vem conosco pelejar/
na luta ingrata do servir ao bem comum/
sem outro apoio que o que emana do dever/
Sem mais estímulo que a vontade de vencer/
Para que no campo a tarefa que a nós cabe/
Terra alguma se venha à nossa avantajar/
Na férrea solidez das armas que maneja/
Na firme agudez dos golpes que planeja/
(...) Dos homens seguirás o exemplo tético/
Trucidando sem dó os teus irmãos/
Em vez de bombas, lançarás veneno/
Sobre os que voam em busca de alimento/
Sobre os que pousam para defender sua prole/
Pois grande é o crime quando o lesado é forte/

¹⁴⁷⁰ “Invade o Paraguai densa nuvem de gafanhotos procedentes do Brasil”, *Folha da Manhã*, 25.10.1946.

¹⁴⁷¹ *Idem.*

E merecida a punição que o fraco atinge/ (...) Une-te aos que não cansam nem descansam/ No combate aos parasitas e ao desânimo/ Enquanto formam sementeiras fortes e sãs/ Para que valha nos dias de amanhã (Rocha Lima 1947 *apud* Rebouças 2009, p. 80-1)

A estratégia de utilização dos aviões para pulverização ou polvilhamento de culturas praguejadas foi uma tendência do início dos anos 1940. Ela foi utilizada quando o velho inimigo dos cafeeiros novamente deu as caras, quase simultaneamente ao aparecimento dos gafanhotos. Segundo Ribeiro (1997, p. 111-2), o novo surto da broca-do-café de 1946-7 foi beneficiado, por um lado, pelas condições climáticas, pois as chuvas frequentes beneficiaram a reprodução e disseminação da praga; e por outro, por mudanças de ordem sócio-econômica, pois com o êxodo de trabalhadores rurais para os centros urbanos, faltou mão-de-obra para realizar a principal medida de controle, que era o repasse. O controle biológico com a vespa-de-Uganda, além de menos eficaz, tinha ação mais lenta e requeria cuidados constantes. Diante disso, os técnicos do Instituto Biológico seguiram a tendência internacional no combate às pragas da lavoura – enfatizada principalmente pelos norte-americanos – e realizaram testes com agentes químicos. Eles testaram diferentes métodos de aplicação do BHC (hexacloreto de benzeno), concluindo que o método de polvilhamento (inseticida misturado com talco) consistia no mais barato e eficiente. Os resultados trouxeram otimismo aos pesquisadores, que chegaram até mesmo a aventar a hipótese de que a praga pudesse finalmente ser extinta. Desde o início dos trabalhos da Comissão de Debelação da Praga Cafeeira, Arthur Neiva defendera que ela poderia ser controlada e mantida em baixos níveis, mas jamais exterminada (Silva, 2006). Essa opinião tornou-se praticamente um dogma das campanhas realizadas nos anos seguintes.

As categorias ligadas à cafeicultura deram início a ruidosa campanha em favor da utilização do inseticida no combate à praga. A questão breve ganhou status político: alguns deputados defenderam na Assembléia paulista a liberação de recursos para aquisição do produto. Os custos da aplicação do BHC foram calculados em 1 cruzeiro para cada pé de café. Foi discutido um projeto de lei que previa linhas de crédito para custeio de inseticidas e maquinário, e que encarregava o Instituto Biológico de orientar a execução do polvilhamento dos cafeeiros. O avião gafanhoto entrou em ação no combate à praga. A escriturária do instituto, Ada Rogato, experimentada aviadora, ficou responsável pela aplicação dos inseticidas com o avião na região de Cafelândia, no noroeste do estado.

Os inseticidas também constituíram a principal arma no controle das pragas que acometeram o algodoeiro naqueles anos. O método químico seria a tônica do controle de pragas agrícolas pelas décadas seguintes, refluindo apenas na década de 1970, quando críticas dos efeitos danosos para o meio ambiente e o surgimento de insetos resistentes aos compostos disponíveis impôs uma retomada das estratégias baseadas no controle biológico (Palladino, 1995).

Enquanto os técnicos da Divisão Vegetal enfrentavam as pragas da broca e dos gafanhotos, os da Divisão Animal atracaram-se com a epizootia, que assim como o inimigo dos cafeeiros, já lhes era conhecida: a peste suína. Eles já dispunham da principal arma contra o mal que, a partir de 1946, passou a ameaçar o rebanho suíno de São Paulo com quase três milhões de cabeças— a vacina cristal violeta, desenvolvida nos Estados Unidos e aperfeiçoada no Biológico por Mario D'Apice. No entanto, a técnica disponível não possibilitava a obtenção da quantidade necessária do imunizante. Apenas depois de muitos estudos, os pesquisadores do Biológico obteriam maiores partidas da vacina através da modificação da forma de aplicação, que ao invés da via muscular, passou a ser a intradérmica (Ribeiro 1997, p. 121-3).

6.10. Rocha Lima, a política local e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Junto com o recrudescimento da peste suína e da broca do café, os gafanhotos e as pragas dos algodeiros, vimos que em 1947 também retornou ao cenário político paulista Adhemar de Barros. Rocha Lima apresentou a Munk o governador e sua ascensão política em termos nada favoráveis. “Médico do mais baixo nível, que no curto período de seu vergonhoso governo articulava de modo a ser bajulado por todos, desde funcionários da polícia, quase indigentes, a magnatas industriais.”¹⁴⁷²A eleição democrática de Barros – prosseguiu –fora possível graças aos recursos facilmente adquiridos, promessas demagógicas, aliança com o Partido Comunista e à divisão de votos entre os vários outros partidos. Ele havia fundado seu próprio partido com seu dinheiro, complementou. As consequências disso era a falta de recursos do governo paulista, que se encontrava à beira da bancarrota. O Estado, segundo Rocha Lima, estava incapaz de saudar suas dívidas e proibido de executar novos

¹⁴⁷² Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.05.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

gastos, de modo que ele e os demais funcionários públicos estaduais temiam, em breve, não mais receber seus salários. O “caos” em que se encontrava São Paulo devia-se, na visão do diretor do Biológico, ao boicote financeiro do governo federal, que não tinha mais confiança em repassar verba para o estado.¹⁴⁷³

A administração de Adhemar de Barros afetou diretamente o Instituto Biológico. Na mesma carta, Rocha Lima relata que o primeiro secretário de Agricultura nada tinha a ver com a pasta, tratando-se apenas de um especulador do algodão que faturava às custas do banco estadual. Este teria tentado destruir o Biológico, de modo a poder auferir lucros com o edifício do instituto e o valioso terreno ao seu redor. Tão bem conduziu seu cargo, que foi demitido em dois meses, “embora ele e o governador tivessem muitos pontos em comum em termos de escrúpulo e habilidade para os negócios”, acrescentou Rocha Lima.¹⁴⁷⁴

“As instituições científicas estatais” – escreveu Rocha Lima a Munk – “dependem de pessoas que não têm nenhuma idéia, nenhuma consideração e nenhuma compreensão do valor e da importância da ciência. Pior que isso: têm uma concepção completamente equivocada”. Segundo ele, talento e competência não tinha nenhuma função para essas pessoas. Depreende-se da carta escrita em outubro de 1947, que a situação de Rocha Lima com o governo estava bastante tensa. “Não está de modo algum seguro, se quando você receber essas linhas, eu ainda serei diretor do Instituto Biológico”, escreveu.¹⁴⁷⁵ E explicou a situação para o amigo: dos 15 milhões de cruzeiros necessários para o orçamento do Biológico, mais da metade era para cobrir os custos com pessoal, mas dos quais mais de um milhão era direcionado a pessoas que não trabalhavam ali. Não podia fazer nada para mudar aquela situação, relatou. Tinha de aceitá-la e seguir adiante. “Porém meu orgulho é ter a melhor equipe científica do Brasil e realizar uma administração que, de longe, é a melhor das instituições públicas daqui”. Se na Alemanha a superestimação do próprio poder em detrimento do dos outros levava a uma guerra avassaladora – comparou – no Brasil, assistia-se a uma outra forma de causar

¹⁴⁷³ *Idem.*

¹⁴⁷⁴ *Idem.*

¹⁴⁷⁵ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 27.10.1947.Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

destruição e deter o progresso, que era a má-administração, o desgoverno, “que provoca desordem, debilidade e atraso.”¹⁴⁷⁶

Adhemar de Barros logo pôs a perder as poucas conquistas e garantias que a comunidade científica de São Paulo havia obtido com Fernando Costa. A principal delas havia sido a manutenção do regime de tempo integral, que ele havia regulamentado, junto com a melhora dos salários. Foi uma das medidas que Barros já havia atacado em sua gestão como interventor, mas que agora ele suprimia em várias instituições (Reis 1948, 1977; Ribeiro 1997). Estabelecido pela primeira vez no estado de São Paulo por Arthur Neiva, em 1917, quando era diretor do Serviço Sanitário, o regime previa a dedicação exclusiva dos colaboradores às instituições científicas. Consistia num pré-requisito para o desenvolvimento integral dos trabalhos de pesquisa, sendo um ideal que Neiva transplantou para o Biológico, e que foi firmemente defendido por Rocha Lima em sua gestão. O governo de Adhemar de Barros prosseguiu também o corte de verbas e nomeações arbitrárias de funcionários que nada tinham a ver com as atividades desenvolvidas na instituição.

Com o retorno de Adhemar de Barros e sua política “anti-científica”, principalmente no que se referia ao Instituto Biológico, as considerações de Rocha Lima sobre a dinâmica política local tornaram-se ainda mais críticas. Em carta a Munk, queixou-se do fato de ter de enfrentar continuamente “os mais inacreditáveis aborrecimentos e absurdos” da administração estatal.¹⁴⁷⁷ Só assim podia manter o caminho livre para seus colaboradores. Num balanço de sua administração, que já se encontrava próxima do final, considerou que, apesar da alegria de ter ampliado bastante seus horizontes científicos no campo da patologia animal e vegetal, o desejo de produzir algo novo ou de se aprofundar o máximo possível num ramo especial do conhecimento, permaneceu, em grande medida, insatisfeito.¹⁴⁷⁸

As seguidas ingerências de Adhemar de Barros na administração das instituições científicas provocaram descontentamento entre os pesquisadores de São Paulo. A reação deles foi precipitada por medida que o governador tomou em relação ao Instituto Butantan, ao qual pretendia transformar numa fábrica de produção de soros e vacinas, pondo por terra, numa

¹⁴⁷⁶ *Idem.*

¹⁴⁷⁷ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁷⁸ *Idem.*

canetada, toda a robusta produção científica construída desde os tempos de Vital Brazil. Para isso, afastou o diretor do Instituto, Afrânio do Amaral, que à época promovia uma ampliação do programa de pesquisas fundamentais, que abarcava, por exemplo, investigações no campo da endocrinologia. Um grupo liderado por Maurício Oscar da Rocha Silva, e composto principalmente por quadros do Instituto Biológico e da USP, mobilizou-se no sentido de defender as demandas do coletivo de cientistas. Nasceu daí a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), inspirada nas agremiações análogas que Rocha e Silva conheceu de perto durante viagens de estudo que fez à Inglaterra e Estados Unidos. Além de Rocha e Silva, tomaram parte na iniciativa José Reis, Adolpho Martins Penha, Jorge Americano, Gaston Rosenfeld, os físicos Gleb Wataghin, Mário Schenberg, Marcello Damy de Souza Santos, José Ribeiro do Valle, Paulo Sawaya, entre outros. Neste grupo inicial, que fundou a SBPC, predominaram os biólogos e pesquisadores de instituições paulistas. O objetivo principal era criar um fórum de discussão das questões concernentes à comunidade científica, mas, principalmente, defendê-las junto ao Estado e à sociedade. Botelho (1990) identifica na Sociedade a primeira iniciativa no sentido de representar os interesses dos cientistas, definir um valor social para a ciência e garantir apoio econômico para a atividade científica. De acordo com um dos principais articuladores da criação da agremiação ao lado de Rocha e Silva, José Reis (1973), três idéias-força impeliram a fundação da SBPC: a de que a ciência era a mola propulsora do desenvolvimento, e por isso, merecia apoio; a concepção de que a opinião pública devia ser informada sobre a natureza e valor da atividade científica e, por fim, a idéia de que os cientistas só podiam dar conta de sua função social, uma vez reunidos em torno de algumas concepções concernentes à ciência e à sociedade.

De acordo com Botelho (1990), desde o início os criadores da SBPC foram conscientes de que a profissionalização da atividade científica era um processo eminentemente político, através do qual os cientistas traduziriam seus interesses corporativos em prioridades políticas. Seguiu um modelo no qual estes negociavam com o Estado estruturas e procedimentos que consideravam adequados ao desenvolvimento do campo científico. A criação da SBPC também estava inserida num contexto internacional que emergiu depois da Segunda Guerra, no que passou a ser valorizada a concepção de política

científica e que em São Paulo, havia levado, em 1947, à criação da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP).¹⁴⁷⁹

A SBPC contou com um periódico oficial – *Ciência e Cultura* – pelo qual José Reis ficou responsável por quase 40 anos. Além disso, a Sociedade promoveria reuniões anuais destinadas a aglutinar os cientistas e discutir, não só questões referentes aos distintos campos científicos que a compunham, como também aspectos da política científica de um modo geral. Em conferência de abertura que ocorreu na Biblioteca Municipal de São Paulo em julho de 1948, Rocha Lima, nomeado presidente de honra da Sociedade (confirmar) e um dos mais influentes membros da mesmaproferiu discurso de abertura intitulado “Vicissitudes da vida científica” (Rocha Lima, 1949). Já o abordamos, em parte, no capítulo 3. Nesse discurso, Rocha Lima, que pertencia à geração científica anterior à da maior parte dos membros fundadores, buscou caracterizar o perfil da atividade científica a partir de sua experiência pessoal. Por conta disso, merece uma análise detida, com o propósito de desnudar sua percepção do empreendimento científico e a leitura pessoal que fez de sua trajetória.

No título da conferência, Rocha Lima já enunciava a tônica de seu discurso: a atividade científica era de ordem vocacional, que como tal, envolvia adversidades, que somente a auto-confiança e a vontade de bem servir ao ideal de “busca da verdade” possibilitavam superar. Mas ele próprio sugeria título alternativo para a preleção – “ecologia da investigação científica” (Rocha Lima, 1949, p. 1527). Este talvez fosse mais fiel à linha argumentativa desenvolvida, mas o primeiro era mais representativo de um ofício que envolvia – em suas palavras - “conquista de adeptos” e “difusão da crença” (Idem, p. 1527). O argumento, em termos gerais, era o de que a ciência só podia medrar num ambiente propício, ou seja, no qual era reconhecida como um valor, sendo por isso compreendida, estimulada e apoiada pelos diferentes grupos sociais que a acolhiam. Tratava-se menos de determinação cultural do que de um jogo dialético, no qual a prática científica e seu entorno se afetariam e se beneficiariam mutuamente. Um forte “arcabouço cultural”, com “possantes alicerces científicos” de uma nação, não se abalavam, “mesmo quando por uma catástrofe humana é esta despojada de todas as suas riquezas e por terra jazem os escombros de sua potência econômica e política e ainda assim continua a despertar temor entre os mais poderosos” (Idem, p. 1527). Tal reflexão era orientada pela experiência da Alemanha, recém-saída de

¹⁴⁷⁹ Sobre a criação e trajetória da FAPESP ver Motoyama, 1999.

uma guerra de grandes proporções, com seu território, cultura e economia novamente devastados, mas que Rocha Lima acreditava ser capaz de se reconstruírem graças à força de seu espírito científico. Se no pós-Primeira Guerra a ciência teria capacitado o soerguimento de uma Alemanha destruída e humilhada, ele acreditava ter motivos para pensar que o mesmo padrão se repetiria naquele momento. Do mesmo modo, reconheceu na ciência o fator responsável pelo súbito desenvolvimento e prestígio alcançados internacionalmente pelos Estados Unidos e Japão. Atribuiu esse “vertiginoso progresso e extraordinária força econômica e política” (p. 1531) à ciência européia – leia-se, alemã – transplantada para esses países através da migração de técnicos que estabeleceram ali o padrão que reconhecia como de excelência científica, “e que os levaram à culminância do prestígio internacional (Idem, p. 1531).

“Foi a ciência que venceu a Guerra. E essa ciência, que faz vencer, não se compra feita. É preciso cultivá-la em próprias terras”, afirmou Rocha Lima. Para isso era necessária a promoção de um “legítimo espírito científico”, capaz de reverter “as poderosas forças anti-científicas que nos cercam”. O ambiente cultural brasileiro foi retratado como hostil ao cultivo da atividade científica, no qual “a ciência ainda evolui como planta exótica em clima diferente do seu habitat natural” (Idem). Os “espinhos, peias e entraves” à prática científica teriam origem nas deficiências culturais das elites dominantes e dos seus representantes, que conduziam a política e a administração pública. Daí vinha um dos principais problemas, pois a máquina administrativa, segundo Rocha Lima, era “terrivelmente viciosa e desarticulada” (Idem, p. 1529). Ela perpetuava e favorecia o cultivo do que ele caracterizou como “meia-ciência”, “a mais prejudicial, esterilizante e insidiosa das pragas” (Idem, p. 1529). “Esse vazio e pretensioso arremedo de ciência” – criticou – representava:

... não uma determinada percentagem de saber armazenado, mas tão somente aquela forma ou aspecto de insuficiência de cultura e vício de mentalidade, que se caracteriza pelo despreço e pela aversão mal dissimulada para com as normas de estudo, de pensamento e de conduta exigidas pelo sincero e puro culto à ciência, acompanhada da tendência e esforço para se atribuir autoridade intelectual e simular conhecimentos científicos, dedicando a essa simulação ou defesa de aparências muito maior atenção, esforço e cuidado do que remediar a própria insuficiência de instrução, observação e experiência (Idem, p. 1529)

A profusão de instituições científicas e de escolas não garantiria, na acepção de Rocha Lima, o estabelecimento de uma legítima ciência, enquanto esta fosse mobilizada apenas como artefato decorativo e ferramenta para o exercício do domínio e da política. O uso da ciência como “verniz”, desacompanhada de uma prática autêntica de formulação e crítica de enunciados, refletia esse ambiente distorcido. Este ainda favoreceria a proeminência de homens de ciência em detrimento dos legítimos cientistas, obscurendo a distinção entre “a legítima e produtiva mentalidade científica, do abundante joio das suas multiformes imitações, simulações e esboços atrofiados” (Idem p. 1528). Os efeitos mais danosos da “meia-ciência” eram vistos quando ela era posta a serviço de interesses individuais, “alheios ou infensos à objetividade, à veracidade e à retidão que caracterizam o espírito científico” (Idem, p. 1528). Na opinião impiedosa de nosso personagem, este não era promovido, como se esperaria, no âmbito da educação superior, “com a interminável seqüência e futilidade de suas reformas, a irreabilidade pernóstica de seus programas”, incorporado por “mestres decoradores que conduziam “ao embotamento do raciocínio pela exclusiva e excessiva solitação da memória acompanhada da simulação de trabalhos práticos” (Idem, 1528).

A conferência de Rocha Lima era uma defesa da autonomia da ciência, que não poderia ficar submetida às ingerências e desmandos de autoridades incapazes de distinguir a “meia-ciência” da ciência autêntica, nem aos interesses cambiantes de grupos políticos e partidos. O “ambiente” propício ao cultivo das ciências seria forjado por uma plena compreensão de seu significado enquanto atividade dignificante do espírito, de modo que não se poderia mensurá-la pelos resultados diretos que apresenta à sociedade. Era uma crítica àqueles que encaravam as ciências apenas a partir de suas aplicações úteis. Para o diretor do Biológico, era fundamental sacudir o bolor do indiferentismo que pairava sobre as elites políticas em relação à atividade científica; em sua opinião, um obstáculo maior ao pleno desenvolvimento das massas do que o analfabetismo e a suposta falta de cultura das mesmas.

Embora o elemento decisivo para a promoção de valores científicos estivesse, na concepção de Rocha Lima, na “espinha dorsal” da formação cultural, ele não considerava a esfera da cultura como uma herança atávica, que impediria os indivíduos de tomarem em suas mãos o destino da sociedade. No que tinha de diagnóstico, a mensagem era altamente propositiva: “Reunamos e organizemos esforços convergentes no sentido de introduzir naquele círculo vicioso da interdependência entre ciência e ambiente o máximo possível do espírito que se vai formando nos nossos esparsos e pequenos núcleos de pesquisa científica” conclamou (Idem). O diagnóstico teria por função precaver os jovens cientistas que

integravam a SBPC daquilo que eles enfrentariam adiante. Deveria servir de imunizante, capaz de aumentar a resistência aos constantes desafios e ataques, que aos amantes da verdadeira prática científica, consistiam no “suicídio forçado da parte mais feliz da própria personalidade.” “Aqui fala a experiência de vinte anos de construção e defesa de uma cabeça de ponte na luta pela ciência em setor dos mais desalentadores”, afirmou (Idem). Além da experiência como administrador de uma instituição de pesquisa em meio aos ataques da administração paulista, Rocha Lima apresentou os obstáculos que enfrentou para o reconhecimento de suas principais realizações – a elucidação da etiologia do tifo e a identificação das lesões histopatológicas da febre amarela. Delas, reforçou a lição de que era fundamental ir a campo “para defender os seus méritos” e fazê-lo na língua predominante nos circuitos internacionais. “A preponderância de uma língua tem força para atribuir a autoria de uma descoberta”, afirmou, e muitas vezes esta tinha por função favorecer em caráter de propaganda o prestígio científico da nação da qual procedia. Os jovens pesquisadores não deveriam se desencorajar diante de campos considerados por demais explorados e percorridos por pesquisadores experimentados. Como lhe ocorrera no caso da febre amarela, nestes podiam inesperadamente surgir “preciosos achados”. (Idem, p. 1535).

A caracterização da atividade científica feita por Rocha Lima era árida. A vida na ciência era feita de vicissitudes e requeria convicção e energia quando transcorrida num ambiente hostil como seria a formação cultural brasileira. “Não é com otimismo que se provocam energias, mas sim apontando onde podem estas ser úteis ou necessárias”, declarou em justificção a um quadro tão duro da carreira científica. Como ele próprio afirmou, tal visão estava calcada fundamentalmente na sua experiência. Por conta disso, ela representa também uma leitura que nosso personagem fazia de sua trajetória, no apagar das luzes da mesma. Considerava-se um combatente, que havia lutado contra os obstáculos ao reconhecimento, prestígio e idealismo que o moviam rumo ao “sacro fogo que ilumina e aquece a suprema fonte do saber humano” (Idem, 1527). Mas esta não seria uma luta inglória, pois “A conquista da verdade nova constitui, sem discussão, a ventura maior a que pode aspirar o homem”, concluiu citando o histologista espanhol Ramon y Cajal. Em breve, Rocha Lima retirar-se-ia da cena pública e legava a seus discípulos seu “testamento científico”. Em 1949, teve de aposentar-se, por ter completado 70 anos.

Se em maio de 1948 Rocha Lima escreveu a Munk que não sentia nenhum sintoma da idade, e se surpreendia numa “cômica despreocupação” pelos próximos anos, com a aproximação dos 70 demonstrou passar por uma certa crise. Exatamente um mês antes do

aniversário escreveu novamente ao médico alemão, dizendo sentir que “a querida amiga morte” parecia querer se aproximar “vagarosa e despercebida”.¹⁴⁸⁰ “Embora sempre bem-vida, ela sabe que eu preferiria dela um surpreendente abraço amigo, sem hora marcada, mas ela sabe também, que eu gostaria muito de poder tagarelar longa e agradavelmente com você aqui ou aí. Ela terá que esperar um pouco”, gracejou.¹⁴⁸¹

“Agora você também já faz parte dos velhos” escreveu Munk em carta de congratulações pelos 70 anos completados pelo amigo. Percebendo a crise que o acometia, procurou consolá-lo pela experiência de quem já havia passado por aquilo: “Eu me perguntava toda vez, antes de comprar cada camisa ou cueca novas, se ainda valeria a pena fazê-lo, e a cada trabalho que começava, se eu conseguiria concluí-lo.” Mas Munk garantiu que tal crise passava com a vida cotidiana e desejou que o brasileiro logo se adaptasse. Em relação à aposentadoria, comentou: “Aproveite também no seu aniversário a sensação justa e apaziguadora de que você prestou ao seu país grandes serviços, embora às vezes não conhecidos e reconhecidos. Pense como o rei da Saxônia: façam vocês mesmos suas porcarias”.¹⁴⁸²

Conforme havia escrito a Munk e Mayer, Rocha Lima passou o aniversário na mais absoluta tranquilidade e isolamento, em companhia apenas de Lygia. Viajaram, de modo que ele pode passar o “ominoso dia” no “desejado sossego e abnegação.”¹⁴⁸³

6.11. Rocha Lima o Instituto Pinheiros e as últimas iniciativas do “diplomata da ciência”

Em 25 de dezembro de 1949, a *Folha da Manhã* noticiou a aposentadoria de Rocha Lima como diretor do Instituto Biológico de São Paulo.¹⁴⁸⁴ Mas já há quase um ano, como ele informou a Martin Mayer, encontrava-se numa espécie de “licenças prolongadas”, que

¹⁴⁸⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.05.1948 e de 24.10.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁸¹ *Idem*

¹⁴⁸² Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 02.11.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁸³ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 14.12.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁸⁴ “A aposentadoria do conhecido cientista Rocha Lima”, *Folha da Manhã*, 25.12.1949.

embora não o permitissem distanciar-se do Instituto, desobrigava-o “das asquerosas obrigações administrativas.”¹⁴⁸⁵ Há mais de um ano atrás, havia se preocupado com a ocupação que assumiria depois de deixar a direção do Biológico. “Não tenho a menor inclinação para a ociosidade”, escreveu a Munk, em maio de 1948.¹⁴⁸⁶ No entanto, o afastamento “da corrosiva administração estatal local” só poderia ser um benefício.¹⁴⁸⁷ Havia também a preocupação com a questão financeira, pois com a aposentadoria seus vencimentos cairiam pela metade.

Tais preocupações se dissiparam quando foi convidado para assumir a direção científica do Instituto Pinheiros. Como esclareceu a Mayer e Munk, tratava-se de um instituto privado, análogo ao “incurável” Instituto Brasileiro de Microbiologia, que ainda mantinha com Arthur Moses e Henrique Aragão. Ao contrário deste, que só andava para trás, o Pinheiros encontrava-se em franco progresso – informou –, sendo o maior instituto soroterápico brasileiro (para Mayer, afirmou que estava entre os maiores da América Latina), com mais de 400 cavalos fornecedores de soro, um serpentário maior que o do Butantan e laboratórios bem equipados. Nos de química eram preparados medicamentos, como cálcio, bismuto, iodo, sulfamidas, vitaminas, etc. Tinha uma equipe científica, composta de 12 membros, que além de ser responsável pela consultoria das atividades de produção, publicava sua própria revista. Entre eles, contavam-se dois alemães – um dos quais fora internista em Greifswald, Viktor van der Reis – e um húngaro, ao qual não cita o nome.¹⁴⁸⁸ Mas o mais importante, salientou aos amigos alemães, era poder manter-se ativo, sem modificar seu ritmo de vida, ao invés “do repouso de uma tranquilidade forçada.”¹⁴⁸⁹ Além disso, alegrava-se com a idéia de voltar a ocupar-se com a medicina humana. Pela primeira impressão, disse estar satisfeito com o ambiente e os futuros colaboradores. Tão desgostoso estava com a administração pública, que a hora da dispensa, que seria triste, tornou-se momento de intensa alegria, conforme comentou com Munk: “Nosso governo de gângsters em São Paulo, com sua

¹⁴⁸⁵ Carta de Rocha Lima a Martin Mayer de 14.12.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁸⁶ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 11.05.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁸⁷ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁸⁸ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1948 e a Martin Mayer de 14.12.1949. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁸⁹ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 30.11.1948. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

desavergonhada má administração e conduta indecorosa, transformou a melancólica destituição do serviço público numa alegria verdadeiramente libertadora”¹⁴⁹⁰Munk considerou de grande valor o fato de Rocha Lima dedicar-se a um campo novo de atividades. “Os brasileiros e, principalmente, os seus colaboradores, logo perceberão a falta da tua força na direção (...) Você conseguirá viver sem a raiva acumulada?” escreveu.¹⁴⁹¹

O Instituto Pinheiros fora fundado em 1928 por Eduardo Vaz, que havia sido pesquisador no Butantan, tendo se especializado na produção da vacina BCG contra a tuberculose e por Mário Augusto Pereira, que trabalhara com Vital Brasil no instituto privado fundado por ele em Niterói, ambos formados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Pedro Romero e José Vaz ficaram responsáveis pela administração da empresa, estabelecida em São Paulo, e pela parte financeira e comercial. Em 1936, o Instituto Pinheiros contava com 154 operários e capital de 2, 5 mil contos de réis e em 1957, conforme demonstra Ribeiro (2001), já estava entre as maiores empresas farmacêuticas do Brasil, sucesso que a autora atribui à equipe de técnicos e cientistas, muitos dos quais treinados nas instituições públicas de pesquisa, ao pleno domínio do padrão tecnológico e a inovações na fabricação de uma série de produtos biológicos. Os estudos para desenvolvimento de novos produtos concentraram-se em venenos de cobras e de soros e vacinas contra os mesmos, e nos produtos voltados à profilaxia e terapêutica de doenças infecciosas. O organograma da empresa decompunha-se em produção científica e comercial. A primeira abrangia departamentos de imunologia e biologia, purificação e concentração de soros e dosagem e controle de qualidade (Ribeiro, 2001).

Mesmo depois de assumir a direção do Instituto Pinheiros, Rocha Lima permaneceu contribuindo para o intercâmbio intelectual do Brasil não só com a Alemanha, mas também com outros países. Recebeu em São Paulo, em 1950, Walter Kikuth.¹⁴⁹²Nesse mesmo ano, o pesquisador do Instituto Pinheiros, Heinz Keydel, foi para a Alemanha com recomendações suas.¹⁴⁹³ Em 1952, nosso personagem foi contactado pelo Instituto de Física Teórica para

¹⁴⁹⁰ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 12.04.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁹¹ Carta de Fritz Munk a Rocha Lima de 12.01.1949.Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁹² Carta de Walter Kikuth a Rocha Lima de 29.01.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁹³ Carta de Rocha Lima a Fritz Munk de 24.10.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

intermediar a vinda de dois físicos alemães: Siegfried Flügge, da Universidade de Marburg, e Fritz Bopp, da Universidade de München. O instituto paulista queria trazê-los para uma estadia de 3 a 4 meses no Brasil, com passagens e despesas pagas. Dirigiram-se a Rocha Lima para que ele mobilizasse seus contatos, valendo “do seu notável prestígio nos meios científicos alemães.”¹⁴⁹⁴ Pedido semelhante foi feito pelo professor da USP, Paulo Sawaya, que estava interessado em convidar o pesquisador Rheinhold Heinz Muehlford para uma temporada de estudos na universidade. Rocha Lima esclareceu que não o conhecia pessoalmente, mas conforme se informou com “fontes fidedignas” era um nome bastante recomendável, “inteligente, franco e de fácil adaptação”, que além do mais, falava português devido à temporada que passara nas colônias portuguesas da África.¹⁴⁹⁵

O ex-colaborador do Instituto Biológico Zeferino Vaz também pediu a Rocha Lima em 1952 que intermediasse a vinda de um patologista alemão para ensinar na Faculdade de Medicina que estava organizando em Ribeirão Preto. Na viagem que fez à Alemanha naquele ano, ele estabelecera contato em Munique com o patologista vienense Fritz Köberle. Segundo Rezende (2009), Köberle estava bastante interessado em estudar doenças desconhecidas, e Rocha Lima havia lhe dito que a doença de Chagas era campo dos mais promissores. Em carta de janeiro de 1953, Büngeler respondia a consulta do colega brasileiro sobre o austríaco. Conhecia-o apenas superficialmente, mas tinha dele uma boa impressão, relatou. No aspecto científico, era bastante sério, “embora não original”.¹⁴⁹⁶ A sugestão de Rocha Lima foi bem-sucedida: em setembro de 1953, Köberle mudou-se com a mulher e os dois filhos para Ribeirão Preto. Afirmou ter encontrado ali um prolífico campo de pesquisas e um bom ambiente de trabalho. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto havia sido criada no ano anterior dentro dos parâmetros defendidos pelos integrantes da SBPC, conforme assinala Kropf (2006, p. 438), de regime de tempo integral aos professores e estímulo à investigação científica. Köberle destacou-se nos estudos sobre a patologia da doença de Chagas, concentrando-se na correlação desta com afecções do trato gastrointestinal como o megaesôfago e o megacólon. Tão entusiasmado ficou com o novo campo de pesquisas, que ficou de vez no Brasil, sendo professor em Ribeirão Preto até se aposentar, em 1976 (Idem).

¹⁴⁹⁴ Carta de Leal Ferreira a Rocha Lima de 19.12.1952. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁹⁵ Carta de Rocha Lima a Paulo Sawaya de 25.08.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁹⁶ Carta de Walter Büngeler a Rocha Lima de 05.01.1953. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

Já vimos o empenho e as contribuições de Rocha Lima para a viagem de Ernst Nauck, em 1954. Nesse mesmo ano ele recebeu em São Paulo Hans Rheinfelder, professor de línguas latinas na Universidade de Munique. O único vestígio de sua vinda é a carta que escreveu a Rocha Lima em agradecimento pela hospitalidade.¹⁴⁹⁷ No ano seguinte, Rocha Lima preparou a vinda do colega polonês Ludwik Anigstein. Conforme vimos, este havia emigrado para os Estados Unidos, em 1940, fugindo da perseguição nazista. Trabalhava no Texas, onde se dedicava, entre outras coisas, às pesquisas sobre riquetsias. Estava prevista sua ida para o Peru, para pesquisar Febre de Oroya. Queria aproveitar a oportunidade e vir até o Brasil, entre julho e agosto de 1955, para ocupar-se com o estudo da epidemiologia do chamado “tifo de São Paulo” (Febre Maculosa Brasileira). O interesse era comparar espécies de carrapatos que atuavam como transmissores da doença aqui, com aquelas que ocorriam no Texas. Havia planejado também uma viagem até a Ilha do Bananal, no rio Araguari, para investigar as doenças que grassavam entre as populações indígenas. Pediu que Rocha Lima o auxiliasse com comentários, recomendações e no planejamento da viagem.¹⁴⁹⁸ O brasileiro forneceu-lhe carta de recomendação para Henrique Aragão, que no Brasil era um dos maiores especialistas em carrapatos, conforme esclareceu em carta.¹⁴⁹⁹ Como Anigstein chegaria primeiro ao Rio, pediu a Aragão que o recebesse e o apoiasse em tudo que fosse necessário.¹⁵⁰⁰ Também indicou-o a Olympio da Fonseca Filho e Heraclides César de Souza Araújo, que Anigstein afirmou já conhecer da Organização de Saúde da Liga das Nações.¹⁵⁰¹ Ele estava também interessado em pesquisar sobre a lepra no Brasil. Na USP, foi recomendado para o professor de parasitologia, José Lima Pedreira de Freitas. Ainda em São Paulo, disse ter interesse em visitar o Instituto Biológico, conhecer o Instituto Pinheiros e seus colaboradores e ir para o

¹⁴⁹⁷ Carta de Hans Rheinfelder a Rocha Lima de 19.12.1954. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁹⁸ Carta de Ludwik Anigstein a Rocha Lima de 06.12.1954. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁴⁹⁹ Carta de Rocha Lima a Ludwik Anigstein de 18.01.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁵⁰⁰ Carta de Rocha Lima a Ludwik Anigstein de 07.03.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁵⁰¹ Carta de Ludwik Anigstein a Rocha Lima de 12.01.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

interior para estudar as doenças locais, entre as quais elencou a doença de Chagas.¹⁵⁰² No Rio, estabeleceu contato com Mario Pinotti.¹⁵⁰³

Já de volta aos Estados Unidos, Anigstein agradeceu a Rocha Lima pela assistência. Trabalhava intensamente em seu relatório de viagem, “tentando digerir e analisar minhas abundantes observações e impressões obtidas durante meu percurso de estudos.”¹⁵⁰⁴ Dedicou-se, então, a levar Rocha Lima para os Estados Unidos, para visitar as universidades e centros de pesquisa médica do sul do país – Texas, Tennessee, Louisiana, Georgia, Alabama e Florida. Tentaria obter com colegas um *fellowship* para o brasileiro.¹⁵⁰⁵ Rocha Lima ficou interessado, pois na viagem, feita há 10 anos, não conhecera o sul. O interesse também estava relacionado ao fato de ter recém-assumido a direção do Museu da Ciência e da Técnica, em São Paulo. Queria visitar instituições análogas em Chicago e Boston.¹⁵⁰⁶ No entanto, desistiu da viagem por motivos financeiros e porque não poderia ficar ausente por 4 meses do Instituto Pinheiros, conforme justificou a Anigstein.¹⁵⁰⁷

Outro aspecto que Rocha Lima permaneceu cultivando depois da aposentadoria, foi a integração com os círculos intelectuais brasileiros, mais especificamente, paulistas. Continuou sendo presença assídua nas reuniões “sexta-ferinas”, que como vimos, consistiam talvez no único círculo de sociabilidade inter-institucional e interdisciplinar dos membros das instituições de pesquisa. Em 1950, foi nomeado presidente da Sociedade Goetheana de São Paulo.¹⁵⁰⁸ Esta tinha por objetivo promover conferências destinadas a difundir a obra de Goethe. Tinha o apoio da Academia Paulista de Letras, da Academia de Estudos Goethianos (da Faculdade de Letras e Filosofia da USP), da Academia de Letras da Faculdade de Direito da USP, do Departamento Municipal de Cultura e da Sociedade Goetheana de Weimar. Entre

¹⁵⁰² Carta de Ludwik Anigstein a Rocha Lima de 25.03.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁵⁰³ Carta de Mario Pinotti a Rocha Lima de 24.10.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁵⁰⁴ Carta de Ludwik Anigstein a Rocha Lima de 19.09.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁵⁰⁵ *Idem.*

¹⁵⁰⁶ Carta de Rocha Lima a Ludwik Anigstein de 04.08.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁵⁰⁷ Carta de Rocha Lima a Ludwik Anigstein de 14.10.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁵⁰⁸ Carta de Rocha Lima à Sociedade Goetheana de São Paulo de 22.06.1950. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

seus membros constavam nomes como Abrahão Ribeiro, que foi seu presidente honorário e Sérgio Buarque de Holanda. No jornal *O Estado de São Paulo*, havia um grupo expressivo de pessoas que se interessavam pela obra do poeta alemão e escreviam sobre ele no matutino. O grupo incluía, além de Sérgio Buarque, Maria de Lourdes Teixeira, Lúcia Miguel Pereira, Sérgio Milliet, Victor Mittkowski, Fritz-Joachim vonRintelen, Wolfgang Pfeiffer, Waldemar Niemeyer, entre outros.

A Sociedade Goetheana atuou como ponto de apoio das relações culturais Brasil-Alemanha no pós-Segunda Guerra. De discurso feito por Rocha Lima na agremiação, observa-se que ela promovia estudos de línguas clássicas e de alemão e de literatura, oferecendo a possibilidade dos alunos complementarem tais estudos numa universidade alemã. Eles receberam cerca de 3 mil livros da Alemanha, incorporados à Biblioteca Municipal, que à época era dirigida por Sérgio Milliet. A Sociedade também promoveu o intercâmbio de cientistas através da concessão de bolsas de estudos. No referido discurso, Rocha Lima menciona a presença de 3 cientistas alemães e um brasileiro que estava a caminho de Hamburgo, convidado pela universidade de lá, o professor de literatura, Soares Amora. Outras atribuições assumidas pela Sociedade foram a tradução e edição de obras literárias e científicas, a publicação de um anuário, exposições de arte e livros estrangeiros no Brasil e de brasileiros, no estrangeiro e organização, na Universidade de Hamburgo de cursos sobre literatura, arte, história e geografia do Brasil.¹⁵⁰⁹

Ainda em 1954, Rocha Lima recebeu convite para participar do 6º Congresso de Ciências Médicas da Venezuela. Queria aproveitar a ocasião para visitar a mulher e filho de Martin Mayer, com quem permaneceu se correspondendo mesmo depois da morte do pesquisador, em 1951. A viagem não ocorreu, entre outras coisas, porque a “terrível inflação”, conforme esclareceu à viúva de Mayer, tornou-a extremamente onerosa.¹⁵¹⁰ Nos últimos anos de sua vida, Rocha Lima passou entre as manhãs no Biológico, as tardes no Instituto Pinheiros e os finais de semana na casa em Guarujá. Lygia dedicava-se à tecelagem e juntos criavam seu filho, Fernando Adolfo. Foi em meio a essa rotina que a “Freund Hein” – a amiga morte,

¹⁵⁰⁹ Discurso na Sociedade Goetheana de São Paulo (Datilografado) s.d.Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

¹⁵¹⁰ Carta de Rocha Lima a Frau Mayer de 02.08.1955 e de 21.09.1955. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

como mencionara a Munk – veio o surpreender, no dia 12 de abril de 1956. De acordo com testemunho de José Reis (1956), na cabeceira de sua cama encontrava-se quando da morte de Rocha Lima exemplar de uma revista médica e dois livros, “Les Caves du Vatican” e “O Velho e o Mar”, de Hemingway.

6.12. “Exilado em sua própria terra”: a produção de uma memória

Desde o momento da morte de Rocha Lima, teve lugar a produção de robusta produção memorialística relativa a sua vida científica (Bier, 1956, 1966, 1979; Fonseca, 1956; Reis, 1956a, 1956b, 1956c, 1962, 1975, 1976, 1979; Rocha e Silva 1956; Mendes, 1957; Michalany, 1958; Falcão, 1966, 1967; Weyer, 1967; Amorim, 1968; Guimarães, 1968; Moraes, 1968; Piza, 1968; Faculdade de Medicina da USP, 1998; Vieira, 2000; Rebouças 2005, 2009). Entre os artífices dessa memória, predominaram os colaboradores do Instituto Biológico, que se enquadraram na categoria de seus “discípulos”.

A despeito das diferenças, concernentes, entre outras coisas, às distintas motivações que orientaram a produção desses textos, prevalece o mote do cientista esquecido, injustiçado, que teve de lutar para impor o significado de suas realizações científicas. “Falar de Rocha Lima significa falar do silêncio que ronda sua importância científica até mesmo dentro de seu próprio país”, comenta publicação na qual apresenta nosso personagem como um dos eleitos entre os mais importantes médicos pesquisadores brasileiros do século (Médicos, 1998). “Henrique da Rocha Lima é, sem dúvida uma das máximas expressões da ciência brasileira (...) Apesar disso, é dos menos lembrados entre nossos grandes vultos, assim como foi dos mais hostilizados, mesmo por não poucos dos que lhe rendiam homenagens”, abre José Reis texto em homenagem que estampou na edição comemorativa do centenário d’*O Estado de São Paulo* (Reis, 1975, p. 1). “Só há, talvez, um homem na história científica do Brasil - Oswaldo Cruz -, cuja estatura pode medir a de Rocha Lima. Não tanto pelas analogias que apresentam, mas pela extensão de suas realizações”, afirma Rocha e Silva no necrológio que publicou na *Revista Brasileira de Medicina* (Rocha e Silva 1956, p. 415).

Quase um ano depois da morte de Rocha Lima, a USP concedeu-lhe o título de “Doutor Honoris Causa”. Notícia do jornal *Folha da Manhã* ressaltou a importância dessa homenagem como uma retificação ao pouco reconhecimento da obra do cientista por parte do governo brasileiro: “Aposentou-se, mas não recebeu dos poderes públicos de nossa terra, a

totalidade das homenagens que lhe seriam devidas”, afirma a notícia.¹⁵¹¹ Para Álvaro Osório de Almeida, esse reconhecimento foi tardio. “Antes tarde do que nunca” diriam aqueles que esperaram pela distinção do cientista brasileiro com o Prêmio Nobel. O Conselho Nacional de Pesquisas, articulou, em 1953, a indicação de Rocha Lima para o Nobel de Medicina. O Comitê do Prêmio Nobel foi notificado da intenção pela embaixada brasileira em Estocolmo, comunicada pelo Itamaraty da sugestão apresentada pelo CNPq. O sueco Folke Henschen, que também era patologista e conhecia a obra de Rocha Lima, foi apontado como fonte de informação perante o comitê do prêmio. Hervásio Guimarães Carvalho viajou à capital sueca, por incumbência do CNPq, para transmitir o ponto de vista deste. Apesar da mobilização em torno do assunto, o médico brasileiro não foi nomeado, o que seus discípulos e admiradores consideraram “um daqueles fiascos históricos inesquecíveis” (Médicos 1998, p. 54).

Como vimos no capítulo 3, em 1966, por ocasião dos cinquenta anos da “descoberta” do agente etiológico do tifo exantemático, Edgar Cerqueira Falcão lançou edição comemorativa com todos os trabalhos de Rocha Lima sobre o assunto estampados em fac-símile. Otto Bier escreveu uma introdução no qual reconstruiu o histórico daquelas pesquisas e ao final o próprio Falcão redigiu um curto artigo biográfico do homenageado (Bier 1966, Falcão, 1966b). Também em comemoração à data, o Departamento de Correios e Telégrafos lançou, em 26 de abril de 1966, três milhões de selos comemorativos.¹⁵¹² O desenho de Bernardino Lancetta retrata Rocha Lima fazendo uma autópsia. Ainda naquele ano, o governo paulista – gestão de Adhemar de Barros – instituiu a medalha Rocha Lima, que deveria ser concedida aos que se distinguiram no campo da pesquisa científica.

Não faltaram tentativas de explicação desse suposto silenciamento e “injustiça histórica”. José Reis os correlaciona à personalidade de Rocha Lima:

avesso aos aplausos, arredio em relação a esse vazio que entre nós se costuma chamar de vida social, irônico ante a mediocridade da meia-ciência, crítico impiedoso dos formalismos que muitas vezes escondem a incompetência, desafiador de régulos e políticos (Reis, 1975)

¹⁵¹¹ *Folha da Manhã*, 23.09.1957

¹⁵¹² “Cinquentenário da Descoberta e Caracterização da *R. prowazeki*”, *Folha de São Paulo*, 01.05.1966. A proposta de confecção do selo foi apresentada em 1965 aos Correios pelo CNPq e pela Academia Brasileira de Ciências, conforme esclarece notícia da *Folha de São Paulo* – “Há 50 anos, Rocha Lima descobria o agente do tifo”, *Folha de São Paulo*, 05.11.1965.

Para Maurício Oscar da Rocha e Silva (1956), Rocha Lima foi um idealista incompreendido e tolhido em seus ideais de cultivo da atividade científica pelas peias da burocracia e da má administração. O artigo da Faculdade de Medicina da USP (1998) procura justificar o esquecimento por outras vias: “Rocha Lima pagou alto preço por ter desenvolvido maior parte da sua carreira na Alemanha” (1998, p. 51). E prossegue: “As deduções com relação à postura política do cientista gerariam mal-estar que o acompanharia por toda sua história de vida científica (Idem, p. 51). Sugere que tais deduções derivaram do fato de ter sido premiado pelo *Terceiro Reich*, em 1938. O jornalista Paulo Duarte, de quem Rocha Lima foi bastante próximo, procurou realizar uma “limpeza” da memória do personagem nesse aspecto: “Nunca foi um hitlerista como diziam alguns dos seus detratores mais sem escrúpulos, porque quando pensava na Alemanha, pensava menos em Hitler ou Rosenberg, do que em Goethe, em Einstein, em Bach ou em Wagner, principalmente Wagner” (*apud* Rebouças 2009, p. 157).

Demandaria uma investigação à parte averiguar o impacto da recepção do prêmio por Rocha Lima, a qual, infelizmente, não foi possível fazer no presente trabalho. Caberia ainda, uma reconstrução mais aprofundada das representações contemporâneas do personagem no que concerne a esse aspecto. Há uma grande lacuna no seu arquivo pessoal em relação a isso, muito embora o certificado da Ordem da Águia, assinado por Hitler, e algumas correspondências do NSDAP, estejam entre os seus documentos. Tive que recorrer a outros acervos (Arquivo Histórico do Itamaraty, *PolitischesArchivdesAuswärtigenAmtes*, *GeheimesStaatsarchiv* e *Bundesarchiv*) para reconstruir a viagem que fez à Alemanha, em 1937, e as circunstâncias nas quais foi indicado a receber a condecoração.

Que nosso personagem era tão identificado à cultura alemã quanto Goethe e Wagner, parece não haver dúvida. Que a Alemanha ficou associada à imagem de Hitler e do nacional-socialismo, não só naqueles tempos, mas até o dia de hoje, também é algo bastante evidente. Que Rocha Lima, embora com reservas, saudou a ascensão do nacional-socialismo e as promessas que ele trazia de reerguimento da Alemanha e de reconquista da sua posição no concerto das nações, é algo que demonstramos nesse trabalho. Mas esse posicionamento aparentemente foi algo que expressou de forma mais enfática na correspondência privada e com os amigos alemães. Não é improvável que o episódio da recepção do prêmio tenha sido, de fato, fonte de mal-estar para o cientista entre seus contemporâneos. Pelo menos entre aqueles que tinham uma postura de distanciamento crítico em relação ao regime nazista, fosse pelo seu caráter autoritário, violento, expansionista e racista, fosse por uma inclinação mais

orientada em direção à França, Inglaterra e Estados Unidos. Não foram poucos os que defenderam abertamente o regime do Führer, ou assumiram postura de simpatia, manifesta ou velada. Mas o mal-estar em relação à distinção de Rocha Lima pelos nazistas e sua inclinação germanófila, só pode ser enunciado aqui em caráter de hipótese. A extensão do mesmo em relação à percepção de Rocha Lima pela sociedade de seu tempo, como dito acima, não foi possível investigar neste trabalho. Fato é, que na documentação que compõe seu acervo pessoal, não há comentários explícitos dele em relação a isso ou referência a qualquer desconforto decorrente da premiação e da suposição de simpatia pelo nacional-socialismo. Elucidativo, nesse aspecto, é uma carta que escreveu, em 1951, ao médico Antônio Silva Mello, à época em que este editava a *Revista Brasileira de Medicina*.¹⁵¹³ Eles estavam a acertar detalhes da publicação na qual Rocha Lima fazia um histórico das pesquisas sobre o tifo exantemático e as riquetsias, defendendo sua prioridade na descrição do agente etiológico daquela doença (Rocha Lima, 1951). O mote era a injustiça dos norte-americanos ao silenciar as contribuições do médico brasileiro e salientar apenas a de seus compatriotas. O artigo foi analisado mais detidamente no capítulo 3. “Não acredito que tenha interferido política anti-germânica no falseamento do histórico, mas tão somente a tendência a chamar a si, ao seu grupo, e ao seu país, todos os méritos que se verifica em todos os ambientes de alta produção científica”, comentou Rocha Lima com Silva Mello. Ou seja, ele atribuiu as razões daquela que consistiu em uma de suas principais fontes de insatisfação, tão somente às assimetrias de poder que em sua opinião edificam a ciência internacional (Rocha Lima 1949, 1951).

Diante de referências tão numerosas na memorialística médica e homenagens, como a confecção de um selo pelo governo brasileiro em comemoração ao cinquentenário das pesquisas sobre as riquetsias, as várias condecorações por universidades, institutos e associações científicas, esse silenciamento é, de fato, tão intenso como faz crer essa mesma literatura? Não há dúvidas de que há um evidente desconhecimento da figura de Rocha Lima e de sua importância científica pela sociedade brasileira. Considero bastante razoável que esse desconhecimento se deva, em certa medida, à identificação de nosso personagem com a Alemanha, num período em que ela foi associada às monstruosas barbáries da Segunda Guerra. Essa identificação operou “silenciamentos” de memórias, como foi o caso, por exemplo, da física Lise Meitner. Mas acredito que este não seja o único caminho que explique a ignorância patente em relação à projeção de Rocha Lima no seu tempo. Suponho que ela se

¹⁵¹³ Carta de Rocha Lima a Silva Mello de 05.04.1951. Fundo Rocha Lima, CMIBSP.

deva, em grande medida, a uma ignorância generalizada no Brasil naquilo que concerne aos assuntos científicos e seus aspectos históricos. Ela é consequência, entre outras coisas, do ensino deficitário das ciências em nossas escolas e do desprestígio e falta de estímulo e reconhecimento da prática científica por parte do Estado e da sociedade. Por outro lado, tal ignorância deve-se também à falta, em geral, de uma perspectiva histórica dos cientistas da natureza, que muitas vezes abordam seus objetos, “como se chegassem da lua”, para usar palavras do próprio Rocha Lima ao se referir àqueles que desconsideravam o que havia sido realizado anteriormente em seus temas de pesquisa. De fato, sabe-se muito pouco de Rocha Lima, mas será que é tão maior o conhecimento da opinião pública em relação a Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Adolpho Lutz, Emílio Ribas, Cândido Rondon, entre outros, a não ser pelo fato de que designam doenças, instituições, edifícios e logradouros, um indício de que tiveram alguma relevância no passado? Saber-se-ia mais de Rocha Lima, se ele tivesse aceitado a homenagem da Assembléia Legislativa de São Paulo em 1950, que pretendia batizar o Instituto Biológico com seu nome?¹⁵¹⁴ Certamente que sim. Que ele daria nome ao belíssimo edifício *ArtDeco* que orna a Avenida Rodrigues Alves. Assim como muitas das referências suscitadas na Fundação Oswaldo Cruz aludemmeramente ao fato dele batizar um dos pavilhões.

Nesse estudo procurei lançar luz sobre a vida científica de Rocha Lima no contexto de seu tempo e levando em conta as injunções do entorno em que exerceu suas atividades. Não foi meu objetivo “resgatar” a figura de Rocha Lima das sombras do esquecimento e erigi-lo ao panteão dos “heróis da ciência”, nem reparar supostas injustiças históricas. Foi muito mais

¹⁵¹⁴ O projeto de n. 1226 foi apresentado à Assembléia Legislativa de São Paulo em fevereiro de 1950. Sabendo da intenção dos deputados, Rocha Lima escreveu-lhes carta na qual agradece ao gesto, mas afirma: “Não obstante julgo dever pedir-lhes, por motivos que me parecem fortemente justos, que queiram desistir da nobre intenção retirando a muito generosa e bem intencionada proposta (...) Nem a ufania, nem o júbilo, nem a minha gratidão sofrerão com isso diminuição alguma, serão até mesmo elevados e sublinhados esses sentimentos pela exclusão dos demasiadamente grandes benefícios permanentes e manifestos para o meu orgulho pessoal (...) Recebemos diariamente demonstrações e temos provas em abundância de que o Instituto Biológico no decorrer de sua curta existência conquistou realmente um impressionante renome sólido e invulgar no mundo científico (...) Assim sendo representado o seu nome, tal como se tornou conhecido e afamado, um precioso patrimônio de tão alto valor, que qualquer alteração perturbando a sua identificação constituiria um prejuízo injusto e indesejável para o nosso país. Não me parece aconselhável permitir tal prejuízo com a suspensão de um nome consagrado em benefício apenas do orgulho ou da vaidade de um simples indivíduo ou da sua memória (Rocha Lima, 1950 *apud* Rebouças 2009, p. 195-6).

compreender, com base nos vestígios reunidos em seu arquivo pessoal e outras fontes históricas, e nos estudos da historiografia, como ele construiu sua identidade científica na intersecção de seus interesses pessoais com agendas institucionais e políticas nas duas realidades sociais em que viveu – o Brasil e a Alemanha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A carreira de Henrique da Rocha Lima expressa como cientistas configuraram sua identidade profissional na primeira metade do século XX. Ele construiu a sua na intersecção de interesses pessoais, agendas institucionais e seguindo os fluxos e contra-fluxos que segmentaram a ciência internacional no seu tempo. Exatamente em virtude de sua excepcionalidade – o fato dele, um cientista sul-americano, ter desenvolvido tal carreira num dos grandes centros internacionais de pesquisa médica da época – sua trajetória lança luz sobre os constrangimentos que acompanharam aqueles que se dedicaram a fazer ciência no Brasil. O pertencimento à comunidade médica brasileira e ao núcleo institucional internacionalmente reputado como marca de excelência do seu local de origem marcou nosso personagem, muito embora ele tenha construído sua identidade científica em referência à Alemanha. Esse pertencimento e acomodação a ambos os contextos sociais nos quais atuou conferiram-lhe êxito em sua trajetória.

De 1901 a 1956, anos eleitos como balizas temporais do presente estudo, e que demarcam o período de atuação profissional de Rocha Lima, a fisionomia da atividade científica no Brasil modificou-se bastante. Nesse período, as ciências no Brasil firmaram-se como atividade profissional e estabeleceram-se institucionalmente em padrões mais sólidos. Se Rocha Lima iniciou sua carreira num momento em que Oswaldo Cruz e seus apoiadores lutaram para estabelecer um centro voltado à investigação das doenças infecciosas, pôde concluí-la num contexto em que as universidades figuravam como lócus de produção científica, em que agremiações defendiam interesses profissionais dos homens de ciência perante o Estado e a sociedade, e no qual haviam agências estatais dedicadas especificamente ao fomento da pesquisa. Nosso personagem foi um agente desse processo, ao mesmo tempo em que foi modelado por ele. Ao acompanharmos seus passos, partimos do “casinhoto” de Manguinhos, atracamos no porto de Hamburgo defronte ao majestoso *Tropeninstitut*, retornamos ao edifício *ArtDeco* do Instituto Biológico e, por fim, terminamos numa instituição privada, dedicada não apenas à produção de imunobiológicos, mas também à pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias. O sentido desse processo não estava dado de antemão, muito menos a maneira pela qual Rocha Lima agiu em relação a ele. Não foi

unidirecional, nem progressivo: envolveu avanços, mas também recuos, dilemas, conflitos e escolhas, que ainda hoje configuram o caráter e os desafios de nossa atividade científica. A trajetória de Rocha Lima permite-nos acompanhar o processo de institucionalização das ciências num dos seus aspectos decisivos, que é a internacionalização, e numa vertente específica, que foram as relações com o mundo germânico. Ao decidir completar sua formação médica em Berlim, seguiu tendência internacional dos estudantes que procuravam formar-se em referência ao que havia de mais vanguardista em termos de ensino e pesquisa da medicina. Ao tecer as redes de Manguinhos com as referências da ciência alemã, esforçou-se para reforçar o padrão de internacionalidade do conhecimento produzido no subúrbio carioca, conferindo-lhe reconhecimento capaz de ultrapassar as fronteiras locais. Por sua vez, Rocha Lima compartilhou com Oswaldo Cruz a convicção de que era o conhecimento sobre os problemas locais que forneceria a chave para fazer parte desse “grêmio” internacional. Sua atuação nesse sentido aponta as negociações necessárias para conquistar o reconhecimento de uma ciência constrangida por sua origem geográfica. Por estar em contato direto com aqueles que eram tidos como os mais legítimos representantes dessa ciência médica internacional, avultou-se em Rocha Lima a tensão daqueles que procuraram, a um só tempo, obter as bênçãos dos convencidos centros, mas demonstrando, que numa formação social tida como retaguarda da civilização, a ciência havia deitado raízes, era de qualidade e compatível com os padrões e a gramática internacionalmente compartilhados.

É surpreendente a densidade do intercâmbio estabelecido pela ciência brasileira com o mundo germânico na primeira metade do século XX, ao menos no âmbito da medicina. A trajetória de Rocha Lima é apenas uma fresta – privilegiada, diga-se de passagem – através da qual podemos vislumbrar uma plêiade de personagens e instituições, que impelidos por motivações de diversas ordens, procuraram estreitar os laços com a ciência alemã. Baseado no conhecimento que adquiriu pela vivência em ambas formações sociais, e lastreado pelo prestígio de sua reputação científica, Rocha Lima pôde atuar como promotor das relações científicas Brasil-Alemanha, viabilizando contatos, acordos e empreendimentos. Imbuiu-se dessa tarefa com penhor quase missionário. Sem dúvida que esta foi uma maneira de projetar-se frente aos seus pares. A capacidade de triangular relações é uma demonstração de poder, derivada do prestígio e do conhecimento. Mas o impulso às relações germano-brasileiras também referiu-se à convicção de que um país jovem e cheio de potencialidades como o Brasil poderia beneficiar-se do proverbial vigor científico e cultural da Alemanha. Essa

atividade envolveu tensões, conflitos de lealdade e pertencimento, e requereu habilidade de acomodar interesses de ambas as partes, tendo de estabelecer um diálogo “bilíngüe”.

A atuação científica de Rocha Lima transcorreu num período turbulento, de nacionalismos exacerbados, pelos quais ele foi capturado, e que levariam aos dois conflitos mundiais que marcaram profundamente a história do “breve século XX”. O fato de estar ligado ao país que protagonizou as duas guerras e, ao final da segunda, o genocídio de sistematicidade e proporções inauditas também marcaria sua identidade. A Primeira Guerra, em especial, foi um marco por consistir um abalo no clima de otimismo do período chamado, por isso mesmo, de *Belle Époque*. Foi um golpe na crença do internacionalismo científico que havia embalado a prática da ciência transnacional até então. A arena científica dividir-se-ia, a partir dali, em dois “campos hostis”. O “manifesto dos 93” assinalara que os cientistas também haviam empunhado suas armas junto com os soldados, e as cicatrizes dessa equação se perpetuariam nos anos posteriores a 1918. Quando pareciam prestes a se fechar, a Alemanha e a Europa mergulharam na sombra do totalitarismo e de um novo conflito muito mais sangrento que o primeiro. O período do entreguerras foi quando Rocha Lima dedicou-se de forma mais intensa ao fomento das relações científicas internacionais, um produto da conjuntura na qual os cientistas procuraram reviver o *ethos* do internacionalismo abalado. Mas o principal motivo que o impeliu a reforçar os laços da ciência germânica com o Brasil foram as injunções da instituição à qual pertencia, obrigada a aliar-se aos pressupostos da diplomacia cultural para manter sua existência. Este foi um meio de nossa personagem adquirir visibilidade e sedimentar o pertencimento ao *Tropeninstitut* e à ciência alemã, já bastante assentado por meio dos diálogos que estabelecera com seus pares, e da participação na Guerra, durante a qual contribuiu para elucidação de questão importante para a medicina militar da época.

O engajamento de Rocha Lima em favor das relações teuto-brasileiras conduziu-me à complexa urdidura das relações científicas internacionais. Ele atuou num período em que as ciências haviam se integrado mais à política externa das nações. No contexto da corrida imperialista, as metrópoles que disputavam a hegemonia mundial haviam passado a usar as ciências, suas aplicações e outros bens culturais, como nunca se tinha feito antes, nas estratégias de política externa destinadas a fomentar relações econômicas, modificar correlações de força em termos de domínio, influência ou prestígio ou para angariar o apoio de aliados num possível enfrentamento por possessões coloniais. No pós-Primeira Guerra, Rocha Lima e seus colegas alemães dedicaram-se à reconquista do prestígio internacional da

ciência e cultura germânicas, passando a trabalhar em estreita colaboração com os círculos diplomáticos de Berlim. Seguindo o exemplo da França, eles concentraram seus esforços na realização de uma política cultural externa, que foi praticamente uma das únicas instâncias que não foi limitada pelas cláusulas de Versalhes. A cooperação intelectual assumiu caráter político, e os franceses, alemães, mas também os norte-americanos e, em menor medida, italianos, disputaram no Brasil e nos demais países da América Latina por nichos de influência cultural, vistos como meios de se abrir caminhos para o comércio e indústria.

Rocha Lima mobilizou o grupo de “amigos germanófilos” nos esforços em favor da *Kulturpolitik* no Brasil. Tratavam-se, em sua maior parte, de médicos simpáticos à Alemanha por terem realizado ou completado lá sua formação profissional. Ele mediu forças com os franceses, que contavam com azeitada máquina de instrumentalização das relações científicas e culturais por meio da propaganda, e que ainda eram privilegiados pela francofilia das elites ilustradas brasileiras. Para ele, a relação com a Alemanha contrabalançaria essa hegemonia da França, depois assumida pelos Estados Unidos, na ambiência intelectual do Brasil, garantindo sua independência cultural. Acompanhando a atuação de Rocha Lima em favor das relações Brasil-Alemanha, vislumbra-se um contorno dos intelectuais e grupos brasileiros que serviram de “ponto de apoio” da aproximação com o mundo germânico.

Mesmo depois de retornar ao Brasil, os laços de Rocha Lima com a ciência e cultura alemãs permaneceram estreitos e ele continuou atuando em favor da aproximação entre sua pátria de origem e a “científica”. Utilizou essa proximidade para edificar a nova instituição recém-criada para a defesa sanitária da agropecuária paulista. Acreditava que a ciência alemã forneceria o estímulo capaz de conferir solidez a ela: ensinou o idioma alemão para os jovens assistentes, enviou alguns deles para estudar na Alemanha e trouxe alguns de lá para passarem uma temporada ou se integrarem à vida científica do Instituto. Nos anos 1930, essa proximidade foi vista como simpatia ao regime de Adolf Hitler, reforçada com a recepção do prêmio do governo nacional-socialista, em 1938. Neste estudo não foi possível definir a extensão do desconforto que tal identificação causou a Rocha Lima, mas certamente houve. A pecha de nazista contribuiria ainda para lançar uma sombra sobre a memória do cientista, muito embora a dimensão do silêncio que ronda seu nome deva ser contemporizada, pois envolve outras questões, como o desconhecimento que temos de nossos homens de ciência de uma forma geral, além de ser reclamado por indivíduos comprometidos com a mitificação e heroificação do personagem. Pela correspondência do pesquisador brasileiro e outros vestígios, foi possível perceber que seu posicionamento em relação ao nazismo foi, no

mínimo, ambíguo. Não foi meu objetivo neste trabalho expurgar sua memória desta “mácula”, muito menos definir como questão resolvida o fato dele ser ou não nazista, pois a própria pergunta envolve múltiplas dimensões e deve ser problematizada. Isso não significa de forma alguma relativizar os horrores e a crueldade da ditadura totalitária e as barbaridades da Guerra. Não dá para defender como neutro o posicionamento de alguém que visita a Alemanha em 1937, demonstrando entusiasmo por tudo que vê, que recebe um prêmio do *Terceiro Reich* no começo do ano seguinte e que se manteve sempre muito bem informado sobre o curso dos acontecimentos pela imprensa alemã, brasileira e de outros países. Tampouco dá para deduzir daí que foi um fanático seguidor de Hitler. Pela pesquisa realizada, deu para notar que foi um simpatizante do regime, ao qual se sentiu atraído, sobretudo, diante da promessa de re-erguimento da Alemanha e de reconquista de sua posição no cenário internacional. Manteve distanciamento crítico em relação a alguns aspectos da ideologia e das práticas postas em ação pelo governo nazista, e defendeu a política externa do *Führer* na condição de que ela não desencadeasse outra guerra. Mas uma vez irrompida, torceu até o fim para o sucesso das tropas da *Wehrmacht*. Nas fontes não há menções à “Solução Final”. Já em relação à perseguição dos judeus, ao mesmo tempo em que não a repudiou diretamente, esforçou-se para trazer ao Brasil alguns colegas expulsos de seus postos. Diante da estreita relação com a Alemanha, a posição de Rocha Lima em relação ao nazismo surpreenderia se fosse o contrário.

Uma faceta inesperada que ganhou vulto no contato com o acervo pessoal do personagem e, sobretudo, com sua correspondência, discursos e entrevistas, foi a de observador atento do seu tempo. Rocha Lima registrou com argúcia os movimentos da política internacional, antes, durante e depois das duas guerras mundiais, e o contexto alemão nesse período. Não chegou a abordar o contexto brasileiro com a mesma frequência e detalhamento. A sensibilidade e a perspicácia com que tratou da política e sociedade alemãs foram repetidas vezes apontadas por Munk. *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, referiu-se à sua “argúcia de sociólogo”. O distanciamento crítico com que analisou seu tempo surpreende por ter sido mantido no calor dos acontecimentos que sacudiram as formações sociais nacionais e o panorama internacional do século XX. Defendo que o desenraizamento próprio de sua condição de estrangeiro e depois, de “desterrado em sua própria terra”, um condicionante do intelectual, foi fundamental para esse senso analítico.

A produção científica de Rocha Lima versou sobre os domínios da microbiologia, anatomia patológica e medicina tropical. No entrecruzamento dessas especialidades médicas,

duas das quais haviam se constituído a partir do terceiro quartel do século XIX, realizou suas principais contribuições ao conhecimento das doenças infecciosas. A decisão pela medicina experimental foi conflituosa, mas conferiu-lhe projeção entre seus pares em ambos lados do Atlântico. Iniciou suas investigações científicas abordando a doença estreitamente relacionada com o Rio de Janeiro e com a excelência científica de seu saneador e do instituto criado por ele. A caracterização histopatológica da febre amarela foi, depois da elucidação da etiologia do tifo, a principal realização de Rocha Lima. O percurso de seus enunciados foi bastante tortuoso: eles foram recebidos com ceticismo pelos patologistas alemães, ficaram no limbo durante uns anos e no Brasil seriam novamente valorizados como ferramenta indispensável para o diagnóstico retrospectivo do “mal amarílico”. Quando teve finalmente seus achados considerados, sua prioridade na identificação deles foi posta em cheque por colegas. Esta seria a primeira de outras batalhas que ele travaria pela validação e reconhecimento de seus feitos científicos.

As problemáticas científicas foram o eixo através do qual Rocha Lima conectou-se com os coletivos de diferentes nacionalidades. Os médicos locais detinham conhecimento empírico das doenças que os europeus enquadravam como “exóticas” e por isso foram parceiros imprescindíveis no esforço de catalogação das mesmas. A Verruga Peruana o pôs em contato com a comunidade médico-científica do Peru, ao passo que a febre amarela, a Doença de Chagas e as dermatomicoses fortaleceram os laços com os colegas brasileiros que estudaram essas doenças. A febre amarela o aproximaria ainda dos oficiais da Fundação Rockefeller que no entreguerras dedicaram-se a seu estudo e combate no Brasil e no continente africano. Todas essas patologias compuseram o domínio da especialidade médica constituída no final do século XIX, que foi a medicina tropical, institucionalizada nas metrópoles coloniais, em estreita ligação com os interesses do “imperialismo construtivo” daquele tempo. A medicina tropical foi marcada por célere e intensa internacionalização. Rocha Lima desenvolveu a parte mais prolífica de sua carreira ligada a uma instituição versada nessa especialidade, e, por conseqüência, dedicada ao estudo das patologias que grassavam nas possessões coloniais e à formação de médicos para lidar com elas.

Rocha Lima projetou-se em seus estudos sobre medicina tropical, em virtude da originalidade das questões científicas que investigou, mas principalmente, da maneira original com que as abordou: combinando os procedimentos da anatomia patológica com as técnicas da bacteriologia. Enquanto os médicos tropicais deslindavam ciclos de vida de patógenos complexos, seus hospedeiros, e complexas interrelações com as populações humanas e seu

meio ambiente, Rocha Lima abordou as doenças ditas tropicais a partir das alterações causadas pelos parasitas no organismo humano e a correlação delas com os fenômenos mórbidos. A partir de técnicas como seções histológicas e colorações da histopatologia, pôde flagrar patógenos que esquivavam-se a procedimentos tradicionais da bacteriologia, como o cultivo e a observação microscópica. Dessa forma, ocupou-se com agentes microbianos de classificação problemática e que contribuíram para uma problematização e complexificação dos parâmetros do estilo de pensamento da bacteriologia. A produção científica de Rocha Lima transcorreu num período de “crise” das categorias dessa especialidade médica e dos modos de compreensão dos fenômenos patológicos. Especificidade, imunidade, infecção, foram alguns dos conceitos que sofreram revisão nos anos próximos e posteriores à Primeira Guerra por mostrarem-se mais complexos do que pareciam nos “anos heróicos” da bacteriologia. A correlação de patologias importantes aos “vírus filtráveis” e os conhecimentos lacunares que se possuía sobre esses seres contribuíram para esse estado de “crise”. Nosso personagem ocupou-se com agentes ainda mais enigmáticos, pois estavam na fronteira da visibilidade ao microscópico óptico, eram não-cultiváveis, mas muitas vezes apresentavam propriedades de coloração como as bactérias. Alguns pareciam ser parasitas intracelulares obrigatórios. Esse foi o caso das bartonelas, dos clamidozoários e das riquetsias. Com as técnicas bacteriológicas disponíveis à época, o pesquisador brasileiro não teria chegado à identificação desses seres.

Foram essas limitações que restringiram a aceitação do agente patológico do tifo exantemático incriminado por Rocha Lima durante a Primeira Guerra. Paradoxalmente, ele, um “médico tropical” realizaria sua principal contribuição científica abordando uma doença dos climas frios e temperados. O brasileiro que havia descrito a histopatologia da epidemia que outrora remetia ao Rio de Janeiro nas estações quentes, identificou o agente causador de doença que adquiriu sentido na sociedade alemã em virtude de sua ligação com a guerra. O tifo poderia ser enquadrado como uma doença tropical se seguirmos a proposição de David Arnold e correlacionarmos os “trópicos” à idéia de alteridade. A doença que havia grassado nos séculos anteriores em prisões, navios, aglomerações humanas e populações em movimento, praticamente desaparecera da Europa Ocidental desde o século XIX. Tornou a ameaçar os alemães e demais europeus devido aos altos índices com que grassou entre as tropas em guerra e os prisioneiros. Contribuindo com as pesquisas sobre o tifo, Rocha Lima ligou-se à manifestação mais extremada do nacionalismo alemão no seu tempo, o qual defendeu suas reivindicações através da “política por outros meios”. Ele sentiu-se à vontade

nos trajes do exército de Guilherme II, passando a manifestar não mais a “brasilidade”, mas a “prussianidade”, conforme observou seu companheiro de estudos, Prowazek. Tal como a farda, Rocha Lima vestiu os figurinos de acordo com o cenário no qual perfilou, sempre procurando maximizar seu espaço de manobras.

Nos diálogos travados por Rocha Lima através da correspondência, da remessa de publicações e de material biológico, que atravessaram o Atlântico nos dois sentidos, ganhou ímpeto o processo de definição das doenças a partir do instrumental conceitual da medicina experimental. Conforme aponta Charles Rosenberg (1992), as doenças são “enquadradas” em referência aos seus caracteres biológicos e às concepções sócio-culturais que obedecem às contingências de tempo e lugar. O historiador demonstra que este é um processo intrincado e complexo, que envolve uma diversidade de atores sociais, cada qual motivado por seus próprios interesses e racionalidades e que contribuem, de diferentes maneiras, para que a doença assuma os contornos que definem o modo como são percebidas e enfrentadas. Através da trajetória de Rocha Lima, acompanhamos esse processo da perspectiva dos médicos envolvidos no “enquadramento” das doenças como objetos científicos, a partir do qual são determinadas as ferramentas de diagnóstico e medidas de profilaxia e terapêutica. Rocha Lima lidou com as doenças como objetos de pesquisa num período de plena hegemonia do laboratório na constituição de novas patologias, mas no qual alguns dos pressupostos da “ciência-líder” começaram, como vimos, a se mostrarem problemáticos na resolução dos “quebra-cabeças” previstos pelo paradigma. O “enquadramento” de novas doenças emerge de negociações, controvérsias e acomodações, em meio às quais reputações científicas são construídas paralelamente aos seus objetos de pesquisa. A de Rocha Lima envolveu não só a elucidação da etiologia de doença secular, como o tifo exantemático, mas também contribuições para a definição de patologias até então desconhecidas ou “exóticas”, como a histoplasmose, a Verruga Peruana/ Doença de Carrión, doença de Chagas, Febre das Trincheiras, tifo de São Paulo (febre maculosa brasileira) e blastomicoses. Na tensão entre manifestações patológicas locais e singulares e entidades nosológicas definidas a partir de caracteres gerais, chegou-se à identificação e reconfiguração de doenças, cuja especificidade permaneceu ligada à questão do agente causador. Com a caracterização de uma nova categoria de microrganismos - as riquetsias - ganhou sentido o agrupamento de doenças a partir da identidade dos seus agentes causadores – as riquetsioses.

Por fim, o estudo da trajetória de Rocha Lima evidencia como a trajetória profissional e identidade científica configuram-se a partir de escolhas que são contingentes e que se dão

dentro de um campo de possibilidades historicamente definido. Os vestígios documentais legados pelo pesquisador brasileiro registram de forma ímpar as tensões que o acompanharam na tomada das decisões a partir das quais constituiu seu itinerário profissional. As decisões de especializar-se na Alemanha, e não na França; de seguir a carreira científica ao invés de optar pela clínica, de aprofundar-se em anatomia patológica, e não em várias outras disciplinas da medicina experimental, de pedir licença e distanciar-se de Manguinhos, de ficar em Hamburgo e retornar ao Brasil, dezoito anos depois, de incorporar-se a uma nova instituição científica em São Paulo, e não à tradicional, na qual havia se iniciado na carreira científica, foram todas circunstanciais e conflituosas. Sempre procurando ampliar sua margem de manobra e garantir o “conforto”, moral, físico e material, ele tornou-se Rocha Lima, o pesquisador que encheu de orgulho os compatriotas por “elevar o nome do Brasil no estrangeiro”, mas que ficou à sombra em virtude, por um lado, dessas mesmas escolhas e das conseqüências inesperadas que elas encerram, e, por outro, pelos meandros que envolvem a sedimentação e a transmissão da memória.

BIBLIOGRAFIA

Trabalhos Rocha Lima

CHAGAS, C., VILLELA, E. & ROCHA LIMA, H. da. Amerikanische Trypanosomenkrankheiten. Chagas-Krankheit. In MENSE, C. (Ed.) *Handbuch der Tropenkrankheiten*, 3. Aufl., Bd. 5, Leipzig: Johann Ambrosius Barth, p. 673-728, 1929.

JACOBSTHAL, E. & ROCHA LIMA, H. da. Vergleichende Untersuchungen über die Wassermansche Reaktion bei Malaria. In *Dermatologische Wochenschrift*, Bd 58, 39-51, 1914.

MAYER, M. & ROCHA LIMA, H. Da. Venerisches Granulom. In JADASSOHN, J. (Ed.), *Handbuch der Haut- und Geschlechtskrankheiten*, Bd. XII. Berlin: Julius Springer, p. 433, 1927.

_____ Protozoen und Haut. In JADASSOHN, J. (Ed.), *Handbuch der Haut- und Geschlechtskrankheiten*, Bd. II. Berlin: Julius Springer, p. 1-20, 1932..

_____, ROCHA LIMA, H. Da & WERNER, H. Untersuchungen über Verruga Peruviana. In *Münchener Medizinischer Wochenschrift*, n. 14,

ROCHA LIMA, H. da. *Peste da Manqueira ou Carbunculo Symptomatico*. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1906.

_____ Untersuchungsergebnis des von Stabsarzt Dr. Assmy in Chungking eingesandten Materials. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 13, p. 691-692, 1909.

_____ Untersuchungsbericht II. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 15, p. 202. 1911.

_____ Untersuchungsergebnis der von Medizinalrat E. Girschner unter dem 15.4.1911 aus Ponape eingesandten Geschwulstteile, In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 15, p. 201, 1911b.

_____ Untersuchungsergebnis des von Dr. Assmy aus Chungking am 28.Jui 1911 abgesandten Materials. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 15, p. 201-2, 1911c.

_____ Untersuchungsergebnis des von Dr. Rodenwalt aus Togo mitgebrachten Materials, In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 15, p. 202-3, 1911d.

_____ Untersuchungsergebnis des aus Neu-Langenburg von Stabsarzt Dr. Geisler übersandten Materials, In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 15, p. 203, 1911e.

_____ Zur Pathologischen Anatomie des Gelbfiebers. In *Verhandlungen der Deutschen Pathologischen Gesellschaft*, 15. Tagung, p. 163-182, 1912.

_____ Zur Pathologisch-Anatomischen Diagnose des Gelbfiebers. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 16, Beiheft 1, p. 192-199, 1912b.

_____ Über das Verhalten des Erregers der Brasilianischen Trypanosomiasis des Menschen in den Geweben. In *Verhandlungen der Deutschen Pathologischen Gesellschaft*, 15. Tagung, p. 454-9, 1912c.

_____ Histoplasmosis und Epizootische Lymphangitis. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 16, Beiheft 1, p. 79-85, 1912d.

_____ Beitrag zur Kenntnis der Blastomykosen, Lymphangitis Epizootica und Histoplasmosis. In *Centralblatt für Bakteriologie Orig.*, v. 67, p. 233-249, 1913.

_____ Zur Histologie der Verruga Peruviana. In *Verhandlungen der Deutschen Pathologischen Gesellschaft*, 16o. Tagung, Jena: Gustav Fischer, p. 409-417, 1913b.

_____ Zur Demonstration über Chlamidozoen. In *Verhandlungen der Deutschen Pathologischen Gesellschaft*, 16o. Tagung, Jena: Gustav Fischer, p. 198-210, 1913c.

_____ Gelbfiebergruppe und verwandte Krankheiten. In PROWAZEK, S. Von (Ed.) *Handbuch der pathogenen Protozoen*, Leipzig: Barth, Bd. 2, p. 980-1040, 1914.

_____ Beobachtungen bei Fleckfieberläusen. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 20, n. 2, pp. 17-31, 1916a.

_____ Zur Ätiologie des Fleckfiebers. Separat-Abdruck aus Kriegspathologische Tagung in Berlin am 26. Und 27. April 1916. In *Centralblatt für Allgemeine Pathologie und Pathologische Anatomie*, Beiheft zu Band XXVII. Jena: Gustav Fischer, p. 45-51, 1916b.

_____ Über das Fleckfieber. Aussprachanteil von Dr. Rocha Lima. In *Verhandlungen der ausserordentlichen Tagung des Deutschen Kongresses für Innere Medizin in Warschau am 1 und 2. Mai 1916*, pp. 143-148. Wiesbaden: J.F. Bergmann, 1916c.

_____ Zur Aetiologie des Fleckfiebers. In *Berliner Klinische Wochenschrift*, v. 53, n. 21, p. 567-572, 1916d.

_____ Untersuchungen über Fleckfieber. In *Münchener Medizinische Wochenschrift*, v. 63, n. 39, p. 1381-4, 1916e.

_____ Zur Aetiologie des Fleckfiebers - Bemerkungen zu den in Nr. 38 und 41 dieser Wochenschrift erschienenen Aufsätzen von Toepfer und Schüssler. In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, v. 42, n. 44, 1916f.

_____ Ergebnisse der Fleckfieberforschung. In *Feldärztliche Blätter*, n. 21, p. 1-29, 1916g.

_____ Die Ursache des Fleckfiebers. In *Die Umschau – Wochenschrift über die Fortschritte in Wissenschaft und Technik*, v. XX, n. 51, p. 1-6, 1916h

_____ Oswaldo Cruz. In *Archiv für Schiffs und Tropenhygiene*, v. 21, p. 233-7, 1917.

_____ Zum Nachweis der *Rickettsia prowazeki* bei Fleckfieberkranken. In *Münchener Medizinische Wochenschrift*, v. 64, n. 1, p. 33-35, 02. Januar 1917b.

- _____ Die Schutzimpfung gegen Fleckfieber. In *Medizinische Klinik*, n. 43, p. 1-8, 1917c.
- _____ Schutzimpfungsversuche gegen Fleckfieber. In *Münchener Medizinische Wochenschrift*, v. 65, n. 52, p. 1454-1459, 24. Dezember 1918.
- _____ Die Ätiologie des Fleckfiebers. In LUBARSCH, O. & OSTERTAG, R. von. *Ergebnisse der Allgemeinen Pathologie und Pathologischen Anatomie des Menschen und der Tiere*. Wiesbaden: Verlag von J. F. Bergmann, p. 159-306, 1919.
- _____ Über die Ätiologie des Fleckfiebers. In *Berliner Klinik*, v. 29, n. 325, 1-26, 1919b.
- _____ Die Übertragung des Rückfallfiebers und des Fleckfiebers. Bemerkung zur Rickettsiafrage. In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, v. 45, n. 27, p. 732-4, 03. Juli 1919b.
- _____ Chlamidozoen – Strongyplasmen. In NÖLLER, W. *Prowazek's Handbuch der pathogenen Prozoen*, Leipzig: Barth, Bd. 2, p. 934-79, 1920.
- _____ Introduccion en el Estudio de los Clamidozoarios. In *Revista Médica de Hamburgo*, v. 1, n. 5, p. 102-6, 1920b.
- _____ Sessão da Academia Nacional de Medicina de 17 de Junho de 1920. In *Boletim da Academia Nacional de Medicina*, Ano 91, n. 11, p. 228-240, 1920.
- _____ Notas sobre o microbio do typho exanthematico. In *Revista Médica de Hamburgo*, Año II, n. 1, p. 20-3, 1921.
- _____ Notas sobre o microbio do typho exanthematico – Continuação e Fim. In *Revista Médica de Hamburgo*, Año II, n. 2, p. 43-5, 1921b.
- _____. Über die exotischen Hautkrankheiten: Granuloma Venereum, Ulcus Tropicum, Frambösie, Verruga Peruviana, Dermatitis Verrucosa, Blastomykose, Leishmaniose. In *Karlsbader ärztlichen Vorträge*, Bd. 5. Jena: Gustav Fischer, p. 354-71, 1923.
- _____ Über Blastomykose, venerisches Granulom und klimatische Bubonen. In *Archives für Dermatologie und Syphiligraphie*, n. 145, p. 312-, 1924.
- _____ Verruga Peruviana und Teleangiektatische Granulome. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, Bd. 29, p. 525-38, 1925.
- _____ Histopathologie der exotischen Blastomykosen. In *Verhandlungen der Deutschen Pathologischen Gesellschaft – 20. Tagung, Würzburg, 1925b*.
- _____ O diagnostico post-mortal da febre amarella. In *A Folha Médica*, 01 de Agosto de 1926.
- _____ Verruga Peruviana. Oroyafieber. In MENSE, C. (Hrsg), *Handbuch der Tropenkrankheiten*, Bd IV, p. 355-96, 1926b.

_____ Über verrugaähnliche Erkrankungen (Pseudoverrugas). In *Abhandlungen Geb. d. Auslandskunde*, Hamburg, Univ. Festschrift Nocht, p. 464-467, 1927.

_____ Die medizinische Forschung in Brasilien. In *Iberica – Zeitschrift für spanische und portugiesische Auslandskunde*, v. 6, n. 4, p. 133-138, 1927b.

_____ Refutação do artigo de O. Penna e B. Figueiredo na “Folha Medica”, sobre a contribuição brasileira para o conhecimento da pathologia da Febre Amarela. In *Sciencia Medica*, v. VII, n. 10, 423-31, 1929.

_____ Gelbfieber. In KLEMPERER, G. F. (Hrsg), *Neue Deutsche Klinik*, Bd III, Lieferung 15, p. 738-55, 1929c.

_____ Verruga Peruviana. Oroyafieber. In KOLLE, W., KRAUS, R. & UHLENHUTH, P. *Handbuch der pathogenen Mikroorganismen*. Jena/ Berlin/ Wien: Gustav Fischer & Urban & Schwarzenberg, 3. Auflage, p. 1049-72, 1930.

_____ Rickettsien, In KOLLE, W., KRAUS, R. & UHLENHUTH, P. *Handbuch der pathogenen Mikroorganismen*. Jena/ Berlin/ Wien: Gustav Fischer & Urban & Schwarzenberg, 3. Auflage, p. 1347-1387, 1930b.

_____ Exotische Blastomykosen, In JADASSOHN, J. (Ed.), *Handbuch der Haut- und Geschlechtskrankheiten*, Bd. XII. Berlin: Julius Springer, p. 366, 1932.

_____ Prefácio, In PIZA, J. T., MEYER, J. R. & GOMES, L. S. *O Typho Exanthematico de São Paulo*. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, p. 3-4, 1932.

_____ Instituto Biológico. In *Arquivos do Instituto Biológico*, v. 5, p. 11-6, 1934.

_____ Apresentação. In *O Biológico*, v. 1, n. 1, p. 1-2, 1935.

_____ „Primeiro Aniversário“ In *O Biológico*, v. 2, n. 1, p. 1-4, 1936.

_____ Rückblickende Betrachtungen über die Entwicklung der histodiagnose des Gelbfiebers. In *Festschrift Bernhard Nocht zum 80. Geburtstag*, Hamburg: Institut für Schiffs- und Tropenkrankheiten, p. 497-512, 1937.

_____ Quarto Ano, In *O Biológico*, v. 6, n. 1, p. 1-3, 1938.

_____ Peias e Realizações, In *O Biológico*, v. 8, n. 1, p. 1, 1940.

ROCHA LIMA, H. da. Marcha na Areia. In *O Biológico*, v. 9, n. 1, p. 1-7, 1943.

_____ Meta à vista. In *O Biológico*, v. 11, n. 1, p. 1-9, 1945.

_____ *Vicissitudes da vida científica*. São Paulo: Publicação n. 1 da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 1949.

_____ *Rickettsia prowazeki*: sua descoberta e caracterização, constituindo um novo grupo de microrganismos. In *Revista Brasileira de Medicina*, v. 8, n. 5, p. 311-9, 1951.

_____ Com Oswaldo Cruz em Manguinhos. In *Revista Anhembi*, vol. VI, n. 16, p. 27-55, 1952.

_____ & COUTO, M. Gelbfieber. In MENSE, C. (Hrsg), Handbuch der Tropenkrankheiten, 3. Auflage, Bd. 5, Leipzig: p. 729-808, 1929.

_____ & MAYER, M. Zur Entwicklung von *Schizotrypanum cruzi* in Säugetieren. In *Archiv für Schiffss- und Tropenhygiene*, v. 16, n. 4, p. 90-93, 1912.

_____ & MAYER, M. Zum Verhalten von *Schizotrypanum cruzi* in Warmblütern und Arthropoden. In *Archiv für Schiffss- und Tropen-Hygiene*, v. 18, Beiheft 5 – Festschrift zur Eröffnung des neuen Instituts für Schiffss- und Tropenkrankheiten zu Hamburg, p. 101-136, 1914.

_____ & SIKORA, H. Methoden zur Untersuchung von Läusen als Infektionsträger. In ABDERHALDEN, E., *Handbuch der biologischen Arbeitsmethoden*, Abt. 12, Tl. 1. Berlin-Wien: Urban & Schwarzenberg, p. 342-353, 1925.

_____ & WERNER, H. Über die Züchtung von Malariaparasiten nach der Methode von Bass. In *Archiv für Schiffss- und Tropen-Hygiene*, v. 17, p. 541-51, 1913.

_____, REIS, J. & SILBERSCHMIDT, K. Methoden der Virusforschung, In ABDERHALDEN, E., *Handbuch der biologischen Arbeitsmethoden*, Abt. 12, Tl. 2, H 8, p. 1135-1489. Berlin: Urban & Schwarzenberg, 1939.

Bibliografia geral

ABE, T. Zur Frage der Fleckfieberätiologie. In *Centralblatt für Bakteriologie, Parasitenkunde und Infektionskrankheiten*, v. 91, n. 3/4, p. 217-28, 1924.

ABREU, M. S. A Revolução Constitucionalista de 1932: memorialismo, historiografia, produção de silêncio. In *Revista Ars Historica – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História Social*, on line, 2009.

ABUD, K. M. O sangue itimorato e as nobilíssimas tradições (a construção de um símbolo paulista: o bandeirante). Tese (doutorado) História – FFLCH, USP, São Paulo, 1985.

ALBUQUERQUE, M.; ALVES, F. R.; BENCHIMOL, J.; SANTOS, F. D.; SANTOS, R. A. dos; THIELEN, E. V.; WELTMAN, W. L. *et alii. A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 1991.

ALMEIDA, M. *República dos Invisíveis: Emílio Ribas, microbiologia e saúde pública em São Paulo. 1898-1917*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003

_____ & VERGARA, M. R. (Orgs). *Ciência, história e historiografia*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Via Lettera/ MAST, 2008.

ALMEIDA, W. de Noticiários – O novo Hospital Alemão. In *A Medicina Germânica ao alcance de todos*, v. III, n. 7, p. 439-40, 1934.

AMARAL, A. & MONTEIRO, J. L. Ensaio de classificação das Rickettsioses à luz de nossos actuaes conhecimentos. In *Memórias do Instituto Butantan*, v. VII, n., p. 345-76, 1932.

AMORIM, M. F. A Contribuição de Rocha Lima à Patologia Hepática. In *Arch. Hist. Norm. y Patol.* V. VII, n. 2, p. 242-3, 1958.

ANDERSON, J. F. & GOLDBERGER, J. A note on the etiology of tabardillo.

_____ On the infectivity of tabardillo of Mexican typhus for monkeys and studies on its mode of transmission.

_____ The relation of so-called Brill's disease to typhus fever.

_____ The transmission of typhus fever, with special reference to transmission by the head louse (*Pediculus capitis*)

_____ Studies in immunity and means of transmission of typhus.

ARIAS-STELLA, J. Pedro Weiss y la Patología en Perú. In *Revista Médica Herediana*, v. 7, n. 1, p. 32-5, 1996.

_____ Anatomía Patológica en Perú: un enfoque histórico. In *Revista Médica Herediana*, v. 9, n. 2, p. 81-83, 1998.

AZEVEDO, Fernando. 'Introdução'. In: *As ciências no Brasil*. vol.1. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994. p.13-53.

BARYKIN, W. & KRITSCH, N. Microbion typhi exanthematici. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 27, n. 2, p. 49-64, 1923

Barrera, I. B. de. "Otto Hecht Thalmessinger 1900-1973", In *Annales de La Escuela Nacional de Ciencias Biológicas*, v. 21, p. III-VII, 1976

BASALA, G. The Spread of Western Science, In *Science*, n. 156, p. 611-622, 1967.

BASS, C. C. Successful Cultivation of Malaria Plasmodia. In *Journal of American Medical Association*, v. 59, n. 12, p. 136, 1912.

BAUMSLAG, N. *Murderous medicine: Nazi doctors, human experimentation and typhus*. London: Praeger, 2005.

BECKER, H. *Äskulap zwischen Reichsadler und Halbmond: Sanitätswesen und Seuchenbekämpfung im türkischen Reich während des Ersten Weltkrieges*. Herzogenrath: Murken-Altrogge Verlag, 1990.

BECKER, J. E. *Die Gründung des Deutschen Kolonialinstituts in Hamburg – Zur Vorgeschichte der Hamburgischen Universität*. Magisterarbeit Universität Hamburg, Hamburg, 2005.

BERNHARD-NOCHT INSTITUT FÜR TROPENMEDIZIN, *Eine Ausstellung zum 100jährigen Bestehen des Tropeninstituts*, Hamburg: BNI-Institut, 2000

BENCHIMOL, J. L. *Manguinhos do sonho à vida: a ciência na belle époque*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

_____. Introdução ao debate 'Narrativa documental e literária nas biografias'. In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 2, n. 2, 93-113, 1995.

_____. *Dos Micróbios aos Mosquitos: febre amarela e revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Fiocruz, 1999.

_____. *Febre Amarela, a doença e a vacina: uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

_____. Adolpho Lutz e a dermatologia em perspectiva histórica / Adolpho Lutz and dermatology in historical perspective. In: Jaime Larry Benchimol; Magali Romero Sá. (Org.). *Adolpho Lutz, Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004a, v. V1-L3, p. 41-262.

_____. Hideyo Noguchi, leptospiroses e a febre amarela (Hideyo Noguchi, leptospirosis and yellow fever). In BENCHIMOL, J. L., SÁ, M. R., KODAMA, K., ANDRADE, M. M. & CUNHA, V. S. *Cerejeiras e Cafezais: relações médico-científicas entre Brasil e Japão e a saga de Hideyo Noguchi (Cherry Trees and coffee farms: medical scientific relations between Brazil and Japan and the saga of Hideyo Noguchi)*, p. 147-405; 509-678, Rio de Janeiro: Bom Texto, 2009.

_____. & SÁ, M. R. Adolpho Lutz: formação e primeiros trabalhos / Adolpho Lutz: education and first works. In: Jaime Larry Benchimol; Magali Romero Sá. (Org.). *Adolpho Lutz, Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004b, v. V1-L1, p. 119-250.

_____. & SÁ, M. R. Adolpho Lutz e as controvérsias sobre a transmissão da lepra por mosquitos / Adolpho Lutz and controversies over leprosy. In: Jaime Larry Benchimol; Magali Romero Sá. (Org.). *Adolpho Lutz, Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004c, v. V1-L2, p. 27-205.

_____. & SÁ, M. R. Insetos, humanos e doenças: Adolpho Lutz e a medicina tropical / Insects, people and disease: Adolpho Lutz and tropical medicine. In: Jaime L. Benchimol; Magali Romero Sá. (Org.). *Obra Completa de Adolpho Lutz* (vol. II, livro 1): Febre amarela, malária e protozoologia / Yellow fever, malaria and protozoology. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, v. v.II/1, p. 43-457.

_____. & SÁ, M. R. Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil (Adolpho Lutz medical entomology in Brazil) In BENCHIMOL, J. L. & SÁ, M. R. *Adolpho Lutz Obra completa*, v. 2, livro 3, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

_____. & SÁ, M. R. Um médico, sanitariano e zoólogo em campo / A physician, sanitarian and zoologist in the field. In: Benchimol, J. L. & Sá, M. R. (Org.). *Adolpho Lutz, Obra Completa*, volume III, livro 3: Viagens por terras de bichos e homens / Travels through lands of creatures and men. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007, p. 11-58.

_____. & SILVA, A. F. C. (2008), Ferrovias, malária e medicina tropical no Brasil da Primeira República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 15, n. 3, p. 719-762.

_____. & TEIXEIRA, (1993), *Cobras, Lagartos & Outros Bichos: uma história comparada dos Institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Fiocruz – Casa de Oswaldo Cruz.

BENZ, W. Wie kam es in Deutschland zum Rassismus und Antisemitismus? In SÖSEMANN, B. *Der Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft: Einführung und Überblick*. Stuttgart/ München: Deutsche Verlags-Anstalt, pp. p. 42-52, 2002.

BERGER, S. *Bakterien in Krieg und Frieden: Eine Geschichte der medizinischen Bakteriologie in Deutschland 1890-1933*. Göttingen: Wallstein-Verlag, 2009.

BIER, O. G. Obra científica de Henrique da Rocha Lima. In *Arquivos do Instituto Biológico*, v. 23, p. XXII-XXXIV, 1956.

_____. Histórico da Descoberta do Agente Etiológico do “Typhus” Epidêmico (History of the Discovery of the Etiologic Agent of Epidemic Typhus). In FALCÃO, E. C. *Estudos sobre o Tifo Exantemático* (Studies on Typhus Fever). São Paulo: Editora USP, p. 15-77, 1966.

_____. Henrique da Rocha Lima: descobridor das rickettsias e do tifo exantemático. In *Ciência e Cultura*, 31 (10), p. 1103-1106. 1979.

_____. *Otto Bier* (depoimento, 1977). Rio de Janeiro: CPDOc, 2010.

BLEKER, J. & HESS, V. (Hrsg.): *Die Charité*. Geschichte(n) eines Krankenhauses. Berlin: Akademie-Verlag, 2010.

BORGES, V. P. “Grandezas e misérias da biografia.” In: PINSKI, C. B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, pp. 203-232, 2005

BOTELHO, A. J. J. The Brazilian Society For The Progress Of Science (SBPC) and the professionalization of brazilian scientists (1948-1960). In *Social Studies of Science*, v. 20, p. 473-502, 1990.

BOURDIEU, P. “A Ilusão Biográfica”. In AMADO, J. & FERREIRA, M. M. (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, pp. 183-91, 1996.

BRAGGIO, M. M., WYSOCKI JR, L. & HARAGUCHI, M. Maurício Oscar da Rocha e Silva. In *O Biológico*, v. 69, n. 1, p. 54-5, 2007.

BRAHM, F. *Die Lateinamerika-Beziehungen des Hamburger Tropeninstituts 1900-1945*. Magisterarbeit Geschichte – Universität Hamburg, Hamburg, 2002.

_____. Wissenschaftsförderung der Hamburger Wirtschaft und “Wissenstransfer“ aus Brasilien: Die Gelbfieberexpedition des Hamburger Tropeninstituts 1904. In TODE, S. & HATJE, F. *Hamburger Wirtschafts-Chronik*. Hamburg: Verlag Hanseatischer Merkur, p. 81-104, 2003.

BRETHAUER, O. *Der Tropenmediziner Carl Mense (1861-1938): Leben und Werk*. Dissertation Promotion am Geschichte der Medizin, Institut für Geschichte der Medizin, Heidelberg Universität, 2001.

BRITTO, N. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

BRUMPT, E. Au sujet d'un parasite (*Rickettsia prowazeki*) des poux de l'homme considéré à tort comme l'agent causal du typhus exanthématique. In *Bulletin de la Société de Pathologie Exotique*, n. 11, p. 249, 1918.

BUDDE, G., CONRAD, S. & JANZ, O. (Orgs.), *Transnationale Geschichte: Themen, Tendenzen und Theorien*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.

CAPELATO, Maria Helena. *O Movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Tudo é História).

_____. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARDONA, C. C. Ciencia de punta en el Instituto Bacteriológico Nacional (1905-1921). In *Historia Mexicana*, vol. LVII, n. 1, 2007, pp. 53-89.

CARDOSO, L. D. *Deteção e caracterização de *Rickettsia spp.* circulante em foco inativo peri-urbano do município de Caratinga, MG*. Doutorado em Ciências Biológicas – Núcleo de Pesquisa em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto –MG, 2004.

CARNEIRO, M. L. T. *O anti-semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARRILLO, A. M. Los comienzos de la bacteriología en México. In *Elementos: ciencia y cultura*, v. 32, n. 8, p. 23-7, 2001.

CARVALHO, P. C. S. M. Juracy Magalhães e a construção do juracisismo: um perfil da política baiana. Dissertação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA, Salvador, 2005.

CASTRO SANTOS, L.A. *Power, Ideology and Public Health in Brazil (1889-1930)*. Ph.D. Thesis, Harvard University, 1987.

CHAGAS FILHO, C. *Meu pai*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 1993.

CHARLE, C. (Org.), *Redes intelectuales transnacionales*. Barcelona: Pomares, 2006.

_____, SCHRIEWER, J. & WAGNER, P. (Ed). *Transnational Intellectual Networks: forms of academic knowledge and the search for cultural identities*. Frankfurt: Campus Verlag, 2004.

CHAVES, P. E. C. *Enfermedad de Carrión (Bartonellosis) en el Peru*. Lima: Ministerio de Salud, Oficina Geral de Epidemiologia, Instituto Nacional de Salud, 2001.

CHAVES-CARBALLO, E. *The Tropical World of Samuel Taylor Darling: Parasites, Pathology and Philantropy*. Brighton: Sussex Academic Press, 2007.

CHIARI, H. Über Leberveränderungen bei Gelbfieber. In ASCHOFF, L., *Beiträge zur pathologischen Anatomie und zur allgemeinen Pathologie*. Jena: Gustav Fischer, p. 377- 385, 1925.

CONRAD, S. *Das Kaiserreich transnational: Deutschland in der Welt 1871-1914*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004.

CORRÊA, M. *As Ilusões da Liberdade: A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.

CORREA, S. M. S. *Zur ethnischen Identität der Deutschstämmigen in Brasilien*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

COSTA, A. S. História da Fitovirologia no Brasil. In *Anais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz*, v. XLIII, p. 51-78, 1986.

COTTA, L. C. V. *Adhemar de Barros (1901-1969): a origem do 'rouba, mas faz'*. Dissertação de Mestrado (História Econômica), USP, São Paulo, 2008.

COURA, J. Carlos Bastos Magarinos Torres. In *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 79, n. 3, p. 117, 1984.

CRAWFORD, E. *Nationalism and Internationalism in Science, 1880-1939: four studies of the Nobel Population*. New York; Cambridge: Cambridge University Press. 1992

CUETO, M. (Org) *Missionaires of Science: The Rockefeller Foundation and Latin America*. Philanthropic Studies. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

_____ Tropical Medicine and Bacteriology in Boston and Peru. In *Medical History*, v. 40, p. 344-64, 1996.

Un médico Alemán en los Andes: la visión médico-social de Maxime Kuczynski. In *Allpanchis*, n. 56, pp. 39-74, 2001.

_____ Social Medicine and Leprosy in the Peruvian Amazon. In *The Americas*, n. 61, pp. 55-80, 2004.

_____ Un capítulo de la influencia francesa en la medicina peruana: Ernesto Odriozola y la Enfermedad de Carrión. In *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines*, v. 36, n. 1, p. 67-83, 2007.

CUKIERMAN, H., Estegomias em conserva e micróbios de vinha d'alhos: o Brasil triunfa em Berlim. In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 7, n. 3, p.569-586, 2001.

_____ *Yes, nós temos Pasteur*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ FAPERJ, 2007.

CUNHA, A. M. & MUNIZ, J. Pesquisas sobre Verruga Peruana Experimental. In *Boletim Biológico*, n. 9, p. 135-139, 1927.

_____ Pesquisas sobre a Verruga Peruana. In *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, T. 21, n. 1, pp. 161-166, 1928.

- CUNHA, R. L. da. Necrologia – Gustavo Hasselmann. In *Brasil-Médico*, v., p. 541-2, 1929.
- CUNHA, V. S. Centro Internacional de Leprologia: ciência, saúde e cooperação internacional no Brasil do entre-guerras (1923-1939). Tese de Doutorado – Programa de História das Ciências e da Saúde – COC/ FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2011.
- CUPERSCHMID, E. T. & CAMPOS, T. P. R. Os curiosos xenoimplantes glandulares do doutor Voronoff. In *História Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 14, n. 3, p. 737-760, 2007.
- DANIEL, T. M. & BAUM, G. L. *Drama and Discovery – The Story of Histoplasmosis*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 2002.
- DANTES, M. A. M (Org.). *Espaços da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- DASTON, L. & SIBUM, H. O. Introduction: Scientific Personae and their Histories. In *Science in Context*, 16, n. 1/2, p. 1-8, 2003.
- DAVIES, S.F. Histoplasmosis, In KIPPLE, K. F. (Ed.), *The Cambridge World History of Human Diseases*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 779-783, 1993.
- DAVID-FOX, M. Leftists versus Nationalists in Soviet-Weimar Cultural Diplomacy: Showcases, Fronts and Bumerangs. In SOLOMON, S. G. (Ed.) *Doing Medicine Together: Germany and Russia between the Wars*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 2006,p. 103-156.
- DHOM, G. *Geschichte der Histopathologie*. Berlin/ Heidelberg/ New York: Springer, 2001.
- DIETRICH, A. M. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. Tese de Doutorado em História Social, FFLCH- USP, São Paulo, 2007.
- DOMINGUES, H. M. B. *Ciência um caso de política: Ciências Naturais e agricultura no Brasil Império*. Tese de Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995
- ECKART, W. U. Von der Idee eines ‚Reichsinstituts zur unabhängigen Forschungsinstitution. Vorgeschichte und Gründung des Hamburger Instituts für Schiffs- und Tropenkrankheiten, 1884-1901. In BRUCH, R. von & MÜLLER, R. A. (Hrsg), *Formen ausserstaatlicher Wissenschaftsförderung im 19. und 20. Jahrhundert: Deutschland im europäischen Vergleich*, Stuttgart (Vierteljahresschrift für sozial- und Wirtschaftsgeschichte, Beiheft 88), p. 31-52, 1990.
- _____ *Medizin und Kolonialimperialismus: Deutschland 1884-1945*. Paderborn, 1997.
- _____ & GRADMANN, C. (Org.). *Die Medizin und der Erste Weltkrieg*. Pfaffenweiler, 1996.
- EDLER, F. C. *As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro 1854-1884*. Dissertação de Mestrado em História Social – FFLCH/ USP, 1992.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, vol. 1, 1994.

_____. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

EVANS, R. *Death in Hamburg: Society and Politics in the Cholera Years, 1830-1910*. Oxford/ New York: Clarendon Press/ Oxford University Press, 1987.

FALCÃO, E. C. Henrique da Rocha Lima e a descoberta da *Rickettsia prowazekii*. In *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, v. 8, n. 2, p. 55-59., 1966.

_____. (Org), *Estudos sobre o tifo exantemático (Studies of Typhus Fever)*. São Paulo :Editora USP, 1966

_____. A vida científica de Henrique da Rocha Lima. In *Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais*, 19 (2), p. 353-358, 1967.

FANTINI, B. Malaria in the First World War. In ECKART, W. U. & GRADMANN, C. (Eds.), *Die Medizin und der Erste Weltkrieg*. Pfannweiler: Centaurus Verlag, p. 241-272, 1996.

FARLEY, J. Parasites and the germ theory of disease. In ROSENBERG, C. & GOLDEN, J. *Framing diseases: studies in cultural history*. New Brunswick/ New Jersey, Rutgers University Press, p. 33-49, 1992.

_____. *To cast out disease: a history of the International Health Division of the Rockefeller Foundation (1913-1951)*. New York: Oxford University Press, 2004.

FERREIRA, A. C. *A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: UNESP, 2002.

FERREIRA, L.O. *O Nascimento de uma Instituição Científica: os periódicos médicos brasileiros (1827-1843)*. (tese de doutorado), São Paulo: USP, 1996.

FIGUEIRÔA, S. F. M., *Em busca do Eldorado*. Dissertação de Mestrado em História Social, FFLCH/ USP, São Paulo. 1987.

_____. M. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*, São Paulo, Hucitec, 1997.

_____. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil In: *Asclepio*.v. 2, pp.107-123,1998.

_____. Para pensar as vidas de nossos cientistas tropicais. In Heizer, A. & Videira, A. A. P. (Orgs.), *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, pp. 235-246, 2001.

FLECK, L. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

FONSECA FILHO, O. O. R. da. Enrique da Rocha Lima. In *Revista de la Sociedad Argentina de Biología*, v. 32, n. 6, p. 113-4, 1956

_____. *A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil*. São Paulo: s.n, 1974.

FORJAZ, M. C. *Cientistas e militares no desenvolvimento do CNPq, 1950-1985*. Rio de Janeiro/ São Paulo: FGV/ IDESP, 1988.

FORMAN, P. Scientific internationalism and the Weimar Physicists: the ideology and its manipulation in Germany after World War I. In *Isis*, v.64, n.2, p.151-180. 1973.

FREITAS, M. V. *Charles Frederick Hartt: um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FRIEDBERGER, E. Kritische Bemerkungen zur Ätiologie des Fleckfiebers. In *Berliner Klinische Wochenschrift*, v. 53, p. 882, 1916

_____. Über Immunitätsreaktionen mit dem Bazillus Weil-Felix und über seine ätiologische Bedeutung für das Fleckfieber. In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, n. 43 (44), 1390-1392, 1917.

FRIEDRICH, O. *Antes do dilúvio: um retrato da Berlim dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FULBROOK, M. *Historia de Alemanha (A Concise History of Germany)*. Madrid: Cambridge University Press, 1995.

FUNKE, A. *O Brasil e a Alemanha, 1822-1922*. Berlim: Editora Internacional, 1923.

GAK, I. S. *Os fins e seus meios. Diplomacia e propaganda nazista no Brasil (1938-1942)*. Dissertação de Mestrado (História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

GALVÃO, W. N. & GOTLIB, N. B. (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GAMBINI, R. *O duplo jogo de Getúlio Vargas, influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo. 1977. 171 p.

GARCIA, E. V. *O Brasil e a liga das nações: vencer ou não perder*. Porto Alegre/ Brasília: Ed. UFRGS/ Fundação Alexandre Gusmão, 2000.

_____. *Entre América e Europa: a política externa brasileira na década de 1920*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; Funag, 2006.

GASSERT, P. Der unterschätzte Aggressor – Das Deutsche Reich in den internationalen Beziehungen. In SUSS, D. & SUSS, W. *Das Dritte Reich: Eine Einführung*. eine Einführung, München: Pantheon Verlag, p. 35-54, 2008.

GAUDIG, O. e VEIT, P. *Der Widerschein des Nazismus. Das Bild des Nationalsozialismus in der Deutsprachige Presse Argentiniens, Brasiliens und Chiles 1932-1945*. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag. 1997.

GEHRKE, F.S. *Detecção e caracterização molecular de riquetsias em humanos, potenciais vetores e animais domésticos da região Sudeste do Brasil*. Tese de Doutorado: Departamento de Parasitologia – Instituto de Ciências Biomédicas, USP, 2010.

GEISON, G. *A Ciência Particular de Louis Pasteur*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Contraponto, 2002.

GERTZ, R. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1987.

_____. *O perigo alemão*. Porto Alegre: UFRGS. 1991

_____. Influência Política Alemã no Brasil na década de 1930. In *Estudios Interdisciplinares de América Latina y El Caribe*, v. I, n. 7, 1996.

GIEMSA, G. & GODOY, A. Sobre a Ultrafiltração. Pesquisas tendentes a obter a concentração do sôro antidifterico. (Über Filtration und Versuche, mit Hilfe derselben Diphtherieserum zu konzentrieren). In *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, t. 1, n 1, p. 3-11, 1909.

GIEMSA, G. & NAUCK, E. Rasse und Gesundheitserhaltung sowie Siedlungsfrage in den warmen Ländern. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 41, n. 1, pp. 9-21, 1937.

_____. *Eine Studienreise nach Espirito Santo: volksbiologische Untersuchung einer deutschstämmigen Bevölkerung in Mittelbrasilien als Beitrag zum Akklimatisationsproblem*. Hamburg: Friederichsen/ de Gruyter (Hansische Universität. Abhandlungen aus dem Gebiet der Auslandskunde. Bd. 48.), 1939.

_____. Uma viagem de estudos ao Espírito Santo. In *Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia*, Ano VIII, n. 88, p. 451- 470; n. 89, p. 560-575; n. 90, p. 653-701, 1950.

GINZBURG, C. Provas e possibilidades à margem de 'Ill ritorno de Martin Guerre', de Natalie Zemon Davis. In GINZBURG, C.; CASTELNUOVO, E. & PONI, C. (Org.). *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, p. 179-202, 1989.

GOLDBERGER, J. & ANDERSON, J. F. *Collected Studies on Typhus*. Washington D.C.: G.P.O., n. 86, 1912.

GOMES, A. C. Revolução e Restauração: a experiência paulista no período da constitucionalização. In: GOMES, A. C. *et al. Regionalismo e Centralização Política: Partidos e Constituinte nos Anos Trinta*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. (Org). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GRADMANN, C. *Krankheit im Labor: Robert Koch und die medizinische Bakteriologie*. Göttingen: Wallstein Verlag, 2a ed., 2010.

GRAFE, A. *A History of Experimental Virology*. Berlin; Heidelberg; New York: Springer Verlag, 1991.

GUIMARÃES, F. N. Rocha Lima e a descoberta das riquetsias. In *Jornal Brasileiro de Medicina*, 14 (2), p. 137-140, 1968.

GINZBURG, C. Provas e possibilidades à margem de “Il ritorno de Martin Guerre”, de Natalie Zemon Davis. In: GINZBURG, C.; CASTELNUOVO, E. e PONI, C. (org.), *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1989.

HANSEN, F. 1907-2007 *Deutsche Tropenmedizinische Gesellschaft* (Deutsche Gesellschaft für Tropenmedizin und Internationale Gesundheit): Eine Chronik. Hamburg: Deutsche Gesellschaft für Tropenmedizin und Internationale Gesundheit, 2007.

HANSER, R. Zur Aetiologie des Fleckfiebers. In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, v. 42, n. 41, p. 1254, 12. Oktober 1916.

HARDEN, V. A. Rocky Mountain Spotted Fever research and the development of the insect vector theory. In *Bulletin of the History of Medicine*, n. 59, p. 449-466, 1985

_____ Koch's Postulates and the Etiology of Rickettsial Diseases. In *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, v. 42, p. 277-295, 1987.

_____ Typhus, epidemic. In KIPPLE, K. F. (Ed.), *The Cambridge World History of Human Diseases*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1080-4, 1993.

HARTMANN, M. Nova ameba intestinal, *Entamoeba testudinis* n. sp. In *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, t. 2, n. 1, p. 3-10, 1910.

_____ & CHAGAS, C. Estudos sobre flagelados (*Flagelatten-Studien*), In *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, t. 2, n. 1, p. 64-125, 1910.

_____ & CHAGAS, C. Sobre a divisão nuclear da Amoeba hyalina Dang. (*Ueber die Kernteilung von Amoeba hyalina Dang.*) In *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, t. 2, n. 2, p. 159-167, 1910.

HATCHEN, E. How to Win and Influence People: Heinz Zeiss, Boundary Objects and the Pursuit of Cross-National Scientific Collaboration in Microbiology. In SOLOMON, S. G. (Ed.) *Doing Medicine Together: Germany and Russia between the Wars*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, p. 159-198, 2006.

HEIZER, A. L. & VIDEIRA, A. A. P. (Orgs.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: ACCESS, 2001

_____ *Ciência, Civilização e República nos Trópicos*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2010.

HERTIG, M. & WOLBACH, S. Studies on Rickettsia-like Micro-Organisms in insects. In *The Journal of Medical Research*, v. 44, n. 3, p. 329-74, 1924.

HILTON, Stanley E. *A Guerra Civil Brasileira: história da Revolução Constitucionalista de 1932*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 384p.

HOCHMAN, G. (1998), *A Era do Saneamento*. São Paulo: Hucitec.

HOFFMANN, W. *Los médicos alemanes em la Guerra Mundial: su actuación y experiência*. Madrid: Calpe, 1922.

- HOHEISEL-HUXMANN, R. *Die Deutsche Atlantische Expedition, 1925-1927: Planung und Verlauf*. Hamburg: Convent-Verlag, 2007.
- HOHNSCHOPP, C. *Exil in Brasilien: die deutschsprachige Emigration 1933-1945 – eine Ausstellung des Deutschen Exilarchivs 1933-1945*. Leipzig: Deutsche Bibliothek, 1994.
- HUMPHREYS, M. “A Stranger in Our Camps: Typhus in American History”, In *Bulletin of the History of Medicine*, 80, p. 269-290, 2006.
- IRIYE, A. (Org.), *The Palgrave dictionary of transnational history: from the mid-19th. Century to the present day*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.
- JADASSOHN, J. & SEIFERTH, G. Ein Fall von *Verruga peruviana* gelungene Uebertragung auf Affen. In *Zeitschrift für Hygiene*. Vol. LXVI, pp. 247-261, 1910.
- JAECKEL, G. *Die Charité*. Die Geschichte eines Weltzentrums der Medizin von 1710 bis zu Gegenwart. Ullstein: Berlin, 1999.
- JAKOB, A. Reise nach Südamerika. In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, N. 7-9, p. 3-16, 1929.
- JOHACH, E. *Krebszelle und Zellenstaat: zur medizinischen und politischen Metaphorik in Rudolf Virchows Zellulärpathologie*. (Berliner Kulturwissenschaft b. 5). Freiburg: Rombach Verlag, 2008.
- JUNGMANN, P. Zur Aetiologie des „Febris Wolhynica“, In *Berliner Klinische Wochenschrift*, n. 53, p. 323, 1916.
- _____ & KUCZYNSKI, M. H. Zur Klinik und Aetiologie der Febris Wolhynica (His-Wernersche Krankheit). In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, v. 43, n. 12, p. 359, 22. März 1917.
- KIMINUS, M. *Ernst Rodenwaldt – Leben und Werk*. Dissertation Magister – Medizinische Fakultät Heidelberg, Heidelberg, 2001.
- KIRCHHOFF, J. *Die Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft/ Deutsche Forschungsgemeinschaft, 1920-1934: Schwerpunktlegung der Forschungspolitik der Weimarer Republik*. Ludwig-Maximilians-Universität München, Munique, 2003.
- KLOTZ, O. & BELT, T. H. The Pathology of the liver in Yellow Fever. In *American Journal of Pathology*, v. VI, p. 663-689, 1930.
- KLUGE, U. *Die Weimarer Republik*. Paderborn, München, Wien, Zürich: Ferdinand Schöningh, 2006.
- KNIPPER, M. „Nuevas tareas médicas en la nueva Rusia” (1924): la visión de ‘patología étnica’ y medicina científica de Max Kuczynski en los años anteriores a su emigración al Perú. In *Anales de la Facultad de Medicina*, v. 66, n. 3, pp. 247-254.

_____ Antropología y „crisis de la medicina”: el patólogo M. Kuczynski (1890-1967) y las poblaciones nativas en Asia Central y Perú. In *Dynamis – Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam*, n. 29, pp. 97-121, 2009.

KNOCHE, B. Professor Kikuth, Tropenmedizin und Düsseldorf. In *Rheinisches Ärzteblatt*, n. 1, 1972.

KRAUSE, F. A fisiologia das localizações cerebrais estudada à luz das operações cirúrgicas e de ferimentos de guerra. In *Anais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, 1920.

KROPF, S. P. *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação (1909-1962)*. Niterói, Tese de Doutorado em História Social, História/ UFF, 2006.

_____ *Doença de Chagas, doença do Brasil: ciência, saúde e nação (1909-1962)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

KUCZYNSKI, M. & HOHENADEL, B. Untersuchungen zur Ätiologie und Pathogenese des Gelbfiebers. In *Klinische Wochenschrift*, n. ½, pp. 1929.

LACAZ, C. S. *Vultos da Medicina Brasileira*. São Paulo: Pfizer, 1966, 4 v.

LATOUR, B. *The Pasteurization of France*. Harvard: Harvard University Press, 1993.

LAUBENHEIMER, K. *Wilhelm Kolle*. Galerie Hervorragender Ärzte und Naturforscher. Beilage zur *Münchener Medizinischen Wochenschrift*, Blatt 518. München: J. F. Lehmann, 1935.

LEMOES, R. *Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

LEVI, G. “Sobre a micro-história”. In BURKE, P. (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, pp. 133-161, 1992.

_____ “Usos da biografia”. In AMADO, J. & FERREIRA, M. M. (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, p. 167-182, 1996.

LIMA, N. T. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan/ IUPERJ, 1999.

_____ & HOCHMAN, G. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República”. In MAIO, M. C. & SANTOS, R. V. (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ Centro Cultural Banco do Brasil, p. 23-40, 1996.

_____ & HOCHMAN, G. “Pouca Saúde e Muita Saúva”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In HOCHMAN, G. & ARMUS, D (Orgs.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 493-525, 2004.

LIMA, N. T. & SÁ, D. M (Orgs.). *Antropologia Brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: UFMG/ Fiocruz, 2008.

LINDENMANN, J., Womens Scientists in Typhus Research during the first half of the Twentieth Century. In *Gesnerus*, n. 62, pp. 257-272, 2005.

LOPES, M. M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1997.

LOPES, R. *Missão no Reich: glória e covardia dos diplomatas latino-americanos na Alemanha de Hitler*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

LORIGA, S. “A biografia como problema.” In REVELI, J. (Org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, pp. 225-250.

LOUREIRO, I. *A Revolução Alemã, 1918-1923*. São Paulo: UNESP, 2005.

LOVE, J. *A locomotiva: São Paulo na federação brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LÖWY, I. *Vírus, Mosquitos e Modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

LUEBKE, F. C. *Germans in Brazil. A comparative history of cultural conflict during World War I*. Baton Rouge: State University Press, 1987.

MACKEHENIE, D. & WEISS, P. 1925. Contribución al Estudio de la Verruga Peruana. In *Gaceta Medica Peruana*, p. 211-222, 1925.

MACLEOD, R. De visita a la “Moving Metropolis”: Reflexiones sobre la arquitetura de la ciencia imperial. In: LA FUENTE, A. & SALDAÑA, J. (Orgs.). *História de las ciências*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987.

_____. Introduction. In: MACLEOD, R. & LEWIS, M. *Disease, medicine and empire*. London/New York: Routledge, 1988.

_____. Cambio de perspectiva en la história social de las ciências. In: SALDAÑA, J. (Org.). *Introducción a la teoría de la história de las ciências*. México: Universidad Autónoma de México, 1989.

MADEIRA, D. 1922. Impressões e Reflexões (de uma viagem à Alemanha). In *Brazil-Médico*, A. 36, v. II, n. 29, p. 192, 1922.

MAGALHÃES, M. B. D. *Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. *Pangermanismo e nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: UNICAMP/ FAPESP, 1998.

MAGALHÃES, P. S. A Medicina Tropical – Especializada por Decreto. In *Brazil-Médico*, Ano XXXIX, vol. 2, n. 6, p. 67-73, 1925.

MAYER, M. Über Einschlüsse der Erythrocyten bei Verruga Peruviana. In *Centralblatt für Bakteriologie, Parasitenkunde und Infektionskrankheiten*, v. 56, n. 3/4, p.309-313, 1910.

_____. *Schizotrypanum cruzi*. In PROWAZEK, S. *Handbuch der pathogenen Protozoen*, Leipzig: Johann Ambrosius Barth, p. 895-898, 1912.

_____. Stanislas von Prowazek. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, V. 19, n. 6, p. 157-159, 1915.

_____. Über den Dauerparasitismus von *Schizotrypanum cruzi* bei *Ornithodoros moubata*. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 22, p. 158-160, 1918.

_____. Pathogenen Trypanosomen. In Nöller, W. (Ed.) *Prowazek Handbuch der Pathogenen Protozoen*, Leipzig: Barth, p. 895-9, 1920.

_____. & KIKUTH, W. Zur Aetiologie und Einheit der Verruga Peruviana und des Oroyafiebers. In *Abhandlungen Geb. der Auslandskunde*, Hamburg, Univ. Festsch. Nocht, p. 319-327, 1927.

McCAMPBELL, E. F. Observations on typhus exanthematicus (tabardillo) in Mexico (Feb.7.1910). In *J. Med. Res.*, 1, 23. Aug.. 1910, pp. 71-83.

MANNWEILER, E. *Geschichte des Instituts für Schiffs- und Tropenkrankheiten in Hamburg, 1900-1945*. Keltern- Weiler: Goecke und Evers, 1998.

MARÍN, R. C. Algunas Reflexiones sobre la Biografía Divulgativa: los casos de Monlau, Rubio y Giné. In *Asclepio – Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, v. LVII, n. 1, p. 149-166, 2005.

MARQUES, R. C. A imagem social do médico de senhoras no século XX. Belo Horizonte: Coopmed, 2005.

MARTINS, Z. *Agricultura paulista: uma história maior que cem anos*. São Paulo: Secretaria da Agricultura e Abastecimento, 1991.

MENDES, E. G. Homens e Instituições – Rocha Lima e a Biologia. In *Ciência e Cultura*, v. 9, n. 2, p. 87-8, 1957.

MENDES, E. G. Ernst Marcus. In *Revista do Instituto de Estudos Avançados-USP*, n. 22, 1994. Disponível em <http://www.figueiradaglete.com.br/artigomarcus.html>. Acesso em 16.05.2011.

MENDES, M. F. A. *Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

MENEZES, A. M. F. Penetração do capital alemão no Brasil 1880-1930: uma visão histórica de sua anatomia. In *II Simpósio Internacional Estudos Americanos Relações Continentais e Intercontinentais*. Passo Fundo: EDIUPF, p. 33-48, 1997.

_____. O Brasil de Vargas, a República de Weimar e a imprensa: algumas notas características, 1930-1933. *Revista Múltipla (UPIS)*, v.12, n.18, p.39-64. 2005.

MEUSEL, W. *Die Bedeutung des Fleckfiebers und des Rückfallfiebers im Weltkriege 1914-1918*. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der medizinischen Doktorwürde der

Medizinischen Fakultät der Hansischen Universität zu Hamburg. Lengerich: Lengericher Handelsdruckerei, 1937.

MICHAHELLES, M. A. *"Colônia Alemã" do Rio de Janeiro: a Sociedade Germania e a construção de uma identidade teuto-brasileira*. Dissertação de Mestrado História Social/ UFF, Niterói, 2003.

MICHALANY, J. Henrique da Rocha Lima. In *Archivos de Histologia Normal y Patológica*, v. 7, n. 2, p. 244-6, 1958.

MICHALKA, W. Hitlers Aussenpolitik und der Weg zum deutschen Weltmachtanspruch. In SÖSEMANN, B. *Der Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft: Einführung und Überblick*. Stuttgart/ München: Deutsche Verlags-Anstalt, pp. 292-297, 2002.

MIRAGLIA, L. *Hugo Werneck: medico e construtor de sonhos*. Belo Horizonte: Conceito, Coleção Beagá Perfis, 2009.

MONTEIRO, J. L., 1931. Estudos sobre o Typho Exanthematico de São Paulo. In *Memórias do Instituto Butantan*, T. VI, 1931.

MOOSER, H. Contribución al estudio de la etiología del tifo mexicano. In *Gaceta Medica de México*, v. 59, n. 4, p. 261-270, 1928

_____ Ein Beitrag zur Ätiologie des Mexicanischen Fleckfiebers. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 31, p. 261-8, 1928b.

_____ Experiments Relating to the Pathology and the Etiology of Mexican Typhus (Tabardillo). 1. Clinical Course and Pathologic Anatomy of Tabardillo in Guinea-Pigs. In *Journal of Infectious Diseases*, v. 43, p. 241-250, 1928c.

_____ Experiments Relating to the Pathology and the Etiology of Mexican Typhus (Tabardillo). 2. Diplobacillus from Proliferated Tunica vaginalis of Guinea-Pigs Reacting to Mexican Typhus. In *Journal of Infectious Diseases*, v. 43, p. 261-269, 1928d.

MORAES, S. A. *Dois cientistas Brasileiros: Rocha Lima e Gaspar Vianna*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

MOTOYAMA, S (Org). . Fapesp - Uma História de Política Científica e Tecnológica. São Paulo: Fapesp, 1999

_____ *Prelúdio para uma história: ciência e Tecnologia no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2004.

_____ & VICTOR, J. C. *O Almirante e o novo Prometeu: Álvaro Alberto e a C&T*. São Paulo: UNESP, 1996.

MOURA, G. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MÜHLENS, P. Kriegshygienische Erinnerungen. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, Bd. 43, p. 531-61, 1939.

- MÜLLER, T., Ed. *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.
- NAVARRO, M. *Miguel Couto, vivo*. Rio de Janeiro: a Noite, 1947.
- NICOLLE, C., CONOR, A. & CONSEIL, E. Recherches expérimentales sur le typhus exanthématique entreprises à l'Institut Pasteur de Tunis pendant l'année 1910. Suite et fin. In *Annales Institut Pasteur*, 25, pp. 97-144, 1911.
- NOCHT, B. & MAYER, M. *Die Malaria: eine Einführung in ihre Klinik, Parasitologie und Bekämpfung*. Berlin: Springer Verlag, 1918.
- NOGUCHI, H. *Leptospira icteroides* and Yellow Fever. In *Proceedings of the National Academy of Science*, v. 6, p. 110-1, 1920.
- _____. Etiology of Oroya Fever. II. Viability of *Bartonella bacilliformis* in cultures and in the preserved blood and the excised nodule of *Macacus Rhesus*. In *The Journal of Experimental Medicine*, v. xiiiv, n. 4, p. 533-8, 1926.
- _____. Etiology of Oroya Fever. IV. The Effect of Inoculation of Anthropoid Apes with *Bartonella bacilliformis*. In *The Journal of Experimental Medicine*, v. xiiiv, n. 4, p. 533-8, 1926b.
- _____. Etiology of Oroya Fever. V. The Experimental Transmission of *Bartonella bacilliformis* by ticks (*Dermatocentor andersoni*). In *The Journal of Experimental Medicine*, v. xiiiv, n. 5, p. 729-34, 1926c.
- _____. The Etiology of Verruga Peruana. In *The Journal of Experimental Medicine*, v. xlv, n. 1, p. 175-89, 1927.
- _____. Etiology of Oroya Fever. VI. Pathological Changes Observed in animals experimentally infected with *Bartonella bacilliformis*. The Distribution of the parasites in the tissues. In *The Journal of Experimental Medicine*, v. xlv, n. 3, p. 437-54, 1927b.
- _____. Etiology of Oroya Fever. VII. The response of the skin of *Macacus Rhesus* and anthropoid apes with inoculation with *Bartonella bacilliformis*. In *The Journal of Experimental Medicine*, v. xlv, n. 3, p. 455-63, 1927c.
- _____. Etiology of Oroya Fever. VIII. Experiments on Cross-Immunity between Oroya Fever and Verruga Peruana. In *The Journal of Experimental Medicine*, v. xlv, n. 5, p. 781-6, 1927d.
- _____. & BATTISTINI, T. S. "The etiology of Oroya Fever. I. Cultivation of *Bartonella bacilliformis*". In *Journal of Experimental Medicine*, v. XVIII, N. 6, pp. 851-864, 1926.
- NYE, M. J. Scientific biography: History of Science by Another Means? In *Isis*, v. 97, n. 2, pp. 322-329, 2006.
- OBERACKER JR., C. H. *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1968.

- ODA, A. M. G. R. Ordenando a babel psiquiátrica: Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e a paranoia na nosografia de Kraepelin (Brasil, 1905). In *História, Ciências, Saude-Manguinhos*, vol.17, suppl.2, p.495-514, 2010.
- OLIVER, G.S. *José Vizioli e o início do processo de modernização da agroindústria canavieira paulista, 1919-1949*. Dissertação de Mestrado, IG-UNICAMP, Campinas- SP, 2001.
- ORTH, J. *Die Stellung der Pathologischen Anatomie in der Medizin und der Pathologisch-Anatomische Unterricht* – Festrede gehalten zur Feier des Stiftungs-Festes der Kaiser Wilhelms-Akademie für das Militärärztliche Bildungswesen am 2. Dezember 1904. Berlin: Otto Lange, 1904.
- OTTO, H. M. & NEUMANN, R. O. Bericht über die Reise nach Brasilien zum Studium des Gelbfiebers vom 10. Februar bis 4. Juli 1904. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 8, p. 529-551, 1904.
- _____ Hygienisches aus Brasilien. In *Hygienische Rundschau*, n. 22, p. 1-24, 1904.
- _____ *Studien über das Gelbfieber in Brasilien während der auf Veranlassung des Institutes für Schiffs- und Tropenkrankheiten in Hamburg im Sommer 1904 ausgeführten Gelbfieberexpedition*. Leipzig: Von Veit & Comp., 1906.
- PALLADINO, P. *Entomology, ecology and agriculture: the making of scientific careers in North América (1885-1985)*. Amsterdam: Harwood Academic Publishers, 1996.
- PALMER, S. “Saúde Imperial e Educação Popular: a Fundação Rockefeller na Costa Rica em uma perspectiva centro-americana, 1914-1921”. In HOCHMAN, G. & ARMUS, D. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, pp. 217-248, 2004.
- PANCHÓN, A. C. La Biografía como Objeto de Investigación en el Ámbito Universitario. In *Asclepio – Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, v. LVII, n. 1, p. 125-133, 2005.
- PARAENSE, W. L. A descoberta da Esquizogonia do Halterídio do Pombo e sua influência na evolução da Protozoologia. In *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, t. 53, p. 273-7, 1955.
- PAULMANN, J. Internationaler Vergleich und interkultureller Transfer. Zwei Forschungsansätze zur europäischen Geschichte des 18. bis 20. Jahrhundert. In *Historische Zeitschrift*, n. 267, p. 649-85, 1998.
- PEARL, J. *Race, place and medicine: the idea of the tropics in nineteenth-century*. Durham: Duke University Press; 1999.
- PELLIS, K. *Charles Nicolle, Pasteur's Imperial Missionary: Typhus and Tunisia*. University of Rochester Press, 2006.
- PENHA, A. M. *Adolfo Martins Penha* (depoimento, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC, 2010.

PENA, D. C. *Epidemiologia das Riquetsioses em Área de Foco Silencioso para Febre Maculosa Brasileira, município de Santa Cruz do Escalvado, Minas Gerais, 2005-6*. Dissertação de Mestrado (Ciências Biológicas), Núcleo de Pesquisas em Ciências Biológicas, UFOP, Ouro Preto-MG, 2007.

PENNA, O. & FIGUEIREDO, C.B. As principais lesões da febre amarela foram descritas por Councilman e não pelo dr. Rocha Lima. *In Revista Brasileira de Medicina e Pharmacia*, v. 6, n. 1, p. 19, 1929.

PETITJEAN, P. Ciências, Impérios, Relações Científicas Franco-brasileiras. In: Hambúrguer, A.I., Dantes, M. A., Paty, M. & Petitjean, P. (orgs.) *A Ciência nas Relações Brasil-França (1850-1950)*. Edusp. Pp. 25-39. 1996.

PICKSTONE, J. Sketching Together the Modern Histories of Science, Technology and Medicine. *In Isis*, v. 102, n. 1, p. 123-3, 2011.

PINHO, A. L. A. C. A. De forasteiro a unanimidade: a interventoria de Juracy Magalhães na Bahia (1931-1934). Dissertação de Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

PIZA, J. T. A obra de Henrique da Rocha Lima. *In O Estado de São Paulo*, 10 de março de 1968.

_____, MEYER, J. R. & GOMES, L. S. *O Typho Exanthematico de São Paulo*. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, 1932.

PORTER, T. Is the Life of the Scientist a Scientific Unit? *In Isis*, v. 97, n. 2, p. 314-21, 2006

PRIEGO, N. *Science, culture and society in Mexico 1860-1940*. The contradictions of the Quest for Modernity. Saarbrücken: VDM Verlag Dr. Müller, 2009.

PRÜLL, C. R. & WOODWARD, J. *Pathology in the 19th and 20th Centuries: the relationship between Theory and Practice*. Scheffield: European Association for the History of Medicine and Health Publications, 1998.

PUSCHNER, U. Ein Volk, ein Reich, ein Gott: völkische Weltanschauung und Bewegung. In SÖSEMANN, B. *Der Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft: Einführung und Überblick*. Stuttgart/ München: Deutsche Verlags-Anstalt, pp. 25-41, 2002.

RANGEL, M. *Um entomologista chamado Costa Lima*. Tese de Doutorado – História das Ciências e da Saúde – COC/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2006.

REBOUÇAS, M. M. *Henrique da Rocha Lima: o consolidador do Instituto Biológico*. São Paulo: FAPESP, 2009.

_____, VITIELLO, N., D'AGOSTINI, S., BARBOSA, E. & ROSA, E.C. Arquivos do Instituto Biológico”. 1928 a 2005, setenta e sete anos de trabalhos que inovaram o conceito científico. *In Páginas do Instituto Biológico*, v. 2, n. 2, *on line*, 2006.

_____ *et. al*, O Instituto Biológico e seu acervo documental. In *Cadernos de História da Ciência*, v. 5, n. 1, p. 95-122, 2009.

REGGIANI, A. H. Medicina y Kulturpolitik en la era del nacionalsocialismo: la Academia Médica Germano-Ibero-Americana. *Ibero On Line*, v.3, n.1, p.57-74. 2005.

REICHENOW, E. *Sobre la existencia de la Enfermedad de Chagas en Guatemala*. Cidade de Guatemala: Publicaciones de la Dirección de Sanidad Publica, 1933.

REIS, J. Personalidade de Rocha Lima. In *Revista Anhembi*, n. 68, p. 265-78, 1956.

_____ Homens e Instituições- Henrique da Rocha Lima. In *Ciência e Cultura*, v. 8, n. 4, p. 250-253, 1956b

_____ Henrique da Rocha Lima (Depoimento de um Discípulo). São Paulo, 1956c.

_____ Recordações sexta-ferinas. In *O Biológico*, v. 28, n. 1, p. 5-19, 1962.

_____ SBPC: Como nasceu e para que serve. In *Ciência e Cultura*, v. 35, n. 7, p. 988-992, 1974.

_____ Rocha Lima – A Obra e o Homem. In *O Estado de São Paulo – Suplemento do Centenário*, p. 1-6, 1975.

_____ Rocha Lima, o Homem e a Obra. In *Ciência e Cultura*, v. 28, n. 4, 1976.

_____ *José Reis* (depoimento, 1977). Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

_____ Centenário de Rocha Lima. *Jornal Folha de São Paulo – Ilustrada*, p. 70, 25.11.1979.

REIS FILHO, D. A. *A revolução alemã: mitos & versões*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RÉMOND, R. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1976.

REVEL, J. Micro-Análise e Construção do Social. In _____. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 15-38, 1998.

REZENDE, J. M. *À Sombra do Plátano: Crônicas de História da Medicina*. São Paulo: Unifesp, 2009.

RIBEIRO, M. A. R. *História, Ciência e Tecnologia: 70 anos do Instituto Biológico de São Paulo na defesa da agricultura, 1927-1997*. São Paulo: Instituto Biológico, 1997.

_____. Saúde pública e as empresas químico-farmacêuticas. In *História, Ciências, Saúde -Manguinhos*, vol.7, n.3, pp. 607-626, 2001.

RIBEIRO, T. 1933. Curso de Anatomia Pathologica do Systema Nervoso pelo Prof. Jakob. In *A Medicina Germânica ao Alcance de Todos*, Ano II, n. 4, p. 313-4, 1933.

RICHARD, L. *A República de Weimar, 1919-1933*. Companhia das Letras, 1988.

RICHTER, J. Castor and Pollux in Brain Research: the Berlin and the Moscow Brain Research Institutes. In SOLOMON, S. *Doing Medicine Together – Germany and Russia between the Wars*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, p. 325-367, 2006.

RICKETTS, H. T. The transmission of Rocky Mountain Spotted Fever by the bite of the Wood-tick (*Dermacentor occidentalis*). *The Journal of the American Medical Association*, Chicago, 1906, 47: 358.

_____. A micro-organism which apparently has a specific relationship to Rocky Mountain spotted fever. A preliminary report. *The Journal of the American Medical Association*, 1909, 52: 379-380.

_____. *Howard Taylor Ricketts y sus trabajos sobre el tabardillo (tifo de México) publicado por la Secretaría de Instrucción Pública y Bellas Artes en cumplimiento del acuerdo relativo del Presidente de la República*. Ciudad de México: Secretaría de Instrucción Pública y Bellas Artes, 1910.

_____ & WILDER, R. M. The etiology of the typhus fever (Tabardillo) of Mexico City. In *Journal of the American Medical Association*, v. 56, n. 17, p. 1373-6, 1910.

RINKE, S. H. *Der letzte freie Kontinent: Deutsche Lateinamerikapolitik im Zeichen transnationaler Beziehungen, 1918-1933*. Stuttgart: Heinz. 1996.

_____ *Auslandsdeutsche no Brasil (1918-1933): Nova emigração e mudança de identidades*. In *Espaço Plural*, Ano IX, n. 19, p. 39-48, 2008.

ROCHA E SILVA, M. Necrológico. Henrique da Rocha Lima. In *Revista Brasileira de Medicina*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 6, 1956.

RODENWALDT, E. *Ein Tropenarzt erzählt sein Leben*. Stuttgart: Ferdinand Enke, 1957.

ROJAS, C. A. La Biografía como Género Historiográfico: algunas reflexiones sobre SUS posibilidades actuales. In SCMIDT, B. P. (Org.), *O Biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, p. 9-48, 2000.

RÖSSLER, H. *Robert von Ostertag: Leben und Werk*. Dissertation (Promotion), Veterinärmedizinischen Fakultät, Karl-Marx Universität, Leipzig, 1968.

RUPPENTHAL, J. *Kolonialismus als ‚Wissenschaft und Technik‘ – Das Hamburgische Kolonialinstitut 1908 bis 1919*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2007.

RÜRUP, R. *Die Revolution von 1918-19 in der deutschen Geschichte*. Bonn: Forschungsinstitut der Friedrich-Ebert-Stiftung, 1993.

SÁ, D. M. *A Ciência como Profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz, 2006.

_____ Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna. In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, . 183-203, 2009.

SÁ, M. R. The history of Tropical Medicine in Brazil: the Discovery of *Trypanosoma cruzi* by Carlos Chagas and the German School of Protozoology. In *Parassitologia*, 47, pp. 309-317, 2005

_____. German Medical Science in the Tropics: Max Kuczynski and the study of yellow fever in Brazil (no prelo).

_____. & SILVA, A. F. C. La Revista Médica De Hamburgo y la Revista Médica Germano-Ibero-Americana: Diseminación de la Medicina Germánica en España y América Latina (1920-1933). In *Asclepio – Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, v. LXII, p. 7-34, 2010.

_____. & VIANA, L. M. . La science médicale entre la France et le Brésil: stratégies d'échange scientifique dans la période de l'entre-deux guerres. In *Cahiers des Amériques Latines*, v. 65, p. 65-88, 2010.

SACKMANN, W. Fleckfieber und Fleckfieberforschung zur Zeit des Ersten Weltkrieges. Zum Gedenken an Henrique da Rocha Lima (1879-1956). In *Gesnerus*, v. 37, fasc. 2, pp. 113-132, 1980.

SALDAÑA, Juan Jose. Ciência e identidade cultural: história da ciência na América Latina. In: FIGUEIRÔA, S. (Org.). *Um olhar sobre o passado: História das Ciências na América Latina*. São Paulo: Editora da Unicamp: Imprensa Oficial, 2000

SANGLARD, G. P. *Entre os salões e o laboratório: Guilherme Guinle, a saúde e a ciência no Rio de Janeiro, 1920-1940*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

SANTOS, N. B. Relações entre o Brasil e a Alemanha, 1914-1919. In MENEZES, A. M. & KOTHE, M. G (Org.). *Anais Seminário Brasil/ Alemanha, 1827-1997, perspectivas históricas: 170 anos da assinatura do Primeiro Tratado de Comércio e Navegação*. Brasília: Thesaurus, 1997.

SCHIPPERGES, H. *Rudolf Virchow*. Hamburg: Rowohlt-Taschenbuch Verl., 1994.

SCHJERNING, O. von. *Die Tätigkeit und die Erfolge der deutschen Ärzte im Weltkriege*. Leipzig: Barth, 1920.

SCHLEIERMACHER, S. The Scientist as Lobbyist: Heinz Zeiss and the Auslandsdeutschtum. In SOLOMON, S. G. (Ed.) *Doing Medicine Together: Germany and Russia between the Wars*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, p. 291-322, 2006.

SCHMIDT, B. (Org.), *O Biográfico*. Perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2000.

SCHROEDER-GUDEHUS, B. *Les Scientifiques et la paix: la communauté scientifique internationale pendant les années vingt*. Montreal: Presses de l'Université de Montréal. 1978.

SCHWARTZMANN, S. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

SCHWEIKARDT, J. C. *Ciência, Nação e Região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas (1890-1930)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2009.

SEILBOARD, E. & BERGER, W. H. *The Sea Floor – an introduction to Marine Geology*. Heidelberg: Springer-Verlag, 2a ed, 1993.

SELLARDS, A. W. The Cultivation of a Rickettsia-Like Microorganism from Tsutsu-Gamushi Disease. In *American Journal of Tropical Medicine*, n. 6, pp. 529-547, 1923.

SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C. V., Naira (Ed.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ulbra, 1994.

_____. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In FAUSTO, B. (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EdUSP, p. 274-311, 1999.

_____. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In PANDOLFI, D. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 229-256, 1999b.

_____. A Imigração Alemã no Rio de Janeiro. In GOMES, A. C. (Org.). *História de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sete Letras, p. 11-43, 200.

SILVA, A. F. C. *Ciência nos cafezais: a campanha contra a broca-do-café em São Paulo (1924-1929)*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, História das Ciências e da Saúde, COC-FIOCRUZ, 2006.

SILVA, C. M. Politécnicos ou matemáticos? In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 4, p. 891-908, 2006.

SILVA, G. M. D. *O Brasil na guerra européia (1914-1918) - uma face da dependência nas relações internacionais*. Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 1979.

SILVA, H. R. 1932: a guerra paulista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SILVA, M.R.B. da. O ensino médico em São Paulo e a criação da Escola Paulista de Medicina. In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. VIII, n. 3, p. 543-68, 2001.

_____. O surgimento da escola médica paulista no contexto brasileiro da primeira república (1891 a 1930). *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, v. 6, p. 279-304, 2004.

SILVA, R. da. *Malária e Desenvolvimento: a saúde pública no Governo JK (1956-1961)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.

_____. & HOCHMAN, G. Um método chamado Pinotti: sal medicamentoso, malária e saúde internacional (1952-1960). In *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 18, p. 519-543, 2011.

SMITH, D. Gerhard's distinction between typhoid and typhus and its reception in America, 1833-1860. In *Bulletin of History of Medicine*, n. 54, p. 368-85, 1980.

SOLOMON, S. G. (Ed.) *Doing Medicine Together: Germany and Russia between the Wars*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 2006.

SÖSEMANN, B. Propaganda und Öffentlichkeit in der "Volksgemeinschaft". In _____ (Org.), *Die Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft: Einführung und Überblick*, Stuttgart/ München: Deutsche Verlags Anstalt, p. 114-154, 2002.

SPIESS, F. *Die Meteor-Fahrt: Forschungen und Erlebnisse der Deutschen Atlantischen Expedition 1925-1927*. Berlin: Verlag von Dietrich Reimer, 1928.

SZYBALSKI, W. The genius of Rudolf Stefan Weigl (1883-1957), a Lvovian microbe hunter and breeder. In Memoriam. In STOIKA *et al.*, *International Weigl Conference*, 2003.

STARSONEK, A. *Erwin Jacobsthal (1879-1952), Bakteriologe und Serologe am Allgemein Krankenhaus St. Georg in Hamburg: Leben und Werke*. Doktorarbeit an der Medizinischen Fakultät Universität zu Lübeck, 2007.

STEINBACH, P. Die Gleichschaltung, Zerstörung der Weimarer Republik – Konsolidierung der nationalsozialistischen Diktatur. In SÖSEMANN, B. *Die Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft: Einführung und Überblick*, Stuttgart/ München: Deutsche Verlags Anstalt, p. 78-113, 2002.

STEPAN, N. *Gênese e evolução da ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

STERN, F. *O Mundo Alemão de Einstein*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STRONG, R.; TYZZER, E. E.; SELLARDS, A. W.; BRUES, C. T. & GASTIABURU, J. C. *Report of First Expedition to South America 1913*. Cambridge: Harvard University Press, 1915.

SUPPO, H. "A política cultural da França no Brasil entre 1920 e 1940: o direito e o avesso das missões universitárias". *Revista de História*, pp. 309-345, 2000.

SÜSS, D. & SÜSS, W. „Volksgemeinschaft und Vernichtungskrieg“. In _____ *Das Dritte Reich: eine Einführung*, München: Pantheon Verlag, p. 79-102, 2008.

SZÖLLOZI-JANZE, M. "Wir Wissenschaftler bauen mit": Universitäten und Wissenschaften im Dritten Reich. In SÖSEMANN, B. (Hrsg), *Der Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft: Stuttgart/ München: Deutsche Verlags-Anstalt*, p. 155-171, 2002.

TAUNAY, A. E. Depoimento de Condiscípulo. In *Arquivos do Instituto Biológico*, v. 11, n., p. XXVII-XXVIII, 1940.

TENORIO, M. De piojos, ratas y mexicanos. In *Istor*, Año XI, n. 4, pp. 3-67. Verano 2010.

TERRAL, M. Biography as Cultural History of Science. In *Isis*, v. 97, n. 2, p. 306-13, 2006.

TÖPFER, H. Berliner Medical Gesellschaft. In *Berliner Klinische Wochenschrift*, n. 53, p. 323, 1916a.

_____ Der Fleckfiebererreger in der Laus. In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, v. 42, n. 41, p. 1251-4, 1916b.

_____ Erwiderung auf die Bemerkungen von Rocha Lima in Nr. 44. In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, v. 42, n. 43, p. 1517-8, 1916c.

_____ Discussionsbemerkung zum Vortrag von P. Jungmann: Zur Aetiologie des „Febris Wolhynica“. In *Berliner Klinische Wochenschrift*, n. 53, p. 323, 1916d.

_____ Zur Aetiologie und Behandlung des Fleckfiebers. In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, v. n. 45, p. 1383, 09. November 1916e.

_____ & SCHÜSSLER, H. Zur Aetiologie des Fleckfiebers. In *Deutsche Medizinische Wochenschrift*, v. 42, n. 38, p. 1157-8, 1916.

TORRES, C. M. Intranuclear inclusions in experimental yellow fever. In *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 22, n. 6, p. 69-71, 1929.

URBAN, J. *Die lateinamerikanischen Studierenden an der Universität Hamburg 1919-1970* Hamburg: Institut für Iberoamerika-Kunde (Beiträge zur Lateinamerikaforschung, Bd. 5, 2005.

VECCHI, B. De. Über die Verruga Peruviana. In *Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene*, v. 13, Beiheft 4, p. 7-38, 1909.

VENÂNCIO, A. T. A. Doença mental, raça e sexualidade nas teorias psiquiátricas de Juliano Moreira. In *Physis*, v. 14, n. 2, p. 283-305, 2004.

VENANCIO, A. T. A. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. In *Estudos Históricos*, v. 36, p. 59-73, 2005
VENÂNCIO, G. M. *Nas tramas do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. Tese de Doutorado em História Social – IFCS/ UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

VIANNA, G. Contribuição para o estudo da anatomia patológica da “Molestia de Carlos Chagas” (Esquizotripanoze humana ou tireoidite parasitaria). In *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, T. 3, n. 2, p. 276-292, 1911.

VIEIRA, F. L. Henrique da Rocha Lima: descobridor do agente etiológico do tifo exantemático. *Jornal Brasileiro de História da Medicina*, Projeto História, 8 (1), p. 5-8, 2000.

VINHOSA, F. L. T. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1990.

WEINDLING, P. The First World War and the Campaigns against Lice: comparing British and German Sanitary Measures In ECKART, W. U. & GRADMANN, C. (Org.). *Die Medizin und der Erste Weltkrieg*. Pfaffenweiler, 1996.

_____ *Epidemics and Genocide in Eastern Europe, 1890-1945*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

WEINDLING, Paul. As origens da participação da América Latina na Organização de Saúde da Liga das Nações, 1920 a 1940. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2006, vol.13, n.3 [cited 2011-01-26], pp. 555-570 .

WEISS, P. *Hacia una concepción de la Verruga Peruana* (Trabajo Presentado para Obtener el Grado de Doctor en la Facultad de Medicina de Lima). Lima: Imprenta del Asilo 'V́ctor Larco Herrera', 1927.

WERNER, M. & ZIMMERMANN, B. Vergleich, Transfer, Verflechtung. Der Ansatz der Histoire croisée und die Herausforderung des Transnationalen. In *Geschichte und Gesellschaft*, v. 28, p. 607-636, 2002.

_____. Beyond comparison: histoire croisée and the challenge of reflexivity. In *History and Theory*, v. 45, n. 1, p. 30-50, 2006.

WERTHER, T. *Fleckfieberforschung im Deutschen Reich, 1914-45: Untersuchungen zur Beziehungen zwischen Wissenschaft, Industrie und Politil unter besonderer Berücksichtigung der IG Farben*. Promotionsarbeit dem Fachbereich Gesellschaftswissenschaften und Philosophie, Phillips-Universität Marburg, Marbug, 2004.

WEYER, F. Zur Entdeckungsgeschichte des Fleckfiebererregers, In *Tropenmedizinische Parasitologie*, v. 17, n. 4, p. 478-483, 1966.

WILSON, W. J. The Etiology of Typhus Fever, In *Journal of Hygiene*, v. 10, n. 2, p. 155-76, 1910.

WINCEWIZ, T., SULKOWSKA, M. & SULKOWSKI, S. Rudolph Weigl (1883–1957) – a scientist in Poland in wartime Plus ratio quam vis. In *Journal of Medical Biografia*, v. 15, n. 2, 111-115, 2007.

WITZGALL, J. Fritz Munk als Forscher und Arzt. In *Therapie der Gegenwart*, n. 1, p. 1-4, 1951.

WOLBACH, S. B.; TODD, J. L. & PALFREY, F. W. The Etiology and Pathology of Typhus: Being the Main Report of the Typhus Commission. Cambridge/ Massachussets: League of Red Cross Societies at the Harvard University Press, 1922.

WORBOYS, M. "Germs, Malaria and the Invention of Mansonian Tropical Medicine: From 'Diseases in the Tropics' to 'Tropical Diseases'" In David Arnold (ed.), *Warm Climates and Western Medicine: The Emergence of Tropical Medicine 1500-1900*. Amsterdam/Atlanta, Rodopi, , pp. 181-207, 1996.

WULF, S. *Das Hamburger Tropeninstitut 1919 bis 1945: auswärtige Kulturpolitik und Kolonialrevisionismus nach Versailles*. Berlin; Hamburg: Reimer, 1994.

_____. Bernhard Nocht. In *Neue Deutsche Biographie*, Bd. 19. Berlin: Duncker & Humblot, p. 305–307, 1999.

_____. *Jerusalem-Aleppo-Konstantinopel: Das Hamburger Tropenmediziner Peter Mühlens im Osmanischen Reich am Vorabend und zu Beginn des Ersten Weltkriegs*. Münster: Lit Verlag, 2005.

_____ The medical journals „Revista médica de Hamburgo“ and “Revista médica germano-ibero-americana” as instruments of German foreign cultural policy (1920-1938). In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, no prelo.

ZARIFI, M. Using natural sciences for cultural expansion: the national socialist agenda for the Balkans. In *The Historical Review/ La Revue Historique*, v. IV, p. 199-233, 2007.

Figuras



Figura 1. Rocha Lima por volta dos 18 anos de idade (Fundo Rocha Lima, CMIBSF)



Figura 2. Cartão de Oswaldo Cruz a Carlos Chagas de 1905, com Rocha Lima ao lado de Chagas, no microscópio. (Fundo Oswaldo Cruz-Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ)



Figura 3. Fotografia dos tempos de Manguinhos. Rocha Lima, o primeiro sentado da direita para a esquerda e Oswaldo Cruz, penúltimo no mesmo sentido. (Fundo Rocha Lima, CMIBSF)

| GABINETE DE INVESTIGAÇÕES SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO | |
|---|--|
| S. Paulo, (Brasil), 9 de Novembro de 1928 | |
| Registo Civil 226.615 | |
| Nome Professor Dr Henrique da Rocha Lima | |
| Idade 48 anos, nascido a 24 de Novembro de 1878 | |
| Estado Civil Casado Pai Dr Henrique Carlos da Rocha Lima Mãe D. Hermelinda de Lacerda | |
| Rocha Lima Nacionalidade Brasileiro | |
| Natural de Capital Federal | |
| Profissão Oficial | |
| Residência Rua Juarez Nº 58 | |
| Observações Exerce actualmente o cargo de Sub-Director do Instituto Biológico de São Paulo. | |
| Notas chromaticas, etc. | |
| Cuts Branco | |
| Cabelos Cast. Gm | |
| Barba Falsa | |
| Bigodes Cast. gris apoa | |
| Olhos Cast. | |
| Marcas, cicatrizes, etc. | |
| Calvície frente coronal. | |
| ASSIGNATURA PORTADOR | |
| | |

Figura 2. Documento de identificação de Rocha Lima de 1928, quando retornou ao Brasil (Fundo Rocha Lima, CMIBSF)



Figura 3. Rocha Lima, em primeiro plano, à direita, ao lado de Ezequiel Dias em Manguinhos, em 1904 (Fundo Instituto Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz)

Figuras



Figura 6: Rocha Lima no laboratório, sentado. Ao seu lado direito, Gustav Giemsa e sentado de costas para a bancada, Stanislas von Prowazek (Fundo Rocha Lima, CMIEBP).



Figura 9: Rocha Lima entre seus alunos do curso de medicina tropical no *Tropeninstitut* (*Heraldo de Hamburgo*, 1926). (Fundo Rocha Lima, CMIEBP)



Figura 5: Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo nos anos 1920 (Arquivo Histórico do Bernhard Nocht Institut für Tropenmedizin)

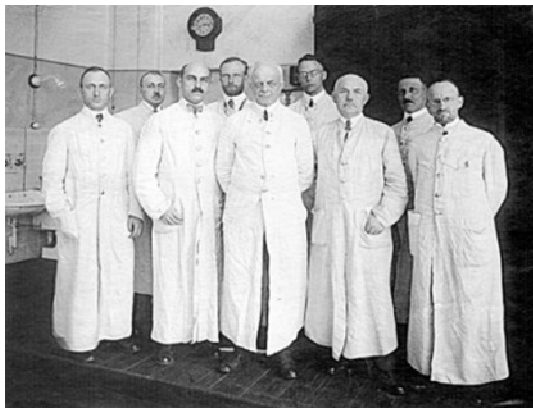


Figura 7: Na primeira fileira, da direita para a esquerda: Martin Mayer, Gustav Giemsa, Bernhard Nocht e Rocha Lima (Arquivo Histórico do Bernhard Nocht Institut für Tropenmedizin)



Figura 8: Prowazek e Rocha Lima, em trajes militares, durante pesquisas sobre o tifo escantêmico (Arquivo Histórico do Bernhard Nocht Institut für Tropenmedizin)

Figuras



Figura 10: Ofício da Embaixada do Império Otomano de 1914 concedendo a Rocha Lima facilidades para realizar suas pesquisas sobre a epidemia de tifo exantemático que grassava em Constantinopla (Fundo Rocha Lima, CMIBSP).



Figura 11: Rocha Lima em trajes militares por ocasião da Primeira Guerra (STAHH 352-8/9- 10 Mitarbeiter – da Rocha Lima)



Figura 10: Cartão do campo de prisioneiros russos em Cottbus, onde Rocha Lima e Frowazek deram início, em 1914, aos estudos que levariam à descrição do agente patogênico do tifo exantemático, a *Rickettsia prowazekii* (STAHH 352-8/9- 10 Mitarbeiter – Ziegler)

Figuras



Figura 11: Rocha Lima (assinalado com a seta) entre oficiais alemães em comemoração de Natal durante a Primeira Guerra (Fundo Rocha Lima, CMIBSP)



Figura 12: Rocha Lima restabelecendo-se do tifo (Fundo Rocha Lima, CMIBSP)



Figura 13: Rocha Lima restabelecendo-se do tifo em sua casa, em Hamburgo (Fundo Rocha Lima, CMIBSP)

Figuras



Figura 14. Certificado da Medalha de Benemerência que Rocha Lima recebe do Papa Pio XI devido à organização da seção de Medicina Tropical da Exposição Missionária de Roma, de 1925 (Fundo Rocha Lima, CMIBSP)

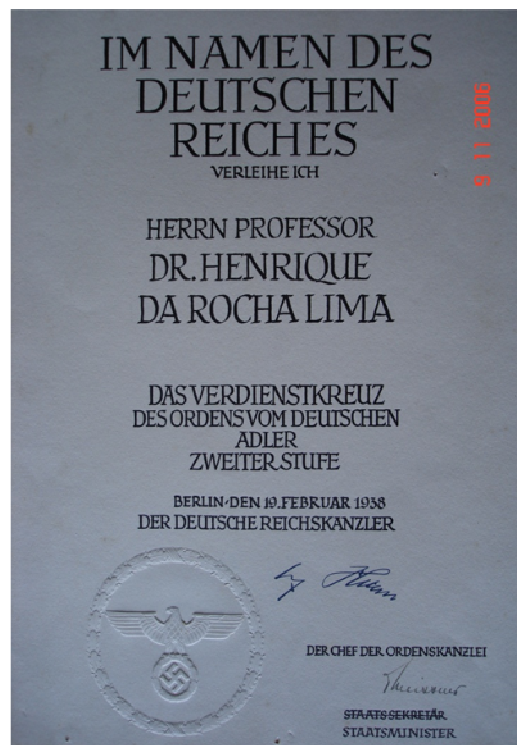


Figura 15. Certificado do prêmio que Rocha Lima recebe do Terceiro Reich, a ordem da Águia Alemã de Segunda Ordem, assinado por Hitler (Fundo Rocha Lima, CMIBSP)



Figura 16: Retrato por ocasião da visita de Miguel Couto à Alemanha em 1926. De acordo com os números: 1-Heinrich Schüller, cônsul brasileiro em Bremen, 2-Ludolph Brauer, 3-Bernhard Nocht, 4- o psiquiatra Weygandt, 5-Rocha Lima, 6-Miguel Couto, 7- Senador De Chapaurouge, 8- Prof. Laun, reitor da Universidade de Hamburgo e 9-O. Kestner, decano da Faculdade de Medicina da mesma universidade.

Figuras



Figura 17: Oprédio em construção do Instituto Biológico, ocupado pelas tropas do governo em 1932 (Arquivo de Imagens – CMBSP)



Figura 18: Rocha Lima entre os discípulos: 1- Clemente Pereira, 2- Maurício Oscar da Rocha e Silva, 3- Rocha Lima, 4- Juvenal Ricardo Meyer, 5- Otto Bier, 6- José Reis.



Figura 19: Reunião de discussão de trabalhos científicos com os assistentes no Biológico: de costas, Rocha Lima. À sua direita, Juvenal Ricardo Meyer, Adolpho Martins Penha e Paulo Nóbrega. À esquerda: Clemente Pereira, Otto Bier, Zeverino Vaz. (Fundo Rocha Lima, CMBSP)

Figuras



Figura 20: Retrato de Rocha Lima de final dos anos 1930 (Fundo Rocha Lima, CMIBSP).



Figura 21: Caricatura de Rocha Lima da mesma época (Fundo Rocha Lima, CMIBSP).



Figura 22: Rocha Lima em reunião de discussão de artigos científicos com os assistentes do Instituto Biológico (Fundo Rocha Lima, CMIBSP).

Figuras



Figura 23: Foto das comemorações dos 80 anos de Bernhard Nocht em 1937, em frente ao *Tropeninstitut*. 1- Bernhard Nocht, 2-Peter Mühlens e 3-Rocha Lima (Arquivo Histórico do Bernhard Nocht Institut für Tropenmedizin)



Figura 24: Rocha Lima em sua sala, no Biológico, recebendo pesquisadores (Fundo Rocha Lima, CMBSP)



Figura 25: Rocha Lima discursando na Sociedade Rural Brasileira (Fundo Rocha Lima, CMBSP)



Figura 26: Rocha Lima com Lygia na Divisão de Cooperação Brasil-USA (Fundo Rocha Lima, CMBSP)



Figura 27: Rocha Lima na Fazenda Mato Dentro, Campinas (Fundo Rocha Lima, CMBSP)